

APOCALIPSE

Possibilidades

Hendrickson Rogers

**Direitos de Publicação Reservados a Hendrickson Rogers.
Reprodução/republicação livre com citação desta fonte de publicação original.**

hendricksonrogers@hotmail.com
prof.hendrickson@fan-edu.com.br
@Professor_H
@hendricksonrogers
blogdoprofh.com

Fone: (82) 99690-6390 (WhatsApp)

Primeira Edição
2016

Segunda Edição
2018

Terceira Edição (**última atualização em 27/1/2024**)
2019

Editoração e Capa: *Hendrickson Rogers*

Apocalipse 1

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

1.1

Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João,

A Trindade deu ao ressurreto Jesus a permissão (ou a função) de entregar a Seus seguidores um vislumbre de acontecimentos futuros. Então, Jesus incumbiu ao anjo Gabriel de entregar esses vislumbres ao profeta João,

João acreditava na Trindade? Ele tinha conhecimento dessa crença? Talvez não fosse sua intenção apontar para a Divindade trina aqui, ao se referir a Deus. Talvez ele se referiu apenas ao Pai (como parece acontecer no verso 6b). No entanto, parece-me que o Cristo cria na Trindade, e se isto for verdade, independentemente da intenção do profeta-escritor, ao mencionarmos a Trindade aqui elevamos o texto a um ponto de vista transcendental -- o do Revelador Jesus Cristo. Confira o livro "JAVÉ" (2009), disponível em: <http://blogdoprofh.com/2018/11/05/livro-jave/>.

"Tudo no Apocalipse, desde sua estrutura até o conteúdo, tem um único propósito: revelar Jesus Cristo. Por essa razão, as primeiras palavras do livro são: 'Revelação de Jesus Cristo' (Apocalypsis Iesou Christou). Essa expressão geralmente é entendida como (1) 'Revelação de Jesus Cristo' ou (2) 'Revelação sobre Jesus Cristo' (Ap 1:2). O fato de ser uma 'revelação' refuta aqueles que acreditam que o Apocalipse é muito difícil de entender. Por que o Senhor teria incluído esse livro na Bíblia se não quisesse que ele fosse compreendido por aqueles que o lessem?" (GULLEY, 2018, p. 24).

Com relação ao anjo Gabriel confira Dn 10.21 e Lc 1.26 e também Smith (1904), ou no PDF em português "Considerações sobre Daniel & Apocalipse", 2014, na página 216. Disponível em <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/apl/portugues/Smith/Daniel%20e%20Apocalipse.pdf>>, acesso em: 18 nov. 2016.

"Em Apocalipse 1:1, também declara-se: "Ele enviou o Seu anjo para torná-la conhecida ao Seu servo João" (NVI). Encontramos aqui uma expressão muito importante no livro. A frase tornar conhecida é uma tradução da palavra grega *semainō*, que significa "mostrar por sinais simbólicos". Essa palavra é usada na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), na qual Daniel explicou ao rei Nabucodonosor que, pela estátua feita de ouro, prata, bronze e ferro, Deus "fez saber ao rei o que [haveria] de ser futuramente" (Dn 2:45).

"Ao empregar a mesma palavra, João declarou que as cenas e os eventos do Apocalipse foram mostrados a ele em visão por meio de apresentações simbólicas. Guiado pelo Espírito Santo, João registrou fielmente essas apresentações simbólicas conforme as tinha observado nas visões (Ap 1:2). Portanto, a linguagem das profecias do Apocalipse, em sua maioria, não deve ser interpretada literalmente. Via de regra, a leitura da Bíblia pressupõe uma compreensão literal do texto (a menos que o texto aponte para um simbolismo pretendido). Mas quando lemos o Apocalipse, precisamos interpretá-lo simbolicamente (a menos que o texto aponte para um significado literal).

"Embora as cenas e eventos preditos sejam reais, eles geralmente eram expres-

sados em linguagem simbólica. Ter em mente que o caráter do Apocalipse é, em grande parte, simbólico nos protegerá contra a distorção da mensagem profética. Ao tentarmos determinar o significado dos símbolos empregados no livro, devemos ter cuidado para não impor ao texto um significado que resulte da imaginação humana ou dos significados atuais desses símbolos. Em vez disso, devemos ir à Bíblia e aos símbolos encontrados em suas páginas para compreender os símbolos do Apocalipse.

“Na verdade, ao tentar desvendar o significado desses símbolos, devemos lembrar que a maioria deles foi tirada do Antigo Testamento. Ao retratar o futuro na linguagem do passado, Deus quis imprimir em nossa mente que Seus atos de salvação no futuro serão muito semelhantes aos Seus atos de salvação no passado. O que Ele fez pelo Seu povo no passado, fará por ele novamente no futuro. Ao tentar decodificar os símbolos e imagens do Apocalipse, devemos começar prestando atenção ao Antigo Testamento” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 15).

1.2	o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu.	e ele recebeu a palavra de Deus, pois recebera o dom espiritual de ser profeta, e registrou aquilo que lhe foi apresentado em áudio e/ou imagens sobrenaturalmente.
-----	---	---

A “palavra de Deus” pode ser o mesmo que o “testemunho de Jesus Cristo”, pois Ele é a Palavra ou o Verbo divino, Jo 1.1. João equiparou as Escrituras veterotestamentárias à palavra de Jesus em seu evangelho (cf. Jo 2.22). Aqui, creio que ele faz o mesmo. Assim sendo, assim como a expressão “palavra de Deus” denota/conota revelação sobrenatural divina dada ao portador do dom profético (p. ex., 1º Rs 18.31 e Lc 3.2), segue que a expressão joanina “testemunho de Jesus” é sinônima da anterior “palavra de Deus”, preservando seu significado: revelação divina. Seria essa também a intenção de João nessa passagem?

1.3	Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.	São e serão felizes: a pessoa que lerá o que escrevi nesta carta para os outros; os seus ouvintes e os que, dentre esses, se comprometerem com os conteúdos, pois o cumprimento dessas profecias relacionadas aos dias que antecedem o retorno do Senhor Jesus ao planeta Terra está chegando.
-----	--	--

14.13. Primeira de sete bem-aventuranças contidas no livro. A segunda está em Ap

1.4	João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono	Eu, João, tenho o objetivo primário de escrever para os irmãos das sete igrejas (cf. o verso 11) que se encontram na Ásia. Desejo a vocês a graciosa salvação e a paz que só Deus o Pai – o qual existe, sempre existiu e aparecerá na volta de Jesus, e só o Espírito Santo (Aquele que também é Senhor dos exércitos dos anjos de Deus), que também está junto ao trono, podem dar
-----	---	--

Compare a expressão "da parte daquele que é, que era" com Ap 11.17 e 16.5.

"E que há de vir"; confira a mesma expressão em Ap 1.8 e 4.8.

Os "sete Espíritos"; confira a mesma expressão em Ap 4.5 e 5.6.

Veja no mapa a proximidade entre a ilha de Patmos (cativeiro romano do profeta João) e essas sete regiões: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_igrejas_do_Apocalipse.

O "*qual existe, sempre existiu e aparecerá na volta de Jesus*". Essa expressão também pode referir-se à Jesus, confira o verso 8 (apesar de nesta pesquisa buscar-se a intenção do escritor e não apenas uma boa aplicação de seus escritos): o Messias ou Cristo, o qual sempre existiu como Deus e a partir de algum momento como Anjo, antes de Se tornar Homem, e depois ascendeu ao Céu como Deus, Anjo e Homem para continuar Suas funções relacionadas à redenção da humanidade e virá assim que concluí-las.

Sobre as três naturezas de Jesus Cristo, estude o artigo "Jesus Cristo – JAVÉ, Anjo, Arcanjo, Miguel e Príncipe", disponível em: <http://blogdoprofh.com/2011/07/17/jesus-cristo-jave-anjo-arcujo-miguel-e-principe/>.

Se Jesus é o arcanjo (1 Ts 4.16) Miguel, "o grande príncipe" (Dn 12.1) ou o Comandante, tanto dos soldados humanos como dos anjos (ou "espíritos ministradores", Hb 1.14), "do exército do SENHOR" (Js 5.14,14), ao assumir Sua terceira natureza, a humana, seria o caso de o Espírito Santo ter assumido essa função (originalmente) de Jesus?

Se Jesus é também o "SENHOR [YHWH], o Deus dos exércitos" (Os 12.4,5), já que, partindo da hipótese de que Ele é o *arcujo* Miguel [ἀρχάγγελος, lê-se "ar-khang'-el-os", ou seja, *anjo chefe*], então Miguel também é o anjo do Sinai (At 7.38) que também é Deus (Gn 31.11-13) e "SENHOR" (Lv 7.38 e Zc 3), e assim sendo, poderíamos conjecturar que o Espírito Santo, o "outro *Consolador*" [παράκλητος, lê-se: "par-ak'-lay-tos", ou seja, *ajudador, intercessor, consolador*], Jo 14.16, grifo nosso, também pode receber o título/a função de SENHOR dos exércitos dos anjos?

É uma possibilidade não esclarecida no Apocalipse nem nos outros 65 livros bíblicos, no entanto é uma explicação (correta ou incorreta). Caso essa possibilidade seja verdadeira, o fato de Jesus ter igualado o Espírito Santo (ou de Deus ou do SENHOR) a Sua Pessoa (Jo 14.16 e 1 Jo 2.1, p. ex.) torna correta nossa explicação, pois os sete espíritos de Ap 1.4, 4.5 e 5.6, podem se referir tanto à Pessoa do Espírito Santo como aos anjos por Ele comandados.

Mas, há também a possibilidade de o Senhor Espírito ser Senhor dos anjos desde sempre e não apenas a partir da encarnação de Jesus, já que além de Jesus ter essa função, Zc 13.7 (p. ex.) parece apontar para o Pai. Essa teoria também explicaria a íntima e indissociável parceria entre o Cordeiro (Jesus, cf. Jo 1.29) e Seus sete olhos "que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra" (Ap 5.6), além de inferir a possibilidade de o trono do Pai e do Cordeiro ser também o do Espírito Santo (cf. 4.5).

Conclusão: caso essa teoria esteja correta, a pessoa divina do Espírito Santo e Seus anjos podem estar sendo mencionados, sem perda nem ganho (pois Um é Comandante e os outros são Seus comandados-representantes), nos textos que mencionam "os sete espíritos" (compare com Ap 3.1 e 8.2). E por que "sete" e não apenas um Espírito de Deus? A quantidade sete, assim como, a maior fatia do Apocalipse, é derivada do AT. E como o objetivo do profeta era instruir as sete igrejas, as quais se tornaram (como veremos) símbolos de toda a história da igreja cristã desde a primeira vinda de Jesus até Sua segunda vida (isto é, a quantidade sete é usada como metáfora de algo pleno e completo), faz sentido uma quantidade simbólica plena que abranja essas igrejas representativas de toda a história da igreja cristã (p. ex. 100% do Espírito envolvido; mas como Ele é Deus, restam tantos 100% quantos forem necessários para Ele atuar onde quer que seja), de modo que os outros setes do Apocalipse, alguns deles retirados explicitamente do AT ("sete candeeiros", p. ex.), parecem seguir essa ideia.

Os próprios setes do AT apontam nessa direção: sete pessoas foram salvas com a pregação de Noé; sete foram os dias nos quais Israel rodeou as muralhas de Jericó; sete foram os povos destruídos por Deus para que Seu povo recebesse Canaã como herança; sete mil pessoas não haviam se contaminado com o culto a Baal na época de Elias, e etc. Os judeus estudiosos demonstraram estar familiarizados com esse sentido do número sete, ao tempo do primeiro advento (cf. Lc 20.31-33). O Senhor Jesus também ao usar o sete num contexto de plenitude positiva e negativa (como ocorre no Apocalipse): "Se, por **sete vezes** no dia, pecar contra ti e, **sete vezes**, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe". "Então, vai e leva consigo outros **sete espíritos**, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro" (Lc 17.4 e 11.26, grifos nossos).

"O Apocalipse começa com uma saudação semelhante às saudações encontradas nas cartas de Paulo. O livro foi evidentemente enviado em forma de carta às sete igrejas na Ásia Menor, nos dias de João (veja Ap 1:11). No entanto, o Apocalipse não foi escrito apenas para essas igrejas, mas para todas as gerações de cristãos ao longo da História.

"Ambos os textos apresentam uma saudação epistolar: "Graça e paz a vós outros". Essa expressão consiste na saudação grega charis (graça) e na saudação hebraica shalom (paz, bem-estar). Como podemos ver, a partir desses textos, os Doadores da graça e da paz são as três Pessoas da Divindade. Deus, o Pai, é identificado como Aquele "que é, que era e que há de vir" (veja Ap 1:8; 4:8). Isso se refere ao nome divino Yahweh: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3:14), uma referência à existência eterna de Deus.

"O Espírito Santo é referido como os "sete espíritos" (compare com Ap 4:5; 5:6). Sete é o número da plenitude. Os "sete espíritos" indicam que o Espírito Santo estava atuando em todas as sete igrejas. Essa imagem se refere à onipresença do Espírito Santo e Sua constante atuação entre o povo de Deus através da História, habilitando-o a cumprir sua vocação" (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 16).

1.5

e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados,

e, além dessas Duas Pessoas divinas, da parte também de Jesus Cristo, Aquele que recebeu da Trindade a permissão (ou função) de revelar a nós Seus seguidores o que em breve há de acontecer, e creio que tudo aquilo que Ele recebeu nos passará fielmente; sim, Ele merece a minha confiança, pois também é o principal (e a Causa) dos que já se depararam com a morte e a venceram; e mais, Ele é o Soberano dos reis das nações e não o imperador romano! Jesus, precisamente Aquele que "remove reis e estabelece reis" (Dn 2.21). Sim, eu definitivamente acredito em Seu testemunho porque Ele nos ama, e provou isto em Sua morte na cruz, a qual nos deu alforria da escravidão do pecado (Rm 6),

"A *fiel testemunha*": Neemias 9.29-33: "**Testemunhaste** contra eles, para que voltassem à tua lei; porém eles se houveram soberbamente e não deram ouvidos aos teus mandamentos, mas pecaram contra os teus juízos, pelo cumprimento dos quais o homem vi-

verá; obstinadamente deram de ombros, endureceram a cerviz e não quiseram ouvir. No entanto, os aturaste por muitos anos e **testemunhaste** contra eles pelo teu Espírito, por intermédio dos teus profetas; porém eles não deram ouvidos; pelo que os entregaste nas mãos dos povos de outras terras.

“Mas, pela tua grande misericórdia, não acabaste com eles nem os desamparaste; porque tu és Deus clemente e misericordioso. Agora, pois, ó Deus nosso, ó Deus grande, poderoso e temível, que guardas a aliança e a misericórdia, não menosprezes toda a aflição que nos sobreveio, a nós, aos nossos reis, aos nossos príncipes, aos nossos sacerdotes, aos nossos profetas, aos nossos pais e a todo o teu povo, desde os dias dos reis da Assíria até ao dia de hoje. Porque tu és justo em tudo quanto tem vindo sobre nós; pois **tu fielmente procedeste**, e nós, perversamente” (grifos acrescentados).

Confira os seguintes textos que relacionam o costume da primogenitura hebréia com a vinda do *Primogênito divino* de Deus e a salvação dos *primogênitos da humanidade* (perceba, inicialmente, com Jr 31.9, p. ex., que o primogênito não é necessariamente o primeiro mas o principal dos filhos, dentro de um contexto): Cl 1.18; Rm 8.29; Sl 89.27; Cl 1.15; Hb 1.6 e 12.23.

Confira a partir do sétimo parágrafo da p. 126: perceba que, embora essa não tenha sido a intenção de João, o Espírito Santo também pode ser considerado a “Fiel Testemunha” desse versículo, e o Pai da mesma forma.

“Jesus é identificado por três títulos: “a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da Terra” (Ap 1:5). Eles se referem à Sua morte na cruz, à Sua ressurreição e ao Seu reino no Céu.

“João declarou o que Jesus fez: Ele “nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai” (Ap 1:5, 6; ARC). No original grego, a expressão “nos ama” se refere ao amor constante de Cristo, que envolve passado, presente e futuro. Aquele que nos ama nos libertou dos nossos pecados pelo Seu sangue. No grego, o verbo “libertar” se refere a um ato completado no passado: quando Jesus morreu na cruz, Ele proveu uma completa e perfeita expiação pelos nossos pecados” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 16).

1.6

e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

e, então, nos transformou em súditos do reino eterno, sacerdotes para o Seu Deus (cf. 5.10 e 20.6) e Pai, como Ele dizia (cf. Jo 20.17). Por isso desejo a glória e o domínio eterno somente a Deus (o Pai?). Que assim seja!

“Foi-lhe dado [a Jesus] domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído [...] os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade [...] até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino” (Dn 7.14, 18 e 22).

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.5 e 6).

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia. Amados, exortovos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem

guerra contra a alma, mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1ª Pe 2.9-12).

1.7

Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!

E do modo como Jesus ascendeu ao Céu (cf. At 1.9-11) voltará novamente à Terra, envolto em nuvem; e todos os que estiverem vivos naquele dia e momento O verão, inclusive aqueles que O mataram – irão ressuscitar só para vê-Lo, como Ele predisse (cf. Mt 26.64). As pessoas que escolheram a Terra como sua origem e seu destino, em vez de Deus, irão se lamentar e muito se entristecerão ao vê-Lo retornando como prometera, sobre as nuvens. Eu acredito que isso irá acontecer desse jeito. Que assim seja!

"Cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés". "Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados". "E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para aquele a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito." (Sl 22.16, Is 53.5 e Zc 12.10).

Confira o significado de traspassar em Jz 5.26, 1º sm 31.4, 2º Sm 18.14, 2º Rs 18.21 e Jó 36.12, e compare-o com Jo 19.34-37.

"Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória". "Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar". "Ora, chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaceira do seu incêndio" (Mt 24.30, Lc 6.25 e Ap 18.9).

Jesus Cristo foi assunto ao Céu de modo visível, audível e, portanto, público. Muitos testemunharam esse momento (cf. 1ª Co 15.6), de modo que não houve discrição em Seu retorno ao Céu, muito menos mistério ou arrebatamento secreto ao Céu.

Jesus não foi o primeiro profeta a predizer isso: o profeta Daniel, no cativeiro babilônico, o fez em Dn 12.1 e 2. O profeta Zacarias, após o cativeiro babilônico, o fez em Zc 12.10. Jesus Cristo profetizou essa ressurreição prévia de acordo com Mateus 26.64 e Marcos 14.62.

1.8

Eu sou o Alfa e Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.

"*Eu sou o originador e terminador de tudo*", diz a Trindade (embora João talvez tenha pensado em referir só Deus o Pai), Aquele que existe, sempre existiu e aparecerá na volta de Jesus (cf. v. 4), o Todo-poderoso.

Confira a mesma expressão em Ap 21.6 e 22.13. Compare com a expressão si-

nônima "Primeiro e Último" de Isaías 41.4, 44.6 e 48.12, e do próprio João em Ap 1.17.

Jesus parece receber esse título de acordo com Ap 1.17, 22.12 e 13. Aliado a esses textos, nos evangelhos e em algumas cartas, Jesus Se iguala ao Pai em natureza e capacidade (embora noutras passagens Ele Se posiciona funcionalmente abaixo do Pai, numa subordinação apenas funcional, não absoluta). Ele é o "Eu Sou" de Êxodo 3 (Jo 8.58).

Ele e o Pai são Um (Jo 10.30; 5.18). Ele entregou Sua a vida voluntariamente e a retomou sem ajuda (Jo 10.17,18; 2.19; 11.25). Tomé O chamou de Deus (Jo 20.28). Paulo também (Rm 9.5 e Tt 2.13). E Pedro também O chamou "Deus" (2ª Pe 1.1). Ou seja, o título *pantokrator* (no grego) que João atribuiu nesse versículo talvez somente ao Pai, pode ser atribuído a Jesus sem perda nem ganho de significados. O mesmo parece ocorrer com a Pessoa do Espírito Santo, por causa de Jesus compará-Lo a Si em João 14.16 (cf. 1.4, nota de rodapé nº 10). Quero dizer, se Jesus é Todo-poderoso, então o Espírito Santo também o é. Além dessa evidência concreta, encontro uma talvez tão concreta quanto no AT.

Comparando os textos dos profetas Sofonias e Ageu que seguem, vem a indagação: o Espírito e o Rei YHWH habitavam juntos no meio do povo de Israel ou o Espírito era o próprio Rei YHWH? "O SENHOR [YHWH] afastou as sentenças que eram contra ti e lançou fora o teu inimigo. O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de ti; tu já não verás mal algum."; "porque eu sou convosco, diz o SENHOR dos Exércitos; segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o meu Espírito habita no meio de vós; não temais" (Sf 3.15 e Ag 2.4,5). Assim, a inferência da Trindade nesse texto tem fundamento, embora talvez não tenha sido essa a intenção do escritor.

1.9

Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

Eu, João, irmão (em Cristo) de vocês a quem escrevo, e coparticipante com vocês dos sofrimentos infligidos pelos judeus religiosos e romanos pagãos contra os seguidores de Jesus, mas, assim como vocês, também me mantenho no reino que recebemos por meio de Jesus, com constância e comprometimento. Fui lançado pelos romanos na pequena ilha-cárcere de Patmos, pois eu não parava de levar Jesus e Seus ensinamentos (cf. 1.2, nota de rodapé 3) a tantas quantas pessoas eu conseguia e, por causa disso, fui aprisionado.

1.10

Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta,

Recebi uma visão divina num sábado, o dia do Senhor Jesus, e nela ouvi uma voz que falava comigo, vinda de alguém atrás de mim; o som era extraordinário e o comparo ao som da trombeta,

A mesma ("em espírito") expressão ocorre em 4.2, 17.3 e 21.10.

Estaria João querendo dizer que a visão por ele recebida foi no dia que o Senhor (Jesus) quis enviá-la a ele? Ou no dia em que Jesus retornaria à Terra? Ou sua intenção foi expressar-se de acordo com os ensinamentos de Jesus, de que Ele era Senhor do sábado (Mc 2.28)? Optei pela segunda hipótese, por fazer mais sentido (existiria uma quarta hipótese razoável ou até mais?) em relação às duas primeiras.

João escreveu em seu evangelho sobre Jesus, o sábado e os judeus religiosos, assim como os outros evangelistas, mas ele foi o único que mencionou: "Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus". "Por isso, alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado" (Jo 5.18 e 9.14). Talvez a noção joanina de guarda do sábado tenha sido mudada pela noção de Jesus a respeito desse assunto.

Ele escreveu que os "guardadores" do sábado judeus acusavam Jesus de não guardar o sábado (de acordo com a noção deles) e mesmo assim Se anunciava igual a Deus, o que para eles era uma contradição e evidência da não divindade (e portanto, blasfêmia) de Jesus. Mas, João viu como era a noção de Jesus quanto à santificação ou guarda do sábado. João escreveu que Jesus guardava o sábado (Jo 15.10), e se Ele era Deus (e João acreditava nisso), então a Sua maneira de guardar o sábado era a correta, era a original, aquela que Ele como Criador ou Senhor do sábado havia ensinado ao primeiro casal, mas que foi distorcida com o passar do tempo, tendo se tornado um enorme fardo (cp. Mt 23.3,4) ao tempo da primeira vinda de Cristo (e como muitos dos líderes religiosos judeus não criam na divindade de Jesus, isto é, que Ele era o Messias, viam em Sua noção da guarda do sábado um fundamento para essa descrença).

Assim como em todos os demais temas, Jesus ensinou a interpretação original, o significado verdadeiro da guarda do sábado e isso João não esqueceu ao ponto de chamar o sábado de dia do Senhor (Jesus). Creio que a intenção do profeta nessa expressão é algo próximo disso.

Ignorei a versão romanista, católica, dessa expressão, "no domingo", pois é uma distorção bíblica, não merecendo sequer o *status* de hipótese. Que meus amados irmãos católicos reconheçam a veracidade do que lhes digo, e concedam a Jesus o senhorio e não às tradições. Para um estudo introdutório sobre a imaginação católica em mudar o quarto mandamento da lei de Deus, leia o artigo "A alteração que a Igreja Católica fez no sábado do quarto mandamento bíblico é legítima?", disponível em: <<https://blogdoprofh.com/2021/11/06/a-alteracao-que-a-igreja-catolica-fez-no-sabado-do-quarto-mandamento-biblico-e-legitima/>>. Acesso em: nov. 2021.

1.11	dizendo: O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.	e a voz me disse: as cenas que você vê, descreva-as do seu jeito e envie tudo o que escrever para aquelas sete igrejas na Ásia, a saber: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.
1.12	Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candelabros de ouro	Quando virei para saber quem era que falava comigo eu vi sete candelabros de ouro

"Farás também um candelabro de ouro puro; de ouro batido se fará este candelabro; o seu pedestal, a sua haste, os seus cálices, as suas maçanetas e as suas flores formarão com ele uma só peça. Também lhe farás sete lâmpadas, as quais se acenderão para alumiar defronte dele" (Êx 25.31, 37).

O candelabro visto por João aparentemente difere do candelabro do Santuário que Deus pedira a Moisés para construir, com relação às lâmpadas. Ao que parece, no verso seguinte (v. 13), elas não estavam fixadas formando uma só peça, mas como soltas/espalhadas formando um candelabro estilizado, ou melhor, uma vez que Moisés viu o original no monte (v. 40) e construiu com o povo de Israel cópias do que vira, talvez o candelabro em peça única seja a cópia daquilo que João viu.

- | | | |
|------|--|--|
| 1.13 | e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. | e, entre os candeeiros (no centro?), eu avistei uma pessoa humana que me lembrou o Filho do homem, com roupa até os pés, vestes de sacerdote inclusive com o cinto logo abaixo do peito, também de ouro. |
|------|--|--|

“Filho de homem”. Compare com Ez 2.26; Dn 10.5.

“Além das duas principais divisões, no livro do Apocalipse há também outra camada estrutural, fundamentada no santuário hebraico. Esse tema do santuário não se limita a nenhuma das duas principais divisões, mas percorre ambas. No santuário terrestre, o ritual começava no pátio, no altar do holocausto, onde os animais eram mortos. Após a morte do animal, símbolo do sacrifício na cruz, o sacerdote entrava no primeiro compartimento do santuário, o que era um modelo do que Cristo fez no santuário celestial após Sua ascensão. Isso é representado pela cena de Jesus caminhando entre os candelabros (Ap 1:13)” (GULLEY, 2018, p. 23).

“Vestês talares”. Confira Êx 28.2, 8, 40, 41-43. Compare com Lc 20.46,47.

“João viu Jesus vestido como Sumo Sacerdote, caminhando entre os candelabros. A imagem de Jesus andando entre os candelabros aponta para a promessa de Deus ao antigo Israel de que andaria entre o povo como seu Deus (Lv 26:12). No livro do Apocalipse, os candelabros representam as sete igrejas na Ásia a quem essa revelação foi originalmente enviada (Ap 1:20). E, como veremos no estudo de quarta-feira, os candelabros também simbolizam Sua igreja ao longo da História.

“Mediante o Espírito Santo, Cristo continua cuidando de Sua igreja na Terra. Ele estará continuamente com Seu povo até levá-lo a seu lar eterno. Além disso, a imagem de Jesus como Sumo Sacerdote entre os candelabros vem da prática ritual no templo de Jerusalém. A tarefa diária de um sacerdote era manter acesas e brilhando as lamparinas do lugar santo. Ele preparava e reabastecia as lamparinas que estavam se apagando, substituía os pavios das lamparinas que haviam se apagado, as reabastecia com óleo fresco e depois tornava a acendê-las. Dessa maneira, o sacerdote conhecia individualmente a situação de cada lamparina. De igual forma, Jesus conhece as necessidades e circunstâncias de Seu povo, e intercede por ele pessoalmente.

“[...] Jesus Se apresentou com os seguintes títulos de Deus: “o primeiro e o último” (veja Is 44:6; 48:12). A palavra grega para “último” é eschatos, da qual vem a palavra escatologia (estudo dos eventos do tempo do fim). Isso mostra que o foco da escatologia está em Jesus Cristo, que tem a última palavra sobre os eventos finais. Ele é “Aquele que vive” e tem “as chaves da morte e do inferno” (Ap 1:18).

“Por Sua morte e ressurreição, Jesus recebeu autoridade para abrir as portas da morte (Jó 17:16; Sl 9:13). Todos os que Nele confiam ressurgirão da sepultura para a vida eterna (1 Co 15:21-23). Os seguidores fiéis de Jesus não precisam temer, pois até os mortos estão sob Sua vigilância. E se é assim com os mortos, muito mais com os vivos! (Veja 1 Ts 4:16, 17) (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 22).

- | | | |
|------|---|---|
| 1.14 | A sua cabeça (Cp. Dn 10.6) e cabelos eram brancos (Cp. Dn 7.9) como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo (Cp. Dn 10.6); | A cabeça e os cabelos daquela pessoa eram brancos e os comparo ao que eu conheço com essa cor: lã e neve bem branquinhas! Já os seus olhos eu os comparo as chamas do fogo; |
| 1.15 | os pés, semelhantes ao bronze polido (Cp. Dn 10.6), como que | já os seus pés são como uma peça de bronze bem polido, que |

refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas.	foi refinado em fornalha; e a sua voz que escutei eu comparo com o som de muitas águas jorrando.
--	--

O profeta Daniel a comparou com a “voz” como voz de “muita gente” (Dn 10.6). Outras comparações: Ez 1.24; 43.2; Ap 19.6.

- | | | |
|------|---|--|
| 1.16 | Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes (cp. Hb 4.12 e Ap 2.12). O seu rosto (cp. Ez 2.26 e Dn 10.6) brilhava como o sol na sua força. | Ele tinha em sua mão direita sete estrelas como as do céu à noite, e eu vi saindo de sua boca uma espada afiada que corta por meio de suas duas laterais, representando o poder de ação imediata de sua palavra ou intenção pronunciada (cp. Hb 4.12; Is 49.2 e 11.4; Ef 6.17.). O rosto dele brilhava tanto como o sol no momento de sua maior força. |
| 1.17 | Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último | Após contemplá-lo, imediatamente fiquei inconsciente e caí como se tivesse morrido diante dele. Daí ele me tocou com a mão direita e disse: <i>“Não fique com medo exagerado apesar de Minha glória resplendente e da reação de seu organismo! Eu sou o originador e terminador de tudo</i> |

O mesmo ocorreu com os profetas Ezequiel e Daniel. Cf. Ez 1.28-2.2 e Dn 10. Êx 33.20.

“Nesses versos, Jesus aparece no primeiro compartimento do santuário celestial. A revelação Dele nessa função foi tão grandiosa que João caiu a Seus pés em temor. Jesus, sempre com palavras de conforto, disse ao apóstolo que não tivesse medo e Se revelou como o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último (referências à Sua existência eterna como Deus). Posteriormente, Ele falou sobre Sua morte e ressurreição, e a esperança que é trazida pela Sua ressurreição. Jesus tem as chaves da ‘morte e do inferno’. Em outras palavras, Ele disse a João nesse verso o que havia dito a Marta por ocasião da morte de seu irmão, palavras que João também registrou: ‘Eu Sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em Mim não morrerá, eternamente. Crês isto?’ (Jo 11:25, 26)” (GULLEY, 2018, p. 25).

- | | | |
|------|--|---|
| 1.18 | e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. | <i>e Aquele que está vivo, muito embora Eu tenha morrido, mas voltei à vida eterna, e possuo o controle da morte, podendo abrir a sepultura e trazer à vida quem Eu quiser.</i> |
| 1.19 | Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. | <i>Por gentileza, descreva o conteúdo que já lhe foi apresentado e o que você está vendo agora, e continue a anotar o que virá depois destas cenas.</i> |
| 1.20 | Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão | <i>E já vou lhe adiantar alguns significados dos muitos simbolismos</i> |

direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.

que irei utilizar, evitando assim que Roma pagã, a futura Roma papal e outros poderes político-religiosos que surgirão impeçam a disseminação desse material: com relação às sete estrelas que você viu em Minha mão direita, isto é um símbolo dos sete mensageiros das sete igrejas que lhe mencionei, os quais receberão o conteúdo que você está anotando; e quanto aos sete candeeiros no meio dos quais estou são as próprias igrejas”.

“As mensagens que Jesus instruiu João a enviar às sete igrejas estão registradas em Apocalipse 2 e 3. O significado delas se aplica em três níveis:

“Aplicação histórica. Essas mensagens foram originalmente enviadas a sete igrejas localizadas em cidades prósperas da Ásia do primeiro século. Os cristãos dessas cidades enfrentavam sérios desafios. Várias cidades haviam estabelecido em seus templos adoração ao imperador como símbolo de sua lealdade a Roma. O culto ao imperador se tornou obrigatório. Os cidadãos também deveriam participar de eventos públicos e cerimônias religiosas pagãs. Em virtude de muitos cristãos se recusarem a participar dessas práticas, eles enfrentavam o julgamento, e às vezes até o martírio. Comissionado por Cristo, João escreveu as sete mensagens para ajudá-los nesses desafios.

“Aplicação profética. O Apocalipse é um livro profético, mas apenas sete igrejas foram escolhidas para receber essas mensagens. Esse fato também indica o caráter profético das mensagens. As condições espirituais nas sete igrejas coincidem com as condições espirituais da igreja de Deus em diferentes períodos históricos. As sete mensagens pretendem apresentar, do ponto de vista celestial, uma visão geral do estado espiritual do cristianismo desde o primeiro século até o fim do mundo.

“Aplicação universal. Assim como todo o livro de Apocalipse foi enviado como uma carta única, que deveria ser lida em todas as igrejas (Ap 1:11; 22:16), assim as sete mensagens também contêm lições que podem ser aplicadas aos cristãos de todas as eras. Dessa maneira, elas representam diferentes tipos de cristãos em lugares e épocas diferentes. Por exemplo, embora a característica geral do cristianismo hoje seja retratada pela igreja de Laodiceia, alguns cristãos podem se identificar com as características de algumas das outras igrejas. A boa notícia é que, seja qual for nossa condição espiritual, Deus “vai ao encontro dos caídos seres humanos onde eles se acham” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 22)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 23).

Referências:

GULLEY, Norman. Preparação para o Tempo do fim. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, n° 492, abr., mai., jun., 2018. Adultos, Aluno.

SMITH, Uriah. **Thoughts on Daniel and the Revelation**, the response of history to the voice of prophecy Review and Herald Publishing Company, Batle creek, Michigan, 1904. Disponível em: <<http://www.champs-of-truth.com/books/dr/index.htm>>. Acesso em: nov. 2016.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, n° 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

Apocalipse 2

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

2.1

Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro:

Para o mensageiro que receberá esta mensagem lá na igreja de Éfeso, você diz assim João: o Autor desta mensagem é o mesmo que possui e guarda em Sua mão direita os sete mensageiros que receberão este conteúdo, o mesmo que anda por entre as sete igrejas que receberão esta mensagem (cf. 1.16, 20):

“Qualquer estudioso concordará que tal descrição [de Cristo a respeito da igreja de Éfeso] se ajusta muito bem ao período da igreja do Novo Testamento, que se estendeu aproximadamente ao ano 100 d. C. A pureza da igreja apostólica representa um ideal ao qual numerosos movimentos reformatórios têm procurado retornar” (MAXWELL; GRELMANN, 2004, p. 123).

2.2

Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos;

Eu conheço o que vocês da igreja de Éfeso fazem, o seu trabalho em levar para as pessoas Meus ensinos (At 19.23-34) e a sua constância em continuar trabalhando por Mim e pela humanidade; vejo vocês não se relacionando com as pessoas que são prejudiciais por preferirem o mal, e percebi que vocês não se precipitaram (Ef 5.6,7), mas testaram (Ef 5.11,12) os que chegaram aí se dizendo Meus embaixadores por Mim enviados, e ao fazerem assim, vocês descobriram que eles não eram Meus enviados e concluíram que eram falsos e mentirosos (cf. o verso 6);

2.3

e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer.

realmente reconheço a constância de vocês e as consequências disso – perseguição por causa do Meu Nome (At 19.23-34), e, embora diante dessa realidade,

		vocês não se cansaram (Ef 1.15) de trabalhar por Mim.
2.4	Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor.	Mas, infelizmente, não tenho apenas elogios para vocês em Éfeso: vocês não amam mais como no início de nosso relacionamento (cp. Ef 1.15 e Ef 4.1-3; 5.2).
2.5	Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.	Eu ordeno (Jo 13.34) que vocês reconheçam isso, investiguem o motivo que levou vocês a amarem menos a Mim e entre vocês mesmos, arrependam-se e retornem ao primeiro amor; não posso deixar isso passar despercebido, pois sem amor, sem Deus! E Eu por fim terei de deixar de reconhecê-los como Meu corpo (Ef 1.22,23; Jo 15.35), caso vocês não Me obedeam e se arrependam (Ef 4.30-32).
2.6	Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio.	No entanto, como Eu já elogiei vocês, usem o bom costume de não se deixar influenciar pela filosofia e estilo de vida dos nicolaítas (Eu também tenho aversão a elas!), para Me imitar em Meu amor. A filosofia que odeio é esta: obedecer à uns mandamentos Meus e ignorar outros mandamentos! Os nicolaítas adulteraram, comem o que não é saudável nem é oferecido ao Fabricante do corpo deles. Eles acham que a fé em Mim lhes dá alforria de Meus mandamentos! E como Balaão fez com o povo de Israel, os nicolaítas fermentam esse estilo de vida entre vocês.

Possibilidades: I) *nikh* = vitória (no sentido de dominar) *laos* = o povo peculiar (de Israel ou Cristãos); gente, multidão; do Século IV em diante, às vezes se refere ao leigo (conforme o grego moderno "*laikos*" = leigo, no sentido de povo comum) Portanto, o nome *Nikolaitwn* (nicolaítas) composto destas duas palavras tem o sentido de "vitória sobre o povo" ou "os que dominam o povo". Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/QuemEramOsNicolaitas-WFerro.htm>>. Acesso em: dez. 2016.

II) Na igreja primitiva Irineu ensinava que os nicolaítas eram seguidores de Nicolau, um convertido ao judaísmo que fora designado diácono (At 6.5).

III) Outros veem tais pessoas como sendo gnósticas, seita que procurava infiltrar-se nas igrejas.

IV) Outros asseguram que os nicolaítas eram pessoas que seguiam os ensina-

mentos dos falsos apóstolos e de Balaão. Quem opta por essa inferência afirma que tal pressuposto desfruta de mérito, pois em estilo tipicamente hebraico João escreve na forma de paralelismo para realçar um ponto. Os falsos apóstolos buscavam escravizar a mente das pessoas com suas doutrinas enganosas; os seguidores de Balaão tentavam conquistar pessoas através da fraude; e o nome grego, *Nikolaos*, significa "ele conquista pessoas". À guisa de comparação com o que se diz sobre os seguidores de Balaão (Ap 2.14) e de Nicolau (Ap 2.6, 15), eles também presumem que esses enganadores pertenciam ao mesmo grupo. As hipóteses II, III e IV estão disponíveis em: <http://www.monergismo.com/textos/comentarios/quem-eram-nicolaitas_s-kistemaker.pdf>. Acesso em: dez. 2016.

V) Hipólito de Roma diz que o diácono "Nicolau" dos Sete diáconos (At 6.5) era o autor da heresia e líder da seita. São Vitorino de Pettau (ou Victorinus) diz que eles comiam oferendas dos ídolos. O "venerável" Beda afirma que Nicolau permitiu que muitos homens se casassem com sua esposa. Eusébio diz que a seita teve vida curta. Tomás de Aquino era da opinião que Nicolau incentivava ou a poligamia ou que os homens tivessem esposas em comum. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicola%C3%ADsmo#cite_note-6>. Acesso em: dez. 2016.

VI) "Irineu, um ministro do segundo século da era cristã, que viveu durante a infância e juventude próximo a Éfeso, menciona-os [os nicolaítas] em seus escritos. Os nicolaítas diziam-se cristãos, explica Irineu, mas consideravam "não ter importância a prática do adultério e o comer das coisas sacrificadas aos ídolos". Parece, pois, que os nicolaítas eram cristãos que pregavam que a fé em Jesus os libertava da obediência de alguns dos Dez Mandamentos" (MAXWELL; GRELMANN, 2004, p. 99).

2.7

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.

Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) para as sete igrejas. O Espírito afirma: *quem continuar vencendo as situações negativas que Jesus descreveu anteriormente, Eu O levarei até a árvore da Vida que criei para Adão e Eva (alimentação e vida originais), a qual continua no Jardim do Éden que foi arrebatado (cf. 2ª Co 12.4; Lc 23.43) da Terra para o Céu.*

Ao vencedor: "A forma grega desta expressão significa 'continua vencendo'. Este pensamento é salientado muitas vezes no livro do Apocalipse" (BATTISTONE, 1989, p. 33).

2.8

Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver:

Para o mensageiro que receberá esta mensagem lá na igreja de Esmirna, você diz assim João: o Autor desta mensagem é o originador e terminador de tudo, Aquele que está vivo, muito embora tenha morrido, mas voltou à vida (cf. 1.17, 18):

2.9

Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se

Eu conheço a pressão sob a qual vocês da igreja de Esmirna estão, bem como a falta de recursos

declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás.

básicos (mas, como Eu enxergo riqueza de caráter em vocês!); vejo de perto também a difamação de Minha Pessoa naqueles que se declaram cristãos e não são; Eu os considero membros da sinagoga de Satanás.

“Uma vez mais, todos concordarão que a descrição corresponde adequadamente à experiência da igreja no segundo e terceiro séculos, ou seja, entre o ano 100 e o término da feroz perseguição movida por Diocleciano, em 313” (MAXWELL, 2004, p. 123).

“A pobreza aqui mencionada é πτωχεια [*ptocheia*], cujo sentido é mais de privação e não apenas de ser pobre” (SILVA, 2009, p. 85).

“Na interpretação simbólica de Esmirna como um período da história da igreja, os falsos **“judeus”** possivelmente devam ser entendidos como falsos cristãos. Tal interpretação bem poderia corresponder ao elevado número de cristãos gnósticos, cujas engenhosas reinterpretações da Bíblia significaram um pesado fardo de preocupações para os genuínos cristãos bíblicos desse período” (MAXWELL, 2004, p. 123).

“Esmirna era uma cidade bela e rica, mas também um centro de adoração obrigatória ao imperador. A recusa em cumprir essa ordem podia levar as pessoas a perder seu status legal, ser perseguidas e até martirizadas. [...] A mensagem a Esmirna se aplica profeticamente à igreja na era pós-apostólica, em que os cristãos foram perseguidos” (STEFANOVIC; MODZIESKI, 2019, p. 27).

2.10

Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

Não fiquem com medo exagerado após Eu lhes falar sobre as dificuldades que ainda virão sobre vocês. Eu permitirei que o maior caluniador do universo lance alguns de vocês na prisão, será mais um momento de prova; essa pressão durará dez dias (e dez anos também). Por favor, sejam fiéis ainda que até a morte, pois Eu lhes garanto que a morte não será o fim de vocês; Eu prometo que, após a ressurreição, colocarei em suas cabeças a coroa da vitória e vida eternas!

“As dez grandes perseguições podem ser relacionadas desta forma: (a) Sob Nero: 64-68 d. C. (b) Sob Dominiçiano: 68-96 d. C. (c) Sob Trajano: 104-117 d. C. (d) Sob Aurélio: 161-180 d. C. (e) Sob Severo: 200-211 d. C. (f) Sob Máximo: 235-237 d. C. (g) Sob Décio: 250-253 d. C. (h) Sob Valeriano: 257-260 d. C. (i) Sob Aureliano: 270-275 d. C. (j) Sob Diocleciano: 303-312 d. C. Durante esse tempo, a matança de cristãos foi tremenda.” Disponível em: <<http://piblondrina.com.br/mensagem/item/425-n%C3%A3o-temas-o-que-tens-de-sofrer?tmpl=component&print=1>>. Acesso em: jan. 2017.

“Os “dez dias” (Ap 2:10) indicam os dez anos da perseguição promovida por Diocleciano, a partir de 303 d.C., e que durou até 313 d.C., quando Constantino, o Grande, publicou o Edito de Milão, que concedeu liberdade religiosa aos cristãos” (STEFANOVIC; MODZIESKI, 2019, p. 27).

Seriam 10 dias literais ainda na época de João, ou seja, cumprimento imediato (MAXWELL, 2004) e também 10 anos (um dia para cada ano) no futuro, na época de Diocleciano?

- | | | |
|------|--|---|
| 2.11 | Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte. | Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) das sete igrejas. O Espírito afirma: quem continuar vencendo não receberá a condenação eterna ou segunda morte. |
| 2.12 | Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: | Para o mensageiro que receberá esta mensagem lá na igreja de Pérgamo, você diz assim João: o Autor desta mensagem é Aquele que tem saindo de sua boca uma espada afiada que corta nas duas laterais, representando o poder de ação imediata de sua palavra ou intenção pronunciada (cf. 1.16): |
| 2.13 | Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. | Eu conheço o lugar em que vocês da igreja de Pérgamo habitam, o mesmo onde se encontra o trono de Satanás, ou seja, o “centro administrativo e exportador do culto ao Imperador” (SILVA, 2009, p. 87) romano. Também minha presciência vê que, entre 313 – 538 d.C. Pérgamo será o centro de adoração papal, outro trono de Satanás. No entanto, tanto nesses dias como naqueles, vocês se agarrarão com firmeza nos Meus ensinamentos, e não renunciarão a Minha definição de fé ainda nos dias de Antipas, Minha testemunha, Meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita hoje e habitará em Roma papal. |

“Pérgamo foi o centro de vários rituais pagãos, incluindo o culto a Asclépio, o deus grego da cura, chamado de “Salvador” e representado por uma serpente. As pessoas vinham de todos os lugares ao santuário de Asclépio para ser curadas. Pérgamo tinha uma função de liderança na promoção do culto ao imperador que, assim como em Esmirna, era obrigatório. Não é de admirar que os cristãos em Pérgamo vivessem na cidade “onde Satanás” habitava e na qual seu trono estava localizado” (STEFANOVIC; MODZIESKI, 2019, p. 27).

“Quando os persas derrotaram Babilônia, deram liberdade aos habitantes da cidade. Mas os sacerdotes babilônicos posteriormente moveram uma rebelião, e foram expul-

dos da cidade. Os derrotados caldeus fugiram para a Ásia Menor, e fixaram seu colégio central em Pérgamo, e levaram consigo o paládio de Babilônia, uma pedra cúbica. Aqui, independentes do controle do Estado, promoviam os ritos de sua religião. Pérgamo tornou-se a sede do sistema satânico dos mistérios de Babilônia [...] Mas quando o rei de Pérgamo cedeu o seu reino aos romanos, esse culto foi transferido para Roma' (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 33, 34).

"Essa contrafação religiosa pretendia ser uma ponte entre o céu e a terra. O monarca era o cabeça do sistema. Ele tinha muitos títulos, um dos quais, Pontífice Máximo. Como imperador pagão, Constantino já estava investido do poder e honras do paganismo. Ao vir para o cristianismo ele não renunciou estas honras, mas trouxe-as para dentro da igreja cristã. Enquanto ele liderava a igreja cristã, era ao mesmo tempo o chefe do sacerdócio pagão, oficiando celebrações pagãs, e fundando templos pagãos, mesmo após ter começado a construir igrejas cristãs. Como cabeça do sacerdócio pagão ele era o Pontífice Máximo, e precisava do mesmo título como cabeça da igreja cristã (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 46).

"Os cristãos honraram-no como Bispo dos Bispos, enquanto Constantino chamava a si mesmo em latim *Vicarius Christi*, que, em português, quer dizer Vigário de Cristo, mas em grego o equivalente é anticristo. O termo em latim *Vicarius* equivale ao termo grego *anti* e tem dois significados: contra, e no lugar de, ou substituto. Traduzindo para o grego, esse título latino *Vicarius Christi* significa literalmente anticristo (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 45).

"Em 375, Graciano, um imperador cristão, recusou as vestimentas pagãs e o título pagão de Pontífice Máximo, que significa: o maior fabricante de pontes, ou coletor de pontes, no sentido de cobrador de pedágio. Mas o bispo de Roma viu aí uma oportunidade de exaltar sua dignidade, e assumiu o título e as vestimentas de Pontífice Máximo. Este histórico título do sumo sacerdote do paganismo, foi perpetuado na igreja juntamente com as vestes do sumo sacerdote pagão, mas sempre sob o disfarce do cristianismo (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 45).

"O papado, durante a Idade Média tomou para si os três títulos de Constantino: Pontífice Máximo, Vigário de Cristo (ou anticristo), e Bispo dos Bispos. Todos os reformadores, sem exceção, falaram desta igreja apóstata como o anticristo (Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, p. 155)" (RAMOS, 2006, p. 171-173).

"Visto que o período representado por Pérgamo foi o do desenvolvimento do papado (313 a 538 A.D.), parece ser evidente que 'o trono de Satanás' é uma referência ao centro de adoração papal: Roma" (BATISTONE, 1989, p. 35, 36).

"Antipas' – Difícil saber de quem se trata. Não se conhece na história nenhum cristão com esse nome. Alguns pensam que poderia ser uma designação profética significando "anti-papa", o que seria uma probabilidade muito remota. Antipas, como lembra o SDABC era um nome comum na época e significava "aquele que assumirá o lugar do Pai" e não, necessariamente, o contra-pai" (SILVA, 2009, p. 88).

"Antipas – Há bons motivos para crer que este nome se refira a uma classe de pessoas e não a um indivíduo, porque hoje não se conhece qualquer informação autêntica a respeito de tal personagem. A este propósito diz Guilherme Miller: "Supõe-se que Antipas não tenha sido um indivíduo, mas uma classe de homens que naquele tempo se opunham ao poder dos bispos, ou papas, sendo uma combinação de duas palavras: *Anti*, contra, oposto, e *papas*, pai, ou papa. Muitos deles naquele tempo sofreram o martírio em Constantinopla e Roma, onde bispos e papas começavam a exercer o poder que logo reduziria à sujeição os reis da Terra e pisotearia os direitos da igreja de Cristo. E, da minha parte, não vejo motivo para rejeitar esta explicação da palavra "Antipas" no texto, pois que a história daqueles tempos é absolutamente omissa acerca de um indivíduo, como o nomeado aqui" (MILLER, 1843, p. 135, 135).

O Dicionário Bíblico de Watson diz: 'A antiga história eclesiástica não apresenta

informação alguma deste Antipas' (WATSON, 1833, p.69).

O Dr. Clarke menciona a existência de uma obra, intitulada 'Atos de Antipas' (CLARKE, 1817, p. 978), mas dá-nos a entender que o seu título não merece crédito" (SMITH, 1979, p. 35, 36).

2.14

Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição.

Mas, infelizmente, não tenho apenas elogios para vocês em Pérgamo: entre vocês estão os que agem como Balaão, aquele profeta que "queria" Deus mas também queria o mundo (cf. 2ª Pe 2.15; Jd 11). Do mesmo modo, há uma relação ilícita entre alguns de vocês e o mundo que induz à mistura entre a Minha religião e o paganismo. Como consequência disso, Constantino (313 A.D.) tentará unir a filosofia do império romano pagão e Meus ensinamentos. Balaão ensinou o rei Balaque como colocar armadilhas para o povo de Israel, seduzindo israelitas ao pecado. Balaão foi exitoso, pois alguns de Israel comeram o que fora oferecido aos deuses moabitas, e também traíram suas esposas ou fornicaram com mulheres de Moabe. Semelhantemente, o Cristianismo será maculado pela aliança entre uma igreja cristã (Igreja Católica Apostólica Romana) e o Estado; "deformidade e libertinagem" (THIELE; BERG, 1960, p. 63) serão os resultados. Mais especificamente "avareza, hipocrisia, idolatria e imoralidade" (BATISTONE, 1989, p. 14).

"Embora o Concílio de Jerusalém tivesse proibido as "coisas sacrificadas a ídolos" e as "relações sexuais ilícitas" (At 15:29), a doutrina de Balaão ensinava os membros da igreja a rejeitarem essa decisão. A única solução que Jesus ofereceu a Pérgamo foi: "Arrependa-se!" (Ap 2:16, NVI). A igreja em Pérgamo é uma descrição profética da igreja do período de 313 a 538 d.C. Embora alguns membros da igreja tenham permanecido fiéis, o declínio e apostasia aumentaram rapidamente" (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 27).

"**Comer coisas sacrificadas a ídolos'** – este era um problema ético sério para a igreja primitiva, desde os dias de Paulo em Corinto (I Cor. 8-10). Os açougues costumavam vender carnes de animais que foram degolados num altar a deuses pagãos. Esses açougues (e a feira de um modo geral) frequentemente ficavam ao lado dos grandes templos. Note que mesmo crendo que a prática em si não seria contrária à fé, Paulo reconheceu o perigo do escândalo ou do embaraço que traria aos novos na fé.

"Apesar de permitir aos leitores coríntios [sic] que comessem tal carne, recomendou-lhes que o ideal era se absterem dela. João parece menos tolerante que Paulo. Uma

curiosa diferença de opinião. A diferença de contexto talvez explique a diferença de posição entre os dois autores bíblicos. Paulo escrevera numa época de relativa paz; João estava em meio ao fogo cruzado de uma perseguição institucionalizada e nestes momentos, qualquer fraqueza, qualquer tipo de tolerância (talvez aceita em tempos de paz) será perigosa” (SILVA, 2009, p.88).

“Mulheres de Moabe.” Confira Nm 22.25 e 31.13-16.

“As doutrinas censuradas na igreja de Pérgamo eram, sem dúvida, semelhantes em suas tendências, pois levavam à idolatria espiritual e a uma relação ilícita entre a igreja e o mundo. Este espírito produziu finalmente a união entre os poderes civil e eclesiástico, que culminou na formação do papado” (SMITH, 1979, p. 37).

“A analogia com Balaão denota que havia em Pérgamo alguns cujo objetivo era dividir e arruinar a igreja incentivando práticas que eram proibidas aos cristãos. [...] Balaão influenciou Israel a ‘comerem coisas sacrificadas a ídolos e praticarem a prostituição’ (ver Num. 25:1 e 2; 31:16). Esses dois pecados conduziram à mistura do paganismo com a religião verdadeira.

“Ao ser aplicada à história da Igreja Cristã, essa representação é especialmente apropriada à situação da Igreja no período que se seguiu à legalização do cristianismo por Constantino em 313 A.D. e à sua conversão nominal dez anos mais tarde. Esse imperador adotou um plano de ação que consistia em misturar o paganismo com o cristianismo em tantos pontos quantos fosse possível, na premeditada tentativa de unir os diversos elementos dentro do império e fortalecê-lo desta maneira.

“A posição favorável, e até dominante, que ele concedeu à Igreja, tornou-a vítima das tentações que sempre acompanham a prosperidade e a popularidade. Sob o reinado de Constantino e seus sucessores, [...] a Igreja tornou-se rapidamente uma instituição político-eclesiástica e perdeu grande parte de sua espiritualidade anterior” (BATISTONE, 1989, p. 17).

“Para conseguir proveitos e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás – o bispo de Roma” (WHITE, 2013, p. 42).

2.15

Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas.

Também reprovo aqueles que, entre vocês, escolheram os ensinamentos dos nicolaítas (os quais Eu odeio e Meus seguidores de séculos atrás também odiaram! Ap 2.6) – obedecer à uns mandamentos Meus e ignorar outros mandamentos! Eles doutrinam a muitos que Meu evangelho anula Meus mandamentos, e que a fé desobriga a obediência completa!

“Os nicolaítas ensinavam que as obras da carne não afetam a pureza da alma, não tendo, portanto, nenhuma influência sobre a nossa salvação” (BATISTONE, 1989, p. 14).

“Os cristãos em Pérgamo enfrentavam tentações tanto de fora quanto de dentro da igreja. Embora a maioria deles tivesse permanecido fiel, os “nicolaítas” defendiam a transigência para com o paganismo a fim de evitar a perseguição. Como Balaão, que apostatou e incitou os israelitas a pecar contra Deus no caminho para a Terra Prometida (Nm 31:16), eles acharam mais conveniente, e até mais recompensador, fazer concessões em relação à sua fé” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 27).

2.16

Portanto, arrepende-te; e, se Eu ordeno que vocês reconhe-

não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca.

çam isso, uma vez que estou Lhes oportunizando aprendizagem e lembranças! Caso contrário Eu irei até o lugar onde essas pessoas estão, e as combatarei com a espada de Minha boca, representando o poder de ação imediata de Minha palavra ou intenção pronunciada. E essa guerra será tanto filosófica quanto (meta)física, tanto nesses dias do profeta João e no período entre 313 – 538 A.D., quanto na Minha segunda vinda (cf. Ap 19.15).

2.17

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe.

Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) para as sete igrejas. O Espírito afirma: *quem continuar vencendo e obedecendo aos ensinamentos de Jesus, em vez dos sincretismos nicolaítas e balaamitas (ou seja, as tradições dos homens que contaminam a Palavra de Deus), será mantido por Mim inclusive materialmente, como Eu fiz com o povo de Israel no deserto, dando-lhe diariamente (menos no sábado) o maná! Para ele Eu desvelarei Minhas fontes de recursos, as quais permanecerão escondidas para aqueles que escolherem não obedecer. Também prometo entregar aos vencedores obedientes uma pedrinha branca, um singelo símbolo de nossa intimidade aqui em sua casa terrena, bem como um presente Meu para você, vencedor, quando nos encontrarmos lá no Céu! Inscreverei na sua pedrinha um novo nome, representando seu novo caráter, glorificado e com novos dons espirituais concedidos por Mim. Lá nas moradas do Pai esse novo caráter será desvelado na medida em que você for convivendo com os outros salvos vencedores.*

"Para ele Eu desvelarei Minhas fontes de recursos, as quais permanecerão escondidas para aqueles que escolherem não obedecer." (I) "Ao que vencer é prometido que há de comer do maná escondido, e, como sinal de aprovação, há de receber do seu Senhor uma pedra branca, com um novo e precioso nome gravado nela. A maior parte dos comentadores aplicam o maná, a pedra branca e o novo nome a bênçãos espirituais a desfrutar já nesta vida. Mas como todas as outras promessas feitas ao vencedor, também esta se refere sem dúvida ao futuro, e será dada quando chegar o tempo de os santos serem recompensados" (SMITH, 1979, p. 37).

(II) "**Maná escondido**" – este é um símbolo claramente escatológico. Uma tradição judaica presente nos fragmentos cristãos dos oráculos Sibílicos 3:46-49, no 2 Bar. 29:4-8 e na literatura rabínica entendia que uma parte do maná do deserto estaria estocada e o milagre se repetiria nos tempos messiânicos para alimentar os fiéis. Uma continuação deste tradição diz que quando Jerusalém foi atacada pelos babilônios, Jeremias (2 Mac. 2:4-8) ou um anjo (de acordo com 2 Bar. 6:5-9) teriam escondido a arca e seus objetos sagrados, inclusive o maná. Estes elementos estariam "escondidos" na terra, para serem preservados até aos tempos messiânicos, quando então seriam restaurados. É até possível que a multidão alimentada por Cristo na Galiléia tenha entendido que aquele era o cumprimento da promessa pois foram em busca de mais pão. Seja como for, o texto de Apocalipse parece ser uma alusão profético-espiritual a isso" (SILVA, 2009, p. 88, 89).

(III) "Representa a vida espiritual em Cristo agora e a vida eterna pela fé em Jesus" (BATISTONE, 1989, p. 37).

"Lá nas moradas do Pai esse novo caráter será desvelado na medida em que você for convivendo com os outros salvos vencedores." (I) "Quão natural, pois, a alusão a este costume nas palavras do texto: 'Darei a comer do maná escondido!', e depois disso, tendo-o feito participante da Minha hospitalidade, tendo-o como Meu hóspede e amigo, lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe". Dar-lhe-ei um penhor da Minha amizade, sagrada e inviolável, conhecido só por ele", Henry Blunt citado por Smith (1979, p. 38).

(II) "Jacó, depois da sua vitória, ganhou o nome de Israel. Queres tu saber qual será o teu novo nome? É simples, vence. Até então toda a tua curiosidade é vã. Depois o lerás escrito na pedra branca", John Wesley citado por Smith (1979, p. 38).

(III) "**uma pedrinha branca**" – Há várias explicações plausíveis. Nos tribunais da antiguidade pedras brancas (ao contrário de pedras pretas) eram usadas pelo júri para absolver um acusado. Outra seria a de que pedras brancas também eram usadas como ingressos para banquetes e jogos. Pedras brancas também eram dadas a vencedores em competições esportivas. Todos estes usos permitem um transporte legítimo ao imaginário cristão da profecia, mas a escolha entre um deles é puramente hipotética. "*um novo nome*" – pode ser uma nova vida ou o próprio nome de Cristo (Apoc.3:12; 19:12 – embora alguns neguem o paralelo" (SILVA, 2009, p. 89).

(IV) "*téssera*" – 'objetos que serviam de senha, entre os primitivos cristãos.' – Dicionário Aurélio. N.C.: Joseph Battistone em LES892, cita Isaías 62:2 a respeito de "nome novo" [A ser dado por Deus na Nova Terra, indicando nova personalidade/novo nascimento/nova pátria]" (BATISTONE, 1989, p. 17).

(V) "A verdade é que a pedra branca com o novo nome não era qualquer reprodução exata de algum costume ou objeto de uso social daquele tempo. Era uma nova concepção, inventada para este novo objetivo; imaginada unicamente para que, por coisas e formas já familiares, ficasse perfeitamente entendível a todos os leitores das igrejas asiáticas. Continua analogias com muitas coisas embora não fosse reprodução exata de nenhuma delas", W. M. Ramsay citado por Thiele e Berg (1960, p. 65).

creve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido:

esta mensagem lá na igreja de Tiatira, você diz assim João: o Autor desta mensagem é Aquele que é Deus e Homem ao mesmo tempo; é Criador, mas também criatura; é eterno e Pai da eternidade (cf. Is 9.6), mas também tem começo a partir do momento em que nasceu de Deus e de uma mulher, e, por isso, também é Filho; Aquele cujos olhos você, João, comparou com chamas de fogo, e os pés com uma peça de bronze bem polido, que foi refinado em fornalha:

2.19

Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras.

Eu conheço o que vocês da igreja de Tiatira fazem e farão, vosso amor simples e autêntico, vossa convicção e obra de servo fiel, vossa constância, bem como as últimas obras de vocês – em muito maior quantidade em relação ao início da comunidade contemporânea a João, e ao início do período de 538 até a Reforma Protestante.

“Tiatira significa ‘perfume suave de labor’ ou ‘sacrifício de contrição’. Este nome descreve bem o estado da igreja de Jesus Cristo durante o longo período de triunfo e perseguição papal. Este tempo que foi de terrível tribulação sobre a igreja, como nunca houve (Mat. 24:21) melhorou a condição religiosa dos crentes. Daí o receberem por suas obras, caridade, serviço, fé e paciência, o elogio dAquele cujos olhos são como chama de fogo. As obras são de novo mencionadas como dignas de duplo elogio, visto que as últimas são melhores do que as primeiras.

A condição dos membros melhorou, cresceram na graça e em todos estes elementos do cristianismo. Este progresso, nessas condições, foi elogiado pelo Senhor. Esta igreja é a única elogiada por progresso em coisas espirituais. Mas assim como na igreja de Pérgamo as circunstâncias desfavoráveis não eram desculpa para falsas doutrinas na igreja, nesta, a quantidade de trabalho, caridade, serviço, fé ou paciência não pode compensar igual pecado. É-lhes apresentado, pois, uma censura por tolerarem no seu meio um agente de Satanás” (SMITH, 1979, p. 39,40).

“Comparada às outras cidades, de acordo com o que conhecemos, Tiatira não tinha importância política nem cultural na história antiga, e a igreja era obscura. A fim de dirigir um negócio ou ter um emprego, as pessoas no Império Romano deviam pertencer a associações comerciais. Tiatira era especialmente famosa por fazer cumprir essa exigência.

“Os membros da associação tinham que comparecer aos festivais da associação e participar dos rituais do templo, que muitas vezes incluíam atividades imorais. Aqueles que não obedecessem eram excluídos das associações e recebiam sanções econômicas. Para os cristãos naquela época, isso significava escolher entre a completa transigência ou total exclusão por amor do evangelho” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 28).

2.20

Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa,

No entanto, discordo do fato de, tanto na atual Tiatira quanto no período da Tiatira profética, vo-

não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerm coisas sacrificadas aos ídolos.

cês não terem o poder dado a Elias para combater Jezabel. Vocês estão mais para o fraco e condescendente Acabe do que para o corajoso e zeloso Elias! O que Eu quero dizer é o seguinte: entre vocês existem os que paganimizam Meus ensinamentos, e ainda se intitulam Meus profetas/minhas profetisas. Pior, a ousadia é explícita, pois esses/essas influenciam Meus servos a misturarem tudo – Minhas revelações com as ideias e tradições humanas perversas – e se alimentam mal, comendo o que é consagrado aos demônios (cf. I Co 10.18-21). O papado pratica idolatria, muda Meus mandamentos como se Eu autorizasse isso! O sábado da Criação permanece separado por Mim; eu nunca pedi que o trocassem pelo domingo! Mas esses falsos seguidores do Cristo tentam usurpar Minha autoridade de Criador, adulteram Meus ensinamentos e os que trabalham por Mim caem nas práticas desobedientes deles. O papado também trai o Cristianismo com sua politicagem corrupta com os reis da Terra, no lugar de oportunizar um estilo de vida honesto, sem avareza e santo! Eu não levantei esses falsos cristãos. Eles não Me representam e muito menos Me substituem! Seus serviços não mais são para Mim. Suas oferendas não são oferecidas a Mim. O que comem não é para sua saúde nem para Minha glória.

“Assim como ocorreu com a igreja em Pérgamo, a igreja em Tiatira foi pressionada a transigir com o ambiente pagão. O nome “Jezabel” se refere à esposa do rei Acabe, que levou Israel à apostasia (1Rs 16:31-33). Jesus a retratou como espiritualmente imoral. Aqueles que transigiram com a verdade e adotaram ideias e práticas pagãs e “impuras” estavam cometendo adultério espiritual com ela. A igreja em Tiatira simboliza a condição do cristianismo de 538 d.C. a 1565 d.C. O perigo não veio de fora da igreja, mas de dentro.

“A tradição substituiu a Bíblia, um sacerdócio humano e relíquias sagradas substituíram o sacerdócio de Cristo, e as obras foram consideradas o meio de salvação. Os que não aceitavam as influências corruptoras foram perseguidos e até mortos. Por séculos, a igreja verdadeira encontrou refúgio nas regiões desertas (veja Ap 12:6, 13, 14). Mas Jesus também elogiou a igreja em Tiatira por sua fé e amor, obras e serviço, o que profeticamente aponta para a Reforma e para o começo de um “retorno à Bíblia” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019,

p. 28).

“Jezabel, filha de um rei sidônio, adoradora de Baal, a qual introduziu a idolatria e corrupção religiosa em Israel, é aqui o símbolo da apostasia e corrupção religiosa aberta. A igreja se paganizara. [...] Como filha de um rei pagão e adoradora de Baal, ela proveu a motivação para a apostasia de Acabe (I Reis 16:31-33; 18:19; 21:25 e 26). Perseguiu os profetas de Deus e pessoas fiéis (I Reis 18:4 e 13; 19:1-3; 21:5-15). Jezabel era prostituta e feiticeira (II Reis 9:22). Devido a sua vida perversa, o desagrado de Deus incidiu sobre ela (II Reis 9:30-37)” (BELVEDERE, 1987, p. 36).

“Jezabel é um nome figurado, alusivo à mulher de Acabe, que matou os profetas de Jeová, levou seu marido à idolatria e alimentou os profetas de Baal à sua própria mesa. Não se podia usar uma figura mais flagrante para representar as abominações papais (Ver 1 Reis 18, 19, 21). Vê-se, pela história, bem como por este versículo, que a Igreja de Cristo tolerava que alguns dos monges papais pregassem e ensinassem no meio dela” (MILLER, 1843, p. 139).

“Como filha de um rei pagão e adoradora de Baal, ela proveu a motivação para a apostasia de Acabe (I Reis 16:31-33; 18:19; 21:25 e 26). Perseguiu os profetas de Deus e pessoas fiéis (I Reis 18:4 e 13; 19:1-3; 21:5-15). Jezabel era prostituta e feiticeira (II Reis 9:22). Devido a sua vida perversa, o desagrado de Deus incidiu sobre ela (II Reis 9:30-37). Que organização possuía as características de Jezabel durante a Idade Média? O papado medieval praticou a idolatria. A veneração do papa, de imagens e relíquias, do domingo em lugar do verdadeiro sábado, de sacerdotes terrestres como mediadores em lugar de Cristo, e dos elementos na missa - tudo isso constituía idolatria. A imoralidade espiritual provinha da aceitação de ensinamentos e práticas procedentes de religiões pagãs” (BATTISTONE, 1989, p. 38).

- | | | |
|------|---|--|
| 2.21 | Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. | Mas assim como a Jezabel do AT, Eu lhe dei chances reais de aprendizagens e mudança de visão, das ideias humanas para as ideias do Fabricante da humanidade; ela não Me escutou, nem a Elias. O mesmo tem ocorrido e acontecerá com aqueles que são bem representados por ela: são teimosos e não permitem que Eu lhes transforme da corrupção para a harmonia com os Mandamentos e caráter do Cristo. |
| 2.22 | Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. | Vou castigar esses falsos cristãos por meio de sua própria licenciosidade: sua corrupção com o mundo e os governantes que não Me temem os atormentará, pois de seus amantes passarão a ser seus algozes; isso se continuarem não querendo aprender e transformar seu estilo de vida, e permanecerem na prática de tudo isso que falei. |

“Jezabel, que se diz profetisa, ensinou a igreja a se prostituir com a idolatria. A Igreja de Roma ensina que: 1. o papa é o mediador; 2. que se pode confiar nas próprias obras para expiação do pecado; 3. longas peregrinações; 4. atos de penitência; 5. adoração de relíquias; 6. construção de igrejas, de relicários e de altares; 7. pagamento de grandes somas à igreja; 8. generalizou-se a adoração de imagens; 9. acedem-se velas perante imagens e ora-

ções são feitas às imagens; 10. o erro da imortalidade natural do homem e consciência na morte; 11. adoração da Virgem Maria; 12. a heresia do tormento eterno; 13. doutrina das indulgências; 14. santificação do domingo; 15. a implantação do idolátrico sacrifício da Missa. 'O meio dia do papado foi a meia noite do mundo' (O grande Conflito, p. 60)" (RAMOS, 2006, p. 112).

- | | | |
|------|---|--|
| 2.23 | Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras. | Quando Eu retornar matarei os descendentes ou continuadores dessa monstruosidade que fez sofrer a tantos filhos Meus, e após o juízo final os destruirei eternamente. Já os cristãos verdadeiros de todas as épocas presenciaram isso e confirmarão que, de fato, Eu sou capaz de conhecer um ser humano por completo, suas ações e intenções, seus contextos, motivos, planos, escolhas e condutas, e respeito isso concedendo o destino que cada um conscientemente optou e semeou ao longo de sua vida. |
| 2.24 | Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós; | No entanto, Eu afirmo a vocês de Tiatira e aos do período de 538 a 1517 A.D., todos os que optaram por não seguir essa doutrina sincretizadora dos Meus ensinamentos com as tradições dos homens, como vocês mesmos acertadamente denominaram, "as coisas profundas de Satanás", ou seja, a domesticação do pecado e sua inserção na religião cristã por meio da quebra dos mandamentos morais, e a consequente diminuição de Minha autoridade como Deus Criador diante da maximização da autoridade papal e sua pedagogia humanista que reinterpreta com relativismos Minha revelação profética: esse fardo não receberá acréscimo, não deixarei que Satanás e sua semente dificultem mais a vida de vocês; |

"Aos restantes que estão em Tiatira" é uma referência aos grupos de cristãos sinceros e leais ao cristianismo apostólico na Idade Média: os Valdenses, Albigenses, Lolardos, os Irmãos Unidos, a Igreja dos Irmãos na Boêmia e Morávia" (RAMOS, 2006, p. 126).

"Outra carga não jogarei sobre vós." – cremos que é aqui prometido à igreja alívio da carga, a saber, que durante tanto tempo suportou o peso da opressão papal. Não pode aplicar-se à recepção de novas verdades, porque a verdade não é uma carga para nenhum ser responsável. Mas os dias de tribulação que haviam de vir sobre a igreja seriam abre-

viados por causa dos escolhidos (Mat. 24:22). 'Serão ajudados', diz o profeta, 'com um pequeno socorro.' (Dan. 11:34). 'E a terra ajudou a mulher', diz João (Apoc. 12:16)" (SMITH, 1979, p. 41).

2.25	tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha.	"Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10.12); "E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras" (Ap 22.11).
------	---	---

"A *admoestação*. – 'Conservai o que tendes, até que eu venha.' Estas palavras do Filho de Deus apresentam-nos uma vinda incondicional. As igrejas de Éfeso e Pérgamo eram ameaçadas com esta vinda sob condições: 'Arrepende-te, pois, quando não, em breve virei a ti.' Esta vinda implicava um castigo. Mas aqui se apresenta uma vinda de caráter diferente. Não é uma ameaça de castigo. Não depende de condição.

"É proposta ao crente como uma esperança, e não se pode referir a outro acontecimento senão à futura segunda vinda do Senhor em glória, em que cessarão as provações do cristão. Então seus esforços na carreira da vida e sua luta pela coroa de justiça serão recompensados com sucesso eterno. Esta igreja leva-nos ao tempo em que começam a cumprir-se os mais imediatos sinais da Sua vinda iminente. Em 1780, dezoito anos antes do fim deste período, realizaram-se os sinais preditos no Sol e na Lua. (Ver os comentários sobre Apoc. 6:12). E, referindo-Se a esses sinais, disse o Salvador: 'Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.' (Luc. 21:28).

"Na história desta igreja atingimos um ponto em que o fim se aproxima tanto que a atenção do povo podia chamar-se mais particularmente para esse acontecimento. Para todo o intervalo de tempo Cristo disse: 'Negociai até que Eu venha.' (Luc. 19:13). Mas, para agora diz: 'Retende-o até que Eu venha.'" (SMITH, 1979, p. 42).

2.26	Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações,	Quem continuar vencendo e obedecendo aos Meus ensinamentos, e praticando o mesmo estilo de vida que Eu vivi, receberá de Mim autoridade (Mt 28.18) para edificar (1 Co 13.10),
------	---	--

"'Autoridade sobre as nações' – Neste mundo dominam os ímpios, e os servos de Cristo não são estimados. Mas está chegando o tempo em que a justiça terá a primazia, em que toda impiedade será vista à sua verdadeira luz e será plenamente desacreditada, e em que o cetro do poder estará nas mãos do povo de Deus. Esta promessa é esclarecida pelos seguintes fatos e afirmações bíblicas: As nações hão de ser entregues pelo Pai nas mãos de Cristo para serem esmigalhadas com uma vara de ferro e despedaçadas como um vaso de oleiro (Sal. 2:8, 9).

"Os santos associar-se-ão com Cristo quando Ele assim iniciar Sua obra de poder e juízo (Apoc. 3:21). Hão de reinar com Ele, nessas funções, por mil anos (Apoc. 20:4). Durante este período é determinado o grau do castigo dos ímpios e dos anjos maus (1 Cor. 6:2, 3). No fim dos mil anos terão a honra de participar com Cristo na execução da sentença escrita (Sal. 49:9)" (SMITH, 1979, p. 42).

2.27	e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro;	e para destruir, Comigo à frente (cf. Nm 24.17, Sl 2.8,9 e Ap 12.5), a semente de Satanás ou os pecadores que optaram por conti-
------	---	--

2.28	assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã.	nuar na corrupção e crueldade de seus pecados; farei com que os vencedores virem o jogo e os vençam; e o mal deixará de existir, como um vaso quebrado e reduzido ao pó; e assim como Eu recebi de Meu Pai o que mais quis – Minhas criaturas livres e salvas de Satanás –, também darei ao que continuar vencendo o que ele mais almeja: o fim das trevas por meio da refulgente glória de Meu retorno ao planeta Terra.
2.29	Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.	Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) para as sete igrejas.

(I) “*estrela da manhã*” – interpretada por alguns adventistas como sendo uma alusão à Reforma Protestante, especialmente Calvino. O SDABC, porém, aplica a expressão exclusivamente a Cristo (Apoc. 22:16; 2 Pedro 1:19). J. P. M. Sweet conecta este símbolo da estrela, bem como o outro do cetro, com a profecia de Balaão em Núm. 24:17, o que é bem razoável” (SILVA, 2009, p. 90).

(II) “Refere-se a Cristo (Apoc. 22:16; comparar com II S. Ped. 1:19), mas às vezes também é aplicada a Wycliffe, ‘a estrela da manhã da Reforma’ (Ver Grande Conflito, pg. 78)” (BATTISTONE, 1989, P. 39).

(III) “Cristo diz, em Apoc. 22:16, que Ele próprio é a Estrela da Manhã. A estrela da manhã é a imediata precursora do dia. A aqui chamada Estrela da Manhã é chamada Estrela da Alva em 2 Pedro 1:19, onde está relacionada com o amanhecer: “Até que o dia clareie e a Estrela da Alva nasça em vossos corações Durante a penosa noite de vigília dos santos a palavra de Deus derrama a necessária luz sobre o seu caminho. Mas quando a Estrela da Alva lhes aparece nos corações, ou a Estrela da Manhã é dada aos vencedores, entrarão numa relação tão íntima com Cristo que os seus corações ficarão completamente iluminados pelo Seu Espírito, e eles andarão na Sua luz. Então não mais terão necessidade da firme palavra da profecia, que agora brilha como uma luz em lugar escuro” (SMITH, 1979, p. 42,43).

(IV) “Neste mundo, os ímpios se mantêm no poder, e os servos de Cristo são, aparentemente, de nenhum valor. Virá, porém, o tempo em que a justiça estará em ascendência. 1. As nações serão entregues pelo Pai às mãos de Cristo, a fim de serem regidas com vara de ferro e despedaçadas como um vaso de oleiro (Salmos 2:8-9). 2. Associados a Cristo em sua obra de poder e de julgamento estarão os Seus santos (Apoc. 3:21). 3. Reinarão com Ele nesta função por mil anos (Apoc. 20:4). 4. Durante esse período é determinado o grau de castigo para os homens ímpios e anjos maus (I Cor. 6:2-3). 5. Ao final dos mil anos todos os santos partilharão com Cristo a execução da sentença dos ímpios (Salmos 149:9). A promessa final é que todos os santos receberão a “estrela da manhã,” esse é o próprio Jesus: “*Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas nas igrejas: Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã*” (Apoc. 22:16)” (RAMOS, 2006, p. 127,128).

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987.

CLARKE, Adam. **Commentary on the New Testament**, vol. 2, 1817. Disponível em: <<https://archive.org/details/clarkescommentar00clar>>. Acesso em: jan. 2017.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MILLER, William. **Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ**, 1843. Disponível em: <<https://archive.org/details/WilliamMillerEvidenceFromScriptureAndHistoryOfTheSecondComingOf>>. Acesso em: jan. 2017.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 1, 2006.

SILVA, Rodrigo Pereira. **Comentário Gramático Histórico do Apocalipse** – Anotações para acompanhamento de classes. Faculdade Adventista de Teologia, 2009. Disponível em: <http://www.adventistas.com/wp-content/uploads/2014/10/Comentario-Gramatico-Historico-do_Apocalipse-Rodrigo-P-Silva.pdf>. Acesso em: jan. 2017.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WATSON, Richard. **A Biblical and Theological Dictionary**, 1833. Disponível em: <<https://archive.org/details/biblicaltheologi00wats>>. Acesso em: jan. 2017.

WHITE, Ellen G. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

Apocalipse 3

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

- | | | |
|-----|---|--|
| 3.1 | Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto. | Para o mensageiro que receberá esta mensagem lá na igreja de Sardes, você diz assim, João: o Autor dessa mensagem é Aquele que pode conceder o Senhor Espírito Santo em Sua plenitude, bem como tem em Suas mãos os sete mensageiros que receberão o conteúdo desta carta: Eu conheço o que vocês da igreja de Sardes fazem – tanto no presente momento quanto no período futuro, após a Reforma, entre os séculos 16 e 18 – vocês têm um nome que significa “a que permanece” (BATTISTONE, 1989, p. 19), mas sua vida espiritual já não existe. |
| 3.2 | Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. | No entanto, assim como em toda a História, há um remanescente, e este deve ser preservado para que não se contamine com o falso protestantismo e perca sua vida espiritual como os demais; não vejo integridade e honestidade em sua religião, pois vocês estão desviados da Verdade tanto quanto àqueles contra quem protestam. |

“Sardes teve uma história gloriosa. No entanto, até o período romano, a cidade já havia perdido seu prestígio. Embora ainda estivesse desfrutando de riquezas, sua glória estava fundamentada em sua história passada, não na realidade presente. A cidade antiga havia sido construída no topo de um monte íngreme e era quase inacessível/inconquistável/impentrável. Visto que os cidadãos se sentiam tão protegidos, as muralhas da cidade eram guardadas de maneira negligente.

“[...] Embora Jesus tenha reconhecido alguns cristãos em Sardes como fiéis, a maioria deles estava espiritualmente morta. A igreja não foi acusada de nenhum pecado aberto nem de apostasia (como os cristãos de Pérgamo e Tiatira), mas de letargia espiritual. A mensagem à igreja em Sardes se aplica profeticamente à condição espiritual dos protestantes no período pós-Reforma, aproximadamente de 1565 d.C. a 1740 d.C., à medida que a igreja se degenerava em um formalismo morto e em um estado de complacência espiritual.

“Sob o impacto da crescente onda do racionalismo e do secularismo, o foco na

graça salvadora do evangelho e o compromisso com Cristo diminuíram, dando lugar aos argumentos filosóficos insípidos e relacionados aos credos. Embora parecesse estar viva, a igreja desse período estava espiritualmente morta. A carta também pode se aplicar a todas as gerações de cristãos. Alguns cristãos sempre falam em termos gloriosos de sua fidelidade a Cristo no passado. Infelizmente, muitos desses não têm muito para compartilhar sobre sua experiência atual com Jesus. Sua religião é nominal; falta-lhes a verdadeira religião do coração e o compromisso genuíno com o evangelho” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 29).

“Sardes, a Igreja da Reforma e do tempo posterior a ela, assim como Pérgamo – falando de um modo geral – foi uma igreja espiritualmente morta, mas com alguns membros cuja relação com o Senhor tornou suas obras agradáveis a Cristo” (BATTISTONE, 1989, p. 43).

“O verdadeiro despertar da vida religiosa da raça de fala inglesa data de Wesley. Dizer que ele reuniu os fragmentos da consciência inglesa é verdade, mas é só meia verdade. Ele a criou de novo! Ela estava morta – duplamente morta; e foi através de seus lábios que Deus soprou de novo nela o fôlego de vida”, Thiele (196, p. 77) citando W.H. Fitchett, *Wesley and His Century*, p. 11-15.

“Essa igreja era apática, sem vida e sem amor. Tinha aparência, mas carecia de poder. Que é uma igreja morta? Que é um cristão que ‘está morto’? Os membros da Igreja em Sardes tinham a reputação de que estavam espiritualmente vivos, mas não possuíam fé viva. Conseqüentemente, suas obras não podiam ser aceitas por Deus” (op. cit., p. 44). “O grande defeito que o anjo desta igreja a repreende é que tem nome de que vive e está morta. Que elevada posição, do ponto de vista mundano, ocupou a igreja nominal durante este período! Chamam a atenção os seus títulos altissonantes e a sua aceitação pelo mundo. Mas depressa aumentaram nela o orgulho e a popularidade que a espiritualidade ficou destruída, apagada a linha de separação entre a igreja e o mundo, e as organizações populares eram igrejas de Cristo apenas de nome!” (SMITH, 1979, p. 44).

“Dentro de poucas décadas, as igrejas reformadas experimentaram um período de violenta controvérsia doutrinária. Assim como no período de Pérgamo a Igreja Católica perverteu a fé apostólica e as verdades cristalinas da igreja primitiva, em razão de seu afastamento da Bíblia; também as igrejas protestantes afastaram-se dos princípios enunciados por seus fundadores. O princípio dos reformadores dizia: ‘A Bíblia e a Bíblia só deve ser a nossa única regra de fé.’ Protegidas pelo poder e prestígio do Estado, e acomodadas dentro da confissão dos credos, as igrejas nacionais do mundo protestante se conformaram com a forma da piedade, porém, sem o seu poder” (RAMOS, 2006, p. 133).

“A hipocrisia caracterizou ... [a igreja de Sardes], que não era o que pretendia ser. Declaradamente, as igrejas da Reforma haviam descoberto o que significa viver pela fé em Jesus Cristo; mas, em grande parte, elas acabaram caindo num estado que, nalguns aspectos, se assemelhava ao da organização da qual se haviam retirado. Seu nome - protestante - denotava oposição aos abusos, erros e formalismos da Igreja Católica Romana, e o nome Reforma dava a entender que nenhuma dessas faltas devia encontrar-se no rebanho protestante”, Battistone (1989, p. 48, 49) citando *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, págs. 755 e 756. “Apocalipse 3:2 profetiza a tragédia vivida pelas igrejas que, após a morte de seus fundadores deixaram morrer parte das verdades descobertas e pregadas pelos reformadores” (BELVEDERE, 1987, p. 37).

3.3

Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti.

Retornem à verdadeira Reforma e aos ensinamentos de Jesus Cristo; pratiquem e vivam-nos revelando mudança e arrependimento em relação ao atual estado conformado com a ordem de coisas dessa época. Mas se essa pequena chama e esse fino elo que liga vocês aos reformadores forem

aniquilados, quando Eu, Jesus, voltar vocês serão pegos de surpresa como quando um ladrão invade uma residência desprevenida, pois estarão distraídos com a mentira que vivem, distantes do que professam, completamente vulneráveis e perdidos.

“A igreja de Sardes é a igreja da transição entre o Movimento da Reforma e o protestantismo. O período da Reforma começou no período de Tiatira com os Valdenses, os Lolardos, seguidores de Wycliffe, a Igreja dos Irmãos na Boêmia e Morávia, João Huss, Jerônimo e culminou com Lutero. Em 1530, com a formação do primeiro credo protestante, iniciou o declínio da Reforma e o nascimento de uma nova era chamada protestantismo, caracterizada pelas Igrejas Nacionais recebendo sua força, não mais de Deus, mas dos governos” (RAMOS, 2006, p. 132).

“Quando quer que a igreja tenha obtido o poder secular, empregou-o ela para punir a discordância às suas doutrinas. As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma, formando aliança com os poderes do mundo, têm manifestado desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Dá-se um exemplo disto na prolongada perseguição aos dissidentes, feita pela Igreja Anglicana. Durante os séculos dezesseis e dezessete, milhares de ministros não-conformistas foram obrigados a deixar as igrejas, e muitos, tanto pastores como o povo em geral, foram submetidos a multa, prisão, tortura e martírio” (WHITE, 2013, p. 443).

“Um outro fator que contribuiu muito para aumentar nas igrejas protestantes o espírito de apatia para com as coisas espirituais foi o surgimento do Racionalismo nos séculos XVII e XVIII. Sob o impacto das descobertas científicas, muitos estudiosos passaram a crer que as leis naturais eram suficientes para explicar as obras do universo. Frequentemente eles concluíam que a função principal de Deus em relação a este mundo era que Ele, Deus, fora unicamente a primeira causa, e que desde o Seu ato inicial da criação, o mundo tem funcionando mais ou menos independente de Deus. Esta maneira de pensar resultou num distanciamento da Bíblia, que, por sua vez, passou a ser considerada irreal, inexata e não literal”, Ramos (2006, p. 134) citando *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 756.

3.4	Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas.	Como disse, mesmo em meio a tudo isso, existe um remanescente, pequeno mas não contaminado, seguidores Meus que se recusam a contaminar o que Lhes dei – a salvação pela graça que se evidencia pelas obras da fé obediente! Esses filhos andarão em breve Comigo, pois são semelhantes a Mim e continuam vestidos com a Minha filosofia, a filosofia do (Re)Criador, no lugar de escolherem as ideias das criaturas. Portanto, eles são merecedores do destino que escolheram.
-----	--	---

Battistone (1989, p. 20) citando Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, p. 44, 45: “Quando João escreveu, em 95 A.D., Sardes estava vivendo principalmente de seu glorioso passado. As poucas coisas ainda vivas pareciam prestes a morrer. Sua atividade externa não era corroborada por espiritualidade interna. O que haviam recebido e ouvido não era lembrado e conservado. Mesmo em Sardes, porém, havia uns poucos que não tinham contami-

nado os seus vestidos". "Os que lideraram a Reforma eram homens de vigorosa consagração, mas seus seguidores, supondo que todas as batalhas já haviam sido ganhas, acomodaram-se em religião organizada. Grandes movimentos iniciados por homens como Lutero e Knox tornaram-se meras religiões de Estado, sustentadas pelo erário público." "Nunca houve um período tão escuro em que Deus não tivesse Suas estrelas. No período de Sardes, Deus tinha *"alguns que não contaminaram seus vestidos"* (Apoc. 3:4): os reformadores Martinho Lutero, Ulrich Zwinglio, João Calvino, o puritano João Bunyan, os petistas Philipp Spenner, August Hermann Francke, e o Conde Zinzendorf, e os metodistas João Wesley e Whitefield" (RAMOS, 2006, p. 146).

3.5	O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.	Aquele que continuar vencendo em meio a essas e outras adversidades terá seu caráter alvejado e será coberto até o fim por Minha salvação, e quando seu nome for examinado no Julgamento do Santuário celestial, ele será confirmado no Livro da Vida do Cordeiro, o Meu livro dos vencedores. Diferentemente dos nomes dos que optarem pela cultura da falsa religiosidade, em vez de apagar seu nome Eu o exaltarei diante de Meu Pai e dos Seus anjos.
-----	---	---

"O ser vestido de vestes brancas é explicado noutras passagens como um símbolo de mudar a iniquidade em justiça. (Ver Zac. 3:4, 5). 'Tirai-lhe estes vestidos sujos', é explicado pela linguagem que se segue: 'Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade.' 'O linho fino', ou as vestes brancas, 'são as justiças dos santos.' Apocalipse 19:8" (SMITH, 1979, p. 45).

"As analogias entre as cartas de Éfeso e Sardes são íntimas, e devem ser estudadas juntamente. A história desenrolou-se em linhas semelhantes nas duas igrejas. Ambas começaram entusiasticamente e esfriaram. A degeneração existiu em ambas; embora, em Éfeso a degeneração não se tinha tornado tão séria como em Sardes. Desta maneira o ponto-chave na carta a Éfeso é apenas alteração, instabilidade e incerteza; na carta a Sardes o ponto-chave é degradação, falsa pretensão e morte", Thiele (1960, p. 78) citando W. Ramsey, *The Letters to the Seven Churches of Asia*, p. 369.

"Os nomes dos que perderam sua relação com Cristo como nascidos de novo são apagados (Apoc. 3:5). O selo de Deus do tempo do fim é colocado sobre os nomes mantidos no livro da vida (Apoc. 7:1-3; 14:1-5)" (GULLEY, 1996, p. 4).

"O livro da vida contém os nomes de todos os que já entraram ao serviço de Deus. Se quaisquer destes se afastam dEle, e por uma obstinada persistência no pecado se tornam finalmente endurecidos à influência do Espírito Santo, seus nomes serão no juízo apagados do livro da vida, e eles serão votados à destruição" (WHITE, 2007a, p. 326).

"O estudo da história da Reforma mostra que o protestantismo, a partir de 1530, introduziu um outro período de apostasia, ou melhor, uma outra forma de apostasia. Em menos de cem anos, o luteranismo, com o qual a Reforma alcançara o seu clímax, cristalizou-se num formalístico e dogmático movimento protestante. O historiador D'Aubigne considera que o fim da verdadeira Reforma foi o "decisivo período de 1530 e 1531," e que a partir dessa data, começou então um outro capítulo, a história do protestantismo", Ramos (2006, p. 136) citando F.G. Smith, *What the Bible Teaches*, p. 293.

"O grande sistema protestante que sucedeu o romanismo, tomou o seu lugar no

mundo moderno, assim como foi descrito na profecia. As duas primeiras nações na Europa a se levantarem contra o papado foram a Alemanha e a Inglaterra. Estas duas nações têm sido consideradas como sendo a plataforma do protestantismo. O protestantismo ganhou sua posição e influência no mundo moderno especialmente através do poder político. Este fato não pode se negado, pois foi assim no passado na Alemanha e Inglaterra, e assim será no futuro quando a profecia do protestantismo apostatado de Apoc. 13:11-18 cumprir-se através da união da Igreja e do Estado nos Estados Unidos da América do Norte.

"[...] A história da Reforma mostra como Deus trabalhou poderosamente através dos reformadores, mas a história do protestantismo mostra quão rapidamente as igrejas reformadas perderam sua dependência de Deus e apelaram para os braços do poder político. O período de Sardes também recheou-se de perseguições e de mortes. O que a Inquisição fez contra os cristãos no período de Tiatira, as igrejas protestantes nacionais fizeram contra os grupos protestantes minoritários no período de Sardes. O mesmo espírito satânico que moveu o papado contra os Valdenses, contra os Lolardos (seguidores de Wycliffe), e contra a Igreja dos Irmãos da Boêmia e Morávia, moveu também as igrejas protestantes nacionais da Alemanha e da Inglaterra contra seus irmãos no período de Sardes" (RAMOS, 2006, p. 136, 137).

"Dizer ao vencedor que o seu nome não será apagado do livro da vida é o mesmo que dizer que os seus pecados serão apagados do livro onde estão registrados, para não serem mais recordados contra ele (Heb. 8:12). Significa que, o seu nome ou seus pecados devem ser apagados dos registros celestiais. Quão precioso é o pensamento de que *agora* somos perdoados se confessamos nossas transgressões! Então, se permanecemos fiéis a Deus, os pecados serão apagados ao vir Jesus" (SMITH, 1979, p. 46).

"Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus. Começando pelos que primeiro viveram na Terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva, finalizando com os vivos. Todo nome é mencionado, cada caso minuciosamente investigado. Aceitam-se nomes, e rejeitam-se nomes. Quando alguém tem pecados que permaneçam nos livros de registro, para os quais não houve arrependimento nem perdão, seu nome será omitido do livro da vida, e o relato de suas boas ações apagado do livro memorial de Deus" (WHITE, 2013, p. 483).

"Os nomes de todos aqueles que uma vez se entregaram a Deus estão escritos no livro da vida, e o seu caráter está sendo passado agora em revista diante dEle. Anjos de Deus avaliam o valor moral. Eles observam o desenvolvimento do caráter naqueles que vivem agora, para ver se os seus nomes podem ser conservados no livro da vida. É-nos concedido um tempo de graça para lavarmos e alvejarmos as vestes do caráter no sangue do Cordeiro. Quem está fazendo isso? Quem está se afastando do pecado e egoísmo?", Battistone (1989, p. 48) citando *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 960.

- | | | |
|-----|--|---|
| 3.6 | Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. | Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) das sete igrejas. |
| 3.7 | Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá: | Para o mensageiro que receberá esta mensagem lá na igreja de Filadélfia, você diz assim, João: o Autor desta mensagem é Aquele que não possui pecado; mais ainda: Ele é a Verdade; e, assim como Davi, Ele possui a chave do Palácio real. Sendo Sua soberania real anterior e superior à davídi- |

ca, Sua autoridade se estende sobre o Santuário celestial onde o destino dos reinos humanos e todas as criaturas da Terra são abertos e fechados – Ele é o que pode libertar o pecador de seu destino de destruição, bem como decretar a destruição do pecador inconformado em existir como criatura Sua. E ninguém, nem mesmo Satanás, é capaz de invadir Seu palácio e impedi-Lo em Seu trabalho no Santuário celestial, a partir do período profético de Filadélfia (fim do século 18 até 1844), no lugar Santíssimo daquele tribunal.

Confira At 3:14 e Lv 11:44.

“Este verso aplica a Cristo a profecia de Isaías a respeito de Eliaquim (Isa. 22:20-22; ver II Reis 18:18). Eliaquim foi escolhido para ter supervisão sobre ‘a casa de Davi’, segundo é indicado pelo fato de que lhe seria dada ‘a chave da Casa de Davi’. A posse da ‘chave’ por Cristo representa Sua jurisdição sobre a Igreja e sobre o propósito divino que deve ser realizado por intermédio dela”, *SDABC*, vol. 7, p. 757, 758, citado por Battistone (1989, p. 50).

“A sexta igreja a quem Jesus endereçou a carta foi Filadélfia (“amor fraternal”). Essa cidade ficava na estrada comercial imperial e servia como passagem, uma “porta aberta”, para um grande e fértil planalto. As escavações indicam que Filadélfia era um centro em que as pessoas iam buscar saúde e cura. Por conta de frequentes terremotos, os habitantes da cidade se mudaram para o campo, vivendo em humildes cabanas.

“[...] A mensagem a essa igreja se aplica profeticamente ao grande reavivamento do Protestantismo durante o Primeiro e o Segundo Despertamentos que ocorreram na Grã-Bretanha e na América aproximadamente de 1740 a 1844. Tendo em conta a luz que possuíam, os cristãos de fato buscaram guardar a Palavra de Deus (Ap 3:8) nessa época. Houve uma ênfase crescente na obediência aos mandamentos de Deus e na vida pura. Parece que a “porta aberta” é o caminho/passagem para o santuário celestial, pois o santuário de Deus também é mencionado (Ap 3:12, compare com Ap 4:1, 2). O fechamento de uma porta e a abertura de outra indicam a mudança que ocorreria no ministério sumo-sacerdotal de Cristo em 1844.

“[...] Grandes reavivamentos ocorreram nas igrejas dos dois lados do Atlântico. Nos anos que antecederam 1844, a mensagem da breve vinda de Cristo foi proclamada em muitas partes do mundo. A promessa de escrever o nome de Deus nos vencedores indica que o caráter de Deus será visto em Seu povo. A mensagem de que Cristo em breve virá é tão importante quanto a mensagem de que Ele promete preparar Seu povo para esse grande evento, perdendo seus pecados e escrevendo Sua lei em seu coração (veja Fp 1:6; Hb 10:16, 17). (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 30).

“*O que abre e ninguém fecha*’. – Para compreender esta linguagem é necessário considerar a posição e obra de Cristo relacionada com o Seu ministério no santuário, ou o verdadeiro tabernáculo celeste (Heb. 8:2). Existia outrora aqui na Terra uma figura, ou cópia, deste santuário celeste, no santuário construído por Moisés (Êxo. 25:8, 9; Atos 7:44; Heb. 9:1, 21, 23, 24). O edifício terrestre tinha dois compartimentos: o lugar santo e o lugar santíssimo (Êxo. 26:33, 34).

“No primeiro compartimento estavam o castiçal, a mesa dos pães da proposição e o altar do incenso. No segundo estavam a arca, que continha as tábuas da Aliança, ou os

Dez Mandamentos, e os querubins (Heb. 9:1-5). Semelhantemente, o santuário em que Cristo ministra no Céu tem dois compartimentos, porque nos é indicado claramente em Hebreus 9:21-24 que "o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado" eram "figuras das coisas que se acham nos céus". Como todas as coisas foram feitas segundo o seu modelo, o santuário celeste tinha também móveis semelhantes aos do terrestre. Para o antítipo do castiçal e altar do incenso, construído de ouro, que se encontravam no primeiro compartimento, ver Apoc. 4:5; 8:3, e para o antítipo da arca da Aliança, com os seus Dez Mandamentos, ver Apoc. 11:19.

"No santuário terrestre ministravam os sacerdotes (Êxo. 28:41, 43; Heb. 9:6, 7; 13:11, etc.) O ministério destes sacerdotes era uma sombra do ministério de Cristo no santuário celeste (Heb. 8:4, 5). Cada ano realizava-se um ciclo completo de serviço no santuário terrestre (Heb. 9:7). Mas no tabernáculo celeste o serviço é realizado uma vez por todas (Heb. 7:27; 8:12). No fim do serviço típico anual, o sumo sacerdote entrava no segundo compartimento, o lugar santíssimo do santuário, para fazer expiação, e essa era chamada a purificação do santuário (Lev. 16:20, 30, 33; Ezeq. 45:18).

"Quando começava o ministério no lugar santíssimo cessava o do lugar santo, e nenhum serviço se realizava aqui enquanto o sacerdote estava ocupado no lugar santíssimo (Lev. 16:17). Semelhante ato de abrir e fechar, ou mudança de ministério, devia Cristo realizar quando chegasse o tempo para a purificação do santuário celeste. E esse tempo havia de chegar no fim dos 2.300 dias, ou seja, em 1844. A este acontecimento pode aplicar-se com propriedade o abrir e fechar mencionados no texto que agora consideramos, onde o ato de abrir representaria o começo do ministério de Cristo no lugar santíssimo, e o ato de fechar, à cessação de Seu serviço no primeiro compartimento, ou lugar santo" (SMITH, 1979, p. 48, 49).

"Viam agora que estavam certos em crer que o fim dos 2.300 dias em 1844 assinalava uma crise importante. Mas, conquanto fosse verdade que se achasse fechada a porta da esperança e graça pela qual os homens durante mil e oitocentos anos encontraram acesso a Deus, outra porta se abria, e oferecia-se o perdão dos pecados aos homens, mediante a intercessão de Cristo no lugar santíssimo. Encerrara-se uma parte de Seu ministério apenas para dar lugar a outra. Havia ainda uma "porta aberta" para o santuário celestial, onde Cristo estava a ministrar pelo pecador". "Via-se agora a aplicação das palavras de Cristo no Apocalipse, dirigidas à igreja, nesse mesmo tempo..." (WHITE, 2013, 429, 430).

"[...] e que a aceitação da verdade concernente ao santuário celeste envolvia o reconhecimento dos requisitos da lei de Deus, e da obrigatoriedade do sábado do quarto mandamento. Aí estava o segredo da oposição atroz e decidida à exposição harmoniosa das Escrituras, que revelavam o ministério de Cristo no santuário celestial. Os homens procuravam fechar a porta que Deus havia aberto, e abrir a que Ele fechara. Mas "O que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre", tinha declarado: "Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar." Apoc. 3:7 e 8. Cristo abria a porta, ou o ministério, do lugar santíssimo; resplandecia a luz por aquela porta aberta do santuário celestial, e demonstrou-se estar o quarto mandamento incluído na lei que ali se acha encerrada; o que Deus estabeleceu ninguém pode derribar" (Ibidem, 435).

"Vi que a presente prova do sábado não poderia vir até que a mediação de Jesus no lugar santo terminasse e Ele passasse para dentro do segundo véu; portanto os cristãos que dormiram antes que a porta fosse aberta no santíssimo, quando terminou o clamor da meia-noite no sétimo mês, em 1844, e que não haviam guardado o verdadeiro sábado, agora repousam em esperança, pois não tiveram a luz e o teste sobre o sábado que nós agora temos, uma vez que a porta foi aberta.

"Eu vi que Satanás estava tentando alguns do povo de Deus neste ponto. Sendo que grande número de bons cristãos adormeceram nos triunfos da fé e não guardaram o verdadeiro sábado, eles estavam em dúvida quanto a ser isto um teste para nós agora. Os inimigos da verdade presente têm estado procurando abrir a porta do lugar santo, a qual Jesus fechou, e a fechar a porta do lugar santíssimo, que Ele abriu em 1844" (Ibidem, p 42, 43).

“Viam agora que estavam certos em crer que o fim dos 2.300 dias em 1844 assinalava uma crise importante. Mas, conquanto fosse verdade que se achasse fechada a porta da esperança e graça pela qual os homens durante mil e oitocentos anos encontraram acesso a Deus, outra porta se abria, e oferecia-se o perdão dos pecados aos homens, mediante a intercessão de Cristo no lugar santíssimo. Encerrara-se uma parte de Seu ministério apenas para dar lugar a outra. Havia ainda uma "porta aberta" para o santuário celestial, onde Cristo estava a ministrar pelo pecador”. “Via-se agora a aplicação das palavras de Cristo no Apocalipse, dirigidas à igreja, nesse mesmo tempo...” (WHITE, 2013, 429, 430).

“[...] e que a aceitação da verdade concernente ao santuário celeste envolvia o reconhecimento dos requisitos da lei de Deus, e da obrigatoriedade do sábado do quarto mandamento. Aí estava o segredo da oposição atroz e decidida à exposição harmoniosa das Escrituras, que revelavam o ministério de Cristo no santuário celestial. Os homens procuravam fechar a porta que Deus havia aberto, e abrir a que Ele fechara. Mas "O que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre", tinha declarado: "Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar." Apoc. 3:7 e 8. Cristo abria a porta, ou o ministério, do lugar santíssimo; resplandecia a luz por aquela porta aberta do santuário celestial, e demonstrou-se estar o quarto mandamento incluído na lei que ali se acha encerrada; o que Deus estabeleceu ninguém pode derribar” (Ibidem, 435).

“Vi que a presente prova do sábado não poderia vir até que a mediação de Jesus no lugar santo terminasse e Ele passasse para dentro do segundo véu; portanto os cristãos que dormiram antes que a porta fosse aberta no santíssimo, quando terminou o clamor da meia-noite no sétimo mês, em 1844, e que não haviam guardado o verdadeiro sábado, agora repousam em esperança, pois não tiveram a luz e o teste sobre o sábado que nós agora temos, uma vez que a porta foi aberta. Eu vi que Satanás estava tentando alguns do povo de Deus neste ponto. Sendo que grande número de bons cristãos adormeceram nos triunfos da fé e não guardaram o verdadeiro sábado, eles estavam em dúvida quanto a ser isto um teste para nós agora. Os inimigos da verdade presente têm estado procurando abrir a porta do lugar santo, a qual Jesus fechou, e a fechar a porta do lugar santíssimo, que Ele abriu em 1844” (Ibidem, p 42, 43).

3.8

Conheço as tuas obras – eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar – que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome.

Eu conheço o que vocês da igreja de Filadélfia fazem, e por isso mesmo desde 1844 tenho colocado diante de vocês a porta do santíssimo lugar do Santuário celestial, para o qual adentrei (para os contemporâneos a João, Eu Sou esta porta); este não foi construído por mãos humanas, de modo que homem algum pode fechar. Vocês têm pouco poder em relação ao poderio hegemônico da cultura religiosa tradicional arraigada; mesmo assim vocês mantiveram os Meus ensinamentos e não foram contraditórios e incoerentes quanto à prática dos mesmos.

“Nos capítulos dez e quatorze encontra-se uma muito ampla exposição da vasta obra da igreja de Filadélfia” (MELLO, 1959, p. 97).

“Este foi um período de notável atividade na obra das missões cristãs e na distribuição da Bíblia. A Sociedade Bíblica Britânica começou a funcionar em 1804 e a Americana em 1816. Mas foi também um momento de grande interesse no cumprimento da profecia bíblica e do breve retorno de Cristo. O cumprimento dos sinais dados por Jesus (Mateus 24:29), o

escurecimento do sol e a lua vermelha como sangue (19/5/1780) e a queda das estrelas (13 / 11 / 1833), indicava a proximidade do fim. Assim, o fim do século 18 testemunhou a inauguração de um dos mais poderosos movimentos para a evangelização do mundo. O período de Filadélfia culminou com o Grande Movimento do Segundo Advento do século XIX. Através do estudo das profecias de Daniel e Apocalipse, a cristandade chegou a uma profunda convicção de que a Volta de Cristo estava próxima. Este reavivamento culminou numa grande decepção, como veremos quando estudarmos Apocalipse 10” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 11).

“Esta porta não foi aberta até que a mediação de Jesus no lugar santo do santuário terminou em 1844. Então Jesus Se levantou e fechou a porta do lugar santo e abriu a porta que dá para o santíssimo, e passou para dentro do segundo véu, onde permanece agora junto da arca e onde agora chega a fé de Israel. Vi que Jesus havia fechado a porta do lugar santo, e que nenhum homem poderia abri-la; e que Ele havia aberto a porta para o santíssimo, e que homem algum poderia fechá-la” (WHITE, 2007b, p. 42).

“Mas a igreja de Filadélfia não vira a porta do lugar santíssimo, aberta, que Deus abrisse diante de si. Esta igreja, como vimos, esperava a segunda vinda de Cristo em 1844, no final do período dos 2300 anos da profecia de Daniel, capítulo oito versículo quatorze. Por esta razão não podia ver a obra mediadora de Cristo no lugar santíssimo, além do ano de 1844. Foi esta falta que determinou a sua amarga decepção naquele ano, demonstrada cabalmente na profecia do capítulo dez. A igreja que a seguiu, Laodicéia, deparou a porta aberta para o santíssimo e compreendeu o ministério sacerdotal de Jesus ali desde 1844 até que Sua porta também se feche e o Senhor venha buscar os Seus amados seguidores. Enquanto esta porta não fôr fechada com o término do ciclo da intercessão de Jesus no santíssimo, “ninguém a pode fechar”. E quem não entrar por esta porta de misericórdia agora, para encontrar a seu Salvador, nunca O há de encontrar e estará perdido para a eternidade” (MELLO, 1959, p. 99, 100).

“Esta pouca fôrça não implica em pouca fé e poder do alto, mas em recursos materiais e influência no mundo. O versículo seguinte atesta que a igreja tinha inimigos, da sinagoga de Satanás. Estes, da igreja de Sardo apóstata, cujo número era avultado, fizeram-lhe cerrada guerra. Todavia a igreja fôra elogiada por guardar a palavra viva do Senhor, em meio às oposições, pouca influência e bens no mundo. Fiel à Sua palavra e enfrentando os obstáculos, secundada pelo poder do alto, a igreja de Filadélfia ia cumprir o propósito de Deus exarado nas profecias” (MELLO, 1959, p. 100).

3.9

Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei.

Então Eu farei com que os que se dizem cristãos, mas que na verdade os considero membros da sinagoga de Satanás (são mentirosos e falsos como o pai deles), sim, farei com que esses se dirijam a vocês e reconheçam (ao menos externa e publicamente) que Eu amo Minha igreja, Meu corpo.

“Logo ouvimos a voz de Deus semelhante a muitas águas, a qual nos anunciou o dia e a hora da vinda de Jesus. Os santos vivos, em número de 144.000, reconheceram e entenderam a voz, ao passo que os ímpios julgaram fosse um trovão ou terremoto. Ao declarar Deus o tempo, verteu sobre nós o Espírito Santo, e nosso rosto brilhou com esplendor da glória de Deus como aconteceu com Moisés, na descida do Monte Sinai.

“[...] Por causa de nosso estado feliz e santo, os ímpios enraivecaram-se e arremeteram violentamente para lançar mão de nós, a fim de lançar-nos à prisão, quando estendemos a mão em nome do Senhor e eles caíram indefesos ao chão. Foi então que a sinagoga de Satanás conheceu que Deus nos havia amado a nós...” “O senhor acha que aqueles que adoram prostrados aos pés dos santos (Apoc. 3:9), serão salvos no final. Nisto tenho que discordar do senhor, pois Deus mostrou-me que esta classe é de adventistas nominais que já caí-

ram, já crucificaram de novo o Filho de Deus, e O expuseram ao vitupério público. E na hora da tentação que está para vir, para expor o verdadeiro caráter de cada um, eles conhecerão que estão perdidos para todo o sempre; e oprimidos, angustiados de espírito, eles cairão aos pés dos santos”, Thiele (1960, p. 88) citando Ellen G. White.

- | | | |
|------|---|---|
| 3.10 | Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. | E pelo fato de vocês perseverarem em Minhas promessas, em Meus ensinamentos, eles se cumprirão na vida de vocês no período de maior provação que acontecerá em todo o planeta, sobretudo imediatamente antes do Meu retorno, para esquadrihar o coração da humanidade e expor seu conteúdo. |
|------|---|---|

“Um grande tempo de prova que precede o Segundo Advento. Não é declarado qual será a sua duração” (BATTISTONE, 1989, p. 50).

“A palavra da paciência de Jesus são as Escrituras Sagradas, Sua inspiração.¹ Todo que a observar com fidelidade manifestará na vida a paciência que elas inspiram. Uma das recompensas que gozaria a igreja de Filadélfia por guardar a palavra da paciência do Senhor, era que seria guardada da terrível tentação que sobrevirá, em breve ao mundo. Esta tentação alude ao tremendo tempo em que as sete pragas forem derramadas na terra, também chamado tempo de angústia. Naquele tempo, os fiéis crentes da igreja de Filadélfia estarão guardados no túmulo, esperando o chamado de seu vitorioso Salvador” (MELLO, 1959, p. 100).

““Está iminente diante de nós a "hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na Terra". Apoc. 3:10. Todos aqueles cuja fé não estiver firmemente estabelecida na Palavra de Deus, serão enganados e vencidos. [...] Os que sinceramente buscam o conhecimento da verdade, e se esforçam em purificar a alma pela obediência, fazendo assim o que podem a fim de preparar-se para o conflito, encontrarão refúgio seguro no Deus da verdade.

“Como guardaste a palavra da Minha paciência, também Eu te guardarei” (Apoc. 3:10), é a promessa do Salvador. Mais fácil seria enviar Ele todos os anjos do Céu para protegerem Seu povo, do que deixar a alma que nEle confia ser vencida por Satanás”. “Embora o povo de Deus esteja rodeado de inimigos que se esforçam por destruí-lo, a angústia que sofrem não é, todavia, o medo da perseguição por causa da verdade; receiam não se terem arrependido de todo pecado, e que, devido a alguma falta, não se cumpra a promessa do Salvador: “Eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo.” Apoc. 3:10.” (WHITE, 2013a, p. 560, 619).

“Diz João em Apocalipse 14:12: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Os que agora vivem em paciente e fiel obediência aos mandamentos de Deus e à fé de Jesus serão guardados na hora de tentação e de perigo” (SMITH, 1979, p. 49).

- | | | |
|------|---|---|
| 3.11 | Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. | Eu volto já já. Continuem mantendo Meus ensinamentos como fonte da religiosidade de vocês, impedindo que outras filosofias os enganem, colocando-os no caminho onde em seu final não há coroa da vitória. |
|------|---|---|

“Apresenta-se aqui de novo a segunda vinda de Cristo, com maior ênfase do que

em qualquer das mensagens precedentes. Chama-se a atenção dos crentes para a proximidade desse acontecimento. A mensagem aplica-se a um período em que está iminente esse grande evento. Isto evidencia de modo indubitável a natureza profética destas mensagens. O que se diz das três primeiras igrejas não contém alusão alguma à segunda vinda de Cristo, visto não abrangerem um período em que pudesse esperar-se, bíblicamente, esse acontecimento. Mas com a igreja de Tiatira, tinha chegado o momento em que esta grande esperança começava a raiar para sobre a igreja.

A mente é levada para esta esperança por uma simples alusão: "Retende-o até que Eu venha." A etapa seguinte da igreja, o período de Sardes, encontra a igreja mais próxima desse acontecimento, e se menciona a grande proclamação que anunciaria a vinda de Cristo, e impõe-se à igreja o dever de vigiar: "Se não vigiares virei como ladrão." Mais tarde chegamos à igreja de Filadélfia, e a proximidade desse grande acontecimento leva Aquele que "é santo e verdadeiro" a pronunciar a instante declaração: "Eis que venho sem demora." De tudo isso se depreende que estas igrejas ocupam épocas sucessivas mais próximas do grande dia do Senhor, visto que, num crescendo cada vez mais pronunciado, este grande acontecimento vai-se realçando cada vez mais, e vai sendo chamada a atenção a ele de modo mais definitivo e impressionante. Ao chegar a este período, a igreja pode ver, de fato, que se vai aproximando aquele dia (Heb. 10:25)" (SMITH, 1979, 49, 50).

"O povo de Deus, nos últimos dias, deve usar a coroa da vitória espiritual (Apoc. 3:11; 6:2). Eles usam a coroa de duas maneiras: 1ª Eles possuem a dádiva da vida eterna (I S. João 5:12 e 13); 2ª Obtém a vitória sobre o pecado pelo poder de Cristo que habita neles (I S. João 5:4; Rom. 6:14)" (BATTISTONE, 1989, p. 100). "O trono e a coroa são penhores de uma condição atingida; são os testemunhos da vitória sobre o próprio eu por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (WHITE, 2007c, p. 619).

3.12	Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome.	Quem continuar vencendo irei torná-lo um pilar na morada do Meu Deus, uma referência para todos os demais e dali jamais sairá; também irei escrever em seu caráter o Nome do meu Deus, o nome da Cidade do Meu Deus – a Jerusalém renovada – que descerá do Céu vinda diretamente do Meu Deus, e ainda escreverei o Meu novo Nome. Ou seja, o caráter de Meus filhos vitoriosos será semelhante ao do Deus que eles escolheram adorar e seu destino será habitar com esse Deus.
------	--	---

"[...] em 17 d.C. [Filadélfia] sofreu um terrível terremoto (comum na região). Talvez esteja aí a referência à coluna (símbolo de firmeza) que cada justo se tornaria no templo de Deus e daí jamais será movido" (SILVA, 2009, p. 91).

3.13	Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.	Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) das sete igrejas.
3.14	Ao anjo da igreja em Laodicéia	Para o mensageiro que receberá

escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus:

esta mensagem lá na igreja de Laodicéia, você diz assim João: o Autor desta mensagem é o Sim de Deus (2ª Co 1.20), o Deus-Verdade (Is 65.16), Aquele que não possui mentira em Seus lábios, a Causa primeira de tudo o que foi criado por Deus:

3.15

Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente!

Eu conheço como vocês da igreja de Laodicéia são: são do mundo mas creem ser Meus. Eu preferiria que fossem ou do mundo ou Meus!

“Muitos do professo povo peculiar de Deus estão tão conformados com o mundo que seu caráter peculiar não é discernido, e torna-se difícil fazer distinção ‘entre o que serve a Deus e o que não O serve’ [MI 3.18]. Deus faria grandes coisas por Seu povo se eles se separassem do mundo. Caso se submetessem à Sua direção, Ele torná-los-ia um louvor em toda a Terra” (WHITE, 2013b, p. 116).

“A Igreja de Laodicéia é repreendida por sua falta de fervor espiritual, mas os membros que recebem a dádiva da justiça de Cristo são reintegrados na condição de pureza que distinguiu os cristãos primitivos” (BATTISTONE, 1989, p. 43).

“A rica cidade de Laodiceia estava situada em uma importante estrada comercial. Era famosa por ter uma indústria de fabricação de lã, por seus bancos (que tinham grande quantidade de ouro) e por uma escola de medicina que produzia um colírio famoso. A prosperidade de Laodiceia enchia os cidadãos de autossuficiência. Em torno de 60 d.C., quando um terremoto destruiu a cidade, os cidadãos recusaram a ajuda de Roma, alegando que tinham tudo de que precisavam para a reconstrução. Como faltava água na cidade, seu fornecimento se dava por meio de um aqueduto que vinha das fontes termais em Hierápolis. Visto que a fonte ficava distante de Laodiceia, a água tornava-se morna quando chegava ali” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 31).

3.16

Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca;

E por viverem essa duplicidade e não se decidirem de que lado estão, isso Me causa tão grande mal-estar que estou prestes a lançá-los fora de Meu corpo;

“A aparência destituída da verdadeira essência causa náuseas a Cristo. Ao lerem isso, os destinatários do Apocalipse teriam, por certo, a vivida descrição dos muitos chafarizes, ou ninfeus, que faziam parte da ornamentação da cidade. Eram obras de arte, esculpidas no mais fino estilo greco-romano. Mas o incauto sedento que fosse beber de suas águas seria surpreendido pelo gosto ruim que elas possuíam. Sendo a região rica em sulfato, o mesmo produto que permitia a fabricação de colírio contaminava os principais lençóis freáticos, fazendo com que muitas fontes de água mineral se tornassem salobras. Além disso, o vale era parte de uma região vulcânica que aquecia as águas tornando-as mornas e impróprias para o consumo. A prefeitura local gastava muito dinheiro canalizando água potável de alguma fonte para as residências. Porém, os chafarizes continuavam vertendo uma água mineral aparentemente cristalina, mas salobra e morna” (SILVA, 2009, p. 95).

3.17

pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.

e vocês ainda dizem: “temos riquezas, não somos necessitados”, mas Eu os vejo como pessoas sem alegria, na penúria espiritual, necessitadas de ajuda,

com visão anuviada e despidas do Meu perdão.

τυφλός (tuphlos) significando “opaco por fumaça” ou “cego física ou mentalmente”, traduzindo a partir do aplicativo the Word.

“Muitos se aferram a suas dúvidas e pecados prediletos, mas estão tão enganados que falam e sentem como se não necessitassem de nada. Acham-se na maior necessidade da graça de Deus e de discernimento espiritual para poderem descobrir sua deficiência no conhecimento espiritual. Falta-lhes quase toda qualificação necessária para aperfeiçoar um caráter cristão. Não têm um conhecimento prático da verdade bíblica, o qual conduz à humildade na vida e à uma submissão à vontade de Cristo. Não vivem obedecendo aos requisitos de Deus”.

“Aos que se sentem seguros em seus progressos, aos que se crêem ricos em conhecimento espiritual, é-lhes difícil receber a mensagem que declara estarem enganados e necessitados de toda graça espiritual. O coração que não foi santificado é enganoso mais que todas as coisas e perverso’ [Jr 17.9]. Muitos se estão lisonjeando de que são bons cristãos, mas não têm um só raio da luz de Jesus. Não têm uma viva experiência pessoal na vida divina. Necessitam humilhar-se profunda e cabalmente diante de Deus antes de sentir sua verdadeira necessidade de esforços ferventes e perseverantes para obter os preciosos dons do Espírito” (MELLO, 1959, p. 108).

“Foi-me mostrado que a maior causa de o povo de Deus se achar agora nesse estado de cegueira espiritual, é o não receberem a correção. Muitos têm desprezado as reprovções e advertências que lhes foram feitas. A Testemunha Verdadeira condena o estado morno do povo de Deus, o qual dá a Satanás grande poder sobre eles, neste tempo de espera e vigilância. Os egoístas, os orgulhosos, e os amantes do pecado são sempre assaltados por dúvidas. Satanás tem habilidade em sugerir dúvidas e inventar objeções ao testemunho que Deus envia, e muitos consideram uma virtude e indício de inteligência, o mostrar-se incrédulo, questionar e contrafazer. Os que querem duvidar têm suficiente oportunidade para isso. Deus não Se propõe fazer desaparecer toda ocasião para a incredulidade. Apresenta evidências que precisam ser cuidadosamente investigadas, com espírito humilde e susceptível ao ensino; e todos devem julgar pela força dessas mesmas evidências” (WHITE, 2013c, 306).

“Os laodiceanos vangloriam-se de um profundo conhecimento da verdade bíblica, uma profunda visão nas Escrituras. Eles não são totalmente cegos, se assim fosse, o colírio não teria nenhum valor para lhes restaurar a visão, e capacitá-los a discernir os verdadeiros atributos de Cristo. [...] O olho é a consciência sensível, a luz interior da mente. [...] O “colírio”, a Palavra de Deus, que faz doer a consciência ao ser aplicada; pois convence do pecado. Mas a dor é necessária para que a cura possa vir em seguida”; Ellen G. White, R & H, 3/11/1897 apud Thiele e Berg (1960, p. 102).

3.18

Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas.

Por conhecer vocês completa e profundamente, Eu, Jesus, lhes dou Meu diagnóstico e a receita para a cura: negociem comigo (Is 55.1-7)! Eu sou e tenho amor que vale mais do que uma rica conta bancária, e desejo muito fazer uma troca com vocês: Eu coloco Meu amor e Minha fé (1ª Pe 1.7) no caráter de vocês e, em troca, vocês não priorizam mais as “riquezas” que dizem possuir, as quais não podem resolver os verdadeiros problemas da humanidade. Posso torná-los ricos de

verdade e eternamente, como Eu sou; mas, para que isso aconteça, preciso colocá-los no crisol, para que Eu, como Ourives, retire as contaminações do pecado que estão no caráter de cada um, através do fogo da provação e, somente assim, Minha imagem estará estampada em cada um de vocês. Também lhes ofereço em troca os resultados de Meu sacrifício na cruz – perdão e santificação (Zc 3), que permearão o estilo de vida de vocês e os revestirão por completo, em lugar da nudez espiritual que prevalece sobre os que pensam obter a salvação por seus méritos (e os que nem na salvação pensam) e outros métodos de salvação que não dependem do Meu sacrifício. E ainda ofereço Meu colírio para a visão obscurecida de vocês: a Minha Palavra, o conjunto das Minhas revelações à humanidade, acompanhada da unção do Espírito Santo (At 10.38, Jo 14.26 e 16.13). Somente com a cosmovisão gerada pelo batismo diário do Espírito Santo vocês verão a realidade convencionada por Mim, claramente.

“Jesus não repreendeu os cristãos em Laodiceia por um pecado grave. Seu problema era a complacência que levava à letargia espiritual. Assim como a água que chegava à cidade, eles eram mornos. Declaravam ser ricos e não precisar de nada; no entanto, eram pobres, nus e cegos em relação à sua condição. A igreja de Laodiceia simboliza a situação espiritual da igreja de Deus perto do fim da história da Terra. Na advertência de Jesus em Apocalipse 16:15, há uma referência às “vestiduras brancas” da justiça de Cristo, necessárias a Laodiceia em sua nudez espiritual (veja Ap 3:18).

“Essa advertência em meio a uma referência à batalha do Armagedom pode parecer estranha, pois não mais é possível receber essas vestiduras. Afinal, a porta da graça já terá fechado para todos. Mas a advertência aparece em conexão com a sexta praga e o Armagedom, pois Jesus desejava lembrar Laodiceia de estar preparada para o terrível conflito, antes que fosse tarde demais. Se o povo de Laodiceia preferir permanecer nu (Ap 3:17, 18), estará perdido e envergonhado em Sua vinda (veja 1 Jo 2:28–3:3)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 31).

“Talvez alguns digam que esperar favor de Deus por meio de nossas obras é exaltar os próprios méritos. Certamente não podemos comprar uma vitória sequer com nossas boas obras; todavia, nos é impossível ser vitoriosos sem elas. A compra que Cristo nos recomenda é simplesmente cumprir as condições que Ele nos propõe. A verdadeira graça, que é de inestimável valor e que resistirá a experiência da provação e da adversidade, só se obtém pela fé, e pela humilde obediência apoiada pela oração. As graças que resistem as provas da aflição e da perseguição, e demonstram sua pureza e sinceridade, são o ouro que é provado no fogo e

achado genuíno. Cristo oferece vender este precioso tesouro ao homem: 'Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo.' Apocalipse 3:18. O morto, frio cumprimento do dever não nos faz cristãos. Devemos sair do estado de mornidão e experimentar conversão real, ou perderemos o Céu" (WHITE, 2013c, p. 88).

"É na tentativa de salvar o crente do orgulho espiritual e da acomodação no erro que Cristo diz repreender e disciplinar a todos quantos ama. Essa repreensão poderá vir desde a forma de advertências proféticas até o colapso que leva a mente a se lembrar de Deus. Situada em uma área de muitas atividades sísmicas, Laodiceia sofria muito com terremotos que causavam grande destruição. Durante o reinado de Augusto, um forte tremor destruiu vários prédios que foram reconstruídos com a ajuda do Império.

"Em 17 AD., foi novamente atingida, e recuperada por Tibério César. Porém, quando a cidade se viu abalada pelo mais terrível terremoto de sua história, em 60 a. D., simplesmente recusou qualquer ajuda imperial, alegando que isso seria uma humilhação para seus abastados cidadãos. Seu orgulho havia chegado ao limite do ridículo. Historiadores como Estrabão e Tácito dizem que Laodiceia não apenas recusou a ajuda imperial, mas procurou reconstruir-se com suas próprias forças.

"Um único morador, chamado Nicostratus, disse ter dinheiro suficiente para, sozinho, financiar a reconstrução do estádio olímpico. Quando o enviado de Roma chegou à porta da cidade para verificar o estrago e agilizar a remessa de ajuda, os orgulhosos representantes dispensaram sua visita, sugerindo que seguisse adiante buscando outro povo mais necessitado do que eles. Esse episódio repercutiu negativamente entre o povo que, 40 anos depois, ainda era reconhecido como orgulhoso e arrogante. Curiosamente, por esse tempo, boa parte da população laodiceana era constituída de judeus, muitos deles convertidos ao cristianismo. O segmento judaico da metrópole contava com algo em torno de sete a onze mil habitantes. Há quem estime que a atitude orgulhosa diante do desastre seria estimulada por judeus influentes que moravam no lugar. Seja como for, os destinatários imediatos da carta estavam bem familiarizados com a história da rejeição e se lembraram dela, ao lerem a advertência de Cristo para que o erro não se repetisse na igreja cristã local" (SILVA, 2009, p. 95, 96).

"Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida" (1ª Timóteo 6.17-19).

"O colírio é aquela sabedoria e graça que nos habilitam a discernir entre o mal e o bem e a detectar o pecado sob qualquer disfarce. Deus deu a Sua igreja olhos aos quais requer dos crentes que unjam com sabedoria, para que vejam claramente; muitos, porém, se pudessem, tirariam os olhos da igreja; pois não quereriam que suas ações viessem a luz, para não serem reprovados. O colírio divino comunicara clareza ao entendimento. Cristo é o depositário de todas as graças. Ele diz: "Aconselho-te que de Mim compres." Apocalipse 3:18" (WHITE, 2013d, p. 88).

"A Testemunha fiel e verdadeira nos aconselha, de um modo formal e solene, sob as figuras de ouro, vestiduras brancas e colírio, a procurar nele, rápida e fervorosamente, um aumento das celestes graças da fé, esperança e amor, a justiça que só Ele pode dar, e a unção do Espírito Santo. Mas como é possível que um povo destituído destas coisas se considere rico? Há uma explicação possível, e talvez necessária, visto não haver lugar para outra. Devemos observar que nos laodicensenses não se encontra falta alguma quanto às doutrinas que professam. Não são acusados de albergarem no seu meio nenhuma Jezabel, ou de apoiarem as doutrinas de Balaão ou dos nicolaítas. Pelo teor da carta, vemos que a sua crença é correta, e a sua doutrina sã. Deduz-se, pois, que se contentam com ter uma doutrina correta.

"Satisfazem-se com uma correta forma de religião sem o seu poder. Tendo recebido luz acerca dos acontecimentos finais desta dispensação, e com correto conhecimento teórico das verdades que dizem respeito à última geração da humanidade, são inclinados a confi-

ar nisso e negligenciam a parte espiritual da religião. É, sem dúvida, por suas ações, não por suas palavras, que se declaram ricos. Tendo tanta luz e verdade, que mais podem eles desejar? Se defendem a teoria, e no que concentre à sua vida exterior, se conformam com a progressiva luz derramada sobre os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, não será sua justiça completa? Não são ricos, e enriquecidos, e de nada tendo falta? Aqui está o seu fracasso. Todo o seu ser devia ansiar pelo espírito, o fervor, a vida, o poder do cristianismo vivo” (SMITH, 1979, p. 57,58).

3.19	Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te.	Como Pai da humanidade, Eu menciono quais são seus erros e educo a todos, sem exceção, pois Eu amo muito Minha criação. Dou-lhes esta ordem de Pai: reconheçam seus erros e mudem. Usem o livre-arbítrio que Eu lhes dei.
3.20	Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.	Estou sempre em contato com a mente de cada ser humano, e faço isso respeitosamente. Não uso Meu livre-arbítrio divino desrespeitando o livre-arbítrio humano. Mas tenho pressa! As aprendizagens acontecem na maior velocidade que Eu consigo realizar, de acordo com a resposta que Eu recebo daquele a quem convido e insisto. Todos os que Me correspondem positivamente, mantemos um relacionamento de obrigações mútuas, uma simbiose entre Criador e criatura cujo foco é a santificação bíblica como preparo para Meu retorno iminente.

“Jesus assegurou aos habitantes de Laodiceia que os amava. Ele apela para que eles se arrependam (Ap 3:19). Ele concluiu Seu apelo descrevendo-Se como o Amante de Cânticos 5:2-6, que está à porta, batendo e implorando para entrar (Ap 3:20). Todos os que abrem a porta e O deixam entrar têm a promessa de que terão um jantar pessoal com Ele e, finalmente, reinarão com Ele em Seu trono (veja Ap 20:4)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 31).

“Em Laodicéia, o anúncio da breve chegada é substituído pela visão de alguém que já chegou e está à porta, esperando entrada. Diferente do costume ocidental, no oriente, quando alguém chega a uma casa, anuncia-se. O recurso de bater à porta é mais comumente usado para situações de emergência ou crise carente de pronto atendimento. Um amigo em visita cordial, não apressada, anunciava seu nome, e o anfitrião reconhecia a voz, convidando-o a entrar.

“Porém, numa situação de urgência, como a chegada de um exército ou uma tempestade, não havia tempo para anúncios formais e utilizava-se o método de bater fortemente à porta, indicando que o assunto era sério. A partir desse reconhecimento cultural, entendemos que Jesus não está calmamente batendo, como se fosse apenas uma visita regular. Ele bate com força, denunciando urgência. O tempo está terminando e a necessidade de aceitar Sua salvação é agora. A urgência dos acontecimentos e a vontade divina de salvar o homem explicam o gesto de Cristo, insistindo à porta do nosso coração, para que o abramos e Lhe concedamos morada.” (SILVA, 2009, p. 96, 97).

“Oh profundidade insondável do grande amor divino! O Salvador, qual penitente e suplicante, desce da glória onde em todos tem livre acolhida, para se colocar à porta da igreja de Laodicéia. Vêmo-Lo do lado de fora, onde o deixam desdenhosamente, batendo e rogando que seja admitido! De nenhuma outra das seis igrejas anteriores é dito terem cometido tão cruel indiferença para com o Senhor a quem tudo devem! Mas, que grandiosa manifestação de compaixão e clemência por uma igreja que em geral não Lhe corresponde!

“Mesmo que a tenha declarado morna, desgraçada, miserável, pobre, cega e nua, ela é ainda a Sua igreja amada e devota-Lhe tôda a imensidade de Seu inigualável amor. Ele não pode abandoná-la, pois é contrário a Seus afetos por ela deixá-la no abandono, a perder. Ele compreende que, agora, no estado precário em que ela se encontra, mais que nunca necessita d’Ele como Médico assistente. Não pode consentir, jamais, que Sua igreja padeça de tão grandes males, sem Sua assistência. Ansioso procura vê-la e ser por ela recebido com um amor não menor do que o que Lhe tem dispensado” (MELLO, 1959, p. 114).

“Diz a Testemunha Verdadeira: “Eis que estou à porta, e bato”. Apocalipse 3:20. Toda advertência, reprovação e súplica, transmitida pela Palavra de Deus ou por Seus mensageiros, é uma batida na porta do coração. É a voz de Jesus que solicita entrada. A cada toque não atendido, torna-se mais fraca a disposição para abrir. A impressão do Espírito Santo que é hoje rejeitada, não será tão forte amanhã. O coração torna-se menos impressionável, e cai numa perigosa inconsciência da brevidade da vida e da grande eternidade além. Nossa condenação no Juízo não será resultado de haveremos estado em erro, mas do fato de termos negligenciado as oportunidades enviadas pelo Céu, para conhecer a verdade” (WHITE, 2007c, p. 428).

“Quando o testemunho da Testemunha Fiel, concluir a sua obra, todos os impenitentes mornos, que porventura ainda cerrarem seus ouvidos e corações aos apelos de Jesus e preferirem continuar no deplorável estado espiritual, serão então arrojados da igreja por uma sacudidura determinada pelo fato de se terem levantado contra o testemunho da Testemunha Fiel. A igreja de Laodicéia estará então isenta de mornos, de cristãos espiritualmente desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus.

“O puro trigo estará então só pela primeira vez na história da igreja de Cristo, pronto para ser recolhido ao celeiro do reino eterno que o espera. Abramos, pois, agora, a porta ao Salvador, e tenhamos o indizível gôzo de clamar alegremente: “Oh! já estás aqui!” “Quando Cristo reina no coração, há santidade e libertação do pecado. A glória, a plenitude e a perfeição do plano do evangelho se cumprem na vida. A aceitação do Salvador proporciona um gôzo de perfeita paz, de genuíno amor e completa segurança. A beleza e a fragrância do caráter de Cristo, revelados na vida, testificam que Deus enviou, de fato, Seu Filho ao mundo, a fim de ser seu Salvador” (MELLO, 1959, p. 116).

“Quando a pessoa se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana. A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua.

“Uma alma assim guardada pelos seres celestes, é inexpugnável aos assaltos de Satanás. Mas a menos que nos entreguemos ao domínio de Cristo, seremos governados pelo maligno. Temos inevitavelmente de estar sob o domínio de um ou de outro dos dois grandes poderes em conflito pela supremacia do mundo. Não é necessário que escolhamos deliberadamente o serviço do reino das trevas para cair-Lhe sob o poder. Basta negligenciarmos fazer aliança com o reino da luz. Se não cooperarmos com os instrumentos celestes, Satanás tomará posse do coração e torná-lo-á morada sua.

“A única defesa contra o mal, é Cristo habitar no coração mediante a fé em Sua justiça. A menos que nos unamos vitalmente a Deus, nunca poderemos resistir aos não santificados efeitos do amor-próprio, da condescendência com nós mesmos e da tentação para pecar.

Podemos deixar muitos hábitos maus, podemos por tempos separar-nos de Satanás; mas sem uma ligação vital com Deus pela entrega de nós mesmos a Ele momento a momento, seremos vencidos. Sem conhecimento pessoal com Cristo e constante comunhão ficamos submetidos ao inimigo, e havemos afinal de fazer-lhe a vontade” (WHITE, 2007c, p. 273).

- | | | |
|------|---|---|
| 3.21 | Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. | Quem continuar vencendo receberá a mesma recompensa que Eu recebi, ao completar parte de Minha missão na Terra: subi até o Santuário Celestial e Me sentei no trono de Deus Pai, acima da arca da Aliança (cf. 2° Rs 19.15; Nm 7.89 e Êx 25.22). Eu farei questão de que reinem comigo durante os mil anos, governando o universo inteiro ao Meu lado (cf. Dn 7.27), para terem todas as suas perguntas respondidas e compreenderem minimamente o Meu ponto de vista, Minha cosmologia, a realidade convencionada por Deus. |
| 3.22 | Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. | Quem tem interesse em aprender de Mim, atenda ao Espírito Santo que está conduzindo as mentes de João (na recepção desta mensagem e sua escrita) e Meus outros mensageiros (na leitura e transmissão dela) para as sete igrejas. |

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987.

GULLEY, Norman R. **Lições da Escola Sabatina**, 3º Trimestre de 1996, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sobre As Profecias Do Apocalipse**, 1959.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 1, 2006.

SILVA, Rodrigo Pereira. **Comentário Gramático Histórico do Apocalipse** – Anotações para acompanhamento de classes. Faculdade Adventista de Teologia, 2009. Disponível em: <http://www.adventistas.com/wp-content/uploads/2014/10/Comentario-Gramatico-Historico-do_Apocalipse-Rodrigo-P-Silva.pdf>. Acesso em: jan. 2017.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, n° 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**, 2007c. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Desejado%20de%20Todas%20as%20Na%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

_____. **O Grande Conflito**, 2013a. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

_____. **Patriarcas e Profetas**, 2007a. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: mai. 2017.

_____. **Primeiros Escritos**, 2007b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

_____. **Testemunhos para a Igreja**, v. 2, 2013b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20a%20Igreja%202.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

_____. **Testemunhos para a Igreja**, v. 4, 2013c. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20a%20Igreja%204.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

_____. **Testemunhos Seletos**, v. 1, 2013d. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%201.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

Apocalipse 4

Ap	Texto (ARA, 3ª ed)	Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo
4.1	Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas.	Algum tempo depois da primeira visão (cf. Ap 1.10), eu olhei para cima e vi uma parte do conteúdo do Céu de Deus através de uma porta. E ouvi a mesma voz (que eu comparei com o somido da trombeta) falando comigo: <i>“suba mentalmente/espiritualmente e entre por esta porta, pois quero continuar lhe revelando o futuro.”</i>

“Depois destas coisas, olhei” (meta. tau/ta ei=don). É difícil precisar se o “depois” significa uma situação imediata ou uma situação posterior. O modo como a expressão plural meta. tau/ta ocorre no NT, especialmente em João, parece contrastar-se temporalmente com a forma singular meta. tou/to. As ocorrências no singular parecem definir acontecimentos cronologicamente imediatos, enquanto as ocorrências no plural parecem indicar acontecimentos não imediatos. Ex. Compare João 19:28 que é um singular, com o verso 38 que é plural. Veja também [singular] Jo. 11:7 e 11; Heb. 9:27; Atos 5:37; [plural] Lucas 10:1; Jo. 3:22; 7:1; Atos 7:7. No Apocalipse a forma plural aparece em 4:1 (aparece duas vezes; a segunda parte aponta a extensão da profecia até ao futuro); 7:9; 9:12; 15:5; 18:1; 19:1; 20:3. No singular a expressão aparece em 7:1. Não se trata de uma certeza absoluta, mas uma possibilidade de que as visões de João tenham ocorrido em períodos ou dias diferentes. Começou num sábado e se estendeu noutras ocasiões como no caso de Daniel (evidentemente sem o hiato de “anos” entre uma e outra visão). Seja como for, a repetição da fórmula *euvqe,wj evgeno,mhn evn pneu,mati* em 4:2 parece confirmar esta possibilidade (comp. com. 1:10)” (SILVA, 2009, p. 98).

“[Nos primeiros três capítulos de Apocalipse] examinamos as mensagens de Cristo para Seu povo na Terra. Agora, a visão de João passa da Terra para o Céu e se concentra no “que deve acontecer depois destas coisas” (Ap 4:1), o futuro. A visão dos capítulos 4 e 5 ocorre na sala do trono celestial. A cena dos capítulos 4 e 5 retrata simbolicamente o controle que Deus tem da história e do plano da salvação. Contudo, antes da revelação do futuro, vemos a centralidade do ministério sumo sacerdotal de Cristo para Sua soberania sobre os eventos na Terra e a redenção da humanidade.

“Dessa maneira, os capítulos 4 e 5 apresentam a perspectiva celestial sobre o

significado dos eventos futuros registrados no restante do livro. Pode-se notar também que, enquanto as mensagens às sete igrejas foram escritas em linguagem um tanto direta, a partir de então, o livro emprega uma linguagem ainda mais simbólica que nem sempre é fácil de interpretar. Essa linguagem é tirada da história do povo de Deus, conforme registrada no Antigo Testamento. Uma interpretação correta do Apocalipse requer uma compreensão adequada de sua linguagem simbólica à luz do Antigo Testamento” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 33).

“Logo após Sua ascensão, Cristo foi entronizado no lugar santo do templo celestial, através dessa primeira porta aberta. Quando Jesus aparece pela primeira vez no livro do Apocalipse, Ele está diante dos candelabros, no primeiro compartimento no santuário celestial (veja Ap 1:10-18)” (GULLEY, 2018, p. 23).

4.2	Imediatamente, eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e, no trono, alguém sentado;	Naquele mesmo instante eu recebi a segunda visão divina. A parte dentro do Céu que eu vi era um trono e uma Pessoa sentada nele;
-----	--	--

“[...] esta segunda visão desenrolou-se no lugar santíssimo do santuário, enquanto a primeira se desenrolou no lugar santo” (MELLO, 1959, p. 119).

“A palavra trono ocorre 62 vezes no Novo Testamento. Destas, 47 aparecem no livro do Apocalipse e, no capítulo 4, temos 14 ocorrências, ou seja, trono é uma palavra-chave neste capítulo. Este é o trono de Deus e suas várias referências servem para nos lembrar que existe um trono exaltado acima de todos os tronos, de onde Deus governa este planeta conduzindo sua história para um final feliz para todos os que aceitam Seus planos. O cenário da visão do capítulo 4 e 5 de Apocalipse é o próprio Santuário Celestial, onde se encontra o trono de Deus e Cristo ministra em favor de Seus filhos” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 13).

“Ele é móvel como se fosse uma carruagem de movimento próprio (Salmo 68:4; 104: 3 e 4; Isa. 66:15) ou puxada pelos querubins (veja Salmo 18:6-14) sob o comando de Deus. Embora, é claro, esta seja uma linguagem poética, os querubins e serafins são reais e participam do movimento divino (Isa. 6:1-6; Apoc. 4:8). No templo de Salomão o propiciatório era com rodas como uma carruagem (compare Êxo 25:17-22 com I Crôn. 28:18). Deus é visto movimentando-se em seu trono como se fosse uma carruagem de guerra (cf. Hab.3:3-15).

“[...] O trono é, por direito, ocupado por Jesus Cristo (Apocalipse 5). As carruagens de guerra, antigamente, tinham dois combatentes (veja 1 Reis 22:34). Jesus, conforme mostrado no capítulo 5, compartilha o trono com o Pai (cf. Apoc. 3:21; Salmo 110:1; Rom. 8:34; Efésios 1:20-22; Filipenses 2:9; Hebreus 1:3; 12:2; I Pedro 3:22)” (SILVA, 2009, p. 99).

“As últimas cenas mostradas a João em Apoc. 3:14-22 revelam especificamente a Era do Juízo, 1844 até a Volta de Jesus. Depois de revelar a condição espiritual da igreja laodiceana no período do juízo pré-advento, Deus segue revelando a João a grande Sala do Juízo Celestial, o Santíssimo do Santuário do Céu, onde Jesus deve penetrar para receber o Livro Selado com Sete Selos, e iniciar o juízo. O trono identifica o Santíssimo.

“O trono de Deus não é visto em movimento, encontramos testemunhos bíblicos de que Deus Se levanta e Se senta; Ele Se movimenta (Sal. 35:2; 44:26; 68:1; 102:13; Zac. 2:13; 6:13; Dan. 7:9-10 etc.) mas estes textos não falam do trono se movimentando; Alberto Treiyer afirma: “Apoc. 4 fala, não de um trono móvel, mas do trono eterno que não muda de lugar, ele sempre está no Santíssimo.” “O trono visto por João identifica-se como estando no Santíssimo, e o cenário visto é o do juízo, semelhante à visão de Daniel 7, em correspondência tipológica ao ritual do Dia da Expição. Se os castiçais são vistos em frente do trono, é devido ao fato de que a porta que separava o Lugar Santo e o Santíssimo estava aberta (Apoc. 4:1).” “João recebe uma visão mais extensiva e detalhada do juízo do que Daniel. Depois de descre-

ver o 'contínuo' ministério do Filho do Homem no Lugar Santo (Apoc. 1-3; cf. Dan. 8:11, 13), ele O vê aparecendo no final dos 2.300 anos no Santíssimo, para vindicar Seu povo e receber o livro da herança Daquele que está sentado no trono (Apoc. 4-5; cf. Dan. 8:14-19)."

"Todo o livro do Apocalipse diz respeito ao no Santuário Celestial, é dali que saem todas as ordens, é ali que se centraliza o ministério de Jesus. Há quinze referências ao Templo Celestial em Apocalipse, usando os seguintes nomes: Templo, Templo de Deus, o Templo que está no Céu, e o Templo do Tabernáculo do testemunho (Apoc. 3:12; 7:15; 11:1, 2, 19; 14:15, 17; 15:5, 6, 8; 16:1, 17; 21:22). Daniel e Apocalipse `se relacionam com os mesmos assuntos.'" (RAMOS, 2006, p. 183 e 184).

4.3	e esse que se acha assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda.	da Pessoa sentada irradia uma glória multicolor que eu comparo às cores branca e vermelha, e rodeando Seu trono está o arco-íris cuja cor central é bem verde.
-----	---	--

"[...] foi ao profeta permitido ver, ao menos, a glória de Deus, que êle descreve como as pedras preciosas — jaspe e sardônica. O jaspe é transparente e resplandescente, um silex (duro), existindo de várias côres: — branco, vermelho, marrom, amarelo, verde, cinza, opaco, roxo e prêto. A sardônica é de uma variedade parda ou vermelho-sanguíneo da calcidônia" (MELLO, 1959, p. 120 e 121). "Jaspe – cor vermelha; última pedra no peitoral do sumo sacerdote. Sardônica – pedra preciosa avermelhada; primeira pedra no peitoral do sumo sacerdote" (THIELE, 1960, p. 109).

"A esmeralda é uma pedra preciosa de uma bela côr verde transparente. O verde é a côr mais recreativa ao olhar, razão por que predomina na natureza. No arco-íris, a côr verde é a côr central, pelo que na visão predominou mais à vista do profeta, daí ter dito que o "arcoceleste" "parecia semelhante à esmeralda". Como emblema da graça de Deus, a forma do arco-íris indica que a divina graça não se circunscreve a uma limitada porção do mundo, mas que o abraça inteiramente, e em suas sete belas côres deparamos a evidência da perfeita e abundante graça que alcança o pecador" (THIELE, 1960, p. 121).

"A descrição da aparência deste Ser, com vestes de diversas cores sugere imediatamente a idéia de um monarca vestido com as suas vestes reais. Em redor do trono havia um arco-íris, reforçando a majestade da cena, recordando-nos que, embora onipotente e absoluto, o que está sentado sobre o trono é também o Deus que cumpre a aliança" (SMTH, 1979, p. 65).

"O escritor do Apocalipse declara: `Eis que um trono estava posto no Céu, e Um assentado sobre o trono. [...] E o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda'. Apocalipse 4:2, 3. Quando o homem pela sua grande impiedade convida os juízos divinos, o Salvador, intercedendo junto ao Pai em seu favor, aponta para o arco nas nuvens, para o arco celeste em redor do trono e acima de Sua cabeça, como sinal da misericórdia de Deus para com o pecador arrependido" (WHITE, 2007, p. 80).

4.4	Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro.	Também rodeando o trono eu vi e contei vinte e quatro outros tronos, e assentado sobre cada um estava um sacerdote humano glorificado com roupa branca e uma coroa de ouro sobre sua cabeça.
-----	---	--

"Em Apocalipse 4 o número 24 é usado simbolicamente. A cena toda é uma representação simbólica da realidade. Não devemos deduzir que há um número literal de 24 anciãos no Céu. Esse número chama nossa atenção para as funções dos anciãos. Como havia 24

divisões ou classes de sacerdotes que labutavam no santuário antigo, assim a obra dos anciãos é auxiliar a Cristo, nosso Sumo Sacerdote, em Seu ministério celestial". "Além de seus deveres sacerdotais no santuário, que outra função era exercida pelos sacerdotes israelitas? Deut. 17:8-12; comparar com 19:17; II Crôn. 19:8-10; Ezeq. 44:24. Os antigos sacerdotes israelitas eram juizes adjuntos. Assim também, os anciãos celestiais ajudam a Cristo em Sua obra de julgamento." (BATTISTONE, 1989, p. 59 e 60).

"O número 24 não deve causar tanta celeuma, trata-se de uma duplicação do número doze que é símbolo do povo de Deus. Um emblema, portanto" (SILVA, 2009, p. 102).

Os links seguintes apresentam um vídeo e um artigo, respectivamente, que acrescentam ao leitor do assunto: <https://www.youtube.com/watch?v=JJB0DuQg2Ck> e <http://blogdoprofh.com/2011/06/29/quem-sao-os-vinte-e-quatro-anciaos-em-apocalipse-4/>.

"*Coroas de ouro*, o símbolo da vitória (II Tim.4:8). Há duas palavras gregas traduzidas por coroa: *diadema* é a coroa de um potentado, um rei ou rainha; *stephanos* é a coroa de um vitorioso. Em Apoc. 4:4 a palavra grega para coroa é *stephanos*, indicando a vitória dos anciãos sobre o pecado" (RAMOS, 2006, p. 196).

"A descrição dos anciãos em Apocalipse 4:4 revela que eles não são seres angelicais. Na Bíblia, o título "anciãos" é sempre usado para se referir ao ser humano. Diferentemente dos anjos, que estão sempre na presença de Deus, esses anciãos se sentam em tronos. As vestes brancas que eles usam são o traje do povo fiel de Deus (Ap 3:4, 5). As coroas da vitória (no grego, *stephanos*; Ap 4:4) em sua cabeça são reservadas exclusivamente para os santos vitoriosos (Tg 1:12).

"Todos esses detalhes sugerem que os 24 anciãos sejam os santos glorificados. O número 24 é simbólico: ele consiste em dois conjuntos de 12, sendo o número 12 um símbolo do povo de Deus na Bíblia. Os 24 anciãos representam o povo de Deus em sua totalidade, tanto dos tempos do Antigo quanto do Novo Testamento. O número 24 também reflete os chefes dos 24 grupos de sacerdotes que se revezavam nos serviços do templo terrestre (1Cr 24:1-19). O fato de os 24 anciãos nunca terem sido mencionados antes na Bíblia sugere que eles sejam um grupo novo na sala do trono celestial.

"Talvez eles sejam os que ressuscitaram no momento da ressurreição de Jesus (Mt 27:51-53). Se esse é o caso, esses 24 anciãos que subiram com Cristo ao Céu tornaram-se representantes da humanidade, a fim de testemunhar a justiça das ações de Deus na realização do plano da salvação. Em Apocalipse 5:9, os 24 anciãos, juntamente com os quatro seres vivos (v. 8), prostram-se em adoração diante do Cordeiro que foi morto, mas vive. Juntos, eles entoam um novo cântico, exaltando o Cordeiro como Aquele que é digno porque foi morto e, com Seu sangue, "comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação", e para Deus os constituiu "reino e sacerdotes; e reinarão sobre a Terra" (Ap 5:8-10)" (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 35).

4.5

Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus.

Eu comparo o que vi no trono aos relâmpagos e trovões, e às vezes que os profetas do Antigo Testamento viram e ouviram em outras manifestações divinas. E diante do trono eu vi o Senhor Espírito Santo com a função de auxiliar Jesus em preparar Sua Igreja na Terra e enchê-la de poder.

Moisés e todo o povo de Israel presenciaram "relâmpagos", "trovões" e "trombetas" (vozes?) no Sinai, quando Deus desceu até aquele monte (Êx 19.16 e 20.18). Os quatro seres vivos se movimentam como "relâmpagos", de acordo com o profeta Ezequiel (1.14). E

ainda: havia aspecto de fogo e "relâmpagos" nesses seres (Ez 1.13). Um salmista também associa o reinar de Deus com "relâmpagos" (Sl 97.4). Davi relacionou o livramento de Deus com "relâmpagos" (Sl 144.6).

O profeta João também associou esses *efeitos especiais* com o lugar santíssimo do santuário celestial (Ap 8.5 e 11.19). Mateus descreve a aparência do anjo que removeu a pedra do sepulcro do Senhor como "relâmpago" (Mt 28.3), algo semelhante ao que o profeta Daniel fez em sua descrição de Miguel (Dn 10.6). Eliú compara a voz de Deus ao "trovão" (Jó 37.2-5), algo parecido com o que o próprio João fez (Ap 10.3, 4; 19.6). O profeta Isaías associa "trovões" ao julgamento/castigo divino (Is 29.6), e João da mesma forma (Ap 16.18). João em outros textos vincula "vozes" à informação pronunciada (Ap 8.13 e 11.15).

Confira o comentário de Apocalipse 1.4 onde a expressão "sete Espíritos" aparece pela primeira vez, na nota 10. Rodrigo P. Silva (2009, p. 103) diz: "Note que ali os espíritos mencionados não participam do louvor e da adoração mencionada nos versos 8-11. Era de esperar, caso fossem anjos, que adorassem a Deus e ao Cordeiro juntamente com os demais. Talvez alguém pergunte, mas caso fosse Deus, era de se esperar que fossem adorados juntamente com Deus e o Cordeiro, ou que compartilhasse o mesmo trono. [...] é curioso notar um aspecto da ação do Espírito na História da Redenção: ele age de modo discreto (veja João 14:17; 15:26 e 27; 16: 13, 14). Ademais note que o Pai se destaca na dispensação do Antigo Testamento e a menção do Filho (por exemplo nas visões de trono e demais episódios) é tímida ou quase inexistente. No Novo Testamento há um destaque maior para o Filho que deixa de ser "anônimo". O Espírito, lembremos, está no período pós apostólico, exercendo sua função na História. Ele agora é o enviado, por isso a tímida menção de sua pessoa no céu".

4.6	Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás.	Vi também diante do trono algo que eu comparo a um mar de cristal. No meio do trono, e ao redor dele, eu vi quatro criaturas talvez capazes da onisciência divina!
-----	---	--

Compare a menção do "mar de cristal" com Ap 15.2; Ez 1.22 e Êx 24.10.

"Quatro – universalidade, número que tudo inclui: Apoc. 7:1; Ezeq. 7:2; Mat. 24:31; Mar. 13:27" (THIELE; BERG, 1960, p. 122).

"Sobre quatro criaturas viventes repousa o trono de Deus, pelo que elas assim estão no meio e ao redor do trono, com seus rostos voltados para as suas bordas. Ezequiel diz que as "quatro criaturas viventes" são "anjos querubins". As características destes querubins são emblemas do caráter do trono de Deus ou do Seu governo universal. A vigilância do Seu governo sobre Seus ilimitados domínios, é manifesta plenamente pelo número incomum de olhos — ao redor e por dentro — que têm os quatro querubins. É isto demonstração de que o governo de Deus, sobre milhões de mundos habitados, não está acéfalo no abandono, mas sob vigilância e cuidado perfeito do Todo-poderoso" (MELLO, 1959, p. 126).

"Do mesmo modo que havia querubins de ouro perto do trono no santuário terrestre (Êxo. 37:7-9), no Céu há querubins de posição superior aos anjos em geral. Desempenham a função de comandantes que transmitem aos outros anjos as ordens dadas pelo próprio Senhor. [...] Os anjos diante do trono de Deus estão diretamente envolvidos nas questões terrestres. [...] Embora estivessem sustendo o trono de Deus (Ezeq. 1:26-28), estavam em contato com os acontecimentos na Terra, pois Ezequiel viu ao lado de cada criatura vivente 'uma roda na Terra' (Ezeq. 1:15). A 'roda dentro da outra' (v.16), que se estendia do Céu à Terra [Ezequiel não disse isto, mas que eram "altas", verso 18] era dirigida pela criatura vivente. As quatro rodas representam o controle dos acontecimentos terrestres que Deus exerce por meio das criaturas viventes" (BATTISTONE, 1989, p. 61 e 62).

"Grande em conselho e magnífico em obras; porque os teus olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos dos homens, para dar a cada um segundo o seu proceder,

segundo o fruto das suas obras” (Jr 32.19). “Porque, quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele;” (2ª Cr 16.9a). “Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de presságio; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo. Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos; eis que eu lavrarei a sua escultura, diz o SENHOR dos Exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra, num só dia”. “Aqueles sete olhos são os olhos do SENHOR, que percorrem toda a terra” (Zc 3.8, 9 e 10b). Sobre a possibilidade de Deus ter dotado essas criaturas com Seu atributo onisciência, cf Ap 5.6 e 8, e os respectivos comentários. Talvez o número sete associado aos olhos confine a onisciência ao Renovo/Cordeiro, ou seja, somente a Deus. Parece ser uma possibilidade mais forte.

“Os quatro seres vivos simbolizam os seres exaltados que servem a Deus como Seus agentes e guardiões de Seu trono (Sl 99:1). Suas asas indicam simbolicamente sua rapidez na execução das ordens de Deus, e seus olhos apontam para sua inteligência. Sua presença, juntamente com os 24 anciãos e as miríades de anjos ao redor do trono (Ap 5:11), revela que, tanto o Céu quanto a Terra estão representados na sala do trono” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 35).

4.7

O primeiro ser vivo é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivo é semelhante à águia quando está voando.

A primeira criatura se parece com o leão, lembrando a tribo de Judá (acompanhada de Issacar e Zebulom, voltadas para o oriente de onde virá o Rei) na disposição das 12 tribos israelitas no deserto; a segunda se parece com um bezerro como a tribo de Efraim (acompanhada de Manassés e Benjamim, voltadas para o ocidente); a terceira possui a face como a de um ser humano, símbolo da tribo de Rúbem (acompanhada de Simeão e Gade, voltadas para o sul); e a quarta criatura se parece com a águia quando está voando, símbolo da tribo de Dã (acompanhada de Aser e Naftali, voltadas para o Norte).

“Segundo a tradição judaica mais antiga preservada tanto oralmente como por escrito, quando Deus apareceu no Sinai, ele estava cercado por 22.000 anjos divididos em grupos e cada grupo representado por um anjo superior diferente. Assim, foi desejo de Israel também estar dividido em grupos à semelhança do esquema celestial. No céu, o trono de Deus, segundo esta tradição ocupava o centro da multidão angelical e tinha quatro anjos em redor: Miguel, Gabriel, Uriel e Rafael. Esses quatro seres corresponderiam às quatro tribos representativas de todo o povo e que ficavam em torno do santuário a saber: Rúben [sic], Judá, Dan e Efraim, todas com seus respectivos estandartes. Um leão estampava o estandarte de Judá, uma águia o de Dã, um novilho o de Efraim e um homem o de Rúben” (SILVA, 2009, p. 109 e 110).

“Muitos livros antigos apresentam uma serpente no estandarte de Dã e não uma águia. Porém, há de se notar que os estandartes não tinham apenas um animal desenhado mas vários deles. Efraim, por exemplo, tinha um novilho e um peixe além de letras e cores diversas e ocorria de certas descrições darem valor a apenas um detalhe em detrimento a outros. Além disso, João poderia ter propositalmente omitido ou mudado a figura da serpente para não confundir com o símbolo do Diabo que seria apresentado no capítulo 12” (SILVA, 2009, p. 110).

“Alguns comentaristas têm ligado estes quatro seres viventes a quatro aspectos do ministério de Cristo, realçados nos evangelhos. Mateus escreve sobre o caráter real de Jesus dando ênfase ao rei em seu reino (25:34; 27:37). Isto é bem simbolizado pelo *Leão*, o majestoso rei dos animais. Marcos retrata a Jesus principalmente como servo dos homens (9:35; 10:44), sendo o novilho (boi) o símbolo de serviço. O evangelista Lucas revela Jesus como filho do homem (4:1-2; 9:56), daí o *tosto como de homem*. Por sua vez, João destaca a deidade de Jesus (1:1, 14; 10:1-2; 10:30). Essa característica de Jesus é simbolizada pela *águia voando*. Ainda outra aplicação pode ser feita às tribos de Israel. Embora o relato da organização delas no deserto, em Números 2, não mencione, a tradição judaica ensina que elas estavam sob os estandartes das quatro tribos líderes. O estandarte da tribo de Judá era um leão, da tribo de Ruben um homem, o estandarte da tribo de Efraim um boi e, da tribo de Dã, uma águia” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 14 e 15).

4.8	E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir.	As quatro criaturas que vi, possuíam seis asas cada uma (como os serafins de Isaías 6.1-3) e talvez elas foram capacitados por Deus com Sua onisciência para testemunharem Seu trabalho como Juiz e Governador dos mundos. Elas, em sua auditoria e procuradoria, não paravam de testemunhar do amor, da santidade e da justiça da incomparavelmente sábia controladoria relacional otimizada de Deus, em Seu mister divino sobre toda Sua criação! Elas, com prazer, exclamavam: “Santo, Santo, Santo é Javé Deus, o Todo-Poderoso, Aquele que sempre existiu, existe e vive proativamente e que aparecerá na volta de Jesus!”
-----	---	---

“Enquanto prossegue na Terra o conflito com o mal, louvor e devoção estão continuamente sendo oferecidos a Deus pelos habitantes do Céu que não tem pecado. [...] As instrumentalidades do Céu estão continuamente em atividade, efetuando sua obra e prestando louvor a Deus. João Wesley chama isso de ‘feliz desassossego’. [...] Eles enaltecem incessantemente a grandeza de Deus proclamando Sua santidade, poder e eternidade. Santidade é o principal atributo de Deus. (Ver Lev. 11:44 e 45). [...] O reconhecimento da santidade de Deus por meio de adoração, louvor e ações de graça constitui algo aceitável a Ele. Sem apropriado conhecimento da santidade de Deus e de Seu amor e cuidado por Suas criaturas, é impossível prestar-lhe serviço” (BATTISTONE, 1989, p. 56, 63 e 65).

4.9	Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos,	Enquanto as quatro criaturas dão glória, honra e agradecimentos a Deus em Seu trono, o Eterno,
4.10	os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, procla-	os vinte e quatro sacerdotes humanos glorificados se prostaram diante de Deus em Seu trono, adoram ao Eterno, tiram suas coroas de vitória e as colocam perante o trono, exclaman-

mando:

do também com muito prazer:

“Há duas palavras gregas traduzidas por coroa: *diadema* é a coroa de um potentado, um rei ou rainha; *stephanos* é a coroa de um vitorioso. Em Apoc. 4:4 a palavra grega para coroa é *stephanos*, indicando a vitória dos anciãos sobre o pecado” (RAMOS, 2006, p. 196).

4.11

Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas.

“Javé e Deus, Tu és merecedor de receber nosso reconhecimento, toda glória, honra e todo poder que possuis, pois és o único Criador, Mantenedor e Restaurador em todo o universo; o universo e seu conteúdo existem por causa da Tua vontade, a qual possui poder de ação imediatamente à Sua intenção e é por isso que existimos.”

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

GULLEY, Norman. **Preparação para o Tempo do fim**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 492, abr., mai., jun., 2018. Adultos, Aluno.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sobre As Profecias Do Apocalipse**, 1959.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 1, 2006.

SILVA, Rodrigo Pereira. **Comentário Gramático Histórico do Apocalipse** – Anotações para acompanhamento de classes. Faculdade Adventista de Teologia, 2009. Disponível em: <http://www.adventistas.com/wp-content/uploads/2014/10/Comentario-Gramatico-Historico-do_Apocalipse-Rodrigo-P-Silva.pdf>. Acesso em: jan. 2017.

SMITH, Urias. **As profecias de Daniel e Apocalipse**, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e Profetas**, 2007. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: mai. 2017.

Apocalipse 5

Ap	Texto (ARA, 3ª ed)	Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo
5.1	Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos.	Eu vi na mão direita de Deus o Pai, o qual estava sentado no trono, um rolo escrito na parte de dentro (e de fora?) e selado com sete selos em sua parte externa.

“O rolo que o Cordeiro toma da mão do Pai [Apoc. 5:7] é um livro do destino que declara o veredicto de Deus. [...] Daniel viu livros de registro abertos no julgamento - incluindo o livro da vida (Cap. 7:10). A visão do apóstolo João é complementar. Ele não viu os livros de registro, mas lhe foi mostrado, na mão do Pai, o livro do destino, o qual é o veredicto do tribunal celestial depois de terem sido examinados os livros de registro e editado o livro da vida. [...] O Pai tem nas mãos o livro do destino. Esse livro contém o futuro de vida ou morte de todo ser humano. Deus prevê a atitude de cada pessoa para com Sua graça, mas Ele não a predetermina: Rom. 8:29; I S. Ped. 1:2; Isa. 46:9 e 10; S. João 13:11” (BATTISTONE, 1989, p.70, 73 e 74).

“O fato de estar na mão direita dAquele que estava sentado no trono pode significar que só Deus tem conhecimento do futuro, a não ser que o queira revelar” (SMITH, 1979, p. 71).

“O livro visto na mão de Deus estava escrito “por dentro e por fora”. Alguns comentaristas opinam que a vírgula devia, por razão, ser colocada depois da palavra “dentro”, lendo-se então a frase: “Um livro escrito por dentro, e por fora selado”. Entretanto, “algumas vezes os rolos eram escritos de ambos os lados, e a maneira em que isto era feito é também explanada por um moderno viajante, que viu dois antigos rolos deste gênero na Síria, que narraremos em suas próprias palavras: ‘No mosteiro’, diz Mr. Hartley, ‘observei dois belos rolos originais, contendo a liturgia de S. Crisóstomo e que os gregos atribuíam a S. Tiago. Para ler você começa por desenrolar, e continua a ler e desenrolar, até enfim chegar à vareta em que o rolo está prêso; então você vira o pergaminho, e continua a ler do outro lado, rolando-o gradualmente até completar a liturgia’” (MELLO, 1959, p. 129).

“Assim, este livro não devia estar escrito do lado de dentro e do lado de fora, como parece indicar a pontuação da nossa versão comum. ‘Grocio, Lowman, Fuller, etc.’, – diz em certa Bíblia anotada – ‘tiram a vírgula, assim: Escrito por dentro, e por trás (ou por fora)

selado” (SMITH, 1979, p. 71).

5.2	Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?	Também vi um anjo forte perguntando em voz bem alta: Quem em todo o universo é merecedor de receber o rolo das mãos de Deus, quebrar-lhe os sete selos e confirmar seu conteúdo?
-----	---	--

“O Pai segurava o livro selado em suas mãos. A expectativa no céu era muito grande. Deus o Pai está assentado no grande trono denotando ser Ele o Juiz, mas Ele não podia abrir o livro, esperava por alguém que fosse digno de abri-lo. Por que não Ele, o Pai? Mesmo nos tribunais da Terra, o acusado não pode advogar em causa própria, assim também no Juízo Celestial. O Pai foi o primeiro a ser acusado diante do universo. Antes de Adão e Eva serem criados Lúcifer levantou suspeitas contra o caráter de Deus e a validade de Sua Lei. Essas acusações contra Deus só poderiam ser retiradas ou confirmadas em corte, por isso, na profecia de Daniel 8:14 foi determinado o dia da corte: 22 de outubro de 1844. O Pai esperou, o Céu todo esperou com expectativa por esse dia quando o Leão da tribo de Judá viria ao Pai para receber o livro e iniciar o juízo. O Juízo Celestial diz respeito à vindicação do caráter do Pai” (RAMOS, 2006, p. 217).

“Situação grave ocasionaram no céu as acusações contra Deus lançadas por Satanás. Constituíam, realmente, uma acusação de incapacidade de governar o céu. Muitos dos anjos creram nelas. Colocaram-se ao lado do acusador. A terça parte dos anjos, que devem ter sido milhões, considerou a Deus justamente como o fazia seu chefe, o mais elevado dentre eles, Lúcifer. Não foi pequena a crise. Ameaçava a própria existência do governo divino. Como devia Deus tratá-la? A única maneira de resolver satisfatoriamente o assunto, para que nunca mais surgisse uma dúvida, consistia em que Deus submetesse o caso às regras comuns da evidência. Era ou não justo Seu governo?

“Afirmava Ele que sim; Satanás dizia que não. O Senhor podia ter destruído a Satanás. Isso, porém, não teria sido um argumento, ou melhor, seria uma prova contra Deus. Não havia outra maneira senão a de apresentarem os partidos suas evidências, seus testemunhos, e deixarem pesar seu caso pelas provas aduzidas. Temos, pois, uma cena de julgamento. Está em jogo o governo divino. Satanás é o acusador; Deus mesmo é o acusado e está em julgamento. Foi acusado de injustiça, de exigir que Suas criaturas façam o que não lhes é possível, e de castigá-las, no entanto, por não o fazerem.

“A lei é o ponto específico de ataque; sendo, porém, simplesmente um transunto do caráter divino, são Deus e Seu caráter os que estão na cena do julgamento. A fim de que Deus prove Sua inocência, é necessário demonstrar que não foi arbitrário em seus reclamos, que a lei não é dura nem cruel em suas exigências, mas, pelo contrário, é santa, justa e boa, e que os homens podem guardá-la. Todo o necessário é que Deus apresente um homem que tenha guardado a lei, e Sua causa está ganha. Na ausência de tal caso, Deus perde e Satanás ganha. O resultado depende, portanto, de um ou mais seres que guardem os mandamentos divinos. Nisso põs Deus em jogo Seu governo” (ANDREASEN, 1948, p. 209, 210).

5.3	Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele;	Mas de qualquer direção deste universo não apareceu alguém que pudesse reconhecer o rolo, abri-lo e revelar seu conteúdo;
-----	--	---

A expressão usada por João, certamente, se refere ao lugar geométrico por ele conhecido; algo bem menor do que o universo visualizado pelos astrônomos desta década. João não está revelando a existência de apenas esse lugar ou de um único universo. No entanto, se houvesse mais de um universo, os desdobramentos do grande conflito entre Deus e Satanás poderiam envolver esses outros cosmos? Esses outros universos seriam mostrados ao

profeta e por ele mencionados nos assuntos relativos ao nosso universo?

- | | | |
|-----|--|---|
| 5.4 | e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. | sendo assim, eu, João, soluçava de tanto chorar, pois ninguém aparecia com a dignidade necessária para abrir o rolo e tratá-lo com familiaridade. |
|-----|--|---|

"A promessa feita ao apóstolo: 'Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas' (Apoc. 4:1), parecia ter sido frustrada. A impossibilidade de encontrar alguém que abrisse o rolo teria adiado indefinidamente a revelação da decisão de Deus no tocante aos salvos e aos perdidos. Sem um veredicto divino ninguém poderia ser salvo. Se o rolo não pudesse ser aberto, não haveria salvação para pessoa alguma." (BATTISTONE, 1989, p. 73).

"O amado apóstolo, diante do silêncio do universo para êle incrível, chora copiosamente. Temeu que a igreja do Senhor ficasse privada de conhecer o conteúdo do livro selado. Seu coração se comoveu e abateu-se profundamente seu espírito. Seu zelo por ser a igreja provida de maiores conhecimentos dos mistérios da redenção foi manifesto em pranto. Com suas lágrimas copiosas parece querer interferir junto de Deus para que não deixasse Seu povo na falta da revelação contida naquele livro. E o pranto do profeta diz-nos eloqüentemente que o Apocalipse foi regado com lágrimas em sua recepção. [...] As lágrimas do amado discípulo, porém, constituem um veemente apêlo a todos aquêles que foram investidos com as dignidades do santo ministério, para que não permitam faltar à igreja um conhecimento abundante das sublimes verdades a ela indispensáveis" (MELLO, 1959, p. 130).

"João sabia pelo Espírito que nele estava, o que significava o livro selado. Ele sabia que, se ninguém fosse encontrado digno e capaz de tomá-lo da mão de Deus e tirar os selos, todas as promessas dos profetas, e todas as esperanças dos santos, e todas as pré-intimações de um mundo resgatado, falhariam.... seria a herança prometida que, agora, no momento exato da recuperação, por causa de uma falta iria para a eterna alienação? ... E olhando a questão por este ponto de vista, bem poderia um profeta fervoroso chorar, sem perder coisa alguma de sua honra e mansidão. ... Aquele livro, se não fosse exaltado e aberto, seria a desgraça e o luto da igreja. Fala de uma herança não resgatada – filhos ainda estranhos à possessão adquirida. Mas aquele livro aberto é a glória e o regozijo da igreja. É a garantia de sua reintegração naquilo que Adão perdeu – a recuperação de tudo aquilo que esteve há tanto tempo e tão cruelmente privada por causa do pecado"; Thiele (1960), p. 122, citando J.A. Seiss.

- | | | |
|-----|--|---|
| 5.5 | Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. | Então um dos sacerdotes humanos glorificados me falou: " <i>você não precisa chorar! O Senhor Jesus Cristo venceu e continua vencendo para ser digno de abrir o rolo e desatar seus sete selos. Ele é o tranquilo e seguro 'Siló' de Gênesis 49 (9 e 10) que viria para o 'leãozinho' Judá. Jesus também é o prometido 'ramo ou rebento ou renovo do tronco de Jessé' (cf. Is 11.1), o 'segundo rei Davi ou o Davi ideal', mas que também é anterior a Davi, pois Ele é 'a raiz de Jessé' (Is 11.10).</i> " |
| 5.6 | Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro | Foi aí que eu vi em pé no trono, entre as quatro criaturas e os sacerdotes humanos glorificados, |

como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra.

um Cordeiro abatido. Ele representava a Jesus Cristo — Aquele que possui pleno poder e completa capacidade de salvar qualquer pecador da Terra; é onisciente sabedor de tudo como Deus e como Homem trabalha em íntima associação com o Senhor Espírito Santo, o Qual está na Terra com a mesma missão de salvar o pecador que não O impedir.

“O Salvador é apresentado perante João sob os símbolos do “Leão da tribo de Judá”, e de um “Cordeiro, como havendo sido morto”. Apoc. 5:5 e 6. Esses símbolos representam a união do onipotente poder e do amor que se sacrifica. O Leão de Judá, tão terrível para os que rejeitam Sua graça, será o Cordeiro de Deus para os obedientes e fiéis” (WHITE, 2007, p.409).

“O grego dá a entender que o Cordeiro apareceu ferido na nuca e na garganta, como uma vítima morta no altar.” William Jenks, *Comprehensive Commentary*, vol. V, pág. 684. Note on Revelation 5:6” citado por Smith (1979, p. 74 e 75). “Como se estivesse no ato de ser oferecido. Isto é muito notável. Tão importante é a oferta do sacrifício de Cristo à vista de Deus, que Ele é representado como no próprio ato de derramar Seu sangue pelos pecados do homem.” – Adam Clarke, *Commentary on the New Testament*, vol. II, pág. 991, Note on Revelation 5:6”, citado por Smith (1979, p.75).

“Que é simbolizado pelos sete chifres do Cordeiro? Apoc. 5:6; Deut. 33:17; II Sam. 22:3. Na Bíblia, os chifres às vezes são usados como símbolo de força ou poder (espiritual ou nacional). O salmista chama ao Senhor de ‘a força [chifre ou corno] da minha salvação’ (Sal. 8:2).

“Os sete chifres do Cordeiro representam o perfeito poder de Cristo para salvar, em virtude do Seu sacrifício”. “Em Zacarias 4:10, o profeta diz que ‘aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a Terra’. Eles constituem um símbolo da onisciência ou sabedoria infinita de Deus manifestada por intermédio da obra do Espírito Santo. Nada lhe é oculto. Sua eterna vigilância pelo Espírito Santo traz conforto, força e proteção a Seu povo”. “O Cordeiro com sete chifres e sete olhos, e que tem os sinais de morte sacrificial, é o Salvador onipotente e onisciente que desceu à sepultura e libertou os cativos do mal. Só Ele conhece os mistérios da redenção e pode revelá-los à Igreja” (BATTISTONE, 1989, p. 76 e 77).

“Dêste modo os homens são advertidos de que o poder pertence a Cristo e não a eles, e de que estão sob a Sua mais acurada vigilância em suas ações” (MELLO, 1959, p. 132).

“(a) Sete chifres – símbolos de poder, autoridade real - Deut. 33:17; Mat. 28:18; Apoc. 1:5; Dan. 4:17. (b) Sete olhos – símbolos de onisciência, penetração Zac. 3:8,9; 4:10; II Crôn. 16:9” (THIELE, 1960, p. 123).

5.7

Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono;

Então o Senhor Jesus Se aproximou e pegou o rolo que estava na mão direita de Deus o Pai, Aquele sentado no trono;

“Alguns têm ficado perplexos quanto a um Cordeiro poder tomar o livro da mão de Deus. As Sagradas Escrituras, no entanto, estão repletas de símbolos designando poderes e personagens em ação ou indicando o que tais poderes e personagens iriam realizar. Assim, não eram os símbolos que iriam realizar o que eles representavam mas sim as personagens que eles figuravam. O próprio Senhor Jesus é apresentado no Velho e no Novo Testamentos atra-

vés de muitos símbolos, incluso o de Cordeiro. Quando lemos que Êle, como Cordeiro, tomou o livro, não imaginamos a ação executada propriamente por um Cordeiro, senão por Êle de quem o Cordeiro era símbolo. Só o Salvador era digno, nos céus e na terra, de tomar o livro selado e revelar o seu conteúdo a Seu povo amado” (MELLO, 1959, p. 132 e 133).

5.8

e, quando tomou o livro, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos,

e quando Ele fez isso as quatro criaturas e os vinte e quatro sacerdotes humanos glorificados se ajoelharam perante Jesus; cada um deles, criaturas não-humanas e sacerdotes humanos, possuía uma harpa e uma taça de ouro contendo incenso, simbolizando as orações de fé que os pecadores em processo de salvação fazem a Deus,

“Entre os querubins havia um incensário de ouro; e, subindo a Jesus as orações dos santos, oferecidas pela fé, e apresentando-as Ele a Seu Pai, uma nuvem de fragrância subia do incenso, assemelhando-se a fumo das mais lindas cores. Por sobre o lugar em que Jesus Se achava, diante da arca, havia uma glória extraordinariamente brilhante, para a qual não podia olhar; parecia-se com o trono de Deus. Subindo o incenso para o Pai, a excelente glória vinha do trono a Jesus, e dEle se derramava sobre aqueles cujas orações tinham subido como suave incenso” (WHITE, 2007b, p.254).

Smith (1979, p.74, 75 e 76) cria que as quatro criaturas eram humanas: “No centro da cena estava o trono do Pai, e de pé no espaço aberto que o rodeava estava o Filho, apresentado sob o símbolo de um cordeiro morto. Em redor estavam os santos, que tinham sido remidos: em primeiro lugar os representados pelas [sic] quatro seres vivos, e depois os anciãos formando o segundo círculo, e os anjos (versículo 11) formando um terceiro círculo. A dignidade de Cristo, assim apresentado sob a figura de um cordeiro morto, é o objeto da admiração de toda a santa multidão”. “*Taças de ouro cheias de incenso*”. – Por esta expressão fazemos uma idéia da ocupação dos remidos representados pelos quatro seres vivos e pelos vinte e quatro anciãos. Têm taças de ouro, cheias de incenso, que são as orações dos santos. É um ministério própria [sic] de sacerdotes”. “E que podia ser mais próprio do que o Senhor ser assistido em Sua obra sacerdotal em favor da família humana por nobres membros dela, cuja santidade de vida e pureza de caráter os tenha habilitado para este fim?”. “E se os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos representam aqueles a quem Cristo tirou do cativeiro da morte ao ressuscitar e ascender ao céu, por que não serão eles seres tão literais no Céu como o eram quando ascenderam?”

No entanto, Thiele e Berg (1960, p. 113, 114 e 115) discordam dessa possibilidade: “A sua proximidade do trono deve indicar que são personagens de grande importância. Eles ministram e permanecem bem na presença de Deus. Estão mais próximos do trono do que os vinte e quatro anciãos. Estão nos quatro lados do trono. Todas as funções do trono, são também suas funções.

“Têm olhos em todos os lugares, de maneira que vêem tudo, capacitados para registrar e dirigir com perfeita sabedoria e conhecimento. São eles que regem a adoração diante do trono de Deus, pois foi, quando levantaram suas vozes em louvor e glória, que os vinte e quatro anciãos se prostraram em adoração diante do Criador do céu e da Terra. Possuem um caráter quádruplo em que combinam a sabedoria e a onisciência de todos os ramos da criação, – a razão, inteligência, devoção e ardor espiritual do homem, a majestade, coragem e audácia do leão; a submissão, paciência e força do boi, e a visão, a vista penetrante, a rapidez de ação e o notável poder da água.

“Estando ligados ao santuário de Deus no céu, as criaturas viventes devem ter algumas responsabilidades de importância em ligação com os serviços do santuário e com a

obra de Deus em salvar os homens. Seu serviço, forçosamente, deve ser de natureza diferente ao dos vinte e quatro anciãos que eram representados no santuário terrestre pelas vinte e quatro ordens de sacerdotes. As criaturas viventes ao redor do trono de Deus são representadas no santuário terrestre pelos querubins sobre o propiciatório, representando por sua vez as hostes angélicas". "Enquanto que os anciãos representam os homens diante de Deus, as criaturas viventes são representantes de Deus ao homem.

"Enquanto que os anciãos são conselheiros junto a Deus, as criaturas viventes são observadores e executores de Deus, dos divinos decretos. Enquanto que o serviço dos anciãos é junto de Deus no céu, o serviço das criaturas viventes é tanto no grande santuário do céu como entre os justos e os pecadores da terra..." [sic] "E, quanto aos anjos, diz: "O que de seus anjos faz ventos, e de seus ministros labareda de fogo." " Heb. 1:7. Muito embora as criaturas viventes possam ser reconhecidas mais propriamente como acima dos anjos, aqueles que vivem ao lado de Deus e às ordens de Deus, prontos para serem instantaneamente mandados a qualquer parte deste mundo ou do grande universo de Deus. Acham-se em todos os quatro pontos da bússola, comandando silenciosa e invisivelmente todas as atividades de Deus, dirigindo os negócios da terra de conformidade com os planos do céu".

5.9

e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação

eles juntos louvaram a Jesus com um cântico que há muito desejavam louvá-Lo, mas só puderam cantá-lo a partir desse momento, dizendo: És merecedor de tomar o rolo e quebrar-lhe os selos, pois o Senhor quis morrer no lugar dos pecadores da Terra já que somente com o Seu sangue seria possível pagar o preço da elaboração da possibilidade de resgatá-los para Deus, todo e qualquer pecador descendente de Adão e Eva, de todas as épocas, regiões da Terra e culturas

"No capítulo 4, os vinte e quatro anciãos louvaram a Deus por Sua obra de criação (verso 11). No capítulo 5 eles dirigem louvores a Jesus por Sua obra de redenção" (BATISTONE, 1989, 77 e 78).

"Logo após ter Jesus tomado o livro, a cena que se segue mostra a exultante adoração e louvor que é dado a Ele por ocasião da abertura do juízo, por todos os habitantes do Céu e da Terra. Onde, nas cenas apresentadas pelos profetas, pode-se encontrar algo comparável a isso? Onde, em toda a história, pode-se encontrar alguma cena gloriosa como esta? É o momento do Juízo Celestial; momento esperado desde quando Lúcifer lançou suas acusações contra Deus no Céu, acusações que só poderiam ser desfeitas através da Encarnação, da Vida, da Morte e da Ressurreição do Filho de Deus, que mediante o Seu sangue redimiu a raça caída e por isso é digno de abrir o livro selado e reivindicar o caráter do Pai diante do universo" (RAMOS, 2006, p. 229).

"É chamado "novo cântico", e é novo, provavelmente, em relação à ocasião e à composição. Sendo eles os primeiros que foram remidos, foram também os primeiros que puderam cantar. Chamam-se a si mesmos "reis e sacerdotes". Já vimos em que sentido são sacerdotes Assistem a de Cristo em Sua obra sacerdotal. No mesmo sentido, sem dúvida, são também reis, porque Cristo está sentado com o Pai no Seu trono, e sem dúvida estes, como ministros Seus, desempenham algum papel no governo do Céu em relação a este mundo" (SMITH, 1979, p. 76).

Mello (1959, p. 134) crê que os resgatados desse cântico se referem apenas aos sacerdotes humanos já resgatados e que trabalham no Santuário do Céu: "O novo cântico

acompanhado do toque de suas harpas é uma expressão da experiência da salvação que em Cristo auferiram. É isto o que diz outra versão: "Porque foste morto, e nos resgataste para Deus com o Teu sangue, de toda a tribo, e língua, e nação" [Tradução de Matos Soares]. De que tribo ou povos eram eles, não sabemos. Apenas somos informados de que eram santos cooperadores com Cristo, de cada século desde o princípio do mundo.

"No novo cântico expressam também que foram feitos reis e sacerdotes. O sacerdócio de Cristo, no qual tomam parte, é em face do reino da graça, um sacerdócio real.2) [sic] São, portanto, reis, do reino da graça, aliás, tanto mais que estão assentados em tronos onde só reis podem assentar-se. E o cântico deles finda com esta declaração: "E reinaremos sobre a terra". Tornar a esta terra com Cristo e com Ele e a família de Deus remida reinarem eternamente num reino de paz e amor é a esperança dos vinte e quatro anciãos."

- | | | |
|------|---|--|
| 5.10 | e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. | e para o Deus de todos nós o Senhor originou essa possibilidade na qual os que desejarem ser resgatados comporão o reino dEle, serão sacerdotes e governadores sobre o planeta Terra -- sacerdotes pois todos os resgatados irão a Deus sem a necessidade de representantes deles separados para este fim; e governarão à Terra assim como Adão e Eva o fizeram antes de serem expulsos do Éden. |
|------|---|--|

"Pela graça divina e através dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, cada crente nEle é feito sacerdote, permitindo-lhe ir a Deus diretamente" (BELVEDERE, 1987, p. 21).

- | | | |
|------|--|---|
| 5.11 | Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres vivos e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, | Eu, João, vi muitos anjos ao redor do trono de Deus, e também as quatro criaturas e os sacerdotes humanos glorificados formando uma multidão cuja quantidade era muito grande mesmo; e ouvi as vozes deles unidas |
| 5.12 | proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. | num volume bem alto proclamando: Jesus é merecedor, pois Ele quis morrer, de receber todo o poder, toda a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e todo o louvor. |
| 5.13 | Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. | Então eu soube que todas as criaturas de Deus -- as que habitam no Céu, em outros mundos fora do Céu e as do planeta Terra -- diriam um dia: Tanto para Deus o Pai que está no trono como para Jesus sejam dados louvor, honra, glória e domínio por toda a eternidade. |
| 5.14 | E os quatro seres vivos respondiam: Amém! Também os | E as quatro criaturas diante disso disseram: Assim seja! E os sacer- |

anciãos prostraram-se e adoraram.

dotes humanos glorificados se ajoelharam e adoraram a Deus o Pai e a Jesus.

Referências:

ANDREASEN, M. L. **O Ritual do Santuário**. Casa Publicadora Brasileira. 3ª ed. Tatuí, SP, 1983. (A paginação está de acordo com a segunda edição de 1948).

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 1, 2006.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**, 2007. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Atos%20dos%20Ap%C3%B3stolos.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.

_____. **Primeiros Escritos**, 2007b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em jun. 2018.

Apocalipse 6

Ap	Texto (ARA, 3ª ed)	Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo
6.1	Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres vivos dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem!	Eu, João, vi Jesus Cristo quebrando um dos sete selos, e nesse instante ouvi uma das quatro criaturas falando com voz imponente que eu a comparo ao som de um trovão! Ela disse: “Venham guerreiros!”

Possibilidades: 1) “A seqüência profética-simbólica dos sete selos relaciona-se com a história missionária da igreja cristã, com os primeiros sinais anunciando o segundo advento de Cristo e o próprio aparecimento do Senhor Jesus em glória e terrível majestade” (MELLO, 1959, p. 141). “Há um princípio fundamental de repetição ao se estudar as profecias do Apocalipse. Elas não são sucessivas, mas repetitivas, isto é, elas refluem, cobrindo de novo os mesmos períodos de tempo. Os sete selos, por exemplo, bem como as sete trombetas, que ainda estudaremos, cobrem o mesmo período de tempo das sete igrejas. Enquanto as sete cartas das sete igrejas tratavam da situação interna das igrejas, os sete selos destacam aspectos externos da Igreja Cristã, seus triunfos e fracassos” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 17). “Apocalipse 6 abre outra cadeia profética de eventos que cobre o mesmo terreno coberto pela profecia das sete igrejas, mas dando ênfase a diferentes eventos” (FEYERABEND, 2005, p. 51). “O Cordeiro toma o livro e procede imediatamente à abertura dos selos, e a atenção do apóstolo é chamada para as cenas que ocorrem sob cada selo. Já notamos que o número sete significa nas Escrituras plenitude e perfeição. Os sete selos representam acontecimentos de caráter religioso e abrangem a história da igreja desde o início da era cristã até a vinda de Cristo” (SMITH, 1960, p. 80).

2) “Se os selos fossem uma repetição histórica dos sete períodos da igreja qualquer ser angelical poderia ser escolhido para abri-los; ou então o próprio Pai teria tal autoridade. Se as sete cartas contando a história das Sete Igrejas não foram seladas num livro, por que o seria agora nesta parte do Apocalipse? Porém, se os Sete Selos se relacionam com o Juízo Celestial, e se eles têm a ver com a reivindicação do caráter de Deus diante de todo o universo, então justifica a seriedade e solenidade dos eventos registrados em Apocalipse cinco,

onde diz que o Leão-Cordeiro é o Único digno de abrir os selos, e isto porque Deus o Pai O constituiu Juiz de toda a Terra” (RAMOS, 2006, p. 244).

3) “Se o tema básico dos capítulos 4 e 5 é o juízo, então, o dos capítulos 6 e 7 é o da guerra, e neste trecho Deus é apresentado como Juiz e Guerreiro. Em Sua obra de julgamento Ele justifica os justos e condena os ímpios. Em Seus atos guerreiros Ele batalha a favor dos justos e os salva, e batalha contra os ímpios e os destrói. Esta cena marcial é semelhante à de Habacuque 3:8-15, onde Deus é apresentado como guerreiro, montado em Seus cavalos ou avançando em Seus carros de salvação a fim de salvar Seu povo; ou, avançando em marcha com o arco, indignado contra os ímpios, primeiro em desagrado, depois em ira e finalmente em furor” (THIELE; BERG, 1960, p. 131, 132).

“Todo este jogo e contra jogo das forças do bem e das forças do mal, acionam poderes de infinita magnitude, e neste grande conflito todas as forças do céu, – todo o infinito amor, sabedoria, justiça e poder de Deus e de toda a hoste angélica são levados à ação contra as forças de Satanás. Estas forças são tão amplas, tão complexas, tão abarcadoras, que é difícil serem compreendidas pelo homem, difícil de retratá-las nalgum quadro, num grau de simplicidade que permita ao homem ter uma compreensão adequada da cena. O quadro dos quatro cavaleiros que partem ao ser dada a ordem pelos dirigentes do céu é significativo em sua complexidade e grandiosa em sua simplicidade.

“Haverá necessidade de uma eternidade para nos inteirarmos completamente de quadros complicados como estes, e a eternidade será despendida revendo as minúcias tremendamente interessantes deste tema sensacional” (THIELE; BERG, 1960, p. 153, 154).

“Algumas versões dizem: ‘Vem, e vê’, mas a tradução mais correta do texto grego é ‘Vem’ (ou ‘Vai?’)” (BATTISTONE, 1989, p. 86). “Deve-se notar que a palavra grega *Erkou* que aparece na versão do rei Tiago traduzida para „vem”, também significa „vai”. Está no imperativo presente, o qual assim indica ação contínua. O significado seria algo semelhante a “segue teu caminho”. Lenski traduz ‘vai indo’” (THIELE; BERG, 1960, p. 150).

“Muitos copistas dos manuscritos gregos entendiam que isso era um convite para que João viesse contemplar a seqüência da abertura do selo, e acrescentaram portanto as palavras: ‘e vê’. A Versão Autorizada [em inglês] segue essa tradução incorreta. No entanto, os melhores textos gregos só contém o convite: ‘Vem!’” - George Eldon Ladd, *Commentary on the Revelation of John* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1972), p. 96”, citado por Battistone (1989, p. 86).

“Facina-nos a maneira notável como Deus escreveu o livro selado. Não notamos palavras nêle escritas. Sua confecção é no estilo de cenas vivas e animadas. Eis uma maneira gloriosa de Deus escrever a Seus filhos, para que êles somente entendam e seus inimigos ignorem” (MELLO, 1959, p. 141).

“Quando Jesus abre os primeiros quatro selos, cada um dos quatro seres viventes diz a João: “Vem!”. Isso indica que cada cavalo estava sob a orientação de um dos quatro seres viventes respectivamente. Quando o selo era aberto, cada cavalo, com seu cavaleiro, saía para cumprir sua missão” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 17).

6.2

Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer.

Então eu vi a seguinte cena: pessoas movidas pelo evangelho eterno e bem preparadas para semeá-lo por onde passavam, a despeito da oposição que se levantava; elas receberam uma coroa de vitória antes mesmo do término de seu trabalho. E continuaram a guerra, obtendo vitórias.

“Cavalos e carros são tipos dos mensageiros da parte de Deus. Zac. 1:8-11; 6:2-5; Hab. 3:8; Joel 2:4, 11; Jer. 4:13; II Reis 6:16,17; Salmos 68:17; 18:10. [...] A ordem, no caso do primeiro cavalo, partiu sem dúvida da primeira das criaturas viventes, pois na abertura do segundo, terceiro e quarto selos, a ordem foi dado pela segunda, terceira e quarta criatura vivente respectivamente (vv. 3,5,7). As indicações são de que cada cavalo estava sobre a orientação de uma das quatro criaturas viventes, e saíram para a missão que lhes cabia em resposta à ordem divina” (THIELE; BERG, 1960, p. 150).

“Os cavalos e cavaleiros retratados nos quatro primeiros selos representam a Igreja em suas várias etapas de desenvolvimento e declínio. [...] O cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco e uma coroa saem ‘vencendo e para vencer’. Simbolicamente, isto descreve a Igreja em sua condição inicial de pureza quando, sob a liderança do Senhor ressurreto, ela levou o evangelho avante, a despeito da oposição dos poderes pagãos” (BATTISTONE, 1989, p. 85).

“A brancura do cavalo representa a pureza de fé daquele tempo” (SMITH, 1979, p. 80).

Devo entender a frase "pureza de fé daquele tempo" como "aproximação otimizada entre a Verdade e o que era crido e vivido, mas não necessariamente ausência de crenças falsas"? Por exemplo: na história do povo judeu também aparecem lapsos de tempo onde a teologia do povo é mais coerente com a Revelação, e sua obediência a Deus está em alta. No entanto, isto não é o mesmo que teologia e vivência completamente isentas de crenças falsas.

“O branco representa a pureza. E por isso que as noivas vestem-se de branco. No primeiro século, as doutrinas da igreja eram perfeitamente puras [Como assim "puras"? Paulo e Pedro possuíam o mesmo exemplo "puro"? Ou a teoria era "pura" a despeito dos exemplos não-puros? A teoria é uma entidade à parte da vivência? Se a doutrina é Jesus, tudo bem. Ela de fato é pura. Mas se a doutrina são as teorias praticadas, não consigo ver pureza incontaminada no primeiro século d.C]. Elas vinham diretamente dos lábios de Jesus e de Seus discípulos. Não havia falsas doutrinas para confundir as pessoas” (FEYERABEND, 2005, p. 52).

Mas, mesmo vindo dos lábios da Verdade, só o Espírito da Verdade dentro da alma para que haja a interpretação acertada da Verdade por parte de Seus ouvintes.

“O arco que o cavaleiro trazia, nos dias antigos era uma arma de ataque e conquista no exército, um instrumento de vitória” (MELLO, 1959, p. 143).

“A época dos santos apóstolos (século I) coincide com a igreja de Éfeso. Eles receberam a doutrina pura da Bíblia para pregá-la (São Marcos 16:10-16)” (BELVEDERE, 1987, p. 53).

Qual a fundamentação bíblica e extra-bíblica para essas alegações de isenção de "contaminação doutrinária"? Será que os períodos de Éfeso e Filadélfia merecem esse rótulo? O praticar tudo o que aprendiam da revelação contínua de Deus não seria um emblema mais histórico/preciso e menos ideológico? A interpretação da doutrina também é "branca"? Será que todos os cristãos do 1º séc. entendiam ideias como a Trindade, a relação entre alimentação e mente, e a personalidade do Senhor Espírito Santo? Talvez não. Então, a cor branca não estaria associada com interpretação 100% correta dos ensinamentos de Jesus.

“Enfrentaram muitas lutas (Atos 4:1-3, 18-20, 24-30; 5:17-20, 26-29; 6:8; 7:60) mas não permitiram que a doutrina fosse maculada. Houve também grandes vitórias para Cristo: 3.000 conversos no Pentecostes; poucos dias depois já havia 5.000; a conversão de Saulo e o evangelho a todo o mundo conhecido (Colossenses 1:6, 23). Se queremos conhecer a doutrina pura de Cristo devemos estudar a Santa Bíblia, pois nela está escrita pelos apóstolos a época do cavalo branco. ... Foi escrita pelos santos apóstolos, deixando-nos o registro dessa doutrina pura, branca de Jesus Cristo” (BELVEDERE, 1987, p. 53).

"Esta imagem é um belo símbolo das vitórias do evangelho no primeiro século. Um cumprimento da profecia de Habacuque, que diz: " ... já que andas montado nos teus cavalos, nos teus carros de vitória? Tiras a descoberto o teu arco, e farta está a tua aljava de flechas... " (Habacuque 3:8, 9). No Salmo 45:5 lemos: "As tuas setas são agudas, penetram o coração dos inimigos do Rei; os povos caem submissos a ti". Estima-se que havia 5 milhões de cristãos, apenas dentro do Império Romano, no primeiro século da era cristã. Mas o progresso do cristianismo ultrapassou as fronteiras de Roma e fez prosélitos em todas as partes do globo (Colossenses 1 :5, 6, 23). Após o derramamento do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, a pregação expandiu-se de forma extraordinária" (OLIVEIRA et al. 2015, p. 18).

Por outro lado, RAMOS (2006, p. 245) entende que: "Os quatro primeiros selos são anunciados separadamente por cada um dos quatro seres viventes. Os seres viventes estão intimamente envolvidos na cerimônia de abertura do juízo (Apoc. 5) e no processo desse mesmo juízo (Apoc. 6:1-8). O primeiro ser vivente, semelhante ao Leão, anuncia a mensagem do primeiro selo, o cavalo branco. O Leão simboliza Judá, a tribo escolhida, a quem foi feita a promessa do Messias. Em Apoc. 19:11-13 o profeta tem uma outra visão onde aparece o mesmo cavalo branco, sendo montado pelo mesmo Cavaleiro."

Por que "pelo mesmo cavaleiro"? O fato de o cavalo também ser branco constitui evidência cabal a respeito de quem o monta?

"O cavalo branco portanto, representa o povo de Deus; o primeiro selo aplica-se àqueles que são seguidores de Jesus; como Pedro escreveu, o juízo começa pela casa de Deus: "Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?" (I Ped. 4:17)" (RAMOS, 2006, p. 246).

"O Cavaleiro guia da Igreja era na verdade digno da coroa vitoriosa que recebera antes de encetar a batalha. Todo o triunfo da obra missionária da igreja foi a Êle devido. Ficou bem patente que, quando a igreja, em qualquer tempo, consente em ceder a liderança de sua existência e trabalho a Cristo como Supremo Guia, ela cresce em vigor espiritual e missionário" (MELLO, 1959, p. 144).

"Os obreiros de Deus precisam adquirir uma experiência muito mais profunda. Se a Ele entregarem tudo, Ele operará poderosamente por eles. Hastearão o estandarte da verdade sobre fortalezas até então retidas por Satanás e, com exclamações de vitória, tomarão posse delas. Levam as cicatrizes da batalha, mas a eles vem a confortadora mensagem de que o Senhor os guiará vitoriosos e para vencer" (WHITE, 2008, p. 124).

"O combate prosseguia. A vitória ia alternadamente de um para outro lado. Às vezes os soldados da cruz cediam terreno, "como quando desmaia o porta-bandeira". Isaías 10:18. Mas a sua retirada aparente não o era senão para conquistar posição mais vantajosa. Ouviram-se aclamações de alegria. Ressoou um cântico de louvor a Deus, e a ele se uniram as vozes angélicas, quando os soldados de Cristo hastearam Sua bandeira sobre os muros da fortaleza, até então em poder do inimigo. O Príncipe da nossa salvação estava dirigindo a batalha, e enviando reforços para Seus soldados. Grandemente se manifestava o Seu poder, encorajando-os a levar o combate até às portas. Ele lhes ensinou coisas terríveis em justiça, enquanto passo a passo os guiava, vencendo e para vencer" (WHITE, 1949, p. 204).

A autora se refere ao 1º selo de Ap 6? Ou à Ap 19? Ou se refere à ambos?

"O arco não era usado pelos soldados romanos, mas era efetivamente empregado pelos cavaleiros partas, e freqüentemente para o desastre das legiões romanas" (THIELE; BERG, 1960, p. 155). "A coroa dada ao cavaleiro e o seu avanço como vencedor e prestes a alcançar novas vitórias significam o sucesso com que a verdade foi promulgada pelos seus primeiros ministros. Por meio de que símbolos podia ser melhor representada a obra do cristianismo quando saiu como um agressivo princípio contra os vastos sistemas de erro com teve que contender no início? O cavaleiro que estava sobre o cavalo saiu – para onde? Sua missão era ilimitada. O Evangelho era para todo o mundo" (SMITH, 1979, p. 80).

"Aquele igreja de puro branco foi em frente conquistando e para conquistar. Nada a detinha. Os primeiros cristãos não tinham meios de transporte modernos, aparelhos eletrônicos, sistemas de som, jornais informativos ou panfletos. Não tinham rádio e televisão, ou livros, ou literatura para distribuir, mas saíram de Jerusalém para conquistar. Havia poder na mensagem. A conquista não era por meio de argumentos. Jesus não lhes havia dito: "Vocês são Meus advogados." Ele disse: "Vocês são Minhas testemunhas." Não demorou muito para que a mensagem que eles pregavam revolucionasse o mundo de então. O cristianismo saiu de Jerusalém e foi para a Judeia, para Samaria, até os confins da Terra, conquistando e para conquistar. Paulo podia dizer que o mundo inteiro do seu tempo tinha ouvido o evangelho. Os opositores diziam que os cristãos tinham virado o mundo de cabeça para baixo. Eles causaram tal impacto no mundo que atraíram perseguição sobre si mesmos, trazendo o cumprimento do segundo selo" (FEYERABEND, 2005, p. 52).

Mais uma vez, RAMOS (2006, p. 246) vê de modo diferente: "A coroa mencionada em Apoc. 6:2 cumpre a profecia de Zacarias com relação ao sacerdócio de Jesus. "Recebe, digo, prata e ouro, e faze coroas, e põe-nas na cabeça de Josué, filho de Jeozadaque, sumo sacerdote. E fala-lhe, dizendo: Assim fala e diz o Senhor dos Exércitos: Eis aqui o Homem cujo nome é Renovo; Ele brotará do seu lugar, e edificará o Templo do Senhor. Ele mesmo edificará o Templo do Senhor, e levará a glória, e assentar-se-á, e dominará no Seu trono, e será Sacerdote no Seu trono..." (Zac. 6:11-13). 'A restauração do Santuário Celestial, a edificação do Templo do Senhor profetizada por Zacarias começou em 1844. A coroa dada a Jesus em Apoc. 6:2 no primeiro selo é o sinal de mudança em Seu ministério, quando Ele entra no Santíssimo para edificar o Templo, ou restaurar o Santuário à sua posição de direito (Dan. 8:14)', Robert Hauser, *Give Glory to Him*, p. 42."

6.3

Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: Vem!

Quando Jesus quebrou o segundo selo, eu escutei a segunda criatura também dizendo "venham"!

"Não devemos supor, entretanto, que a ação de um cessa interiormente antes do outro começar a aparecer em cena. São consecutivos ao surgir, ao exercer maior poder, e em algumas das suas circunstâncias mais marcantes, todavia são todos, em certa medida, contemporâneos. A ação do primeiro cavaleiro é, sem dúvida, contínua; pois ele começa de conquista em conquista e termina somente quando alcançar a vitória completa no finda [sic] abertura do [sic] selos. Sua carreira portanto, continua juntamente com a dos três sucessores e através de todos os selos restantes", J.A. Seiss, *The Apocalypse*, vol. I, 328, citado por Thiele e Berg (1960, p. 156).

"Os primeiros quatro selos se distinguem principalmente pela parte que têm os quatro seres viventes na sua procedência, e em conexão com cada um, a aparição de um cavaleiro. Em todos eles a ação parte do céu, e procede dos poderes entronizados nas alturas. O efeito, contudo, é uniforme sobre a terra, ou naquilo que se relaciona à terra. Algumas das cenas são excessivamente desastrosas e revolucionárias. Quer parecer às vezes como se tudo estivesse caindo em total destruição. Contudo, por entre os extraordinários e assustadores abalos, levantes e comoções em Terra e céu, nosso planeta ainda continua rodando em seu lugar e reaparece após cada cena, ainda que terrível, ser ter sido despovoado de suas gerações, nem maculado na investidura própria dos elementos. Há alterações, sofrimento e um acúmulo de prodígios terríveis e destruidores; mas não há desencaminhamento da nossa orbe terrena e nenhuma interrupção na sucessão das estações, ou na continuidade das ordens de seres com os quais Deus os povoou", J.A. Seiss, *The Apocalypse*, vol. I 306, 507, citado por Thiele e Berg (1960, p. 156). "O segundo ser vivente, semelhante a um bezerro, símbolo da tribo de Efraim, anuncia a mensagem do segundo selo, o cavalo vermelho" (RAMOS, 2006, p. 251).

6.4

E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro, foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os

Então eu vi também pessoas, mas estas eram agentes contrárias ao evangelho: opositores

homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada. violentos e deturpadores; Deus permitiu que essas pessoas impusessem violência e morte sobre os que tinham contato com o evangelho de Cristo.

“O primeiro aspecto notável nestes símbolos talvez seja o contraste na cor dos cavalos. Este contraste tem, sem dúvida, um significado especial. Se a branca do primeiro cavalo representava a pureza do Evangelho no período abrangido por aquele símbolo, a cor vermelha do segundo deve representar que neste período começava a corromper-se aquela pureza original. O mistério da iniquidade operava já nos dias de Paulo, e ao iniciar-se o período simbolizado pelo segundo cavalo, a professa igreja de Cristo estava agora tão corrompida pelo mistério da iniquidade que requeria esta mudança na cor do símbolo. Começaram a surgir erros e assomava o amor pelas coisas do mundo. O poder eclesiástico procurou aliança com o secular, resultando perturbações e comoções” (SMITH, 1979, p. 81).

Os erros doutrinários sempre existiram, talvez até desde Adão e Eva no jardim do Éden, ainda. Perfeição no contexto bíblico das criaturas de Deus (não me refiro à todopoderosa e abrangente perfeição de Deus), não deveria ser confundida com ausência de erros (crenças falsas, ideias errôneas a respeito de Deus, ...). “Começaram a surgir erros” deveria ser sinônimo de “o cristianismo genuíno deu lugar ao nominal” e “a obediência às revelações proféticas começaram a ser substituídas pela tradição dos homens e suas ideologias antropocêntricas não-cristocêntricas”. Essa frase não pode ser literal.

“O cavalo vermelho com o cavaleiro que carrega uma espada para tirar vidas humanas simboliza a perda da pureza espiritual na Igreja do período pós-apostólico. Cristãos apóstatas procuraram impor suas idéias aos outros pela conquista militar e perseguição religiosa, e não pela persuasão pacífica. [...] Igreja de 100 a 313 A.D. A cor vermelha simboliza tanto perseguição como gradual corrupção da fé. [...] “Se a mensagem do cavalo vermelho, assim como a do cavalo branco provém de Deus, como se explicam as palavras: ‘foi-lhe dado tirar a paz da Terra’? (Apoc. 6:4; comparar com S. Mat. 10:34-36.) [...] O evangelho divide o mundo em duas partes: os que servem a Deus e os que se rebelam contra Ele” (BATTISTONE, 1989, p. 85, 86, 87).

“O primeiro sêlo revelou a igreja de Cristo em sua pureza virginal, simbolizada num cavalo branco. Mas, o novo símbolo apresenta a igreja em estado de corrupção. A cor vermelha, em se tratando da vida espiritual, é emblema de pecado: “Ainda que os vossos pecados sejam vermelhos como o carmezim...” [Is 1.18]. O pecado só é manifesto coletivamente pela igreja, quando corrompidos ou abandonados os princípios ou os alicerces da fé do evangelho. E foi isto o que mudou a condição da igreja cristã. Os sagrados princípios da pura fé do imaculado evangelho, foram corrompidos pela aceitação, por parte da igreja, de ensinamentos errôneos, de idéias e tradições humanas.

“[...] infelizmente as portas da igreja foram abertas aos mais degradantes e corruptos ensinamentos de homens que procuravam a preeminência em seu meio. O manancial da revelação divina foi abandonado em favor das criações filosóficas humanas. Os ensinamentos dos profetas e dos apóstolos inspirados foram trocados pelos ensinamentos de homens de mentes corruptas e falíveis. [...] o cavaleiro não tinha mais o arco da conquista e as flechas do puro evangelho, mas uma “grande espada” nua e flamejante.

“A paz, semeada pela pregação incontaminada do evangelho apostólico, sob a liderança do Filho de Deus, e a convivência dos cristãos em perfeita unidade e amor, desapareceu da igreja. A espada simbólica das lutas internas fez a sua nefanda obra e desacreditou diante dos pagãos as virtudes do evangelho da cruz. Terríveis controvérsias surgiram permeadas de odiosas excomunhões, e banuições eram lavradas por inúmeros sínodos e concílios provinciais. As polêmicas ativaram os ânimos a ponto de as discussões serem mescladas com ataques pessoais e acusações da pior espécie. A lei de Deus, base do correto viver, foi relegada, e a paz; foi perdida de vista na igreja [Sl 119.165]. O próprio Príncipe da Paz foi afastado do trono da igreja e ela virou confusão. Estava dado o passo para a apostasia iminente. A profecia

da decadência cumpriu-se perfeitamente — a paz foi afastada da terra dos povos cristãos e estes mataram-se com as diabólicas armas do ódio e dos ataques e acusações pessoais, apenas para fundamentar a defesa de crassos erros que vituperavam o santo cristianismo” (MELLO, 1959, p. 145, 146, 149).

“O período do segundo selo se estende desde a morte de João, último dos apóstolos a morrer, por volta do ano 100 a.D., até a assinatura do Edito de Tolerância de Milão, pelo imperador Constantino, em 313 a.D. Esse edito declarava que o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabando oficialmente com toda perseguição e devolvendo os lugares de culto e as propriedades que tinham sido confiscadas dos cristãos. Assim, foi dado ao cristianismo estatuto de legitimidade e a igreja respirou um breve período de paz” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 18).

“A rejeição da mensagem de justiça de Deus traz guerra e derramamento de sangue - Isa. 57:20, 21; 19:2; Jer. 16:4,5; Ageu 2:22; II Crôn. 15:5, 6; Mat. 10:34, 35; 24:6,7. ‘As palavras do Senhor “não vim trazer paz a terra mas sim espada” são eminentemente aplicáveis aqui. O simbolismo do cavaleiro no cavalo vermelho pode ser tomado como denotando o cumprimento envolvido naquelas significativas palavras. ... Compreende uma idéia completa do conflito entre os poderes da terra e os do reino de Cristo na humanidade, com as destrutivas guerras que o acompanham entre as próprias nações envolvendo em grau maior ou menor aquele conflito superior e mais elevado ou qualquer coisa nele envolvido. Olhando sob a superintendente providência de Deus e todos os seus ângulos formados de acordo com os seus objetivos e misericórdia e justiça, percebemos no cavaleiro do cavalo vermelho um símbolo de um grande fato, então profecia, agora história’, Justin A. Smith, *Commentary on the Revelation*, 96”, citado por Thiele e Berg (1960, p. 157).

“Deus usa a espada nos seus juízos contra as forças do mal - Isa. 26:21-27:2; 34:5, 6; 66:15, 16; Jer. 9:16; 11:22; 14:12-15; 25:13; 46:10; 50:35-37; Ezeq. 5:17; 6:11, 12; 21:3-5; 32:10; Mat. 10:34. ‘Muitos, vi eu, lisonjeavam-se de serem bons cristãos, que de Jesus não tinham nenhum simples raio de luz. ... E vi que o Senhor no céu aguçava a espada para destruí-los’, Ellen G. White, *Testemonies*, v. 1, p. 190”, citado por Thiele e Berg (1960, p. 158).

“A obra julgadora do segundo selo. (1) O senhor envia juízos aos homens que erram no empenho de trazê-los ao arrependimento e vigilância. Jer. 5:17-25; Isa. 26:9. (2) O Senhor freqüentemente usa nações como instrumentos para cumprir seus propósitos. (a) Assíria - Isa. 10:5-7, 15. (b) Babilônia - Jer. 25:9, 27:5-8; 44:30; 46:2, 10, 13, 25, 26; Eze. 29:19,20;32:2,11. (c) Pérsia - Isa. 44:28; 45:1,2 (3) Entre os sinais que precedem a sua segunda vinda, Jesus enumera juízos que haveriam de cair sobre a terra. Mat. 24:6,7. ‘Cristo no Monte das Oliveiras enumerou os terríveis juízos que precederiam a sua Segunda vinda: ‘E ouvireis de guerras e rumores de guerras’. ‘Nação se levantará contra nação, reino contra reino’, E.G. White, R. & H., 11/1/1887” (THIELE; BERG, 1960, p. 158).

“Esse período corresponde a igreja de Esmirna” (FEYERABEND, 2005, p. 52).

“Embora esses cristãos professem ser seguidores de Jesus, não são guiados por Jesus; o cavaleiro não é Jesus, é o próprio Satanás. O símbolo do bezerro é apropriado aqui porque relaciona o grupo do cavalo vermelho com a idolatria; pretendem adorar a Deus, mas, na realidade, entregam-se à idolatria; foram escolhidos como primogênitos para Deus, como Efraim, “Quando Efraim falava tremia-se, foi exalçado em Israel; mas ele fez-se culpado em Baal” (Ose. 13:1); não honraram o chamado de Deus e morreram. O cavaleiro do cavalo vermelho é descrito como aquele que “tira a paz da terra, para que os homens se matem uns aos outros, e foi-lhe dada uma grande espada” (Apoc. 6:4).

“Em Hebreus 2:14 Deus declara que o diabo é o “que tem o império da morte. [...] Os dois primeiros selos aplicam-se a duas diferentes classes de cristãos que serão avaliados no Juízo Investigativo: os fiéis e obedientes filhos de Deus, e os cristãos nominais presentes em todas as igrejas evangélicas, que seguem as doutrinas e tradições de Babilônia, a Igreja Mãe; por isso tais igrejas são chamadas de filhas de Babilônia” (RAMOS, 2006, p. 253, 257).

6.5

Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! Então, vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão.

Quando Jesus quebrou o terceiro selo, eu ouvi a terceira criatura falar "venham!". Então eu vi pessoas que se disfarçaram de cristãs, mas só para deturpar a justiça e ensinar mentiras em lugar da Verdade. Essas pessoas julgavam e condenavam os cristãos, mas o julgamento delas também seria julgado e condenado por Deus.

Cor e cavaleiro: "O cavalo preto com o cavaleiro que tem na mão uma balança representa a Igreja do começo da Idade Média, a qual se afastou da revelada vontade de Deus. A Igreja adotou os métodos do mundo para levar adiante sua missão, e ocasionou um período de intensa fome espiritual" (BATTISTONE, 1989, p. 85).

"A igreja que enfrentou lutas para manter a pureza de suas doutrinas e que viu ser derramado o sangue de seus membros por não renunciar a fidelidade, agora é representada pelo preto, antítese do branco. A negrura muitas vezes representa na Santa Bíblia as trevas, o pecado, a apostasia, ou o erro. Corresponde ao período que vai desde 313 a 538. São Paulo profetizou acerca do tempo em que se mudariam as doutrinas por um processo de paginização (Atos 20:27-31; II Tessalonicenses 2:3-6; II Timóteo 4:1-4). São Pedro também profetizou como um dia a igreja haveria de se corromper (II São Pedro 2:1-3)" (BELVEDERE, 1987, p. 54).

"Referindo-se a esta etapa do terceiro selo e do cavalo preto, que mediou desde o edito de tolerância de Constantino, em 313, até ao estabelecimento do papado, em 538, diz Mosheim o seguinte: 'Aquelas vãs ficções, que uma inclinação à filosofia platônica e às opiniões populares haviam feito adotar pela grande maioria dos doutores cristãos antes do tempo de Constantino, foram agora confirmadas, ampliadas e ornadas de diversas maneiras. Daí nasceram aquela veneração extravagante pelos santos mortos, e aquelas absurdas noções de certo fogo destinado a purificar as almas desencarnadas, que agora prevaleciam e que deixavam por toda parte indícios públicos.

"Daí também o celibato dos sacerdotes, o culto das imagens e relíquias que, com o transcurso do tempo quase destruiu a religião cristã, ou pelo menos eclipsou seu lustre e corrompeu sua própria essência da maneira mais deplorável. Um séquito enorme de diferentes superstições foi substituindo gradualmente a verdadeira religião e piedade. Esta odiosa revolução deveu-se a uma variedade de causas. Uma ridícula precipitação quanto a receber opiniões novas, um absurdo desejo de imitar os ritos pagãos, e de realizá-los com o culto cristão, e aquela ociosa propensão da humanidade em geral para buscar uma religião aparatosa, tudo contribuiu para estabelecer o reinado da superstição sobre as ruínas do cristianismo'. 'Necessitar-se-ia um volume inteiro para enumerar as diversas fraudes que astuciosos velhacos praticaram com êxito para enganar aos ignorantes, quando a verdadeira religião ficou quase completamente substituída pela horrível superstição' [citado em Smith (1979, p. 83, 84)].

"Na carta dirigida à igreja de Pérgamo, a igreja cujo período corresponde ao do terceiro selo, que estamos considerando, o Senhor Jesus enfatiza, com evidência, que a igreja cristã estava habitando "onde está o trono de Satanás". Habitar "onde está o trono de Satanás", equivale a amparar-se em dito trono. Já o termo "Pérgamo" que significa "elevação", é emblema da elevação da igreja pelo poder imperial, desde os dias de Constantino aos princípios do sexto século. Daí o cavaleiro não ser outro senão o imperador romano. A igreja, corrompida e apóstata, tornou-se "Igreja Imperial" em lugar de "Igreja Cristã". Pela primeira vez verifica-se o odioso consórcio entre a Igreja e o Estado, considerado por Deus como 'prostituição'" (MELLO, 1959, p. 150, 151).

“Preto, um presságio de tragédia, desastre e morte[:] (a) Trevas, a nona praga no Egito – Uma advertência final - Êx. 10: 21-23. ‘Nestas trevas misteriosas o povo e seus deuses foram de modo semelhante atingidos pelo poder que tomara a Si a causa dos escravos. Contudo, por medonho que tivesse sido, este juízo é uma prova da compaixão de Deus e de Sua indisposição para destruir. Ele dava ao povo tempo para refletir e arrepender-se, antes de trazer sobre eles a última e mais terrível das pragas.’ – Patriarcas e Profetas, p. 272. (b) O dia do Senhor, um dia de trevas - Jer. 4:20-28; Joel 2:1-10. (c) O escurecer do céu advertências solenes - Isa. 50:1, 3 Heb. 12:18,19” (THIELE, 1960, p. 158, 159).

“O cristianismo, agora, já não era mais ilícito. Era popular. De fato, as pessoas eram incentivadas a tornar-se cristas. Ate dinheiro e uma muda de roupa eram oferecidos a quem se tornasse cristão. Mas o cristianismo já não era mais puro. Não era mais branco. Era tão corrupto que foi representado por um cavalo preto. As doutrinas pagas tomaram o lugar das brancas e puras doutrinas da igreja primitiva. Infelizmente, ao longo do tempo, em vez de a igreja virar o mundo de cabeça para baixo, foi o mundo que virou a igreja de cabeça para baixo. Foi durante esse período que a igreja começou a dominar o Estado ou o governo. E agora não são mais os pagãos que perseguem os cristãos. São os cristãos que passam a perseguir os pagãos” (FEYERABEND, 2005, p. 53, 54).

“A mensagem do terceiro selo é anunciada pelo terceiro serviente, que tinha o rosto como de homem. Este era o símbolo na bandeira de Rúben. Rúben, o primogênito, mas que também perdeu os direitos da primogenitura, porque se entregou à prostituição, um símbolo apropriado para a grande Prostituta, a grande Meretriz, com a qual se prostituíram todos os reis da terra (Apoc. 17:2); a igreja que deixou de confiar em Deus para confiar no Homem do Pecado, no Filho da Perdição, “o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus” (II Tess. 2:3, 4); mas ele não é Deus, é simplesmente um homem, chamado de o homem do pecado. A descrição do que fez Rúben é também uma descrição do que fez a Igreja Mãe (Apoc. 17). O terceiro cavalo é preto. Aqui o profeta Zacarias novamente ajuda a entender o significado da profecia. Em Zacarias 6:6 diz: “O carro em que estão os cavalos pretos sai para terra do Norte.” A profecia identifica o cavalo preto com o Norte, cujo rei é identificado em Daniel 11:40-45 como sendo o papado” (RAMOS, 2006, p. 256, 257).

Mas, Rúben não se prostituiu. Ele não foi "meretriz", enquanto que isso é exatamente o que a igreja mãe faz. Rúben traiu seu pai. O Romanismo mistura verdades e mentiras, e está bem caracterizado como "Babilônia", tanto por se arrogar ser a porta do Céu quanto pela confusão doutrinária. O que Rúben fez para também ser um símbolo de prostituição?

Balança: “União da Igreja e do Estado; a Igreja voltou-se para o materialismo” (BATTISTONE, 1989, p. 85). “A balança, o espírito de comercialização e materialismo que penetraria na igreja” (BELVEDERE, 1987, p. 54).

“Já compreendemos que êste cavaleiro era o imperador. E êle, não contente em exercer o juízo no setor de sua alçada civil, alvorou-se em juiz na igreja. Uma balança é emblema de justiça real, e Constantino e seus sucessores, como já vimos, usurparam êste direito da igreja, que jamais foi conferido ao govêrno civil. Nos dias dêstes potentados da coroa cesariana era crime desprezar a ortodoxia oficial. Depois de cair o império do Ocidente, o imperador oriental pretendeu esta mesma supremacia, até que Justiniano a transferiu, em 533, ao bispo de Roma” (MELLO, 1959, p. 154).

“A balança indicava que a religião e o poder civil se haviam de unir na pessoa que administraria o poder executivo do governo, e que pretendia ter autoridade judicial tanto sobre a Igreja como sobre o Estado. Assim sucedeu com os imperadores romanos desde Constantino até Justiniano, que deu o mesmo poder judicial ao bispo de Roma. – William Miller, *Evidence From Scripture and History of the Second Coming of Christ*, pág. 176” (SMITH, 1979, p. 84).

“Nesta visão, João viu uma balança na mão do cavaleiro. ‘Uma medida de trigo por um dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro.’ Deus havia ordenado que o pão

da vida devia ser de graça. Mas agora estava sendo vendido. A religião tornou-se um negócio e, em muitos casos, até hoje ela é um grande negócio. Pessoas e igrejas estão usando a Palavra de Deus para ganhar dinheiro” (FEYERABEND, 2005, p. 54).

“O cavaleiro trazia em sua mão uma balança. A balança na Bíblia é um símbolo de julgamento (Jó 31:6; Daniel 5:27). Ao tempo do cavalo preto havia uma mensagem de advertência do juízo vindouro, onde cada alma será pesada, e se não se arrepender, será achada em falta” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 19). “A balança mencionada em Daniel 5:27 e a balança de Apoc. 6:5 foram vistas também por Ellen G. White como sendo as balanças do Santuário. Essa é uma linguagem simbólica, puramente de juízo” (RAMOS, 2006, p. 259).

6.6	E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho.	Então eu ouvi alguém entre as quatro criaturas, ou fora delas, dizendo: enquanto durar a deturpação da Verdade, tanto o apego àquilo que não alimenta a alma como a fome do pão verdadeiro irão perdurar; mas não deixarei aqueles que se apegam a e se alimentam da Verdade serem destruídos, a despeito de tudo isso.
-----	--	---

A medida era a “porção diária de alimento para o trabalhador comum. [...] [O denário] era a remuneração de um dia de trabalho. O amor ao dinheiro tornou-se o espírito predominante. [...] “É declarado o preço do trigo e da cevada em Apocalipse 6:6, mas não a renda média das pessoas. Essa informação é suficiente para deduzir que estava havendo fome ou carestia? Um denário foi o pagamento por um dia de trabalho na parábola contada por Jesus (S. Mat. 20:2, 9, 10 e 13)” (BATTISTONE, 1989, p. 86, 87).

“Um dinheiro era o salário de um dia de trabalho, com o qual comprariam apenas 654 g de trigo ou menos de 2 quilos (1.962 g) de cevada. Isto é o símbolo da tremenda escassez da Palavra de Deus, proibida nesse tempo (Amós 8:11, 12), que produziu fome de ouvir a Palavra. Muitas doutrinas começam a morrer e entram crenças pagãs (Ex.: Em 7 de março de 321, Constantino emite a lei dominical mais antiga que se conhece). A maioria acompanha o processo de deterioração doutrinária. Uns poucos fiéis (remanescentes) seguem respeitando a verdade bíblica” (BELVEDERE, 1987, p. 54).

“Como figuras do período do terceiro selo, o trigo representa a pura verdade do evangelho de Cristo, enquanto a cevada, as tradições e os erros que penetraram na igreja [Por quê? Qual a fundamentação dessa conclusão?]. O valor do trigo e da cevada — uma medida de trigo por um dinheiro e três de cevada pelo mesmo preço — indica que de fato havia escassez de trigo, pelo que era de mais valor, enquanto havia abundância de cevada, sendo esta três vezes mais barata” (MELLO, 1959, p. 154).

“Um denário era o salário normal por um dia de trabalho. Com ele você poderia comprar uma medida de trigo (cerca de 650 gramas), ou três medidas de cevada (quase 2 quilos). A cevada era consumida apenas pelos mais pobres, um tipo de alimento bem inferior ao trigo. Em tempos normais, um denário comprava 24 medidas de cevada, mas aqui só se compram três, ou seja, estava havendo escassez de alimento. Isso representa fome espiritual, como nas palavras do profeta: *“Disse-me ainda: Filho do homem, eis que eu tirarei o sustento de pão em Jerusalém; comerão o pão por peso e, com ansiedade, beberão a água por medida e com espanto”* (Ezequiel 4:16).

O trigo é símbolo do evangelho puro, da Palavra de Deus e do povo de Deus (Mateus 13:24-30; 37, 38, 43). A cevada se parece com o trigo, mas é um alimento bem inferior. Nos tempos de Roma servia para alimentar os pobres, ao passo que o trigo era o alimento dos nobres. A cevada (doutrinas parecidas, mas falsas), havia em abundância, mas o trigo

(doutrina pura) estava em escassez. Então havia uma escolha a ser feita entre o trigo e a cevada. O indivíduo está com o salário do dia nas mãos e pode comprar uma medida de trigo ou três medidas de cevada. Cada um deve fazer sua escolha. O terceiro selo encontra seu paralelo com a igreja de Pérgamo, que estava sofrendo ataques com as doutrinas de Balaão e dos Nicolaitas” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 19).

“Tradução de Weymouth: ‘O salário de um dia inteiro por uma broa de pão, o salário de um dia inteiro por três bolos de cevada.’ Um dinheiro: O salário de um dia - Mat. 22:4, 9, 10. Trigo: O principal alimento do povo da Palestina. Cevada: Um alimento mais barato. “Ele era e ainda é um cereal destinado especialmente a cavalos e asnos (I Reis 4:28), a aveia é praticamente desconhecida mas era, como ainda é, num certo grau a alimentação dos pobres em certos distritos do país.” (Rute 2:17; II Reis 4:42; João 6:9,13). E.W.G. Masterman, Barley, *International Standard Bible Encyclopedia*.

“O significado desta frase tem sido discutido a [sic] muito. O fato de que o preço das três medidas de cevada é igual para uma de trigo parece estabelecer que há uma escolha a ser feita entre o trigo e a cevada. O indivíduo está com o salário do dia e está em condições de comprar seu alimento para aquele dia; ele pode se quiser, ter uma medida de trigo, ou se assim decidir, pode ter três medidas de cevada. Qual será a sua escolha, trigo ou cevada? Que escolherá a igreja e o mundo? Uma medida de alimento para gente ou três medidas de alimentos de cavalos e mulas? Não há dúvidas de que aqui se faz referência aos quatro cavaleiros e suas mensagens, – há uma escolha a ser feita entre a vitória certa do primeiro e as experiências amargas dos outros três. Quer queira ou não todo homem tem que escolher; a decisão é para a vida ou para a morte” (THIELE; BERG, 1960, p. 160, 161).

“As medidas de trigo e cevada por um dinheiro significam que os membros da igreja procurariam avidamente os bens mundanos, e que o amor do dinheiro seria o espírito predominante desses tempos, a ponto de se desfazerem de qualquer coisa por dinheiro” (SMITH, 1979, 84).

“O azeite representa o Espírito Santo (Zacarias 4:2-6). O vinho representa o sangue de Cristo derramado pelos pecadores (São Mateus 26:27-29)” (BELVEDERE, 1987, p. 54).

“Líquidos comuns usados como alimento no mundo do Novo Testamento; representam a fé e o amor que deviam ser preservados em meio ao materialismo. [...] O materialismo que impregnou o cristianismo na Idade Média encontra seu paralelo na igreja Laodicéia, que não reconhece sua grande necessidade espiritual, pois se considera rica e abastada e diz que não precisa de coisa alguma (Apoc. 3:17). O azeite e o vinho de genuína espiritualidade correm o risco de ser danificados. Mas a mensagem a Laodicéia indica que muitos na Igreja aceitarão os remédios de Cristo antes que seja tarde demais” (BATTISTONE, 1989, p. 86, 88).

“A voz do trono que anunciava a condição da igreja em se tratando do alimento espiritual, ordenava aos cristãos a não danificar o azeite e o vinho”. Nas Escrituras Sagradas o azeite é simbólico do Espírito Santo (Zc 4.1-6) e o vinho é emblema do sangue purificador de Cristo (Mt 26.27,28). A expressão: “Não danifiques o azeite e o vinho”, é uma declaração figurada de que o Espírito Santo e o sangue de Cristo não deviam ser invocados como graças purificadoras e santificadoras enquanto a igreja permanecesse naquele estado deliberado de corrupção da fé e dos princípios do verdadeiro cristianismo” (MELLO, 1959, p. 154, 155).

Por quê? Não houve fundamentação para esses resultados.

“O azeite é símbolo do Espírito Santo (Zacarias 4:2-6) e o vinho símbolo do sangue de Cristo (Mateus 26:27-29; 1 Coríntios 11:25). Apesar da fome espiritual, a obra do Espírito Santo em aplicar o sangue de Cristo aos corações sinceros deveria prosseguir. Este símbolo se estende ainda ao povo de Deus, que deveria ser protegido da corrupção e fome da Palavra de Deus” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 19).

Por quê? Faltou embasamento.

“Para o homem e fazer-lhe uma eternidade, Cristo abandonou um corte celestial e veio à Terra, onde por ele padeceu ignomínia, morrendo para libertá-lo. À vista do preço infinito que pagou pelo seu resgate, como alguém que, professa o nome de Cristo, tratar com indiferença ao mais humilde de seus discípulos? Quão circunspectos devem ser na igreja os irmãos e sisters, como nas palavras as actions, a fim de não prejudicar o azeite e o vinho! Com que paciência, bondade e carinho deve tratar os que foram remidos com o sangue de Cristo! Com que diligência e solicitude deve esforçar-se por realentar os abatidos e desanimados! Com que ternura devemos tratar os que se esforçam por obedecer a verdade, que não tem quem os anime em sua família, são obrigados a respirar uma atmosfera de incredulidade e trevas!” (WHITE, 2008b, p. 238, 239).

“O fato de Deus dar aqui, através de Seus mensageiros, a ordem de que o azeite e o vinho, – Seu povo – não deve ser danificado, é uma indicação de que alguém está para receber sérios danos, mas que este não será Seu povo. Os ímpios serão danificados, mas não o povo de Deus. A instrução aqui é paralela àquela que foi dada aos mensageiros de Ezequiel que tinham as armas de destruição nas mãos: “Matai, velhos, mancebos e virgens, e meninos, e mulheres, até exterminá-los; mas a todo homem que tiver o sinal não chegueis.” Ezeq. 9:6.

“[...] O preto foi a cor com a qual Deus vestia o céu e a terra no Egito num último juízo de advertência pouco antes do anjo da morte sair e ferir os primogênitos na terra de faraó. E o preto hoje é uma mensagem com a qual Deus ainda adverte o mundo de que a última hora está para se esgotar e de que o próximo movimento do relógio trará o cavaleiro amarelo da morte e o fim de tudo. Tal qual é a mensagem de Deus a um mundo não arrependido e pecaminoso através do preto. Ao tempo do cavaleiro preto, nenhuma outra mensagem poderia ser mais oportuna do que a solene advertência do juízo vindouro, nenhuma outra cena poderia ser mais apropriada do que a da balança de Deus em que se pesará em breve a alma perversa, e que, se não se arrepender, será achada em falta.

Na hora em que o anjo da morte está para destruir os rebeldes e não arrependidos, que mais pode Deus fazer, depois de ter mandado o cavaleiro vermelho, senão mandar o cavaleiro preto – dar ao homem toda a evidência possível de sua condenação vindoura, colocar diante dele nos mais vívidos tons a sombria escuridão de sua condição sem Deus e sem esperança, fazendo com que pese mais cuidadosamente a terribilidade da perdição que está para enfrentar, e trazer-lhe, embora por meios dolorosos, uma sensação da terrível condição em que se meteu por seus caminhos pecaminosos. A mensagem que o cavaleiro do cavalo preto tem de levar ao mundo pecaminoso não é uma mensagem agradável, mas é uma mensagem necessária” (THIELE; BERG, 1960, p. 161, 162, 163).

“A frase '*não danifiques o azeite e o vinho*' é usada em relação ao trigo e à cevada; representam os conversos da última hora, e esta será a maior de todas as colheitas. [...] O azeite e o vinho, no contexto do terceiro selo, o qual se aplica especificamente à Igreja de Roma, representam os sinceros filhos de Deus que ainda estão em Babilônia, mas que são preciosos à vista de Deus. Através do Alto Clamor serão chamados a sair de Babilônia e se unirem ao remanescente fiel. Novamente é notável a forte relação entre o terceiro selo e a terceira mensagem angélica.

“Todos os preciosos à vista de Deus sairão de Babilônia antes do fechamento da porta da graça, e o remanescente de Deus, que teve tempo suficiente para aprender as verdades do Santuário, e as verdades relacionadas com os últimos acontecimentos desta terra, terão que instruir a grande multidão, que, em resposta ao Alto Clamor, uniu-se aos que guardam os mandamentos de Deus. Ellen G. White comenta este episódio quando diz: ‘Alguns de nós têm tido tempo de possuir a verdade e progredir passo a passo, e cada passo dado tem-nos propiciado força para o seguinte. Mas agora o tempo está quase findo, e o que durante anos temos estado aprendendo, eles terão de aprender em poucos meses. Terão também muito que desaprender e muito que tornar a aprender. Os que não receberam o sinal da besta e da sua imagem quando sair o decreto, terão que estar decididos a dizer agora: Não, não mostraremos estima pela instituição da besta’, *Primeiros Escritos*, p. 67” (RAMOS, 2006, p. 260-262).

6.7	Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem!	Quando Jesus quebrou o quarto selo, eu escutei a voz da quarta criatura também dizendo “venham”!
6.8	E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra.	Então eu vi, e ali estavam pessoas cuja profissão era matar cristãos e quem delas divergisse. A sentença divina sobre elas também seria a morte, pois mortas espiritualmente elas já estavam e matar era só o que sabiam fazer; e o fizeram sobre toda a Europa na Idade Média e imediatamente antes da volta do Senhor usando a autoridade político-religiosa que receberam do império romano e de Satanás; e o fizeram com variadas modalidades de crueldade.

“Isto representa as graças do Espírito, a fé e o amor. Havia grande perigo de serem danificados, sob a influência de tão grande espírito mundano. E está bem comprovado por todos os historiadores que a prosperidade da igreja neste tempo produziu as corrupções que finalmente terminaram com a apostasia e o estabelecimento de abominações anticristãs. Deve observar-se que a voz que atribui à medida de trigo o preço de um dinheiro e diz: ‘Não danifiques o azeite e o vinho’, não é proferida por alguém na Terra, mas vem do meio dos quatro seres viventes, significando que, apesar de os subpastores, os professos ministros de Cristo não cuidarem do rebanho, o Senhor não Se esquece dele neste período de trevas. Vem uma voz do Céu. Toma o cuidado de que o espírito de mundanismo não prevaleça de tal modo que o cristianismo se perca inteiramente, e que o óleo e o vinho – as graças da genuína piedade – desapareçam da Terra” (SMITH, 1979, p. 84, 85).

“Chegamos ao tempo de uma igreja morta. Não há mais vida na religião. O que poderia ser pior? Muitas igrejas estão completamente mortas hoje. Elas tornaram-se clubes sem nada para oferecer ao mundo. Nem Bíblia, nem mensagem, nem missão! Foi durante os 1.260 anos de perseguição que os templos pagãos viraram igrejas cristãs. Mas a povo verdadeiro de Deus teve que fugir para as montanhas a fim de adorar o seu Deus. Não eram mais pagãos perseguindo cristãos. Não eram mais cristãos perseguindo pagãos. Agora eram cristãos perseguindo e matando outros cristãos. A Roma cristã não crucificava as pessoas como a Roma pagã fazia. A Roma cristã as queimava vivas. A Roma pagã torturava criminosos por roubarem, mas a Roma cristã torturava cristãos por lerem a Bíblia do seu próprio jeito.” (FEYERABEND, 2005, p. 54, 55).

“O cavalo amarelo, cujo cavaleiro se chama ‘Morte e Hades’, representa a Igreja da Idade Média. A fome espiritual resultou em morte espiritual. A Igreja se afastara tanto do amor e humildade de Jesus, que deixou de ser a Sua Igreja. Cristãos apóstatas perseguiram os cristãos fiéis. A morte e o inferno representam a sentença divina sobre a Igreja apóstata” (BATTISTONE, 1989, p. 85).

“A simbologia expressa a aflição espantosa da época da inquisição predita por Jesus (São Mateus 24:21), também profetizada por Daniel (Daniel 7:21, 25; 12:7) e que será estudada em Apocalipse 13:5. Corresponde ao período que vai de 538, quando entra em vigência o decreto de Justiniano, até 1517, o começo da reforma. As doutrinas puras são pisoteadas cada vez mais e os cristãos pagанизados perseguem implacavelmente o pequeno remanescente fiel à doutrina bíblica” (BELVEDERE, 1987, p. 55).

“Na abertura do quarto selo surge o último cavalo. Sua cor é pálida. A palavra

grega aqui usada é *Chloros*, traduzida em outros lugares como verde (Marcos 6:39; Apocalipse 8:7 e 9:4). [...] Este período coincide com a igreja de Tiatira, quando o bispo de Roma chega ao poder. A profecia apontava um domínio do papado por 1260 anos (Daniel 7:25; Apocalipse 12:6, 14; 13:5).

Este período cumpre-se na história dos anos 538, quando é expulsa de Roma a última tribo ariana, os Ostrogodos, até 1798, ano da prisão do papa Pio VI, por ordem de Napoleão Bonaparte. Nestes 12 séculos, fiéis filhos de Deus (Valdenses, Albigenses, Huguenotes etc) foram mortos pela espada, fome e através de animais selvagens. [...] Jesus fez menção a este período: "Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados" (Mateus 24:22). O arrefecimento das perseguições só ocorreu em virtude do grande movimento da Reforma Protestante. Quando Martinho Lutero afixou, no dia 31 de outubro de 1517, as 95 teses contra a venda de indulgências, ele estava dando início a uma ferrenha luta contra os poderes das trevas e promovia um retorno à Bíblia como única autoridade de fé e prática para o cristão." (OLIVEIRA et al., 2015, p. 20).

"E foi-lhes dada autoridade' – quer dizer, ao poder personificado pela Morte sobre o cavalo pálido – o papado. Pela quarta parte da Terra é sem dúvida representado o território sobre o qual este poder teve jurisdição. As palavras "espada", "fome", "mortandade" (ou quaisquer tormentos causadores da morte), e "feras da Terra", são figuras que representam os meios pelos quais levou à morte milhões de mártires " (SMITH, 1979, p. 85).

"Este é o último cavalo da visão dos sete selos. O vocábulo grego que designa a cor deste cavalo é 'chloros', que em si mesmo é um corpo simples, gasoso, de cor esverdeada pálida. Em dissolução ou em estado gasoso, cloro destrói a parte corante das substâncias vegetais e animais, razão por que "a indústria emprega-o em branquear tecidos". Neste símbolo a igreja aparece com sua cor mudada. Sua cor é agora a pálida cor esverdeada do cloro, a cor da morte. Que esta cor do quarto cavalo indica seguramente morte na igreja, é confirmado pelo nome do cavaleiro que em verdade é chamado 'morte'.

"O cavaleiro que agora monta o cavalo ou tem as rédeas da igreja em suas mãos, não mais é o imperador romano do Ocidente cujo império ruiu com as invasões dos bárbaros; não é nem mais o imperador romano do Oriente. E muito menos poderá ser Cristo. O cavaleiro que, no período do quarto selo, correspondente aos séculos sexto a dezesseis ou que desde o ano 538 a 1517 desempenhou seu funesto papel na igreja, é aquele a quem o imperador Justiniano transferiu as insígnias do poder sobre a igreja, isto é, o papado. Seu nome de "Morte" é representativo de sua obra nefasta realizada na igreja ou contra a igreja de Cristo, durante os chamados séculos escuros da Idade Média.

"Como uma prova incontestada de que este hediondo cavaleiro ia efetuar uma obra de carnificina real na igreja, é referido que o Hades o seguia. Hades é o termo grego que designa o 'lugar dos mortos' ou a 'sepultura'. O papado, pois, ia efetuar uma obra de chacina na igreja e levar multidões de seus membros à sepultura; ia desembainhar a espada contra os que, na igreja, ainda mantinham sua sinceridade a Cristo e ao evangelho apostólico. Os homens, que pretendiam ser os ministros da palavra da vida, são acusados na profecia como ministros da "morte". Dezenas de milhões de santos inocentes e verdadeiros seguidores do Filho de Deus, pagaram com a vida a sua fidelidade à verdadeira fé.

"[...] A quarta parte da terra foi ensanguentada de sangue inocente e santo. As profecias das trombetas fazem referência apenas à terça parte da terra conhecida, que eram a Europa, a Ásia e a África. Nos dias, porém, em que a espada papal fazia as suas vítimas na igreja de Cristo, Colombo descobriu mais uma parte da terra, até então desconhecida — a América. Assim as carnificinas daqueles homens-feras eram efetuadas na quarta parte da terra — a Europa." (MELLO, 1959, p. 155, 156, 158).

"Espada, fome, peste e feras da terra são as armas destruidoras usadas pelo papado contra as testemunhas de Jesus. A espada das cruzadas contra os Valdenses, Albigenses, Huguenotes e outras vívidas testemunhas do Senhor Jesus, tem muito a dizer nas páginas da história de Roma. Os satânicos cárceres dos tribunais da inquisição papal têm também mui-

to a dizer sôbre a terrível fome e as assoladoras epidemias que levaram multidões de santos encarcerados à morte. Homens quais "feras da terra" ou piores que elas, — prelados, bispos, cardiais, papas, — não se saciavam nunca de carnagens e do sangue dos seguidores do Filho de Deus.

"[...] E parece incrível, que em pleno século XX, a igreja papal ainda arrogue as mesmas pretensões de matar os por ela considerados heréticos. Numa obra católica, publicada em 1911, é audazmente pretendido que a igreja tem o divino direito de "confiscar a propriedade dos heréticos, aprisioná-los, e condená-los às chamas". "Em nosso século o direito de infligir as mais severas penalidades, mesmo a morte, pertence à igreja porque a experiência nos ensina que não há nenhum outro remédio", pois, "o último recurso é a pena de morte". E o mesmo autor continua: "Não há ofensa mais grave do que a heresia..., e portanto ela deve ser desarraigada com fogo e espada. E' um dogma católico o que deve ser fielmente crido, que a pena extrema não somente pode, mas deve ser infligida sôbre os obstinados eréticos". Esta confissão evidencia o totalitarismo da igreja católica nos séculos passados e suas pretensões ao mesmo poder no século atual. Institutes of Public Ecclesiastical Law (Signs of the Times, 4-2-1947)" (MELLO, 1959, p. 157, 597).

"O quarto selo é anunciado pelo quarto ser vivente, semelhante a uma águia. Esse era o símbolo na bandeira da tribo de Dã, aquele que na profecia de Jacó já foi condenado por ser a serpente junto ao caminho. "Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás" (Gen. 49:17). Não é preciso muito esforço para reconhecer semelhanças entre a descrição de Dã e o quarto cavalo, pois a descrição de Dã é a própria descrição de Satanás, a serpente, o falso, o que morde por trás, o que derruba, o que mordeu o próprio calcanhar do Messias, "e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gen. 3:15). A figura da águia como símbolo de Dã ajusta-se muito bem ao grupo dos perdidos e condenados na mensagem do quarto selo.

"[...] Sem dúvida alguma, o cavaleiro é Satanás, e o cavalo representa todos aqueles que estão sob o seu controle e liderança e que terão o mesmo fim dele, a mesma condenação, a morte no inferno, isto é, a morte no lago de fogo e enxofre, que é a segunda morte (Apoc. 21:8). Os três primeiros selos e as três mensagens angélicas estão relacionados às três diferentes classes de pessoas que professam fé em Jesus, a saber: o remanescente fiel; o falso protestantismo; e a Igreja Católica. O quarto cavalo liga-se à grande classe dos perdidos, de onde já saíram o trigo, e a cevada, o azeite e o vinho.

"Quando os sinceros filhos de Deus que ainda estão em Babilônia, nas igrejas caídas, em resposta à proclamação do Alto Clamor, deixarem suas igrejas, restará nas igrejas caídas somente o joio pronto para ser destruído. A natureza da mensagem do quarto selo é de condenação e morte, não mais juízo, no sentido de avaliação, mas juízo no sentido de condenação. [...] O juízo pré-advento condenará a classe representada pelo quarto cavalo, que segue o mesmo destino do seu cavaleiro, cujo nome é morte e inferno. Quando Jesus voltar, Ele voltará já sabedor do nome dos salvos e dos perdidos. O quarto cavalo, portanto, representa a grande massa dos perdidos, representada na mensagem do quarto anjo de Apoc. 18, como a queda final, ou seja, a condenação da grande Babilônia [...] (Apoc. 18:2, 5, 6, 8).

"[...] A profecia bíblica é bem consistente. Se os três primeiros selos e as três mensagens angélicas se correspondem, seguramente, o quarto selo também se corresponde com a mensagem do quarto anjo. [...] O profeta Zacarias também lança luz sobre a natureza e o significado do quarto cavalo. Zacarias 6:6 diz que os cavalos baios dirigem-se ao Sul. Não é preciso grande esforço para entender que os cavalos baios correspondem ao cavalo pálido, ou cinza.

[Quais os links entre os profetas João, Ezequiel, Zacarias e Daniel?? Você deixa lacunas enormes em seu texto, nesse aspecto].

"O rei do Sul de Daniel 11:40 é identificado como em oposição ao rei do Norte. Em tempos antigos o rei do Sul era o Egito. Nenhum monarca na terra já se aventurou a desafiar a Deus como fez o rei do Egito. "Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Isra-

el? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel" (Exo. 5:2). Isto é Ateísmo. Ellen G. White compara a arrogância de Faraó com a presunção da França na Revolução Francesa, ao anular a religião. Ela então diz: "Isto é Ateísmo" (O Grande Conflito, 269.) Desta forma o rei do Sul representa o ateísmo em todas as suas formas, incluindo todo sistema babilônico representado pela Igreja de Roma, Protestantismo apostatado e Espiritismo. Este aspecto do quarto cavalo, que se dirige para o Sul, vem fortalecer a sua identidade e ligação com o ateísmo declarado de todos aqueles que anularam Deus de suas vidas e escolheram "adorar o dragão que deu à besta o seu poder... esses cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro..." (Apoc. 13:4, 8)" (RAMOS, 2006, p. 264-271).

6.9	Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam.	Quando Jesus quebrou o quinto selo, eu vi os registros minuciosos das almas mortas nos altares terrenos, como sacrifícios vivos a Deus, por terem sido fiéis à revelação de Deus e por causa de seu estilo de vida limpo.
-----	--	---

"A expressão "almas" não deve ser compreendida à luz da crença popular, como algo imaterial, que se separa do homem em sua morte. A palavra grega aqui é *Psyche*, que aparece 102 vezes no Novo Testamento, e equivale a ser vivente, ou mais apropriadamente a uma pessoa (ver Atos 2:41; 7:14; 1 Pedro 3:20). De fato, em toda a Bíblia, a expressão alma nunca se refere a uma entidade fora e independente do corpo.

"E quanto a este altar? No santuário dos hebreus havia dois altares, o altar de incenso, no primeiro compartimento do santuário, ou lugar santo, e o altar de holocausto, que ficava no pátio, fora do santuário, onde os animais, após serem sacrificados, eram queimados e seu sangue derramado debaixo do altar (Levítico 4:18, 25, 30 e 34). A cena do quinto selo não é literal. Não existem pessoas reais clamando debaixo de um altar, mas estas almas (pessoas) foram mortas por seu fiel testemunho, como "sacrificadas" em nome de Cristo. O próprio Paulo usou terminologia parecida para falar de seu martírio: "Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação (sacrifício), e o tempo da minha partida é chegado" (2 Timóteo 4:6). Este clamor simbólico tem a ver com os martírios ocorridos na Idade Média, conforme visto na abertura do quarto selo" (OLIVEIRA et al., 2015, p. 20).

"Aqui a ilustração de Deus dá voz ao sangue de mártires inocentes. Eles morreram por sua fé e, de acordo com todas as aparências humanas, Deus nada fez para protegê-los. Um dia, porém, as contas serão acertadas.

"[...] Será que isso ensina que as almas desencarnadas dos mortos estão conscientes no Céu? Se não é assim, por que não?

"1. O altar do sacrifício no qual eles foram imolados e sob o qual eles são vistos não está no Céu, mas na Terra. O único altar no Céu é o altar do incenso.

"2. Não podemos imaginar que o espírito de vingança pudesse dominar de tal maneira as mentes das almas no Céu a ponto de fazer com que, a despeito da alegria e da glória do Céu, elas não ficassem satisfeitas e à vontade até que vissem a vingança sendo infligida sobre seus inimigos.

"3. Se a idéia popular que coloca essas almas no Céu fosse verdade, seus perseguidores estariam queimando no inferno. Por que essas almas estariam clamando por vingança? Que vingança maior poderiam querer?

"4. Alguns argumentam que elas devem estar conscientes, pois clamam a Deus. Devemos entender que a personificação atribui vida, ação e inteligência a objetos inanimados. O sangue de Abel clamava a Deus desde a Terra (Gênesis 4:9 e 10). A pedra clamava da parede e a trave respondia do madeiramento (Habacuque 2:11). O salário dos trabalhadores que fora diminuído clamava, e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos

Exércitos (Tiago 5:4).” (FEYERABEND, 2005, p. 55, 56).

“No altar de bronze do santuário do Antigo Testamento se ofereciam os sacrifícios de animais. O sacrifício era queimado e o sangue era derramado na base do altar (Levítico 4:7). A vida ou a alma está no sangue (Levítico 17:11; Deuteronômio 12:23). O símbolo é claro: O sangue dos mártires do pequeno remanescente fiel que não aceitou a paganização doutrinal é derramado como um sacrifício ao pé do altar. Esse sangue simbolicamente clama a Deus, como o fez o sangue de Abel que foi morto por seu irmão (Gênesis 4:10)” (BELVEDERE, 1987, p, 55).

“[...] a visão dos sete selos compreende cenas que se desenrolariam na terra, com referência à igreja de Cristo, e não no céu. A expressão de S. João de que viu “debaixo do altar as almas dos que foram mortos” no período da opressão despótica do papado, deve ser entendida como uma afirmativa de que eles estão debaixo da terra, o altar em que os sacrificaram ou que estão em seus sepulcros e não no céu onde não há nenhum altar para tal.” (MELLO, 1959, p. 159, 160).

6.10	Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?	Jesus deu completa atenção àqueles registros, como se os mesmos gritassem representando a dor do sofrimento cruel e da injustiça acarretados aos mártires; tais arquivos escancarados diante de Jesus exigiam o julgamento divino no Céu sobre os algozes das vidas inocentes cujo sangue havia sido derramado aqui na Terra.
------	--	---

“Sob este selo não há vozes de comando do céu, e mensageiro nenhum é enviado do trono; indicando por esta razão que as sanguinolentas perseguições aos servos de Deus vieram de baixo – não de cima. ... O Ser vivente não diz, vai! Pois eles, nem direta nem indiretamente, estão incumbidos de trazer sofrimentos aos servos de Deus por causa de sua fidelidade à verdade. Nenhum cavalos se precipitam na cena, pois nenhuns poderes divinos são empregados no martírio dos santos.’ – J.A. Seiss, The Apocalypse, VI, 349, 350.

“[...] ‘Chegará uma crise no domínio de Deus. A Terra encherá-se de transgressão. As vozes daqueles que tinham sido odiados e sacrificados pela inveja humana clamavam por retribuição debaixo do altar. Todo o céu estava preparado para, mediante a palavra de Deus, agirem em favor dos eleitos. A uma palavra Sua, as tochas do céu teriam caído sobre a Terra, enchendo-a de chamas de fogo. Tivesse Deus ao menos falado, e teria havido relâmpagos, e trovões, e terremotos e destruição. ... Os anjos esperavam por Deus para punir os habitantes da Terra. Mas ‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito para que todo aquele que nEle crê, não pereça, mas tenha a vida eterna’ – E.G. White, R & H, 17-7-1900.

“Quando a provocação à lei de Deus for quase universal, quando Seu povo for esmagado em aflição pelos seus compatriotas, Deus Se interporá. Então se ouvirá a voz das sepulturas dos mártires, representadas pelas almas que João viu mortas pela palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo.” – E.G. White, R & H., 21-12-1897. [...] ‘Ao se abrir o quinto selo, João o Revelador viu em visão debaixo do altar a multidão que fora morta pela palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo. Depois disto veio a cena descrita em Apoc. 18, em que aqueles que são fiéis e verdadeiros são chamados a sair de Babilônia.’ – E.G. White, Manuscrito 39, 1906.” (THIELE; BERG, 1960, p. 169-171).

“Não devemos supor que isto sucedeu literalmente, e que João realmente viu em realidade as almas dos mártires debaixo do altar, porque toda a representação é simbólica. Nem devemos supor que os maltratados que estejam agora no Céu oram pedindo vingança

para os que os maltrataram, ou que os remidos no Céu continuem a orar com referência às coisas da Terra. Mas desata passagem pode concluir-se que haverá uma lembrança tão real dos sofrimentos dos perseguidos, injuriados e oprimidos, como se fosse feita ali semelhante oração, e que os opressores têm tanto a temer da vingança divina como se aqueles a quem prejudicaram clamassem no Céu ao Deus que ouve as orações e que toma vingança.' – Albert Barnes, Notes on Revelation, págs. 190, 191, Comments on Rev. 6:9-11" (SMITH, 1979, p. 88).

"No quinto e sexto selos não existem mais cavalos para representar diferentes classes de pessoas, pois os quatro cavalos cobrem toda a humanidade. O quinto e sexto selos, porém, continuam falando de duas outras diferentes classes de pessoas no juízo, usando uma linguagem bem explícita. Por que a profecia deixou de usar o simbolismo de cavalos para as últimas duas classes? A resposta é que os dois grupos mencionados no quinto e sexto selos, ambos pertencem ao cavalo branco, o povo de Deus. O quinto selo diz respeito a uma classe especial de salvos, os mártires. Não se aplica somente aos mártires do passado, mas também aos mártires que ainda derramarão o sangue no conflito entre Cristo e Satanás, antes do fechamento da porta da graça" (RAMOS, 2006, p. 271, 272).

6.11	Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram.	Então, a cada um dos mártires ainda mortos foi dada a garantia de que seriam ressuscitados salvos pela graça e justiça divinas. Quanto à cruel injustiça infligida a eles na Terra, também eu ouvi alguém dizer que isso não ficaria impune; outros passariam pelas mesmas injustiças e o caso destes seria resolvido junto ao daqueles, enquanto aqueles descansavam o sono da morte. Mas isto tudo por pouco tempo.
------	---	---

"As vestiduras brancas simbolizam a dignidade que lhes confere a justiça de Cristo (Apocalipse 19:8; 3:5; 7:14). Mas, embora tivessem ganho a vitória em Cristo, deviam descansar na tumba um pouco de tempo até que Jesus venha e lhes dê a recompensa (Heb. 11:39, 40)" (BELVEDERE, 1987, p. 55). "As 'vestes brancas' simbolizam sua vindicação [dos mártires justos] no julgamento celestial que precede o Segundo Advento. Visto que eles morreram possuindo a justiça de Cristo, podem ser julgados dignos da vida eterna" (BATTISTONE, 1989, p. 90).

"Pelo poder do Espírito Santo, o povo de Deus do tempo do fim será feito completamente vitorioso em Cristo, durante 'as bodas do Cordeiro', o juízo pré-advento (Apoc. 19:2, 7 e 8). Então, eles são selados em suas frentes. Seus nomes serão conservados para sempre no livro da vida e Satanás não terá mais poder sobre eles. (Ver Primeiros Escritos, págs. 270 e 271.)" (GULLEY, 1996, p. 5).

Confira o livreto "O Juízo" (Disponível em: <http://blogdoprofh.com/2018/11/03/livro-o-juizo/>). Breve explicação:

a. os mortos que foram julgados e declarados salvos; de fato, desde a morte deles Satanás não pode mais importuná-los;

b. os vivos que forem julgados no Santuário; certamente, minutos, horas, dias, talvez semanas (meses??) antes do retorno de Jesus. Basta comparar a quantidade de seres humanos que já existiu (x), desde Adão, e a quantidade de seres humanos vivos (y), com o tempo transcorrido de 22/10/1844 até o fim do julgamento (t), (hoje é 28/7/2018). Ou seja, a razão y/t é muito menor do que x/t. Seja qual for a velocidade média do julgamento (pessoa/período de tempo), sempre sobrarão pouco tempo entre o ser humano vivo selado e a volta de

Jesus, o que garante a diminuição das chances de Satanás. Mas, o fato é que, se Deus selou, as tentações do mal sobre o selado não mudarão o futuro já previsto pelo Juiz e refletido no selo dado ao vivo selado.

“Desceram à sepultura do modo mais ignominioso. Os motivos de suas vidas foram falsificados, suas reputações denegridas, difamados os seus nomes, e suas sepulturas cobertas de vergonha e opróbrio, como se encerrassem as desonradas cinzas das pessoas mais vis e desprezíveis. Assim, a Igreja de Roma, que então moldava o sentimento das principais nações da Terra, não poupava esforços para tornar as suas vítimas um objeto de aversão para todos.

“Mas a Reforma protestante começou a sua obra. Começou a ver-se que a Igreja era corrupta e desprezível, e aqueles contra quem desabafara a sua ira eram os bons, os puros e os verdadeiros. A obra continuou entre as mais ilustradas nações da Terra, e a reputação da Igreja foi caindo enquanto a fé dos mártires foi subindo, até que ficaram plenamente expostas todas as corrupções e abominações papais. Então foi realçado este gigantesco sistema de iniquidade perante o mundo em toda a sua deformidade, enquanto que os mártires foram vindicados de todas as calúnias sob as quais a Igreja perseguidora procurou sepultá-los. Viu-se então que sofreram, não por ser vis e criminosos, mas "por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentaram." Então seus louvores foram cantados, admiradas suas virtudes, sua fortaleza aplaudida, seus nomes honrados, e respeitadas suas memórias. Foram assim dadas vestes brancas a cada um deles” (SMITH, 1979, p. 89, 90).

“Até que o caráter de Deus seja vindicado no juízo e os santos possam receber sua recompensa. [...] A maioria das traduções de Apocalipse 6:11 parecem indicar que os mártires não poderão ser ressuscitados até que certo número de pessoas tenham sido mortas por sua fé. ... O verbo grego para 'sejam completados' não denota necessariamente a completação de determinado número de mártires” (BATTISTONE, 1989, p. 89, 90).

“Apocalipse 6:11 pode ser traduzido: 'E foi dada a cada pessoa uma roupa branca, e dito que deveria esperar um pouco mais, até que seus companheiros e irmãos, que estavam para ser mortos como eles o foram, pudessem ser completos (chegassem à perfeição).' Os que morreram salvos serão vindicados no juízo pré-advento. Seus irmãos vivos serão feitos completos em Cristo antes de receberem o selo de Deus no tempo do fim (Apoc. 7:1-3)” (GULLEY, 1996, p. 4).

“Outro detalhe que chama a atenção é que muitos ainda morreriam como mártires. Em paralelo com a abertura do quinto selo está a quinta igreja, Sardes. Na carta a esta igreja vemos uma mensagem semelhante: 'Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer...' (Apocalipse 3:2). Mesmo a Reforma Protestante não conseguiu frear completamente as perseguições, pois o período de domínio papal se estendeu ainda até 1798” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 20).

“Ao decorrer o tempo, pelo aumentar a iniquidade, ao os servos de Deus serem perseguidos e buscados em terra e mar, atinge-se um período em que parece aos filhos de Deus ter chegado a hora da vingança em que Deus deve intervir para pôr fim ao pecado e à opressão, trazer a paz e a justiça eternas. Mas Deus em Sua infinita sabedoria compreende o que é melhor, e pede aos Seus santos que esperem um pouco mais até que chegue o tempo, o tempo de Deus e dos ímpios. O tempo e a obra está nas mãos de Deus. O relógio de Deus marca o tempo com exatidão, e no seu tempo o livro do destino fatal será desselado” (THIELE; BERG, 1960).

“Deus explicou a razão por que eles ainda não tinham sido julgados, e o fez de uma forma muito explícita. A classe dos mártires ainda não estava completa. Quando se completará o número dos mártires? No tempo em que a mensagem do terceiro anjo se cumprir e o Decreto Dominical for finalmente imposto como a “abominação desoladora da qual falou o profeta Daniel” (Mat. 24:15), então terá chegado o tempo em que muitos filhos de Deus serão chamados para morrer como mártires; o sangue deles jorrado na terra, como no passado, se transformará em sementes que produzirão abundante colheita para o reino de Deus, exatamente na hora undécima da história desta terra.

[O Senhor Jesus citou Daniel Se referindo à destruição de Jerusalém pelos romanos, certo? Ele não Se referiu ao decreto dominical nem ao de morte. Por outro lado, a sequência de Mt 24.15 fala sobre "abreviação da angústia". Isso pode sim se referir ao fim do tempo do fim].

"Ellen G. White declara que, quando a anulação da Lei de Deus for quase universal, então ouvir-se-ão as vozes que João ouviu no quinto selo: 'Quando a oposição à Lei de Deus for quase universal, quando Seu povo for acossado em aflição por seus semelhantes, Deus intervirá. Então ouvir-se-ão as vozes dos túmulos dos mártires representadas pelas almas que João viu mortas por causa da Palavra de Deus, e por causa do testemunho de Jesus Cristo, que eles mantiveram, então as orações ascenderão de todo verdadeiro filho de Deus: 'É tempo, Senhor, de agir, porque eles têm anulado Tua lei.'" Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 6, 1081" (RAMOS, 2006, 273, 274).

6.12	Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue,	Eu vi quando Jesus quebrou o sexto selo. Isso desencadeou uma série de eventos catastróficos na Terra: um grande terremoto; em pleno dia o sol deixou de iluminar; a lua apareceu vermelha,
------	---	---

"O sexto selo culmina com a segunda vinda de Cristo. Por isso podemos adequadamente chamá-lo o tempo do fim" (BELVEDERE, 1987, p. 55).

"O sexto selo representa a Segunda Vinda de Cristo (Apoc. 6:15-17). O sétimo selo só será rompido depois que Cristo vier" (BATTISTONI, 1989, p. 72).

"Os eventos deste sexto selo não se acham em nada relacionados com a história da igreja cristã como os anteriores. Não há nele nenhuma linguagem figurada como nos antecedentes, senão extritamente [sic] literal. Os portentosos acontecimentos revelados neste selo prenunciam o maior acontecimento dos séculos: O Segundo Advento de nosso Senhor Jesus Cristo em grande glória e suprema Majestade" (MELLO, 1959, p. 165).

"O sexto selo inicia em Apoc. 6:12 e se estende até o fim do capítulo sete. Apoc. 7 é a sequência do sexto selo, revelando o Julgamento dos Vivos. Novamente aqui o ponto central do selo é um grupo de pessoas no juízo. O sexto selo começa falando de alguns eventos que devem acontecer no mundo físico: um grande terremoto, escurecimento do sol e da lua, e queda das estrelas. Esses mesmos sinais também são mencionados em Mateus 24:29 e Lucas 21:11, 25.

"Existem dois períodos de aflição mencionados na profecia, o primeiro de 1260 anos (538 - 1798), foi a primeira supremacia papal. Tudo indica que Jesus esteja falando desse período de aflição em Mateus 24:29 quando diz: "Logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu." Esses sinais no mundo físico ocorreram em sequência: o terremoto de Lisboa em 01/11/1755; o escurecimento do sol e da lua em 19/05/1780; a queda das estrelas em 13/11/1833. Esses sinais proféticos chamaram a atenção do mundo para a proximidade da volta de Jesus, porém, mais que isso, chamaram a atenção do mundo para o início do Juízo Celestial, para a Vinda de Jesus ao Pai no Santíssimo do Santuário Celestial, para receber o Livro Selado e dar início ao Juízo Celestial. Na Bíblia existem três referências a este evento (Daniel 7:13-14; Mal. 3:1-3; Apoc. 5:7).

"Assim como no Santuário Terrestre, o Dia da Expição era precedido pela Festa das Trombetas que advertia o povo de Deus de que o dia do juízo estava chegando, assim também, antes que o grande Dia da Expição no Santuário Celestial chegasse, Deus advertiu o mundo, usando pregadores como Guilherme Miller, Manuel Lacunza, José Wolff, Edward Irving e outros para pregarem a mensagem do juízo vindouro; usou também no mundo físico os sinais no sol, na lua e nas estrelas. Deus não iniciaria o Juízo Celestial sem nenhuma advertência

ao Seu povo.

"Não é interesse de Deus deixar Seu povo às escuras. Do mesmo modo como foi anunciado ao mundo o início do Juízo Celestial (1844), que começou pelos mortos, também Deus anunciará ao mundo a proximidade do Juízo dos Vivos. Os últimos três selos revelam claramente a parte final do ministério de Jesus no Santíssimo: o quinto selo: o juízo dos mártires; o sexto selo: o juízo dos vivos; o sétimo selo: o fim do juízo e o fechamento da porta da graça. A profecia menciona os sinais no mundo físico, pela segunda vez, no contexto do Juízo dos Vivos indicando que esses sinais deverão ocorrer novamente" (RAMOS, 2006, p. 281-283).

"A profecia estabelece "um grande tremor de terra" como marco inicial do sexto selo. E o grande terremoto a primeiro de novembro de 1755, preenche absolutamente os requisitos da profecia. Evidentemente não fôra Lisboa a vítima única do tremendo abalo daquele ano. Porém, foi a velha capital portuguesa a maior vítima do grande cataclisma, pelo que êle é denominado de — Terremoto de Lisboa." (MELLO, 1959, p. 165).

"Estes sinais foram testemunhados antes do início do século XIX. Em cumprimento desta profecia ocorreu no ano 1755 o mais terrível terremoto que já se registrou. Posto que geralmente conhecido por terremoto de Lisboa, estendeu-se pela maior parte da Europa, África e América do Norte. Foi sentido na Groenlândia, nas Índias Ocidentais, na Ilha da Madeira, na Noruega e Suécia, Grã-Bretanha e Irlanda. Abrangeu uma extensão de mais de dez milhões de quilômetros quadrados" (WHITE, 2013, p. 265).

Para efeito de comparação: o Brasil possui 8.516.000 km²!

"Antes desta anunciação apocalíptica do escurecimento do sol, outras profecias muito anteriores fizeram a mesma referência como um sinal do fim do mundo ou da Segunda Vinda de Cristo (Is 13.10, 11; Jl 2.31, 3.15, 16). O Senhor Jesus, referindo-se, pessoalmente, aos sinais de Seu segundo Advento, aludiu ao escurecimento do sol, salientando o tempo exato dêsse acontecimento, isto é, "logo depois" da grande aflição ou perseguição contra os cristãos na Idade Média, movida pelo papado (Mt 24.21, 22, 29).

"E, segundo atesta a história, as perseguições ou a "grande aflição", causada pela espada de Roma, cessou cêrca do ano de 1773. Logo depois deveria ocorrer o grande fenômeno. Foi precisamente a 19 de maio de 1780 que tomou lugar o sobrenatural escurecimento do sol, apenas sete anos depois da cessação das perseguições contra os santos. As narrativas que até nós chegaram do grande escurecimento, são perfeitamente comprobatórias da profecia. O continente Americano foi o primeiro a ser envolto pelas densas e estranhas trevas, pois que se manifestaram nos Estados Unidos, desde cêrca das dez e meia hora da manhã até ao pôr do sol." (MELLO, 1959, p. 166, 167).

"A Lua tornou-se como sangue. – A escuridão da noite seguinte a 19 de maio de 1780 foi tão invulgar como tinha sido a do dia. A escuridão foi tão densa como talvez não se tenha ainda observado desde que a ordem do Todo-Poderoso deu origem à luz. Não pude resistir à idéia de que se todos os corpos luminosos do Universo estivessem envoltos em trevas espessas ou tivessem desaparecido totalmente, a escuridão não podia ter sido mais completa. Uma folha de papel branco a poucos centímetros dos olhos era tão invisível como o mais negro veludo." – Samuel Tenny, in Collections of Massachusetts Historical Society for the Year 1792, vol. I, págs. 97, 98. Aquela noite . . . não foi talvez mais escura desde que os filhos de Israel saíram da casa da servidão. A escuridão permaneceu até a uma, embora no dia anterior tinha começado a fase da Lua cheia.|| – Gazette de Boston, de 29 de maio de 1780" (SMITH, 1979, p. 96).

6.13

as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes,

objetos do espaço entraram na atmosfera terrestre e caíram no chão, do mesmo jeito que figos, mesmo verdes, caem da figueira quando esta é balançada por um vento forte,

“Em 1833, dois anos depois que Miller começou a apresentar em público as provas da próxima vinda de Cristo, apareceu o último dos sinais que foram prometidos pelo Salvador como indícios de Seu segundo advento. Disse Jesus: “As estrelas cairão do céu.” Mateus 24:29. E João, no Apocalipse, declarou, ao contemplar em visão as cenas que deveriam anunciar o dia de Deus: “E as estrelas do céu caíram sobre a Terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.” Apocalipse 6:13.

“Esta profecia teve cumprimento surpreendente e impressionante na grande chuva meteórica de 13 de novembro de 1833. Aquela foi a mais extensa e maravilhosa exibição de estrelas cadentes que já se tem registrado, “achando-se então o firmamento inteiro, sobre todos os Estados Unidos, durante horas, em faiscante comoção! Neste país, desde que começou a ser colonizado, nenhum fenômeno celeste já ocorreu que fosse visto com tão intensa admiração por uns ou com tanto terror e alarma por outros.”

“Sua sublimidade e terrível beleza ainda perdura em muitos espíritos. ... Raras vezes caiu chuva mais densa do que caíram os meteoros em direção à Terra; Leste, Oeste, Norte e Sul, tudo era o mesmo. Em uma palavra, o céu inteiro parecia em movimento. ... O espetáculo, como o descreveu o diário do Prof. Silliman, foi visto por toda a América do Norte. ... Desde as duas horas até pleno dia, estando o céu perfeitamente sereno e sem nuvens, um contínuo jogo de luzes deslumbrantemente fulgurantes se manteve em todo o firmamento.” — Progresso Americano, ou Os Grandes Acontecimentos do Maior dos Séculos, R. M. Devens” (WHITE, 2013, p. 290, 291).

6.14

e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos

e então, a abóbada celeste se encolheu como um pergaminho quando é enrolado. E as montanhas da Terra começaram a se mexer e todos os continentes e as pequenas ilhas também saíram do seu lugar.

“Nuvens negras e densas subiam e chocavam-se entre si. A atmosfera abriu-se e recuou; pudemos então olhar através do espaço aberto em Órion, donde vinha a voz de Deus. A santa cidade descerá por aquele espaço aberto” (WHITE, 2007b, p. 86).

“Nuvens negras e pesadas se acumularam e se chocavam umas contra as outras. Mas havia um espaço claro de glória indescritível, de onde veio a voz de Deus como de muitas águas, a qual fez estremecer os céus e a Terra. O céu se abria e se fechava e estava em comoção” (WHITE, 2007, p. 55).

“O que foi descrito no verso 14 ainda não aconteceu. Os eventos do verso 13 já ocorreram. Você e eu estamos vivendo entre os versos 13 e 14 de Apocalipse 6. O próximo evento no programa de Deus está descrito no verso 14. O céu se retira como um rolo. Cada montanha e cada ilha serão removidas: as majestosas Montanhas Rochosas canadenses, os Andes da América do Sul, os Alpes Suíços, o Monte Evereste, e Bermudas, Jamaica e as ilhas havaianas” (FEYERABEND, 2005, p. 60).

“Esta retirada do céu está incluída no que os evangelistas chamam, na mesma série de acontecimentos, o abalo das potências do céu. Outras passagens apresentam-nos mais pormenores acerca desta predição. Por Hebreus 12:25-27; Joel 3:16; Jeremias 25:30-33; Apocalipse 16:17, sabemos que é a voz de Deus, falando com terrível majestade desde os céus que causa esta formidável comoção da Terra e do céu. Outrora o Senhor falou, quando com voz audível deu a Sua eterna Lei no Sinai. Então a Terra tremeu. Ele há de falar de novo, e não somente a Terra há de tremer, mas os céus.

Então a Terra “vacilará como ébrio”, “se romperá” e “de todo será quebrantada” (Isaías 24). Os montes se removerão de suas firmes bases, as ilhas mudarão subitamente de lugar no meio do mar. Da planície se levantará a escarpada montanha. As rochas erguerão

suas escabrosas formas da fendida superfície da Terra. Enquanto a voz de Deus repercute sobre a Terra, reinará a mais terrível confusão sobre a face da Natureza.

[No entanto, o monte das Oliveiras será conservado, até o Senhor tocar nele 1000 anos após a Sua segunda vinda, correto?]

“Para mostrar que isto não é mero produto da imaginação, pedimos ao leitor que observe a fraseologia exata usada por alguns dos profetas com referência a este tempo. Isaías diz: "A Terra está de todo quebrantada, ela totalmente se rompe, a Terra violentamente se move. A Terra cambaleia como um bêbado, e balanceia como rede de dormir; a sua transgressão pesa sobre ela, ela cairá e jamais se levantará." (Isaías 24:19, 20). Jeremias em vibrante linguagem descreve a cena nos seguintes termos: "Olhei para a Terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam, e todos os outeiros estremeciam. Olhei, e eis que não havia homem nenhum, e todas as aves dos céus haviam fugido... Pois assim diz o Senhor: Toda a Terra será assolada" (Jeremias 4:23-27)" (SMITH, 1979, p. 98, 99).

6.15	Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes	Líderes políticos deste mundo, celebridades, generais sobre o comando de enormes exércitos, pessoas riquíssimas e influenciadoras na economia mundial, gente muito inteligente e capaz, e também pessoas muito pobres e outras das variadas classes socioeconômicas, todos eles tentaram se esconder em lugares subterrâneos de seus países destruídos e em estado geomorfológico caótico; outros procuraram despenhadeiros
6.16	e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro,	e lá disseram às rochas e aos destroços: caiam sobre nós e nos escondam da face Daquele que está chegando em Seu trono e da face de Jesus Cristo que está ao Seu lado, pois Eles enfim apareceram e estão cumprindo o que os profetas predisseram;
6.17	porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?	sim, chegou o desacreditado fantástico dia Deles e Eles começaram a dar a sentença da destruição para todos os que Os desprezaram! Quem escapará dessa condenação?

“Afim o céu retirar-se-á para que o pecador impenitente contemple a majestade do Todo-poderoso dirigindo-se à terra. Todas as classes estarão em franco desespero, excepto os verdadeiros cristãos. Os reis da terra ver-se-ão despojados da autoridade terrena que os entoxica e verão a majestade da supremacia de um Monarca que reina sobre todos eles, mas cujo poder jamais acataram. Os ricos que ajuntaram tesouros na terra e não no céu, verão sem valor algum os seus bens, e perder-se-ão porque confiaram nas suas riquezas e não em Deus (Ez 7.19).

“Os tribunos e os poderosos também se verão despojados de suas dignidades e autoridades de que agora gozam com prejuízo de seus deveres para com o céu. Servos e livres, conjuntamente com os grandes e poderosos serão surpreendidos naquele tremendo dia

em que seus pecados e descréditos contra a lei de Deus os conduzirão a um fatal desenlace. Debalde tôdas estas classes procurarão esconder-se da presença do supremo Juiz nas rochas e rogarão aos montes que os cubram da espantosa presença do Todo-poderoso. "Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que Eu não o veja? diz o Senhor; porventura não encho Eu os céus e a terra? diz o Senhor" (Jr 23.24).

"Não poderão ocultar a culpabilidade de que são alvos nem jamais escapar à demorada vingança que por fim se manifestou. Terão de confessar ter chegado o "grande dia da Sua ira", da qual foram notificados mas dela zombaram. Não subsistirão ante a face do Rei do universo (Êx 33.20)" (MELLO, 1959, p. 171, 172).

"A ira de Deus sobre os ímpios - Apoc. 6:15-17. (1) Grandes homens escondem-se nas rochas e montanhas - Apoc. 6:15; Isa. 2:19-21. (2) Clamam para ser escondidos da ira do Cordeiro - Apoc. 6:16; Osé. 10:8; Luc. 23:30; Mat. 24:30; Sof. 1:14-18. (3) É vindo o grande dia da ira de Deus - Apoc. 6:17; 16:19; Isa. 13:11, 13; Ezeq. 38:19, 22" (THIELE; BERG, 1960, p. 175).

"E então acontece uma grande reunião, quando as pessoas que não têm tempo para freqüentar os cultos de oração vão acabar orando - não para Deus, mas para que as rochas e montanhas caiam sobre elas. Eu não quero estar nessa reunião de oração" (FEYERBEND, 2005, p 60).

"Então será eficazmente desfeito o sonho mundano de segurança carnal. Reis que, intoxicados com a sua própria autoridade terrena, jamais sonharam com um poder mais alto do que o seu, reconhecem agora que há Alguém que reina como Rei dos reis. Os grandes homens contemplam a vaidade de toda a pompa terrena, porque há uma grandeza acima da Terra.

"Os ricos lançam sua prata e seu ouro às toupeiras e aos morcegos, porque não os podem guardar naquele dia. Os grandes chefes esquecem a sua pequena e efêmera autoridade, e os poderosos o seu poder, e todo preso que está na prisão ainda pior do pecado, e todo livre, isto é, todas as classes dos ímpios, desde a mais alta à mais baixa, unem-se ao pranto geral de consternação e desespero.

"Os que nunca oraram Àquele cujo braço podia trazer salvação, levantam agora uma prece angustiosa às rochas e montanhas para que os ocultem para sempre da vista daquele cuja presença lhes traz a destruição. Bem desejariam então deixar de colher o que semearam por uma vida de luxúria e pecado. De boa vontade evitariam então o terrível tesouro de ira que contra si acumularam para esse dia. Bem quereriam sepultar-se, com a sua lista de crimes, em trevas eternas. E por isso fogem para as rochas, subterrâneos, cavernas e fendas, que a quebrantada superfície da Terra então apresenta diante deles. Mas é demasiado tarde. Não podem esconder a sua culpa, nem fugir à retardada vingança. O dia que pensaram nunca chegaria apanhou-os por fim numa armadilha.

"A linguagem involuntária dos seus angustiados corações será: "É vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?" Antes que você seja surpreendido pelas terríveis cenas desse tempo, pedimos, leitor, que preste a mais séria e sincera atenção a este assunto. Muitos mostram hoje desprezar a oração, mas num tempo ou noutro todos hão de orar. Os que não oram agora a Deus em penitência, hão de orar então às rochas e montanhas, em desespero. Essa será a maior reunião de oração jamais realizada." (SMITH, 1979, p. 99, 100).

"O capítulo 6 termina com uma pergunta e há apenas uma resposta para ela: os 144 mil selados (Apocalipse 7). Só eles subsistirão neste tempo de prova" (OLIVEIRA et al., 2015, p. 21).

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso: Como entender os segredos do último livro da Bíblia**. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

GULLEY, Norman R. Lições da Escola Sabatina, 3º Trimestre de 1996, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 1, 2006.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Colportor Evangelista**, 2008. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Colportor%20Evangelista.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

_____, Ellen G. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

_____, Ellen G. **Primeiros Escritos**, 2007. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

_____, Ellen G. **Testemunhos Seletos**, v. 2, 2008b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%202.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

_____, Ellen G. **Testemunhos Seletos**, v. 3, 1949. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%203.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

_____, Ellen G. **Vida e Ensinos**, 2007b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Vida%20e%20Ensinos.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

Apocalipse 7

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

7.1

Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma.

Depois da visão do sexto selo, eu, João, vi anjos administrando os sistemas dinâmicos (humanos, espirituais e naturais) em todo o planeta, mantendo uma relativa ordem apesar de a colisão entre esses sistemas -- a quebra de leis matemáticas (morais e físicas) -- exigir o caos ambiental global. Esses anjos impediam as catástrofes erradicadoras.

“O sétimo capítulo é um parêntese entre o sexto e o sétimo selos. O seu conteúdo não pertence nem a um nem a outro” (MELLO, 1959, p. 173).

Ou seja, seu conteúdo é anterior ao 7º selo. No entanto, até aqui, percebo que nada impede de o selamento (Ap 7.1-8) ocorrer também no início do último cumprimento cíclico do 6º selo (confirma o capítulo seis de “Apocalipse - Possibilidades”). Já a segunda metade de Ap 7 (9-17) ocorrerá durante o 7º selo e/ou após.

“Depois dessas coisas: Não depois do cumprimento de todos os eventos, mas depois de o profeta ter sido levado em visão até o fechamento do sexto selo. Apocalipse 7 é apresentado de forma parentética. O capítulo acrescenta informações adicionais particulares concernentes ao sexto selo. Isso foi antes de o céu retirar-se como um livro que se enrola, e depois dos sinais no Sol, na Lua e nas estrelas. Isso ocorre entre os versos 13 e 14” (FEYERABEND, 2005, p. 63).

“A visão dos quatro anjos nos quatro cantos da terra destinava-se a avivar a esperança do povo de Deus e trazer-lhes encorajamento ao se prepararem para a grande tribulação. Nesse preparo, convém fazer uma avaliação de nossas prioridades espirituais e decidir se precisam ser feitas algumas modificações. Ainda não é tarde demais para mudar. Por mais desesperada que pareça ser a nossa condição, a graça de Deus é suficiente. Sua sabedoria e poder são ilimitados. Ele deseja conduzir-nos em segurança através das provações que se acham à nossa frente” (BATTISTONE, 1989, p. 96, 97).

“A relação de Apocalipse sete com o sexto selo. Os capítulos desta seção do Apocalipse tratam do destino do mundo, a fixação dos destinos dos justos e dos ímpios. O sexto selo retrata os acontecimentos finais que ocorrerão exatamente antes do segundo advento de Jesus. Apoc. 6:15-17 mostra a fatalidade terrível dos ímpios no grande dia da ira de Deus, exatamente antes de Jesus voltar para reinar. Em Apocalipse 7 se nos mostra por contrasta [sic] a sorte dos justos – o selamento dos justos remanescentes em que são fixados seus destinos para sempre, e a retenção dos ventos

para permitir que seja completada esta obra final. Os acontecimentos são paralelos aos apresentados na última parte do Apocalipse 6, sob o sexto selo. O sétimo capítulo de Apocalipse finaliza com uma pré-contemplação ao estarem diante do trono de Deus, louvando-O e regozijando-se em sua salvação” (THIELE, 1960, p. 175, 176).

Os capítulos 7 e 14 não falam sobre o remanescente de Ap 12.17. Eles tratam dos 144.000. Me parece que os 144.000 são um subconjunto dos remanescentes, mas não são o mesmo conjunto.

“Nesta profecia vemos quatro anjos sôbre os quatro quadrantes da terra — Norte, Sul, Leste e Oeste — retendo os quatro ventos nestes e dêstes quatro pontos cardiais. Isto denota uma imensa obra que está em operação na terra sob poderosos anjos” (MELLO, 1959, p.173).

“Quatro cantos - O mundo inteiro” (BATTISTONE, 1989, p. 99). “Na Bíblia, a expressão ‘quatro cantos’ denota universalidade ou inteireza” (BATTISTONE, 1989, p. 97). Quatro anjos - “Os ‘quatro anjos’ de Apocalipse 7:1 simbolizam todos os anjos do Céu que se empenham em ajudar a humanidade. (Ver Heb. 1:14.)” (BATTISTONE, 1989, p. 97). Quatro ventos - “Contendas e pragas do tempo de angústia final” [...] Que é simbolizado pelos ‘ventos da Terra’ detidos pelos anjos? Apoc. 7:1. Leia cada uma destas passagens e mencione o que ela diz sobre o vento ou sobre os ventos: Dan. 7:2 e 3; “Jer. 49:36; “Jer. 23:19; “Osé. 13:15” (BATTISTONE, 1989, p. 99).

“Os quatro cantos da Terra: Esta expressão denota os quatro pontos cardeais, e significa que esses anjos, em sua esfera particular, têm a Terra toda a cargo deles” (FEYERABEND, 2005, p. 63).

“Os estandartes fictícios da paz oferecida pelas nações, umas às outras, não são senão o restringimento dos ventos das lutas de suas paixões políticas detidos pelos quatro anjos. Apenas algumas rajadas sopram da grande tempestade que virá ao soltarem os ventos. Os acontecimentos internacionais falam em alta voz de que se aproxima o momento decisivo em que os ventos serão soltos, e tudo termine num terrível caos” (MELLO, 1959, p. 174).

“Que significariam esses ventos? Há antecedentes proféticos na Bíblia que nos dão a chave. Representam guerras (Ex.: Jeremias 49:36, 37). O fato de que a guerra que se está retendo em Apocalipse 7 viria dos quatro pontos cardeais da Terra, dá a entender que se trata de uma guerra mundial” (BELVEDERE, 1987, p. 58).

“Os ventos que sopram estão associados à ira divina em Apocalipse 6:17 e ocorrem durante a época da ‘grande tribulação’ mencionada posteriormente na cena (Ap 7:14). Os ventos que sopram são outra maneira de descrever as sete últimas pragas, que consistem na plenitude da ira divina (Ap 15:1). Logo, representam as sete últimas pragas que serão derramadas sobre os ímpios pouco antes da segunda vinda de Cristo. Por determinado período, porém, a intervenção divina restringe essas forças destrutivas, impedindo que causem dano à Terra. Elas são contidas enquanto ocorre o selamento do povo de Deus” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 54).

“Estamos na iminência de importantes e solenes acontecimentos. Cumprem-se as profecias. Uma estranha e acidentada história está sendo registrada nos livros do Céu. Tudo em nosso mundo se mostra em estado de agitação. Há guerras e rumores de guerras. As nações estão iradas, e é chegado o tempo dos mortos para serem julgados. Os acontecimentos se sucedem, alternando-se e apressando o dia de Deus, que está muito próximo. Só nos resta, por assim dizer, um pequeno instante. Mas, conquanto nação se esteja levantando contra nação e reino contra reino, não se desencadeou ainda um conflito geral. Ainda os quatro ventos sobre os quatro cantos da Terra estão sendo retidos até que os servos de Deus estejam assinalados na testa. Então as potências do mundo hão de mobilizar suas forças para a última grande batalha” (WHITE, 2008c, p. 336).

“São João vê os elementos da Natureza — terremoto, tempestade, e lutas políticas — representados como sendo retidos por quatro anjos. Esses ventos estão sendo controlados, até que Deus dê a ordem para serem soltos. Nisto está a segurança da igreja de Deus. Os anjos de Deus obedecem às Suas ordens, controlando os ventos da Terra, para que não soprem sobre a Terra, nem no mar, nem nas árvores, até que os servos de Deus sejam assinalados na frente” (WHITE, 2008b, p. 370).

“Anjos acham-se hoje a refrear os ventos das contendas, para que não soprem antes que o mundo haja sido avisado de sua condenação vindoura; mas está-se formando uma tempestade, presstes a irromper sobre a Terra; e, quando Deus ordenar a Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de lutas que nenhuma pena poderá descrever” (WHITE, 2008a, p. 145).

“Apesar de que na Segunda Guerra Mundial morreram 98.000.000 de pessoas, a estrutura da terra não foi danificada, nem a vida marítima, nem o reino vegetal. Contudo, as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, que destruíram essas duas cidades ao final da Segunda Guerra Mundial, nos ajudam a compreender o que poderia ocorrer. [...] Evidentemente, a guerra de que se está falando aqui não está no passado. Não é a Primeira Guerra Mundial, nem a segunda, pois os danos que são profetizados se aplicam com mais propriedade a uma guerra termonuclear, capaz de danificar a Terra, a vida no mar e a vida vegetal. Portanto, refere-se a uma guerra mundial como a que poderia ocorrer se fossem usadas armas como as atuais” (BELVEDERE, 1987, p. 58).

7.2

Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, Também vi outro anjo vindo de selador do próprio Deus que não pára de atuar em benefício da humanidade; esse anjo gritou com força para os anjos administradores (aqueles que, caso permitissem, poderiam deixar o planeta Terra num completo caos),

“O anjo que subia da banda do Sol nascente – Apresenta-se aqui outro anjo literal, com o encargo de outra obra específica. A expressão que nossa versão traduz literalmente: ‘do nascente do sol’, refere-se evidentemente mais ao modo do que ao local. Assim como o Sol vai subindo a princípio com raios oblíquos e relativamente fracos, e vai aumentando de força até que brilham em todo o seu meridiano poder e esplendor, assim também a obra deste anjo começa em fraqueza, avança com sempre crescente influência e termina em força e poder” (SMITH, 1979, p. 102).

“[...] o anjo que sobe do nascimento do sol, com o selo do Deus vivo, é um mensageiro divino encarregado da obra de reforma que deve ser realizada entre os homens relativa à observância do sábado do quarto mandamento. Os agentes desta obra na Terra são, é claro, ministros de Cristo, porque aos homens é dada a missão de instruir os outros na verdade bíblica. Mas, como há ordem na execução de todos os conselhos divinos, não parece improvável que um anjo literal possa ter como cargo a direção desta reforma” (SMITH, 1979, p. 108).

Num contexto bem específico: entre o 5° e o 6° selos, no final do fim dos tempos, antes do novo “grande terremoto” (6° selo), antes do armagedom, (meses?) antes da volta do Senhor! Os acontecimentos que os anjos impedem em Ap 7.1 e 2 deverão ocorrer no 6° selo. Qualquer aplicação dessa verdade sabática antes desse período da história da Terra gera contradições teológicas e tentativa de segregação exclusivista. Ex.: *quem não santifica o sábado está perdido; quem professa guardar o sábado está selado*. Isso só será verdadeiro no fim do tempo do fim na vida dos 144.000, a última geração de cristãos.

“Este anjo tem uma obra definida a realizar na terra num tempo enquanto os outros quatro ainda seguram os quatro ventos. De muita significação é a sua subida da banda do sol nascente. Isto é, duma obra mundial rápida como o rápido subir do sol; duma nova obra como um novo nascer do sol. O subir do anjo do nascente do sol, e portanto com costas para êste astro, evidencia sua mensagem contra a adoração do sol nos últimos dias, pelo falso cristianismo, como veremos no capítulo treze versículos dezesseis e dezoito” (MELLO, 1959, p. 175).

“O selo de Deus é concedido a quem vive em íntima união com Cristo e recebe continuamente o dom gratuito da Sua justiça. O selo é ‘o seu nome e o nome do Pai’ (Apoc. 14:1). O nome de Cristo e o nome do Pai são símbolos do Seu caráter (ver Parábolas de Jesus, p. 330.)” (GULLEY, 1996, p. 6). “O selo não é alguma ‘marca que pode ser vista, mas a consolidação na verdade, para que eles [o povo de Deus] não possam ser abalados’ (Comentário de Ellen G. White, SDABC, vol. 4, p. 1.161)” (BATTISTONE, 1989, p. 101).

Entendo que Deus precisa dá um basta nas obras do diabo. Se Ele fosse esperar maturidade espiritual dos que O aceitaram, “consolidação na Verdade”, receio que o grande conflito poderia se estender por mais décadas, séculos e milênios. Sendo assim, Deus, em Sua infinita sabedoria e misericórdia sublime, escolheu o tempo. Nesse tempo, Ele determinou que o problema do mal come-

çaria a ser resolvido de forma explícita não somente para Suas criaturas extraterrestres, mas principalmente diante de nós terráqueos. A “consolidação da Verdade” talvez seja algo contínuo e inacabável, ou seja, algo que não pode ser condição para o fim do mal. A condição única (talvez) seja a própria mente de Deus e Suas determinações sábias, justas e amáveis. Algumas crianças talvez possam começar a enxugar pratos de vidro com 6 aninhos. Outras, nem com 10. O tempo cronológico não se sobrepõe ao filosófico e sempre serão necessários pais responsáveis e conhecedores tanto dos filhos quanto dos perigos para decidir o tempo adequado.

“Apocalipse 7 não está falando do selo do evangelho que é aplicado pelo Espírito Santo para dar-nos a certeza de que somos filhos de Deus. Os de Apocalipse 7 já o receberam. Como sabemos? Porque o selo de Apocalipse 7:1-3 é aplicado sobre os servos de Deus, o que demonstra que já são convertidos” (BELVEDERE, 1987, p. 59).

“João vê mais um anjo vindo ‘do nascente do sol’ (Ap 7:2), uma nação antiga para o leste. Esse anjo ordena aos quatro anjos que não liberem ainda os ventos, até que o selamento do povo de Deus se complete. Nos tempos antigos, o selamento tinha diversos significados. Documentos eram selados a fim de validar seu conteúdo ou protegê-los de adulterações. O significado fundamental do selamento era indicar posse sobre um bem. Em outras palavras, a impressão do selo em um objeto designava propriedade. Esse é o significado de selar no Novo Testamento. De acordo com Paulo, o sentido do selo é que o Senhor conhece os que Lhe pertencem (2Tm 2:19). Ter o selo com o nome de Deus na frente significa que Ele é o dono dos salvos (Ap 14:1).

“No Novo Testamento, o selo identifica quem pertence ao povo fiel a Deus. O Senhor reconhece quem pertence a Ele e o sela com o Espírito Santo (2Co 1:21, 22; Ef 1:13, 14). A presença do Espírito Santo é o sinal de um cristão genuíno - aquele que lavou as vestes e as alvejou no sangue do Cordeiro (cf. Ap 7:14). Perder o Espírito Santo significa perder o selamento: Não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4:30).

“Essas passagens mostram que o selamento do povo de Deus no Novo Testamento não se limita ao tempo do fim. O selamento dos fiéis ocorre ao longo de toda a história, mas esse processo chega ao clímax no tempo do fim. Haverá um período de prova para distinguir quem está do lado de Deus e quem está do lado de Satanás. Os que se aliam à besta recebem a marca dela na frente ou na mão direita (Ap 13-16, 17), mas quem adora a Deus é selado apenas na frente (Ap 14:1).

“O selamento retratado em Apocalipse 7 é a ratificação final daqueles que pertencem ao Senhor. Assim, o selo funciona como sinal de proteção no tempo do fim. Aqueles que têm o selo de Deus na frente são protegidos das forças destruidoras das sete últimas pragas. São eles que conseguem resistir ao grande dia da ira (Ap 7:3).

“Esse conceito remonta a Ezequiel 9:1 a 11, uma passagem sobre a destruição de Jerusalém antes do exílio. Nessa visão, o profeta vê um mensageiro celestial com um estojo de escrevedor a seu lado. Deus ordena que o mensageiro passe pela cidade e marque a testa dos fiéis. Então o Senhor manda os executores matarem todos aqueles que não receberam a marca na testa. Também recebem a instrução explícita de não tocar aqueles que foram marcados. O sinal na testa distingue aqueles que estão do lado de Deus e os diferencia dos infiéis e idólatras. Logo, o selo os protege do juízo iminente.

“Assim como os israelitas marcados foram protegidos na visão de Ezequiel, o povo selado de Deus é resguardado do sopro simbólico dos ventos escatológicos. Esse selamento os identifica como o povo de Deus e os protege das consequências nocivas das sete últimas pragas. Desse modo, a pergunta feita em Apocalipse 6:17 recebe a resposta definitiva: as pessoas que serão capazes de resistir ao dia da ira divina são os que pertencem ao povo selado de Deus” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 54 e 55).

“Selo ou sinal são sinónimos na Bíblia (Gênesis 17:11; Ezequiel 9:4; Romanos 4:11). Os selos antigos continham três elementos principais: nome do governante, seu cargo e a jurisdição ou domínio. O sábado de Deus é o único dos Dez Mandamentos que contém Seu nome: “o Senhor teu Deus”; Seu título ou função: Criador, ‘pois em seis dias fez o Senbor’; e Seu território ou jurisdição: “o céu e a Terra, o mar e tudo o que neles há” (Êxodo 20:8-11). O sábado do sétimo dia é um eterno sinal de lealdade a Deus. É o símbolo externo de uma fé viva e profunda. Podemos ainda afirmar

que, por extensão, são selados apenas aqueles que forem leais não só ao sábado, mas a toda a Lei de Deus. Tiago afirma que se alguém guarda nove mandamentos e tropeça em um, se torna culpado de todos (Tiago 2:10)” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 23).

Sem dúvida o quarto mandamento por si só (tanto por estar entre os 10 quanto por exigir submissão à autoridade do Fabricante) já será um divisor de águas. O sábado e um “mandamento” anterior a ele (“homem e mulher os criou”, Gn 1.27) exigem completa obediência ao Fabricante, pois ignoram quaisquer convenções éticas entre os membros das sociedades dos povos. Ou a Revelação bíblica ou a ética coletiva/situacional/evolucionista. Não existe negociação.

“Da banda do sol nascente (oriente, leste) - O anjo do selamento (Apoc. 7:2) e os reis que destroem a moderna Babilônia (Apoc. 16:12) vêm do leste, ou do “lado no nascimento do sol” (Isa. 41:25). A origem disso é que Ciro, que destruiu a antiga Babilônia veio do Leste” (GULLEY, 1996 p. 2). “O Oriente é um símbolo importante na Bíblia. O tabernáculo original e o templo da visão de Ezequiel estavam voltados para o Oriente (Êxo. 27:13-15; Ezeq. 40:16). A tribo de Judá, da qual descendia Jesus, acampava-se no lado oriental do acampamento de Israel no deserto (Núm. 2:3). ...O ‘Oriente’ ou ‘Sol nascente’ desceu do Céu à Terra quando Jesus veio remir a humanidade. Malaquias refere-se ao Messias dizendo que ‘nascerá o Sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas’ (Mal. 4:2). [...] Ciro e seu exército eram tipos de Cristo e os anjos celestiais que derrotarão a Babilônia moderna (Apoc. 17:14)” (BATTISTONE, 1989, p. 98 e 99).

“O anjo do selamento (o outro anjo) - O anjo do selamento é Cristo. O anjo do selamento em Apocalipse 7:2 pode ser considerado como a própria pessoa de Cristo. É Ele quem sela Seu povo e traz o raiar do dia espiritual para os pecadores que crêem. Assim como a vitória de Ciro tornou possível o seu decreto libertando Israel do cativeiro em Babilônia, a vitória de Cristo (Apoc. 5:5, 9 e 10) possibilita que Ele separe Seu povo da ‘Babilônia’ moderna e que os sele para a eternidade” (BATTISTONE, 1989, p. 99).

“O poderoso anjo é visto subindo do Oriente (ou nascente do Sol). O mais poderoso dos anjos tem na mão o selo do Deus vivo, ou [extraído do folheto *The Sin of Licentiousness*] dAquele que é o único que pode dar a vida, que pode gravar nas frentes o sinal ou inscrição, dizendo a quem será concedida a imortalidade, a vida eterna. É a voz desse mais elevado dos anjos que tem autoridade para ordenar aos quatro anjos que segurem os quatro ventos até que se realize esta obra, e até que ele ordene que os soltem. Os que vencem o mundo, a carne e o diabo, serão os agraciados que receberão o selo do Deus vivo.

“Aqueles cujas mãos não são limpas, cujo coração não é puro, não terá o selo do Deus vivo. Os que planejam pecado e o praticam, serão omitidos. Somente os que, em sua atitude diante de Deus, desempenham a parte dos que se arrependem e confessam os pecados no grande dia antitípico da expiação, serão reconhecidos e assinalados como dignos da proteção de Deus. O nome dos que firmemente aguardam, e esperam o aparecimento do Salvador e por ele velam — mais ardorosa e ansiosamente do que os que esperam pela manhã — será contado como dos selados. Aqueles que, embora tendo toda a luz da verdade a lhes brilhar sobre a alma, e devendo ter obras correspondentes a sua profissão de fé, ainda assim são atraídos pelo pecado, erigindo ídolos em seu coração, corrompendo sua alma diante de Deus, e contaminando aqueles que com eles se unem no pecado, terão seus nomes apagados do livro da vida, e serão deixados nas trevas da meia-noite, sem óleo nos vasos nem nas lâmpadas.

“Mas para vós, que temeis o Meu nome nascerá o Sol da Justiça, e salvação trará debaixo das Suas asas.” Esse selamento dos servos de Deus é o mesmo que foi mostrado em visão a Ezequiel. O mesmo anjo que puniu Sodoma está dando a nota de advertência: “Escapa-te por tua vida.” As taças da ira de Deus não podem ser derramadas para destruir o ímpio e suas obras, enquanto todo o povo de Deus não tiver sido julgado, e não tiver sido decidido tanto o caso dos vivos como dos mortos. E mesmo depois de os santos terem sido assinalados com o selo do Deus vivo, Seus eleitos terão provas individualmente. Virão aflições pessoais, mas a fornalha é vigiada de perto por um olho que não deixará que o ouro seja consumido. Sobre eles está a marca indelével de Deus. Deus pode alegar que o Seu próprio nome ali está escrito. Deus os circunda. Seu destino está escrito: “DEUS, NOVA JERUSALÉM.” São a propriedade de Deus, a Sua possessão” (WHITE, 2008b, p. 370-372).

No entanto, Mello (1969, p. 180) afirma que: "O anjo do selamento não é o selador ou o agente que sela os servos de Deus. O anjo é tão somente o portador do selo. O selador deve ser Aquêle que é o único capaz de convencer os homens da obrigação de observarem a lei de Deus e de aceitarem o Sábado como selo e sinal de Deus. O Espírito Santo é, pois, o Selador, o Agente que convence os homens a aceitarem o Sábado como repouso, sinal e selo de Deus. Diz S. Paulo: "Fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Efésios 1.13). "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção (Efésios 4.30)".

"Vi então que Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou para a salvação ou para a destruição; e que a ira de Deus não poderia manifestar-se sem que Jesus concluísse Sua obra no lugar santíssimo, depusesse Suas roupas sacerdotais, e Se vestisse com vestes de vingança. As nações estão-se irando agora, mas, quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele Se levantará, envergará as vestes de vingança, e então as sete últimas pragas serão derramadas.

"Vi que os quatro anjos segurariam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse terminada no santuário, e então viriam as sete últimas pragas. Essas pragas enfureceram os ímpios contra os justos, pois pensavam que nós havíamos trazido os juízos de Deus sobre eles, e que, se pudessem livrar a Terra de nós, as pragas cessariam. Saiu um decreto para se matar os santos, o que fez com que esses clamassem dia e noite por livramento. Esse foi o tempo da angústia de Jacó. Gênesis 32. Então todos os santos clamaram com angústia de espírito, e alcançaram livramento pela voz de Deus. Os cento e quarenta e quatro mil triunfaram. Sua face se iluminou com a glória de Deus" (WHITE, 2007, p. 77).

"O Selamento do povo de Deus e o Selamento do povo de Satanás são eventos que ocorrem paralelamente. O Selo do Deus Vivo sela nos filhos de Deus guardadores do sábado, o caráter de Jesus, enquanto que o Selo da Besta, o sinal de submissão a Satanás, sela nos guardadores do domingo o caráter de Satanás. Os selados pelo Selo do Deus Vivo, não mais se perderão, e os selados pelo sinal da besta, não mais se salvarão. [...] Por [...] duas visões Deus revelou a Ellen G. White cenas que estão relacionadas diretamente ao Selamento mencionado em Apoc. 7. Primeiramente o Selamento dos 144.000, os primeiros a serem selados e revestidos do poder do Espírito Santo para proclamarem o Alto Clamor (Apoc. 7:3, 4). Como resultado da proclamação do Alto Clamor de Apoc. 18:4 uma multidão, vinda de Babilônia, une-se ao remanescente de Deus, e então são também selados pelo Selo do Deus Vivo. Essa multidão que ninguém podia contar é apresentada em Apoc. 7:9" (RAMOS, 2006, p. 289, 294, 265).

Mas, os textos seguintes deixam claro que são todos os salvos de todos os tempos, e não os salvos dentre a última geração. Se não fosse assim, onde estariam os salvos de todas as épocas, em Ap 7.10-17?

7.3

dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus.

dizendo: Continuem impedindo as pressões dos sistemas dinâmicos de gerarem o pandemônio, até que lá no Santuário celestial, seja completado o serviço judicial que reconhecerá a decisão de cada ser humano e seu caráter honesto como o caráter de Deus, manifestada, neste tempo específico da história humana, pela obediência ao quarto mandamento da Lei de Deus.

"O quarto mandamento da lei de Deus, não só contém o selo de Deus como êle próprio é o selo de Deus, o selo de Sua lei, a garantia, a segurança da imutabilidade, perpetuidade e inalterabilidade do sagrado Decálogo. Vejamos como reza o quarto mandamento: "Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo,

nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que nêles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do Sábado, e o santificou” (Êxodo 20.8-11).

A validade da Lei de Deus não é dada por um mandamento ou selo. Aqui a analogia ultrapassa seus limites. A perpetuidade e imutabilidade da Lei são derivadas do caráter divino. Ele é irrepreensível em Seu estilo de vida. Sua Lei também!

“Eis diante de nós o selo de Deus no mandamento sabático do repouso semanal do sétimo dia. Apontando ao homem o sábado, o sétimo dia da semana, como repouso do Senhor, fá-lo Deus ver nêle o selo da Sua autoridade suprema e universal. Os requisitos do selo do Rei do universo são evidentiíssimos no quarto mandamento do Decálogo. Nêle está o Seu nome, que O coloca acima de tudo e de todos. Está também nêle claramente delineado o Seu título, isto é, Sua apresentação como Criador. E ainda deparamos no mesmo mandamento, com absoluta evidência, a jurisdição de Deus, os Seus domínios sem fronteiras, aliás, os céus, a terra e o mar. Em outros termos, o selo de Deus está inserido no quarto mandamento: O Senhor Deus, Criador dos céus, da terra e do mar e de tudo quanto nêles há.

“E’ êste [sic] Seu sublime selo, a essência do quarto mandamento sabático, que dá validade e imutabilidade à lei de Deus e revela o verdadeiro autor do Decálogo. O quarto mandamento do Sábado do sétimo dia, portanto, contém a assinatura de Deus como Legislador da grande lei do Seu universo. Sem o quarto mandamento do Sábado do sétimo dia, a lei não terá autoridade alguma. Pois ficaria desconhecido o seu Legislador” (MELLO, 1969, p. 177).

Se alguém enxerga a necessidade de obediência aos 9 mandamentos, mas rejeita a validade do mandamento sabático, isso não altera a origem da Lei nem o futuro da Lei. O caso deve ser julgado pelas autoridades competentes lá no Tribunal de Cristo e a sentença versará sobre a intenção do transgressor, e não sobre a autoridade da Lei, até porque a sentença só será dada pelo fato de a autoridade da Lei coexistir com a desobediência à Lei.

“João contemplou em visão o quadro da terrível destruição que ocorrerá nos últimos dias. Nesse tempo de terror universal, todos os poderes do mal efetuarão um violento ataque final contra o mundo e especialmente contra o povo de Deus” (BATTISTONE, 1989, p. 105). “Em sua rebelião contra Deus, Satanás trata de danificar e destruir tudo o que pertence ao Criador, incluindo o mundo e suas criaturas” (BELVEDERE, 1987, p. 50).

“**Até** – A preposição até sugere que, quando o último sincero receber o sinal do sábado em sua vida, os ventos se soltarão em meio à violência descrita em Apocalipse 11:18, e o Senhor virá para destruir ‘os que destroem a Terra’” (BELVEDERE, 1987, p. 62).

“**Até que hajamos assinalado** - Cristo quer que os crentes vivos entrem numa relação com Ele que suporte o escrutínio (ou exame minucioso) do Universo. [...] O juízo que precede o Segundo Advento não terminará antes que os servos de Deus sejam selados definitivamente (Apoc. 7:3). Então o caráter deles estará inteiramente de acordo com a vontade de Deus (Apoc. 14:1). Eles cumprirão o que é declarado em Apocalipse 14:5: ‘Não se achou mentira em sua boca; não tem mácula’” (BATTISTONE, 1989, p. 74 e 75).

A obediência aos mandamentos divinos deveria ser completa em todas as épocas. Mas, se esse fosse o caso, a humanidade ainda estaria no jardim do Éden e sem pecado. O sábado é "uma parte importante da experiência de justiça pela fé em Cristo" para a última geração de cristãos, já que infelizmente, historicamente esse mandamento além de desobedecido tem sido também desprezado e contrafeito. Os 144.000 parecem ser “Adão e Eva recém-caídos”, ou seja, embora caídos, com um arrependimento e conhecimento amplo prático sobre o evangelho, sobre toda a revelação de Deus à Terra.

“**O sábado, um sinal perpétuo:** Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre Mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento” (Êxodo 31:16 e 17).

“**Somente para os israelitas?** O sábado não foi feito, no monte Sinai, apenas para os judeus. Ele foi feito na criação, ao nascer o nosso mundo (Gênesis 2:1-3). Jesus disse que ele foi feito

por causa da humanidade (Marcos 2:27).

“Quem é Israel?” O termo Israel teve a sua origem na noite em que Jacó lutou com o anjo (Gênesis 32:24-30). O novo nome lhe foi dado de maneira a coadunar-se com o seu novo caráter. O termo Israel é sinônimo de cristão e quer dizer vitorioso, aquele que venceu, um príncipe ou filho de Deus. Todos os verdadeiros cristãos são israelitas, e todos os verdadeiros israelitas são cristãos. Muitas das promessas feitas aos judeus passaram para o Israel espiritual. Paulo diz: “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:29). “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente” (Romanos 2:28 e 29). Salvação e santificação foram prometidas aos judeus, e são dadas a todos os que aceitam a Cristo.

O selamento é efeito, não causa de se ter o caráter de Deus.

“O sinal da santificação: “E também lhes dei os Meus sábados, para servirem de sinal entre Mim e eles, para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica” (Ezequiel 20:12). “Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Ezequiel 20:20). Deus não olha a aparência exterior, mas leva em conta o caráter, e coloca o Seu selo naqueles que são retos de coração. Se você guarda o sábado, você é diferente de outros cristãos. É como se você estivesse marcado. Uma marca peculiar é colocada sobre você, que o distingue tanto dos professos religiosos como do mundo secular. Esta marca é uma das mais peculiares que uma pessoa pode adotar, e uma das maiores cruces” (FEYERABEND, 2005, p. 65, 66; grifo acrescentado).

Em lugar do “é colocada”, grifado no parágrafo anterior, se estamos a estudar a profecia de Apocalipse 7, deveríamos escrever “será colocada/vem sendo ou no cumprimento deste capítulo”.

“A obra do selamento, que logo será levada a cabo, como predita no capítulo sete do Apocalipse, tem o objetivo de convidar homens e mulheres a prepararem-se para receber o selo de Deus, quando todos terão evidentemente de decidir entre o selo de Deus e o sinal da bêsta” (MELLO, 1969, p. 181).

“Visto que o anjo com o selo [Apoc. 7:13] representa o mesmo movimento que o terceiro anjo, o qual acautela as pessoas contra a ‘marca da besta’, é evidente que o ‘selo de Deus’ abrange uma verdade que está sendo ensinada em contraste com o erro. A mensagem do primeiro anjo convida o mundo a retornar à adoração do Criador e faz alusão ao quarto mandamento (Apoc. 14:7; comparar com Êxodo 20:8 e 11). Os que atendem às três mensagens angélicas são apresentados como ‘os que guardam os mandamentos de Deus’ (Apoc. 14:12). O enfoque é o mandamento do sábado e a obediência a ele, como fator que distingue os verdadeiros adoradores de Deus dos adoradores da besta.

“Deus restringe os ventos da guerra total até que a mensagem do selamento tenha realizado a sua missão – a apresentação da verdade do sábado e a advertência acerca da aceitação do falso dia de repouso” (COFFMAN, 1989, p. 60 e 61).

7.4

Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel:

Então, eu escutei alguém falar a quantidade de pessoas reconhecidas como tendo tomado a decisão de confiar em Deus e receber Seu caráter honesto: eram pessoas de várias nacionalidades, religiões e culturas bem distintas, representadas metaforicamente como vindas das antigas doze tribos de Israel, as quais tipificam essas culturas diferentes de onde esses aprovados e carimbados pelo próprio Deus vieram:

“O número 144 mil é resultado da multiplicação de $12 \times 12 \times 1.000 = 144.000$. Doze é o número das tribos de Israel do Antigo Testamento. Representa também o número da igreja construí-

da sobre o fundamento dos doze apóstolos (Efésios 2:20). Na Nova Jerusalém, as doze portas são nomeadas após as doze tribos de Israel e seus doze fundamentos com os nomes dos doze apóstolos, representando, assim, o Israel tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Assim, o número 144 (12 x 12) representa a totalidade de Israel, ou seja, a totalidade do povo de Deus - Antigo e Novo Testamento. O número mil pode ter diferentes significados no Antigo Testamento.

“Ele pode ser um número literal, mas também pode denotar uma subdivisão tribal (Números 31: 5; Josué 22:14, 21; 1 Samuel 10:19; 23:23) ou uma unidade militar de cerca de 1.000 soldados. Israel como uma nação foi organizada administrativamente em unidades tribais. No tempo da guerra, no entanto, seu exército foi organizado em unidades militares de 1.000, com suas subunidades (Números 1:16; 10: 4; 31: 4-6; 1 Samuel 8:12; 18:13; Êxodo 18:21, 25; 1 Samuel 22:7).

“Assim, MIL era uma unidade militar básica no antigo Israel. A frase "milhares de Israel" é usado como um sinônimo para o exército de Israel e tem a mesma conotação que "os batalhões de Israel". Os 144 mil selados compõem-se de 144 unidades militares, doze de cada tribo, significando uma totalidade de Israel. João utiliza imagens de uma batalha para retratar a igreja em seu aspecto de luta terrestre, uma igreja militante. Os 144 mil estão prestes a passar pela grande tribulação e é natural e muito apropriado entender os selados em termos militar de um exército organizado em unidades militares prontas para a guerra" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 23).

“[...] os 144.000 são o fiel e selado povo de Cristo que estará vivendo na Terra quando Ele vier” (BATTISTONE, 1989, p.103). “[símbolo da] última geração vivente do povo de Deus. – As doze tribos representam a última geração de crentes fiéis que participaram da experiência de justiça pela fé em Cristo. (Comparar com Gál. 3:27-29.) As tribos literais não existem mais, e é inconcebível que só 144.000 judeus ‘poderão subsistir’ (Apoc. 6:17) na segunda vinda de Jesus” (COFFMAN, 1989, p. 57 e 58).

“No Novo Testamento, a Igreja estabelecida por Jesus e organizada pelos doze apóstolos constitui o novo Israel. [...] Em sua carta aos Romanos, Paulo demonstra que verdadeiro judeu é aquele que experimentou uma transformação espiritual em Cristo Jesus (Rom. 2:28 e 29; 9:6 e 7). [...] Podemos dizer, portanto, que ao falar dos 144.000 sob o aspecto das doze tribos de Israel, João se referia a cristãos que estariam vivendo no fim do tempo. Os que estão em Cristo Jesus são de fato o novo Israel” (BATTISTONE, 1989, p. 103).

“A verdadeira questão é a espécie de pessoas que eles são. [...] o povo de Deus se compõe de cristãos de todas as nacionalidades. Todo crente genuíno é um membro do verdadeiro ‘Israel de Deus’ (Gál. 6:15 e 16). De acordo com o ponto de vista do Novo Testamento, os 144.000 são cristãos que vivem para Deus durante a crise final da história humana” (COFFMAN, 1989, p. 58 e 59).

“A profecia do assinalamento não trata do Israel carnal que foi condenado como nação por ter rejeitado o Filho de Deus. Outra evidência é que a obra do selamento não foi efetivada em tempo algum entre o antigo Israel quando contava ainda doze tribos intactas. Pois, trata-se de uma obra mundial e não só na Palestina. Muito menos poderá tratar-se de uma obra entre os judeus atuais que contam apenas uma tribo, ou seja a de Judá, espalhada pelo mundo. Outro fator que prova não tratar-se das antigas doze tribos de Israel é que há alterações que não continham entre elas, mo [sic] passado.

“Por exemplo: A revelação não apresenta a tribo de Dan de nenhum modo, aparecendo em seu lugar a tribo de Levi que não fazia parte das doze antigas, mas era a tribo do sacerdócio. Também a tribo de Efraim não aparece com este nome mas com o nome de José. Os acontecimentos que cumprem a profecia do assinalamento, testificam tratar-se de uma obra atual entre o povo verdadeiro de Deus que, por seus característicos tão diversos e internacionais, conta também doze tribos.

“Nas portas da Nova Jerusalém encontram-se os nomes das doze tribos, e é claro que não é possível tratar-se de um povo rejeitado por Deus. Pois através de suas portas entrarão e sairão todos os remidos de todas as nacionalidades e não de uma raça única. Assim todos os remidos pertencerão à doze tribos. Nos fundamentos do muro da cidade estão os nomes dos doze apóstolos de Cristo, que não têm nenhuma relação com aquelas antigas tribos que se esfacelaram pela incredulidade e rejeição de Deus.

“Quem são os 144.000? O número dos assinalados com o selo de Deus é um número prefi-

xado pela inspiração. Os 144.000, é bem de ver, não são os únicos que serão salvos; pois em seguida o profeta descreve uma visão em que vê outra multidão incontável. [...] eles (sic) deverão estar vivendo na terra ao mesmo tempo e numa mesma época definida” (MELLO, 1959, p. 182).

Por outro lado, no artigo “Os 144.000 do Apocalipse” (disponível em: <http://blogdoprofh.com/2011/07/01/os-144-000-do-apocalipse/>), vê-se a possibilidade de pessoas que já descansam no pó serem ressuscitadas e fazerem parte dos 144.000. No capítulo 14, nos primeiros quatro versos, esse assunto retorna e recebe mais luz.

“A cena do selamento de Apocalipse 7 é tomada de Ezequiel 9, que retrata em linguagem simbólica a destruição de Jerusalém antes do Exílio. O profeta Ezequiel viu um homem vestido de linho que havia recebido a ordem de passar pela cidade e marcar com um sinal na testa os homens que eram fiéis, antes que os executores chegassem. Eles deveriam matar a todos, mas aqueles que tivessem o sinal em suas testas deveriam ser poupados (Ezequiel 9:6).

“Na crise final da história deste mundo, o selo aplicado aos 144 mil é um sinal de proteção, assim como na visão de Ezequiel onde os marcados foram protegidos durante o julgamento que se abateu sobre Jerusalém (Ezequiel 9:1-7). Então a primeira característica deste grupo, os 144 mil, é que possuem o selo de Deus, ou seja, são leais aos mandamentos de Deus, inclusive o quarto, que requer a observância do santo sábado (Êxodo 20:8-11). Enquanto aqueles que possuem o selo de Deus recebem também Seu nome sobre a fronte, a marca da besta consiste no nome da besta na testa ou na mão (Apocalipse 13:16-17; 14:9; 16:2; 19:20).

“A recepção do selo de Deus ou marca da besta denota conformidade com o caráter de Deus ou de Satanás. No conflito final todo mundo terá ou a imagem de Deus ou a do inimigo de Deus. O selo de Deus não é um sinal visível. A característica que identifica os selados é seu firme compromisso em guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Isso é o que significa ter o "nome" ou caráter de Deus escrito em suas testas (Apocalipse 14:1)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 23).

“Quem quer que porventura rejeite o repouso semanal do sétimo dia, estará rejeitando o próprio Legislador da lei e estará preferindo uma lei a cujo legislador excluiu premeditadamente. A rejeição do Sábado do quarto mandamento equivale à rejeição do selo do Criador do universo. Demasiado tarde crerão os inimigos da verdade que o Sábado do quarto mandamento é o “selo do Deus Vivo”. O Sábado é também denominado nas Escrituras Sagradas de “Sinal de Deus”, o que é sinônimo de “Selo de Deus” (MELLO, 1969, p. 177).

O parágrafo acima só tem legitimidade em dois, e somente dois, contextos. Primeiro: onde todos os que sabem sobre o mandamento sabático vivem sob a teocracia do próprio Legislador da Lei que contém esse mandamento, ou seja, são testemunhas e/ou descendentes de testemunhas da promulgação da Lei.

Segundo: onde todos os que rejeitam o 4º mandamento o fazem como uma escolha dentre apenas duas: ou o criacionismo bíblico (o qual inclui o sábado) ou o evo-teísmo da teologia liberal. Os que vivem nesse contexto, todos eles, têm consciência de que essas duas opções acarretarão sobre seus eleitores também um de dois destinos: ou crime doloso perante as autoridades da *Terra online* (mídias, religiosos, cientistas evolucionistas, magistrados e parlamentares), ou crime doloso contra o Criador da vida e do universo, uma verdadeira insurreição contra Sua autoridade de Fabricante.

Somente nesses contextos extremos e singulares (únicos?) a rejeição do sábado refletirá a rejeição da autoridade de Deus sobre Sua criação, bem como a santificação do sábado (sobretudo em meio à pressão e perseguição nacional e internacional) assinalará a decisão pelo evangelho eterno. Fora dessas situações, esse parágrafo vai de encontro a Mateus 7.1-5 e é claramente um juízo temerário, sem qualquer apoio bíblico.

“Que outras informações o Apocalipse fornece sobre os 144 mil? (Apocalipse 14:4-5). O fato de não se contaminarem com mulheres se refere à decisão de não participarem de práticas idólatras, que em profecia equivale a adultério e fornicção (Apocalipse 2:14-15, 20-25; 17:1-7; Ezequiel 16:1-58; 23:1-49). Os 144 mil não tiveram relações ilícitas com ‘a grande meretriz’ (Apocalipse 17:1), ‘a grande Babilônia, a mãe das prostitutas’ (verso 5), nem com suas filhas que também são prostitutas.

“Afirma-se que os 144 mil são ‘virgens’. A palavra grega não dá a ideia de que se trata só de mulheres. O vocábulo pode aplicar-se a ambos os sexos, como também em português. São chamados ‘virgens’ porque levam o sinal da pureza. São castos e têm-se mantido permanentemente incontaminados. Conservam uma fé pura. O fato de que não aceitaram nenhum tipo de relação ilícita com outros organismos religiosos, corrompidos em suas doutrinas, é um sinal de que têm alcançado êxito em se manterem fiéis a Deus.

“O fato de Apocalipse 7:4 mencionar os 144 mil como sendo formado ‘de todas as tribos dos Filhos de Israel’, tem levado alguns a sugerir que esse grupo será formado apenas por judeus literais. Essa interpretação, no entanto, carece de base bíblica e de fundamentação histórica. Primeiro, as tribos mencionadas em Apocalipse 7 não são exatamente as mesmas que aparecem na promessa de Ezequiel 48:1-8 e. 23-29 (ver também Gênesis 49:1-28).

“Em segundo lugar, dez tribos não existiam mais. O reino do Norte de Israel, que era composto de dez tribos, desapareceu da história com a conquista assíria no século VIII a.C. (2 Reis 17:5-23). A maioria das pessoas pertencentes a essas dez tribos foram deportadas da Palestina e espalhadas entre as nações no Oriente Médio. No curso da história, eles se tornaram assimilados a essas nações (2 Reis 17: 24-41) ou amalgamados entre si.

“Finalmente, no Novo Testamento a salvação ‘em Cristo’ desfaz toda e qualquer distinção étnica (Gálatas 3:26-29). Diante disso, somos levados à conclusão de que os 144 mil serão formados pela última geração do povo remanescente de Deus, também chamado de Israel espiritual (Romanos 9:6-8; Gálatas 3:29; 6:16; Tiago 1:1; 1 Pedro 2:9-10).

“Assim, uma vez que na época de João apenas duas tribos ainda existiam (Judá e Benjamim), parece ser mais lógico supor que aqui temos uma referência ao Israel espiritual, aos crentes fiéis dos dias que antecederão a Volta de Cristo. Na visão João vê uma grande multidão vestida de branco, com palmas nas mãos e um cântico nos lábios. Este é o cântico da vitória, ou seja, terminou o tempo de prova e eles agora se encontram diante de Deus” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 23, 24).

Samuel Ramos (2006, p. 283 e 284) resume em três as hipóteses a respeito dos 144.000:

- Serão salvos só 144.000 pela pregação das Três Mensagens Angélicas desde 1844 até a volta de Jesus, incluindo os que morreram fiéis na mensagem do terceiro anjo;
- Os 144.000 são o total de salvos entre os vivos por ocasião da volta de Jesus. Eles são os únicos salvos que permanecerão vivos sem passarem pela morte. Os demais justos morrerão antes das sete pragas para serem ressuscitados na volta de Jesus;
- Os 144.000 são um grupo especial selecionado dentre os salvos vivos, mas não serão os únicos salvos a permanecerem vivos até a volta de Jesus. Os 144.000, por ser um grupo pequeno, são representantes de todos os salvos vivos”.

Esse autor examina cada uma delas, refuta com facilidade a primeira hipótese e fica com a terceira, ou seja, crê que ela seja a verdadeira. Ele o faz no contexto de Apocalipse 14 (o leitor poderá estudar um pouco mais sobre esse grupo especial de salvos no capítulo 14 de Apocalipse – Possibilidades também). Alguns contrapontos importantes à terceira hipótese são:

1º) Se os 144.000 são uma fração dos salvos vivos, onde estão os salvos vivos que não fazem parte dos 144.000 na profecia?

2º) Se os 144.000 são os que “subsistirão” à ira do Cordeiro, os salvos vivos que supostamente não fazem parte dos 144.000 não “subsistirão”, ou seja, deixarão de estar/ser salvos? O que constitui uma contradição.

3º) Como será possível alguém vencer a besta, sua imagem e seu número (cf. Ap 15.2), estar vivo e salvo após o decreto de morte (Ap 13.15) e ainda assim não fazer parte dos 144.000?

Samuel Ramos (2006), no capítulo 14 (1ª parte, p. 277 - 302), apresenta quatro grupos de salvos: os 144.000; os salvos contemporâneos aos 144.000; os ressuscitados previamente e os ressuscitados por Jesus em Sua segunda vinda.

Mas, e se os 144.000 forem as primícias dos salvos, ou seja, os primeiros frutos de toda a grande colheita de redimidos? E se o fato de eles estarem vivos não tiver a ver com serem uma fração dos salvos vivos, mas sim com serem uma fração de todos os salvos, de todas as gerações e épocas?

Eu não vejo esses 4 grupos do estudioso Ramos (2006). Vejo apenas três grupos de salvos na véspera do retorno do Rei: os 144.000 (todos os vivos após o decreto de morte), salvos já ressuscitados e salvos que ainda estarão dormindo. Estes dois últimos parecem ser descritos por João através da “grande multidão” de Apocalipse 7.9-17.

“À medida que a visão continua, João ouve o número dos que foram selados: ‘Cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel’ (Ap 7:4). Isso mostra que o selamento está completo e as forças destruidoras das sete últimas pragas estão prestes a ser liberadas. Os 144 mil estão prestes a passar pela grande tribulação. Quem são os 144 mil? O contexto revela que são o povo de Deus vivo pouco antes do fim. Uma vez que o Apocalipse é um livro simbólico, os 144 mil não devem ser entendidos como um número literal (cf. Ap 1:1).

“Na literatura apocalíptica, os números costumam ter significado simbólico. O algarismo 144 mil é formado por 12 vezes 12, que dá 144 e então é multiplicado por mil. Na Bíblia, o número 12 funciona como símbolo da igreja. No Antigo Testamento, 12 é o número das tribos de Israel. No Novo Testamento, também é o número da igreja, edificada sobre o fundamento dos 12 apóstolos (Ef 2:20). Portanto, 144 - 12 tribos vezes 12 apóstolos - representa a totalidade do povo de Deus no tempo do fim, não um grupo seletivo, separado do corpo de Cristo.

“Assim como o número 144 mil, as 12 tribos de Israel não são literais por no mínimo dois motivos. Em primeiro lugar, as 12 tribos de Israel já não existem mais. Durante a conquista do reino do norte de Israel pelos assírios, as dez tribos foram levadas para o cativeiro (2Rs 17:6-23). Elas se integraram a outras nações rapidamente e desapareceram. As duas tribos que restaram, Judá e Benjamim, foram posteriormente levadas para o cativeiro na Babilônia. Depois, voltaram à Palestina e ficaram conhecidas como os judeus da era do Novo Testamento. Com a destruição de Jerusalém em 70 d.C., os judeus foram dispersos por todo o Império Romano e até mesmo as duas tribos que restaram perderam sua existência nacional. O judaísmo atual não representa todas as 12 tribos.

“Em segundo lugar, a lista das tribos em Apocalipse 7 não é uma lista comum das 12 tribos de Israel. As tribos de Dã e Efraim não aparecem nela, sendo substituídas por José e Levi. Isso revela que Apocalipse 7 não se refere às tribos históricas de Israel. Trata-se, por outro lado, de uma lista teológica, não de uma lista histórica”.

“O motivo para a exclusão de Dã foi o fato de que essa tribo foi a primeira a se corromper com a idolatria (Jz 18:27-32). Posteriormente na história de Israel, a tribo de Dã se tornou o centro de adoração a ídolos, competindo com a adoração no templo de Jerusalém (1Rs 12:28-31). Esse também é o motivo para a exclusão de Efraim. Essa tribo do Antigo Testamento simbolizava apostasia e idolatria (2Cr 30:1, 10; Os 4:17; 8:11). Esses são os motivos mais prováveis para a exclusão de Dã e Efraim da lista escatológica das tribos de Israel em Apocalipse 7.

“Os 144 mil correspondem ao verdadeiro Israel que permanece leal a Deus. Eles lavaram as vestiduras no sangue do Cordeiro (Ap 7:14). Foram selados e pertencem a Deus. Não ‘se macularam com mulheres’ (Ap 14:4) - nesse caso, as mulheres simbolizam as igrejas apóstatas. A infidelidade que caracterizava as tribos de Dã e Efraim não tem lugar em meio ao povo selado de Deus. Somente os fiéis ao Senhor poderão permanecer em pé diante do trono divino a fim de receber a herança eterna (Ap 7:14-17).

“As 12 tribos em Apocalipse 7 simbolizam todo o povo de Deus. A igreja no Novo Testamento é chamada de 12 tribos de Israel (Tg 1:1). Paulo denomina a igreja de ‘Israel de Deus’ (Gl 6:16). Os cristãos também são descendentes de Abraão e herdeiros das promessas da aliança (Gl 3:29). Os 144 mil, formados por 12 mil pessoas de cada uma das 12 tribos, representam o povo de Deus logo antes do fim. Esse é o grupo selado e preparado para sofrer a grande tribulação das sete pragas, totalmente protegidos pelo selo de Deus na frente.

“Ao falar sobre o povo de Deus na iminência da grande tribulação, o Apocalipse utiliza uma linguagem bélica. Os 144 mil são retratados como um exército que segue o modelo do antigo Israel ao sair para a guerra. Seu número é composto por 12 vezes 12, vezes mil. Nas cenas de batalha do Antigo Testamento, uma unidade militar básica era composta por mil (heb. *eleph*) homens (Nm 31:3-6; 1Sm 8:12; 22:7). Os 144 mil consistem em 12 tribos. Cada uma tem 12 unidades militares de mil, totalizando 144 mil soldados. Ou seja, o número simbólico 144 mil representa um exército com 144 unidades militares, prontas para batalhar contra Satanás e seu exército de 200 milhões (Ap 9:16).

“Apocalipse 19:18 mostra que o exército de Satanás também é organizado em unidades militares de mil (o termo ‘comandantes’ no original grego *chiliarchos* denota um comandante de mil soldados, o mesmo termo é empregado em Ap 6:15).

“Consequentemente, os 144 mil são uma referência simbólica à igreja militante, organizada como o antigo Israel em unidades militares, prestes a ingressar na batalha final, a maior da história do planeta: a batalha do Armagedom (cf. Ap 16:16). Ao passo que o selo simbólico identifica os 144 mil como aqueles que estão do lado de Deus no conflito final, ele também os protege dos justos juízos de Deus que logo recairão sobre os ímpios” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 55-57).

7.5	da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil;	da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil;
7.6	da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil;	da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil;
7.7	da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil;	da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil;
7.8	da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil.	da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil.

“Quem são os 144 mil? Tiago começa o seu livro com estas palavras: “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se encontram na Dispersão, saudações” (Tiago 1:1). Para quem ele estava escrevendo? O seu livro era dirigido para os cristãos, pois ele os chama de “meus irmãos” (Tiago 1:2). Alguns eram conversos do paganismo e outros eram judeus, mas todos

estavam incluídos nas doze tribos. Como pode ser? Na vigorosa figura de linguagem do enxerto usada pelo apóstolo Paulo, o pé de oliveira representa Israel (Romanos 11:17-24).

“Literal ou simbólico? O Apocalipse está repleto de símbolos. Se tomarmos os 144 mil literalmente, todos devem ser judeus oriundos das doze tribos. Todos são homens e todos são virgens. Desde que os judeus regressaram da Babilônia, no 6º século a.C., não foi feita nenhuma tentativa de coibir o casamento entre homens e mulheres das diferentes tribos, exceto no caso da tribo sacerdotal de Levi. Já no tempo de Jesus, as doze tribos estavam totalmente misturadas. Não existem 12 mil representantes puros de cada uma das doze tribos. Os 144 mil não são um reavivamento do Israel literal, mas um símbolo do Israel espiritual, *a verdadeira igreja de Deus*. O número 12 mil assinalado para cada tribo e o número 144 mil são baseados no quadrado de 12, representando algo completo, uma promessa de que o povo de Deus dos últimos tempos incluirá todos aqueles que O buscam pela fé, e que, juntos, comporão a completa, simétrica, gloriosa e formosa igreja de Cristo, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante” (Efésios 5:25-27)” (FEYERABEND, 2005, p. 68, 69; grifo acrescentado).

A “*verdadeira igreja de Deus*” de pé nos dias que antecedem a volta do Senhor, e não uma denominação religiosa com CNPJ. As pessoas que compõem esse grupo fantástico são visíveis; seu vínculo religioso, por outro lado, não parece ser visível. Cada geração teve seu remanescente. Os 144.000 são o remanescente da última geração de seres humanos.

“O significado do número: O número doze é o número do reino de Deus. No antigo Israel havia 12 tribos, 12 varas, 12 pedras apanhadas no Jordão, 12 pedras no peitoral do sumo sacerdote, 12 apóstolos, 12 fundações no muro da Nova Jerusalém e 12 portões na cidade. Nesses capítulos, encontramos muitas passagens metafóricas, e corremos o risco de perder a beleza deste símbolo se insistirmos em um número estritamente literal. O número significa algo que é completo, inteiro.

“Doze portões: Sobre cada um dos doze portões da Cidade Santa está o nome de cada uma das doze tribos. A cidade também tem doze fundações sobre as quais estão os nomes dos doze apóstolos que dominarão sobre as doze nações.

“Escolhidos de Deus: Existe muita especulação sobre quem serão os 144 mil. É mais fácil discutir o caráter dos 144 mil do que tentar explicar quem são. Assim como o Senhor escolheu o antigo Israel e doze patriarcas e mais tarde escolheu doze discípulos, assim também Ele, no fim dos tempos, nas cenas finais da história da Terra, escolherá 144 mil para uma obra especial.

“As primícias: Os 144 mil são as primícias de Deus e do Cordeiro (Apocalipse 14:4). Eles não são todos os da última geração que foram salvos. Se assim fosse, seriam chamados de vindimas” (FEYERABEND, 2005, p. 69, 70).

Todos os salvos da última geração vivos? Por exemplo: irmãos podem ser separados pela morte, e um está entre os 144.000 e o que descansa em Cristo, não? Hipoteticamente, os dois farão parte da última geração, os dois estarão salvos, mas somente um fará parte das “primícias” ou não? Como abordado na p. 106, é possível que membros dos 144.000 tenham passado pela morte, como comentamos no artigo <http://blogdoprofh.com/2011/07/01/os-144-000-do-apocalipse/>.

[08]

“Divisões de caráter: O caráter, somente, é a base da obra de selamento. Os nomes das tribos são nomes de caráter, e os que desenvolvem o caráter terão o seu nome sob a tribo que ostenta um nome indicando esse caráter.

“Issacar é classificado como um forte animal de carga (Gênesis 49:14). Os que levam fardos são aqui descritos. A causa de Deus precisa de mais pessoas como Issacar, mais pessoas capazes de levar fardos.

“Naftali “profere palavras formosas” (Gênesis 49:21). De espírito livre e tranquilo, ele vê mil lugares onde pode falar palavras de ânimo. O carregador de fardos não deve pensar que, só porque carrega pesados fardos, ele é mais importante. Ele é apenas um entre doze” (FEYERABEND, 2005, p. 70).

“Característicos nas doze tribos - No seu livro: *The Cross and Its Shadow* (‘A Cruz e Sua Sombra’), S. N. Haskell adota o conceito de que cada pessoa que fizer parte dos 144.000 será incluída na tribo que corresponda melhor ao seu caráter e experiência. Ao considerarmos as sugestões que se seguem, talvez tenhamos uma idéia da tribo a que pertenceremos se fizermos parte dos 144.000.

“Da tribo de Judá - Os componentes desta tribo são reconhecidos como dirigentes de confiança em ocasiões de perplexidade.

“Da tribo de Rúben - As pessoas incluídas nesta tribo têm sido ‘inconstantes como a água’, sem força de vontade para fazer algo de bom. Mas examinam sinceramente o coração para descobrir suas próprias debilidades, e pela graça de Deus, essas fraquezas são transformadas em força.

“Da tribo de Gade - Estes se erguem acima da apostasia e da derrota, reconhecem suas transgressões, reivindicam as promessas de Deus, lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro e entram na cidade de Deus como vencedores.

“Da tribo de Aser - Acham-se tão repletos do Espírito Santo que permitem que Ele suavize as asperezas de sua vida. Proferem palavras de conforto e animação para os outros.

“Da tribo de Naftali - Estes proferem ‘palavras formosas’. Em ocasiões e situações difíceis, eles permanecem destemidamente no posto do dever, preferindo sacrificar a vida a comprometer a causa de Deus.

“Da tribo de Manassés - Amam a paz e se alegram por terem sido libertos do mal. Tem grande prazer nas coisas espirituais.

“Da tribo de Zebulom - Quando os inimigos do Senhor são numerosos e agressivos, este grupo se expõe ao opróbrio e à morte. Alguns deles, como Zebulom no passado, talvez sejam hábeis no manejo da pena e exercerão grande influência, trazendo vitória para a Causa de Deus.

[Mas ninguém dos 144.000 morrerá! Compare com as histórias do Dilúvio e das 10 pragas sobre o Egito.]

“Da tribo de José -Os componentes desta tribo se distinguem pela integridade. Nunca deixam de ser leais a Deus e têm prazer em realizar Sua vontade.

“Da tribo de Benjamim - Paulo foi o benjamita típico: zeloso e dedicado. Os que pertencerem a esta tribo terão feito tudo que estava ao seu alcance para propagar o evangelho” (BATTISTONE, 1989, p. 104).

“Da tribo de Simeão - Este filho de Jacó era agressivo, chegando até a cometer homicídio. Os seus pecados foram, porém, confessados e perdoados. Os salvos desta tribo talvez se caracterizem por grandes pecados que foram perdoados.

“Da tribo de Levi - Quando Israel caiu em apostasia no Sinai, esta tribo se distinguiu por sua fidelidade. Aqueles que serão incluídos na tribo de Levi permanecerão fiéis à Causa de Deus quando outros estiverem vacilando e caindo.

“Da tribo de Issacar - Os característicos desta tribo consistem principalmente em abnegação e boa vontade para levar fardos pesados. Visto que desempenham muito bem as suas responsabilidades, são colunas na Causa de Deus. Não são pessoas impulsivas, mas equilibradas e dignas de confiança” (BATTISTONE, 1989, p. 105).

“Efraim e Dan são omitidos: E interessante notar que a lista das tribos aqui é diferente de outros lugares. As tribos de Efraim e Dã são omitidas, e as tribos de Levi e José são colocadas no

lugar delas. Efraim e Dã eram líderes na idolatria e na rebelião. Dã era “serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás” (Gênesis 49:17). A omissão dessas duas tribos é para nos impressionar com o pensamento de que nem o idólatra nem o que é traiçoeiro serão contados entre os 144 mil, “em cuja boca não se achou engano” (Apocalipse 14:5)” (FEYERABEND, 2005, p. 70).

“Doze mil são selados de cada uma das doze tribos, mostrando que nem todos os que nos registros do Céu tinham um lugar entre estas tribos quando começou a obra de selamento, suportaram a prova e foram vencedores no final, porque os nomes já inscritos no livro da vida, serão riscados se não vencerem (Apocalipse 3:5)” (SMITH, 1979. p. 113).

Os que nascem da água e do Espírito (Jo 3), assim como os que têm fé (I Jo 5), vencem o mundo. Ou seja, quem é nascido de Deus e tem a fé de Jesus não terá seu nome riscado no livro da vida, uma vez que, embora pecadores, decidiram diariamente se submeter ao processo divino de reeducação-santificação-transformação. Ou será que mesmo em meio a essa decisão o pecador pode continuar sendo escravo do pecado (Rm 6)?

Há uma reflexão sobre isso em <https://blogdoprofh.com/2012/12/06/o-novo-nascimento-e-predestinacao/>, em duas partes.

7.9

Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos;

Após essas cenas eu vi uma enorme multidão, incontável para mim, também composta por todas as nacionalidades, tribos, todos os povos e épocas, todos os idiomas pós Torre de Babel e todas as culturas humanas -- essas pessoas estavam em pé perante o trono de Deus e de Jesus, Seu Cordeiro. Elas vestiam roupas brancas e tinham em suas mãos folhas de palmeiras, ou seja, haviam sido salvas pela graça e justiça de Deus e venceram no grande conflito contra Satanás;

“Depois destas coisas – A visão dos remidos no Céu é uma cena de vitória e celebração. A visão é apresentada fora da ordem cronológica. O sexto selo (Apoc. 6:12-17) descreve a Segunda Vinda de Jesus. ...o sétimo selo (Apoc. 8:1) só se refere sucintamente à trasladação dos remidos para o Céu. O capítulo 7 é um intervalo entre o sexto e o sétimo selo. ... Assim, a visão dos santos no Céu é seguida por uma breve explicação da maneira pela qual eles chegaram ali” (BATTISTONE, 1989, p. 109).

Não necessariamente “remidos no Céu”, a menos que seja uma cena posterior ao 7º selo! Talvez seja uma cena de “remidos no arrebatamento”. Mas 7.1-8 precisa ocorrer antes do 6º selo e/ou no início desse selo, de modo que o capítulo 7 pode não está de todo entre o 6º e o 7º selos, mas somente sua segunda metade, 7.9-17. E, ponderando novamente: 7.9 pode ser uma cena posterior ao 7º selo? A segunda parte do verso responde que sim, pois localiza cosmologicamente essas pessoas: “diante do trono”. Ou o trono móvel (cf. Ez 1.26-28 e 10.1-4) estaria fora do lugar santíssimo do Santuário celestial?

“Depois de ver a obra do assinalamento do povo de Deus destes últimos dias, o profeta em seguida contempla todos os santos salvos, uma inumerável multidão “de tôdas as nações, e tribos, e povos e línguas”, de todos os séculos da história do mundo. Esta grandiosa reunião de todos os san-

tos, diante do trono de Deus e perante o Cordeiro, tomará lugar imediatamente ao vir Jesus buscá-los para a glória eterna. Todos trajarão uma vestimenta única — as vestes brancas simbólicas da justiça do Salvador. Ostentarão palmas em suas mãos como emblemas da grande vitória alcançada sob o poder de Jesus” (MELLO, p. 184, 1959).

“A multidão inumerável – Os remidos de todas as épocas” (BATTISTONE, 1989, p. 115).

“Em contraste com os 144.000, a multidão é como a areia do mar. Alguns estudantes da Bíblia consideram isso uma referência à promessa de Deus à Abrão, de que os seus descendentes seriam tão numerosos como as estrelas nos céus (Gen. 15:5), e à promessa a Jacó, de que a descendência dele seria como a areia do mar (Gen. 32:12). A visão traz coragem àqueles que tendem a preocupar-se com os bancos vazios nos cultos da igreja, ao passo que os estádios de futebol e outros jogos esportivos se acham lotados. A visão torna claro que o propósito redentor da parte de Deus não será frustrado” (BATTISTONE, 1989, p. 110).

“De todas as nações, tribos, povos e línguas – Isto cumpre a grande comissão de Cristo e, nos últimos dias, o repto da proclamação mundial das mensagens dos três anjos de Apocalipse 14:6-12. [...] A multidão inumerável abrange os fiéis de todas as épocas” (BATTISTONE, 1989, p. 109 e 110).

“Quem era a grande multidão? ‘São os que vieram de grande tribulação’. Que grande tribulação é essa? Todos os cristãos passam por tribulações para entrar no reino de Deus (Atos 14:22). A Bíblia fala sobre o tempo de angústia ‘qual nunca houve, desde que houve nação’ (Daniel 12:1). Isso se refere a um tempo de angústia mental (Jeremias 30:4-7). Quanto vai durar esse tempo? A Bíblia não nos diz. Os sete anos de tribulação ensinados por pregadores populares são baseados em especulações, fora de referências contextuais” (FEYERABEND, 2005, p. 71).

Existem estudiosos que entendem diferente. Para eles, a “grande multidão” e os 144.000 são o mesmo grupo.

“Após ouvir o número dos selados, João contempla uma grande multidão que ninguém é capaz de contar, de todas as nações, tribos, línguas e povos. Todos estão vestidos de branco e permanecem em pé diante do Cordeiro e do trono, louvando a Deus e ao Cordeiro pela salvação. Muitos cristãos presumem que, em contraste com os 144 mil, a grande multidão seja o povo de Deus de todas as eras. Apocalipse 7, porém, não parece apoiar essa crença.

“João deixa claro que a grande multidão também é a última geração do povo de Deus. Note que, em Apocalipse 7:9, João vê a grande multidão trajada com vestes brancas diante do trono de Deus. Posteriormente, um dos anciãos lhe explica que aquelas pessoas vestidas de branco são as que saíram da grande tribulação (v. 14). Elas lavaram as vestes no sangue do Cordeiro e, por isso, estão diante do trono de Deus, servindo-O dia e noite em seu templo (v. 15). Isso mostra que a grande multidão é a última geração do povo de Deus - aqueles que passarão pela grande tribulação das sete últimas pragas” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 57 e 58).

Embora o autor acima tente fundamentar sua crença numa outra base mais abaixo, é importante lembrar que não são apenas os salvos da última geração que receberão vestes brancas (cf. Ap 6.11), e o termo “tribulação” não é característica exclusiva da última geração de salvos (cf. Mt 24.21). Por outro lado, as características “vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos”, finalzinho desse verso 9, são sinônimos de vitória/justificação, algo que todos os salvos terão e não apenas os 144.000. O próprio Ranko Stefanovic e sua tradutora reconhecem isso alguns parágrafos à frente.

“Ao identificar esse grupo, é importante ter em mente uma característica literária do Apocalipse. Trata-se do padrão ‘ouvi’ e ‘vi’. Com frequência, João ouve acerca de algo na visão. Em seguida, ele vê o que ouvira antes, porém, com um símbolo e uma perspectiva diferente. Por exemplo,

em Apocalipse 5:5, João ouve que o Leão da tribo de Judá venceu. Mas o que ele vê alguns instantes depois é o Cordeiro como tendo sido morto (v. 6). O Leão e o Cordeiro são dois símbolos de Cristo: o Leão mostra o que Cristo fez, e o Cordeiro revela como Ele fez. Essa é a situação que encontramos em Apocalipse 7. João ouve que o número do povo selado de Deus é 144 mil; mas, para ele, esse povo parece uma multidão grande e incalculável. Isso mostra que os 144 mil e a grande multidão são o mesmo grupo - o povo de Deus do tempo do fim em diferentes momentos e circunstâncias.* [...]

“*Nota dos editores: Há pelo menos três correntes de interpretação sobre esse tema: (1) a de que os 144 mil e a grande multidão são o mesmo grupo; (2) a de que eles são grupos diferentes grande multidão representa todo o grupo dos remidos, incluindo os 144 mil (Francis D. Nichol [ed.], *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* [Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014 v.7.p. 868,869])” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 58).

Eu não consegui enxergar esse padrão. Não vejo esses pares *ouvi-vi* nem essa suposta função deles. O que vejo não são pares dessas expressões, mas unidades “ouvi”, “vi”, não necessariamente associadas.

“Em pé diante do trono – Na presença de Deus no santuário celestial” (BATTISTONE, 1989, p. 115). “O santuário celestial também é o espaço no qual Deus se encontra com o Seu povo (Apoc. 7:9-11 e 15), o lugar no qual eles têm acesso a Ele. No lugar específico dentro da criação, no qual Deus está disponível, Ele pode ser alcançado de qualquer ponto do Universo” (GULLEY, 1996, p. 3A). Ou, como já sugerido, na presença de Deus durante o arrebatamento, uma vez que o santuário celestial deverá ser visto pelos salvos somente após o cumprimento do 7º selo, que acontece paralelamente ao segundo advento de Jesus e ao arrebatamento.

Novamente, Ramos (2006, p.) tem um ponto de vista diferente: “Alguns podem sugerir que essa grande multidão não representa os convertidos pelo Alto Clamor, mas sim, os salvos de todos os tempos. Porém, o contexto de Apoc. 7 é o juízo pré-advento, pois as cenas mencionadas em Apoc. 4 e 5 de louvor ao Pai e ao Cordeiro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos ao redor do trono, são repetidas novamente aqui no capítulo 7:10-12; e o juízo pré-advento de Apoc. 7 tem a ver com o Julgamento dos Vivos e o Selamento, que é a fase final da obra de Jesus no Santíssimo. [...] Os quatro anjos que seguram os quatro ventos (Apoc. 7:1) só vão soltar os ventos após o selamento dos 144.000, as primícias, e da grande multidão, os conversos da hora undécima. Essa grande multidão é a grande Seara dos Salvos Vivos que juntamente com as Primícias dos Salvos Vivos, os 144.000, passarão pela grande tribulação, e o período das sete pragas” (RAMOS, 2006, p. 296. 297).

Mas como pode ser isto se os 144.000 serão os únicos salvos sobreviventes da última geração? E como essa grande multidão morrerá se após o fechamento da porta da graça nenhum salvo será mártir?

“Esse texto de Ellen G. White [O Grande Conflito, 648, 649] descreve ao mesmo tempo a experiência dos 144.000 e da grande multidão, ambos os grupos estão mesclados na mesma descrição, e isto porque ambos atravessarão juntos o período das Sete Pragas, e a angústia de Jacó; eles participam da mesma experiência. A grande multidão e o grupo dos 144.000 são descritos como saindo vitoriosos sobre a besta e o Decreto Dominical. Apoc. 7, quando estudado no contexto do juízo pré-advento, torna evidente o Selamento de dois diferentes grupos de pessoas, isto é, as Primícias dos Salvos Vivos e a Seara dos Salvos Vivos: o selamento dos 144.000 termina no verso 8, e a partir do verso 9 a atenção do profeta se dirige à “multidão a qual ninguém podia contar,” a grande Seara dos Salvos Vivos” (RAMOS, 2006, p. 299, 300).

Após o texto mencionado, Ellen fala sobre os salvos de todas as épocas! Ou seja, talvez ela não tinha essa intenção aqui descrita pelo Samuel. É verdade que os termos "besta" e "sinal", "número do seu nome", são escatológicos (besta nem tanto) e específicas do Apocalipse joanino. E, muito provavelmente, Ellen tenha associado essas expressões com a "multidão" dos "144.000", em lugar da "grande multidão" mencionada por João. Aconselho a leitura dos parágrafos anteriores e posteriores ao texto em questão de O Grande Conflito.

“Jesus e os que ressuscitaram com Ele são as primícias dos mortos, e os 144.000, as primícias dos vivos. A grande Seara de Salvos Mortos, cujas primícias já estão no céu, só ressuscitará na segunda vinda de Jesus (I Cor. 15:20, 23; Mat. 27:51-53; Efes. 4:8); e a grande Seara de Salvos Vivos, cujas primícias são os 144.000 permanecerão vivos até a volta de Jesus, sem experimentarem a morte” (RAMOS, 2006, p. 300).

“Terminado o selamento João contempla uma inumerável multidão que, em arrebatamento, adora a Deus perante o Seu trono. Esta vasta multidão é constituída pelos salvos de toda nação, povo, tribo e língua, que foram ressuscitados na segunda vinda de Cristo, mostrando que o selamento é a última obra realizada em favor do povo de Deus antes da trasladação” (SMITH, 1979, p. 113, 114).

De acordo com o outro entendimento, temos:

“Parece claro que os 144 mil são retratados como a igreja militante, organizada em 144 divisões militares, marchando para a guerra final da história deste mundo. A grande multidão, em contrapartida, é apresentada como a igreja triunfante, que saiu da guerra e celebra a vitória. O conflito terminou e por isso já não há mais necessidade de uma organização em divisões militares. Para João, aquelas pessoas parecem uma multidão impossível de ser calculada. O motivo para não conseguir contá-la não está relacionado com o grande número, mas com a aparência de uma multidão inumerável, em contraste com os 144 mil, que podem ser numerados com facilidade” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 58).

Mas, o profeta não escreveu sobre “aparência” e sim sobre o que ele viu.

“Nenhuma passagem da Bíblia diz que, no tempo do fim, Deus terá uma última geração de santos que atingirá um nível de santidade não alcançado por aqueles que viveram antes. Os 144 mil não são um grupo seletivo, separado do restante do povo do Senhor, que receberá privilégios especiais não concedidos ao restante dos remidos. Os 144 mil não são os únicos perseguidos nem os primeiros a ser selados. Além disso, não são os únicos remidos nem os primeiros a ser considerados sem mácula diante do trono. No reino de Deus, todo o Seu povo, sem distinção, recebe a promessa de vestes brancas (Ap 3:4, 5; 6:11; 19:8). Isso denota que todos os integrantes do povo de Deus sejam iguais perante o Senhor, sem clãs, hierarquias ou privilégios disponíveis apenas para uns, mas não para outros” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 58 e 59).

E onde estão os demais membros do corpo de Cristo, os salvos desde Adão até a penúltima geração? Se os 144.000 não são “um grupo seletivo”, “separado do corpo de Cristo”, por que a profecia, segundo a ótica do autor acima, só foca neles capítulo sete todo, sem mencionar a vitória, a justificação e a luta/dor dos demais salvos?

“**Vestes brancas:** A última geração deposita sua esperança de vida nos méritos do sangue derramado pelo seu divino Redentor, fazendo dEle a fonte da sua justiça” (FEYERABEND, 2005, p. 71).

“Vestes brancas – As vestiduras brancas usadas pelos remidos representam a justiça de Cristo recebida pela fé (Apoc. 19:7 e 8)” (BATTISTONE, 1989, p. 110).

“A justiça de Cristo dada de graça ao crente é representada nos símbolos do Apocalipse por roupas e vestimentas. (Ex.: Apocalipse 7:9, 13, 14). Os que acompanham a Cristo estão vestidos de

roupas brancas, os quais lavaram suas roupas e as alvejaram no sangue do Cordeiro. Há preciosas promessas de vida eterna para os que lavam suas roupas no sangue de Cristo (Apocalipse 22:14; 3:4, 5)” (BELVEDERE, 1987, p.51).

“Palmas” ou folhas de palmeira – Símbolos de regozijo e vitória” (BATTISTONE, 1989, p. 115).

“No décimo quinto dia do sétimo mês, e durante os sete dias que vinham em seguida, os israelitas deviam viver em cabanas ou barracas ... As colheitas do outono haviam terminado, e o Dia da Expição estava no passado. Aliviados de pecados e ansiedades, o povo de Deus podia ter uma festa de descanso e regozijo espiritual. Habitavam em cabanas feitas de ramos de palmeiras para comemorar a direção de Deus durante o período no deserto (Deut. 16:12-15) e Suas maravilhosas bênçãos desde então” (BATTISTONE, 1989, p. 110, 111).

“A festa dos tabernáculos antitípica começará quando os justos forem arrebatados para o encontro com Jesus. E continuará até que sejam recebidos no Céu, na grande [festa] diante do trono de Deus” (BATTISTONE, 1989, p. 116).

7.10	e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação.	e também diziam em altas vozes: Só fomos salvos por causa do nosso Deus que está diante de nós em Seu trono, e também por causa de Jesus, Aquele que morreu em nosso lugar!
7.11	Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus,	Eu vi todos os anjos de Deus também em pé circundando o trono, os sacerdotes humanos glorificados e as quatro criaturas; e então todos eles se prostraram inclinando seus rostos até o chão em reverência e adoração a Deus,
7.12	dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!	e disseram: Assim seja! Todo louvor, glória, sabedoria, agradecimentos, honra, poder e capacidades sejam rendidos ao nosso Deus, pela eternidade a nossa frente. Assim seja!

“Os resgatados entoam um cântico de louvor que ecoa repetidas vezes pelas abóbadas do Céu: “Salvação ao nosso Deus que está assentado no trono, e ao Cordeiro.” E anjos e serafins unem sua voz em adoração. Tendo os remidos contemplado o poder e malignidade de Satanás, viram, como nunca dantes, que poder algum, a não ser o de Cristo, poderia tê-los feito vencedores. Em toda aquela resplendente multidão ninguém há que atribua a salvação a si mesmo, como se houvesse prevalecido pelo próprio poder e bondade. Nada se diz do que fizeram ou sofreram; antes, o motivo de cada cântico, a nota fundamental de toda antífona, é — Salvação ao nosso Deus, e ao Cordeiro” (WHITE, 2013b, p. 580).

“A multidão louva a Deus por Sua salvação - As exclamações de alegria e triunfo dos remidos atribuem a salvação a Deus. Não há nenhuma indicação de auto-elogio, nenhuma referência a realizações humanas. Eles enfrentaram o inimigo, lutaram contra ele e saíram vitoriosos unicamente pela graça de Deus. [...] Louvor dos anjos – Os milhares de milhares de anjos que rodeiam o trono de Deus participam espontaneamente do júbilo da grande multidão.

Eles se prostram diante de Deus e Lhe prestam perfeito e sétuplo tributo ou preito de louvor. [...] Para sempre – ‘Para sempre’ não é suficiente para louvar a Deus pela salvação que Ele proveu” (BATTISTONE, 1989, p. 110, 111 e 115). Fantástica dedução!

“Numa aclamação retumbante e unânime agradecerão os santos a Deus e ao Cordeiro a misericordiosa salvação de que foram alvos. E os milhões de milhões de anjos, sensibilizados pela manifestação de gratidão dos santos, associar-se-ão com êles na adoração a Deus, pois os acompanharam na terra e os serviram cada dia, e então alegrar-se-ão com êles diante do grande trono” (MELLO, 1959, 185).

- | | | |
|------|--|---|
| 7.13 | Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? | Um dos sacerdotes humanos glorificados falou comigo: Estes que você está vendo com roupas brancas, João, quem são eles e de onde vieram? |
| 7.14 | Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, | Eu lhe respondi: com todo respeito, o senhor sabe mais do que eu. Daí ele me contou: Eles, João, vieram do grande conflito entre Deus e Satanás ao longo da História humana desde Adão e Eva; eles atenderam ao convite divino de confiar Nele, se relacionarem com Ele pela fé e obediência; eles revelaram aceitar o sacrifício de Jesus em seu estilo de vida; |
| 7.15 | razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. | e por esse motivo é que se encontram agora perante o trono de Deus, pois diariamente andavam com Ele e trabalhavam pra Ele; e Aquele que está sentado no trono os abrigará Pessoalmente para sempre. |
| 7.16 | Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, | Eles não passarão mais pela fome e sede, nem sofrerão mais a vida dura de aflições e dificuldades diárias, |
| 7.17 | pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima. | Porque, Jesus Cristo, Aquele que você está vendo sentado no trono, será como um pastor de ovelhas que conduz sabiamente seu rebanho até a melhor das fontes de água disponível – a água de Sua própria vida. Deus irá enxugar dos olhos desses filhos guerreiros toda lágrima. |

“Vieram de grande tribulação – Perseguição através dos séculos, mas especialmente no tempo de angústia final” (BATTISTONE, 1989, p. 115).

“A visão dos remidos destina-se a trazer encorajamento e conforto à Igreja dos últimos dias. Em Seu sermão no Monte das Oliveiras (S. Mateus 24 e 25), Jesus disse aos discípulos que, antes de vir o fim, haveria tal aflição que o mundo nunca havia testemunhado. Por meio dessa mensagem a Seus discípulos, ele fala a nós hoje. Seu objetivo não era produzir terror, mas salientar a necessidade de estar espiritualmente alerta. [...] devemos concentrar a atenção no futuro triunfo que Cristo promete para a Igreja, e não na tribulação terrestre que está à nossa frente. Devemos visualizar-nos pela fé com os remidos no Céu e expressar uns aos outros a certeza que Cristo provê em Sua Palavra. Isto será benéfico para a nossa experiência espiritual” (BATTISTONE, 1989, p. 109).

“Devido ao pecado, nossa condição não é natural, e deve ser sobrenatural o poder que nos restaure, do contrário, não tem valor. Existe unicamente um poder capaz de quebrar o domínio do mal no coração dos homens, e esse é o poder de Deus em Jesus Cristo. Unicamente por meio do sangue do Crucificado existe purificação do pecado. Sua graça, tão-somente, nos habilita a resistir e subjugar as tendências de nossa natureza caída” (WHITE, 2013a, p. 307).

“Santuário (ou templo) – No templo celestial os justos se ocuparão no julgamento dos ímpios durante o Milênio (Apoc. 20:4-6; I Cor. 6:2). Por mil anos os salvos de todas as épocas servirão a Deus ‘de dia e de noite no Seu santuário [ou templo]’ (Apoc. 7:15). No fim dos mil anos não haverá nenhum templo na Nova Jerusalém, aqui na Terra. João declara: ‘Nela não vi santuário; porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-poderoso e o Cordeiro.’ Apoc. 21:22. A eterna Cidade dos salvos na Terra renovada não conterà nenhum templo ou santuário porque o problema do pecado terá sido eliminado definitivamente. O santuário ou templo celestial é o lugar de mediação e julgamento, devido ao pecado. Visto que o pecado será completamente destruído no fim do Milênio (Apoc. 20:9), não haverá mais necessidade de um lugar de intercessão e julgamento. [...] Todas as vezes que é mencionado no livro do Apocalipse, o templo de Deus se encontra no Céu” (BATTISTONE, 1989, p. 114).

“Nunca terão fome, nem sede, nem o calor, nem o sol os afligirá; porque o que se compadece deles os guiará e os levará mansamente aos mananciais das águas” Isaías 49:10.

“Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede: Isso mostra que eles passaram fome e sede. Nas sete últimas pragas, os pastos, com todos os frutos e a vegetação, ficam secos (Joel 1:18-20), e os rios e fontes tornam-se em sangue (Apocalipse 16:4-7). Nesse tempo, a dieta de justiça será reduzida para pão e água, e isso será certo (Isaías 33:16). Nem sol cairá sobre eles: Nas pragas, o Sol recebe poder para “[abrasar] os homens com fogo” (Apocalipse 16:8 e 9). Os justos são protegidos dos seus efeitos mortais. Eles agora encontram-se tão próximos do trono e tão envolvidos pela intensa luz do Pai e do Filho que não se nota mais a luz do Sol” (FEYERABEND, 2005, p. 71, 72).

No entanto, Elias recebeu carne, além de pão e água. E Malaquias profetizou sobre o Elias escatológico, Ml 4.5, 6. Jesus o identificou com João, o batizador, o qual também parece ser um símbolo vivo dos que prepararão o caminho do Rei no fim do tempo do fim.

“Estes são os que vieram de grande tribulação” (Apocalipse 7:14); passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó; permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus. Mas foram livres, pois “lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro.” “Na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis” diante de Deus. “Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.” Apocalipse 7:15.

Viram a Terra devastada pela fome e pestilência, o Sol com poder para abrasar os homens com grandes calores, e eles próprios suportaram o sofrimento, a fome e a sede” (WHITE, 2013b, p. 565).

(A ausência do "intercessor" é pelo fato de o juízo pré-advento ter se encerrado e a porta da graça para os que não quiseram entrar por ela ter se fechado. Mas isto não é sinônimo de ausência de Deus ou da ajuda divina. Todos os que estavam na arca de Noé, por exemplo, sobreviveram ao Dilúvio pela presença e ajuda de Deus! Já as pessoas que rejeitaram a segurança da arca e zombaram das advertências de Deus por meio de Noé, foram destruídos pela ausência da atuação do Intercessor.)

“Mas “nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem Sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima.” Apocalipse 7:16, 17. Em todos os tempos os escolhidos do Salvador foram educados e disciplinados na escola da provação. Seguiram na Terra por veredas estreitas; foram purificados na fornalha da aflição. Por amor de Jesus suportaram a oposição, o ódio, a calúnia. Acompanham-nO através de dolorosos conflitos; suportaram a negação própria — e experimentaram amargas decepções.

“Pela sua própria experiência dolorosa compreenderam a malignidade do pecado, seu poder, sua culpa, suas desgraças; e para ele olham com aversão. Uma intuição do sacrifício infinito feito para reabilitá-los, humilha-os à sua própria vista, enchendo-lhes o coração de gratidão e louvor, que os que nunca decaíram não poderão apreciar. Muito amam, porque muito foram perdoados. Havendo participado dos sofrimentos de Cristo, estão aptos para serem co-participantes de Sua glória. Os herdeiros de Deus vieram das águas-furtadas, das choças, dos calabouços, dos cadafalsos, das montanhas, dos desertos, das covas da Terra, das cavernas do mar.

“Na Terra eram “desamparados, aflitos e maltratados.” Milhões desceram ao túmulo carregados de infâmia, porque firmemente se recusavam a render-se às enganosas pretensões de Satanás. Pelos tribunais humanos foram julgados como os mais vis dos criminosos. Mas agora “Deus mesmo é o Juiz.” Salmos 50:6. Revogam-se agora as decisões da Terra. “Tirárá o opróbrio do Seu povo.” Isaías 25:8. “Chamar-lhes-ão: Povo santo, remidos do Senhor.” Ele determinou “que se lhes dê ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado.” Isaías 62:12; 61:3.

“Não mais são fracos, aflitos, dispersos e oprimos. Doravante devem estar sempre com o Senhor. Acham-se diante do trono com vestes mais ricas do que já usaram os mais honrados da Terra. Estão coroados com diademas mais gloriosos do que os que já foram colocados na frente dos monarcas terrestres. Os dias de dores e prantos acabaram-se para sempre. O Rei da glória enxugou as lágrimas de todos os rostos; removeu-se toda a causa de pesar. Por entre o agitar dos ramos de palmeiras, derramam um cântico de louvor, claro, suave e melodioso; todas as vozes apreendem a harmonia até que reboa pelas abóbadas do céu a antífona: “Salvação ao nosso Deus que está assentado no trono, e ao Cordeiro.” E todos os habitantes do Céu assim respondem: “Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre.” Apocalipse 7:10, 12” (WHITE, 2013b, p. 565-567).

“Os mais exaltados daquela hoste de resgatados que estão em pé diante do trono de Deus e do Cordeiro, vestidos de branco, conhecem a luta necessária para vencer, pois vieram de grande tribulação” (WHITE, 2008c, p. 65, 66).

Nenhum salvo teve/tem/terá vida fácil? Todos emergirão de conflitos ainda que internos, mentais? (Cf. At 14.22, 2ª Tm 1.8, 2.3,4 e 3.12)

"Um grupo celestial. – A pergunta feita por um dos anciãos a João: "Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram?", considerada em relação com a resposta de João: "Meu senhor, tu o sabes", dão a entender que João não sabia, e pareceriam ilógicas se se referisse a toda a grande multidão que estava diante dele. Porque João sabia quem eram e de onde tinham vindo, porque acabava de dizer que eram pessoas – remidas sem dúvida – de todas as nações, tribos, povos e línguas. E João podia responder: Estes são os remidos de todas as nações da Terra. Nenhum grupo se apresenta ao qual mais naturalmente se fizesse alusão do que ao grupo de que se fala na primeira parte do capítulo: os 144.000.

"João vira de fato este grupo no seu estado mortal, quando receberam o selo do Deus vivo no meio das perturbadas cenas dos últimos dias; mas ao encontrarem-se aqui entre a multidão dos remidos, a transição é tão grande, e a condição em que agora aparecem é tão diferente, que não os reconhece como o grupo especial que viu selado na Terra. E a este grupo parecem especialmente aplicáveis as especificações que se seguem:

"Vieram da grande tribulação. – Embora seja verdade até certo ponto, para todos os cristãos, que "através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus" (Atos 14:22), isso se aplica de um modo muito especial aos 144.000. Eles passam pelo tempo de angústia qual nunca houve desde que houve nação (Dan. 12:1). Experimentam a angústia mental do tempo da angústia de Jacó (Jer. 30:4-7). Não de subsistir sem mediador através das terríveis cenas das sete últimas pragas, que são manifestações da ira de Deus na Terra, como veremos em Apocalipse 15 e 16. Passam através do mais duro tempo de angústia que o mundo jamais conheceu, mas triunfam e são libertados.

"Vestes brancas. – Eles lavam as suas vestes e as branqueiam no sangue do Cordeiro. A última geração recebem [sic] conselhos muito enfáticos sobre a necessidade de adquirir a veste branca (Apoc. 3:5, 18). Os 144.000 recusam violar os mandamentos de Deus (Apoc. 14:1, 12). Ver-se-á que puseram sua esperança de vida eterna nos méritos do sangue derramado de seu divino Redentor, e fizeram dEle sua fonte de justiça. Há ênfase especial ao dizer-se deles que lavaram suas roupas e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

"As primícias. – O versículo 15 descreve o posto de honra que eles ocupam no reino e sua proximidade de Deus. Noutro lugar são chamados "primícias para Deus e para o Cordeiro" (Apoc. 14:4).

"Nunca mais terão fome. – O versículo 16 diz: "Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede." Isto mostra que já tiveram fome e sede. A que se pode referir isto? Como sem dúvida se refere a alguma experiência especial, não poderá referir-se às suas provações no tempo de angústia, mais especialmente durante as sete últimas pragas? Nesse tempo os justos ficarão reduzidos a pão e água, mas estas coisas lhes "serão certas" (Isaías 33:16), e terão o suficiente para o sustento. Todavia não poderá suceder que quando os pastos se secarem com todos os frutos e vegetação (Joel 1:18-20), e os rios e fontes se converterem em sangue (Apocalipse 16:4-9), reduzindo a sua relação com a Terra e as coisas terrenas ao mais baixo limite, os santos que passarem por esse tempo serão levados transitoriamente aos extremos graus de fome e sede? Mas uma vez ganho o reino, "nunca mais terão fome, nunca mais terão sede."

"O profeta continua, em referência a este grupo: "Nem sol nem calma alguma cairá sobre eles." Os 144.000 vivem no tempo em que é dado poder ao Sol "para abrasar os homens com fogo" (Apoc. 16:8, 9). Embora sejam protegidos do mortal efeito produzido sobre

os ímpios que os rodeiam, não podemos supor que a sua sensibilidade esteja tão embotada que esse terrível calor não lhes cause qualquer sensação desagradável. Não, e quando entrarem nos campos da Canaã celeste estarão preparados para apreciar a promessa divina de que nem sol nem calma alguma os prejudicará.

"O Cordeiro os apascentará. – Outro testemunho acerca do mesmo grupo, e que se aplica ao mesmo tempo, diz: "São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá." Apocalipse 14:4. Ambas as expressões apresentam o estado de íntima e divina comunhão em que o bendito Redentor em relação a Si próprio os admite.

"O salmista parece aludir à mesma promessa, nesta bela passagem: "Eles se banqueteariam na fartura da tua casa; tu lhes dás de beber do teu rio de delícias." (Sal. 36:8, NVI). A fraseologia desta promessa feita aos 144.000 encontra-se também parcialmente na seguinte profecia saída da pena de Isaías: "Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do Seu povo de toda a Terra; porque o Senhor o disse." Isaías 25:8 (SMITH, 1979, p. 114-115).

Araceli S. Mello (1959, p. 185, 186) também crê que o ancião não se referiu à grande multidão, mas apenas aos 144.000 contidos nela, e que a resposta que ele mesmo deu à sua própria indagação, toda ela, descreve somente os 144.000, e não aos salvos de toda a história da humanidade:

"Foi uma pergunta feita ao profeta: "Êstes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?" Mas João não pôde responder à pergunta. E por que não? Porque não se tratava daqueles que haviam ressuscitados e que compunham a multidão incontável, mas duma outra multidão que, embora estivesse também diante do trono, êle havia apenas ouvido e descrito o seu número que era de 144.000.

"Esta multidão dos assinalados e selados, o profeta ainda não havia contemplado. Êle somente diz que ouvira o seu número, não tendo visto. Eis a razão porque não pudera responder à pergunta do ancião. Se a pergunta se referisse à multidão dos ressuscitados, êle imediatamente saberia responder, pois isto lhe fôra comunicado antes. Mas o mesmo ancião respondeu à pergunta, e a fêz de tal modo que não deixou dúvidas de que sua pergunta havia aludido de fato aos 144.000 distintos ali também presentes e em um grupo em separado. Em primeiro lugar, diz o ancião, êstes vieram de grande tribulação. "Êstes...", quer dizer todos os que o ancião incluiu na sua pergunta ao profeta. Todos juntos numa "grande tribulação", o que só é possível quanto aos 144.000 que em breve terão de enfrentá-la. Trata-se do mesmo "tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo", referido por Daniel na sua profecia do capítulo doze versículo primeiro, que é o mesmo tempo das sete últimas pragas.

"A razão da vitória dos 144.000 jaz no fato de que "lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro". Êles lavaram. Na verdade tudo é feito pelo poder de Deus; mas a aceitação tem que vir espontânea da parte do pecador. E' por isso que diz que êles lavaram as suas vestes em Seu sangue. Aceitaram o Seu sacrifício expiatório por seus pecados. E nisto obtiveram a eterna vitória.

"Aos 144.000 serão conferidos privilégios especiais. Além dos já considerados e de outros contidos em capítulos subsequentes, os versículos quinze a dezessete falam ainda de outros importantes. Êles estarão "diante do trono de Deus, e O" servirão "de dia e de noite no Seu templo; e Aquêle que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra". Êste sublime privilégio de estar junto de Deus e O servirem dia e noite, e outros mais, levam-nos a crer que a morada dos 144.000 será sempre com Deus e com Jesus, na santa cidade, a Nova Jerusalém".

O mesmo privilégio dos demais salvos, correto? Estar diante de Deus e o servir não será exclusividade dos 144.000. Ou será?

“O versículo quatro do capítulo quatorze parece fortalecer firmemente este pensamento. “Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma [sic] alguma cairá sobre eles”. Isto denota que por certo tempo e conjuntamente, sofrerão fome, sede e serão fatigados pelo calor do sol.

“Nesta circunstância, como já apreciamos, vemos o tempo de angústia e das sete pragas por onde hão de passar antes de serem libertados e gozarem seus privilégios. E a resposta do santo ancião ao amado profeta, sobre os 144.000, assim termina: “Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima”. Esta gloriosa promessa, secundada pelas palavras do versículo quatro do capítulo quatorze, evidencia incontestavelmente, [sic] que os 144.000 gozarão da eterna e estreita amizade de Jesus e de Sua constante companhia, tal como no caso do pastor em relação a seu rebanho. Há quase 3.000 anos referira-se Davi a esta amável e desvelada companhia do Bom Pastor, dizendo: “Eles se fartarão da gordura da tua casa, e os farás beber da corrente das tuas delícias”. [Sl 36.8] E para completar o eterno gozo, suas lágrimas serão enxugadas, pelo que suas lutas, pezares [sic] e sofrimentos estarão enterrados para sempre no passado” (MELLO, 1959, p. 185, 186).

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

COFFMAN, Carl. **Lições da Escola Sabatina**, 3º Trimestre de 1989, nº 375, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

GULLEY, Norman R. **Lições da Escola Sabatina**, 3º Trimestre de 1996, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sobre As Profecias Do Apocalipse**, 1959.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; NASCIMENTO, Cecília Eller. **O Apocalipse de João**: desvendando o último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **A Ciência do Bom Viver**, 2013a. Disponível em: <[http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/A Ciãncia do Bom Viver.pdf](http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/A%20Ci%C3%AAncia%20do%20Bom%20Viver.pdf)>. Acesso em: ago. 2019.

_____, Ellen G. **Educação**, 2008a. Disponível em:
<<http://www.centrowhite.org.br/files/audiobooks/Educacao/Educa%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o.pdf>>. Acesso: jul. 2020.

_____, Ellen G. **O Grande Conflito**, 2013b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

_____, Ellen G. **Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos**, 2008b. Disponível em:
<<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20Ministros%20e%20Obreiros%20Evang%C3%83%C2%A9licos.pdf>>. Acesso em: mai. 2019.

_____, Ellen G. **Testemunhos Seletos**, v. 2, 2008c. Disponível em:
<<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%202.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

_____, Ellen G. **Vida e Ensinos**, 2007. Disponível em:
<<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Vida%20e%20Ensinos.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

Apocalipse 8

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

8.1

Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora.

Na abertura do sétimo selo, o Cordeiro está cumprindo Sua promessa “virei outra vez”, pois no sexto selo Ele retornou à Terra com todos os anjos e Deus, o Pai. Outras promessas proféticas se cumprem também neste período de tempo: a separação do trigo e do joio — ressurreição dos justos e arrebatamento visível dos salvos; destruição dos perdidos que estiverem vivos; início da prisão milenar de Satanás e dos demais anjos maus; estabelecimento do reino de Jesus Cristo; o domínio é dado aos santos e Jesus é adorado por ter completado Sua parte na estupenda obra de redenção da humanidade! Enquanto isso, o Céu fica silente e vazio por cerca de uma semana.

Edwin Thiele (1960, p. 192-196) citando dois outros autores em seu comentário, afirma: "O silêncio no céu seria inexplicável enquanto nEle houvesse quaisquer seres. Quando Jesus voltar, porém, o céu estará vazio de anjos e isto sem dúvida é relatado como o silêncio no céu. É, portanto, na segunda vinda de Jesus que o sétimo selo é aberto. Os acontecimentos do sétimo selo não são relatados em Apocalipse mas são acontecimentos relatados em outros lugares em conexão com a segunda vinda de Cristo.

- (1) Ajuntamento de todos para o seu julgamento fina. Apoc. 22:12; Mat. 25:31-46; 24:31.
- (2) A trasladação dos justos vivos. I Tess. 4:17
- (3) Destruição dos ímpios vivos. II Tess. 2:8; 8; Isa. 11:4; Luc. 19:27.
- (4) Início do termo – prisão de Satanás. Apoc. 20:2, 3.
- (5) Ressurreição dos justos mortos. I Tess. 4:16.
- (6) Estabelecimento do reino de Cristo. Dan. 2:44; Eze. 21:27.
- (7) O domínio é dado aos santos. Dan. 7:27.
- (8) Cristo é adorado por ter completado Sua obra de redenção Apoc. 5:12.

"A abertura do sétimo selo envolve acontecimentos da maior significação. Não é nada menos que a abertura final do grande livro do destino do mundo. Aqui finalmente entra em execução o grande plano de Deus para esta terra; aqui os santos entram na posse de suas recompensas e é fixada a sentença final de Satanás com todas as suas hostes do mal. Aqui atinge o seu clímax a obra dos mensageiros de Deus, o cavalo branco da vitória atingiu o tento [teto?] da glória, e o cavalo pálido da morte acabou sua terrível obra de condenação. É Jesus, o Cordeiro de Deus e o Leão da tribo de Judá, que sozinho tem o direito de quebrar os selos que fecham este livro do destino, abri-lo e executar suas decretações de vida ou morte. Quando Jesus abrir aquele livro, então o reino será dado a Quem pertence de direito, e aos santos que se assentarão e reinarão com Ele. Ter-se-á então atingido a hora em que os ímpios serão para sempre excluídos de qualquer direito na terra, enquanto que os justos são para toda a eternidade integrados na posse de seu título [sic] de direito à herança dos filhos de Deus.

"Embora o sétimo selo, cubra assim um curto período de tempo, ele abarca uma série de acontecimentos nesta terra maiores [sic] significativos que qualquer outro um período de tempo igual – a ressurreição dos justos e a morte dos ímpios pela glória consumidora da vinda de Cristo. Terá então início a sentença a longa prisão de Satanás de mil anos (A.J. Lockert, R&H, 12-4-1945).

"Sete selos" estão sobre este livro e é um indício de quão completos foram aqueles laços de perdição que durante todo esse tempo impediram à semente de Adão possuir a herança que Lhe é própria. Os bens originais perdeu-os o homem totalmente sem que houvesse um Remidor. [...] "O pecado não pode viciar qualquer dos direitos de Deus. A posse de Satanás e uma mera usurpação, permitida por algum tempo, mas de maneira alguma em detrimento da propriedade do Todo-Poderoso. O direito real ainda continua na mão de Deus, até que o Remidor adequado venha redimi-lo, pagar o preço, e expulsar o estranho e sua semente. [...]

"João sabia pelo Espírito que nele estava, o que, significava aquele livro. [...] Aquele livro, fechado e relegado, é a desgraça e o luto da igreja. Quer dizer uma herança não redimida – os filhos ainda desaposados de sua possessão adquirida. O livro aberto, entretanto é o gozo e a glória da Igreja. É a garantia de sua reintegração naquilo que Adão perdeu – a recuperação de tudo aquilo de que esteve há tanto tempo cruelmente privada por causa do pecado. [...] "Jesus é o Leão, o renovo de Judá [...] Ele pagou o preço da redenção da herança perdida. É o verdadeiro Remidor que, tendo há muito triunfado, e sido aceito, provar-se-á também pronto e digno para completar Sua obra, em resgatar aqueles títulos a longo prazo da propriedade perdida. [...]

"Abertura dos selos, é um ato de poder — uma bravura militar — uma sortida poderosa para apossar-se de um reino. E ao se quebrar um a um, irrompe Aquele que ataca com ferocidade os inimigos e os usurpadores que ocupam a terra — J.A. Seiss, The Apocalypse, v.I, 272-291.)".

“O sétimo selo só será rompido depois que Cristo vier e os ímpios forem mortos pela glória de Seu aparecimento. Então haverá silêncio no Céu durante cerca de ‘meia hora’ (Apoc. 8:1)” (BATTISTONE, 1989, p.72).

Exatamente. A volta de Jesus se dá no 6º selo! No sétimo, ocorre "silêncio", algo que não combina com o estrondo ingente e retumbante do retorno do Rei!

“1 dia profético = 1 ano literal = 360 dias literais → ½ hora profética = 7 dias literais. [...] Esse silêncio se produzirá por ocasião da segunda vinda de Cristo, quando os anjos virão com Jesus (São Mateus 25:31). Alguns têm aplicado a essa meia hora o princípio profético de dia-ano e dizem que poderá representar uma semana literal. [...] O sexto selo do Apocalipse nos ajuda a descobrir quando começaria o tempo do fim e conclui com a descrição da segunda vinda de Jesus” (BELVEDERE, 1987, p. 56, 58).

“Logo nossos olhares foram dirigidos ao oriente, pois aparecera uma nuvenzinha aproximadamente do tamanho da metade da mão de homem, a qual todos nós soubemos ser o sinal do Filho do homem. [...] Todos os rostos empalideceram; e o daqueles a quem Deus havia rejeitado se tornaram negros. Todos nós exclamamos então: “Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?”

“Então os anjos cessaram de cantar, e houve algum tempo de terrível silêncio, quando Jesus falou: “Aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta.” Com isto nos iluminou o rosto e encheu de alegria o coração. E os anjos tocaram mais fortemente e tornaram a cantar, enquanto a nuvem mais se aproximava da Terra. Então a trombeta de prata de Jesus soou, ao descer Ele sobre a nuvem, envolto em labaredas de fogo.

“Olhou para as sepulturas dos santos que dormiam, ergueu então os olhos e mãos ao céu, e exclamou: “Despertai! despertai! despertai, vós que dormis no pó, e levantai-vos!” Houve um forte terremoto. As sepulturas se abriram, e os mortos saíram revestidos de imortalidade. Os 144.000 clamaram “Aleluia!”, quando reconheceram os amigos que deles tinham sido separados pela morte, e no mesmo instante fomos transformados e arrebatados juntamente com eles para encontrar o Senhor nos ares.

“Todos nós entramos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro, aonde Jesus trouxe as coroas, e com Sua própria destra as colocou sobre nossa cabeça” (WHITE, 2007b, p. 39, 40).

“Que acontecimento tomará lugar para que cessem os coros e as orquestras celestiais? Segundo o Senhor Jesus pessoalmente se referira, Deus o Pai e todos os santos anjos, O acompanharão em Sua segunda vinda ao mundo (Mt 25.31). Assim sendo é claro que o céu, isto é, a Santa cidade estará em silêncio enquanto o séquito da divindade não regressar com os escolhidos do Salvador. Haverá silêncio no céu até que todos a êle regressem outra vez.

“A meia hora de silêncio no céu não será literal mas profética, pois é assim que entendemos a medida de tempo nas revelações concernentes às profecias. Para sabermos o tempo exato de quase meia hora profética, temos que dividir um dia profético por vinte e quatro horas. Um dia profético equivale a um ano, ou, melhor dito — vinte e quatro horas proféticas, E, mais ainda, o ano profético compreende 360 dias literais (Ap 13.5). Agora, para termos o tempo exato de “quase meia hora” profética, teremos que, em primeiro lugar, dividir 360 dias por 24 horas. E o resultado da operação será 15 dias. Quer dizer que uma hora profética equivale a 15 dias literais e meia hora a 7 dias e meio. O tempo, pois, que Cristo dispenderá para vir à terra e voltar ao céu, não será de meia hora ou sete dias e meio, mas “quase meia hora”, isto é, exatamente sete dias.

“Eis o tempo que o Salvador gastará para vir à terra com Seu séquito buscar Seus remidos e regressar ao céu ou à Santa Cidade. Ao regressar a corte celestial com os escolhidos do Senhor, encher-se-á novamente o céu com tributação de louvores ainda maiores.

Multidões de salvos de todos os séculos prorromperão num cântico de vitória triunfante, seguidos pelos [sic] miríades de miríades de santos anjos” (MELLO, 1959, p. 187, 188).

“Quando lemos Apocalipse 8:1, vemos a abertura do sétimo e último selo, que é a própria Volta de Cristo com todos os anjos (Mateus 25:31). Nesta ocasião o Céu estará em silêncio, vazio, por cerca de meia hora profética, ou seja, uma semana literal” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 22).

Mas, Battistone (1989, p. 72 e 116) apresenta, além desta crença acima, uma outra: “Quando vem para destruir Seus inimigos terrestres, Jesus ‘não guarda silêncio; perante Ele arde um fogo devorador, ao redor esbraveja grande tormenta’ (Sal. 50.3). [...] O silêncio não virá até que sejam mortos os ímpios, ressuscitados os justos falecidos, e os justos vivos sejam arrebatados juntamente com eles. O silêncio é a grande bonança depois da tempestade. É um símbolo da grande alegria do Senhor, das hostes celestiais e de Seu povo redimido, ao viajarem para o Céu. [...] Alguns afirmam que esse silêncio no Céu, que vem depois dos terríveis acontecimentos que ocorrem na Terra imediatamente antes do Segundo Advento (Apoc. 6:14-16) é causado pela partida das hostes angélicas das cortes celestiais para acompanhar Cristo à Terra (ver S. Mat. 25:31).”

“Deus não guardará silêncio até que os ímpios recebam a punição e Seu povo esteja eternamente redimido. O silêncio em Apocalipse 8:1, que ocorrerá imediatamente após o aparecimento de Cristo (Apoc. 6:12-17), representa o descanso, a paz e o regozijo entre a hoste celestial e os salvos depois que o veredicto do tribunal celestial começar a ser posto em execução. Quando for rompido o sétimo selo [Volta de Cristo], [sic] tornar-se-á conhecido o conteúdo do livro do destino (Apoc. 5:5 e 9). O povo de Deus será reunido pelos anjos e levado para o Céu. (Ver S. Mat. 25:31; S. João 14:1-3).”

Já Urias Smith (1979, p. 117) crê que o Senhor Jesus retorna somente aqui no sétimo selo, embora reconheça que haverá uma semana literal na época do cumprimento deste selo. Ele coloca assim: “O primeiro versículo deste capítulo refere-se a acontecimentos dos capítulos precedentes e, portanto, não devia ser separado deles pela divisão do capítulo. Aqui é reatada e concluída a série dos sete selos. O capítulo sexto terminou com os acontecimentos do sexto selo, e o oitavo começa com a abertura do sétimo selo. Daí que o capítulo sete está como que entre parênteses entre o sexto e o sétimo selos, e é lógico que a obra de selamento de Apocalipse 7 pertence ao sexto selo.

“Silêncio no Céu. – O sexto selo não nos leva até o segundo advento de Cristo, embora abranja acontecimentos intimamente relacionados com ele. Introduce as terríveis comissões dos elementos, nas quais os céus se retiram como um livro que se enrola, a agitação da superfície da Terra e a confissão por parte dos ímpios de que vindo é o grande dia da ira de Deus. Estão, sem dúvida, em expectativa de ver o Rei aparecer em glória. Mas o selo não alcança esse acontecimento. O aparecimento pessoal de Cristo deve, portanto, ocorrer durante o selo seguinte”.

Mas os versos 16 e 17 de Apocalipse 6, no contexto do sexto selo, claramente falam sobre o, então, visível trono e Os que o ocupam nas nuvens, avistados pelos ímpios! Por que colocar o retorno de Jesus para o sétimo selo, então? O sétimo selo é como o começo do funcionamento de uma câmera de vídeo no Céu, enquanto o sexto é o período que antecede a ligação dela, ou seja, Jesus ainda estava no Céu, mas também o período em que Jesus é flagrado esvaziando o Céu ao retornar para a Terra! É como se, paralelamente ao período do sexto selo, ocorressem as três últimas igrejas, o 7º selo, o relato de Apocalipse 8.5 (fim do ministério sumo sacerdotal de Cristo) e as 7 pragas. Já as seis primeiras trombetas ocorrem paralelamente às 7 igrejas e aos cinco primeiros selos.

“Quando o Senhor aparecer virá com todos os santos anjos (Mat. 25:31). E quando todos os harpistas celestes deixarem as cortes do Céu para virem com o seu divino Senhor, quando Ele descer para buscar o fruto da Sua obra redentora, não haverá silêncio no Céu? Este período de silêncio, se considerado como tempo profético será de cerca de sete dias” (SMITH, 1979, p. 117).

8.2	Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas.	Eu, João, vi sete anjos lá no lugar santíssimo do Santuário celestial, diante da arca/do trono de Deus, prestes a obedecer; cada um recebeu uma trombeta para tocar, uma profecia sobre violências, destruições para anunciar.
-----	---	--

“A visão das sete trombetas mostra que Deus já interveio, ao longo da história, em favor de Seu povo oprimido e julgou os que os prejudicaram. O propósito das sete trombetas é assegurar ao povo de Deus que o Céu não é indiferente a seu sofrimento” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 54).

“Eis a terceira cadeia profética do Apocalipse ligada ao número sete. Profeticamente falando, trombeta é símbolo de guerra ou de graves acontecimentos políticos entre as nações (Ez 7.14). Quando o ocorreriam os toques destas trombetas é de suma importância sabermos antes de irmos adiante. Em primeiro lugar tenhamos em mente que, tôdas as profecias do Apocalipse, dizem respeito a sucessos relacionados com a era cristã, quer no que respeita a opressões políticas quer religiosas, e que, note-se bem, tôdas as correntes de profecias sob o número sete, encham inteiramente esta era. Assim as sete trombetas far-se-iam soar, infalivelmente, na era cristã, enchendo-a de acontecimentos sangrentos tremendos.

“Todavia, como as sete igrejas revelam a condição interna e os sete selos a condição externa da igreja cristã, as sete trombetas demonstram evidentes guerras ou juízos que desabariam sobre os seus opressores, a começar com os primeiros que foram os romanos, ou, mais evidentemente, Roma-Pagã Ocidental e Roma-Cristã Oriental” (MELLO, 1959, p. 188).

“A linguagem e as imagens das sete trombetas são complexas. Sua aplicação a eventos históricos específicos tem resultado em vários pontos de vista. As sete trombetas recapitulam a história desde uma perspectiva particular e, de certa forma, os eventos que ocorrem no toque das trombetas estão em paralelo com outros eventos mencionados em outros ciclos de sete no Apocalipse, como as sete igrejas e os sete selos e outros.

“Há, por exemplo, uma grande semelhança entre as sete trombetas e as sete pragas. A diferença entre elas, contudo, levam-nos a concluir que as sete trombetas são "juízos de advertência". Aqueles que aprenderem as lições ensinadas pelas trombetas não terão de sofrer as catastróficas consequências das sete últimas pragas [...]. Podemos ainda estabelecer uma série de comparações entre as trombetas e os selos do capítulo 6. Tanto as trombetas como os selos estão arranjados em grupos de quatro e três. Os quatro primeiros selos formam um grupo — os quatro cavaleiros do Apocalipse (Apocalipse 6: 1-8). As últimas três trombetas também formam um grupo, os três medonhos ais (Apocalipse 9:12; 11:14).

“Além disso, após a abertura do sexto selo, quatro anjos seguram os ventos até que o selamento dos 144 mil se complete (Apocalipse 7:2-3), por outro lado, quatro anjos são vistos atados junto ao rio Eufrates sob a sexta trombeta (Apocalipse 9:14-15).

“Temos aqui mais uma cena no Santuário Celestial. Sete anjos estão diante do trono e recebem sete trombetas. Ao ser tocada, cada uma das trombetas apresenta um juízo divino. Estes não são os juízos finais, como na queda das sete pragas, mas juízos de admoestações preliminares. O fato dos anjos com as trombetas saírem do altar de incenso, sugere que o tempo de graça para o mundo ainda não terminou durante o toque das seis primeiras trombetas. O toque da sétima trombeta ocorre já no momento da Volta de Jesus (Apocalipse 11:15-18), assim como a abertura do sétimo selo (Apocalipse 8:1)” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 26, 27).

Mas o versículo em análise não informa que os anjos estavam diante do altar de incenso, mas “diante de Deus” ou da arca/trono de Deus.

“O toque da trombeta nos dias do Antigo Testamento servia para convocações religiosas, guerras e anúncios (Números 10:2-12; Jeremias 4:19-20). No Novo Testamento, o toque da trombeta está associado à Volta de Jesus (1 Coríntios 15:51-52; 1 Tessalonicenses 4:16). As sete trombetas não são juízos finais de Deus sobre pecadores impenitentes, mas ocorrem dentro do fluxo da história. Portanto, devemos distinguir claramente entre o propósito das trombetas e das sete pragas (Apocalipse 16) que só ocorrerão depois de terminada a graça para a humanidade (Apocalipse 22: 11)” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 26, 27).

Boa parte dos autores consultados entendem o capítulo 8 de Apocalipse como Rosse e Barbosa (2012, p. 24): “Após termos estudado os três blocos apocalípticos de sete temas relacionados com a história da salvação (as cartas, os selos e as pragas), chegou a hora de considerarmos [sic] o último bloco, agora relacionado com a história do mundo – as sete trombetas. Elas são uma referência histórica dos juízos de Deus sobre os opositores do Seu povo”. No entanto, Samuel Ramos (2006, p. 12) oferece o seguinte: “Com a intenção de ajudar aos que se interessam no estudo das Sete Trombetas apresentamos aqui uma interpretação que, embora seja diferente da histórica, é plenamente bíblica e coerente. Como igreja [Adventista do Sétimo Dia] admitimos que não temos toda luz e que a revelação divina é progressiva; portanto, é de grande proveito para os estudiosos das profecias bíblicas analisarem as Sete Trombetas como eventos que ocorrerão após o fechamento da porta da graça”.

Essa ideia difere diametralmente da maioria dos estudiosos do Apocalipse. “Este versículo [Ap 8.2] inicia uma nova e distinta série de acontecimentos. Nos selos temos a história da igreja durante a chamada era cristã. Nas sete trombetas, iniciadas agora, temos os principais acontecimentos políticos e guerreiros que deviam ocorrer durante o mesmo tempo” (SMITH, 1979, p. 117, 118).

8.3	Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono;	Então, veio o arcanjo Miguel – o próprio Deus no formato de anjo –, e ficou de prontidão com um incensário de ouro, perto do altar de incenso do lugar santo do Santuário, também diante do trono. Ele recebeu muito incenso para queimar e gerar fumaça perfumada para o trono, isso simbolizando a enorme quantidade de orações de todos os legítimos filhos de Deus aqui da Terra, que Ele mesmo ouvia e por eles intercedia perante a face do Pai;
8.4	e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos.	e pela intercessão de Jesus – contínua e eficiente – em Sua função de Sumo sacerdote da humanidade, as orações dos filhos chegavam a Deus, o Pai.

“Antes dos sete anjos saírem [sic] de diante de Deus para cumprirem a sua missão, uma nova cena é apresentada na visão. Um novo anjo surge, não com trombeta, mas com um incensário de ouro, pondo-se “junto do altar”. No céu há um único altar, aliás, o do incenso, que se encontra no primeiro compartimento ou lugar santo do santuário.

“Mas, quem é o anjo que se apresentou junto do altar para ministrar o incenso? Um anjo comum não pode exercer funções de sacerdote, pelo fato de um sacerdote ser um mediador entre o pecador e Deus, e os anjos jamais foram designados como tais. O Mediador entre o pecador e Deus é um só — Jesus Cristo (1ª Tm 2.5,6). Daí o anjo ministrante da visão

ser o próprio Senhor Jesus, não só porque já O vimos noutra visão ministrando no santuário, mas porque a revelação O apresenta também como um anjo, o “anjo do concerto” (MI 3.1).

“No ritual do santuário de Israel, figura do celestial, a queima do incenso, no altar do mesmo nome, no lugar santo, pela manhã e à tarde, simbolizava os méritos da intercessão de Cristo, como Mediador, em favor do pecador penitente ou de Seu povo. O nosso texto declara que ao anjo, ou a Cristo como Sumo-sacerdote, foi dado “muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sôbre o altar de ouro”.

“Ora, como as sete trombetas se estendem por tôda a era cristã e os acontecimentos resultantes de seus toques iriam pôr em perigo a igreja ou “todos os santos”, e êles por isso mesmo necessitariam orar muito, demonstrou-lhes o Salvador, o anjo ministrante, que não lhes faltariam os Seus méritos em todo o tempo dos sonidos das sete trombetas. Procurou dêste modo, o Senhor, dar-lhes a certeza de Sua simpatia nos sofrimentos que iam padecer ao tocarem os anjos as suas trombetas. Estimulou-os a orarem abundantemente e confiarem com segurança no incenso dos Seus méritos infalíveis em prôl da oração sincera e confiante dos Seus amados suplicantes. Êle lhes assegurou, na visão, que Sua mediação pô-los-ia em salva-guarda e que em Seus méritos podiam descansar seguramente pela fé, a verdadeira fé” (MELLO, 1959, p. 189).

“Apocalipse 8 começa com uma imagem de sete anjos diante de Deus, prontos para tocar suas trombetas. Antes do toque das trombetas, outra cena é inserida. O propósito dela é explicar o significado teológico das trombetas.

“Leia Apocalipse 8:3, 4, juntamente com a descrição dos serviços diários no templo em Jerusalém. Um comentário judaico sobre a Bíblia explica que, no sacrifício da tarde, o cordeiro era colocado sobre o altar do holocausto e o sangue era derramado na base do altar. Um sacerdote escolhido levava o incensário de ouro para dentro do templo e oferecia incenso no altar de ouro, no lugar santo. Quando o sacerdote saía, ele jogava o incensário no chão, produzindo um barulho forte. Nesse momento, sete sacerdotes tocavam suas trombetas, marcando o fim dos serviços do templo naquele dia.

“Pode-se ver como a linguagem do serviço da tarde realizado no santuário é usada em Apocalipse 8:3 a 5. É significativo o fato de o anjo receber incenso no “altar de ouro que se acha diante do trono” (Ap 8:3). O incenso representa as orações do povo de Deus (Ap 5:8). As orações deles estão agora sendo respondidas por Ele” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 55).

“Na oferta do incenso o sacerdote era levado mais diretamente à presença de Deus do que em qualquer outro ato do ministério diário. Como o véu interno do santuário não se estendia até ao alto do edifício, a glória de Deus, manifestada por cima do propiciatório, era parcialmente visível no primeiro compartimento. Quando o sacerdote oferecia incenso perante o Senhor, olhava em direção à arca; e, subindo a nuvem de incenso, a glória divina descia sobre o propiciatório e enchia o lugar santíssimo, e muitas vezes ambos os compartimentos, de tal maneira que o sacerdote era obrigado a afastar-se para a porta do santuário. Como naquele cerimonial típico o sacerdote olhava pela fé ao propiciatório que não podia ver, assim o povo de Deus deve hoje dirigir suas orações a Cristo, seu grande Sumo Sacerdote que, invisível aos olhares humanos, pleiteia em seu favor no santuário celestial.

“O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e que unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores. Diante do véu do lugar santíssimo, estava um altar de intercessão perpétua; diante do lugar santo, um altar de expiação contínua. Pelo sangue e pelo incenso deveriam aproximar-se de Deus—símbolos aqueles que apontam para o grande Mediador, por intermédio de quem os pecadores podem aproximar-se de Jeová, e por meio de quem unicamente, a misericórdia e a salvação podem ser concedidas à alma arrependida e crente” (WHITE, 2007a, p. 310).

“Entre os anjos estava um incensário de ouro. Sobre a arca, onde estavam os anjos, havia o brilho de excelente glória, como se fora a glória do trono da habitação de Deus.

Jesus estava junto à arca, e ao subirem a Ele as orações dos santos, a fumaça do incenso subia, e Ele oferecia suas orações ao Pai com o fumo do incenso” (WHITE, 2007b, p. 54).

“**O incenso:** Se pudéssemos ser transportados de volta para o santuário mosaico, veríamos ali o sacrifício contínuo (diário) dos sacerdotes. Todos os dias, um deles tirava fogo do altar e, enchendo o incensário, queimava o incenso. Enquanto a fragrância permeava o acampamento, ela servia como um chamado à oração. Em um dia do ano, o Dia da Expição, o trabalho era desempenhado apenas pelo sumo sacerdote. Enquanto ele oferecia o incenso sobre o altar, a congregação, em atitude solene, do lado de fora do santuário, dedicava-se à oração.

“Jesus Cristo, nosso Sumo Sacerdote celestial, ainda faz intercessão por nós no santuário celestial. Que maravilha saber que Ele pode comover-Se com nossas enfermidades. Ele não é surdo nem indiferente. Nossas orações sobem até Ele como suave incenso, e Ele deleita-Se em tomar nossas inadequadas orações e petições e misturá-las com a Sua imaculada justiça para que sejam aceitáveis no trono de graça” (FEYERABEND, 2005, p. 73).

8.5

E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.

Mas, logo em seguida, Jesus colocou do fogo daquele altar de incenso em Seu incensário, e o jogou aqui na Terra. Era uma resposta às orações dos filhos – os juízos do Pai sobre os falsos filhos que estavam maltratando os verdadeiros, os quais clamavam ao Pai! Também era um prenúncio do futuro término do trabalho de Jesus como Sumo sacerdote, quando nosso planeta estaria sem O intercessor. Aqui na Terra eu, João, presenciei trovões, relâmpagos, vozes e terremotos por causa desse acontecimento!

“Em Apocalipse 8:3 a 5, apresentam-se informações importantes sobre as trombetas no Apocalipse: 1. As sete trombetas são os juízos de Deus sobre a humanidade rebelde em resposta às orações de Seu povo oprimido. 2. As trombetas dão sequência à morte de Jesus como Cordeiro e continuam de maneira consecutiva ao longo da História até a segunda vinda de Cristo (veja Ap 11:15-18).

“O anjo enche o incensário com o fogo do altar e o atira à Terra. Significativamente, esse fogo vem do altar sobre o qual foram oferecidas as orações dos santos. O fato de que o fogo vem do próprio altar mostra que os juízos das sete trombetas caem sobre os habitantes da Terra em resposta às orações do povo de Deus, e que Deus intervirá em favor deles em Seu tempo designado. O lançamento do incensário também pode ser uma advertência de que a intercessão de Cristo não durará para sempre. Haverá o fechamento da porta da graça (veja Ap 22:11, 12)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 55).

“A abrupta mudança do uso do incensário é significativa. Tinha sido usado pelo Mediador em Sua obra de ministrar em favor dos pecadores. Agora a obra cessa e o incensário é inundado de fogo e lançado sobre a terra. A misericórdia e intercessão dão lugar ao castigo e retribuição.

1. A obra do fogo

a) Purificar os justos: Isa. 6:6,7; Mal. 3:3.

b) Consumir os ímpios: Deut. 4:24-26; Mat. 3:10.

D. Vozes, trovões, relâmpagos, e um terremoto: Apoc. 8:5; 11:19; 16:17,18” (THIELE, 1960,

p.202).

“O mesmo fogo do altar, que produz a nuvem de incenso que sobe para Deus com as orações dos santos, é lançado na terra, produzindo efeitos tremendos. O mesmo fogo sagrado usado na mediação dos santos é arrojado sôbre as cabeças daqueles que desprezaram a intercessão do Salvador. A mesma graça que absolve o pecador, torna-se em condenação ao ímpio impedernido [sic] que dela não se aproveitou.

“O ato do lançamento do fogo do altar sôbre a terra declara que a obra da mediação do “anjo do concôrto” irá até ao fim ou até que o último anjo faça soar a sua trombeta, e indica também o término da mediação do Salvador. Então não mais será oferecido incenso pelas orações mesmo dos santos. Eles próprios terão que viver sem mediação até ao aparecimento do seu Senhor para arrebatá-los da terra. E, para os ímpios desprezadores do tão incensurável amor de Deus a êles manifesto, estará a porta da misericordiosa graça fechada para sempre.

“Ao lançamento do fogo do altar, seguem-se “vozes e trovões, e relâmpagos e terremotos”, anunciando a recompensa do ímpio. As mesmas cenas são descritas noutras visões do Apocalipse, como evidências irrecusáveis da ira dum Deus amoroso tão audazmente ofendido e dum amante Salvador vilmente desprezado” (MELLO, 1959, p. 189, 190).

“Vi anjos indo aceleradamente de um lado para o outro no Céu. Um anjo com um tinteiro de escrivão ao lado voltou da Terra, e referiu a Jesus que sua obra estava feita, e os santos estavam numerados e selados. Então vi Jesus, que havia estado a ministrar diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e com grande voz disse: “Está feito.” E toda a hoste angélica tirou suas coroas quando Jesus fez a solene declaração: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.” Apocalipse 22:11.

“Cada caso fora decidido para vida ou para morte. Enquanto Jesus estivera ministrando no santuário, o juízo estivera em andamento pelos justos mortos, e a seguir pelos justos vivos. Cristo recebera Seu reino, tendo feito expiação pelo Seu povo, e apagado os seus pecados. Os súditos do reino estavam completos. As bodas do Cordeiro estavam consumadas. E o reino e a grandeza do reino sob todo o Céu foram dados a Jesus e aos herdeiros da salvação, e Jesus deveria reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

“Retirando-Se Jesus do lugar santíssimo, ouvi o tilintar das campainhas sobre as Suas vestes; e, ao sair Ele, uma nuvem de trevas cobriu os habitantes da Terra. Não havia então mediador entre o homem culpado e Deus, que fora ofendido. Enquanto Jesus permanecera entre Deus e o homem culposo, achava-se o povo sob repressão; quando, porém, Ele saiu de entre o homem e o Pai, essa restrição foi removida, e Satanás teve completo domínio sobre os que afinal se não arrependeram. Era impossível serem derramadas as pragas enquanto Jesus oficiava no santuário; mas, terminando ali a Sua obra, e encerrando-se a Sua intercessão, nada havia para deter a ira de Deus, e ela irrompeu com fúria sobre a cabeça desabrigada do pecador culpado, que desdenhou a salvação e odiou a correção.

“Naquele tempo terrível, depois de finalizada a mediação de Jesus, os santos estavam a viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Cada caso estava decidido, cada jóia contada. Jesus demorou um momento no compartimento exterior do santuário celestial, e os pecados que tinham sido confessados enquanto Ele esteve no lugar santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado, que deve sofrer o castigo deles” (WHITE, 2007b, p. 280, 281).

“Depois de ter apresentado os sete anjos no versículo 2, João chama por um momento nossa atenção para uma cena inteiramente diferente. O anjo que se aproxima do altar não é um dos anjos das sete trombetas. O altar é o de incenso que, no santuário terrestre, se encontrava no primeiro compartimento. Aqui, pois, está outra prova de que existe no Céu um santuário com os seus correspondentes objetos de culto. Era o original, de que o ter-

restre era uma figura; e as visões de João nos levam ao interior desse santuário celestial. Vamos realizar-se nele um ministério em favor de todos os santos.

“Sem dúvida é aqui apresentada toda a obra de mediação em favor do povo de Deus durante a era evangélica. Isto se deduz pelo fato que o anjo oferece o seu incenso com as orações de todos os santos. O ato de o anjo encher o incensário de fogo e o lançar sobre a Terra evidencia que esta visão nos leva até o fim do tempo, e por este ato indica que sua obra terminou. Já não serão oferecidas mais orações misturadas com incenso. Este ato simbólico só pode ter a sua aplicação na altura em que tiver cessado para sempre o ministério de Cristo no santuário em favor da humanidade. E o ato do anjo é seguido por vozes, trovões, relâmpagos e terremotos – exatamente os mesmos fatos descritos noutras passagens referentes ao tempo final de graça para a humanidade. (Ver Apoc. 11:19; 16:17, 18).

“Mas por que estes versículos são aqui inseridos? Constituem uma mensagem de esperança e conforto para a igreja. Foram apresentados os sete anjos com as suas trombetas bélicas. Ao soarem, terríveis cenas haviam de acontecer. Mas antes de começarem é indicada ao povo de Deus a obra de mediação realizada em seu favor no Céu, bem como a sua fonte de auxílio e de força durante esse tempo. Ainda que arremessados, em breve, nas tumultuosas ondas de lutas e guerras, devem saber que o seu grande Sumo Sacerdote ainda ministrava em favor deles no santuário celestial. Para ali podiam dirigir as suas orações, onde seriam oferecidas, como incenso, a seu Pai no Céu, podendo assim sentir-se fortalecidos e apoiados em todas as suas calamidades” (SMITH, 1979, p. 118, 119).

Samuel Ramos (2006, p.12), novamente, entende essa passagem de modo bem diferente. Ele coloca o verso 5 como se cumprindo antes dos demais versículos deste capítulo! Ou seja, segundo ele, primeiro Jesus conclui Seu trabalho como Sumo sacerdote e, em seguida, o cumprimento das 7 trombetas acontece. Ele cita Battistone (1989, p. 120, 121):

“Joseph Battistone, autor da Lição da Escola Sabatina do 2º trimestre de 1989 afirma: “O toque das trombetas não começa até que seja concluída a obra do Anjo, de oferecer incenso (Apoc. 8:6). A visão do Anjo que oferece incenso e então atira o incensário à Terra tem a finalidade de ser a introdução para a profecia das Trombetas. É como se fosse dito a João: Os sete trombeteiros estão prontos para tocar. Primeiro terá de cessar, porém, o oferecimento do incenso. Então as trombetas poderão soar. Nessa ocasião (após o fim da graça) Deus permitirá que ocorram os eventos descritos sob cada uma das trombetas. [...] Quando Ele atirar o Seu incensário à terra, cessará o ministério intercessor de Cristo. Terminará o tempo da graça, e haverá trovões, vozes, relâmpagos e um grande terremoto”.

A associação do lançamento do incensário à Terra com o fechamento da porta da graça como ocorrendo antes do cumprimento das profecias das Sete Trombetas conflita com Ap 15.8, por exemplo. Por que o santuário se encheu de fumaça, se lá dentro não há mais intercessões feitas por Jesus e recebidas pelo Pai? A fumaça ou oração dos pecadores, incensada pelo sangue de Cristo, não deveria existir se a associação feita pelo Samuel Ramos estivesse correta.

“Atirar o incensário: fim do ministério intercessor de Cristo; fim do tempo da graça. . . . Apocalipse 8:3-5 trata da intercessão e juízo. No verso 5, o Anjo tira fogo do altar e o atira à Terra, assinalando o fim do ministério intercessor no Santuário Celestial e o lançamento dos juízos de Deus sobre o mundo. Os trovões, os relâmpagos e o terremoto dramatizam o fim do tempo da graça para os seres humanos”, Battistone (1989, p. 122, 123) citado por Ramos (2006, p. 13). “A maior obra destruidora de Satanás começa logo após Jesus ter lançado o incensário sobre a Terra” (RAMOS, 2006, p. 13).

O que tem a ver lançar o incensário com Jesus deixar o Santuário e não mais continuar Sua obra de expiação? Ou melhor: por que se crer que o verso 5 ocorre antes da realização do toque das 7 trombetas, pelo simples fato de ele vir antes dos versículos que descrevem o tocar das trombetas? A ordem dos textos não reflete a ordem da História, claramente. Basta perceber, por exemplo, que o sexto selo (capítulo 6) apresenta a volta de Jesus, enquanto todo o capítulo 7 apresenta o selamento que concede aos cristãos genuínos o ingresso para o Céu. Penso que esta associação esteja equivocada.

E como premissa falsa, conduz a uma conclusão igualmente falsa. Como pode-se crer que há séculos a humanidade está sem o ministério intercessor de Jesus e, portanto, no caos de Satanás? Então os antediluvianos viveram um caos pior do que o nosso, muito embora fossem melhores do que nós, no sentido de que, nos 120 anos de apelo divino via Noé, eles ainda tinham chances de salvação, enquanto os pós-incensário (cf. Ap 8.3-5), por vários séculos (mais do que 120 anos), já estão condenados à não conversão, pois o selamento já ocorreu e a porta da graça se fechou! Ou será que o incensário será lançado depois da própria volta de Jesus, a qual ocorrerá entre o 6º e 7º selos? Contradição.

“A palavra de Deus diz: “Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas” (Amós 3:7). É desejo de Deus que nós entendamos os acontecimentos que ocorrerão na Terra após o fechamento da porta da graça. Jesus declarou que “se possível (Satanás) enganaria até os escolhidos” (Mateus 24:24). Se fosse possível, isto quer dizer que não será possível Satanás enganar os escolhidos. Deus já revelou em detalhes a estratégia satânica, antes dela acontecer, para que quando acontecer, a nossa fé seja fortalecida e os nossos corações confortados.

“As trombetas anunciam alguns dos mais terríveis e dramáticos eventos com os quais Satanás atormentará os ímpios. [...] Poderia Satanás tentar imitar as Sete Pragas de Deus? Seria isso uma novidade? No passado, no Egito, Satanás tentou imitar as dez pragas, e no futuro, logo após o fechamento da porta da graça, ele novamente tentará contrafazer as pragas.

“Mais de uma vez Ellen G. White repete a frase: “a história vai se repetir” indicando que deveríamos considerar as profecias do passado para entendermos as do futuro. “O notável paralelismo apresentado aqui torna evidente que deve haver alguma relação entre as trombetas e as pragas. De que ambas devem ser intimamente relacionadas nos é apresentado ainda pelo fato de que exatamente antes de soarem as trombetas, o incensário que fora usado no templo na oferta do incenso, foi enchido de fogo e lançado à Terra, enquanto Jesus, imediatamente antes das pragas, lançou abaixo o incensário e terminou Sua obra de intercessão pelo homem no Santuário Celestial (citação extraída do livro Primeiros Escritos, 279; e Ez. 10:2)” (RAMOS, 2006, p. 14, 15).

Não encontrei esta citação no livro Primeiros Escritos.

Ramos (2006, p. 15) cita outro autor em sua fundamentação teórica: “A natureza básica tanto das trombetas como das pragas deve ser a mesma; ambas são juízos e castigos sobre os ímpios, homens impenitentes; ambas compreendem uma terminação da obra de intercessão de Jesus seguida por um soltar das paixões malignas dos homens ao Satanás obter o controle. Mas, conquanto sejam semelhantes, não são iguais (Edwin R. Thiele, Apocalipse: Esboço de Estudos, vol. 2, 157, 158)”.

“Não é sem razão que Deus revela aos Seus servos as semelhanças entre os juízos provenientes das Sete Trombetas, e os juízos provenientes das Sete Pragas. A Bíblia fala de Juízos Diretos que são resultados diretos da ação divina, como as Dez Pragas do Egito, o Dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, as Sete Pragas e outros, e também fala de Juízos Indiretos resultantes da ação de Satanás, porém com a permissão divina. Como Juízos Indiretos podemos citar a contrafação das pragas do Egito, as tragédias e calamidades de todo tipo vindos da ação da natureza, mas cujo causador é Satanás e não Deus. Nesta categoria de Juízos Indiretos estão também os juízos anunciados nas Sete Trombetas. Há paralelismo inegável entre as Sete Trombetas e as Sete Pragas. Thiele e Battistone reconhecem esse paralelismo são semelhantes mas não iguais” (RAMOS, 2006, p. 15, 16).

8.6

Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar.

Porém, antes que esse tempo venha, antes que Jesus atire Seu incensário sobre a Terra no sentido de encerrar Sua função como Sumo sacerdote e Intercessor,

8.7

O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde.

aqueles sete anjos que receberam as sete trombetas deveriam tocá-las.

O primeiro anjo tocou sua trombeta – assim como a sétima praga do Egito, uma parte do reino de Satanás foi atingida por decisão judicial divina, atendendo à demanda dos filhos sofredores que clamam ao Pai, tanto quanto como consequência de pecado obstinado: os judeus foram devastados pelos exércitos de Tito, no ano 70 d.C.

“Ao retratar as intervenções de Deus em favor de Seu povo, o Apocalipse usa a imagem das trombetas no Antigo Testamento. Elas eram uma parte importante do cotidiano de Israel (Nm 10:8-10; 2Cr 13:14, 15). Seu som lembrava as pessoas da adoração no templo; as trombetas também eram tocadas nas batalhas, na época da colheita e durante as festas.

“O toque das trombetas andava de mãos dadas com a oração. Durante a adoração no templo ou durante as festas, as trombetas “lembravam” o Senhor de Sua aliança com Seu povo. Elas também lembravam o povo de se preparar para o “Dia do Senhor” (Jl 2:1). Durante a batalha, o som da trombeta dava instruções e advertências essenciais e clamava a Deus para que salvasse Seu povo. Esse conceito é o pano de fundo das trombetas no Apocalipse.

“[...] Os eventos desencadeados pelas trombetas indicam a intervenção de Deus na história em resposta às orações de Seu povo. Enquanto os selos dizem respeito principalmente aos que professam ser povo de Deus, as trombetas anunciam juízos contra a humanidade (Ap 8:13). Elas são advertências aos habitantes da Terra, a fim de que eles sejam levados ao arrependimento antes que seja tarde, pois o dia do juízo final chegará.

“As sete trombetas percorrem o curso dos acontecimentos desde os dias de João até a conclusão da história da Terra (Ap 11:15-18). Elas são tocadas enquanto continua a intercessão no Céu (Ap 8:3-6), e o evangelho é pregado na Terra (Ap 10:8-11:14)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 56).

Concordo com a afirmação dos autores acima no que diz respeito ao tempo em que são tocadas as trombetas, “enquanto continua a intercessão no Céu”. No entanto, a passagem bíblica anotada por eles, como que fundamentando essa afirmação, “Ap 8:3-6”, por si só é insuficiente e até pode conduzir o leitor ao pensamento de Ramos (2006), o qual crê que o tempo do toque das trombetas é posterior à intercessão de Jesus, ou seja, o cumprimento delas ocorre após o término do ministério Sumo sacerdotal de Cristo no Santuário celestial. A solução para esse problema, em meu ponto de vista, está aqui: Apocalipse – Possibilidades, comparação exaustiva de pontos e contrapontos interpretativos, nos contextos teológico e histórico.

“Os juízos provocados pelas trombetas são parciais. Eles afetam apenas um terço da criação. A sétima trombeta anuncia que chegou o momento de Deus assumir Seu legítimo governo.

“As sete trombetas se aplicam aproximadamente aos mesmos períodos compreendidos pelas sete igrejas e pelos sete selos: (a) As duas primeiras trombetas anunciam juízos sobre as nações que crucificaram a Cristo e perseguiram a igreja primitiva, a saber, a rebelde Jerusalém e o Império Romano” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 56).

“Saraiva, fogo e sangue:

7ª praga do Egito (Ex 9:23-25).
Juízo sobre Gogue, inimigo de Judá (Ez 38:22-23).

“E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o SENHOR deu trovões e SARAIVA, e FOGO corria pela terra; e o SENHOR fez chover SARAIVA sobre a terra do Egito” (Exo 9:23 ACF). “E havia SARAIVA, e FOGO misturado entre a SARAIVA, tão grave, qual nunca houve em toda a terra do Egito desde que veio a ser uma nação” (Exo 9:24 ACF). “E a SARAIVA feriu, em toda a TERRA do Egito, tudo quanto havia no campo, desde os homens até aos animais; também a SARAIVA feriu toda a ERVA do campo, e quebrou todas as ÁRVORES do campo” (Exo 9:25 ACF). “Contenderei com ele (Gogue) por meio da peste e do SANGUE; chuva inundante, grandes pedras de SARAIVA, FOGO e enxofre farei cair sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele (Eze 38:22 ARA).

“Árvores e erva verde:

Referência a Israel como povo da aliança (como árvore: Sal 1:3; 52:8; 92:12-14; Isa 61:3; Jer 11:15-17; 17:7-8; Ez 20:46-48).

“Árvores e erva verde:

Referência a Israel como povo da aliança (como erva: Sal 72:16; Isa 40:6-8; 44:2-4).

Parábola da vinha.

“Ele é como ÁRVORE plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (Sal 1:3). “Seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do SENHOR. Na verdade, O POVO É ERVA; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Isa 40:6-8). João Batista e Jesus compararam a nação de Israel a uma árvore que não dá fruto (Mateus 3:10; Lucas 13:6-9).

“Portanto, fogo, saraiva e sangue sobre as árvores e toda a erva verde, simbolizam juízo sobre a nação de Israel. O único evento no primeiro século que atende à profecia é a destruição de Jerusalém no ano 70.

“E quanto à terça parte?

Juízos contra Israel apostatado (Ez 5:11-12; Zac 13:8-9).

“Portanto, tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, pois que profanaste o meu santuário com todas as tuas coisas detestáveis e com todas as tuas abominações, eu retirarei, sem piedade, os olhos de ti e não te pouparei” (Eze 5:11). “Uma TERÇA PARTE de ti morrerá de peste e será consumida de fome no meio de ti; outra TERÇA PARTE cairá à espada em redor de ti; e a outra TERÇA PARTE espalharei a todos os ventos e desembainharei a espada atrás dela” (Eze 5:12 ARA). “A sua cauda (do dragão) arrastava a TERÇA PARTE das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse” (Apo 12:4 ARA).

“Portanto, a frase “A terça parte” nas trombetas de Apocalipse representam juízos divinos sobre uma porção do reino de Satanás” (RODRÍGUEZ, 2012, p. 7-23).

Ángel M. Rodríguez faz um comparativo entre alguns autores e suas interpretações da 1ª trombeta:

U. Smith	E. Thiele	R. Naden	C. M. Maxwell	W. Shea	J. Paulien, H. LaRondelle e R. Stefanovic	A. Treiyer
Ataque dos visigodos contra Roma por Alarico.	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Roma pagã persegue os cristãos.	Juízo de Deus sobre Jerusalém.	Ataque dos visigodos contra Roma por Alarico.

Fonte: <https://adventistbiblicalresearch.org/pt-br/materials/author/%C3%A1ngel-manuel-rodr>

Mello (1959, p. 190, 191) discorda da interpretação de Rodríguez (2012) e se alia a interpretação de Smith e Treiyer: "Contra quem iriam os sete anjos tocar as suas trombetas é de capital importância sabermos antes de apreciarmos os efeitos de seus toques. As sete trombetas não demonstram mais do que evidentes guerras ou juízos que desabariam sobre os opressores da igreja e povo e Deus na terra. E quais são êstes opressores apontados nas profecias? Na era cristã, a que dizem respeito as profecias do Apocalipse e bem assim a das sete trombetas, o inimigo da igreja de Deus — é Roma, e é Roma nas suas duas fases e também tôdas as demais potências opressoras. Segundo o teor da profecia, as seis primeiras trombetas estavam destinadas a porem abaixo tôda a estrutura de Roma-Pagã no Ocidente e de Roma-Cristã no Oriente; e, como isto tomou lugar, dir-nos-ão os toques das mesmas trombetas. A sétima trombeta está destinada a eliminar Roma-papal e todos os persistentes inimigos da igreja de Deus no século XX.

"Caudilhos especiais iriam com suas hordas guerreiras vibrar fulminantes golpes sobre o coração de Roma. E, para que o leitor se certifique disto com acêrto, saiba que os versículos três a cinco atestam que a obra das seis primeiras trombetas tomaria lugar antes do ano de 1844, visto que até esta data a mediação mediante a apresentação do incenso fôra realizada no lugar santo do santuário. Até 1844, Roma foi, indiscutivelmente, o poder inimigo único da igreja de Cristo, sendo que dêste ano para cá, outros poderes fizeram-se também abertos adversários da igreja de Cristo, os quais cairão pelo toque da sétima trombeta, com o resto de Roma.

"[...] As quatro primeiras trombetas tratam dos quatro primeiros ataques de vulto sobre o Ocidente romano, que redundaram na derrocada e esfacelamento de Roma Ocidental ou Européia. Com alusão à primeira trombeta ou à primeira fulminante investida contra Roma Ocidental, não há historiador que não diga que Alarico, com seus visigodos, foi o primeiro terrível inimigo de Roma a feri-la, seriamente, abalando sua gigantesca estrutura".

Oliveira et al. (2015, p. 27) concorda com Rodríguez (2012) e acrescenta ao debate o seguinte: "Saraiva (granizo), fogo e sangue são figuras de juízo na Bíblia (Ezequiel 38:21-22; Salmo 11 :6). Já a terça parte é uma expressão que denota uma medida imparcial ou incompleta. Esta primeira trombeta tem seu cumprimento nos juízos divinos que se abateram sobre Jerusalém. Em seu discurso profético Jesus havia advertido os discípulos sobre guerras (Mateus 24:6). Entretanto, na seção paralela descreve a queda de Jerusalém e as aflições pelas quais passaria o povo judeu (Mateus 24:15-19). Assim esta trombeta se cumpre nos juízos divinos, primeiro, com a destruição de Jerusalém no ano 70 a.D., e depois nas sucessivas perseguições dos imperadores Trajano e Adriano. Por volta de 135 a.D., dezenas de cidades e centenas de povoados já haviam sido destruídos".

Feyerabend (2005, p. 74, 75) não vê como Oliveira et al. (2015), mas como Mello (1959) e também acrescenta ao debate: "O cenário das sete trombetas: O Império Romano dominava quando este grande panorama foi aberto diante do apóstolo João. Roma era tão corrompida que era impossível ela continuar. Como os impérios que a precederam, ela finalmente se viu na montanha de lixo da História. Qualquer nação que desafia Deus e corrompe o Seu povo é amaldiçoada. A divisão de Roma foi claramente profetizada por Daniel. Os símbolos proféticos das sete trombetas mostram como se rompeu o Império.

"Trombetas: A trombeta, nos tempos bíblicos, era usada para convocar grandes reuniões do povo (Levítico 23:4), ou para anunciar a aproximação de uma calamidade ou guerra. Nessa profecia, as sete trombetas dão sete grandes avisos. "Não posso calar-me, porque ouves, o minha alma, o som da trombeta, o alarido da guerra" (Jeremias 4:19). "Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?" (1 Coríntios 14:8).

"Significado: As quatro primeiras: o colapso de Roma ocidental. As duas seguintes: a derrota de Roma oriental. A sétima: o colapso de todos os governos humanos.

"Daniel 2 fala acerca da divisão do Império Romano (representado pelas pernas de ferro) através da divisão da Europa (representada pelos pés e dedos). Cada trombeta que

soou era como uma martelada na estátua de Daniel 2. O historiador romano Amiano Marcelino, um homem que testemunhou a queda de Roma, disse: "Enquanto as trombetas soavam nos meus ouvidos, a tempestade do iminente conflito já varria a nossa nação" (History, livro 14, capítulo 1). Sem haver estudado as Escrituras, esse autor usou a mesma ilustração que o profeta João usou.

"[...] Depois de Constantino, Roma foi dividida em três partes, entre os três filhos de Constantino. Constâncio ficou com a parte oriental, tendo Constantinopla como residência. Constantino II ficou com a Bretanha, a Gália e a Espanha. Constante, seu terceiro filho, ficou com o Ilírico, a África e a Itália. Nessa profecia, por várias vezes faz-se referência a uma terça parte da Terra. Cada uma dessas três divisões do Império Romano representava uma terça parte do mundo então conhecido. O primeiro golpe desferido sobre a Roma ocidental foi o ataque dos godos, sob Alarico. Ele continuou os ataques até que quebrou a espinha do poder romano".

Rossi e Barbosa (2012, p. 24) também seguem esse ramo interpretativo: "As quatro primeiras trombetas mostram a desintegração do grande Império Romano Ocidental pelas tribos dos povos bárbaros, que prepararam o caminho para a consolidação da Roma Papal. Alarico, com os visigodos, ao atacar Roma em 409 d.C., cumpre a profecia referente à primeira trombeta".

Ramos (2006, p. 32, 33) diverge de todos os autores também em sua visão do significado da primeira trombeta: "Após o fechamento da porta da graça os anjos que estavam retendo os quatro ventos soltam-nos e a proibição de danificar a terra e as árvores é removida. Enquanto os anjos estiverem segurando os quatro ventos a terra e as árvores não serão danificadas: "Não danifiqueis a terra nem o mar, nem as árvores até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus" (Apoc. 7:3); mas quando Jesus lançar o incensário sobre a terra "Satanás mergulhará os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade" (Ellen G. White, O Grande Conflito, 614)".

Não haveria nenhum impedimento até aqui se estas passagens não fossem colocadas como pertencendo ao cumprimento da primeira trombeta. Como já vimos, o cumprimento de Apocalipse 8.5 (fim da intercessão de Jesus) é posterior a Apocalipse 8.7 (toque da primeira trombeta). As passagens acima, portanto, não deveriam está associadas a este versículo.

Ramos (2006, p. 33-38) segue com suas associações. Nessa próxima citação, ele o faz comparando as pragas do capítulo 16 e as trombetas, como se as últimas fossem contrafações satânicas das primeiras: "Satanás "estudou os segredos dos laboratórios da Natureza, e emprega todo o seu poder para dirigir os elementos tanto quanto o permite Deus" (Ellen G. White, O Grande Conflito, 589). Embora muitos interpretem a saraiva e o fogo como sendo simbólicos, a Bíblia sugere que são literais. Devemos tomar a Bíblia no sentido literal, a menos que ela mesmo interprete o simbolismo. Ellen G. White interpreta as primeiras quatro pragas de Apoc. 16 como sendo literais (Ellen G. White, O Grande Conflito, 628) e parece coerente e correto entendermos que se as pragas de Apoc. 16 são literais, a contrafação também é literal.

"A primeira trombeta anuncia juízos sobre a terra tal como a primeira praga de Apoc. 16:2, mas a saraivada da primeira trombeta imita a saraiva da sétima praga de Apoc. 16:21. Observe que não há chuva, mas somente saraiva. Nós podemos entender porque não haverá chuva na primeira trombeta ao examinarmos Apocalipse 11:6 "Estes (as duas testemunhas) têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia." A história vai se repetir. Elias "pediu que não chovesse, e por três anos e seis meses, não choveu sobre a Terra" (Tiago 5:17), enquanto Jezabel estava reinando sobre Israel. A profecia de Apoc. 11:6 certamente vai se cumprir quando Jezabel espiritual, isto é, Roma Papal, estiver novamente reinando sobre a Terra, a partir do tempo em que o Decreto Dominical se tornar universal. Neste tempo as florestas e árvores estarão extremamente secas por falta de chuva.

"[...] Existe uma seqüência no curso de ação seguido por Satanás. Primeiramente ele, através dos seus agentes ou pessoalmente, aparece como Anjo de Luz, então o Decreto Dominical é aprovado como resultado da pressão feita sobre os legisladores. Assim Satanás cumpre com o primeiro estágio dos seus ataques, a imposição do Decreto Dominical; mas após o echamento [sic] da porta da graça ele obtém domínio completo sobre os impenitentes e afligirá toda a terra segundo Deus permitir, ou melhor, conforme o curso de ação já delineado nas Sete Trombetas.

"Mesmo quando Satanás obtém domínio completo e começa a afligir a terra e os seus habitantes ele está sob o domínio Daquele que é Soberano de todo o universo. Satanás só age dentro dos limites pré-estabelecidos por Deus. As Sete Trombetas revelam exatamente esses limites. A expressão "terça parte" é repetida muitas vezes na profecia das Sete Trombetas:

- "a terça parte das árvores" (Apoc. 8:7);
- "a terça parte do mar" (Apoc. 8:8);
- "a terça parte dos rios" (Apoc. 8:10);
- "a terça parte do sol, a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse" (Apoc. 8:12);
- "a fim de matarem a terça dos homens" (Apoc. 9:15, 18).

"Deus limita o curso de ação de Satanás. Desde sua rebelião no Céu, Satanás ficou conhecido como o anjo da "terça parte", pois ele conseguiu apagar e escurecer a "terça parte" das estrelas do céu (Apoc. 12:4). Se não fossem os limites colocados por Deus, Satanás destruiria a Terra toda, e teria o maior prazer em frustrar o maior de todos os acontecimentos planejados por Deus, a segunda vinda de Jesus em glória e majestade; seria prazer de Satanás destruir tudo e todos os ímpios para que quando Jesus viesse não encontrasse nada. Mas não será assim. Deus impõe limites a Satanás.

"[...] É bastante evidente a diferença entre a saraiva e fogo da primeira trombeta e as chagas malignas da primeira praga (Apoc. 16:2). Por que essa diferença? Se Satanás está tentando contrafazer as pragas, não poderia ele imitar também as chagas malignas? Se Deus o permitisse, ele poderia, mas considerando que a primeira praga cai sobre os que "têm o sinal da besta e que adoravam a sua imagem" (Apoc. 16:2), este então é um sinal distintivo que identifica os adoradores da besta, e Deus não permitiria que tal praga caísse [sic] sobre os Seus filhos, e Satanás, por sua vez, não tem interesse em identificar os seus seguidores como adoradores da besta. Isto não o ajudaria a cumprir o seu intento.

"O sofrimento infligido por Satanás através das trombetas tem como objetivo despertar o ódio do mundo contra os guardadores do sábado. Ele confirmará que realmente todos os sofrimentos e destruição foram causados, não pelos pecados do povo, mas por causa da profanação do domingo, pelos guardadores do sábado, e a única solução será banir da face da terra os guardadores do sábado, através de um Decreto de Morte. Os juízos anunciados nas trombetas são usados por Satanás como uma estratégia para conseguir a aprovação do Decreto de Morte contra o povo de Deus".

8.8

O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue

O segundo anjo tocou sua trombeta – os bárbaros representados por Alarico, Genserico, Átila e Odoacro, cumpriram a profecia sendo eles mesmos "a grande montanha em chamas" que foi lançada no mar ou na população da Babilônia romana, civil e militar, e destruiu mais uma parte do reino das trevas por meio da mesma carnificina de Roma,

8.9

e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar,

sim, muitos soldados e civis romanos e não romanos perece-

e foi destruída a terça parte das embarcações. ram, na terra e no mar, nas embarcações de guerra, colapsando o império romano de uma vez por todas.

“Um grande monte: Símbolo de império, reino (Dan 2:35). “Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em GRANDE MONTANHA, que encheu toda a terra” (Dan 2:35).

“Lançado ao mar: Juízo (Jer 51:42). “O MAR é vindo sobre BABILÔNIA, coberta está com o tumulto das suas onda [sic]” (Jer 51:42). No tempo de João, Babilônia era símbolo de Roma.

“Portanto, a segunda trombeta se cumpre na queda do império romano, pela invasão das tribos bárbaras. As “águas” (multidões) se transformaram em sangue. Deus castigou quem castigou o Seu povo” (RODRÍGUEZ, 2012, p. 25-29).

Comparando as interpretações:

U. Smith	E. Thiele	R. Naden	C. M. Maxwell	W. Shea	J. Paulien, H. LaRondelle e R. Stefanovic	A. Treiyer
Ataque dos vândalos contra Roma.	Juízo de Deus contra Roma pagã.	Juízo de Deus contra Roma pagã.	Juízo de Deus contra Roma pagã.	Queda da Roma pagã.	Queda do Império Romano.	Ataque dos vândalos contra Roma.

Fonte: <https://adventistbiblicalresearch.org/pt-br/materials/author/%C3%A1ngel-manuel-rodr%C3%ADguez-1?page=5>

Battistone (1989, p. 125) acompanha Smith e Treiyer: “Os vândalos atacam a Roma pelo mar, destruindo a frota romana pelo fogo (455 A.D.)”. Belvedere (1987, p. 139), também: “A grande montanha tem sido entendida como nação ou reino. Esta grande montanha ardendo tem sido identificada como os vândalos comandados por Genserico. A embarcação indicaria um exército marítimo. Seus barcos controlavam o Mediterrâneo. Os piratas chegaram a destruir 1.100 barcos romanos numa só noite. Em terra saquearam e roubaram. A palavra ‘vandalismo’ se deriva da terrível conduta que tiveram os vândalos. No ano 445 d.C. saquearam a cidade de Roma por 14 dias, tomando cativos a imperatriz e seus filhos”.

Oliveira et al. (2015, p. 27) se alinha aos autores que veem na 2ª trombeta a destruição do império romano ocidental: “O texto fala de uma grande montanha. Montanha ou monte aparecem na Bíblia como um símbolo de um povo, nação, ou poder (Isaías 2:2-3; Daniel 2:35, 44-45; Ezequiel 35:2, 7-8). O fogo simboliza o poder de julgar e destruir (Isaías 10:16-17; Mateus 25:41). Já o mar representa povos, nações, multidões e línguas (Apocalipse 17:15). O transformar-se em sangue, é símbolo de guerra e derramamento de sangue. Logo, esta trombeta nos remete as invasões das tribos bárbaras que finalmente provocaram a queda do império romano do ocidente.

“De fato, depois do ano 70, quando Jerusalém foi destruída, Roma Imperial passou a ser vista como uma nova Babilônia, porque como aquela, havia destruído o templo dos judeus e a cidade de Jerusalém (1 Pedro 5:13). A profecia de Daniel falava de dez reinos que minariam o poder de Roma (Daniel 2:41-44; 7:7, 24). Esta profecia tem seu cumprimento com as dez tribos bárbaras que invadiram a Itália, entre os anos 352 a 476 a.D. Como enxames incontáveis de gafanhotos devoradores, assolaram tudo o que encontravam pela frente. O Império Romano perdeu sua força e Odoacro, rei dos Hérulos, tomou Roma e foi proclamado rei da Itália em 476 a.D., o mesmo ano da morte de Rômulo Augusto, o último imperador de Roma”.

Feyerabend (2005, p. 75, 76) acrescenta detalhes à interpretação de Battistone e Belvedere: "**Vandalismo:** O primeiro ataque foi por terra; o segundo, pelo mar. Os exércitos anfíbios germanos dos vândalos, sob a liderança de Genserico, atacaram Roma. Eles causaram tanto estrago que até hoje nos referimos a grandes danos materiais como vandalismo. Genserico caiu sobre Roma como uma montanha em chamas, deixando destruição desde Gibraltar até a foz do Nilo. Agora, o mar Mediterrâneo, ao qual os romanos se referiam como o Mar Nostrum, ou o "Nosso Mar", estava sob o controle dos inimigos de Roma. Os vândalos levaram os candelabros dourados que Tito saqueara do templo de Jerusalém. Os ataques de Genserico, fiéis à profecia, foram quase todos pelo mar. Em uma noite, ele destruiu metade dos navios que pertenciam a Roma, na batalha de Cartago, destruindo 1.113 navios e matando mais de 100 mil homens".

"Genserico, rei dos vândalos, atacou Roma em 428 d.C., conduzindo o grosso de suas tropas pelo mar até a costa italiana próxima a Roma, sendo assim a segunda trombeta" (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 24).

E Ramos (2006, p. 38) continua vendo semelhanças entre trombetas e pragas: "Esta contrafação se aproxima bastante da segunda praga que é derramada sobre o mar. "E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente" (Apoc. 16:3). Satanás "estudou os segredos dos laboratórios da natureza, e emprega todo o seu poder para dirigir os elementos tanto quanto o permite Deus (Ellen G. White, O Grande Conflito, 589)".

8.10	O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, arden- do como tocha.	O terceiro anjo tocou sua trom- beta – Lúcifer, a estrela que foi expulsa do Céu, teve vasta in- fluência sobre a Terra por meio da romanização do cristianismo puro de Jesus, por meio de seu sincretismo pagão-cristão e seu poder político sedutor-despótico sobre reis e reinos.
8.11	O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos ho- mens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amar- gosas.	Satanás se ramificou astutamen- te por meio da má religião – o pseudocristianismo – envene- nando com isso a cultura de na- ções e povos, destruindo a vida espiritual e o verdadeiro relacio- namento entre Criador e criatura de uma fração da humanidade, falsamente "no Nome de Jesus"!

"A terceira e quarta trombetas retratam o júízo celestial contra a apostasia da igreja cristã no período medieval" (STEFANOVIC; MODZEISKI, 2019, p. 56).

"Caiu do céu uma grande estrela. Estrelas = anjos (Ap 1:20; 9:1; 12:4). "Quan- to ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, AS SETE ESTRELAS SÃO OS ANJOS das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas (Ap 1:20)".

"O nome da estrela era absinto. Absinto – erva amarga; na bíblia é associada a propriedades tóxicas (Jer 9:13-15). A igreja se corrompeu pela ação de Satanás" (RODRÍ- GUEZ, 2012, p. 31-33).

"A visão inaugural de Apocalipse apresenta Cristo segurando em sua mão direita sete estrelas (Apocalipse 1:16). Estas estrelas simbolizam os anjos das sete igrejas (Apocalip- se 1:20). Apocalipse 12:1 usa "estrelas" como símbolo dos dirigentes do povo de Deus. O nú-

mero 12 representando os 12 patriarcas do Antigo Testamento e os 12 apóstolos do Novo Testamento. Uma figura da igreja de Deus em todas as épocas.

“Ao longo da história, quase que imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na Igreja Cristã. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito passou a dominar a igreja. Para conseguir vantagens e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra, e havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência a um sistema antagônico ao governo de Deus.

“A queda dessa estrela, na terceira trombeta, simbolizaria então a apostasia da Igreja Cristã, um afastamento coletivo da verdade. Judas refere-se aos falsos mestres como “estrelas errantes” reservadas para as trevas (Judas 1:12-13). Como resultado, os ensinamentos da igreja e as formalidades religiosas seriam como águas amargas e mortais para os homens” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 28).

E o remanescente? Ele sempre existe, em toda e qualquer época, correto? Onde ele está no período da 3ª trombeta? Certamente ele está em algum lugar em meio ao caos cristão! Porém, expressão “apostasia da Igreja Cristã, um afastamento coletivo da verdade”, no parágrafo anterior, pode dar a ideia de uma generalização que contradiz o conceito apocalíptico de “a terça parte”, ou seja, uma parte em vez do todo. Sugiro a compreensão dessa frase como um “afastamento institucional” ou “generalizado” ou ainda “de uma maioria”, mas não de todos.

U. Smith	E. Thiele	R. Naden	C. M. Maxwell	W. Shea	J. Paulien, H. LaRondelle e R. Stefanovic	A. Treiyer
Ataque dos hunos contra Roma.	Juízo de Deus contra a professa igreja cristã.	Juízo de Deus contra a professa igreja cristã.	Juízo de Deus contra a professa igreja cristã.	Apostasia da igreja cristã.	Apostasia da igreja cristã.	Ataque dos hunos contra Roma.

Fonte: <https://adventistbiblicalresearch.org/pt-br/materials/author/%C3%A1ngel-manuel-rodr%C3%ADguez-1?page=5>

“A terceira trombeta ocorre com Átila, rei dos hunos, que não invadiu propriamente Roma, mas seus ataques ajudaram a desmoronar o Império” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p.24).

“Roma é atacada pelos hunos, sob a liderança de Átila (quinto século)” (BATTISTONE, 1989, p. 125). “A estrela meteórica tem sido interpretada como Átila, general dos hunos, que com suas tropas dominou e ocupou a Europa desde o Volga até o Danúbio. Seus exércitos destruíam, matavam e subjugavam cruelmente os sobreviventes. Átila se autodenominou o ‘açoite de Deus’ e dizia-se que onde pisava seu cavalo não crescia mais pasto. Seus guerreiros usavam máscaras para infundir mais medo. [...] O nome ‘absinto’ reflete a amarga crueldade manifestada pelos hunos” (BELVEDERE, 1987, p. 139).

“O primeiro ataque ao Império Romano foi feito por terra, o segundo pelo mar e o terceiro pelo rio. O terceiro ataque foi feito pelos hunos sob o comando de Átila, cujo apelido era “O Flagelo de Deus”. Enquanto Genserico e os vândalos atacavam pelo mar, ele veio com seus soldados, chamados de “Os vaqueiros do Leste”, pelo rio Danúbio destruindo tudo o que encontravam pelo caminho. Átila gabava-se de que onde ele pisava a grama não mais crescia.

“Ele veio pelos grandes rios: o Reno (na Gália e na Itália), o Pó e o Danúbio. A batalha mais importante foi na França, ou Gália, como então era chamada, no ano de 451. No total, 300 mil homens morreram nessa batalha, e ali a Europa foi separada da Ásia. Átila causou tanto terror com seus ataques que até inimigos se juntaram para pelear contra ele. O guerreiro finalmente foi derrotado e morreu de repente. Tão subitamente como apareceu, ele

desapareceu.

"Foi comparado a um meteoro fulgente, de brilhante trajetória, o qual aparece de repente como uma estrela cadente e então desaparece como uma estrela cuja luz some nas águas. O curso desolador desse meteoro seria principalmente nas partes do mundo onde abundavam fontes de água e riachos. Muitas pessoas pereceriam e haveria enorme desolação nas vizinhanças desses rios e riachos, como se uma estrela amarga e sinistra caísse nas águas, e a morte se espalhasse pelas terras adjacentes. O historiador gótico Jordanes disse que os hunos eram mais cruéis do que a própria crueldade. O próprio Átila disse uma vez: "Uma estrela está caindo diante de mim e a terra está tremendo. Eu sou o martelo do mundo." Não é impressionante que ele tenha usado as palavras de uma profecia que nunca lera?" (FEYERABEND, 2005, p. 76, 77).

"Quem é a grande estrela que caiu do Céu? A Bíblia diz que "a terça parte das estrelas do céu" (Apoc. 12:4) foram lançadas sobre a terra, isto é, a terça parte dos anjos do Céu foram expulsos junto com Lúcifer. Mas a terceira trombeta é específica quando identifica a estrela como sendo a grande estrela que caiu do Céu, a saber, o próprio Satanás. Em Isaías 14:12 o nome de Lúcifer vem de uma palavra hebraica que significa "aquele que brilha." Na septuaginta a palavra usada significa "estrela da manhã." Satanás, obviamente, é a grande estrela caída do céu. Em Lucas 10:18 Jesus diz: "Eu via Satanás cair como um raio do céu."

"A expressão muitas vezes repetida "terça parte", também é um forte indicador de que o causador dos juízos destruidores é Satanás. Um nome lhe é dado: Absinto, nome que expressa perfeitamente a amargura não só das águas mas também a amargura da própria vida humana desde que o pecado aqui entrou. Absinto é um símbolo do mal no Antigo Testamento (Deut. 29:18). A verdadeira natureza de Satanás também aparece ao fazer com que a "terça parte das águas" fiquem amargas; esta é uma contrafação da terceira praga (Apoc. 16:4) onde as águas dos rios se tornarão em sangue" (RAMOS, 2006, p. 39).

8.12

O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite.

O quarto anjo tocou sua trombeta – até mesmo o ministério do Sol da Justiça, Jesus, e a função dos escritos dos profetas inspirados e o trabalho dos anjos em favor da humanidade, foram obscurecidos parcialmente como efeito da satanização ou humanização do cristianismo. A revelação de Deus trazida por Jesus e pelos profetas bíblicos, ou seja, a dimensão sobrenatural, sofreu ataque dos "próprios representantes de Jesus" escolhidos por superstições e mentiras naturalmente humanas/satânicas. A luz do Céu foi contrafeita pela pirataria das faíscas humanas, também influenciada pela estrela expulsa do Céu.

"Primeira Trombeta – o império romano devastou a nação judaica.

"Segunda Trombeta – tribos invasoras devastaram o império romano.

Terceira Trombeta – o erro poluiu a igreja de Cristo na terra.

"Quarta Trombeta – o erro obscureceu o trabalho de Cristo no céu.

"A terça parte deles (sol, lua, estrelas) escureceu: Semelhança com relato da criação (Gen 1:14-18). O texto nos dá a função dos astros no céu: Para governarem o dia e a noite e FAZEREM SEPARAÇÃO ENTRE A LUZ E AS TREVAS (Gen 1:18). Estamos na igreja de

Tiatira – época de apostasia (séculos 6 a 15)” (RODRÍGUEZ, 2012, p. 35-38).

“A quarta trombeta atinge o sol, a lua e estrelas. Este é o conjunto de astros criados por Deus para iluminar a terra (Gênesis 1:14-16). Quando Deus pronunciou a condenação do Egito, através do profeta Ezequiel, Ele declarou: 'o sol encobrirei com uma nuvem, e a lua não deixará resplandecer a sua luz. Todas as brilhantes luzes do céu enegrecerei sobre ti, e trarei trevas sobre a tua terra, diz o Senhor Jeová' (Ezequiel 32:7-8). As trevas preditas aqui sobre o Egito não era uma simples escuridão física. Era uma escuridão que deveria envolver toda a nação. A luz do Espírito que brilhara tão esplendorosamente e durante tanto tempo no oriente antigo, deveria apagar-se nas trevas. Assim, também, é predito na quarta trombeta um período de escuridão espiritual para o mundo.

“Quando se cumpriu essa profecia? Alguns afirmam que na Idade Média, também chamada de idade escura, quando as trevas espirituais e morais atingiram a humanidade, cumpre-se o toque da quarta trombeta. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade e milhares se afastaram da Palavra da verdade. Este afastamento propiciou o surgimento do ateísmo secular e a existência de Deus foi questionada” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 28).

Há controvérsias quanto a suposta “paralisia” generalizada. Parece que houve um remanescente também nesse período! Existem historiadores que afirmam o desenvolvimento matemático/científico a despeito da escuridão espiritual dessa época a medida em que esses cientistas medievais questionavam os erros aristotélicos, o que parecia agradar o desejo hegemônico católico sobre a cultura grega, e não causava suspeição sobre os avanços matemáticos desses pioneiros do método científico. O artigo de Tim O’Neill, citando autores como Robert T. Gunther e James Hannam, com suas respectivas obras “*Astrolabes of the World*” e “*God’s Philosophers: How the Medieval World Laid the Foundations of Modern Science*”, esclarece e fundamenta esse choque de entendimento a respeito da Idade Média: “Os Filósofos de Deus: como o mundo medieval estabeleceu os fundamentos da ciência moderna! (O mito da “Idade das Trevas”)”, disponível em: <http://blogdoprofh.com/2015/12/31/os-filosofos-de-deus-como-o-mundo>.

U. Smith	E. Thiele	R. Naden	C. M. Maxwell	W. Shea	J. Paulien, H. LaRondelle e R. Stefanovic	A. Treiyer
Queda da Roma Ocidental.	Escuridão da Idade Média.	Escuridão da Idade Média.	Escuridão da Idade Média.	Escuridão da Idade Média.	Ascensão do ateísmo (Ap 11:7).	Colapso da Roma Ocidental e de seu sistema de adoração.

Fonte: <https://adventistbiblicalresearch.org/pt-br/materials/author/%C3%A1ngel-manuel-rodr%C3%ADguez-1?page=5>

“O governo romano é destruído sucessivamente: primeiro os imperadores, depois os senadores e então os cônsules (quinto e sexto séculos)” (BATTISTONE, 1989, p. 125).

“Há quem creia que o Sol, a Lua e as estrelas se referem aos imperadores romanos e a seus senadores que foram mortos ou eliminados. Também se pensa que poderia significar a luz do Evangelho que também foi destruída, deixando o mundo quase em trevas espirituais.

“A quarta trombeta simboliza o poder dos hérulos, comandados por Odoacro, que destronou Rômulo Augusto, último imperador romano. Odoacro deu o golpe de morte no império romano, no ano de 476 d.C. Os oficiais do governo romano (Sol, Lua e estrelas) foram eliminados. Como consequência desse golpe e a invasão das outras tribos bárbaras, Roma se dividiu em dez partes, dando origem às atuais nações européias. Essas tribos também perseguiram os cristãos.

“Dos primeiros dez reinos sucessores de Roma, três foram hostis ao surgimento

do papado, dos quais, em cumprimento da profecia de Daniel 7 foram arrancados da raiz: Hérulos, vândalos e ostrogodos. Isso favoreceu o surgimento de Roma Papal em substituição de Roma dos Césares” (BELVEDERE, 1987, p. 139).

“Soa a quarta trombeta, e finalmente a Roma ocidental desaba por inteiro. Outro exército da Germânia (Alemanha) vai para a Itália, e as tribos dos hérulos, lideradas por Odoacro, um dos generais de Átila, começaram seu ataque. Esses lenhadores da Germânia penetraram bem no coração do Império Romano, tiraram o rei do trono e Odoacro colocou a coroa em sua própria cabeça.

“As luzes de Roma começavam a se apagar. O rei era referido como o Sol, e os senadores e cônsules como as estrelas. Em primeiro lugar, o rei foi destronado, de acordo com a profecia de que o Sol se apagaria. Os senadores e cônsules continuaram a brilhar por mais um tempo, e então a escuridão cobriu totalmente a rainha das nações. Devemos lembrar-nos de que Roma era o seu próprio inimigo. Os inimigos reais de Roma, mais do que as tribos bárbaras, eram a imoralidade e a corrupção que abriram caminho para o ataque dessas tribos” (FEYERABEND, 2005, p. 77).

“Por fim, os hérulos, liderados por Odoacro, um dos generais de Átila, provocaram a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. Na quarta trombeta, as “luzes” de Roma Ocidental se apagaram” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p.24).

“Essa trombeta anuncia uma escuridão parcial cobrindo a terra. É uma imitação da quinta praga (Apoc. 16:10-11). Satanás continua a pressionar os impenitentes e a todos os governos da terra no sentido de conseguir deles a aprovação de um Decreto de Morte contra os guardadores do sábado. “Assim como Satanás influenciou Esaú a marchar contra Jacó, instigará os ímpios a destruírem o povo de Deus no tempo de angústia... Conta com as multidões do mundo como seus súditos; mas o pequeno grupo que guarda os mandamentos de Deus, está resistindo a sua supremacia” (Ellen G. White, O Grande Conflito, 618).

“Até aqui Satanás ainda não conseguiu cumprir seu intento, a aprovação de um Decreto de Morte contra o povo de Deus, assim ele lança mão dos “três ais,” as três últimas trombetas, pressionando os que são seus para a realização do seu intento final” (RAMOS, 2006, p. 40).

8.13	Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!	Depois disso eu vi um abutre voando e o ouvi gritar: “Coitados dos habitantes desse planeta! Os que presenciarem o cumprimento das profecias das três últimas trombetas, verão ainda mais violência e mortes, um verdadeiro banquete para urubus e abutres!”
------	---	--

“E olhei, e ouvi um anjo (do grego aetos, cuja tradução correta seria águia ou abutre) [...]’ O Apocalipse fala de três diferentes bestas: a besta que subiu do mar (Apoc. 13:1), a besta que subiu da terra (Apoc. 13:11), e a besta que subiu do abismo (Apoc. 11:7; 17:8). Os “três ais” podem ser aplicados a estes três diferentes poderes” (RAMOS, 2006, p.40).

“Apocalipse 8:13 introduz as últimas três trombetas, também chamadas de ais. Com estes ais ou maldições, Deus permite um aumento das manifestações demoníacas e trevas morais e espirituais sobre a Terra. A longa descrição da quinta e sexta trombetas são intrigantes e a identificação dos fatos históricos não são simples de ser interpretados. Parece que elas nos falam dos tormentos espirituais daqueles que resistem à voz divina que clama por arrependimento” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 28).

“O ai é repetido três vezes por causa dos três juízos que ainda ocorreriam ao

soar das três trombetas restantes' (SDABC, vol. 7, págs. 789 e 790). Cada um deles seria tão devastador que recebe a designação especial de 'ai'" (BATTISTONE, 1989, p. 133).

"As últimas três trombetas foram mais severas do que as primeiras que já tinham soado. Agora, por causa da grande apostasia, o cristianismo seria atacado por algo novo — o surgimento do islamismo, ou a religião muçulmana. Os cristãos insistiam na idolatria, em adorar mais de um deus — e agora teriam que enfrentar uma religião pagã que adorava apenas um deus" (FEYERABEND, 2005, p. 77).

"Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra [...]. Este anjo não pertence à série dos anjos das sete trombetas, mas é simplesmente um anjo com a missão de anunciar que as três restantes trombetas são de ais, devido aos mais terríveis acontecimentos que se produziram enquanto soarem. Assim, a quinta trombeta é o primeiro ai; a sexta trombeta, o segundo ai; e a sétima, a última desta série de trombetas, é o terceiro ai" (SMITH, 1979, p. 131).

"E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! dos que habitam sobre a terra! [...]. Um novo anjo aparece para introduzir o seguinte grupo de trombetas. Sua grande voz expressa a solenidade de sua advertência aos habitantes da terra. Por duros que houvessem sido os quatro primeiros toques das trombetas que sepultaram o império romano do Ocidente, não deixa dúvidas a advertência angélica dos horrores que sobreviriam ao soarem os três últimos anjos as suas trombetas. Acontecimentos ainda de consequências mais terríveis e maior alcance tomariam lugar. A quinta e a sexta trombetas, como veremos, daria cabo ao império romano do Oriente, e a sétima ao império mundial dos reinos da força. Tão tremendos seriam tais acontecimentos, que são pelo mensageiro celeste apresentados em forma de "ais!" O primeiro "ai" pertence à quinta trombeta, o segundo à sexta e o terceiro à sétima" (MELLO, 1959, p. 216).

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sobre As Profecias Do Apocalipse**, 1959.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 2, 2006.

RODRÍGUEZ, Ángel Manuel. **Revista Ministério**, mai.-jun., 2012. 50 slides. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/ocrente/3-apocalipse-as-sete-trombetas/3>>. Acesso em: dez., 2019.

ROSSI, Rafael; BARBOSA, Wellington Vedovello. **Apocalipse, o fim revelado**. Guia de Estudo Bíblico, 2012. Disponível em: <https://evangelismo.s3.amazonaws.com/estudos_Apocalipse_ofimrevelado.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e Profetas**, 2007a. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: dez. 2019.

WHITE, Ellen G. **Primeiros Escritos**, 2007b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em out. 2019.

Apocalipse 9

Ap	Texto (ARA, 3ª ed)	Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo
9.1	O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo.	O quinto anjo tocou a trombeta – então Satanás, o anjo atirado à Terra, recebeu a permissão para administrar o deserto da Arábia.

O paradigma historicista nos concede uma visão sobre o passado do cumprimento das trombetas, mas não ignora o sistema interpretativo mais amplo e complexo de Mateus 24, o qual, segundo Jesus, amplia o significado de uma profecia a medida em que o tempo passa e permite a contemplação de antigos e novos cumprimentos da mesma, percebendo que ela tenha se cumprido no passado mas também volte a ser cumprida no futuro. Longe de subjetividades e devaneios especulativos, esse método escatológico nasce dos próprios profetas bíblicos e permeia toda a Bíblia desde Gênesis 2.16 e 17, quando Javé Deus predisse a morte espiritual e física da humanidade a partir do momento em que ela escolhesse desobedecê-Lo, não acreditar em Sua Palavra e dar ouvidos a Satanás (cf. Gn 3).

“Estou dizendo antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, vocês criam que Eu Sou” (João 13.19, NVI), disse o mesmo Javé Deus, quando esteve por aqui em carne. Ou seja, o estudo do significado de uma profecia bíblica nem sempre é estanque, definitivo e pretérito. Após o cumprimento dela, outros significados não previstos podem aparecer e novos cumprimentos futuros também são possíveis, dentro do escopo objetivo de se entender o messiânico Jesus e obedecê-Lo.

“Esta estrela não caiu num só lugar, como a que representava Átila, mas caiu na Terra” (SMITH, 1979, p. 133).

“Satanás tem sido retratado como uma estrela caindo do Céu. Nesta profecia, ele usa líderes islâmicos para servir a seus propósitos e infligir perseguição sobre o cristianismo e o judaísmo” (FEYERABEND, 2005, p. 79).

“A queda de uma estrela do céu - Apoc. 9:1.
a. Satanás, uma estrela caída - Isa. 14:12, 13; Apoc. 13:3, 4, 9; Luc. 10:18.

b. Homens como agentes de Satanás. Indivíduos que causam devaneios e divisão por causa dos ensinamentos errôneos. [...]

c. Maomé." (THIELE, 1960, p. 214).

Thiele (1960, p. 214) ainda cita Ellen G. White para embasar o item "b" acima: "como estrelas errantes. Parecem emitir alguma luz; professam levar consigo alguma verdade e assim enganam os inexperientes. Satanás os dota com seu espírito, mas Deus não está com eles; Seu Espírito não habita neles" (WHITE, 2013b, p. 332). "A verdadeira piedade será claramente distinguida da piedade aparente e fictícia. Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho tornar-se-ão trevas. Os que têm cingido os ornamentos do santuário, mas não estão vestidos com a justiça de Cristo, aparecerão então na vergonha de sua própria nudez" (WHITE, 2007, p. 114).

"A quinta e a sexta trombetas predisseram a devastação causada por forças opostas ao cristianismo na Idade Média e no período moderno. Essas forças podem ser consideradas como figura ou analogia das instrumentalidade satânicas que afligirão os seguidores de Cristo antes de Sua Segunda Vinda" (BATTISTONE, 1989, p. 142 e 143).

"A quinta trombeta deu o sinal de guerras feitas pelo Rei do Sul, segundo a expressão de Daniel, nos tempos do fim, fazendo pressão sobre aquele Rei que fazia o que queria" (NEWTON, 2011, p. 272). Confira Dn 7 e 11.

"Ao ser observada no palco da história humana, a quinta trombeta tem sido relacionada com a difusão da fé muçulmana, no sexto século da Era Cristã em diante. Este conceito é apresentado por Uriah Smith em *As Profecias do Apocalipse*, págs. 139-152; por Stephen N. Haskell, em *The Story of the Seer of Patmos*, págs. 161-173; por W. A. Spicer, em *Beacon Lights of Prophecy*, págs. 225-233; e por Roy Allan Anderson, em *O Apocalipse Revelado*, págs. 103-105" (BATTISTONE, 1989, p. 136 e 137).

"Na sequência das sete trombetas encontramos duas estrêlas que caem. A primeira, Átila, como vimos no toque da terceira trombeta, caiu sobre a região dos rios e fontes do império do Ocidente, sendo assim prevista a limitação das consequências de sua queda. Mas, esta outra estrêla que nos é apresentada na quinta trombeta, caiu na "terra", o que indica que as consequências de sua queda seriam de caráter ilimitado, isto é, mundial" (MELLO, 1959, p. 217 e 218). Mas a terra é limitada pelas águas, e não o contrário.

A estrela caída "pode referir-se a um falso profeta ou a Satanás" (BATTISTONE, 1989, p. 135).

"Maomet é a estrêla salientada nesta profecia" (MELLO, 1959, p. 218).

"A estrela representaria o islamismo, fator que uniu esses homens do deserto como uma poderosa máquina militar, a qual em poucos anos conquistou a Pérsia, Síria, Egito, África e Espanha. Esses guerreiros converteram com sua guerra santa dois terços dos cristãos da África em muçulmanos. Com seu Alcorão e sua guerra santa exerceram tão grande influência que ameaçaram apagar a luz do Evangelho. Basicamente suas guerras afetaram Roma oriental" (BELVEDERE, 1987, p. 139 e 140).

"Para muitos estudiosos, a quinta trombeta apresenta o surgimento e o progresso do Islamismo na Arábia a partir do século VII da era cristã. A Arábia tem sido chamada "o poço do abismo", por causa de seus desertos e áreas vazias. Um adepto do islamismo é chamado de mulçumano "aquele que se submete". Os mulçumanos acreditam em 25 profetas. Esta lista inclui Adão, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé, que é visto como o Último Mensageiro, trazendo a mensagem final de Deus a toda a humanidade sob a forma do Alcorão, "recitação", sendo por isso designado como o "Selo dos Profetas".

“Os muçulmanos acreditam que Maomé recebeu ensinamentos de Alá (*Allah*, a palavra árabe para Deus) por intermédio do anjo Gabriel, através de revelações que ocorreram entre os anos 610 e 632 d.C. Maomé recitou essas revelações aos seus companheiros, e posteriormente foram registradas e deram origem ao livro sagrado do Alcorão. Maomé seria, para alguns estudiosos do Apocalipse, essa “estrela caída” da quinta trombeta” (Apocalipse 9:1)” (OLIVEIRA, 2015, p. 27 e 28).

“A quinta e a sexta trombetas apontam para o poder muçulmano. A estrela (v. 1) representa o seu fundador: Maomé” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 24).

“A chave – símbolo do poder e controle. Apoc 9:1; 1:18” (THIELE, 1960, p. 215).

“A quinta e a sexta trombetas descrevem as facções rivais no mundo religioso no final da era medieval e na época pós-Reforma. Esses períodos são caracterizados por uma crescente ação demoníaca, que, por fim, atrai o mundo para a batalha do Armagedom” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 56).

“O espírito de fraude e fanatismo, cuja morada não é no Céu, foi deixado à solta na Terra. Apenas faltava uma chave para abrir o poço do abismo, e essa chave foi a queda de Cósroes. Ele havia rasgado com desprezo a carta de um obscuro cidadão de Meca. Mas quando do seu ‘resplendor de glória’ desceu para a ‘torre de trevas’ que nenhum olho podia penetrar, o nome de Cósroes tinha de passar depressa ao esquecimento diante do de Maomé. O crescente parecia aguardar apenas a queda da estrela para se erguer. Cósroes, após seu completo fracasso e perda do império, foi assassinado no ano 628, e o ano 629 é assinalado pela ‘conquista da Arábia’ e pela ‘primeira guerra dos maometanos contra o império romano’. ‘E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na Terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo.’

“*Caiu na Terra*. Quando se exauriu a força do império romano e o grande rei do Oriente [Cósroes II] caiu morto na sua torre de trevas, a pilhagem de uma obscura cidade nos confins da Síria foi o ‘prelúdio de uma poderosa revolução’. ‘Os salteadores eram os apóstolos de Maomé’ e seu frenético valor tinha emergido do deserto.” – Alexander Keith, *Signs of the Times*, vol. I, pág. 298” (SMITH, 1979, p. 134 e 135).

Ramos (2006 p. 48) crê que o significado de Ap 9.1 é Satanás afligindo os EUA após o fechamento da porta da graça, quando Jesus concluir Seus trabalhos no Santuário celestial.

9.2

Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço, escureceu-se o sol e o ar.

Satanás usou a permissão concedida para transtornar o cenário do mundo por meio de uma nova falsa religião, a qual foi forjada nos desertos arábicos, mas se espalharia ao ponto de concorrer com e até mesmo vencer o falso cristianismo já tão disseminado. E mais do que isso: o agente satânico e seu novo sistema de crenças falsas vieram como mais um obscurecedor de Jesus e Seu evangelho.

“O poço do abismo, Apoc. 9:1.

a. [Do grego]: *abussos*, um poço profundo ou abismo.

- (1) A terra sem forma e vazia, coberta de trevas - Gên. 1:2.
(2) A terra desolada durante o milênio - habitação de Satanás. Apoc 20:3.
b. As desoladas assolações da Arábia” (THIELE, 1960, p. 215).

“O poço do abismo representaria a vasta região do deserto do Saara, na Arábia, de onde vieram os guerreiros que representam as trombetas. Seria referente à conquista sangrenta do maometismo” (BELVEDERE, 1987, p. 139). “As vastas extensões dos desertos da Arábia; ou a habitação de Satanás” (BATTISTONE, 1989, p. 136).

“Os antigos acreditavam que o Abismo era a habitação subterrânea das hordas demoníacas. A palavra grega significa “muito profundo” ou “sem fundo”, usada na Septuaginta para traduzir a palavra hebraica que representa as profundezas primevas (cf. Gn 1.2; 7.11; Pv 8.28)” (BÍBLIA, 2013, p. 2058).

“‘Não há outro Deus, senão Alá, e Maomé é o seu profeta.’ Levado pelas asas da madrugada, o repetitivo canto que vem dos minaretes tem despertado de seu sono muitos viajantes no Oriente Médio. O islamismo é uma religião missionária com a intenção de converter pessoas. O primeiro converso de Maomé foi a sua esposa, Khadija, Depois vieram seu amigo Abu Bakr e seu primo Ali, que se casou com sua filha. Quando ele morreu, quase todos na Arábia eram seguidores da sua religião” (FEYERABEND, 2005, p. 79).

“Como os nocivos e até mortais vapores que os ventos, em particular os do sudoeste, espalham na Arábia, o maometismo espalhou daí a sua pestilenta influência. Levantou-se tão rapidamente e espalhou-se tanto como o fumo que se levanta de um poço, o fumo de uma grande fornalha. E este um adequado símbolo da religião de Maomé, em si mesma, ou comparada com a forte luz do Evangelho de Jesus. Não foi, como a última, uma luz que desceu do Céu, mas uma fumaça que subiu do poço do abismo.’ – Alexander Keith, *Signs of the Times*, vol. I, pág. 299” (SMITH, 1979, p. 135).

“[...] (cf. Apoc. 9:2) ‘subiu uma fumaça do poço, como fumaça de uma grande fornalha’, o que significa a multidão que havia abraçado aquela religião” (NEWTON, 2011, p. 272).

“Estabelecido e apoiado firmemente em Medina, começou Maomet a sua guerra contra Meca, a cidade sagrada do país. Disse que “a chave do paraíso é a espada, que uma gota de sangue derramada pela causa de Deus, uma noite passada sob as armas a céu aberto, têm mais merecimento do que dois meses de jejum e de oração. Os pecados do que morre em combate são-lhe perdoados, e as suas feridas exalam um perfume de âmbar, etc.” (Hist. Univ., G. Cantú, Vol. VII, p. 349). Quando avançou sobre Meca para tomar vingança, esta capitulou, moralmente, aceitando uma paz humilhante imposta pelo profeta.

“Maomet aproveitou-se do tratado com os coraishitas para visitar Meca como peregrino. Muitos dos seus adversários creram nele. Afinal tomou Meca de verdade; e Maomet ali permaneceu 15 dias estabelecendo sobre base firme a religião e o govêrno; recebeu a submissão de algumas tribos sujeitando outras pela fôrça. Maomet tornou-se então chefe político e espiritual da Arábia. O termo “chave”, deste texto, referente à chave dada a Maomet, vem do grego “kleis”. Êste mesmo vocábulo aparece em cinco outros textos do Novo Testamento, e tôdas as vêzes é usado para exprimir — autoridade conferida” (Hist. Univ., G. Cantú, Vol. VII, p. 366). Portanto, a chave entregue a Maomet, foi o poder e a autoridade supremas que seus compatriotas lhe conferiram.

“O termo ‘abismo’ vem também do grego ‘abussos’. E’ usado em mais seis outros textos do Novo Testamento e em cada caso determina um estado caótico ou circunstâncias caóticas (Hist. Univ., G. Cantú, Vol. VII, p. 362). Assim recebera Maomet, de seus concidadãos, a “chave” da autoridade para exercer o seu poder num caos, ou num ambiente caótico que era a Arábia dos seus dias. O estado em que se encontrava o seu país ao impor-se como profeta, era realmente lamentável. Não havia govêrno central. Numerosas tribos com govêrno próprio, independente, formavam a nação.

“Cosroe, rei da Pérsia, depois de comparar a condição política e civil dos árabes

com as dos outros povos, disse: "Mas entre os árabes não encontro, na ordem moral nem na ordem material, nenhuma destas coisas excelentes; não têm força, nem estabilidade, e o que mostra quanto são inferiores às outras nações é o seu gênero de vida, pouco diferente do das feras e das aves de rapina com que fazem sociedade. Acrescenta que matam os filhos no berço para os não verem sofrer fome; que as tribos andam perpétuamente em guerra umas com as outras, matando e roubando para terem de comer; que lhes falecem todos os gozos de vida, pois não sabem o que são ricos vestuários, nem cozinha delicada, nem bons vizinhos, nem divertimentos" (Hist. Univ., G. Cantú, Vol. VII, p. 339). Dêste modo, a Arábia com a sua política de rivalidades internas, intermináveis, sua moral e mais a corrupção religiosa oriunda de vários cultos, principalmente a idolatria, era, sem dúvida alguma, o "abismo", o caos, ou, no teor da profecia, "o poço do abismo", cuja "chave" autoritária foi entregue a Maomet nos dias em que êle se ergueu ali como pretense profeta de Allah" (MELLO, 1959, p. 219 e 220).

"Senhor da Arábia, Maomet não modificou as condições reinantes para melhor, senão que, embora abolindo aquele estado de coisas reinantes, como vimos, deixou o "abismo" caótico pior, no país inteiro, pelo fato de criar uma política religiosa aberrante e falsa, pela qual se tornou ditador político e religioso, seguido e adorado por um país inteiro cujos súditos transformara em fanáticos, prontos a matar e morrer por seus erros encobertos em pretensas revelações. Com a chave da autoridade que lhe conferiram os seus, abriu o "poço" da Arábia ao mundo; e, com que intensão o abriu às nações? Que pretendia tirar dêle para elas daquele "poço" arábico?

"Maomet tinha "fumo" reservado para o mundo naquele "poço do abismo". "Fumo", diz a revelação, "como o fumo duma grande fornalha". Que fumo era êsse? Era um "fumo" que escureceu o "sol e o ar". Mas, "o sol e o ar", aqui, são simbólicos. Como o sol natural faz incidir seus raios sôbre a terra para iluminá-la e trazer-lhe benefícios, assim os raios do sol da justiça de Cristo são refletidos do alto através do verdadeiro cristianismo, para benefício do mundo. O ar, que está impregnado de elementos vitais para a manutenção, purificação e fertilização da vida física, é emblema da divina graça como manifestada através do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, que é um lenitivo, um bálsamo purificador da vida espiritual diária dos seguidores do Salvador.

"Mas Maomet escureceu êste "sol" e êste "ar" sublimes, com o "fumo" que fêz emanar do "poço do abismo" ou da Arábia. E' claro que o "fumo" referido não é natural, mas simbólico como "o sol e o ar". Todavia, de influência asfíxiante, pestilenta e mortífera como o fumo; e, em tão grande proporção, pois diz que emanava como se saísse "de uma grande fornalha", que se espalhou aos quatro ventos, escurecendo "o sol e o ar". Este "fumo" mortífero é a religião maometana fundada por Maomet que emanou da Arábia. Um "fumo" que escureceu o "sol" da justiça de Cristo e o "ar" do evangelho da Sua graça, para milhões de habitantes do mundo em dilatadas extensões.

"Há plausível diferença entre o cristianismo e o maometanismo, já no fato de que o primeiro é representado nas profecias como uma luz que desceu do céu, enquanto o segundo como um "fumo" pestilento e sufocante que emanou — do poço do abismo. Também, nesta própria profecia o evangelho da graça divina é apresentado como "o sol e o ar", cheios de vida e de luz, enquanto o maometanismo, como vimos, como um fumo asfíxiante que mata a alma e a vida espiritual.

"O "Korão", livro sagrado do maometanismo é um sistema de erros de falsa inspiração atribuído a Maomet. Os adeptos do embusteiro profeta, no entanto, acreditam cegamente que o livro não é obra pessoal dêle, mas que reproduz fielmente as palavras divinas transmitidas pelo anjo Gabriel, durante mais de vinte anos, ora em Meca, ora em Medina. Mas a própria tradição não se harmoniza com esta crença. Os ensinamentos do "Korão" negam a divindade do Filho de Deus e colocam Maomet acima d'Ele; negam a morte expiatória de Cristo e a obra regeneradora do Espírito Santo; não encaram o pecado como tal e a necessidade de perdão como indispensável.

"Negam, enfim, todo o plano da salvação como revelado no Evangelho de Cristo. Além de ser constituído de preceitos religiosos que contrariam as Sagradas Escrituras, é um livro imoral, pois contém "evocações e promessas do mais requintado sensualismo", "e da poli-

gamia". O próprio profeta árabe era imoral e polígamo. Na verdade a Arábia foi o "poço" que Maomet abriu e donde emanou sobre o mundo cristão o "fumo" duma religião imoral inventada, como se fôra uma revelação destinada a substituir todos os credos incluso o cristianismo" (MELLO, 1959, p. 221 e 222).

"Tudo quanto foi dito até aqui de Maomet, foi para mostrar, como reza a profecia, que o consideravam como uma grande "estrêla" e ainda o consideram. Através dos séculos, seus seguidores o reverenciam e o adoram no seu túmulo como se fôra em realidade profeta de Allah" (MELLO, 1959, p. 223).

"A abertura do poço, emerge fumo e segue-se escuridão - 9:2.

a. Trevas e confusão espiritual - João 3:19; Atos 26:18; Rom. 1:21; Isa 9:2

b. Os falsos ensinamentos do maometanismo conduzem os homens à cegueira e confusão espirituais" (THIELE, 1960, p. 215).

"O abismo. - A palavra grega *abyssos* da qual provém a palavra portuguesa "abismo", significa "profundo, sem fundo", e pode referir-se a qualquer lugar devastado, solitário e inculto. É aplicada à Terra no seu estado original de caos (Gên. 1:2). Neste caso pode com propriedade referir-se às desconhecidas planícies do deserto arábico, de cujos confins irromperam as hordas dos sarracenos, como nuvens de gafanhotos. A queda de Cósroes II, rei da Pérsia, pode bem simbolizar a abertura do abismo, no sentido de ter preparado o caminho para os discípulos de Maomé saírem do seu obscuro país, e propagarem suas enganadoras doutrinas a ferro e fogo, até que espalharam as suas trevas sobre todo o império do Oriente" (SMITH, 1979, p. 135).

9.3

Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra,

Essa nova falsa religião foi o Islã, e seus seguidores muçulmanos se espalharam rápida e extensamente da Arábia para a África e Europa; eles também receberam de Satanás poder para atormentar dolorosamente, tanto os que tentassem pisá-los como os desprevenidos que os subestimaram;

"Após sua morte [de Maomé], em 632 a.D., os árabes foram comparados às espessas nuvens de gafanhotos invadindo o mundo na tentativa de disseminar a religião muçulmana" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 29).

"Surgem gafanhotos do fumo - Apoc 9:3, 7-9.

a. Açoites sobre a terra - Deut 28:42,25; Joel 1:4; 2:25; II Crôn 6:28-30; 7:13, 14; Ex 10:13-15; Sal 78:46; 105:34,35.

b. Forças humanas como açoites de gafanhotos - Naum 3:15, 17; Juízes 17:12.

c. As hordas maometanas.

'Semelhantes a gafanhotos, os Osmanlis enxameavam em todas as direções, e cidade nenhuma deixava de notar a sua presença, inclusive os próprios muros de Constantinopla.' - Herbert Adams Gibbons, *The Foundation of the Ottoman Empire*, 198" (THIELE, 1960, p. 215).

"Martinho Lutero, Joseph Mede e Isaac Newton defendem que os gafanhotos representam os grandes exércitos muçulmanos que repetidamente guerrearam contra os cristãos" (RODRÍGUEZ, 2012, p. 41).

"Os gafanhotos simbolizariam os árabes nômades" (BELVEDERE, 1987, p. 139).

"Eles têm sido identificados com a difusão do poder dos árabes muçulmanos. Também podem ser equiparados às hostes da destruição, no Dia do Senhor (Joel 1:6 e 7; 2:4-11)" (BATTISTONE, p. 135).

“Levantou-se uma religião falsa que, constituindo embora o flagelo de transgressões e idolatria, encheu o mundo de trevas e erros. Bandos de sarracenos, como gafanhotos, infestaram a Terra, rapidamente estendendo os seus flagelos sobre o império romano desde o Oriente até o Ocidente. A saraiva Desceu das gélidas praias do Báltico. O monte a arder foi lançado da África sobre o mar, e os gafanhotos (apropriado símbolo dos árabes) partiram da Arábia, sua região natal. Vieram como destruidores, propagando a nova doutrina, instigados à rapina e violência por motivos de interesse e religião.” – Alexander Keith, *Signs of the Times*, vol. I, pág. 301” (SMITH, 1979, p. 136).

“Os gafanhotos viajavam em enxames enormes e podiam destituir um terreno de toda a vegetação. Em 1866, 200 mil pessoas morreram de fome na Argélia depois de uma praga de gafanhotos” (BÍBLIA, 2013, p. 2058).

“[...] emblemas dos fanáticos maometanos a infestarem os países cristãos do Oriente e do Ocidente na propagação das pestilentas doutrinas do falso profeta da Arábia. O gafanhoto, a base do símbolo, é particularmente arabe. A Arábia é considerada o país dos gafanhotos. “O nome Arabah é aparentado com o de Arbeh que significa multidão de gafanhotos”. Já em tempos bíblicos remotos, fôra o gafanhoto usado como símbolo para designar o número e o caráter de uma horda invasora de árabes sobre a Palestina (Jz 6.1-5). E é notável como um vento oriental, dos lados da Arábia portanto, levou ao Egito os gafanhotos daquela terrível praga (Êx 10.13).

“Está assim o símbolo de gafanhoto plenamente em harmonia com os miríades de árabes sarracenos que transpuseram inúmeras fronteiras em propagação da nova fé. Foi de fato a religião de Maomet que fez dos árabes o que eles se tornaram. Foi ela que pela primeira vez os uniu em um, em número incontável como gafanhotos; foi ela que lhes deu o impulso do gafanhoto para se apressarem a sair como seus propagadores pelo mundo. A forma de gafanhotos com seu progresso migratório rápido e grande capacidade de marcha, indica exatamente a enxameante quantidade de propagadores do islamismo a precipitarem-se irresistíveis para Leste e Oeste contra a cristandade” (MELLO, 1959, p. 223).

“[...] ‘e da fumaça do poço saíram gafanhotos para a terra’ (Apoc. 9:3), os quais representam os exércitos saídos daquela multidão. Aquele poço foi aberto para dar saída à fumaça e aos gafanhotos para a região das quatro monarquias, ou para a de algumas delas [...] O Rei desses gafanhotos era o anjo do poço do abismo [Ap 9.11], sendo ao mesmo tempo o governador supremo, quer para os negócios civis, quer para os religiosos, tal qual o Califa dos Saracenos. Nuvens de gafanhotos por vezes se levantam na Arábia Faelix, de onde passam a infestar as nações vizinhas. São assim, muito a propósito, uma representação dos exércitos Árabes invadindo os Romanos” (NEWTON, 2011, p. 272 e 273).

“Eles invadiram a Terra Santa, o Oriente, o norte da África (até o Atlântico), e entraram na Ásia e na Europa. Oito cruzadas saíram a guerrear contra eles durante os séculos 11, 12 e 13. As doutrinas do islamismo se espalharam pelo Oriente Médio, que havia sido, anteriormente, cristão. Da África, os árabes finalmente cruzaram a Espanha. Depois de conquistar a Espanha, eles entraram na França, mas, a caminho de Paris, foram finalmente detidos por Carlos Martel, na batalha de Tours, em 732” (FEYERABEND, 2005, p. 79 e 80).

“Poder como escorpiões - Apoc 9:3, 5, 10.

a. Escorpiões – Símbolo de demônios - Luc 10:18-20. [...]

b. O golpe da cauda de um escorpião – uma arma de engano.

(1) A cauda, a mentira de um falso profeta. Isa 9:15.

(2) Engano, a arma de satanás. Apoc 12:9” (THIELE, 1960, p. 216).

“[...] o escorpião é nesta profecia emblema de flagelo. E é notável que os desertos por onde peregrinaram os israelitas saídos do Egito, desertos da Arábia, abundavam escorpiões como ainda hoje são comuns ali (Dt 8.15). A aplicação profético-simbólica é verdadeiramente extraordinária. Enquanto as hordas árabe-sarracenas caíam sobre as nações repentinamente e numerosas como gafanhotos, para saquear e destruir segundo a ordem do profeta, por outro lado, como que possuindo caudas de escorpiões, injetavam pela força o veneno do embuste duma política civil-religiosa que causava mal-estar aos vencidos. Enfim, eis o trato

desprezível e opressor com que na realidade se distinguiram em suas conquistas os aderentes de Maomet. Reduzidos economicamente à condição de miséria e política e espiritualmente abatidos e vexados por aqueles gafanhotos-escorpiões, era desastrosa e miseranda a condição dos povos submetidos, despojados de seus bens e picados pelo aguilhão duma política e duma religião venenosas” (MELLO, 1959, p. 225).

“Encontramos uma ilustração mais específica ainda do poder que lhes foi dado, no poder que têm os escorpiões da Terra. Não só era o seu ataque fulminante e vigoroso, mas a sensibilidade da honra, que tolera menos o insulto do que a ofensa corporal, lançou um mortal veneno nas contendidas dos árabes. Uma ação indecente, uma palavra de desprezo só podem ser expiadas pelo sangue do ofensor, e tal é a sua inveterada paciência, que aguardam meses e anos inteiros a oportunidade de vingança.” – Alexander Keith, *Signs of the Times*, vol. I, pág. 305” (SMITH, 1979, p. 136).

9.4

e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte.

mas, eles não receberam a permissão de destruir o cristianismo genuíno, nem assolar completamente o cenário ambiental sobre o qual pousavam; somente deveriam atacar pessoas que não tinham desenvolvido o caráter honesto de Deus, por serem cúmplices das crenças corruptoras do cristianismo espúrio de Roma papal ou outras invencionices pagãs.

“As árvores aqui simbolizam o povo de Deus deixado vivo pelos muçulmanos. Os que têm o selo de Deus em suas testas representam os cristãos a quem os muçulmanos não foram capazes de destruir” (FEYERABEND, 2005, p. 80).

“Não danificar a erva nem as árvores, mas somente aqueles que não têm o selo de Deus. Apoc 9:4.

a. Erva e árvores – Símbolos do povo de Deus. Isa 44:4; 61:3; 65:22.

b. Aqueles que não têm o selo de Deus em sua testa. Apoc 7:3” (THIELE, 1960, P. 216).

“Aqui temos a evidência de que a profecia não trata de gafanhotos literais mas simbólicos. Se se referisse a gafanhotos no sentido literal, não rezava que não deviam fazer “dano à herva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma”. Estas palavras da profecia foram rigorosamente observadas nas recomendações de Abu-Becre, o primeiro califa e sucessor de Maomet. Ao assumir o poder e reunir as tribos árabes para lançá-las na guerra santa, recomendou aos chefes do exército, o seguinte: ‘Quando combaterdes os combates do Senhor, portai-vos como homens, sem voltar as costas; mas que vossas vitórias não sejam manchadas com o sangue de mulheres ou crianças. Não destruais as palmeiras, nem queimeis nenhuns campos de cereais — Não derribeis nenhuma árvore frutífera, nem causeis dano algum ao gado; a não ser o que matardes para comer. Quando fizerdes qualquer pacto ou estipulação, mantei-a, e cumpri vossa promessa” (Hist. Univ., Gibbons, Vol. V, cap. 51, pág. 189)’. Vemos que as palavras da profecia concernente à vegetação foram evidentemente cumpridas nas recomendações de Abu-Becre” (MELLO, 1959, p. 225 e 226).

“As conquistas maometanas duraram, podemos dizer, até dois séculos depois da queda de Constantinopla em 1453. Portanto, desde o sétimo até ao décimo sétimo século, havia religiosos que, segundo a revelação, tinham “nas suas testas o sinal de Deus”, ou o “sêlo de Deus”, como diz outra versão. Na explanação do capítulo sete temos demonstrado claramente que o “sêlo de Deus” é o santo Sábado do quarto mandamento da lei de Deus.

“A profecia destaca a proteção de Deus em favor dos que tinham o Seu sinal “nas suas testas”, isto é, os que observavam inteligentemente o santo repouso do sétimo dia

da semana — o Sábado. Na verdade, não só nos séculos das conquistas do islamismo haviam os fiéis que tinham o “sêlo de Deus nas suas testas”, mas também em tôda a era cristã, haviam não poucos cristãos que observavam com fiel reverência o verdadeiro dia de repouso semanal. [...] Gibbons, o grande historiador, preservou-nos as palavras da ordem do dia transmitidas por Abu-Brece a seus soldados, e nas quais, com tôda a probabilidade, encontramos o cumprimento da profecia quanto aos que tinham o “sêlo de Deus nas suas testas”.

“Vejam os parte daquelas instruções: ‘Ao avançardes, haveis de encontrar algumas pessoas religiosas que vivem retiradas em mosteiros, e se propõem a servir a Deus dessa maneira: deixai-as em paz, e nem as mateis, nem destruais seus mosteiros. E encontrareis outra espécie de gente, que pertence à sinagoga de Satanás, que têm coroas raspadas; estais certos de que lhes rachareis o crâneo, e não lhes deis quartel até que êles, ou se tornem maometanos ou paguem tributo.’ Hist. Univ., Gibbons, Vol. V, cap. 51, pág. 190” (MELLO, 1959, p. 226 e 227).

Mas quais monges e/ou mosteiros foram/são reconhecidamente sabatistas? E ainda: só são servos de Deus as pessoas que conhecem e santificam o sábado? No capítulo 7 vimos como haverá no período do sexto selo, imediatamente antes da volta do Senhor (dias atuais?), a divisão binomial da população global em duas classes: sabatistas e dominicais. A quinta trombeta não corresponde com essa época, pelo menos seu cumprimento no passado. Talvez, novos cumprimentos desta trombeta no futuro venham a coincidir com o cumprimento futuro do sexto selo.

“Essas ordens [penúltimo parágrafo] concordavam tanto com a predição, que dir-se-ia que o próprio califa agiu cientemente em obediência direta a um mandado mais elevado do que o do homem mortal. No próprio ato de partir para a luta contra a religião de Jesus e para a propagação do maometismo em seu lugar, repetiu as palavras que no Apocalipse de Jesus Cristo se encontrava predito que ele havia de dizer.’ – Alexander Keith, *Signs of the Times*, v. I, pág. 307” (SMITH, 1979, p. 137).

“Através de Apocalipse 9:4 sabemos que durante a quinta trombeta é dada a ordem de proteger os que têm o selo de Deus em sua frente, o que mostra Deus atuando em favor de Seu remanescente fiel e cumprindo Sua promessa do Salmo 119:165: ‘Grande paz têm os que amam a Tua lei; para eles não há tropeço’” (BELVEDERE, 1987, p. 76). Cf. Ap 3.2, 3.4, 6.6, 6.8, 6.9 e o capítulo 7.

9.5

Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém.

O controle divino sobre essa atuação satânica não permitiu que os muçulmanos exterminassem o falso cristianismo e as outras formas de paganismo, mas sim que os subjugassem por 150 anos. O ataque maometano seria contínuo nesse período, e irremediável, possibilitando, por outro lado, um período no qual a religião verdadeira florescesse e fosse preservada enquanto as falsas religiões lutavam entre si.

“No versículo quatro é dito que os gafanhotos ou os soldados maometanos iriam fazer dano aos homens. Agora, aqui é dito que iriam atormentá-los. A palavra grega — dano — é “adikeo”, que significa “fazer mal”, “fazer injustiça”. Mas, “atormentassem” que vem de “basanismos”, significa “provar”, “experimentar”. Em outras palavras, os maometanos fariam “dano” ou causariam mal, injustiça, prejuízos materiais, e iriam também atormentar ou provar, experimentar, por em xeque o domínio político-religioso dos danificados por êles.

“Primeiramente os fanáticos islamitas iriam saquear e impor a religião, de prefe-

rência. Depois iriam sondar a força político-religiosa dos vencidos, o que indica que aspiravam ao poder do Império do Oriente, que era o objetivo principal de seus ataques. 'Pôsto que por constantes ataques chegassem os árabes muçulmanos a assaltar Constantinopla, contudo não puderam fazer capitular a metrópole e bem assim o império. Inutilmente os árabes assaltaram a capital bizantina por terra e mar durante cinco anos inteiros (673-678): êles não conseguiram tomá-la' (Beacon Light of Prophecy, Spicer, p. 229). Foi-lhes dada permissão para "danificar" e não para matar o império e apoderar-se do seu poder" (MELLO, 1959, p. 227).

"Cinco meses em profecia equivale a 150 anos (30 dias x 5 = 150 dias proféticos/ anos literais). Alguns teólogos defendem que esse período se cumpre entre 27 de Julho de 1299, quando Otman (ou Osman), fundador do Império Otomano, invadiu pela primeira vez o território de Nicomédia, até 27 de julho de 1449, quando Constantino XII, último imperador grego, chega ao trono com a permissão do sultão do Império Otomano" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 29).

"A quinta trombeta apresenta o surgimento do maometanismo com sua nuvem de erros, mas especialmente o período de cinco meses, ou cento e cinquenta anos literais a contar do tempo em que tiveram um rei sobre si. Em 27 de Julho de 1229 Otman, o fundador do Império Otomano, invadiu o território de Nicomédia. Daquela data em diante os Otomanos arrasaram e atormentaram o Império Romano do Oriente até 27 de Julho de 1449, os cento e cinquenta anos do soar da quinta trombeta.' – Loughborough, *The Great Second Advent Movement*, 128" (THIELE, 1960, p. 216).

"Suas constantes incursões no território romano e freqüentes assaltos à própria Constantinopla, constituíram um incessante tormento para o império. Apesar disso não puderam eficazmente subjugá-lo, não obstante o longo período, a que depois se alude mais diretamente, durante o qual continuaram por incessantes ataques a afligir uma igreja idólatra, cujo chefe era o papa. Sua missão era atormentar e depois danificar, mas não matar ou completamente destruir. O que é para admirar é que eles o não fizessem.' – Alexander Keith, *Signs of the Times*, v. I, pág. 308, 309" (SMITH, 1979, p. 138).

"Durante a Reforma de Lutero, quando o Estado quis extingui-la, veio o ataque dos muçulmanos. O governo esqueceu os reformadores e passou a defender-se dos turcos. Não haveria protestantismo hoje se não fossem os turcos" (FEYERABEND, 2005, p. 80).

"Como nos tempos anteriores ele castigava os israelitas por negligenciarem suas leis, assim também agora punia os cristãos degenerados. No início do próximo século (622 AD) , apareceu na Arábia um arrogante impostor no congresso chamado Maomé. [...] 'No ano de 637 Jerusalém, a capital da terra santa ou Palestina, caiu sob o domínio dos maometanos ou sarracenos [...]

"Em 1079, foi conquistada, juntamente com as porções mais belas da Ásia Ocidental, pelos turcos Seldjúcidas. [...] Pelo ano 1300, novas hordas de turcos, chamados otomanos, que desciam da Tartária subjugaram os Seldjúcidas, e estenderam as conquistas à Ásia Ocidental, Romélia, Moldávia, Sérvia, Bulgária, Grécia, e à Morea; e por fim, sob o monstro da brutalidade e voluptuosidade chamado Maomé (II) o grande, fizeram-se senhores de Constantinopla, a capital do império grego (1453 AD), cuja calamidade foi sem dúvida permitida por Deus para punir as graves ofensas que cometeram contra Ele.' – Joseph Deharbe, *A Full Catechism of The Catholic Religion*, 36-38" (THIELE, 1960, p. 217).

"O primeiro período de tempo mencionado, cinco meses, quando interpretado pelo princípio dia/ano (Números 14:34, Ezequiel 4:6 e 7) totaliza 150 anos (30 x 5). De forma impressionante, esse foi o tempo exato em que os turcos (que se tornaram muçulmanos), subjugaram o Império Romano do Oriente. Em 27 de julho de 1299, os turcos otomanos invadiram o território do Império do Oriente e, em 27 de julho de 1449, o último imperador grego, Constantino XII, assumiu o trono submisso ao sultão do Império Otomano. Esse fato é conhecido como a queda de Constantinopla. Com precisão matemática, a profecia se cumpriu!" (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 24).

Isaac Newton (2011, p. 274) possui uma cronologia diferente, mais antiga, em-

bora use o mesmo método bíblico "dia = ano". Outra diferença: ele une os versos 5 e 10 deste capítulo e contabiliza 300 anos: "Durante todo o tempo em que os Califas Saracenos reinaram com poder temporal em Damasco e em Bagdá, contam-se trezentos anos, isto é, desde 637 até 936, inclusive. Então, lemos que os gafanhotos vivem apenas cinco meses. Mas, para o decôro do tipo, diz-se que esses gafanhotos tinham poder 'de fazer mal aos homens durante cinco meses [v. 5] e cinco meses' [v. 10], como se tivessem vivido cerca de cinco meses em Damasco e novamente cerca de cinco meses em Bagdá, ou ao todo dez meses, o que equivale a trezentos dias proféticos, que por sua vez valem por trezentos anos".

"A opinião grega, mesmo quando mais tarde os mulçumanos estavam junto aos portões, é sintetizada na declaração do grão-duque Notaras, um dos primeiros magnatas de João: Melhor um turbante turco em Constantinopla do que o barrete de um legado papal! O que de melhor o império cristão podia desejar sob estas circunstâncias era um enterro Honroso.' – William Stearns Davis, *A Short History of the Near East*, 205-207.

"A Papeologia apresenta-se com um relatório das mais iníquas famílias que já desgraçaram a posição real. Quando Constantino, vinte e sete anos mais tarde, caiu com os muros de sua cidade, sua morte foi uma representação marcante de ira de Deus sobre a quarta geração daqueles que lhes desprezam e odeiam.' – H.A. Gibbons, *The Foundation off the Othman Empire*, 48.

"A morte de João Paleólogo, o governante do Império Grego Romano do Oriente, ocorreu em 31 de outubro de 1448. Dois Irmãos do falecido rei, Constantino e Demétrio, filhos sobreviventes do Imperador Manuel, eram candidatos rivais do trono para conseguir o apoio poderoso da Turquia, foi mandada uma embaixada ao sultão Murad II. Com o consentimento de dele, a coroa imperial foi posta na cabeça do irmão mais velho que se tornou Constantino XI. Constantino foi coroado no dia 6 de janeiro de 1449.

"O malfadado imperador estava destinado a ser o último governante do agonizante império Romano Oriental, tendo encontrado a morte em uma batalha quatro anos mais tarde ao Constantinopla ser tomada pelos turcos. Independência do império virtualmente fora entregue à Turquia, quando se aproximaram do sultão pedindo apoio para colocar Constantino no trono imperial" (THIELE, 1960, p. 218 e 219).

Ramos (2016, p. 49) acredita que o período dos 5 meses é literal, pois é posterior ao fechamento da porta da graça/ministração de Jesus no Santuário celestial. Ele cita Ellen G. White afirmando que após o ano 1844 nenhuma profecia de tempo existe, ou seja, Daniel 8.14 e as "duas mil e trezentas tardes e manhãs" são a última profecia temporal que existe na Bíblia. Ele usa esse fato no contexto de sua crença sobre a quinta trombeta se cumprir num futuro depois que Jesus concluir Sua função como Sumo sacerdote.

9.6

Naqueles dias, os homens buscam a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles.

O sentimento de que a morte é melhor do que o contínuo medo das investidas maometanas e sua opressão, amargou a vida de muitas pessoas durante aquela época.

"Ainda que as investidas dos chefes e soldados maometanos causassem "dano" a princípio e por fim "tormento", a morte fugia dos que a preferiam antes do que as desgraças que lhes causava o tacão das hordas dos sucessores do profeta árabe. E o escorpião é sempre o mesmo símbolo dos danos e dos tormentos causados aos povos submetidos, seja no que aludia à propriedade e riqueza saqueadas, seja no que dizia respeito aos domínios político-religiosos-imperial-cristão ambicionados" (MELLO, 1959, p. 227 e 228).

"Os homens cansavam-se de viver, quando a vida era poupada só para renovação da dor, e quando tudo quanto reputavam sagrado era violado, e todos quantos prezavam estavam em constante perigo, e os selvagens sarracenos dominavam sobre eles, ou os deixavam só para um repouso momentâneo, sempre em perigo de ser súbita ou violentamente in-

terrompido, como que pela ferroada de um escorpião.’ – Alexander Keith, *Signs of the Times*, v. I, pág. 309” (SMITH, 1979, p. 139).

9.7	O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a peleja; na sua cabeça havia como que coroas parecendo de ouro; e o seu rosto era como rosto de homem;	Os guerreiros muçulmanos árabes eram caracterizados pela montaria e equitação; usavam turbantes em sua cabeça que reluziam ao sol; e seus rostos eram barbudos;
9.8	tinham também cabelos, como cabelos de mulher; os seus dentes, como dentes de leão;	seus cabelos eram compridos; e sua ferocidade estava estampada em suas expressões faciais;
9.9	tinham couraças, como couraças de ferro; o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja;	usavam couraças como armaduras; e seus exércitos montados faziam enorme barulho ao partirem para o ataque;

“O cavalo árabe é o que leva a dianteira em todo o mundo, e perícia em equitação é a arte e ciência da Arábia. Os bárbaros árabes, ligeiros como gafanhotos e armados como escorpiões, prontos a arremessarem-se num momento, estavam sempre preparados para a batalha. ‘E sobre as suas cabeças havia umas coroas semelhantes ao ouro.’ Quando Maomé entrou em Medina (622), e pela primeira vez foi recebido como seu príncipe, ‘um turbante foi desfraldado à sua frente para suprir a falta de estandarte.’

“Os turbantes dos sarracenos, semelhantes a uma coroa, eram o seu ornamento e o seu orgulho. As ricas pilhagens, que eles renovavam com frequência, abasteciam-nos abundantemente. Passar a usar o turbante corresponde proverbialmente a fazer-se muçulmano. E os árabes eram antigamente distinguidos pelas mitras que traziam.’ – Alexander Keith, *Signs of the Times*, v. I, pág. 311, 312. ‘E os seus rostos eram como rostos de homens.’ A gravidade e firmeza de ânimo [do árabe] é notável nas suas maneiras exteriores. [...] O seu único gesto consiste em acariciar a barba, venerável símbolo de virilidade. [...] A honra das suas barbas é muito fácil de ferir.’ – Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. V, cap. 50, págs. 86-88” (SMITH, 1979, p. 139).

“Cada vez convence-nos mais e mais a profecia não tratar ela de gafanhotos naturais. No símbolo de gafanhotos semelhantes a “cavalos aparelhados para a guerra”, deparamos a numerosa cavalaria árabe a avançar, tribo após tribo, em sucessivas vagas, para o Oriente e para o Ocidente. A Arábia não só era terra de gafanhotos como de cavalos. [...]

“Sobre suas cabeças tinham os guerreiros do profeta ‘umas como coroas semelhantes ao ouro’. O texto não diz que eram ‘coroas’, mas ‘umas como coroas’ ou alguma coisa na cabeça parecida com coroa. Era o ‘turbante amarelo’ usado por eles, como coroas, ‘eram seu adorno e motivo de jatância. A rica prêsas mantinha-os abundantemente providos dêles e os renovavam com frequência. Tomar o turbante significa proverbialmente fazer-se muçulmano. Além disso, os árabes distinguiram-se antigamente pelas mitras que usavam’.

“Os rostos de homem designam os árabes. Pôsto que naqueles antigos dias bárbaros, susceptíveis de cultura, a grande firmeza de propósito fêz dêles um povo civilizado e culto e lhes deu um lugar preeminente entre as nações, dos quais elas muito aprenderam” (MELLO, 1959, p. 228).

“Seus rostos eram como rostos de homens (eles usavam barba). Tinham os cabelos como cabelos de mulher (seus cabelos eram longos). Possuíam coroas de ouro (esses guerreiros usavam turbantes ou adereços dourados). Seus dentes eram como dentes de leão (eles eram destemidos lutadores). O aspecto dos gafanhotos era como o de cavalos preparados para a batalha (o cavalo árabe ainda é um sinônimo de qualidade entre eqüestres, ao mesmo tempo em que a habilidade de montar é uma arte árabe)” (FEYERABEND, 2005, p. 81).

“Semelhantes às mulheres, não cortavam os cabelos os antigos árabes. O cabelo comprido era para eles um especial adorno e entre eles era costume não cortá-los. ‘Assim Plínio, contemporâneo de S. João ao fim do primeiro século, fala dos árabes como usando turbante, tendo cabelos longos e não cortados, bigode no lábio superior, ou barba; esse venerável sinal de varonilidade’, segundo chama Gibbon, em linguagem árabe. Assim os descreve Solino no terceiro século; assim Amiano Marcelino no quarto; assim o fazem Claudius, Teodoro de Mops Suesta e Jerônimo, no quinto. (Horae Apocalypticas, Vol. I, 411-413, 3.^a Edição). Era sobre a vasta e longa cabeleira que usavam o turbante que os orgulhava.

“Seus dentes semelhantes aos de leões, denotam o valor, a ferocidade e a força irresistível do fanatismo com que se lançavam sobre suas prêsas e as dominavam, devorando-as quanto de seus bens podiam fazer, por todas as terras quer do Oriente quer do Ocidente” (MELLO, 1959, p. 228 e 229).

“A couraça era uma armadura que protegia a frente do corpo. As ‘couraças de ferro’ eram placas finas de ferro rebitadas numa base de couro (BÍBLIA, 2013, p. 2058).

“Famosas são suas couraças de ferro e aço que revestiram depois de haver adotado a nova religião que se propuseram difundir por todo o mundo. Destas couraças diz o Korão: ‘Um dos dons divinos aos árabes são as couraças’. A couraça era usada entre os árabes nos dias de Maomet. Na batalha de Ohud (a segunda que pelejou Maomet) contra os coraichitas de Meca (624), ‘700 deles estavam armados de couraças’. Ao contrário dos exércitos grego e romano e doutros povos, as cargas árabes não eram produzidas por infantaria mas por cavalaria, que era a arma que maiormente compunha seu exército.

“E ao avançarem compactos semelhantes às ondas de gafanhotos, imitavam estes, com suas couraças especialmente, o ruído de suas asas, como se estivessem conduzindo ao combate carros de guerra tirados por muitos cavalos. Tão completo foi o cumprimento deste pormenor da revelação que parece que Maomet e seus guerreiros tinham conhecimento da profecia” (MELLO, 1959, p. 229).

“O ataque dos árabes não se apoiava, como o dos gregos, nos esforços de uma firme e compacta infantaria. Sua força militar era principalmente constituída por cavalaria e arqueiros. A um toque da mão os cavalos árabes arremessavam-se com a rapidez do vento. ‘O barulho das suas asas era como o barulho dos carros, quando muitos cavalos correm ao combate.’ Suas conquistas foram maravilhosas tanto em rapidez como em extensão, e seu ataque era instantâneo. Nem foi menos eficiente contra os romanos do que contra os persas.’ – Alexander Keith, *Signs of the Times*, v. I, pág. 313” (SMITH, 1979, p. 140).

- | | | |
|------|--|---|
| 9.10 | tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses; | os maometanos árabes impunham o engano em forma de religião, e a dor sobre seus oponentes derrotados; durante 150 anos usaram todo o seu arsenal para impor sua religião sobre muita gente e tirar a vida de outras tantas; mas não destruíram o que restou do império romano, só depois desse período; |
| 9.11 | e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom. | o rei desses exércitos muçulmanos é o anjo caído, chamado Destruidor. |

“Temos aqui a terceira referência ao escorpião. O versículo três alude que os

conquistadores árabes tinham o poder que têm os escorpiões da terra; no versículo cinco é dito que o 'tormento' que infligiam 'era semelhante ao tormento do escorpião', quando fere o homem; e, neste versículo dez, é mencionado que tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e 'agulhões nas suas caudas'. 'Poder', 'tormento' e 'agulhão' dos escorpiões, tal fôra o martírio da conquista e dominação maometana sôbre os povos submetidos. O poder dum implacável domínio causado pela miséria resultante do arrebatamento de tudo, e o 'tormento' e o 'agulhão' venenoso duma política-religiosa detestável — eis o quinhão das nações submetidas pelos fanáticos do arrogante profeta" (MELLO, 1959, p. 229 e 230).

"*Causa dano aos homens por cinco meses.*' – Levanta-se a questão: Que homens eles danificariam por cinco meses? – Indubitavelmente os mesmos que depois haviam de matar (ver o verso 15), "a terça parte dos homens", ou a terça parte do Império Romano – a sua divisão grega. Quando começariam a sua obra de tormento? O versículo 11 responde à pergunta. '*Tinham sobre eles, como seu rei.*' Desde a morte de Maomé, até perto do fim do século XIII, os maometanos estiveram divididos em várias facções sob diversos chefes, sem um governo civil geral, que se estendesse sobre todos. No fim do século XIII Otman fundou um governo ou império, que cresceu até se estender sobre quase todas as principais tribos maometanas, consolidando-as numa grande monarquia.

"Seu rei se chama o 'anjo do abismo'. Um anjo significa um mensageiro, um ministro, bom ou mau, e nem sempre um ser espiritual. O 'anjo do abismo', seria o principal ministro da religião que dali saiu quando foi aberto. Essa religião é o maometismo, e o sultão é o seu principal ministro. Seu nome em hebraico é 'Abadom', o destruidor; em grego 'Apoliom', o exterminador, ou destruidor. Com dois diferentes nomes em duas línguas, é evidente que se pretende representar mais o caráter do que o nome do poder. Sendo assim, ele é representado nas duas línguas como destruidor. Tal tem sido sempre o caráter do governo otomano. Mas quando é que Otman fez o seu primeiro assalto ao império grego? [No sentido 'Império romano oriental', não no sentido 'império da Grécia de Alexandre'.]

"Segundo Gibbon: —Foi no dia vinte e sete de Julho, no ano de 1299 da era cristã, que Otman invadiu pela primeira vez o território de Nicomédia; e a singular exatidão da data parece revelar alguma predição da rapidez e do movimento destruidor do monstro. – Edward Gibbon, *The Decline and Fall of The Roman Empire*, vol. VI, cap. 64, pág. 226. [...]

"Atman [Otman], o sátrapa dos persas, também chamado Osman, fundador da ainda reinante dinastia dos turcos, fortaleceu-se ao reunir um grande número de terríveis bandidos da Paflagônia.' Possino, *Observationum Pachymerianarum*, Livro IV, cap. 25. Os da Paflagônia, sob os filhos de Amurio, uniram-se a Otman em seu ataque do dia 27 de julho, de maneira que duas vezes Posino, para o evento, nos oferece a data de 1299.

"[...] Os cálculos de alguns escritores têm levado a supor que o período devia começar com a fundação do Império Otomano, mas é evidentemente um erro, porque não só deviam ter sobre si um rei, mas haviam de atormentar os homens durante cinco meses. Porém, o período de tormenta não podia começar antes do primeiro ataque dos atormentadores, que foi, como vimos, em 27 de julho de 1299.' – Josiah Litch, *Prophetic Exposition*, vol. II, pág. 180.

"O cálculo que se segue, fundado neste ponto de partida, foi feito e publicado numa obra intitulada *Christ's Second Coming* (A Segunda Vinda de Cristo) por Josiah Litch, em 1838. — "E o seu poder era para danificar os homens por cinco meses'. Até aqui sua missão consistia em atormentar por constantes depredações, mas sem matá-los politicamente. 'Cinco meses' [cada mês com trinta dias são 150 dias], quer dizer 150 anos. Começando em 27 de julho de 1299, o total dos 150 anos chega a 1449. Durante todo este período os turcos estiveram empenhados numa guerra quase contínua com o Império Grego, porém sem o conquistar. Chegaram a tomar várias províncias gregas, mas a independência grega era ainda mantida em Constantinopla. Em 1449, porém, operou-se uma mudança' – Josiah Litch, *Prophetic Exposition*, vol. II, pág. 181. Esta história se encontrará sob a trombeta seguinte, a 6ª trombeta" (SMITH, 1979, p. 240-243).

"O tormento maometano é equivalente ao desejo manifesto que tiveram os súdi-

tos do profeta de se apoderarem do domínio político e religioso do império do Oriente e instaurar-lhe uma política e uma religião diferentes. Êste tormento e êste desejo não podiam ser manifestos sem que o primeiro ataque, com êste objetivo, tomasse lugar. Os maometanos tinham primeiramente em vista apenas causar dano e impor a religião; por fim veio o desejo da conquista real do poder político bizantino, para a fácil imposição da política-religiosa do profeta árabe.

“Como encontrar a data inicial e final deste período de tormento político-religioso? Encontrá-la-emos na história dos turcos seldjucidas que abraçaram a religião maometana ao aportarem na Ásia Ocidental vindos da Ásia Oriental. A revelação não menciona que a quinta trombeta aponta unicamente aos árabes como seus protagonistas. Tanto árabes como turcos estavam apontados na revelação para darem fim à soberania bizantina no Oriente, ou ao que restava do império romano no mundo.

“Já algumas dinastias que dividiram entre si o Kalifado haviam sido fundadas por turcos, sem o concurso de sua nação. ‘Agora, para submeter tôdas essas dinastias chegava em massa a nação destinada a substituir por tôda a parte a dos árabes’. Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VIII, p. 501. Abraçando o maometanismo os turcos adaptaram-se ‘facilmente a uma religião que considerava meritórios o saque e a devastação’. Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VIII, p. 505.

“[...] até antes do comêço do período de tormento ao poder civil bizantino, eram com valor derrotados pelo exército do império que ainda se mantinha forte. Até ao ano 1296, as tropas imperiais conseguiram deter as investidas dos turcos seldjucidas. Dai em diante tomava-se cada vez mais difícil para os generais bizantinos enfrentar com sucessos os ataques dos turcos. ‘Desde a morte de Maomet até quase aos fins do século XIII, estiveram os maometanos divididos em varias facções sob caudilhos diversos, sem um govêrno civil central que abarcasse a todos. Foi então que, pelos fins do século XIII, Otman fundou um govêrno ou império que se incrementou até abarcar tôdas as principais tribos maometanas, consolidando-as numa grande monarquia’. Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, p., 15.

“Otman desenvolveu tanta atividade e energia que constituiu um perigo gravíssimo para o império. Êste chefe eminente dum novo ramo turco destinado a um grande futuro unia a simplicidade dum cheik de tribo nómade a qualidades de grande capitão e de governante, e o entusiasmo religioso e o afã juvenil de propagar o islamismo e o domínio de sua raça.’ Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, p. 150. E é na história de Otman que encontramos precisamente a data inicial do período de tormento de 150 anos ao govêrno civil do Império do Oriente” (MELLO, 1959, p. 230 e 231).

“O nome Osman, ou Otman significa ‘quebrador de membros’. Foi este o nome dado ao povo de Osman, ou seja Osmanlins ou Otomanos. [...] ‘No fim do décimo terceiro século de nossa era os domínios do Império Otomano alcançavam para o noroeste as imediações de ‘Yenisher’, a pequena distância das importantes cidades gregas da Brusa e Nicéia, que eram agora objetos especiais da ambição turca. [...] Foi aproximadamente nesta época (1229) que cunhou moedas com sua própria effigie, e fez com que as orações publicas se lhe citassem o nome. Isto, nas nações orientais, é tido como sinal marcante da soberania.’ – H.S. Williams (ed.), *Historians’ History the World*, vol. XXIV, 312,313.

“Diz-se que o nome Osman significa ‘quebrador de ossos’, um título apropriado para um governante de uma energia irresistível. [...] Osman estava junto dos países cristãos e os restaurados governadores de Constantinopla não tinham tempo à disposição nem meios para ataques sérios contra ele. [...] Mesmo mais tarde em 1306 o papa Clemente V exorta aos habitantes de Veneza a unirem-se numa nova tentativa de conquistar os sismáticos gregos. Sob circunstâncias tais um chefe como Osman tinha oportunidade de reunir um formidável poderio militar bem nos flancos dos territórios cristãos da Bitínia, e nada de importância pode ser feito contra ele até que foi tarde demais.’ – W.S. Davis, *A Short History Of the Near East*, 183, 184” (THIELE, 1960, p. 219).

“O poder turco, que com Otman iniciou sua marcha contra o Império do Oriente desde ‘27 de julho do ano 1299’, e durante 150 anos, atormentaria por constantes depredações o poder político-religioso bizantino. Até esta data supra, lutaram os turcos muito entre si

mesmos, e, tôda vez que procuravam penetrar as fronteiras do império, eram vigorosamente rechassados pelo exército imperial que era ainda forte; mas, durante todo êste lapso de tempo de 150 anos, empenharam-se na verdade os turcos otomanos numa guerra quase sem tréguas contra o Império do Oriente, apoderando-se duma após outra de suas províncias na Ásia e na Europa. [...]

“Como apreciamos, o período de tormento iniciado aos 27 de julho de 1299, devia findar aos 27 de julho de 1449. E o que nos diz a história? Ela responde-nos que, nesta última data, o tormento alcançou seu climax, tendo Constantino XII, suplicado do sultão turco a ratificação de sua escolha para a dignidade do trono. Ao procurar de Amurat a aprovação de sua eleição, quis dizer-lhe Constantino, que o império agonizante não poderia prosseguir sem o seu consentimento, significando isto colocar-se como irrecusável vassalo do sultão vencedor e dos turcos vitoriosos.

“Esta manifesta fraqueza de Constantino deu aos turcos segura evidência das precárias condições do poder bizantino e levou-os a reconhecerem não mais a necessidade de atormentarem o agonizante cadáver do Império, mas estar maduro para receber o golpe de misericórdia. A profecia da sexta trombeta descreve simbolicamente êste golpe fulminante e arrasador, que tão somente aguardava o momento próprio para abater o que ainda subsistia da arrogância impiedosa daquela Roma dos altivos Césares. O tormento havia já passado, e a morte devia encenar a parte final do drama.

“Embora admitamos que Satanás fôsse o inspirador da religião do Islã nos seus começos e ainda o seja, o anjo referido como rei dos maometanos não é propriamente êle. Seu rei é claramente definido no versículo como ‘anjo do poço do abismo’, como reza outra versão. Quem é êste anjo? Nos primeiros dois versículos temos esclarecido com precisão inquestionável, que a Maomet foi dada a ‘chave do poço do abismo’ para abri-lo, e que, ao abrir o poço, saíram gafanhotos destruidores, isto é, os soldados islamitas que, sob sua inspiração pessoal, deixaram a Arábia e atiraram-se sôbre as nações cristãs para as conquistarem para a nova fé.

“O termo ‘anjo’, do grego ‘*aggelos*’, é a aplicação não só para designar um anjo real, como também a pessoa com missão religiosa especial. Deste modo, o ‘anjo do poço do abismo’, chamado também ‘rei’, do maometanismo, é, sem nenhuma dúvida, o próprio Maomet, o fundador e guia vivo e morto da política e religião islamítica; pois, a profecia refere-se a todos os súditos do Islã e não a uma ou mais facções em separado. Maomet dizia que o ‘anjo Gabriel’ era o inspirador da doutrina que pregava; porém a revelação enfatiza que êle mesmo era o anjo que forjou o amontoado de erros civis e religiosos contidos no Korão.

“‘Abaddon’ e ‘Apollyon’, do hebraico e grego, cujo significado é ‘destruidor’, é aplicado aqui a Maomet. Êle não somente destruiu, pessoalmente, em campanhas que tomou parte dirigindo-as, como inspirou a guerra santa. Mas, o maior poder destrutivo dêste anjo dos maometanos, são os seus ensinamentos contidos no Korão, que encobrem a justiça de Cristo e a gloriosa graça do evangelho aos próprios árabes e os demais povos que aceitaram o maometanismo” (MELLO, 1979, p. 232, 236 e 237).

9.12	O primeiro ai passou. Eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais.	Aqui se finda a visão da quinta trombeta ou o primeiro dos gritos de luto! Ainda faltam mais dois gritos e eles vêm na sequência.
9.13	O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus,	O sexto anjo tocou a trombeta – eu ouvi a voz de Jesus que estava perto do altar de incenso, muito próximo do lugar santíssimo do santuário, onde Deus está;
9.14	dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: Solta os	então, Jesus disse ao sexto anjo que tem a trombeta: Solte as

	quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates.	quatro linhagens de muçulmanos seldjucidas, na bacia Tigre-Eufrates, que estão esperando Meu consentimento para destruírem de uma vez por todas o império romano e inaugurarem o império muçulmano otomano em paralelo com o império papal.
9.15	Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens.	Assim, apareceram as quatro linhagens ou sultanatos: o primeiro em Bagdá, o segundo em Icônio, o terceiro em Damasco e o quarto em Alepo. Após seu surgimento, foram assimilados e unificados pela linhagem asiática otomana; esse novo sultanato único determinou o fim de Roma oriental e esteve por 391 anos concorrendo com o papado em sua influência tirânica sobre o mundo.
9.16	O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número.	Ao longo desse tempo os exércitos muçulmanos acumularam milhões e milhões de soldados.

“O primeiro ai devia prolongar-se desde o aparecimento do maometismo até o fim dos cinco meses. Devia terminar então o primeiro ai, e principiar o segundo. E quando o sexto anjo tocou, foi-lhe mandado que tirasse as restrições que lhes tinham sido impostas, pelas quais se limitavam à obra de atormentar os homens e a sua missão era ampliada a ponto de se lhes permitir matar a terça parte dos homens. Esta ordem veio das quatro pontas do altar de ouro.’ – Josiah Litch, *Prophetic Exposition*, vol. II, pág. 182” (SMITH, 1979, p. 144).

“O altar aqui referido é o mesmo altar do incenso já considerado no capítulo oito versículo três. Segundo o versículo dez, os 150 anos alcançaram até 27 de julho de 1449. A êste dia e data liga-se a voz ouvida vinda do altar no instante inicial do sonido da sexta trombeta. E esta voz só pode ser de quem oficiava junto ao altar de ouro ou do incenso, que é Cristo. Antes do toque da primeira trombeta, Êle aparece junto do altar do incenso; e, antes do toque da sexta trombeta, Êle ali ainda está oficiando em favor das orações dos santos. Durante todos os tempestuosos séculos resultantes dos toques das trombetas, Jesus está no pôsto do seu ofício em favor do Seu povo em perigo. E, ao soar o sexto anjo a sua trombeta, ordena Jesus ao anjo dar início aos sucessos que a ela dizem respeito, porque Êle estava a postos junto do altar em prol de Seus escolhidos” (MELLO, 1959, p. 238).

“*Quatro anjos presos junto ao grande rio Eufrates*: Muitos eruditos acreditam que esta é uma referência aos quatro principais sultanatos localizados na região do Eufrates: Alepo, Icônio, Damasco e Bagdá” (FEYERABEND, 2005, p. 82).

“Os referidos quatro anjos estavam presos junto ao rio Eufrates ou na sua região. Na explanação do versículo dez verificamos que os turcos, arrebataram a supremacia árabe ao aportarem na Ásia Ocidental. A história dos turcos é, em ligeiros traços, a seguinte: ‘Eram originários do Altai, donde em tempo remoto, se estenderam pelo interior da China e do Turquestão. Impelidos para diferentes lados nas suas longas lutas com os chineses e mongóis, e por fim empurrados para o lado do Oeste, espalharam-se em duas grandes massas por tôda a Ásia Ocidental e pelo sul da Europa, uma vez por seu próprio impulso, no começo da época de que tratamos agora, e a segunda vez, dois séculos depois, arrastados e dirigidos pelos mongóis capitaneados por Gengis-Khan.’ Hist. Univ., G. Oncken, Vol. IX, 56.

“Outro passo histórico reza sobre os turcos o seguinte: ‘No século XI hordas selvagens e guerreiras de turcomanos, depois de haverem abraçado o islamismo, abandonaram sua antiga residência nas margens do Mar Cáspio e do Arai e fizeram irrupção no território do califado de Bagdad. Seu primeiro caudilho chamava-se Selgiuk ou Seljuk e dêste nome procede o que se deu posteriormente a seus sucessores como ao povo inteiro, isto é, o de Sedyucidas ou Selgiucidas. Pouco a pouco conseguiram sujeitar a seu domínio aos príncipes do Irã e da Mesopotâmia que estavam sempre em guerra uns com os outros e a quase toda a Ásia Menor maometana.’ Hist. Univ., G. Oncken (alemão), Vol. II, 5, pág. 5.

“Esta invasão turca da Ásia Ocidental deu lugar a que os invasores fundassem quatro sultanados nas imediações do rio Eufrates. O primeiro foi fundado em Bagdad, por Tognelbeg, em 1055; o segundo em Icônio, por Solimão I, em 1064; o terceiro em Damasco, por Tutusch, em 1079; o quarto em Alepo, por Muslin, em 1079. São êstes os quatro sultanados, localizados na região do rio Eufrates, os anjos que deviam ser soltos no momento inicial no toque da sexta trombeta, como alude a profecia apocalíptica.

“O verbo grego ‘*LUŌ*’, soltar, é usado várias vezes no Novo Testamento, indicando no conjunto das frases dos textos, que aquilo que ia ser solto não mais tornaria ao lugar donde seria solto (cf. Lc 13.11-16, At 2.24 e Ap 20.7). Assim os quatro anjos ou os quatro sultanados, seriam soltos de suas sedes junto ao Eufrates para não mais tornarem a elas. E é importante que a profecia não lhes designa outras quatro sedes regionais, mas diz que ‘estavam preparados’ para, conjuntamente e num espaço de tempo igual, ‘matarem a terça parte dos homens’. Indiscutivelmente, os quatro sultanados unirse-iam sob uma só bandeira para dar cabo totalmente do Império Bizantino.

“Mas, quem os soltaria ou soltou e uniu os quatros sultanados Seldjucidas do Eufrates? A história nô-lo atesta que foram os otomanos, também turcos, cuja dinastia Constantino XII reconhecera suprema no seu próprio Império. Os quatro sultanados Seldjucidas foram absorvidos pelos otomanos vitoriosos sobre os bizantinos. Todo o povo turco estava agora unido numa só dinastia, a otomana, e posteriormente num só sultanado, o de Constantinopla. Nômades que antes eram, estavam afinal os Seldjucidas politicamente ‘preparados’ para, sob a dinastia otomana, empreenderem a marcha dum govêrno cujo tempo de supremacia a própria profecia prefixara (MELLO, 1959, p. 238 e 239).

“*Os quatro anjos.* – Estes são os quatro principais sultanatos de que se compunha o Império Otomano, localizados nas terras banhadas pelo grande rio Eufrates. Estes sultanatos estavam situados em Alepo, Icônio, Damasco e Bagdá. Anteriormente tinham estado retidos, mas agora Deus mandou, e foram soltos. A fins de 1448, ao aproximar-se o final do período de 150 anos, faleceu João Paleólogo, sem deixar filhos que herdassem o trono do Império Oriental. Seu irmão Constantino, herdeiro legítimo, não se atreveu a subir ao trono sem o consentimento do sultão turco. Por isso enviou embaixadores a Adrianópolis, receberam a aprovação do sultão, e voltaram com presentes para o novo soberano. A princípios de 1449, sob tão pomposas circunstâncias, foi coroado o último imperador grego.

“Assim o historiador Gibbon relata o fato em sua obra monumental: ‘— Com a morte de João Paleólogo, [...] a família real, pela morte de Andrônico e a profissão monástica de Isidoro, ficou reduzida a três príncipes: Constantino, Demétrio e Tomás, filhos sobreviventes do imperador Manuel. O primeiro e o último achava-se longe, em Moréia. [...] A imperatriz mãe, o senado e os soldados, o clero e o povo, unânimes apoiaram o sucessor legítimo; e o déspota Tomás, que ignorando a mudança, voltou acidentalmente à capital, pô-se a defender com energia os interesses do irmão ausente.

“Diz-nos o historiador Franza que foi imediatamente enviado um embaixador à corte de Adrianópolis. Amurat o recebeu com honra e o despediu com presentes; mas a misericordiosa aprovação do sultão turco anunciou sua supremacia, e a queda iminente do Império Oriental. As mão dos ilustres deputados, em Esparta, colocaram a coroa imperial sobre a cabeça de Constantino.’ – Edward Gibbon, *The Decline and Fall of The Roman Empire*, vol. VI, cap. 67, pág. 365” (SMITH, 1979, p. 144).

“Examinemos cuidadosamente este fato histórico à luz da predição acima apresentada. Não era por um assalto violento feito aos gregos que o seu império havia de ser derubado e perdida a sua independência, mas pela entrega voluntária e simples dessa independência nas mãos dos turcos. A autoridade e supremacia do poder turco foi reconhecida quando Constantino disse virtualmente: ‘Não posso reinar sem que o permitais.’ – Josiah Litch, *Prophetic Expositions*, v. II, págs. 182, 183.

“Os quatro anjos foram soltos por uma hora, um dia, um mês e um ano, para matar a terça parte dos homens. Este período, durante o qual devia existir a supremacia otomana, perfaz 391 anos e 15 dias. Assim chegamos a este resultado: Um ano profético são 360 dias proféticos, ou 360 anos literais; um mês profético são 30 dias proféticos, ou 30 anos literais; um dia profético é 1 ano literal; e uma hora, ou 1/24 do ano, ou seja, 15 dias literais; somando tudo temos 391 anos e 15 dias. ‘Mas apesar de os quatro anjos serem assim soltos pela voluntária submissão dos gregos, outra ruína aguardava a sede do império.

“Amurat, o sultão a quem se apresentou a submissão de Constantino VIII, e por cuja permissão este reinou em Constantinopla, morreu pouco depois, sucedendo-lhe, no império, em 1451, Maomé II, que cobiçou Constantinopla e resolveu tomá-la. Fez, assim, preparativos para cercar e tomar a cidade. O cerco começou em 6 de abril de 1453 e terminou com a tomada da cidade e a morte do último dos Constantinos, em 16 de maio seguinte. E a cidade oriental dos cézares tornou-se a sede do império otomano.’ – Josiah Litch, *Prophetic Expositions*, v. II, pág. 183.

“As armas e métodos de guerra que foram usados no cerco em que Constantinopla foi tomada foram, como veremos, distintamente notados pelo Revelador” (SMITH, 1979, p. 145).

“Os quatro anjos foram soltos depois de concluído o período de tormento iniciado por Otman I e concluído por Amurat II. À vitória sobre Constantino XII, toda a nação turca estava então unida sob uma só bandeira e um só sultanado, para levar a cabo a sua aspiração que não era mais que o cumprimento da profecia. De conformidade com o versículo quinze, o poder da Turquia, como nação real, iniciou sua marcha a ‘27 de julho de 1449’, com o reconhecimento de Constantino XII da supremacia otomana ao submeter sua eleição ao consentimento do sultão. Êste sucesso atesta que desta data em diante os turcos eram senhores do Império do Oriente, embora faltasse derribar o pouco que dêle ainda restava. E, a voz da divina profecia declara solenemente que o povo turco estava preparado então ‘para a hora, e dia, e mês, e ano’, a fim de exercer o seu domínio político e profético como nação constituída.

“‘Hora, e dia, e mês, e ano’, é a maneira bíblica de medir o tempo em matéria de profecia. O ano profético equivale a 360 dias literais e o mês a 30 dias, sendo que cada dia é igual a um ano como já o temos demonstrado. Analisando de trás para diante, temos os resultados seguintes: Um ano, 360 dias ou 360 anos; um mês, trinta dias ou 30 anos; um dia, um dia ou um ano; uma hora, a vigésima quarta parte do ano ou 15 dias. Somando tudo temos 391 anos e 15 dias, que é o tempo apontado na profecia do Apocalipse, segundo a qual a Turquia exerceria, como potência política, o seu poder independente numa das mais estratégicas regiões do mundo civilizado.

“Êste período de 391 anos e 15 dias, acrescentado a 27 de julho de 1449, alcança até 11 de agosto de 1840, data em que algo surpreendente devia infalivelmente ocorrer com a Turquia, já que, a revelação serviu-se anunciar que sua soberania política compreendria, como vimos, um período profético bem assentado” (MELLO, 1959, p. 239 e 240).

“A agilidade dos anjos Apoc. 9:15.

a. Por uma hora, um dia, um mês, e um ano proféticos – 391 anos e 15 dias.

(1) Início 1449.

[...] Em 29 de maio de 1453, Constantinopla foi tomada de assalto, o último imperador grego morreu quando lutava na brecha. [...] Para o povo daqueles dias a captura de Constantinopla foi simplesmente o clímax inevitável de uma longa séries de vitórias de Otman em solo europeu. O sultão já era o soberano do Império Grego; o imperador era seu vassalo; a tomada da

cidade imperial foi simplesmente uma questão de tempo. Não obstante a queda de Constantinopla é época marcante no verdadeiro sentido histórico protesto de Lutero em Wittenberg possa ser atribuído, de um modo indireto, mas sem base, à conquista otomana de Constantinopla. Mas do nosso ponto de vista, a mais importante das conseqüências foi a fundação de um novo império. [...] Os otomanos eram na realidade não apenas os conquistadores dos Bálcãs mas herdeiros do império Greco-romano Oriental.' – J.A.R. Marriott, *The Eastern Question*, 71,72" (THIELE, 1960, p. 220).

"Ao entrar Maomet II com seus ministros na cidade, dirigiu-se imediatamente à igreja de Santa Sofia. Ali um dos seus Mollahs subiu ao púlpito donde proclamou solenemente a lei de Mafoma: depois o sultão subiu ao altar, e dali fêz a sua oração de costume; e desta forma a famosa catedral bizantina, obra de Justiniano, ficou convertida em mesquita e dedicada ao culto maometano. Maomet fêz cortar a cabeça de Constantino II e a expôs à vista de todos, para que todo o mundo se convencesse de que o Império e o seu último soberano tinham deixado de existir. Veja-se Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XI 728-731.

"A queda de Constantinopla livrou o Ocidente e o Oriente para sempre do cetro martirizante dos orgulhosos Césares. Visigodos, vândalos, hunos, hérulos, árabes e turcos fizeram ruir em escombros irreconstruíveis a cruel tirania duma raça que arruinou o mundo por mais de dezesseis séculos. A queda de Constantinopla deu à Turquia um poderoso ímpeto de conquista. Tôda a Ásia Menor, Síria, Mesopotâmia, Pérsia, Iraque, Arábia, Palestina, Trácia, Rumania, Bulgária, Hungria, Besarábia, Grécia, Albânia, Bósnia, Sérvia, ilhas do mar Egeu, Creta; enfim, todos os territórios do Império do Oriente caíram em suas mãos. Assim a Turquia matou politicamente a têrça parte dos homens ou conquistou todos os seus domínios. Mais tarde incorporou também a seu império o Egito, a Etiópia e a Líbia.

"Mas as conquistas turcas tiveram fim. Extinta a sua antiga força de expansão, fôra-se desmantelando a partir da paz de Carlowitz (1690) e, mais rapidamente ainda, a seguir à de Kutschuk-Kainardsche, de 1774. O outrora invicto poder chegou afinal ao ponto de desmoronar-se frente às influências das nações européias. Primeiramente devia matar todo o poder político do antigo Império do Oriente, e, depois, para não ser morta, devia ser sustentada, como veremos adiante, pelos balões de exigênio-político dos aliados que buscou.

"As condições internas da Turquia, desde o fim do século dezessete, `em vez de se revigorarem, pioraram sempre sob a influência moderna. A antiga sobriedade e simplicidade turcas não tiveram inimigo mais terrível do que a invasão irresistível da cultura européia, que lhes transmitia todos os vícios e nenhuma das suas vantagens.

"O mal atingiu primeiro os círculos governamentais e do funcionalismo. As reformas intentadas por Maomet II, que deviam transformar o império num estado de tipo europeu, introduziram nas suas artérias um veneno mortal, pondo a nu os contrastes entre os princípios da cultura da Europa ocidental e os conceitos fundamentais de religião e nacionalidade dos Osmans, mostrando aos maometanos ortodoxos o sucessor do profeta como um herético incrédulo.

"Maomet Ali, do Egito, contemplava com dor e indignação a decadência turca, cuja culpa êle atribuía à incapacidade e desonestidade dos mais altos funcionários da Porta, e sobretudo ao seu mortal inimigo, Chosrew Pachá, que após a guerra russo-turca ganhara novamente tôda a confiança do sultão. Maomet Ali sentia-se o homem que poderia levar a cabo a regeneração do império; as suas relações com as potências européias, a partir da insurreição grega, assemelhavam-se mais às de um soberano independente do que às de um vassalo da Turquia; o seu tesouro repleto, o seu exército bem disciplinado, davam-lhe já uma posição muito superior à do sultão.

"[...] Quando Maomet Ali, em vez de obedecer à ordem de evacuar a Síria, solicitou, embora com simulada humildade, os govêrnos de Akka e Damasco, um firman do sultão pronunciou a sua destituição e a de seu filho; e como ainda por êste processo nada se conseguiu, foi lançado o anátema contra ambos, sendo encarregado de executar a sentença o exterminador dos janízaros, Hussein-Pachá, com um exército de 60.000 homens. Mas ainda êste tinha chegado ao Tauro quando, a 25 de maio [de 1831], Akka foi tomada de assalto por

Ibraim, e logo a seguir também Damasco abriu as suas portas ao guerreiro egípcio.

“[...] Maomet Ali reiterou então as suas propostas, mas como a Porta lhe respondesse exigindo a sua plena submissão, autorizou o filho a passar o Tauro e declarou ao mesmo tempo aos cônsules europeus que exigiria a cedência da Síria contra o pagamento dum tributo conveniente. A 21 de dezembro o último exército de que o sultão dispunha foi destruído, após uma luta encarniçada, junto de Korich, e o próprio grão-vizir foi feito prisioneiro. Abria-se já ao vencedor o caminho de Constantinopla, quando se lhe interpôs um novo adversário’ (Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XX, 639-640).

“Nesta perigosa guerra entre o sultão Mahmud e Maomet Ali, intervieram a Rússia, França, Áustria, Prússia e Inglaterra, já para salvar seus interesses nos Dardanelos e no próprio Egito e demais pontos estratégicos, já para conservar o comércio livre com o Oriente. Enfadonha política discutem estas potências quanto ao modo de intervir na refrega entre a Porta e o Egito” (MELLO, 1959, p. 242-244).

“Alguns anos antes de 1840 o sultão tinha-se envolvido em guerra com Mohamed-Ali, paxá do Egito. —Em 1838 o litígio entre o sultão e o seu vassalo egípcio fora temporariamente solucionado por influência dos embaixadores estrangeiros. Em 1839, porém, começaram de novo as hostilidades, e prosseguiram até que, numa batalha geral entre os exércitos do sultão e de Mohamed, o exército do sultão foi completamente derrotado e destruído, e a sua frota tomada por Mohamed e levada para o Egito. Tão reduzida ficou a frota do sultão que, quando a guerra começou de novo em agosto, ele tinha apenas dois navios de primeira classe e três fragatas, como tristes vestígios da outrora poderosa frota turca.

“Mohamed recusou-se terminantemente a abandonar esta frota e a restituí-la ao sultão, e declarou que, se tentassem retomá-la, a queimaria. Assim se encontravam as coisas, quando, em 1840, a Inglaterra, a Rússia, a Áustria e a Prússia intervieram, e determinaram uma solução do conflito, pois era evidente que, se Mohamed fosse deixado à vontade, dentro em breve se assenhorearia do trono do sultão.’ – Josiah Litch, *The Probability of the Second Coming of Christ About A. D. 1843*, págs. 192, 193.

“O sultão aceitou esta intervenção das grandes potências, e fez assim uma entrega voluntária do caso nas suas mãos. Reuniu-se em Londres uma conferência destas potências, estando presente o xeque Effendi Bey Likgis como plenipotenciário otomano. Foi elaborado o texto de um acordo que devia ser apresentado ao paxá do Egito, segundo o qual o sultão oferecer-lhe-ia o governo hereditário do Egito, e toda a parte da Síria que se estendia desde o golfo de Suez até o lago de Tiberíades, juntamente com a província de Acre, por toda a vida.

“Por sua vez evacuará todas as outras partes dos domínios do sultão então ocupados por ele, e restituirá a frota otomana. Em caso de recusar esta oferta do sultão as quatro potências tomarão o assunto em suas mãos e empregarão todos os outros meios que acharem convenientes. É evidente que, logo que este ultimato fosse posto pelo sultão nas mãos de Mohamed-Ali, o assunto estaria para sempre fora do domínio do sultão, e os seus negócios estariam ao dispor, desde esse momento, das mãos de poderes estrangeiros. O sultão enviou Rifat Bey num vapor do governo a Alexandria, para comunicar o ultimato a Mohamed-Ali.

“Tal ultimato lhe foi entregue em 11 de agosto de 1840. No mesmo dia, em Constantinopla, foi dirigida pelo sultão uma nota aos embaixadores das quatro potências, perguntando que plano devia ser adotado no caso de o paxá recusar cumprir os termos do ultimato, ao que fizeram responder que se tinham tomado providências e não havia necessidade de se alarmar por qualquer contingência que pudesse ocorrer. [...]. Desde [...] o 11 de agosto de 1840, as quatro potências cristãs da Europa, e não a Sublime Puerta, iriam dirigir tais contingências.

“Em 11 de agosto de 1840 terminava o período de 391 anos e 15 dias concedido à duração do poder otomano. E onde estava a independência do sultão? DESAPARECE! Quem tinha a supremacia do império otomano em suas mãos? As quatro grandes potências; e aquele império tem existido desde então apenas pela tolerância destes poderes cristãos. Assim foi cumprida a profecia ao pé da letra. Desde a primeira publicação do cálculo deste assunto em

1838, a que já nos referimos, milhares de pessoas observaram com interesse o tempo apresentado para o cumprimento da profecia. E o cumprimento exato do acontecimento predito, mostrando a correta aplicação da profecia, deu poderoso impulso ao grande movimento adventista que então começava a chamar a atenção do mundo” (SMITH, 1979, p. 150, 151 e 153).

“Em 1838, um teólogo chamado Josias Litch fez uma espetacular profecia baseada nessa passagem. Litch entendia que a quinta trombeta começou com a Batalha de Bafeu e durou 150 anos, terminando em 27 de julho de 1449. Usando o princípio de um dia por um ano, ele calculou que um ano profético representaria 360 anos reais, já que o ano judaico tinha 360 dias. Um mês significaria 30 anos, um ano para cada dia, e uma hora, 15 dias. Isso daria 391 anos e 15 dias. Acrescentando 391 anos e 15 dias a 27 de julho de 1449, ele vaticinou que o Império Turco cairia no dia 11 de agosto de 1840. Era uma predição corajosa, a qual requeria uma grande fé na profecia.

“Ele publicou sua predição e milhares ficaram observando ansiosamente para ver o que aconteceria. As conclusões de Litch sobre a questão otomana foram notadas por vários jornais públicos, e vários clubes de incrédulos discutiram suas opiniões, ridicularizando-o por ter a audácia de fazer tal alegação. Como um destemido defensor da verdade, ele declarou que o futuro vindicaria a veracidade da Palavra de Deus. No dia 11 de agosto de 1840, o *The London Morning Herald* publicou a manchete: ‘O Sultão foi reduzido a um fantoche’.

“A notícia rapidamente reverberou diante do mundo descrente. A profecia que Litch corajosamente havia proclamado foi cumprida, e muitos ateus tornaram-se cristãos do dia para a noite. Multidões se convenceram de que os princípios de interpretação usados por Litch eram corretos. Com poucos meses, Litch recebeu cartas de mais de mil preeminentes incrédulos, alguns dos quais eram líderes de clubes de incrédulos. Nas cartas, eles declaravam que haviam desistido de pelear contra a Bíblia e que a aceitavam como a revelação de Deus para a humanidade. Uma carta dizia: ‘Temos dito que os expositores de profecias colhem citações de páginas bolorentas da história para consubstanciar suas alegações de cumprimento profético, mas, nesse caso, temos os fatos vivos diante dos nossos olhos.’” (FEYERABEND, 2005, p. 82 e 83).

“No ano de 1840 outro notável cumprimento de profecia despertou geral interesse. Dois anos antes, Josias Litch, um dos principais pastores que pregavam o segundo advento, publicou uma explicação de Apocalipse 9, predizendo a queda do Império Otomano. Segundo seus cálculos esta potência deveria ser subvertida ‘no ano de 1840, no mês de agosto’; e poucos dias apenas antes de seu cumprimento escreveu: ‘Admitindo que o primeiro período, 150 anos, se cumpriu exatamente antes que Deacozes subisse ao trono com permissão dos turcos, e que os 391 anos, quinze dias, começaram no final do primeiro período, terminará no dia 11 de agosto de 1840, quando se pode esperar seja abatido o poderio otomano em Constantinopla. E isto, creio eu, verificar-se-á ser o caso.’ — Josias Litch, artigo no *Signs of the Times, and Expositor of Prophecy*, de 1º de agosto de 1840. No mesmo tempo especificado, a Turquia, por intermédio de seus embaixadores, aceitou a proteção das potências aliadas da Europa, e assim se pôs sob a direção de nações cristãs. O acontecimento cumpriu exatamente a predição” (WHITE, 2013a, p. 292).

“Quando o anjo toca a sexta trombeta, quatro anjos que se encontravam atados junto ao rio Eufrates são soltos. Alguns têm entendido estes quatro anjos como se aplicando aos quatro sultanatos principais: Alepo, Icônio, Damasco e Bagdá, que compreendiam o Império Otomano e estavam situados na região do Eufrates. Eles deveriam ser libertos por um período de tempo específico: ‘Uma hora, um dia, um mês, e um ano’. Em tempo literal isso equivale a 391 anos e 15 dias. Esse período profético se cumpre na história exatamente a partir do dia 27 de julho de 1449, quando Constantino XII reconheceu a supremacia turco-otomana, ao submeter sua eleição ao consentimento do sultão, até 11 de agosto de 1840, quando é abatido o poderio otomano. Este é o segundo Ai, faltando apenas agora o terceiro” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 29).

“Os quatro grandes poderes, numa nota coletiva de 27 de julho de 1840, declaravam que tomariam nas próprias mãos a solução da questão oriental. [...] Este estado de coisas foi expresso oficialmente no tratado dos quatro, de 15 de julho de 1840, firmado em

Londres.' – Henry Smith Williams (ed.), *Historians' History of the World*, vol. XXIV, pág. 453. 'O poder do Islamismo está quebrado para sempre; e não há meio de esconder este fato nem deles mesmos. Existem agora por mera tolerância. E, embora estejam sendo feitos poderosos esforços cristãos para sustê-los, eles a cada passo soçobram mais e mais numa rapidez terrível. E, embora haja grandes esforços para enxertar no tronco arruinado as instituições dos países cristãos civilizados, até as próprias raízes se consomem rapidamente envenenadas pelo seu próprio veneno.

"'Isto é realmente interessante pois, quando toda a cristandade unida se combinava para obstruir o progresso do poder otomano, ele crescia a despeito de toda oposição à uma grandeza extraordinária; e agora, quando todos os potentados da Europa Cristã, os quais se sentem capacitados para solucionar todas as intrigas e arranjar os negócios do mundo todo, estão confederados para proteger e defendê-la, ela soçobra, a despeito de todo o cuidado mantenedor.' – Ver. Mr. Goodell, numa alocução à Embaixada Americana em Constantinopla, *Missionary Herald*, abril de 1841" (THIELE, 1960, p. 221 e 222).

"b. Soltos para matar a terça parte dos homens - Apoc. 9:15.

[...] 'Sob a quinta trombeta fora posta uma restrição ao poder Otomano. Por um período de 150 anos eles não deviam 'matar' mas somente 'atormentar'. Agora ao começarem os 491 [sic, 391] anos aquela restrição foi removida e deviam agora sair para 'matar'. A história revela um cumprimento notável desta profecia. Poucos anos depois da época em que a restrição foi removida os otomanos puseram fim ao Império Romano do Oriente. Até aqui apesar das vitórias, o domínio dos asiáticos sobre os países dos Bálcãs parecia provisório. Mas agora parecia incerto poderem os nativos cristãos livrar-se dos seus grilhões. Assim passou a Nova Roma de Constantino Augusto aos pobres de uma horda de aventureiros orientais [...]

'Através destes setecentos anos, semelhante aos rios gêmeos, Tigre e Eufrates, houve na história do Oriente Próximo duas grandes correntes de história – aquela procedente dos cristãos de Constantinopla e aquela procedente das terras de Islã. Agora a corrente cristã parece estar quase seca. Por mais de três séculos os anais do Próximo Oriente parecem os do Império Otomano. Até os novos fulgores da liberdade dos gregos e dos sérvios, no raiar do XIX século, tudo o que os historiadores podem relatar é a história de como os filhos do nômade, Ertogrul a dominaram na capital do estrito Império Oriental. [...] Os dias que serviram para formar o poderio Otomano tinham passado. Um grande estado militar existia agora, e que possuía uma das mais bem localizadas e estratégicas cidades do mundo.' – William Stearns Davis, *A Short History of the Near East*, pp. 211-213" (THIELE, 1960, p. 222 e 223).

"O segundo período, um pouco mais complexo, ao ser interpretado pelo mesmo princípio dia/ano, leva-nos a um período de 391 anos e 15 dias (ano = 360 + mês = 30 + dia = 1 + hora = 15 dias, (360/24)). A partir de 27 de julho de 1449, somando-se 391 anos e 15 dias chega-se à data de 11 de agosto de 1840, determinando, então, o fim da supremacia Otomana. De maneira surpreendente, a história registra que, nesse dia, o sultão Maomé Ali foi deposto, dando fim ao Império Otomano em Constantinopla" (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 24).

"O Império Otomano virtualmente caiu nos braços amigos dos grandes poderes da Europa. Desde aquele dia até 1917, quando o último dos sultões fugiu da capital, apavorado, o poder turco foi alcunhado de 'O Homem Doente do Leste'. Das ruínas do Império Otomano, ergueu-se a nova República da Turquia. Constantinopla ainda está ocupada pelos turcos, mas a nova Turquia é completamente diferente do antigo Império Otomano. Hoje, ela tem a sua cadeira entre as Nações Unidas. Mas o império dos sultões não existe mais" (FEYERABEND, 2005, p. 83).

"Êste grandioso sucesso que enaltece a voz da divina profecia e assinala o debacle político da Turquia, atesta plenamente que o período de 150 anos, exarado no versículo dez, iniciou-se realmente em 27 de julho de 1299 e findou em 27 de julho de 1449, quando começou o outro período de 391 anos e 15 dias, findo em 11 de agosto de 1840, quando Sir Carlos Napier se apresentou diante de Beirut, intimando às forças de Maomet Ali a abandonarem a Síria. Desde esta data até o presente, a Turquia é considerada "o homem doente", amparada pelas potências cristãs que a livraram do colapso certo se não houvessem intervindo em

seu favor” (MELLO, 1959, p. 246).

“Inumeráveis hordas de cavalos e daqueles que os montavam! Gibbon descreve assim a primeira invasão do território romano pelos turcos: ‘Os miríades de cavalos turcos espalharam-se por uma frente de seiscentas milhas, desde o Tauro a Erzerum, e o sangue de 130 mil cristãos foi um grato sacrifício ao profeta árabe.’ O leitor julgará se esta linguagem se aplica ou não a algum número definido.

“Alguns supõem que é apresentado duas vezes o número 200 mil, e, segundo alguns historiadores, encontra-se esse número de guerreiros turcos no cerco de Constantinopla. Outros pensam que 200 milhões significam todos os guerreiros turcos durante os 391 anos e 15 dias do seu triunfo sobre os gregos. Nada se pode afirmar, porém, sobre este ponto.’ – Josiah Litch, *Prophetic Expositions*, v. II, págs. 183, 184. Nada se pode afirmar sobre este ponto, nem é essencial” (SMITH, 1979, p. 145 e 146).

“Duas miríades de miríades’, segundo o texto original, é uma frase numeral indefinida que só existe esta única vez no Novo Testamento. Outras frases há em que ‘miríades’ é empregado uma só vez, para referir um número sem precisá-lo exatamente, mas para designar não pequena quantidade (cf. Lc 12.1, At 21.20 e Hb 12.22). Quando se trata, como no nosso texto, que é uma exceção, em que ‘miríades’ aparece duas vezes, uma seguida da outra, deve-se entender um número enormíssimo embora impreciso. Tais eram, segundo esta profecia, as multidões de guerreiros que compunham as ‘tropas de cavalaria’ turca que se jogaram sobre a Ásia Ocidental.

“[...] Outro historiador expressa-se assim sobre os turcos: ‘O número dos turcos aumentava anualmente por hordas tais que os escritores gregos empregavam continuamente metáforas derivadas de torrentes, enchentes e inundações para pintar sua força esmagadora’ (*The Destruction of the Greek Empire*, Edwin Peàrs, pág. 62)” (MELLO, 1959, p. 246).

9.17

Assim, nesta visão, contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saía fogo, fumaça e enxofre.

Também vi as características desses outros soldados: cavalos e cavaleiros com couraças como armaduras nas cores do fogo: amarelo, azul e vermelho. Suas armas de pólvora, enxofre e fogo eram disparadas enquanto eles cavalgavam furiosamente no meio da fumaça que saía dessas armas.

“No versículo nove vimos como a história comprova terem os árabes maometanos usado couraças reais em suas campanhas pró difusão do islamismo. Porém, no versículo dezessete, que é o que consideramos, as couraças dos turcos eram de ‘fogo, e de jacinto, e de enxofre’. Evidentemente não se poderá conseguir uma mescla sólida de fogo, jacinto e enxofre para confecção de couraças.

“O termo grego, tanto do versículo nove como do dezessete, é ‘*thōrax*’, usado no Novo Testamento também no que respeita a couraças simbólicas. S. Paulo fala na ‘couraça da justiça’ (Ef 6.14) e na ‘couraça da fé’ (1^aTs 5.8). Compreendemos assim que o termo ‘*thōrax*’ é empregado tanto no sentido de couraças reais como simbólicas. No caso dos turcos, a referência a ‘couraças’ só pode ser simbólica visto, como salientamos, a impossibilidade de fazer-se couraças com mescla de fogo, jacinto e enxofre.

“Segundo esta profecia, três eram as cores que compunham as ‘couraças’ dos guerreiros turcos: 1) Fogo, ou cor vermelha; 2) jacinto, ou cor azul; 3) enxofre, ou cor amarela. ‘Tais eram as cores que predominavam na indumentária’ do exército turco cuja descrição profética corresponde ao uniforme daqueles soldados do maometanismo turco. Daubuz, um antigo estudante inglês, escreveu das cores descritas pela profecia, o seguinte: ‘Desde seu primeiro aparecimento os otomanos têm-se interessado usar vestimenta belicosa de escarlate,

azul, e amarela: um traço descritivo o mais evidente em seu contraste com a aparência militar dos gregos, francos, ou sarracenos contemporâneos' (*Beacon Light of Prophecy*, Spicer, pág. 242). O cumprimento dêste interessante detalhe da profecia não deve causar-nos surpresa; pois a inspiração jamais poderá equivocar-se ou falhar" (MELLO, 1959, p. 247).

"A primeira parte desta descrição talvez se refere ao aspecto destes cavaleiros. Fogo, como cor, representa o vermelho, empregando-se com freqüência a expressão 'vermelho como fogo'; jacinto, o azul; e enxofre, o amarelo. Estas eram as cores que predominavam no vestuário destes guerreiros, de sorte que a descrição, segundo este ponto de vista, condizia bem com o uniforme turco, que era composto em larga escala por vermelho ou escarlate, azul e amarelo" (SMITH, 1979, p. 146).

"As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões'. Aqui temos o emblema do poder, do valor e da ferocidade da cavalaria turca invasora, espalhando, com o arrojo do leão, a morte e a destruição. Ferozes e astutos como leões, demonstraram-se os turcos mais desumanos que os árabes que na profecia da quinta trombeta são apresentados com dentes simbólicos de leão. Os cavalos da cavalaria vomitavam 'fogo, e fumo, e enxofre'. Inquestionavelmente deparamos neste pormenor o emprêgo da arma de fogo pelos ginetes do exército turco. Precisamente iniciara-se por aquela época o uso da pólvora e das armas de fogo para fins bélicos. O resultado da detonação duma arma de fogo é realmente uma chama de fogo, uma nuvem de fumo e um cheiro acre de enxofre. Mas como poderia sair isto das bocas dos cavalos? E' que os ginetes turcos descarregavam suas armas, em suas cargas de cavalaria, estendendo-as para a frente, dando a parecer, a quem os via pelejar, que o 'fogo, fumo e enxofre' da detonação, saíam das bôcas dos seus cavalos' (MELLO, 1959, p. 247 e 248).

"As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões, representando sua força, coragem e ferocidade. Por sua vez a última parte do versículo refere-se, sem dúvida, ao uso de pólvora e armas de fogo para fins guerreiros, introduzidas havia pouco. Como os turcos disparavam suas armas de fogo de cima dos cavalos, devia parecer ao distante vidente que o fogo, fumo e enxofre saíam das bocas dos cavalos.

"Os comentadores concordam em aplicar a profecia acerca do fogo, fumo e enxofre ao uso da pólvora pelos turcos na sua luta contra o Império do Oriente. (Ver as notas sobre Apoc. 19:17 de Adam Clark, *Commentary on the New Testament*, vol. 2, pág. 1003; Albert Barnes, *Notes on Revelation*, pág. 264; *The Cottage Bible*, vol. 2, pág. 1399). Mas, em geral, apenas aludem aos grandes canhões, empregados por esse poder, mas a profecia menciona especialmente os 'cavalos' e o fogo que 'saía das suas bocas', como se fossem usadas armas menores e de cima dos cavalos.

"Barnes pensa que assim sucedia, e uma frase de Gibbon confirma este parecer. Diz ele: 'As incessantes arremetidas de lanças e dardos eram acompanhadas pelo fumo, o som e o fogo dos seus mosquetes e canhões.' Temos aqui uma boa evidência histórica de que os mosquetes foram usados pelos turcos, e por outro lado é inegável que em suas guerras combatiam principalmente a cavalo. É, portanto, bem apoiada a inferência de que usavam armas de fogo à cavalo, cumprindo exatamente a profecia, segundo a ilustração referida.

"Acerca do uso das armas de fogo pelos turcos na sua campanha contra Constantinopla, Elliot diz o seguinte: —'A morte da terça parte dos homens, isto é, a tomada de Constantinopla e por conseqüência a destruição do império grego, foi devida ao 'fogo, fumo e enxofre', à artilharia e armas de fogo de Maomé. Mais de 1.100 anos tinham já decorrido desde a sua fundação por Constantino. Durante esse tempo, godos, hunos, ávares, persas, búlgaros, sarracenos, russos e os próprios turcos otomanos, tinham feito seus assaltos hostis ou posto cerco contra ela, mas as fortificações eram inexpugnáveis para eles.

"Constantinopla sobreviveu, e com ela o Império Grego. Daí a ansiedade do sultão Maomé em encontrar o que pudesse remover o obstáculo. Perguntou ao fundidor de canhões que para junto dele desertara: 'Podes tu fundir um canhão de tamanho suficiente para abater os muros de Constantinopla?' A fundição foi em seguida estabelecida em Adrianópolis, fundiu-se o canhão, a artilharia preparada e começado o cerco.

“—É digno de nota como Gibbon, sempre inconsciente comentador da profecia do Apocalipse, põe este novo instrumento de guerra no primeiro plano do seu quadro, na sua eloqüente e impressionante narrativa da catástrofe final do império grego. Em preparação para ela apresenta a história da então recente invenção da pólvora, ‘dessa mistura de salitre, enxofre e carvão’. Fala do seu primeiro uso pelo sultão Amurat, e também, como já dissemos, da fundição de maiores canhões por Maomé em Adrianópolis.

“Depois, no progresso do próprio cerco, descreve como ‘as arremetidas de lanças e dardos eram acompanhadas pela fumaça, o som e o fogo das espingardas e canhões’; como ‘a extensa ordem da artilharia turca fazia fogo contra as muralhas, troando ao mesmo tempo 14 baterias sobre os lugares mais acessíveis’; como ‘as fortificações que durante séculos tinham resistido à hostil violência, agora se desmantelavam por toda parte sob os canhões otomanos, muitas brechas se abriam e, perto da porta de São Romano, quatro torres se desmoronaram’; como, ‘enquanto das linhas, das galés e da ponte da artilharia otomana fazia fogo para todos os lados, o campo e a cidade, os gregos e os turcos, estavam envolvidos numa nuvem de fumaça, que apenas poderia ser repetida pela libertação ou destruição final do império romano’; como ‘as duplas muralhas foram reduzidas pelos canhões a um montão de ruínas’; e como, por fim, os turcos ‘arremessando-se através das brechas’, ‘Constantinopla foi tomada, seu império subvertido, e sua religião pisada pelos conquistadores maometanos.’

“Repito que é digno de nota como Gibbon atribui, de um modo tão claro e impressionante, a tomada da cidade, e desse modo a destruição do império, à artilharia otomana. Que é isto senão um comentário às palavras da nossa profecia? ‘Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saía das suas bocas.’ – Edward B. Elliot, *Horae Apocalypticæ*, vol. I, págs. 478, 479” (SMITH, 1979, 146-147).

“Foram os turcos otomanos que introduziram as armas de fogo na guerra. Os soldados da cavalaria disparavam seus mosquetes apoiados na cintura enquanto cavalgavam. Para o profeta, era como se a fumaça estivesse saindo da boca dos cavalos, A história das conquistas feitas pelos turcos tem preenchido volumes” (FEYERABEND, 2005, P. 84).

9.18	Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da sua boca, foi morta a terça parte dos homens;	Sim, pelo uso de armas letais que continham pólvora, enxofre e que, ao serem usadas espalhavam forte fumaça, os muçulmanos turco-otomanos fecharam a cova do cadente império romano;
9.19	pois a força dos cavalos estava na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda se parecia com serpentes, e tinha cabeça, e com ela causavam dano.	pois, os cavaleiros otomanos atiravam enquanto corriam montados e dessa forma destruíram muros e exércitos. E assim como os muçulmanos árabes, os muçulmanos turco-otomanos impunham o engano em forma de religião, danificando suas vítimas espiritualmente também.

“Estes versículos exprimem o efeito mortífero do novo modo de guerra introduzido. Foi por meio destes agentes – pólvora, armas de fogo e canhões – que Constantinopla foi finalmente conquistada e entregue nas mãos dos turcos” (SMITH, 1979, p. 148).

“Fogo, fumo e enxofre, as três pragas em que a terça parte dos homens seria morta pelos turcos. Como vimos, trata-se das armas de fogo como resultado do uso da pólvora para fins bélicos naqueles dias do século XV. Os turcos as empregaram como meio eficaz para a destruição de Roma Oriental, ou, como refere a revelação, ‘matarem’, aliás, politicamente, a

têrça parte dos homens que a lideravam pondo fim ao Império. No entanto, embora fôsse nesta guerra de extermínio usado vasto número de canhões pelos turcos, a profecia insiste em salientar que, as três pragas que matariam a política e o domínio Oriental romano-bizantino, 'fogo, fumo e enxofre', 'saíam das bôcas dos cavalos', dando isto a entender que, à cavalaria turca, provida de mortíferos mosquetes, caberia decidir a derrota do velho império" (MELLO, 1959, p. 248).

"Além do fogo, fumaça e enxofre, que pareciam sair das suas bocas, diz-se que o seu poder estava também nas suas caudas. É um fato notável que a cauda do cavalo é uma bem conhecida insígnia turca, símbolo de cargo e autoridade. O significado da expressão parece ser que as suas caudas eram o símbolo ou emblema da sua autoridade. É fato notável que a cauda do cavalo é um conhecido estandarte turco, o símbolo de um cargo e autoridade. A imagem que João viu parece ter consistido de cavalos que lançavam fogo e fumaça, e o que era igualmente estranho, viu que o seu poder de espalhar a desolação estava relacionado com as caudas dos cavalos. Alguém, olhando para um corpo de cavalaria com tais estandartes ou insígnias, ficaria surpreso com este aspecto insólito e notável, e falaria dos seus estandartes como concentrando e dirigindo o seu poder" (SMITH, 1979, p. 148 e 149).

"Não só o poder simbólico da cavalaria turca se concentrava na bôca dos cavalos como também nas suas caudas. No versículo dez lemos que os gafanhotos, simbólicos dos árabes tinham caudas 'semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas', 'para danificar os homens'. Agora, os cavalos, simbólicos da cavalaria otomana, tinham caudas 'semelhantes a serpentes' com cabeças que danificavam. Ambos — os gafanhotos árabes e os cavalos turcos — tinham caudas venenosas — veneno de escorpião e veneno de serpente. Árabes e turcos injetariam veneno nas suas vítimas. E que veneno daninho poderia ser senão o da falsa política civil-religiosa que imporiam pela fôrça aos povos que haveriam de subjugar pelas armas?" (MELLO, 1959, p. 248).

9.20

Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar;

Os crentes do falso cristianismo romanista, que não foram mortos nas guerras islâmicas contra Roma Oriental, não se converteram a Cristo, não deixaram a adoração aos demônios disfarçados pelas crenças pagãs que envolviam o culto às imagens de ouro, prata, cobre, argila e madeira, as quais não saem do lugar e dependem de seus próprios devotos;

9.21

nem ainda se arrependeram dos seus assassinios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos.

também não abandonaram seus outros pecados: assassinatos, feitiçarias, depravações e licenciamentos, e roubos.

"Outra alteração que o papado fez na lei de Deus foi tirar do catecismo o mandamento que proíbe adorar ou reverenciar as imagens (Êxodo 20:4-6). Durante a sexta trombeta, junto com urna série de graves pecados, é apresentada a adoração de irnagens (Apocalipse 9:20, 21). Deus é muito claro em dizer que não aceita que O adorem por meio de imagens (Isaías 42:8). Por isso é que em Apocalipse 21:8 e 22:15 se diz que os idólatras não se salvarão. Deus é Espírito e só aceita uma adoração espiritual (São João 4:23, 24)" (BELVEDERE, 1987, p. 77).

"Deus quer que os homens tomem nota dos Seus juízos e recebam as lições que por eles deseja dar-lhes. Mas quão tardos são em aprender, e quão cegos às indicações da Providência! Os eventos ocorridos sob a sexta trombeta constituíam o segundo ai. e não levaram os homens a melhorar na conduta e moral. Os que deles escaparam nada aprenderam da sua manifestação na Terra. As hordas dos sarracenos e turcos foram soltas sobre a cristandade

apóstata como flagelo e castigo. Os homens sofreram o castigo, mas não aprenderam dele nenhuma lição” (SMITH, 1979, p. 153).

“Os outros homens, que não foram mortos por estas pragas’, isto é, pelas armas de fogo da cavalaria turca, são os demais governantes cristãos europeus e seus súditos aos quais não chegou a desolação turca. Eles não encararam o terrível ataque turco como um flagelo merecido pelo Império do Oriente, como prêmio de seus pecados e de sua aborrecível idolatria que era odiada com ódio mortal pelos maometanos.

“Não se arrependeram’ do culto dos ‘demônios’, como é considerada a idolatria pelas Sagradas Escrituras. Nem tão pouco ‘se arrependeram’ dos seus ‘homicídios’, de suas ‘feitiçarias’, de suas ‘prostituições’ e ‘das suas ladroices’. Eis o quadro do cristianismo apresentado na profecia! Um cristianismo sem Cristo e apóstata, odiado de morte pelos conquistadores muçulmanos.

“Deus não se agrada daqueles que não aprendem as lições que seus juízos lhes ensinam. Antes da visão das trombetas sobre os árabes e os turcos, a advertência clara foi — ‘ai! ai dos que habitam sobre a terra’. Mas o cristianismo nominal daqueles dias do avanço maometano, nem um caso fez, como hoje também não o faz, das advertências do céu. Nem antes nem depois dos açoites dos árabes e turcos se arrependeu de sua vã idolatria e de seus homicídios e maldades. O castigo, as ‘pragas’ maometanas, não o induziu a melhorar a conduta e a moralidade. A lição foi desprezada com grave perda para a vida moral e espiritual.

“E assim caíram os dois Impérios, as duas Romas cristãs — Ocidental e Oriental — aquela sob as hordas visigoda, vândala, hunas e hérulas, e esta sob as hordas árabe e turca do Islã” (MELLO, 1959, p. 249).

“É importante notar que o segundo ‘ai’ não termina aqui, ele continua até Apoc. 11:14” (RAMOS, 2006, p. 55).

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGsvt5h81TkGtG2mfcwW7wPZk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

BÍBLIA, Apocalipse. Português. Bíblia de Estudo Arqueológica NVI. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, p. 2042-2076, 2013.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sobre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

NEWTON, Isaac. **As profecias do apocalipse e o livro de Daniel**. Editora Pensamento, 2011.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 2, 2006.

RODRÍGUEZ, Ángel Manuel. **Revista Ministério**, mai.-jun., 2012. 50 slides. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/ocrente/3-apocalipse-as-sete-trombetas/3>>. Acesso em: dez., 2019.

ROSSI, Rafael; BARBOSA, Wellington Vedovello. **Apocalipse, o fim revelado**. Guia de Estudo Bíblico, 2012. Disponível em: <https://evangelismo.s3.amazonaws.com/estudos_Apocalipse_ofimrevelado.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e Profetas**, 2007. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: mai. 2017.

_____. **O Grande Conflito**, 2013a. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

_____. **Testemunhos para a Igreja**, v. 1, 2013b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20a%20Igreja%201.pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

Apocalipse 10

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

10.1

Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo;

Eu, João, avistei outro anjo poderoso descendo do céu; era Jesus, o Anjo Javé (YHWH), cheio de misericórdia para salvar a humanidade; Sua face brilhava como o próprio sol, e Suas pernas, eu as comparo a pilares flamejantes;

“2. Seu rosto com o sol.

a. O rosto de Jesus brilha como o sol Apoc. 1:16; Mat. 17:2. Comp. Dan. 10:6.

3. Seus pés como colunas de fogo Apoc. 10:1.

a. Os pés de Jesus são com latão reluzente. Apoc. 1:15; Dan. 10:6” (THIELE, 1960, p. 229).

“O anjo é visto envolto em uma nuvem. As Escrituras freqüentemente relacionam nuvens às aparições de Cristo (Dan. 7:13; Atos 1: 9; Apoc. 1: 7; 14:14; cf. Sal. 104: 3; 1 Tes. 4:17). [...] Como o sol. Compare a descrição de Cristo no cap. 1:16. Pés. A comparação dos pés como colunas parece um tanto incongruente, mas a palavra ‘pés’ (pous) também designa as pernas, que se assemelham a colunas de fogo (cf. Cant. 5:15; cf. com. Eze. 1: 7). Colunas de fogo. Compare a descrição dos pés de Cristo no cap. 1:15” (NICHOL, 1980, p. 812).

“O poderoso anjo [de Apocalipse 10], que instruiu João, era ninguém menos que Jesus Cristo. Colocando o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre terra seca, mostrou a parte que está executando nas cenas finais da grande controvérsia com Satanás. Esta posição denota Seu supremo poder e autoridade sobre toda a Terra. A controvérsia tem-se tornado mais intensa e mais determinada de tempos em tempos, e assim prosseguirá até as últimas cenas, quando a obra magistral dos poderes das trevas atingirá o cume. Satanás, unido a homens maus, enganará toda a Terra e as igrejas que não receberem o amor da verdade. Mas o poderoso Anjo requer atenção. Grita com grande voz. Demonstrará o poder e autoridade de Sua voz a todos os que se uniram a Satanás na oposição à verdade” (WHITE, 2005, p.180).

“[...] este anjo é idêntico ao primeiro anjo de Apocalipse 14. Os detalhes dessa identidade são facilmente notados: Ambos têm uma mensagem especial a proclamar; ambos fazem a sua proclamação com grande voz; ambos usam a linguagem semelhante, referindo-se ao Criador como Autor do Céu e da Terra, do mar e do que neles há; ambos proclamam tempo, um jurando que não haveria mais tempo, e outro dizendo que tinha chegado a hora do juízo de Deus. Mas a mensagem de Apocalipse 14:6 é localizada além do começo do tempo do fim. É uma proclamação da vinda da hora do juízo de Deus, e por isso deve aplicar-se à última geração” (SMITH, 1979, p. 155 e 156).

“Quando o homem pela sua grande impiedade convida os juízos divinos, o Salvador, intercedendo junto ao Pai em seu favor, aponta para o arco nas nuvens, para o arco celeste em redor do trono e acima de Sua cabeça, como sinal da misericórdia de Deus para com o pecador arrependido” (WHITE, 2007, p. 80).

“Um anjo, nas profecias do evangelho que dizem respeito à evangelização geral do mundo, é emblema dum movimento religioso a ocorrer na terra. O símbolo dum anjo tão somente indica o movimento e sua natureza celestial. A expressão — anjo forte — designa o poder com que se manifestaria o movimento religioso desta profecia. E, sua vestimenta ‘de uma nuvem’, é simbólica da presença de Deus como guia do movimento, pois uma nuvem sôbre o acampamento de Israel e suas jornadas era evidência da presença de Deus como guia de Seu povo (Nm 10.11-12).

“O arco celeste da divina graça que se acha em tórno do trono de Deus (Ap 4.3) aparece por cima da cabeça do anjo, como prova de que o movimento por êle representado traz uma mensagem de convite e perdão ao pecador. Porém, o anjo tem o seu rosto ‘como o sol e os seus pés como colunas de fogo’. Esta é a primeira vez que uma profecia refere um movimento religioso figurado num anjo como tal. Pôsto que a mensagem do movimento que êle representa seja de graça e de perdão, seu rosto e seus pés anunciam que também possui uma mensagem de juízo.

“O sol do seu rosto é figura de meticolosa investigação ou de juízo investigativo, enquanto o fogo dos seus pés é emblema de justiça ou de juízo executivo. [De onde você tirou essa ideia? Não há aqui em seus escritos uma tentativa de fundamentar essa ideia.] Todavia, ainda que a mensagem anuncie a proximidade do juízo, é acompanhada da misericordiosa graça: ‘Porque o juízo será sem misericórdia sôbre aquele que não fêz misericórdia; e a misericórdia triunfa do juízo’ (Tg 2.13)” (MELLO, 1959, p. 251 e 252).

10.2	e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra,	Ele tinha em uma das mãos o rolo desenrolado do profeta Daniel. Sua autoridade se estendia por todo o planeta, sobre pessoas e territórios;
------	--	---

“Mar e terra são usados repetidamente para abranger o mundo como uma unidade (Êx 20: 4,11; Sl 69: 34). O fato de o anjo estar de pé no mar e na terra, sugere a proclamação mundial de sua mensagem e também seu poder e autoridade sobre o mundo” (NICHOL, 1980, p. 813).

“O *livrinho*. – ‘Tinha na mão um livrinho aberto.’ Desta linguagem conclui-se que o livro esteve durante algum tempo fechado. Lemos em Daniel acerca de um livro que devia estar fechado e selado até certo tempo: ‘E tu, Daniel, fecha esta palavra e sela este livro, até o tempo do fim: muitos correrão de uma parte para outra e a ciência se multiplicará.’ Daniel 12:4. Como este livro estaria fechado até o tempo do fim, deduz-se que no tempo do fim o livro devia ser aberto. Como este encerramento estava mencionado em profecia, nada mais razoável do que esperar que nas predições de acontecimentos que deviam ocorrer no tempo

do fim, a abertura deste livro fosse também mencionada. Não se fala de nenhum livro, fechado e selado, além do livro de Daniel, e não há menção da abertura desse livro, senão aqui em Apocalipse 10.

“Vemos, além disso, que em ambos os lugares o conteúdo atribuído ao livro é o mesmo. O livro que Daniel recebe ordens de fechar e selar refere-se a prazos de tempo: ‘Que tempo haverá até o fim das maravilhas?’ (Dan. 12:6) E quando o anjo deste capítulo desce com o livrinho aberto, no qual baseia a sua proclamação, apresenta uma mensagem relativa a tempo, como se vê no versículo 6. Nada mais se podia exigir para mostrar que ambas as expressões se referem a um livro e provar que o livrinho, que o anjo tinha aberto em sua mão, era o livro da profecia de Daniel.

“Fica assim determinado um ponto importante para se estabelecer a cronologia deste anjo. Vimos que a profecia, e em particular os períodos proféticos de Daniel, não deviam ser abertos até o tempo do fim. Se este é o livro que o anjo tinha aberto na mão, segue-se que ele proclama a sua mensagem exatamente no tempo em que o livro devia ser aberto, ou seja, no começo do tempo do fim. O que resta sobre este ponto é certificar-nos de quando começou o tempo do fim, e vimos que o livro de Daniel fornece dados para estabelecê-lo. Em Daniel 11:30, apresenta-se o poder papal.

“No versículo 35 lemos: ‘E alguns dos entendidos cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até o tempo do fim’. O período aqui mencionado da supremacia do chifre pequeno, durante o qual os santos, os tempos e a lei deviam ser entregues na sua mão e dela sofrer terríveis perseguições. Declara-se que isto se realiza até o tempo do fim. Este período terminou em 1798, quando expiraram os 1.260 anos da supremacia papal. Começou então o tempo do fim e o livro foi aberto. Desde então muitos têm estudado o livro, e o conhecimento sobre estes assuntos proféticos tem aumentado maravilhosamente” (SMITH, 1979, p. 154 e 155).

“Prova mais incontestável de que o ‘fim do tempo’, chegou com o fim da supremacia temporal do papado em 1798, temos ainda no capítulo doze do livro de Daniel. No versículo sete é esclarecido que o povo de Deus seria perseguido até completar-se o período de ‘um tempo, dois tempos e metade de um tempo’, ou sejam 1260 anos de supremacia temporal de Roma papal, em realidade findos em 1798 pela espada de França. Como Daniel não entendesse isto e pedisse explicação ao anjo, êste lhe disse: ‘Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim’ (Dn 12.9).

“Note-se a clareza de Gabriel em dizer, em outras palavras, que o ‘tempo do fim’ chegaria com o fim do poder do papado — depois de ‘um tempo, dois tempos e metade de um tempo’, período findo em 1798. O ano de 1798 é, por conseguinte, o marco inicial do ‘fim do tempo’.

“Outra incontestável prova que estabelece êste ano como inicial do ‘fim do tempo’, encontramos no versículo quarenta do capítulo onze, onde a profecia, fazendo alusão à França da revolução, estabelece que ‘no fim do tempo, o rei do sul’, o Egito, lutaria com ela, ‘e o rei do norte, a Turquia, entraria no conflito contra a França. E, qualquer compêndio de história universal estabelece que foi no ano de 1798 que Napoleão Bonaparte invadiu o Egito.

“Outro sucesso ainda, que confirma o início do ‘fim do tempo’ em 1798, é o incremento da ciência; pois notamos que Daniel se refere, enfaticamente, que, ao chegar este tempo, a ciência se multiplicaria ou tomaria lugar a era das invenções modernas. Em verdade as maravilhas da ciência moderna que hoje conhecemos tiveram seu simples começo nos primeiros anos do século dezenove, ao chegar o ‘fim do tempo’ predito.

“Exatamente ao chegar o fim do tempo, manifestou-se, tanto na América como na Europa, um grandioso incremento no estudo das profecias especialmente as do livro de Daniel. E agora, depois de tôdas estas considerações fundadas na própria palavra da profecia, podemos assegurar, que, em 1798 o sêlo do livro de Daniel foi removido, tornando-se êle aberto ao estudo de inúmeros pesquisadores da verdade, resultando no grande movimento religioso do qual falaremos pormenorizadamente no versículo oito.

“A posição do anjo com um pé na terra e outro no mar, denota a extensão mundial do movimento missionário por êle representado e também de que a mensagem do livro de Daniel deveria atravessar os mares e alcançar os continentes ao chegar o ‘fim do tempo’ (MELLO, 1959, p. 253 e 254).

“[...] a mensagem de Apocalipse 14:6 é localizada além do começo do tempo do fim. É uma proclamação da vinda da hora do juízo de Deus, e por isso deve aplicar-se à última geração. Paulo não pregou a vinda da hora do juízo. Lutero e seus auxiliares não a pregaram. Paulo falou de um juízo vindouro, num futuro indefinido; Lutero o colocava a 300 anos depois do seu tempo. Além disso Paulo adverte a igreja contra qualquer que pregasse que a hora do juízo de Deus tinha vindo, antes de certo tempo. Diz ele:

“—‘Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o Dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado’ (2 Tess. 2:1-3). Aqui Paulo dirige os nossos olhos para o homem do pecado, o chifre pequeno, o papado, e abarca com uma advertência todo o período da sua supremacia, que, como já notamos, continuou durante 1.260 anos, terminando em 1798.

“Nesse ano cessou, portanto, a restrição contra a proclamação de que o dia de Cristo estava às portas. Em 1798 começou o tempo do fim e foi tirado o selo do livrinho. Desde então o anjo de Apocalipse 14 saiu proclamando que vinda era a hora do juízo de Deus. E também desde então, o anjo do capítulo 10 tem estado de pé sobre o mar e na terra, e jurou que não haveria mais tempo. De sua identidade não pode haver dúvida. Todos os argumentos que servem para localizar um, são igualmente válidos no caso do outro.

“Não necessitamos entrar aqui em qualquer argumento para mostrar que a geração atual está presenciando o cumprimento destas duas profecias. Na pregação do Advento, mais especialmente de 1840 a 1844, começou o seu cumprimento pleno e circunstancial. A posição deste anjo, com um pé sobre o mar e o outro sobre a terra, sugere o amplo alcance da sua proclamação em mar e terra. Se esta mensagem fosse destinada a um só país teria sido suficiente que o anjo tomasse a sua posição só na terra. Mas ele tem um pé sobre o mar, donde podemos inferir que a sua mensagem devia atravessar o oceano e estender-se até as várias nações e divisões do globo. Esta inferência é confirmada pelo fato de que a proclamação do Advento, acima referida, se estendeu a cada estação missionária no mundo. Voltaremos a falar acerca deste assunto no capítulo 14” (SMITH, 1979, p. 156 e 157).

“As ‘palavras’ que se achavam encerradas nos dia de Daniel, não deveriam permanecer assim para sempre. Elas permaneceriam ‘fechadas’ apenas até o ‘tempo do fim’ (Daniel 12:9), até que se completasse o tempo especificado na profecia: ‘um tempo, dois tempos e metade de um tempo’ (Daniel 12:7), ou três anos e meio. Considerando o princípio de interpretação profética ‘dia-ano’ (Números 14:34; Ezequiel 4:6-7), este período de tempo corresponde aos 1.260 anos de supremacia papal (Daniel 7:25), que vai de 538 até 1798 d.C.

“Ao eliminar os Ostrogodos, a última tribo ariana, em 538 d.C. [Dn 7.8], o papado não tinha mais obstáculos em seu caminho. Assim, em 538 deu-se início ao período de 1.260 anos de supremacia papal. No ano de 1798, em decorrência da Revolução Francesa, o papa Pio VI foi aprisionado pelo general Berthier, da França. Este episódio marca o fim deste tempo profético de supremacia papal. De acordo com a profecia de Daniel, as palavras seladas do livro seriam desseladas e compreendidas depois 1798 d.C., no tempo do fim: ‘muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará’ (Daniel 12:4)” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 32).

10.3

e bradou em grande voz, como rugiu um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes.

Jesus ergueu Sua voz como o próprio Deus, e quando falou, eu escutei sete trovões que também falavam com estrondo universal.

10.4	Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas.	Assim que a voz dos sete trovões terminou de falar, eu, João, já ia escrever o que ela disse, mas imediatamente outra voz, vinda do céu, falou: “não revele o conteúdo da voz dos sete trovões”.
------	--	--

“O Anjo brada como o rugido de um leão. Um bramido de leão simboliza a voz de Deus (veja Os 11:10; Ap 5:5)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 57).

“Os sete trovões fizeram soar suas vozes ao proferir o anjo poderosamente a sua mensagem. Isto denota que suas vozes estão ligadas ao grande movimento ou ao tempo da proclamação da mensagem do livro de Daniel aberto. Quais são em verdade suas sete vozes, não nos é dado conhecer, pois por ordem duma voz do céu não foram elas escritas para a posteridade. Que seriam entretanto solenes acontecimentos, podemos prever por suas vozes simbólicas de trovões. Deus achou por bem silenciá-las para não serem seus filhos antecipadamente perturbados pelos acontecimentos a que elas diriam respeito. Todavia o Senhor fortaleceria a seus escolhidos para que pudessem enfrentar os “trovões” ao soarem êles suas poderosas vozes” (MELLO, 1959, p. 254).

Ou para cumprimento do “não fazer saber” de Mt 24.36 que Jesus profetizou. Só o Pai fará saber o dia da vinda de Jesus, não os profetas, anjos e nem mesmo o próprio Senhor Jesus!

“Sete trovões. Outra das várias séries de sete que caracterizam o Apocalipse (ver com. cap. 1: 11). [...] eu ia escrever. João entende as vozes dos sete trovões e se prepara para gravar suas mensagem. Esta passagem indica que João registrou as visões do Apocalipse quando eles lhe foram revelados, e não mais tarde” (NICHOL, 1980, p. 813).

10.5	Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu	Então, Jesus, com toda Sua autoridade sobre o planeta Terra, ergueu Sua mão direita para o céu
10.6	e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora,	e prometeu por Deus, e, portanto, por Ele mesmo, o Criador do planeta e seu conteúdo, o seguinte: “após o término dos 2300 anos de Daniel 8.14, não haverá outra profecia de tempo,

“a. A hora para se cumprir a mensagem para um tempo solene.

(1) A vinda da hora do juízo de Deus. Apoc. 14:6,7.

(2) O santuário a ser purificado depois dos 2300 dias. Dan. 8:14,17,26.

(3) O mistério de Deus a ser terminado. Apoc. 10:7; Eze. 3:3-6; Rom. 16:25, 26” (THIELE, 1960, p. 230).

“*Que criou.* Cf. Exo. 20:11; Sal. 146:6. Um juramento mais solene não poderia ter sido feito (ver Hebreus 6:13). Quando o anjo, que é Cristo, jura pelo Criador (veja com. Apoc. 10:1), ele está jurando por si mesmo” (NICHOL, 1980, p. 813).

“Outra vez, o verso 6 fala a linguagem do quarto mandamento, a qual diz que o Senhor fez o céu, a Terra e tudo o que neles há (Êxodo 20:8-11). Como no livro de Daniel, o Filho de Deus apóia o Seu juramento nos Dez Mandamentos” (FEYERABEND, 2005, p. 86).

“A primeira e a segunda mensagens (Apocalipse 14:6-8) foram dadas em 1843, 1844, e estamos agora sob a proclamação da terceira; mas todas as três mensagens devem ainda ser proclamadas. É tão essencial agora, como sempre o foi, que sejam repetidas àqueles que estão em busca da verdade. Mediante a pena e a voz devemos fazer soar a proclamação,

mostrando sua ordem e a aplicação das profecias que nos levam à terceira mensagem angélica. Não pode haver uma terceira sem a primeira e a segunda. [...] O livro que foi selado não foi o livro do Apocalipse, mas aquela porção da profecia de Daniel relacionada com os últimos dias. [...] Quando o livro foi aberto, fez-se a proclamação: 'Já não haverá demora.' Apocalipse 10:6. O livro de Daniel está agora aberto, e a revelação feita por Cristo a João deve ir a todos os habitantes da Terra. Pela multiplicação do saber, um povo deve ser preparado para permanecer em pé nos últimos dias" (WHITE, 2001, p. 698).

"Não haveria mais tempo.' [Figueiredo] [...] Certamente num anúncio feito com tanta ênfase como o do verso 6, se se quisesse dizer demora em vez de tempo (profético), a palavra usada seria *anabolé*, demora, (Atos 25:17) ou talvez okneo, (Atos 9:38). É verdade que o verbo derivado de *chronos*, a saber *chronizo* é usado no sentido de demorar (Mat. 24:48; Luc. 12:45).

"Mas *chronizo* significa somente 'passar o tempo' ou 'deixar o tempo passar', e por isso adquire o significado de 'demorar' ou 'dilatarse'. Mas a palavra *chronos* indica o 'tempo' no absoluto, e existe motivo para crer que é este o significado (em sentido profético) e no verso 6; e visto que se usa uma predição relacionada com uma profecia muito importante, estamos justificados a entendê-lo como tempo profético. Não que o tempo nunca mais será usado no sentido profético, porque os 'dias da voz do sétimo anjo', de que se fala logo em seguida, significam sem dúvida os anos do sétimo anjo. Significa que nenhum período profético se estenderá para além do tempo desta mensagem. Podem ler-se, nos comentários de Daniel 8:14, argumentos mostrando que os mais longos períodos proféticos não se estendem, com efeito, para além do outono de 1844" (SMITH, 1979, p. 157 e 158).

"Este anjo do capítulo dez identifica-se precisamente com o primeiro anjo do capítulo quatorze. Ambos conduzem uma mensagem de graça e de juízo para proclamá-la. Ambos proferem sua proclamação com poderosa voz. Ambos exaltam a Deus como Criador dos céus, da terra, do mar e tudo o que nêles há. Assim o anjo do capítulo dez é o mesmo primeiro anjo do capítulo quatorze, onde é apresentada sua obra de extensão mundial e a sua mensagem da hora do juízo. [...] A expressão — que não haveria mais tempo — relacionada com este anjo do capítulo dez e sua obra, é indicativa de que o movimento que este anjo representa está ligado ou fundamentado em um período de tempo especial, depois do qual não haveria outro que se estendesse além de seu término.

"E não há dúvida de que o movimento neste capítulo predito surgiu nos derradeiros dias do maior período de tempo — tempo profético — da revelação, como encontrado no livro de Daniel capítulo oito versículo quatorze, concluído em 1844. E não encontramos, quer no Velho quer no Novo Testamento, outro período de tempo profético que vá além de 1844. Atualmente vivemos na hora do juízo, iniciado em 1844, findo o qual findará a graça salvadora e a corrompida civilização encontrará o seu fim. E não há outro período ou 'tempo profético' anunciando a duração do tempo do juízo ou outra qualquer ocorrência" (MELLO, 1959, p. 255).

"Quando o Anjo declara que 'já não haverá demora' (Ap 10:6), a palavra grega *chronos* mostra que Ele Se refere a um período de tempo. Isso remete novamente a Daniel 12:6, 7, em que um anjo declara que a perseguição dos santos duraria um tempo, dois tempos e metade de um tempo, ou 1.260 anos (538 a.C. – 1798 d.C.), durante os quais a igreja foi perseguida pelo papado (compare com Dn 7:25). Visto que em Daniel e em Apocalipse um 'dia' profético simboliza um ano (Nm 14:34; Ez 4:6), 360 'dias' equivalem a 360 anos, e três tempos e meio (ou 'anos') representam 1.260 'dias' ou anos. Algum tempo depois desse período profético, viria o fim.

"A afirmação de que 'já não haverá demora' (Ap 10:6) se refere às profecias de tempo de Daniel, especialmente os 2.300 dias proféticos de Daniel 8:14 (457 a.C. – 1844 d.C.). Após esse período, não haverá mais períodos de tempo proféticos. Ellen White declarou: 'Esse tempo, que o Anjo mencionou com solene juramento [...] é [...] tempo profético, que precederia o advento de nosso Senhor. Ou seja, o povo não terá outra mensagem com tempo definido. Após o fim desse período de tempo, que vai de 1842 a 1844, não pode haver um esboço definido de tempo profético. O mais longo cômputo chega ao outono de 1844' (Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, v. 7, p. 1.085)" (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 57).

"Já não haverá demora". "Esta declaração misteriosa tem sido interpretada de várias maneiras. Muitos expositores entenderam que ela marca o fim dos tempos e o começo da eternidade. Outros fizeram uso da palavra 'tempo' no sentido do tempo que passa imediatamente antes dos eventos finais da história e traduziu: 'não haverá mais'. Os adventistas do sétimo dia geralmente entendem que essas palavras descrevem particularmente a mensagem proclamada nos anos 1840-1844 por Guillerme Miller e outros, a respeito do fim da profecia dos 2.300 dias. Eles entenderam que 'tempo' é tempo profético e que seu fim significa a conclusão da profecia cronológica mais longa da Bíblia: o período dos 2.300 dias de Dan. 8:14. Após essa profecia, não haveria outra mensagem fundamentada em um tempo exato e definido. Não há outro período profético que se estende além de 1844" (NICHOL, 1980, p. 813).

"Ele declarou: 'Já não haverá demora'. Esta profecia não se refere ao fim da história, mas ao ponto na história em que as profecias de tempo de Daniel 8-12 se cumpririam (Daniel 8:13-14; 12:7-12). Usando o historicismo como método de interpretação profética, identificamos o cumprimento das duas maiores profecias de Daniel (1.260 dias/ anos e 2.300 dias/anos) em 1798 a.D. e 1844 a.D. O período que se segue é chamado de 'tempo do fim' (Daniel 11:40; 12:4, 9)" (OLIVEIRA et. al., 2015, p. 32).

"O tempo da profecia: Quando o papa Pio VI foi capturado por Bertier, general de Napoleão, e foi exilado, a profecia de 1.260 anos passou a ter um novo significado para os estudantes da Bíblia. Muitos chegaram à conclusão de que o período começou no reinado do imperador romano Justiniano, em 538, e terminou com a Revolução Francesa, em 1798. Os 2.300 dias de Daniel 8:14 foram considerados 2.300 anos por rabinos judeus já no século 9. No século 13, Arnold Villanova, um teólogo cristão e médico, também considerou os 2.300 anos como sendo dias. Em 1769, Johann Petri, um ministro da Igreja Reformada Alemã, percebeu que as 70 semanas de Daniel 9 foram dadas para que compreendêssemos os 2.300 dias de Daniel 8.

"Baseados em suas conclusões sobre a profecia de 2.300 dias, centenas de pregadores na Europa, América e em muitos outros lugares predisseram a volta literal de Cristo no ano de 1844, ou por volta disso. Entre esses pregadores estavam líderes congregacionalistas, metodistas, batistas, presbiterianos, episcopais e católicos. Era uma mensagem que tocava o coração e apelava às congregações mais espirituais. O anúncio do anjo não era a respeito do fim do tempo literal, mas do fim do tempo profético. Não há profecia cronológica na Bíblia que se estenda além de 1844" (FEYERABEND, 2005, p. 86 e 87).

10.7

mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.

pois, quando o sétimo anjo for tocar sua trombeta, ou seja, quando o Sumo sacerdote Jesus concluir Seu ministério no lugar santíssimo, pouco antes disso, Deus terá conseguido separar um povo para Si, mesmo na pior época de toda a história da humanidade! O evangelho terá sido anunciado em todo o planeta para oportunizar a redenção divina a todos de todas as gerações, em particular das gerações da sétima trombeta, as últimas antes do retorno de Jesus! Desde Adão e Eva Ele tem anunciado isso por Seus profetas e cumprirá nos dias finais do tempo do fim".

O início da sétima trombeta ocorre em Apocalipse 11.15. Para uma compreensão do entorno dessa trombeta, confira esse texto e seus respectivos comentários. Um dos comen-

tários que ali se verá é o parágrafo seguinte, de Ellen G. White (2013, p. 263):

“Em torno de Sua vinda agrupam-se as glórias daquela ‘restauração de tudo’, de que ‘Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas desde o princípio.’ Atos 3:21. Quebrar-se-á então o prolongado domínio do mal; ‘os reinos do mundo’ tornar-se-ão ‘de nosso Senhor e de Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre.’ Apocalipse 11:15. ‘A glória do Senhor se manifestará’, e toda carne juntamente a verá. ‘O Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações.’ Ele será por ‘coroa gloriosa, e por grinalda formosa, para os restantes de Seu povo.’ Isaías 40:5; 61:11; 28:5.”

“Deveríamos observar, em primeiro lugar, que o Anjo de João não anunciou o *fim último* de tempo. Ele estabeleceu enfaticamente que o longamente aguardado cumprimento do mistério de Deus (a pregação final do evangelho a todo o mundo) ainda estava por ser alcançado nos ‘**dias**’ em que o sétimo anjo tocaria a sua trombeta. Apocalipse 10.7” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 284 e 285). Ao final dos comentários sobre este verso, esses autores se detalharão sobre “o mistério de Deus”.

“A sétima trombeta marca um destaque no grande conflito entre Cristo e Satanás, como revelado pela proclamação das vozes do céu naquele tempo (cap. 11:15). ‘O mistério de Deus.’ Para um comentário sobre a palavra ‘mistério’, cf. com. Apoc. 1:20; cf. com. Rom. 11:25. Jesus usou uma frase semelhante: ‘o mistério do reino de Deus’ (Marcos 4:11), e Paulo também fala do ‘mistério de Deus’ (Col. 2:2), e o ‘mistério de Cristo’ (Colossenses 4:3). O mistério de Deus, que Ele revela aos seus filhos, é o Seu propósito para eles: o plano de salvação. Cf. 1ª Tim. 3:16; [...] ‘Seus servos, os profetas.’ A declaração e exposição do ‘mistério de Deus’ (ver com. 11 ‘o mistério de Deus’) sempre foi a missão de seus servos, os profetas em suas mensagens para os homens (veja em Rom. 3:21)” (NICHOL, 1980, p. 813 e 814).

“A sétima trombeta. – Esta sétima trombeta não é aquela de que se fala em 1 Coríntios 15:52 como sendo a última trombeta, que desperta os mortos, mas é a sétima da série das sete trombetas, e como as outras desta série, ao soar ocupa dias proféticos (anos). Nos dias em que comece a tocar, estará terminado o mistério de Deus. Não no dia em que ela há de começar a soar, nem no próprio começo do seu somido, mas nos primeiros dias do seu somido, o mistério de Deus há de estar terminado.

“Pelos acontecimentos que devem ocorrer sob o toque da sétima trombeta, o seu início pode ser fixado, com suficiente precisão, no fim dos períodos proféticos em 1844. Não muitos anos depois dessa data o mistério de Deus deve, pois, estar terminado.

“[...] O mistério de Deus. – Alguns testemunhos diretos do Livro, que foi dado como lâmpada para os nossos pés, mostrarão em que consiste este mistério. ‘Descobrimo-nos o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito que propusera em Si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos Céus como as que estão na Terra’ (Efés. 1:9, 10). Aqui o propósito de Deus de congregar todas as coisas em Cristo é chamado o ‘mistério’ da Sua vontade. Isto se realiza pelo Evangelho (Efésios 6:19); ‘E por mim [Paulo pede que se façam orações], para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do Evangelho’ (Efés. 6:19).

“Afirma-se aqui claramente que o Evangelho é um mistério. [...] É, pois, o mesmo que se o anjo declarasse: Nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o Evangelho. Mas que é o cumprimento do Evangelho? Vejamos primeiro para que foi ele dado. Foi dado para tomar das nações um povo para o nome de Deus (Atos 15:14). Seu cumprimento deve, portanto, ser o fim desta obra. Terminará quando se completar o número do povo de Deus, quando deixar de se oferecer a misericórdia e terminar o tempo de graça” (SMITH, 1979, p. 159 e 160).

“Mistério – ‘Os textos mencionados a seguir contêm a palavra mistério: Rom. 11:25: ‘Esse mistério’ – o trato de Deus com Israel e sua salvação futura. I Cor. 15:51: ‘Eis que vos digo um mistério’ – a transformação pela qual passarão os crentes quando Cristo voltar.

Efés. 1:9 e 10: 'O mistério da Sua vontade' – o povo de Deus unido com Ele na herança eterna.

Efés. 6:19: 'O mistério do evangelho' – a graça de Deus que tinha estado oculta aos gentios, mas agora lhes foi revelada.

Coloss. 4:3: 'Mistério de Cristo' – as coisas de Deus reveladas por meio de Cristo.

II Tess. 2:7: 'O mistério da iniquidade' – refere-se a um poder que se caracteriza pela ilegalidade; Satanás e seus agentes.

"A palavra mistério, no Novo Testamento, se refere aos segredos de que os servos de Deus se tornam conhecedores por revelação divina. Em Apocalipse 10:7, 'o mistério de Deus' é o Seu propósito salvífico, que será plenamente conhecido no fim da história humana. Com o toque da sétima trombeta, Deus efetuará o cumprimento do plano da redenção, que Ele concebeu antes da Criação do mundo e pôs em execução imediatamente depois que nossos primeiros pais caíram em pecado. Este plano encontrará sua finalidade no estabelecimento do reino de Deus para todo o sempre.

"[...] Se cumpriria o mistério de Deus - 'O fim do tempo profético. O soar da sétima trombeta anuncia a etapa final da obra redentora da parte de Deus: 'Nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo Ele anunciou aos Seus servos, os profetas. ' verso 7. Esta proclamação assinala o fim das profecias e inicia os últimos dias" (BATTISTONE, 1989 p. 151 e 152).

"No capítulo dez vemos que o movimento simbolizado no anjo alcançaria até o ano de 1844 e que, de acordo com as palavras do juramento do angélico ser, a voz do sétimo anjo não seria ouvida durante o referido movimento que encontrou seu fim na primavera de 1844. Disto nos certificamos de que a voz do sétimo anjo começaria a fazer-se ouvir da primavera de 1844 em diante, imediatamente ao concluir-se a obra do anjo do capítulo dez. Desde 1844 para cá, portanto, se está consumando o 'segrêdo de Deus'. Todavia perguntamos: O que é o 'segrêdo de Deus?'

"O 'segrêdo de Deus' é também nas Escrituras Sagradas chamado — mistério de Deus. Os textos aqui indicados certificam que o 'segrêdo' ou o 'mistério de Deus' é o grande plano da salvação em Jesus Cristo (Rm 16.25, 26). Esteve oculto no passado, mas, manifestou-se em sua glória pela pregação do evangelho ao mundo gentílico, e, 'Cristo em vós', ou Cristo recebido no coração do contrito pecador, é considerado 'as riquezas da glória dêste mistério'.

"Mas o anjo do Apocalipse dez, em seu juramento, proclama que 'nos dias da voz do sétimo anjo', se cumpriria 'o segrêdo de Deus'. Quer isto dizer que, de 1844 ao final, seria consumada a obra do evangelho no mundo. Não foi consumada na Velha Dispensação chamada Mosáica, por incredulidade do antigo povo de Deus que por isso mesmo foi rejeitado como Seu povo. Não foi consumado na era cristã até antes de 1844, porque o cristianismo deixou de cumprir a sua missão, apostatando.

"Mas seria consumado de 1844 ao final, na voz do sétimo anjo, o que implica em dizer que um glorioso movimento mundial tomaria lugar desta data em diante, proclamando o 'mistério de Deus' e consumando a obra da redenção entre as nações, através da pureza do evangelho isento de erros e tradições humanas. E êste movimento predito surgiu em 1844, exatamente depois do primeiro movimento que findou nesta data, tem abrangido todo o mundo, e logo terminará a sua tarefa quando tôdas as coisas serão novamente congregadas em Cristo Jesus" (MELLO, 1959, p. 255 e 256).

Jesus foi o único ser/movimento capaz de ter "pureza do evangelho isento de erros e tradições humanas". Onde que a Bíblia afirma que outro ser/movimento teria algo semelhante?

Mas, segundo Feyerabend (2005, p. 87 e 88) a sétima trombeta já tocou: "O grande mistério do evangelho é Jesus Cristo. Ele é o único mexo de salvação, não apenas para os gentios, mas também para os judeus. 'E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo' (Mateus 24:14). Desde o século 19, vivemos no tempo da sétima trombeta. Durante o século

19, a pregação do evangelho começou com poder especial, e a cada dia esse poder está aumentando. Vivemos nos dias em que o mistério de Deus acabará [...] Muito em breve o mistério de Deus acabará. A pregação do evangelho estará concluída”.

“Mas... o que é o **‘mistério de Deus’**? Em o Novo Testamento, ‘mistério’ é uma verdade maravilhosa ou um extraordinário plano divino que jamais chegaríamos a conhecer se o próprio Deus não no-lo houvesse revelado. ‘A vós outros’, disse Jesus a Seus discípulos, ‘é dado conhecer os mistérios do reino de Deus.’ S. Lucas 8:10. Paulo faz referência ao ‘mistério que... agora... se manifestou aos Seus santos’. Colossenses 1:26.

“Também Pedro, a exemplo de João, falou do interesse dos profetas do Antigo Testamento pela graça que mais tarde seria *revelada* através de Jesus Cristo. Veja I S. Pedro 1:10-12. O maior de todos os mistérios é o ‘mistério de nossa religião’: ‘Aquele [Cristo] que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.’ I Timóteo 3:16.

“Outro mistério estupendo é a confortadora, e ainda assim impelente, transformadora e inteiramente maravilhosa relação que os cristãos podem desfrutar com seu Senhor e Salvador, este ‘mistério ... que é Cristo em vós, a esperança da glória’. Colossenses 1:27. Paulo fala a respeito do ‘mistério do Evangelho’, o qual, segundo ele, produz ‘a obediência por fé’. Efésios 6:19; Romanos 16:25 e 26. Noutra parte, Paulo fala do divino plano que deveria ocorrer na ‘plenitude do tempo’, de fazer convergir nEle ‘todas as coisas, tanto as do Céu como as da Terra’. Efésios 1:9 e 10. Aqui, tal qual o Anjo que segura o livrinho, Paulo situa o cumprimento final do mistério de Deus no tempo do fim, ou ‘plenitude do tempo’, o tempo durante o qual estamos vivendo agora.

“Numa das mais excitantes expressões de todos os seus escritos, Paulo diz que faz parte do mistério de Deus que ‘pela igreja a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais’. Efésios 3:10. Já nos acostumamos a observar o gracioso e amigável interesse que os seres celestiais têm por nós. Aqui, entretanto, somos levados à empolgante constatação de que os anjos também têm algo a aprender de nós, nesse grande plano de Deus!

“Quando os seres celestiais passam a observar o desdobramento do mistério de Deus em nossa vida, em nossa família, em nosso trabalho e adoração, eles aprendem algo a respeito do que Deus pode fazer em favor dos pecadores. Os seres celestiais vêm como é possível a pessoas comuns, que entretanto se apegam pela fé às promessas da Palavra viva, apossarem-se da sempiterna vida que pertence ao próprio Deus” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 304 e 305).

10.8	A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra.	Novamente aquela voz do céu que falou comigo, me disse: “João, pegue o pergaminho desenrolado que está na mão de Jesus, Aquele que tem influência sobre o planeta.”
10.9	Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel.	Eu fui até Jesus e Lhe pedi o livro de Daniel. Ele me disse: “Aqueles que farão parte de Meu corpo antes do início do tempo do fim, estudarão com empenho aquilo que Eu revelei ao profeta Daniel. Isso será prazeroso inicialmente, mas também causará à Minha igreja amarga tristeza e desapontamento.”
10.10	Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca,	E aconteceu como Jesus falou: os que examinaram as Escrituras de

era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo.

Daniel, depois da sexta trombeta mas antes do término do segundo "ai" e antes do toque da sétima trombeta, entre 1840 e 1844, se deliciaram da promessa da segunda vinda de Jesus, mas por marcarem data para ela, muito sofreram.

"O próprio João é levado a desempenhar o papel de representante da igreja, provavelmente por causa da experiência particular que havia de suceder à igreja, que o Senhor da profecia queria registrar, mas que não era fácil de se apresentar sob o símbolo de um anjo. Quando só é apresentada uma proclamação direta, sem incluir a experiência particular por que a igreja tenha de passar em relação a ela, podem ser usados anjos como símbolos para representar os ensinadores religiosos que proclamam essa mensagem, como em Apocalipse 14.

"Mas quando tem de ser apresentada alguma experiência particular da igreja, o caso é diferente, vindo mais a propósito que fosse apresentada na pessoa de algum membro da família humana. Daí João ser chamado a desempenhar um papel nesta representação simbólica. Sendo este o caso, o anjo que aqui apareceu a João pode representar aquele divino mensageiro que, na ordem observada em toda a obra de Deus, tem a seu cargo esta mensagem; ou pode ser aqui introduzido com o fim de representar a natureza da mensagem, e sua origem.

"*O doce e o amargo.* – O anjo deste capítulo tem na mão um 'livrinho aberto'. Nos comentários sobre o versículo 2, demonstramos que fora selado 'até o tempo do cumprimento' (Dan. 12:9). Ia abrir-se quando se deveriam entender as profecias do livro. Nos comentários sobre Daniel 8:14 ficou demonstrado que a obra de purificação do santuário celestial começou em 1844. Os estudantes da profecia que fizeram esta descoberta entendiam que o santuário significava a Terra, e consideravam erroneamente que esta predição significaria purificar a Terra de sua contaminação e do pecado nesta data.

"Esta mensagem da vinda do Senhor em 1844, rapidamente se espalhou por toda a América e outras partes do mundo. Comoveu os corações dos homens e agitou as igrejas protestantes daquele tempo. Dezenas de milhares esperavam que o Senhor viria no final do grande período profético dos 2.300 dias, em 1844 (ver Dan. 8:14; 9:25-27). Fizeram todos os preparativos para recebê-Lo com grande alegria, e logo se produziu a amargura do desapontamento, porque o Senhor não veio. Seu erro foi em não compreender a natureza do acontecimento que deveria ocorrer no fim do período profético, e não no método de calcular o tempo" (SMITH, 1979, p. 161 e 162).

"O anjo desta profecia é, como já dissemos, representante do grande movimento que envolveu a igreja de Deus nos começos do século XIX. O profeta, porém, toma o lugar de representante pessoal e físico do mesmo movimento. Pôsto que São João vivesse dezessete séculos antes do alvorecer do 'fim do tempo' para que tomasse lugar o grande movimento missionário da igreja de Deus nos primeiros anos do século XIX, é êle escolhido, como um de seus representantes, para desempenhar simbolicamente o papel que a igreja devia desempenhar a seu devido tempo conforme esta profecia. Deste modo, temos aqui o profeta, pròpriamente, como a igreja de Deus e seu inteiro movimento missionário iniciado no 'fim do tempo'. Tudo o que daqui em diante, dos versículos oito a dez, nos referirmos ao profeta, devemos aplicar à igreja de Deus.

"Como vimos na explanação do versículo dois, êste livrinho é o livro de Daniel, aberto no 'fim do tempo' iniciado em 1798. O ato de o profeta ser ordenado a tomar o livrinho da mão do anjo e comê-lo, bem representa os piedosos homens da igreja de Deus que, inspirados por Seu Espírito, tomariam, a princípio do século XIX, o livro de Daniel e estudariam com fervor as suas profecias. Pôsto que o livro de Daniel estivesse aberto, pois o tempo para isso chegara, havia, entre suas solenes profecias uma que dizia respeito exatamente àqueles primeiros anos do 'fim do tempo', sendo que, antes de tôdas, deveria chamar-lhes especialmente

a atenção.

"E esta profecia era a das 'duas mil e trezentas tardes e manhãs' do capítulo oito versículo quatorze, que reza o seguinte: 'E êle me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado'. 'As duas mil e trezentas tardes e manhãs', são dois mil e trezentos dias (Gn 1: 5, 8, 13, 19, 23, 31). Porém, como se trata de uma profecia, cada dia representa um ano literal (Ez 4.6). Temos assim 2300 anos no fim dos quais, diz a revelação, a verdade ou a pura pregação do evangelho deveria ser restaurada e o santuário purificado" (MELLO, 1959, p. 256 e 257).

A purificação do santuário ou início do julgamento do planeta é descrita sucintamente em Dn 8.14. Mas, onde está a afirmação de que o sistema de crenças falsas do chifre pequeno (papado) seria trocado ou mesmo confrontado por outro sistema de crenças verdadeiras e ilibado?

"O capítulo nove do livro de Daniel, que contém a explanação de Gabriel relativa à primeira parte dos 2300 anos, diz-nos que êste grande período da profecia iniciar-se-ia com a 'saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém'. E esta ordem, dada aos judeus que eram cativos no Oriente ao tempo da dominação mundial da Pérsia, foi emitida pelo rei Artaxerxes I, Longimano, na primavera ou na última parte do ano 457 A. C. Contando desta data inicial, os 2300 anos alcançaram a primavera ou a última parte do ano de 1844, quando, então, a verdade seria restaurada pela pregação e o santuário seria purificado. A restauração da verdadeira pregação não temos dúvida de que trata da anunciação mundial do evangelho tal como êle foi inspirado do céu e anunciado outrora pelos profetas e apóstolos do Senhor Jesus. Mas, o que é a purificação do santuário?" (MELLO, 1959, p. 257).

Ótimo. Estamos de acordo quanto a isso. De fato, Deus sempre levanta disseminadores ou oráculos de Suas revelações, as quais são "puras". No entanto, há uma diferença abissal e intransponível entre essa pureza e a daqueles que a disseminam. A água é potável, o copo não. E o resultado é que a água oferecida sempre será incomparavelmente impura em relação à água antes de ser derramada no copo. Pretender "pureza" ao anunciar o evangelho puro é como crer que o instrumento odontológico continua esterilizado após o manuseio e tratamento.

Flagrantemente é uma crença falsa! Mas, graças ao poder de Deus e a pureza de Sua revelação, a "pureza" da transmissão de Sua revelação/Seu evangelho não é critério para a obtenção de êxito em Sua obra de restaurar a humanidade (e a própria Verdade). O sol ilumina e aquece independentemente do óculos que eu uso (escuro ou não), e do abrigo no qual eu estou (sombrio ou não); e o sol faz isso também paralelamente à pregação daqueles que falam sobre o sol, sua iluminação e seu calor! Ou seja, assim como essa estrela, o Sol da justiça é Quem garante o sucesso do oferecimento da graça e justiça divinas a cada membro da humanidade, muito embora Deus conte com o serviço de membros dela.

"João é colocado em uma situação em que ele expressa seu desejo de ter o livro. Desempenha o papel daqueles que proclamaram a mensagem adventista nos anos 1840-1844. Embora esteja errado quanto à hora do evento que proclamaram, foram dirigidos por Deus, e a mensagem do breve do advento era preciosa para suas almas. Seu cálculo da cronologia profética de Dan. 8:14 estava correto (veja o comentário respectivo), mas eles estão errados quanto à natureza do evento que aconteceria com o final dos 2.300 dias.

"*Coma*. Compare com o simbolismo de Eze. 3: 1 (cf. Jer. 15:16). Comer o livro é uma figura da linguagem que representa a total compreensão do significado da mensagem contida no rolo. A experiência de João em Apoc. 10:10 descreve exatamente a dos crentes adventistas quando eles entenderam mais totalmente o significado das mensagens dos três anjos (cap. 14: 6-12) em relação ao verdadeiro cumprimento da profecia de 2.300 dias.

"[...] *Doce como mel*. Ver Eze. 3: 3. As mensagens de Deus para Seus servos têm sido freqüentemente, como em o caso de Ezequiel, uma mistura de doçura e amargura, porque eles podem revelar Seu amor e também Seus castigos. Os profetas de Deus experi-

mentaram o êxtase da visão divina como a amargura de ter que dar mensagens de repreensão. A experiência que João passou nessa visão pode ser considerada, em um sentido específico, como um símbolo daqueles crentes adventistas nos anos 1840-1844. Quando eles ouviram pela primeira, a mensagem da iminência da segunda vinda foi para eles 'doce como mel'; mas quando Cristo não veio como o esperado, sua experiência foi realmente amarga" (NICHOL, 1980, p. 815).

"Segundo o ritual do santuário do antigo Israel, a purificação do santuário significava a remoção simbólica dos pecados do povo de Deus do santuário, através de um sacrifício especial, oferecido no dia dez do sétimo mês judaico, correspondendo a outubro do nosso calendário. O Santuário terrenal, feito por Moisés conforme o modelo do celestial (Êx 25.9,40) era uma figura do santuário da dispensação cristã, no céu, onde Cristo ministra por Sua igreja desde que para lá ascendeu, depois de sua ressurreição. Assim a purificação simbólica do santuário de Israel realizada pelo sumo-sacerdote uma vez ao ano, era emblema da purificação do santuário celeste que Cristo, como oferta sacrificial e Sumo-sacerdote do mesmo, devia realizar a partir do final dos 2300 anos ou de 1844.

"Como no santuário terrenal os serviços diários eram efetuados no lugar santo e a purificação no lugar santíssimo, de modo idêntico, Cristo, desde que ascendeu ao céu, efetuou sua obra de intercessão no lugar santo do santuário celestial até 1844. Nesta data, em outubro, Ele deixou o lugar santo e penetrou no lugar santíssimo para efetuar a purificação do santuário ou seja a remoção dos pecados de seu povo contrito e que n'Ele confia como Mediador entre Deus e o homem. Esta obra de purificação continuará até o fim da graça, finda a qual estará concluída a purificação do santuário e a segunda vinda de Cristo tomará lugar imediatamente. Depois de toda esta exposição acima, perguntamos: Como entenderam a questão da purificação do santuário, segundo a profecia de Daniel, os servos de Deus dos princípios do século XIX?

"A resposta enfática e histórica é esta: Eles entenderam que o santuário a ser purificado no final dos 2300 anos, em 1844, era a própria terra e que, para que isto pudesse ser realizado, Jesus deveria voltar naquele ano e atear fogo e enxofre ao mundo para purificá-lo da maldade humana. Porém, como chegaram a esta conclusão sobre a terra como sendo o santuário a ser purificado? Simplesmente pelo fato de não haver, em 1844, mais santuário na terra e desconhecem a sublime doutrina do santuário celestial figurado pelo terrenal do antigo Israel. O fato de conceberem, pelo livro de Daniel, que Jesus voltaria em 1844 para purificar a terra e salvá-los, é que cumpre a profecia de ter o profeta achado o livrinho doce como o mel ao tomá-lo da mão do anjo e comê-lo. Nada mais glorioso e mais doce para eles do que um livro que lhes indicava matematicamente não só a volta de seu amado Senhor como também o ano certo de Seu aparecimento. Tiveram a grata satisfação de repetirem as experiências dos profetas Jeremias e Ezequiel ao comerem também a mensagem celestial (Ez 3.1-3 e Jr 15.16).

"Esta descoberta que julgavam incontestavelmente verdadeira, acharam por bem levá-la a todo o mundo, pois o anjo fôra visto na visão com um pé na terra e outro no mar. [...] Em primeiro lugar mencionaremos os Estados Unidos da América do Norte, onde a proclamação da volta de Cristo, em 1844, foi mais intensiva. Ali, Guilherme Miller, um fazendeiro de cerca de 50 anos, de Low Hampton, estado de Nova York, que se tornou pastor da igreja Batista, estudou arduamente as profecias de Daniel. 'A profecia que mais claramente parecia revelar o tempo do segundo advento era a de Daniel 8:14: 'Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado'.

"Seguindo sua regra de fazer as Escrituras seu próprio intérprete, Miller descobriu que um dia na profecia simbólica representa um ano (Números 14:34; Ezequiel 4:6); viu que o período de 2300 dias proféticos, ou anos literais, se estenderia muito além do final da dispensação judaica, donde o não poder ele referir-se ao santuário daquela dispensação. Miller aceitou a opinião geralmente acolhida, de que na era cristã a terra era o santuário, e, portanto, compreendeu que a purificação do santuário predita em Daniel 8:14 representa a purificação da terra pelo fogo, à segunda vinda de Cristo' (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 324 e 335). [...] Vários outros ministros, além dos da igreja batista que se uniram a Miller e sua obra, das igrejas Cristã, Metodista, Congregacionalista, etc., aceitaram de bom grado as idéias

de Miller da próxima vinda de Cristo para purificação da terra.

“O chuveiro de Estrêlas predito por Jesus (Mt 24.29) e S. João (Ap 6.13) como precursor do segundo advento, ocorrido a 13 de novembro de 1833, foi recebido como evidência do dia do juízo próximo anunciado pela pregação de Miller. Porém, a profecia da queda da Turquia, cumprida em 11 de agosto de 1840 pelos acontecimentos internacionais, levou multidões a se convencerem ‘da exatidão dos princípios de interpretação profética adotados por Miller e seus companheiros, e maravilhoso impulso foi dado ao movimento do advento. Homens de saber e posição uniram-se a Miller tanto para pregar como para publicar suas opiniões, e de 1840 a 1844 a obra estendeu-se rapidamente’ (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 324 e 335)” (MELLO, 1959, p. 257-260).

“Em 1821, três anos depois de Miller chegar à sua explicação das profecias que apontavam para o tempo do juízo, o dr. José Wolff, ‘o missionário a todo o mundo’, começou a proclamar a próxima vinda do Senhor. [...] Em suas viagens em Búcara encontrou a doutrina da próxima vinda do Senhor, professada por um povo remoto e isolado. Os árabes do Yemen, diz êle, ‘acham-se de posse de um livro chamado ‘Seera’, que dá informação sôbre a segunda vinda de Cristo e Seu reino em glória; e esperam ocorrerem grandes acontecimentos no ano de 1840’ O Conflito dos Séculos, E. G. White, 368-370,.

“[...] ‘Em Wurtemberg, há uma colônia cristã que conta com centenas de membros que esperam o próximo advento de Cristo; também há outra que tem a mesma crença nas margens do mar Cáspio. Os ‘molocanes’, corpo numeroso de dissidentes da igreja grega russa, que residem nas praias do Báltico e são um povo muito piedoso, do qual se diz que ‘toma a Bíblia só como credo, e a norma de sua fé é simplesmente as Santas Escrituras’, se caracteriza por ‘esperar o reinado imediato visível de Cristo na terra’. Na Rússia, a doutrina da vinda de Cristo e seu reinado pregava-se até certo ponto, e a recebem muitos da classe humilde’ (*Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis*, U. Smith, Vol. II, 68-269). ‘Outro missionário verificou existir crença semelhante na Tartária. Um sacerdote tártaro perguntou ao missionário quando Cristo viria pela segunda vez. Ao responder o missionário que nada sabia a respeito, o sacerdote pareceu ficar grandemente surpreso com tal ignorância de quem professava ser ensinador da Bíblia, e declarou sua própria crença baseada na profecia de que Cristo viria aproximadamente em 1844.

“Já em 1826 a mensagem do advento começou a ser pregada na Inglaterra. O movimento ali não tomou forma definida como na América; o tempo exato do advento não era geralmente tão ensinado, mas proclamava-se, vastamente, a grande verdade da próxima vinda de Cristo em poder e glória. E isto não somente entre os dissidentes e não-conformistas. Mourant Brock, escritor inglês, declara que mais ou menos setecentos ministros da Igreja Anglicana estavam empenhados na pregação dêste ‘evangelho do reino’. A mensagem que indicava 1844 como o tempo da vinda do Senhor, foi também dada na Grã-Bretanha. Publicações sôbre o advento, provenientes dos Estados Unidos, eram amplamente disseminadas. Livros e revistas reeditavam-se na Inglaterra’.

“Na América do Sul, em meio da desumanidade e artimanha dos padres, Lacunza, jesuíta espanhol, teve acesso às Escrituras, e recebeu assim a verdade da imediata volta de Cristo. Constrangido a fazer a advertência, e desejando contudo escapar das censuras de Roma, publicou suas idéias sob o pseudônimo de ‘Rabbi Ben-Israel’, representando-se a si mesmo como judeu converso. Lacunza viveu no século dezoito, mas foi aproximadamente em 1825 que seu livro, encontrando acesso em Londres, foi traduzido para a língua inglesa. Sua publicação serviu para aprofundar o interesse que já se despertava na Inglaterra pelo assunto do segundo advento. ‘Na Alemanha, a doutrina fora ensinada no século dezoito por Bengel, ministro da igreja luterana e célebre sábio e crítico da Bíblia’. ‘A luz brilhou também na França e Suíça. Em Genebra, onde Farei e Calvino tinham propagado as verdades da Reforma, Gausen pregou a mensagem do segundo advento’.

“Na Escandinávia, também, a mensagem do advento foi proclamada e suscitou grande interesse. Muitos despertaram do descuidoso sentimento de segurança para confessar e abandonar seus pecados, buscando perdão em Cristo. O clero da igreja do Estado, porém, opôs-se ao movimento, e por meio de sua influência alguns que pregavam a mensagem foram

lançados na prisão. Em muitos lugares, onde os pregadores da próxima vinda do Senhor foram desta maneira silenciados, Deus Se serviu enviar a mensagem de um modo miraculoso, por meio de criancinhas.

“Como fossem menores, a lei do Estado não as poderia proibir, e foi-lhes permitido falar sem serem molestadas. O movimento ocorreu, principalmente, entre as classes mais humildes, e o povo se reunia nas modestas moradas dos trabalhadores para ouvir a advertência. Os mesmos pregadores infantis eram na maior parte pobres habitantes de cabanas. Alguns dêles não tinham mais de seis ou oito anos de idade; e, ao mesmo tempo que sua vida testemunhava que amavam o Salvador e procuravam viver em obediência aos santos mandamentos de Deus, manifestavam, de ordinário, apenas a habilidade e inteligência que usualmente se vêem nas crianças daquela idade. Quando se encontravam em pé diante do povo, evidenciava-se, entretanto, que eram movidos por uma influência acima dos seus dotes naturais.

“O tom da voz e as maneiras se transformavam, e com poder solene faziam a advertência do juízo, empregando as próprias palavras das Escrituras: ‘Temei a Deus, e dei-lhe glória; porque vinda é a hora de Seu juízo’. Reprovavam os pecados do povo, não somente condenando a imoralidade e o vício, mas repreendendo o mundanismo e a apostasia, admoestando os ouvintes a que fugissem apressadamente da ira vindoura’ (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 362-367, 400-401)” (MELLO, 1959, p. 261-264).

“Aquêles que aguardavam a Cristo em 1844, nos Estados Unidos, estabeleceram a data de 21 de março para encontrarem-se com o Senhor. [...] Mas a data prefixada de 21 de março de 1844 passou e Jesus não apareceu. Os sinceros crentes ficaram por algum tempo envoltos em indizíveis perplexidades e com angústia d’alma voltaram a investigar novamente a palavra de Deus e buscar nas profecias as provas de sua fé. Estudaram diligentemente e oraram com fervor, pedindo luz. S. S. Snow abraçou a opinião de que, como os tipos que apontavam ao segundo advento do Salvador eram observados pelos judeus no décimo dia do sétimo mês do ano sagrado judaico, assim os 2300 dias terminariam no décimo dia do sétimo mês (tempo judaico) ou seja a 22 de outubro de 1844.

“Ora, como haviam êles chegado a êsse tempo de tardança? — Cometeram o engano de colocar o princípio dos 2300 dias na primavera em lugar de o fazer no outono. O decreto para restaurar e edificar Jerusalém, foi dado ‘por Ataxerxes Longimano no sétimo ano de seu reinado. Entrou em vigor no outono do ano 457 A. C. Assim o dia 22 de outubro de 1844 foi fixado pelos crentes do advento como data definida em que Jesus devia vir’ (O Grande Movimento Adventista, Ema E. Howell, 27-28). [...] O clamor da meia noite — Aí vem o Esposo, saí-lhe ao encontro — tornou-se então a nota tônica do movimento no verão de 1844 próximo ao grande dia.

“[...] O grande êrro do movimento consistiu em não compreenderem seus dirigentes a natureza do acontecimento que tomaria lugar no fim do período profético das 2300 tardes e manhãs ou anos, findo na primavera, isto é, em outubro de 1844. Porém, o versículo onze do capítulo dez e os dois primeiros do capítulo onze, elucidam-nos com afinco sobre o verdadeiro acontecimento daquele memorável ano e abrem-nos o caminho para encontrarmos o verdadeiro povo de Deus da presente geração, representado nas virgens prudentes da parábola que entraram com o ‘Espôso para as bodas’. (MELLO, 1959, p. 265-268).

“A idéia de que Jesus haveria de voltar em 1844 lhes foi doce como o mel. Mas o desapontamento foi intensamente amargo. Este não ocorreu por falta de revelação, visto que a Santa Bíblia dizia que Jesus não é sacerdote do santuário da Terra, mas do celestial (Hebreus 8:1, 2, 4, 5; 9:23, 24)” (BELVEDERE, 1987, p. 60).

“Assim como os discípulos estiveram em erro quanto ao reino a ser estabelecido no fim das setenta semanas, também os adventistas se enganaram em relação ao fato a ocorrer à terminação dos 2.300 dias. Em ambos os casos houve aceitação de erros populares, ou antes, uma aderência a eles, cegando o espírito à verdade. Ambas as classes cumpriram a vontade de Deus, apresentando a mensagem que Ele desejava fosse dada, e ambas, pela sua própria compreensão errônea da respectiva mensagem, sofreram desapontamento. Não obstante, Deus cumpriu Seu misericordioso propósito, permitindo que a advertência do juízo fosse

feita exatamente como o foi.

“O grande dia estava próximo e, pela providência divina, o povo foi provado em relação ao tempo definido, a fim de que lhes fosse manifesto o que estava em seu coração. A mensagem era destinada à prova e purificação da igreja. Esta deveria ser levada a ver se suas afeições estavam postas neste mundo ou em Cristo e no Céu. Professava amar o Salvador; deveria agora provar seu amor. Estavam os crentes dispostos a renunciar às esperanças e ambições mundanas, acolhendo com alegria o advento do Senhor? [...] O desapontamento, ou trossim, embora resultado da compreensão errônea, por parte dos crentes, da mensagem que apresentavam, deveria redundar para o bem. Poria à prova o coração dos que haviam professado receber a advertência.

“Em face de seu desapontamento, abandonariam eles temerariamente sua experiência cristã, renunciando à confiança na Palavra de Deus? ou procurariam, com oração e humildade, discernir em que tinham deixado de compreender o significado da profecia? [...] Esta prova revelaria a força dos que com fé verdadeira haviam obedecido ao que acreditavam ser o ensino da Palavra e do Espírito de Deus. Ensinar-lhes-ia — o que unicamente tal experiência poderia fazer — o perigo de aceitar as teorias e interpretações de homens, em vez de fazer com que a Bíblia seja seu próprio intérprete.

“Aos filhos da fé, a perplexidade e tristeza resultantes de seu erro operariam a necessária correção. Seriam levados a um estudo mais acurado da palavra profética; seriam ensinados a examinar mais cuidadosamente o fundamento de sua fé, e rejeitar tudo que, conquanto amplamente aceito pelo cristianismo, não estivesse fundamentado nas Escrituras da verdade.

“Para estes crentes, assim como para os primeiros discípulos, o que na hora da provação lhes parecia obscuro à inteligência, mais tarde se faria claro. Quando vissem o ‘fim do Senhor’ [Tiago 5:11], saberiam que, apesar da provação resultante de seus erros, os divinos propósitos de amor para com eles estiveram continuamente a cumprir-se. Aprenderiam por uma bendita experiência que Ele é ‘muito misericordioso e piedoso’; que todos os Seus caminhos ‘são misericórdia e verdade para aqueles que guardam o Seu concerto e os Seus testemunhos’” (WHITE, 2013, p. 308 e 309).

“‘Devorar o livro’ é uma figura de linguagem que representava a plena compreensão do significado da mensagem contida no escrito. Embora os mileritas estivessem corretos em seus cálculos proféticos, estavam equivocados quanto ao evento. Desta forma, a ideia de que Jesus haveria de voltar em 1844 lhes foi doce como o mel, mas o desapontamento foi intensamente amargo. É importante ressaltar que, na morte de Cristo, também houve um ‘grande desapontamento’ que desanimou os insinceros, mas levou os crentes honestos a uma atitude de estudo e investigação.

8) Que deveria fazer o remanescente fiel que surgiria do desapontamento de 1844? *Apocalipse 10:11*

“[...] Os Adventistas do Sétimo Dia [asd] têm a seu favor o fato de ser o único movimento religioso surgido na hora profética (1844), de acordo com o padrão profético do desapontamento predito em Apocalipse 10 e com a restauração das verdades bíblicas que haviam sido lançadas por terra pelo anticristo. Além disso, é uma igreja mundial, que prega a mensagem bíblica em mais de 210 países do mundo” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 15). Algo idêntico se lê em diversos outros estudos bíblicos da IASD (senão em todos eles), como veremos no verso 11.

Os asd que cumprem a profecia de Ap 10.11, assim como os adventistas não matriculados numa denominação que cumprem a profecia, são os que, aparentemente, cumprem também 12.17 e 14.12. Mas, claramente, não são todos os asd, o que destaca o erro de se crer que uma denominação inteira cumpre essas profecias as quais coincidem com as Três Mensagens Angélicas de Apocalipse 14, como estudaremos.

Ainda mais detalhadamente: qual a relação de Ap 10 com 12.17 e 14.12, onde

se fala sobre o remanescente? Apenas esta: os que cumprem 10.11, anunciando as profecias ao mundo, são os mesmos que cumprem as 3 mensagens angélicas. Os que anunciam, portanto, são os remanescentes, assim como os que "guardam os mandamentos e têm o testemunho de Jesus" (12.17). Não os matriculados nalguma denominação. Oliveira et al. (2015, p. 32) se coloca sobre o tema de modo mais bíblico e menos denominacional: "Esta imagem do anjo com o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, segurando o livrinho com a mão estendida para o Céu, representa a abrangência mundial da mensagem deste livrinho. Representa também o surgimento de um movimento mundial de pregação das verdades contidas no livro de Daniel em conexão com as do Apocalipse".

No entanto, este autor, em parágrafos posteriores, também comete o erro que eu costumo chamar de crença do autorremanescente, ao crer que o remanescente é a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), e não os cristãos que cumprem o que está escrito no Apocalipse concernente ao fim do tempo do fim, próximo ao soar da 7ª trombeta.

Ele com acerto diz: "No 10º dia do 7º mês do calendário judaico ocorria o Dia da Expição. Este dia envolvia um complexo ritual de purificação do santuário terrestre simbolizando arrependimento, confissão, perdão e purificação dos pecados (Levítico 16). Era um dia de acerto de contas. Assim como o sumo-sacerdote ministrava o sangue do cordeiro para fazer a purificação dos pecados registrados no santuário terrestre, Jesus também aplica os méritos de Seu precioso sangue a todo aquele que se achega a Ele pela fé, fazendo a purificação de nossos pecados (Hebreus 9:23). No dia 22 de outubro de 1844 Jesus passou a atuar no lugar santíssimo do Santuário Celestial e iniciou o Seu ministério sumo-sacerdotal.

"Estamos vivendo o grande dia profético da expiação. Quando Cristo encerrar esta obra de mediação e juízo, Ele voltará para dar a recompensa a cada um (Mateus 25:31-46). A profecia do livrinho aberto que seria doce na boca e amargo no estômago é uma alusão ao grande desapontamento de 1844, quando milhares de cristãos aguardavam pela vinda de Jesus e Ele não voltou. Porém o anjo instruiu: 'É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis' (Apocalipse 10:11)" (OLIVEIRA et al., 2015, p. 34).

Mas, baseado na falsa crença que mencionei, ele afirma: "A igreja remanescente que estivera oculta no deserto por 1.260 anos (Apocalipse 12:6, 14), seria revelada como um movimento mundial e as verdades que foram pisoteadas pela ponta pequena seriam restauradas (Daniel 8:12; Isaías 58:12; Apocalipse 14:6-12)" (Ibidem).

Não foi a IASD que cumpriu/cumprirá Ap 10.7 e 10.11 (o próximo versículo). Mas aqueles que cumpriram e cumprirão. Quero dizer, assim como o povo de Israel teve sua importância no cenário histórico profético do plano da redenção divino, como um povo ele fracassou, embora tenha deixado um remanescente escriturístico e prático para a humanidade (muito embora o dom profético e seus derivados não pertençam à humanidade, mas a Deus). De modo semelhante, os mileritas e demais adventistas, a IASD e outras denominações, nos fizeram herdar um remanescente escriturístico e prático, mas não são os cumpridores (nem inclusivos nem exclusivos) de Ap 10.7 e 11.

Os 144.000, por outro lado, cumprem à risca esses textos e outros, como Ap 12.17 e 14.12. No entanto, esse grupo só aparecerá após Ap 14 e suas 3 mensagens angélicas. Isso significa que, como eu já mencionei em outros comentários aqui deste verso, a pureza da mensagem pregada pelos que cumprem/cumprirão Ap 10.7 e 11 difere de sua própria pureza. A mensagem é profética, os mensageiros não são profetas. E essa mensagem por eles pregada os faz/fará cumprir Ap 10.7 e 11, não o fato de estarem matriculados nalgum partido cristão, uma vez que é impossível, pela profecia, existir uma instituição humana isenta de erros doutrinários, pura em sua mensagem e estilo de vida. Só os 144.000 conseguirão esse feito. Até lá, "anjos" ou indivíduos (não instituições e coletividades) cumprirão Ap 10.11, como veremos no próximo versículo (a menos que eu esteja compreendendo equivocadamente esse tema).

A crença autorremanescente é onipresente na literatura oficial dos adventistas do sétimo dia, e, ao que parece, não há uma autocrítica sobre isso. Belvedere (1987, p. 58), assim como os autores acima, explicita sem qualquer constrangimento próprio a crença de que

sua denominação cumpre Ap 10. 7 e 11, ou seja, todos os matriculados em sua denominação cristã são os responsáveis pelo cumprimento desses e outros versos. Ele afirma:

"Assim como os apóstolos amavam sua Igreja judaica e não pensavam deixá-la, os que passaram pelo desapontamento não tinham intenção de formar uma nova Igreja. Suas congregações, porém, tinham muitos erros doutrinários introduzidos pelo anticristo durante a Idade Média, e necessitavam do conhecimento de algumas verdades bíblicas essenciais. Além disso, muitos insinceros se uniram ao movimento por temor do juízo que viria, convertendo-se em pesado lastro. Assim, não poderiam pregar o Evangelho eterno de maneira pura e completa. Por isso Deus usou o estranho método que já havia utilizado com bons resultados na hora da Cruz: 1) Permitiu que experimentassem o desapontamento. 2) Assim foram expulsos de suas diversas congregações, e ao se encontrarem fora, formaram tacitamente uma nova congregação, com um denominador comum: investigação sincera e ardente da santa Bíblia em busca de luz e resposta celestiais, e as receberam. 3) Redescobriram as verdades lançadas por terra. 4) Estiveram em condições de cumprir a ordem de pregar (como o fizera a Igreja primitiva) a todo o mundo, e o estão fazendo, em obediência à ordem divina expressa na profecia".

Crença do autorremanescente em dois tópicos: *"Em minha denominação, a) como a teoria dela é exatamente o que está na Bíblia, b) todos os que estão nela praticam/pregam/vivem."*

No primeiro século, época da igreja primitiva, existiam erros doutrinários (por exemplo: At 10; 15 e vários relatos nas cartas paulinas); trigo e joio matriculados, e, portanto, não pregaram o evangelho "de maneira pura e completa" como o autor acima crê. No entanto, Ap 6, em seu primeiro selo, revela que, a despeito dessas constatações, esse período foi o mais "branco", em relação ao que estava por vir. Isso parece corroborar o que foi dito e repetido em meus contrapontos às falas autorremanescentes: com exceção dos 144.000, não existe na história humana um grupo de pessoas que vivem e pregam somente o que está na revelação bíblica, sem quaisquer crenças falsas inventadas pelos homens. Essa própria crença da IASD constitui um contraexemplo a ela mesma. Outros contraexemplos são dados em nove artigos, começando por este: <http://blogdoprofh.com/2013/03/30/crendices-e-supersticoes-cristas-5/>.

Todas as encontradas até hoje estão reunidas neste texto: <http://blogdoprofh.com/2018/11/03/livro-crendices-e-supersticoes-cristas-existencia-de-uma-parte-folclorica-na-teologia-popular-em-todas-as-denominacoes-cristas/>.

10.11

Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.

O recado de Jesus e do Céu para os cristãos dessa época em diante é: "antes que Eu retorne à Terra, vocês precisam continuar sendo, individualmente e espalhados, Meus mensageiros para muitos povos, reis e idiomas, e muitas nações!"

"João, como representante da igreja, recebe aqui do anjo outra comissão. Outra mensagem deve seguir-se depois do tempo de terem cessado a primeira e segunda mensagens, como proclamações principais. Em outras palavras, temos aqui uma profecia da mensagem do terceiro anjo, que atualmente está em processo de cumprimento. Esta obra não será feita num canto. Deve ser levada perante 'muitos povos, e nações, e línguas e reis', como veremos em nosso estudo de Apocalipse 14:6-12" (SMITH, 1979, p. 163).

"S. João é aqui ainda o representante daqueles que sofreram a amarga decepção em 1844. Por seu intermédio é lhes enviada a mensagem contida neste undécimo versículo. E' deveras notável como a profecia indica neste texto um novo movimento mundial constituído de elementos dentre os que sofreram a amargura de não contemplarem o Salvador vindo em 1844 para remi-los. 'Importa que profetizes outra vez'. Outra vez deviam levantar o clamor mundial da segunda vinda de Cristo, sem no entanto assinalarem uma nova data para o Seu

aparecimento. Foi esta uma das razões porque sofreram a amarga decepção: Não considerarem o capítulo dez do Apocalipse, especialmente o versículo onze que estabelece a prossecução da mensagem da segunda vinda de Cristo num novo movimento ainda de maiores proporções.

“E também não levaram em conta o capítulo quatorze em que o terceiro anjo devia seguir aos primeiro e segundo que os representavam. O terceiro anjo está evidentemente inserido no versículo onze do décimo capítulo. Mas não o enxergaram, e, por êste motivo, a profecia antecipou-se em revelar a grande amargura do, para êles, trágico ano de 1844. Aquêles, porém, que depois da grande desilusão ainda permaneceram em suas primitivas convicções quanto à data de 22 de outubro de 1844, ‘com fervorosa oração examinaram a sua atitude e estudaram as Escrituras para descobrir onde haviam errado. Como não pudessem ver engano algum no cômputo dos períodos proféticos, foram levados a examinar mais particularmente o assunto do santuário’ (O Conflito dos. Séculos, E. G. White, 411).

“E o resultado do exame têm-lo nos dois primeiros versículos do capítulo onze que se ligam estreitamente com êste último do capítulo dez. Ali vemos a questão do santuário, relacionada com o ano de 1844, solucionada pela profecia, bem como o surgimento dum novo movimento mundial cujo centro de culto e adoração é o santuário celestial” (MELLO, 1959, p. 268 e 269).

“O povo a quem Deus constituiu depositário de Sua lei não deve consentir que se oculte a luz. A verdade tem de ser proclamada nos lugares tenebrosos da Terra. Os obstáculos têm de ser enfrentados e vencidos. Resta uma grande obra a fazer e essa obra está confiada aos que conhecem a verdade. A esses cumpre fazer agora ardentes preces a Deus. O amor de Cristo deve derramar-se em seu coração, e o Espírito de Cristo tomar posse deles, preparando-os para estarem em pé no dia do juízo.

“Enquanto se consagram a Deus, um poder convincente há de apoiar-lhes os esforços na apresentação da verdade a outros, e a sua luz abrirá acesso a muitos corações. Não devemos continuar a dormir no terreno encantado de Satanás, mas socorrer-nos de todos os nossos recursos e lançar mão de todas as facilidades que a Providência nos depara. A última advertência tem de ser proclamada ‘a muitos povos, e nações, e línguas, e reis’ (Apocalipse 10:11), e a promessa é esta: ‘Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos’ Mateus 28:20” (WHITE, 2004, p. 434).

“*Você precisa profetizar novamente.* Cf Eze. 3:1, 4. Embora comer o pergaminho tenha produzido amargura em João, as palavras consoladoras que Cristo fala ao profeta são que ele deve agora profetizar novamente. A João, como representante dos crentes adventistas depois da decepção, se impõe o dever de proclamar uma mensagem adicional, mais ampla. Ainda falta um grande trabalho. Eles deveriam sair para proclamar a mensagem do terceiro anjo de Apoc. 14: 9-12.

“*Em.* ‘Sobre’ ou ‘para’; qualquer um desses significados concorda com o contexto. As mensagens seriam ‘para muitos povos’ e ‘sobre muitos povos’.

“*Muitos povos.* Como os crentes adventistas entenderam o significado completo da mensagem do terceiro anjo, eles perceberam cada vez mais que era uma mensagem para o mundo, que deve ser levada a ‘muitos povos, nações, línguas e reis’. Essa convicção resultou em um dos programas mais extensos de evangelismo mundial já visto na história cristã. Os adventistas do sétimo dia tem proclamado a ‘todas as nações, tribos, idiomas e pessoas’ (cap. 14: 6) a mensagem que lhes foi dada” (NICHOL, 1980, p. 814 e 815).

Eu tenho a impressão de que João contracenou na peça profética com o propósito divino de revelar algo aos que estudariam Apocalipse 10. Não foi um anjo quem devorou o livrinho, sofreu e foi comissionado a profetizar. Também não foi um povo. Mas, um indivíduo humano. Isso não é novo na Bíblia. Ao longo de toda ela vemos indivíduos passando pela mesma experiência de João em Ap 10. Profetas receberam a revelação prazerosa, mas logo sofrem ao compartilhá-la e mesmo antes disso. Me chama atenção o fato de serem indivíduos, não povos. Desde Gênesis 3.15 Deus revelou que o “descendente” da mulher, não sua “descendên-

cia" inteira, contribuiria para a resolução do problema do pecado/mal. Os descendentes de Eva estariam ou entre os que descenderiam da serpente ou entre os que receberiam a divina "inimizade" contra a serpente. Mas somente um indivíduo, um "descendente" de Eva, recebeu destaque nesse contexto.

Paulo afirma que o próprio Deus é quem ferirá/esmagará a serpente (Rm 16.20), mas isso através "dos vossos pés", ou seja, dos pés dos indivíduos "obedientes", irmãos de Roma (cf. Rm 16.17 e 19), pois havia também os desobedientes na igreja romana. Até a função a ser desempenhada por João, e os indivíduos representados por ele em Ap 10, é escassa: profetas, verdadeiros profetas.

Como, pois, a IASD pretende reunir em suas paredes todos os indivíduos que cumprem Apocalipse 10, mais especificamente 10.11? Qual a fundamentação?

No texto de Ellen, supracitado, ela afirma: "O povo a quem Deus constituiu depositário de Sua lei não deve consentir que se oculte a luz. A verdade tem de ser proclamada nos lugares tenebrosos da Terra. Os obstáculos têm de ser enfrentados e vencidos. Resta uma grande obra a fazer e essa obra está confiada aos que conhecem a verdade. A esses cumpre fazer agora ardentes preces a Deus" (WHITE, 2004, p. 434). De fato, mesmo entre os que interpretam Apocalipse 10 sob a ótica da crença do autorremanescente, não são todos os que cumprirão Ap 10.11. Nenhum povo/igreja/instituição, por mais iluminado que seja pela revelação profética, cumpriu/cumpre/cumprirá este versículo. Por quê? Porque Apocalipse 10 não dá margem para essa interpretação. A menos que João represente uma coletividade organizada, em vez de indivíduos espalhados pelo mundo.

Se este raciocínio estiver correto, então frases como "Os adventistas do sétimo dia têm proclamado a 'todas as nações, tribos, idiomas e pessoas' (cap. 14: 6) a mensagem que lhes foi dada" (NICHOL, 1980, p. 815), como lemos mais acima, do Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia em espanhol, precisam de correção caso signifiquem "somente os ads" ou "todos os asd". Concordo que indivíduos asd, bem como outros indivíduos não asd, apenas adventistas (sabatistas ou não) têm cumprido Apocalipse 10.11.

"A IDENTIFICAÇÃO DA IGREJA DE DEUS

9. Resumindo o que foi investigado nos últimos estudos e neste, quais são as características principais da **verdadeira Igreja de Cristo do tempo do fim (remanescente fiel)**?

Resp.:

1. Surgiria como organização depois da era do deserto, ou seja, depois de 1798 (Apocalipse 12:6, 14).
2. Surgiria do movimento de 1844 (Daniel 8:12-14).
3. Surgiria como resultado do desapontamento de 1844 predito em Apocalipse 10, assim como a Igreja primitiva surgiu do desapontamento da cruz (Apocalipse 10).
- 4. Manteria as verdades apostólicas como estão na Bíblia porque teria a 'fé de Jesus' (Apocalipse 14:12).**
- 5. Guardaria os mandamentos de Deus, inclusive o quarto, que ordena repousar no sábado (Apocalipse 12:17; 14:12; Êxodo 20:3-17).**
- 6. Teria o Espírito de Profecia (Apocalipse 12:17; 19:10).**
- 7. Pregaria as três mensagens angélicas do tempo do fim (Apocalipse 14:6-12).**
8. Seria um movimento mundial, pregando a toda nação, tribo, língua e povo (Apocalipse 10:11).
9. Ensinará que a salvação é conseguida somente pela fé em Cristo Jesus, pois pregaria o Evangelho eterno (Apocalipse 14:6; 1:5)" (BELVEDERE, 1987, p. 66; grifos acrescentados).

Algo similar pode ser lido em Rossi e Barbosa (2012, p. 36) e outros manuais de estudos bíblicos da IASD. Observe as frases grifadas. A crença autorremanescente gera outras crenças igualmente falsas: no tempo do fim há/haverá uma igreja verdadeira ou denominação cristã que dá sequência ao credo de Adão e Eva; às revelações dadas ao povo de Israel do AT e à igreja primitiva do NT. Ora, a descendência de Eva que receberia a bênção divina de ter

“inimizade” (Gn 3.15) contra Satanás estaria confinada numa única denominação cristã ou num mesmo credo? Qual profeta bíblico ou extrabíblico recebeu essa revelação? Todo o povo de Israel foi fiel, como uma coletividade, às revelações de Deus? Todos os “cristãos” da (ou supostos conversos ao cristianismo da) igreja do NT foram salvos e cumpriram a missão do corpo de Cristo?

A crença de que há/haverá uma igreja, antes dos 144.000 de Ap 7, remanescente, é autorrefutante, uma vez que o que sobra é um conjunto de indivíduos espalhados, não a própria coletividade organizada! Os restantes de Ap 12.17 não são a descendência da “mulher” de Ap 12 ou uma *mulher júnia*, mas o que sobrou após a degeneração espiritual dos “cristãos”. O remanescente é uma classificação divina, não uma igreja/classificação humana.

Usando termos matemáticos: a olho nu a humanidade consegue enxergar comprimentos maiores ou iguais a 0,1 milímetro. Usando a unidade de Plank, a humanidade consegue estudar comprimentos muito, muito menores do que a olho nu (o comprimento que se consegue “enxergar” por meio da Matemática é quase 7 vezes 10^{30} menor que 0,1 mm). No entanto, comprimentos menores que o de Plank não são visíveis aos físicos.

De modo semelhante, o remanescente se encontra numa faixa de comprimento que olhos nus e mesmo olhos proféticos não deveriam conseguir enxergar! Apenas os olhos de Deus veem claramente cada indivíduo que pertence ao remanescente. Eles formam, portanto, uma igreja invisível aos olhos humanos e proféticos. Assim como desde sempre Jesus sabe quem faz parte de Seu corpo, unicamente Ele conhece a igreja remanescente. Qualquer tentativa de definição da igreja remanescente que desatenda ao que está revelado sobre ela, deve ser encarada como um julgamento temerário (cf. Mt 7.1-5), algo desnecessário para o cristão e até mesmo como uma desobediência ao que está revelado pelos profetas, pois tenta usar algo que é prerrogativa de Deus: a categorização da humanidade em trigo e joio (cf. Mt 13). Só o remanescente fiel à luz da revelação divina, de cada época da história humana, é que foi e será salvo.

Não tem como não pertencer ao remanescente fiel de uma época e simultaneamente ser salvo por Deus. Isso não deveria despertar os olhos fechados à revelação bíblica, mas tão bisbilhoteiramente abertos para tentar enxergar o que é impossível aos homens e até mesmo aos profetas (a menos que Deus faça estes últimos verem)? Uma denominação cristã que faz questão de colocar sobre si um selo que só Deus fornece já se desqualifica como fiel, quanto mais como parte dos indivíduos remanescentes espalhados. Além do mais, isso pode gerar crenças e sentimentos igualmente perniciosos, como superioridade, inerrância, comportamento judaizante e farisaísmos diversos.

“MINHA DECLARAÇÃO DE FÉ

Assinale com um X se concordar com as declarações abaixo:

() Acredito que estamos vivendo no tempo do fim e que em breve Jesus voltará.

() Quero agradecer a Jesus por estar no Santuário Celestial neste exato momento trabalhando em prol de minha salvação.

() Desejo fazer parte do povo de Deus, a igreja remanescente, entregar minha vida a Jesus e me preparar para a Sua vinda” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 34; grifo acrescentado).

A indução ao erro que a crença autorremanescente e seus derivados estabelece, adianta prematura e indevidamente o período da história humana no qual os 144.000 aparecerão como resultado do plano de redenção infalível de Deus. Ali, os sabatistas e os não sabatistas abarcarão todos os seres humanos vivos. E somente naquele período final do tempo do fim o remanescente fiel se tornará visível a olhos nus! Portanto, fazer declarações de fé como essa supracitada, é, no mínimo, desconhecimento da própria revelação profética que se propõe ensinar aos outros.

As pessoas que são convidadas pelos indivíduos remanescentes fiéis, não são convidadas a compor algum remanescente visível, mas a seguirem Jesus negando-se e tomando a cruz de seu Senhor e Salvador (cf. Mt 16.24 e 10.38). Todas as denominações cristãs de-

veriam fazer assim, deixando claro para seus membros e aspirantes que o vínculo, a matrícula naquela instituição humana não é sinônimo de fazer parte dos indivíduos remanescentes fiéis mencionados em Apocalipse, pois isso não faz parte da função de uma igreja cristã de acordo com o que Deus revelou à humanidade através de Seus profetas. O escopo de uma igreja cristã é ser uma ferramenta do Espírito de Deus na construção do remanescente fiel. Não ser uma candidata ao remanescente fiel (menos ainda um concorrente seu).

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGsvt5h81TkGtG2mfcwW7wPzk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELLMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

NICHOL, Francis D. et al. **Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día**. Trad. VE Ampuero Matta, v. 7, 1980.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 2, 2006.

ROSSI, Rafael; BARBOSA, Wellington Vedovello. **Apocalipse, o fim revelado**. Guia de Estudo Bíblico, 2012. Disponível em: <https://evangelismo.s3.amazonaws.com/estudos_Apocalipse_ofimrevelado.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **A Verdade Sobre os Anjos**, 2005. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/A%20Verdade%20sobre%20os%20Anjos.pdf>>. Acesso em: mai. 2020.

_____. **Cristo Triunfante**, 2001. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Cristo%20Triunfante.pdf>>. Acesso em: mai. 2020.

_____. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

_____. **Patriarcas e Profetas**, 2007. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: mai. 2017.

_____. **Testemunhos para a Igreja 5**, 2004. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20a%20Igreja%205.pdf>>. Acesso em: mai. 2020.

Apocalipse 11

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

11.1

Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram;

Eu, João, recebi uma espécie de bambu, uma vara comprida. Eu continuava representando aqueles que fariam parte do corpo de Jesus e, individualmente e espalhados, seriam Seus mensageiros para “muitos povos, reis e idiomas, e muitas nações” no período da sexta trombeta entre os anos 1840 a 1844, até o toque da sétima. A ordem para eles antes de cumprirem esse chamado foi: “Não fiquem desanimados e ociosos. Estudem novamente e sempre o Santuário Celestial, seu altar de incenso e os sacerdotes que oficiam no compartimento santo desse Santuário; estudem usando a maquete que o profeta Moisés fez no Antigo Testamento e o que outros profetas escreveram sobre ela; estudem o que o profeta Daniel escreveu sobre esse Santuário e o julgamento dos habitantes do planeta Terra começando por Adão, que iniciará em 1844 por meio do Sumo sacerdote Jesus, lá no santíssimo

lugar, com base na Lei dos Dez Mandamentos que se encontra sob o trono de Deus, representado pela arca do Testemunho ou da Aliança. Ao final desse julgamento serão revelados os verdadeiros adoradores de Deus. Toda essa mensagem deve ser restaurada e posta em evidência;

"[...] Leia Ezequiel 41:1-4; 43:1-9; Daniel 8:9-14; Zac. 2:1-7. [...] As profecias de Ezequiel, Daniel e Zacarias lançam luz sobre o estudo de Apocalipse 11. A visão de Ezequiel, de medição do templo, é uma profecia da restauração espiritual após o período de cativo. Tanto Daniel como João enfatizam a mesma verdade. A mensagem do santuário seria restaurada. O ministério mediador de Cristo seria compreendido novamente. Será avaliado o caráter do povo de Deus, e eles serão preparados para o encontro com o Senhor, em Sua volta" (BATTISTONE, 1989, p. 161).

"O capítulo 11 continua a revelação que estava sendo feita no capítulo 10 dizendo: 'E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos e nações, e línguas e reis' (Apoc. 10:11). Aqui está definida a missão mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia [IASD], uma missão profética, com uma mensagem profética, a mensagem dos três anjos" (RAMOS, 2006, p. 95).

Uma empresa estabelece sua missão e seus valores. Alcançá-la e viver esses valores os justifica e recomenda. No entanto, pode ser que alguns dos funcionários dessa empresa não vivam sua missão e seus valores, e podem até obscurecê-los. Também outras empresas podem ter missão e valores semelhantes e vivenciá-los ou não igualmente. A missão da IASD pode ser a descrita acima e, historicamente, os adventistas primitivos, em particular os do sétimo dia (ads), cumpriram a missão de proclamar para boa parte do mundo sobre a brevidade do advento de Jesus associada ao exame minucioso do Santuário do Antigo Testamento e o Santuário original, o celestial. Mas, como já questionei nos capítulos anteriores (principalmente no 10), além de isso não ser sinônimo de que a IASD (crenças + membros) viva essa missão, notadamente algumas crenças como a do autorremanescente foram construídas desde os primeiros ads, as quais não condizem com os dados bíblicos. E ainda, qualquer indivíduo que tenha essa missão poderá cumpri-la independentemente da IASD. A profecia foi, está e será cumprida. Por quem? Por aqueles que Deus sabe que o fizeram, fazem e farão, e não por uma empresa pelo simples fato de ela crer assim.

"O caniço é uma espécie de taquara, semelhante ao bambu, e atinge mais de 6 metros de altura. Crescia em abundância às margens do Jordão e era uma vara reta e leve que servia para medições (ver Ez 40.3; Zc 2.1,2)" (BÍBLIA, 2013, p. 2059).

"E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo e disse: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar e os que nele adoram" (Apoc. 11:1). Esse texto é uma continuação da visão de Apoc. 10 mostrando exatamente o conteúdo da mensagem que deveria ser proclamada mundialmente, a mensagem do juízo. Por isso Apoc. 11:1 inicia falando do Santuário Celestial e dos que nele adoram. A ordem: 'levanta-te e mede o Templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram' contém uma mensagem de juízo [...]. O Dr. Alberto Treiyer explica: 'Aqui (Apoc. 11:1), o juízo tem a ver com aqueles que aceitam o chamado para adorar no templo, não com aqueles que rejeitam e são deixados fora'" (RAMOS, 2006, p. 95).

Tenho a impressão de que "os que naquele adoram", ou seja, os que adoram no Santuário celestial, são os que Deus, de antemão, sabe que serão salvos, pois essa expressão dá a entender que eles entram no lugar santo do Santuário, são sacerdotes por tanto! Mas, nem todo sacerdote do AT foi exemplo de salvação. Sendo assim, pode ser também que entre os "gentios" do v.2, que estão no "átrio exterior", haja indivíduos que serão salvos. Ou aqui temos dois grupos excludentes ou mais metáforas que representam dois grupos que podem conter salvos e perdidos em ambos. Talvez a ênfase esteja em quem será medido: os salvos

primeiro (ou os que professam adorar a Deus), e os perdidos depois (ou os que aparentemente estão perdidos). Vamos desvendar isso a partir da página 196.

“Deus ordenou a João que medisse o santuário. Alguns pensam se tratar do santuário terrestre, entretanto, quando João recebeu a visão, por volta do ano 96 d.C., o santuário de Jerusalém havia sido destruído há cerca de 26 anos. No ano 70 d.C., o general romano Tito, com o seu exército, arrasou Jerusalém e o templo dos judeus. Então só pode se tratar do Santuário Celestial. A medição do templo significa que uma obra cuidadosa de investigação deveria ter lugar. Quanto aos adoradores deste santuário, eles representam os fiéis de Deus que passarão agora por um juízo. Este juízo se inicia justamente no dia 22 de outubro de 1844 [...]. Assim, percebemos que o capítulo 11 é uma continuação do tema tratado no capítulo 10 (OLIVEIRA et al., 2015, p. 11).

Como o mesmo ato de medir tem significados distintos: medir o santuário celestial é investigá-lo minuciosamente. Já medir os que nele adoram é uma referência ao julgamento pré-advento? Outro ponto: para os autores da citação do parágrafo anterior, os “adoradores” e os “gentios” (v. 2) são grupos excludentes, e não grupos que contêm salvos e perdidos. Mas, não se dá uma razão para essa crença. Vou apresentar possíveis evidências de que a hipótese “trigo e joio também estão nesses dois grupos” é a mais provável.

“Essa passagem dá continuidade à cena de Apocalipse 10. João foi ordenado a medir o templo, o altar e os adoradores. Na Bíblia, o conceito de medir se refere figurativamente ao juízo (veja Mt 7:2). O templo que devia ser medido está no Céu, onde Jesus ministra em nosso favor. A referência ao templo, ao altar e aos adoradores aponta para o Dia da Expição (veja Lv 16:16-19). Esse dia era destinado a ‘medir’, visto que Deus julgava os pecados do povo. Portanto, em Apocalipse 11:1, há uma referência ao juízo que ocorre antes da segunda vinda de Jesus. Esse juízo diz respeito apenas ao povo de Deus, os adoradores no templo. Em Apocalipse 11:1, revela-se que a mensagem do santuário celestial está no centro da proclamação final do evangelho, que inclui a vindicação do caráter de Deus. Como tal, ela apresenta a dimensão completa da mensagem do evangelho em relação à obra expiatória de Cristo e à Sua justiça como único meio de salvação para o ser humano” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 58).

Estes últimos autores, embora coloquem o Santuário celestial no centro da pregação do evangelho no período da sexta trombeta pós-queda do império otomano, não mencionam o verso Ap 11.1 como significando um estudo minucioso daquele Santuário. Mas eles creem que “A comissão de João para profetizar novamente ao mundo aponta para os adventistas que guardam o sábado, levantados para proclamar a volta de Cristo em conexão com as profecias de Daniel e Apocalipse” (ibidem). Por outro lado, assim como Arilton Oliveira *et alii*, eles mencionam o julgamento pré-advento realizado por Jesus, onde os réus seriam apenas “o povo de Deus, os adoradores no templo”.

Mas, analisando o Santuário do AT percebe-se facilmente que os gentios/estrangeiros circuncidados podiam participar das atividades do calendário judaico (Êx 12.48 e 49) e, conseqüentemente, do Dias das expiações (Lv 16.29); por conseguinte, eles faziam parte do “povo de Deus/de Israel”. No entanto, fazer parte do povo de Israel não era, nem é, sinônimo de estar salvo. Na verdade, o “povo de Deus” parece sempre estar espalhado pela Terra, no meio de outros povos. O julgamento pré-advento, que começa “pela casa de Deus” (1ª Pe 4.17) resultará em duas sentenças, o que sugere sua abrangência global: salvos e perdidos, “adoradores” no santo lugar e “gentios” no pátio exterior.

Esses adoradores de Ap 11.1 e os gentios do v.2 não podem ser os grupos excludentes resultantes trigo e joio, respectivamente, da sentença final do julgamento pré-advento, pois esse julgamento, desde Apocalipse 11.1,2 até hoje não terminou! Vejo dados de que os réus são o trigo e o joio presentes nos “adoradores” do v.1. Mas isso não é sinônimo de “os gentios do verso 2 são os perdidos”. Também encontro dados que apontam para uma heterogeneidade entre esses gentios também. Voltarei a esse tema mais adiante no versículo dois.

“Continuam aqui a instrução que o anjo começou a dar a João no capítulo precedente; daí que estes versículos pertencem com razão a esse capítulo e não deviam estar sepa-

rados pela presente divisão. No último versículo do capítulo 10 o anjo confiou a João, como representante da igreja, uma nova missão. Em outras palavras, como já vimos, temos nesse versículo uma profecia da mensagem do terceiro anjo. A mensagem está relacionada com o templo de Deus no Céu, e tem o propósito de preparar certa classe de pessoas como adoradores" (SMITH, 1979, p. 164).

Por quê? É indispensável embasar afirmações como esta. No capítulo anterior ocorreu algo semelhante: "as mensagens dos anjos 1 e 2 se cumprem paralelamente com Ap 10 e só".

"A vara de medir. – O templo aqui não pode significar a 'igreja', porque a igreja é apresentada em relação com este templo, constituindo 'os que nele adoram'. O templo é, portanto, o templo literal no Céu, e os adoradores, a verdadeira igreja na Terra. Mas sem dúvida estes adoradores não devem ser medidos no sentido de se verificar a sua altura. Devem ser medidos como adoradores; e o caráter só pode ser medido por um padrão de justiça, uma lei ou um princípio de ação. Chegamos assim à conclusão de que o Decálogo, a norma que Deus nos deu para medir 'o dever de todo homem', estão incluídos na vara de medir posta pelo anjo nas mãos de João. No cumprimento desta profecia sob a mensagem do terceiro anjo, esta mesma Lei foi posta nas mãos da igreja. Esta é a norma pela qual os adoradores de Deus devem ser agora aferidos.

"Depois de ver o que significa medir os que adoram no templo, perguntamos: Que quer dizer medir o templo? Para medir algum objeto requer-se que prestemos atenção especial a esse objeto. A ordem para se levantar e medir o templo de Deus é uma ordem profética dada à igreja para examinar de modo especial o assunto do templo ou santuário. Mas como se fará isso com uma vara de medir dada à igreja? Só com os Dez Mandamentos não o poderíamos fazer. Porém, quando tomamos toda a mensagem, somos levados por ela a examinar o santuário celestial junto com os mandamentos de Deus e o ministério de Cristo. Por isso, concluímos que a vara de medir, tomada como um todo, é a mensagem especial dada à igreja, que abrange as grandes verdades particulares a este tempo, incluindo os Dez Mandamentos.

"Esta mensagem chamou a nossa atenção para o templo celestial, e por ela veio a luz e verdade sobre este assunto. Assim, medimos o templo e o altar, ou o ministério relacionado com o templo, a obra e a posição de nosso grande Sumo Sacerdote, e medimos os adoradores com a parte da vara que se refere ao caráter: o Decálogo" (SMITH, 1979, p. 164 e 165).

"**Os adoradores:** Trata-se dos que adoram a Deus, o verdadeiro povo de Deus. Eles serão medidos não de acordo com a sua estatura física, mas por um padrão do que é certo, uma lei ou princípio de ação. 'Falai de tal maneira e tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade' (Tiago 2:12). O contexto de Tiago 2:12 nos revela que esta é uma referência aos Dez Mandamentos, que dizem: 'não matarás,' e 'não adulterarás' (Tiago 2:11). **Medindo o templo:** O ato de medir algum objeto requer que seja dada atenção especial àquele objeto. A ordem de medir o templo de Deus é um comando profético para que a igreja dê uma atenção especial ao assunto do templo, ou do santuário" (FEYERBEND, 2005, p. 91 e 92).

"A instrução 'de medir', ou seja, examinar a avaliar, o 'santuário' ou templo, era exatamente o que necessitavam os desapontados crentes em 1844. Daniel 8:14 diz que no fim dos 2.300 dias 'o santuário será purificado'. A solução para o desapontamento e a confusão daqueles fiéis achava-se em prestarem maior atenção ao significado e ministério do santuário celestial. É um fato histórico que os entristecidos crentes reestudaram imediatamente o significado do santuário. Ao assim procederem, perceberam o verdadeiro sentido para Daniel e Apocalipse para o tempo do fim. Por intermédio desse novo estudo, eles se preparam para levar o 'mistério de Deus' a 'muitos povos, nações e línguas e reis'" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 284).

"No versículo onze do capítulo precedente é apresentado incontestavelmente o novo movimento mundial que deveria surgir com elementos dentre os que foram decepçiona-

dos naquele ano de 1844. E, então, no versículo primeiro do undécimo capítulo, que agora apreciamos, se nos diz que o povo, que constituiria o referido e novo movimento mundial, inteirar-se-ia da questão do santuário e dêle faria o centro de sua adoração. E na verdade o povo anunciado no versículo onze do capítulo dez surgiu no devido tempo, aliás, em 1844. E, examinando o autor a história das religiões, verificou que outro não pode ser êste povo ou movimento senão a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que iniciou sua marcha profética exata e imediatamente depois da inesperada decepção e naquele mesmo ano de 1844. [...] Eis, pois, a igreja de Cristo, que, como reza o versículo primeiro, recebera a ordem profética de levantar-se nesta última geração da história do mundo para restaurar o puro evangelho apostólico que gira em tórno do ritual do santuário celestial” (MELLO, 1959, p. 271 e 272).

Mileritas, José Wolf, Manuel Lacunza, as crianças da Escandinávia e tantos outros indivíduos que esperavam o advento de Jesus (adventistas) espalhados cumpriram Apocalipse 10.10. Já os adventistas do sétimo dia (asd) surgiram para cumprir Apocalipse 10.11 e 11.1. No entanto, diferentemente da teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) eu entendo que, assim como os adventistas anteriores à IASD, alguns indivíduos asd e outros adventistas é que cumpriram/cumprem esses dois versículos (Ap 10.11 e 11.1). E os que cumprem esses dois versículos estão espalhados, não reunidos num mesmo rebanho ou denominação cristã. Sendo assim, a referida “igreja de Cristo”, supracitada por Araceli Mello, como sempre foi em toda história humana, continua sendo invisível e espalhada, e não visível e confinada a quatro paredes de um mesmo partido cristão.

“Uma cana ou uma vara métrica simbólica é entregue ao profeta para medir o templo de Deus. João, o amado, que nos seus dias terrenos anunciara a pura verdade do ‘evangelho do reino’, em conexão com o santuário, era legítimo representante da Igreja de Cristo desta geração, referida acima, que surgiria para restaurar a mesma verdade cristalina de que fôra êle portador ao mundo da parte de seu Mestre” (MELLO, 1959, p. 272).

Discordo da intenção do autor em colocar a “Igreja de Cristo”, do final do século 19, como sendo a IASD. Isso contradiz a própria Palavra que se pretende estudar (cf. Jo 10.10). Qual a razão dessa paixão que confunde os que realmente cumprem a profecia com os membros de uma denominação cristã específica? Isso se parece com aquelas propagandas de produtos que tentam seduzir o consumidor fazendo-o crer que só o produto propagandeado por eles merece crédito.

“Portanto, a êste povo, é entregue aquela vara métrica para medir o santuário e seu inteiro ritual. Mas, o que significa medir o santuário? O que simboliza a vara para medi-lo? Medir o santuário significa entendê-lo inteiramente. Aquêles que foram decepcionados em 1844, não o entenderam, daí a amarga decepção que tiveram de sofrer. Mas o povo que os seguiria, dentre êles mesmos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, entendê-lo-ia tendo, é bem de ver, de medi-lo antes. E como pôde esta Igreja medir ou entender o santuário e seu serviço vê-lo-emos a seguir” (MELLO, 1959, p. 272).

Será que não havia/há analfabetos asd? Será que todos os membros asd eram e são dedicados estudiosos da Bíblia, em especial do santuário, de Daniel e do Apocalipse? Insisto: “os que se dispõem a medir o santuário de Deus, o seu altar e os que nele adoram” são indivíduos espalhados, e não uma denominação cristã inteira. Esse é o meu entendimento até aqui. Não encontro os dados que confirmam a mentalidade da IASD sobre isso.

“Esta vara métrica é o santuário terrestre de Israel. Ao ser ordenado Moisés, por Deus, a construí-lo entre seu povo, como centro de adoração, foi-lhe dado como modelo o próprio santuário celeste que contemplara, em visão, no Monte Sinai, depois do Êxodo do Egito. Foi precisamente para Seu povo entender o santuário celestial que Deus lhe deu o santuário terrenal. Tudo quanto o Velho e o Novo Testamentos dizem do santuário de Israel, constitui a vara de medir o santuário celestial. No livro aos Hebreus, São Paulo explana magnificamente o santuário celestial, usando, como vara métrica, nada mais que o santuário da terra. [...] Foi pela consideração e estudo do santuário da terra que, depois da decepção de 1844, aqueles que iriam constituir o povo de Deus dêstes últimos dias entenderam tôda a questão do santuário celestial prefigurado no terrenal. E ficaram maravilhados com a notável descoberta” (MELLO, 1959, p. 272 e 273).

O povo de Deus não está contido na IASD. O povo de Deus está espalhado pelo planeta. Em todas as épocas foi assim e será assim, com exceção dos 144.000 de Apocalipse 7, os quais ainda virão. Eles cumprem Ap.10.7. Os que cumprem Ap 10.11 e Mt 24.14 não estão juntos sob uma mesma bandeira eclesiástica, mas espalhados e unidos invisivelmente sob a bandeira de Javé Jesus (cf. Êx 17.15). Por outro lado, preciso reconhecer meu desconhecimento de outros indivíduos espalhados que estudaram com afinco "o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram", além de alguns asd. De qualquer modo, isso não confirma a crença da IASD de que ela cumpre Ap 11.1. No máximo alguns asd cumprem essa profecia. Assim como os mileritas estudaram bastante o santuário, embora não tenham "medido os que nele adoram", suponho que outros estudaram e pregaram, e portanto, cumpriram/cumprem essa profecia. Assim como os magos do oriente, os quais mesmo distantes do povo que se arrogava "a Igreja de Deus da época", foram estudiosos do Antigo Testamento, receberam luz divina e pertenceram à igreja invisível ou corpo de Cristo daqueles dias.

"No santuário celestial não há mais que um altar, que é o altar do incenso. Êste altar, como já considerado no capítulo oitavo, está no lugar santo do santuário de Deus. Nêle queimou Jesus incenso até 1844, pois no lugar santo desempenhara suas funções sacerdotais até esta data, passando daí em diante a officiar no lugar santíssimo onde não há nenhum altar. À Igreja da profecia, que surgiu em 1844, é ordenado medir também o altar do incenso, o que equivale a dizer que êsse altar, que está no lugar santo, continuaria em função de 1844 até ao fim da intercessão de Jesus no lugar santíssimo, sem o que não haveria valor algum para a igreja em medi-lo" (MELLO, 1959, p. 273).

Igreja no sentido pessoas, eu concordo. Igreja no sentido a denominação IASD, eu discordo.

"E, para medi-lo exatamente, só poderá ser feito mediante o do santuário de Israel que é sua figura. Ora, no dia da expiação ou purificação do santuário israelita, o sumo-sacerdote obedecia à seguinte determinação do ritual concernente ao incenso: 'Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso, aromático, moído, e o meterá dentro do véu' (Lv 16.12 e Dn 7.13). Note-se que as brasas que o sumo-sacerdote punha no incensário eram 'do altar, de diante do Senhor', que é o altar do 'incenso contínuo' (Êx 30.8). Pois em tal dia o incenso só podia ser queimado no incensário com brasas do altar do incenso (Ap 5.5 [esse verso não trata do assunto; sugiro os versos Ap 5.8 e 8. 3 e 4]). E isto infere que no dia da expiação era queimado incenso neste altar, uma vez que nêle havia brasas. Nêsse dia especial, o sumo-sacerdote, enchendo o seu incensário com brasas do altar do incenso, punha sobre elas o incenso aromático e, com o incenso transformando-se em nuvem, emblema dos méritos de Cristo, entrava êle no lugar santíssimo para purificar o santuário com o sangue do sacrifício.

"E é importante o fato de que o povo, nesse dia, orava em torno do santuário, enquanto o sumo-sacerdote estava procedendo a expiação 'perante o Senhor' no lugar santíssimo, indo as suas orações diretamente ao altar do incenso, o altar das orações (Ap 8.3), que na expiação estava ligado ao incensário que o sumo-sacerdote tinha em sua mão, no lugar santíssimo, sem o que as orações daquele dia nenhum valor teriam. O mesmo que se dava no santuário terrenal, devia dar-se no celestial. Cristo, ao deixar o lugar santo e passar para o lugar santíssimo, em 1844, levou o incensário cheio das brasas do altar do incenso, único altar ali. Foi êste o verdadeiro acontecimento de 1844, que não entenderam Guilherme Miller e os seus colaboradores.

"[...] O povo de Deus neste grande dia da expiação ou purificação do santuário, que se iniciou em 1844, deve orar e orar muito. Pois há incenso no altar para receber suas orações e incenso no incensário para intercessão por êles. Suas orações vão ao altar que se acha ligado ao incensário que está nas mãos de Cristo, o Intercessor. E quão sublime é entendermos que nossas orações, ao chegarem ao altar, ligam-se imediatamente com o incensário do Intercessor" (MELLO, 1959, p. 273 e 274).

(As tabelas na vertical da página seguinte resumem o entendimento que leva a conclusão do início do julgamento do planeta Terra precisamente no ano 1844).

“A ordenança do anjo inclui também medir os que adoram no templo de Deus. Esta ordem não é mais nem menos do que medir o caráter moral e espiritual de seus adoradores pelas leis moral e cerimonial do templo celestial. Medi-los também pela luz do castiçal que ali há, para ver se andam na luz e são uma luz; medi-los pela mesa dos pães, para certificar se se alimentam do verdadeiro pão da vida; medi-los pelo altar do incenso, para avaliar a vida de oração dêles aqui na terra; medi-los pela arca do concôrto, para ver se vivem na terra segundo a lei moral.

“Medi-los, sim, pelo santuário, para constatar se no mundo vivem em plena concordância teórica e prática com aquele sublime templo. Medi-los, sobretudo, pelo caráter do seu Intercessor, ao qual suplicam perdão e forças. Uma responsabilidade inquestionavelmente enorme pesa sôbre os adoradores do templo de Deus, o santuário celestial. Nenhuma alma, cuja vida não se harmonizar com a pureza, santidade e ritual do santuário, poderá adorar nêle. Deverão seus adoradores estar moral e espiritualmente em harmonia com o templo e o altar ou não terão ali Intercessor” (MELLO, 1959, p. 274 e 275).

A DAS 2300 E MANHÃS

**“Ele me disse: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs;
e o santuário será purificado.’” (Daniel 8:14, ARA)**
2300 dias-anos

**tentas semanas estão determinadas
pore o teu povo...” (Daniel 9:24, ARA)**
70 semanas
490 dias-anos

1810 dias-anos até a purificação do Santuário
2300 anos - 490 anos = 1810 anos
1810 + 34 = 1844

1335 dias-ano

Fonte: <http://marcoscesarja.blogspot.com/2013/11/existiu-o-ano-zero-profecia-das-setenta.html> .

**PROFECIA DAS SETENTAS SEMANAS DE DANIEL 9:20-27
EM ESCALA PROPORCIONAL AOS ANOS LITERAIS**



“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo...” (Dn 9:24)
(70 semanas = **490 anos**)

Thiele e Berg (1960, p. 232 e 233) citam os seguintes textos de Ellen G. White (os quatro parágrafos subsequentes) sobre o versículo que estamos estudando:

“Aqueles que estiveram procurando pela verdade encontraram provas indiscutíveis da existência de um santuário no Céu [...] No trono no Céu, o lugar da morada de Deus, Seu trono está estabelecido em justiça e juízo [...] Aqueles que seguiram a luz progressiva da palavra da profecia viram que em lugar da vinda a esta terra no fim dos 2300 dias em 1844, Cristo então entrou no santíssimo do santuário celestial” (Spirit of Prophecy., vol. 4, pp. 261,266).

“Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado.” Dan. 8:14. [...] Ficara demonstrado que esses dias proféticos terminariam no outono de 1844. [...] Mas o tempo indicado passou e o Senhor não apareceu. [...] Nesse cálculo, tudo era claro e harmonioso, exceção feita de não se ter visto em 1844 nenhum acontecimento que correspondesse à purificação do santuário. [...] Com fervorosa oração examinaram sua atitude e estudaram as Escrituras para descobrir onde haviam errado. [...] Acharam, porém, na Bíblia uma completa explicação do assunto do santuário, quanto à sua natureza, localização e serviços [...] O assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844” (O Grande Conflito, 409-411, 423).

“[...] Cristo [...] conquanto seja sumo sacerdote e mediador no santuário celestial, é apresentado andando de um lado para o outro lado entre as Suas igrejas terrestre [...] Ele é o verdadeiro vigia da casa do Senhor, o verdadeiro guarda dos átrios do templo” (Atos dos Apóstolos, pp. 585,586).

“Os crentes da terra e os seres do céu que nunca caíram constituem uma igreja. Cada inteligência do céu está interessada na assembléia dos santos que se reúnem na terra para adorar a Deus. No átrio interior do céu, eles ouvem o testemunho das testemunhas de Cristo no átrio exterior nesta terra” (*Testemonies*, v. 6, p. 366).

“*Levante-se.* João é ordenado a participar da ação mostrada a ele na visão.

“*Mede.* O símbolo do homem que mediu Jerusalém com um barbante foi interpretado como garantia de que a cidade seria reconstruída (veja em Zac. 2: 1-2); portanto, a medida do templo e de seus adoradores também pode sugerir uma promessa de restauração e preservação.

“Entre parênteses, entre o sexto e o sétimo selos, existe a garantia de que, apesar dos terrores que acompanharão a segunda vinda de Cristo, Deus tem um povo que permanecerá firme (Ap 7; cf. com. cap. 6:17). Este outro parêntese entre a sexta e a sétima trombetas também pode ter o objetivo de confirmar que, em meio aos horrores que acompanham o som das trombetas, o templo de Deus – isto é, o plano de redenção que nele é retratado – e os verdadeiros adoradores do Senhor estão seguros. Essa restauração e preservação do templo de Deus também parece ter um apelo especial para uma compreensão mais completa do significado do Ministério de Cristo no santuário celestial, conhecimento que foi ampliado desde 1844.

“*Templo.* Gr. *Naos* (ver cap. 3:12; 7:15; cf. cap. 11:19). Depois do grande desapontamento em 22 de outubro de 1844, a atenção dos crentes adventistas foi dirigida ao santuário celestial e à obra de Cristo como sumo sacerdote naquele santuário. Esta não é uma referência ao templo literal de Jerusalém, porque quando João recebeu suas visões, esse tem-

plo estava em ruínas. Os judeus foram rejeitados por Deus como seus representantes escolhidos (ver com. Mt 21:43; v. IV, pp. 28-36), e por esse motivo esse templo nunca será restaurado como um centro de culto divinamente reconhecido (veja Ezequiel 40: 1). Portanto, 'aqueles que adoram' não são judeus literais que adoram em seu templo literal, mas aqueles que dirigem sua adoração ao templo celestial, onde Cristo ministra em nome de seus filhos (Heb. 8: 1-2). Num sentido especial e de acordo com o contexto desta profecia, a medição ocorre em um período específico para a história da igreja. [...]

"*Aqueles que adoram.* Ou seja, o verdadeiro Israel espiritual, o povo de Deus, que contrasta com os 'gentios' (verso 2). A medida dos adoradores sugere um serviço de julgamento" (NICHOL et al., 1980b, 816).

"*Medir o santuário (ou templo):* Ter clara compreensão do santuário no Céu e do juízo investigativo. [...] *Medir:* Esta palavra é usada com o significado de avaliar e julgar, mas pode ser considerada também como uma promessa de restauração e preservação. [...] *Altar:* Visto que o átrio exterior do santuário não devia ser medido, este altar deve referir-se ao altar do incenso [interno] e ao ministério intercessor de Cristo, apresentando Sua justiça para cobrir os nossos pecados. Medir o altar é verificar se aceitamos a justiça de Cristo e Sua intercessão por nós.

"*Medir o altar:* Como isto se refere ao altar do incenso (verso 2), o povo de Deus deve ter mais clara compreensão da maneira pela qual o ministério intercessor de Cristo traz justiça pela fé. [...] *Medir os que adoram:* A obra do evangelho só poderá ser terminada quando o povo de Deus refletir o caráter de Cristo. [...] Apocalipse 11:1 liga este capítulo a Apocalipse 10, mostrando o que deve ser profetizado novamente, e qual é a importância que a Bíblia terá no testemunho a ser dado nos últimos dias" (BATTISTONE, 1989, p. 155, 160 e 161).

11.2

mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calçarão aos pés a cidade santa.

mas não invistam tempo em analisar o mundo, o qual é o pátio externo do Santuário celestial; foi nele, no altar da cruz, que o Criador foi sacrificado em lugar da criatura. Ao final do julgamento do planeta Terra, antes da volta de Jesus, os falsos adoradores terão seus nomes apagados do Livro da Vida do Cordeiro e descartados do Santuário celestial, quer estejam no lugar santo, entre os professos sacerdotes, ou no pátio externo entre os gentios. Esses falsos adoradores receberam a permissão para perseguir e matar a muitos dos verdadeiros, de 538 a 1798 d. C, onde nesse período as verdades sobre Jesus e Seus serviços no Santuário celestial serão obscuras e deturpadas. Mas ao fim desse tempo de deturpações e perseguições, essas verdades serão restauradas e ensinadas, e os verdadeiros adoradores entrarão, após o retorno de Jesus a

este mundo, na Nova Jerusalém!
No entanto, os deturpadores da verdade e os algozes dos verdadeiros adoradores, mesmo professando adorar a Deus no mundo, serão vistos por Deus como ímpios e rebeldes, e ficarão de fora da Cidade Santa”.

“Em Apocalipse 8:2, João observa sete anjos com trombetas, prontos para anunciar os juízos que sobrevirão aos habitantes da Terra. Antes que os anjos toquem as trombetas, outro anjo não especificado aparece, segurando um incensário de ouro. Ele fica em pé junto ao altar [ou no altar, sobre o altar, de acordo com um estudo de caso realizado por este mesmo autor], que é, sem dúvida, o altar de sacrifício. O altar de sacrifício ficava localizado no átrio exterior do templo que, na tipologia bíblica, representa a Terra (cf. ap 11.2)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.60).

“Átrio – Representa a Terra e a obra de expiação que Jesus realizou quando esteve neste mundo [...]. Apocalipse 11 é a continuação da cena descrita no capítulo anterior, na qual foi ordenado que João tomasse e comesse o livrinho. No capítulo 11 verificamos que o apóstolo recebeu uma vara de medir e, com ela, a tríplice ordem de medir o templo, o altar e os que naquele adoram. Foi-lhe recomendado que não medisse o átrio exterior do templo, pois esse átrio seria dado aos gentios, que por quarenta e dois meses calcariam aos pés a cidade santa. Mais uma vez estamos lidando com profecia simbólica” (BATTISTONE, 1989, p. 161).

“Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário.’ Isto deve ser interpretado como significando que a atenção da igreja dirige-se agora ao interior do templo e ao serviço ali realizado. Os assuntos pertencentes ao átrio são agora de menor importância. Foi dado aos gentios. O átrio se refere a esta Terra, pois com relação ao santuário o átrio é o lugar onde se imolavam as vítimas cujo sangue devia ser lavado [sic, levado] ao interior. A vítima antitípica devia morrer no átrio antitípico, e Cristo morreu no Calvário, na Judéia. Ao apresentar os gentios, a atenção do profeta é dirigida ao importante detalhe da apostasia gentílica, que ia pisar a santa cidade durante quarenta e dois meses. Assim regressamos ao passado, e é chamada a nossa atenção para uma nova série de acontecimentos” (SMITH, 1979, p. 165).

“No santuário da terra em Israel, figura do verdadeiro, havia um átrio que o circundava, fechado por uma cêrca de cortinas de linho, no qual eram imolados e queimados no altar os animais de acôrdo com o ritual [‘átrio exterior’]. O santuário celestial, onde Jesus é o único Sumo-sacerdote Mediador, também tem o seu átrio [externo], que deve ser, como no da terra, o lugar onde o Cordeiro de Deus foi imolado como oferta pelo pecado do povo de Deus. E bem sabemos que Jesus, foi imolado nesta terra, que é o átrio [externo] do santuário celestial, como mais evidentemente comprova a última parte do versículo dois.

“Este átrio não devia ser medido, pois nada há na terra que deva harmonizar-se com a vida do cristão; êle somente deve estar em harmonia com o templo e seu ritual, jamais, porém, com o mundo corrompido e mau. O átrio ‘foi dado às nações’, o que mais uma vez confirma tratar-se da terra. Neste átrio [externo] do templo as nações pisariam a ‘cidade santa’ por 42 meses. A ‘cidade santa’ aqui referida só pode ser a Igreja de Cristo; pois não conhecemos na terra uma ‘cidade santa’ literal. E é notável a inferência de que a Igreja de Cristo está no átrio [interno] do templo celestial.

“No santuário terrestre, apenas os sacerdotes oficiantes tinham acesso ao átrio [interno], sendo os únicos ministros da palavra. Porém, na Igreja de Cristo, todos estão no átrio [interno] do templo porque todos têm uma missão sacerdotal a desempenhar no mundo. No templo [luar santíssimo do átrio interno], entretanto, só o ‘Sumo-sacerdote da nossa confissão’ [Hebreus 3.1] tem direito de entrar. [...] 42 meses a trinta dias cada mês são 1260 dias. E êstes 1260 dias, segundo o modo de as Sagradas Escrituras contarem o tempo profético, um dia equivalente a um ano, são 1260 anos. Nisto podemos ver que as nações européias, no período de 1260 anos, coagidas pelo papado, pisariam a Igreja de Cristo no próprio átrio do

santuário, onde o Senhor oficia como seu Sumo-sacerdote. E foi sob a coação dos senhores da tiara que as nações pisaram cruelmente a Igreja do Senhor Jesus, como prova evidentemente a própria história” (MELLO, 1959, p. 275 e 276).

“No templo de Herodes, que João conhecia muito bem, havia um pátio interior composto pelo pátio das mulheres, o pátio de Israel e o pátio dos sacerdotes. Além destes, havia um grande pátio externo, o pátio ou átrio dos gentios. Uma barreira – uma ‘parede de separação’ (Ef. 2:14) – separou a quadra interna da quadra externa e não havia permissão para nenhum gentio atravessar essa barreira e, sob pena de morte (ver vol. V, pp. 68-69). Em vista do fato de que o átrio mencionado aqui ter sido ‘dado aos Gentios’, parece que João levou especificamente em conta aquele grande pátio exterior. O pátio foi considerado um símbolo desta terra, em contraste com ‘o templo de Deus’ no céu (versículo 1).

“João deve medir apenas os adoradores de Deus, aqueles que têm o direito de entrar além da barreira, onde somente os israelitas poderiam entrar. São os únicos que podem esperar que sejam libertos dos castigos finais que cairão sobre a terra.

“Como foi o caso do átrio dos gentios no templo em Jerusalém, pode entender-se que ‘gentios’ se aplica àqueles que não são verdadeiros adoradores de Deus, aqueles que não confessarão pertencer ao Israel de Deus.

“Essa passagem é paralela à descrição de Dan. 7: 7, 23, onde é descrita a ação do quarto animal que ‘pisou aos pés’ (veja Dan. 7: 7-8, 25). Aquele animal agiu particularmente contra os ‘santos do Altíssimo’ (Dan. 7:25), por isso é lógico entender que a ‘cidade santa’ representa o povo de Deus. A cidade santa, isto é, Jerusalém (Dan. 9:24; cf. Lucas 21:20). A entrega do átrio exterior aos gentios envolve o ato de pisar a cidade santa aos pés.

“[...] Este período é claramente idêntico ao ‘tempo, tempos e meio tempo’ de Dan. 7:25 (ver comentário respectivo)” (NICHOL et al., 1980b, 816).

“[...] Os 42 meses e os 1.260 dias são uma referência ao período da supremacia papal (538 A.D. a 1798 A.D.). Durante esse tempo, as duas testemunhas (as Escrituras Sagradas) profetizaram vestidas de pano de saco. Esse foi um tempo em que as forças do mal ‘calcaram aos pés’ verdades da palavra de Deus e perseguiram os que procuraram perseverantemente estudar as Escrituras por si mesmos” (BATTISTONE, 1989, p. 165).

“Apocalipse 11:2 fala das ‘nações’ ou dos ‘gentios’ que ocupam o ‘átrio externo do templo’. Antes de qualquer outra coisa, deixemos claro que a palavra aqui traduzida como ‘nações’ por algumas versões da Bíblia, é a mesma palavra que em mais de noventa casos, no Novo Testamento, é traduzida como ‘gentios’. Aliás, é esse o termo que aparece na Versão Almeida Revista e Atualizada, a nossa versão básica. Esta forma de traduzir o termo original — ‘gentios’ — torna-se imediatamente significativa ao lembrarmos que nos tempos do Novo Testamento o grande templo de Jerusalém era constituído por aposentos internos — onde somente os judeus podiam adorar — e um vasto *pátio externo* onde os *gentios* devotos estavam autorizados a adorar a Deus. (O pequeno muro que separava o pátio dos gentios dos aposentos exclusivamente reservados aos judeus, é mencionado simbolicamente em Efésios 2:14.)

“Pois bem: em Apocalipse 11 os gentios que vêm adorar no pátio externo ‘calcaram a pés’ a ‘cidade santa’ durante 1.260 anos. Lembremo-nos que a cidade santa representa a comunidade de pessoas justas, conforme vimos há pouco. Isso nos traz imediatamente à memória o chifre pequeno de Daniel 7, o qual haveria de perseguir os santos durante idêntico período, bem como a ponta pequena de Daniel 8, a qual iria ‘pisar’ o ‘exército’. Esses chifres pequenos — na verdade, ambos são o mesmo e, portanto, um só — representam principalmente o lado mais negativo da igreja cristã durante a Idade Média e em épocas posteriores. Uma vez que os ‘gentios’ ou ‘nações’ de Apocalipse 11 se encontram no pátio externo, é indubitável que eles são adoradores do Deus verdadeiro. Tal fato oferece apoio à nossa interpretação de que eles representam uma espécie de cristianismo.

“Os gentios ou nações representam, portanto, a mesma coisa que os habitantes da grande cidade, aquela que crucificou Jesus ao apostatar da verdadeira adoração. Constata-

mos, assim, que a grande cidade faz oposição à cidade santa. Damo-nos conta, igualmente, da existência de uma distinção entre os verdadeiros adoradores que ocupam os aposentos internos, e os outros, que adoram no grande pátio exterior. João recebeu instrução de 'medir' os adoradores dos aposentos internos, junto com o próprio templo e seu altar.

"Foi-lhe dito, contudo, que deixasse 'de parte' os demais adoradores. A palavra grega subjacente na verdade sugere uma tradução mais incisiva: 'expulsar' ou 'descartar'. Acha-se envolvido aqui um julgamento, o qual separa os genuínos cristãos das pessoas que meramente professam o cristianismo. Teremos mais a dizer acerca desse julgamento, ao examinarmos a mensagem do primeiro anjo em Apocalipse 14:6 e 7. Por ora, concluímos que as 'nações' ou 'gentios' de Apocalipse 11:2 representam os cristãos que não correspondem, na prática, à sua profissão de fé, e molestam ou fustigam os cristãos cujo viver é coerente e genuíno" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 312 e 313).

Não estou convencido disso. Tenho aprendido que sempre haverá trigo e joio nos dois grupos: os que adoram no santo lugar (Ap 11.1) e os gentios do átrio exterior, e isso até a volta de Jesus. Trigo e joio permanecerão juntos até a sentença final após o julgamento pré-advento, a qual não está em 1844, no começo do julgamento do planeta Terra, mas em seu final, início da 7ª trombeta e fim do tempo da graça. O segundo "ai" começou em 538 d. C., Ap 11.2 e 3, e vai até o início da Revolução Francesa no século 18. O terceiro "ai" começa com a 7ª trombeta e vai até o final do milênio (Ap 11.18). O primeiro "ai" começou depois do 2º, no início do século VII. Enfim, em todos os "ais" e trombetas, com exceção da sétima trombeta, trigo e joio estarão juntos. Apocalipse 11.1 e 2 se cumprem no segundo "ai" e, portanto, antes da 7ª trombeta, o que me faz crer que esses dois versos não apresentam os dois grupos excludentes, últimos, "salvos" e "perdidos" como se estivessem sendo representados, respectivamente, pelos adoradores no lugar santo e os gentios do átrio exterior.

Retomando a questão da localização cronológica do julgamento dos que estarão salvos e perdidos no segundo advento de Jesus Cristo (cf. p. 188), Silva (2011, p. 5) se refere ao julgamento de Apocalipse 20, durante os "mil anos" após a volta de Jesus, como uma "revisão do julgamento" realizado no Santuário celestial antes de Sua volta. "Certamente Deus julgará também antes da segunda vinda de Jesus os que, aparentemente, não eram religiosos e não professaram seguir nenhuma denominação religiosa. Primeiro porque existirão salvos entre eles (Mt 8:10, 11 e 21:31,32); depois porque, como Ele salvaria alguns (após julgá-los) e mesmo sem julgar condenaria outros? 'Afinal de contas eu não tenho o direito de julgar os que não são cristãos. Deus os julgará' (I Co 5:13, NTLH). 'Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça' (At 17:31; cf. Ap 11:18)" (SILVA, 2011, p. 9).

Se esta ideia estiver correta, e até hoje (14/6/2020) não encontrei dados bíblicos que a refutem, o julgamento começou "pela casa de Deus" (1ª Pe 4.17), pelos "adoradores" no santuário celestial (Ap 11.1), mas não se limitou a eles. Os que nunca professaram Jesus (via batismo ou outras associações) nem pertenceram ao suposto povo de Deus de sua época, os "gentios" do "átrio exterior" (Ap 11.2) também deverão ser julgados por Jesus e Sua assessoria jurídica na mesma fase de julgamento, no caso a fase pré-advento. Somente após a conclusão dessa fase, onde o tribunal de Cristo já possuir todas as sentenças de todos os seres humanos, ocorrerá a volta de Jesus à Terra.

"Uma vez que o Juiz concluiu todos os casos de Adão até o último ser humano concebido na Terra (At 17:31); uma vez que Ele mesmo, Jesus, e o Pai (Mt 26:64), e com Eles 'todos os' anjos que existem no Céu (Mt 25:31) tiverem vindo ao nosso planeta e Jesus tiver ressuscitado os salvos que dormem e alguns perdidos, os que 'O traspassaram' e os tiver destruído (Ap 19:21), em seguida a Bíblia narra o seguinte: 'Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo' (Mt 25:34); 'nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles [os ressuscitados], entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor' (I Ts 4:17)" (SILVA, 2011, p. 13).

zentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco.

o Antigo e o Novo Testamentos bíblicos, Minhas duas testemunhas na Terra, ensinarão sobre Mim mas de luto, pela contínua perseguição, e por serem forçados pelos falsos adoradores a viverem em idiomas antiquados e sem acesso à maioria das pessoas”.

“Quem são essa duas testemunhas? Estudiosos apontam para dois aspectos: (1) a Palavra de Deus – o Antigo e o Novo Testamentos; e, mais recentemente, (2) o povo de Deus, que testemunha da veracidade da Bíblia e do evangelho para o mundo. Apocalipse 11:8, possivelmente, mostre que as duas testemunhas são uma entidade única, em lugar de duas (o grego diz ‘o cadáver delas’). Talvez seja também apropriado ver as duas testemunhas como o povo do Senhor em seu papel real e sacerdotal, pregando a Bíblia como a Palavra de Deus (cf. Ap 1:6; 5:10). É por causa de sua fidelidade à Bíblia que o povo do Senhor sofreu ai longo da Idade Média, durante o período profético dos 1.260 dias ou 42 meses (Ap 6:9; 12:6, 13, 14)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.64).

“As duas testemunhas representam as Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. Ambos são importantes testemunhas quanto à origem e perpetuidade da lei de Deus. Ambos são também testemunhas do plano da salvação. Os tipos, sacrifícios e profecias do Antigo Testamento apontam para um Salvador por vir. Os evangelhos e as epístolas do Novo Testamento falam acerca de um Salvador que veio exatamente da maneira predita pelos tipos e profecias. ‘Profetizarão por mil, duzentos e sessenta dias, vestidas de saco.’ Durante a maior parte deste período, as testemunhas de Deus permaneceram em estado de obscuridade. O poder papal procurava ocultar do povo a Palavra da verdade e colocar diante dele testemunhas falsas para contradizerem o testemunho daquela.

“Quando a Bíblia foi proscrita pela autoridade religiosa e secular; quando seu testemunho foi pervertido, fazendo homens e demônios todos os esforços para descobrir como desviar da mesma o espírito do povo; quando os que ousavam proclamar suas sagradas verdades eram perseguidos, traídos, torturados, sepultados nas celas das masmorras, martirizados por sua fé, ou obrigados a fugir para a fortaleza das montanhas e para as covas e cavernas da Terra — então profetizavam as fiéis testemunhas vestidas de saco. Contudo, continuaram com seu testemunho por todo o período de 1.260 anos. Nos mais obscuros tempos houve fiéis que amavam a Palavra de Deus e eram ciosos de Sua honra. A esses fiéis servos foram dados sabedoria, autoridade e poder para anunciar Sua verdade durante aquele tempo todo” (WHITE, 2013, p. 232 e 233).

“A ideia de duas testemunhas vem do sistema jurídico judaico, que requer pelo menos duas testemunhas para que algo seja estabelecido como verdade (Jo 8:17). As duas testemunhas representam a Bíblia; o Antigo e o Novo Testamentos. As duas não podem ser separadas. O povo de Deus é chamado a proclamar ao mundo a mensagem completa das Escrituras: ‘toda a vontade de Deus’ (At 20:27, NVI). As testemunhas são retratadas profetizando em panos de saco durante o período profético de 1.260 dias/anos (538 d.C. – 1798 d.C.). O pano de saco é a vestimenta que representa o luto (Gn 37:34); ela indica o tempo difícil em que as verdades da Bíblia foram enterradas e encobertas pelas tradições humanas” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 59).

“Este período de ‘mil duzentos e sessenta dias’ são mencionados de diversas maneiras nas Escrituras. Apresenta-se de três formas:

Como 1.260 dias neste versículo e em Apocalipse 12:6.

Como 42 meses em Apocalipse 11:2 e 13:5.

Como 3 ½ tempos em Daniel 7:25; 12:7 e Apocalipse 12:14.

“Todas estas passagens referem-se ao mesmo período e podem calcular-se com

facilidade. Um tempo é um ano, segundo Daniel 11:13. Um ano tem 12 meses, e um mês bíblico possui 30 dias. De modo que temos o seguinte:

1 ano de 12 meses, a 30 dias por mês.....360 dias
3 ½ tempos, de 360 dias.....1260 dias
42 meses de 30 dias.....1260 dias

“Sem dúvida, todos reconhecerão que o ano tem 12 meses, mas que o mês tenha 30 dias é algo que precisa talvez ser provado. Recebemos ajuda do relatório do dilúvio em Gênesis 7 e 8. Ali encontramos:

1. Que o dilúvio iniciou no dia 17 do segundo mês (Gên. 7:11).
2. Que as águas começaram a baixar no dia 17 do sétimo mês (Gên. 8:4).
3. Que o dilúvio durou 5 meses, desde o segundo mês até o sétimo.

“A leitura de Gênesis 7:24 nos revela que ‘as águas durante cento e cinqüenta dias predominaram sobre a terra’. Nosso cálculo mostrava cinco meses; o texto aqui menciona 150 dias; daí que cinco meses sejam iguais a 150 dias, ou seja, 30 dias por mês. Aqui temos uma medida definida para calcular os períodos proféticos, se levamos em conta que em profecia um dia é igual a um ano literal.

“As duas testemunhas. – Durante este tempo de 1.260 dias as duas testemunhas estão vestidas de saco, ou na obscuridade, e Deus dá-lhes poder para suportar e continuar dando seu testemunho através desse escuro e sombrio período. Mas quem ou que são estas testemunhas?” (SMITH, 1979, p. 165 e 166).

“As duas testemunhas constituem algo que pode continuar existindo na presença de Deus, e ser ao mesmo tempo atacado na Terra. A interpretação de que as ‘testemunhas’ são a Palavra de Deus – o Antigo e o Novo Testamentos – é a única que se ajusta às especificações dadas na profecia” (BATTISTONE, 1989, p. 164).

“[...] Testemunha é alguém que apresenta um testemunho, alguém que depõe ou testifica a respeito de algo. As palavras ‘**testemunhar**’, ‘**depor**’ e ‘**testificar**’, possuem significados intimamente relacionados. Quando elas ocorrem em o Novo Testamento, são sempre traduzidas de palavras gregas relacionadas com *martureo*, da qual procede a nossa palavra *mártir*. Mártir é a pessoa que em vida e na morte testemunha ou testifica de sua fé em Deus.

“Em S. João 5:39, Jesus disse, referindo-Se (1) às Escrituras do Antigo Testamento: ‘São elas que de Mim testificam.’ Durante o Discurso do Olivete, Ele disse: (2) ‘E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para *testemunho* a todas as nações.’ S. Mateus 24.14.

“O Antigo Testamento apresenta o testemunho dos profetas. O Novo Testamento contém testemunho dos primeiros pregadores do evangelho. Quando Jesus afirmou que o Antigo Testamento ‘testemunhava’ ou ‘testificava’ de Sua Pessoa, o Novo Testamento ainda não havia sido escrito. À época em que João registrava o texto de Apocalipse 11, entretanto, o Novo Testamento achava-se *quase* completo. Logo, nos dias de João, as escrituras do Novo Testamento, tanto quanto as do Antigo, achavam-se prontas para testemunhar em favor de Cristo durante os vindouros 1.260 anos” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 308 e 309).

“Durante 1260 dias ou anos proféticos, como vimos, as duas testemunhas teriam o poder de Deus para profetizar, o que já nos revela serem dois profetas, como mesmo testifica o versículo dez. Também não podem referir-se a profetas reais. Pois nenhum homem viveu 1260 anos, As vestes de saco durante 1260 anos, indicam a humilhação a que foram submetidas naquele grande período de supremacia temporal do papado, acertadamente chamado Idade Escura.

“[...] Naqueles dias escuros da Idade Média, conta-nos a história, foram sem limites as pretensões do papado. Foi o papismo que escureceu aqueles séculos medievais com suas pretensões temporais e espirituais. Em outros termos, êste poder, com suas pretensões

despóticas, relegou a luz do evangelho de Deus, trazendo trevas espirituais espessas sobre o mundo e a cristandade, aceitas do paganismo de que é sucessor. Agora compreendemos que as duas testemunhas que no período papal foram humilhadas por este poder, eram o Velho e o Novo Testamentos.

“As Escrituras Sagradas foram proibidas pelos papas aos leigos e, os poucos exemplares existentes aqui e ali, eram compostos numa língua, o latim, que para aquela diversidade de povos com múltiplos idiomas, que constituíram a Europa, era uma língua morta. Na verdade as duas testemunhas, Velho e Novo Testamentos, aliás a Bíblia Sagrada, foram humilhadas no referido período escuro do papado, e por este mesmo poder. Notemos o que diz o historiador Eugênio Lawrence concernente a esta obra papal:

“Começou então uma notável contenda entre a igreja romana e a Bíblia, entre os impressores e os papas. Durante muitos séculos as Escrituras haviam estado ocultas num idioma morto, ocultas do olho público pelos anátemas dos sacerdotes, e em forma manuscrita tão custosa que só era acessível aos opulentos. Uma Bíblia custava tanto como um grande domínio de terras, e com grandes dificuldades podiam as maiores universidades e os mosteiros mais ricos comprar um só exemplar. Sua linguagem e suas doutrinas haviam sido olvidadas desde fazia muito tempo pelo povo, e em seu lugar se havia alimentado o intelecto da Idade Média com extravagantes lendas e visões fradelescas, com fantasias de sacerdotes ociosos, e fábulas de pessoas inescrupulosas.

“Os prodígios realizados por uma imagem favorita, as virtudes das relíquias, os sonhos de um impudico eclesiástico ou de um monge fanático, haviam suplantado os modestos ensinamentos de Pedro e a narrativa de Lucas. Os homens viam diante de si tão só a imponente estrutura da igreja de Roma, que asseverava ter a supremacia sobre as consciências e a razão, perdoar pecados, determinar doutrinas, e que desde muito havia deixado de lembrar que havia um Redentor, uma Bíblia, e até um Deus. A isso seguiu um ateísmo prático. Com frequência o papa era cético, excepto quanto a seu próprio direito de governar’ (*Historical Studies*, Eugenio Lawrence, 250-251, citado em *El Don Permanente de Profecia*, 247-248). Em 3 de novembro de 1911, o seminário ‘*The Truth*’ que se edita em Jerusalém, publicou o teor de um documento existente na Biblioteca Nacional de Paris, contendo conselhos que os cardiais entregaram ao Papa Júlio III, em 1051. Transcrevemos o conteúdo deste documento.

“De todos os conselhos que podemos dar a Vossa Santidade, retivemos, por último, o mais necessário. Precisamos estar bem alerta e agir na questão em apreciação com todos os recursos de nosso poder, por se tratar do seguinte: A leitura do Evangelho deve ser consentida o mais restritamente possível, principalmente nas línguas modernas e nos países sujeitos à vossa jurisdição. O texto limitado que é lido ordinariamente na missa deveria bastar e a ninguém deve ser permitido lêr mais. Enquanto o povo se contentar com essa limitação, florescerão os vossos interesses, mas logo que o povo queira saber mais, começarão os vossos interesses a sofrer marcha decadente.

“Este é o livro que mais do que qualquer outro tem provocado rebelião contra nós, pelo que estamos quase perdidos, porque, em verdade, se alguém examinar assiduamente a Bíblia e a confrontar com o que sucede nas vossas igrejas, forçosamente achará a contradição e verá que os vossos ensinamentos se desviam multiplamente [...] e se o povo compreender isso, certo é que continuamente nos desafiará até que fique tudo desvendado e então seremos objeto de vasto ódio e escárneo mundial. Por isso é preciso que a Bíblia seja subtraída à vista do povo, porém, com muita precaução, para não dar lugar ao alvoroço’ (Arquivo da Ass. Diplomados pelo Colégio Adventista, n.º 51, 1939)” (MELLO, 1959, p. 276 e 277).

Thiele e Berg (1960, p. 233 e 234) citam Ellen G. White para embasar a crença de que as duas testemunhas são de fato o Antigo e Novo Testamentos bíblicos. Seguem as citações nos três parágrafos subsequentes:

“As duas testemunhas representam as Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamentos” – O Grande Conflito, p. 267.

“A supressão das Escrituras sob o domínio de Roma, os terríveis resultados de

tal supressão, e a exaltação final da palavra de Deus, são vividamente apresentadas pelo lápis profético. A João exilado na solitária Patmos foi dada uma visão dos 1260 anos durante os quais foi permitido ao poder papal pisar a palavra de Deus e oprimir Seu povo. Disse o anjo do Senhor: `e pisarão a cidade santa (a igreja verdadeira) por quarenta e dois meses. E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por duzentos e sessenta dias, vestidas de saco'. Os períodos mencionados aqui são os mesmos, representando igualmente o tempo em que as fiéis testemunhas de Deus permaneceram num estado de obscuridade. [...] Não obstante as testemunhas estivessem vestidas de saco, continuaram a profetizar através de todo o período de 1260 anos" – *Spirit of Profecy*, v.4, pp. 188,190.

"Durante a maior parte deste período, as testemunhas de Deus permaneceram em estado de obscuridade. O poder papal procurava ocultar do povo a Palavra da verdade e colocar diante dele testemunhas falsas para contradizerem o testemunho daquela. Quando a Bíblia foi proscrita pela autoridade religiosa e secular; quando seu testemunho foi pervertido, fazendo homens e demônios todos os esforços para descobrir como desviar da mesma o espírito do povo; quando os que ousavam proclamar suas sagradas verdades eram perseguidos, traídos, torturados, sepultados nas celas das masmorras, martirizados por sua fé, ou obrigados a fugir para a fortaleza das montanhas e para as covas e cavernas da Terra – então profetizavam as fiéis testemunhas vestidas de saco. Contudo, continuaram com seu testemunho por todo o período de 1.260 anos. [...] O período em que as duas testemunhas deveriam profetizar vestidas de saco, finalizou-se em 1798. [...] Fora a política de Roma, sob profissão de reverência para com a Bíblia, conservá-la encerrada numa língua desconhecida, ocultando-a do povo. Sob seu domínio as testemunhas profetizaram vestidas de saco" – *O Grande Conflito*, 267, 268, 269.

"Apesar da prevalência do mal durante o período de 1.260 dias ou anos (ver v. 2), o Espírito de Deus, especialmente conforme manifestado nas Escrituras, prestaria Seu testemunho aos homens que quisessem recebê-lo.

"Vestir-se de saco era um sinal comum de luto (2 Sam. 3:31) e arrependimento (Jon. 3: 6,8). Assim, as Escrituras são descritas como estando de luto em um momento em que as tradições humanas têm domínio quase total (veja Dan. 7:25)" (NICHOL et al., 1980, 817).

11.4

São estas as duas oliveiras e os dois candelabros que se acham em pé diante do Senhor da terra.

"As duas porções da Bíblia são como o sacerdote Josué e o governador Zorobabel, ungidos, inspirados e preservados que cooperaram com Deus na época deles, onde o povo de Israel era impedido de restaurar o terceiro santuário terrestre; mas aqueles dois servos de Deus guiaram o povo e testemunharam da vitória do Espírito de Deus sobre os inimigos de Seu povo. De modo semelhante, Antigo e Novo testamentos, ungidos, inspirados e preservados, têm guiado e iluminado o corpo de Cristo na restauração das verdades obscurecidas, e testemunham de sua vitória sobre os obscurecedores, cooperando com o Senhor Espírito Santo, a fonte de sua luz, a Pessoa divina que substituiu Jesus na Terra e tem influência sobre

ela”.

Zacarias 4 (Nova Versão Internacional): 1Depois o anjo que falava comigo tornou a despertar-me, como se desperta alguém do sono, 2e me perguntou: “O que você está vendo?” Respondi: Vejo um candelabro de ouro maciço, com um recipiente para azeite na parte superior e sete lâmpadas e sete canos para as lâmpadas. 3Há também duas oliveiras junto ao recipiente, uma à direita e outra à esquerda. 4Perguntei ao anjo que falava comigo: O que significa isso, meu senhor? 5Ele disse: “Você não sabe?” Não, meu senhor, respondi.

11A seguir perguntei ao anjo: O que significam estas duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro? 12E perguntei também: O que significam estes dois ramos de oliveira ao lado dos dois tubos de ouro que derramam azeite dourado? 13Ele disse: “Você não sabe?” Não, meu senhor, respondi. 14Então ele me disse: “São os dois homens que foram ungidos para servir (ou os dois que trazem óleo e servem) ao Soberano de toda a terra!”

“O candeeiro [candelabro] do antigo tabernáculo tinha sete ‘lâmpadas’ (Êxo. 25: 31-40). No templo de Salomão, havia dez candelabros: cinco à direita e cinco à esquerda (1 Rs. 7: 49). Mas o candelabro desta visão não é como os anteriores, e tem suas lições peculiares a ensinar. [...] Com relação à identidade e obra de Zorobabel, ver Esd. 2: 1 a 4: 5; [...]

“Zorobabel aqui representa a liderança e administração civil, assim como Josué (Zac. 3: 1) representa a liderança e administração religiosa da nação. O óleo ministrado pelas oliveiras (vers. 3) simboliza o Espírito Santo (PVG 389). Somente a graça divina podia vencer todos os obstáculos que afrontavam os reedificadores [...] de Jerusalém.

“Zorobabel e seus companheiros estavam deprimidos por causa da reduzida capacidade e recursos escassos para continuar com a obra de restauração diante da oposição de seus inimigos. A visão mostrou que os propósitos de Deus para Israel não se cumpriam por meio de ‘exército’ e ‘força’ humanos, mas mediante o Espírito de Deus e o poder divino.

“[...] Os dois ungidos. Eles são descritos como estando ‘diante do Senhor’. ‘Junto ao Senhor’ (Bíblia de Jerusalém). Simbolicamente, as oliveiras proporcionam para as lâmpadas (vers. 12). O azeite simboliza o Espírito Santo (ver vers. 6); por tanto, os ungidos representam os instrumentos celestes por meio dos quais o Espírito Santo é transmitido aos seres humanos que estão plenamente consagrados ao Seu serviço. ‘A missão dos ungidos é comunicar luz e poder ao povo de Deus’ (TM 510). Espera-se que os que recebem este dom celestial comunique a outros essas bênçãos.

“João, o revelador também menciona duas oliveiras e estabelece um paralelo entre elas e ‘os candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra’ (Apoc. 11: 4); e por meio destes símbolos identifica as duas testemunhas que ‘representam as Escrituras do Antigo e Novo Testamentos’ (CS 310). Por tanto, ainda que os profetas tenham visto símbolos semelhantes, seus significados não são iguais” (NICHOL et al., 1980a, p. 1116 e 1117).

“No verso 4, João refere-se a elas como ‘**as duas oliveiras**’ e como ‘**os dois candeeiros**’. A linguagem, como tantas outras vezes no Apocalipse, foi tomada por empréstimo — e adaptada — do Antigo Testamento. O profeta Zacarias falou de ‘**duas oliveiras**’ que se encontravam à ‘direita’ e à ‘esquerda’ de um certo ‘**candelabro**’. Zacarias 4:2 e 3. Mas Zacarias apresentou apenas *um* candelabro (definido no capítulo 4, verso 6, como representando o Espírito Santo), e suas duas oliveiras eram, evidentemente, Josué e Zorobabel, respectivamente líder espiritual e líder secular de Israel naqueles dias. Não se sabe se um ou outro tiveram o poder de reter a chuva ou enviar pragas. Não poderíamos, corretamente, igualar as duas testemunhas de João com as duas oliveiras de Zacarias.

“[...] João diz que as duas testemunhas eram ‘**oliveiras**’ e ‘**candeeiros**’. Nos tempos antigos, o azeite de oliva era o combustível comum das lamparinas. ‘Lâmpada para os meus pés é a Tua Palavra, e luz para o meu caminho’, diz o Salmo 119:105, utilizando assim a lamparina ‘alimentada’ a azeite de oliva como um símbolo da Bíblia. ‘A revelação das Tuas palavras *esclarece*, e dá entendimento aos simples’, acrescenta o Salmo 119:130. As duas testemunhas vistas por João, são chamadas de oliveiras e candeeiros, porque o Antigo e o Novo

Testamentos são as nossas principais fontes de luz espiritual” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 308 e 309).

“Analisando conjuntamente os textos do Apocalipse e de Zacarias, ressaltam verdadeiras maravilhas referentes ao Velho e ao Novo Testamentos. Ambos vertem azeite, que é emblema do Espírito Santo e Seu poder d’êles emanantes; e também vertem ouro que é simbólico da fé advinda da aceitação da verdade da divina graça redentora que emana de suas páginas; e são, ainda, na figura de dois castiçais, dois portadores de luz, da mais gloriosa luz, da luz do evangelho de Cristo.

“As duas testemunhas ou os dois Testamentos, ‘são os dois filhos do óleo’, diz o profeta, ou sejam as duas inspirações do Espírito Santo — o Velho e o Novo Testamentos — através dos profetas que falaram sob Seu controle. Estas duas gloriosas testemunhas de Deus, de Seu Filho, e de Seu Espírito, que foram humilhadas vilmente pela apostasia papal, ‘estão diante do Senhor da terra’, diz tanto S. João como Zacarias. Com isto vemos que Deus tem os originais do Velho e do Novo Testamentos diante de Si, no Seu templo santo, dando-nos disto certeza a visão de Zacarias do lugar santo do santuário celestial, onde viu êle o castiçal de ouro de sete lâmpadas e também as duas oliveiras, uma à direita e outra à esquerda d’êle” (MELLO, 1959, p. 278).

Talvez o autor supracitado tenha razão quando crê que os originais da Bíblia estão diante de Deus. Está escrito:

Deuteronômio 31 (Nova Almeida Atualizada; grifo acrescentado): 19— Escrevam para vocês este cântico e tratem de ensiná-lo aos filhos de Israel. Ponham este cântico na boca de cada um deles, para que me seja por testemunha contra os filhos de Israel. 26— **Peguem este Livro da Lei e coloquem-no ao lado da arca da aliança do Senhor**, seu Deus, para que fique ali como testemunha contra vocês.

Mas, Bíblia original estaria no lugar santo (Zacarias) ou no santíssimo (Moisés e João), do Santuário celestial? Como foi mencionado tanto por Maxwell como por Nichol *et alli*, não é exato relacionar as duas árvores de azeitonas de Zacarias com as de João, uma vez que os contextos nos quais elas aparecem não são exatamente iguais.

White (1964, p.266) parece discordar de Mello quanto a esse detalhe ou ela simplesmente fez um comentário homilético, não exegético de Zacarias: “Das duas oliveiras o dourado óleo era vazado pelos tubos de ouro nas taças do castiçal, e daí nas lâmpadas de ouro que iluminavam o santuário. Assim, dos santos que estão na presença de Deus, Seu Espírito é comunicado aos que são consagrados para o Seu serviço. A missão dos dois unguentos é comunicar ao povo de Deus aquela graça celestial que, somente, pode fazer de Sua palavra uma lâmpada para os pés, e uma luz para o caminho. ‘Não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.’ Zacarias 4:6”.

11.5

Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer.

“Como foi com Elias, quando os falsos adoradores tentaram reivindicar suas mentiras e enviaram soldados para prender o profeta, fogo os consumiu, assim também a Bíblia, Antigo e Novo Testamentos, prediz a destruição dos inimigos do corpo de Cristo. Dada sua missão aqui na Terra em revelar às pessoas tudo o que Deus quis, quem tentar destruir a Bíblia, atenta contra o próprio Deus e será morto por causa da sua obstinada rebeldia insana”.

"[...] Os homens não poderão impunemente espezinhar a Palavra de Deus. O sentido desta terrível declaração é apresentado no capítulo final do Apocalipse: 'Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro.' Apocalipse 11:5; 22:18, 19. Estas são as advertências que Deus deu para guardar os homens de mudar de qualquer maneira o que revelou ou ordenou.

"Essas solenes declarações de castigo se aplicam a todos os que por sua influência levam os homens a considerar levemente a lei de Deus. Deveriam fazer tremer aos que declaram ser coisa de pouca monta obedecer ou não à lei de Deus. Todos os que exaltem suas próprias opiniões acima da revelação divina, todos os que mudem o sentido claro das Escrituras para acomodá-lo à sua própria conveniência, ou pelo motivo de se conformar com o mundo, estão a trazer sobre si terrível responsabilidade. A Palavra escrita, a lei de Deus, aferirá o caráter de todo homem, e condenará a todos a quem esta infalível prova declarar em falta" (WHITE, 2013, p. 233).

"Fazer mal à palavra de Deus é opor-se ao seu testemunho, corrompê-lo ou pervertê-lo, e afastar dela o povo. Contra os que fazem essa obra, sai fogo da sua boca para os devorar, isto é, juízo de fogo é anunciado nessa Palavra contra eles. Declara que terão por fim a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre (Mal. 4:1; Apoc. 20:15; 22:18, 19)" (SMITH, 1979, p. 167).

"Estas palavras evidenciam o poder das duas testemunhas, Velho e Novo Testamentos. Seus adversários expõem-se à verdadeira destruição ao humilhá-las, tratá-las mal e pervertê-las. Aquêlo poder que os vituperou e os violentou nos séculos medievais e ainda o faz hoje, está com sua sentença lavrada pelas próprias duas testemunhas, que é fogo, fogo devorador. Nos dias do profeta Elias um incidente houve que bem ilustra o poder de fogo das duas testemunhas ou os dois Testamentos que são a própria palavra de Deus. Consultemos aquêlo incidente nos textos aqui citados e teremos uma idéia do que significa opôr-se às duas testemunhas de Deus (2º Rs 1.9-15).

"Na bôca de Elias, o profeta, a palavra de Deus, a mesma das duas testemunhas, tornou-se um fogo para vindicar a Sua honra. Ao profeta Jeremias dissera o Todo-poderoso: 'Eis que converterei as minhas palavras na tua bôca em fogo, e a êste povo em lenha, e êles serão consumidos' (Jr 5.14). Ao mesmo profeta dissera o Senhor Deus: 'Não [é] a minha palavra como um fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiuça a penha?' (Jr 23.29). Assim é o poder das duas testemunhas. Todos os seus inimigos e todos os que lhe fizerem mal causando-lhes dano e pervertendo seus ensinamentos, serão consumidos com fogo que sairá de suas bôcas. Morte a seus adversários é a sentença inexorável" (MELLO, 1959, p. 278 e 279).

11.6

Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem.

"A Palavra de Deus na boca de Elias regulou as nuvens do céu, impediu as chuvas e causou a estiagem sobre os impenitentes durante todo o período prenunciado pelo profeta. A Palavra de Deus na boca de Moisés transformou águas em sangue e fez cair sobre a terra diversas pragas, na quantidade necessária de vezes até que o planejamento divino se cumprisse: a redenção do povo de Israel diante do reconhecimento egípcio de sua rebeldia obstinada contra Deus. Assim

também a Bíblia, em sua função de Palavra de Deus, cumprirá todos os juízos prenunciados sobre os que escolhem deliberadamente perseguir e matar os indivíduos espalhados que obedecem a Deus por meio de Sua Palavra”.

“Em que sentido estas duas testemunhas têm poder de fechar o céu, converter as águas em sangue, e ferir a Terra com pragas? Elias fechou o céu para que não choveu [chovesse] durante três anos e meio, mas o fez por ordem do Senhor. Moisés, pela palavra do Senhor, transformou as águas do Egito em sangue. Exatamente como estes juízos relatados em Seu testemunho se realizaram, assim também se cumprirá toda ameaça e juízo que pronunciaram contra qualquer povo. ‘Tantas vezes quantas quiserem’ significa que tão freqüentemente suas páginas se referem a juízos que hão de vir, isso acontecerá. Um exemplo disto o mundo ainda vai experimentar na inflição das sete últimas pragas” (SMITH, 1979, p. 168).

“O poder das duas testemunhas não tem limite. Neste versículo vemos o seu ‘poder para fechar o céu para que não chova’. Nos dias de Elias e por intermédio deste profeta foi isto confirmado de modo assombroso. Dissera o profeta ao apóstata rei Acab: ‘Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra’ (1º Rs 17:1). E deveras ‘três anos e seis meses, não choveu sobre a terra’ (Tg 5:17-18). As calamidades resultantes desta terrível estiagem não podem ser descritas em palavras humanas. [...] A palavra de Elias era a Palavra de Deus que é a mesma das duas testemunhas. E podemos afirmar, pelos incidentes descritos nos textos sagrados, que opôr-se às duas testemunhas de Deus é um verdadeiro suicídio.

“O poder das duas testemunhas ou dos dois profetas, manifesta-se igualmente em converter as águas em sangue e ferir a terra com tôda a sorte de pragas. No passado o Nilo, no Egito, pela palavra de Deus na bôca de Moisés, que é a mesma das duas testemunhas do Apocalipse, foi convertido em sangue, e também mais nove calamidades sobrevieram ao Egito; e, no futuro, a mesma palavra revelada a S. João, converterá tôdas as águas do mundo também em sangue e feri-lo-á com pragas as mais severas. Assim vemos que blasfemar, ofender, perseguir ou corromper as duas testemunhas, significa expôr-se a perigo fatal ou perecer seguramente” (MELLO, 1959, p. 279).

“Como é possível compreender, então, que o Antigo e o Novo Testamentos têm o poder de enviar pragas? Podemos encontrar uma resposta em Apocalipse 22:18, onde se adverte que ‘se alguém lhes fizer [às profecias do livro de Apocalipse] qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os *flagelos* escritos neste livro.’ O significado claro dessas palavras é que, se nós distorcemos as divinas mensagens de amor, encontradas no livro de Apocalipse, ou a elas nos opusermos — a elas que foram enviadas ao mundo pelo Cordeiro que morreu para que nós pudéssemos viver — estaremos perdendo a proteção especial que a fé e a obediência têm como objetivo providenciar.

“Como resultado de nosso desrespeito à Palavra de Deus, as pragas cairão sobre nós tão certamente como sobre os mais obstinados pagãos, não importa quem sejam essas desafortunadas pessoas. Já pudemos observar, em nosso estudo de Apocalipse 8 e 9, como os juízos das sete trombetas caíram efetivamente tanto sobre judeus, quanto sobre cristãos e muçulmanos, quando estes se desviaram do verdadeiro significado da Palavra. Durante os 1.260 anos, comunidades que desprezavam a luz da Bíblia e distorciam as suas verdades, por vezes sofreram profundamente.

“Ao estudarmos o período de ‘Tiatira’, observamos como a Europa Ocidental foi ‘prostrada na cama’ da enfermidade ao experimentar os horrores epidêmicos da Peste Negra. Por falarmos em fome: se tomarmos os setenta e oito anos compreendidos entre 970 e 1048, por exemplo, seremos informados de que quarenta e oito anos incríveis e trágicos desse período foram anos de fome (Franklin H. Littell, *The Macmillan Atlas History of Christianity* (New

York: Macmillan Publishing Co., 1976), pág. 34.) Imagine o sofrimento humano daí resultante.

“Ao deixar de lado o gracioso convite oferecido pela Bíblia através do ginete do cavalo branco, ao mundo cristão não restou outra alternativa senão enfrentar os três terríveis cavaleiros da guerra, da fome e da epidemia. Veja as páginas 180-187. As sociedades humanas que ignoraram as primeiras trombetas, colocaram-se sob o furor dos ‘ais’ das últimas. Neste sentido, as duas testemunhas (a Bíblia) derramaram as suas pragas” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 309 e 310).

“Pela Palavra de Deus, Elias fechou as janelas do céu de maneira que não choveu por três anos e meio. Assim como esse ato de juízo do profeta foi cumprido, também as ameaças e os julgamentos pronunciados pela Palavra contra qualquer pessoa que se torna objeto da condenação divina, certamente serão cumpridos. Os homens que resistem a Palavra de Deus ou simplesmente não se interessam em examiná-la, serão condenados por seus decretos e terão o ‘céu fechado para que não chova’, ou seja, eles não receberão seus benefícios, ao contrário disso, serão condenados pelo tribunal divino” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 36).

Samuel Ramos (2006, p. 100 e 101) entende que essa profecia (Ap 11.6) ainda não se cumpriu, mas se cumprirá em 1260 dias literais após o fim dos 1260 anos proféticos.

11.7	Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará,	“A Bíblia enlutada e com as limitações impostas pelo papado e outros falsos adoradores, testemunhará de Mim dessa forma somente até o momento em que Satanás tentar erradicá-la através de uma descristianização reacionária. Ele e seus instrumentos humanos aparentemente destruirão a Bíblia numa região específica do planeta,
------	--	--

“Isto se refere ao testemunho feito em panos de saco. Esse testemunho em pano de saco terminou no fim dos 1.260 anos, em 1798. O livro de Mateus diz que esse período de perseguição seria abreviado (Mateus 24:22). Estamos olhando para um tempo imediatamente anterior a 1798.

“**A besta**: Na profecia, ‘besta’ se refere a um reino ou um poder (Daniel 7:17 e 23). Vemos aqui um reino ou poder que faria guerra contra a Bíblia logo antes de 1798. **O abismo**: E um poder ateu sem nenhum alicerce. Ele representa a anarquia e confusão de doutrinas que não têm qualquer base. Olhamos para as páginas da História e encontramos que, em 10 de novembro de 1793, Bíblias foram juntadas em Paris, amarradas à cauda de um jumento e arrastadas pelas ruas da cidade. Naquele dia, Bíblias foram empilhadas e queimadas enquanto as pessoas gritavam: ‘Viva a República da França.’ Quem fosse encontrado com uma Bíblia em casa era condenado à morte.

“A França estava dominada com o que chamaram de ‘filosofias do Iluminismo’, ensinadas por Jacques Rousseau e François Voltaire. Voltaire disse que o terremoto de Lisboa, em 1755, mostrou que Deus não se importa conosco e que era melhor cuidarmos de nós mesmos. Ele rejeitou a inspiração de Bíblia e disse que a razão humana era muito superior ao cristianismo. Ele detestava de maneira especial o Antigo Testamento, dizendo que ele reduz os humanos a selvagens embrutecidos. Outro membro de Assembléia Nacional Francesa foi Thomas Paine, que escreveu um livro chamado A Idade da Razão. Ele disse: ‘Detesto vigorosamente o Antigo Testamento’ (FEYERABEND, 2005, p. 94 e 95).

“A besta que matou as duas testemunhas surge da própria morada de Satanás. Esse assassinato das testemunhas se aplica historicamente ao ataque ateísta à Bíblia e à abolição da religião em conexão com os eventos da Revolução Francesa” (STEFANOVIC; MODZEI-

ESKI, 2019, p. 59).

“Depois que as duas testemunhas terminaram sua obra ao longo dos 1.260 dias, ‘a besta [símbolo de poder político (Ap 13; 17:3-8)] que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará’ (Ap 11:7). Uma vez que o abismo é a morada de Satanás (Lc 8:31; 2Pe 2:4), essa besta é controlada e apoiada por ele, de maneira específica, por meio do poder político dominante ao fim dos 1.260 dias” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.65).

“Depois do papado humilhar, audazmente, por 1260 anos as duas testemunhas ou seja a Bíblia, um outro poder surge para fazer-lhe guerra: ‘A besta que sobe do abismo’, diz a revelação. Uma besta é um reino, uma nação ou um poder (Dn 7.17). Subir ‘do abismo’ indica evidentemente ter surgido do caos, do anarquismo, da confusão política. Qual foi o poder anárquico que surgiu em torno do fim dos 1260 anos de suzerania papal, findos em 1798, e que guerrearía as ‘duas testemunhas’ ou as Sagradas Escrituras?

“Qualquer pessoa que conheça a história final dos 1260 anos, sabe que o novo poder que se levantou pelos fins deste período, foi a França revolucionária. Esta potência, portanto, indicada na profecia, faria guerra aos dois profetas ou duas testemunhas, isto é, rejeitaria com violência as Escrituras Sagradas. E esta profecia teve perfeito cumprimento no período revolucionário francês, em que todo o culto cristão foi banido por certo tempo da França e a Bíblia foi rejeitada e ultrajada por esta nação, decididamente. ‘Os adversários da Convenção vestiram um burro, carregaram-no com um lote de símbolos do cristianismo, depois conduziram-no em procissão para gáudio dos escarnecedores, com um Antigo e um Novo Testamento atado à cauda, o qual reduziram a cinzas no meio dos gritos e das aclamações blasfematórias da multidão em delírio’.

“Outro escritor disse: ‘No dia 10 de novembro de 1793, um jumento vestido com hábito sacerdotal, conduzido por dois exaltados republicanos, (pensamos que foi em Lião) levando vasos sagrados com que davam a beber a este animal; e quando foram chegados a um edifício público, Bíblias, livros de devoção, etc.... foram postos em pilha formando um montão enorme ao qual foi lançado fogo no meio da gritaria dum grande multidão dizendo: ‘Vivam os republicanos exaltados’... Em qualquer parte onde uma Bíblia era encontrada, podemos dizer que era condenada à morte’. (Harmonias da Natureza, 132)” (MELLO, 1959, p. 280).

“Quando tiverem, então, concluído o testemunho’, isto é, ‘vestidas de pano de saco’. Terminou o tempo em que tinham que estar vestidas de pano de saco; ou, como expresso em outra parte, os dias da perseguição foram abreviados (Mat. 24:22), antes de expirar o período. Em profecia, uma ‘besta’ significa um reino ou poder. (Ver Dan. 7:17, 23). Levanta-se agora a pergunta: Quando deixaram as testemunhas de Deus de estar vestidos de pano de saco? E algum reino, tal como é descrito, lhes fez guerra no tempo de que se fala? Se formos corretos na fixação do ano 538 como o início de as testemunhas estarem vestidas de pano de saco, e os 42 meses são 1.260 dias proféticos, ou anos, este período nos leva a 1798. Mas por este tempo apareceu algum reino, como é descrito, e lhes fez guerra?

“Note-se que esta besta, ou reino, sobe do abismo, quer dizer, não tem nenhum fundamento. ‘É um poder ateu, ‘espiritualmente Egito’ [Ap 11.8]. (Ver Êxo. 5:2: ‘Mas Faraó disse: Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel’). Isso é ateísmo. Manifestou algum reino semelhante espírito por volta de 1798? Sim, a França, como nação negou a existência de Deus, e fez guerra à Monarquia do Céu.’ – George Storrs, *Midnight Cry*, 4 de maio, 1848, vol. 4, Nos. 5, 6, pág. 47” (SMITH, 1979, p. 168 e 169).

“Quando acabarem [estiverem acabando] seu testemunho.’ O período em que as duas testemunhas deveriam profetizar vestidas de saco, finalizou-se em 1798. Aproximando-se elas do termo de sua obra em obscuridade, deveria fazer guerra contra elas o poder representado pela ‘besta que sobe do abismo.’ Em muitas das nações da Europa os poderes que governaram na Igreja e no Estado foram durante séculos dirigidos por Satanás, por intermédio do papado. Aqui, porém, se faz referência a uma nova manifestação do poder satânico. Fora a política de Roma, sob profissão de reverência para com a Bíblia, conservá-la encerrada

numa língua desconhecida, ocultando-a do povo. Sob seu domínio as testemunhas profetizaram 'vestidas de saco.' Mas um outro poder—a besta do abismo—deveria surgir para fazer guerra aberta e declarada contra a Palavra de Deus" (WHITE, 2013, p.234).

"A besta que sobe do abismo é Satanás (Apocalipse 20:1-3) e também simboliza os reinos do mundo que estão sob seu domínio" (BELVEDERE, 1987, p. 94).

"Ateísmo, e, de modo mais específico naquele ponto do tempo profético, a Primeira República Francesa" (BATTISTONE, 1989, p. 164).

"A influência do ateísmo que começou nos dias da Primeira República da França se espalhou para o norte e oriente, estendendo-se até a Rússia. A revolução russa de 1917 se constituiu em parte em um ataque contra a religião, uma vez que favorecia o ateísmo. Esse vírus ateu se espalhou através de todo o mundo, ganhando adeptos, infiltrando-se inclusive nos currículos educativos e sob um disfarce científico pretende desafiar a auto-revelação de Deus na Bíblia. O ateísmo já envolveu a terça parte do mundo e continua crescendo" (BELVEDERE, 1987, p. 95).

Apenas um contraponto à crença do autor do parágrafo acima sobre a origem do ateísmo na Revolução Francesa: "[...] não é tarefa fácil traçar uma cronologia linear do pensamento ateu. O que se pode dizer é que desde longo tempo já existiam descrentes no mundo, embora fossem sempre uma minoria quase anônima. Daí a dificuldade de mapeá-los na história. Um exemplo clássico foi Jean Meslier (1664-1729), ateu convicto, que permaneceu padre e celebrou missas até o final de sua vida, em 1729. Não me surpreenderei se houver muitos outros Mesliers ocultos na história.

"Outro dado importante é que, ao falar de ateísmo na Antiguidade, temos de cuidar para não cometer erros de anacronismo, isto é, transferir artificialmente um dado comportamento para um tempo e realidade que não lhe dizem respeito. Por isso, não se pode descrever a descrença dos antigos de maneira indiscriminada, sem nenhum rigor. Ao apresentá-la, é importante que se explique em que sentido seus proponentes poderiam ou não ser classificados como 'ateus'.

"Poucos talvez saibam, mas no passado os primeiros cristãos foram, oficialmente, declarados ateus pelo império Romano e, por isso, proibidos de exercer sua fé religiosa. Quem dá essa informação é Atenágoras, erudito cristão de Atenas, que escreveu no segundo século uma apologia ao Imperador Marco Aurélio chamada *Legatio pro Christianis*. O motivo da acusação de ateísmo não era porque os cristãos não aceitassem a existência de Deus, mas porque desprezavam os deuses greco-romanos. Essa, aliás, foi a mesma acusação sofrida 600 anos antes por Sócrates, um dos maiores pensadores da cultura grega. Ele foi condenado a beber veneno, porque havia corrompido a juventude ao questionar a eficácia e a moralidade dos deuses do Olimpo" (SILVA, 2018, p.127).

"A notável Revolução Francesa. Nessa era globalmente revolucionária, a Revolução Francesa destacou-se por seu ódio em relação ao cristianismo e por sua violência. Durante o sangrento Reinado do Terror, dia após dia, durante meses consecutivos, dezenas e dezenas de homens e mulheres — por vezes cinquenta ou sessenta homens e mulheres durante um dia: comerciantes, artesãos e operários, tanto quanto nobres, membros da realeza e políticos — eram decapitados mediante o uso de um instrumento que deixava cair uma lâmina afiada sobre o pescoço das vítimas. Era a guilhotina, assim chamada em 'homenagem' ao homem que recomendou o seu uso, o Dr. J. I. Guillotine. Douglas Johnson, *The French Revolution* (New York: G. P. Putnam's Sons, 1970), pág. 74. Ao que tudo indica, o Dr. Guillotine tinha em mente a velocidade do mecanismo e a relativa ausência de dor.

"[...] 'Até a Revolução Francesa, todas as guerras europeias haviam sido conduzidas com mercenários e exércitos profissionais, pagos pelos respectivos governos', lembra-nos um historiador. Muitas vezes fazia pouca diferença para o povo, se este ou aquele rei governava sobre eles, de modo que raramente as pessoas sentiam qualquer responsabilidade em ajudar o soberano a conduzir suas guerras. Na Revolução Francesa, todavia, o próprio povo identificou-se com os governantes. O primeiro recrutamento militar obrigatório, o *leveé en masse*,

'foi o primeiro exemplo moderno de alistamento da força de trabalho do homem em qualquer nação europeia. ... Gerou-se, assim, a ideia da guerra nacional e, com o *leveé en masse*, tornaram-se disponíveis os recursos para levá-la a cabo. ... A Europa jamais voltaria a ser a mesma. Easton. *Wesiern Heritage*, págs. 505, 506.

"Em adição ao recrutamento obrigatório, aos imensos exércitos nacionais e medonhas perdas humanas, outro importante legado da Revolução Francesa foi o comunismo. Karl Marx, ao sistematizar o comunismo, e Lenin e Trotsky ao prepararem a violenta Revolução Bolchevista em 1917, analisaram cuidadosamente o curso da Revolução Francesa. Palmer, *Revolution*, págs. 11, 12. Durante o processo, eles assimilaram extremamente bem uma lição correlata, ensinada pelo filósofo francês Jean Jacques Rousseau. Tratava-se da doutrina de que uma minoria, que sabe o que é melhor para o povo, deve impor sua vontade à maioria, para o próprio bem desta. Até 1989, apenas cerca de 5 por cento de todos os cidadãos soviéticos eram membros do Partido Comunista que dirigia a nação.

"Diz o Professor Palmer: 'O Movimento Comunista jamais haveria tomado a forma que tomou, não fosse a ocorrência prévia da Revolução Francesa'. Ibidem; Palmer, entretanto, se afasta daqueles que dão ênfase especial à dependência dos russos à Revolução Francesa. 'Mesmo hoje', escreve o respeitado historiador britânico, V. H. H. Green, 'ainda não estamos em condições de medir o pleno impacto da Revolução Francesa sobre o curso da História. Ela constituiu-se num desses eventos decisivos que abrem as comportas, e no turbilhão por ela liberado todos nós ainda estamos nadando, sendo que por vezes nos parece difícil mantermos a cabeça acima da superfície das águas. V. H. H, Green, prefácio, em John McManners, *The French Revolution and the Church*, ed. V. H. H. Green, *Church History Outlines*, nº 4 (London: S. P. C. K., 1969)" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 288-290).

11.8

e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado.

na Primeira República da França, na década de 1790; em Paris, a Revolução Francesa queimará Bíblias e instituirá uma descristianização como Lei nacional, endeusando a promiscuidade e a violência; a semana de 7 dias será trocada por uma de 10 dias, afetando o sábado da Minha Criação! Muitos dos verdadeiros adoradores já haviam sido perseguidos e mortos pelo papado nesse país; e agora Meus seguidores genuínos são mortos pelo ateísmo que o papado ajudou a criar na França, de modo que essa apostasia dupla ali torna inútil o sacrifício expiatório do Cristo na vida e no destino desses opositores contumazes da Bíblia e dos seguidores genuínos do Cristo".

"Esta profecia teve exatíssimo e preciso cumprimento na história da França" (WHITE, 2013, p. 234).

"As duas testemunhas são mortas e publicamente expostas na praça da 'grande cidade' (Ap 11:8). No Apocalipse, a 'grande cidade' costuma se referir à Babilônia do tempo do fim, um poder contrário ao povo de Deus no conflito final" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.65).

"No ano 1793, [...] por um ato solene da legislatura e do povo, o Evangelho foi

abolido na França. Os ultrajes infligidos aos exemplares da Bíblia já não tinham importância; sua vida está em suas doutrinas, e a extinção das [doutrinas] é a extinção da Bíblia. Pelo decreto do governo francês que declarava que a nação não conhecia a Deus, no Antigo e o Novo Testamento foram mortos em todos os confins da França republicana. Mas não podiam falar das injúrias aos livros sagrados no saque geral de todo lugar de culto. Em Lion foram arrastados amarrados na cauda de um asno em uma procissão pelas ruas. [...]

“Em 1º de novembro de 1793, Gobet, com os padres republicanos de Paris, tinha jogado no sótão e abjurado a religião. No dia 11 celebrou-se uma ‘grande festa’, dedicada à ‘Razão e a Verdade’ na catedral de Nossa Senhora que fora profanada e denominada ‘Templo da Razão’. Erigiu-se no centro da igreja uma pirâmide coroada por um templo que tinha a inscrição ‘À Filosofia’. A tocha de ‘A Verdade’ estava sobre o altar de ‘A Razão’, transmitindo luz, etc. A Convenção Nacional e todas as autoridades assistiram a esta insultante cerimônia. Jorge Croly, *The Apocalypse of St. John*, págs. 175-177. [...] ‘Espiritualmente este poder ‘chama-se Sodoma’. Qual foi o pecado característico de Sodoma? A licenciosidade. Teve a França este caráter? Teve, a fornicção foi estabelecida por lei durante o período referido.

“Espiritualmente’ nela ‘o seu Senhor também foi crucificado’. Foi isto verdade na França? Foi, em mais de um sentido. Primeiro, em 1572 uma conspiração foi feita na França para destruir todos os piedosos huguenotes; e, numa noite, 50.000 deles foram assassinados a sangue frio, e nas ruas de Paris correu literalmente sangue. Assim, nosso Senhor foi espiritualmente crucificado nos seus membros. Depois, a divisa dos infiéis franceses era ‘pisoteai o infame’, referindo-se a Cristo. Deste modo, pode dizer-se, mais uma vez, com verdade, ‘onde o seu Senhor foi crucificado’. O próprio espírito do abismo foi derramado sobre aquela nação.

“Mas a França ‘fez guerra’ à Bíblia? Sim; e em 1793 a Assembléia Francesa promulgou um decreto proibindo a Bíblia, e ao abrigo desse decreto as Bíblias foram reunidas e queimadas, cobertas de todos os possíveis sinais de desprezo e abolidas todas as instituições da Bíblia. O dia de descanso semanal foi anulado e em seu lugar consagrado cada décimo dia à folia e à profanação. O batismo e a comunhão foram abolidos. A existência de Deus foi negada e a morte considerada um sono eterno. A deusa da Razão, na pessoa de uma dissoluta mulher, foi proclamada e adorada publicamente. Há sem dúvida aqui um poder que corresponde exatamente à profecia.’ – George Storrs, *Midnight Cry*, 4 de maio de 1843, vol. IV, pág. 47 (SMITH, 1979, p. 169 e 170).

“A França, ‘durante o período revolucionário mostrou um estado de rebaixamento moral e corrupção semelhante ao que trouxera destruição às cidades da planície. E o historiador apresenta juntamente o ateísmo e a licenciosidade da França, conforme os dá a profecia: ‘Ligada intimamente a estas leis que afetam a religião, estava a que reduzia a união pelo casamento — o mais sagrado ajuste que sêres humanos podem formar, cuja indissolubilidade contribui da maneira mais eficaz para a consolidação da sociedade — à condição de mero contrato civil de caráter transitório, em que quaisquer duas pessoas poderiam empenhar-se e que, à vontade, poderiam desfazer.

“[...] Se os demônios se houvessem disposto a trabalhar para descobrir o modo mais eficaz de destruir o que quer que seja venerável, belo ou perdurável na vida doméstica, e de obter ao mesmo tempo certeza de que o mal que era seu objetivo criar se perpetuaria de uma geração a outra, não poderiam ter inventado plano mais eficiente do que a degradação do casamento. [...] Sofia Arnoult, atriz famosa pelos ditos espirituosos que proferia, descreveu o casamento republicano como sendo ‘o sacramento do adultério’” (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 287). Quão fielmente estas palavras aplicadas a Sodoma e ao Egito se cumpriram na França, especialmente na capital, o centro de toda a devassidão nos dias da revolução.

“Como é possível que Jesus fôsse crucificado em Paris? Literalmente sabemos que isto não aconteceu. Mas, quando os seguidores de Cristo são vituperados, maltratados e mortos, Ele toma isto tudo como sendo feito a Ele mesmo. Jesus mesmo dissera: ‘Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes’ (Mt 25:40). Para a França crucificar a Jesus em Paris, devia fazer isto na pessoa de Seus seguidores. E em realidade muitos cristãos foram trucidados em Paris, na célebre noite de São Bartolomeu, a 24 de agosto de 1572. Terrível fôra o massacre. Porém notemos como mais foi Jesus

crucificado em Paris: 'O mesmo espírito sobrenatural que instigou o massacre de S. Bartolomeu, dirigiu também as cenas da revolução. Foi declarado ser Jesus Cristo um impostor e o grito de mofa dos incrédulos franceses era: 'Esmagai o Miserável!' querendo dizer Cristo.

“Blasfêmia que desafiava o Céu e abominável impiedade iam de mãos dadas, e os mais vis dentre os homens, os mais execráveis monstros de crueldade e vício, eram elevados aos mais altos postos. Em tudo isto, prestava-se suprema homenagem a Satanás, enquanto Cristo, em Seus característicos de verdade, pureza e amor abnegado, era crucificado’ (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 273). E não somente em Paris foi Jesus crucificado, senão também em tôda a França; porém, os decretos de matanças contra os Seus seguidores e os vilipendiosos anátemas contra Êle manifestos, sempre procederam de Paris, onde eram promulgados. Assim foi Jesus crucificado na ‘grande cidade’ da licenciosidade e do ateísmo nos tempos modernos” (MELLO, 1959, p. 281 e 282).

“Onde o seu Senhor também foi crucificado.’ Esta especificação da profecia também foi cumprida pela França. Em nenhum país fora o espírito de inimizade contra Cristo ostentado mais surpreendentemente. Em nenhum país encontrara a verdade mais atroz e cruel oposição. Na perseguição que a França infligiu aos que professavam o evangelho, crucificou a Cristo na pessoa de Seus discípulos” (WHITE, 2013, p. 235 e 236).

“O fato de que esta cidade é dita ser ‘onde também nosso Senhor foi crucificado’, parece identificá-la com Jerusalém, a ‘cidade santa’ do v. 2; no entanto, muitos comentaristas entendem figurativamente a expressão ‘onde também nosso Senhor foi crucificado’, como os nomes Sodoma e Egito devem, sem dúvida, ser entendidos. Portanto, eles identificam ‘a grande cidade’ com a França, nação que manifestou, no final do período de 1.260 anos, as características simbolizadas por essas expressões” (NICHOL et al., 1980b, p. 818).

“Em 11:8, 9 aparecem Sodoma e Egito para destruir as testemunhas de Deus, pois como nações inimigas do povo de Deus no passado, servem como símbolo eloqüente” (BELVEDERE, 1987, p. 94).

“Sodoma e Egito – Símbolos de degeneração moral e de desafio aos mandamentos de Deus” (BATTISTONE, 1989, p. 164).

“Em Apocalipse 11, a grande cidade é um território governado pela besta que vem do abismo ao fim dos 1.260 dias proféticos. Esse território tem as características espirituais das grandes cidades bíblicas que se opunham a Deus. Possui a maldade e a degradação moral de Sodoma (Gn 19:4-11), a arrogância ateuista do Egito (Êx 5:2) e a rebelião de Jerusalém, ‘onde também o seu Senhor foi crucificado’ (Ap 11:8). De igual maneira, essa grande cidade simbólica mata o povo de Deus e a Bíblia” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.65).

“Necessitamos identificar a ‘**grande cidade**’. Alguns leitores pensam que ela é a mesma ‘cidade santa’ mencionada no verso 2, e concluem que se trata da cidade literal de Jerusalém, onde Jesus foi literalmente crucificado. Apocalipse 21:2, entretanto, identifica a ‘cidade santa’ com a Nova Jerusalém, não com a velha cidade terrestre de Jerusalém. Diz João: ‘Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.’ Muitos quadros do Apocalipse são apresentados em pares opostos. Por exemplo: existem duas insígnias: o ‘selo de Deus’ e a ‘marca da besta’. Haverá duas ressurreições, a primeira dos ‘bem-aventurados e santos’, a segunda para todos os demais. Existem duas mães, a primeira vestida em vestes brancas, a outra sendo uma prostituta vestida de vermelho. Entre tantos outros pares, existem igualmente duas cidades, a ‘cidade santa’ e a ‘grande cidade’. Conforme vimos, há poucos instantes, a cidade santa é a Nova Jerusalém. A outra cidade, a grande cidade, é Babilônia. ‘Ai! ai! tu, grande cidade, Babilônia, tu poderosa cidade!’ Apocalipse 18:10. Veja também Apocalipse 18:2, 16, etc.

“Todos sabemos que a cidade literal de Babilônia floresceu nos dias do profeta Daniel. Nos dias de João, tratava-se de uma ‘cidade mal-assombrada’, que desde então jamais voltou a ser habitada. Portanto, a ‘Babilônia’ do Apocalipse não pode ser uma cidade real. Trata-se de um símbolo de uma vasta comunidade de pessoas que, a exemplo da antiga Babilônia, blasfema de Deus e persegue os Seus verdadeiros santos. Existe uma Nova Jerusalém,

da mesma forma como outrora houve uma Babilônia literal.

“Diferentemente desta, porém, a Nova Jerusalém existe, neste exato momento, no Céu. Segundo Apocalipse 21:1-4, no futuro ocorrerá o dia em que ela será estabelecida aqui na Terra. Tal como Babilônia, contudo, a Nova Jerusalém também simboliza algo. Ela é apresentada como a ‘noiva’ do Cordeiro, que ‘a si mesma já se ataviou’ e se ‘vestiu’ com ‘os atos de justiça dos santos’. Apocalipse 19:7 e 8. À semelhança de Babilônia, esta cidade constitui o símbolo de uma vasta comunidade, mas não da comunidade de ímpios! A Nova Jerusalém é a comunidade dos justos, a verdadeira igreja, o ‘exército’ de Daniel 8:13 e 14, o qual tem sido ‘pisado’ pelos habitantes da grande cidade, Babilônia.

“Mas a grande cidade é descrita em Apocalipse 11:8 como o lugar ‘**onde o seu Senhor foi crucificado**’. Conforme já mencionamos há alguns parágrafos, esta colocação levou muitos leitores a presumirem que a grande cidade é a velha Jerusalém literal. Observe-se, porém, que o mesmo lugar é alegoricamente chamado de ‘Sodoma e Egito’.

“*Sodoma* representa o vício e a luxúria. Veja Gênesis 19:4-8 e Ezequiel 16:49, 50, 56-58. Ela simboliza mui apropriadamente a exorbitante luxúria e vício da realeza e da nobreza europeias, e a orgia e imoralidade associadas à Revolução Francesa. (Paris pareceu transformar-se num vasto bordel, e estima-se que pelo menos um oitavo de todas as moças casadouras tenham cometido prostituição.)

“O governante do *Egito*, nos dias de Moisés, escravizou os israelitas e zombou: ‘Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir a Israel.’ Êxodo 5:2. O Egito representa o frio ceticismo dos *filósofos* e a espalhafatosa descristianização patrocinada pela Revolução Francesa.

“Hebreus 6:4-6 esclarece a questão! O texto mostra que Jesus tem sido crucificado *sempre que o Seu povo apóstata profundamente das verdades bíblicas*. ‘E impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que *de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus*, e expondo-O à ignomínia.’

“A cidade santa foi calcada a pés durante todo o período dos 1.260 dias. Durante o mesmo intervalo, as duas testemunhas profetizaram em contrição e vestidas de saco. Esta referência à crucifixão de Jesus, porém, foi realizada — ou concretizada — de forma inequívoca durante o período da Revolução Francesa. (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 310-312).

“O poder ateu que governou na França durante a Revolução e reinado do terror desencadeou contra Deus e Sua Palavra uma guerra jamais vista. O culto à divindade foi abolido pela Assembleia Nacional. Bíblias eram recolhidas e publicamente queimadas. A Lei de Deus era calcada a pés. O dia de repouso semanal, o sábado, foi posto de lado, e em seu lugar cada décimo dia era dedicado à orgia e blasfêmia. O batismo e a comunhão foram proibidos. E anúncios afixados visivelmente nos cemitérios, declaravam ser a morte um sono eterno. O Apocalipse também diz ‘onde nosso Senhor foi crucificado’. Essa profecia também foi cumprida pela França. Na perseguição que ela infligiu aos que professavam o evangelho, crucificou a Cristo na pessoa de Seus discípulos. O Massacre de São Bartolomeu, na noite de 24 de agosto de 1572, quando milhares foram mortos em uma única noite, é um claro exemplo disso” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 37).

11.9

Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados.

“A Revolução Francesa humilha-rá Minhas duas testemunhas, Antigo e Novo testamentos, por três anos e meio, entre 1793 e 1797, e será observada por muitos povos e idiomas, e muitas nações aprenderão sobre o fracasso do ateísmo e da descristia-

nização em administrar pessoas sem a presença e atuação da Bíblia, e não quererão essa ideologia mentirosa e cruel para seu território”.

“A linguagem deste versículo descreve os sentimentos de outras nações estranhas à que ultrajava as testemunhas. Elas viam que guerra a infiel França tinha feito à Bíblia, mas não seriam levadas a empenhar-se nacionalmente na ímpia obra, nem tolerariam que as mortas testemunhas fossem sepultadas, ou postas fora da vista entre elas, embora jazessem mortas três dias e meio, isto é, três anos e meio, na França. Não, a própria tentativa por parte da França serviu para levar por toda parte os cristãos a envidarem novos esforços em favor da Bíblia, como vamos ver.” – George Storrs, *Midnight Cry*, 4 de maio de 1843, vol. IV, pág. 47” (SMITH, 1979, p. 170).

“O cadáver das testemunhas fica exposto, sem enterro por três dias e meio, espelhando o período que Jesus passou no túmulo” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.65).

“A linguagem deste versículo denota que destacados cristãos de várias nações acompanhavam atentos a atitude de França em matar as duas testemunhas ou os dois profetas — o Velho e o Novo Testamentos. Não compartilharam dos ímpios sentimentos dos revolucionários franceses na guerra ateística contra a Bíblia. Ao contrário, protegeram suas nações do contágio da pestilenta atitude daqueles ateus sem escrúpulo e irreverentes. Não permitiram que as duas testemunhas fossem sepultadas, embora estivessem mortas três e meio dias ou anos. Fizeram, como veremos adiante, um gigantesco esforço para exaltação ao máximo possível da Bíblia, tanto na França como em tôdas as nações do glôbo” (MELLO, 1959, p. 282 e 283).

“Esse período [três dias e meio ou 3,5 anos] pode ser calculado a partir de 26 de novembro de 1793, quando se emitiu um decreto em Paris para abolir a religião, até 17 de junho de 1797, quando o governo francês supostamente removeu as restrições impostas à prática da religião” (NICHOL et al., 1980b, p. 818).

“Perto do fim dessa opressão espiritual [42 meses – verso 2], foi feito um ataque contra a Bíblia na França, sob a influência de um regime ateu. Houve uma tentativa para destruir a Palavra de Deus, mas foi inútil. [...] O período de três dias e meio de tempo profético simbolizava três anos e meio” (BATTISTONE, 1989, p. 165).

Thiele e Berg (1960, p. 236 e 237) apresentam os seguintes eventos fatais para com as duas testemunhas de Deus na França:

ACONTECIMENTOS DE 1793 – INÍCIO DOS TRÊS ANOS E MEIO

5 de Agosto	Adoção do calendário republicano por voto da Convenção. Abolição da era cristã. O ciclo semanal substituído pela década
7 de Novembro	Inauguração em Convenção do culto da Razão.
10 de Novembro	O Concílio da Comuna ordena a celebração do culto da Razão na Catedral de Notre Dame. Declaração em Concílio de que os livros pios da Igreja Católica “bem como o Antigo e o Novo Testamentos, já tinham sido queimados em uma grande fogueira na praça do Templo da Razão, todas as tolices que levava a raça humana a pra-

	ticar”.
21 de Novembro	A Convenção presta o juramento de que dali em diante não reconhecerá outro culto a não ser o da Razão, Liberdade, Igualdade e República.
23 Novembro	O Concílio decreta que todas as igrejas e templos de todas as religiões e cultos em Paris sejam fechados de uma vez.

Fonte: Thiele e Berg (1960, p. 236 e 237)

A continuação desta tabela se encontra na página 217.

11.10	Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizam festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra.	“Boa parte dos franceses e outras nações influenciadas pela revolução ateísta ficarão aliviados e festejarão, trocando lisonjas e presenteando-se com uma consciência amortecida, pois a Bíblia não os incomoda mais! Ela não revela mais os princípios de amor regado, ordem, responsabilização e julgamento que Deus enviou para cada habitante do planeta por meio de Seus profetas bíblicos. Ateísmo e licenciosidade calam temporariamente a Bíblia e a consciência dos revolucionários, os quais em nome da razão se comportam como irracionais”.
-------	--	---

“Temos aqui a alegria dos que odiavam a Bíblia, as duas testemunhas, que os atormentara pela reprovação de seus maus atos. Mas a liberdade que julgaram ter auferido em matar os dois profetas de Deus, trouxe-lhes um caudal de tãda obra perversa pela França em fora. Nunca um povo ou uma nação sofrera consequências tão funestas pelo repúdio das Escrituras Sagradas. Sob o manto duma alegria diabolesca sôbre o assassinio das duas testemunhas, jazia uma avalanche de degradação e um dilúvio de sangue que afogou a nação inteira. Todavia a perversa alegria duma aparente vitória sôbre os dois profetas atormentadores, ia ser breve” (MELLO, 1959, p. 283).

“A morte delas provoca grande alegria entre ‘os que habitam sobre a terra’ (Ap 11:10). A Palavra de Deus sempre incomoda a consciência de quem a ouve, mas não está disposto a se entregar” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.65).

“A França incrédula fizera silenciar a voz reprovadora das duas testemunhas de Deus. A Palavra da verdade jazeu morta em suas ruas, e os que odiavam as restrições e exigências da lei de Deus estavam jubilosos. Os homens publicamente desafiavam o rei dos Céus. Semelhantes aos pecadores da antiguidade, clamavam: ‘Como o sabe Deus? ou há conhecimentos no Altíssimo?’ Salmos 73:11

“[...] Depois que a França renunciou ao culto do Deus vivo, ‘o Alto e o Sublime que habita na eternidade’, pouco tempo se passou até descer ela à idolatria degradante, pelo culto da deusa da Razão, na pessoa de uma mulher dissoluta. E isto na assembléia representativa da nação, e pelas suas mais altas autoridades civis e legislativas! Diz o historiador: ‘Uma das cerimônias deste tempo de loucuras permanece sem rival pelo absurdo combinado com a impiedade. As portas da convenção foram abertas de par em par a uma banda de música, seguida dos membros da corporação municipal, que entraram em solene procissão, cantando um

hino de louvor à liberdade e escoltando, como o objeto de seu futuro culto, uma mulher coberta com um véu, a quem denominavam a deusa da Razão. Levada à tribuna, tirou-se-lhe o véu com grande pompa, e foi colocada à direita do presidente, sendo por todos reconhecida como dançarina de ópera.

“[...] A essa pessoa, como mais apropriada representante da razão a que adoravam, a Convenção Nacional da França prestou homenagem pública. ‘Essa momice, ímpia e ridícula, entrou em voga; e o instituir a deusa da Razão foi repetido e imitado, por todo o país, nos lugares em que os habitantes desejavam mostrar-se à altura da Revolução.’ — Scott.

“Disse o orador que apresentou o culto da Razão: ‘Legisladores! O fanatismo foi substituído pela razão. Seus turvos olhos não poderiam suportar o brilho da luz. Neste dia, imenso público se congregou sob aquelas abóbadas góticas que, pela primeira vez, fizeram ecoar a verdade. Ali, os franceses celebraram o único culto verdadeiro — o da Liberdade, o da Razão. Ali formulamos votos de prosperidade às armas da República. Ali abandonamos ídolos inanimados para seguir a Razão, esta imagem animada, a obra-prima da Natureza.’ — História da Revolução Francesa, de Thiers, vol. 2, págs. 370 e 371.

“Ao ser a deusa apresentada à Convenção, o orador tomou-a pela mão e, voltando-se à assembléia, disse: ‘Mortais, cessai de tremer perante os trovões impotentes de um Deus que vossos temores criaram. Não reconheçais, doravante, outra divindade senão a Razão. Ofereço-vos sua mais nobre e pura imagem; se haveis de ter ídolos, sacrificai apenas aos que sejam como este. ... Caí perante o augusto Senado da Liberdade, ó Véu da Razão! ...

“A deusa, depois de ser abraçada pelo presidente, foi elevada a um carro suntuoso e conduzida, por entre vasta multidão, à catedral de Notre Dame para tomar o lugar da Divindade. Ali foi ela erguida ao altar-mor e recebeu a adoração de todos os presentes.’ — Alison. Não muito depois, seguiu-se a queima pública da Escritura Sagrada. Em uma ocasião, ‘a Sociedade Popular do Museu’ entrou no salão da municipalidade, exclamando: ‘*Vive La Raison!*’ e carregando na extremidade de um mastro os restos meio queimados de vários livros, entre os quais breviários, missais, e o Antigo e Novo Testamentos, livros que ‘expiavam em grande fogo’, disse o presidente, ‘todas as loucuras que tinham feito a raça humana cometer.’ — Journal de Paris, 14 de novembro de 1793 (nº 318)” (WHITE, 2013, p. 239 e 240).

“Se alegram. *Gr. Euphrainō*, ‘regozijar-se’, ‘tornar alegre’. Também é traduzido como ‘ser alegre’ em Luc. 12:19. Agora, aliviados do tormento, isto é, do testemunho condenador das duas testemunhas, os iníquos apazíguam sua consciência rendendo-se à folia. [...] Atormentaram. Pelo poder condenador das profecias das duas testemunhas (versículo 3). Poucas torturas que excedem a de uma consciência culpada. Quando a verdade e a justiça aparecem constantemente diante do pecador teimoso, freqüentemente elas se tornam intoleráveis” (NICHOL et al., 1980b, p. 818).

11.11

Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo;

“No entanto, no ano de 1797, três anos e meio depois do escárnio contra a Bíblia, Deus a ressuscitará na França e a estabelecerá ali; os observadores deste fato, infectados pelas nefastas filosofias ateias em sua fase embrionária – evolucionismo, comunismo e espiritualismo – se assustarão com o retorno da Bíblia;

“Três dias e meio depois, Deus sopra vida nas duas testemunhas e as ressuscita. Ele também faz com que elas fiquem em pé. Essa cena lembra a visão de Ezequiel do vale de ossos secos (Ez 37:1-10), uma profecia referente à restauração de Israel após o exílio babilônico. Israel era visto por seus inimigos como uma nação derrotada e morta. Nessa visão, porém, o Senhor ordenou que Ezequiel profetize a fim de que o fôlego entre nos ossos secos. Então o

fôlego de vida entra nos cadáveres, fazendo com que eles voltem à vida e se coloquem em pé.

“Historicamente, uma das consequências da Revolução Francesa foi o grande reavivamento do interesse pela Bíblia, manifesto, em particular, por meio da criação das grandes sociedades bíblicas e das diversas sociedades missionárias. Elas foram fundadas para espalhar o evangelho, cumprindo a profecia das duas testemunhas que voltam a viver. Como nunca antes, o cenário ficou pronto para a pregação do evangelho por toda parte” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.66).

“*Depois dos três dias e meio.* Ou seja, no final do período em que os corpos das testemunhas jazem desenterrados e expostos à contemplação pública (ver v. 9).

“*O espírito de vida.* Ou um espírito que é vida. A frase hebraica *ruach chayyim*, é traduzida no AT como ‘sopro da vida’ (Gênesis 6:17; 7:15, LXX). Os hebreus praticamente identificaram a respiração com vida. Por consequência, dizer que o sopro da vida entrou em uma pessoa significava que ela havia recebido a vida (Gn 2:7).

“*Sobreveio grande medo.* Os ímpios novamente têm a consciência pesada; a mesma que lhes tinha atormentado quando as duas testemunhas profetizavam (ver v. 10). Aqueles que se alegraram com a morte das testemunhas estão agora atônitos ao contemplarem o milagre da ressurreição delas” (NICHOL et al., 1980b, p. 818 e 819).

“Em 1793 a Assembléia Francesa promulgou um decreto suprimindo a Bíblia. Justamente três anos depois apresentou-se à Assembléia uma resolução para suspender o decreto e dar tolerância às Escrituras. Essa resolução esteve na mesa durante seis meses, sendo então levantada e decretada sem nenhum voto contrário [...]. Assim, exatamente em três anos e meio, as testemunhas ‘puseram-se sobre seus pés e caiu grande temor sobre os que os viram’. Só os pavorosos resultados da rejeição da Bíblia podiam ter levado a França a tirar suas mãos destas testemunhas.’ – George Storrs, *Midnight Cry*, 4 de maio de 1843, vol. IV, pág. 47.

“Em 17 de junho [de 1797], Camilo Jordão, no ‘Conselho dos Quinhentos’, apresentou o memorável relatório sobre a ‘revisão das leis relativas ao culto religioso’. Consistia de algumas propostas, que aboliam igualmente as restrições republicanas ao culto papal e as restrições papais ao protestante. Tais propostas eram as seguintes:

- 1. Que todos os cidadãos podiam comprar ou alugar edifícios para o livre exercício religioso.
- 2. Que todas as congregações podiam reunir-se ao toque dos sinos.
- 3. Que nenhuma prova nem promessa de qualquer tipo que não se exigisse a outros cidadãos fosse exigida dos ministros daquelas congregações.
- 4. Que qualquer pessoa que tentasse impedir ou por qualquer meio interromper o culto público fosse multada até em 500 libras, e não menos de 50; e se a interrupção provinha de autoridades constituídas, tais autoridades fossem multadas em uma soma dobrada.
- 5. Que estivesse livre a todos os cidadãos a entrada às assembleias com propósito de culto religioso.
- 6. Que todas as demais leis concernentes ao culto religioso fossem ab-rogadas.

“Estes regulamentos, pelo fato de abranger toda a situação dos cultos na França foram, na verdade, uma bênção particular para o protestantismo. O papado estava em vias de restauração. Mas o protestantismo, pisado sob as leis de Luís XIV, e sem apoio na fé popular, precisava do apoio direto do Estado para pôr-se em pé. O relatório parece ter como objetivo os ultrajes da igreja; as velhas proibições de celebrar culto público, de possuir lugares de culto, de ter ingressos, etc.

“Desde aquele tempo a igreja esteve livre na França. [...] A igreja e a Bíblia tinham estado mortas na França desde novembro de 1793 a junho de 1797. Havia transcorrido os três anos e meio; e a Bíblia, que havia sido reprimida por tanto tempo e com tanta severidade, ocupou um lugar de honra, e foi abertamente o livro do protestantismo livre.’ – Jorge Croly, *The Apocalypse of St. John*, págs. 181-183” (SMITH, 1979, p. 171 e 172).

Pela datação supracitada por Urias Smith não se vê os três anos e meio com

exatidão, e sim mais do que esse lapso de tempo. No entanto, Araceli Mello (1959, p. 284 e 285) parece resolver isto:

"[...] a 24 de outubro de 1793, que o jacobinismo anunciou ao público, em um projeto, a resolução de subverter tudo que restava de mais nobre da religião cristã, e isto através dum novo calendário inteiramente ateu que punha de lado todo o fundamento que o cristianismo tinha na Bíblia ou nos dois profetas citados. Desde 24 de outubro de 1793, e durante três e meio anos, a Bíblia ou os dois profetas — Velho e Novo Testamentos — estariam mortos, ressuscitando após êste período de tempo. Com uma simples operação matemática concordaremos que os três anos e meio findaram em abril de 1797.

"Algo importante deveria ter ocorrido neste mês e neste ano, para que os dois profetas pudessem tornar à vida; aliás, apenas a queda dos jacobinos poderia trazer à vida êstes dois profetas mortos. Foi esta, realmente, a ocorrência de abril de 1797? Vejamos o que diz o historiador: 'As novas eleições de abril de 1797 foram uma esmagadora derrota para o diretório e para os antigos partidos. Dos oitenta e quatro departamentos da França, sessenta e seis, nas assembléias primárias, escolheram os seus eleitores entre indivíduos não republicanos e só dez se conservaram fiéis aos jacobinos. A capital não só abandonou completamente os jacobinos, mas tomou ela mesma a direção da contra revolução.

"Na escolha dos eleitores e na eleição dos deputados de Paris foram postos de parte não só todos os republicanos, mas mesmo os constitucionais, que se tinham evidenciado nas primeiras fases da revolução. O espírito predominante do novo têrço de deputados tendia a fazer ressurgir a monarquia, mas gradualmente, com o auxílio da constituição em vigor e sem recorrer de forma alguma a uma nova revolução. A abolição dos decretos de perseguição aos sacerdotes e emigrados e o restabelecimento da paz com a Europa eram os pontos capitais do programa da nova maioria do Conselho dos quinhentos.' (Hist. Univ., G. Oncken, XIX, 798-800)

"A profecia teve o seu cumprimento plenamente assegurado e indiscutível. O jacobinismo que matou os dois profetas e com êste ato todos os altos valores do cristianismo, foi esmagadoramente derrotado em tôda a França, principalmente, em Paris, onde cometera o miserando crime contra as duas testemunhas de Deus. Assim os três dias e meio proféticos ou três e meio anos, ajustaram-se perfeitamente no período de supremacia dos jacobinos, e a revelação cumpriu-se notavelmente. [...] Estavam novamente restaurados os dois profetas, e a religião cristã na França, depois de os seus matadores, os jacobinos, serem derrotados no poder em abril de 1797. A restauração, porém, não deu ao papado, como rezavam as leis de Luiz XIV, a primazia de culto. Ao protestantismo foi concedido igualdade de direitos religiosos nos decretos do novo regime".

"As fiéis testemunhas de Deus, mortas pelo poder blasfemo que subiu 'do abismo', não deveriam por muito tempo ficar em silêncio. 'Depois daqueles três dias e meio, o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram.' Apocalipse 11:11. Foi em 1793 que os decretos que aboliam a religião cristã e punham de parte a Escritura Sagrada, passaram na Assembléia francesa. Três anos e meio mais tarde foi adotada pelo mesmo corpo legislativo uma resolução que anulava esses decretos, concedendo assim tolerância às Escrituras.

"O mundo ficou estupefato ante a enormidade dos crimes que tinham resultado da rejeição das Escrituras Sagradas, e os homens reconheceram a necessidade da fé em Deus e em Sua Palavra como fundamento da virtude e moralidade. Diz o Senhor: 'A quem afrontaste e de quem blasfemaste? E contra quem alçaste a voz, e ergueste os teus olhos ao alto? Contra o Santo de Israel.' Isaías 37:23. 'Portanto, eis que lhes farei conhecer, desta vez lhes farei conhecer a Minha mão e o Meu poder; e saberão que o Meu nome é o Senhor.'" Jeremias 16:21' (WHITE, 2013, p. 249 e 250).

ACONTECIMENTOS DE 1797 – FIM DOS TRÊS DIAS E MEIO

Maio	O Concílio de Quinhentos aponta uma comis-
------	--

	são para preparar uma nova lei do culto religioso.
17 de junho	<p>A Comissão apresenta seu relatório ao Concílio. Camille Jordan presidente da Comissão, diz em seu relatório: "A religião é necessária à prosperidade e felicidade da nação". A fé em Deus é uma garantia melhor de ordem pública do que as melhores leis. A vontade do povo a este respeito é unânime, constante e irresistível. A religião, com suas perspectivas imortais, é a única consolação de um país nos lances de uma revolução. É a única fonte verdadeira de ordem e da moral.</p> <p>Temos criado milhares de leis nestes últimos poucos anos. Que fizeram elas por nós, senão ensangüentar este Império amado com crise e destruição? E por que? Porque a lei que ensina discernir entre o direito e o errado, a única lei que empresta valor a todas as outras leis, foi arrancada dos corações do povo. Recriem todas as formas de crença, esta lei nos corações, e os legisladores terão pouco a fazer.</p> <p>A idéia de prescrever todas as religiões da França é uma idéia ímpia. Por isto, permiti que todos os nossos compatriotas estejam completamente seguros; permiti que todos, Católicos e Protestantes, considerem isto como sendo o desejo do legislador e o desejo da lei, de estarem livres para seguir a religião de seus corações. Deixai-me repetir-lhes em vosso nome a sagrada promessa: Liberdade a Todas as Formas de Culto na França". O Concílio por consentimento geral concorda com a liberdade do culto.</p>

Fonte: Thiele e Berg (1960, p. 237 e 238)

11.12

e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram.

“não um retorno à obscuridade papal, mas Deus a exaltará gloriosamente por todo planeta, e os inimigos da Bíblia, na França e noutros países observarão, a contragosto, a disseminação de Bíblias que as Sociedades Bíblicas e os missionários realizarão a partir do século 19!”

“*Subi para aqui*’. As testemunhas não são apenas ressuscitadas por Deus, mas são ordenadas a entrar no céu. Como ‘seus inimigos’ as contemplam, elas são completamente justificadas dos ultrajes que sofreram e a veracidade da profecia que haviam proclamado fielmente por 1.260 dias ou anos é demonstrada a todos. A voz de Deus as recebe no céu na presença daqueles que tentaram destruí-las. Essa exaltação das duas testemunhas foi entendida como um símbolo da grande disseminação das Escrituras desde o início do século XIX. Pouco após a Revolução Francesa, várias sociedades bíblicas nacionais foram estabelecidas” (NICHOL et al., 1980b, p. 819).

“E subiram ao Céu’. – Para compreender esta expressão, veja-se Daniel 4:22: ‘A

tua grandeza cresceu, e chegou até o Céu.' Por aqui vemos que a expressão significa grande exaltação. Atingiram as Escrituras um estado de exaltação como é aqui indicado, desde que a França lhes fez guerra? Atingiram. Pouco depois foi organizada a Sociedade Bíblica Britânica (1804). Seguiu-se a Sociedade Bíblica Americana (1816), e estas, como as suas colaboradoras quase inumeráveis, estão espalhando por toda parte a Bíblia.' – Jorge Croly, *The Apocalypse of St. John*, pág. 47" (SMITH, 1979, p. 172).

"Na verdade os dois profetas não subiram literalmente ao céu. A exaltação e glorificação da Bíblia depois daqueles três e meio anos, é uma designação emblemática de sua vasta difusão não só na própria França como no mundo inteiro. Movidos pelo poder de Deus levantaram-se homens para darem cumprimento ao desígnio da profecia inspirada. Em 1804 fundou-se a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira que, ano após ano, ampliou as suas edições, lendo já alcançado a tiragem de muitos milhões de exemplares anualmente.

"Em 1816 surgiu a Sociedade Bíblica Americana, que, em seu grande esforço, está seguindo de perto a Britânica na produção e difusão de Bíblias no mundo. Além das duas sociedades bíblicas citadas, outras foram fundadas na Europa. 'Em 1812 fundaram-se a sociedade russa e a de Stuttgart, em 1813 a de Dresden, em 1814 a de Berlim, em 1817 a de Hamburgo". Também várias sociedades de tratados foram fundadas com o objetivo de difundir as doutrinas da Bíblia em todo o glôbo. Já em 1687 nasceu em Londres a primeira delas; surgiram "depois a de Eisleben, em 1811; a de Hamburgo, em 1820; a de Paris, em 1822; a de Nova York, em 1825; a de Stuttgart, em 1833; a de Basiléia, em 1834; a de Berlim, em 1845; etc.'.

"Não só dêste modo e pelas sociedades Bíblicas foram as sagradas Escrituras e suas verdades espalhadas pelo mundo inteiro, mas também por meio das missões modernas até aos confins da terra. Várias sociedades missionárias foram fundadas: 'A de Londres, em 1795; a da Escócia, em 1796; a da Holanda, em 1797; a anglicana, em 1799; a grande Sociedade Americana, em 1810; a de Berlim, em 1823; a de Paris, em 1824; a de Renana e a de Basiléia, em 1829; a Norte Alemanha, em 1836; etc.'. Hoje, grande é o número de sociedades missionárias e numerosos os bravos heróis que desde William Carrey têm levado o estandarte da fé e da Bíblia às mais remotas regiões da terra.

"Desde que as duas testemunhas tornaram à vida, têm elas sido honradas como nunca antes. Antes de 1804, a Bíblia havia sido impressa em cinquenta línguas. Hoje, porém, sua mensagem pode ser lida em mais de 1120 idiomas diferentes. Verdadeiramente os dois profetas, o Velho e o Novo Testamentos, subiram ao céu numa exaltação inquestionavelmente celestial. Assim, é a Bíblia, depois de Jesus, a mais valiosa bênção que Deus haja concedido ao homem nesta vida. [...] 'Nas palavras de um primitivo reformador, relativas à igreja cristã, a 'Bíblia é uma bigorna que tem gasto muitos martelos'. Disse o Senhor: 'Toda a ferramenta preparada contra ti, não prosperará: e toda a língua que se levantar contra ti em juízo, tu a condenarás' (Is 54.17). Sendo o livro mais perseguido através dos séculos, a Bíblia entretanto mantêm-se indestrutível e poderosa para transformar o homem" (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 270,287)" (MELLO, 1959, p. 285-287).

"As missões estrangeiras conheceram uma nova era, através da fundação de numerosas sociedades missionárias e pela dedicação de um bom número de indivíduos. 'Quero consumir-me em favor de Deus', clamava Henry Martin, graduado por Cambridge e que, aos vinte e cinco anos de idade, aportou na Índia como missionário, em 1806. Dentro de seis anos ocorreu exatamente o que ele desejara. Um espírito similar animou e encheu de energia a milhares de outros.

"Judson na Birmânia, Carey na Índia, Morrison na China, Moffat e Livingstone na África – todos se tornaram assunto no âmbito das famílias cristãs, à medida que estas, no aconchego tranquilo do lar, maravilhavam-se face à extraordinária devoção desses gigantes servos de Deus; meninos e meninas prometiam a Deus, em suas orações, que haveriam de seguir os passos desses heróis, a qualquer custo. Efetivamente, eles os seguiram, substituindo feiticeiros e bruxos por centenas de hospitais, ensinando ao povo como fertilizar suas terras e efetuar a rotação de plantações, dirigindo milhares de escolas, de modo que as pessoas pudessem ler a Bíblia por si próprias e assim conduzir melhor as suas atividades.

“Depois de haverem reduzido centenas de idiomas tribais à forma escrita pela primeira vez, traduziram a Bíblia para esses idiomas. Com demasiada frequência suas posses pessoais morravam sob a densa umidade, os cemitérios das missões cresciam – ocupados por seus queridos familiares e colegas – e seus próprios corpos tremiam vertiginosamente sob os ataques de malária, ou vergados pela dor da febre tifóide. Eles deram tudo de si – o que de forma alguma foi em vão.

“Pela primeira vez, no transcurso de sua história, o cristianismo (dos anos 1800) tornou efetiva a sua inspiração inerente e alcançou extensão mundial’, observa Kenneth Scott Latourette, Professor Emérito de ‘Missões’ na Universidade de Yale. ‘Nesse processo, ele ultrapassou as realizações de qualquer outra religião.’ Ele admite que ‘a humanidade ainda se encontrava distante da plena conformidade com os padrões do cristianismo’. Em muitos lugares, ‘professos cristãos’, após um século de crescimento da igreja, ‘continuavam a ser uma pequena parcela da população’. Ainda assim, Latourette pôde dizer que, no início dos anos 1900, ‘praticamente todas as culturas sentiam, em maior ou menor grau, a influência do cristianismo’ (Latourette, *History*, pág. 1078. Pontuação ligeiramente adaptada).

“[...] Embora tenham sido mortas e mantidas insepultas (veja Apocalipse 11:7 e 9), as ‘duas testemunhas’ de Deus seguramente retornaram à vida – e ‘foram erguidas ao Céu’, à vista de todo o mundo. Certamente, triunfaram sobre os seus inimigos; e hoje elas florescem vigorosamente, a despeito da Revolução Francesa com seu legado de ateísmo anti-cristão, que exerce controle sobre os governos que dominam um quarto da raça humana, e do desmedido nacionalismo e universal militarismo que produziram as mais devastadoras guerras da experiência humana.

“A inesgotável vida da Bíblia. Sim, por certo Deus faz com que a Sua Bíblia seja ‘viva e eterna’, I S. Pedro 1:23, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*. Ele a revestiu de Sua própria vida interminável. Os seres humanos certamente aparentam possuir vida, mais que um livro; entretanto, as pessoas morrem, ao passo que a Palavra de Deus permanece viva. ‘Na verdade o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a Palavra de nosso Deus permanece eternamente’. Isaías 40:7 e 8” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 301-303).

11.13

Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu.

“Com a rebeldia da França, o papado perderá dez por cento de seu império, e uma porcentagem bem maior de sua influência sobre as nações do mundo. Milhares de clérigos romanistas terão perdido a vida e os títulos; muita gente perceberá como o falso cristianismo terá sido castigado por sua própria cria: as deformidades ateístas totalitárias francesas, e temerá o único Deus verdadeiro, o Criador revelado pela Bíblia!”

“A ascensão das testemunhas ressuscitadas é acompanhada por um grande terremoto que assola um décimo da grande cidade e mata 7 mil pessoas. Na Bíblia, a décima parte simboliza a menor porção de um todo; já as 7 mil pessoas mortas representam a totalidade dos incrédulos endurecidos.

“O restante das pessoas se enche de temor e dá glória ao Senhor. Isso traz à lembrança a conversão do rei Nabucodonosor, que glorificou a Deus após experimentar o juízo divino (Dn 4:34-37). A palavra ‘aterrorizadas’ e a expressão ‘deram glória ao Deus do céu’ parecem uma resposta ao apelo do primeiro anjo de Apocalipse 14:7: ‘Temei a Deus e dai-Lhe glória’. Isso sugere que, como resultado da vindicação e exaltação das duas testemunhas, bem

como do terremoto que abalou a grande cidade, alguns aceitaram o evangelho e depositaram sua fé em Cristo.

“A mensagem das duas testemunhas nos mostra que, assim como no passado, Deus tem um povo fiel que dá testemunho do evangelho ao mundo atual. Ele o usa assim como usou Moisés durante o Êxodo, Elias durante a apostasia de Israel, bem como Josué e Zorobabel durante o período pós-exílico” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.66).

“Quando Satanás agiu mediante a igreja de Roma a fim de desviar os homens da obediência, fê-lo ocultamente e com disfarce tal, que a degradação e a miséria resultantes nem foram vistas como sendo o fruto da transgressão. E seu poder foi tão grandemente contrabalançado pela operação do Espírito de Deus, que seus propósitos não lograram alcançar completa realização. O povo não ligava o efeito à causa, nem descobria a fonte de suas misérias. Na Revolução, porém, a lei de Deus foi abertamente posta de lado pelo Conselho Nacional. E no reinado do terror que se seguiu, todos puderam ver a operação de causa e efeito. Quando a França publicamente rejeitou a Deus e pôs de parte a Escritura Sagrada, os homens ímpios e os espíritos das trevas exultaram com a consecução do objetivo havia tanto acalentado—um reino livre das restrições da lei de Deus.

“[...] Mas da transgressão de uma lei justa e reta deve inevitavelmente resultar a miséria e ruína. Conquanto não fosse de pronto visitada com juízos, a impiedade dos homens estava, não obstante operando seguramente a sua condenação. Séculos de apostasia e crime tinham estado a acumular a ira para o dia da retribuição; e, quando se completou sua iniquidade, os desprezadores de Deus aprenderam demasiado tarde que coisa terrível é haver esgotado a paciência divina. O moderador Espírito de Deus, que põe limite ao poder cruel de Satanás, foi removido em grande medida, permitindo-se que realizasse a sua vontade aquele cujo único deleite consiste na miséria humana.

“Os que haviam escolhido servir à rebelião, foram deixados a colher seus frutos, até que a Terra se encheu de crimes demasiado horrendos para que a pena os descreva. Das províncias devastadas e cidades arruinadas ouviu-se um grito terrível — grito de amargurada angústia. A França foi abalada como se fosse por um terremoto. Religião, leis, ordem social, família, Estado, Igreja, tudo foi derribado pela mão ímpia que se insurgira contra a lei de Deus” (WHITE, 2013, p. 248 e 249).

“Não se davam ao trabalho de procurar um crime; o parentesco, a riqueza, a categoria, os nomes históricos, parlamentares, bispos, eram motivos suficientes. Tôda espécie de superioridade era atacada pelo ciúme da igualdade. [...] Billaud-Varenne exclamava: O tribunal revolucionário julga fazer uma maravilha quando decepa sessenta ou setenta cabeças. Um número sempre igual não espanta: é preciso duplicá-lo. Vadier dizia também: É necessário levantar um muro de cabeças entre nós e o povo.

“O número das vítimas subiu a cento e cinquenta por dia. Foi necessário abrir um cano para dar vazão ao sangue. De março a junho de 1793, foi o número das vítimas 94.577; de junho a 26 de julho, contaram-se 1285. Paris começava a sentir piedade; mas tremia. Em tôda a França reproduziam-se cenas semelhantes’ (Hist. Univ. C. Cantú, Vol. XII, 40-42, edição, 1878). ‘O feroz Carrier foi mandado a Nantes, e esta cidade veio a ser o teatro das mais revoltantes atrocidades; 500 meninos, todos abaixo de 14 anos, foram espingardeados; 1500 outros foram afogados no rio com 1.404 nobres e 5.300 artífices. Mil e duzentos vendeanos foram fuzilados num prado vizinho d’Angers’.

“Para despejá-las’, as prisões, ‘o acusador público fazia julgar cada dia 80 a 100 prisioneiros, e grandes carros, preparados dante-mão, os levavam por multidões à guilhotina. Entre êles achavam-se milhares de clérigos, religiosos e freiras de tôdas as ordens. As execuções não se concentravam em Paris. Os numerosos enviados de Robespierre inundaram de sangue todos os departamentos e tornaram-se dignos duma horrível celebridade pelo furor com que desempenharam sua missão infernal’ (Hist. Eclesiástica, Padre Antelmo Goud (1873), pág. 465-467).

“Os cinquenta jurados’ do acusador público Fouquier Tinville, ‘estabelecidos pela lei de 22 praerial eram a escumalha do club jacobino; a maior parte dêles não sabia ler nem escrever; apresentavam-se ébrios na sessão e a custo podiam pronunciar o seu veredictum; ingênuamente declaravam que se não houvesse crimes, seria preciso inventá-los e que para se reconhecerem os culpados bastava olhar para os acusados’ (Hist. Univ., G. Oncken, XIX, 712-714).

“Poderíamos encher páginas e páginas relatando as atrocidades e as chacinas em massa bem como o sangue desmedido derramado pelos revolucionários ateus de França no período do ‘terror’. Mas, o que aqui foi dito, é suficiente para dar ao leitor uma idéia precisa de que o ‘terror’ fôra o ‘grande terremoto’ moral da profecia, que abalou tôda a nação francesa nos dias da revolução” (MELLO, 1959, p. 287 e 288).

“Haverá um terremoto, e a décima parte da cidade será subvertida. Notai que o terremoto, isto é, a grande alteração das coisas na terra do Papado, deve ocorrer naquele tempo somente na décima parte da cidade, que haverá de cair: pois este será o efeito deste terremoto. Agora, qual é, pois, a décima parte da cidade que haverá de cair? Segundo a minha opinião, não podemos duvidar que seja a França. Este reino é a parte, ou o pedaço, mais considerável, dos dez pontos, ou estados, que uma vez formaram a grande cidade de Babilônia... Esta décima parte da cidade cairá, com respeito ao papado; quebrar-se-á com Roma, e com a religião Romana”. – Peter Jurieu, *The Accomplishment of the Scripture Prophecies*, Part II, pp. 264,265, Londres, 1687” (THIELE; BERG, 1960, p. 239).

“A cidade referida como destruída pelo terremoto, não é Paris ou outra qualquer da França e nem mesmo uma cidade real, em qualquer outro país; pois vimos que o terremoto predito não alude a um abalo císmico natural, mas aos horrores do ‘terror’. A cidade da alusão da profecia, é uma cidade espiritual mencionada no Apocalipse e da qual a Revelação nos põe precisamente a par. [...] Várias vêzes o Apocalipse a denomina de Babilônia, e diz que ela é uma mulher que negocia com corpos e almas de homens (Ap 18.13). Ora, mulher na Bíblia é emblema de igreja, como podemos ver comprovado no capítulo seguinte. E qual é a igreja que negocia com corpos e almas de homens senão a igreja de Roma?

“Assim temos aqui a identificação da cidade de que trata a profecia dêste undécimo capítulo. Esta cidade romana chamada Babilônia, constou, em verdade, de dez partes, pois é dito que sua décima parte caiu. Tratando-se da igreja papal, trata-se verdadeiramente do poder papal, cuja igreja exercia seu domínio exatamente em dez distintos territórios ao tempo do terremoto do ‘terror’. [...] ‘E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, conjuntamente com a bêsta. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à bêsta’ (Ap 17.12 e 13). Os dez reinos são as dez nações bárbaras que formaram a Europa moderna e entregaram ‘o seu poder e autoridade à bêsta’, isto é, ao papado romano.

“Evidentemente, temos nesta definição a grande cidade, chamada Babilônia, cuja décima parte caiu com o ‘terremoto’ do ‘terror’ revolucionário francês. A França era uma das dez nações que jaziam aos pés do papado e, portanto, a décima parte da Babilônia papal a cair. Fêz guerra ao papado ao tempo da revolução, e desligou-se dêle abolindo todo o culto católico e levando à guilhotina multidões de sacerdotes e de freiras. Foi assim que caiu a décima parte da cidade da grande Babilônia romana” (MELLO, 1959, p. 288 e 289).

“O símbolo de um terremoto é usado repetidamente nas Escrituras para descrever a turbulência e perturbação que caracterizarão o mundo imediatamente antes da segunda vinda de Cristo (Marcos 13: 8; Ap. 16:18). Quando os comentaristas aplicam esta profecia à França, eles vêem no terremoto uma imagem de turbulência que abalou essa nação no final do século XVIII.

“*Décima parte*. Não é o terremoto final, porque desta vez (cf. cap. 16:18) apenas cai uma fração da cidade (ver versículos 2 e 8). Este terremoto significa uma punição transitória que assusta alguns daqueles que se gloriaram pela morte das testemunhas. Alguns aplicam essa expressão a toda a nação francesa; eles argumentam que a França foi um dos ‘dez reis’ que surgiriam como resultado da queda do Império Romano (Dan. 7:24). Outros identi-

cam a cidade com a Roma papal e a França como uma das dez divisões” (NICHOL et al., 1980b, p. 819).

“[...] o Professor Palmer agrega uma observação extremamente apropriada. Ele diz que um historiador contemporâneo descreveu esta era revolucionária como um *terremoto* (R. R. Palmer, *The Age of the Democratic Revolution*, 2 vols.; vol. I, *The Challenge* (Princeton: Princeton University Press, 1959), pág. 19, citando o revolucionário polonês Kollontay, num livro escrito após o fracasso do levante de Thaddeus Kosciusko, em meados de 1790). João também falara de um **terremoto** em Apocalipse 11:13. A escolha da palavra foi muito apropriada!

“[...] O epicentro do **terremoto** localizou-se numa ‘décima parte’ da cidade e manifestou-se no encerramento dos 1.260 anos, na década de 1790. Era a França o mais antigo país cristão da Europa ocidental. Foi esta nação, a primeira a abraçar o cristianismo no mundo ocidental, que apostatou tão profundamente e que subverteu de modo tão grotesco os valores cristãos durante a Revolução Francesa. Neste inegável sentido bíblico da questão, a França crucificou cruelmente a Cristo. Uma vez, porém, que o terremoto ocorreu em apenas uma ‘décima parte’ da grande cidade, percebemos que esta, como um todo, representa muito mais que a França apenas. A grande cidade é a comunidade completa, ou seja, toda a cristandade da Europa Ocidental” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 288 e 312).

“Um dos primeiros atos do regime do terror tinha sido a demissão de todos os oficiais nobres. Em poucas semanas o exército do Reno perdera assim 7.000 oficiais e em todo o exército francês nasceria uma desorganização e uma anarquia irreparável se Carnot não tivesse sido um homem competente, que soube preencher da melhor forma possível as vagas ocasionadas pelo arbitrário procedimento dos jacobinos’ (Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XIX, 671). Aí está, aos olhos de todos, o surpreendente e duplo cumprimento da profecia inspirada. Duplo cumprimento, porque, além de ser prefixado o número dos homens a serem atingidos pelas medidas do ‘terror’, seus nomes, e não a pessoa física deles, seriam o alvo essencial daquele ‘terremoto’ provocado pelos jacobinos. Assim, cumpriu-se duplamente a profecia: 1) No número de homens e, 2) na posição destes homens, que eram ‘oficiais nobres’” (MELLO, 1959, p. 289 e 290).

11.14

Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.

A sexta trombeta e seu segundo “ai” terminaram com a queda do império otomano, em 1840. Mas a inclusão dessas profecias dos capítulos 10 e 11, algumas anteriores e outras simultâneas à sexta trombeta, amplia o segundo “ai” e norteia os mensageiros “para muitos povos, reis e idiomas, e muitas nações”. Assim eles podem conhecer a História da humanidade na versão bíblica ao disseminar sua mensagem.

“*As trombetas são reatadas.* – É aqui reatada a série das sete trombetas. O segundo ai terminou com a sexta trombeta em 11 de agosto de 1840, e o terceiro ai ocorre no período da sétima trombeta, que começou em 1844. Onde nos encontramos, pois? ‘Eis’, isto é, note-se bem, ‘que o terceiro ai cedo virá.’ As terríveis cenas do segundo são passadas, e estamos agora no toque da trombeta que traz consigo o terceiro e último ai” (SMITH, 1979, p. 174).

“O segundo ‘ai’, referente à sexta trombeta, findou a 11 de agosto de 1840 com a queda da suzerania da Turquia, cuja nação passou a ser amparada por um grupo de nações européias conjuntas. É, porém, surpreendente que o profeta colocasse o fim do segundo ‘ai’ imediatamente depois de descrever as cenas proféticas da revolução francesa e não em segui-

da ao fim da descrição dos sucessos concernentes aos turcos na sexta trombeta. Possivelmente, dado a importância da revolução francesa em suas relações com Deus e o cristianismo, é que ela figura como um parêntesis dentro da sexta trombeta. Conjuntamente com êste versículo anunciando o termo do segundo 'ai', acompanha a advertência de que o terceiro 'ai', ou seja a sétima trombeta, que começou a soar em 1844, não muito depois de 11 de agosto de 1840, logo haveria de vir" (MELLO, 1959, p. 290).

Onde está posto que a 7ª trombeta começou em 1844, no ano fim dos 2300 anos?

"O segundo 'ai' termina em Apoc. 11:14. 'É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá.' O terceiro 'ai' que cairá sobre Roma Papal ainda está no futuro: 'e da grande Babilônia Se lembrou Deus para lhe dar o cálice do vinho da indignação da Sua ira' (Apoc. 16:19). O terceiro 'ai' ocorrerá dentro do período da sétima trombeta, pois é no contexto da sétima trombeta que as Sete Pragas serão derramadas" (RAMOS, 2006, p. 112).

No site <https://mais.cpb.com.br/licao/as-sete-trombetas/>, acessado em jul. 2020, na aba "AUXILIAR" aparece o seguinte comentário: "A relação do 'interlúdio' com as sete trombetas. As trombetas focalizam os ímpios (Ap 9:4, 20, 21), mas o 'interlúdio' (Ap 10:1-11:13) enfoca o povo de Deus. O 'interlúdio', no entanto, não é separado das trombetas; faz parte da sexta trombeta. Apocalipse 8:13 descreve três ais sobre os que vivem na Terra. O primeiro é a quinta trombeta (Ap 9:12). O segundo ai é a sexta trombeta, mas não termina até Apocalipse 11:14. Assim, a maior parte dos capítulos 10 e 11 são parte da sexta trombeta. Enquanto as forças do mal estão se reunindo para a crise final durante a sexta trombeta (Ap 9:16), as forças dos justos estão se reunindo para combatê-las (Ap 7:4; Ap 10:1-11:13)".

11.15

O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.

O sétimo anjo tocou a trombeta no final do julgamento dos habitantes do planeta Terra, pelo Senhor Jesus, lá no lugar santíssimo do Santuário celestial, o qual se iniciou em 22 de outubro de 1844 e terminará imediatamente antes do segundo advento do Senhor Jesus. Eu, João, ouvi vozes num volume muito alto, vindas do Céu, que diziam: "O planeta Terra, enfim, voltou a ser anexado ao domínio do Senhor Deus, o Pai, e de Seu ungido, o Senhor Jesus, e dessa vez para todo o sempre! Eles Dois e todos do Céu estamos entrando na atmosfera terrestre!"

Como estudamos na menção da sétima trombeta, em Apocalipse 10:7: "Em torno de Sua vinda agrupam-se as glórias daquela 'restauração de tudo', de que 'Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas desde o princípio.' Atos 3:21. Quebrar-se-á então o prolongado domínio do mal; 'os reinos do mundo' tornar-se-ão 'de nosso Senhor e de Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre.' Apocalipse 11:15. 'A glória do Senhor se manifestará', e toda carne juntamente a verá. 'O Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações.' Ele será por 'coroa gloriosa, e por grinalda formosa, para os restantes de Seu povo.' Isaías 40:5; 61:11; 28:5" (WHITE, 2013, p. 263).

"Isto marca o começo da terceira angústia [terceiro 'ai'] (veja no v. 14), e o fim do parêntese entre a sexta e a sétima trombeta (cap. 10:1 a 11:14; ver com. Ao verso. 11:1). [...] *Grandes vozes*. Provavelmente eram as do exército celestial (cf. cap. 5: 11-12). Na sétima praga, uma grande voz também é ouvida vinda do templo do céu (cap. 16:17). *Os reinos*. A

evidência textual comprova a versão 'reino'. [...] Cristo receberá o reino pouco antes de Seu retorno à terra (ver com. Dan. 7:14), e quando toda a oposição terrestre vier, será esmagada (veja em. Apoc. 17:14).

"O seu Cristo. Ou seja, seu Ungido (cf. Sal. 2: 2). As hostes celestiais que não foram salvos [ou não precisaram ser salvas] por Cristo, se referem a Ele como 'o Cristo de Deus' ou do 'Senhor', provavelmente porque o título 'Cristo' se refere de uma maneira particular a segunda pessoa da Trindade como Aquele que foi ungido para o trabalho de redenção. *Ele reinará pelos séculos dos séculos*. Cf. Dan. 2:44; 7:14, 27; Luc. 1:33" (NICHOL et al., 1980b, p. 819 e 820).

"Ao soar a sétima trombeta, grandes vozes no céu anunciam o maior acontecimento da história do mundo — a intervenção de Cristo nos domínios dos homens. Desde 1844, ao somido desta última trombeta, êste futuro e não distante acontecimento, está sendo anunciado a 'grandes vozes' em tôda a terra. Esta é a mais solene anúncio que tem chegado aos ouvidos dos mortais; é a nota tônica do grande movimento Adventista desde o ano de 1844; pois o acontecimento supremo de nossa história, como humanidade, deveria, antes de concretizar-se, ser anunciado, de viva voz, aos homens. As primeiras seis trombetas anunciaram e realizaram a queda de Roma Ocidental e Oriental, pelos visigodos, vândalos, hunos, hérulos, árabes e turcos. A sétima trombeta anuncia a queda total das nações e do poderio do homem no mundo, pelo Segundo Advento de Cristo" (MELLO, 1959, p. 291).

Faz mais sentido a expressão "movimento adventista", pois é mais geral. A expressão "IASD", por outro lado, é específica e contradiz a invisibilidade e o espalhamento dos cumpridores de Apocalipse 10.11.

"Aqui vemos a transferência dos reinos dos poderes terrenos para Aquele que tem o direito de reinar sobre eles" (FEYERABEND, 2005, p. 98).

"A linguagem dessa trombeta, que se aplica ao tempo do fim, é inteiramente literal. Ela anuncia uma fase do julgamento final. [...] Consumação: Sétima trombeta, Cristo reina, chegou o juízo!" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 265 e 278).

Battistone (1989, p. 125) afirma que a sétima trombeta é sinônima do "fim do mundo".

Os autores abaixo possuem visões diferentes da exposta acima.

"Posto que a sétima trombeta tenha começado a soar, não pode ainda ser um fato que as grandes vozes no Céu tenham proclamado que os reinos deste mundo viessem a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, a não ser em antecipação do rápido cumprimento deste acontecimento. Mas a sétima trombeta, como as seis precedentes, abrange um período de tempo, e a transferência dos reinos dos poderes terrestres para Aquele que tem o direito de reinar é o principal acontecimento que deve ocorrer nos primeiros anos do seu toque" (SMITH, 1979, p. 175).

"A sétima trombeta apresenta o tempo do fim quando o remanescente fiel proclamaria o evangelho eterno e a mensagem dos três anjos a todo o mundo" (BELVEDERE, 1987, p. 94).

Como já oportuneizei no capítulo 10, o autor supracitado crê que esse "remanescente fiel" é a denominação cristã da qual ele fez parte, a IASD, e não os indivíduos espalhados que cumprem Apocalipse 10.11; 12.17 e 14.12.

11.16

E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus,

Quando aqueles vinte e quatro sacerdotes humanos glorificados ainda estavam no Santuário do Céu, sentados cada um em seu próprio trono, os quais eu já

11.17

dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar.

havia visto antes diante de Deus, se ajoelharam no momento em que o Senhor Jesus concluiu o julgamento no lugar santíssimo, quando Ele foi glorificado como Rei dos reis, antes de descer à Terra, e adoraram a Deus com seus rostos no chão,

falando: “Muito obrigado, Senhor Deus, Todo-poderoso, que existe e vive proativamente, e sempre existiu assim! Agradecemos-lhe porque o Senhor resgatou o planeta perdido e o devolveu ao Seu rebanho universal, manifestando Seu invencível poder! Novamente nosso planeta Terra foi anexado protocolarmente ao reino de Deus, aqui no Santuário, e será na prática anexado com a segunda vinda do Senhor Jesus e todos nós do Céu com Ele!”

“Desde já deveríamos levantar nossas vozes em gratidão a Deus pelo próximo fim dos reinos da força e da opressão. Jamais terá fim o reinado de Cristo. E a paz eterna do Seu reino não será mantida pela força ou pelas armas belicosas. Pois todos os súditos do Seu reino serão ordeiros e pacíficos, estando eles agora passando pela experiência destas virtudes para poderem reinar com Ele no mundo da ordem e da justiça. O regozijo dos vinte e quatro anciãos ao som da sétima trombeta foi sem limite. Adoraram a Deus e deram-Lhe graças pela restauração do reino de Cristo neste mundo de onde eles são naturais” (MELLO, 1959, p. 291 e 292).

Relembrando: dois modos de estudar quem são os “24 anciãos” – um artigo: <http://blogdoprofh.com/2011/06/29/quem-sao-os-vinte-e-quatro-anciaos-em-apocalipse-4/>, acesso em jul. 2020, e um vídeo curto: <http://blogdoprofh.com/2012/03/20/quem-sao-os-24-anciaos-do-apocalipse/>, também acessado em jul. 2020.

11.18

Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra.

“Nós Vimos, alguns dias atrás, antes de chegarmos aqui na Terra com Deus, o Pai, e o Senhor Jesus, que os habitantes da Terra que não se arrependeram de seus pecados perseguiram ferozmente os adoradores verdadeiros; mas, agora chegou o momento de Deus mostrar Sua veldade total aversão ao mal. Esses que optaram pela rebelião/revolução de Satanás e não pela redenção de Jesus, perecerão pela presença de Sua glória na Terra, remidora e ao mesmo tempo destruidora. A partir de agora serão contados mil anos terres-

tres, nos quais os resgatados por Jesus, levados ao Céu após Sua vinda, julgarão os mortos que ficaram na Terra, os não resgatados. Os servos fiéis do Senhor Jesus, profetas, mensageiros e os que não fizeram parte da descendência da serpente, receberão oficialmente aquilo pelo qual lutaram e venceram: a vida eterna com Deus sem pecado e dor! São adultos e crianças, pessoas com popularidade e pessoas anônimas na Terra! Ao final desse milênio terrestre, todos retornaremos ao planeta Terra e o Senhor Deus criará o lago de fogo temporário, e lançará nele todos os que colaboraram com a diabólica destruição da Criação de Deus na Terra, mesmo a pretexto do progresso!”

“*As nações se enfureceram.*’ — Começando com o estalido das revoluções da Europa em 1848, a ira entre as nações, seu ciúme e inveja, têm aumentado constantemente. Quase todos os jornais nos mostram o terrível grau de excitação em que se encontram e quão tensas se tornaram as relações entre elas. Estas são palavras exatas de um professor da Universidade de Harvard: ‘O que transcorreu do século XX foi o período mais sangrento e um dos mais turbulentos, e portanto, um dos mais cruéis e menos humanitários em toda a história da civilização ocidental, e talvez nas crônicas da humanidade em geral.’ – Pitirin A. Sorokin, *Social and Cultural Dynamics*, vol. 3, pág. 487.

“Os raios da ira de Deus estão prestes a cair, e quando Ele começar a punir os transgressores, não haverá um período de pausa até o fim. A tempestade da ira de Deus está se acumulando, e só permanecerão os que são santificados pela verdade no amor de Deus” (WHITE, 2008a, p. 161).

“Cf. Sal. 2: 1. A raiva será característica das nações antes da vinda de Cristo. Eles se agruparão para se oporem à obra de Cristo e de seu povo (ver Ap 13:12; 14: 8)” (NICHOL et al., 1980b, p. 820).

“*Chegou, porém, a Tua ira.*’ — A ira de Deus para com a presente geração está consumada nas sete últimas pragas (Apoc. 15:1), devendo por conseguinte ser aqui referida, a qual em breve há de ser derramada sobre a Terra. ‘*E o tempo dos mortos, para que sejam julgados.*’ — A grande maioria dos mortos, ou seja, os ímpios, estão ainda em suas sepulturas depois da visitação das pragas e do fim desta era. Uma obra de juízo, de atribuir a cada um o castigo devido aos seus pecados, é efetuada em referência a eles pelos santos, juntamente com Cristo, durante o milênio que segue à primeira ressurreição (1 Cor. 6:2; Apoc. 20:4). Como este juízo dos mortos se segue à ira de Deus, ou às sete últimas pragas, parece necessário referi-lo ao milênio do julgamento dos ímpios, mencionado acima, porque o juízo investigativo toma lugar antes de as pragas serem derramadas” (SIMITH, 1979, p. 175 e 176).

“[...] em Setembro de 1850, foi-me mostrado que as sete últimas pragas serão derramadas depois que Jesus deixar o santuário. Disse o anjo: ‘É a ira de Deus e do Cordeiro que causa a destruição ou morte dos ímpios’ (WHITE, 2007a p. 72).

“A ira de Deus que virá ao som da sétima trombeta, são as sete próximas pra-

gas. Constituem elas a ira de um Deus ofendido e cansado de sofrer com tanta perversidade nos Seus domínios mundiais. No capítulo dezesseis podemos apreciar as setes pragas vindouras.

“À sétima trombeta está afeto o juízo que dará galardão aos profetas e aos santos que temeram e temem a Deus, pequenos e grandes. Este é o julgamento iniciado no fim do período dos 2300 anos, que podemos apreciar nos capítulos dez e quatorze. Mas, êste tempo da sétima trombeta é também o “tempo de destruíres os que destroem a terra”. A intervenção de Cristo no mundo visa especialmente os que o destroem. E quem são êstes que destroem o mundo? São os fazedores da guerra e os perversos da justiça de Deus, que pizam Sua lei como se ela para êles não tivesse valor algum. São os súditos rebeldes dos domínios de Deus que serão os alvos de Sua ira. Haverá então paz mundial; pois os inimigos da verdadeira paz e da ordem serão aniquilados para, todo o sempre” (MELLO, 1959, p. 293).

“A ira de Deus é consumada nas últimas sete pragas (cap. 15: 1). A obra de oposição contra Cristo é interrompida por essas pragas. *Tempo*. Gr. *Kairos*, um tempo específico com um propósito definido (veja no cap. 1: 3) Este é um momento de julgamento, tanto para recompensa como para destruição. *Para serem julgados*. O fato de João falar de recompensa e destruição significa que ele se refere ao julgamento final, que ocorrerá após os mil anos (cap. 20: 12-15)” (NICHOL et al., 1980b, p. 820).

“*E o tempo de dares o galardão aos profetas, Teus servos.*’ — Estes receberão a recompensa na vinda de Cristo, porque Ele traz consigo o galardão (Mat. 16:27; Apoc. 22:12). A plena recompensa dos santos, porém, só será alcançada quando entrarem na posse da nova Terra (Mateus 25:34). *O castigo dos ímpios*. ‘E de destruíres os que destroem a Terra’, referindo-se ao tempo em que todos os ímpios serão para sempre devorados pelos fogos purificadores que sobre eles descerão do Céu da parte de Deus, e que fundirão e renovarão a Terra (2 Ped. 3:7; Apoc. 20:9).

“Por aqui ficamos sabendo que a última trombeta atinge o fim dos mil anos. É um pensamento alegre, não obstante aterrador! Que a trombeta que está agora soando há de presenciar a destruição final dos ímpios, e os santos, revestidos de uma imortalidade gloriosa, postos em segurança na Terra renovada” (SIMITH, 1979, p. 176).

“*Galardão aos teus servos*. Cf. Mat. 5:12; 6: 1; 1Cor. 3: 8; Apoc. 22:12. Visto que os eventos listados são consecutivos (veja Primeiros Escritos, p. 36), essa recompensa é a herança da nova terra no final dos mil anos. *Profetas*. Os servos especiais de Deus falam por Ele. Eles carregam pesadas responsabilidades e muitas vezes sofreram terrivelmente por seu Senhor. *Santos*. Ou ‘seres santos’. Os membros do corpo de Cristo são caracterizados pela pureza de suas vidas.

“*Os que temem*. Gr. *Hoi Phoboumenoi*, um termo usado em Atos para se referir àqueles que eles adoravam o Deus verdadeiro (veja Atos 10:2), embora não fossem plenamente prosélitos de Israel. Se esse mesmo significado for usado aqui, pode-se entender que essa terceira classe que receberá recompensa no julgamento é composta por aqueles que não conheciam completamente a Cristo e Seu caminho, mas que viviam de acordo com toda a luz que lhes foi dada. Eles temeram o Nome de Deus até onde lhes foi revelado e, portanto, recebem sua recompensa (ver O Desejado de Todas as Nações, p. 593).

“Por outro lado, o termo *Hoi Phoboumenoi* pode simplesmente estar ligado a palavra que é traduzida por ‘santos’ e, então, se leria: ‘os santos, ou seja, aqueles que temem o teu nome’. *Destrúíres os que destroem*. O destino dos ímpios, daqueles que destruíram a terra física e moralmente, é muito apropriado: eles serão destruídos” (NICHOL et al., 1980b, p. 820).

“Vi então que Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou para a salvação ou para a destruição; e que a ira de Deus não poderia manifestar-se sem que Jesus concluísse Sua obra no lugar santíssimo, depusesse Suas roupas sacerdotais, e Se vestisse com vestes de vingança. Então Jesus sairá de entre o Pai e os homens, e Deus não mais silenciará, mas derramará Sua ira sobre aqueles que rejeitaram Sua verdade.

“Vi que a ira das nações, a ira de Deus, e o tempo de julgar os mortos eram acontecimentos separados e distintos, seguindo-se um ao outro; outrossim, que Miguel não Se levantara e que o tempo de angústia, tal como nunca houve, ainda não começara. As nações estão-se irando agora, mas, quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele Se levantará, envergará as vestes de vingança, e então as sete últimas pragas serão derramadas. Vi que os quatro anjos segurariam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse terminada no santuário, e então viriam as sete últimas pragas” (WHITE, 2007b, p. 77).

11.19

Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada.

O Santuário celestial, enquanto é estudado pelos adoradores na Terra, encontra-se plenamente ativo em prol do fim do mal e da justa retribuição aos maus e aos santos, através do julgamento iniciado em 1844, quando o Cordeiro, Sumo sacerdote e Juiz, Jesus Cristo, entrou no santíssimo lugar, diante do trono de Deus, cuja base é a Lei representada pelos Dez Mandamentos que se encontra na arca do Testemunho. Todos os moradores da Terra serão julgados por essa Lei. E quando Jesus estiver prestes a entrar na atmosfera da Terra, em Sua segunda vinda, os moradores da Terra poderão ver o santíssimo do Santuário celestial e a arca da Aliança ou do Testemunho ou da Lei dos Dez Mandamentos, entre os quais está o quarto mandamento para a santificação do sábado, que o falso cristianismo papal alterou e a Revolução Francesa desdenhou. Aqueles que tiverem obedecido à Lei de Deus avistarão essa cena com imensa alegria. Já os desobedientes obstinados contemplarão o prenúncio de sua condenação eterna. Serão momentos solenes, terríveis e os salvos por Jesus ouvirão a voz de Deus ali, enquanto os teimosos ouvirão somente trovões.

“No livro de Daniel há quatro profecias paralelas: Daniel 2; Daniel 7; Daniel 8 e 9; e Daniel 11 e 12. O panorama histórico do capítulo 2 se estende do império babilônico de Nabucodonosor ao estabelecimento do eterno reino de Deus. No capítulo 7 é abrangido o mesmo período, com a apresentação de outros dois pontos: a) o desenvolvimento da ponta pequena (o papado) e b) o julgamento no Céu antes da volta de Cristo.

“Na terceira grande linha profética (Daniel 8 e 9), o desenvolvimento da ponta pequena é explanado mais pormenorizadamente, sendo chamada a atenção para o ataque contra Cristo e Seu ministério sacerdotal no santuário celestial. Também é apresentado o tempo em que se iniciaria a

purificação desse santuário.

“Comparando essas visões paralelas, notaremos que o julgamento descrito em Daniel 7 ocorre ao mesmo tempo que a ‘purificação do santuário’ de que fala Daniel 8. Esses dois acontecimentos são um só: o juízo investigativo que precede o Segundo Advento.

“A ‘purificação do santuário’ relembra o ministério sacerdotal no Lugar Santíssimo do santuário terrestre. O ritual do Dia da Expição, que ocorria nesse compartimento, prefigurava o julgamento final.

“Apocalipse 11:19 chama nossa atenção para o ministério sacerdotal de Cristo no segundo compartimento, a partir de 1844. É focalizada a arca e seu conteúdo, os Dez Mandamentos. Essa lei é a constituição de Deus, o fundamento de Seu governo, e define o nosso dever para com Ele e para com os nossos semelhantes. Ela será a norma de Deus no julgamento (S. Tia. 2:10-12)” (COFFMAN, 1989, p. 98 e 99).

“E vós vos chegastes, e vos pusestes ao pé do monte: e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus e havia trevas, e nuvens e escuridão; então o Senhor vos falou do meio do fogo: a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes semelhança nenhuma. Então vos anunciou Êle o Seu concôrto, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra’. (Dt 4.11-13). ‘E virei-me, e desci do monte, e pus as tábuas na arca que fizera: e ali estão, como o Senhor me ordenou’. (Dt 10.5). [...] o concôrto depositado por mandado de Deus na arca, é a Lei de Deus, os dez mandamentos escritos em duas tábuas de pedra pelo dedo do próprio Senhor Deus (Êx 31.18)” (MELLO, 1959, p. 295).

“*O templo aberto.* – Mais uma vez o profeta nos faz voltar ao começo da trombeta. Depois de introduzir a sétima trombeta no versículo 15, o primeiro grande acontecimento que chama a atenção do vidente é a transferência do reino do domínio terrestre para o celeste. Deus assume Seu grande poder, e para sempre esmaga a rebelião desta revoltada Terra, estabelece Cristo no Seu próprio trono e Ele próprio permanece supremo sobre tudo.

“Completado este quadro, nos apresenta no verso 18, o estado das nações, o juízo que sobre elas há de cair, e o destino final tanto dos santos como dos pecadores. Examinando este campo de visão, somos levados uma vez mais a retroceder no versículo que temos debaixo dos olhos, e a nossa atenção é chamada para o final do sacerdócio de Cristo, a última cena na obra de misericórdia em favor de um mundo culpado. O templo está aberto, e se entra no segundo compartimento do santuário. Sabemos que este é o lugar santíssimo, porque aí se vê a arca, e só nesse compartimento estava depositada a arca. Isto teve lugar no fim dos 2.300 dias em que o santuário devia ser purificado (Dan. 8:14), os períodos proféticos expiraram e o sétimo anjo começou a tocar” (SMITH, 1979, p. 177).

Quando estudamos Apocalipse 10.7 percebemos que há um problema insolucionável quando se coloca o início da sétima trombeta em 1844, como o autor supracitado o faz. O “mistério de Deus” não se cumpre ou realiza no início do julgamento dos habitantes da Terra. Ellen G. White comenta Apocalipse 11.19 colocando-o como ponto de chegada daqueles que, em Apocalipse 10.10 se desapontaram ao crer que o Senhor retornaria em 1844, em vez de enxergarem naquele ano a ida do Sumo sacerdote Jesus até o lugar santíssimo do Santuário celestial para iniciar a purificação do mesmo, a qual significa o julgamento dos habitantes do planeta Terra.

Eles deveriam estudar o santuário depois desse momento amargo (Ap 10.10) de desapontamento e perplexidade (Ap 11.1 e 2); chegar a essa compreensão correta do Dia das expiações no santuário terrestre (cf. Lv 16) sendo cumprido na ida do Sumo sacerdote Jesus ao lugar santíssimo do Santuário do Céu (Ap 11.19), e ensinar toda essa nova compreensão para todas as pessoas da Terra (Ap 10.11). Eu não encontrei ainda a referida autora afirmando que o início da sétima trombeta coincidiu com o início do julgamento. É como se o relato das duas testemunhas estivesse explicando o que aconteceria na Terra antes do início do julgamento pré-advento de Jesus, onde a sequência correta de versículos seria Ap 10.10; 11.1 e 2; 11.19 e por fim, 10.11.

E assim como em Daniel 7, o vai e vem (futuro e passado) no relato sobre os

acontecimentos anteriores a Dn 8.14, início do julgamento, é uma característica apocalíptica também presente em Ap 11: antes do desapontamento, a Bíblia (as duas testemunhas de Deus, AT e NT) e o povo de Deus seriam massacrados por 1260 anos, até o início do julgamento. Ou seja, Ap 11.19 não está no contexto da sétima trombeta, mas sim antes do toque dessa trombeta. E por que ele aparece depois do toque da 7ª trombeta? Minha resposta é: pois o fim do julgamento, Ap 11.15-18, o que é o mesmo que o toque da sétima trombeta, só foi possível por causa do início do julgamento pré-advento.

É uma característica recorrente na leitura escatológica que deve ser percebida pelo pesquisador das Escrituras, evitando que a ordem dos versículos dirija a cronologia dos acontecimentos! Um exemplo bem mais fácil de ser percebido se encontra em Apocalipse 14.1-5. Ali os 144.000 aparecem no Céu com o Senhor Jesus. Em versinhos anteriores, a besta estava perseguindo e matando alguns filhos de Deus fiéis. E em versículos imediatamente posteriores, os mensageiros fiéis ainda estão a anunciar o evangelho eterno e as verdades presentes para a época final do tempo do fim, das últimas gerações antes do retorno do Senhor Jesus.

Voltando à autora Ellen, observe dois exemplos de como ela coloca Ap 11.19 no contexto dos estudos feitos por aqueles que levariam o assunto do Santuário celestial para todos da Terra, e não no contexto da 7ª trombeta. Na segunda citação aparece uma importante explicação sobre “verdade presente” e as responsabilidades que ela trouxe e traz a cada época na história humana e suas gerações:

“A arca do concerto de Deus está no santo dos santos, ou lugar santíssimo, que é o segundo compartimento do santuário. No ministério do tabernáculo terrestre, que servia como ‘exemplar e sombra das coisas celestiais’, este compartimento se abria somente no grande dia da expiação, para a purificação do santuário. Portanto, o anúncio de que o templo de Deus se abria no Céu, e de que fora vista a arca de Seu concerto, indica a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial, em 1844, ao entrar Cristo ali para efetuar a obra finalizadora da expiação.

“Os que pela fé seguiram seu Sumo Sacerdote, ao iniciar Ele o ministério no lugar santíssimo, contemplaram a arca de Seu concerto. Como houvessem estudado o assunto do santuário, chegaram a compreender a mudança operada no ministério do Salvador, e viram que Ele agora oficiava diante da arca de Deus, pleiteando com Seu sangue em favor dos pecadores. A arca do tabernáculo terrestre continha as duas tábuas de pedra, sobre as quais se achavam inscritos os preceitos da lei de Deus. A arca era mero receptáculo das tábuas da lei, e a presença desses preceitos divinos é que lhe dava valor e santidade.

“Quando se abriu o templo de Deus no Céu, foi vista a arca do Seu testemunho. Dentro do santo dos santos, no santuário celestial, acha-se guardada sagradamente a lei divina — a lei que foi pronunciada pelo próprio Deus em meio dos trovões do Sinai, e escrita por Seu próprio dedo nas tábuas de pedra. A lei de Deus no santuário celeste é o grande original, de que os preceitos inscritos nas tábuas de pedra, registrados por Moisés no Pentateuco, eram uma transcrição exata. Os que chegaram à compreensão deste ponto importante, foram assim levados a ver o caráter sagrado e imutável da lei divina. Viram, como nunca dantes, a força das palavras do Salvador: ‘Até que o céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei.’ Mateus 5:18.’ (WHITE, 2013, p. 378).

“Ao acompanharmos a cadeia de profecias, a verdade revelada para o nosso tempo tem sido claramente vista e explicada. Somos responsáveis pelos privilégios que desfrutamos, e pela luz que incide em nosso caminho. Os que viveram nas gerações passadas foram responsáveis pela luz que lhes foi concedida. Sua mente foi despertada acerca de vários pontos da Escritura que lhes serviram de prova. Não compreenderam, porém, as verdades que hoje entendemos. Não foram responsáveis pela luz que não tiveram. Tinham a Bíblia, como nós; mas o tempo para ser esclarecida a verdade especial quanto às cenas finais da história terrestre, é o das últimas gerações que vivem na Terra.

“Verdades especiais foram adaptadas às condições das gerações à medida que existiram. A verdade presente, que é uma prova para o povo desta geração, não era prova aos

das gerações que longe ficaram. Caso a luz que hoje brilha sobre nós relativamente ao sábado do quarto mandamento houvesse sido dada às gerações do passado, Deus os teria considerado responsáveis por essa luz.

“Quando o templo de Deus foi aberto no Céu, João viu em santa visão uma classe de pessoas cuja atenção foi atraída, e que olhavam com reverente temor a arca, que continha a lei de Deus. A prova especial sobre o quarto mandamento não sobreveio senão depois que o templo de Deus foi aberto no Céu. Aqueles que morreram antes de ser enviada luz sobre a lei de Deus e os reclamos do quarto mandamento, não foram culpados do pecado de violar o sábado do sétimo dia.

“A sabedoria e misericórdia de Deus em dispensar luz e conhecimento no tempo devido, como o povo a necessita, são insondáveis. Antes de Ele vir a julgar o mundo em justiça, envia uma advertência para despertar o povo e chamar-lhes a atenção para sua negligência quanto ao quarto mandamento, a fim de que seja esclarecido, e se arrependa de sua transgressão da lei de Deus, demonstrando lealdade para com o grande Legislador. Ele tomou providências para que todos possam ser santos e felizes, se assim o quiserem. A esta geração tem sido comunicada suficiente luz, para que conheçamos quais são nossos deveres e privilégios, e desfrutemos as preciosas e solenes verdades em sua simplicidade e poder.

“Somos responsáveis somente pela luz que incide sobre nós. Os mandamentos de Deus e os testemunhos de Jesus estão nos servindo de prova. Se formos fiéis e obedientes, Deus Se deleitará em nós, e abençoará como Seu povo escolhido e peculiar. Quando existirem em abundância a fé, amor e obediência perfeitos, atuando no coração dos que são seguidores de Cristo, eles possuirão poderosa influência. Deles brotará luz, dissipando as trevas que os rodeiam, purificando e elevando todos quantos chegarem sob a esfera de sua influência, e levando ao conhecimento da verdade todos os que estiverem dispostos a ser esclarecidos e a seguir na trilha humilde da obediência” (WHITE, 2008b, p. 266 e 267, grifos acrescentados).

“Dêste modo, é anunciado na sétima trombeta a obrigatoriedade, para todo o cristão, de fidelidade ao concerto de Deus contido na arca do templo celestial, os dez mandamentos” (MELLO, 1959, p. 296).

“Desde 1844 o povo de Deus tem visto pela fé a porta aberta no Céu e a arca do testamento de Deus ali. Tem procurado guardar todos os preceitos da santa Lei escrita nas tábuas ali depositadas. Que se encontram ali as tábuas da Lei, exatamente como na arca do santuário erigido por Moisés, é evidente pelos termos que João emprega ao descrever a arca. Chama-a a ‘arca da Sua aliança’. A arca era chamada a arca da aliança, ou testamento, porque fora construída para o expresso fim de conter as tábuas do testemunho ou dos Dez Mandamentos (Êxo. 25:16; 31:18; Deut. 10:2, 5). Não era destinada a nenhum outro uso, e devia o seu nome apenas ao fato de conter as tábuas da Lei. Se as tábuas não estivessem ali, não seria a arca do testamento de Deus, nem com verdade poderia ser assim chamada.

“João, porém, contemplando a arca no Céu, sob o som da última trombeta, chamou-a ainda a ‘arca da Sua aliança’, apresentando uma prova irrefutável de que a Lei está ainda ali, sem a alteração de um jota ou til da cópia que por certo tempo foi confiado ao cuidado dos homens na arca típica do tabernáculo durante o tempo de Moisés. Os seguidores da palavra profética receberam também a cana, e estão medindo o templo, o altar e os que nele adoraram (Apoc. 11.1). Estão proclamando a sua última profecia perante nações, povos e línguas (Apoc. 10:11). E em breve terminará o drama com os relâmpagos, trovões, vozes, terremoto e grande saraiva, que constituirão a última convulsão da Natureza antes de todas as coisas serem renovadas agora no fim dos mil anos. (Apoc. 21:5). (Ver comentário sobre Apoc. 16:17-21)” (SMITH, 1979, p. 177 e 178).

Novamente, colocar a 7ª trombeta como dando início em vez do fim do julgamento no Santíssimo lugar do Santuário celestial é uma interpretação que ignora a teia cronológica ubíqua em todo o livro do Apocalipse. Ap 11.19, para mim, ocorre simultaneamente a Ap 10.10, enquanto a visão das Duas Testemunhas, AT e NT, cumpriu-se antes de Ap 10.10 e concomitantemente a Ap 12.13-17. Ap 11.19 como mais um *flashback* justifica a necessidade

do cumprimento de Ap 11.1 e 2, para que Ap 10.11 faça sentido, bem como Ap 10.7. A menos que a sétima trombeta anuncie tanto o início quanto o fim do Dia das Expições escatológico. Se conseguirmos demonstrar essa crença, então tudo se encaixará. A segunda mensagem an-gélica, Ap. 14.8, parece cumprir-se dessa forma também: em dois tempos (cf. Ap 18.1-4). Estaria essa característica presente na última trombeta? Precisamos estudar mais para respon-der a essa questão.

O Comentário Bíblico dos adventistas do sétimo dia crê que a sétima trombeta soou no início do julgamento celestial. No entanto, um parágrafo após, ele também manifesta a crença de que a exposição da arca em Ap 11.19 “fala eloquentemente que as últimas horas da terra a grande lei moral de Deus deverá ser central no pensamento e na vida de todos os que procuram servir a Deus em espírito e em verdade” (NICHOL, Francis D, 1980b, p. 820). Ora, ou a hipótese de a mesma última trombeta soar em dois tempos está correta, ou há uma contradição na crença supracitada.

A autora Ellen é mencionada por Battistone (1989, p. 167) como colocando um segundo cumprimento para Ap 11.19, um cumprimento literal! Observemos: “Em que outra ocasião será aberto o templo de Deus no Céu, e revelado o conteúdo da arca? Imediatamente antes da volta de Jesus. ‘Quando for aberto o templo de Deus no Céu, que ocasião triunfante será essa para todos os que têm sido fiéis e sinceros! No templo será vista a arca do concerto em que foram colocadas as duas tábuas de pedra, nas quais está escrita a lei de Deus. Essas tábuas de pedra serão tiradas de seu esconderijo, e nelas serão vistos os Dez Mandamentos gravados pelo dedo de Deus. Essas tábuas de pedra, que agora se encontram na arca do con-certo, serão convincente testemunho da verdade e dos reclamos obrigatório da lei de Deus.’ – Comentários de Ellen G. White, SDABC, vol. 7, pág. 972”, o que parece evidenciar o toque con-tínuo da sétima trombeta, ou a partir de Ap 11.15 somente (fim do julgamento até o milênio) ou de Ap 10.10 (desde o início do julgamento, 1844, até o milênio).

“[...] a lei de Deus contida na ‘arca da Aliança’ celestial é o padrão do juízo final” (GULLEY, 1996, p. 4).

Outros autores também parecem associar Ap 11.19 com o exame das Escrituras por parte dos cristãos de Ap 10.10 e com a ênfase a ser dada na vigência dos 10 Mandamen-tos que estão na arca da aliança, sob o trono de Deus, pelos que cumprem Ap 10.11.

“*O destino dos seguidores de Miller*. Triste é dizê-lo, porém muitos dos seguidor-es de Miller, crentes no advento, não prestaram atenção às passagens bíblicas que explicavam o seu desapontamento. Milhares decidiram, em vez disso, que haviam estado todos em erro. Desse grupo, alguns renunciaram a toda e qualquer fé, enquanto outros retornaram às suas igrejas de origem e passaram a esperar o regresso de Jesus para após o milênio, e não mais para o início desse mesmo período.

“[...] Outros, entretanto, concluíram que sua compreensão dos 2.300 dias era inquestionável. Ela se achava mui firmemente entrelaçada com as setenta semanas e os even-tos relacionados com o primeiro advento de Cristo, para que sequer se pensasse em erro. E este grupo estava com a razão. Os crentes desse terceiro grupo, tendo sua mente comprom-e-tida com um amplo estudo da Bíblia, dedicaram crescente atenção ao ministério de Cristo como sumo sacerdote. O movimento milerita centralizara-se quase que inteiramente em Jesus Cristo — no segundo advento de Cristo, em Cristo como juiz, e em Cristo como nosso único Salvador.

“Nesse momento, a questão todo-absorvente passou a ser: ‘O que está Cristo fazendo *agora*?’ Eles basearam principalmente suas conclusões no estudo de Levítico 16 e 23, e Daniel 8:14. [...] O outro texto que foi examinado é o de Apocalipse 11:19, a cena introdu-tória que focaliza o santuário na divisão que ora estamos estudando (Apocalipse 11:19 a 14:20). Díz este verso: ‘Abriu-se, então, o santuário de Deus que se acha no Céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário.’ Os crentes refletiram quanto à viagem sumo-sacerdotal de Cristo em 1844, sobre as nuvens do Céu, em direção ao equivalente celestial do lugar santíssi-mo terrestre. O lugar santíssimo, no santuário do Velho Testamento, era o lugar de habitação da arca do concerto, a qual possuía em seu interior as tábuas de pedra com os Dez Manda-

mentos gravados.

“‘Pecado é a transgressão da lei.’ I S. João 3:4. A partir daí, esse grupo de cren-tes raciocinou nos seguintes termos: ‘Se Jesus acha-Se hoje realizando um trabalho especial para limpar Seu povo dos pecados deles, na verdade Ele está efetuando um esforço especial para renovar o nosso interesse por Sua lei!’ Eles examinaram o texto de Apocalipse 12:17, e perceberam que o povo de Deus do tempo do fim, o verdadeiro ‘remanescente’ da semente da mulher, deveria guardar os mandamentos de Deus.

“A mensagem do terceiro anjo. Eles perceberam também, sob uma luz inteiramente nova, que os dois anjos eram sucedidos por um terceiro, e que este anjo adverte contra a marca da besta e também descreve os ‘santos’ de Deus do tempo do fim, exatamente da mesma forma como o faz Apocalipse 12:17, ou seja, como aqueles que *guardam os mandamentos de Deus*” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004,p. 382 e 383).

Samuel Ramos (2006, p. 118-120) relaciona algumas descrições da volta do Senhor Jesus, feitas por Ellen G. White, com este versículo, Ap 11.19, e o texto de Ap 10.7:

“‘Quando for aberto o Templo de Deus no céu, que ocasião triunfante será essa para todos os que têm sido fiéis e sinceros! No Templo será vista a Arca do Concerto em que foram colocadas as duas tábuas de pedra, nas quais está escrita a Lei de Deus. Essas tábuas de pedra serão tiradas de seu esconderijo, e nelas serão vistos os Dez Mandamentos gravados pelo dedo de Deus. Essas tábuas de pedra, que agora se encontram na Arca do Concerto, serão convincente testemunho da verdade e dos reclamos obrigatórios da Lei de Deus.’ (Ellen G. White, *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 972).

“‘A glória da cidade celestial emana de suas portas entreabertas. Aparece então de encontro ao céu uma mão segurando duas tábuas de pedra dobradas uma sobre a outra. [...] Aquela Santa Lei, a justiça de Deus, que por trovões e chamuscas foi do Sinai proclamada como guia da vida, revela-se agora aos homens como a regra do juízo. A mão abre as tábuas, e vêem-se os preceitos do decálogo, como que traçados com pena de fogo. As palavras são tão claras que todos as podem ler. Desperta-se a memória, varrem-se de todas as mentes as trevas da superstição e heresia, e os Dez Preceitos divinos, breves, compreensivos e autorizados, apresentam-se à vista de todos os habitantes da Terra. É impossível descrever o horror e desespero dos que pisaram os santos mandamentos de Deus.’ (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 639).

“A revelação e exaltação da Santa Lei de Deus começou em 1844 com a abertura do Santíssimo, e continua durante todo o período em que as Três Mensagens Angélicas estão sendo proclamadas, porém, seu clímax acontecerá exatamente quando os Dez Mandamentos forem, literalmente, estampados no Céu, justo antes da Segunda Vinda de Jesus.

“[...] Depois da proclamação do Seu Concerto de Paz, e depois de ter sido Sua Lei reconhecida e lida por todos os habitantes da Terra, chega finalmente o momento de Deus revelar o ‘mistério’, o ‘segredo’ de Apoc. 10:7 a tanto tempo anunciado aos profetas: a declaração do Dia e da Hora da Volta de Jesus! ‘A voz de Deus é ouvida no céu, declarando o Dia e a Hora da Vinda de Jesus e estabelecendo concerto eterno com Seu povo. Semelhantes a estrondos do mais forte trovão, Suas palavras ecoam pela Terra inteira. O Israel de Deus fica a ouvir, com o olhar fixo no alto. Têm o semblante iluminado com a Sua glória, brilhante como o rosto de Moisés quando desceu do Sinai. Os ímpios não podem olhar para eles. E, quando se pronuncia a bênção sobre os que honraram a Deus, santificando o Seu sábado, há uma grande aclamação de vitória.’ (Ibidem., 640).

“O período da sétima trombeta não termina em Apoc. 11:19, ele se estende até a volta de Jesus, cobrindo todo o período das Sete Pragas e o tempo do terceiro ‘ai’ conforme Apoc. 16:19; 17:16 e 18:8 -10.”

Referências:

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGsvt5h81TkGtG2mfcwW7wPZk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

BÍBLIA, Apocalipse. Português. Bíblia de Estudo Arqueológica NVI. Trad. **Claiton André Kunz et. al.** São Paulo: **Editora Vida**, p. 2042-2076, 2013.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

GULLEY, Norman R. **Lições da Escola Sabatina**, 3º Trimestre de 1996, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELLMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

NICHOL, Francis D. **Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día**. Trad. Víctor Ampuero Matta, v. 5, 1980a.

_____. **Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día**. Trad. Víctor Ampuero Matta, v. 7, 1980b.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 2, 2006.

SILVA, Hendrickson Rogers Melo da. **O Juízo**. 2011. Disponível em: <<http://blogdoprofh.com/2018/11/03/livro-o-juizo/>>. Acesso em: jun. 2020.

SILVA, Rodrigo. **O ceticismo da fé**: Deus: uma dúvida, uma certeza, uma distorção. Barueri, SP: Ágape, 2018.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

STEFANOVIC, Ranko; NASCIMENTO, Cecília Eller. **O Apocalipse de João**: desvendando o último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

_____. **Parábolas de Jesus**, 1964. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Par%C3%83%C2%A1bolas%20de%20Jesus.pdf>>. Acesso em: jun. 2020.

_____. **Primeiros Escritos**, 2007a. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

_____. **Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos**, 2008a. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20Ministros%20e%20Obreiros%20Evang%C3%83%C2%A9licos.pdf>>. Acesso em: mai. 2019.

_____. **Testemunhos Seletos**, v. 1, 2008b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%201.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

_____. **Vida e Ensinos**, 2007b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Vida%20e%20Ensinos.pdf>>. Acesso em: dez. 2018.

Apocalipse 12

Ap

Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

12.1

Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça,

Eu, João, vi imagens no telão do céu acima de minha cabeça: vi a igreja de Cristo, Seu povo que O aguardava desde Eva até Maria, em Sua primeira vinda, e Seu povo que Lhe seguiria os passos desde Maria até Sua segunda vinda. Esse pessoal compunha a igreja que ilumina o mundo, o corpo cuja cabeça é o Senhor da luz e, portanto, um corpo iluminado por Seu conhecimento, Sua justificação e Seu caráter incontaminado! Seus pés estão firmemente postos sobre a revelação profética dada aos profetas de Adão até João, o batizador, em especial no conhecimento adquirido pelo plano da redenção em

miniatura exposto nas atividades do Santuário mosaico. Eles são filhos de Deus, herdeiros coroados de Seu reino por estarem vencendo na batalha contra o pecado e seguindo Sua liderança na Terra, aprendendo de Sua revelação às antigas doze tribos de Israel e à igreja dos doze apóstolos, vivendo-as e compartilhando-as.

12.2 que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz.

Esse povo há muito aguardava o Messias. Cada mãe ansiava que seu bebê fosse o Salvador, desde Eva ao conceber Caim! A igreja de Deus sabia que somente o Ungido a salvaria de seus pecados e traria justiça ao mundo, e cessaria todo sofrimento.

“Apocalipse 12:1 retrata a Igreja inteira iluminada com a presença de Deus. É tal espécie de Igreja que moverá o mundo e suscitará a ira do diabo” (COFFMAN, 1989b, p. 6 e 7).

“Apocalipse 12 retrata a igreja verdadeira de Deus como uma mãe ideal, em contraste com Babilônia, a mãe das meretrizes. [...] Em Ezequiel 23, a igreja apóstata é representada por uma mulher impura. Em Apocalipse 17, Babilônia, a mãe da prostituição, é usada para representar uma igreja impura” (FEYERABEND, 2005, p. 101).

“Para João, a mulher provavelmente representava Israel ou seu remanescente fiel, uma vez que os profetas costumavam retratar o Israel justo como a mãe do futuro remanescente restaurado (ver Is 54.1; 66.7-10; Mq 4.9,10; 5.3), imagem que eles misturavam com a da noiva (ver Is 62.5). Na tradição judaica, Sião/Jerusalém sempre é representada por uma mãe. Certa ocasião, Deus prometeu que o Israel grávido e agonizante geraria nova vida no tempo da ressurreição, no dia da ira de Deus, em que a serpente será destruída (ver Is 26.17–27.1)” (BÍBLIA, 2013a, p. 2061 e 2062).

“Apocalipse 12 relata uma nova visão, que dá início à parte escatológica do Apocalipse. Ao passo que a primeira metade do Apocalipse narra as lutas históricas da igreja em um mundo hostil, o foco principal da segunda metade do livro é o tempo do fim e os últimos eventos que levarão ao retorno de Cristo. A partir de então, o Apocalipse se concentra no conteúdo do livro aberto (Ap 10)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.68).

“O cap. 12 começa uma nova linha de profecia, que continua até o fim do livro. Esta seção de profecia mostra a igreja de Deus em conflito com os poderes do mal, e o seu final triunfo sobre eles” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 197).

Por outro lado, Samuel Ramos (2006, p. 122) discorda da primeira linha do parágrafo acima, mas converge com esses autores nas últimas linhas do mesmo:

“O capítulo doze de Apocalipse não introduz nenhuma nova seqüência profética, mas é de vital importância na compreensão do conflito cósmico entre o bem e o mal porque revela a origem do mal, a origem de Satanás, sua rebelião celestial e expulsão do Céu. A pro-

fecia retrocede no tempo; revela a intromissão do pecado e o desafio lançado por Lúcifer contra Deus. A visão de Apocalipse 12 estabelece uma base sólida, um fundamento seguro para o que vai ser mostrado no capítulo treze, a saber, o verdadeiro elo que existe entre Satanás, a besta que surgiu do abismo, e as outras duas bestas do Apocalipse”.

“João teve uma visão extraordinária, que se lhe apresentou diante dos olhos como um quadro no céu. Também aqui encontramos o mesmo método de composição que já constatamos em outras passagens: os detalhes da visão provêm de diversas fontes. A mulher está vestida de Sol; a Lua é o ponto de apoio para seus pés; tem uma coroa de doze estrelas. O salmista diz com relação a Deus que se cobre de luz como com uma vestimenta (Salmo 104:2). Nos Cantares o amante diz que sua amada é tão clara como a Lua e tão clara como o Sol (Cantares 6:9). De maneira que pelo menos uma parte da visão que João teve provém do Antigo Testamento. Mas ele acrescentou de sua própria colheita algo que todos os pagãos da Ásia Menor eram capazes de reconhecer como parte da antiga representação babilônica da divindade. Muito freqüentemente representavam a seus deuses com uma coroa na qual eram representados os doze signos do zodíaco. É como se João tivesse tomado todos os símbolos da divindade e da beleza que conhecia e os tivesse reunido nesta descrição” (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 298).

“Chegamos agora a parte central do livro de Apocalipse, os capítulos 12 a 14. Até aqui estudamos a porção histórica do livro: as sete igrejas, os sete selos e as sete trombetas. Depois desta parte central estudaremos a porção escatológica do livro: as sete pragas, a queda de Babilônia, o milênio e a Nova Jerusalém. Os capítulos 12 a 14 de Apocalipse não seguem uma clara progressão histórica. Em vez disso, ocorre uma espécie de montagem animada que nos conduz repentinamente para adiante e para trás, de modo a produzir em nós a impressão desejada. Seria como um filme sobre a vida de Ayrton Senna, que inesperadamente o mostrasse dirigindo seu Fórmula 1, depois apresentasse imagens do garoto dentro de um kart, uma outra cena que o apresentasse no pódio recebendo seu terceiro título mundial, e logo depois uma emocionante vitória de sua carreira debaixo de muita chuva. Enquanto estivermos estudando esta parte central do Apocalipse devemos estar atentos a estas transições abruptas na linha do tempo.

“Apocalipse 12 nos apresenta uma sinopse do grande conflito entre o bem e o mal, entre Deus e Satanás. Podemos dividir este capítulo em quatro tópicos: a) A origem do pecado e o início do conflito no Céu. b) Ataques de Satanás a Cristo, quando Este viveu entre os homens. c) Perseguição à igreja nos séculos subsequentes. d) Guerra final de Satanás contra o remanescente de Deus” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 39).

“Na Bíblia, a palavra ‘mulher’ é usada como símbolo do povo de Deus (2Co 11:2): uma mulher pura representa cristãos fiéis, enquanto uma prostituta representa cristãos apóstatas. A mulher de Apocalipse 12 simboliza primeiramente Israel, a quem o Messias veio (Ap 12:1-5); nos versos 13 a 17 ela representa a igreja verdadeira que dá à luz o remanescente” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 101).

“O primeiro símbolo desta profecia é uma mulher vestida gloriosamente com vestes celestiais. No capítulo dezessete apresenta-se uma outra mulher vestida, não com vestes celestes, mas com roupagens e adornos humanos, a qual é simbólica da igreja apóstata aliada aos poderes civis da terra, e chamada Babilônia. Porém, a mulher do capítulo doze, é simbólica da verdadeira e pura igreja de Cristo na era cristã. Isaías já se referira, no seu tempo, à igreja, no símbolo de uma mulher (Is 54.5).

“E S. Paulo, confirmando Isaías, diz: ‘Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo’ (2ª Co 11.2). Note-se a clareza do apóstolo: A igreja — uma mulher virgem,

pura aliás; e Cristo — marido, de sua igreja. Como podemos entender que a igreja seja simbolicamente esposa de Cristo quando no capítulo vinte e um do Apocalipse, é mencionada a Nova Jerusalém como Sua esposa? Isto se explica no fato de que a igreja de Cristo é referida também com os nomes de Sião ou Jerusalém e 'cidade santa' (Ap 11.2).

"A conclusão a que chegamos é que a igreja é representante da Nova Jerusalém, a verdadeira esposa de Cristo, pelo que como tal é denominada. Com isto é-nos revelado existir entre Cristo e Sua igreja a mesma intimidade, confiança e amor que há entre esposos reais. A igreja, considerada um componente do sexo frágil, é protegida e fortalecida por seu Todo-poderoso esposo nos seus combates seculares contra os poderes do mal" (MELLO, 1959, p. 299 e 300).

"'Uma mulher', significa a verdadeira igreja. (2 Cor. 11:2). Uma mulher corrupta é usada para representar uma igreja corrupta ou apóstata (Ezeq. 23:2-4; Apoc. 17:3-6, 15, 18). Semelhantemente, uma mulher pura, como neste capítulo, deve representar a verdadeira igreja. 'O Sol' a luz e glória da era evangélica. 'A Lua', a época mosaica. Como a Lua brilha coma derivada do Sol, assim a era anterior brilhou com a luz emprestada da atual. Aquela era o tipo e sombra; esta o antítipo e substância. 'Uma coroa de doze estrelas', os doze apóstolos" (SMITH, 1979, p. 179).

"No Antigo Testamento, o povo de Israel é muitas vezes identificado coletivamente com uma mulher. Por vezes o Israel, como um todo, é comparado a uma esposa infiel, cujo divino marido, o Senhor, Se dispõe a perdoá-la e a restaurar o relacionamento conjugal. Veja, por exemplo, Oséias 2:19 e 20; Isaías 54:1-8. Noutras ocasiões, Israel é comparado a uma formosa jovem, a quem Deus provisionou de deslumbrantes vestes novas e escolheu como Sua própria noiva. Veja Ezequiel 16:8-14.

"Ao longo do Novo Testamento, a igreja cristã, em seu conjunto, também é referida como uma noiva. Veja II Coríntios 11:2; Efésios 5:21-23. Não deveríamos imaginar, contudo, que existem duas noivas, a do Antigo e a do Novo Testamentos. Na verdade, existe uma só. Deus possui um povo, e não dois. Numa primeira instância, o Seu povo constituiu-se de um grupo local, pertencente a uma só etnia carnal; boje, esse mesmo povo tornou-se um grupo mundial, pertencente a todos os tipos étnicos. No renovado Israel de Deus, 'não pode haver judeu nem grego, ... nem homem nem mulher'. Gaiatas 3:28.

"A mulher de Apocalipse 12, tal qual a esplendorosa jovem de Ezequiel 16 (e à semelhança de Eva, vestida com as roupas de pele providenciadas por Deus), acha-se provida de luxuosas vestimentas. Ela se apresenta 'vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça'. A luz constitui a veste do próprio Deus. Veja o Salmo H)4:2. Jesus é o 'Sol da Justiça'. Malaquias 4:2. O povo de Deus constitui os 'filhos da luz'. S. Lucas 16:8; I Tessalonicenses 5:5-8. Sol, Lua e estrelas constituem notáveis símbolos da luz. O relacionamento destes símbolos com a mulher de Apocalipse 12, mostra que ela é virtuosa e de bom caráter, uma fiel esposa e mãe genuína, gloriosamente revestida de radiante justiça. Veja Apocalipse 19:8.

"Na qualidade de símbolo da igreja, ela se apresenta em marcante contraste com as problemáticas igrejas de Pérgamo e Tiatira. Podemos concluir, assim, que ela representa a igreja de Deus naquilo que esta possui de melhor, ou seja, ela retrata a igreja verdadeira c ideal. Se as coisas são assim – e, de fato, o são – conclui-se que seu 'filho', Jesus Cristo, foi gerado para a igreja ideal. Ele foi dado ao fiel povo de Deus como um todo" (MAXWELL, 2004, p. 325 e 326).

"A imagem de uma mulher com belos adornos em trabalho de parto traz à memória diversas passagens do Antigo Testamento. Para começar, ecoa a descrição da noiva de

Salomão, que é 'formosa como a lua, pura como o sol' (Ct 6:10). Também reflete os textos que retratam Israel como uma mulher em trabalho de parto (Is 26:17, 18; 66:7-9; Jr 4:31; Mq 4:10).

Acima de tudo, porém, a imagem de uma mulher que suporta dores de parto para dar à luz o Messias consiste em uma alusão a Gênesis 3:15. Apocalipse 12 mostra o cumprimento da promessa divina de redimir a humanidade caída por meio da descendência da mulher" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p.68 e 69).

"Visto que ela é apresentada como prestes a dar à luz Cristo (ver os você. 2, 4 e 5), e posteriormente como sendo perseguida, após a ascensão de Cristo (vs. 5 e 13-17), ela representa tanto a Igreja do Velho como a do Novo Testamento. Compare-se Atos 7:38" (NICHOL; FORTES, 1988, p. 198).

"O Sol representa a glória do caráter de Cristo, a Sua justiça (Mt 4:2). Ele é 'a luz do mundo' (Jo 8:12), e Seu povo deve refletir a luz do Seu caráter amoroso (Mt 5:14-16). A Lua, um luzeiro menor (Gn 1:16), aponta para as promessas do Antigo Testamento, prefigurando a obra de Cristo" (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 101).

"O sol, como fonte de luz, é símbolo do evangelho (2Co 4:6; cf. Jo 8:12; 12:46), e a lua reflete a luz do sol. Em outras palavras, a mulher está em pé sobre a revelação do Antigo Testamento, que reflete a luz do evangelho" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 69).

"A Coroa representa a vitória espiritual e a vida eterna concedidas aos crentes no tempo presente. (Ver S. João 3:36; 5:24; I S. João 5:4 e 11-13.) Estrelas, na Escritura, freqüentemente simbolizam o fiel povo de Deus como um todo. (Ver Dan. 8:10; 12:3.) O número 12 comumente se refere às doze tribos de Israel ou aos doze apóstolos que representam a Igreja Cristã. Esse número não se aplica, porém, exclusivamente aos doze patriarcas e aos doze apóstolos. Muitas vezes é usado para abranger todo o povo de Deus que é simbolizado pelos patriarcas e apóstolos. (Comparar S. Mat. 19:28 com I Cor. 6:2; ver também S. Tia. 1:1.) [...] As doze estrelas de Apocalipse 12:1 são um símbolo da totalidade do fiel povo de Deus que está seguindo os princípios divinos dados a Israel e à Igreja Cristã, e que permite que a luz da verdade brilhe por seu intermédio" (COFFMAN, 1989b, p. 6 e 7).

"Como no Antigo Testamento os doze patriarcas ocupavam o lugar de representantes de Israel, assim os doze apóstolos representam a igreja evangélica" (WHITE, 2007a, p. 12).

"Vimos que a mulher é a igreja de Cristo. Assim a gloriosa veste que ostenta não é terrena mas celestial como indica o símbolo solar que a representa. É a santa veste da justiça de Cristo a Quem ela pertence. Cada verdadeiro crente de Sua igreja está vestido com esta santa vestimenta. 'Quando nos submetemos a Cristo, nosso coração une-se ao Seu coração, nossa vontade funde-se com a Sua vontade, nossa mente chega a ser uma com a Sua mente, os pensamentos se sujeitam a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar vestido com o manto de Sua justiça' (*Christ Object Lesson*, E. G. White, p. 312). Contemplada nas alturas siderais, entendemos que a igreja do Senhor, pôsto que no mundo, devia iluminá-lo com a luz de Sua justiça. 'Vós sois a luz do mundo', dissera Jesus à igreja (Mt 5.14). As brilhantes vestes da igreja ou o seu santo caráter, resplandecem através de suas obras feitas em harmonia com a justiça de Cristo" (MELLO, 1959, p. 300).

"Os ministros de Deus são simbolizados pelas sete estrelas que Aquele que é o primeiro e o derradeiro tem sob Seu especial cuidado e proteção [cf. Ap 1.16, 20]. As suaves influências que devem abundar na igreja, acham-se ligadas a esses ministros de Deus, aos quais cabe representar o amor de Cristo. As estrelas do céu acham-se sob a direção de Deus.

Ele as enche de luz. Guia e dirige-lhes os movimentos. Se o não fizesse, essas estrelas viriam a ser estrelas caídas. O mesmo quanto a Seus ministros. Eles não são senão instrumentos em Suas mãos, e todo o bem que realizam é feito mediante o Seu poder. É para a honra de Cristo que Ele torna Seus ministros, mediante a operação de Seu Espírito, uma bênção maior para a igreja, do que o são as estrelas para o mundo. O Salvador tem de ser a eficiência deles. Se olham para Ele como Ele o fazia para Seu Pai, hão de fazer Suas obras. Ao dependerem de Deus, Ele lhes dará Sua luz para que a reflitam para o mundo” (WHITE, 2007b, p. 14 e 15).

“COROA. Gr. *Stephanos*, uma coroa de vencedor ([...] Mat. 27:29; Apoc. 2:10), não *Diadema*, uma coroa real ([...] 12:3)” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 198).

“[...] ‘Céu’, o espaço em que o apóstolo viu esta representação. Não vamos supor que as cenas aqui apresentadas a João tiveram lugar no Céu, onde Deus habita, porque são eventos que ocorrem na Terra. Mas esta representação que passou perante os olhos do profeta parecia dar-se na região ocupada pelo Sol, Lua e estrelas, que chamamos o céu. Os versículos 1 e 2 abrangem um período de tempo que começa logo antes do início da era cristã, quando a igreja ardentemente esperava o advento do Messias [o profeta Simeão, a profetiza Ana, estudiosos do Oriente, pastores convidados por anjos, além de José e Maria; e certamente mais alguns poucos. Essa era a ‘igreja’ que esperava ‘ardentemente o advento do Messias’? Naquela época, muito provavelmente sim!], e que se estende até o tempo do completo estabelecimento da igreja do Evangelho com a sua coroa de doze apóstolos (Lucas 2:25, 26, 38).

“Seria difícil encontrar símbolos mais apropriados e impressionantes do que os empregados aqui. A era mosaica brilhou com uma luz recebida da era cristã, assim como a Lua brilha com a luz recebida do Sol. Quão adequado era, pois, representar a primeira pela Lua e a última pelo Sol. A mulher, a igreja, tinha a Lua debaixo dos pés, isto é, a era mosaica que acabava de terminar, e a mulher estava revestida com a luz do Sol do Evangelho, que acabava de nascer. Por antecipação, a igreja é representada como inteiramente organizada com os seus doze apóstolos, antes de Cristo, como criança, aparecer em cena” (SMITH, 1979, p. 179 e 180).

“Assim como a Lua reflete a glória do Sol, as Escrituras, escritas por ‘homens santos de Deus ..., inspirados pelo Espírito Santo’ (II S. Ped. 1:21), refletem a glória de Cristo. (Ver S. João 5:39; S. Luc. 24:27 e 44). Dizer que a Igreja está firmada sobre a Palavra de Deus (a Bíblia) é apenas outra maneira de dizer que ela está fundada sobre Jesus Cristo. A Igreja está firmada em toda a Palavra de Deus – tanto o Antigo como o Novo Testamento. Não é convincente afirmar que, estando a mulher prestes a dar à luz de Cristo, a Lua representa somente o Antigo Testamento. Segundo indica Apocalipse 12, a mulher representa a Igreja no decorrer da Era Cristã. Esta Igreja expõe a pessoa de Cristo ao mundo da maneira pela qual Ele é apresentado nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos.

“[...] A Lua constitui um símbolo apropriado do fundamento sobre o qual se encontra a Igreja. Assim como a Lua reflete a luz do Sol, as Escrituras, usando linguagem humana, refletem as grandes verdades que Deus revelou sobre Si próprio e sobre o plano da salvação. [...] O Antigo Testamento era a Bíblia usada tanto por Jesus como pelos apóstolos. Seu sistema cerimonial temporário deixou de ter validade na cruz, mas as suas permanentes verdades morais e espirituais continuam sendo nossa herança cristã” (COFFMAN, 1989b, p. 6, 7 e 8).

“A expressão — tendo a lua debaixo de seus pés — revela que a igreja do Senhor Jesus funda-se numa base tão gloriosa e eterna como a própria lua. S. Pedro descobremos o alicerce básico da igreja de Cristo, nestas palavras: ‘E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até

que o dia esclareça, e a estrêla da alva apareça em vossos corações' (2ª Pe 1.19). E S. Paulo, confirmando S. Pedro, declara: 'Edificados sôbre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina' (Ef 2.20).

"Pela palavra dos dois apóstolos dos quais não é possível duvidar, vemos a existência e tôda a vida da verdadeira igreja cristã dependentes exclusivamente do Velho Testamento — a palavra dos profetas — como seu indiscutível alicerce. Foi o Velho Testamento que Cristo tomou como base de Sua pregação e Sua vida. Foi o Velho Testamento que Êle mandou Seus apóstolos pregarem ao mundo, pôsto que não existia o Novo Testamento. O Novo Testamento é em realidade a pregação do Velho Testamento pelo ministério apostólico. O Velho Testamento é o pedestal do Novo Testamento; é o alicerce do edifício do Novo Testamento.

"Portanto, rejeitar o Velho Testamento como base da vida religiosa cristã, significa rejeitar incontinentemente o Novo Testamento, que é a estrutura do Velho Testamento. Dêste modo, a igreja cristã, resplendente da luz solar da justiça de Cristo, lança sua luz para a lua do Velho Testamento como seu irremovível alicerce luminoso na noite dos séculos. E quão apropriado é dizer-se aqui que a Era Mosaica, longe de ter sido relegada, brilha pela luz refletida da era cristã, como a lua brilha refletindo a luz solar" (MELLO, 1959, p. 302).

"A Lua é uma representação do sistema de sacrifícios do Antigo Testamento que refletia a obra de Jesus (Hebreus 9:9-12, 23-24), assim como a lua reflete a luz do Sol. 4 - As doze estrelas da coroa representa a realza. Doze é o número do reino de Deus. O povo de Deus no Antigo Testamento, Israel, estava dividido em 12 tribos. Jesus, ao fundar Sua igreja, o novo Israel, escolheu doze apóstolos (Lucas 6:13), que passaram a constituir o fundamento da igreja (Efésios 2:20)" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 39).

"A coroa representa, em si mesma, a vitória da igreja cristã através dos séculos em todos os seus combates contra as forças do mal, bem como o seu triunfo final sôbre elas. A constelação de doze estrêlas que forma a coroa é emblema dos doze apóstolos, fato que em primeiro lugar confirma que a mulher é um símbolo da igreja cristã. Porém, ao usar estrêlas para figurar os doze apóstolos, a revelação indica o glorioso labor daqueles doze homens. As estrêlas incontáveis dos céus estão sob os cuidados do Criador, que a cada uma determinou um lugar para um determinado propósito nas imensidades siderais.

"Suas brilhantes luzes tiveram n'Ele a sua origem, e, ao luzirem na vastidão da noite, declaram a Sua glória e anunciam as obras das Suas mãos. Assim sucedeu com os doze apóstolos. Fazendo-se discípulos d'Aquele que dissera — Eu sou a luz do mundo — tornaram-se luzes, e, levando a tôdas as terras a Sua luz, tornaram-se astros na noite dos tempos. Sôbre os que iluminam o mundo com a pregação da justiça divina, lemos: 'Os entendidos pois resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como es estrêlas sempre e eternamente' (Dn 12.3)" (MELLO, 1959, p. 302).

"Na profecia, a mulher pura representa a igreja verdadeira. O Sol simboliza a glória de Deus (Salmo 84:11). A Lua, que reflete a luz do Sol, significa o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento (as Escrituras Sagradas, antes de o Novo Testamento ser composto) que refletia a obra de Jesus (Hebreus 9:9-12, 23, 24). As doze estrelas da coroa simbolizam as doze tribos de Israel e os doze apóstolos" (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 17).

"As 12 estrelas em sua cabeça representam as 12 tribos de Israel, bem como os 12 apóstolos. Nessa parte da visão (Ap 12:1-5), a mulher simboliza o Israel do Antigo Testamento trazendo o Messias ao mundo. No entanto, nos versos 6 e 13 a 17, ela representa a igreja cristã" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 69).

"Assim como a Lua brilha com a luz emprestada pelo Sol, assim também a dispensação mosaica brilhou com luz emprestada da dispensação evangélica. Cada cordeiro apontava para Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. A lei cerimonial, com todos os seus sacrifícios, era uma sombra das coisas futuras (Colossenses 2:17). A Lua sob os seus pés significa que o antigo concerto acabou; a antiga lei cerimonial passou. A igreja estava entrando numa nova era, vestida do Sol" (FEYERABEND, 2005, p. 102).

"Na profecia, [...] O conjunto de astros também representa a orientação profética, que marca os 'sinais dos tempos' (Gn 1:14; Mt 16:3; Lc 12:56; Ez 12:27; Jl 2:31; 1Ts 5:1)" (DONATO *et al.*, 2018, p. 65).

"Que a mulher é a igreja cristã do novo pacto temos demonstrado sobejamente. Que este novo pacto, porém, já fôra feito anteriormente com os velhos patriarcas, com os profetas e com os verdadeiros israelitas, também não há dúvida. Estes sinceros e reais crentes é que formavam a igreja do Novo Concerto antes da era cristã. A ela foram feitas as promessas messiânicas, desde Adão. Dela deveria surgir o prometido Filho de Deus" (MELLO, 1959, p. 302).

Exatamente! Com os "verdadeiros". Mas, ainda não vi o autor ser específico quanto aos "verdadeiros cristãos (ads) de sua denominação". O compromisso de Deus, Suas promessas e bênçãos, sempre foram e serão para os compromissados, nunca com os apenas matriculados.

"E como anelavam aquêles fiéis servos de Deus o aparecimento do Messias, dizem-nos com clareza as mensagens dos profetas do Velho Testamento. Isto confirmou Jesus a Seus discípulos quando lhes dissera: 'E, voltando-Se para os discípulos disse-lhes em particular: Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vêdes; pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vêdes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram' (Lc 10.23 e 24). Aqui, revela-nos o próprio Senhor Jesus a ânsia da mulher ou da igreja, em dar à luz. Quantas súplicas subiram ao céu rogando a vinda do Messias, só Deus sabe. Quantos cânticos proféticos expressivos do mesmo desejo ascenderam ao céu, dizem bem claramente os salmos de Davi.

"Durante 4.000 anos a igreja anelou ver e ouvir o Messias, que era a ânsia da mulher por dar à luz. Mas os bem-aventurados, dissera Jesus, eram os seus discípulos que, não só O viam e O ouviam, como O reconheciam verdadeiramente 'Aquele de Quem Moisés escreveu na lei, e os profetas' (Jo 1.45). Sim, afinal a mulher 'deu à luz um filho'. E Jesus nasceu entre Seu povo, Sua igreja, como O tendo ela dado à luz. Tudo isto testifica de que a mulher desta profecia não é a virgem Maria como alguns ensinam, a não ser que tôda esta revelação esteja em franca contradição consigo mesma" (MELLO, 1959, p. 302).

"A mulher de Apocalipse 12 achava-se em estado de gravidez no momento em que João a contemplou; na verdade, ela estava 'sofrendo tormentos para dar à luz'. Ela aguardava com muita ansiedade o bebê que logo nasceria. Os modernos cristãos sinceros, espalhados por todo o mundo, também esperam ansiosamente a segunda vinda de Cristo. Os israelitas leais do Antigo Testamento também desejavam ardentemente Sua primeira vinda. É-nos dito que todas as garotinhas fiéis almejavam que chegasse o dia de seu casamento, quando — assim esperavam — teriam a chance de se tornarem a mãe do Messias prometido. Longos séculos transcorreram, e parecia que Ele nem viria mais. Mas Ele veio. 'Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher.' Gálatas 4:4. Da mesma forma, é absolutamente certo que Ele virá segunda vez" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 327).

"Esse texto é uma referência ao nascimento de Jesus. 'Vindo a plenitude dos tempos Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei' (Gal. 4:4). É o cumpri-

mento da promessa feita no Jardim do Éden aos nossos primeiros pais (Gên. 3:15)” (RAMOS, 2006, p. 126).

“A ‘mulher’, o ‘filho’ e o ‘dragão’ de Apocalipse 12 nos trazem imediatamente à memória as figuras de Eva, sua prometida semente e a serpente mentirosa. Trazem-nos também à lembrança todos os pais cristãos cujos filhos são tentados por Satanás. Em Gênesis 3:15, Deus prometeu que ajudaria os filhos a se tornarem hostis à serpente. A mensagem de Apocalipse 12 a 14 provê critérios que auxiliam as famílias na educação dos filhos e na tomada de decisões. Adicionalmente, a partir de um outro ponto de vista, a mulher de Apocalipse 12 representa o povo de Deus como um todo, como um grupo completo” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 325).

12.3

Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diamas.

Depois dessas cenas do filme profético, eu, João, assisti ao desenrolar de Daniel 7. Meu conservo, o profeta Daniel, anteviu o levantar de um novo reino, posterior ao leopardo grego: o “espantoso” dragão vermelho de Roma. No entanto, o adversário de Deus, o usurpador do governo deste planeta e maior estelionatário do universo – o anjo pai da mentira –, manipula os políticos que não temem a Deus. Ele está na liderança desses impérios de tal modo que tais poderes humanos são apenas uma fachada usada por Satanás para esconder seus propósitos anti-humanos dos homens que lhe servem como marionetes. O império romano é a quarta cabeça no planejamento dos anjos maus cuja coroa foi herdada do império grego, mas as culturas pagãs dos derrotados seriam mantidas! Depois dessa quarta cabeça (e simultaneamente) viriam as dez tribos não romanas, bárbaras, que tomariam a coroa romana pela força (cf. 13.1), fariam os romanos sucumbirem e a Europa levantar-se.

“A cadeia de profecias na qual se encontram estes símbolos, começa no Capítulo 12 de Apocalipse, com o dragão que procurava destruir Cristo em Seu nascimento. Declara-se que o dragão é Satanás (Apocalipse 12:9); foi ele que atuou sobre Herodes a fim de matar o Salvador. Mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante os primeiros séculos da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, conquanto o dragão represente primeiramente Satanás, é, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã” (WHITE, 2013, p. 382).

“Os dragões povoam a mitologia dos povos antigos (o Leviatã do folclore cananu, e Set-Tifão, o crocodilo vermelho do Egito). No AT, são em geral usados metaforicamente

para retratar os inimigos de Deus e de Israel (ver SI 74.14; Is 27.1; Ez 29.3 e suas notas). A palavra 'diadema' não ocorre na NVI, mas a palavra grega diadema é usada três vezes em Apocalipse (12.3; 13.1; 19.12) como um emblema de poder absoluto, distinto da 'coroa' (gr. *stephanos*) mencionada em outras passagens do NT. A 'coroa' (*stephanos*) era concedida aos atletas, aos generais vitoriosos e aos antigos imperadores de Roma, até que Diocleciano (ca. 284-305 d.C.) adotou o diadema como símbolo de sua autocracia. Nosso Senhor também usará um diadema, em vez de uma coroa comum (19.12)" (BÍBLIA, 2013a, p. 2062).

"Em oposição à mulher, está o dragão ou Satanás, que é a serpente de Gênesis 3. Suas sete cabeças representam os reinos na história, por meio dos quais ele trabalhou para se opor aos planos e propósitos divinos no mundo e para oprimir o povo de Deus (Ap 17:9-11). Os dez chifres em sua cabeça simbolizam autoridades políticas (v. 12). As sete coroas na cabeça do dragão se referem à falsa alegação de Satanás de ter domínio sobre este mundo (cf. Lc 4:6). Essas imagens revelam que o diabo estava por trás do império Romano quando houve a tentativa de destruir o Messias tão esperado, Jesus Cristo" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 69).

"Aqui temos a imagem do grande dragão vermelho, da cor das chamas. Em nosso estudo sobre os antecedentes do Anticristo vimos que os povos orientais entendiam a criação como uma luta entre o dragão do caos e o Deus da luz e da ordem. No templo de Marduk, o deus criador, em Babilônia encontra-se uma imagem da serpente de vermelho cintilante que representa o derrotado dragão do caos. Não pode restar dúvida que seja dali que João extrai sua imagem: encontrou-a nas concepções mais antigas da humanidade, que faziam parte da herança religiosa de todos os povos orientais. O dragão aparece em muitas formas no Antigo Testamento. É chamado Raabe em Isaías 51:9, Leviatã no Salmo 74:12-14 ou em Isaías 27:1 (Deus castigará com sua espada a Leviatã no dia do juízo), Beemote em Jó 40:15-24. O dragão que é o arquiinimigo de Deus faz parte do pano de fundo religioso de quase todos os povos do Oriente Médio.

"O dragão tem sete cabeças e dez chifres. Isto simboliza seu terrível poder. Tem sete diademas reais, que também simbolizam seu poder, esta vez sobre os reinos deste mundo opostos ao Reino de Deus" (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 300 e 301).

"As cabeças, chifres e coroas. Apoc. 12:3. Comp. Apoc. 13:1; 17:3, 9,10.
a. Sete cabeças – poderes maiores. Apoc. 17:3, 10; Dan. 7:6. Comp. Dan. 8:8, 22.
b. Dez chifres- poderes menores. Apoc. 17:12; Dan. 7:24; 8:21, 22; Zac. 1:18,19.
c. Sete coroas – emblemas de realeza e governo. II Reis 11:12; I Crôn. 20:2; Eze. 21:26,27" (THIELE; BERG 1960, p. 244).

"Aqui, o símbolo representa Satanás, como operando através de Roma pagã, o poder que governava o mundo quando Jesus nasceu [...]. O dragão é descrito como 'vermelho', provavelmente por causa do fato de que em toda a sua conexão com a igreja de Deus ele tem aparecido no papel de perseguidor e destruidor. Tem sido seu propósito deliberado destruir os filhos do Altíssimo.

"Sete cabeças aparecem também na besta que João viu emergindo do mar (Apoc. 13: 1), e na besta escarlate (cap. 17: 3). As cabeças no cap. 17: 9 e 10, são identificadas como 'sete montes' e 'sete reis'. Parece razoável concluir-se que as sete cabeças do dragão representam poderes políticos que têm definido a causa do dragão, e mediante os quais o dragão tem exercido o seu poder perseguidor. Alguns defendem que o número 'sete' á aqui usado como um número redondo denotando perfeição, e que não é necessário acharem-se precisamente sete nações mediante as quais Satanás tem operado. [...] O Talmud também menciona um dragão com sete cabeças (*Kiddushin*, 22b, ed. de Soncino pág. 141).

"As bestas dos caps. 13 e 17, também tinham dez chifres cada uma delas. Alguns defendem que os dez chifres do dragão são idênticos aos destas duas bestas, e que estes últimos são idênticos aos dez chifres da quarta besta de Daniel 7 (ARA – 'animal'). [...] Outros vêem nos dez chifres do dragão uma designação mais geral para os poderes políticos menores através dos quais Satanás tem operado, em contraste com as sete cabeças, que podem ser encaradas como representando poderes políticos maiores [...]. Sugerem que o número 'dez',

pode ser um número redondo, como frequentemente acontece noutras partes da Escritura [...].

“COROAS. Gr. *Diadēmata*, sing. *Diadēma*, ‘algo atado em torno’, de *Diadeō*, ‘atar em torno’. A palavra era usada para descrever a insígnia de soberania usada pelos reis persas, uma fita azul de bordas brancas, usada no turbante. Daí a palavra vir a ser usada como uma insígnia de realeza. *Diadēmata*, ocorre somente aqui e nos caps. 13: 1 e 19: 12. *Diadēma* é contrastada com *Stephanos*, também traduzido ‘coroa’ no NT (Mat. 27: 29; I Cor. 9: 25; II Tim. 4: 8, etc.). *Stephanos*, é uma grinalda de flores ou folhas, significando em geral o laurel, ou coroa de louros, dado como prêmio pela vitória [...]. O fato das cabeças estarem usando insígnias de realeza, pode ser tomado como evidência adicional de que representam reinos políticos” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 199 e 200).

“Os pagãos romanos usavam a imagem de um dragão em seus estandartes, como também a de uma águia. Esses estandartes com dragão eram vermelhos. Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, 131” (RAMOS, 2006, p. 128).

“O dragão [...] como pintado na tela da profecia do Apocalipse, é distinto de tudo quanto há na mitologia e na história sagrada concernente ao termo. O versículo nove do capítulo doze o define como figura de Satanás, ou, mais propriamente, segundo atestam suas características proféticas, como a personificação de um poder político liderado por Satanás para a consecução de seus fins. E a revelação não nos deixou às escuras quanto ao poder civil e religioso simbolizado pelo dragão sob a supervisão de Satã.

“Diga-se antes de tudo, que nenhuma profecia da inspiração trata de acontecimentos anteriores à sua anunciação. Pois do contrário não seria ela uma profecia. Portanto, a profecia do dragão, dada a São João cêrca de 94 A. D., deve aludir a um poder dominante de seu tempo, com prosseguimento futuro, ou inteiramente do futuro, nunca, porém, do passado. E isto é confirmado pela história profética do dragão (Apoc. 12) que o relaciona com a era cristã e o define como um poder perseguidor da igreja de Cristo do Novo Testamento” (MELLO, 1959, p. 303 e 304).

Êxodo 7 discorda dessa crença. Na verdade, a Bíblia em geral, pois a maioria de seus leitores é posterior à confecção dela. Profecia não é necessariamente uma predição do futuro, mas uma auditoria divino-humana de fatos passados, presentes e futuros. E por causa dessa crença esse autor defende que as cabeças do dragão simbolizam única e exclusivamente poderes romanos e pós romanos, como pode-se ler abaixo.

“Entre o dragão vermelho do Apocalipse doze e o quarto animal de Daniel sete, há perfeita identificação. Ambos não encontram paralelo na zoologia; ambos são terríveis e espantosos; ambos possuem 10 chifres [mas Daniel não menciona as 7 cabeças]; ambos estão ligados à história da Igreja Cristã. O quarto animal, segundo a própria revelação, é o quarto reino da terra que indubitavelmente é Roma Pagã (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 438). Consequentemente, o dragão, que se identifica com o quarto animal, é também, logicamente, Roma Pagã. Tanto o quarto animal como o dragão vermelho, representam um e o mesmo poder, aliás — Satanás com a toga romana’. Tôdas as suas características e ações proféticas são evidentes afirmativas de que êle é Satanás e Roma irmanados num único objetivo — guerrear a verdade e o povo de Deus. Em confirmação do exposto, refere a história que o dragão dos estandartes romanos era vermelho como o símbolo do Apocalipse. Ammianus Marcellinus escreveu — de ‘a púrpura padrão do dragão’ (Lib. 16, C. 12, *Ammianus Marcellinus* e Daniel 7:23).

“[...] as sete cabeças são absolutamente romanas. [...] Os dez chifres vêmo-los primeiramente no quarto animal de Daniel sete, representativo de Roma Pagã. Êles, segundo o mesmo profeta, indicam a divisão décupla de Roma Pagã nos reinos que constituiriam a Europa moderna. Depois divisamos os dez chifres do quarto animal nas sete cabeças do dragão vermelho, o que comprova que o dragão e o quarto animal são, indubitavelmente, o Império Romano que se dividiria em dez partes. Em outras palavras, as sete cabeças dividir-se-iam em dez partes, pois os dez chifres nelas estão, o que indica que elas são o dragão e o próprio Império Romano.

“Outro fato notável, nos dez chifres, é que êles, tanto no quarto animal de Daniel sete como nas cabeças do dragão, não são coroados. Isto evidencia sobejamente que os reinos futuros por eles representados — a Europa atual — não exerciam nenhuma influência politicamente mundial na era do dragão ou enquanto se mantinha firme o poder romano dos Césares no Ocidente. A teologia popular, porém, fundada em idéias humanas divorciadas da inspiração, pretende que, cinco das sete cabeças, designam não Roma, mas os cinco impérios antecessores de Roma — Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Persa e Grécia. Todavia é evidente que os dez chifres estão divididos entre as sete cabeças e não somente entre as duas últimas” (MELLO, 1959, p. 304 e 305).

“No livro de Apocalipse, sob os símbolos de um grande dragão vermelho, um animal semelhante ao leopardo, e um com chifres semelhantes aos de um cordeiro, são representados aqueles governos que estão essencialmente envolvidos em pisar a lei de Deus e perseguir Seu povo. Esta guerra será levada avante por eles até acabar o tempo. O povo de Deus simbolizado por uma mulher santa e seus filhos, constitui a minoria’. – 4 *Spirit of Prophecy*, p. 276.

“O dragão é aqui descrito como sendo uma criatura composta. É formado por Satanás e seus adjuntos da terra. Certamente, Satanás não é um ser com várias cabeças, chifres e coroas. Satanás era originalmente, um ser celestial, um anjo. Hoje ele é um anjo caído. Neste mundo ele opera através de agentes humanos. Por meio de vários governos na Terra e poderes religiosos, ele tem procurado obter o controle do mundo e reunir toda a raça humana sob seu governo. Estes poderes – utensílios eficientes do príncipe do mal – são representados no livro de apocalipse como animais de rapina de múltiplas cabeças e chifres” (THIELE; BERG 1960, p. 243 e 244).

“Este grande dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres é o argui-inimigo de Deus, Satanás. Sua primeira rebelião ocorreu no céu, quando se opôs ao governo de Deus e desejou estabelecer seu trono acima do trono de Deus e ser semelhante ao Altíssimo (Isaías 14:12-14; Ezequiel 28:14-17). Aqui mesmo em Apocalipse 12 somos informados de sua expulsão do céu [...] (Apocalipse 12:7-9)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 40).

“No sentido primário o dragão é Satanás (verso 9). No sentido secundário, o dragão representa os poderes terrestres usados por Satanás para combater a Cristo, Sua verdade e Seu povo. Satanás agiu por meio do Império Romano para matar a Cristo e atacar o evangelho e a Igreja primitiva (verso 4). Ele usou também o papado medieval para impelir a Igreja ao deserto, onde ela foi perseguida por 1.260 anos (de 538 A.D. a 1798 A.D.). Versos 6 e 13-16. Ao nos aproximarmos do fim do tempo, Satanás usará uma união político-religiosa apóstata, na tentativa de destruir a Igreja cristã remanescente. (Apoc. 12:17; comparar com o capítulo 17.) Visto que o dragão de Apocalipse tem essa quádrupla aplicação (Satanás, O Império Romano, o papado e ‘Babilônia’ antitípica), ele se equipara aos poderes da ponta pequena mencionados em Daniel 7 e 8 [...].

“O verso 9 claramente identifica o símbolo com Satanás. Ele age, porém, por meio de instrumentalidades secundárias. No livro de Daniel, animais e cabeças de animais são usados para simbolizar reinos (Dan. 7:23; 7:6; 8:8 e 22). Cornos ou chifres também representam poderes dominantes (Dan. 7:24 e 25; 8:8 e 22). Por isso, o dragão vermelho com várias cabeças e chifres pode ser interpretado como um poder político ou como uma variedade de poderes pelos quais Satanás, em tempos diferentes, opera para a realização de seus objetivos [...].

“As mesmas sete cabeças e dez chifres são mencionados em três capítulos do Apocalipse: capítulos 12, 13 e 17. Sabemos que cinco das cabeças do dragão se referem a reinos ou nações que haviam caído por volta do tempo do apóstolo João. (ver Apoc. 17:10.) O Antigo Testamento expõe cinco poderes que, antes do tempo de João, atacaram e subjugaram sucessivamente o povo escolhido de Deus, procurando destruir suas crenças religiosas. Alguns declaram que essas nações foram o Egito, a Assíria, Babilônia, Média-Pérsia e Grécia.

“A sexta cabeça é considerada o poder político que existia no tempo do apóstolo João – o Império Romano. A sétima cabeça seria, portanto, o poder mundial mais significativo que se seguiu ao Império Romano: o Papado medieval. Como é salientado no livro de Daniel e no Apocalipse, o Império Romano foi dividido em numerosos fragmentos políticos, e o papado tomou o seu lugar como a principal influência no Ocidente.

“[...] Ao passo que as cabeças são representadas por poderes mundiais sucessivos, os chifres representam poderes que existem simultaneamente. (Ver Apoc. 17:12-14; comparar com Dan. 7:7, 20 e 24.) Devido à óbvia relação entre Apocalipse 12, 13 e 17, e Daniel 2 e 7, podemos dizer que os dez chifres representam as partes em que finalmente foi dividido o Império Romano. Essas partes tornaram-se Estados soberanos, os quais no fim do tempo desempenham importante papel em apoiar a Babilônia antitípica, ‘até que se cumpram as palavras de Deus’ (Apoc. 17:17)” (COFFMAN, 1989b, p. 10 e 11).

“As sete cabeças e os dez chifres do dragão são introduzidos pela primeira vez em Apoc. 12:3 sem nenhuma explicação do seu significado; a explicação é dada pelo próprio anjo em Apocalipse 17:9; da mesma forma Apoc. 13:1 introduz uma outra besta que subiu do mar, também com sete cabeças e dez chifres cuja interpretação é dada também pelo anjo em Apoc. 17:10” (RAMOS, 2006, p. 128).

Maxwell e Grellmann (2004, p. 491), no contexto do capítulo 17, apresentam a tabela abaixo (setas acrescentadas), colocando a visão de João sobre as 7 cabeças e os 10 chifres da besta que aparece ali (Ap 17) como: “O momento da visão é a hora do juízo, o tempo do fim, que inicia em 1798/1844, por ocasião do término dos 1.260 dias-anos”.

AS SETE CABEÇAS E OS DEZ CHIFRES

SETE CABEÇAS	DEZ CHIFRES
Cinco já caíram	
1. BABILÔNIA	→ Não há coroas
2. PÉRSIA	→ Não há coroas
3. GRÉCIA	→ Não há coroas
4. IMPÉRIO ROMANO	→ Não há coroas
5. ROMA CRISTÃ	→ Coroas: as monarquias européias
Uma existe	
6. ROMA CRISTÃ, FERIDA*	→ Uma vez mais, não há coroas: são democracias
Aquela que virá	
7. ROMA CRISTÃ, CURADA	
8. BESTA (o resumo demoníaco de todos os poderes perseguidores, segundo o estilo romano)	→ Um novo poder ditatorial

Fonte: Maxwell e Grellmann (2004, p. 491); setas acrescentadas.

12.4

A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse.

Satanás e suas cabeças elaboram culturas suficientemente letais ao ponto de fazerem apagar a boa influência de homens e anjos de Deus. Por meio de seus enganos e da violência, anjos e homens deixaram de brilhar e cooperar com Deus, no Céu e na Terra. A experiência do anjo pai da mentira e seu êxito por milê-

nios foram usados concentradamente na época do nascimento de Jesus, através de Roma e seus representantes. Como um predador, ele viu a vulnerabilidade do Deus-Homem enquanto bebê, creu que poderia derrotá-Lo como fez com uma fração de Seus representantes e esse foi seu foco supremo!

“A imagem do dragão que varre as estrelas do céu com sua cauda provém de Daniel (3:10) [sic; Dn 8.10], onde o chifre pequeno é capaz de arrojá-las ao chão e pisoteá-las. A cena dramática do dragão que espreita, à espera que o menino nasça, para devorá-lo, provém de Jeremias (51:34) onde Nabucodonosor devora a Israel como um dragão” (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 301).

“O ancião e o homem de respeito são a cabeça, e o profeta que ensina a mentira é a cauda” (Isaías 9.15, Nova Almeida Atualizada).

“Parte de sua força está em sua cauda que representa a astuta maneira com que enganou a terça parte dos anjos, enquanto as cabeças e os chifres apontam seus agentes e colaboradores humanos especiais” (MELLO, 1959, p. 308).

“Literalmente, ‘sua cauda está arrastando’. João viu a ação em progresso na visão profética” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 200).

“‘Estrelas’ aqui significa anjos (Apocalipse 1:20). Existe um antecedente que nos permite dar dita interpretação a este símbolo apocalíptico. Jó, utilizando o estilo antigo da poesia hebraica de repetir a idéia a fim de ampliar seu sentido, declarou que ‘... as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus’ (Jó 38:7). Em Judas 6, é-nos dito que Deus tem guardado a esses anjos de indigna rebelião para o dia do juízo, o que confirma o fato de que foram expulsos do Céu com Satanás” (BELVEDERE, 1987, p. 14).

“Se as pessoas forem tão merecedoras de ser separadas da igreja como Satanás o foi de ser expulso do Céu, terão quem lhes tome as dores. Há sempre uma classe que é mais influenciada por indivíduos, do que pelo Espírito de Deus e pelos seus princípios; e, em seu estado não consagrado, essas pessoas estão sempre prontas a tomar o partido do erro, e pôr a compaixão e simpatia juntamente com os que menos a merecem. Esses simpatizantes exercem poderosa influência sobre outros; vêem-se as coisas sob um aspecto errado, ocasiona-se grande mal, e muitas são as almas arruinadas. Satanás em sua rebelião, levou consigo a terça parte dos anjos. Desviaram-se do Pai e de Seu Filho, e uniram-se ao instigador da rebelião” (WHITE, 2004, p. 291).

“Quando Satanás se tornou desafeto no Céu, não apresentou ele sua queixa perante Deus e Cristo; foi, porém, por entre os anjos que o julgavam perfeito, afirmando que Deus lhe fizera injustiça, preferindo Cristo a ele. O resultado dessa falsidade foi, por motivo de lhe terem aderido, um terço dos anjos perderem sua inocência, sua alta posição e seu lar feliz. Satanás instiga os homens a continuarem na Terra a mesma obra de inveja e ruins suspeitas que ele começou no Céu” (WHITE, 2008, p.97).

Mas esta fração, um terço, em todo o Apocalipse constitui um símbolo. Qual a razão para a considerarmos literalmente aqui?

“Suas estrelas são os seus anjos. A fração ‘um terço’ pode ser literal ou – tais como as frações um terço e um quarto nas sete trombetas – pode não representar a terça parte matemática dos anjos” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 340).

“Se as doze estrelas com que a mulher está coroada, em seu uso simbólico, representam os doze apóstolos, então as estrelas derribadas pelo dragão antes da sua tentativa de matar o Menino, ou seja, antes da era cristã, podem representar uma parte dos dirigentes do povo judaico. Em Apocalipse 8:12 já vimos que Sol, Lua e estrelas são algumas vezes usados em sentido simbólico. A Judéia tornou-se uma província romana uns sessenta anos antes do nascimento do Messias. Os judeus tiveram três classes de dirigentes: reis, sacerdotes e o Sinédrio. Um terço delas, a dos reis, foi suprimida pelo poder romano. Philip Smith, depois de descrever o cerco de Jerusalém pelos romanos e Herodes, e sua capitulação na primavera de 37 a. C., após uma obstinada resistência de seis meses, diz: ‘Tal foi o fim da dinastia dos asmoneus, exatamente 130 anos depois das primeiras vitórias de Judas Macabeus, e no sétimo ano da assunção do diadema por Aristóbulo I.’ – *History of the World*, vol. III, pág. 181” (SMITH, 1979, p. 180 e 181).

“Conhecedor profundo das profecias messiânicas, Satanás vigiou o tempo do nascimento de Jesus na esperança de tragá-Lo ao nascer. Que o Filho da mulher é Cristo, atesta o versículo cinco que diz ter Ele sido arrebatado para Deus e Seu trono. Através de Herodes, intentou Satanás na matança das criancinhas de Betleém, eliminar a Jesus entre elas (Mt 2:16-18). Herodes era um representante de Roma, e, através deste poder Satanás, por meio dele, procurou eliminar o Filho de Deus. Também Sua crucificação foi um ato resultante dum decreto de Roma” (MELLO, 1959, p. 308).

“Expulso do céu Satanás veio parar nesta terra e arrastou consigo a terça parte dos anjos de Deus. Disfarçado de uma serpente no jardim do Éden, conseguiu enganar também os nossos primeiros pais, Adão e Eva (Gênesis 3:1-6). Assim o pecado passou a fazer parte da história humana trazendo miséria e sofrimento aos descendentes de Adão. Todavia, mesmo antes de surgir o pecado, Deus já tinha estabelecido um plano caso o homem pecasse (1 Pedro 1:18-20; Apocalipse 13:8). Em Gênesis 3:15 Deus deu a conhecer esse plano. Aqui vemos a primeira promessa messiânica: ‘Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar’.

“Jesus é o descendente da mulher, o filho da igreja que Satanás estava ávido para devorar (Apocalipse 12:4). Satanás opera por meio de agentes terrenos para alcançar seus propósitos. Tão logo Jesus nasceu, Satanás usou o rei Herodes para destruir o menino (Mateus 2:16-18). José e Maria, avisados por um anjo de Deus, fugiram para o Egito, cumprindo assim as profecias do Antigo Testamento (Jeremias 31:15; Oséias 11:1) e o menino foi salvo” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 40 e 41).

12.5	Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono.	O Messias veio de Sua igreja na Terra. Jesus, o ungido, conduziu a história dela e dela nasceu como Seu salvador e juiz da História humana. Após 33 anos e meio como Ser humano, o Senhor retornou vitorioso ao Seu posto administrativo como Deus eterno, agora Deus-Homem, ao lado de Deus o Pai.
------	--	---

“A criança que regerá as nações com vara de ferro. Apoc. 12:5, 2:26, 27; 19:15,16; Sal. 2:7-9. [...] A criança arrebatada para Deus e para o seu trono. João 14:28; 20:17; Heb. 8:1” (THIELE; BERG 1960, p. 245).

“As três razões para identificar o filho com Cristo, são as seguintes: Cristo foi Aquele a quem o diabo procurou destruir (Apoc. 12:4; S. Mat. 2; S. João 18 e 19). Cristo regerá ‘todas as nações com cetro de ferro’ (Apoc. 19:15; 2:27; Sal. 2:9; 89:23). Cristo ‘foi arrebatado para Deus e para o Seu trono’ (S. Mar. 19:15; 2:27; S. Luc. 24:50 e 51; Atos 1:6-11)” (BATTISTONE, 1989, p. 9).

“Desde os dias do Antigo Testamento, o Messias estava prometido para livrar o ser humano da condenação imposta pelo pecado. Observe, por exemplo, como Isaiás anuncia a vinda do Salvador: ‘Porque um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; o governo está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz’ (Isaiás 9:6). O Apocalipse faz referência, de forma específica, a promessa messiânica do Salmo 2:6-9: ‘Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro’. Jesus é o filho que nasceu da mulher” (OLIVIRA *et al.*, 2015, p. 39).

“O testemunho acerca do ‘Filho varão’ que o dragão procura destruir é aplicável apenas a um Ser que apareceu no mundo: nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum outro foi arrebatado a Deus e o Seu trono, mas Ele foi assim exaltado (Efés. 1:20, 21; Heb. 8:1; Apoc. 3:21). Nenhum outro recebeu de Deus a missão de reger todas as nações com vara de ferro, mas Ele sim foi designado para essa obra (Salmos 2:7-9). Não pode haver dúvida de que o Filho representa Jesus Cristo. O tempo a que a profecia se refere é também evidente: foi o tempo em que Cristo apareceu neste mundo como uma criança em Belém” (SMITH, 1979, p. 181).

“O menino que a mulher deu à luz estava destinado a governar as nações com uma vara de ferro. Tal como se viu, esta é uma citação do Salmo 2:9, que sempre foi interpretado como uma visão antecipada da missão do Messias. O menino, portanto, é o Messias” (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 301).

“Uma alusão ao Sal. 2: 8 e 9, e claramente aplicável ao Messias. Esta aplicação aos [os] próprios judeus reconheciam (Talmud *Sukkah* 52a, ed. de Soncino, pag. 247). Em Apoc. 19: 13-16, o ser descrito é identificado como a ‘Palavra de Deus’ e como ‘Rei dos reis’. Veja-se os coms. aos caps. 2: 27; 19: 15. ARREBATADO. Uma referência à ascensão [sic] de Jesus Cristo (Heb. 1: 3; 10: 12). Para o propósito desta profecia o simbolismo omite completamente a história da vida, obra, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 201).

“Embora desejasse matar esse Filho, Satanás não conseguiu, uma vez que o Filho foi levado para o Céu (Ap 12:5) – uma referência à exaltação de Cristo ao trono celestial (Ef 1:20-22; 1Pe 3:21, 22). A exaltação de Cristo serve para introduzir a cena seguinte (Ap 12:7-12). A ida de Cristo ao Céu resultou na expulsão permanente de Satanás (v. 10)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 69).

“Não devemos julgar que a existência de Cristo data apenas de Seu nascimento da virgem Maria. Diz o profeta: ‘E tu, Betleém, Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade’ (Mq 5.2). São Paulo declara que ‘Ele é antes de todas as coisas’, e ‘Ele mesmo diz existir antes que o mundo existisse (Cl 1.16 e 17). Se Cristo não fora preexistente, Seu nascimento não teria sido sobrenatural e não poderia ser ‘Ele o Salvador do mundo’” (MELLO, 1959, p. 310).

“Quando o menino nasce é resgatado da ameaça do dragão mediante seu rapto ao céu, onde encontra proteção no trono de Deus. É interessante assinalar que a mesma palavra que se usa para dizer que o menino é arrebatado ao céu é a que se usa em 1 Tessalonicenses 4:17 para descrever como os cristãos serão arrebatados para sair ao encontro do Senhor nos ares. Paulo também usa a mesma palavra quando diz como ele mesmo foi arrebatado ao terceiro céu, em 2 Coríntios 12:2” (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 301).

“O tempo que mediou entre o nascimento e a ascensão de Jesus, como mencionado no versículo cinco, foi o tempo da fundação do cristianismo. Não quer dizer isso que o cristianismo não existisse antes. Sua fundação remonta ao princípio do mundo, quando o homem caído ouviu pela primeira vez, no Éden, a primeira profecia messiânica ou cristã. Referindo-nos à sua fundação, porém, nos dias de Cristo e por Cristo, tão somente queremos dar-lhe o cunho de Cristo como seu fundador pessoal e pessoal expositor de suas bases aos ho-

mens.

“O poder do cristianismo é o próprio poder de Cristo. Como plano divino para salvar o impenitente pecador, não encontra êle rival em nenhuma religião de outro cunho, embora existam às centenas no mundo. Sua força moralizadora não encontra paralelo na história da humanidade. Sua marcha vitoriosa através das inúmeras vicissitudes dos séculos, escuda-se, na própria vitória pessoal de Cristo sobre Satanás e seus agentes humanos.

“[...] Ao nos referirmos ao cristianismo queremos aludir ao cristianismo executor, na prática e na pregação, das idéias de Cristo e Seus ensinamentos contidos nas Escrituras do Velho e do Novo Testamento. Ambos os Testamentos foram inspirados por Cristo, e encerram, portanto, as bases do sã e verdadeiro cristianismo. Mas, o estado do cristianismo historicamente dominante é constatado pelo estado do mundo de sempre, mörmente [sic] em nossa geração. Evidentemente, o pomposo cristianismo da época é humano, pois não tem forças para erguer o mundo do caos em que se encontra e moralizá-lo. Os cristãos deixaram de viver e anunciar o sublime cristianismo de seu fundador, e daí os incrédulos e ateus zombarem dele como se fosse o que eles patenteiam nas vidas dos cristãos e religiões cristãs” (MELLO, 1959, p. 314).

12.6

A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias.

Enquanto isso, aqui na Terra, a história do grande conflito continuou: a igreja de Deus como único alvo do predador mal sucedido, foi por ele perseguida através do pseudocristianismo romano, sua cabeça predileta, desde o ano em que Vitiges – líder ostrogodo do terceiro e último “chifre” ariano – foi derrotado e expulso de Roma, em 538, até a ferida mortal infligida pela Revolução Francesa ao papa Pio VI, em 1798. A Igreja de Deus fugiu dos centros urbanos, e durante todo esse período de 1260 anos foi conduzida e sustentada por Ele em regiões despovoadas e através de uma teologia não hegemônica, genuinamente bíblica!

“Ao ver-se vencido mais uma vez por Cristo e compreendendo que a morte do Filho de Deus assegurara a sua futura destruição no tempo que êle bem compreendia, Satanás enfureceu-se sobremaneira e procurou vingar-se na mulher, a igreja, que teve de fugir das vistas de seus agentes para um lugar provido por Deus, isto é, para o deserto. Durante 1260 dias ou 1260 anos, como temos demonstrado no capítulo onze, Deus a guardou num esconderijo seguro, tal a ira do dragão, para que ela pudesse subsistir. Os versículos treze a dezesseis pormenorizam mais os sucessos de todos estes séculos” (MELLO, 1959, p. 315 e 316).

“DESERTO. Gr. *Erēmos*, ‘um lugar vazio, abandono e deserto’. *Erēmos* aqui representa, sem dúvida, um lugar de sedução ou obscuridade, uma área ou condição em que a igreja estaria num lugar de obscuridade, fora do olhar do público. Ver o com. ao cap. 17: 3. UM LUGAR. Esse lugar é mencionado no v. 14 como ‘seu’ lugar’. A ideia é de que a proteção e o santuário em obscuridade ali encontrados pela mulher, foram divinamente designados e preparados. ELES. (ARA – subentendido). O sujeito é indefinido e sem dúvida refere-se aos vários agentes que Deus empregou para preservar, fortalecer e edificar a igreja durante o tempo em que ela foi duramente perseguida. ALIMENTEM. (ARA – ‘sustentem’). Gr. *Trephō*, ‘fazer cres-

cer', 'criar', 'educar', e 'alimentar'. *Trephō* é traduzido 'alimentar' (ARA 'sustentar') no v. 14. Deus cuida dos Seus. Muito embora a igreja seja perseguida e forçada a ir para o exílio, o Senhor a alimenta" (NICHOL; FORTES, 1988, p. 201 e 202).

"João ao escrever isto teve em mente várias imagens. Uma é a história da fuga do profeta Elias ao Querite, onde foi alimentado pelos corvos (1 Reis 17:1-7); e a de sua segunda fuga, ao deserto, quando escapa da perseguição de Jezabel, onde há um anjo que o alimenta (1 Reis 19:1-8). A outra é a história da fuga ao Egito de Maria e José, quando estes arrebatam a seu filho da fúria de Herodes (Mateus 2:13). Mas há dois incidentes, em particular, que influem sobre João.

"(1) Nos tempos de Antíoco Epifânio, quando a prática da religião judia era castigada com a morte, muitos, desejosos de buscar a justiça e adquirir juízo foram ao deserto e habitaram ali (1 Macabeus 2:29). A história de Israel mostra momentos em que o Povo de Deus deve retirar-se ao deserto e habitar ali, num lugar preparado por Deus para ele.

"(2) Mas houve uma ocasião que está muito mais perto da história da Igreja. Jerusalém foi destruída pelos romanos no ano 70 de nossa era. Os anos anteriores a este desastre foram um período terrível de derramamento de sangue e revoltas; durante este período qualquer que tivesse olhos para ver e uma mente clara para pensar poderia prever o que estava a ponto de produzir-se. O historiador Eusébio de Cesaréia diz que durante esta época, antes de produzir-se o desastre final, a Igreja em Jerusalém foi advertida mediante uma profecia do que ocorreria com Jerusalém, e recebeu a ordem, da parte de Deus, de cruzar o Jordão, internar-se em Peréia e refugiar-se numa cidade chamada Pella (História Eclesiástica, 3:5).

"Esta circunstância aparece referida nas palavras de Jesus a seus discípulos sobre as últimas coisas: quando se produzissem os sinais do fim, os cristãos deviam fugir às montanhas (Marcos 13:14). E isto é, exatamente, o que fizeram. Quando João escreveu esta passagem pensava, então, em todos os momentos quando os crentes deveriam fugir, sob a guia divina, para escapar aos terrores da perseguição" (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 302 e 303).

"Usando o símbolo de uma mulher pura, em contraste com a mulher impura do capítulo 17, Cristo descreve as lutas e a perseverança da Igreja Cristã, especialmente durante os séculos depois de Sua encarnação. Embora o diabo se oponha a nós com grande ira, devemos lembrar-nos de que Cristo o derrotou. Em Apocalipse 12 é dada a fórmula para vitória sobre o maligno. [...] A história do povo de Deus, desde o tempo em que nossos primeiros pais caíram em pecado até o fim do tempo da graça, é uma cena de contínuo molestar causado por Satanás e suas forças.

"O dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, tem tido o mesmo alvo através da História: combater a Deus, a Cristo, ao Espírito Santo, a Sua Igreja e seus dirigentes, e a Seu povo fiel. A História relata derramamento de sangue, calabouços, prisões, decapitações, fogueiras, oposição de dentro e de fora. É lamentável que a história da Igreja nem sempre constituiu o cumprimento da oração de Cristo: 'A fim de que todos sejam um.' S. João 17:21" (COFFMAN, 1989b, p. 4).

"No século VI tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou-se ser o bispo de Roma a cabeça de toda a igreja. O paganismo cederia lugar ao papado. O dragão dera à besta 'o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.' Apocalipse 13:2. E começaram então os 1.260 anos da opressão papal preditos nas profecias de Daniel e Apocalipse. Daniel 7:25; Apocalipse 13:5-7. Os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, sofrer a morte pelo instrumento de tortura, pela fogueira, ou pela machadinha do verdugo.

"Cumpriram-se as palavras de Jesus: 'E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues, e matarão alguns de vós. E de todos sereis odiados por causa de Meu nome.' Lucas 21:16, 17. Desencadeou-se a perseguição sobre os fiéis com maior fúria do que

nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Assim diz o profeta: 'A mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil e duzentos e sessenta dias.' Apocalipse 12:6" (WHITE, 2013, p. 45 e 46).

"Uma análise da história do Cristianismo revela que vários passos importantes ocorreram entre os séculos quarto e sexto no processo pelo qual a Igreja Romana tornou-se cada vez mais influente em questões seculares. Esse processo culminou na união entre a Igreja e o Estado. No tempo de Constantino, o Cristianismo obteve liberdade de culto, tornando-se uma das religiões oficiais do Estado. Os imperadores subseqüentes avançaram mais e mais na direção de transformar o Cristianismo na religião exclusiva do Estado.

"Após o saque de Roma pelos visigodos em 410, Agostinho escreveu sua famosa obra *A Cidade de Deus*, na qual ele expôs 'o ideal católico de uma igreja universal em controle de um estado universal', provendo 'a base teocrática para o papado medieval'. [88] A conversão de Clóvis, rei dos francos, foi um evento muito significativo em prover a unificação da Europa Ocidental para apoiar o papado durante a primeira metade da Idade Média. E a guerra de Clóvis contra os visigodos arianos e sua vitória sobre eles em 508, representa um passo importante em prover um exército efetivo para a Igreja Católica Romana punir os 'hereges'.

"A despeito do fato de o Papa Símaco ser fortemente acusado e ter de se submeter ao julgamento do herético rei ariano Teodorico, ele se considerava superior ao governante secular e foi chamado até mesmo de 'juiz em lugar de Deus' e 'subgerente do Altíssimo'. [89] Já em 533, Justiniano, imperador do Império Bizantino, reconheceu a supremacia eclesiástica do papa quando o chamou de 'a cabeça de todas as Sagradas Igrejas', [90] e, no ano seguinte (534), esse status foi legalizado oficialmente na segunda edição do Codex. Mas foi somente em 538 que a cidade de Roma acabou sendo libertada do domínio de um 'herético' reino ariano, e a Igreja Romana foi capaz de desenvolver mais efetivamente sua supremacia eclesiástica" (TIMM, 2005, p. 15).

"Sir Edmund Barrow, *The Growth of Europe Through the Dark Ages: A.D. 401-1100* (Londres: H. F. & G. Witherby, 1927), 71-72: 'O cerco durou todo um ano, de fevereiro ou março de 537 a março de 538. ... Os godos tentaram negociar, mas sem sucesso, e em março de 538 Vitiges suspendeu o cerco e se retirou na direção do norte.'" (TIMM, 2005, p. 17).

"Podemos concluir, com base nas discussões anteriores, que, se tomarmos os eventos ocorridos em 508 e 538 isoladamente, sem levar em consideração os seus respectivos contextos históricos, poderemos ser tentados a negar a validade de se escolher essas datas como pontos de partida para os períodos proféticos dos 1.290 e 1.335 anos, e para os 1.260 anos. Mas se considerarmos os anos de 508 e 538 à luz dos seus respectivos antecedentes históricos, perceberemos que não existe qualquer razão para negarmos a importância histórica de tais datas no longo processo de estabelecimento da autoridade temporal do Bispo de Roma" (TIMM, 2005, p. 15).

"Frustrado ao tentar matar o menino, Jesus, o grande dragão vermelho volta agora seu ódio contra a mãe, a mulher (igreja). Usando instrumentalidades humanas, Satanás arrojou uma sangrenta perseguição à igreja de Cristo. Jesus havia advertido aos Seus discípulos: 'Sereis odiados de todos por causa do meu nome ...' (Mateus 10:22). E declarou ainda: '... lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome' (Lucas 21:12). Quase todos os apóstolos morreram como mártires. A cidade de Jerusalém foi destruída no ano 70 a.D. e milhares de cristãos foram mortos. Quando o Coliseu Romano foi inaugurado, por volta do ano 80 a.D., milhares de cristãos foram sacrificados durante os meses de festejos.

"Mas a profecia falava ainda de um longo período de perseguição que se abateria sobre a igreja. Uma perseguição que duraria por séculos. [...] Aqui vemos o mesmo período profético mencionado por Daniel: 'um tempo, tempos e metade de um tempo' (Daniel 7:25). No Apocalipse este mesmo período aparece de três maneiras distintas:

3,5 tempos (12:14)
42 meses (13:5)
1.260 dias/ anos (12:6)

“Daniel 11: 13 deixa claro que ‘um tempo’ é igual a ‘um ano’, assim, temos o período de 3,5 anos. Se cada ano possui 12 meses, então temos um total de 42 meses e se cada mês do calendário judeu possui 30 dias, então temos $42 \times 30 = 1.260$. Todas estas expressões se referem a um mesmo período de tempo, ou seja, 1.260 anos em que o povo de Deus seria perseguido. Quando se cumpre este período na história?

“No século VI o papado se estabeleceu firmemente. Isso ocorreu no ano 533 a.D., quando o bispo de Roma foi declarado a cabeça de todas as igrejas e 538 a.D., quando os Ostrogodos, a última tribo bárbara que não aceitava a supremacia do papa foi expulsada de Roma. A partir daí, por 1.260 anos, o papado perseguiu aos cristãos que se opunham aos ensinamentos da igreja e buscavam apenas seguir os ensinamentos da Bíblia. Esta perseguição atingiu na Europa os povos Valdenses, Albigenses, Huguenotes entre outros. A perseguição somente teve fim em fevereiro de 1798, quando o papa Pio VI foi preso por ordem de Napoleão Bonaparte e seu poder foi tirado.

“[...] Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Os fiéis filhos de Deus fugiram para as elevadas montanhas e vales dos Alpes e ali, em meio à natureza, nos ermos da terra, adoravam a Deus e seguiam Sua Palavra longe dos falsos ensinamentos e tradições do papado. A verdade foi preservada por estes povos (Valdenses, Albigenses, Huguenotes e outros) e o movimento de Reforma do século XVI, com Lutero e seus colaboradores vieram para expor o verdadeiro caráter do papado e quebrar o poder que tinha escravizado as mentes do povo com suas superstições” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 41).

“Assim como o mar representa multidões (Apocalipse 17:15), o deserto significa lugares despovoados e secretos. Os fiéis de Cristo não podiam se reunir publicamente porque os matavam. Se aplicarmos aos 1.260 dias proféticos o princípio de um dia por ano (Ezequiel 4:6, 7; Números 14:34), estamos frente a um período de 1.260 anos de perseguição que se localizam historicamente desde que entrou em vigência o Edito de Justiniano, no ano de 538, até o ano de 1798, quando por intervenção napoleônica caduca o código de Justiniano. Durante este período existiam muitas igrejas cristãs que funcionavam abertamente como organizações; não obstante, não podemos assinalá-las como verdadeiras porque Deus disse que durante esse período Sua verdadeira Igreja estava sendo mantida em segredo (Apocalipse 12:6, 14)” (BELVEDERE, 1987, p. 70).

“Historicamente, esse período começa quando entrou em vigência o Edito de Justiniano, no ano de 538, e termina em 1798, quando Napoleão envia suas tropas lideradas por Berthier e aprisiona o Papa Pio VI. Durante esse período, os fiéis de Cristo não podiam pregar abertamente as verdades bíblicas porque corriam o risco de serem mortos. Esse foi um tempo em que incontáveis mártires deram a vida por amor à Bíblia” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 18).

“A Idade Escura durou de 538 até 1798. Durante esse período, existiu uma grande igreja mostrando sua autoridade, representada pelas catedrais. Não foi essa a igreja que fugiu para o deserto, escondendo-se em cavernas e montanhas. Escondidos nas cavernas das montanhas, os verdadeiros crentes podiam adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência” (FEYERABEND, 2005, p. 104).

“Foi Roma, portanto, que tentou destruir Jesus. O grande dragão vermelho é Satanás – bem como Roma, agindo em favor de Satanás. Depois que Satanás e Roma assassinaram nosso Salvador, Ele ergueu-Se triunfantemente da sepultura e ‘foi arrebatado para Deus até ao Seu trono’ (verso 5), onde Ele vive ‘sempre para interceder’ por nós na qualidade de nosso Sumo Sacerdote. Veja Hebreus 7:25 e 26 e compare com Hebreus 8:1 e 2.

“Frustrado em sua tentativa de destruir o Filho, o grande dragão vermelho voltou agora a sua ira contra a mãe da Criança. Contudo, a mulher escapou para o ‘deserto’,

'onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias'. Apocalipse 12:6. Já ouvimos falar dos 1.260 dias em algumas ocasiões, especialmente em Daniel 7:25 e Apocalipse 11:2 e 3. Eles representam os 1.260 anos durante os quais o cristianismo à moda de Roma oprimiu os cristãos verdadeiramente leais a Deus. A referência ao 'deserto', no versículo 6, traz-nos à lembrança o escape dos filhos de Israel do Egito, nos tempos do Antigo Testamento.

"Depois de terem sido mantidos como escravos dos egípcios por mais de um século, os israelitas, liderados por Moisés, cruzaram miraculosamente o Mar Vermelho. Durante a noite, as águas se abriram, constituindo verdadeiras muralhas de ambos os lados do 'caminho' pelo qual os fugitivos passaram. Depois disso, durante cerca de quarenta anos, o povo acampou-se, quais tribos nômades, no deserto do Sinai. Ao longo desses anos, eles foram sustentados fisicamente pelo maná (Êxodo 16) e espiritualmente pelos Dez Mandamentos (Êxodo 20) e pelos ensinamentos de Moisés.

"Na primeira cena da série do grande conflito, fomos apresentados à mulher (a igreja genuína ideal), a seu filho (Jesus) e ao grande dragão vermelho (que é, efetivamente, Satanás, mas que é representado aqui pelo Império Romano – e que constitui, também, um símbolo da Igreja Romana pelo fato de esta haver perseguido os verdadeiros seguidores de Cristo durante os 1.260 anos)" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 327 e 328).

12.7

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos;

Eu, João, vi como o mal começou no universo. Antes de Satanás perseguir a Igreja aqui em nosso planeta, antes da própria existência dela, ele espalhou no Céu muitas mentiras contra Deus, o Pai, e o Anjo Javé, Miguel – Aquele ser divino que Se tornaria também o eterno Emanuel. Foi ali que o anjo perfeito se tornou pai da mentira, o caluniador, o adversário; e o universo perfeito começou a conviver com a transgressão das leis de Deus e a consequente desordem! Uma guerra de narrativas começou e outros anjos perfeitos escolheram dar ouvidos àquele que se tornaria a serpente, o dragão aqui na Terra. Deus foi caluniado. Sua Lei, Seu caráter e Sua gestão foram denunciados caluniosamente! Diante disso, o Anjo Javé – o Deus que Se tornara anjo para ser uma eterna ponte entre Deus e os anjos –, após um período de tempo enorme e de muitas chances de reconhecimento e arrependimento, houve um ponto de inflexão. O pai da mentira cometera o pecado contra o Espírito Santo, crime eterno. Então, houve uma última guerra de narrativas no Céu, seguida de um enfrentamento militar entre os

- 12.8 todavia, não prevaleceram; nem exércitos liderados pelo Anjo Javé e pelo pai da mentira; no entanto, mesmo após essa primeira batalha, o caráter do pai da mentira não ficou claro para todas as criaturas perfeitas de Deus. Suas calúnias não foram de todo percebidas. Somente após o infinito sacrifício de Deus na cruz isso ocorreu, e um novo enfrentamento foi necessário, pois, com o sacrifício de Jesus, Ele teve o direito explicitado de reassumir o governo da Terra, mas o leviano usurpador desse título reagiu com uma nova batalha, nalguma região próxima do Céu! Nenhum anjo perfeito, nenhuma outra criatura não-caída tiveram mais dúvidas sobre a escolha obstinada e irreversível do originador da deformação. Sua intenção e estratégias antiDeus foram expostas, e o adversário de Deus e seus seguidores perderam completamente a credibilidade perante seus ex congêneres.
- 12.9 E foi expulso o grande dragão, a Sim, o pai da mentira foi expulso antiga serpente, que se chama do Céu mais de uma vez e definitivamente! Ele e seus seguidores diabo e Satanás, o sedutor de teimosos, avessos à Verdade. A partir da primeira expulsão eles para todo o mundo, sim, foi atirado inauguraram sua história como para a terra, e, com ele, os seus desertores e iniciaram seu governo anjos. paralelo à administração cósmica de Deus, agora fora do Céu, tentando alistar outras criaturas perfeitas no universo, por meio da fraude, da mentira e de toda sorte de sedução infame. Onde houvesse uma criatura perfeita, aquela tribo revolucionária tentaria torná-la imperfeita, maculada pelo engano e o pensamento de insurreição contra o governo de Deus. E quando a criação na Terra foi inaugurada, Deus permitiu a presença de Satanás ali como a mais clara evidência de que Ele não criou robôs, mas seres humanos à Sua imagem e semelhança, com perfeita liberdade e caráter divino, com absoluta ausência do mal, e

que poderiam perder tudo isso caso quisessem e manifestassem interesse pela deformação. Então, a partir do sexto dia da criação aqui na Terra, a serpente ficou de frente à mulher elaborando um estratagema para dar-lhe o bote e ganhar para suas fileiras toda a humanidade! Ali começou o conflito entre a Igreja de Deus na Terra e o dragão, mas com este último já tendo sido derrotado uma vez na primeira guerra celestial, e prestes a ser derrotado definitivamente após a morte substitutiva de Jesus na cruz e o conseqüente engrandecimento da Lei de Deus.

“Isso não significa que a guerra no Céu começou no fim dos 1.260 dias, ou no tempo em que Jesus ascendeu ao Céu. Temos um parêntesis aqui, sem uma referência direta ao que aconteceu. O Antigo Testamento mostra que uma guerra começou há muito tempo (Ezequiel 18:12-17, Isaías 14:12-14). Jesus disse: ‘Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago’ (Lucas 10:18). O ponto principal de Apocalipse 12 não é o tempo quando o conflito começou, mas o fato de que o dragão foi derrotado” (FEYERABEND, 2005, p. 104).

“O conflito entre o bem e o mal não começou na Terra, mas no Céu. O pecado é um mistério, chamado na Bíblia de ‘o mistério da injustiça’ (II Tess. 2:7), para cuja existência nenhuma desculpa pode ser encontrada. Quando Lúcifer levantou suas acusações contra Deus o Pai, o Filho se levantou em defesa do Pai, ‘e houve batalha no céu’” (RAMOS, 2006, p. 136 e 137).

“Os seis primeiros versículos deste capítulo, como vimos, levam-nos ao fim dos 1.260 anos em 1798, data que apontou o fim da supremacia papal. No versículo 7 é igualmente claro que somos levados para tempos anteriores. Até quando? Ao tempo introduzido no começo do capítulo, isto é, os dias do primeiro advento, quando com gênio infernal Satanás, operando por meio do poder de Roma pagã, procurava matar o Salvador da humanidade; e ainda mais atrás, ao próprio início do grande conflito entre a verdade e a iniquidade, quando no próprio Céu Miguel (Cristo) e Seus anjos pelejavam contra o dragão (Satanás) e seus anjos. Para obter provas de que Miguel é Cristo, ver Judas 9; 1 Tessalonicenses 4:16; João 5:28, 29” (SMITH, 1979, p. 183).

“A guerra parece assemelhar-se ao inferno, mas o estado de guerra, na verdade, iniciou-se no Céu. Ocorreu através de um conflito entre ‘**o dragão e seus anjos**’, de um lado, e ‘**Miguel e os Seus anjos**’ do outro. Miguel deve ser identificado como Jesus Cristo. (O nome ‘**Miguel**’ significa: ‘Quem é igual a Deus?’ Miguel é um ‘Anjo’ apenas no sentido de ser o supremo Mensageiro de Deus.) A guerra iniciada no Céu constitui o grande conflito entre Cristo e Satanás, e que até hoje ainda prossegue.

“Há, no verso 7 do capítulo 12, uma expressão que precisa ser corretamente entendida. Vejamo-la em diferentes versões da Bíblia: ‘Houve então uma batalha no Céu.’ (*A Bíblia de Jerusalém.*) ‘Então houve guerra no Céu.’ (*O Novo Testamento Vivo.*) ‘Depois houve guerra no Céu.’ (*A Bíblia na Linguagem de Hoje.*) Como estas expressões aparecem após a referência aos 1.260 dias, poderiam conduzir-nos à errônea suposição de que as hostilidades celestiais começaram ao término dos 1.260 anos do verso 6, ou no momento em que Jesus foi levado para junto do trono de Deus, no verso 5.

“No original grego, porém, não há qualquer palavra que pudesse ser traduzida

como 'então' ou 'depois'. A única tradução correta é: 'Houve peleja [ou batalha] no Céu', segundo apresentada em nossa versão *Almeida Revista e Atualizada* – isto é, sem qualquer indicação precisa quanto ao tempo em que a controvérsia iniciou. O Antigo Testamento mostra que a guerra começou há bastante tempo. Quando entramos em contato pela primeira vez com as criaturas viventes que se assentam em tronos ao redor do trono de Deus, constatamos que o profeta Ezequiel (que viveu por volta do ano 600 a.C.) mostrou que uma das criaturas viventes (Satanás, por certo) *já havia sido expulso do Céu*. Veja Ezequiel 28:12 a 17" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 328 e 329).

"Pecado eterno por parte dos anjos rebeldes que não aceitaram o 'chamado' de Deus e a eterna expulsão deles do Céu! 'Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás' (Ap 12:7-9). 'Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno [tártaro no grego], os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo' (II Pe 2:4, ARC)" (SILVA, 2012, p. 5).

"No livro de Ezequiel, Satanás é apresentado sob o símbolo do perverso rei de Tiro. Ali é mencionado que ele foi criado perfeito (Ezequiel 28:15), o que nos ajuda a entender que Deus não criou o diabo perverso, como o é na atualidade. Nos versos seguintes, descreve-se um processo de inexplicável autocorrupção que transformou esse ser perfeito, Lúcifer, em Satanás (adversário). A vaidade, o orgulho, a ambição e o querer colocar-se no lugar do Criador foram os passos degradantes que o levaram ao pecado (Ezequiel 28:16, 17), e fizeram dele o pai e iniciador do erro, da mentira e do pecado (João 8:44). Isaías 14:12-14, sob o símbolo do rei de Babilônia, mostra que a intenção de Satanás foi ser semelhante a Deus, estabelecendo seu trono ali onde está o Altíssimo" (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 2).

"Lúcifer, nome de origem latina que significa 'portador de luz', ou 'estrela da manhã', é apresentado nessa passagem [Is 14.12-14] simbolizado pelo rei de Babilônia. É mostrada sua intenção de ser semelhante a Deus, estabelecendo seu trono onde o Altíssimo está. Ele desejava elevar-se acima das estrelas de Deus e ser semelhante ao Altíssimo" (DONATO et al., 2018, p. 17).

"Neste contexto, tem início a rebelião cósmica, o grande conflito entre Cristo e Satanás, cujo desfecho é revelado no Apocalipse. [...] Satanás lançou dúvida quanto à palavra de Deus, levando Eva, e posteriormente Adão, a desobedecerem à ordem divina. Esse ato de rebelião, que se chama pecado, trouxe como consequência a culpa e a morte (veja Romanos 6:23), que não eram conhecidas pelo ser humano até aquele momento" (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 2).

"Satanás foi expulso do Céu no início do grande conflito, quando se rebelou contra o governo de Deus. Ele queria tomar posse do trono no Céu e ser 'semelhante ao Altíssimo' (Is 14:12-15). O inimigo permaneceu em aberta rebelião contra Deus, mas foi derrotado e exilado na Terra. Contudo, ao enganar Adão e Eva, Satanás usurpou o domínio de Adão sobre este mundo (Lc 4:6). Como governante autoproclamado da Terra e representante dela (Jo 12:31), ele reivindicou o direito de comparecer ao concílio celestial (Jó 1:6-12).

"No entanto, desde sua derrota na cruz, Satanás e seus anjos caídos têm estado confinados à Terra como uma prisão, até receberem seu castigo (2Pe 2:4, Jd 6). Por Sua morte, Jesus redimiu o que havia sido perdido e o verdadeiro caráter de Satanás foi revelado diante do Universo. 'Satanás viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o Universo celestial. Havia se revelado um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das simpatias dos seres celestiais. Daí em diante sua obra seria restrita' (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 761).

"O domínio sobre a Terra foi transferido de Satanás para Jesus perante todo o Universo, e Ele foi proclamado o governante legítimo sobre a Terra (Ef 1:20-22; Fp 2:9-11). Jesus previu esse acontecimento dizendo: 'Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso' (Jo 12:31). Com esse juízo sobre Satanás, 'veio a salvação,

o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo' (Ap 12:10). O diabo ainda terá poder limitado para causar dano ao povo de Deus na Terra, mas com a percepção de que 'pouco tempo lhe resta' (Ap 12:12). No entanto, embora lhe reste, de fato, pouco tempo, ele está fazendo tudo que pode para causar dor, sofrimento e destruição aqui na Terra" (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 102).

"[...] ao analisar-se a história de Satanás, qualquer que seja a versão que utilizemos, comprovamos que em realidade é uma tragédia. Numa das versões, Satanás é o anjo da luz. Num momento foi o maior dos anjos, mas seu orgulho o incitou a superar a Deus e foi preciso ser expulso do céu. Em outra versão, Satanás era um servo de Deus e obedecia seu juízo, mas perverteu seu serviço, convertendo-o por ocasião de pecado. Satanás é o exemplo máximo da tragédia que consiste em que o melhor se converta no pior. Tinha a possibilidade de ser o primeiro cidadão do céu e transformou-se no príncipe do inferno. Poderia ter chegado a ser o maior dos servos de Deus e transformou-se em seu mais acérrimo inimigo. Satanás é o melhor exemplo de um tipo de orgulho, que deseja fazer as coisas segundo sua própria vontade antes que obedecer à vontade de Deus" (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 307).

"Ele não se contaminou pelo pecado de alguém; foi nele que se originou o pecado. E como se originou nele o mal, sendo ele perfeito, glorioso e grandemente honrado por Deus com a maior posição celestial? Isto o mesmo profeta nos responde: 'Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor' (Ez 28:17). Sim, Lúcifer olhou para si mesmo, viu-se coberto de glória e beleza, chamou a atenção para si mesmo e creu que sua posição era inferior à que ele achava merecer. Achou que Deus fora injusto em não igualá-lo em posição a Seu Filho, colocando-o no trono junto de Si e fazendo-o participante de Seu governo universal. Daí, não podendo, por direito, galgar a posição que ambicionava, formulou um plano para exaltar-se a si mesmo.

"'Eu subirei ao céu', dizia Lúcifer no seu 'coração'; 'acima das estrêlas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, da banda dos lados do norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo' (Is 14:13, 14). Sua revolta começou no seu coração. Seu plano no seu coração foi bem definido: 1) Galgar uma posição mais exaltada; 2) um reino onde ele fosse o soberano do trono; 3) ser igual a Deus. Iniciou então por espalhar o descontentamento entre os anjos, inocentes e apresentar-lhes o seu plano dum governo à parte, fazendo-lhes inúmeras promessas se o acompanhassem em derrubar o governo de Deus para estabelecer a chamada 'nova ordem' que tinha em vista. E na verdade conseguiu ele seduzir a têrça parte dos santos anjos e arrastá-los para a sua órbita.

"Deus, porém, fêz tudo para salvar Lúcifer e os anjos que o apoiaram, da ruína que se seguiria se persistissem na rebelião. Todavia os rebeldes recusaram todo o conselho para se submeterem ao amoroso amor infinito como até ali o haviam feito. Diante da ousada recusa, determinou Deus que os rebelados fossem expulsos do céu. Foi então que houve batalha no céu: 'Miguel e os Seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos'. Miguel, que significa: 'Semelhante a Deus', é Cristo, o que pode ser comprovado por vários textos das Escrituras (Dn 10:13, 21)" (MELLO, 1959, p. 318 e 319).

"Com grande misericórdia, de acordo com o Seu caráter divino, Deus suportou longamente a Lúcifer. [...] Embora tivesse deixado sua posição como querubim cobridor, se contudo estivesse ele disposto a voltar para Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador, e satisfeito por preencher o lugar a ele designado no grande plano de Deus, teria sido reintegrado em suas funções. Chegado era o tempo para um decisão final; deveria render-se completamente à soberania divina, ou colocar-se em franca rebelião. Quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu disto. Era sacrifício demasiado grande, para quem fora tão altamente honrado, confessar que estivera em erro, que suas imaginações eram errôneas, e render-se à autoridade que ele procurara demonstrar ser injusta.

"Um compassivo Criador, sentindo terna piedade por Lúcifer e seus seguidores, procurava fazê-los retroceder do abismo de ruína em que estavam prestes a imergir. Sua misericórdia, porém, foi mal-interpretada. Lúcifer apontou a longanimidade de Deus como uma pro-

va de sua superioridade, como indicação de que o Rei do Universo ainda concordaria com suas imposições. Se os anjos permanecessem firmes com ele, declarou, poderiam ainda ganhar tudo que desejassem. Persistentemente defendeu sua conduta, e entregou-se amplamente ao grande conflito contra seu Criador. Assim foi que Lúcifer, 'o portador de luz', aquele que participava da glória de Deus, que servia junto ao Seu trono, tornou-se, pela transgressão, Satanás, o 'adversário' de Deus e dos seres santos, e destruidor daqueles a quem o Céu confiou a sua guia e guarda.

"Rejeitando com desdém os argumentos e rogos dos anjos fiéis, acusou-os de serem escravos iludidos. A preferência mostrada para com Cristo declarou ele ser um ato de injustiça tanto para si como para todo o exército celestial, e anunciou que não mais se sujeitaria a esta usurpação dos direitos, seus e deles. Nunca mais reconheceria a supremacia de Cristo. Resolvera reclamar a honra que deveria ter sido conferida a ele, e tomar o comando de todos os que se tornassem seus seguidores; e prometeu àqueles que entrassem para as suas fileiras um governo novo e melhor, sob o qual todos desfrutariam liberdade. Grande número de anjos deram a entender seu propósito de o aceitar como seu chefe. Lisonjeado pelo apoio com que suas insinuações eram recebidas, esperou conquistar todos os anjos para o seu lado, tornar-se igual ao próprio Deus, e ser obedecido por todo o exército celestial.

"[...] Muitos estiveram dispostos a dar atenção a este conselho, arrepender-se de sua desafeição, e procurar de novo ser recebidos no favor do Pai e de Seu Filho. Lúcifer, porém, tinha pronto outro engano. O grande rebelde declarou então que os anjos que com ele se uniram tinham ido muito longe para voltarem; que ele conhecia a lei divina, e sabia que Deus não perdoaria. Declarou que todos os que se sujeitassem à autoridade do Céu seriam despojados de sua honra, rebaixados de sua posição. Quanto a si, estava decidido a nunca mais reconhecer a autoridade de Cristo. A única maneira de agir que restava a ele e seus seguidores, dizia, consistia em vindicar sua liberdade, e adquirir pela força os direitos que não lhes haviam sido de boa vontade concedidos.

"Tanto quanto dizia respeito ao próprio Satanás, era verdade que ele havia ido agora demasiado longe para que pudesse voltar. Mas não era assim com os que tinham sido iludidos pelos seus enganamentos. Para estes, os conselhos e rogos dos anjos fiéis abriram uma porta de esperança; e, se houvessem eles atendido a advertência, poderiam ter sido arrancados da cilada de Satanás. Mas ao orgulho, ao amor para com seu chefe, e ao desejo de uma liberdade sem restrições permitiu-se terem o domínio, e as instâncias do amor e misericórdia divinos foram finalmente rejeitadas.

"Deus permitiu que Satanás levasse avante sua obra até que o espírito de desafeto amadurecesse em ativa revolta. Era necessário que seus planos se desenvolvessem completamente a fim de que todos pudessem ver sua verdadeira natureza e tendência. Lúcifer, sendo o querubim ungido, fora altamente exaltado; era grandemente amado pelos seres celestiais, e forte era sua influência sobre eles. O governo de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas de todos os mundos que Ele havia criado; e Lúcifer concluiu que, se ele pôde levar consigo os anjos do Céu à rebelião, poderia também levar todos os mundos.

"Tinha ele artificialmente apresentado a questão sob o seu ponto de vista, empregando sofisma e fraude, a fim de conseguir seus objetivos. Seu poder para enganar era muito grande. Disfarçando-se sob a capa da falsidade, alcançara uma vantagem. Todos os seus atos eram de tal maneira revestidos de mistério, que era difícil descobrir aos anjos a verdadeira natureza de sua obra. Antes que se desenvolvesse completamente, não poderia mostrar-se a coisa ruim que era; sua desafeição não seria vista como sendo rebelião. Mesmo os anjos fiéis não podiam discernir-lhe completamente o caráter, ou ver para onde sua obra estava a levar.

"Lúcifer havia a princípio dirigido suas tentações de tal maneira que ele próprio não pareceu achar-se comprometido. Os anjos que ele não pôde trazer completamente para o seu lado, acusou-os de indiferença aos interesses dos seres celestiais. Da mesma obra que ele próprio estava a fazer, acusou os anjos fiéis. Consistia sua astúcia em perturbar com argumentos sutis, referentes aos propósitos de Deus. Tudo que era simples ele envolvia em mistério, e por meio de artificiosa perversão lançava a dúvida sobre as mais claras declarações de Jeová.

E sua elevada posição, tão intimamente ligada com o governo divino, dava maior força a suas representações. Deus apenas podia empregar meios que fossem coerentes com a verdade e justiça. Satanás podia usar o que Deus não podia — a lisonja e o engano.

“Procurara falsificar a Palavra de Deus, e de maneira errônea figurara Seu plano de governo, pretendendo que Deus não era justo ao impor leis aos anjos; que, exigindo submissão e obediência de Suas criaturas, estava simplesmente a procurar a exaltação de Si mesmo. Era, portanto, necessário demonstrar perante os habitantes do Céu, e de todos os mundos, que o governo de Deus é justo, que Sua lei é perfeita. Satanás fizera com que parecesse estar ele procurando promover o bem do Universo. O verdadeiro caráter do usurpador e seu objetivo real devem ser compreendidos por todos.

“Ele deve ter tempo para manifestar-se pelas suas obras iníquas. A discórdia que sua conduta determinara no Céu, Satanás lançara sobre o governo de Deus. Todo o mal declarou ele ser o resultado da administração divina. Alegava que era seu objetivo aperfeiçoar os estatutos de Jeová. Por isso permitiu Deus que ele demonstrasse a natureza de suas pretensões, a fim de mostrar o efeito de suas propostas mudanças na lei divina. A sua própria obra o deve condenar. Satanás pretendia desde o princípio que não estava em rebelião. O Universo todo deve ver o enganador desmascarado” (WHITE, 2007, p. 13-16).

“Apocalipse 12 dá um resumo do grande conflito, através de quatro batalhas, nas quais Cristo e Satanás são as personagens principais” (COFFMAN, 1989b, p. 4).

“João agora apresenta rapidamente a história da grande controvérsia entre Satanás e Cristo no céu, desde a sua origem até o tempo da vitória de Cristo na cruz (Apoc. 12: 7-9; cf. Col. 2: 14 e 15), o final lançamento de Satanás a esta terra nesse tempo (Apoc. 12: 10-12), e o desenrolar da controvérsia na terra até ao tempo do fim [...].

“Embora o revelador esteja focalizando primariamente o ponto decisivo da controvérsia atingido no tempo da cruz, é próprio entenderem-se as palavras ‘houve guerra no céu’ como referindo-se também ao tempo anterior à criação da terra, quando se ciou a hostilidade do dragão, e Lúcifer aspirou a ser semelhante a Deus [...]. Nesse tempo ele e os anjos que simpatizaram com ele foram expulsos do céu (ver II Ped. 2: 4; Judas 6). Os anjos leais não compreenderam então plenamente todos os pontos de controvérsia envolvidos. Mas quando Satanás vilmente derramou o sangue de Cristo, patenteou-se completamente, e para sempre, a sua natureza diante do mundo celeste. A partir de então, as suas atividades foram mais restritas [...]” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 203).

“Miguel é um arcanjo que derrota Satanás na guerra celestial. Em Dn 12.1, é o protetor de Israel que o livrará da tribulação dos últimos dias [...]” (BÍBLIA, 2013a, p. 2062).

“A palavra traduzida por ‘anjo’, tanto a hebraica quanto a grega, significa ‘mensageiro’, indicando que o anjo é um mensageiro de Deus. Nos tempos bíblicos, às vezes era difícil distinguir se o mensageiro de Deus era humano ou angelical (Jz 13.2-22), porque os anjos costumavam se apresentar em forma humana, que podia ser masculina ou feminina (Zc 5.9). Também há certa confusão com respeito ao ‘anjo do Senhor’, uma vez que ele ora se assemelha a um simples anjo, ora se apresenta como o próprio Deus.

“No antigo Oriente Médio, os mensageiros humanos agiam como arautos, enviados especiais e embaixadores e representavam a autoridade de quem os enviava. De certa forma, os anjos agem na Bíblia como representantes de Deus. A ‘mensagem’ que um anjo transmitia podia ser verbal, mas também podia ser a execução de um castigo divino (2Sm 24.15-17), um serviço aos servos do Senhor (1 Rs 19.5-8) ou a tarefa de guardar o povo de Deus (SI 91.11).

“Criaturas semelhantes a anjos também eram comuns na mitologia dos povos vizinhos de Israel:

- Entre os deuses da **Mesopotâmia** [1], são mencionados os servos dos grandes deuses. Es-

sas divindades menores aparentemente agiam como mensageiros e agentes dos deuses superiores. Às vezes, os mitos apresentam os deuses menores como uma classe de camponeses celestiais, que fazia o trabalho servil para os deuses superiores, mas que, por serem muito pressionados, eram propensos a se rebelar contra seus chefes [2].

- As deidades menores — ou 'deuses pessoais' — do mundo antigo também agiam como espíritos protetores dos humanos (ideia semelhante à dos anjos da guarda e dos santos protetores). Pensava-se que guardavam as vidas dos devotos em troca de lealdade [3].
- Outro grupo de deuses menores eram os porteiros, descritos como criaturas espantosas e híbridas: touros com asas e leões com cabeças humanas. Estátuas colossais de tais criaturas ladeavam as entradas dos templos e palácios, e pensava-se que impediam a entrada de espíritos maus, servindo como guardiães e servos de deuses e reis. O Museu Britânico agora possui várias dessas estátuas, cada uma com mais de 3 metros de altura. Seus equivalentes egípcios eram a esfinge e a serpente uraeus.

“Os querubins e serafins bíblicos assemelham-se aos porteiros sobrenaturais do antigo Oriente Médio. Os querubins guardavam o caminho do Éden após a expulsão do homem e da mulher (Gn 3.24), e figuras desses seres alados vigiavam simbolicamente a arca da aliança e o tabernáculo (Êx 25.18-22; 26.1) [4]. Na visão de Isaías, os serafins estavam a serviço na sala do trono divino (Is 6). Os querubins às vezes são descritos de maneira que lembram as criaturas híbridas da antiga arte do Oriente Médio (Êx 37.9; Ez 10.1-11); alguns intérpretes acreditam que os serafins tinham a forma de serpente. Os querubins e serafins estão associados intimamente com a santidade, a soberania e a pureza de Deus” (BÍBLIA, 2013b, p. 1529).

“MIGUEL. Gr. *Michaēl*, uma transliteração do hebraico *Mika'el*, significando 'quem (é) como Deus?' Miguel é mencionado como 'um dos primeiros príncipes' (Dan. 10: 13), como 'o grande príncipe' (Dan. 12: 1), e também como 'o arcanjo' (Judas 9). A literatura judaica descreve Miguel como o mais elevado dos anjos, o verdadeiro representante de Deus, e o identificava com anjo de Jeová (ver Talmud *Yoma*, 37^a, ed. de Soncino, pág. 172; Midrash Rabbah, sobre Gen. 18: 3; Êx. 3: 2, ed. de Soncino, págs. 411 e 53). De acordo com Midrash Rabbah sobre Ex. 12: 29, Miguel era o anjo que vindicava Israel contra as acusações de Satanás (ed. de Soncino, pág. 222). Um cuidadoso exame das referências escriturísticas a Miguel leva à conclusão de que ele não é outro senão o nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo [...]” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 203).

“Nessa profecia Cristo é retratado tanto em Seu estado preexistente como Miguel, Capitão do exército do Senhor (ver Jos. 5:13-15; comparar com Dan. 12:1; I Tim. 2:5), quando no Seu estado encarnado como 'Filho varão' (verso 5 [de Ap 12]). A expulsão inicial e física de Satanás e seus anjos por Cristo (Miguel) é agora plenamente confirmada pela expulsão moral efetuada pela morte expiatória de Cristo. Os versos 10 a 12 enfatizam esta expulsão moral realizada pela morte do Salvador” (COFFMAN, 1989b, p. 10).

“Visto que a frase 'guerra no céu' (v. 7) pode ter uma aplicação dupla, descrevendo tanto o conflito original no céu entre Lúcifer e Deus como o conflito aqui na Terra entre Satanás e o Cristo encarnado, a frase 'não prevaleceram' poderia, apropriadamente, aplicar-se a ambos os estágios do conflito. Satanás não foi bem sucedido em nenhum dos dois. LUGAR DELES. Pode-se compreender esta frase como uma referência ou ao lugar outrora possuído, ou ocupado, por eles; ou ao lugar que lhes fora uma vez designado. Lúcifer era anteriormente o querubim cobridor ([...] Ezeq. 28: 14), e os anjos que se lhe uniram na rebelião retinham várias posições de responsabilidade. Estas, Lúcifer e seus anjos perderam quando foram expulsos do céu” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 203 e 204).

“Apocalipse 12:7 a 12 faz a transição para uma nova cena na história. A narrativa revela que, durante a ascensão de Cristo e Sua exaltação ao trono celestial, eclodiu uma guerra no Céu. Miguel e Seus anjos lutaram contra Satanás e seus anjos. Miguel (cujo nome significa 'Quem é como Deus?') é o comandante das hostes celestiais. Em outras partes da Bíblia, Ele é chamado de o grande príncipe (Dn 12:1; cf. 10:13, 21) e de arcanjo (Jd 9). Logo, a informação bíblica leva à conclusão de que Miguel é um nome escatológico para Cristo.

“Em Apocalipse 12, Cristo conduz o exército celestial no confronto contra Satanás. O inimigo e seus anjos revidam, mas perdem. Em consequência, Satanás e suas forças são expulsos do Céu e lançados para a Terra (v. 9). Quando aconteceu essa guerra, bem como a expulsão de Satanás e seus anjos? As pistas para responder a essa pergunta estão no hino que é ouvido no Céu após a expulsão do diabo (v. 10-12).

- ‘Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo’ (v. 10). O reino de Deus e a autoridade de Cristo foram estabelecidos após a morte de Jesus na cruz.
- ‘Foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus’ (v. 10). A acusação de Satanás não pode ter acontecido no início do grande conflito, porque os seres humanos ainda não haviam sido criados. Com frequência, o Antigo Testamento retrata Satanás acusando o povo de Deus na presença do Senhor (Jó 1; 2; Zc 3).
- Após ser expulso do Céu, Satanás percebe que lhe resta pouco tempo (Ap 12:12). Ele só reconhece isso após a morte de Jesus na cruz.
- Depois de ser expulso, Satanás começa a perseguir a igreja, durante o período profético de 1.260 dias (v. 13). Esse período se refere à Idade Média. Ele começou em 538 d.C. e terminou com a Revolução Francesa e a captura do papa Pio VI por Berthier, general de Napoleão, em 1798 d.C.

“Tudo isso revela que a guerra e a expulsão de Satanás do Céu, retratadas em Apocalipse 12:7 a 9, aconteceram após a morte de Jesus na cruz e Sua ascensão subsequente. Satanás foi expulso do Céu pela primeira vez no início de sua rebelião contra o governo de Deus. Ele queria tomar o trono celestial, a fim de ser ‘semelhante ao Altíssimo’ (Is 14:14). Ele se revoltou de forma aberta contra Deus, mas foi derrotado e lançado à Terra.

“Ao enganar Adão, o inimigo usurpou o governo e o domínio sobre esta Terra (Lc 4:6). Jesus o chamou de ‘príncipe deste mundo’ (Jo 12:31, ARC; 14:30; 16:11). Mesmo após ser expulso, Satanás ainda tinha acesso ao Céu. O livro de Jó o retrata participando de assembleias celestiais na presença de Deus e fazendo acusações contra Jó (Jó 1:6-12; 2:1-7). De maneira semelhante, Zacarias o contemplou em visão acusando o sumo sacerdote Josué perante a corte celestial (Zc 3:1, 2)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 71).

Silva (2012, p. 8) discorda da crença na qual Satanás, o pai do pecado, pode ir à presença de Deus sem ser fulminado! Para este autor “Satanás não foi ao Céu após sua expulsão de lá. Como representante da Terra, por usurpação (cf. Gn 2:15, 1:28 e Jo 14:30), ele levou sua questão a JAVÉ contra Jó num local onde a manifestação de Deus estava (lembre-se, Deus é onipresente!) ou, possivelmente, por meio dos anjos não caídos! Eu creio nesta última hipótese (embora ela não exclua necessariamente a primeira!) pelo fato de a Bíblia deixar muito claro que os anjos não caídos representarem muito bem ao próprio Deus!”. Na fundamentação da versão “Apocalipse – Possibilidades” dos versos Ap 12.10-12, este autor trata mais detalhadamente sua visão.

“A situação mudou com a morte de Jesus na cruz. O domínio sobre a Terra foi transferido de Satanás para Cristo. Sem dúvida, essa transferência de autoridade não ocorreu sem resistência da parte do inimigo, que, mais uma vez, se revoltou abertamente contra Deus. Na ocasião, Satanás e seus associados foram expulsos para sempre do Céu. Com a expulsão de Satanás, ‘veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo’ (Ap 12:10). Desde então, Satanás e os anjos caídos foram confinados como prisioneiros na Terra até receberem seu castigo (2Pe 2:4; Jd 6).

“Satanás não tem mais acesso às cortes celestiais e não pode mais acusar o povo de Deus no Céu. Embora o destino de Satanás tenha sido decidido com sua expulsão do Céu, sua derrota ainda não é completa. Ele ainda reivindica o domínio sobre a Terra, por isso o Céu faz esta advertência: ‘Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta’ (Ap 12:12). A referência à terra e ao mar aponta

para a dimensão global dessa advertência. A esse respeito, Apocalipse 13 é especialmente significativo, uma vez que um dos associados de Satanás surge da terra e o outro do mar, a fim de persuadir os habitantes da Terra a se aliar a ele na crise final” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 70 e 71).

“E’ êle o autor de toda a perversão que há no mundo. Suas primeiras vítimas foram os nossos primitivos pais no jardim do Éden. Fêlos crer que, obedecendo antes a êle do que a Deus, seriam mais felizes. E o resultado de ter o casal dado ouvidos antes às suas insinuações do que a Deus, tem o mundo visto por cêrca já de 6000 anos. Êle perverte os corações e transtorna os indivíduos, as sociedades, as corporações, as nações, etc.: joga uns contra os outros e faz crer que todos têm razão. Mantém a todos empenhados numa terrível batalha sangrenta. Ódio, orgulho, latrocínios, vingança, guerras, crimes, imoralidades, perversidade, desonestidade — é a sua ordem do dia ininterrupta através dos séculos, de milênios. ‘Todo o mundo’, diz S. João, ‘está no maligno’ (1ª Jo 5.19).

“Satanás é o verdadeiro autor de todo o sofrimento e da morte (Hb 2.14). Jesus adverte-nos contra os enganos de Satanás: ‘Acautelai-vos’, diz Êle ‘que ninguém vos engane’ (Mt 24.4). E o pior engano é o engano religioso. Deus e Seu Filho têm na terra uma única igreja. Satanás criou centenas de credos com dogmas anti-evangélicos e pôs nêles o nome de Deus e de Cristo, para confundir os homens e evitar que encontrem a verdadeira igreja cristã. Seus mais perigosos agentes são assim descritos: ‘Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito pois que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça: ao fim dos quais será conforme as suas obras’ (2ª Co 11.14, 15).

“Ao atormentar Satanás a humanidade com toda a sorte de males, o faz, não porque a odeie, mas porque ela pertence a Deus e a Jesus. Assim, nela, êle vingasse da derrota que lhe infligiram o Pai e o Filho e também do futuro castigo que seguramente lhe sobrevirá” (MELLO, 1959, p. 319).

“Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem considerar a lei de Deus como devia ela ser considerada; mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o Universo. Para este resultado de Seu grande sacrifício, ou seja, a influência do mesmo sobre os entes de outros mundos, bem como sobre o homem, olhou antecipadamente o Salvador quando precisamente antes de Sua crucifixão disse: ‘Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim. João 12:31, 32.

“O ato de Cristo ao morrer pela salvação do homem, não somente tornaria o Céu acessível à humanidade, mas perante todo o Universo justificaria a Deus e Seu Filho, em Seu trato com a rebelião de Satanás. Estabeleceria a perpetuidade da lei de Deus, e revelaria a natureza e os resultados do pecado. Desde o princípio a grande controvérsia fora a respeito da lei de Deus. Satanás procurara provar que Deus era injusto, que Sua lei era defeituosa, e que o bem do Universo exigia que ela fosse mudada. Atacando a lei, visava ele subverter a autoridade de seu Autor. Mostrar-se-ia no conflito se os estatutos divinos eram deficientes e passíveis de mudança, ou perfeitos e imutáveis.

“Quando Satanás foi arremessado do Céu, resolveu tornar a Terra o seu reino. Quando tentou e venceu Adão e Eva, achou que havia adquirido posse deste mundo; ‘porque’, dizia ele, ‘escolheram a mim como seu príncipe’. Alegava que era impossível ser concedido o perdão ao pecador, e, portanto, a raça decaída constituía legítimos súditos seus, e seu era o mundo. Mas Deus dera o Seu amado Filho — igual a Ele mesmo, a fim de suportar a pena da transgressão, e assim proveu um caminho pelo qual pudessem ser restabelecidos ao Seu favor, e de novo trazidos ao seu lar edênico.

“Cristo empreendeu redimir o homem, e livrar o mundo das garras de Satanás. O grande conflito iniciado no Céu devia ser decidido no próprio mundo, no próprio campo que

Satanás alegara como seu. Foi maravilha para todo o Universo que Cristo Se humilhasse para salvar o homem decaído. Que Aquele que passara de uma estrela para outra, de um mundo para outro, dirigindo tudo, suprindo pela Sua providência as necessidades de toda a ordem de seres em Sua vasta criação — que Ele consentisse em deixar Sua glória e tomar sobre Si a natureza humana, era um mistério que os seres sem pecado de outros mundos desejavam compreender. Quando Cristo veio ao nosso mundo sob a forma humana, todos estavam profundamente interessados em acompanhá-Lo, ao percorrer Ele, passo a passo, a vereda ensangüentada a partir da manjedoura ao Calvário.

“O Céu observou o insulto e zombaria que Ele recebeu, e sabia que isto foi por instigação de Satanás. Notaram a operação das forças contrárias a avançar, impelindo Satanás constantemente trevas, tristezas e sofrimento sobre a raça, e estando Cristo a reagir contra isso. Observaram a batalha entre a luz e as trevas, enquanto a mesma se tornava mais forte. E ao clamar Cristo em Sua aflição mortal sobre a cruz: ‘Está consumado’ (João 19:30), um brado de triunfo repercutiu por todos os mundos, e pelo próprio Céu. A grande contenda que estivera em andamento durante tanto tempo neste mundo, estava agora decidida, e Cristo era vencedor. Sua morte resolveu a questão de terem ou não o Pai e o Filho amor suficiente pelo homem para exercerem a abnegação e um espírito de sacrifício. Havia Satanás revelado seu verdadeiro caráter de mentiroso e assassino.

“Viu-se que o mesmo espírito, com que governara os filhos dos homens que estiveram sob o seu poder, ele teria manifestado se lhe fora permitido governar os seres do Céu. Unanimemente o Universo fiel uniu-se no engrandecimento da administração divina. Se a lei pudesse ser mudada, ter-se-ia podido salvar o homem sem o sacrifício de Cristo; mas o fato de que foi necessário Cristo dar a vida pela raça caída prova que a lei de Deus não livrará o pecador de suas reivindicações sobre ele. Está demonstrado que o salário do pecado é a morte.

“Quando Cristo morreu, ficou assegurada a destruição de Satanás. Mas, se a lei foi abolida na cruz, como muitos pretendem, a agonia e morte do amado Filho de Deus foram suportadas unicamente para dar a Satanás exatamente o que ele pedia; triunfou então o príncipe do mal, foram sustentadas suas acusações contra o governo divino. O próprio fato de que Cristo suportou a pena da transgressão do homem, é um poderoso argumento a todos os seres criados, de que a lei é imutável; que Deus é justo, misericordioso, e abnegado; e que a justiça e misericórdia infinitas unem-se na administração de Seu governo” (WHITE, 2007c, p. 44-46).

Para um estudo paralelo sobre a guerra ou as guerras no Céu, a atuação de Satanás como príncipe bastardo da Terra e a relação disso com os anjos não caídos e as outras criaturas perfeitas extraterrestres, acesse o livro [“O Plano da Redenção para os Anjos”](#).

12.10

Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus.

Quando finalmente a serpente seduziu nossos primeiros pais, então seu partido começou a governar um planeta do universo de Deus. Por alguns milhares de anos, até o nascimento do Emanuel, anjos de Deus observaram a filosofia desse partido, seu modo de operação e as alegações dos anjos ex perfeitos que optaram pelo partido de oposição. Mas na cruz do calvário, o altar do pátio terrestre do tribunal celeste, quando anjos perfeitos presenciaram os verdadeiros motivos da revolta do pai da mentira contra o Criador – inveja,

orgulho e egolatria –, eles expulsaram os anjos maus do Céu outra vez! Os demônios não mais conseguiriam esconder deles seu ódio e sua crueldade contra Jesus e Suas criaturas. Para sempre estava rompida qualquer simpatia entre os anjos divinos e os anjos diabólicos. Eu, João, ouvi alguém proclamando em alta voz: “Através do sacrifício do Cordeiro de Deus no altar da cruz, todas as criaturas perfeitas, as quais não se deixaram enganar pelos anjos maus, reconhecem o direito que Deus tem legitimamente em salvar a humanidade caída, salvá-la da atuação dos anjos caídos! Todas elas enxergam como Deus tem usado seu ilimitado poder nesse plano de redenção. Todas elas concordam que este planeta e tudo o que nele há pertencem a Deus e que só Ele possui autoridade legal sobre a Terra, Ele e o Seu Ungido! Definitivamente nós expulsamos o tirano impostor que usurpou o governo da Terra, nós o expulsamos do Céu e não queremos mais contato com suas narrativas desonestas e traiçoeiras! Sua denúncia caluniosa contra a Lei de Deus, Seu caráter e Sua gestão foi refutada de uma vez por todas, e ele arcará com o crime doloso cometido, e todas as demais transgressões. O que ele tem feito desde que assumiu a administração do planeta caído foi o que ele fazia quando habitava no Céu: calúnias disfarçadas de apresentação sincera das faltas cometidas por aqueles que, na verdade, são suas próprias vítimas, nossos queridos irmãos caçulas terráqueos! Não permitiremos mais a vinda do pai da mentira aqui no Céu para tentar disfarçar sua tirania diabólica contra Deus e nossos irmãos. Chega!

causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida.

irmãos, através da aceitação deles do sacrifício de Jesus em lugar da destruição da humanidade, e por seu estilo de vida obediente à revelação profética, pois mesmo sendo perseguidos e mortos por Satanás e suas cabeças político-religiosas, imitaram o Cordeiro e entregaram voluntariamente suas vidas por amor a Ele assim como Jesus voluntariamente entregou a Sua!

12.12

Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.

Todas as criaturas perfeitas de Deus, as que habitam no Céu e as demais espalhadas pelo universo, devem comemorar a beleza infinita do amor e da sabedoria divinos em Sua administração do universo – em particular, mas também sobretudo, Seu sacrifício em prol da restauração da humanidade, o qual revela o que Deus teria feito por qualquer um dos outros mundos habitados! Comemorem também a beleza dos frutos das ações divinas – vidas sendo libertas das garras do dragão! No entanto, as criaturas do planeta Terra ainda não podem comemorar, pois ao perceber sua derrota na cruz e que sua máscara caiu diante do universo de Deus, o maior estelionatário percebeu que sua profissão e obra estariam limitadas à Terra, e que, após a morte expiatória de Cristo na cruz, seu tempo até a segunda vinda de Jesus é muito pequeno. Seu ódio e sua crueldade só aumentaram contra a Criação de Deus na Terra, suas únicas e últimas vítimas”.

“Satanás aparece como o acusador por excelência. Na imagem judia do céu que prevaleceu no período intertestamentário, Satanás é o acusador, aquele que se opunha às almas dos homens, e Miguel o defensor. A imagem de Satanás como o acusador eterno do homem contém uma verdade e um simbolismo eternos. Segundo as palavras do H. B. Swete, Satanás é ‘o crítico cínico de toda obra de Deus.’ E segundo a expressão de Renan, ‘é o crítico malévolo de toda a criação.’ [...] Por outro lado, o pano de fundo histórico da época quando se escreveu o Apocalipse dá maior eloquência e sentido a esta imagem de Satanás. Era a era do delator, o informante, era um período governado por tiranos e havia os que faziam carreira da denúncia. Constantemente se prendia, torturava e matava as pessoas porque alguém as tinha delatado. Estes informantes pagos eram muito conhecidos durante esse período do império. Alguns anos antes, Tácito tinha escrito: ‘Quem carecia de inimigos era traído por seus amigos.’ O mundo antigo sabia muito bem como eram os acusadores malignos, cínicos e venais” (BAR-

CLAY; BIAGINI, 2005, p. 308).

“g) Diálogo semiaberto entre os anjos não caídos e os caídos. ‘Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante JAVÉ, veio também Satanás entre eles’ (Jó 1:6). Vamos entender esse importante versículo! Satanás e seus anjos foram expulsos do Céu ao tentarem tomar o trono de Deus (Is 14:12-14) antes da criação na Terra (Gn 3:1 e Ap 12:9). Mas, onde eles ficaram nesse ínterim? ‘Com a cauda ele arrastou do céu a terça parte das estrelas e as jogou sobre a terra’ (Ap 12:4, NTLH). ‘Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera’ (Ap 12:12). Ao que parece, os anjos maus escolheram voluntariamente residir no planeta que, futuramente, abrigaria a nova criação de Deus – os seres humanos, juntamente com animais e plantas.

“Talvez por isso, quando o Senhor Espírito começou a criação aqui, algum tempo depois, ‘a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas’ (Gn 1:2, ARC)! É como se o ex-Lúcifer tivesse algum sentimento de inveja e vingança com relação a futura criação na Terra, por algum motivo, como por exemplo, querer participar desse plano divino e ter sido impedido já que ele era criatura enquanto Miguel, o Pai e o Espírito eram o Criador, Aqueles que formam o único Deus soberano em todo o universo!

“Em verdade a rixa de Lúcifer pelo visto é com Miguel, o arcanjo (Jd 9), um dos chefes dos anjos ou um dos ‘primeiros príncipes’ (Dn 10:13), em verdade o maior deles, ‘o grande príncipe’ do exército de JAVÉ (cf. Dn 12:1 e Js 5:14), Aquele que recebe adoração, o ‘Anjo de JAVÉ’ (cf. Êx 3:2-6)! As Escrituras insinuam que Lúcifer quis o lugar de Miguel, Um dos Três. Possivelmente pelo fato de Miguel além de ser Deus, como os versos acima afirmam, ter assumido a natureza angelical e viver como anjo entre os anjos!

“No entanto, na hora de criar, isso não era tarefa para quem não passava de uma criatura; isso era para quem era Deus, de modo que Miguel fora chamado para as reuniões da Trindade a respeito da criação do ser humano, enquanto que Lúcifer, como qualquer outro dos anjos, não recebeu tal convite! ‘No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ela estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram’ (Jo 1:1-5, NVI). Miguel é a Palavra. Miguel é Jesus – o ‘Deus único’ (Jo 1:18) que possui outras duas naturezas, a angelical, desde muito tempo, e a humana, obviamente, a partir da encarnação (cf. Lc 1:35)! Miguel é a resposta da pergunta que compõe Seu Nome em hebraico: ‘Quem é como Deus é?’ Lúcifer se tornou Satanás porque não Lhe foi permitido, por um motivo óbvio, ser Miguel!

“Então, ao usar a violência no Céu de Miguel (cf. Ap 12:7 e Ez 28:16) contra Ele, seu próprio Criador, Miguel o expulsou, e Satanás veio deformar a Terra, o novo projeto de Miguel! Foi ele quem arrastou com seu engano (cf. Ap 12:4 e Is 9:15) uma quantidade enorme de anjos para nosso planeta, não foi Miguel quem os confinou aqui (pelo menos até o momento desta narrativa). Como não havia anjos nem homens aqui, até então, Satanás estava sozinho e desempregado, e o máximo que ele pode fazer foi deixar a Terra ‘sem forma’, ‘escura’ como um ‘abismo’ (cf. Gn 1:2).

“Talvez Miguel tenha aproveitado para profetizar para os anjos rebelados o estado deles e da Terra exatamente igualzinho ao que eles estavam vivenciando naqueles dias, mostrando para eles o resultado de sua rebeldia após mais de 6000 anos da tirania satânica sobre o mundo habitado e aliado aos anjos caídos! Sim, João (Apocalipse 20:1-3), Isaías 24:21,22 e Jeremias 4:23-26 descreveram vividamente os demônios novamente desempregados e a terra novamente sem forma, vazia de sua criação e completamente destruída pelo mal e pela vinda do Senhor Jesus Cristo (cf. II Ts 2:8)!

“Mas, os anjos não estavam presos à Terra (confira o Apêndice no final da pesquisa). Moisés, autor do livro de Jó, o viu na presença de JAVÉ conversando com Ele (Jó 1:6 e 2:1). Seria esse encontro no Céu, novamente? Raciocine com a Bíblia: JAVÉ ou Miguel havia lutado, vencido e expulsado Satanás do Céu (Ap 12:7-9). Como aquele anjo ousado, suicida e,

portanto, muito perigoso para a harmonia do universo, poderia viajar e fazer visitas regulares exatamente onde ele havia começado o terrível conflito contra Deus?! O bom senso bíblico pede que sejamos cautelosos e procuremos uma explicação para essa aparente contradição entre João e Moisés, os profetas autores dos livros em questão. E se a linguagem mosaica for figurada? Vários autores bíblicos a usaram em diferentes contextos, com diferentes significados, mas todos não literais!

“O próprio Moisés, escritor do Gênesis, descrevendo a fidelidade de Abraão, escreveu: ‘JAVÉ, em cuja presença eu ando, enviará contigo o seu Anjo e levará a bom termo a tua jornada,’ (Gn24:40). Paulo também fez uso desse método: ‘recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé’ (I Ts 1:3 e 3:9). Samuel, após declarar ao povo um traslado dos direitos do rei Saul, ‘escreveu-o num livro e o pôs perante JAVÉ’ (I Sm 10:25). Algo interessante ocorre neste e em vários outros textos bíblicos. Possivelmente os escritos do profeta Samuel foram colocados próximos ou dentro da arca da aliança (cf. Dt 31:26); ou seja, devemos entender que JAVÉ estava representado por aquele símbolo sacrossanto, e não que o livro escrito por Samuel foi arrebatado e colocado no Céu ‘perante JAVÉ’!

“Algo semelhante ocorreu com Salomão quando ele disse: ‘Bendito seja JAVÉ, o Deus de Israel, que falou pessoalmente a Davi, meu pai’ (I Rs 8:15). Porém, quando se lê II Samuel 7: 4,5,17 e 27, chega-se a conclusão que, por meio de uma ‘visão’ ou ‘revelação’, o profeta Natã recebeu de JAVÉ a incumbência de falar a Davi sobre a construção do Templo! Perceba que a expressão ‘pessoalmente’, lida isoladamente, dá um significado completamente diferente da realidade, donde vem a importância de termos uma visão geral da linguagem usada nas Escrituras para não darmos ao texto um significado não pretendido pelo seu autor! Satanás não foi ao Céu após sua expulsão de lá. Como representante da Terra, por usurpação (cf. Gn 2:15, 1:28 e Jo 14:30), ele levou sua questão a JAVÉ contra Jó num local onde a manifestação de Deus estava (lembre-se, Deus é onipresente!) ou, possivelmente, por meio dos anjos não caídos! Eu creio nesta última hipótese (embora ela não exclua necessariamente a primeira!) pelo fato de a Bíblia deixar muito claro que os anjos não caídos representarem muito bem ao próprio Deus!

“Alguns exemplos disso: JAVÉ disse a Abraão que desceria e veria o pecado de Sodoma e Gomorra que estava ‘vindo’ até Ele (cf. Gn 18:21). Duas lições implícitas aqui – Ele não desceu e viu fisicamente como [ou do mesmo jeito como] Ele estava conversando com Abraão (Gn 18), mas enviou os dois anjos que com Ele foram visitar fisicamente aquele patriarca! (Gn 18:21,22 e 19:1) Segundo ponto: o ‘clamor’ vindo daquelas cidades que estava chegando até JAVÉ, no Céu, possivelmente era o registro feito pelos anjos não caídos da maldade de seus habitantes e enviados a Deus! Não estou anulando a onipresença divina, muito menos definindo-a através dos anjos, mas estou destacando essa linda relação que existe entre JAVÉ e Seus anjos presente na Bíblia!

“Outro exemplo: Apocalipse 12:10 afirma que Satanás é ‘o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus’. Observe que, se entendermos o verso literalmente, cairíamos em vários erros que a Bíblia não contém – Satanás praticamente vive no Céu ou ele é onipresente, pois vê nossos erros e ainda tem tempo de vomitá-los diante de Deus; o originador do pecado vê Deus face a face e permanece vivo!

“Talvez, o que o profeta ouviu ‘do céu’ (Ap 12:10) signifique: Satanás acusava, até aquele momento, diariamente os redimidos por Jesus, proferindo aos anjos não caídos o que ele bem queria dizer, os quais registram as ocorrências terrestres e as levam até Deus! Portanto, entendendo assim, os ministros angelicais da Trindade tanto a representam como levam até o Céu o que se passa aqui em nosso planeta, não anulando, obviamente, a onipresença e onisciência divinas (cf. Gn 6:5,11, ‘à vista de Deus’).

“h) Fim permanente do diálogo entre os anjos não caídos e os caídos. Nova destruição das obras do diabo por parte do Senhor Jesus! Toda essa liberdade concedida a Satanás e seus anjos, de levar diante de Deus suas lorotas por meio dos anjos não caídos, segundo as Escrituras, teve um fim. ‘Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso’ (Jo 12:31). ‘Jesus respondeu: — De fato, eu vi Sata-

nás cair do céu como um raio' (Lc 10:18, NTLH). 'E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. "Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta' (Ap 12:9,10 e 12).

"Você percebe que Jesus, João e a 'grande voz do céu' estão falando de uma expulsão de Satanás do Céu posterior a primeira expulsão, a qual teve seu lugar antes mesmo da criação na Terra?! Vou lhe ajudar a enxergar este fato importantíssimo, a segunda expulsão do dragão, apresentado pelas Escrituras.

"O Senhor Jesus em João 12 afirmou que o mundo estava prestes a ser julgado e Satanás – o usurpador do principado de Adão e Eva – seria expulso. Mas, o julgamento dos habitantes de nosso planeta não se daria nos dias de Jesus, pois, caso assim ocorresse, todos estaríamos condenados, já que o Substituto do pecador arrependido não teria morrido em seu lugar e o próprio Juiz não estaria em Seu tribunal celestial para determinar as sentenças! Segundo o profeta Daniel o tribunal abriria suas portas e o julgamento no Céu começaria somente após a queda do império romano (cf. Dn 7), o que ocorreu mais de 400 anos depois da encarnação de Deus aqui na Terra (476 d.C.)!

"Se nosso Salvador não estava se referindo ao julgamento celestial dos pecadores terráqueos (cf. At 17:31), então que julgamento Ele tinha em mente? Algum tempo depois, Jesus asseverou: 'o príncipe deste mundo já está julgado' (Jo 16:11) ou 'condenado' (NVI). No tópico anterior (g) nós vimos a aparente liberdade que Satanás possuía ao conversar com os anjos não caídos e ter suas palavras levadas até Deus por aqueles seres não contaminados. No entanto, o Senhor Jesus, o Miguel, previu em João 12:31 que Satanás estava prestes a perder essa regalia e não somente isto – estaria julgado pelos anjos não caídos como não merecedor de nenhum tipo de favor por parte deles, ou seja, condenado à completa rejeição do Céu! Isto deve ter acontecido nalgum momento anterior à cruz, pois em João 12:32 o Senhor a mencionou e em João 16:11 Ele ainda não havia sido 'levantado' ou crucificado!

"Possivelmente, desde a (primeira) expulsão do Céu, os anjos não caídos toleravam Satanás, ainda que minimamente, uma vez que eles observavam sua conduta cruel e destruidora aqui na Terra. Talvez eles pensassem que o ex-Lúcifer não trataria seu Criador assim quando Ele viesse revestido da humanidade. Quando observaram a maldade diabólica dos anjos maus contra Aquele que Se submetera às péssimas escolhas humanas e descera para sacrificar-Se de maneira máxima por eles, para dar-lhes certeza de que ainda existia esperança para sua situação, para revelar-lhes o caráter todo-amável da Trindade e Seu esforço divino em favor de todos os pecadores humanos, e mesmo assim, Satanás dirigir sua energia para atrapalhar esta obra de redenção e destruir a própria vida (humana) de Jesus, talvez, então, a partir dessas observações os anjos não caídos 'julgaram' e 'condenaram' seus ex-companheiros de perfeição e os 'expulsaram' para sempre da posição dialogável tolerada por eles!

"Deus deu livre arbítrio para Seus filhos mais velhos que nós também, e Ele permitiu que eles tomassem essa decisão, realizassem esse julgamento a respeito de seu relacionamento com Satanás na Terra no tempo deles! Talvez isto explique muitos dos acontecimentos que envolvem dor e sofrimento em nosso planeta – o desdobramento do plano divino entre os anjos! Não enxergamos nada disso, mas talvez o que vemos sejam os resultados desse conflito angelical, claro, muito bem administrado pela Trindade. Assim sendo, uma vez que Satanás perdeu perante (alguns dos) os anjos não caídos o que ele nunca teve perante Deus – o direito de representar o planeta Terra nas reuniões interplanetárias (cf. Jó 1:6), de tê-lo como seu reino (cf. Mt 4:8,9) e de enviar recados para Deus por meio dos santos anjos – ele 'desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta' (Ap 12:12)!

"Alguns detalhes esclarecedores: Apocalipse 12:7 e 8 se refere à guerra militar ocorrida no Céu e seu resultado, expulsão de Satanás e seus anjos. Apocalipse 12:9 também se refere à derrota de Satanás, mas já com o segundo sentido da expulsão de João 12:31, pois

em Ap. 12:9 ele é chamado de títulos que até a primeira expulsão Satanás não possuía ('serpente', 'sedutor de todo o mundo')! Talvez Lucas 10:18 seja uma referência direta à segunda expulsão de Satanás, onde Jesus diz tê-lo visto caindo do Céu dias antes da Cruz! E Apocalipse 12:10-12 menciona que houve uma ordem de festa no Céu devido a salvação garantida para o pecador que a desejasse por meio da morte substitutiva de Jesus na Terra e a segunda expulsão de Satanás do Céu.

"Talvez vários anjos já não tolerassem o diálogo com o mal e as mensagens trazidas ao Céu enviadas por ele, e quando houve um consenso angelical quanto a isso, em algum momento próximo a crucifixão do Messias, então todos eles se alegraram naquele instante! Por outro lado, lamentaram profundamente pelos habitantes da Terra, pois, se os anjos maus mesmo divididos em destruir a humanidade e enviar recados para Deus já causavam tanta desgraça na vida das famílias humanas, quanto maior desgraça fariam eles após perderem o direito da segunda atividade, de modo que teriam todo o tempo para se concentrarem numa só realização!! 'Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta' (Ap 12:12).

"O 'diabo' ou o acusador não mais teria espaço no Céu. No entanto, acusaria um pecador por meio de outros e causaria grandes estragos no corpo de Cristo, na Igreja, por meio de discórdias! O mal sabe que após a Cruz "pouco tempo lhe resta". Mas, e eu, vivo consciente disso? De que não tenho mais tempo a perder com as coisas deste mundo que são exatamente armadilhas do derrotado, porém, bastante vivo inimigo de Cristo e de Sua obra redentora? Talvez Satanás tivesse o direito de chegar até os portões do Céu (cf. Sl 24:7- 10). Mas os anjos unanimemente tomaram dele o passaporte que ele usava para sair do planeta Terra e o atiraram e o confinaram aqui, a ele e aos "seus anjos" (cf. Ap 12:9 e 13).

"A partir da Cruz, Satanás foi confinado ao único planeta, em todo o universo de Deus, que se desgarrou e se perdeu (cf. Lc 15:5-7), mas que em 'pouco tempo' será redimido e elevado por Miguel, pelo Cristo, ao posto de capital do universo, o 'novo céu' (cf. Ap 21:1)! 'Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo' (I Jo 3:8). Não é à toa que os anjos não caídos amam estudar o plano da redenção dos homens, 'coisas essas que anjos anelam perscrutar' (I Pe 1:12)!

"A morte de JAVÉ encarnado na cruz além de salvar o planeta Terra do mal, salva a todo o universo de uma ressurreição do mal, pois revela de modo singular e inesgotável o compromisso do Criador com TODAS as Suas criaturas, em especial com as racionais e livres! Portanto, quem em são juízo pode afirmar que a Cruz é um assunto que se limita apenas a redenção dos homens?" (SILVA, 2012, p.5-11).

"Os versos 10 a 12 de Apocalipse 12 são considerados como um hino que interpreta o significado da grande batalha descrita nos versos 7 a 9 [...]. Apocalipse 12:10 não se refere exclusivamente à expulsão original de Satanás do Céu. O revelador está enaltecendo os eternos benefícios do Calvário. O Cordeiro conquistou a salvação por Sua morte. (Comparar com Apoc. 5:9 e 10.) A vitória da cruz resultou na expulsão do 'acusador de nossos irmãos'. Agora a vida eterna pode ser concedida a todas as pessoas arrependidas, quer tenham vivido antes ou depois da cruz. (Ver I. Cor. 15:17-23; Heb. 9:15.) O Calvário não somente é fundamental para a nossa salvação, mas constitui também a garantia de que o Universo será para sempre purificado dos resultados da rebelião de Satanás.

"[...] Note estas evidências de que Apocalipse 12:10-12 se refere ao tempo da crucifixão de Cristo:

1. Nos versos 9 e 10 é declarado várias vezes que Satanás 'foi expulso'. Jesus disse que Sua morte faria com que Satanás fosse 'expulso' (S. João 12:31-33).
2. A ênfase da palavra 'agora' (grego: *arti* - 'agora mesmo', 'neste momento'). 'Agora veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo.' Apoc. 12:10. A certeza absoluta da salvação humana só foi atingida no Calvário. Naquela ocasião o governo, a lei e a autoridade de Deus também receberam a confirmação do Universo leal. Depois de Sua vitória no Calvário, Jesus pôde dizer: 'Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra.' S. Mat.

28:18.

3. 'Foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus.' Apoc. 12:10. Esta declaração resume a longa história da atividade de Satanás entre o Éden e o Calvário. Isto seria verdade sob o aspecto da expulsão na cruz, mas são por ocasião da rebelião original de Satanás.

4. 'Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro.' (verso 11. Isto é uma referência direta ao Calvário (comparar com Apoc. 5:6 e 9). Pelos méritos da mesma morte expiatória que causou a queda de Satanás, o povo de Deus venceu as acusações de Satanás contra eles por causa de seus pecados. Jesus fez expiação pelos pecados no Calvário (I S. João 2:2; 4:10), e Satanás não pode fazer acusações plausíveis contra os crentes que estão em união com Cristo (ver Rom. 8:33 e 34).

5. A voz celestial convida todos os seres inteligentes dos domínios celestes a se alegrarem com a queda do inimigo universal (verso 12)" (COFFMAN, 1989b, p. 8-10).

"Na experiência de Jó, ficou revelado que, antes da morte de Jesus na cruz, Satanás exercia o direito de ser o representante da Terra (Jó 1:6-9; 2:1-4), direito este, que perdeu quando Jesus morreu na cruz. Quando Jesus ressuscitou, tornou-Se então o legítimo representante deste mundo. A morte de Jesus trouxe a reconciliação, e o acusador dos irmãos de Jesus foi expulso do Céu. Não admira que uma exclamação de regozijo e triunfo se ouvisse no Céu. A primeira queda de Satanás foi como anjo querubim, antes da semana da criação; a segunda, foi como representante do planeta Terra, por ocasião da morte de Jesus na cruz. Jesus fez menção a esta segunda expulsão quando disse: 'E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu' (Lucas 10:18)" (RAMOS, 2006, p. 145).

"Nosso grande segredo para vencer é apegar-nos a Cristo, pois Ele já venceu a Satanás nas tentações do deserto, na cruz e demonstrou Sua vitória ao ressuscitar dos mortos. O diabo sabe que está perdido, por isso se apresenta como um leão que ruga (I São Pedro 5:8), pois ao final do milênio apocalíptico será destruído no lago de fogo e enxofre (Apocalipse 20:10, 14; Ezequiel 28:18, 19)" (BELVEDERE, 1987, p. 12).

"Ao ser derribado o acusador e não lhe ser mais permitido galgar as cortes celestiais para acusar os servos de Deus, os habitantes dos céus regozijaram-se indizivelmente. Não mais veriam o indesejável pizar [sic] os átrios sagrados para depor contra aqueles pelos quais o Filho de Deus dera Sua vida na cruz. O inimigo estava definitivamente subjugado. À justiça de Deus no trato com o rebelde tinha sido reconhecida. A salvação estava assegurada ao gênero humano. 'E o reino de Deus, e o poder do Seu Cristo', estabelecer-se-iam na terra. Mas, 'ai dos que habitam na terra e no mar'. Por que? 'Porque o Diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo'. Avaliemos bem a declaração do céu: 'Porque o Diabo desceu a vós...' Éstes 'vós' são os habitantes da 'terra' e do 'mar' de que fala o texto. Sua ira é vibrada contra eles como uma vingança contra o Filho de Deus" (MELLO, 1959, p. 321).

"O ponto focal em Apocalipse 12 não é o tempo, ou ocasião, do início do conflito, e sim o fato de que o dragão fora derrotado. Este fora 'atirado para a Terra'. A passagem faz seguidas referências ao mesmo fato. 'Foi expulso o dragão. ... Foi atirado para a Terra e, com ele, os seus anjos. ... Pois foi expulso o acusador de nossos irmãos. ... Eles, pois, o venceram.' Face à notícia da derrota do dragão, ouve-se no Céu uma grande exclamação de júbilo. [...] Este autêntico grito de louvor acha-se localizado no próprio centro do Apocalipse, ou afastado um ou dois versos do referido centro. [...] Porventura não é o centro do livro o lugar apropriado para este cântico?

"O acusador de nossos irmãos foi vencido. A autoridade de Cristo foi firmemente estabelecida. E mesmo que Satanás continue a acusar nossos irmãos 'dia e noite', estes – que são nossos companheiros de jornada crista – estão aptos a triunfar sobre ele. Através de que meios? Pela virtude do sangue do Cordeiro, pela palavra do testemunho que deram, e por sua disposição em morrer, se necessário, antes que desapontar o seu Salvador. 'Mesmo em face da morte, não amaram a própria vida.' [...]

"Vimos, em Apocalipse 4:8, que as quatro criaturas viventes exaltam a Deus 'de

dia e de noite'. E evidente que Satanás, enquanto foi uma dessas criaturas, fez o mesmo. Agora, porém, Satanás acusa as pessoas de dia e de noite, procurando incessantemente encontrar nelas alguma fraqueza que possa apontar. Ele acusa até mesmo os 'nossos irmãos', as pessoas que mais próximas se encontram de Jesus. Talvez você conheça alguém que está manifestando semelhante comportamento depois de volver suas costas à verdade de Deus" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 329 e 330).

"O foco do tempo é a cruz (ver os coms. aos vs. 7, 9). Bem podiam os habitantes do céu regozijar-se, pois a destruição de Satanás estava assegurada. Esta já era certa no plano de Deus antes, mas agora as inteligências celestiais juntaram-se ao coro, pois tinham visto a malignidade de Satanás contra Cristo revelada no Calvário.

"SALVAÇÃO. Gr. *Sōtēria*, 'livramento', 'preservação', 'salvação', aqui, talvez, 'vitória'. O grego traz o ar artigo, daí o devermos ler 'a vitória'.

"PODER. Gr. *Dunamis*, 'poder', 'força', 'vigor'. A referência aqui é sem dúvida à manifestação de poder na vitória sobre o dragão.

"REINO. Satanás afirmara que era o governante por direito deste mundo. Seu fracasso em levar Jesus a pecar assegurou o reino para Cristo.

"[...] SEU CRISTO. Ou, 'Seu Ungido'. Cristo 'ungido' [...].

"Satanás era o acusador dos irmãos dias do VT (ver Jo 1: 8-12; Zac. 3: 1). Tem prosseguido nesse papel desde a cruz mas num sentido restrito [...]. Os escritos rabínicos frequentemente representam Satanás como o grande acusador (ver Talmud *Sanhedrin* 89b, ed. de Soncino, pag. 595; Midrash Rabbah, sobre Êx. 32: 2, ed. de Soncino, pag. 494).

"IRMÃOS. Compare-se o cap. 6: 11.

"DE DIA E DE NOITE. Isto é, quando quer que sentasse a oportunidade.

"VENCERAM. A mente do profeta esta absorvida na contemplação dos que tem sido acusados pelo instigador do mal. Pensa em quanto tem sofrido, e nas indignidades as quais têm estado expostos. Relembra como venceram em meio as dificuldades, não pela sua própria força, mas 'pelo sangue do Cordeiro'.

"PELO SANGUE. (ARA - 'por causa do sangue'). Literalmente, 'por causa do sangue', ou 'com base no sangue'. Os santos venceram por causa da vitória do Calvário.

"[...] PELA PALAVRA. (ARA - 'por causa da palavra'). Literalmente, 'por causa da palavra', ou 'com base na palavra'.

"SEU TESTEMUNHO. Isto é, seu testemunho pessoal concernente a Jesus e o evangelho.

"NÃO AMARAM A PRÓPRIA VIDA. Que fidelidade! Homens que preferem morrer a desobedecer a Deus.

"[...] POUCO. Gr. *Oligos*, 'poucos', 'pequenos', quando usado para números quantidades ou tamanhos; 'curto' quando usado para tempo. *Oligos* é um termo relativo e descreve aquilo com que está associado em termos de contexto. Assim, *oligos* descreve os 'poucos peixinhos' na narrativa da alimentação dos 4.000 em comparação com o número que seria preciso para alimentar aquela multidão (Mat. 15: 34). O número dos que encontram o caminho da vida são 'poucos' (*oligos*) comparado com o número dos que escolhem o caminho da destruição (Mat. 7: 14). Jesus impõe as mãos sobre uns 'poucos' (*oligos*) enfermos comparados com o número dos que poderiam ter sido curados não existisse ali tal incredulidade (Mar. 6: 5).

"*Oligos* é usado com referência a tempo em oito exemplos no NT. Em cinco desses exemplos o elemento tempo está implicado na palavra em si (Mar. 6: 31; Tia. 4: 14; I Ped. 1: 6; 5: 10; Apoc. 17: 10), e a palavra é traduzida respectivamente 'um pouco', 'por instante', 'por breve tempo', 'um pouco', 'pouco'. Em três exemplos o elemento tempo acha-se expresso pela palavra modificada por *oligos* (Atos 14: 28, que diz literalmente, 'não pouco tempo'; Heb. 12: 10; Apoc. 12: 12). A extensão de tempo expressa por *oligos* depende daquilo com o que ele é comparado. Por exemplo, o repouso descrito em Marc. 6: 31 como durando *oligos* provavelmente só durou poucos dias, ou, no máximo, poucas semanas. Por outro lado, em Tiago 4: 14, *oligos* descreve a vida momentânea dum homem. Em Apoc. 12: 12, *oligos* define o período da crucifixão de Cristo, até ao fim da tirania de Satanás sobre os habitantes da terra. Esse período de tempo é descrito como *oligos*, em comparação com os mais de 4.000 anos que precedem a crucifixão.

"Pode parecer que os 2.000 anos desde a crucifixão, durante os quais Satanás tem estado a operar ativamente contra a igreja, dificilmente seja 'pouco tempo', quer tomado absolutamente, quer comparado com 4.000 anos precedentes à crucifixão; contudo, esta expressão poderia ser entendida contra o fundo do teor total do livro de Apocalipse, que apresenta a segunda vinda de Cristo como próxima [...]. Se Jesus vem 'sem demora', então o tempo de que Satanás dispõe para operar é 'pouco' (NICHOL; FORTES, 1988, p. 207 e 210).

Certamente *oligos* em comparação com a idade de Satanás, de fato é *oligos*! Em comparação com a duração do grande conflito aqui na Terra, de fato é *oligos*! A idade de cada ser humano, mesmo a de Matusalém, é ainda menor que *oligos*. Portanto, a humanidade consegue sim aguentar este *oligos* que resta até que o mal seja erradicado da Terra, pelo poder de Deus.

12.13

Quando, pois, o dragão se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão;

De fato, o dragão com suas cabeças, ao reconhecer que não mais poderia estabelecer filiais de sua tirania em outros planetas, pois seria facilmente desmascarado pelas criaturas perfeitas devido seu histórico anticristão, anti-Deus e anti-Criação na História da humanidade, concentrou sua maldade contra a Igreja que Deus considera genuinamente Sua;

12.14

e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente.

e do mesmo modo que Ele procurou conduzir, proteger e sustentar o povo de Israel nas regiões desabitadas, após libertá-lo velozmente do Egito, Deus fez exatamente o mesmo com a Igreja perseguida pela cabeça do dragão chamada romanismo papal. Ao conduzir Sua Igreja rapidamente para o abrigo dos montes, nas florestas e em vários outros territórios despovoados, Deus sustentou Seu povo com a teologia bíblica durante os 1260 anos da supremacia papal, de modo que a serpente não conseguiu destruir o cristianismo genuíno.

“O dragão pode machucar o filho machucando à mãe. De maneira que ofender à Igreja significa ofender a Jesus Cristo. Quando Paulo se defrontou com Cristo no caminho a Damasco, as palavras que foram: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’ (Atos 9:4). Até esse momento a ira e a perseguição de Paulo se dirigiam contra a Igreja. Nestas palavras, o Cristo ressuscitado estabelece com toda clareza que a perseguição contra sua Igreja dirige-se contra Ele próprio” (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 310).

Salmos 55. 6-8 (Nova Almeida Atualizada): Então eu disse: “Quem me dera ter asas como a pomba! Voaria e acharia descanso. Eis que fugiria para longe e ficaria no deserto. Depressa eu me abrigaria do vendaval e da tempestade.”

Jeremias 48.9 e 28 (NAA): “Deem asas a Moabe, para que saia voando; as suas cidades se tornarão em ruínas, e ninguém morará nelas.” “Deixem as cidades e vão morar nos rochedos, ó moradores de Moabe. Sejam como as pombas que se aninham nos flancos da boca do abismo. [...]”

“Essa linguagem ecoa a saída de Israel do Egito (Ex 19:4). Assim como Deus cuidou de Israel durante os anos que o povo passou no deserto (Dt 8:15-18), Ele cuida da igreja durante o período profético de 1.260 dias em que ela está no deserto (538-1798 d.C.). Durante aquele período, o povo de Deus sofreu perseguição pelo poder do anticristo (Ap 13:5). A igreja romana perseguiu aqueles que optavam pelos ensinamentos bíblicos em vez da tradição. Milhões de cristãos sofreram martírio por sua fidelidade ao evangelho. O povo fiel a Deus encontrou refúgio em lugares isolados, a fim de escapar da perseguição e das influências corruptoras da igreja instituída” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 78).

“Durante esses 1.260 anos, o papado foi eclesiasticamente supremo nalguns países europeus. Durante a Idade Média, a Europa ocidental prestou homenagem ao Bispo de Roma. Os cristãos que preferiram seguir a Palavra de Deus foram perseguidos por causa de sua fé. A Igreja e o Estado uniram-se para destruí-los. A mão de Deus esteve Sua Igreja verdadeira, livrando-a da extinção. [...] Tempo, tempos e metade de um tempo = 360 + 720 + 180 = 1260 anos” (COFFMAN, 1989b, p. 12 e 13).

Um questionamento apropriado: o judaísmo – tão antagônico ao e algoz do cristianismo primitivo –, não deveria estar representado por uma das cabeças do dragão? De fato, as cabeças do dragão, como já detalhadas, são poderes usados por Satanás para perseguir o povo de Deus, mas poderes politicamente hegemônicos. Os judeus enquanto vassallos, escravos dos romanos, possuíam atuação política militar e poder jurídico para decretar a pena de morte completamente submissos aos ditames de seus patrícios. Não se vê os corruptos líderes do judaísmo perseguindo e matando cristãos. No máximo eles constrangem com ameaças de exclusão do rol de membros de uma sinagoga (cf. Jo 9.22, 12.42) ou levavam o caso para o Sinédrio (cf. At 6.12). O caso de Estêvão parece ser uma exceção a essa regra e uma fonte momentânea de execução paramilitar sumária. Isto se evidencia através de histórias como:

João 18.29-31 (Nova Almeida Atualizada): Então Pilatos saiu para falar com eles e perguntou: — Que acusação vocês trazem contra este homem? Eles responderam: — Se este não fosse malfeitor, não o teríamos entregue ao senhor. Então Pilatos disse: — Levem-no daqui e julguem-no segundo a lei de vocês. Ao que os judeus responderam: — Não nos é lícito matar ninguém.

Atos 9.1 e 2 (NAA): Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, tanto homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém.

“Desesperado Satanás por não poder vencer a Jesus na terra e também por não mais poder atingir as cortes celestes, procura vingar-se então na igreja. Imediatamente instou terrível perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém, empregando para isto o próprio povo judeu e o famigerado rei Herodes Antipas. As prisões foram abarrotadas de cristãos e se

fizeram notar os primeiros mártires da fé. A igreja dispersou-se de Jerusalém e, onde quer que os apóstolos e inúmeros outros crentes anunciavam a Jesus, eram tenazmente perseguidos pelo judaísmo.

“Por fim os imperadores romanos, alarmados com os progressos do cristianismo, desembainharam a espada, desde Nero a Deocleciano, e fizeram correr rios de sangue em todo o império romano. Depois de usar Roma-pagã contra a igreja, Satanás usou Roma-papal. Durante mais de doze séculos a mulher — a igreja — ‘fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus’. ‘Foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente’.

“As ‘duas asas de grande águia’ são evidências de que a igreja fôra obrigada a refugiar-se nas grandes alturas ou montanhas da Europa, para sobreviver às perseguições do dragão (Êx 19.4). Durante ‘1260 dias’ ou anos, os mesmos ‘um tempo, e tempos, e metade de um tempo’, era da supremacia papal de 538 a 1798, a verdadeira igreja cristã não era a dominante e perseguidora, mas a refugiada nos Alpes da Suíça e do norte da Itália, ou a ‘igreja do deserto’” (MELLO, 1959, p. 323).

“Aqui somos de novo levados ao tempo em que Satanás se convenceu absolutamente de que tinha fracassado em todas as suas tentativas contra o Senhor da glória na Sua missão terrestre. E vendo isso, voltou-se com decuplicada fúria, como já notamos, para a igreja estabelecida por Cristo. Logo vemos a igreja indo para aquela condição que aqui é denominada como uma fuga para ‘o deserto’. Isto deve representar um estado em que se encontra isolada dos olhos públicos e oculta dos seus inimigos.

“Aquela igreja que durante todos [toda] a Idade Média ditava suas ordens aos submissos ouvidos da cristandade, e ostentava seus ostentosos estandartes perante assombradas multidões, não era a igreja de Cristo. Era o corpo do mistério da iniquidade. O ‘mistério da piedade’ foi Deus manifestado aqui como homem. O ‘mistério da iniquidade’ foi um homem pretendendo ser Deus. Esta foi a grande apostasia produzida pela união do paganismo com a [o] cristianismo.

“A verdadeira igreja estava escondida. Adorava a Deus em lugares secretos. Podem considerar-se como bons exemplos disso as cavernas e lugares ocultos dos vales do Piemonte, onde a verdade do Evangelho foi apreciada como sagrada e era protegida da fúria dos seus inimigos. Ali Deus velava sobre a Sua igreja, e pela Sua providência a protegia e sustentava. As asas de águia que lhe foram dadas significam apropriadamente a pressa com que a verdadeira igreja foi obrigada a procurar refúgio quando o homem do pecado se instalou no poder. Para este fim lhe foi provida a assistência de Deus. A mesma figura é empregada para descrever as relações de Deus com o antigo Israel: ‘Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre as asas de águias, e vos trouxe a Mim.’ (Êxodo 19:4)” (SMITH, 1979, p. 185 e 186).

“Satanás continuou suas atividades na Terra, lançando sua fúria contra o grande objeto do amor de Cristo no mundo: a igreja. No entanto, a igreja encontrou proteção nos lugares desertos da Terra durante o período de 1.260 dias/anos. O período da perseguição empreendida por Satanás é mencionado duas vezes em Apocalipse 12 em termos de 1.260 dias/anos (Ap 12:6) e ‘um tempo, dois tempos e metade de um tempo’ (Ap 12:14).

“Ambos os períodos se referem à duração da ação perseguidora do chifre pequeno mencionado em Daniel 7:23 a 25. Na Bíblia, os dias proféticos simbolizam anos. O período da história que melhor se encaixa nesse período profético é 538 a 1798 d.C., durante o qual a Igreja Católica Romana, como poder eclesiástico e de Estado, dominou o mundo ocidental até 1798, ano em que Berthier, general de Napoleão, acabou com o poder opressivo de Roma, pelo menos temporariamente” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 103).

como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio.

para destruir a Igreja genuína nesse período, entre os anos 538 e 1798: encarceramento da Bíblia, enxurrada de crenças anti-bíblicas fabricadas pela usurpação papal da autoridade de Deus e outras superstições irracionais; alteração dos 10 mandamentos e outros revisionismos; globalização e aculturação sob o ubíquo mantra de pretensa autoridade divina e ameaças de castigos eternos; censuras e sanções econômico-político-religiosas; linchamento da reputação, humilhações e outras violências; torturas psicológicas e físicas e pena de morte.

12.16

A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca.

No entanto, a Igreja encontrou refúgio e alívio em: territórios desabitados; conflitos políticos mundanos nos quais a falsa Igreja papal se envolvia, os quais distraíam o pseudocristianismo perseguidor; a racionalidade e coerência da Reforma protestante; e a perda da popularidade decorrente dos irracionalismos em nome de Deus efetuados pelo catolicismo contra as nações. Tudo isso impediu a destruição da Igreja genuína a despeito das inúmeras tentativas satânicas.

“Vimos que nas imagens antigas o dragão do caos provinha do mar e por isso é bastante natural relacionar os rios com o dragão. Entretanto, aqui também temos outra imagem do Antigo Testamento. Nele, os juízos, as tribulações e as perseguições se comparam com rios caudalosos. ‘Todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim’ (Salmo 42:7; Salmo 32:6; Salmo 124:4; Isaías 43:2). O emprego que faz João da imagem do dragão que arroja água pode ser grotesco, mas procede de uma idéia que o Antigo Testamento conhecia muito bem e usava com freqüência” (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 311).

“Em Sal. 74: 13 e Ezeq. 29: 3, um dragão é identificado como um animal aquático; daí, provavelmente, a figura da água como um símbolo de destruição. Satanás procurou destruir um a igreja cristã pela inundação de falsas doutrinas, bem como pela perseguição [...]” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 211).

“Durante o período da supremacia papal já aludido, êste poder procurou afogar a igreja do deserto com cruzadas sanguinárias compostas de reis e exércitos fanáticos, guiados por monges e prelados sedentos de sangue inocente” (MELLO, 1959, p. 325).

“A serpente lançou de sua boca água como um rio para arrebatá-la igreja. Por suas falsas doutrinas o papado corrompeu de tal maneira todas as nações, que dominou absolutamente sobre o poder civil durante longos séculos. Por seu intermédio Satanás pôde arremessar uma poderosa inundação de perseguição contra a igreja em todas as direções, e não

tardou em fazê-lo. Milhões de crentes fiéis foram arrebatados pelo rio, mas a igreja não foi completamente tragada, pois os dias foram abreviados por causa dos escolhidos (Mateus 24:22)" (SMITH, 1979, p. 187).

"Quando o dragão ou a serpente arrojou os rios de água a Terra os engoliu e salvou a mulher. Não é difícil saber de onde extraiu João esta imagem. Na Ásia Menor era costume suceder com frequência que os rios fossem tragados pela areia durante algum trecho para voltar a reaparecer alguns quilômetros mais adiante. Havia um exemplo deste fenômeno perto de Colossos, uma região que João devia conhecer muito bem. Sabia que a terra podia engolir rios" (BARCLAY; BIAGINI, 2005, p. 311).

"No esforço de destruir a mulher, 'a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio' (Ap 12:15). Essa torrente de água que vem da boca da serpente lembra as palavras enganosas que ela proferiu no jardim do Éden (Gn 3:1-5). Da mesma forma, Satanás está tentando destruir o povo de Deus com uma enxurrada de falsos ensinamentos. No Antigo Testamento, a imagem de uma torrente de água é usada com frequência como símbolo dos inimigos do povo de Deus, que o atacam e destroem (Sl 69:1, 2; 124:2-5; Is 8:7, 8; Jr 47:2).

"A água como um rio que sai da boca do dragão tem dois significados: perseguição e falsos ensinamentos. São essas as armas que Satanás utiliza contra o povo de Deus durante o período profético de 1.260 dias na era medieval. No entanto, a terra resgata a mulher de maneira providencial, ao tragar a água mandada pelo dragão (Ap 12:16). Mais uma vez, João utiliza a linguagem do êxodo. Assim como a terra tragou os egípcios que estavam perseguindo os israelitas (Ex 15:12), a amistosa terra engole a torrente de perseguição e falsos ensinamentos que o dragão usou para tentar destruir a mulher" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 72).

"Em linguagem profética, águas representam povos (Apocalipse 17:15). Grandes exércitos foram comissionados pela Roma cristã com o propósito de perseguir. Que dilúvio de perseguição! Três milhões de pessoas deram suas vidas pela fé que aceitaram! Infelizmente, não foi apenas a Roma pagã que foi usada pelo inimigo para atacar. A igreja matou mais cristãos naquela época do que os pagãos jamais o fizeram! Nenhuma outra instituição na Terra derramou mais sangue do que a igreja. Os piedosos valdenses, escondidos nas cavernas, lendo a Bíblia, guardando o sábado, foram caçados como animais. No ano 1280, uma cruzada foi organizada contra eles. Em um ano, um milhão de valdenses foram mortos. Seu único crime foi estudar a Palavra de Deus e obedecê-la. De 1540 a 1580, 900 mil cristãos foram mortos pelos jesuítas por obedecerem sua consciência. E 150 mil foram mortos só na Inquisição" (FEYERABEND, 2005, p. 106).

"As cenas do grande conflito projetam-se para frente e para trás. Na cena introdutória, foi-nos dito que o grande dragão vermelho perseguiria a mulher ao longo de 1.260 anos. Agora, este período é focalizado novamente, e em maiores detalhes. É identificado como 'um tempo, tempos e metade de um tempo'. Veja abaixo. Durante esses longos e dolorosos anos, 'a serpente arrojou de sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio. A terra, porém, ... abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca'. Pelo fato de, muitas vezes, a água representar 'povos, multidões, nações e línguas', como em Apocalipse 17:15 e em outras partes deste livro e em Daniel, alguns comentaristas crêem que a 'água' arrojada da boca do dragão é um símbolo dos exércitos que muitas vezes foram comissionados pela Igreja Cristã Romana com finalidade persecutória.

"Segunda essa interpretação, a 'terra' que abriu a sua 'boca' e 'engoliu' a água, é considerada como símbolo de regiões relativamente desabitadas, para as quais os cristãos perseguidos fugiram em busca de refúgio. (Assim, o conceito de 'terra' acha-se em oposição ao de 'mar'. [...]) É fato notório que muitos cristãos obtiveram alívio da perseguição ao fugirem para as elevadas montanhas e vales dos Alpes, bem como nas escassamente povoadas colônias britânicas da América do Norte.

"Uma outra interpretação da água lançada pela serpente focaliza a atenção na 'boca' da mesma, pois esta é a fonte de onde flui a água. Essa interpretação traz à cena as

enganosas palavras que a serpente proferiu diante de Eva, em Gênesis 3, e vê a água como uma torrente de palavras enganadoras, um dilúvio de falsas doutrinas, uma cascata de mentiras. Segundo tal interpretação, a 'boca' da 'terra' que tragou a água, inclui a arqueologia e a geologia. A primeira provê evidências — encontradas na Terra — que ajudam a confirmar a exatidão histórica da Bíblia. A geologia provê evidências que ajudam a demonstrar a falência da teoria evolucionista, tais como a ausência de fósseis-chaves, a presença de dessemelhanças e a intensa complexidade até mesmo das mais elementares formas de vida.

"Observada como um todo, a linguagem simbólica pode ser considerada, em si mesma, como uma adaptação da história do Grande Dilúvio relatada em Gênesis 6 a 9. Se Deus não houvesse protegido a Noé e sua família, as águas do dilúvio universal teriam varrido da face da Terra a semente da mulher (tomando-se esta última expressão como sinônima da descendência de Eva, ou seja, a raça humana); conseqüentemente, esse evento teria impedido o aparecimento futuro de Jesus, a Semente especial. Entretanto, Deus protegeu uma família humana, e através desta preservou a raça como um todo.

"Depois que as águas do dilúvio prevaleceram por muitos dias, elas por fim cederam, sendo absorvidas pela face da Terra. Gênesis 8:13. Em Apocalipse 12:14, Deus preservava a mulher (símbolo, agora, da verdadeira igreja) de ser arrastada ao prover-lhe, não a arca de Noé, mas 'as duas asas da grande águia'. Uma vez mais, a linguagem é adaptada do Antigo Testamento. Quando os israelitas escaparam da escravidão egípcia, Moisés expressou-se dizendo que Deus os havia conduzido 'sobre asas de águia'. Êxodo 19:4. Noutro texto ele diz que Deus os sustentara sob os Seus 'braços eternos'. Deuteronômio 33:27. Os poderosos e amoráveis braços de Deus preservaram a Noé e sua família durante o grande Dilúvio, protegeram o povo de Israel durante o Êxodo e guardaram a verdadeira igreja durante os 1.260 anos" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 331 e 332).

"Antes do século dezesseis, homens possuídos do Espírito de Deus ergueram corajosamente a voz contra os grosseiros erros do fanatismo de Roma e da pretensão do papa de equiparar-se a Deus. Um destes invulneráveis baluartes foi João Wycliff, que começou sua obra em 1360 na Inglaterra. 'Wycliff destaca-se dentre todos os homens da cristandade, com características inconfundíveis. Aparece repentinamente em uma idade sombria, e sobressai diante dela com uma luz que não recebe emprestada das escolas, nem dos doutores da igreja, senão da Bíblia. Veio pregando um plano de reinstituição e reforma tão abarcante a que nenhum reformador tem podido acrescentar um só princípio essencial. Por êstes sólidos motivos tem direito a ser considerado como o pai da Reforma. Com sua aparição terminou a noite da cristandade, e amanheceu o dia que desde então tem continuado brilhando sempre mais' (*El Permanente Don de Profecia*, Arturo G. Danielss, 238).

"Wycliff deu a Bíblia ao povo inglês na língua vulgar e escreveu e publicou muitos folhetos contra os abusos dos frades e as pretensões de Roma. Não temeu os trovões da ira romana; antes prosseguiu com destemor na obra que Deus lhe confiara, fazendo resplandecer nas espessas trevas a gloriosa tocha do evangelho de Cristo, colocando assim os fundamentos da Reforma que viria dois séculos depois dêle. Um século antes de Lutero levantou-se João Hus, na Boêmia, erguendo a sua voz num clamor contra os erros espalhados pela igreja dominante que o levou ao poste do suplício para ser queimado. Não tardou muito que outra fogueira se acendesse, em Constança, aliás para abafar a voz de Jerônimo que com veemência denunciara as especulações errôneas do clero. E numerosos foram os portadores de luz que sucumbiram ao denunciarem as superstições de Roma antes do século dezessete. Mesmo dentro da igreja reinante havia muitos que suspiravam por suas corrupções da sã doutrina e apêgavam-se unicamente à verdade esperando uma reforma.

"[...] Vimos que o rio de que fala a profecia era simbólico das cruzadas papais contra a 'igreja do deserto', refugiada nos Montes Alpinos. Algo notável deveria ocorrer para refrear e anular as perseguições contra os valdenses das montanhas. A terra, no sentido da profecia, representava o mundo, a humanidade. Assim, um acontecimento na terra ajudaria a igreja. E que acontecimento tomou lugar naqueles dias de perseguição, que veio ajudar a igreja perseguida? A resposta, incontestável, é: A REFORMA DO SÉCULO DEZESSEIS. Sim, a Reforma que desde Wycliff manifestava seus clarões instala-se definitivamente" (MELLO, 1959, p.

327 e 328).

“A terra ajudou a mulher’, abrindo sua boca e tragando o rio. A Reforma protestante do século dezesseis começou a sua obra. Deus suscitou a Martinho Lutero e seus colaboradores para exporem o verdadeiro caráter do papado e quebrarem o poder com que a superstição tinha escravizado as mentes. Lutero afixou suas teses na porta da igreja de Wittenberg. A pena com que as escreveu, segundo o simbólico sonho do bom eleitor Frederico, da Saxônia, percorreu o continente e abalou a tríplice coroa sobre a cabeça do papa. Os príncipes começaram a abraçar a causa dos reformadores. Foi o amanhecer da luz e liberdade religiosa, e Deus não ia permitir que as trevas tragassem o seu fulgor.

“O encanto estava quebrado. Os homens viam as bulas e anátemas dos papas cair inofensivos a seus pés, à medida que ousavam exercer o direito recebido de Deus para reger suas consciências só por Sua palavra. Multiplicaram-se os defensores da verdadeira fé. E em breve houve suficiente terreno protestante na Europa e no Novo Mundo para engolir o rio da fúria papal e tirar-lhe o poder de danificar a igreja. Assim a terra ajudou a mulher, e tem continuado a ajudá-la até hoje, pois as principais nações da cristandade têm fomentado o espírito da Reforma e da liberdade religiosa” (SMITH, 1979, p. 187).

“Alguns defendem que a ‘terra’ aqui representa áreas em que havia escassez de pessoas, em contraste com ‘águas’, que por vezes representam ‘povos’, ‘nações’ e ‘línguas’ (cap. 17: 15). Apontam que no tempo da Reforma havia multidões de pessoas na Europa e no Extremo Oriente, mas que o continente norte-americano era dispersamente povoado. Assim apontam essa região como a ‘terra’ que traz alívio perseguida igreja do Velho Mundo. As terras protestantes da Europa Ocidental, que se tornaram abrigos da perseguição, podem também ser incluídas. Outros apontam a Reforma protestante em si como o maior fator na ruptura do fascínio da igreja apóstata. ENGOLIU. Isto é, tornou sem efeito os ardis de destruição” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 211).

“Durante esse longo período de perseguição, o dragão fez jorrar de sua boca água como um rio a fim de destruir a mulher. Águas representam povos e nações (Ap 17:15). Roma enviou exércitos e nações para guerrear contra o povo fiel de Deus durante esse tempo. Próximo do fim desse período profético, uma terra favorável engoliu o rio e salvou a mulher, proporcionando-lhe um abrigo seguro. Essa provisão indica o refúgio que os Estados Unidos, com sua liberdade religiosa, proporcionaram (Ap 12:16)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 103).

“Os primeiros dezesseis versos terminam em 1798 A.D., quando findaram os 1.260 anos que a Igreja passou no ‘deserto’. Em todas as épocas, até esse ponto, Deus teve verdadeiros seguidores que muito sofreram por Ele. Nalgumas ocasiões parecia que eles seriam eliminados da Terra, mas o diabo não teve permissão para extingui-los” (COFFMAN, 1989b, p. 17).

12.17

Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus;

A perseverança da Igreja de Deus só aumentou o ódio do pai da mentira, o qual, após o fim do período da tirania católica romana, depois de 1798, continuou guerreando abertamente contra os poucos cristãos persistentes, indivíduos espalhados pertencentes àquela Igreja! Nessa época eles serão caracterizados como estando a obedecer aos Dez Mandamentos de Deus, manter-se fiéis à revelação profética bíblica e receber o dom de profecia em seus dias também.

“Os versos 1 a 16 salientam várias vezes que o diabo atacou furiosamente a Cristo e Sua Igreja no decorrer da História. O contexto do verso 17 indica que a ira de Satanás é manifestada contra a Igreja depois de 1798. A Igreja do ‘tempo do fim’ (Dan. 12:7 e 9) é o alvo especial dos ataques demoníacos” (COFFMAN, 1989b, p. 18).

“GUARDAM OS MANDAMENTOS. O fato de os restantes serem assim identificados indica que os mandamentos Deus serão objeto especial de controvérsia nessa luta entre o dragão e a igreja [...]” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 212).

“Desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o intento de Satanás subverter a lei de Deus. Foi para realizar isto que entrou em rebelião contra o Criador; e, posto que fosse expulso do Céu, continuou a mesma luta na Terra. Enganar os homens, levando-os assim a transgredir a lei de Deus, é o objetivo que perseverantemente tem procurado atingir. Quer seja isto alcançado pondo de parte toda a lei, quer rejeitando um de seus preceitos, o resultado será finalmente o mesmo. Aquele que tropeçar em um só ponto’, manifesta desprezo pela lei toda; sua influência e exemplo estão do lado da transgressão; torna-se ‘culpado de todos.’ Tiago 2:10.

“Procurando lançar o desprezo sobre os estatutos divinos, Satanás perverteu as doutrinas da Escritura Sagrada, e assim se incorporaram erros na fé alimentada por milhares dos que professam crer nas Escrituras. O último grande conflito entre a verdade e o erro não é senão a luta final da prolongada controvérsia relativa à lei de Deus. Estamos agora a entrar nesta batalha — batalha entre as leis dos homens e os preceitos de Jeová, entre a religião da Bíblia e a religião das fábulas e da tradição” (WHITE, 2013, p. 508).

“E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra contra os demais de sua semente, que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.’ Apocalipse 12:17. Num futuro não muito distante haveremos de ver estas palavras cumpridas, quando as igrejas protestantes se aliarem com o mundo e o poder papal contra os que guardam os mandamentos de Deus. O mesmo espírito que atuou nos romanistas em épocas passadas há de induzir os protestantes a adotarem as mesmas medidas contra os que se conservam leais à lei de Deus” (WHITE, 2008, p. 140).

“Ann Landers disse: ‘Se Deus não considerasse importante nossa obediência a Ele, teria nos dado apenas dez sugestões.’ Muitas pessoas consideram os Dez Mandamentos como um conjunto de leis que não se aplicam aos dias atuais. Alguns chegam a dizer que a tentativa de guardar os Dez Mandamentos é uma forma de legalismo. Pensam que a lei do amor nos leva a agir, algumas vezes, de forma contrária aos Dez Mandamentos. [...] A obediência aos mandamentos nunca é apresentada na Bíblia como meio de salvação. Mas é muitas vezes apresentada como resultado e evidência da salvífica graça de Deus no coração. Está você desfrutando a salvação em Cristo no tempo presente? Em caso afirmativo, viver de acordo com os Seus mandamentos é uma alegria e um privilégio para você” (COFFMAN, 1989b, p. 21 e 25).

“O versículo 17 apresenta uma explosão final da sua ira, desta vez contra a última geração de cristãos que viveriam na Terra. Nós dizemos a última geração, porque a guerra do dragão é dirigida contra ‘os restantes de sua descendência’ [da mulher], ou seja, da verdadeira igreja, e só a última geração pode com verdade ser descrita como o resto. Se é correta a interpretação de que já alcançamos a geração que há de testemunhar o fim das cenas da Terra, esta guerra contra a igreja não pode estar num futuro muito longínquo. Este remanescente é caracterizado pela guarda dos mandamentos de Deus e por ter o testemunho de Jesus Cristo. Isto indica que nos últimos dias se realizaria uma reforma do sábado, porque só acerca do sábado, dentre os mandamentos, há uma diferença de fé e prática entre os que aceitam o Decálogo como lei moral” (SMITH, 1979, p. 187 e 188).

“Com o versículo quatorze chegamos ao ano 1798, até onde o dragão, por meio do papado, perseguiu a ‘igreja do deserto’, tendo vindo a Reforma amenizar os sofrimentos da igreja. O versículo dezessete, porém, leva-nos ao fim, ao fim da história da igreja de Cristo e bem assim ao fim da história do mundo, aliás, para além de 1798. E o dragão está novamente irado contra a igreja de Cristo, que é considerada um ‘resto’, evidência esta de que a ira do dragão predita no texto seria manifesta no fim da história secular e que neste fim a igreja não seria uma grande corporação, mas um ‘resto’, isto é, seria constituída de poucos membros em relação ao número de adeptos de igrejas anticristãs” (MELLO, 1959, p. 330).

Apesar desta constatação, o autor, nova e contraditoriamente, mantém a crença de que esse “resto”, esse povo pequeno e espalhado, é precisamente a denominação da qual ele faz parte.

“Ao tratarmos da profecia do capítulo dez, constatamos ali a anunciação de um grande movimento religioso no ‘fim do tempo’ iniciado em 1798 com a queda do papado, movimento êste que atingiu o ano de 1844. Nesta data, como pudemos apreciar, a pura pregação apostólica devia ser restaurada em sua perfeição e grandeza, sendo para isto imprescindível que surgisse um povo especial para restaurá-la. Certificamo-nos de que, em 1844, a única igreja que surgiu, aceitando tãda a Bíblia, ensinando-a e adorando no santuário celestial, que é o único centro de adoração da igreja de Cristo na era cristã, foi a igreja Adventista do Sétimo Dia, conforme as profecias de Daniel e do Apocalipse, como uma continuação da ‘igreja do deserto’ que mantinha os princípios apostólicos tanto na crença como na pregação. É, pois, contra esta igreja, que Satanás logo demonstrará sua terrível ira” (MELLO, 1959, p. 330).

De novo: os que cumprem Ap 10.11 e 11.1 e 2, bem como Ap 14.6-12 podem pertencer ao pequeno grupo de Ap 12.17. Tanto eles como os que, atendendo a mensagem deles, passam a obedecer a Deus e Sua revelação profética. Sem dúvida, alguns desses mensageiros foram/são/serão membros da IASD. No entanto, como atesta a própria história desta denominação (e de todas as outras), nem todos os matriculados foram/são/serão parte dos mensageiros espalhados de Ap 10, 11 e 14, e, portanto, não pertencem ao pequeno grupo de Ap 12.17. “Os que guardam” são os que cumprem, não os que estão matriculados numa denominação que professa guardar.

“Não pode haver nenhuma dúvida quanto à ira do dragão contra a igreja verdadeira de nossa geração. ‘Aquêles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e suas hostes. Satanás enumera o mundo como seus súditos, tem ganho contrôle das igrejas apóstatas; mas aqui está um pequeno grupo que está resistindo sua supremacia. Se êle pudesse eliminá-los da terra, seu triunfo seria completo. Ao influenciar as nações pagãs para destruir Israel, assim no próximo futuro êle comoverá os poderes ímpios da terra para destruir o povo de Deus’ (*Testimonies for the Church*, E. G. White, Vol. V, 472).

“[...] Os mandamentos de Deus referidos são os contidos na lei do Decálogo, a lei conhecida dos dez mandamentos. Esta lei é a carta magna do governo universal de Deus. Seus preceitos expressam o caráter de Deus, Seu legislador. Deus deseja que Seus filhos, através da obediência sincera de Sua lei, desenvolvam o Seu próprio caráter de Pai de amor e justiça. E foi o Senhor Deus mesmo Quem escrevera em tábuas de pedra, com Seu próprio punho, esta grande lei para Seus filhos. E a razão por que Deus mesmo preferiu escrever Sua lei, jaz no fato de ela ser uma parte da revelação demasiado sagrada e importante para ser escrita pela mão do homem. Aquilo que é a expressão de Seu caráter só Êle mesmo poderia escrever. Nisto jaz a importância da lei de Deus.

“Deus tem leis físicas e sábias para regular tãdas as Suas variadas obras em todo o Seu universo nos três reinos da natureza — mineral, vegetal e animal. Mas, para regular as relações morais e espirituais do homem para com Deus e do homem para com seus semelhantes, tem Êle a lei do Decálogo, os dez mandamentos. Os quatro primeiros preceitos põem o homem em harmonia com Deus e os seis últimos com o seu semelhante (Mt 22:35-39).

“Mas os homens estragaram o mundo de Deus fazendo-se legisladores em vez

de aceitarem a lei do Decálogo para viverem felizes e em paz uns com os outros. Só Deus, que conhece a natureza e necessidade do homem, pode dar-lhe leis perfeitas que regulem sua vida, trazendo-lhe paz e bem estar completos. E isto Êle fêz por Sua divina lei. Esta é uma lei para tôdas as raças e culturas humanas.

“A urgente necessidade do mundo hoje é um retorno à lei de Deus, os dez mandamentos. E a igreja desta profecia foi por Deus apontada para restaurar na terra a observância do Decálogo como única salvaguarda da paz e felicidade mundiais. E haverá pronta obediência à lei de Deus quando o coração estiver cheio de amor para com Êle” (MELLO, 1959, p. 330 e 331).

“Os que guardam”, não os meramente matriculados numa denominação que professa guardar, são os que cumprem a profecia. Uma “igreja” ou denominação, a menos que possua 100% de seus membros matriculados guardando os mandamentos, estará fora do cumprimento dessa profecia, embora possa ter membros seus que estejam cumprindo com precisão a previsão de Ap 12.17.

“O TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO. Em grego esta frase pode ser entendida ou como ‘o testemunho’ que os cristãos dão concernente a Jesus, ou como o ‘testemunho’ que provem de Jesus e é revelado a Sua igreja mediante os profetas [...]. Uma comparação com o cap. 19: 10 favorece claramente a última interpretação. Ali o ‘testemunho de Jesus’ é identificado como sendo o ‘espírito de profecia’, significando que Jesus está testemunhando a igreja por intermédio da profecia.

“A estreita relação entre o ‘testemunho de Jesus’ e a profecia é ainda demonstrada por comparação entre caps. 19: 10 e 22: 9. No cap. 19: 10, o anjo identifica-se como ‘conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus’, e no cap. 22: 9, como ‘conservo teu, e dos teus irmãos, os profetas’. Assim, pela conclusão razoável de que estas duas expressões do anjo são paralelas, os que têm o testemunho de Jesus são identificados com os profetas. Visto que obra característica dos profetas é dar as mensagens de Jesus ao povo [...], a interpretação de que o testemunho se refere ao ‘testemunho’ que Jesus confere à igreja é fortemente apoiada. Os adventistas do sétimo dia interpretam assim a passagem e creem que os ‘restantes’ serão distinguidos pela manifestação do dom de profecia em seu meio. O ‘testemunho de Jesus Cristo’, crêem, é o testemunho de Jesus em seu meio por intermédio do dom profético” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 212).

“A revelação é denominada de — Testemunho de Jesus — porque os profetas proferiram-na inspirados pelo Espírito de Jesus, o Espírito Santo: ‘Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo’ (2ª Pe 1.21). De acordo com a profecia e o exposto aqui, a verdadeira igreja de Jesus nesta atual geração, da qual temos falado, tem o ‘Testemunho de Jesus’. Um profeta, pelo menos, deve ter-lhe falado e orientado em nome de Jesus. A igreja, que não tem o ‘Testemunho de Jesus’, embora se chame cristã, não é Sua igreja na terra” (MELLO, 1959, p. 332).

“[...] seria razoável que esperássemos um reavivamento do dom de profecia no tempo do fim, manifestado entre o povo que crê na necessidade de se guardar os mandamentos de Deus. Já observamos ao longo de todo o debate mais amplo que a guarda dos mandamentos envolve a decisão de receber a bênção do sábado do sétimo dia. Os adventistas do sétimo dia [as^d] constituem o principal grupo que, no tempo do fim, crê na guarda do sétimo dia como sendo a do sábado. Os membros dessa igreja têm considerado os escritos de Ellen G. White como sendo divinamente inspirados. Sua produção literária, que ao longo da vida acumulou cerca de 100 mil páginas manuscritas, parece suportar plenamente os testes bíblicos de um profeta verdadeiro e de trazer em seu próprio bojo as evidências de que provêm de uma fonte divina. Esses escritos parecem ser o ‘testemunho de Jesus’.

“Os escritos de Ellen G. White têm falado com eficácia espiritual a pessoas de muitas culturas e idiomas. Caminho a Cristo já foi traduzido para 145 línguas e dialetos, fazendo com que Ellen White tenha se tornado, na verdade, ‘o quarto autor mais traduzido na histó-

ria da literatura, a mais traduzida dentre todas as escritoras, e o autor americano mais traduzido de ambos os sexos. Roger W Coon, *A Gift of Light* (Washington, D.C.; Review and Herald Publishing Assn., 1983), pág. 21.

“Por ocasião de sua morte em 1915, o jornal *Independent*, da cidade de Nova Iorque, disse a seu respeito: ‘Ela não demonstrou orgulho espiritual, tampouco buscou lucro corrupto. Ela viveu a vida e realizou o trabalho de uma genuína profetisa.’ Na década de 1950, o renomado arqueólogo William Foxwell Albright (que escreveu mais de oitocentos artigos e foi distinguido com vinte e cinco títulos de ‘doutor honoris causa’) investigou a vida de Ellen White e declarou que ela foi uma autêntica profetisa. Sua filosofia de educação, conforme expressa no livro *Educação* (editado pela Casa Publicadora Brasileira), foi publicado com retumbantes elogios pelo Governo do Japão. Suas orientações quanto ao viver saudável – tão estranhas na época em que foram escritas, tão ‘normais’ nos dias de hoje – têm sido realçadas por vários especialistas. Roger W Coon, *A Gift of Light* (Washington, D.C.; Review and Herald Publishing Assn., 1983), págs. 52-60.)

“Entretanto, uma pessoa que tenha recebido o dom de profecia, não deve ser avaliada a partir de recomendações. Fidelidade à Bíblia é o teste decisivo. Deus, ‘que não pode mentir’ (Tito 1:2), jamais revelaria a um porta-voz do tempo do fim alguma coisa contrária àquilo que Ele mostrou aos profetas bíblicos. A melhor forma de você decidir se Ellen White escreveu sob o poder de Deus, é lendo os seus escritos! Para citar um exemplo, eu recomendaria Caminho a Cristo. Se você desejar obras mais substanciais, leia O Desejado de Todas as Nações – uma impressionante biografia de Cristo – e O Grande Conflito. Todos os livros mencionados são publicados pela editora do livro que você está lendo. Muitas pessoas têm considerado estas obras como extremamente proveitosas” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 422, 423 e 436).

“A Igreja Adventista do Sétimo Dia crê a respeito da obra de Ellen G. White (1827-1915): ‘Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da Igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White.’ – ‘Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia’, *Seventh Adventist Yearbook*, 1987, pág. 7. Esta crença se baseia no fato de que a obra de Ellen G. White está à altura das provas bíblicas de quem um profeta é verdadeiro. Esta evidência inclui a harmonia de seus escritos com as Escrituras, os frutos de sua obra, o cumprimento de suas predições, sua exaltação de Cristo, bem como a natureza oportuna e prática e a exatidão de suas mensagens. Seu estado físico enquanto se achava em visão também constitui um fator corroborante. [...] (Ver ainda Joel 2:28-32; Efés. 4:11-14). [...] provas de um profeta verdadeiro [...]: Isa. 8:20; Apoc. 22:18 e 19; S. Mat. 7:15-20; Deut. 18:21 e 22; Jer. 28:9; I S. João 4:1-3” (COFFMAN, 1989b, p. 25-27).

Concordo. No entanto, admoesto mais uma vez: os que professam “guardar o testemunho de Jesus” simplesmente por estarem matriculados numa denominação que possui um profeta verdadeiro, são iludidos e ineficazes, não apresentam o resultado esperado, tanto quanto os que têm o remédio em sua casa, mas morrem por não usarem-no. Somente os que *tomam o remédio* é que são realistas e eficazes, e não todos os que *têm o remédio em casa* pelo fato de terem o remédio em casa! Novamente a ilusão da coletividade guardando os mandamentos – crença falsa –, é agora estendida para o conceito do ‘testemunho de Jesus’. Será que todos os *asd* são exímios conhecedores da Bíblia ao ponto de conhecerem o testemunho de Jesus na vida e escritos da profetisa Ellen? Será que 100% dos *asd* guardam o testemunho de Jesus? A instituição/coletividade se sobrepõe sobre os indivíduos? Só para os iludidos as respostas dessas indagações são positivas.

Rossi e Barbosa (2012, p. 18), embora tentando dar ênfase ao coletivo, a despeito deste ser efeito e não causa da fidelidade/infidelidade dos indivíduos que o compõe, reconhecem que: “Uma igreja assim pode ser conhecida, não por suas afirmações pretensiosas de santidade ou autoridade, mas sim por dois sinais apostólicos da verdadeira adoração: por sua obediência a todos os mandamentos de Deus e por apegar-se ao testemunho e à fé de Jesus (Apocalipse 12:17; 14:12).

“Hoje, os adoradores de Deus que possuem essas duas características estão em

identidade e harmonia com a igreja dos apóstolos. Isso quer dizer que a igreja remanescente está certa ao se igualar à igreja apostólica em suas crenças fundamentais e em sua adoração espiritual de Deus". Se a missão de uma instituição fosse alcançada apenas por sua profissão e não pelo cumprimento dela na vida de seus membros, então o romanismo seria o corpo de Cristo na Terra e Satanás seria Deus. Os indivíduos espalhados que "guardam", e não uma instituição (um monólito) que professa guardar – é assim, eu entendo, que a Ap 12.17 tem sido cumprido e se cumprirá.

Sem dúvida a existência de um CNPJ para administrar pessoas com crenças e práticas aparentemente comuns é uma ideia válida e até bíblica! A etnia abraâmica no passado pode ser relacionada aos procedimentos jurídicos da atualidade. No entanto, a ênfase que os autores *asd* dão ao CNPJ gera um *campo cego* que permite a esses autores e demais membros da IASD extrapolações do texto sagrado, como a crença de que Ap 12.17 se refere, não a CPFs espalhados pelo planeta, mas a um único CNPJ. Claramente se percebe isso em Oliveira *et al.* (2015, p. 41 e 42), Nichol e Fortes (1988, p. 213-219), para citar alguns. E mesmo fazendo ressalvas onde se diz que a denominação deles não crê que só seus membros serão salvos, e que pessoas sinceras de outras denominações também cumprem Ap 12.17, diante das declarações anteriores, as quais ultrapassam o que está escrito, tais ressalvas se aproximam de um pedido de desculpas demagógico.

E quando isso é colocado como uma condição para se matricular nesse CNPJ, na profissão pré-batistal, isso pode alastrar ainda mais a sensação de que a IASD monopoliza, em seu credo, o cumprimento de uma profecia que se refere à indivíduos dispersos, e não a um grupo que exige de seus membros a confiança no coletivo. Isso pode gerar uma psicologia fantasiosa.

"A lei de Deus e o Testemunho de Jesus não podem divorciar-se. A igreja que tem um deve ter o outro — um só não poderá possuir. [...] E' impossível uma igreja que rejeita a lei de Deus ou parte dela, que é o mesmo que rejeitá-la tôda, ter o Testemunho de Jesus. Quando na antiguidade Israel afastava-se da lei de Deus, o Testemunho de Jesus ou o Dom de Profecia, cessava, Deus não lhe despertava profetas. Há neste sentido textos muito claros e falam bem alto de que a violação da lei de Deus evita a comunicação com Deus através do Testemunho de Jesus — o Dom de Profecia (1º Sm 3:1; Lm 2:9; Ez 7:26; 20:1-3, 12-13, 18,-21). O último texto indicado enfatiza que a profanação do Sábado do sétimo dia, como dia santificado de Deus, afasta o Dom de Profecia e impede a comunicação com Deus (MELLO, 1959, p. 332).

Aqui também vejo com preocupação a mistura de ovelhas e bodes, trigo e joio feita. Colocar tudo dentro de um mesmo saco interpretativo revela como premissas falsas sustentam crenças igualmente falsas. De fato, o capítulo 20 do profeta Ezequiel representa e amplia o tema abordado nas outras passagens citadas acima por Araceli Mello. De fato, há um abismo entre a desobediência deliberada dos 10 Mandamentos e o dom de profecia. E é sobre isso que o profeta escreve! Ele não escreveu sobre qualquer desobediência aos 10 Mandamentos, e ele não colocou no mesmo saco a desobediência deliberada e a desobediência por desinformação/deformação. Moisés em Levítico deixou claro como Deus não coloca num mesmo saco desobediências de causas distintas, mas lida com cada um delas de modo diferente e igualmente sábio.

Aliás, no próprio capítulo 20 Ezequiel distingue entre "a casa de Israel" (v. 40) e os "rebeldes" (os que apostataram) contidos nela, mas prestes a serem "separados" (v. 38). Entre os indivíduos evangélicos (IASD inclusive) e romanistas, acredito que existam os rebeldes, ou seja, os transgressores voluntários e apóstatas; mas generalizar dizendo que ou a denominação obedece aos 10 Mandamentos ou ela não tem profeta verdadeiro, bem, isso não é bíblico. Confira mais sobre a distinção entre as causas da desobediência que a Bíblia faz em <http://blogdoprofh.com/2015/10/31/o-que-e-pecado/>.

"Era, pois natural, que, o Testemunho de Jesus — o Dom de Profecia — depois de ter cessado com a apostasia da igreja cristã, após a morte dos apóstolos, fôsse também restaurado. Na ilha de Patmos foi mostrada por antecipação a S. João, tôda a história da igreja

cristã, como a temos neste capítulo doze. Viu êle a restauração da lei de Deus incluso o Sábado com ela, e o Testemunho de Jesus, nos derradeiros dias, na Sua igreja — a mesma mulher simbólica do primeiro versículo deste capítulo” (MELLO, 1959, p. 332 e 333).

Se não houve uma apostasia absoluta, se Deus sempre teve um “restante” antes do e durante o tempo do fim, então não houve a perda do dom profético no sentido colocado por Araceli Mello (e outros autores *asd*). Pelo menos um indivíduo evangélico ou romanista (e fora do cristianismo) recebeu alguma revelação genuinamente de Deus. Assim como os 10 Mandamentos não foram desobedecidos por 100% da humanidade e rejeitados por ela completamente, creio que acontece o mesmo com o dom profético: ele sempre existiu e existirá até a volta de Jesus (cf. 1ª Co 1.6-8; por favor, confira os próximos autores, nos parágrafos subseqüentes).

Talvez Deus sempre tenha cultivado um pequeno jardim vistoso mesmo num vasto deserto, em todas as épocas, indivíduos dispersos entre as nações e culturas. De modo que a restauração da Lei e da revelação não é sinônimo da desobediência generalizada da primeira e inexistência da segunda. Embora o termo usado por João “os restantes” refute qualquer pretensão de grupo (coletividade) organizado, onde todos eles estão alinhados simultaneamente com a Bíblia e um único CNPJ, como citei mais acima, esse termo não significa a absoluta ausência da obediência aos 10 mandamentos e à revelação profética antes dos “restantes”, por um motivo muito simples: eles são “os restantes da sua descendência”, descendência da mulher, ou seja, antes deles a mulher leal de Ap 12.1 já existia. Um artigo que pode ser útil nessa discussão: http://blogdoprofh.com/2012/05/06/e-correto-afirmar-que-os-remanescentes_05/.

“O dragão não foi capaz de destruir totalmente a mulher, mas ele não desiste. Reposiciona-se para ‘pelejar com os restantes da sua descendência os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus’ (Ap 12:17). Essa passagem serve de introdução para Apocalipse 13, capítulo no qual Satanás se prepara para a batalha final contra o povo de Deus do tempo do fim. Ele se retira a fim de ficar pronto para o último ataque contra os fiéis. Para isso, escolhe a ajuda de dois aliados: a besta do mar (Ap 13:1-10) e a besta da terra (v. 11-18). Juntos, os três formam um triunvirato profano para travar a batalha final contra Cristo e Seu remanescente fiel.

“No Antigo Testamento, o termo ‘remanescente’ se refere àqueles que sobreviveram à destruição para dar seqüência ao povo fiel a Deus (Is 10:20 22; 11:11, 12; Jr 23:3; Sf 3:13). Ao longo de todo o Antigo Testamento, à medida que a maior parte da nação de Israel apostatava, sempre havia pessoas que permaneciam fiéis ao Senhor (cf. 1Rs 19:18). João utiliza o termo ‘remanescente’ [‘os restantes’] (gr., *loipos*) para se referir aos cristãos que continuaram fiéis a Deus nas igrejas de Tiatira e Sardes (Ap 2:24; 3:4). Ele também usa essa palavra para dizer que, no tempo do fim, à medida que a maioria das pessoas se une a Satanás e seus aliados, haverá um povo que manterá a lealdade a Cristo.

“O remanescente do tempo do fim tem duas características. A primeira delas é a obediência aos mandamentos de Deus. Apocalipse 13 mostra que, no tempo do fim, os quatro primeiros mandamentos do Decálogo terão importância central no conflito. Uma vez que a crise final diz respeito a adoração – quem deve ser adorado e quando – o quarto mandamento se tornará um teste de lealdade e obediência a Deus (cf. Ap 14:7). A segunda característica do remanescente do tempo do fim é a posse do testemunho de Jesus. Esse atributo está relacionado ao ‘espírito da profecia’ (Ap 19:10; cf. Ap 22:9).

“A expressão ‘o espírito da profecia’ era usada na época de João para designar a atitude do Espírito Santo de falar por intermédio dos profetas. Já a expressão ‘testemunho de Jesus’ se refere ao testemunho que Cristo dá de Si mesmo por intermédio dos profetas (Ap 19:10). Satanás fará todo o esforço para enganar e destruir o remanescente, mas o Apocalipse mostra que o povo fiel a Deus terá o dom profético para guiá-lo em meio a esses tempos difíceis.

“Ocorre então uma mudança na estratégia de Satanás em relação à tentativa de

conquistar pessoas para seu lado. A compreensão desse plano nos ajudará a evitar essa armadilha enganosa. Ao longo da história, Satanás tem atacado a igreja por meio de perseguição e coerção. Porém, quando começa seu ataque final contra o remanescente do tempo do fim, sua estratégia muda da coerção para o engano. Essa alteração de estratégia corresponde à transição do foco histórico para o escatológico no Apocalipse. É possível observar que o termo 'seduzir' não aparece nenhuma vez na seção histórica do livro (cap. 4-11), mas é usado com regularidade na seção escatológica (cap. 12-20), a fim de descrever as atividades de Satanás no preparo para a crise final.

"Na tentativa de ganhar a lealdade do mundo, o inimigo fará uma grande contração do Deus verdadeiro e de Seus esforços para salvar a humanidade. Apocalipse 13 observa que esse ataque é obra do dragão, da besta do mar e da besta da terra, um trio cuja missão é destruir a verdadeira Trindade (Ap 1:4-6). A partir de então, os membros dessa tríade satânica passam a estar inseparavelmente ligados na tentativa de enganar o mundo e afastar as pessoas do Senhor (Ap 16:13, 14; 19:20; 20:10)" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 72-74).

"Não está longe o tempo quando virá a prova a cada alma. A observância do falso sábado será imposta sobre todos. A controvérsia será entre os mandamentos de Deus e os mandamentos dos homens. Os que passo a passo têm-se rendido às exigências mundanas e se conformado a mundanos costumes, então render-se-ão aos poderes existentes, em vez de se sujeitarem ao escárnio, ao insulto, às ameaças de prisão e morte. Nesse tempo o ouro será separado da escória. A verdadeira piedade será claramente distinguida da piedade aparente e fictícia. Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho tornar-se-ão trevas. Os que têm cingido os ornamentos do santuário, mas não estão vestidos com a justiça de Cristo, aparecerão então na vergonha de sua própria nudez.

"Entre os habitantes do mundo, espalhados por toda a Terra, há os que não têm dobrado os joelhos a Baal. Como as estrelas do céu, que aparecem à noite, esses fiéis brilharão quando as trevas cobrirem a Terra, e densa escuridão os povos. Na África pagã, nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os escuros recantos da Terra, Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente a um mundo apóstata o poder transformador da obediência a Sua lei.

"Mesmo agora eles estão aparecendo em toda nação, entre toda língua e povo; e na hora da mais profunda apostasia, quando o supremo esforço de Satanás for feito no sentido de que 'todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos' (Apocalipse 13:16), recebam, sob pena de morte, o sinal de submissão a um falso dia de repouso, esses fiéis, 'irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa', resplandecerão 'como astros no mundo'. Filipenses 2:15. Quanto mais escura a noite, com maior brilho eles refulgirão" (WHITE, 2007d, p. 114).

"[...] o povo de Deus do tempo do fim é descrito em Apocalipse 12:17 como aqueles que (a) guardam os mandamentos de Deus e (b) têm o testemunho de Jesus (que é o 'Espírito de Profecia', de acordo com o capítulo 19, ver só 10). Concluímos, assim, que Deus desejava que soubéssemos que os Seus 'santos' do tempo do fim se notabilizariam por esses dois aspectos. Paulo falou da igreja que aguarda o segundo advento como aquela a quem não falta 'nenhum dom'. I Coríntios 1:7. Somos levados a crer que Apocalipse 12:17 prediz o surgimento, no tempo do fim, de um grupo de cristãos que se destacariam pela guarda dos mandamentos de Deus e também por possuírem (terem) o renovado dom profético, manifestado numa pessoa (ou pessoas), sobre a qual repousaria o dom de profecia, tal como ocorreu nos tempos bíblicos.

"Poderíamos dizer muito mais a respeito deste assunto. Atendo-nos às limitações de espaço e tempo, chegamos aqui à conclusão de que são corretas as traduções que mantêm o texto de Apocalipse 12:17 o mais próximo possível do grego correspondente, ou seja, 'têm o testemunho de Jesus', e de que o significado desse texto é que o movimento dos últimos dias, que enfatiza a guarda dos mandamentos de Deus, também experimentaria uma renovação do espírito de profecia" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 421 e 422).

“E ME PUS EM PÉ. (ARA ‘e se pôs em pé’: em nossa versão estas palavras constituem o cap. 12: 18). A evidencia textual favorece a versão ‘e ele se pôs em pé’. Se esta versão for adotada, seria melhor juntar a frase, ‘e se pôs em pé sobre a areia do mar’ ao cap. 12: 17, como é feito em certas edições gregas e versões inglesas (ver RSV). O ‘ele’ referir-se-ia ao dragão, que se põe em pé sobre a praia esperando que besta emerja, a quem é seu propósito investir com seu poder e autoridade (cap. 12: 2) [na verdade, 13.2]. Se a versão ‘eu me pus pé’, for adotada, João está simplesmente descrevendo a posição em que se achava ao ver a besta ascendendo.

“AREIA DO MAR. O mar aqui representa, sem dúvida, povos, nações e línguas (ver os coms. sobre o cap. 17: 1, 2 e 8)” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 221).

Referências:

BARCLAY, William. **O Novo Testamento Comentado por William Barclay**. Tradução: Carlos Biagini. São Paulo: Paulinas, 2005.

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGsvt5h81TkGtG2mfcwW7wPZk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

BÍBLIA, Apocalipse. Português. Bíblia de Estudo Arqueológica NVI. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, p. 2042-2076, 2013a.

BÍBLIA, Zacarias. Português. Bíblia de Estudo Arqueológica NVI. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, p. 1525-1544, 2013b.

COFFMAN, Carl. **Lições da Escola Sabatina**, 3º Trimestre de 1989b, nº 375, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

DONATO, Everon; ROSSI, Rafael; SUÁREZ, Adolfo; LEMOS, Felipe; BARBOSA, Wellington; DIAS, Jórmarson;

CAVALCANTI, Diogo; SILVA, Guilherme; DIAS, Fernando. Apocalipse, Revelações de Esperança. **Guia de Estudo Bíblico**, 2018. Disponível em: <<https://downloads.adventistas.org/pt/ministerio-pessoal/estudos-biblicos/estudos-biblicos-apocalipse-revelacoes-de-esperanca/>>. Acesso em: nov. 2020.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELLMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sobre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

NICHOL, Francis D. (Ed.). **Comentários sobre Apocalipse**: the seventh-day Adventist bible commentary. Tradução de Valério Silva Fortes; Revisão de Rosângela Rocha. 5 ed., v. 2. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia-IAE, 1988.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 2, 2006.

ROSSI, Rafael; BARBOSA, Wellington Vedovello. Apocalipse, o fim revelado. **Guia de Estudo Bíblico**, 2012. Disponível em: <https://evangelismo.s3.amazonaws.com/estudos_Apocalipse_ofimrevelado.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

SILVA, Hendrickson Rogers Melo da. **O Plano da Redenção para os Anjos**. 2012. Disponível em: <<http://blogdoprofh.com/2018/11/03/livro-o-juizo/>>. Acesso em: jun. 2020.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

STEFANOVIC, Ranko; NASCIMENTO, Cecília Eller. **O Apocalipse de João**: desvendando o último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

TIMM, Alberto R. A Importância das Datas de 508 e 538 d.C. para a Supremacia Papal. **Parousia**: Revista do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Sede Brasil, v. 4, p. 7-18, 2005.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**, 2007a. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/audiobooks/aa/Atos%20dos%20Ap%C3%83%C2%B3stolos.pdf>>. Acesso em: nov. 2020.

_____. **Obreiros Evangélicos**, 2007b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Obreiros%20Evang%C3%A9licos.pdf>>. Acesso em: nov. 2020.

_____. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

_____. **Patriarcas e Profetas**, 2007c. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: dez. 2020.

_____. **Patriarcas e Profetas**, 2007d. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Profetas%20e%20Reis.pdf>>. Acesso em: dez. 2020.

_____. **Testemunhos Seletos**, v. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%202.pdf>>. Acesso em: nov. 2020.

Apocalipse 13

Ap Texto (ARA, 3ª ed)

Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo

- 13.1 Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia.
- Eu, João, também vi uma instituição político-religiosa-ocultista surgindo com imensa popularidade. Ela veio antes das monarquias europeias e influenciou fortemente o surgimento delas, as quais vieram após o declínio do império romano. Essa instituição poderosa desde o seu início é o catolicismo romano – a continuidade do império pagão disfarçado de cristianismo. Essa igreja, assim como o império do qual ela herdou o sobrenome, possuía uma sede em Roma, a cidade das 7 colinas, um território em expansão e tentáculos funcionais que permeiam toda ela, onde o papado é um deles. E o pai da mentira usou os cristãos nominais desde a origem desse sincretismo religioso-pagão-ocultista para seduzir mentes descuidadas com a mistura de Bíblia com a filosofia grega, idólatra e espiritualista (além da herança babilônica anterior aos gregos e suas vertentes posteriores: cabalismo, gnosticismo, templários, rosacrucianismo, jesuitismo e maçonaria), de onde vieram os dogmas blasfemos do cristianismo paganizado (ou romanizado) tais como: pecadores concedem ou vendem indulgências (simonia) – o perdão divino para pecadores; pecadores podem substituir o trabalho sumo sacerdotal divino inerrante de Jesus Cristo lá no Céu, aqui na Terra; mariolatry/mariologia panteística, blasfema e idólatra; um pedaço de pão se torna literalmente o corpo de Jesus; e criaturas podem editar os 10 Mandamentos do Criador! E isso é só um breve resumo da leviana e soberba atuação blasfema do cristianismo romanizado.

“O capítulo 12 de Apocalipse descreve os ataques de Satanás contra o povo de Deus, incluindo a perseguição empreendida por Roma pagã e posteriormente por Roma papal durante os 1.260 dias/anos (538 d.C. a 1798 d.C.; veja Ap 12:6, 13, 14 [...]). O capítulo 13 descreve detalhadamente os ataques de Satanás ao longo da história, com a ajuda de dois aliados, retratados como bestas. Sob a direção de Satanás, o dragão e essas duas bestas se unirão no fim para se oporem às ações redentivas de Deus e buscar conquistar a lealdade do mundo.

“Uma advertência é necessária. É mais fácil interpretar profecias que já foram cumpridas. Quando analisamos as profecias que ainda se cumprirão, como no caso do estudo de terça-feira [Ap 13.11-18], precisamos ser cautelosos. Deus nos mostra o que acontecerá no tempo do fim para que não nos surpreendamos, mas Ele não revela todos os detalhes que gostaríamos de saber. No entanto, sempre devemos lembrar que, embora essas profecias nos revelem o que acontecerá no fim, elas não nos informam quando nem como os eventos se desenrolarão. Devemos ter cuidado para não especular além do que a profecia ensina. Lembremos que as profecias têm propósitos práticos: ensinar-nos como viver hoje e estar preparados para o futuro” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 68).

“Esta passagem [13:1-18] acrescenta detalhes ao cap. 12, sobretudo em relação à guerra do tempo do fim (de 12:17). Neste capítulo, o dragão reúne dois de seus aliados para o conflito final. Com o dragão, a besta do mar (uma aparente paródia de Cristo) e a besta da terra (uma aparente paródia do Espírito Santo) sugerem uma falsa trindade (16:13, 14) em conspiração para enganar o mundo (13:13, 14)” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“O capítulo sete de Daniel descreve o mar agitado pelo vento. Um enorme leão sai do mar seguido de um urso. Um leopardo com quatro asas logo se juntou ao urso. Então, um monstro terrível, com dez chifres, dominou a cena. No meio dos dez chifres, um décimo-primeiro chifre

se esforçava para sair até que três dos dez chifres foram arrancados para dar lugar a ele. Agora, seis séculos depois, João, na ilha de Patmos, teve uma revelação semelhante.

"[...] **O mar:** *Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas (Apocalipse 17:15). Uma besta:* *Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra (Daniel 7:17). A areia do mar:* [Ap 12.18] É ali que a terra e o mar se encontram. Este capítulo descreve duas bestas, uma que vem do mar e outra que vem da terra" (FEYERABEND, 2005, p. 109).

"Apocalipse 13 fala de forças satânicas que estão tentando obter a adesão de todo ser vivente. A decisão de cada pessoa determinará o seu destino eterno. Cristo assegura a Seu povo o vigilante cuidado e a aprovação divina. A fidelidade dos seguidores de Cristo em resistir à tirania de Satanás será reconhecida e recompensada pelo Céu. O Apocalipse deixa claro que há dois poderes no Planeta, cada um com um plano específico para unir a raça humana. Esses dois planos globais ou projetos são essencialmente incompatíveis um em relação ao outro, de tal forma que um tem de eliminar o outro" (COFFMAN, 1989b, p. 5A).

"A. Surge do Mar. Apoc. 13:1 comp. Dan. 7:2,3; Ap. 10:2; 17:1,15.

B. Natureza complexa, composta.

1. Sete cabeças: Ap. 13:1 comp. Apoc. 12:3, 17:3.

2. Dez Chifres: Ap. 13:1 comp. Apoc. 12:3, 17:3; Dan. 7:7.

3. Dez coroas: Ap. 13:1.

4. Nomes de Blasfêmias: Apoc. 13:1 comp. Apoc. 17:3" (THIELE; BERG, 1960, p. 253).

Na página 254 se encontra uma antecipação oportuna do versículo Ap 17.3.

"A razão por que o dragão 'se pôs em pé sobre a areia do mar' (Apocalipse 12:18), parece ser que a areia assinala o lugar onde terra e mar se encontram. Das duas bestas que aparecem durante as cenas do grande conflito, a primeira ergue-se do 'mar' (13:1), ao passo que a segunda emerge da 'terra' (13:11). Diante dos olhos de João, a besta procedente do mar fê-lo recordar vivamente o grande dragão vermelho. À semelhança deste, ela também possuía 'dez chifres e sete cabeças'. Havia uma diferença, porém. Enquanto o dragão apresentava coroas reais ou 'diademas' sobre as suas sete cabeças, esta nova besta possuía diademas sobre os seus dez chifres" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 332 e 333).

"Em Apocalipse 13, a visão de João passa a se concentrar em uma besta monstruosa que surge do mar. Na Bíblia, a figura de uma besta é símbolo de um poder político; já o mar representa as condições sociais e políticas tempestuosas, da qual emergem os poderes malignos que atacam o povo de Deus (cf. Dn 7:2, 3)" (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 75).

"Múltiplos chifres num animal denotam nações ou governantes sucessivos (ver Dn 7.7-14; 8.3-22; Ap 17.3-16)" (BÍBLIA, 2013, p. 2062).

"Em Apocalipse 13:1 retrocedemos ao tempo em que a besta semelhante ao leopardo, sucessora do dragão, começa a sua carreira. [...] Quem ou que é que persegue a verdadeira igreja? É uma igreja falsa ou apóstata. Que é que guerreia sempre contra a verdadeira religião? É uma religião falsa. Quem jamais ouviu que o simples poder civil de qualquer nação tenha perseguido o povo de Deus por sua iniciativa própria? Os governos podem guerrear contra outros governos para vingar alguma afronta real ou imaginária, ou para adquirir território e estender o seu poder. Mas os governos não perseguem (note-se a palavra, não perseguem) ninguém por causa da sua religião, a menos que estejam sob algum sistema religioso oposto ou hostil.

"[...] Chegamos agora à besta semelhante ao leopardo de Apocalipse 13 [verso 2]. Que simboliza? A resposta continua sendo: o Império Romano. Mas o dragão simbolizava o Império Romano. Por que não é ainda representado pelo mesmo símbolo? Porque houve uma mudança no caráter

religioso do império. Esta besta simboliza Roma na sua fase pretensamente cristã, e é esta mudança de religião, e isso apenas, que torna necessária uma mudança de símbolo. Esta besta apenas difere do dragão por apresentar um aspecto religioso diferente. Daí seria errado afirmar que representa apenas o poder civil romano” (SMITH, 1979, p. 191).

“As sete cabeças e os dez chifres são sinais identificadores tanto do dragão, como da besta. O propósito da profecia é mostrar a íntima ligação entre o dragão e o papado, isto é, a origem do trono e poderio papal, a verdadeira origem da Cidade do Vaticano” (RAMOS, 2006, p. 158).

“João descreve a besta ao vê-la emergir da água. Primeiro vem à tona os dez chifres e, sobre eles, as coroas de autoridade política. Esses dez chifres encontram correspondência nos dez chifres de Daniel 7, a divisão do Império Romano e as nações que surgiram após sua queda que simbolizam (Dn 7:24). Em seguida, aparecem sete cabeças com nomes de blasfêmias sobre elas. As cabeças da besta são os poderes usados por Satanás para perseguir o povo de Deus no decorrer da história (Ap 17:9-11).

“[...] O fato de que os dez chifres da besta do mar têm uma coroa real mostra que o poder representado pela besta do mar aparece após a queda do Império Romano, um período em que as nações resultantes surgiram e exerceram autoridade política” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 75 e 76).

“No Capítulo 13:1-10, descreve-se a besta ‘semelhante ao leopardo’, à qual o dragão deu ‘o seu poder, o seu trono, e grande poderio.’ Este símbolo, como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que se sucedeu no poder, trono e poderio uma vez mantidos pelo antigo Império Romano” (WHITE, 2013, p. 383).

“Há uma íntima relação entre Apocalipse 13 e Daniel 7. Daniel viu quatro animais que surgiram do grande mar. O primeiro parecia um leão, seguido um urso, depois um leopardo e, finalmente, um quarto animal, chamado apenas ‘terrível e espantoso’ (Daniel 7:3-7). Estes quatro animais representam quatro reinos que assumiriam o poder político na história e estão em paralelo com os metais da estátua do capítulo dois de Daniel, ouro, prata, bronze e ferro.

“Eles representam respectivamente os impérios da Babilônia, Grécia, Medo-pérsia e Roma. Quando sai de cena o imperador a figura que assumirá o controle político e eclesiástico é o papa. A expressão latina *pontifex maximus* (literalmente ‘máximo construtor de pontes’ ou ‘supremo construtor de pontes’) designava o sacerdote supremo do colégio dos sacerdotes, a mais alta dignidade na religião romana. Este título foi incorporado pelos imperadores romanos, a partir de Augusto (27 a.C. até 14. a.D.). Com a queda do Império Romano, no século V, esse título passou a ser usado pelos bispos e, após o século XI, apenas para os papas” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 43 e 44).

“João observou uma besta emergindo do mar. Embora uma besta represente um poder político, a descrição da besta do mar indica um poder político cuja característica dominante é a religião. O mar simboliza a região amplamente povoada da Europa, de onde a besta do mar sobe ao poder após a queda do Império Romano (veja Ap 17:15).

“A besta tinha sete cabeças e dez chifres, assim como o dragão (Ap 12:3, 4), o que mostra a íntima conexão com Roma pagã. Sobre as cabeças da besta estava um nome de blasfêmia, e sobre os chifres estavam diademas reais. As cabeças da besta são os reinos que Satanás utilizou para perseguir o povo de Deus ao longo da História (veja Ap 17:9-11). O nome de blasfêmia aponta para o título divino que a besta reivindica. Os dez chifres apontam para Daniel 7:24, simbolizando as nações que surgiram depois da queda do Império Romano. Essas características da besta do mar indicam o papado, que surgiu do Império Romano” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 69).

“Os comentários católicos das Bíblias do Pontifício Instituto Bíblico de Roma e a de Jerusalém sobre Apocalipse 13:1, 2; 17:1, 3 informam que os sete montes identificam a cidade de Roma” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 18).

“As sete cabeças vemo-las referidas como cabeças do dragão do capítulo doze. Agora, no capítulo treze, as temos como cabeças da bête representativa de Roma-papal, tendo cada uma, não mais diademas ou função política, mas um nome de blasfêmia.

“Quanto aos dez chifres, vemo-los primeiramente no quarto animal emblemático de Roma-pagã do capítulo sete do livro de Daniel; nas cabeças do dragão vermelho do Apocalipse, sem diademas ou função política paralela com Roma-pagã; nas cabeças da bête ‘semelhante a um leopardo’; e nas cabeças da ‘bête côr de escarlata’.

“Mas, ao terem êles diademas somente nas cabeças da bête que consideramos, indica isto que se constituiriam em reinos ao constituir-se a bête-papal um poder temporal e que com ela reinariam paralelamente, ao passo que as cabeças referentes ao dragão, ou Roma-pagã, perderiam seus diademas ou sua ação política governativa na fase de Roma-papal. No capítulo dezessete temos bem definidos os dez chifres e as sete cabeças e suas relações para com a bête ‘semelhante ao leopardo’ e dela para com êles” (MELLO, 1959, p. 337).

“A besta que surge do mar possui sete cabeças. Já vimos que essa besta se assemelha aos animais do capítulo sete de Daniel (leopardo, urso e leão). O leão possuía uma cabeça, o urso também, e o leopardo possuía quatro. Se somarmos estas seis cabeças com a cabeça do animal terrível e espantoso, Roma, chegamos às sete cabeças. Interessante notar ainda o que diz Daniel com relação aos três primeiros animais: ‘Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo’ (Daniel 7:12). Parece-nos que estes animais ainda sobrevivem junto com o quarto, por isso a semelhança entre eles.

“O quarto animal de Daniel 7, ‘terrível e espantoso’, representa Roma na profecia. O que precisamos notar é que, após o surgimento das dez tribos, Daniel fala do surgimento de um chifre pequeno, o décimo primeiro (Daniel 7:8). Este chifre pequeno representa Roma Papal, que assumiu o controle após a queda do Império Romano em 476 a.D. Logo, o quarto animal (Roma Imperial) e o chifre pequeno (Roma Papal) estão em paralelo com o besta de Apocalipse 13, portanto trata do mesmo poder. Veja o paralelo abaixo:

QUARTO ANIMAL + CHIFRE PEQUENO	(DANIEL 7)	BESTA DO MAR	(APOCALIPSE 13)
Olhos como de homem	7:8	Número de homem	13:18
Boca que falava insolências	7:8	Boca que proferia arrogâncias e blasfêmias	13:5
Tirar o domínio e destruir	7:26	Ferida mortal	13:3
Fazia guerra aos santos	7:21	Pelejaria contra os santos	13:7
Palavras contra o Altíssimo	7:25	Blasfêmias contra Deus	13:6
Magoaria os santos	7:25	Pelejaria contra os santos	13:7
Mudaria os tempos e a lei	7:25	Difamar o tabernáculo	13:6
Perseguiria por 1.260 anos	7:25	Autoridade para agir 42 meses	13:5

“Logo, podemos concluir que a besta que sobe do mar representa Roma em suas duas fases, pagã e papal. Estas sete cabeças podem então representar os sete poderes que, ao longo da história, perseguiram o povo de Deus: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-pérsia, Grécia, Roma pagã e Roma Papal” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 44).

Acima vemos o entendimento desses autores divergindo da sequência de nações de Maxwell e Grellmann (2004, p. 491), na tabela da página 250: logo acima, Egito e Assíria são vistos como

duas das cabeças da besta, enquanto que para os últimos autores, a besta ferida e a besta curada são vistas como duas das cabeças.

“Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente das pessoas, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas.

“A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século IV, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo. Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do ‘homem do pecado’, predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele.

“Aquele gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás — monumento de seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade. Uma vez Satanás se esforçou por estabelecer um compromisso mútuo com Cristo. Chegando-se ao Filho de Deus no deserto da tentação, e mostrando-Lhe todos os reinos do mundo e a glória dos mesmos, ofereceu-se a entregar tudo em Suas mãos se tão-somente reconhecesse a supremacia do príncipe das trevas. Cristo repreendeu o pretensioso tentador e obrigou-o a retirar-se. Mas Satanás obtém maior êxito em apresentar ao homem as mesmas tentações.

“Para conseguir proveitos e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás — o bispo de Roma. Uma das principais doutrinas do romanismo é que o papa é a cabeça visível da igreja universal de Cristo, investido de autoridade suprema sobre os bispos e pastores em todas as partes do mundo. Mais do que isto, tem-se dado ao papa os próprios títulos da Divindade. Tem sido intitulado: ‘Senhor Deus, o Papa’, e foi declarado infalível. Exige ele a homenagem de todos os homens. A mesma pretensão em que insistia Satanás no deserto da tentação, ele ainda a encarece mediante a igreja de Roma, e enorme número de pessoas estão prontas para render-lhe homenagem” (WHITE, 2013, p. 41 e 42).

“Constantino tornou-se o defensor e o protetor do cristianismo. [...] A cruz, que até então fora o maior sinal de ignomínia, tornou-se agora um sinal de honra e vitória. Ela reluzia sobre a coroa imperial de Constantino, e foi exposta em Roma – até então o principal trono do paganismo – sobre o pináculo do templo de Júpiter, o Capitólio [...] . Em pouco tempo o paganismo foi completamente dominado através de todo o Império Romano, e a religião cristã estava permanentemente estabelecida. [...] A Igreja Católica tinha agora novas vitórias a ganhar sobre outro rei – nomeadamente, sobre seus inimigos internos, os hereges.’ – Joseph Deharbe, *A Full Catechism of The Catholic Religion*, pp. 28-30” (THIELE; BERG, 1960, p. 254).

"Deixemos que a Bíblia explique a Bíblia. Apoc. 13:1-2 fala na realidade de duas bestas: a que subiu do mar (o papado) e a que subiu do abismo (o dragão). As duas têm sete cabeças que são explicadas em Apocalipse 17: 'as sete cabeças são sete montes sobre os quais a mulher está assentada; e são também sete reis' (Apoc. 17:9- 10). Essa é a interpretação dada pelo próprio anjo: as sete

cabeças do dragão são os sete montes de Roma e as sete cabeças da besta que subiu do mar são sete reis [...].

“Dave Hunt fala sobre os sete montes: 'Aqui não existe linguagem mística ou alegórica mas uma declaração não ambígua, em palavras claras: 'A mulher... é aquela grande cidade'. Não há justificativa para procura algum outro significado escondido... ela é a cidade construída sobre sete montes. Esta especificação elimina a antiga Babilônia. Somente uma cidade tem sido, por mais de dois mil anos, conhecida como a cidade dos sete montes. Esta é a cidade de Roma' (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, Eugene, Oregon: Harvest House Publishers, 1994, 67. O nome dos sete montes de Roma são: Palatine, Capitoline, Quirinal, Viminal, Esquiline, Caelain, e Evantine).

“A própria Enciclopédia Católica declara: 'É dentro da cidade de Roma, chamada a cidade dos sete montes, que está agora confinada a inteira área do Estado do Vaticano' (ibidem). Aqui a profecia identifica claramente Roma, a sede papal, o Vaticano, como a cidade dos sete montes. Também os ‘escritores clássicos com frequência se referem a Roma como a Cidade dos Sete Montes (Horácio, Virgílio, Marcial, Cícero, Propertius)’ (*Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 855)” (RAMOS, 2006, p. 159 e 160).

“BLASFÊMIA. Gr. *Blasphēmia*, significando ‘insulto’, ‘calúnia’, quando dirigido contra homens, e linguagem ímpia quando dirigido contra Deus. O último sentido é sem dúvida predominante aqui. O nome, ou nomes, representados como estando sobre as cabeças. Sem dúvida representam os títulos blasfemos assumidos pela besta” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 222).

“Os comentários católicos das Bíblias do Pontifício Instituto Bíblico de Roma e a de Jerusalém sobre Apocalipse 13:1, 2; 17:1, 3 informam que os sete montes identificam a cidade de Roma” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 18). De fato A Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2159), na nota de rodapé *i*, de Ap 17.3, afirma que “as sete cabeças são as sete colinas de Roma”.

"As sete cabeças são interpretadas de duas formas porque são duas bestas com sete cabeças: os sete montes identificam historicamente a cidade de Roma, e os sete reis, obviamente, reis de Roma, uma aplicação direta aos soberanos chefes papais de Roma. O fato de Apocalipse 13:1 revelar que nas sete cabeças existia um nome de blasfêmia, descarta a possibilidade desses sete reis não serem os Pontífices Máximos de Roma, soberanos dos Estados papais por mais de mil anos (754 - 1870), direito esse que foi recuperado em 1929.

"O termo blasfêmia sempre diz respeito a alguém que assume prerrogativas divinas. Os oponentes de Jesus acusaram-No de blasfêmia quando Ele Se fez Deus (João 10:33); acusaram-No de blasfêmia quando Ele disse ao paralisado: 'homem os teus pecados te são perdoados' (Lucas 5:20-21). Biblicamente, proclamar-se Deus, ou usar prerrogativas divinas, como a de perdoar pecados, é blasfêmia. No caso de Jesus não era blasfêmia porque Jesus é de fato o Deus encarnado.

"A profecia de Apocalipse 13:1 identifica as sete cabeças como um poder blasfemo; a profecia fala de um poder que se proclama Deus na terra, e reivindica o direito de perdoar pecados, e ser adorado. Os anjos de Deus não aceitam adoração e não permitem que alguém se ajoelhe diante deles. João diz: 'e eu lancei-me a seus pés para o adorar, mas ele disse-me: olha não faças tal, sou teu conservo, e de teus irmãos... adora a Deus' (Apoc. 19:10). Novamente em Apocalipse 22:8-9 João fala: 'e havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar. E disse-me: olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus'.

“O próprio apóstolo Pedro não aceitou que Cornélio se ajoelhasse diante dele (Atos 10:25-26). Porém, a besta que surgiu do mar é um poder blasfemo porque toma para si atributos divinos e aceita ser adorado. Em Daniel 7:8, 20, 25 esse mesmo poder é mencionado como falando coisas grandiosas contra Deus, isto é, falando blasfêmias” (RAMOS, 2006, p. 160 e 161).

“Os nomes de blasfêmias apontam para os títulos divinos que a besta reivindica. Embora as coroas estejam nos chifres e não nas cabeças, essa descrição da besta espelha a caracterização do dragão em Apocalipse 12:3, mostrando que esse poder é um representante legítimo do dragão” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 75).

Para aprofundar-se nas blasfêmias citadas neste verso, um artigo interessante é “Vi emergir do mar uma besta que tinha [...] sete cabeças [...] e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia” (Ap. 13.1) disponível em: <https://blogdoprofh.com/2021/01/14/vi-emergir-do-mar-uma-besta-que-tinha-sete-cabecas-e-sobre-as-cabecas-nomes-de-blasfemia-ap-13-1/>. Acesso em dez. 2021.

- 13.2 A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade.
- De fato, assim como meu conservo, o profeta Daniel viu, essa nova religião pseudocristã carregava a cultura grega em seus dogmas, pois passou a ensinar e impor espiritualismos como a imortalidade da alma, e o panteão grego disfarçado pelas imagens de esculturas com nomes de personagens bíblicos. Essa religião emergente, totalmente politizada desde o seu início, carregava semelhanças com os medo-persas no sentido da violência com a qual impunha seu credo em Nome de Deus. E claramente a arrogância da Babilônia, a qual cria que seria o único império mundial levantado pelos deuses, essa seria uma constante na existência das narrativas humanamente inventadas ou mesmo sobrenaturalmente criadas do catolicismo romano, pois Satanás, o vigarista universal, deu sua autoridade usurpada sobre a Terra para essa instituição, assim como Constantino deu ao bispo católico de Roma, quando deixou essa cidade nas mãos dele e foi para Constantinopla. O Vaticano é uma herança romana pagã esotérica que representa falsamente o cristianismo bíblico. É uma fachada com verniz cristão para disfarçar a origem pagã romana, a mistura de crenças espiritualistas pagãs antigas, e as histórias, superstições e fraudes das ações satânicas.

“B. Natureza complexa, composta. [...]

5. Semelhante ao Leopardo: Apoc. 13:2 comp. Dan. 7:6.

6. Pés como de Urso: Apoc. 13:2 comp. Dan. 7:5.

7. Boca como de Leão: Ap. 13:2 comp. Dan. 7:4” (THIELE; BERG, 1960, p. 253).

“A aparência da besta do mar era como a de um leopardo, com os pés de um urso e a boca de um leão. A besta reunia as características dos quatro animais (símbolos de impérios mundiais) de Daniel 7:2 a 7: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma (Dn 7:17). João as listou em ordem inversa, o que, a partir de sua perspectiva do primeiro século, mostra que a besta do mar está relacionada ao quarto animal de Daniel 7, o Império Romano” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 69).

“Pelo dragão do capítulo anterior e a primeira besta deste capítulo nos é apresentado o poder romano como um todo em suas duas fases, pagã e papal. Daí que, estes símbolos, tanto um como outro, têm sete cabeças e dez chifres. (Ver os comentários do capítulo 17:10). Como leopardo. – A besta de sete cabeças e dez chifres, semelhante a leopardo, aqui apresentada, simboliza um poder que exerce tanto a autoridade eclesiástica como a civil.

“[...] A cadeia profética a que se prende este símbolo começa com Apocalipse 12. Os símbolos de governos terrenos abrangidos na profecia são: o dragão do capítulo 12, a besta semelhante a leopardo e a besta de dois chifres do capítulo 13. A mesma cadeia profética continua evidente até o capítulo 14. De Apocalipse 12:1 até Apocalipse 14:5, temos, pois, uma cadeia profética distinta e completa em si mesma. Cada um dos poderes aqui introduzidos é representado como feras perseguidoras da igreja de Deus” (SMITH, 1979, p. 189, 190).

“A medida que a besta finalmente sai da água, João vê que as partes do corpo daquele estranho animal se assemelham ao leopardo, ao urso e ao leão. Logo, essa besta combina as características dos quatro animais que vêm do mar em Daniel 7:2 a 8, representando quatro reinos mundiais: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma (v. 17). Contudo, João os cita na ordem contrária, mostrando que a besta do mar corresponde ao quarto animal de Daniel 7, que apareceu como sucessor dos três reinos que vieram antes dele (Dn 7:7)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 75).

“Roma, em suas duas fases, pagã e papal, copiaria elementos dos impérios que vieram antes

dela. De Babilônia, Roma copiou a pretensão e o orgulho (Isaías 14:10-14; Daniel 4:30; Jeremias 50:29), o pecado e a transgressão à Lei de Deus (Isaías 13:11, 14:13-14). Da Medo-pérsia, Roma copiou o culto de adoração no dia do Sol, o domingo. O antigo culto persa, chamado mitraísmo, dedicava o primeiro dia de semana à adoração ao deus Mitra, o deus Sol. Da Grécia, Roma copiou o sistema de imagens e invocação de santos (os gregos davam formas humanas às suas divindades)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 44).

“E é importante que ela tem uma única bôca ‘de leão’, embora tenha sete cabeças. ‘E a sua bôca’, reza a profecia, falando de uma só, era ‘de leão’. Esta é a bôca da sétima cabeça que é propriamente a cabeça da bête. E’ isto assim porque as suas primeiras cabeças dizem respeito à primitiva fase de Roma, à fase pagã, que não podem por isso mesmo ter ação na sua segunda fase — a papal, visto que nesta fase é exercida a monarquia-hierárquica e não a democracia eletiva da fase anterior. As bôcas de tais cabeças que não são de leão, estão como que fechadas, e apenas existem na bête para identificá-la com Roma e demonstrar suas pretensões romanas. [...]

“Analisando mais concretamente o poder-papal representado nos emblemas dos três quadrúpedes, temos que êle é inteiramente contrário à natureza do meio em que exerce o seu poder. No símbolo de um leopardo, deparemos sua sagacidade e presteza na consecução de seus fins; na figura dos pés de urso, vemos a sua fôrça e o seu poder subjugador sôbre os seus oponentes; e, na bôca simbólica de leão, vemos o seu orgulho e as suas arrogantes pretensões expressas em suas declarações de supremacia mundial.

Tudo isto parece ter a bête herdado dos animais representativos dos grandes impérios opressores e arrogantes da história, que no passado arruinaram o mundo com suas pretensões, suas conquistas e suas destruições desumanas. Em outras palavras, a bête traz na bôca de leão, o orgulho de Babilônia; nos pés de urso, os horrores da Medo-Persa; no corpo de leopardo, o sistema filossófico humano inútil da antiga Grécia; e, podemos dizer, nas suas cabeças simbólicas, o poder implacável da férrea Roma dos altivos Césares (Dn 7.1-8). Tal é o simbolismo de Roma na sua fase papal, cujo cumprimento encontramos nas páginas da história até nos seus mínimos detalhes” (MELLO, 1959, p. 336 e 337).

“O grande fato que se destaca e reconhecido por todos, é que a seguinte importante fase do Império Romano depois da sua forma pagã foi a papal. Não seria correto, portanto, afirmar que Roma pagã deu seu poder e seu trono a uma forma de governo meramente civil, sem nenhum elemento religioso. Nenhum esforço de imaginação pode conceber semelhante transação. Mas duas fases do império são aqui reconhecidas, e, na profecia, Roma é pagã até que chega a ser papal. A afirmação de que o dragão deu à besta semelhante ao leopardo seu poder e seu trono é mais uma prova de que o dragão de Apocalipse 12:3 simboliza Roma é pagã; mas atrás de ambos os poderes está Satanás que os dirige em sua obra de impiedade” (SMITH, 1979, p. 192).

“O dragão (o Império Romano pagão que recebeu poder de Satanás) deu à besta seu poder, trono e grande autoridade. Assim como o Pai concedeu a Cristo Seu trono e autoridade (Ap 2:26, 27), também Satanás investiu a besta como sua corregente e representante na Terra” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 69).

“Historicamente há um só poder que recebeu a sede e a autoridade da Roma dos Césares, tal como havia sido profetizado, e este é Roma papal” (BELVEDERE, 1987, p. 54).

“O chifre pequeno é realmente o papado?” O chifre pequeno de Daniel 7 cresceu na cabeça do quarto animal, que representa o Império Romano. Portanto, é necessário estudar mais atentamente esse animal. Eis a forma como Daniel descreveu sua visão:

“Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência (Dn 7:7, 8).

“De acordo com o texto, estes eram os primeiros três animais da visão de Daniel: leão, urso e leopardo. Contudo, a quarta besta era tão incomum, tão diferente de qualquer coisa que ele já ha-

via visto, que não conseguiu dar nome a ela; só pôde descrevê-la. Podemos chamá-la de dragão. A forma poderosa desse animal torna-o um símbolo adequado do Império Romano. Por isso estamos interessados nos dez chifres do dragão, especialmente em seu chifre pequeno.

“Os dez chifres representam as tribos bárbaras que invadiram o Império Romano entre os anos 300 e 500 d.C. Daniel disse que um chifre pequeno surgiria entre os dez, arrancando três deles nesse processo. A descrição detalhada do chifre pequeno revela seu significado: ‘Os dez chifres [da cabeça do dragão] correspondem a dez reis que se levantarão daquele mesmo reino; e, depois deles, se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo’ (Dn 7:24, 25). Esses versos fornecem sete especificações do chifre pequeno que dizem respeito ao papado:

1. “*Depois deles, se levantará outro.*” As tribos bárbaras estavam bem estabelecidas no Império Romano na metade do 5º século (do ano 401 ao 500 d.C.). O Império Romano Ocidental caiu diante das tribos bárbaras em 476 d.C., e o poder político do papado começou em 538, como veremos no próximo capítulo. Portanto, o papado se encaixa perfeitamente na profecia de Daniel, uma vez que “depois deles [após o estabelecimento das tribos bárbaras no Império Romano], se levantará outro” reino. De fato, o papado se ergueu com poderosa força política na Europa após a conquista do Império Romano pelas dez tribos.

2. “*Será diferente dos primeiros.*” O papado se diferencia dos dez chifres por deter tanto o poder religioso quanto o político. As nações da Europa que não estiveram sob a jurisdição do clero eram organizações estritamente políticas.

3. “*E abaterá a três reis.*” Todas as tribos bárbaras que venceram Roma acabaram se convertendo ao cristianismo, mas três delas – os visigodos, os vândalos e os ostrogodos – adotaram o arianismo*, uma posição teológica sobre Cristo condenada pelo Concílio de Niceia (325 d.C.) e por outros concílios subsequentes da igreja. Clóvis, rei dos francos, venceu os visigodos em 508. (*Os arianos negavam a plena igualdade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, bem como a natureza divina do Filho e do Espírito Santo. Eles criam que Jesus é um ser criado e, assim, por natureza, inferior a Deus, o Pai. Os antitrinitarianos ainda são às vezes chamados de arianos). A pedido dos papas, o imperador romano Justiniano enviou seus exércitos para eliminar as duas outras tribos heréticas: os vândalos, que desapareceram em 534, e os ostrogodos, extintos em 538 (Ver William Shea, *Daniel: A Reader's Guide* (Nampa: Pacific Press, 2005), p. 116, 117). Em virtude disso, podemos afirmar que o papado eliminou essas tribos bárbaras.

4. “*Proferirá palavras contra o Altíssimo.*” Os intérpretes historicistas da profecia bíblica apontam para várias reivindicações do papado que cumprem a predição de Daniel de que o chifre pequeno proferiria “palavras contra o Altíssimo”. Uma delas é a de que os papas são vigários de Cristo. A palavra vigário, que significa “substituto”, tem a mesma raiz da palavra vice, como em vice-presidente, vocábulo esse que remete ao substituto do presidente. Ao afirmar ser vigário de Cristo, o papa está dizendo que ele é o representante pessoal do Filho de Deus na Terra durante o tempo em que Cristo está no Céu. Contudo, Jesus disse especificamente que enviaria o Espírito Santo para representá-Lo na Terra em Sua ausência (Jo 16:7, 8). Portanto, esse tipo de reivindicação faz com que o papa ocupe o lugar que pertence ao Espírito Santo. A análise de dois outros ensinamentos do papado bastará para mostrar que ele cumpre a predição de Daniel, no sentido de pronunciar “palavras contra o Altíssimo”. O primeiro diz respeito à afirmação de que, por meio da confissão, os sacerdotes católicos têm o poder de perdoar pecados – uma prerrogativa que pertence somente a Deus. O segundo refere-se à doutrina de que o sacerdote sacrifica o corpo e o sangue literais de Cristo no altar durante o serviço da missa. Esse ensinamento não apenas contradiz a verdade de que Cristo Se ofereceu uma vez para sempre (Hb 9:25, 26), mas também dá ao sacerdote católico autoridade para trazer Cristo do Céu a fim de sacrificá-Lo.

5. “*Magoará os santos do Altíssimo.*” O poder representado pelo chifre pequeno iria perseguir o povo de Deus. De fato, o papado cumpriu amplamente essa predição ao se utilizar do poder do Estado para perseguir e, em muitos casos, executar supostos hereges. A maioria desses “hereges” simplesmente criticava os erros doutrinários do papado e as práticas imorais dos papas. A Inquisição

Espanhola é provavelmente o exemplo mais conhecido dessa perseguição.

6. “*Cuidará em mudar os tempos e a lei.*” A reivindicação católica de que a igreja tem autoridade para mudar a lei de Deus ratifica essa afirmação da profecia. Vale notar que a igreja removeu o segundo mandamento (que condena o uso de imagens de escultura) inteiramente de seu catecismo, e, ao substituir o sábado do quarto mandamento pelo primeiro dia da semana, o domingo, cumpriu a predição de Daniel cujo foco é a mudança dos tempos (Ver William Shea, *Daniel: A Reader's Guide* (Nampa: Pacific Press, 2005), p. 120-122. Shea provê documentação significativa quanto à reivindicação do papado de ter autoridade para mudar o dia de descanso do sábado, o sétimo dia da semana, para o domingo, o primeiro dia).

7. “*Os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.*” A palavra aramaica para ‘tempo’, nesse verso, é *iddan*, que significa ‘um ano’. Um ‘tempo’ equivale a um ano, ‘dois tempos’, a dois anos, e ‘metade de um tempo’, a seis meses. De acordo com esse cálculo profético, um ano tem 360 dias. Nas profecias apocalípticas, um dia representa um ano; portanto, um ano simbólico representa 360 anos. Veja:

1 ano = 360 dias simbólicos, ou 360 anos literais

2 anos = 730 dias simbólicos, ou 720 anos literais

½ ano = 180 dias simbólicos, ou 180 anos literais

Total = 1.260 dias simbólicos ou 1.260 anos literais

“Veremos essa questão de forma mais detalhada no próximo capítulo. Por enquanto, basta dizer que os 1.260 anos começaram em 538 d.C., quando entrou em vigor o decreto do imperador romano Justiniano declarando o bispo de Roma, o papa, como o chefe de todas as igrejas espalhadas por todo o império. O período terminou 1.260 anos mais tarde, em 1798, quando o general de Napoleão, Berthier, aprisionou o papa Pio VI.

“A informação de que o chifre pequeno de Daniel surge e estabelece seu poder em um momento determinado ajuda a confirmar o fato de que esse chifre representa o papado. Observe que ele surge na cabeça do quarto animal, constituindo-se numa parte deste. Essa é uma boa representação de como se originou o papado. Enquanto Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma conquistaram, cada qual, o império que a precedeu, o papado nasceu em Roma, tornando-se uma extensão do império exatamente como o chifre pequeno, que passou a ser parte constituinte da cabeça do animal.

“Quando Roma caiu, o papado preencheu o vácuo político existente. Muitos estudiosos protestantes afirmam que o chifre pequeno representa um anticristo que aparecerá no futuro, embora essa interpretação deixe uma lacuna de mais de 1.500 anos entre a queda do Império Romano Ocidental, em 476, e os eventos finais da história da Terra. No entanto, não houve lacunas históricas no tocante a quaisquer das nações representadas pelos animais anteriores. Cada um deles substituiu imediatamente o predecessor. Da mesma forma, o papado substituiu imediatamente o Império Romano; não houve nenhum vácuo histórico entre seu surgimento e a queda do império.

“Em resumo, o chifre pequeno de Daniel 7 é claramente um poder político-religioso, e o papado é o único poder político-religioso que surgiu após a vitória das tribos bárbaras sobre o Império Romano Ocidental. Uma vez que o papado insere-se no contexto das especificações do chifre pequeno registradas nos versos 24 e 25, é natural ver esse chifre como símbolo do poder papal” (MOORE; LIRA, 2013, 33-36).

“A bêsta não exerce propriamente o seu poder. Em primeiro plano informa a revelação que o dragão lhe deu o seu próprio poder. Assim, o poder que ela exerce é o poder do dragão. Isto mesmo escrevera S. Paulo antes de S. João sobre a bêsta: ‘Aquele cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás...’ (2ª Ts 2.9). Em segundo plano, o dragão deu-lhe o seu poder através de Roma-pagã. [...]

“Vimos já que o Império Romano, em virtude da invencibilidade do cristianismo, abjurou o paganismo e tornou-se um Império Cristão, aliás, formalmente cristão. Os imperadores, desde Constantino até o último deles, não só abraçaram o cristianismo-papal-romano como promoveram o seu avanço dentro das fronteiras do Império. E depois da queda de Roma-Imperial cristianizada, os dez reinos, considerados na profecia como romanos pelo fato de serem parte integrante do quarto animal de Daniel sete representativo de Roma-pagã e terem dividido esta entre si, também abraça-

ram o cristianismo papal.

“Em virtude de tudo isto, somos forçados a concordar que, em verdade, houve uma mudança no caráter do Império Romano, e que esta mudança foi religiosa: Assim, sendo que o dragão era representativo da primeira fase de Roma — a pagã — e por isso mesmo não podia representar a segunda fase de Roma — a papal — no mesmo emblema de dragão, a revelação proveu um outro emblema de Roma, aliás, a ‘bêsta semelhante a um leopardo’.

“Todavia o poder encerrado no símbolo da bêsta, continuou sendo ainda romano, disto testificando as sete cabeças e os dez chifres do dragão que lhe foram transferidos. Assim deparamos, evidentemente, a transferência do poder do dragão — de Roma-pagã para Roma-papal. Quer dizer que o poder continuou o mesmo em essência — o Império Romano —havendo tão somente sofrido uma metamorfose — do paganismo declarado para o paganismo cristianizado.

“O dragão não só deu à bêsta o seu poder como também o seu próprio trono no mundo. Lembramo-nos de que Satanás uma vez dissera que ia estabelecer o seu trono (Is 14.13 e 14); que a Jesus disse ser senhor do mundo (Lc 4.5-7); e que o próprio Senhor Jesus dissera que Satanás era o príncipe deste mundo (Jo 14.30). Distó tudo inferimos que Satanás, ao tempo de Cristo e da revelação do Apocalipse, tinha o seu trono no mundo. E, apresentando-se naquele tempo a Jesus como dominador do mundo, é evidente que o seu poder era exercido através do Império Romano que impunha seu cetro sôbre as nações.

“Diante disso, onde estaria mais o seu trono mundial senão em Roma? E quem duvidará que seu trono ainda está na cidade chamada eterna? Assim, no trono de Roma-pagã foi Roma-papal empossada pelo dragão, e isto desde o tempo de Constantino e reconhecida como soberana, no mesmo trono, por Justiniano, Imperador do Oriente, e pelas nações européias depois da conquista de Roma-Imperial-Occidental, que governaram segundo os seus ditames. Isto prova sobejamente ter o dragão dado à bêsta o seu trono e o seu poder representado nas sete cabeças romanas, e o seu grande poderio ou domínio representado nos dez chifres ou a Europa.

“Agora estamos prontos para afirmar mais uma vez que Roma-papal é o mesmo Império Romano, pois traz suas características em caráter e obras, diferindo apenas na mudança de nome. No livro — O Vaticano Potência Mundial — lemos esta frase: ‘Uma coisa é certa: que a antiga Roma subsiste na Roma cristã’ (O Vaticano Potência Mundial, Joseph Bernhart, 195). E em verdade êste poder mesmo testifica que seu nome é romano, e, ainda mais, tem sua sede e seu trono em Roma, seu idioma é romano, suas pretensões são romanas e seu soberano absoluto pretende deificação como pretendiam os soberanos da velha Roma.

“Deste modo o símbolo da bêsta, ‘como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que se sucedeu no poder, trono e poderio uma vez mantidos pelo antigo Império Romano’ (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 438)” (MELLO, 1959, p. 338 e 339).

“DEU-LHE O SEU PODER. Apesar de representar Satanás primariamente, o dragão, num sentido secundário, representa o Império Romano (ver o com. ao 12: 3). O poderio que sucede ao Império Romano, qual recebeu do dragão ‘seu poder, seu trono e grande autoridade’, é claramente Roma Papal. ‘Das ruínas da Roma política, elevou-se o grande Império moral na ‘forma gigante’ da Igreja Romana’ (A. C. Flick, *The Rise of the Medieval Church 1.900*, pag. 150). Esta identificação é confirmada nas especificações dadas nos versos seguintes.

“Atrás dessa atividade achava-se Satanás, procurando exterminar a igreja. Quando constatou que os seus esforços para aniquilar os seguidores de Cristo mediante a perseguição resultaram ineficazes, alterou suas táticas e procurou afastar a igreja para longe de Cristo, mediante o estabelecimento dum vasto sistema religioso de contrafação. Ao invés de trabalhar diretamente mediante o paganismo, o dragão agora operava atrás da fachada de uma organização professadamente cristã, esperando por esse meio dissimular a sua identidade.

“TRONO. Gr. *Thronos*, ‘trono’. Os papas ascenderam ao trono dos Césares. A capital do sistema papal era a mesma ocupada pelo Império Romano no seu auge.

“GRANDE AUTORIDADE. O papado exerceu controle em assuntos políticos e religiosos, e sobre a consciência dos homens” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 223 e 224).

“Três passagens bíblicas retratam o mesmo poder: o anticristo. São as que tratam da ‘ponta

pequena' (Daniel 7:25), da 'besta semelhante a leopardo' (Apoc. 13:1-10) e do 'homem do pecado' (II Tess. 2:1-8). Um ponto no simbolismo de cada uma dessas profecias é muito importante para o estudo desta lição a saber: a alteração dos Dez mandamentos e a instituição da observância do domingo.

“Note o seguinte:

1. A ponta pequena: ‘Cuidará em mudar os tempos e a lei.’ Dan. 7:25.

2. O homem do pecado (ou da iniquidade): assenta-se no templo de Deus, ‘ostentando-se como se fosse o próprio Deus’ (II Tess. 2:4).

3. A besta semelhante a leopardo: Impõe a marca ou sinal da besta (Apoc. 13:17; 16:12).

“‘Foi o papado que cuidou em mudar os Dez Mandamentos introduzindo a observância do domingo em lugar do sábado do sétimo dia. Este ato exalta o papado acima de Deus e o coloca no lugar que pertence ao Senhor’ (ver O Grande Conflito, pág. 445)” (COFFMAN, 1989b, p. 44).

“Satanás delega poder e autoridade à besta: ‘E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade’ (Ap 13:2). Essa cena copia a entronização de Cristo em Apocalipse 5. Assim como o Pai deu Seu trono e autoridade a Cristo (cf. Ap 2:27; 3:21), o dragão concede seu trono e autoridade à besta, investindo-a como sua corregente e representante na Terra. Isso confirma que a besta do mar desempenha a função de segundo membro da falsa trindade. Essa aliada de Satanás quer tomar o lugar de Jesus Cristo na mente e no coração do povo” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 76).

“A Igreja Católica é confessadamente romana. Seu nome oficial nos dias de hoje — e que foi o mesmo durante a maior parte de sua longa história — é ‘Santa Igreja Católica Apostólica Romana’. O professor John L. McKenzie, da Universidade de Notre Dame, explica que ‘os católicos romanos crêem que o seu romanismo é um reflexo da autenticidade do cristianismo de sua igreja’. (John L. McKenzie, S. J., *The Roman Catholic Church*, ed. E. O. James, History of Religion Series (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969), pág. xii. O reconhecimento franco de McKenzie quanto ao romanismo de sua igreja, se acha em contraste com outras tentativas, por parte de alguns católicos americanos, para abafar esse romanismo. Ver, e.g., o amplamente distribuído *The Faith of Millions*, ed. rev. (Huntington, Indl: Our Sunday Visitor, Inc., 1963, 1974), por John O'Brien, que juntamente com McKenzie, também é da Universidade de Notre Dame).

“Mas... como chegou a Igreja Católica a esse ponto de singular romanismo? *O dragão concedeu o seu poder e trono à igreja*. Lemos na quarta cena introdutória que o dragão (nesse caso, o Império Romano) concedeu à besta semelhante a leopardo (a Igreja Romana) **‘o seu poder, o seu trono e grande autoridade’**. Verso 2. *Trono* é símbolo de autoridade. Entretanto, pelo fato de também aparecerem no texto as palavras ‘poder’ e ‘autoridade’, é lícito supor que, no presente caso, ao termo ‘trono’ deva ser atribuído um significado mais literal.

“Basicamente, o trono é um lugar no qual se assentam pessoas importantes. Outros vocábulos para ‘trono’ são *cathedra*, do grego, e *sedes*, do latim. A palavra ‘sé’, em português, provém de *sedes*. Na Igreja Católica, o edifício no qual se localiza o trono (ou *cathedra*) de um bispo, é chamado ‘catedral’. A cidade na qual se localiza o referido trono, chama-se ‘sé’. A ‘sé’ de mais alto nível dentro do catolicismo é a Santa Sé, a cidade onde se localiza o trono do papa. Esta cidade é Roma. (Especificamente, desde o Tratado de Latrão celebrado em 1929 com a Itália, a Santa Sé converteu-se na Cidade do Vaticano, uma área de 44 hectares situada na Colina do Vaticano, inteiramente encravada na cidade de Roma).

“E de que modo o dragão, ou Império Romano, deu o seu poder, sua autoridade e o *espaço físico* de seu domínio (seu ‘trono’, ou cidade, ou sé) à Igreja Romana? O próprio nome do Império derivava da cidade de Roma. Dizia um provérbio que ‘todos os caminhos conduzem a Roma’. Roma era, de longe, a maior cidade do Ocidente. Reverenciada como a Cidade Eterna, pulsava com tremendo poder e mistério. A maior parte de seu formidável prestígio secular foi herdada pelo papa romano. O simples fato de ser o papa de *Roma*, provia-lhe enorme influência.

“Adicionalmente, o imperador Constantino contribuiu vigorosamente para o prestígio papal ao deixar a Itália em 330 e fundar Constantinopla (hoje Istambul), estabelecendo-a como a nova capital do Império. Constantinopla distava cerca de 1.300 quilômetros a leste, mais que um mês de

marcha para um exército da época. Segundo a expressão frequentemente mencionada de Henry Edward Manning — o exuberante cardeal britânico do século dezenove — o abandono de Roma representou a ‘liberação’ dos pontífices. Acrescenta o Cardeal Manning que, com o passar do tempo, ‘os pontífices encontravam-se sozinhos; eram a única fonte de ordem, paz, lei e segurança’ na Europa Ocidental (Henry Edward Manning, *The Temporal Power of the Vicar of Jesus Christ*, 2ª ed. com prefácio (London: Burns & Lambert, 1862), págs. xxvii, xxix).

“Muitos outros imperadores, além de Constantino, também concederam ou ofereceram poder ao papado. Passo a passo, o Império Romano (o dragão) efetivamente deu o seu poder, trono e grande autoridade à Igreja Católica (a besta semelhante a leopardo)” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 335, 336 e 433).

O artigo “Do chifre pequeno à besta do mar – as origens do império católico globalista romano” oferece uma cronologia detalhada que auxilia o pesquisador a entender a escalada geográfica e autoritária da ICAR: <https://blogdoprofh.com/2021/01/03/do-chifre-pequeno-a-besta-do-mar-as-origens-do-imperio-catolico-globalista-romano/>.

“Constantino realmente deu o seu trono para o papa. O trono dos Césares foi deixado vago. Foi nessa vaga que o papado se assentou. Aqui estão as palavras de um escritor católico: *‘E piedosamente subindo ao trono de César, o vicário de Cristo tomou o cetro diante do qual imperadores e reis da Europa se curvavam em reverência por muitas eras’* (American Catholic Quarterly Review, abril de 1911). Outros imperadores também outorgaram poder ao papado. Passo a passo, o Império Romano (o grande dragão vermelho) deu grande autoridade à igreja (a besta com corpo de leopardo), com o clímax ocorrendo em 538, quando os exércitos do império expulsaram os arianos ostrogodos de Roma, o que iniciou o período de 1.260 anos.

“Para tornar o cristianismo mais atraente para os gentios, os sacerdotes adotaram as vestimentas exteriores e os ornamentos utilizados no culto pagão. O papa Gregório teria instruído Agostinho: *‘Destrua os ídolos, nunca os templos. Borrife-os com água benta, ponha neles relíquias, e deixe as nações adorarem nos lugares onde estão acostumadas’* (ver Roy A. Anderson, *Revelações do Apocalipse*, págs. 142-143)” (FEYERABEND, 2005, p. 111).

“Muitos pensam que a palavra Vaticano seja derivada de *vaetes*, antigo adivinho ou profeta. Cícero, Tácito e outros dizem que o bairro conhecido como Vaticano era famoso na antiguidade pela sua atmosfera insalubre. Marcial escreveu: ‘Quem bebe água do Vaticano está bebendo veneno’ (Don Sharkey, *Pio XII e o Vaticano*, Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgio & Cia, 1945, p. 88).

“O primeiro edifício a ser construído no bairro foi um circo construído pelo imperador Calígula poucos anos depois da morte de Jesus. Muitas disputas esportivas aí se realizaram. Mais tarde o imperador Nero introduziu certas reformas, pelo que o circo passou a ser conhecido como o circo de Nero. Foi nesse circo que se efetuou o primeiro massacre dos cristãos. Nero contemplava satisfeito os cristãos queimados como tochas em postes, ou feitos em pedaços pelos leões, ou mortos por milhares de outros meios, cada qual mais terrível.

“Nesse circo foi o apóstolo Pedro crucificado, nos jardins de Nero. Foi sepultado, segundo a tradição, numa catacumba, perto do lugar da execução. Santo Anacleto, considerado o terceiro papa, mandou construir uma pequenina capela sobre o túmulo. Diz-se que esta capela foi o início do Vaticano (Don Sharkey, *Pio XII e o Vaticano*, Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgio & Cia, 1945, p. 89).

“Os séculos de perseguição de Roma pagã terminaram no reinado de Constantino. A pedido do papa Silvestre, Constantino começou a construção de uma grande Igreja no ponto em que estava o túmulo de São Pedro, no circo de Nero. O trabalho começou em 306. Uma parte das paredes do velho circo foi aproveitada na construção da igreja. O papa Silvestre fez a consagração da Basílica, em 18 de novembro de 324, e durou até 1506.

“Durante séculos os papas não residiam no Vaticano, moravam no palácio de Latrão, que

Constantino mandara edificar para eles do outro lado de Roma. Pouco a pouco foram construindo os edifícios no Vaticano, e em 752 já havia no local quatro mosteiros e numerosas capelas mortuárias. O palácio de Latrão, a antiga residência papal desde o tempo de Constantino, foi destruído por um incêndio. No reinado do papa Urbano V iniciaram-se as reformas no Vaticano, reformas que se estenderam pelo reinado de vários papas que sucederam a Urbano V. Nicolau V, que foi papa em meio do século XV, é considerado o pai do moderno Vaticano. Ele transferiu para o Vaticano toda a administração da Igreja. No século XVI, o Vaticano tornou-se oficialmente a residência papal e assim continua até hoje.

“A história do Vaticano, contada pela própria Igreja Católica, revela as origens do Vaticano de hoje: uma mistura do paganismo com o cristianismo, uma aliança feita entre Roma Imperial e Roma papal. No centro da grande praça da Basílica de São Pedro está o grande obelisco que foi trazido do antigo circo de Nero em 1586 e colocado no ponto em que se acha atualmente. Na sua extremidade superior está fixada uma cruz de bronze. Esse monumento do paganismo foi, pois, convertido ao cristianismo (Don Sharkey, *Pio XII e o Vaticano*, Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgio & Cia, 1945, p. 145).

“Vemos assim que quase tudo no Vaticano tem um cheiro de paganismo, e como escreveu Marcial ‘quem bebe água do Vaticano está bebendo veneno’. A profecia diz que a Igreja de Roma deu a beber a todas as nações ‘do vinho da ira da sua prostituição’ (Apoc. 18:3)” (RAMOS, 2006, p. 163–165).

“O cardeal Baronio, segundo se afirma, fez esta declaração: ‘À santa igreja foi permitido apropriar-se dos ritos e cerimônias dos pagãos em seu culto idólatra, desde que ela (a igreja) os expiasse mediante consagração’ (Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, p. 141). Peter de Rosa escrevendo sobre a maneira em que foi realizada a transição de Roma pagã para Roma papal, cita a forjada ‘Doação de Constantino’ como sendo a base das pretensões papais: ‘A partir da doação, é evidente que o Bispo de Roma seria como Constantino, viveria como ele, vestir-se-ia como ele, habitaria seus palácios, governaria sobre suas terras, teria exatamente a mesma perspectiva imperial. O papa, também queria ter o domínio sobre a igreja e o estado. Somente setecentos anos depois da morte de Pedro, os papas tinham se tornado obcecados com as possessões e o poder. Os [pretensos] sucessores de Pedro [tornaram-se] não os servos mas os senhores do mundo. Eles [...] se vestem em púrpura como Nero e chamam a si mesmos de Pontífice Máximo’ (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 141)” (RAMOS, 2006, p. 168 e 169).

“Na igreja dos primeiros séculos, a infalibilidade não era atribuída ao bispo de Roma, mas ao seu superior, o imperador de Roma. O papa Leão I (440-461), por exemplo, atribuiu ao imperador a própria infalibilidade, a qual, o papa Pio IX reivindicaria para si em 1870, persuadindo os membros do Vaticano I com o argumento de que, essa infalibilidade, sempre pertencera, exclusivamente, aos papas. Veja o texto do papa Leão I: ‘Pela inspiração do Espírito Santo o imperador não necessita de nenhuma instrução humana e é incapaz de cometer erros doutrinários’ (H. Chadwick, *The Early Church*, p. 245. Citado por Dave Hunt em seu livro *A Woman Rides the Beast*, p. 156.). Hoje os papas que ostentam os títulos de Constantino e suas insígnias são sucessores do imperador de Roma e não do apóstolo Pedro.

“Peter de Rosa comenta que: ‘Mesmo o bispo de Roma, que não foi chamado de ‘papa’ por muitos séculos, era, em comparação [a Constantino], uma entidade não existente. Em termos civis ele era o vassalo do imperador; em termos espirituais, ele era comparado com Constantino, um bispo de segunda classe. Não o papa mas ele [Constantino] [...] era a cabeça da igreja, sua fonte de unidade, diante de quem o bispo de Roma tinha que se prostrar e prometer lealdade. Todos os bispos concordam que ele [o imperador] era ‘o oráculo inspirado, o sábio apóstolo da igreja’. Era, portanto,

Constantino, não o bispo de Roma, que ditava o tempo e o lugar dos sínodos da igreja e até mesmo como deveria ser realizada a votação. Sem sua aprovação, eles não poderiam aprovar a lei; ele era o único legislador do Império” (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 157).

“A própria idéia dos concílios da igreja, foi inventada por Constantino, que a despeito de sua professa conversão a Cristo, permaneceu sendo um pagão até o fim de sua vida. Ele nunca renunciou sua lealdade aos deuses pagãos, e nas moedas imperiais foi mantida a homenagem ao deus sol. Constantino adiou o seu batismo o quanto pôde, e só concordou em ser batizado um pouco antes de sua morte. Ele foi batizado por Eusébio, um sacerdote herético e ariano.

“O historiador católico, Philip Hughes, menciona que Constantino em seus hábitos, no final de sua vida, permaneceu sendo muito mais pagão do que antes. Seu temperamento furioso, a crueldade, a qual uma vez suscitada, não poupava a vida nem mesmo da sua esposa e filho Crispus, um sobrinho e um cunhado. Todos eles são testemunhas não agradáveis da imperfeição da conversão de Constantino (Philip Hughes, *A History of the Church*, vol. 1, p. 198, citado por Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 158)” (RAMOS, 2006, p. 170 e 171).

“As próprias cores de púrpura e escarlata (Apoc. 17:4) identificam os elos da Igreja Romana com Roma pagã. Estas eram as cores usadas pelo Império Romano, com as quais os soldados romanos, zombeteiramente, vestiram Jesus como Rei (Mateus 27:28; João 19:2, 5)). O Vaticano herdou e se apossou não só do trono e poder, mas até mesmo das cores do romanismo pagão. As cores mencionadas em Apocalipse 17:4, púrpura e escarlata, são ainda hoje, literalmente, as cores do clero católico. ‘A cor para os bispos e outros prelados é púrpura, e para os cardeais escarlata’ (Dave Hunt, cita aqui *Our Sunday Visitor's Catholic Encyclopedia*, p. 175, 178).

“O senado romano que governou a cidade de Roma nos tempos dos Césares, era conhecido como a cúria romana. De acordo com o Dicionário Católico de Bolso, este nome é agora a designação do ‘conjunto inteiro de escritórios administrativos e judiciais através dos quais o papa dirige as operações da Igreja Católica’ (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 72)” (RAMOS, 2006, p. 171).

Já vimos no período representado pela igreja de Pérgamo no qual estaria o “trono de Satanás” e “onde Satanás habita” (Ap 2.13) que os sacerdotes da religião babilônica pagã, após o império babilônico dar lugar ao império medo-persa e o império grego, foi assimilada pelos romanos. Títulos como Pontífice Máximo (o maior fabricante de pontes, ou coletor de pontes no sentido de cobrador de pedágio ou impostos) veio diretamente daquela religião idólatra, passou pelo culto aos imperadores romanos, foi usado por Constantino e posteriormente pelo papado.

O papado cumpre com exatidão a Apocalipse 2.13 em sua tentativa de roubar de Deus algumas de Suas prerrogativas e envolver-se na autoídiolatria satânica, como ali foi mencionado, e agora repetimos: “Essa contrafação religiosa pretendia ser uma ponte entre o céu e a terra. O monarca era o cabeça do sistema. Ele tinha muitos títulos, um dos quais, Pontífice Máximo. Como imperador pagão, Constantino já estava investido do poder e honras do paganismo. Ao vir para o cristianismo ele não renunciou estas honras, mas trouxe-as para dentro da igreja cristã.

“Enquanto ele liderava a igreja cristã, era ao mesmo tempo o chefe do sacerdócio pagão, oficiando celebrações pagãs, e fundando templos pagãos, mesmo após ter começado a construir igrejas cristãs. Como cabeça do sacerdócio pagão ele era o Pontífice Máximo, e precisava do mesmo título como cabeça da igreja cristã (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 46).

“Os cristãos honraram-no como Bispo dos Bispos, enquanto Constantino chamava a si mesmo em latim *Vicarius Christi*, que, em português, quer dizer Vigário de Cristo, mas em grego o equivalente é anticristo. O termo em latim *Vicarius* equivale ao termo grego anti e tem dois significados: contra, e no lugar de, ou substituto. Traduzindo para o grego, esse título latino *Vicarius Ch-*

risti significa literalmente anticristo (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 45.)

“Em 375, Graciano, um imperador cristão, recusou as vestimentas pagãs e o título pagão de Pontífice Máximo, que significa: o maior fabricante de pontes, ou coletor de pontes, no sentido de cobrador de pedágio. Mas o bispo de Roma viu aí uma oportunidade de exaltar sua dignidade, e assumiu o título e as vestimentas de Pontífice Máximo. Este histórico título do sumo sacerdote do paganismo, foi perpetuado na igreja juntamente com as vestes do sumo sacerdote pagão, mas sempre sob o disfarce do cristianismo (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 45).

“O papado, durante a Idade Média tomou para si os três títulos de Constantino: Pontífice Máximo, Vigário de Cristo (ou anticristo), e Bispo dos Bispos. Todos os reformadores, sem exceção, falaram desta igreja apóstata como o anticristo (Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, p. 155)” (RAMOS, 2006, p. 172 e 173).

- 13.3 Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; Séculos se passaram até que o tentáculo “papado” do catolicismo romano foi ferido pela Revolução Francesa, outra marionete satânica para desviar mentes incautas da salvação oferecida por Deus à humanidade. Mas esse evento logo ficaria na História, pois a religião globalista romana, ungida pelo pai da mentira e por ele conduzida, seguiria seu curso até voltar a sua hegemonia de outrora, pois os habitantes da Terra que ignoram a genuína revelação profética e a própria História, voltariam a tornar o falso cristianismo tão popular quanto antes, obedecendo-lhe em suas mentiras;
- 13.4 e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelear contra ela? e os que assim procedem, adoram a Satanás, pois ele é quem está conduzindo a religião globalista romana desde suas origens; e esses cristãos nominais, os quais não seguem a Jesus Cristo, mas a ideologia católica romana, também adoram a essa instituição, uma vez que a colocam acima dos ensinamentos de Deus revelados pelos profetas que Ele enviou, e não os falsos mestres católicos com suas crenças inventadas e reveladas pelos próprios anjos caídos, as quais contradizem a Bíblia. Esses seguidores fanáticos exaltam a própria arapuca na qual vivem e creem que a religião globalista romana é o plano de Deus para a restauração do planeta Terra, é invencível e que todos devem se tornar romanizados como eles para que o planeta não seja destruído. É uma religião humanista, totalmente secularizada, sem a preocupação com a genuína santidade que o Criador tem e concede aos Seus filhos obedientes! A única preocupação de seus líderes é dominar o planeta não importando os meios utilizados, assim como seu líder sobre-humano.
- 13.5 Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; Assim como o profeta Daniel viu por meio da inspiração divina, um chifre pequeno que falava “com insolência” (Dn 7.8), eu, João também vi que desde sua origem a instituição católica romana foi arrogante e blasfema em suas invencionices e mentiras em Nome de Deus: crê que o apóstolo Pedro é a “rocha” sobre a qual Jesus fundou o cristianismo papal; crê que seu líder maior, o papa, é o substituto do Filho de Deus na Terra e, com base nessa mentira, crê noutra: que ele é inerrante! Crê que as indulgências papais são reais e que o comércio delas, que enriquece os cofres dessa falsa religião, é apoiado por Deus! Crê que a Bíblia pode ser pisada por supostas novas revelações, gerando uma bipolaridade divina explícita! Crê que os 10 Mandamentos de Êxodo 20, escritos pelo próprio dedo de Deus, são descartáveis, editáveis pela suposta autoridade que Ele deu a essa instituição! Crê que o ser humano para ser salvo tem de se tornar matriculado nessa instituição, usurpando outro atributo divino, o de salvar o pecador! Usar todas essas mentiras e outras tantas para usurpar poderes políticos e impor essas mentiras para que se proliferem ao ponto de dominar indivíduos, realidades, senados, nações e o planeta inteiro – isso ocorrerá por 42 meses de 30 dias, ou seja, 1260 anos, de 538 até 1798 (cf.

Ap 11.2 e 3, 12.6 e 14), como uma amostra do êxito satânico em sua sanha de tornar a Terra seu feudo disfarçado de deus do pseudocristianismo! Satanás deu sua autoridade como pai da mentira para a igreja globalista “apostólica” romana e por meio desse embuste ele planeja sequestrar toda a Criação de Deus na Terra.

- 13.6 e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Durante todo esse período, as crenças e práticas católicas desonrarão o verdadeiro Deus e obscurecerão os ensinamentos dos profetas bíblicos sobre o Santuário mosaico, o qual aponta para o Santuário celestial e os serviços em prol da salvação dos homens que são realizados ali, por Jesus Cristo e Seus ministros. Em vez de ensinar sobre esse ministério contínuo de Jesus e o dia das expiações que Ele cumprirá após os 1260 anos, julgando a humanidade, retirando a culpa, concedendo o perdão, dando a cada um segundo as suas obras, não, esse cristianismo espúrio embaçou e até retirou de Cristo o ministério sumo sacerdotal e o trabalho de Seus ministros lá no Santuário celestial, através de apropriação indevida da função sacerdotal por meio de narrativas fabricadas como a Eucaristia, o confessional e demais tradicionalismos blasfemos.
- 13.7 Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deus-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; De 538 até 1798 se cumprirão as profecias de Daniel do massacre católico romano sobre os santos, os filhos de Deus cuja vida em harmonia com Sua Palavra causará a inveja e o ódio demoníaco dos bastardos. Todo o globo terá sido fermentado pelo catecismo e pelas encíclicas do cristianismo romanizado, desde a antiga Europa até as ilhas e os continentes que ainda serão descobertos pelas navegações;
- 13.8 e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. e através dessa militância jesuíta mundial, o pai da mentira contaminará o imaginário e a sinceridade de toda humanidade. Muitos irão adorar o demônio crendo que estarão fazendo a vontade de Deus, e entre esses estão aqueles que terão seus nomes riscados do Livro da Vida do Salvador Jesus Cristo durante o julgamento pré-advento, pois mesmo sendo ensinados e advertidos, estarão com a mente embotada pelo veneno da serpente que também seduziu Eva e Adão, e por quem Jesus havia decidido morrer mesmo antes da criação do planeta Terra.
- 13.9 Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém tem a mente ainda acessível à Palavra de Deus, se esforce para entendê-La e atendê-La.
- 13.10 Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos. Toda esta profecia sobre esse fantoche do ventríloquo Satanás, e sua perseguição contra os filhos de Jesus não deve desanimar os santos, os filhos legítimos de Deus, pois Ele fez, faz e fará justiça: os cardeais inescrupulosos que julgarão sumária e desonestamente aqueles que rotularão como hereges e os farão agonizar à pão, água, escuridão, fezes e urina; aqueles juízes iníquos que sentenciam à tortura e morte os inocentes de Deus; reis e outros políticos que se prostituem com o papado, fazendo vista grossa às atrocidades e genocídios, crendo em vantagens espirituais ilusórias – todos eles receberão seu salário das mãos do próprio Juiz de toda a Terra! Mantenham-se firmes e constantes em vossa obediência aos Mandamentos do Senhor, pois Ele julga e condena as sentenças ímpias dos que violam vidas humanas em Seu Nome!

“FERIDA. Gr. *Plēgē*, ‘uma pancada’, ‘um golpe’, também uma ferida causada por uma pancada. Um ou outro significado pode ser adotado neste texto. A ‘ferida mortal’ poderia ser ou a pancada que produz morte, ou a ferida que produz morte” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 224).

“João prossegue dizendo que, em determinado momento da história, uma das cabeças da besta recebe uma ferida mortal que causa sua morte. Mas a ferida mortal é curada e a besta é trazida de volta à vida (Ap 13:3). Isso espelha a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. No grego, a mesma

palavra usada para se referir à morte da besta é utilizada para se referir à morte de Cristo, o Cordeiro (Ap 5:6). Essas três fases da existência da besta do mar são definidas em Apocalipse 17:8 em termos da besta que ‘era e não é’ e ‘está para emergir’. Essa descrição consiste em uma antítese do título divino: ‘Aquele que era, que é e que há de vir’ (Ap 4:8; cf. 1:4)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 76).

“Existe uma união entre o dragão e a besta que surge do mar, porque ambos possuem sete cabeças e dez chifres (comparar Apocalipse 12:3 com 13:1). No fato do dragão delegar seu poder, seu trono e grande autoridade a primeira besta é isto uma imitação deliberada de como Deus tem dado seu poder e seu trono ao filho, Jesus Cristo (Apocalipse 5:12-13). Por isso esta primeira besta se caracteriza como sendo o anticristo, porque procura ocupar o lugar deste. Da mesma maneira procura descrever a morte e a ressurreição do Messias pela própria morte e ressurreição da besta, após a ferida mortal. Por isso a besta opera como uma falsificação do cordeiro, um falso cristo. Além de tudo isso, busca para si a adoração que é devida apenas ao Criador (Apocalipse 14:7)” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 46).

O artigo “Do auge do império globalista católico romano até a ‘ferida mortal’”, disponível em <https://blogdoprofh.com/2021/01/23/do-auge-do-imperio-globalista-catolico-romano-ate-a-ferida-mortal/>, (acesso em dez. 2021) apresenta uma cronologia bastante completa sobre o golpe mortal que a Revolução Francesa e outras “revoluções” acometeram sobre a hegemonia romanista.

“[Essa besta] *É idêntica ao chifre pequeno*. – Para mostrar isto melhor [e novamente], bastanos estabelecer um paralelo entre o chifre pequeno de Daniel 7:8, 20, 24, 25 e este poder. Esta comparação torna claro que o chifre pequeno e a besta semelhante ao leopardo simbolizam o mesmo poder. O chifre pequeno é reconhecido como um símbolo do papado. Podemos dar seis pontos que estabelecem sua identidade:

1. O chifre pequeno era um poder blasfemo. ‘Proferirá palavras contra o Altíssimo.’ (Daniel 7:25). A besta semelhante ao leopardo de Apocalipse 13:6 faz o mesmo: ‘Abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus’.

2. O chifre pequeno fazia guerra contra os santos e os venceu (Daniel 7:21). Também esta besta (Apoc. 13:7) faz guerra aos santos e os vence.

3. O chifre pequeno tinha uma boca que falava grandiosamente (Daniel 7:8, 20). E desta besta lemos: ‘E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias.’ (Apoc. 13:5).

4. O chifre pequeno levantou-se ao cessar a forma pagã do Império Romano. A besta de Apocalipse 13:2 surge no mesmo tempo, porque o dragão, Roma pagã, dá-lhe o seu poder, seu trono e grande autoridade.

5. Foi dado poder ao chifre pequeno para continuar por um tempo e tempos e metade de um tempo (Dan. 7:25). A esta besta também foi dado poder por quarenta e dois meses, ou 1.260 anos (Apoc. 13:5).

6. No fim daquele período especificado de 1.260 anos, os ‘santos’, ‘os tempos’ e a ‘lei’ iam ser libertos da ‘mão’ do chifre pequeno (Dan. 7:25). No fim do mesmo período a própria besta semelhante ao leopardo havia de ser levada ‘em cativeiro’ (Apoc. 13:10). Ambas estas especificações se cumpriram no cativeiro e exílio do papa, e na derrocada temporária do papado pela França, em 1798.

“[...] Ora, Roma é representada por dois símbolos, o dragão e a besta semelhante ao leopardo, porque apresentou duas fases: a pagã e a papal. E o que se diz do dragão só se aplica a Roma na sua forma pagã, e o que se diz da besta semelhante ao leopardo só se aplica a Roma na sua forma pretensamente cristã de Roma. João diz que uma das cabeças desta última besta semelhante ao leopardo foi a que recebeu a ferida de morte. Em outras palavras, esta ferida foi infligida à forma de governo que existia no Império Romano depois da mudança do paganismo ao cristianismo. É então evidente que a cabeça papal foi a que resultou ferida de morte e cuja ferida mortal foi curada.

“O ser assim ferida é o mesmo que ir em cativeiro (Apoc. 13:10). Foi infligida a ferida quando o papa foi levado prisioneiro pelo general francês Berthier, e o governo papal foi temporariamente abolido, em 1798. Despojado do seu poder, tanto civil como eclesiástico, o cativo papa Pio VI morreu no exílio, em Valença, na França, em 29 de agosto de 1799. Mas a ferida mortal foi cura-

da quando o papado foi restabelecido, embora com uma diminuição do seu antigo poder, pela eleição de um novo papa, em 14 de março de 1800. (Ver Bower, *History of Popes*, págs. 404-428; George Croly, *The Apocalypse of St. John*, pág. 251)” (SMITH, 1979, p. 193 e 194).

“‘Deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses.’ E, diz o profeta, ‘vi uma de suas cabeças como ferida de morte.’ E, mais, ‘se alguém leva em cativo, em cativo irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto.’ Os quarenta e dois meses são o mesmo que ‘tempo, tempos, e metade de um tempo’, três anos e meio, ou 1.260 dias, de Daniel 7, tempo durante o qual o poder papal deveria oprimir o povo de Deus. Este período, conforme se declara nos capítulos precedentes, começou com a supremacia do papado, no ano 538 de nossa era, e terminou em 1798. Nesta ocasião o papa foi aprisionado pelo exército francês, e o poder papal recebeu a chaga mortal, cumprindo-se a predição: ‘Se alguém leva em cativo, em cativo irá’” (WHITE, 2013, p. 383).

“Todavia esse incidente marcou apenas o clímax duma longa série de eventos. O declínio do poder papal começara muitos anos antes [...] O arrebentar da Reforma Protestante foi um evento significativo na longa série” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 224).

“‘E vi uma de suas cabeças como ferida de morte’. — A chaga mortal foi vibrada indubitavelmente sobre a sétima cabeça que, segundo o capítulo dezessete e estas considerações, é a própria besta ‘semelhante ao leopardo’ — o papado. E como a sétima cabeça ou Roma-papal recebeu a ferida mortal, diz-nos enfaticamente a história ligada às conquistas francesas de Napoleão, na Europa. Um dos objetivos de Napoleão era acabar com o papado.

“O papa não quis abdicar e a 18 de fevereiro Haller voltou ao Vaticano. Sem se descobrir entrou na sala onde o papa estava a almoçar e exigiu-lhe a entrega das suas jóias. Tirou-lhe dos dedos dois anéis preciosos e intimou-o a preparar-se para deixar o palácio e a cidade de Roma. Como o papa pedisse que o deixassem morrer na capital do mundo cristão, foi-lhe respondido: ‘podeis ir morrer em qualquer outro sítio. Ou partis espontaneamente ou ireis à força. Escolhei’. Na manhã de 20 de fevereiro foram buscá-lo ao Vaticano, metendo-o à pressa numa carruagem, que o levou a Siena, onde ficou provisoriamente alojado no convento dos Agostinhos’ (Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XIX, 804-805). Posteriormente Pio VI foi levado a Florença e daí para o convento dos Cartuxos. No ano seguinte transportaram-no numa padiola através de Turim, por cima dos Alpes, para Grenoble, e afinal para a cidadela de Valence, no Delfinado, França, onde morreu a 29 de agosto de 1799” (MELLO, 1959, p. 339 e 340).

“Em 1798, o exército de Napoleão provocou uma ferida mortal na besta do mar ao capturar o papa Pio VI, marcando a queda do papado e a conclusão do período profético de 1.260 dias. A religião instituída pelo Estado e a teologia teocêntrica que dominaram o mundo ocidental por séculos foram substituídas pela perspectiva materialista e antropocêntrica do mundo moderno. No entanto, Apocalipse 13 prossegue dizendo que o poder político religioso usado por Satanás durante a Idade Média, gravemente ferido pela Revolução Francesa, se levantaria de novo e exerceria seu poder opressor sobre o mundo.

“A cura da ferida mortal da besta encheria os habitantes do mundo de respeito e admiração: ‘E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8). E o que causará a cura da ferida mortal da besta? A resposta está na descrição do outro poder terreno que surge no cenário mundial – um poder que desempenhará um papel-chave no reavivamento da autoridade medieval opressora e forçará sua aceitação por parte dos habitantes da Terra” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 78).

“Durante dois anos, o mundo não teve papa. Porém, a República francesa, na Itália, caiu dois anos após seu estabelecimento, e os cardeais dispersos, reuniram-se em Veneza, em número de 35, e elegeram, a 14 de março de 1800, um novo papa, o cardeal Barnabé Luiz Gregório Chiaramonti, que tomou o nome de Pio VII. Este foi o primeiro passo para a cura da chaga mortal que sofrera o papado e para a sua restauração ao antigo poder temporal. A própria França reatou relações com o papado e Napoleão convidou Pio VII para ir a Paris sagrá-lo imperador dos franceses, cerimônia esta que se realizou a 2 de dezembro de 1804, na catedral de Notre Dame.

[...]

“Na manhã de 12 de fevereiro, ao assomar Pio XI a um dos mais altos balcões da igreja de São Pedro, uma multidão de 200.000 pessoas concentradas na praça São Pedro, exclamou vibrante de entusiasmo: ‘Viva o papa-rei! Viva o papa-rei!’ Sim, estava restaurado mais uma vez o poder temporal do papado, e a ferida mortal de 1798 já mais cicatrizada” (MELLO, 1959, p. 342 e 343).

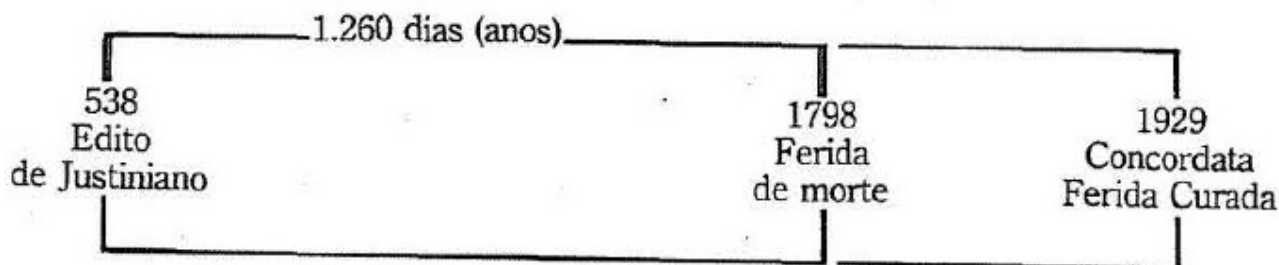
A cronologia [Da “ferida mortal” infligida ao império papal \(Ap 13\) até sua completa cura e novo auge, onde ele receberá adoração por parte de “toda a terra”](#) oferece, pormenorizadamente, a cicatrização do golpe fatal recebido pelo império católico globalista romano, e mais evidências de que a profecia joanina a respeito de seu completo domínio sobre o planeta está se cumprindo ano após ano.

“FOI CURADA. Houve um gradual reavivamento na vida papal nos anos seguintes à Revolução Francesa. O papado sofreu um novo revés quando em 1870 os Estados papais lhe foram tirados. Um evento significativo ocorreu em 1929, quando o Tratado de Latrão restaurou o poderio temporal ao papa, sendo-lhe dado o governo da Cidade do Vaticano, uma seção da cidade de Roma, com cerca de 108,7 acres de extensão.

“Contudo, o profeta anteviu uma restauração muito maior. Viu a ferida completamente curada, segundo implica o grego. Após a cura, viu ‘todos os que habitam sobre a terra’, exceto uns poucos fiéis, adorando a besta (v. 8) [...]. Isto ainda se acha no futuro. Embora o papado receba homenagens de certos grupos, vastas populações não lhe mostram deferência. Porém isto devera mudar. A besta do v. 11, ‘faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada’ (v. 12)” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 224 e 225).

“Em 1929 Benito Mussolini assinou a célebre concordata com o papado, dando-lhe os 44 hectares que hoje constituem o Estado do Vaticano, recuperando-se assim o poder temporal dos papas. Desde aquela época voltaram a mostrar-se em público com poder e popularidade crescentes, fazendo viagens e sendo aclamados por multidões, inclusive em países protestantes como os E.U.A, em outros do bloco comunista e mesmo das Nações Unidas” (BELVEDERE, 1987, p. 74).

Figura 1 – Os 42 meses antes da ferida curada



Fonte: Belvedere (1987, p. 74)

“Dessa ocasião em diante, o papado se transformou num poder internacional, reconhecido em toda parte como a preeminente força moral na sociedade moderna. Em 1984 os Estado Unidos reconheceram o papa como chefe de Estado e designaram um embaixador oficial para a Santa Sé. Em 1987 o presidente dos Estados Unidos deu as boas-vindas ao papa para pregar ao povo norte-americano. 27 dirigentes protestantes e ortodoxos orientais se encontraram com o papa em Colúmbia, Carolina do Sul.

“Poucos dias depois disso, em Los Angeles, ele encontrou-se com representantes do islamismo, hinduísmo, budismo e judaísmo. No ano precedente (1986) centenas de líderes de todas as principais religiões do mundo juntaram-se ao papa, na Itália, a pedido dele, numa cerimônia de oração especial pela paz mundial. ‘O papa está sendo hoje admiravelmente bem-sucedido, obtendo ampla aceitação como o Papa *urbis et orbis*, o Pai espiritual de Roma e do mundo’ – Samuele Bachiochi, *Signs of the Times* dezembro de 1987)” (COFFMAN, 1989, p. 21).

“Aqueles que se maravilham ‘após a besta’, adoram o dragão que lhe deu o poder. Em outras palavras, os adoradores da besta são adoradores do dragão. Não podendo receber Satanás uma adoração direta do mundo, recebe-a indiretamente por intermédio da besta. Satanás não poderia ter em-

pregado sortilégio mais enganatório do que êste de receber homenagens de adoração do mundo através de um poder denominado cristão. [...] Adorar um poder que recebeu autoridade do dragão significa cometer grave pecado contra Deus e o céu. No entanto o papado, na pessoa de seus pontífices, não só pretende adoração como a tem recebido de milhões de grandes e pequenos. No passado não foram poucos os soberanos e príncipes que o adoraram a ponto de lhe beijarem os pés” (MELLO, 1959, p. 344).

“Adorar a besta é de fato adorar o dragão, pois a besta não é senão o agente visível do dragão, que executa o programa do dragão. A era do papado redivivo será também caracterizada por um período em que o espiritismo se acha especialmente ativo. Atrás do espiritismo acha-se Satanás operando ‘com todo engano de injustiça’ (II Tes. 2:10). Através do Catolicismo Romano, Espiritismo e Protestantismo apóstata, Satanás pretende fazer o mundo adorá-lo. Ele será bem sucedido, com excesso de um nobre remanescente que recusa inclinar-se ante suas exigências (Apoc. 12: 17; 13: 8).

“[...] QUEM É SEMELHANTE? Talvez uma paródia a expressões similares acerca de Deus (veja-se Êx. 15: 11; Sal. 35: 10; 113: 5)” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 225 e 226).

“Quem [...] besta? O contraste deliberado com Cristo é notável, pois o nome Miguel (Cristo, 12:7) significa ‘Quem é como Deus?’” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“Uma boca falando blasfêmias. Apoc. 13:5, 6; Dan. 7:25; 11:36; II Tess. 2:4” (THIELE; BERG, 1960, p. 255).

“As atividades da besta são descritas como uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias durante o período profético de 42 meses. Essas atitudes da besta ecoam a atividade do poder antivino do chifre pequeno, proveniente da quarta besta em Daniel 7. Os paralelos entre as duas visões mostram que Daniel 7 e Apocalipse 13 lidam com o mesmo poder terreno. Em primeiro lugar, as blasfêmias da besta do mar envolvem o nome de Deus (Ap 13:5, 6). No Novo Testamento, blasfêmia denota reivindicar igualdade com Deus (Jo 10:33; Mt 26:63-65) ou prerrogativas divinas (Mc 2:7).

“A besta do mar de Apocalipse 13 reivindica os títulos de Deus e prerrogativas que pertencem somente a Ele. Segundo, as blasfêmias da besta do mar são dirigidas contra o tabernáculo de Deus e aqueles que habitam nele. A morada do Senhor é o santuário no Céu onde Cristo ministra em favor de Seu povo. A besta do mar nega a obra mediadora de Cristo no santuário celestial e tenta substituí-la por um sistema humano de salvação e perdão de pecados” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 76 e 77).

“Há algumas ‘arrogâncias’ do papado que para Deus são blasfêmias. Por exemplo: sua pretensão de perdoar pecados. Depois da ascensão de nosso Senhor Jesus Cristo, São Pedro deixou bem claro que ele (Pedro) não tinha poder para perdoar pecados, que essa é atribuição de Deus (Atos 8:20-23). Evidentemente ele conhecia o princípio bíblico de que só Deus tem poder de perdoar pecados e que, quem pretende fazê-lo, blasfema (São Marcos 2:7).

“Outros exemplos: ao fazer-se chamar ‘Santo Pai’ adotou um nome que corresponde a Deus. Jesus: ‘A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, Aquele que está no Céu’ (São Mateus 23:9). Proclama ser cabeça da igreja, usurpando assim a função de Cristo, que é o cabeça do corpo da Igreja (Efésios 5:23). Também aceita homenagens que na Santa Bíblia são um ato de adoração que corresponde só a Deus. Referimo-nos à prática de ajoelhar-se ante o papa. São Pedro proibiu a Cornélio que o fizesse por considerar-se (Pedro) um mero ser humano (Atos 10:25, 26). Note que o santo anjo de Deus, apesar de ser superior a um santo apóstolo, proibiu a João que se ajoelhasse diante dele, explicando-lhe que isso era um ato de adoração que só corresponde praticar perante Deus (Apocalipse 19:10; 22:8, 9).

“Agora entendemos melhor o que quis dizer São Paulo quando escreveu na Santa Bíblia que ‘o homem da iniquidade, o filho da perdição, ... a ponto de sentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus’ (II Tessalonicenses 2:3, 4). Por isto é ele o anticristo (ANTICRISTO, quer dizer que se põe no lugar de Cristo, e também se opõe a Cristo)” (BELVEDERE, 1987, p. 73).

“BLASFEMAR O SEU NOME. (ARA ‘difamar’). Por assumir títulos divinos. [...] SEU

TABERNÁCULO. (ARA - ‘o tabernáculo’). Este é o segundo objeto da blasfêmia. Esse poder presume estabelecer seu templo na terra, e desvia assim a atenção do povo do santuário celeste, o ‘verdadeiro tabernáculo’ onde Jesus ministra como Sumo Sacerdote (Heb. 8: 1 e 2). Mas este poder procura lançar por terra a obra desse santuário [...] O ministério celeste do sacrifício de Cristo é diminuído, e o sacrifício da missa na terra o substitui” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 227).

“Esta besta abre a sua boca ‘em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu.’ Já se mencionou, nos comentários sobre o livro de Daniel, o significado da expressão: ‘Falará palavras contra o Altíssimo.’ (Dan. 7:25) No verso 5 deste capítulo, são usadas palavras semelhantes, pois tinha ‘boca que proferia arrogâncias’. Mas é acrescentado ‘blasfêmias’, o que indica evidentemente que as ‘arrogâncias’ seriam declarações blasfemas contra o Deus do céu.

“Nos Evangelhos encontramos duas indicações do que constitui uma blasfêmia. Em João 10:33 lemos que os judeus acusaram falsamente a Jesus de blasfemar porque disseram: ‘sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo’. A acusação no caso do Salvador era falsa, porque Ele era o Filho de Deus, era ‘Emanuel, Deus conosco’. Mas quando um homem assume as prerrogativas de Deus e os títulos da Divindade, isto constitui uma blasfêmia. Em Lucas 5:21 os fariseus procurando surpreender a Jesus em Suas palavras, perguntam: ‘Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?’ Jesus podia perdoar pecados porque Ele era o divino Salvador. Mas quando um homem mortal declara ter tal autoridade, ele certamente blasfema. Poderíamos perguntar se o poder apresentado por este símbolo cumpriu esta parte da profecia. Nos comentários sobre Daniel 7:25 vimos claramente que tinha falado ‘palavras contra o Altíssimo’. Observemos agora o que é dito acerca de como o sacerdócio pretende perdoar pecados:

“O sacerdote ocupa o lugar do próprio Salvador, pois ao dizer: ‘*Ego te absolvo*’ [Eu te absolvo], absolve do pecado. [...] Para perdoar um só pecado se requer toda a Onipotência de Deus [sic, Deus]. [...] Mas o que unicamente Deus pode fazer por sua Onipotência, o sacerdote pode fazê-lo também dizendo: ‘*Ego te absolvo a peccatis tuis*’ [...] Inocêncio III escreveu: ‘Na verdade, não é exagerado dizer que em vista do caráter sublime de seu cargo, os sacerdotes são outros tantos deuses.’ – Alfonso de Ligório, *Dignity and Duties of the Priest*, págs. 34-36.

“Notemos ainda outras declarações blasfemas daquele poder:

“Mas nossa admiração deve ser muito maior quando encontramos que em obediência às palavras de seus sacerdotes: *HOC EST CORPUS MEUM* [Este é o meu corpo], Deus mesmo desce ao altar, acode aonde quer que o chamem, e se coloca em suas mãos, mesmo que sejam seus inimigos. E tendo acudido, fica, completamente a seu dispor; eles o transladam como querem de um lugar a outro; podem, se assim o desejam, encerrá-lo no tabernáculo, ou expô-lo sobre o altar, e levá-lo fora da igreja; podem, se quiserem, comer sua carne e dá-lo para alimentar a outros. ‘Oh, quão grande é seu poder’ – diz São Lorenzo Justiniano, falando dos sacerdotes. – ‘Cai uma palavra de seus lábios, e o corpo de Cristo está aqui substancialmente formado com a matéria do pão, e o Verbo Encarnado descendo do céu se acha realmente presente sobre a mesa do altar!’ – Idem, págs. 26, 27.

“Assim pode o sacerdote, em certa maneira, ser chamado criador de seu Criador [...] ‘O poder do sacerdote’ – diz São Bernardino de Siena – ‘é o poder da pessoa divina; porque a transubstanciação do pão requer tanto poder como a criação do mundo.’ – Idem, págs. 32, 33.

“Assim é como esta potência representada pela besta blasfema contra o templo do Céu, chama a atenção de seus súditos para seu próprio trono e palácio em vez de ao tabernáculo de Deus, desviando sua atenção do sacrifício do Filho de Deus ao sacrifício da missa. Blasfema contra os que moram no Céu, assumindo o poder de perdoar os pecados, e assim desvia aos homens da obra mediadora de Cristo e Seus assistentes celestiais no santuário do alto” (SMITH, 1979, p. 195 e 196).

“[...] tabernáculo. O santuário celestial. Quaisquer que sejam as vanglórias do poder da besta, Deus monitora e controla a história terrestre a partir da localização vantajosa do santuário celestial/da sala do trono [ver o capítulo 4]” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“Jesus disse: ‘A. ninguém sobre a Terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos Céus’ (Mateus 23:9). Até mesmo Jesus, como ser humano, objetou ser chamado

Bom Mestre (Mateus 19:17). No Quinto Concílio de Latrão, em 1512, foi dito do papa Júlio II: ‘Tu es o Pastor, Tu és o Médico, Tu és o Governador, Tu és o Esposo e, finalmente, Tu és outro Deus na Terra’.

“Aqui estão palavras de um escritor católico, Alphonsus de Liguori, explicando a visão católica sobre o sacerdócio: O sacerdote assume o lugar o próprio Salvador quando, ao dizer: ‘Ego te absolvo’ (Eu te absolvo), ele absolve o pecado. Perdoar um simples pecado requer toda a onipotência de Deus. Por isso, o sacerdote pode, de uma certa maneira, ser chamado o criador do Criador (Alphonsus de Liguori, *Dignity and Duties of the Priests*, pág. 32 e 33)” (FEYERABEND, 2005, p. 112 e 113).

“As pretensões históricas dos papas e dos concílios católicos romanos são consideradas oficiais. O Papa Leão XIII escreveu em 20 de junho de 1894: ‘Nós [o papa] ocupamos na Terra o lugar do Deus Onipotente.’ – ‘A Reunião da Cristandade’, *The Great Encyclical Letters of Pope Leo XIII* (Nova Iorque: Benzinger, 1903), pág. 304; citado em das bible Student’s Source Book, p. 684.

“O Concílio do Vaticano (1869-1870) decidiu o seguinte: ‘Se alguém falar, portanto, que o Pontífice Romano tem apenas a função de inspeção ou direção, mas não o pleno e supremo poder de jurisdição sobre a Igreja universal, não somente nas coisas que dizem respeito à fé e à moral, mas também nas que se referem à disciplina e ao governo da Igreja espalhada pelo mundo todo; ou, que ele só possui as partes mais importantes, mas não toda a plenitude desse supremo poder; ou que esse seu poder não é ordinário e imediato, ou sobre as igrejas em conjunto e individualmente, e sobre os pastores e os fiéis em conjunto e individualmente; que ele seja anátema [maldito].’ – Henry Denzinger, *The Sources of Catholic Dogma*, tradução da 30ª edição de *Enchiridion Symbolorum* (St. Louis: Herder, 1957), pág. 455.

“O mesmo Concílio do Vaticano decretou: ‘E assim Nós ... ensinamos e explicamos que o dogma foi revelado divinamente: que o Pontífice Romano, quando fala ex-cathedra, isto é, quando desempenha o dever de pastor e mestre de todos os cristãos, de acordo com a sua suprema autoridade apostólica, explica uma doutrina de fé ou de moral que deve ser mantida pela Igreja universal, por meio da ajuda divina que lhe foi prometida na bênção de Pedro, atua com essa infalibilidade com a qual o Redentor divino queria que Sua Igreja fosse instruída ao definir alguma matéria de fé e de moral; e assim, tais definições do Pontífice Romano, por si mesmo, mas não pelo consenso da Igreja, são inalteráveis.’ – Henry Denzinger, *The Sources os Catholic Dogma*, pág. 457.

“O Concílio de Trento (1545-1563) decidiu: ‘Nosso Senhor Jesus Cristo, quando estava para ascender da Terra ao Céu, deixou os sacerdotes como Seus próprios vigários ..., como governantes e juizes, a quem deviam ser trazidos todos os pecados mortais em que tenham caído os fiéis de Cristo, para que eles, em virtude do poder das chaves, possam pronunciar a sentença de remissão ou retenção dos pecados... Ele também ensina que mesmo os sacerdotes envolvidos em pecado mortal exercem como ministros de Cristo a função de perdoar pecados, em virtude do Espírito Santo concedido na ordenação, e que a opinião de que esse poder não existe nos maus sacerdotes é errônea’ – Idem, págs. 275 e 277.

“[...] Essencialmente, a blasfêmia envolve a usurpação de poderes divinos. O papado efetua isso por meio de suas afirmações audaciosas de que exerce na terra a autoridade de Deus, como Sua voz infalível, e por intermédio de seu sacerdócio e sacramentos” (COFFMAN, 1989, p. 33–35).

“Poderá haver maior blasfêmia do que a pretensão de fazer do amante Salvador um verdadeiro brinquedo? Em milhares de igrejas em toda a terra e diariamente, os sacerdotes do papado pretendem fazer de Cristo aquilo que acima diz Alfonso Liguori [e demais], porta-voz do romanismo. E’ assim que a besta romana desvia a atenção dos homens do santuário de Deus e do sacrifício realizado pelo Filho de Deus, voltando-os a seus templos terrestres e ao sacrifício da missa que não tem lugar no plano de Deus. Jesus morreu uma vez só, diz São Paulo, pelo pecador. Mas a igreja romana, segundo ensina, arroga-se repetir na missa o sacrifício da cruz milhares de vezes diariamente (9:24-26). Isto é grande blasfêmia” (MELLO, 1959, 350 e 351).

“Mas as blasfêmias vão além. Atingem também os ‘que habitam no céu’. No santuário celestial, Jesus, como Sumo-sacerdote, é assistido por um grupo de vinte e quatro anciãos, segundo vemos nos capítulos quatro e cinco. Quando a igreja de Roma se arroga fazer de Cristo, na missa e na

eucaristia o que bem entende — repetir o sacrifício do Calvário; tornar carne e ossos o Senhor dos céus; perdoar pecados de vivos e mortos, em desacordo com o ritual do templo celestial onde somente são os pecados perdoados pelo Filho de Deus — então isto é também blasfêmia contra os ‘que habitam no céu’ e assistem o Sumo-sacerdote verdadeiro em seu serviço.

“Esta atitude da igreja católica desmantela a obra mediadora de Jesus no santuário e a dos que O assistem. Tôdas as pretensões do papado e todo o ritual romano não são mais que ‘blasfêmias contra Deus’, contra o ‘Seu tabernáculo’ e contra os ‘que habitam no céu’, pois já as sete cabeças da bêsta estão cheios de nomes de blasfêmias” (MELLO, 1959, 350 e 351).

“OS QUE HABITAM NO CÉU. Este, o terceiro aspecto da blasfêmia do poderio papal, diz respeito aos habitantes do reino celeste. A referência é provavelmente aos membros da trindade e aos que a eles estão associados no serviço em favor a raça humana. Isto tem sido cumprido em parte na pretensão católica de ter poder para perdoar pecados, e também em atribuir poderes e virtudes à Virgem Maria que se aplicam somente a Cristo. Desta sorte as mentes dos homens estão desviadas da obra mediatória de Jesus no Céu para o confessionário na terra.

“A cabeça papal tem também pretendido poder sobre os anjos de Deus. ‘Na verdade, a excelência e o poder do pontífice romano, não é somente na esfera das coisas terrestres, coisas celestes, e as das regiões inferiores, mas mesmo acima dos anjos, de quem ele próprio é maior’ (traduzido para o inglês, por Lucius Ferraris, ‘Papa II’, *Prompta Bibliotheca*, Vol. VI, pág. 27” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 227 e 228).

“Tendo em mente que é parte da arrogância de Roma de que ela nunca muda, enumeraremos alguns dos dogmas básicos da Igreja de Roma delineados no *Syllabus of Errors* do Papa Pio XI e que ainda estão em vigor:

- Ninguém é livre para seguir e professar aquela religião que, guiado pela luz da razão, ele deve considerar verdadeira.

- Nenhum indivíduo fora da Igreja Católica tem qualquer esperança de salvação.

- A igreja não pode ser separada do Estado, nem o Estado da igreja.

- No tempo presente é ainda a convicção de que a religião Católica deve ser mantida como a única religião do Estado, com a exclusão de todas as outras formas de culto.

- A igreja tem o direito de usar a força e fruir o poder temporal, direta ou indiretamente (S. A. Kaplan, *Surge Uma Perseguição Religiosa nos Estados Unidos?*, p. 119-120).

- Quando desafiada pela heresia, ela (a igreja) não se satisfaz com a persuasão; [...] ela recorre à força, ao castigo corporal, à tortura. Ela cria tribunais semelhantes aos da Inquisição, ela busca as leis do Estado para seu auxílio; se necessário, ela promove cruzadas ou a guerra religiosa (Alfred Baudrillart, *The Catholic Church, the Renaissance and Protestantism*, p. 182, 183. Citado por S. A. Kaplan no livro *Surge uma Perseguição Religiosa nos Estados Unidos?*, p. 120).

- O papa Paulo VI em sua alocução por ocasião do fechamento da terceira seção do Concílio Vaticano II, declarou: ‘Nada realmente mudou na doutrina da Igreja [...]. Aquilo que a igreja ensinou por séculos, nós ainda ensinamos’ (S. A. Kaplan, *Surge uma Perseguição Religiosa nos Estados Unidos?*, p. 120)” (RAMOS, 2006, p. 199 e 200).

“O escritor Jesuíta Dr. E. Boyd Barrett escreveu em 1935: ‘Todos sabem que a Igreja de Roma afirma ser inerrante e sem defeito e que ela não muda seus conceitos. Seu lema é ‘ontem, hoje e para sempre’. O que os Pais da igreja ensinaram e aquilo que St. Tomás de Aquino ensinava, a Igreja Católica Romana ainda mantém e ensina. Sua linguagem tem se tornado um pouco mais moderada, mais civilizada, mas por detrás dessa linguagem o pensamento permanece o mesmo [...]. Roma se curva para conquistar, ela procura tanto quanto possível crescer na estima pública revelando uma falsa pretensão de Interdenominacionalismo’ (E. Boyd Barrett, *Rome Stoops to Conquer*, p. 123)” (RAMOS, 2006, p. 200).

“Que poder terreno a besta do mar representa? O texto revela que este poder é o sucessor do Império Romano e exerce sua autoridade e domínio durante o período profético de 42 meses ou 1.260 dias – o mesmo período de atuação do chifre pequeno em Daniel 7. O único período que se encaixa corretamente dentro dessa estrutura temporal é a Idade Média. Naquele período, a igreja romana exercia opressão política e religiosa. Portanto, Apocalipse 13 consiste na profecia da maior

apostasia da história da igreja crista. A ascensão da igreja medieval ao poder foi gradual. Em 538 d.C., a igreja Católica Romana havia se estabelecido como um poder eclesiástico e continuou a dominar o mundo ocidental ao longo de toda a Idade Média. que simbolizam anos.

“A igreja estatal da Europa ocidental alegava que o papa era seu cabeça, com posição e prerrogativas divinas. Essas afirmações foram reiteradas em tempos modernos pela declaração do papa Leão XIII: ‘Nós [papas] ocupamos nesta Terra o lugar do Deus Todo-Poderoso’ (Papa Leão XIII, *Praeclara Gratulationis Publicae* (The Reunion of Christendom), 20 de junho de 1894, citado por: Don F. Neufeld; Julia Neuffer (eds.), *Seventh-Day Adventist Bible Students' Source Book*, Commentary Reference Series (Washington, DC: Review and Herald, 1962), v. 9, p. 684).

“Além disso, o ministério expiatório de Cristo no santuário celestial foi substituído pela preensão do sacerdócio de perdoar pecados. Todos que insistiam em viver de acordo com a Bíblia, em vez de seguir a religião instituída, sofriram perseguição ou martírio. Os historiadores creem que milhões de cristãos foram martirizados por sua fidelidade aos ensinamentos bíblicos. Embora nos tempos modernos, marcados pelo ecumenismo e pela tolerância religiosa, essas declarações sejam consideradas duras e injustas, o presente não pode apagar realidades e fatos históricos” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 77).

“Os 42 meses da dominação do papado são encontrados também no capítulo onze. O mês profético compreende 30 dias, pelo que os 42 meses perfazem um total de 1260 dias. Entretanto os 1260 dias ou 42 meses são proféticos, isto é, um dia equivale a um ano (Ez 4.6). [Confira o embasamento dessa contagem em Ap 11.3]. Dêste modo o período conta 1260 anos literais preditos como tempo da supremacia temporal do papado, antes de receber a ferida mortal de França. E o ponto inicial dos 1260 anos é marcado pela derrota dos ostrogodos e levantamento do cerco de Roma por estes inimigos mortais do papado, no ano 538.

“Nesta data ou ‘no século sexto tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou-se o bispo de Roma a cabeça de todas as igrejas. O paganismo cederia lugar ao papado. O dragão dera à besta ‘o seu poder, e o seu trono, e grande poderio’. E começaram então os 1260 anos da opressão papal preditos nas profecias de Daniel e do Apocalipse’ (O Conflito dos Séculos, E. G. White, 54)” (MELLO, 1959, p. 347).

“O conde Hoensbroech diz-nos ainda dos recursos de que se valeu Roma nesta tremenda guerra contra os santos: ‘À direita e à esquerda o caminho seguido pela igreja romana acha-se bordado por milhares de fogueiras e por sangrentos cadafalsos. As chamas chisпотearam até o céu; nosso pé tem que passar por cima de arroios de sangue humano; corpos humanos se retorcem no avermelhado resplendor, cabeças humanas rolam pelo caminho.

“Para nós se arrastam aparições queixosas; seus olhos foram apagados na grande escuridão do cárcere; seus membros são esquartejados e despedaçados pelo tormento. Suas almas são abatidas, aviltadas, cobertas de opróbrio... Que caminho! E este caminho não tem fim! Em voltas e revoltas sem fim, recorre todos os países do ocidente’. ‘Tormento, fogueira e espada têm sido convertidos em apóstolos da religião de Jesus Cristo!’.

“O auto de fé da inquisição é a manifestação mais tremenda e sangrenta que se haja apresentado como sistema sob o manto da religião no mundo cristão. O sangue que por causa dela foi derramado em rios pode ser exclusivamente imputado ao papado’ (*El Papado*, 588-591, 17, citado em *Los Videntes y lo Porvenir*, 581-582). Basta! A história está regada de sangue de dezenas de milhões de santos esmagados pelo tacão de Roma-papal. Os governos europeus, os quais se aliaram ao papado e estiveram sob seus pés por 1260 anos, consentiram e ajudaram-no a massacrar os seus súditos em favor de Roma.

“É verdadeiramente deprimente uma nação atender as sugestões dum poder estrangeiro para voltar sua espada contra seus próprios súditos em seu favor! Mas as perseguições do papado não se limitaram apenas à Europa. O misérrimo tribunal da inquisição estendeu seus estranguladores tentáculos à América, fazendo vítimas nas repúblicas de idioma espanhol, bem como noutros setores do glôbo” (MELLO, 1959, p. 351 e 352).

“A Nova Enciclopédia Católica diz: Vista pelos padrões contemporâneos, a Inquisição, especialmente da maneira como ela ocorreu na Espanha, já no final da Idade Média, pode ser classifica-

da somente como um dos mais negros capítulos da história da igreja. Sob a influência dos costumes e conceitos germânicos, a tortura foi pouco usada do século 9 até o século 12, mas, com o ressurgimento da lei romana, a prática foi restabelecida no século 12. [...] Em 1252, o papa Inocência IV sancionou a aplicação de tortura por autoridades civis a hereges, e a tortura veio a ter um lugar reconhecido nos procedimentos das cortes inquisidoras. Ela reconhece que a Inquisição matou dois mil protestantes em 50 anos na Holanda e admite a morte de três a quatro mil huguenotes franceses no Massacre de São Bartolomeu, que começou na noite de 23 de agosto de 1572” (FEYERABEND, 2005, p. 113).

“Embora os versos 5 e 6 indiquem que a obra blasfema da besta continuaria por 42 meses (ou 1.260 anos), os versos 3 e 4 demonstram que, após a cura da ferida mortal, seria avivado esse processo blasfemador” (COFFMAN, 1989, p. 37).

“‘Deu-se-lhe [à besta do mar] ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação’ (v. 7). Isso significa que o papa exercerá influência política sobre o mundo todo. ‘E toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; [...] também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?’ (v. 3, 4). Em outras palavras, isso quer dizer que o mundo reconhecerá a liderança espiritual do papado e lhe prestará homenagem. ‘Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse’ (v. 7). Esse texto remete ao fato de que o poder papal perseguirá os que se opuserem à sua autoridade” (MOORE; LIRA, 2013, p. 70 e 71).

“SOBRE TODA (ARA - ‘cada’) TRIBO. Isto se refere à esfera das suas operações, e se aplica aos dias prósperos do papado, talvez durante a Idade Média, quando exerceu domínio quase indisputável sobre a Europa [...] mas especialmente quando, no futuro, o poder do papado será plenamente revivescido (veja-se o com. a Apoc. 13: 3; 17: 8). ADORÁ-LA-ÃO TODOS. Isto é especialmente aplicável ao período em que o papado reviveu (ver o com. ao v. 3). A maneira pela qual tal adoração universal será realizada é descrita nos vs. 11-18” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 228).

“Já salientamos que Satanás deu à besta ‘o seu poder, e o seu trono, e grande poderio’. O mesmo poder que exerceu em todo o mundo, ‘sobre toda a tribo, e língua e nação’ [v. 7b], transferiu êle ao papado. A declaração profética alude especialmente aos dias da supremacia temporal do papado — 538 a 1798 — e também a um futuro próximo quando mesmo o poder civil das nações se tornar dependente do papado; pois em grande parte já domina suas consciências” (MELLO, 1959, p. 352).

“[...] autoridade [...] nação. A área de controle da besta é alvo da proclamação final do evangelho (14:6)” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“A história da intolerância e supremacia papal vai se repetir, e por quanto tempo? O anticristo sempre procura, pretensiosamente, agir como se fosse Cristo. Em Seu ministério terrestre Cristo perdoava pecados, aceitava adoração, tinha poder sobre a vida humana, declarou-Se o Senhor do sábado, e o Seu ministério teve uma duração de três anos e meio. Quais são as pretensões do anticristo? Ele também reivindica para si o poder de perdoar pecados, aceita a adoração, pretende ter poder para mandar para o céu ou para o inferno quem ele quiser, e age como sendo o senhor da Lei de Deus, substituindo e mudando a Lei e o sábado. Tendo tudo isso em mente, não é difícil imaginar que o anticristo em seu ‘último grande conflito será breve, mas terrível’ (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 419). Mas quanto tempo durará? A profecia bíblica sugere três anos e meio, ou 42 meses, o mesmo período de tempo que durou o ministério de Cristo na terra. Se o anticristo é uma contrafação do verdadeiro Cristo é razoável pensar que será assim. A história vai se repetir!” (RAMOS, 2006, p. 200 e 201).

“‘A Palavra de Deus ensina que estas cenas devem repetir-se, quando os católicos romanos e protestantes se unirem para a exaltação do domingo’ (Ellen G. White, O Grande Conflito, p. 577, 578). ‘E, convém lembrar, Roma jacta-se de que nunca muda. Os princípios de Gregório VII e Inocêncio III ainda são os princípios da Igreja Católica Romana. E tivesse ela tão-somente o poder, pôlos-ia em prática com tanto vigor agora como nos séculos passados’ (Ellen G. White, O Grande Conflito, p. 581)” (RAMOS, 2006, p. 198 e 199).

“O profeta previu, porém, uma restauração muito maior. Ele viu a ferida completamente curada. Depois dessa cura, ele viu ‘todos os que habitam sobre a terra’, exceto poucos fiéis, adoran-

do a besta (Apoc. 13:8). Enquanto eu escrevia essas páginas, faleceu o papa João Paulo II, e a profecia de Apoc. 13:8 ‘e adoraram-na todos os que habitam sobre a terra’ começou a se cumprir diante dos nossos olhos. Reis, rainhas, primeiros ministros e presidentes de mais de 100 nações estiveram presentes no funeral do papa. O Príncipe Charles adiou seu casamento para poder assistir o funeral.

“Pela primeira vez na história um presidente e dois ex-presidentes dos Estados Unidos estiveram presentes no funeral do papa. Por questão de segurança e espaço o papado limitou a delegação dos Estados Unidos a 5 pessoas. Os cinco eram o Presidente George W Bush, a primeira dama Laura Bush, os ex-presidentes George H. W. Bush, Bill Clinton e a Secretária de Estado Condoleezza Rice. Quando a delegação americana, um dia antes do funeral, foi à Basílica de São Pedro para ver o corpo do papa, eles se ajoelharam diante do corpo do papa em atitude de oração tendo as mãos juntas e a cabeça inclinada.

“Olhando esse quadro da delegação americana ajoelhada diante do corpo do papa João Paulo II percebemos quão real e relevante é a profecia de Apocalipse 13. O mundo todo, através dos seus representantes, veio dar o último adeus e prestar suas homenagens ao papa. Cerca de 4 milhões de pessoas visitaram Roma durante o funeral. Este quadro é somente um prelúdio do que está por vir logo mais na imposição do Decreto Dominical. A história vai se repetir! O papado voltará com um poder muito maior do que aquele que exerceu durante a Idade Média, porque envolverá todos os que habitam sobre a terra” (RAMOS, 2006, p. 179).

“Jesus e Seus apóstolos profetizaram a vinda de um tempo de aparente paz que conduziria ao Armagedom, e também profetizaram o reavivamento religioso que inclui o engano que preparará o mundo para o anticristo. ‘O mais surpreendente é a convergência de todos esses eventos ao mesmo tempo [o fim da Guerra fria, a queda do comunismo soviético nas décadas 1980 e 1990 e a explosão da espiritualidade], criando assim o palco para o cumprimento do profetizado reavivamento do Império Romano em nossos dias. Se este realmente é o caso, então nós estamos testemunhando um dos mais importantes eventos de todos os tempos, evento este que precipitará tanto o surgimento do anticristo como também a segunda vinda (de Jesus)” (Dave Hunt, *Global Peace, and the Rise of Antichrist*, p. 99).

“O reavivamento do Império Romano implica a restauração da Igreja de Roma ao seu status anterior. O que está profetizado não é somente um reavivamento religioso mas um reavivamento da antiga religião do Império Romano, uma teocracia sediada em Roma. Em 1987 o papa João Paulo II declarou aos repórteres em Miami que a democracia não é a forma de governo preferida da Igreja Católica, e sim ‘uma instituição governada por Jesus Cristo, uma teocracia’” (RAMOS, 2006, p. 184 e 185).

“O líder do comunismo e ateísmo mundial [Mikhail Gorbachev] cuja função era destruir todas as religiões, agora proclama que a União Soviética é um país cristão e está encorajando o crescimento do cristianismo, restaurando assim as relações diplomáticas entre a Santa Sé e o Kremlin que foram rompidas durante a Revolução de 1917. Robert Muller, ex-Secretário Geral Assistente das Nações Unidas, declarou: ‘Eu creio firmemente hoje que o cumprimento da nossa futura paz, justiça, felicidade e harmonia neste planeta não dependerá de um governo mundial mas de um governo divino ou cósmico [...] meu grande sonho pessoal é conseguir uma grande aliança entre todas as grandes religiões e as Nações Unidas’ (Dave Hunt, *Global Peace, and the Rise of Antichrist*, p. 104).

“De repente, os líderes seculares do mundo estão declarando que não é simplesmente a religião, mas o cristianismo, a chave que unirá a Europa. Dave Hunt pergunta: ‘Por que tem que ser assim? Desde que o anticristo pretende ser Cristo, seus seguidores precisam ser ‘cristãos’ e a religião mundial deles precisa ser uma forma perversa do ‘cristianismo’ (Dave Hunt, *Global Peace, and the Rise of Antichrist*, p. 104). Ao mesmo tempo que o papa e os líderes mundiais exaltam o cristianismo como elo de união de todos os povos, ao mesmo tempo em que o papa João Paulo II encoraja o diálogo aberto com budistas, maometanos, hindus, ele condena abertamente os protestantes fundamentalistas. De fato, tanto o papa como Gorbachev, ao exaltarem o cristianismo, estão se referindo ao catolicismo romano, ao cristianismo paganizado. A revista Time de 24 de fevereiro de 1992 estampava na capa a fotografia de Ronald Reagan e o papa João Paulo II juntos com os dizeres: ‘San-

ta Aliança'. Ronald Reagan disse que um dos mais urgentes alvos do seu governo era reconhecer o Vaticano como estado e fazer dele um aliado. Essa aliança resultou na queda dos muros de Berlim, pôs um fim à Guerra Fria, e acabou com o comunismo soviético" (RAMOS, 2006, P. 186 e 187).

"Tanto no Velho como no Novo Mundo o papado receberá homenagem pela honra prestada à instituição do domingo, que repousa unicamente na autoridade da Igreja de Roma' [...]. 'Ela (Roma) está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão a exercer influência nas assembleias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando suas forças para realizar seus objetivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja (Roma) é a oportunidade, e esta já lhe está sendo dada. Logo veremos e sentiremos qual é o propósito do romanismo. Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá por esse motivo em censura e perseguição' (Ellen G. White, O Grande Conflito, p. 581)" (RAMOS, 2006, p. 197 e 198).

"Falando desta besta que sobe do mar, o poder papal, Apocalipse 13:8 afirma que 'adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra'. É evidente que esse 'todos' tem sentido relativo, pois os verdadeiros cristãos não adorarão este poder" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 46).

"DESDE A FUNDAÇÃO DO MUNDO. Esta frase pode ser ligada ou com 'escritos', ou com 'morto'. Ambas as idéias são apoiadas pela Bíblia. O ponto de vista de que nomes sejam registrados desde a fundação do mundo, é fundamentado no cap. 17: 8, e aplicado em afirmações tais como: 'Entrai na posse do reino que vos está prepara dor desde a fundação do mundo' (Mat. 25: 34), e 'nos escolheu nEle antes da fundação do mundo' ([...] Efê. 1: 4).

"Por outro lado, a ideia de que o Cordeiro foi morto desde a fundação do mundo está intimamente ligada à afirmação de Pedro, '... como de cordeiro sem defeito... conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo' (I Ped. 1: 19 e 20). Visto que a decisão de que Cristo morreria pela raça culpada foi tomada antes deste mundo ser criado, e confirmada quando da queda do homem [...] Ele pode ser, neste sentido, considerado como se morto desde mundo" (NICHOL; FORTES, 1988, p. 228 e 229).

"Quem irá adorar este poder? Somente aqueles que NÃO têm seus nomes no livro da vida. A Bíblia faz várias menções a este livro. Moisés, colocando-se como intercessor entre o povo de Israel e Deus, disse: 'Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste' (Êxodo 32:32). Davi também fez menção a este livro: 'Sejam riscados do Livro dos Vivos e não tenham registro com os justos' (Salmo 69:28). O próprio Cristo disse aos discípulos: 'Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus' (Lucas 10:20). E o Apocalipse, falando sobre quem poderá ter acesso à cidade santa, afirma: 'Nele, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro' (Apocalipse 21:27)" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 46).

Sobre o Livro da Vida do Cordeiro, leia "O Juízo", disponível em <https://blogdoprofh.com/2018/11/03/livro-o-juizo/>, acesso em: dez. 2021.

"Se alguém tem ouvidos, ouça. Esta frase já tem sido apresentada muitas vezes nas cartas às sete igrejas, como uma advertência. E, agora, depois da profecia sobre a origem, obra e destino do papado, a mesma frase adverte os que dela são notificados. Noutras palavras, quem tem ainda consciência, ouça com ela a advertência, abandone Roma e ponha-se sem temor ao lado da divina verdade para salvar-se" (MELLO, 1959, p. 353).

"LEVA PARA CATIVEIRO. A evidência textual favorece a omissão da palavra 'leva'. Sem ela a frase pode ser traduzida da seguinte maneira: 'Se um homem for destinado para [ou 'vai para'] o cativeiro...' A ideia pode ser encarada como semelhante à expressa em Jer. 15: 2, 'o que é para a morte, para a morte...' A tradução da KJV, que tem algum apoio textual, assegura aos perseguidos filhos de Deus que aqueles que os perseguirem e os condenarem ao exílio e à morte, terão eles mesmos um destino semelhante.

"Um cumprimento parcial disto pode ser visto na captura e exílio do papa, em 1798 [...] Alguns comentaristas interpretam o v. 10 como advertência aos cristãos para que não usem de vio-

lência contra o poderio anticristão.

“À ESPADA. Tendo usado a espada, a besta perecerá, no fim, pela espada da justiça divina. Compare-se com a afirmação do Salvador: ‘Todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão’ (Mat. 26: 52).

“PACIÊNCIA. (ARA ‘perseverança’). Gr. *Hupomonē*, ‘perseverança’, ‘fortidão’, ‘paciência imutável’. *Hupomonē* é derivado de *hupo*, ‘sob’ e *menō*, ‘permanecer’. A palavra grega implica em mais que uma resignação passiva; indica uma paciência ativa [...] Durante a contenda da besta os santos perseveraram firmemente.

“FÉ. Gr. *Pistis*, ‘crença’, ‘confiança’, ‘fé’, ‘fidelidade’. [...] tanto o sentido ativo de ‘fé’, como o passivo de ‘fidelidade’, se adaptam ao contexto ainda que a frase estreitamente paralela em Apoc. 14: 12 pareça requerer o sentido ativo (ver o comentário ali)” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 229 e 230).

“‘Aqui está a paciência e a fé dos santos’ [ARC]: — Esta proposição da profecia prova que Deus não deixara sem consolo os seus fiéis perseguidos de morte e caçados pelas cruzadas e tribunais da inquisição para serem chacinados. O heroísmo dos miríades de miríades de mártires na hora do suplício, bem pode ser que fôsse resultante do conforto dêste consolo profético de Deus e de Jesus. Paciência e fé são indispensáveis nas tribulações mesmo as mais dramáticas. A paciência para o devido testemunho em prol da verdade pura e de Seu Autor e a fé para a permanência na mesma verdade, aos pés do Salvador” (MELLO, 1959, p. 354).

“Um cumprimento parcial dessa profecia já ocorreu no aprisionamento e exílio papal em 1798, porém, algo muito pior está sendo reservado para o papado no futuro. A história vai se repetir! Assim como no passado houve um período de supremacia papal de 1260 anos (538 -1798) vindo depois a ferida mortal, assim também no futuro o papado voltará a reinar sobre o mundo inteiro, ‘mas virá o seu fim, e não haverá que o socorra’ (Dan. 11:45). ‘Aborrecerão a prostituta, e a porção desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo’ (Apoc. 17:16)” (RAMOS, 2006, p. 202).

“Desde os tempos mais antigos, os cristãos têm considerado o poder perseguidor de Daniel 7:25, a besta semelhante a leopardo de Apocalipse 13:1-10 e ‘o homem do pecado’ de II Tessalonicenses 2:1-4 como símbolos do mesmo poder: o anticristo. [...] A versão corrente, mantida pela maioria dos protestantes conservadores, espera que o anticristo apareça como figura política isolada. [...] Em contraste com isso, já mesmo no século doze, na Europa medieval, vezes começaram a defender um conceito mais amplo e bíblico dessas passagens sobre o anticristo. Salientou-se que essas passagens retratam o anticristo como um sistema de apostasia religiosa então presente na cristandade.

“Os reformadores protestantes viram o cumprimento dessas profecias no sistema do papado. Ao examinarmos as profecias certamente chegaremos à mesma conclusão. Convém notar, portanto, que a Bíblia não está tratando de personalidades. Deus tem crentes leais e sinceros em todas as comunidades religiosas. Nosso propósito não é atacar igrejas ou outros cristãos, mas precisamos dar atenção ao que Deus diz nas Escrituras sobre certos sistemas que Ele não pode aprovar” (COFFMAN, 1989, p. 32).

13.11 Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. Outra cena do filme profético figurado me foi dada e vi o nascimento de outro fantoche da serpente. Diferentemente da origem popular da religião política globalista romana, os Estados Unidos da América surgirão em território ermo e despovoado através de alguns cristãos europeus perseguidos pelo romanismo. Cristãos perseguidos pelo cristianismo romanizado aparentemente construirão, do zero, uma nação cristã livre. E exatamente por causa dessa origem, o início da história dessa nação será marcado pelo protestantismo e o republicanismo, onde alguns princípios de Jesus Cristo estarão presentes no desenvolvimento desse país. No entanto, não apenas o verdadeiro cristianismo será importado para aquela nação, mas ocultismo, espiritismo e o próprio romanismo; e num futuro próximo se verá como Satanás usará a religião e a política dos EUA também em sua perseguição aos descendentes da Igreja de Cristo (cf. Ap 12.17).

“A segunda metade de Apocalipse 13 prediz os enganos e a perseguição que o povo de Deus enfrentará nos últimos dias. Poder-se-ia esperar que a besta semelhante a leopardo realizasse tal coisa, mas não uma besta ‘parecendo cordeiro’. Isto é surpreendente” (COFFMAN, 1989, p. 43).

“Esta segunda besta, a serviço da primeira será designada como Falso Profeta (cf. Ap 16,13; 19,20 e 20,10). Este Falso Profeta evoca os falsos profetas e falsos messias cuja vinda é anunciado em Mt 24,11.24, como sinal precursor da volta do verdadeiro Messias” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2441).

“[...] a primeira besta [...] surge do mar (mesmo sentido de ‘água’ em Apocalipse 17:1-2)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 47).

“*Emerge da terra.* A besta com chifres de cordeiro ergueu-se da terra. As quatro bestas de Daniel 7 surgiram do mar, e de um mar tempestuoso. A besta semelhante a leopardo, que era composta pelas quatro bestas de Daniel, também surgiu do mar. A falsa mãe (prostituta), de Apocalipse 17:3 e 15, assenta-se sobre uma besta postada sobre o mar. Mas a besta com chifres de cordeiro emergiu da terra. A diferença deve ser importante.

“‘As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas.’ Apocalipse 17:15. Quando, em profecias intimamente relacionadas, ‘terra’ é colocada em contraste com ‘mar’ (ou ‘águas’), e este representa vastas populações, somos levados a perceber que ‘terra’ está representando uma área escassamente povoada.

“Os chifres desse novo animal se parecem com os de um cordeiro. Vinte e nove vezes, no Apocalipse, o termo ‘cordeiro’ é aplicado a Jesus Cristo. Chifres são usados repetidamente em Daniel e Apocalipse como símbolos de autoridade governamental. Portanto, a besta que subiu da terra, no momento em que João a contemplou pela primeira vez, estava usando a sua autoridade governamental de uma forma gentil, quase crista. Contudo, ela ‘falava como dragão’” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 351).

Moore e Lira (2013, p. 102) diferem do autor supracitado em relação à quantidade de vezes em que o termo cordeiro se refere ao Senhor Jesus: “A palavra cordeiro ocorre trinta e uma vezes no Apocalipse e, com exceção de uma, é símbolo de Cristo. A única exceção é Apocalipse 13:11, que descreve a besta da terra como tendo ‘dois chifres, parecendo cordeiro’. A besta da terra não é Jesus Cristo – nem poderia ser, pela maneira que persegue os verdadeiros adoradores de Cristo. Contudo, ela é descrita como ‘parecendo cordeiro’. Aplicando-se isso a uma nação, podemos dizer que a nação representada pela besta da terra é alegadamente uma nação cristã

“[...] este versículo conta a curta história da besta que emerge da terra para sua atividade no fim do tempo. De início, parodia a obra do Espírito Santo e, mais tarde, se torna o falso profeta de 16:13. A linguagem simbólica positiva no início (**parecendo cordeiro**) e a clara ligação com 12:16 (‘a terra abriu a boca’) sugerem a muitos intérpretes que a descrição desta besta é uma referência aos Estados Unidos da América, nação protestante com influência religiosa. As outras 28 referências a ‘cordeiro’ no Apocalipse aludem a Cristo. **como dragão**. As ações posteriores desta besta não são positivas, contrastando com as qualidades anteriores, de semelhança com um cordeiro” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“João viu o surgimento de outra besta. Diferentemente da primeira, a segunda surge da terra. Ela é um poder mundial, cuja influência é da mesma dimensão que a da primeira besta. Mas, em contraste com a besta do mar, que tinha aparência terrível, a besta da terra parece inofensiva, ao menos no início. Ela ‘possuía dois chifres, parecendo cordeiro’ (Ap 13:11), o que é um símbolo de Cristo. Portanto, esse poder do tempo do fim tem semelhanças com Cristo. Esse poder surge no território que protegeu a mulher, símbolo da igreja de Deus, do rio perseguidor do dragão, no término dos 1.260 dias/anos proféticos (Ap 12:14-16). Essa besta da terra é um novo participante na cena, tendo surgido como uma potência mundial depois que a besta do mar recebeu a ferida mortal durante a Revolução Francesa, o que significa que a besta da terra atuaria exclusivamente no tempo do fim” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 71).

“Sobre a besta que sobe da terra, em Apocalipse 13:11, convém notar: Essa é a única besta das visões apocalípticas que sobe da terra. Temos interpretado a palavra terra nesse texto como região pouco povoada. Isso é verdade, mas observando melhor essa imagem usada por João e procuran-

do um paralelo na Bíblia pode-se chegar a Gênesis 1:24, onde diz que Deus criou bestas e animais fazendo-os sair da terra, pela Sua Palavra. Uma besta que brota da terra sugere um ato divino de criação. Foi Deus quem criou essa besta. Lamentavelmente, entretanto, quando ela começou a falar, falou como um dragão. Essa besta se apostatou e se transformou no falso profeta a serviço da besta que surgiu do mar e a serviço do dragão (Apoc. 16:13). O símbolo representa apropriadamente os Estados Unidos como nação protestante, que surgiu como se fosse por Deus. Desafortunadamente, essa nação protestante se tornou parte de Babilônia, traíndo o propósito de sua existência” (COFFMAN, 1989, p. 5A).

“A besta da terra também representa um poder político, e os Estados Unidos são um poder político. Contudo, alguém poderia argumentar que a besta da terra representava o Império Romano nos dias de João ou qualquer poder político importante que tenha se seguido nos 2 mil anos desde então. Precisamos de evidências adicionais para concluir que ela representa os Estados Unidos” (MOORE; LIRA, 2013, p. 101).

“O grande dragão vermelho = Roma pagã.

“A besta-leopardo = Roma papal.

“Ambos representam um grande poder religioso. O terceiro poder deve também simbolizar uma nação que representa um grande sistema religioso. O paganismo abrange todas as nações não cristãs, o que compreende mais da metade da população do globo. O catolicismo pertence a nações que compõem uma grande parte da cristandade. O outro grande poder religioso é o protestantismo” (FEYERABEND, 2005, p. 114).

“Outra consideração que indica o local deste poder é extraída do fato de que João viu a besta subir da terra. Se o mar, donde a besta semelhante ao leopardo sobe (Apoc. 13:1), representa povos, nações e multidões (Apoc. 17:15), a terra deve sugerir, por contraste, um território novo e anteriormente desocupado. Se excluirmos os continentes orientais e buscamos um território anteriormente desconhecido para a civilização, voltamo-nos necessariamente para o hemisfério ocidental. [...] A maneira como subiu a besta de dois chifres prova, juntamente com a sua localização, sua idade e sua cronologia, que se trata de um símbolo dos Estados Unidos. João viu a besta subir ‘da terra’. Esta expressão deve ter sido usada de propósito para estabelecer o contraste entre o surgimento desta besta e o de outros símbolos proféticos nacionais.

“As quatro bestas de Daniel 7 e a besta semelhante ao leopardo de Apocalipse 13 subiram todas do mar. As novas nações levantam-se geralmente pela extinção de outras nações e ocupam o seu lugar. Mas nenhuma outra nação foi abatida para dar lugar aos Estados Unidos, e a luta pela independência já estava quinze anos no passado quando entrou no campo da profecia. O profeta viu só um quadro de paz.

“A palavra usada no versículo 11 para descrever o modo como esta besta sobe é muito expressiva. É *anabainon*, e uma de suas definições é: ‘Crescer ou brotar como uma planta’. E é um fato notável que esta mesma figura foi escolhida por escritores políticos, sem referência à profecia, como sugerindo a melhor idéia do modo como nasceram os Estados Unidos. George Alfred Townsend, diz:

“—Nessa teia de ilhas, as Antilhas, começou a vida de ambas as Américas [do Norte e do Sul]. Ali viu Colombo a terra. Ali começou a Espanha seu brilhante império ocidental. Dali partiu Cortez para o México, de Soto para o Mississipi, Balboa para o Pacífico, e Pizarro para o Peru. A história dos Estados Unidos foi separada por uma benéfica providência desta selvagem e cruel história do resto do continente, e como silenciosa semente crescemos até chegar a ser um império.’ [...] – George Alfred Townsend, *The New World Compared With the Old*, pág. 635” (SMITH, 1979, p. 201 e 202).

“Edward Everett, em um extrato do discurso sobre os exilados ingleses que fundaram este governo, ele diz:

“—Procuravam um local retirado, inofensivo pela sua obscuridade, seguro no seu afastamento, onde a pequena igreja de Leyden pudesse gozar liberdade de consciência? Eis as poderosas regiões sobre as quais, em conquista pacífica – *victoria sine clade* [vitória sem luta] – hastearam os estandartes da cruz.’ – Edward Everett, *Oration Delivered at Plymouth, December 22, 1824. Oration*

and Speeches, pág. 42.

“Pouco antes da grande reforma dos dias de Martinho Lutero, há mais de quatrocentos anos, foi descoberto este hemisfério ocidental. A Reforma despertou as nações, agrilhoadas sob as pesadas cadeias da superstição, para o fato de que todo homem tem o divino direito de adorar a Deus segundo os ditames da sua própria consciência. Mas os governantes não queriam perder a sua força, e a intolerância religiosa ainda oprimia o povo. Em tais circunstâncias um corpo de heróis religiosos determinou por fim procurar nas selvas americanas aquela medida de liberdade civil e religiosa que tanto almejavam. Na busca do seu nobre intento cem desses exilados voluntários desembarcaram do Mayflower nas costas de Nova Inglaterra, em 21 de dezembro de 1620. ‘Ali’, diz Martyn, ‘nasceu a Nova Inglaterra’, e este foi ‘o seu primeiro balbuciar de criança uma oração e ações de graças a Deus’” (SMITH, 1979, p. 203).

“Outra colônia inglesa permanente foi estabelecida em Jamestown, Virgínia, em 1607 [deve ser um erro de digitação; acredito que seja 1627]. Com o decurso do tempo outras bases se estabeleceram, organizando-se colônias, todas elas sujeitas à coroa inglesa, até a Declaração da Independência, em 4 de julho de 1776. A população destas colônias, eleva-se em 1701 a 262.000; em 1749, a 1.406.000; em 1775, a 2.803.000 (*United States Magazine*, vol. 2, agosto, 1855, pág. 71). Então começou a luta pela independência, o estabelecimento de um governo unido e a proclamação ao mundo de que todos ali podiam encontrar asilo da opressão e intolerância” (SMITH, 1979, p. 204).

“Diz o profeta: ‘Vi subir da Terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro’. Apocalipse 13:11. Tanto a aparência desta besta como a maneira por que surgiu, indicam que a nação por ela representada é diferente das que são mostradas sob os símbolos precedentes. Os grandes reinos que têm governado o mundo foram apresentados ao profeta Daniel como feras rapiantes, que surgiam quando ‘os quatro ventos do céu combatiam no mar grande’. Daniel 7:2. Em Apocalipse 17, um anjo explicou que águas representam ‘povos, e multidões, e nações, e línguas’. Verso 15. Ventos são símbolos de contendas. Os quatro ventos do céu a combaterem no mar grande, representam as terríveis cenas de conquista e revolução, pelas quais os reinos têm atingido o poder. Mas a besta de chifres semelhantes aos do cordeiro foi vista a ‘subir da terra’. Em vez de subverter outras potências para estabelecer-se, a nação assim representada deve surgir em território anteriormente desocupado, crescendo gradual e pacificamente.

“Não poderia, pois, surgir entre as nacionalidades populosas e agitadas do Velho Mundo — esse mar turbulento de ‘povos, e multidões, e nações, e línguas’. Deve ser procurada no Ocidente. Que nação do Novo Mundo se achava em 1798 ascendendo ao poder, apresentando indícios de força e grandeza, e atraindo a atenção do mundo? A aplicação do símbolo não admite dúvidas. Uma nação, e apenas uma, satisfaz às especificações desta profecia; esta aponta insofismavelmente para os Estados Unidos da América do Norte.

“Reiteradas vezes, ao descreverem a origem e o crescimento desta nação, oradores e escritores têm emitido inconscientemente o mesmo pensamento e quase que empregado as mesmas palavras do escritor sagrado. A besta foi vista a ‘subir da terra’; e, segundo os tradutores, a palavra aqui traduzida ‘subir’ significa literalmente ‘crescer ou brotar como uma planta’. E, como vimos, a nação deveria surgir em território previamente desocupado. Escritor preeminente, descrevendo a origem dos Estados Unidos, fala do ‘mistério de sua procedência do nada’ (G. A. Townsend, *O Novo Mundo Comparado com o Velho*), e diz: ‘Semelhando a semente silenciosa, desenvolvemo-nos em império’” (WHITE, 2013, p. 383 e 384).

“O Cordeiro representa a Cristo (Apoc. 5:6 e 9). Por causa de sua aceitação do evangelho, os primitivos colonos americanos chegaram a refletir a pureza de Cristo. ‘Seu pequeno Estado [de Roger Williams] – Rhode Island – tornou-se o refúgio dos oprimidos, e cresceu e prosperou até que seus princípios básicos – a liberdade civil e religiosa – se tornaram as pedras angulares da República Americana.’ – Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 295” (COFFMAN, 1989, p. 6).

“Então, ‘chifres como de cordeiro’ simboliza um poder governamental gentil, quase ‘cristão’” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 47 e 48).

“Ao descrever este poder João diz que ele tinha ‘dois chifres semelhantes aos de um cordeiro’. Os chifres de um cordeiro indicam, juventude, inocência e amabilidade. Como poder recém

criado, os Estados Unidos correspondem admiravelmente ao símbolo no que respeita à idade, porquanto nenhuma outra nação, se encontra nessas condições. Se considerarmos como índice de poder e caráter, é fácil descobrir o que constitui os dois chifres do governo, se conseguirmos certificar-nos do segredo da sua força e poder, e do que revela seu caráter aparente ou constitui sua profissão externa.

“O honorável J. A. Bingham dá-nos a chave de todo o assunto quando afirma que o objetivo de todos os que primeiro buscaram estas praias da América do Norte era fundar ‘o que o mundo não tinha visto durante séculos, a saber, uma igreja sem papa e um estado sem rei’. Ou em outras palavras, um governo em que o poder eclesiástico devia estar separado do civil; quer dizer, um governo caracterizado pela liberdade civil e religiosa.

“Não é preciso argumentos para demonstrar que isto é precisamente o que professa o governo norte-americano. O artigo IV, seção 4 da Constituição dos Estados Unidos diz: ‘Os Estados Unidos garantirão a cada estado desta União uma forma republicana de governo’. O artigo VI: ‘Nenhuma prova religiosa será jamais requerida como qualificação para qualquer ofício ou cargo público nos Estados Unidos’. A primeira emenda feita na Constituição começa assim: ‘O Congresso não fará nenhuma lei acerca do estabelecimento de religião, ou proibindo o livre exercício dela’. Estes artigos professam a mais ampla garantia de liberdade civil e religiosa, a completa e perpétua separação da Igreja e do Estado. Que melhores símbolos disso podiam ser dados do que ‘dois chifres semelhantes aos de um cordeiro’? Em que outro país se pode encontrar uma condição de coisas que corresponda tão completamente a este aspecto do símbolo de Apocalipse 13?” (SMITH, 1979, p. 204 e 205).

“Os chifres não têm coroas como o grande dragão vermelho e a besta com corpo de leopardo. Isso indica que não haverá nem papa, nem rei, mas uma república ou um poder democrático. O fato de ter dois chifres pode ser uma alusão à liberdade civil e religiosa” (FEYERABEND, 2005, p. 115).

“Republicano em sua forma. – A besta de dois chifres carece de coroas tanto na cabeça como nos chifres, pois simboliza uma nação com uma forma republicana de governo. A coroa é um símbolo apropriado de uma forma de governo monárquico ou ditatorial, e a ausência de coroas neste caso sugere um governo em que o poder não reside em um único membro governante, porém nas mãos do povo. Mas esta não é a prova mais concludente de que a nação aqui simbolizada é republicana em sua forma de governo. O versículo 14 nos indica que é feito um apelo ao povo quando se realiza qualquer ação nacional: “Dizendo aos que habitam na Terra, que fizessem uma imagem à besta.” Este é enfaticamente o caso nos Estados Unidos. A Constituição sobre a qual estão fundados garante “uma forma republicana de governo”, como já demonstramos. Este é outro forte elo na cadeia de evidências de que este símbolo deve aplicar-se aos Estados Unidos da América. Não existe outro governo ao qual possamos aplicar razoavelmente este símbolo.

“Uma nação protestante. – A besta de dois chifres simboliza uma nação não pertencente à religião católica. O papado é fundamentalmente uma união da Igreja e o Estado. A Constituição dos Estados Unidos da América do Norte (artigo VI) declara: “Nenhuma prova religiosa será jamais requerida como qualificação para qualquer ofício ou cargo público nos Estados Unidos.” Com isso estabelece uma eterna separação da Igreja e o Estado. A liberdade civil e religiosa é um princípio fundamental do protestantismo. Os fundadores do grande país que chegou a ser os Estados Unidos, por terem vivido em tempos que lhes permitiram presenciar os resultados da união da Igreja com o Estado, mostraram-se zelosos pelas liberdades que consideraram e declaram direitos de todos, e denunciavam a união da Igreja e o Estado. Portanto, do ponto de vista religioso Os Estados Unidos são uma nação protestante e cumprem admiravelmente os requisitos da profecia a este respeito” (SMITH, 1979, p. 205 e 206).

“Nas Escrituras, chifres ou cornos são muitas vezes símbolo de força (ver Deut. 33:17; I Sam. 2:1). Em Daniel e no Apocalipse, os chifres às vezes se referem a nações que emergiram de outras nações (ver Dan. 7:8; Apoc. 12:3; 17:3). Evidentemente, em Apocalipse 13:11 eles são usados para representar os dois meios pelos quais é manifestada a força da besta semelhante a um cordeiro (comparar com os chifres do Cordeiro em Apocalipse 5:6). Esses dois chifres não são nações

separadas que precederam da besta, mas importantes características da própria besta que a tornam uma nação diferente das outras. Como os chifres são semelhantes aos de um cordeiro, podemos deduzir que representam a força que advém da liberdade civil e religiosa” (COFFMAN, 1989, p. 45).

“O poder simbolizado pela besta de dois chifres deve ser uma nação distinta dos poderes civis ou eclesiásticos do Velho Mundo. Deve surgir no hemisfério ocidental. Deve assumir preeminência e influência por volta do ano 1798. Deve surgir de um modo pacífico e sossegado, não aumentando o seu poder com guerras agressivas e prósperas conquistas, como tem sucedido com outras nações. O seu progresso deve ser tão evidente que maravilhará tanto quem o observa como o faria o perceptível crescimento de um animal perante seus olhos. Deve ser republicano em sua forma de governo. Deve ser protestante em sua religião. Devem apresentar ao mundo, como um índice de seu caráter e dos elementos do seu governo, dois grandes princípios que são em si mesmos perfeitamente justos, inocentes e com o caráter de cordeiro. Deve realizar a sua obra depois de 1798” (SMITH, 1979, p. 206 e 207).

“Os Estados Unidos, a segunda bête desta profecia, devia subir da terra ou serem reconhecidos como potência independente no mundo, quando a primeira bête, o papado, recebesse a ferida mortal, que ocorreu em 1798 pela espada de França. João Wesley, em suas notas sobre o Apocalipse treze, escritas em 1754, diz acerca da bête de dois chifres: ‘Todavia não apareceu ainda, ainda que não pode estar longe. Porque deve aparecer no fim dos quarenta e dois meses da primeira bête’ (*Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis*, U. Smith, Vol. II, 210).

“Os 42 meses a que se referira Wesley, são os 1260 anos da supremacia temporal do papado, findos em 1798. Dentro de nove anos, desde que a Constituição norte-americana entrou em vigor até 1798, os Estados Unidos foram reconhecidos no mundo como nação soberana e o papado, a primeira bête, estava ferido de morte. Estava cumprida a profecia. A bête de dois chifres levantou-se ‘da terra’ deserta do ‘novo mundo’ tornando-se soberana no tempo indicado pela inspiração” (MELLO, 1959, p. 360).

“Os comentaristas adventistas têm visto nesta segunda besta um símbolo dos Estados Unidos da América. Este poderio preenche acuradamente as especificações da profecia. Quando a primeira besta foi a cativo em 1799 [...] os Estados Unidos estavam crescendo em preeminência e poderio. A nação elevou-se, não no Velho Mundo, com suas abundantes multidões, mas no Novo Mundo, com os seus relativamente poucos habitantes” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 231).

“J. N. Andrews foi o primeiro adventista do sétimo dia a sugerir que essa profecia está sendo cumprida pelos Estados Unidos. Desenvolvendo-se como nação na América do Norte, que então era pouco povoada, os Estados Unidos começaram a ser regidos pela Constituição em 1789 e aceitaram sua Declaração de Direitos em 1791. De governo republicano, sua autoridade está na mão do povo, é um país em que a maioria dos habitantes não adota a religião católica, e sua fonte de poder se encontra na prática da liberdade civil e religiosa – um Estado sem rei; uma Igreja sem papa” (COFFMAN, 1989, p. 46).

“Segundo já pudemos ver, os Estados Unidos constituem uma nação essencialmente protestante. Esta nação é filha legítima da Reforma protestante do século dezesseis. Aludindo a isto, diz Bancroft: ‘Filha da Reforma’ estreitamente unida com os séculos passados e com os maiores combates espirituais da humanidade, foi colonizada Nova Inglaterra por gente entusiasta que não temia a outro senhor que a Deus’.

“E diz mais: ‘A Reforma, à qual se devem os choques entre dissidentes ingleses e a hierarquia anglicana, foi a que colonizou Norte América; a Reforma que emancipou os Países Baixos unidos conduziu ao estabelecimento dos europeus nas margens do Hudson’. Observa também sobre os colonos de Nova York: ‘Os colonos eram os restos dos primeiros frutos da Reforma procedentes das províncias belgas e da Inglaterra, da França e da Boêmia, da Alemanha e da Suíça, do Piemonte e dos Alpes italianos’” (*Los Videntes y lo Porvenir*, p. 589).

“Agora que identificamos os Estados Unidos da América do Norte como o poder simbolizado pela besta de dois chifres, podemos, sem temor nem preconceito, rastrear o curso que esta nação segue segundo o que a própria profecia traçou. Ao fazê-lo, observemos de novo que o dragão, o

primeiro elo nesta cadeia profética, foi incansável perseguidor da igreja de Deus. A besta semelhante ao leopardo, que o seguia, foi igualmente um poder perseguidor, ceifando durante 1.260 anos milhões de vidas de seguidores de Cristo. Ao chegarmos à terceira besta, com dois chifres semelhantes ao do cordeiro, é dito que ‘falava como dragão’. Isto não pode senão significar que em algum momento mudará sua natureza de cordeiro para dragão, de modo a falar como dragão e agir como teria agido o dragão anteriormente” (SMITH, 1979, p. 207).

“O dragão foi um perseguidor implacável da igreja. O leopardo, que veio a seguir, também foi um poder perseguidor que ceifou a vida de milhões de cristãos durante os 1.260 anos. Quando esta besta fala como um dragão, isso quer dizer que sua natureza muda de cordeiro para dragão, e que ela faz o mesmo tipo de obras do dragão que veio antes dela” (FEYERABEND, 2005, p. 115).

“Uma nação ‘fala’ por meio de suas leis. Nesse país que ama a liberdade serão promulgadas leis perseguidoras. A opressão não parece ser possível numa nação protegida por um documento como a Constituição dos Estados Unidos, com sua Declaração de Direitos. O contraste entre os característicos semelhantes aos de um cordeiro e os semelhantes aos de um dragão é impressionante. A erosão de liberdades civis e religiosas, acompanhada de modificações repentinas, poderá resultar na supressão de liberdades da minoria, por ordem da maioria. A profecia indica que leis opressivas não advirão necessariamente de pressões políticas e militares, mas de pressões religiosas, para causar a destruição dos fiéis seguidores de Deus (Apoc. 12:17; 13:11-17)” (COFFMAN, 1989, p. 47).

“A profecia apresenta o protestantismo como tendo chifres semelhantes ao cordeiro, mas falando como um dragão’. – E.G. White. *The Review and Herald*, 1 de janeiro de 1889” (THIELE; BERG, 1960, p. 257).

“Ao falar no futuro ‘como o dragão’, a bête de ‘dois chifres semelhantes aos de um cordeiro’, ou os Estados Unidos, demonstrará o mesmo caráter de intolerância e perseguição religiosa que o dragão demonstrou através de Roma-pagã e de Roma-papal. Os Estados Unidos protestantes virão futuramente a adotar princípios que serão perfeita negação daqueles que o caracterizaram originalmente. Pouco a pouco cederá lugar a um caráter diametralmente oposto e imitará os poderes que séculos atrás ergueram a espada contra os verdadeiros adoradores de Deus fiéis a Seus mandamentos” (MELLO, 1959, p. 367).

“Os chifres semelhantes aos do cordeiro e a voz de dragão deste símbolo indicam contradição flagrante entre o que professa e pratica a nação assim representada. A ‘fala’ da nação são os atos de suas autoridades legislativas e judiciárias. Por esses atos desmentirá os princípios liberais e pacíficos que estabeleceu como fundamento de sua política’. – GC., 442.

“As igrejas, representadas por Babilônia, são representadas como tendo caído de sua condição espiritual para tornar-se um poder perseguidor daqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo. A João este poder perseguidor é apresentado como tendo chifres semelhantes ao cordeiro, mas falando como dragão’. T.M., p. 117.

“O movimento dominical está agora preparando o caminho na sombra [...] Os intuitos professados são de índole branda e aparência cristã, mas sua fala há de revelar o espírito do dragão’. 2 TS., 2 p. 152. ‘Poderes religiosos, aliados ao Céu por profissão, e declarando ter as características de um cordeiro, por seus atos mostrarão que tem coração de dragão, e são instigados e dominados por Satanás’. – Idem, vol. 3, p. 395” (THIELE; BERG, 1960, p. 257).

“[...] os Estados Unidos são sede de cinco cardinalatos em cidades religiosamente estratégicas da nação: Washington, Nova York, Chicago, Detroit e São Luís. E o pensamento de grandes vultos do protestantismo é — estender as mãos a Roma. Um jornal protestante brasileiro publicou em 1935 um artigo em que se lia estas palavras: ‘O protestantismo caminha certo para um destes dois fins: Ou a formação de um papismo protestante ou a inteira reconciliação com Roma’ (O Batista Paulistano, 13 de Março de 1935)” (MELO, 1959, p. 369).

“A besta semelhante ao cordeiro (Apoc. 13:11-18) representa o protestantismo apostatado, o qual, em cooperação com o papado, irá provocar o governo dos Estados Unidos para aprovar leis religiosas em oposição às verdades bíblicas” (COFFMAN, 1989, p. 2).

“Existe uma notória contradição entre a aparência e as ações da besta. Em aparência é gentil e aparentemente inofensiva, mas em ação, perseguidora e cruel, como o revelam os vs. 12-18.

Quando a profecia é aplicada aos Estados Unidos, torna-se imediatamente aparente que o cumprimento da predição está no futuro. Os Estados Unidos continuam hoje [1988] mantendo os princípios de liberdade garantidos pela Constituição. A maneira pela qual a mudança de política será feita, acha-se esboçada na presente profecia. A mudança vem em conexão com a crise final imediatamente precedente ao tempo em que ‘os reinos’ (ARA ‘reino’) do mundo se tornarem de nosso Senhor e do Seu Cristo’ (Apoc. 11: 15; cf. Sal. 2: 2; Dan. 7: 14 e 27)” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 232).

“Como pode ser possível tamanha mudança? Note a maneira como a América mudou sua atitude com relação ao catolicismo: Em outubro de 1951, o presidente Harry Truman pediu ao Senado que aprovasse a indicação que fizera de um embaixador para o Estado do Vaticano. Houve uma onda de protestos. Dificilmente um grupo de igrejas protestantes no país deixa de expressar sua oposição. O presidente retirou sua proposta.

“Março de 1984. O presidente Ronald Reagan indicou William A. Wilson como embaixador para o Estado do Vaticano. A indicação foi aprovada pelo Senado por 81 votos a 13. Poucas objeções foram ouvidas.

“Nunca antes houve tanta pressão sobre o governo para que imponha leis religiosas. Os protestantes fundamentalistas costumavam insistir na separação entre Igreja e Estado. Agora, organizações como a Maioria Moral estão exigindo regulamentações morais patrocinadas pelo governo. Em cumprimento à profecia, vemos os Estados Unidos começando a exercer o seu poder político para impor uma religião que se oponha aos Dez Mandamentos” (FEYERABEND, 2005, p. 116).

“O dito de que os Estados Unidos da América foram fundados sobre a religião cristã, é tido como verdadeiro tomando-se em conta os cristãos peregrinos que no século XVII vieram para o Novo Mundo. Jim Walker, escritor especialista em história da religião, diz que, embora muitos líderes da América colonial fossem cristãos, a maioria dos mais influentes líderes políticos pioneiros não praticava a religião cristã:

“Eles eram fortemente guiados pelas idéias do grande iluminismo da Europa [...] Líderes do pensamento iluminista tais como Locke, Rousseau, e Voltaire influenciaram grandemente nossos fundadores; e os fundamentos matemáticos e mecânicos de Isaac Newton lhes serviram de base para o raciocínio científico. Eles raramente praticavam o que hoje nós podemos chamar the ortodoxia cristã. Embora eles defendessem o livre exercício de qualquer religião, eles entendiam os perigos da religião. A maioria deles cria no deísmo, e muitos frequentavam lojas maçônicas’ (Jim Walker, *Liberty*, julho/agosto, 2002, p. 10).

“O Tratado de Trípoli explicitamente revela a natureza secular dos Estados Unidos da América. O artigo 11 declara: ‘Como o governo dos Estados Unidos da América não está em nenhum sentido fundado na religião Cristã [...]’

“O tratado foi feito no final da última gestão do presidente George Washington, 04 de novembro de 1796. O Senado aprovou-o em 07 de junho de 1797, e foi oficialmente ratificado pelos Estados Unidos com a assinatura do presidente John Adams no dia 10 de junho de 1797. Durante todo esse processo, as palavras do Artigo 11 nunca despertaram a mais leve preocupação. O tratado tornou-se público pela sua publicação na Gazette de Filadélfia no dia 17 de junho de 1797 (Jim Walker, *Liberty*, julho/agosto, 2002, p. 10).

“[...] Apesar de muitos líderes cristãos falarem dos Estados Unidos como uma nação cristã, e da fé que os fundadores da nação tinham em Deus, parte disso é errôneo. Muitos dos fundadores e primeiros heróis dos Estados Unidos eram maçons: George Washington; Benjamin Franklin; Thomas Jefferson; John Paul Jones; Paul Revere, e Benedict Arnold (William Schnoebelen, *Maçonaria: Do Outro Lado da Luz*, p. 258).

“Benjamin Franklin, por exemplo, pertenceu ao Clube do Inferno, uma sociedade satânica e infame de Londres. Benjamin Franklin revelou sua perspectiva em assuntos de fé na sua autobiografia, quando depois de mencionar sua rejeição à sua primeira instrução religiosa, escreveu: ‘alguns livros combatendo o deísmo caíram em minhas mãos [...] e em pouco tempo eu me tornei um profundo deísta’. Dr. Priestley, um amigo íntimo de Franklin escreveu dele: ‘é para se lamentar que um homem como Franklin, um bom caráter e uma grande influência, tivesse sido um descrente no cristianismo, e tenha feito tanto no sentido de tornar os outros também incrédulos’ (Jim Walker, *Liberty*,

julho/agosto, 2002, p. 11).

“Afirma-se que Thomas Jefferson foi também rosacruz. Apesar de ser um homem brilhante, Jefferson recortou passagens da Bíblia até criar a celebrada Bíblia de Jefferson, na qual removeu todas as referências ao pecado, à expiação e à divindade de Jesus Cristo (Jim Walker, *Liberty*, julho/agosto, 2002, p. 11).

“Thomas Jefferson cria no materialismo, na razão e na ciência. Ele nunca admitiu qualquer religião exceto a sua própria. Numa carta a Ezra Stiles Ely, dia 25 de junho de 1819, ele escreveu: ‘você diz ser um Calvinista. Eu não sou. Tanto quanto eu saiba eu sou da minha própria seita’ (Jim Walker, *Liberty*, julho/agosto, 2002, p. 10).

“Quando o Novo Mundo foi descoberto, os Europeus chegaram para as colônias com duas visões diferentes para essa nova terra:

- Os puritanos e outros vieram buscando a liberdade religiosa e visavam uma chance de estabelecer uma civilização baseada na Bíblia.
- Mas outros viram a América como um lugar onde o ocultismo poderia prosperar sem que o cristianismo pudesse inibi-lo. Muito antes de 1776, foi fundada uma colônia de rosacruzes em Ephrata, Pensilvânia! A América colonial estava cheia de grupos ocultistas, e tanto a bruxaria quanto a maçonaria chegaram bem cedo com os navios (William Schnoebelen, *Maçonaria: Do Outro Lado da Luz*, p. 259)” (RAMOS, 2006, p. 206 - 210).

“Os britânicos colonizaram a região da costa atlântica (América do Norte), onde foram fundadas um total de Treze Colônias. Estas colônias, inicialmente muito diferentes e afastadas política e culturalmente entre si, uniram-se e declararam sua independência em 4 de julho de 1776, tendo esta independência sido reconhecida pelo Reino Unido após o fim da Revolução Americana de 1776 e, em 1783, sob os termos do Tratado de Paris. Desde então, os Estados Unidos gradualmente evoluíram em uma superpotência, passando a exercer crescente influência política, econômica, militar e cultural no panorama mundial” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 48).

““Quase como no nascimento de Esaú e Jacó, desde o nascimento da América tem havido uma luta entre duas forças, desde o útero. A América nasceu do difícil acordo entre o cristianismo, por um lado, e o ocultismo, pelo outro. Essa tensão existe até hoje’ (William Schnoebelen, *Maçonaria: Do Outro Lado da Luz*, p. 259). A segunda besta tinha aparência de cordeiro; no Apocalipse o cordeiro tipifica a Cristo, mas a voz era de dragão, e o dragão simboliza Satanás!” (RAMOS, 2006, p. 206 - 210).

13.12 Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada.

O protestantismo e o republicanismo da nação norte-americana serão substituídos pela ideologia papal e políticas marxistas, onde as liberdades individuais serão tolhidas em nome da segurança e do progresso da coletividade, e se aliará ao império da religião política globalista romana a tal ponto de ser anexado a ela, e falar em nome dela! Aquele país que nasceu com objetivos e aparência tão nobres e bíblicos se tornará a patrulha do romanismo em todo o planeta, impondo as crenças católicas romanas e evangélicas (pseudo protestantismo) a todas as nações, sobretudo o mandamento dominical – o domingo verde, o domingo da família, “o dia do Senhor” –, a pretexto de se cuidar do meio ambiente e para seduzir os conservadores que enfatizam a família em suas pautas sócio-políticas. Muçulmanos serão seduzidos por essa ideia, budistas, hinduístas, ateus e ativistas de todas as ideologias; todos os habitantes do planeta que negligenciaram a revelação profética bíblica. A patrulha americano-evangélico-católica imporá a lei dominical e fiscalizará se as populações de todos os países estarão cumprindo-a à risca! Quem obedecer à falsa religião global declarará voluntariamente sua rebeldia contra o Criador do universo e da vida, e sua adoração à criatura – Satanás, por enquanto disfarçado de papa e líderes globalistas –, em lugar do Criador que ordenou a santificação do sétimo dia do ininterrupto ciclo semanal, o sábado da Criação de Deus. E isso será como um sinal de que a sanha imperialista papal estará curada dos golpes recebidos na Revolução Francesa.

“A besta do mar é reativada para os eventos finais, mas a besta da terra, um aparente terceiro elemento na falsa trindade do tempo do fim, assume um papel de liderança em seu lugar (ver 16:13, 14)” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“Essa é uma simulação do Espírito Santo, que age no coração do homem levando à adoração verdadeira e à santificação. Da mesma forma, os Estados Unidos, como representante do protestantismo apostatado, trabalharão para que se estabeleça a autoridade dos ideais do Catolicismo Romano em todo o mundo” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 19).

“Esse poder terreno do tempo do fim é uma verdadeira paródia do Espírito Santo. De acordo com o evangelho de João, o propósito do Espírito Santo é exercer a autoridade de Cristo, conduzindo as pessoas a Jesus (Jo 15:26; 16:13, 14). Da mesma forma, a besta da terra exerce toda a autoridade da besta do mar, conduzindo as pessoas a ela (Ap 13:12). A ‘autoridade da primeira besta’ (v. 12) se refere ao poder coercitivo que a igreja medieval exerceu durante o período profético de 42 meses (v. 5-8), impondo doutrinas e práticas contrárias aos ensinamentos bíblicos. Quem não aceitava os ensinamentos da igreja instituída sofria perseguição e martírio. Ao exercer essa autoridade medieval, a besta da terra faz com que as pessoas do mundo ‘adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada’ (v. 12), contrafazendo dessa maneira o papel do Espírito Santo de dirigir adoração a Cristo.

“Como a besta da terra consegue fazer isso? Conforme revelado no texto, na fase inicial de sua atuação, ela realiza sinais milagrosos para convencer as pessoas (v. 13, 14; cf. 2Ts 2:8-10), ao passo que recorre à coerção na etapa final (Ap 13:15-17). Assim como o Espírito Santo realizava sinais milagrosos para convencer as pessoas a aceitar Jesus Cristo e adorá-Lo, essa contrafação tenta enganar as pessoas por meio de sinais e milagres enganosos, persuadindo-as a adorar a besta do mar” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 79).

“Tentativas realizadas durante a Idade Média com a intenção de compreender a besta de dois chifres, foram fadadas ao fracasso. De fato, teria sido extremamente difícil às pessoas a compreensão do significado dessa besta, até que a outra — semelhante a leopardo — recebesse a sua chaga mortal. A profecia é melhor interpretada após seu cumprimento. ‘Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais’, falou Jesus durante a Última Ceia, numa conversação que focalizava eventos futuros. S. João 14:29.

“A ferida mortal chegou a ser corretamente compreendida durante a Revolução Francesa, ao longo do próprio processo em que a chaga foi infligida. A Revolução ocorreu nos anos que vieram após 1789. O papa foi aprisionado em 1798. Uma vez que a besta de chifres de cordeiro levaria as pessoas a adorar a primeira besta, ‘cuja ferida mortal fora curada’, sabemos que a profecia acerca da besta-cordeiro focaliza eventos que ocorreriam depois de feita a ferida mortal, isto é, após 1798” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 350 e 351).

“PODER. (ARA - ‘autoridade’). Gr. *Exousia*, ‘autoridade’. Este verso é uma amplificação da frase, ‘falava como dragão’. O cumprimento está no futuro [...]. Durante o clímax do seu poderio, a primeira besta, o papado [...], exerceu autoridade sobre vasta área, tanto em matéria religiosa como política [...]. Para a segunda besta exercer a autoridade da primeira, ela terá de entrar no campo da religião, e procurar dominar o culto religioso. Para os Estados Unidos, o dar esse passo significará uma completa revogação da sua presente política [do ano 1988] de garantir aos seus cidadãos plena liberdade de culto. Tal passo é aqui predito” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 232).

“A predição de falar ‘como o dragão’, e exercer ‘todo o poder da primeira besta’, claramente anuncia o desenvolvimento do espírito de intolerância e perseguição que manifestaram as nações representadas pelo dragão e pela besta semelhante ao leopardo. E a declaração de que a besta de dois chifres faz com ‘que a Terra e os que nela habitam adorem a primeira besta’, indica que a autoridade desta nação deve ser exercida impondo ela alguma observância que constituirá ato de homenagem ao papado” (WHITE, 2013, p. 385).

“Esta nação, não apenas fala como dragão, mas também se declara que “exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença”. Se lançamos um olhar retrospectivo, vamos descobrir que a primeira besta é a besta semelhante ao leopardo, símbolo do papado. A única conclusão que se pode tirar é que uma nação chamada protestante exercerá o poder perseguidor do papado e, portanto, virá a ser, portanto, pseudo-protestante, quer dizer o ‘falso profeta’ mencionado em Apocalipse

19:20 e explicado assim: Esta nação exerce o poder coagindo o povo sob sua jurisdição a que ‘adorem a primeira besta’, o papado” (SIMITH, 1979, p. 208).

“Essencialmente, não é católica, porque acabará exercendo a autoridade para levar seu povo a adorar a primeira besta (o poder católico). Não precisaria fazer isso se a nação já pertencesse a essa comunidade religiosa (Apoc. 13:12)” (COFFMAN, 1989, p. 45).

“Mas o poder opressor do papado que exercerão os Estados Unidos, será exercido em presença do mesmo papado. E’ bem de ver que a profecia anuncia aqui, com insofismável clareza, a união dos Estados Unidos, na qualidade de nação protestante, com o papado romano” (MELLO, 1959, p. 368).

“NA SUA PRESENÇA. A primeira besta, que fora ferida mortalmente, retornou à vida, e acha-se uma vez mais em atividade nos negócios do mundo. O seu promotor agente é a segunda besta. FAZ COM QUE A TERRA. (ARA - ‘e seus habitantes’). Isto é: os habitantes da terra. O movimento aqui descrito significa mais que um empreendimento nacional; reveste-se de proporções internacionais” (NICHOL; FORTES, 1988, p. 233).

“Apocalipse 13 mostra claramente que a besta da terra tem autoridade política global:

- ‘Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença’ (v. 12). Vimos num dos capítulos anteriores que a primeira besta de Apocalipse 13 é um poder político global. Portanto, a besta da terra, que ‘exerce toda a autoridade da primeira besta’, também precisa ser um poder político global.
- ‘Faz com que a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta’ (v. 12). A besta da terra tem o poder político necessário para impor uma falsa adoração, não só dentro de suas fronteiras, mas também à ‘Terra e seus habitantes’.
- ‘Seduz os que habitam sobre a Terra’ e diz ‘aos que habitam sobre a Terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu’ (v. 14). A besta da terra tem o poder de ordenar ao mundo inteiro que faça uma imagem à besta do mar.

“Dito em palavras atuais, a besta da terra é uma superpotência global. Contudo, o fato de que a besta da terra é uma superpotência global ainda não identifica os Estados Unidos, porque no tempo em que João escreveu o Apocalipse, o Império Romano era uma superpotência. Nos últimos séculos, a França e a Inglaterra foram importantes superpotências mundiais. E, no século 20, a União Soviética foi uma superpotência global. Portanto, a besta da terra poderia representar qualquer uma destas superpotências globais: o Império Romano, a França, a Inglaterra e a União Soviética. Precisamos de evidências adicionais para identificar a besta da terra como os Estados Unidos. [...]

“Apocalipse 13:16 e 17 declara que a besta da terra forçará todas as classes de pessoas a receberem ‘certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta’. Em Apocalipse 16, a primeira das sete pragas é dirigida sobre os ‘homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem’ (v. 2). Essas sete pragas são os últimos eventos a acontecer no mundo antes da segunda vinda de Cristo. Assim, a marca da besta claramente é um fenômeno do tempo do fim, e, portanto, a besta da terra que impõe a marca precisa ser uma superpotência do tempo do fim. Além dos Estados Unidos, as nações que mencionei no parágrafo anterior já não são superpotências; portanto, não se encaixam na descrição do Apocalipse sobre a besta da terra. [...]

“Quando reunimos as quatro características da besta da terra, torna-se muito evidente que ela representa os Estados Unidos:

- A besta da terra é um poder político no mundo, uma nação.
- Tem autoridade global – é uma superpotência global.
- É uma superpotência do tempo do fim.
- É uma nação cristã.

“Somente uma nação do mundo se encaixa em todas essas especificações: os Estados Unidos da América. *Não há nenhum outro candidato*” (MOORE; LIRA, 2013, p. 101 - 103).

“A palavra grega traduzida aqui por ‘adorar’ é muito significativa, pois vem do verbo *kuneo*, ‘eu beijo’, com uma proposição que indica que o beijo dirige-se a alguém, neste caso o papado, ou seu titular, o papa. Geralmente é traduzido como ‘render homenagem, prostrar-se diante de’, conforme a versão LXX no decreto de Nabucodonosor a todos os ‘povos, nações e homens de todas as

línguas', que lhes ordenava: 'vos prostrareis e adorareis a imagem de ouro' levantada pelo rei Nabucodonosor no campo de Dura (Dan. 3:4, 5). Esta adoração deve significar a submissão das nações à autoridade e decreto das pessoas a quem tributam homenagem. Tal é o quadro que a profecia apresenta com respeito à adoração tributada ao papado por um povo chamado protestante" (SIMITH, 1979, p. 208).

"Semelhante atitude seria abertamente contrária aos princípios deste governo, ao espírito de suas instituições livres, às afirmações insofismáveis e solenes da Declaração de Independência, e à Constituição. Os fundadores da nação procuraram sabiamente prevenir o emprego do poder secular por parte da igreja, com seu inevitável resultado — intolerância e perseguição. A Magna Carta estipula que 'o Congresso não fará lei quanto a oficializar alguma religião, ou proibir o livre exercício da mesma', e que 'nenhuma prova de natureza religiosa será jamais exigida como requisito para qualquer cargo de confiança pública nos Estados Unidos'. Somente em flagrante violação destas garantias à liberdade da nação, poderá qualquer observância religiosa ser imposta pela autoridade civil" (WHITE, 2013, p. 385 e 386).

"Todavia, a nação americana quebrará logo êsse orgulho no que diz respeito à fé e consciência religiosa, para exaltar o papado e perseguir os verdadeiros seguidores do Senhor Jesus contrários à apostasia de Roma. A declaração: 'E faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta', ressalta o futuro consórcio entre as duas bestas ou entre o papado-romano e o protestantismo-estadunidense. Leis serão promulgadas pelo Congresso americano em exaltação do papado e seus dogmas. E aqueles que pela Reforma saíram da velha igreja mãe apóstata, a ela estenderão suas mãos para exaltá-la, adorá-la e fazer através de leis com que todos a adorem" (MELLO, 1959, p. 369 e 370).

"A profecia prediz que os Estados Unidos irão finalmente imitar e cooperar com o poder da primeira besta (Apoc. 13:1) para estabelecer uma união entre igreja e Estado que imponha o tipo de culto que caracterizou a igreja medieval da Europa Ocidental. A última frase de Apocalipse 13:12 ('cuja ferida mortal fora curada') demonstra que essa segunda besta age depois de 1798, ocasião em que a primeira besta foi mortalmente ferida. A cura maravilhosa ocorre quando a religião papal é restaurada e a união igreja-Estado é restabelecida. Seguramente essa segunda besta vai cumprir o seu papel profético. [...] Ao 'falar com dragão' (Apoc. 13:11), a besta que já foi parecida com um cordeiro apóia o culto apóstata, realizando milagres para persuadir a todos para que apóiem e 'adorem a imagem da besta' (verso 15). As igrejas apóstatas irão convencer o governo a aprovar leis para reforçar o culto não-bíblico" (COFFMAN, 1989, p. 6).

"RELEMBRANDO:

"a) Ferida mortal - No ano 1798, ao terminarem os 1.260 anos de poder perseguidor ($538 + 1.260 = 1.798$), o general de Napoleão Bonaparte, Berthier, prendeu o papa Pio VI, cumprindo-se assim a profecia de uma "ferida mortal" ao papado (Apocalipse 13:3). O código de Justiniano foi anulado e o papado desapropriado dos cinco Estados que este tinha no centro da Itália. Seus poderes temporais foram tirados. A ferida foi tão profunda que parecia que o papado não se recuperaria mais dela. O papa Pio VI foi levado para o cativo (Apocalipse 13:10) e seus sucessores se auto recluiram no cativo, negando-se a aparecer em público até que se lhes restituíssem os poderes temporais.

"b) O início da cura da ferida moral - Em 1929, Benito Mussolini assinou a célebre concordata com o papado, dando-lhe os 44 hectares que hoje constituem o Estado do Vaticano, recuperando-se assim o poder temporal dos papas. Desde aquela época voltaram a mostrar-se em público com poder e popularidade crescentes, fazendo viagens pelo mundo e sendo aclamados por multidões, inclusive em países protestantes como os Estados Unidos. Entendemos que com este evento teve início a cura da ferida de morte. Quando ela for totalmente curada, toda a terra se maravilhará seguindo a besta (Apocalipse 13:3)" (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 48).

"A profecia aqui [Apocalipse 13.12] aponta para a promulgação de alguma medida religiosa cuja observância seria encarada como um ato de adoração, em que o adorador ao observá-la, reconhece a autoridade da primeira besta em matéria de religião. Uma alusão quanto à natureza da promulgação é encontrada no cap. 14: 9-12. Esses versos contrastam os santos com os adoradores da

besta e sua imagem e fazem notar que uma das características que distinguem os santos é a guarda dos mandamentos de Deus (v. 12).

“De acordo Daniel o poderio representado como a besta deveria ‘cuidar em mudar os tempos e as leis’ (ARA – ‘e a lei’; cap. 7: 25). A história registra audaciosíssima tentativa de mudar a lei divina – na substituição do sábado do Senhor e colocação do domingo em seu lugar [...]. É possível, então, ver-se aqui uma aplicação específica a um decreto civil que requer a observância do domingo. A imposição de tal decreto seria um ato que exigiria que os homens dessem honra a uma instituição do papado. De tal maneira os homens seriam levados a ‘adorar’ a ‘primeira besta’. Considerariam as ordens da besta acima das de Deus em matéria do dia de adoração. [...]

“O assunto do dia de adoração, é, evidentemente, um aspecto da homenagem universal que a ‘besta’ finalmente receberá (ver o com. ao v. 8). O que se acha aqui previsto é um movimento universal sob a liderança de Satanás, que está procurando assegurar para si a obediência dos habitantes da terra. Ele será bem sucedido no seu esforço de unir os vários elementos religiosos, e de assegurar a lealdade dos homens à nova organização modelada segundo a antiga [...]. Ele é o poder que está por trás da ‘besta’. É ele, o verdadeiro anticristo, que está operando para fazer-se como Deus (ver II Tes. 2: 9 [...]) (NICHOL; FORTES, 1988, p. 233).

“O embaixador americano no Vaticano, Raymond Flynn disse: ‘O relacionamento entre o Vaticano e os Estados Unidos é extraordinariamente importante [...] é do interesse nacional dos Estados Unidos da América manter fortes relações diplomáticas com o Vaticano’” (Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast*, p. 225 e 226). Gradualmente os dois governos estão se aproximando a ponto de a profecia dizer que os Estados Unidos vão fazer com que todos os habitantes da Terra adorem o papado. A profecia prediz um tempo em que influências religiosas nos Estados Unidos impelirão suas legislaturas a falarem em defesa do papado e promoverem seus interesses. Por muitos anos temos visto gradualmente indicações dessa espécie de cooperação. Quando isso se cumprir plenamente, a América protestante mostrar-se-á infiel ao seu encargo e poderá ser considerada apropriadamente como ‘falso profeta’” (RAMOS, 2006, p. 221 e 222).

“**Igreja e mundo em corrupta harmonia.** A Palavra de Deus declara positivamente que Sua lei será escarnecida e pisada pelo mundo. Haverá extraordinário predomínio da iniquidade. O professo mundo protestante formará uma confederação com o homem do pecado, e a igreja e o mundo estarão em corrupta harmonia. Eis que a grande crise vem sobre o mundo. As Escrituras ensinam que o papado deverá readquirir sua supremacia perdida, e que os fogos da perseguição serão reatados por meio das concessões oportunistas do chamado mundo protestante (Mensagens Escolhidas, v. 2, p. 367, 368)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1090).

“A sagacidade e astúcia da Igreja de Roma são surpreendentes. Ela sabe ler o futuro. Aguarda o seu tempo, vendo que as igrejas protestantes lhe estão prestando homenagem com o aceitar do falso sábado, e se preparam para impô-lo pelos mesmos meios que ela própria empregou em tempos passados. Os que rejeitam a luz da verdade procurarão ainda o auxílio deste poder que a si mesmo se intitula infalível, a fim de exaltarem uma instituição que com ele se originou. Quão prontamente virá esse poder em auxílio dos protestantes nesta obra, não é difícil imaginar. Quem compreende melhor do que os dirigentes papais como tratar com os que são desobedientes à igreja?

“A Igreja Católica Romana, com todas as suas ramificações pelo mundo inteiro, forma vasta organização, dirigida da sé papal, e destinada a servir aos interesses desta. Seus milhões de adeptos, em todos os países do globo, são instruídos a se manterem sob obrigação de obedecer ao papa. Qualquer que seja a sua nacionalidade ou governo, devem considerar a autoridade da igreja acima de qualquer outra autoridade. Ainda que façam juramento prometendo lealdade ao Estado, por trás disto, todavia, jaz o voto de obediência a Roma, absolvendo-os de toda obrigação contrária aos interesses dela.

“A História testifica de seus esforços, astutos e persistentes, no sentido de insinuar-se nos negócios das nações; e, havendo conseguido pé firme, nada mais faz que favorecer seus próprios interesses, mesmo com a ruína de príncipes e povo.

“No ano 1204, o papa Inocêncio III arrancou de Pedro II, rei de Aragão, o seguinte e extraordinário juramento: ‘Eu, Pedro, rei dos aragoneses, declaro e prometo ser sempre fiel e obediente a

meu senhor, o Papa Inocêncio, a seus sucessores católicos, e à Igreja Romana, e fielmente preservar meu reino em sua obediência, defendendo a fé católica, e perseguindo a corrupção herética' — História do Romanismo, de Dowling.

“Isso está em harmonia com as pretensões relativas ao poder do pontífice romano, de que ‘lhe é lícito depor imperadores’, e de que ‘pode absolver os súditos, de sua fidelidade para com os governantes ímpios’ — História Eclesiástica, de Mosheim.

“E, convém lembrar, Roma jacta-se de que nunca muda. Os princípios de Gregório VII e Inocêncio III ainda são os princípios da Igreja Católica Romana. E tivesse ela tão-somente o poder, pô-los-ia em prática com tanto vigor agora como nos séculos passados. Pouco sabem os protestantes do que estão fazendo ao se proporem aceitar o auxílio de Roma na obra da exaltação do domingo. Enquanto se aplicam à realização de seu propósito, Roma está visando a restabelecer o seu poder, para recuperar a supremacia perdida.

“Estabeleça-se nos Estados Unidos o princípio de que a igreja possa empregar ou dirigir o poder do Estado; de que as observâncias religiosas possam ser impostas pelas leis seculares; em suma, que a autoridade da igreja e do Estado devem dominar a consciência, e Roma terá assegurado o triunfo nesse país. A Palavra de Deus deu aviso do perigo iminente; se este for desatendido, o mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma, apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada.

“Ela está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão a exercer influência nas assembléias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando suas forças para realizar seus objetivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja é a oportunidade, e esta já lhe está sendo dada. Logo veremos e sentiremos qual é o propósito do romanismo” (WHITE, 2013, p. 505 - 507).

13.13 Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens.

O protestantismo americano apostatado se transformará no movimento evangélico cada vez mais próximo da falsa religião política globalista romana e do ocultismo/iluminismo maçônico, e espiritismo E a presença das crenças espiritualistas nas denominações evangélicas, tais como: supostas revelações proféticas que contradizem a Bíblia; o falso dom de línguas (uma contrafação do verdadeiro dom representado pelo sinal das “línguas, como de fogo”, Atos 2.3); a guarda do falso dia de descanso, o domingo; o dispensacionalismo; a imortalidade da alma, entre outras, todos esses pontos de contato com o espiritismo e o romanismo permitirão a Satanás usar as denominações evangélicas americanas como um médium, um falso profeta, por meio do qual ele operará milagres “provando” aos desobedientes e desinformados que ele é o próprio Deus, o que será seguido pelo movimento evangélico em todo o planeta, enganando os cristãos nominais que se indispunham com a Bíblia e a oração, e só viviam na sombra da coletividade dos templos, do frenesi psicológico neopentecostal, e nas fantasias dos exercícios espirituais inicianos, sem o compromisso individual com a Palavra. Assim como Satanás fez descer fogo do céu e queimou ovelhas e homens no passado (cf. Jó 1.16), ele usará explicitamente seu conhecimento da natureza para se passar por Deus diante daqueles aos quais ele arrebanhará e destruirá.

“**Sinais.** Do gr. *semeia* (ver com. de Ap 12:1). Isto revela de que modo o príncipe das trevas conquistará a lealdade dos habitantes da Terra. Mediante sinais, as pessoas serão enganadas e levadas a crer que a nova em organização, a imagem da besta (ver com. de Ap 13:14), é abençoada por Deus. **De maneira que.** Fazer fogo descer do céu será uma tentativa de simular o milagre no monte Carmelo (1Rs 18:17-39). Uma vez que o sinal antigo deu evidências do poder do Deus verdadeiro, a besta fará parecer que o Senhor está do seu lado. Esses milagres deverão ocorrer pela ação de forças do espiritismo (ver GC, 588). Pretendendo ser como Deus, Satanás tentará justificar sua reivindicação à divindade por meio de milagres inegáveis (ver 2Ts 2:9, 10; T9, 16)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 909).

“[...] esta profecia não está cumprida no grande avanço em conhecimento, nas descobertas e invenções, tão notáveis na época presente, porque os sinais e maravilhas a que o profeta se refere são evidentemente operados com o propósito de enganar o povo, como lemos no versículo 14: ‘E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta’. Devemos agora determinar por que meios são operados os milagres em questão, porque Apocalipse 16:13, 14 fala de ‘espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro’.

“O Salvador, ao predizer acontecimentos a ocorrer logo antes da Sua segunda vinda, diz: ‘Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos’. (Mat. 24:24). Nesta passagem são preditos sinais, operados com o propósito de enganar, tão poderosos que, se fosse possível, até os próprios escolhidos seriam enganados por eles. Assim, temos uma profecia (e há muitas outras) apresentando o desenvolvimento, nos últimos anos, de um poder operador de prodígios, manifestado num grau espantoso e sem precedentes no interesse de propagar a mentira e o erro.

“Os ‘espíritos de demônios’ iriam a ‘todo o mundo’, mas a nação com a qual isto estaria especialmente relacionado é em Apocalipse 13 é o mesmo representado pela besta de dois chifres, ou o falso profeta. Devemos concluir, portanto, que a profecia indica que tal obra se realizará nos Estados Unidos. Vemos nós algo semelhante?” (SMITH, 1979, p. 209).

“No capítulo dezesseis é enfatizado que da boca do falso profeta, que é a nação norte-americana, protestante, como também da boca do dragão e da boca da besta ou do papado, vira S. João sair ‘espíritos imundos’ ou ‘espíritos de demônios que fazem prodígios’. No capítulo dezenove é referido que o ‘falso profeta’ — os Estados Unidos — ‘fizera os sinais, com que enganou...’ Temos assim tornado claro, pela própria revelação que os ‘grandes sinais’, incluso ‘até fogo’ descer do céu à terra, ‘à vista dos homens’, é obra exclusiva dos demônios através da besta que subiu ‘da terra’, cujo objetivo é enganar os seus próprios súditos. Nisto, pois, vemos também que fazer prodígios e mesmo descer fogo do céu, não é natural. Portanto, deve haver nos Estados Unidos um poder sobrenatural que opera sob o controle dos demônios enganadores e que, no futuro, ao tempo da união dessa nação com Roma, fará até cair fogo do céu para mais prontamente enganar e perder a própria nação. E qual é o poder sobrenatural que nos Estados Unidos há? Eis a resposta única: *O Espiritismo*” (MELLO, 1959, p. 370).

“O espiritismo corresponde à profecia no fato de ter a sua origem nos Estados Unidos, relacionando assim seus sinais com a obra da besta de dois chifres. Iniciando em Hydesville, estado de Nova York, na família de John D. Fox, na última parte de março de 1848, espalhou-se com incrível rapidez através de todo o mundo. Estas supostas revelações causaram muita agitação, e algumas pessoas eminentes começaram a investigar o ‘engano das batidas’, como eram geralmente chamados os fenômenos espiritualistas. Desde então o espiritismo tem sido uma força crescente no mundo moderno. É difícil determinar o número de seus adeptos, porque muitos dos que crêem e praticam seus ensinamentos declaram não pertencer a nenhuma denominação; mas por outro lado muitos dos que continuam pertencendo a diferentes organizações religiosas tentam, porém, comunicar-se com os mortos” (SMITH, 1979, p. 210 e 211).

“O espiritismo corresponde exatamente à profecia na exibição de grandes sinais e prodígios. Entre as suas muitas proezas podem-se mencionar estas: Vários objetos têm sido transportados de um lugar para o outro pelos espíritos; bela música produzida independentemente de qualquer intervenção humana com e sem o auxílio de instrumentos visíveis; numerosos casos comprovados de cura; pessoas transportadas através do espaço pelos espíritos na presença de muitas outras; levitação de mesas, que ficavam suspensas no ar, com várias pessoas nelas; têm-se apresentado espíritos em forma corpórea, falando com voz audível.

“O poder representado nesta profecia irá fazer fogo descer à terra diante dos homens. Mas isto, como as demais manifestações de seu poder tem por fim enganar ‘os moradores da terra’. Os milagres são realizados pelos ‘espíritos de demônios’ (Apoc. 16:14). E são muitas as admoestações da Palavra de Deus contra o estabelecer relações com os maus espíritos. Na época da igreja primitiva foram dadas solenes advertências à igreja de Deus: ‘Ora, o Espírito afirma expressamente que,

nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios' (1 Tim. 4:1).

“O conselho que Deus dá a Seu povo nestes últimos dias é: ‘Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva’ (Isa. 8:19, 20)” (SMITH, 1979, p. 212 e 213).

“O primeiro grande engano do mundo, ocorrido nos dias do seu alvorecer, foi obra do Espiritismo. [...] Verificou-se no jardim do Éden a primeira sessão espírita havida na terra. A serpente era o médium e o espírito que por ela atuara era Satanás. Não era possível que um espírito de morto atuasse através do animal porque ninguém ainda havia morrido na terra. Porém, baseados na revelação infalível do evangelho, temos a irrefutável certeza de que o archi-inimigo do bem foi o agente enganador invisível do homem por cujo engano visou perdê-lo e com êle a sua descendência (Gn 2.15-17). [...] Desde após o primeiro engano no jardim do Éden os séculos da história estão permeados de fenômenos que levaram os homens a tecer sôbre eles as mais descontraídas conjecturas.

“Êsses fenômenos eram cridos como manifestações de forças ocultas sem, porém, darem os homens uma definição razoável da origem de ditas forças. Daí ter nascido, fundamentado em tais fenômenos, o paganismo que encheu a terra tôda dos mais degradantes ritos e pretensões religiosas. Os oráculos dos povos remotos falam ainda, através de numerosos livros, de fenômenos inúmeros que eram em geral cridos como manifestações de espíritos de mortos.

“Nisto jaz a razão porque os profetas do Velho Testamento contrariavam as teorias de que os espíritos dos mortos se comunicavam com os vivos. Todavia os séculos da era cristã encheram-se ainda mais acentuadamente, dos velhos fenômenos e manifestações atribuídas aos espíritos dos que morreram. Mas, o caráter de tais fenômenos e manifestações, evidencia o fato de que todos êles visavam e visam enganar os homens, pelo que não eram nem são mais nem menos do que as mesmas artimanhas ampliadas daquele que enganou no Éden o primeiro casal da terra e arruinou o mundo.

“Satanás estêve aperfeiçoando por séculos e milênios, à medida que a humanidade se desenvolvia, o seu primitivo e maior engano — o Espiritismo — para apresentá-lo no século da ciência revestido com brilhante roupagem” (MELLO, 1959, p. 371 e 372).

“O Espiritismo moderno é filho legítimo dos Estados Unidos da América do Norte. Nesta nação deveria êle surgir segundo os ditames da profecia sôbre a bêsta de dois chifres. E agora, como comprovação disto, ouçamos um dos expoentes máximos do Espiritismo, que foi León Denis, que viveu no século passado: ‘Cêrca do meado dêste século, cujo têrmo se aproxima, o homem iludido por tôdas as teorias contraditórias, por todos os sistemas deficientes com que pretenderam nutrir-lhe o pensamento, se deixava embalar pela dúvida; perdia cada vez mais a noção da vida futura. Foi então que o mundo invisível veio ter com êle e o perseguiu até em sua própria casa. Por diversos meios os mortos se manifestaram aos vivos. As vozes de além-túmulo falaram. Os mistérios dos santuários orientais; os fenômenos ocultos da Idade Média, depois de um longo silêncio, se renovaram; nasceu o espiritismo.

“Foi além dos mares, em um mundo jovem, rico de energia vital, de ardente expansão, menos escravizado do que a velha Europa ao espírito de rotina e aos prejuízos do passado, foi na América do Norte que se produziram as primeiras manifestações do moderno espiritualismo. Foi de lá que elas se espalharam por todo o globo. Essa escolha era profundamente judiciosa. A livre América era justamente o meio propício para uma obra de difusão e de renovação’ (Cristianismo e Espiritismo, p. 139 e 140)” (MELLO, 1959, p. 372).

“O que deve ficar aqui assentado é o fato de que o espiritismo moderno, filho dos Estados Unidos Protestantes, é o mesmo embuste do jardim do Éden, e, como afirmara León Denis, ‘os mesmos mistérios dos santuários orientais’, os mesmos ‘fenômenos da Idade Média’. Sim, o espiritismo, revestido com uma roupagem de gala. Hoje, diante do adiantamento da humanidade, diante da pujança da ciência e em face da profusão da pregação do evangelho em todo o mundo, se Satanás revelasse o Espiritismo nos mesmos moldes em que o revelou nos séculos passados, seria o engano repellido infalivelmente. Urgia, pois, modernizá-lo, dar-lhe um outro cunho, adaptá-lo à moderna ci-

vilização para que fôsse aceito.

“E quando hoje vemos o espiritismo manipulado por médiuns extremamente diferentes dos do passado; quando contemplamos seus hospitais, seus albergues, suas clínicas mediúnicas e suas obras de caridade, vemos em tudo isto e em muito mais ainda, o vestido novo que Satanás lhe conferiu para não ser conhecido como a velha trapaça dos tempos antigos. Quando ouvimos de milagres operados pelo moderno espiritismo, não devemos com isto maravilhar-nos. Somos informados por Jesus Cristo que nos últimos dias milagres, ‘grandes sinais e prodígios’, seriam operados por ‘falsos profetas’, em cujo têrmo se enquadram os médiuns espíritas (Mt 24.24).

“Basta que os Estados Unidos sejam apontados na profecia do Apocalipse como ‘falso profeta’ que fala como o dragão e do qual procedem ‘espíritos imundos’ e que o espiritismo moderno seja seu filho, para certificarmos-nos de que os milagres dêste grande engano espiritualista são produzidos por Satanás e seus maus anjos, com o fim de ludibriar e fazer crer à humanidade que sua procedência é divina. ‘Através do Espiritismo, Satanás aparece como um benfeitor da raça, curando as enfermidades do povo, e professando apresentar um novo e mais exaltado sistema de fé religiosa’ (*Spirit of Prophecy*, Vol. V, p. 405 e 406). E no futuro, como reza a profecia, a culminação dos milagres enganosos do espiritismo será ‘fazer descer fogo do céu à terra, à vista dos homens’. ‘O poder de Satanás se incrementará, e alguns de seus devotos seguidores terão poder para operar milagres, e mesmo fazer descer fogo do céu à vista dos homens’ (*Early Writings*, E. G. White, pág. 87)” (MELLO, 1959, p. 373 e 374).

“O teste do Monte Carmelo será falsificado. Satanás fará parecer que através de um teste bíblico sua divindade fique comprovada” (GULLEY, 1996, p. 5).

“Sabeis que Satanás virá para enganar, se possível, os próprios escolhidos. Ele alega ser Cristo, e se apresenta, pretendendo ser o grande médico-missionário. Ele fará com que desça fogo do céu à vista dos homens, para provar que é Deus. Devemos estar protegidos pelas verdades da Bíblia. O pálio da verdade é o único sob o qual podemos estar salvaguardados” (WHITE, 2008a, p. 115).

“Está prestes a chegar o tempo em que Satanás operará milagres para confirmar as pessoas na crença de que ele é Deus. Todo povo de Deus deve agora permanecer firme na plataforma da verdade, como foi ela dada na mensagem do terceiro ano [Ap 14.9-12]. Todos os quadros agradáveis e todos os milagres operados serão apresentados a fim de que, se possível, os próprios eleitos sejam enganados. A única esperança para qualquer pessoa é apegar-se firmemente às evidências que têm confirmado a verdade em justiça (Medicina e Salvação, p. 14, 15).

“**Sob a supervisão do inimigo.** [Citado Mt 7:21-23]. Estes podem professar ser seguidores de Cristo, mas perderam de vista seu líder. Podem dizer: ‘Senhor, Senhor!’; podem mostrar os doentes que são curados por meio deles e outras obras maravilhosas, e afirmar que têm mais do Espírito e do poder de Deus do que o que é manifestado por aqueles que guardam Sua lei. Mas suas obras são feitas sob a supervisão do inimigo da justiça, cujo alvo é enganar as pessoas, e têm o objetivo de desviar da obediência, da verdade e do dever. Num futuro próximo haverá manifestações ainda mais marcantes desse poder operador de milagres; pois a respeito dele é dito: ‘E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens’ (*Signs of the Times*, 26/02/1885)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1090).

“Os Estados Unidos têm sido chamados de terra das maravilhas, terra da ciência, da invenção e da produção em massa, o mundo do aprendizado, da cura, da velocidade e do *glamour* insuperável. Mas estamos vendo maravilhas no mundo religioso, bem aqui. Jesus disse: *Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos* (Mateus 24:24). [...] Por meio do movimento da Nova Era, ele [o espiritismo e suas ‘maravilhas’] vem penetrando o cristianismo, tanto o protestante quanto o católico (ver *Living Lies about Death and the Hereafter* [Mentiras Vivas Acerca da Morte e da Existência Pós-vida])” (FEYERABEND, 2005, p. 116 e 117).

“Os Estados Unidos são o berço do atual movimento pentecostal (línguas, milagres, etc.), uma falsificação do verdadeiro Pentecostes ocorrido em Atos 2. Sua extensa influência espiritual produzirá um falso reavivamento de dimensões mundiais, que reforçará as principais reivindicações

do Catolicismo Romano” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 19).

“[...] (ver Mt 24:24; 2Ts 2:8-10). **sinais**. Este poder terreno realiza milagres convincentes que demonstram autoridade [...]. **fogo do céu**. Talvez seja uma semelhança intencional com o papel do Espírito Santo nas línguas de fogo do Pentecostes (At 2), algo tão impressionante e convincente quanto o fogo de Elias no monte Carmelo (1Rs 18)” (BÍBLIA, 2015, p. 1666).

“O maior sinal realizado pela besta da terra é fazer com que caia fogo do céu (v. 13). Isso lembra a ocasião em que Elias fez descer fogo do céu, a fim de demonstrar que Yahweh era o único Deus verdadeiro (1Rs 18:38). A besta semelhante ao cordeiro imita o papel profético de Elias e é rotulada de falso profeta ao longo de todo o Apocalipse. O fogo que a besta faz descer do céu também falsifica o Pentecostes, no qual línguas de fogo desceram do céu sobre os discípulos (At 2:3). Assim, é possível concluir que o fogo trazido do céu tem o objetivo de imitar o poder de Deus e enganar as pessoas, convencendo-as de que esses sinais milagrosos são manifestações do poder divino.

“O único poder mundial no período pós-medieval que se adequa à descrição da besta com aparência de cordeiro em Apocalipse 13 é a nação americana protestante. Apocalipse 13 mostra que os Estados Unidos da América, que historicamente foram um refúgio seguro para a igreja, desempenharão um papel central nos eventos finais” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 79).

Após falar extensamente sobre o espiritismo, Ramos (2006, p. 210 e 211) associa os eventos sobrenaturais deste versículo 13 também ao ocultismo/maçonaria. O autor lista 21 presidentes norte-americanos maçons, de George Washington a George W. Bush, e outros personagens influenciadores. Em seguida, ele vincula a origem protestante-iluminista dos EUA com seu fim romanista-espiritualista, no tempo em que cumprirá a profecia que estamos a estudar. E afirma:

“John Adams, o segundo presidente dos Estados Unidos, escreveu na Defesa das Constituições dos Governos dos Estados Unidos da América (1787 - 1788): ‘Os Estados Unidos da América tem mostrado, talvez, o primeiro exemplo de governo construído nos simples princípios da natureza [...] Nunca se pretenderá que qualquer pessoa envolvida naquele serviço tivesse tido entrevistas com os deuses, ou que foram em qualquer grau influenciados pelo céu [...] será para sempre conhecido que estes governos (os 13 estados originais) foram impulsionados meramente pelo uso da razão e dos sentidos’ (Jim Walker, *Liberty*, julho/agosto, 2002, p. 10 e 11).

“Todos esses líderes políticos ou foram enganados ou escolheram fazer o pacto com o ‘anjo do abismo, o deus da maçonaria, chamado por eles de ‘Abadom’ (Apoc. 9:11), ou Jabulon. Eles podem ter percebido que poucos políticos podem atingir a proeminência hoje sem dobrar os joelhos para Baal na Loja Maçônica ou na *Order of Skull & Bones Society*, da qual George Bush, ex-presidente dos Estados Unidos (cf. Texe Marrs, *Dark Majesty*, p. 15-18) e seu filho George W. Bush, 4 atual presidente dos Estados Unidos (cf. Stephen Mansfield, *The Faith of George W. Bush*, p. 48 e 49), fazem parte. [...]

“Malachi Martin, autor do best-selling *Keys of This Blood*, [...] descreveu o ex-presidente George Bush como ‘um servo do Concílio dos Homens Sábios’ (cf. Texe Marrs, *Dark Majesty*, p. 24). O Concílio dos Homens Sábios é um sinônimo para o *Illuminati*, conhecido também como a Irmandade Secreta. O símbolo do *Illuminati* é a Pirâmide Egípcia inacabada, coroada pelo Olho-que-Tudo-Vê de Horus o deus Sol (ibidem). [...]

“No país em que se defende a separação de Estado e igreja, a religião da maçonaria domina o governo e os ídolos maçônicos estão espalhados por todo o país. Ao mesmo tempo em que os Dez Mandamentos são retirados de edifícios públicos com a alegação de que ferem a Constituição, os ídolos da maçonaria não causam nenhuma controvérsia. [...]

“A Estátua da Liberdade foi esculpida por Frederic Bartholdi, um membro da Loja Maçônica de Alsace-Lorraine em Paris, França. A estátua é um ídolo esotérico de grande significado para as sociedades secretas que planejam a Nova Ordem Mundial, a mesma frase impressa na nota de um dólar *Novus Ordo Seclorum* (cf. Texe Marrs, *Dark Majesty*, p. 211 e 212). Fotografias e pinturas da Deusa da Razão foram espalhadas por toda a Europa e Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX. Especialmente durante a Guerra da Revolução Americana, a deusa foi celebrada como um símbolo. Ela se tornou a protetora da rebelião, a Dama Liberdade [...] essa estátua tem sido construída em

praças e parques por todo o país (ibidem, p. 211). [...]

“Adam Weishaupt, quando fundou o Iluminismo em 1776 [cujo] o objetivo era o estabelecimento de uma nova, secular ordem *Novus Ordo Seclorum*. À semelhança do sistema de castas do hinduísmo e a teoria da raça ariana de Hitler, ambas baseadas na antiga mitologia maçônica, o ensino Iluminista inclui a teoria de que alguns homens são superiores a outros. Estes seres superiores são aqueles dotados com a ‘Razão’. O Iluminismo ensina que os homens cujo único deus é a Razão tornam-se ‘super-homens’, um tipo de divindade. Foi por causa dessa crença gnóstica de que essa Razão divina é o único sublime guia espiritual e moral para o aperfeiçoamento do homem, que a Deusa da Razão foi entronizada na Revolução Francesa e quadros e pinturas dela foram distribuídos por toda a Europa e Estados Unidos. [...]

“A frase Em Deus Nós Confiamos apareceu nas cédulas de dólar somente após a Guerra Civil, e mesmo assim ninguém pode definir ao certo a que deus estão se referindo. Os livros da maçonaria dizem claramente que o deus que aparece na nota de dólar não é o Deus da Bíblia, e sim o deus da razão (cf. Valton Sergio von Tempski-Silka, *Historial da Franco Maçonaria*, (Curitiba, PR.: Juruá Editora, 2002), p. 70). Obviamente não é mesmo, pois se os políticos fundadores da nação eram, na sua maioria maçons, o deus que adoravam era o pretense deus da luz, Lúcifer, o deus do iluminismo.

“Henry Wallace, um místico da Nova Era e seguidor de Nicholas Roerich, o maior ocultista daquela era, estava extasiado com isso (o grande Selo dos Estados Unidos) porque ele percebeu que milhões de americanos e na verdade muitos milhões de pessoas no mundo iriam ser diariamente condicionados por aquele símbolo do ocultismo que Wallace acreditava possuir poderosas propriedades e poderes mágicos’ (Texe Marrs, *Dark Majesty*, p. 220).

“O Grande Selo dos Estados Unidos que aparece na nota de um dólar não é desprovido de significado, basta olhar o verso de qualquer nota de um dólar (cf. Valton Sergio von Tempski-Silka, *Historial da Franco Maçonaria*, (Curitiba, PR.: Juruá Editora, 2002), p. 70). Nota-se que o Olho-Que-Tudo-Vê, que é um símbolo do ocultismo, está colocado no alto da pirâmide incompleta com a data de 1776 A.D. em algarismos romanos na sua base. É bom lembrar que 1776 também é o ano em que Weishaupt fundou o iluminismo! O trapézio, o que a pirâmide inacabada realmente representa, é um dos símbolos mais significativos do satanismo.

“Ao João contemplar os dois chifres aparentemente cristãos do cordeiro, provavelmente pensou que a segunda besta viria em socorro dos cristãos perseguidos pelo papado, mas em breve o profeta foi chocado ao ouvir a voz daquela besta semelhante ao cordeiro porque era a voz do dragão! A despeito da sua aparência, o cordeiro falou no mesmo tom que Satanás, da mesma forma como a antiga serpente, ou como o velho Império Romano ou o papado! Esta nova besta era um lobo vestido de cordeiro” (RAMOS, 2006, p. 211 - 217).

“Embora a Constituição Americana separe muito bem a Igreja e o Estado, poucos percebem que a maçonaria é uma religião, uma forte religião profundamente enraizada na própria sede governamental dos Estados Unidos. Albert Mackey, considerado por muitos o maior arquiteto da maçonaria moderna, disse o seguinte: ‘A maçonaria pode corretamente designar-se uma instituição religiosa... Quem pode negar que ela é eminentemente uma instituição religiosa? [...] Abrimos e fechamos nossas lojas com oração; invocamos a bênção do Altíssimo sobre todos os nossos trabalhos; exigimos de nossos neófitos uma profissão de fé confiante na existência e no cuidado providencial de Deus’ (J. Scott Horrell, *Maçonaria e Fé Cristã*, p. 58).

“Tendo defendido a maçonaria como religião, o próprio Albert Mackey declara em termos enfáticos: ‘A religião da maçonaria não é o cristianismo’ (ibidem, p. 59). Como a maioria das pessoas não considera a maçonaria uma religião, ela ficou completamente livre para se infiltrar e trafegar junto às autoridades do legislativo, judiciário e presidentes.

“Albert Pike, supremo pontífice da maçonaria universal declarou: ‘A maçonaria [é a religião] em cujos altares hebreus, muçulmanos, hinduístas, seguidores de Confúcio e Zoroastro agrupam-se, une a todos em oração como irmãos’ (Dave Hunt, *Global Peace and the Rise of Antichrist*, p. 159).

“A maçonaria tem preparado, claramente, muitos daqueles que hoje são líderes mundiais

para desempenharem um papel chave nestes eventos porque eles já têm estado praticando secretamente aquilo que o mundo um dia abraçará abertamente. Considere a seguinte oração feita na cerimônia de abertura do trigésimo primeiro grau do rito Escocês: ‘Ouça-nos com indulgência, Ó infinita Divindade. [...] Deixe que o grande dilúvio da luz maçônica flua numa perpétua corrente sobre o mundo inteiro e faça com que o credo maçônico seja o credo de toda a humanidade (ibidem)’ (RAMOS, 2006, p. 217 e 218).

Para mais informações sobre a generalização e ubiquidade do ocultismo nas sociedades atuais e antigas, o artigo “O consumo generalizado de Ocultismo, religião ocultista e a sedução das bestas de Apocalipse 13” pode ser útil. Disponível em: <https://blogdoprofh.com/2021/08/04/o-consumo-generalizado-de-ocultismo-religiao-ocultista-e-a-seducacao-das-bestas-de-apocalipse-13/>.

Acesso em: ago. 2021.

“Os Estados Unidos têm sido chamados de terra das maravilhas, terra da ciência, da invenção e da produção em massa. O mundo do aprendizado, da cura, da velocidade e do glamour insuperável. Terra da liberdade civil e religiosa. Tais sinais fazem com que as pessoas acreditem que possuem a bênção de Deus e serão guiadas por ele” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 49).

- 13.14 Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu;
- Esses cristãos nominais, e outras pessoas, serão preparados pelo falso profeta da serpente – igreja evangélica norte-americana – para obedecerem às suas ordens dominicais, através da mesma sedutora feiticeira que a serpente usou em Eva: eventos sobrenaturais (a serpente falou com Eva) e crenças flagrantemente contrárias aos Mandamentos de Deus. O espiritismo e sua “ciência” mediúnica, os OVNI’s e a evolução darwiniana comprovada por essas fraudes satânicas, serão usados como “provas” de que o Gênesis bíblico é mítico, e o espiritualismo e seus fenômenos são factuais. Desse jeito, o falso profeta norte-americano se aliará ao falso cristianismo e obterá uma falsa igreja cristã global com teístas negligentes, ateus ambientalistas e outros credos interesseiros. De fato, a união dessas duas marionetes de Satanás – romanismo e falso protestantismo –, usadas para perseguir “os restantes” de Deus (Ap 12.17) culminará no retorno das igrejas filhas evangélicas à igreja mãe católica romana, no sentido de as primeiras serem à imagem da segunda, ao agirem politicamente, unindo Igreja evangélica e Estado, assim como o catolicismo romano exige e o é. E a partir daí as denominações evangélicas, não apenas o romanismo papal, passarão a perseguir os santos, os genuínos filhos de Deus membros de Sua Igreja. O falso protestantismo estará com a cara do romanismo dos 1260 anos anteriores à Revolução Francesa, pois dominará os Estados Unidos da América com seu sincretismo espiritualista/ocultista de modo idêntico à religião de Roma ao longo de sua história – um claro sinal de que a religião política dos papas estará completamente curada da Revolução Francesa, e terá criado uma imagem sua, conquistando para si revolucionários e conservadores através de doutrinas comuns a ambos, sendo a guarda do domingo a mais unificadora delas;

“Graças as maravilhas que lhe foi concedido realizar em presença da Besta, ela seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma imagem em honra da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida. [...] A Besta ferida e curada é paródia de Cristo morto e ressuscitado. [...] Era o Espírito que realizava prodígios na Igreja a fim de provocar a fé em Cristo; a segunda Besta é uma imitação do Espírito, assim como o Dragão e a primeira Besta eram imitação do Pai e do Filho (13,3). O Dragão, a primeira Besta e a segunda Besta são caricatura da Trindade” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2155 e 2156).

“Intimamente associada com esta operação de milagres está a criação de uma imagem à besta. O profeta relaciona assim as duas no versículo 14: ‘E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse na presença da besta, dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia’. O engano levado a efeito pela operação de milagres prepara o caminho para o cumprimento desta cláusula relativa à formação de

uma imagem à besta” (SMITH, 1979, p. 213).

“O poder de Satanás aumentaria, e alguns de seus dedicados seguidores teriam poder para operar milagres, e mesmo fazer descer fogo do céu à vista dos homens’. – PE., 59. ‘E Satanás, rodeado de anjos maus, e declarando-se Deus, operará milagres de todas as espécies, para enganar, se possível, os próprios eleitos. O povo de Deus não encontrará sua segurança na operação de milagres; pois Satanás imitará os milagres que forem operados. O provado e experimentado povo de Deus, encontrará seu poder de que fala Êxodo 31:12-18’. – 3 TS, p. 284. [...]

“Foi pela operação de um poder sobrenatural, ao fazer da serpente médium, que Satanás provocou a queda de Adão e Eva no Éden. Antes do fim do tempo ele fará ainda maiores sinais. Tanto quanto lhe permita o poder, executará milagres em nossos dias [...] Nos últimos dias aparecerá de uma maneira tal que fará com que os homens creiam ser ele Cristo ao vir pela segunda vez ao mundo. Transformar-se-á ele mesmo em realidade num anjo de luz’. – 5 T., p. 698.

“Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios, operadores de prodígios. Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu. Mediante estes agentes, serão enganados tanto governantes como súditos. Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo e reclamando o título e culto que pertencem ao Redentor do mundo. Efetuarão maravilhosos prodígios de cura, afirmando terem recebido do Céu revelações que contradizem o testemunho das Escrituras.

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo’. – GC., 624. ‘Satanás... chegará a personificar Jesus Cristo, operando poderosos milagres; e os homens cairão prostrados e o adorarão como se fosse Jesus Cristo. Ser-nos-á ordenado adorar este ser, a quem o mundo glorificará como Cristo’. E.G. White, *The Review and Herald*, 18 de dezembro de 1888.

“Ao o Espiritualismo assimilar mais solidamente o cristianismo nominal da época, tem um poder maior para enganar e enredar. Satanás mesmo está convertido, segundo a ordem moderna das coisas. Ele aparecerá no caráter de um anjo de luz. Através dos agentes do Espiritualismo, milagres serão operados, os doentes serão curados, e muitas maravilhas inegáveis se executarão... Através do Espiritualismo, Satanás aparece como um benfeitor da raça, curando os doentes do povo, e apresentando um sistema novo e mais elevado de fé religiosa’. – *Spirit of Prophecy*, v. 4, pp. 405, 406” (THIELE; BERG, 1960, p. 258 e 259).

“Jesus advertiu que ‘falsos cristos e falsos profetas’ surgiriam ‘operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos’ (Mt 24:24). Paulo afirmou que o anticristo trabalharia nos últimos dias ‘com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça’ (2Ts 2:9, 10). No preparo para o Armagedom, ‘espíritos de demônios, operadores de sinais’ se dirigirão ‘aos reis do mundo inteiro’ (Ap 16:14). Em geral, a mente pragmática moderna resiste a acreditar em milagres. O que algumas pessoas chamam de milagres, os céticos atribuem a mudança de circunstâncias, truques ou fraudes.

“A ciência não inclui o sobrenatural em sua visão do mundo físico. Satanás se agrada da descrença em relação aos milagres. Ela contribui para seu propósito de enganar. O profeta revela que, quando chegar o tempo, ele usará seu poder sobrenatural para enganar (Ap 13:13, 14). ‘Não se acham aqui preditas meras imposturas’ (GC, 553). As pessoas, incapazes de explicar os milagres de Satanás, atribuirão ao poder de Deus. O mundo inteiro será levado cativo” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 909).

“Fica evidente que poucas vezes Satanás se apresentará abertamente. Sua estratégia mais bem-sucedida consiste em cobrir-se de um manto de piedade, inclusive milagrosa. Devemos cuidar-nos para que não tenha vantagem sobre nós. (Ver II Coríntios 2:11.) [...] Satanás é tão sutil em seus enganos que inclusive é capaz de citar as Santas Escrituras, isolando-as de seu contexto, como fez com Cristo nas tentações do deserto. Porém ali Jesus demonstrou que o correto uso das Escrituras é a arma que nos dará a vitória. Já no Antigo Testamento Deus dizia: ‘À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva’ (Isaías 8:20)” (BELVEDERE, 1987, p. 26).

“Você se surpreende com a idéia de que Satanás tratará de enganar a respeito da segunda

vinda de Cristo? Ele já o fez quando ocorreu o primeiro advento. Apesar de existirem não menos de trezentas profecias do Antigo Testamento sobre a primeira vinda de Cristo, Satanás conseguiu fomentar a ignorância, o erro e o desinteresse, e o povo foi tomado de surpresa, sem se preocupar” (BELVEDERE, 1987, p. 39).

“Forma republicana de governo. Ela pede que seu povo faça ‘uma imagem à besta’ (Apoc. 13:14.)” (COFFMAN, 1989, p. 46).

“[...] a ‘imagem da besta’ a ser formada pelos Estados Unidos, deverá ser uma transformação da nação protestante numa semelhança do papado. [...] A história profética passada do papado mediou entre 538 e 1798. Alguns poucos anos antes de 538, Justiniano, imperador do Oriente, investiu o papa, ou melhor, o papado, como ‘cabeça da igreja e corretor de hereges’. Mas, para que pudesse ser o ‘corretor de hereges’, deveria o papado ter poder para tal além do poder eclesiástico. Foi então que premeditou e realizou o seu sonho de unir-se ao governo civil e êste com êle.

“Por essa união com o poder civil, tinha em suas mãos a sua espada para enfrentar os chamados hereges dissidentes, castigá-los, confiscar seus bens, encarcerá-los, torturá-los e sentenciá-los à morte. Foi isto — Igreja e Estado unidos — que constituiu o papado na Europa Medieval, o que o constitui hoje no Estado do Vaticano e o que o constituirá no futuro em tôdas as nações católicas. A união da igreja papal ou do próprio papado com o Estado, foi a mais negra experiência da história humana. Por essa união em que Roma papal dominou o poder civil, o papado tornou-se intolerante, e, pela fôrça do Estado, procurou impor seus dogmas e eliminar os oponentes. Sua história foi regada com o sangue de dezenas de milhões de inocentes santos seguidores de Cristo que recusaram seguir o êrro de Roma como hediondo resultado do consórcio entre Igreja e Estado. [...]

“Uma imagem da bêsta nos Estados Unidos, será uma identificação do papado, como vimos acima. Será a união do protestantismo americano com o Estado Americano. Estado e Igreja num consórcio idêntico ao do papado com o poder civil. E êste estado de coisas exarado na profecia, está já sendo a cogitação do protestantismo norte-americano, tendo, desde já algum tempo e para conseguir seus fins, procurado agremiar tôdas as igrejas protestantes numa única federação, principalmente as maiores denominações.

“Numa sessão do Executivo dessa Federação das Igrejas, realizada em Syracuse, New York, foi declarado que o fim dessa federação é ‘aperfeiçoar uma organização que daria ao protestantismo o que êle tanto necessita como assistência eficaz e realizaria A SUPREMACIA REPRESENTATIVA DA REPÚBLICA APOSTÓLICA, assegurando-lhe dessa forma as vantagens que a Igreja de Roma possui na Sua magnífica organização’ (O Sábado, G. Stein Filho, p. 179)” (MELLO, 1959, p. 377).

“O bispo Hendrix, expondo as relações dessa federação com o Estado, disse em resumo o seguinte: ‘O Estado é a mais completa e mais universal de tôdas as agremiações humanas. A súplica contida na oração dominical: ‘Venha o Teu reino’, está definida nas palavras imediatas: ‘Faça-se a Tua vontade assim na terra como no céu’. E’ êsse o Estado ideal [...] O nosso objetivo não é ter uma religião estabelecida pelo Estado e sim ter um Estado estabelecido pela religião. O de que nós precisamos em nosso país não é uma Igreja estabelecida e sim um Estado estabelecido (pela Igreja). Uma parte da missão da Igreja é pois estabelecer o Estado’ (O Sábado, G. Stein Filho, p. 180 e 181).

“A igreja ou igrejas protestantes americanas usarão o poder civil para reprimir tudo quanto julgar ser heresia, impor seus dogmas sob pena de confiscação de bens, de prisão e de morte dos recalcitrantes. Entretanto, a ‘imagem da bêsta’ será um ato, como reza o versículo, de engano sob a tutela de ‘sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da bêsta’” (MELLO, 1959, p. 378).

“A constituição dos Estados Unidos não permite a formação da “imagem da bêsta”, isto é, a união da Igreja com o Estado, ou, melhor, a supremacia da Igreja sôbre o Estado. A constituição americana é a garantia absoluta da liberdade de consciência pela qual labutaram e na qual fundamentaram a vida da nação os seus fundadores. [...]

“Em 1863 uma reunião de preeminentes protestantes teve por único objetivo influir para que uma emenda na Constituição federal viesse a ser votada pelo Congresso, a fim de que fizesse dos Estados Unidos uma nação ‘cristã’! No ano seguinte surgiu uma completa organização sob o nome de ‘Liga para a consecução de uma emenda religiosa à constituição’, passando a chamar-se Liga de Reforma Nacional. [...]

“Em 1867 foi fundado o *‘The Christian Stateman’*, órgão oficial da supradita Liga, que, em 1884, inseria um artigo, com esta declaração: ‘Dê-se a entender a todo o mundo que constituímos uma nação cristã e que, por acreditarmos não poder subsistir sem o cristianismo, nos vemos na contingência de conservar por todos os meios o nosso caráter cristão. Inscreva-se isto no pavilhão de nossa Constituição [...] Obrigue-se a todos os que vierem ter ao nosso país a obedecer às leis da moral cristã’.

“Num artigo publicado no mesmo jornal, em data de 13 de janeiro de 1887, dizia o Rev. M. A. Gaul, um dos vultos mais eminentes dessa Liga e advogado da Reforma Nacional: ‘O nosso remédio contra tôdas as influências perniciosas está em decretar o Govêrno a Lei Moral e reconhecer a autoridade de Deus que está por detrás desta, deitando mão a tôda a religião que se não conformar com a mesma’.

“A 21 de março de 1888, o vice-presidente dessa Liga, num discurso publicado no mesmo jornal, dizia o seguinte: ‘Podemos acrescentar com todo o direito: Se os adversários da Bíblia não se agradarem de nosso govêrno e de sua lei cristã, que vão para um país selvagem e deserto e o conquistem em nome do diabo e para o diabo, fundando aí para si um govêrno baseado nas suas idéias incrédulas e ateístas, e se o puderem suportar, que continuem lá até morrer’” (MELLO, 1959, p. 378, 379 e 380).

“Em 1877 a Liga da Reforma Nacional aliou-se com a Liga de Temperança das Mulheres Cristãs, um dos mais eminentes vultos da qual foi a Snra. Francis Willard, que, num relatório dessa Liga, publicado em 1886, disse o seguinte: ‘Ainda havemos de ter uma verdadeira teocracia [...] A bem da humanidade importa que, na lei, Cristo seja elevado ao trono pelos legisladores. Por isso solicito, como patriota cristã, o direito de voto para as mulheres’.

“Em outubro de 1888 realizou-se em New York uma convenção dessa Liga, na qual foi tomada a seguinte resolução: ‘Resolvemos que Cristo e Seu Evangelho devem dominar soberanamente, o primeiro como Rei Universal e o segundo como Código Geral, no nosso govêrno e nos negócios do Estado’.

“O objetivo principal dessa Liga transpira ainda mais nitidamente de um discurso proferido numa assembléia geral pela mesma Snra. Francis Willard, então presidente da Liga: ‘A Liga de Temperança das Mulheres Cristãs local, estadual, nacional e universal se inspira num pensamento vivo e orgânico, num objetivo que faz perder de vista todos os demais, num entusiasmo imorredouro, a saber, que Cristo deve ser o Rei dêste mundo’. O reino de Cristo tem de ser estabelecido na lei, entrando pela porta da política. Por isso suplicamos a Deus que não lhes dê sossêgo (aos partidos contrários) até que jurem vassalagem a Cristo, e, formados num único e grande exército, marchem para as urnas a fim de glorificar a Deus’” (MELLO, 1959, p. 380 e 381).

“Em 1887 a Liga de Reforma Nacional, reforçada já pela sua aliança com a Liga de Temperança das Mulheres Cristãs que, no fundo, pugnava pelo mesmo ideal, fêz aliança com o segundo elemento, o Partido Proibicionista, cujo objetivo foi claramente definido por um de seus membros, num discurso pronunciado em Cansas City: ‘Desejo e espero que não estará longe o dia em que no nosso país a voz da igreja de Cristo há de ser ouvida e acatada em tôdas as importantes questões da vida. Aguardo saudoso o despontar do dia em que a legislatura, tanto estadual como municipal, há de estar de acôrdo com o eterno princípio da retidão e da justiça conforme elas foram reveladas por Cristo e são proclamadas pela igreja.

““Ó dia abençoado, quando o juízo unânime do povo de Deus na América há de ser acolhido com respeito nas importantes questões sôbre temperança, castidade e decência, e ser convertido em lei’. ‘Praticamente o papismo jamais aspirou a alguma outra coisa. Tôda a sua aspiração e esforço se concentrou sempre em que a legislatura civil, tanto nacional, como estadual e municipal, de qualquer país, estivesse de acôrdo com os princípios da retidão e da justiça, conforme eram proclamadas pela igreja, e que o juízo unânime do povo de Deus (apurado nos concílios), fôsse acatado e convertido em lei.

““É a autoridade da Igreja superposta a dos governos seculares e interferindo com a dêstes nos negócios civis, contra os ensinamentos claros de Cristo; é a elevação da Igreja à paridade com Deus e a exaltação do homem em lugar d’Ele, usurpando-Lhe êste as atribuições e exercendo-as sob

pretexto de ser o substituto de Deus na terra, exatamente como sucede com o papismo (O Sábado, G. Stein Filho, p. 164 - 166)” (MELLO, 1959, p. 381 e 382).

“As pessoas são levadas a adorar a primeira besta. Esta adoração significa submissão à autoridade daquele a quem se presta reverência. Este é o retrato que a profecia fornece da adoração dedicada ao papado pelos chamados protestantes. No ato de impor uma adoração, este poder se coloca no lugar de Deus, único ser digno, em todo o universo, de ser adorado” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 49).

“**Imagem.** Do gr. *eikōn*, ‘semelhança’, ‘imagem’. Cristo é chamado de *eikōn* de Deus (2Co 4:4; Cl 1:15). O plano da salvação tem o objetivo de transformar o ser humano em *eikōn* de Cristo. *Eikōn* indica um modelo ou tipo, em muitos aspectos, semelhante a seu arquétipo. A imagem da besta será uma organização que funcionará segundo os mesmos princípios da primeira besta. O que caracteriza a atuação da primeira besta é o uso do poder estatal para apoiar instituições religiosas. Assim, na imitação, a segunda besta deverá repudiar seus princípios de liberdade. A igreja prevalecerá sobre o estado para impor seus dogmas. O estado se colocará a serviço da igreja, e o resultado será a perda da liberdade religiosa e a perseguição das minorias discordantes” (NICHOL; DORNELLES, 2014, p. 909).

“Uma imagem é algo que lembra muito bem uma outra coisa. Se um jovem tem a mesma imagem do pai, é porque ele se parece muito com o pai. A besta-leopardo recebeu autoridade do grande dragão. Houve uma união da Igreja e do Estado que destruiu a liberdade religiosa. Vemos poderes em atividade para restringir nossas liberdades. Pessoas religiosas estão clamando que os Estados Uni- dos são um país muito secular. Essas pessoas pensam que o remédio é uma federação de igrejas com poder governamental. Se a igreja não pode salvar o povo por meio da pregação do evangelho, ela vai tentar conseguir isso através da política e da força” (FEYERABEND, 2005, p. 117).

“É por influência de Roma que o Congresso americano suprimirá a liberdade de consciência de sua Constituição. Vejamos o que dissera o papa Leão XIII aos católicos dos Estados Unidos em uma pastoral de 7 de novembro de 1885: ‘Se os católicos dão prova de indolência as rendas [rédias] do govêrno cairão em mãos de pessoas cujas idéias são pouco favoráveis ao bem estar (da igreja). Suficiente motivo têm os católicos para intervir na vida política, para que o sangue vivo da ciência e da virtude católicas penetre em todo o organismo dos Estados. Todos os católicos que se prezam sê-lo hão de ter sempre em mente êste fim e hão de trabalhar e influir até que cada um dos Estados se torne transformado conforme a imagem descrita por nós’ (Gazeta de Colônia, 13 de julho de 1896).

“Vemos que a profecia e seu cumprimento não podiam ajustar-se melhor. Grandes organizações protestantes influentes estão em franca atividade desde algum tempo para conseguir os seus fins que afinal resultarão na ‘imagem da besta’. Fundaram agremiações com o propósito de conseguir o objetivo comum, algumas das quais se denominam *National Reform Association; International Reform Ruriau; Lords Day Alliance; Federal Concil of the Church of Christ in America*.

“Também sociedades católicas nos Estados Unidos procuram atingir o mesmo fim; e assim o protestantismo como o catolicismo conjugam suas forças num desmedido esforço marchando juntos para a consecução da ‘imagem da bêsta’ em homenagem ao papado romano. Deste modo a ‘imagem da bêsta’ encaminha-se para sua formação segundo os moldes de Roma, como reza a inspiração. E a nação norte-americana alicerçada nos mais sagrados direitos inalienáveis do homem — a liberdade de consciência — transformar-se-á em nação opressora, falando deveras como o dragão. E o denominado ‘Conselho Mundial de Igrejas’ está apressando, conjuntamente com as demais entidades que trabalham para o mesmo fim, a aproximação da catástrofe futura da nação da liberdade” (MELLO, 1959, p. 382 e 383).

“O Apocalipse diz que a besta da terra fará uma imagem à besta do mar e forçará o mundo todo a adorá-la. Qualquer pessoa que se recuse a adorar a imagem pode ser morta, ou no mínimo ser proibida de exercer atividades econômicas. O que é essa ‘imagem’? [...]

“Uma imagem é uma representação concreta – geralmente uma estátua, pintura ou fotografia – de alguma outra coisa. Provavelmente devemos entender a imagem em Apocalipse 13 como sendo uma estátua. Vários capítulos atrás enfatizei que Apocalipse 13 extrai muitos simbolismos de Dani-

el. O mesmo se aplica à imagem. Você com certeza se lembra de que, após o sonho da estátua de Nabucodonosor (Dn 2), ele construiu uma imagem inteiramente de ouro (Dn 3). Então reuniu todos os líderes do reino da Babilônia e ordenou que se inclinassem perante essa imagem, senão sofreriam a morte numa fornalha de fogo.

“Parece óbvio que, ao descrever a imagem que a besta da terra faz, o Apocalipse está fazendo referência a essa história de Daniel. Embora uma imagem seja uma representação concreta de alguma outra coisa, ela não é aquilo que representa. Para ser uma imagem, precisa ser ao mesmo tempo semelhante ao objeto que representa e distintamente diferente dele.

“Felizmente, o Apocalipse identifica o objeto que a imagem representa: é uma imagem da ‘besta [...] que, ferida à espada, sobreviveu’ (v. 14) – isto é, a besta que surge do mar. Já identificamos a besta do mar como sendo o papado; portanto, a imagem precisa imitar o papado em certos aspectos-chave. Não esperamos que a imagem da besta seja uma estátua literal; ela representa uma entidade que tenha algumas das principais características do papado. Mencionarei cinco delas.

1. O papado é uma organização de seres humanos. Portanto, a imagem será uma organização humana de algum tipo.

2. O papado é uma organização religiosa. Podemos esperar que a imagem também seja uma organização religiosa.

3. O papado é uma organização religiosa cristã. Então, isso também deve se aplicar a sua imagem.

4. O papado do tempo do fim é intolerante: ele “[peleja] contra os santos” (v. 7), isto é, persegue aqueles que discordam dele. A besta da terra que faz uma imagem da besta do mar é terrivelmente intolerante. Por isso, podemos concluir que a imagem que ela faz também será intolerante contra aqueles que discordam dela.

5. O papado, ao longo de toda a sua história, tem sido uma organização muito política, e já vimos que o papado do tempo do fim terá poder político global. Portanto, sua imagem também terá poder político global.

“Então, se os Estados Unidos irão fazer uma imagem à besta, parece seguro concluir que a entidade que a imagem representa será uma organização religiosa cristã que tenha grande poder político e também seja intolerante. O cristianismo de hoje está dividido em três ramos principais: católico romano, católico ortodoxo e protestante. A imagem da besta do mar quase certamente será um desses.

“Obviamente, podemos excluir o catolicismo, uma vez que ele é o original, do qual a imagem é a cópia. Isso nos deixa com o cristianismo ortodoxo oriental e o cristianismo protestante. Podemos excluir o cristianismo ortodoxo, uma vez que os Estados Unidos são predominantemente uma nação protestante. Portanto, a imagem que a besta da terra erige será o protestantismo” (MOORE; LIRA, 2013, p. 104 - 106).

“Quando as igrejas de nosso país [EUA], unindo-se em tais pontos de fé que elas mantêm em comum, influenciarem o Estado a impor seus decretos e amparar suas instituições, então a América protestante terá formado uma imagem da hierarquia romana. Nesse tempo a igreja verdadeira será atacada pela perseguição, como sucedeu com o antigo povo de Deus (Ellen G. White, *Spirit of Prophecy*, vol. 4, p. 278)” (RAMOS, 2006, p. 238).

“Não podemos esperar que os sinais ou milagres mencionados aí ocorram até que tenha sido restaurado o poder da Igreja-Estado. [...] Atualmente, estamos vendo, porém, certos acontecimentos que convergem para esse ponto. O Movimento da Nova Era, o misticismo oriental, o espiritismo e o espiritualismo estão contribuindo para levar o mundo à aceitação dos enganos de que fala Apocalipse 13. [...] Milagres não são prova de genuinidade cristã” (COFFMAN, 1989, p. 47 e 48).

“Simples conhecimento da verdade não protege necessariamente a humanidade contra o engano. De acordo com II Tessalonicenses 2:10, os que serão protegidos ‘amam a verdade’. [...] ‘A teoria da verdade não acompanhada do Espírito Santo, não pode vivificar a alma, nem santificar o coração. Pode estar-se familiarizado com os mandamentos e promessas da Bíblia, mas se o Espírito de Deus não introduzir a verdade no íntimo, o caráter não será transformado. Sem a iluminação do Espírito, os homens não estarão aptos para distinguir a verdade do erro, e serão presas das tentações sutis de Satanás’. – Parábolas de Jesus, p. 408 e 411” (COFFMAN, 1989, p. 48).

“A profecia indica claramente que as maravilhas realizadas pelo poder do espiritismo visam a persuadir o povo dos Estados Unidos a formar uma imagem da besta que representa o papado. A profecia é simbólica, e isso significa que essa nação estabelecerá uma organização semelhante à que constitui o papado. Este, em seu desenvolvimento completo, é a união da Igreja e do Estado. Mesmo em sua forma reduzida, o papa continua a ser reconhecido como chefe de Estado e como dirigente religioso do catolicismo romano. A profecia predisse a confederação de três forças poderosas [Apoc. 16:13], a qual fará com que seja estabelecida nos Estados Unidos uma união da Igreja com o Estado, que resultará nas últimas perseguições. Outras nações do mundo seguirão o seu exemplo. Dois erros espirituais tornam essa união um movimento natural: a imortalidade da alma e a santidade do domingo” (COFFMAN, 1989, p. 51).

“A igreja de Roma não renunciou a suas pretensões à supremacia; e, se o mundo e as igrejas protestantes aceitam um dia de repouso de sua criação, ao mesmo tempo em que rejeitam o sábado bíblico, acatam virtualmente estas pretensões. Podem alegar a autoridade da tradição e dos pais da igreja para a mudança, mas, assim fazendo, ignoram o próprio princípio que os separa de Roma, de que — ‘A Bíblia, e a Bíblia só, é a religião dos protestantes’. Os romanistas podem ver que estão enganando a si mesmos, fechando voluntariamente os olhos para os fatos em relação ao caso. À medida que ganha terreno o movimento em favor do repouso dominical obrigatório, eles se regozijam, na certeza de que, por fim, todo o mundo protestante será reunido sob a bandeira de Roma. Os romanistas declaram que ‘a observância do domingo pelos protestantes é uma homenagem que prestam, malgrado seu, à autoridade da Igreja [Católica]’. — *Plain Talks About Protestantism*.

“A imposição da guarda do domingo por parte das igrejas protestantes é uma obrigatoriedade do culto ao papado — à besta. Os que, compreendendo as exigências do quarto mandamento, preferem observar o sábado espúrio em lugar do verdadeiro, estão desta maneira a prestar homenagem ao poder pelo qual somente é ele ordenado. Mas, no próprio ato de impor um dever religioso por meio do poder secular, formariam as igrejas mesmas uma imagem à besta; daí a obrigatoriedade da guarda do domingo nos Estados Unidos equivaler a impor a adoração à besta e à sua imagem” (WHITE, 2013, p. 390 e 391).

“Mediante os dois grandes erros — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — Satanás há de enredar o povo em suas malhas. Enquanto o primeiro lança o fundamento do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma. Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através do abismo para apanhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder romano; e, sob a influência desta trílice união, este país seguirá as pegadas de Roma, desprezando os direitos da consciência” (WHITE, 2013, p. 513).

“Os dignitários da Igreja e do Estado unir-se-ão para subornar, persuadir ou forçar todas as classes a honrar o domingo. A falta de autoridade divina será suprida por legislação opressiva. A corrupção política está destruindo o amor à justiça e a consideração para com a verdade; e mesmo na livre América do Norte, governantes e legisladores, a fim de conseguir o favor do público, cederão ao pedido popular de uma lei que imponha a observância do domingo. A liberdade de consciência, obtida a tão elevado preço de sacrifício, não mais será respeitada. No conflito prestes a se desencadear, veremos exemplificadas as palavras do profeta: ‘O dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo’. Apocalipse 12:17” (WHITE, 2013, p. 517).

“O Senhor me mostrou claramente que a imagem da besta será formada antes que termine a graça. Isso será a grande prova para o povo de Deus, pela qual será decidido seu destino eterno [Citado Ap 13:11-17] (ME2, 81). Esta é a prova pela qual o povo de Deus tem de passar antes de ser selado. Todos os que demonstrarem sua lealdade a Deus, observando Sua lei e recusando aceitar o falso dia de repouso, colocar-se-ão sob o estandarte do Senhor e receberão o selo do Deus vivo. Os que renunciarem à verdade de origem celestial e aceitarem o domingo como o sábado de repouso receberão a marca da besta (Carta 11, 1890; Mar [MM 1977], 162). [...]

“Quando as igrejas protestantes se unirem com o poder secular para sustentar uma falsa religião por cuja oposição seus ancestrais suportaram a mais feroz perseguição, quando o Estado usar seu poder para promulgar os decretos e sustentar as instituições da igreja, então a América protes-

tante terá formado uma imagem ao papado, e haverá uma apostasia nacional que só poderá acabar em ruína nacional (ST, 22/03/1910). [...]

“Há muitos que nunca tiveram a luz. Foram enganados por seus mestres, e não receberam a marca da besta. O Senhor está trabalhando com eles; não os deixou entregues aos seus próprios caminhos. Até que sejam convencidos da verdade e pisem nas evidências dadas para esclarecê-los, o Senhor não retirará deles Sua graça (Carta 7, 1895)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1090 e 1091).

“A América exercerá seu tremendo poder político no sentido de impor um modelo de religião que se oporá diretamente aos Dez Mandamentos. Ela convencerá o mundo a seguir-lhe o exemplo. À medida que crescer a tensão, talvez ao começarem a cair as pragas, o país chegará até mesmo a decretar leis que estabelecerão a pena de morte aos desobedientes. Contudo, embora a América esteja envolvida no processo de erguer uma **‘imagem’** à besta, podemos assumir que esse país considerará que suas intenções são boas, como o fez a **‘besta’** que a nação estará copiando.

“Ao longo de sua história, a Igreja Romana sempre se mostrou útil sob diversos ângulos, e muitas vezes assumimos juntos, nesse livro, que mesmo ao perseguir os ‘hereges’, ela pensava estar oferecendo um serviço a Deus. Ela não obscureceu o ministério sacerdotal de Cristo, ou mudou os mandamentos, como um pretexto para poder molestar os hereges! Ela fez o que lhe parecia ser o melhor e opôs-se às minorias conscienciosas quando estas discordaram da orientação geral.

“Podemos permanecer na expectativa de algum desastre global, tal como uma guerra convencional entre as superpotências, na qual a América perca rapidamente a dianteira; talvez um colapso financeiro em que as nações do terceiro mundo declarem a moratória de suas dívidas e os gigantescos bancos do Ocidente entrem em falência; ou mudanças genéticas e pestes que resultem em quebras cataclísmicas das colheitas. A Bíblia não estabelece a premissa exata. Piedosos políticos americanos, em resposta ao desastre, convidarão a um retorno à fé dos Pais Fundadores e a uma ética puritana do trabalho — ambas plausíveis, mas que seriam uma ameaça às convicções individuais quanto ao dia sagrado de Deus. Em vista da emergência nacional - e do ‘bem-estar geral’ e da ‘defesa comum’ — as diferenças pessoais seriam suprimidas.

“À medida que se alastrasse o pânico, as pessoas conscienciosas seriam acusadas, como se fossem bodes expiatórios. O que disseram as nossas autoridades constitucionais há poucas páginas, ao comentarem o tratamento dado aos americanos de ascendência japonesa? ‘Em guerras futuras’ (elas poderiam ter mencionado qualquer emergência nacional) ‘não poderemos garantir a nenhuma pessoa que pertença à minoria... religiosa... que o preconceito e a intolerância da comunidade não venham a expressar-se através de um programa de supressão’.

“O Congresso e o Presidente provavelmente não decretarão a legislação inicial com o intuito de atingir a minoria que guarda os mandamentos de Deus, não mais que Nabucodonosor ergueu sua imagem de ouro com o propósito de lançar na fornalha os três amigos de Daniel. O rei até mesmo concedeu àqueles homens a oportunidade de modificarem sua postura. Todavia, quando os três jovens hebreus responderam bravamente: ‘Não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste’, a ira do rei não conheceu limites. Veja Daniel 3:18.

“A atitude mais fácil a ser tomada quando for erigida a imagem da besta, será acompanhar a multidão. As pessoas que têm acreditado nas mentiras da serpente, de que as leis de Deus não necessitam, não devem e não podem ser obedecidas [...] acharão caminho fácil na condescendência. Serão facilmente enganadas pelos sinais e maravilhas de Satanás. Veja II Tessalonicenses 2:9-12. Elas se prostrarão diante da imagem — e receberão a marca da besta.

“Mas as pessoas que nutrem a **‘fé de Jesus’** e que aprenderam a vencer assim como Cristo venceu (Apocalipse 3:21), decidirão — mesmo sob risco de suas vidas — honrar a Deus. Considerarão a lealdade a seu Criador e Redentor como a questão mais importante. Estas pessoas corajosas muito em breve encontrar-se-ão cantando sobre o mar de vidro” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 358 e 359).

13.15 e lhe foi dado Deus criou a humanidade à Sua imagem e semelhança, e Satanás fará algo comunicar fôlego semelhante disfarçado pelo pseudocristianismo católico – criará um movimento evangélico à imagem e semelhança do catolicismo romano. Esses à imagem da

besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. evangélicos agirão de modo exatamente igual aos católicos dos 1260 anos (idade média): os EUA se tornarão um país “evangélico”. Estado e Igreja, a política e a religião estarão unidas, de modo que os evangélicos acusarão os filhos de Deus genuínos de heresia, desobediência civil, fanatismo e ameaça ao planeta! Os delatarão, perseguirão, condenarão, prenderão e através de decretos judiciais terão o direito/dever de matar seus próprios concidadãos, pelo fato de esses santos se recusarem a participar da religião global e suas blasfêmias contra Deus e Sua Palavra, a qual terá como membros todos os habitantes da Terra, exceto os legítimos adoradores do Criador, aqueles que obedecem aos 10 Mandamentos de Sua lei inclusive o mandamento sabático, algo que os adoradores da religião globalista evangélico-católica desenharam por muito tempo.

“Foi-lhe concedido animar a imagem da besta^h, de tal modo que esta até falasse e mandasse matar todos os que não adorassem a imagem da besta. [...]

h. Lit. *dar um espírito à imagem da besta*” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2441).

“**fôlego.** Mesma palavra grega usada para ‘espírito’. Alusão a Gn 2:7. Os v. 15-17 representam o clima de guerra de 12:17. **imagem da besta.** Um novo personagem no drama. Atua, no fim do tempo, como perseguidora e exige adoração, assim como a besta do mar no passado. Esta é uma clara alusão à adoração da imagem em Dn 3” (BÍBLIA, 2015, p. 1666 e 1667).

“A Igreja de Roma, na Idade Média, impunha sua autoridade por meio de um sistema legislativo repressivo pelo qual o governo civil perseguia e matava os dissidentes. Essa profecia diz que, num futuro próximo, haverá um poder político com autoridade semelhante para se opor à liberdade de consciência com os mesmos resultados obtidos durante a Inquisição – à semelhança da adoração imposta à imagem de ouro, em Daniel 3. O texto se refere à união de poderes religiosos e civis com o propósito de tentar impor uma prática idólatra. A recusa em reconhecer a autoridade dessa aliança implicará no decreto de morte aos fiéis a Cristo” (CAVALCANTI *et al.*, 2018, p. 80 e 81).

“[...] quando os Estados Unidos deixarem de ser o que agora são para formarem a ‘imagem da besta’, entregarão a esta o poder governativo que agora exercem. A voz ativa da nação será daí em diante a voz da ‘imagem da besta’ e não mais a voz de uma nação de liberdade. Em outras palavras, como a ‘imagem da besta’ é a união entre Igreja e Estado, em que aquela faz dêste o seu servo, a igreja terá o poder para falar e o Estado o dever de executar a sua fala. Ou podemos também dizer que o Estado falará não mais como um Estado civil livre, mas como um Estado religioso opressor que é a ‘imagem da besta’. É isto o que quer dizer: ‘Ê foi-lhe (ao Estado pelo dragão) concedido que desse espírito à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse’, e falasse como o dragão” (MELLO, 1959, p. 383).

“A crença em estátuas que falam é amplamente atestada na literatura antiga. Algumas estátuas eram ocas e assim permitiam que o sacerdote do santuário se escondesse dentro dela e falasse como se fosse um deus. O ventriloquismo e outras formas de engano também eram comuns” (BÍBLIA, 2013, p. 2063).

“**Fôlego.** Do gr. *pneuma*, ‘espírito’, ‘vento’, ‘fôlego’. A primeira besta ganha vida pelo poder operador de milagres da segunda besta. Ao começar a atuar, o novo poder, assim como o anterior, ameaça de morte os que se recusam a obedecer. **Falasse.** A primeira ação da imagem da besta é falar, sem dúvida, por meio de suas leis e seus decretos. **Fizesse.** Depois de falar oficialmente mediante leis, a imagem da besta pretende executá-las. Uma vez que são religiosas, as leis ferem as convicções de muitos. Assim, haverá uso de força para que os decretos entrem em vigor. **Morrer.** Esta é a história que se repete. As leis religiosas sempre são acompanhadas de perseguição. Foi assim durante a Idade Média; é só lembrar do massacre dos albingenses, valdenses e outros. Essas ações foram executadas pelo poder civil, mas este foi movido à ação pela igreja dominante da época. Na tentativa de fazer todos os habitantes da Terra serem leais à primeira besta (ver com. do v. 8), a segunda besta promulgará um decreto de morte contra todos que permanecerem em sua lealdade a Deus” (NICHOL, DORNELES, 2014, p. 909 e 910).

“A besta da terra converterá os povos do mundo a fazer uma imagem à besta que recebeu a ferida mortal. Uma imagem é a cópia de alguma realidade. Essa profecia mostra que os poderes

mundiais serão seduzidos a fim de criar um sistema de religião estatal, semelhante ao que existia na Idade Média. Quando os poderes civis e políticos se unirem às principais organizações religiosas para impor uma religião às pessoas, a imagem da besta será formada.

“Toda essa cena espelha Daniel 3. Nesse capítulo, o rei Nabucodonosor ordena aos súditos de seu reino, sob ameaça de morte, que adorem a imagem de ouro que ele mandou erigir. Assim como a adoração da estátua de ouro era compelida por um decreto legislativo na época de Daniel, a exigência por adoração popular no tempo do fim será apoiada por poderes civis, forçando toda a Terra a adorar a besta do mar.

“Apocalipse 13 indica que os Estados Unidos, em grande parte protestante, assumirão um papel de liderança na cura da ferida mortal da besta do mar. Explica ainda que o sistema político-religioso utilizado por Satanás durante a Idade Média se levantará novamente nos dias finais deste mundo, conquistando e controlando tanto a consciência quanto a adoração dos habitantes da Terra. Essa profecia aponta para o reavivamento da intolerância medieval no tempo do fim (Ap 13:15). A besta com aparência de cordeiro vai se aliar à besta do mar para estabelecer uma união religiosa e impor a instituição que caracterizou o cristianismo medieval na Europa ocidental e no Oriente” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 79 e 80).

“A ‘imagem da besta’, revestida do poder da própria nação, falará contra os que se lhe oporem, isto é, contra aqueles que protestarão contra a união ilícita e anti-evangélica de Igreja e Estado. Sua fala contra eles será de morte, dada a fidelidade deles aos mandamentos de Deus e a recusa da aceitação da ‘imagem da besta’ e de suas imposturas. Mas nenhum dos servos de Deus há de morrer pelas sentenças da ‘imagem da besta’ estadunidense. Deus os protegerá de modo a não lhes cair um só fio de cabelo da cabeça. Serão protegidos pelas legiões de santos anjos celestiais, pelo que não será executada contra eles a sentença de morte em razão da lealdade que manifestam à lei de Deus e ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Eles, reza a profecia, sairão ‘vitoriosos da besta, e da sua imagem’ (Ap 15:2). Esse futuro tempo será para eles a ‘angústia de Jacó’ e não morte de Jacó, pois este não morreu em sua angústia” (MELLO, 1959, p. 384).

Qual é o fundamento disso? No quinto selo está profetizado que outros mártires se juntariam aos já existentes, até ‘se completar a quantidade’. Se as bestas mataram no passado, qual profecia as impediria de repetir os crimes no futuro?

“Assim como as águas de Deus, no Dilúvio, não atingiram os selados salvos na arca, assim como os hebreus na terra de Gósen, no Egito, não sofreram uma sequer das dez pragas (Êx 8:22 e 9:4), os selados salvos no fim do tempo do fim não serão atingidos. Não haverá mais baixas nem notas de falecimento entre o povo de Deus após o fechamento da porta da graça, assim como foi no Dilúvio, ‘nos dias de Noé’ (Mt 24.37)!” (SILVA, 2011, p. 33).

“As igreja filhas do papado, também representadas na profecia apocalíptica como o ‘falso profeta’ dos ‘grandes sinais’ (Ap 13:13,14 e 19:20), em conjunto com o ex-país modelo de liberdade e cristianismo genuíno, do republicanismo e do protestantismo (a besta dos ‘dois chifres’, Ap 13:11), os Estados Unidos da América, decretarão o domingo como dia do Senhor Jesus e impedirão que o remanescente fiel que procura obedecer 100% da Lei eterna (Ap 14:12), como o Senhor Jesus obedeceu (Jo 15:10), pelo poder do Senhor Espírito (Mt 12:28), compre e venda, pois esse grupo de cristãos não possui a marca da rebeldia em seu caráter, a marca da ilegalidade, o sábado espúrio! (Cf. Ap 12:17 e 13:11-18)

“Pelo contrário, a marca ou o selo ou o sinal presente no estilo de vida desse pessoal é santidade ou separação do mundo, pois JAVÉ os santificou na Pessoa do Espírito Santo; é o caráter bíblico e obediente à Lei; é o sábado do sétimo dia! Essa separação visível entre salvos e perdidos ficará gradualmente mais clara na saída do decreto dominical (Ap 13:14) que coincidirá com o selamento dos salvos e o fim do juízo pré-advento (Ap 7:1- 3), posto que, ao desobedecer a um poder o ser humano estará automaticamente obedecendo ao outro, Deus ou o dragão, sábado ou domingo, Bíblia ou ecumenismo; na saída do decreto de morte (:15) iniciando pelos EUA, na queda das pragas, no Armagedom e, por fim, na volta de Jesus!

“A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito’ (Pv 4:18). ‘Como nos dias de Noé’, como nos sete dias dentro da arca (Gn 7:10), serão dias

angustiosos para a Igreja de Cristo na Terra. ‘Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela’ (Jr 30:7). ‘Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente’ (Dn 12:1-3)” (SILVA, 2011, p. 37).

“Assim, a profecia prediz um tempo em que influências religiosas nos Estados Unidos impeirão suas legislaturas a ‘falarem’ em defesa do papado e promoverem seus interesses. Por muitos anos temos visto indicações dessa espécie de cooperação. Quando isso se cumprir plenamente, a América protestante mostrar-se-á infiel ao seu encargo e poderá ser considerada apropriadamente como ‘falso profeta’. [...]

“O livro do Apocalipse, de modo coerente, faz distinção entre a adoração da besta e a adoração da imagem da besta (ver Apoc. 14:9 e 11; 15:2; 16:2; 19:20; 20:4). A dedução é que não somente o papado estará envolvido no estabelecimento da ‘imagem’, mas também outras corporações que professam ser cristãs, as quais, como o papado, estarão coligadas com o governo. Apocalipse 19:20 refere-se à segunda besta de Apocalipse 13 chamando-a de ‘falso profeta’. Falso profeta é aquele que pretende falar em nome de Deus, mas aceita a orientação de um poder estranho. O ‘falso profeta’ é o poder religioso na ‘imagem’ que está ligado ao poder político. Visto que esse ‘falso profeta’ é distinguido no Apocalipse da primeira besta do capítulo 13 (o papado), e como é um falso sistema cristão, podemos dizer que representa o protestantismo apostatado” (COFFMAN, 1989, p. 49).

“Quando se corrompeu a primitiva igreja, afastando-se da simplicidade do evangelho e aceitando ritos e costumes pagãos, perdeu o Espírito e o poder de Deus; e, para que pudesse governar a consciência do povo, procurou o apoio do poder secular. Disso resultou o papado, uma igreja que dirigia o poder do Estado e o empregava para favorecer aos seus próprios fins, especialmente na punição da ‘heresia’. A fim de formarem os Estados Unidos uma imagem da besta, o poder religioso deve a tal ponto dirigir o governo civil que a autoridade do Estado também seja empregada pela igreja para realizar os seus próprios fins.

“Quando quer que a Igreja tenha obtido o poder secular, empregou-o ela para punir a discordância às suas doutrinas. As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma, formando aliança com os poderes do mundo, têm manifestado desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Dá-se um exemplo disto na prolongada perseguição aos dissidentes, feita pela Igreja Anglicana. Durante os séculos XVI e XVII, milhares de ministros não-conformistas foram obrigados a deixar as igrejas, e muitos, tanto pastores como do povo em geral, foram submetidos a multa, prisão, tortura e martírio.

“Foi a apostasia que levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do governo civil, e isto preparou o caminho para o desenvolvimento do papado — a besta. Disse Paulo que havia de vir ‘a apostasia’, e manifestar-se ‘o homem do pecado’. II Tess. 2:3. Assim a apostasia na igreja preparará o caminho para a imagem à besta.

“A Escritura Sagrada declara que antes da vinda do Senhor existirá um estado de decadência religiosa semelhante à dos primeiros séculos. ‘Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela’. 2 Timóteo 3:1-5. ‘Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios’. 1 Timóteo 4:1. Satanás operará ‘com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça’. E todos os que ‘não receberam o amor da verdade para se salvarem’, serão abandonados à mercê da ‘operação do erro, para que creiam a mentira’. 2 Tessalonicenses 2:9-11. Quando for atingido tal estado de impiedade, ver-se-ão os mesmos resultados que nos primeiros séculos.

“A vasta diversidade de crenças nas igrejas protestantes é por muitos considerada como prova decisiva de que jamais se poderá fazer esforço algum para se conseguir uma uniformidade obrigatória. Há anos, porém, que nas igrejas protestantes se vem manifestando poderoso e crescente sentimento em favor de uma união baseada em pontos comuns de doutrinas. Para conseguir tal união, deve-se necessariamente evitar toda discussão de assuntos em que não estejam todos de acordo, independentemente de sua importância do ponto de vista bíblico.

“Carlos Beecher, em sermão pronunciado em 1846, declarou que o ministério das denominações evangélicas protestantes ‘não somente é formado sob terrível pressão do mero temor humano, mas também vive, move-se e respira num meio totalmente corrupto, e que cada instante apela para todo o elemento mais vil de sua natureza, a fim de ocultar a verdade e curvar os joelhos ao poder da apostasia. Não foi desta maneira que as coisas se passaram com Roma? Não estamos nós desandando pelo mesmo caminho? E que vemos precisamente diante de nós? Outro concílio geral! Uma convenção mundial! Aliança evangélica, e credo universal!’ — Sermão sobre: A Bíblia Como um Credo Suficiente, pronunciado em Fort Wayne, Indiana, a 22 de fevereiro de 1846. Quando, pois, se conseguir isto nos esforços para se obter completa uniformidade, apenas um passo haverá para que se recorra à força.

“Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apóie as instituições, a América do Norte protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a aplicação de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável” (WHITE, 2013, p. 386 - 388).

“O expediente de Satanás neste conflito final com o povo de Deus é o mesmo que empregou no início da grande controvérsia no Céu. Pretendia estar buscando promover a estabilidade do governo divino, enquanto secretamente aplicava todo o esforço para conseguir sua subversão. E da mesma obra que assim se estava esforçando por cumprir, acusava os anjos fiéis. Idêntica política de engano tem assinalado a história da Igreja de Roma. Tem esta professado agir como substituta do Céu, ao mesmo tempo em que procura exaltar-se sobre Deus, e mudar Sua lei. Sob o governo de Roma, os que sofreram a morte pela sua fidelidade para com o evangelho eram denunciados como malfeitores; declarava-se estarem eles coligados com Satanás; e todos os meios possíveis foram empregados para cobri-los de infâmia, para fazê-los parecer aos olhos do povo, mesmo aos seus próprios, como os mais vis dos criminosos. Assim será agora. Enquanto Satanás procura destruir os que honram a lei de Deus, fará com que sejam acusados como violadores da lei, como homens que estão desonrando a Deus e acarretando juízos sobre o mundo.

“Deus nunca força a vontade ou a consciência; porém o recurso constante de Satanás para alcançar domínio sobre os que de outra maneira não pode seduzir, é o constrangimento pela crueldade. Por meio do medo ou da força, procura reger a consciência e conseguir para si mesmo homenagem. Para realizar isto, opera tanto pelas autoridades eclesiásticas como pelas seculares, levando-as à imposição de leis humanas em desafio à lei de Deus.

“Os que honram o sábado bíblico serão denunciados como inimigos da lei e da ordem, como que a derribar as restrições morais da sociedade, causando anarquia e corrupção, e atraindo os juízos de Deus sobre a Terra. Declarar-se-á que seus conscienciosos escrúpulos são teimosia, obstinação e desdém à autoridade. Serão acusados de deslealdade para com o governo. Ministros que negam a obrigação da lei divina, apresentarão do púlpito o dever de prestar obediência às autoridades civis, como ordenadas de Deus. Nas assembléias legislativas e tribunais de justiça, os observadores dos mandamentos serão caluniados e condenados. Dar-se-á um falso colorido às suas palavras; a pior interpretação será dada aos seus intuitos.

“Ao rejeitarem as igrejas protestantes os argumentos claros das Escrituras Sagradas, em defesa da lei de Deus, almejarão fazer silenciar aqueles cuja fé não podem subverter pela Bíblia. Embora fechem os olhos ao fato, estão agora a enveredar por caminho que levará à perseguição dos que conscienciosamente se recusam a fazer o que o resto do mundo cristão se acha a praticar, e a reconhecer as pretensões do sábado papal” (WHITE, 2013, p. 516 e 517).

“Terrível é a crise para a qual caminha o mundo. Os poderes da Terra, unindo-se para com-

bater os mandamentos de Deus, decretarão que todos, ‘pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’ (Apocalipse 13:16), se conformem aos costumes da igreja, pela observância do falso sábado. Todos os que se recusarem a conformar-se serão castigados pelas leis civis, e declarar-se-á finalmente serem merecedores de morte. Por outro lado, a lei de Deus que ordena o dia de descanso do Criador, exige obediência, e ameaça com a ira divina todos os que transgridem os seus preceitos” (WHITE, 2013, p. 528).

“Quando o legislativo formular leis que exaltem o primeiro dia da semana e o coloquem no lugar do sétimo dia, o artifício de Satanás receberá o acabamento final (RH 15/04/1890)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1091).

Samuel Ramos (2006, p. 241) acredita que o “decreto de morte será promulgado depois que se encerrar o tempo da graça, durante o tempo da angústia de Jacó. Assim como nos dias da rainha Ester, o decreto terá um prazo, findo o qual poderá ser posto em execução. Mas graças a Deus isto nunca chegará a consumir-se porque Jesus virá em socorro do Seu povo”, algo semelhante ao que foi supracitado de Silva (2011).

Ellen G. White (2007b, p. 387 e 388) comparou o decreto de morte histórico relatado no livro de Ester com o decreto de morte escatológico iminente, contra os que se recusarão a adorar a besta e sua imagem, algo citado no parágrafo anterior pelo outro autor. Ela afirma: “O decreto que finalmente sairá contra o remanescente povo de Deus será muito semelhante ao que Assuero promulgou contra os judeus. Hoje os inimigos da verdadeira igreja vêm no pequeno grupo de guardadores do sábado, um Mardoqueu à porta. A reverência do povo de Deus por Sua lei, é uma constante repreensão aos que têm deixado o temor do Senhor, e estão pisando o Seu sábado.

“Satanás suscitará indignação contra a minoria que recusa aceitar costumes populares e tradições. Homens de posição e reputação unir-se-ão com os marginais e os vis para tomar conselho contra o povo de Deus. Riqueza, gênio, educação, combinar-se-ão para cobri-los de desprezo. Governantes perseguidores, pastores e membros de igreja conspirarão contra eles. De viva voz e pela pena, ameaças e ridículo, procurarão subverter-lhes a fé. Mediante falsas representações e irados apelos, os homens suscitarão as paixões do povo.

“Não possuindo um ‘Assim dizem as Escrituras’ para apresentar contra os advogados do sábado bíblico, eles recorrerão a opressivos preceitos de lei que lhes supram a falta. A fim de assegurar popularidade e sua aprovação, os legisladores se renderão aos reclamos de leis dominicais. Mas os que temem a Deus não podem aceitar uma instituição que viole um preceito do Decálogo.

“Neste campo se travará o último grande conflito na controvérsia entre a verdade e o erro. E nós não somos deixados em dúvida quanto ao desfecho. Hoje, como nos dias de Ester a Mardoqueu, o Senhor vindicará Sua verdade e Seu povo”.

“O Catolicismo Romano, na Idade Média, forçava sua autoridade por meio de um sistema legislativo repressivo, pelo qual o governo civil perseguia e até matava os dissidentes. Essa profecia diz que, num breve futuro, será estabelecida uma imagem (cópia). Ou seja, haverá um poder com autoridade semelhante para opor-se à liberdade de consciência com os mesmos resultados obtidos durante a Inquisição. O texto refere-se à união de poderes religiosos e civis (Catolicismo/Protestantismo e os EUA) com o propósito de imprimirem uma prática apóstata sobre aqueles que estiverem selados com o selo de Deus. A recusa em reconhecer a autoridade dessa aliança implicará no decreto de morte aos fiéis em Cristo” (ROSSI; BARBOSA, 2012, p. 20).

Já vimos quem são os “selados com o selo de Deus” no capítulo 7. No parágrafo subsequente, a autora Ellen é citada mencionado os de sua denominação, como ocupando o lugar dos “selados”. Após conhecer o conteúdo do capítulo 7, posso crer que os matriculados na denominação de Ellen que estarão vivendo no cumprimento de Apocalipse 13.15, por certo, serão os que restaram após a inevitável sacudidura do decreto dominical e o controle social advindo do mesmo. Também imagino que os outros matriculados, tenham se unido à IASD nesse período apocalíptico, ao reconhecerem a veracidade dos escritos de Ellen em conformidade com os de João e demais profetas bíblicos. Esse grupo, certamente não grande, manterá sua obediência aos 10 Mandamentos morais de Êxodo 20, em particular o quarto mandamento sabático, e sofrerá perseguição das novas legislações diabólicas envolvendo o decreto de morte mencionado aqui no verso 15.

“O mundo todo será instigado com ódio contra os Adventistas do Sétimo Dia, por não quererem eles prestarem homenagem ao papado, em honrarem o Domingo, a instituição deste poder anti-cristão. É o objetivo de Satanás fazer com que sejam apagados da terra, a fim de que a sua supremacia no mundo não possa ser disputada’. – E.G. White, *Review and Herald*, 22 de agosto de 1893.

“Os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e suas hostes. Satanás conta o mundo como súdito seu, ele adquiria domínio sobre as igrejas apóstatas; mas ali está um pequeno grupo que lhe resiste à supremacia. Caso os pudesse desarraigar da Terra, completo seria o seu triunfo. Como ele influenciou as nações pagãs para destruir Israel, assim em próximo futuro há de incitar os ímpios poderes da terra para destruir o povo de Deus. De todos será exigido que prestem obediência a editos humanos em violação da lei divina’. – Testemunhos Seletos, Vol. 2, pp. 175-176.

“O catolicismo no Velho Mundo, e o protestantismo apóstata no Novo, adotarão uma conduta idêntica para com aqueles que honram todos os preceitos divinos. [...]

“O povo de Deus será então imerso naquelas cenas de aflição e angústia descritas pelo profeta como o tempo de angústia de Jacó. [...]

“A ira de Satanás aumenta à medida que o tempo se abrevia, e sua obra de engano e destruição atingirá o auge no tempo de angústia. [...]

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. [...] alega ter mudado o sábado para o domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. Declara que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de Seu nome, pela recusa de ouvirem Seus anjos a eles enviados com a luz e a verdade. [...]

“Quando o decreto promulgado pelos vários governantes da cristandade contra os observadores dos mandamentos lhes retirar a proteção do governo, abandonando-os aos que lhes desejam a destruição, o povo de Deus fugirá das cidades e vilas e reunir-se-á em grupos, habitando nos lugares mais desertos e solitários. Muitos encontrarão refúgio na fortaleza das montanhas. [...]

“Posto que um decreto geral haja fixado um tempo em que os observadores dos mandamentos poderão ser mortos, seus inimigos nalguns casos se antecipam ao decreto e, antes do tempo especificado, se esforçam por tirar-lhes a vida. Mas ninguém pode passar através dos poderosos guardas estacionados em redor de toda alma fiel. [...]

“Quando a proteção das leis humanas for retirada dos que honram a lei de Deus, haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desarraigar a odiada seita. Resolver-se-á dar em uma noite um golpe decisivo, que faça silenciar por completo a voz de dissentimento e reprovação’. – O Grande Conflito, p. 615, 616, 623, 624, 626, 631, 635” (THIELE; BERG, 1960, p. 260 e 261).

A autora Ellen claramente crê que Apocalipse 13.15 se cumprirá num período imediatamente anterior à volta do Senhor Jesus. Parece ser o início da ladeira das profecias finais da Bíblia, as que ainda não se cumpriram. Ela chega a ligar o decreto de morte presente neste verso ao retorno do Salvador como se entre eles estivessem apenas alguns meses ou apenas dias. Do decreto de morte até a glorificação dos 144.000 (durante a vinda do Rei) são apenas algumas semanas?

“Na transfiguração, Jesus foi glorificado pelo Pai. Ouvimo-Lo dizer: ‘Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nEle’. João 13:31. Assim, antes de ser traído, e crucificado, foi fortalecido para os últimos e terríveis sofrimentos. Ao se aproximarem os membros do corpo de Cristo do período de sua luta final, ‘o tempo da angústia de Jacó’, crescerão em Cristo, e partilharão grandemente de Seu espírito. À medida que a terceira mensagem se avoluma e se torna alto clamor, e que a obra final é acompanhada de grande poder e glória, o fiel povo de Deus participa dessa glória. É a chuva serôdia que os vivifica e fortalece para passar pelo tempo de angústia. Seus rostos brilharão com a glória daquela luz que acompanha a mensagem do terceiro anjo.

“Vi que Deus preservará Seu povo, de maneira maravilhosa, durante o tempo de angústia. Como Jesus derramou Sua alma em agonia, no jardim, eles hão de clamar e angustiar-se fervorosamente dia e noite, pedindo libertação. Sairá o decreto para que eles rejeitem o sábado do quarto mandamento e honrem o primeiro dia, ou morram; eles não cederão, porém, para pisar a pés o sába-

do do Senhor e honrar uma instituição do papado. As hostes de Satanás e homens ímpios os rodearão, e exultarão sobre eles, pois parecerá não haver escape para eles. Em meio, porém, de sua orgia e triunfo, ouve-se ribombo após ribombo dos mais estrondosos trovões. Os céus se enegrecem, sendo iluminados apenas pela brilhante luz e a terrível glória do céu ao fazer Deus soar Sua voz desde Sua santa habitação.

“Abalam-se os fundamentos da Terra; os edifícios vacilam e (*Testimonies for the Church*, 1:353, 354 (1862)) caem com terrível fragor. O mar ferve como uma caldeira, e a Terra toda se acha em horrível comoção. Vira-se o cativoiro dos justos e, em suaves e solenes murmúrios, dizem uns aos outros: ‘Somos libertados. É a voz de Deus’. Com solene respeito escutam eles as palavras da voz. Os ímpios ouvem, mas não entendem as palavras da voz de Deus. Temem e tremem, ao passo que os santos se regozijam.

“Satanás e seus anjos e os ímpios, que há pouco se regozijavam de que o povo de Deus se encontrasse no poder deles, para os destruírem da Terra, testemunham a glória conferida aos que honraram a santa lei de Deus. Contemplam o rosto dos justos iluminado e refletindo a imagem de Jesus. Os que estavam tão ansiosos de destruir os santos não podem resistir à glória que se manifesta sobre os libertados, e caem por terra como mortos. Satanás e os anjos maus, fogem da presença dos santos glorificados. Desaparece para sempre seu poder de os molestar” (WHITE, 2004, p. 125 e 126).

Esta autora alega ter recebido, do Deus da Bíblia, visões. Até aqui, não vejo que isso seja mentiroso, uma vez que essas revelações e os escritos delas estejam em harmonia com os profetas bíblicos. Os divergentes de Ellen, me parece, são os que possuem interpretações e narrativas divergentes da própria Bíblia.

“Fui levada em visão para o lugar santíssimo, onde vi Jesus ainda intercedendo por Israel. Na extremidade inferior de Suas vestes havia uma campainha e uma romã, uma campainha e uma romã. Vi então que Jesus não abandonaria o lugar santíssimo sem que cada caso fosse decidido, ou para a salvação ou para a destruição; e que a ira de Deus não poderia manifestar-se sem que Jesus concluísse Sua obra no lugar santíssimo, depusesse Seus atavios sacerdotais, e Se vestisse com vestes de vingança. Então Jesus sairá de entre o Pai e os homens, e Deus não mais silenciará, mas derramará Sua ira sobre aqueles que rejeitaram Sua verdade. Vi que a ira das nações, a ira de Deus, e o tempo de julgar os mortos eram acontecimentos separados e distintos, seguindo-se um a outro; outrossim, que Miguel não Se levantara e que o tempo de angústia, tal como nunca houve, ainda não começara. As nações estão-se irando agora, mas, quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele Se levantará, envergará as vestes de vingança, e então as sete últimas pragas serão derramadas.

“Vi que os quatro anjos segurariam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse terminada no santuário, e então viriam as sete últimas pragas. Estas pragas enfureceram os ímpios contra os justos, pois pensavam que nós havíamos trazido os juízos divinos sobre eles, e que se pudessem livrar a Terra de nós, as pragas cessariam. Saiu um decreto para se matarem os santos, o que fez com que estes clamassem dia e noite por livramento. Este foi o tempo da angústia de Jacó. Então todos os santos clamaram com angústia de espírito, e alcançaram livramento pela voz de Deus. Os cento e quarenta e quatro mil triunfaram. Sua face se iluminou com a glória de Deus” (WHITE, 2007a, p. 57).

De fato, a crença de Ramos (2006) e Silva (2011), de que o decreto de morte será anulado pelo poder de Deus e, embora seja a causa da “angústia de Jacó” sobre os 144.000 (os salvos vivos no cumprimento de Apocalipse 13.15), o referido decreto não será bem-sucedido, pois Deus o sabotará; esse ponto de vista parece ser derivado de algumas passagens bíblicas e dos escritos de Ellen.

“A severa medida de pena de morte será tomada num esforço para que haja conformidade com os ditames da imagem. Os que se recusarem a alinhar-se com essa confederação político-religiosa serão considerados dissidentes. A eles serão negados emprego, sustento e, finalmente, serão perseguidos de morte. Mas Deus cuidará dos Seus fiéis” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 49).

Antes da publicação do decreto, alguns filhos de Deus perderão suas vidas como mártires, por não adorarem a besta e a sua imagem, ou seja, por não se submeterem ao despotismo do Vatica-

no e dos evangélicos em seu fanatismo por instituir a ideologia deles em lugar da Palavra e dos Mandamentos de Deus, em particular o quarto, sobre o dever em santificar o sábado da Criação. Muito provavelmente, muitos se arrependem de sua deslealdade a Deus diante do testemunho dos mártires e começarão a obedecer somente a Deus, preferindo sofrer a perseguição em vez de praticá-la, assim como Saulo! Contudo, após a ratificação do decreto de morte, incrivelmente, nenhum filho leal de Deus sofrerá o martírio (caso a Bíblia esteja a dizer exatamente assim, como os autores citados acreditam).

“Importantes são as lições a serem aprendidas da experiência dos jovens hebreus na planície de Dura. Nos dias atuais, muitos dos servos de Deus, embora inocentes de qualquer obra má, serão levados ao sofrimento, humilhação e abuso às mãos daqueles que, inspirados por Satanás, estão cheios de inveja e fanatismo religioso. A ira do homem será especialmente despertada contra os que santificam o sábado do quarto mandamento; e por fim um decreto universal denunciará a estes como dignos de morte.

“Os tempos de prova que estão diante do povo de Deus reclamam uma fé que não vacile. Seus filhos devem tornar manifesto que Ele é o único objeto do seu culto, e que nenhuma consideração, nem mesmo o risco da própria vida, pode induzi-los a fazer a mínima concessão a um culto falso. Para o coração leal, as leis de homens pecaminosos e finitos se tornam insignificantes ao lado da Palavra do eterno Deus. A verdade será obedecida, embora o resultado seja prisão, exílio ou morte.

“Como nos dias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no período final da história da Terra o Senhor operará poderosamente em favor dos que ficarem firmes pelo direito. Aquele que andou com os hebreus valorosos na fornalha ardente, estará com os Seus seguidores em qualquer lugar. Sua constante presença confortará e sustentará. Em meio do tempo de angústia — angústia como nunca houve desde que houve nação — Seus escolhidos ficarão firmes. Satanás com todas as forças do mal não pode destruir o mais fraco dos santos de Deus. Anjos magníficos em poder os protegerão, e em favor deles Jeová Se revelará como ‘Deus dos deuses’ (Daniel 2:47), capaz de salvar perfeitamente os que nEle puseram a sua confiança” (WHITE, 2007b, p. 336).

A autora afirma ter visto, em visão profética, o boicote divino ao boicote romanista e evangélico contra os 144.000. O decreto de morte, segundo esses escritos proféticos, não será consumado após entrar em vigor unicamente por causa da atuação sobrenatural de Deus sobre os sabatistas vivos nesse período de Apocalipse 13.15.

“Logo vi os santos sofrendo grande angústia de espírito. Pareciam cercados pelos ímpios habitantes da Terra. Todas as aparências eram contra eles. Alguns começaram a rezear que finalmente Deus os houvesse deixado para perecer pelas mãos dos ímpios. Se, porém, seus olhos se pudessem abrir, ver-se-iam rodeados dos anjos de Deus.

“Veio em seguida a multidão dos ímpios, cheios de ira, e atrás uma multidão de anjos maus, compelindo os primeiros para matar os santos. Antes que pudessem, porém, aproximar-se do povo de Deus, os ímpios deveriam primeiro passar por esta multidão de anjos poderosos e santos. Isto seria impossível. Os anjos de Deus os estavam fazendo recuar, e também fazendo com que os anjos maus que os cercavam de todos os lados caíssem para trás. Foi uma hora de angústia medonha, terrível, para os santos.

“Dia e noite clamavam a Deus, pedindo livramento. Quanto à aparência exterior, não havia possibilidade de escapar. Os ímpios já tinham começado a triunfar, clamando: ‘Por que vosso Deus não vos livra de nossas mãos? Por que não ascendeis ao Céu, e salvais a vossa vida?’ Mas os santos não lhes prestavam atenção. Como Jacó, estavam a lutar com Deus.

“Os anjos ansiavam libertá-los, mas deviam esperar um pouco mais; o povo de Deus devia beber o cálice e ser batizado com o batismo. Os anjos, fiéis à sua incumbência, continuavam a vigiar. Deus não consentiria que Seu nome fosse vituperado entre os gentios. Quase chegara o tempo em que Ele deveria manifestar Seu grande poder, e gloriosamente libertar Seus santos. Pela glória de Seu nome desejava Ele libertar cada um daqueles que pacientemente O haviam esperado, e cujos nomes estavam escritos no livro.

“Foi-me indicado o fiel Noé. Quando a chuva desceu e veio o dilúvio, Noé e sua família já

havam entrado na arca, e Deus os encerrara ali. Noé tinha fielmente avisado os habitantes do mundo antediluviano, enquanto estes caçoavam e escarneciam dele. E quando as águas baixaram sobre a Terra, e um após outro se afogava, viam a arca, da qual haviam feito o objeto de tantas pilhérias, livre de perigo a flutuar sobre as águas, preservando o fiel Noé e sua família.

“Assim vi eu que o povo de Deus, o qual havia fielmente avisado o mundo de Sua ira vindoura, teria livramento. Deus não consentiria que os ímpios destruíssem aqueles que estavam esperando pela sua transladação, e que se não encurvariam ao decreto da besta nem receberiam o seu sinal. Vi, que, se fosse permitido aos ímpios matar aos santos, Satanás e todo seu exército maléfico, e todos os que odeiam a Deus, ficariam satisfeitos. E, oh! que triunfo seria para sua majestade satânica ter poder, na última luta finalizadora, sobre os que por tanto tempo haviam esperado ver Aquele a quem amaram! Aqueles que haviam zombado da idéia de os santos ascenderem para o Céu, serão testemunhas do cuidado de Deus para com o Seu povo, e contemplarão seu glorioso libertamento” (WHITE, 2007a, p. 283 e 284).

A segunda besta ou besta da terra, de acordo com o que estudamos até aqui, é uma metáfora polissêmica, cujos significados são:

- a) alguns civis evangélicos dos EUA;
- b) alguns civis romanistas dos EUA;
- c) alguns políticos dos EUA e
- d) alguns civis espiritualistas dos EUA.

Não se deve crer que todos os habitantes daquela preciosa nação cumprem Apocalipse 13.11-18, uma vez que o Cordeiro tem salvado a muitos ali ao ponto de isso ser evidenciado na cultura religiosa, científica e judiciária ao longo da história norte-americana. Os que cumprem e cumprirão essa profecia são as pessoas que foram/são/serão instrumentos do pai da mentira desde o século 17 até a volta do Senhor Jesus e, portanto, devemos estar atentos à cultura inerente a elas em todos esses mais de meio milênio:

(I) professam concordar com os ensinamentos de Jesus, mas também com aquilo que claramente os contradiz;

(II) professam amar a Deus e aos homens, mas desejam matar aqueles que deles discordam, em Nome Dele (cf. João 16.1-3), e

(III) tentam cobrir a lacuna de autoridade bíblica com milagres e leis coercitivas, pois a mistura que faz da Bíblia com as invencionices religiosas, espiritualistas e supersticiosas anulam qualquer pretensão de autoridade legítima, restando-lhes a autoridade fraudulenta ou o autoritarismo das ameaças e legislação punitiva, num contexto de sobrenaturalidade do mal já previsto pela sobrenaturalidade bíblica.

“E naquele tempo Se levantará Miguel, o grande príncipe, que Se levanta pelos filhos de Teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o Teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro’. Daniel 12:1. Quando vier este tempo de angústia, todo caso estará decidido; não mais haverá graça, nem misericórdia para o impenitente. O selo do Deus vivo estará sobre o Seu povo. Estes poucos remanescentes, incapazes de se defenderem no conflito mortal com os poderes da Terra, arrematados pela hoste do dragão, fazem de Deus a sua defesa. Pela mais elevada autoridade terrestre foi feito o decreto para que, sob pena de perseguição e morte, adorem a besta e recebam seu sinal. Queira Deus auxiliar Seu povo agora, pois sem Sua assistência, que poderão eles fazer naquele tempo, em tão terrível conflito?” (WHITE, 2008b, p. 63 e 64).

- 13.16 A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a
- Os demais terráqueos, de todas as faixas etárias, famosos e desconhecidos, de todas as classes sociais, serão influenciados pelo caráter blasfemo e rebelde dos membros da religião globalizada (cristianismo romanizado), cederão às suas exigências levianas contra os 10 Mandamentos de Deus, em particular o quarto mandamento que ordena a santificação do sábado da Criação de Deus, ao ponto de todas essas pessoas também terem o mesmo caráter desobediente e obstinado contra Deus, mesmo alguns crendo que estão fazendo a vontade Dele, mas negando isso através de seus pensamentos e estilo de vida rebelde contra o mandamento sabático, e contra a liber-

fron-

te e a vida daqueles que escolhem a Palavra de Deus. Como Caim, receberão a marca da rebeldia e não poderão alegar inocência e sinceridade, pois estarão diante da escancarada evidência do espírito despótico revelado pelo cristianismo pervertido e seu parasitismo com os governantes, em contraste com a poderosa e perseverante fidelidade dos criacionistas sabatistas. E todos os rebeldes santificarão o domingo católico (de Constantino) em todo o planeta como efeito máximo da escolha pelo caráter desobediente, seja passivamente por conveniência, para evitar sofrer as ameaças, seja ativamente por convicção na mentira.

13.17 para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome.

Esse estilo de vida condescendente ou abertamente desobediente refletido na guarda do domingo em lugar do sábado, será o critério legislado para que bairros, municípios, estados e países regulem o comércio e o funcionalismo público. Os criacionistas sabatistas serão expostos como foras da lei, rotulados e sentenciados pelos tribunais como criminosos e terroristas, pessoas que não amam o próximo nem se importam com o bem comum, com o meio ambiente e com a falsa Palavra de Deus na boca do papa, dos evangélicos e dos demais líderes globais. Os criacionistas sabatistas serão párias da sociedade global, perderão todos os seus direitos por adorarem o Criador em vez da criatura, e se recusarem a adorar esta através da obediência aos seus decretos mundiais. Esses filhos de Deus remanescentes do fim do tempo do fim não terão o caráter desobediente da maioria, não estarão matriculados na falsa religião global e não trocarão o verdadeiro sábado legislado pelo Criador pelo falso dia de descanso imposto pela criatura.

“Estamos vivendo num solene período da história terrestre. O grande conflito está justamente diante de nós. Vemos um mundo corrompido por seus habitantes. O homem do pecado tem trabalhado com notável perseverança para exaltar um dia de repouso espúrio, e o desleal mundo protestante tem-se maravilhado após a besta e chamado a obediência ao sábado instituído por Yahweh como deslealdade às leis das nações. Os reinos têm-se confederado para sustentar a instituição de um falso dia de repouso, que não encontra uma única palavra de autoridade nos oráculos de Deus (RH, 06/02/1900; CT [MM 2002], 327)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1092).

“A besta de dois chifres impõe aos seus súditos a marca da primeira besta. Foram introduzidos na profecia três poderes que devemos distinguir cuidadosamente para evitar confusão. A besta papal é o poder designado como ‘besta’, ‘a primeira besta’, ‘a besta que recebera a ferida da espada e vivia’, e ‘a besta cuja chaga mortal fora curada’. Estas expressões referem-se todas ao mesmo poder, e onde quer que ocorram nesta profecia referem-se exclusivamente ao papado.

“A besta de dois chifres é o poder introduzido em Apoc. 13:11, e o resto da profecia está representado pelo pronome ela, e onde quer que este pronome ocorra, até o versículo 17 (com a possível exceção do versículo 16, que talvez se refira à imagem), refere-se invariavelmente à besta de dois chifres.

“A imagem da besta é chamada nos capítulos seguintes do Apocalipse ‘a imagem’, de sorte que não há perigo de confundi-la com qualquer outro agente. Os atos atribuídos à imagem são: falar e impor a adoração de si própria sob pena de morte. É o único decreto que a profecia menciona como imposto sob pena de morte.

“A marca da besta é imposta pela besta de dois chifres, quer diretamente quer por meio da imagem. A pena ligada à recusa de receber esta marca é o confisco de todos os privilégios sociais, a privação do direito de comprar e vender. A marca é a da besta papal. Contra esta adoração da besta e de sua imagem, e a recepção da sua marca, a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-12 apresenta uma soleníssima e impressionante advertência” (SMITH, 1979, p. 223).

“[...] o ‘sinal da bête’ [NTLH, A21, ARC; nas demais ‘marca’] é o sinal do papado, que é a ‘bête’. Portanto, como o papado é um poder religioso, seu sinal deve ser infalivelmente uma instituição religiosa sua por meio da qual pretenda ser reconhecido no mundo como autoridade suprema. O apóstolo Paulo descreve o papado, na pessoa do papa, como ‘homem do pecado’ que se arroga o direito de supremacia ‘contra tudo o que se chama Deus’ ou revela o nome de Deus, ‘se adora’ e se

assenta ‘no templo de Deus’, a igreja, ‘querendo parecer Deus’ (2ª Ts 2.3 e 4).

“Dêste modo pretende o papado destronar a Deus e ser olhado por tôda a igreja como autoridade em lugar de Deus e acima de Deus, pois revela o apóstolo que se exalta ‘contra tudo o que se chama Deus’. Quando um poder pretende ter derribado outro poder, trata imediatamente de abrogar ou modificar a lei daquele a quem destronou por meio da qual êle exercia a sua autoridade. Estabelece então uma outra lei ou Constituição que revele a sua autoridade como novo soberano vencedor. E foi precisamente isto que o papado procurou realizar para exaltar-se a si mesmo acima de Deus como usurpador dos direitos de Deus.

“Referindo-se às suas pretensões menciona o profeta Daniel três coisas que o papado faria ao colocar-se acima de Deus: 1) ‘Proferirá palavras contra o Altíssimo’. 2) ‘Destruirá os santos do Altíssimo’. 3) ‘Cuidará em mudar os tempos e a lei’ (Dn 7.25). Note-se a lógica profética no que respeita a um poder usurpador: 1) Fala contra o poder que derribou. 2) Elimina os súditos do poder derribado se não se simpatizarem com a nova ordem. 3) Muda a lei ou a Constituição do poder vencido. E não foi nada mais do que isto que o papado cometeu em relação a Deus” (MELLO, 1959, p. 384 e 385).

“Aproxima-se o tempo em que a lei de Deus, em sentido especial, será invalidada em nosso país [os Estados Unidos]. Os governantes de nossa nação, por meio de atos legislativos, imporão a lei dominical, trazendo assim grande perigo para o povo de Deus. Quando nossa nação, em seus conselhos legislativos, promulgar leis para coagir a consciência das pessoas no tocante a seus privilégios religiosos, impondo a observância do domingo e empregando o poder opressivo contra os que guardam o sábado do sétimo dia, a lei de Deus será, para todos os efeitos, invalidada em nosso país; e a apostasia nacional será seguida pela ruína nacional (RH, 18/12/1888; Mar [MM 1977], 177)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1091 e 1092).

“Certas organizações humanas, controladas e dirigidas pelo espírito do dragão, vão ordenar os homens a praticar os atos que constituem na realidade a adoração de um poder religioso apóstata e a recepção do [sic] sua marca. Caso se recusem a fazer isto, perderão os direitos de cidadania e ficarão fora da lei do país. Terão de fazer o que constitui a adoração da imagem da besta, ou perder a vida.

“Por outro lado, Deus envia uma mensagem pouco antes da crise que está iminente, como vemos em Apocalipse 14:9-12, declarando que todo o que fizer estas coisas ‘beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da Sua ira’. Aquele que recusar sujeitar-se a estas imposições dos poderes terrestres irá expor-se às mais severas penas que seres humanos podem infligir, e aquele que se sujeitar, expor-se-á às mais terríveis ameaças da ira divina, que se encontram na Palavra de Deus. A questão de se obedecerão a Deus ou aos homens será decidido [sic] pelos homens da era presente sob a mais pesada pressão, de ambos os lados, que jamais foi feita sobre qualquer geração” (SMITH, 1979, p. 224).

Talvez essa “pressão” exista desde Eva, sendo que, nos últimos dias da história pecaminosa da humanidade, a revelação profética descortinou a “pressão” oculta, assim como essa mesma revelação fez desde o Gênesis, e faz o último grande apelo a essa geração do fim do tempo do fim, para que se prepare agora e faça sua escolha ao lado de Deus e Seus mandamentos, em vez de negligenciar o tempo presente e ser seduzida pela oposição a Deus, a qual tenta se disfarçar de cristã e preocupada com a saúde e bem-estar das pessoas, mas só seduz, enfeitiça e destrói os negligentes. A revelação e o apelo divinos sempre estiveram, em cada geração, acessíveis a todos. Deus mesmo, por meio de Sua Igreja e Seus anjos, Se encarregou de disponibilizar a Verdade. Em cada geração houve os Seus adoradores e os adoradores da oposição à Deus, feita pelo pai da mentira. Talvez, muitos nem sentiram/sentem essa “pressão”, pois sua negligencia e escolhas derivadas os anestesiaram antes de serem completamente devorados pela serpente.

“A adoração da besta e da sua imagem, e a recepção do [sic] sua marca, deve ser alguma coisa que implica a maior ofensa que se pode cometer contra Deus, para atrair contra si tão severa ameaça. Esta é uma obra que, como já mostramos, ocorre nos últimos dias. Como Deus nos deu em Sua Palavra abundantes evidências para mostrar que estamos nos últimos dias, e para que ninguém tenha de ser apanhado de surpresa pelo dia do Senhor como por um ladrão, assim também Ele deve

ter-nos dado os meios por que possamos determinar o que é a recepção da marca da besta, que Ele tão fortemente condenou, para que possamos evitar a terrível pena que certamente se seguirá à sua recepção. Deus não considera tão levemente as esperanças e destinos humanos, que ameace um castigo extremamente terrível contra certo pecado, e ponha depois fora de nosso alcance compreender o que seja esse pecado, de modo que não tenhamos meios de nos precaver contra ele” (SMITH, 1979, p. 224).

“A marca da besta não pode ser interpretada de forma literal. O apocalipse revela que a marca possui as seguintes características:

- a) Ela é concreta e reconhecível.
- b) É imposta sobre os habitantes do mundo.
- c) Os indivíduos podem rapidamente identificá-la e, conseqüentemente, aceitá-la ou rejeitá-la.
- d) A atitude pessoal diante dessa imposição implica em vida ou morte.

“A marca da besta faz um contraponto com o selo de Deus, apresentado por Ezequiel. Enquanto a marca da besta traduz desobediência, rebelião contra Deus, adoração ao dragão, a marca de Deus refere-se à obediência, adoração e submissão ao Criador, representado de forma específica pelo quarto mandamento da Lei de Deus.

“Se o selo (ou marca) de Deus é representado pelo sábado, e por extensão toda a lei, a besta, numa contrafação à Lei de Deus, exalta a observância do domingo como dia sagrado. Este aspecto na adoração se tornará fundamental e representará um diferencial visível entre dois grupos: os fiéis a Deus, que guardam toda a lei, inclusive o sábado (Êxodo 20:8-11) e os fiéis à besta, aqueles que guardam o domingo” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 49).

“Os pecados do mundo terão chegado até ao Céu quando a lei de Deus for invalidada, ou seja, quando o sábado do Senhor for jogado ao chão e pisado, e as pessoas forem compelidas a aceitar, em seu lugar, uma instituição do papado através da mão forte da lei do país. Ao exaltar uma instituição humana acima da instituição ordenada por Deus, eles mostram desprezo pelo grande Legislador e recusam Seu sinal ou selo (RH, 05/11/1889)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1092).

“[...] enquanto Daniel no seu tempo vaticinara [7.25] que o papado cuidaria em mudar a lei de Deus, nós hoje vemos a profecia cumprida. Ao lograr que o mundo adotasse a lei mudada em vez da lei original, logrou seu objetivo: ser reconhecido como deus e acima de Deus. Assim tem o cristianismo duas leis — a lei original, escrita pelo dedo do Criador e a lei adulterada pelo papado. A lei de Deus, que é a expressão de Seu próprio caráter, requer obediência de Suas criaturas a seus princípios. A lei papal, que emana de Roma, exige fidelidade à vontade do papa. Ambos, o Deus do céu e o deus de Roma, exigem obediência às suas leis. A lei a que os homens obedecerem revela o Deus que eles adoram e servem.

“A mudança da lei de Deus ou sua alteração pelo papado romano, deveria atingir especialmente o preceito da lei que trata de Deus como legislador da mesma e que encerra as razões da sua legislação. Em outros termos, para que Deus não continuasse mais a reinar na terra e sim o papado, era imprescindível que este poder afastasse da lei de Deus o preceito que expressa a Sua suprema autoridade e substituísse por um outro que revelasse, na lei, a suprema autoridade papal. Podemos repetir que, se não fôra essa a alteração da lei, vaticinada pela inspiração, jamais ela falaria das pretensões do papado assentar-se ‘como Deus’, ‘querendo parecer Deus’ e levantando-se ‘contra tudo o que se chama Deus’ (2ª Ts 2.3 e 4).

“Na lei moral do Decálogo, o preceito que expressa a autoridade de Deus como legislador e como Deus soberano nos céus e na terra, é o quarto mandamento, que assim reza: ‘Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou (Êx 20.8-11).

“Inquestionavelmente, o quarto mandamento da lei de Deus, ordenando a santificação do sábado do sétimo dia, contém, por suas expressões, a assinatura de Deus como legislador da lei do Decálogo, pelo que a lei é inalterável, insubstituível e todos os seus preceitos de obrigação indiscu-

tível para todo o ser humano. Vemos assim que o repouso semanal do sábado do sétimo dia encerra a autoridade soberana de Deus, revelando Seu nome, Suas funções e sua jurisdição nos céus e na terra, sendo esta a razão da santificação e da bênção que o Criador colocara sobre este dia ao criar o mundo. Todo o homem que acata o Sábado como dia de repouso divino e o observa conforme a ordenança do quarto mandamento, homenageia a Deus como Criador e O reverencia como seu Deus a quem unicamente adora e serve na terra.

“Para que o papado pudesse colocar-se acima de Deus e o seu pontífice pretendesse ser deus na terra, é evidente que deveria abolir especialmente o quarto mandamento que ordena a santificação do sábado do sétimo dia e apresenta a Deus como Criador, e substituí-lo por um outro dia de repouso semanal que designasse, não mais ao Criador como legislador da lei e supremo Deus nos céus e na terra, mas sim ao papa ou ao papado como ‘deus deste mundo’ ou substituto de Deus entronizado em Roma.

“E, pôsto que a Bíblia chamada católica, a Vulgata, conserve intacto o quarto mandamento ordenando o repouso do sétimo dia, temos nos catecismos autorizados da igreja católica uma lei, nêles denominada de lei de Deus, em que o dia de repouso semanal original não é mais apresentado como dia de repouso. O primeiro dia da semana é definido nos catecismos como dia de repouso substituto do sábado do sétimo dia. E esta mudança do dia de repouso é confessada por autoridade católicas como obra real do papado. Vejamos o que diz um escritor católico: ‘Nós católicos, romanos, guardamos o domingo, em lembrança da ressurreição de Cristo, e por ordem do chefe de nossa igreja, que preceituou tal ordem do sábado ser do Antigo Testamento, e não obrigar mais no Novo Testamento’ (Padre Júlio Maria, *Ataques Protestantes às Verdades Católicas com as Respectivas Respostas Irrefutáveis*, 4ª ed.. (Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1950), p. 61 e 62). Está aí a confissão de um renomado vulto do sacerdócio católico de que o papado atentou contra a lei da soberania de Deus.

“Outras autoridades dizem como segue:

‘Em um catecismo de doutrina, à página 174, lemos: ‘Podeis provar ainda de outro modo que a igreja tem autoridade para preceituar dias de festas?

Resp.: Se ela não tivesse tal autoridade, não poderia ter substituído a observância do sábado do 7º dia ao domingo, primeiro dia da semana, mudança essa que não tem nenhuma autoridade nas Escrituras’.

“Hootsman, chanceler do arce-bispo Ryan de Filadélfia, numa carta a Mr. E. E. Franke a propósito da questão do sábado, reafirma nestes termos o testemunho citado: ‘Consultai qualquer obra católica que contenha um capítulo sobre tradição, e aí encontrareis o que estais precisando: a igreja é a única autoridade para a transferência do sábado para o domingo. O sábado o mais famoso dia da lei, foi transferido para o dia do Senhor. Estas e outras coisas semelhantes, não cessaram em virtude da pregação de Cristo (pois diz que não veio abolir a lei mas cumprir) mas foram mudadas por autoridade da igreja’ (Canon e Tradição, Holtz). [...]

“Numa carta escrita em novembro de 1895, o Snr. H. F. Thomas, chanceler do cardeal Gibbons, respondendo a um inquérito feito a respeito da afirmação que a igreja faz de ter mudado o sábado, disse: ‘Naturalmente, a igreja católica afirma que a mudança do sábado é um ato totalmente seu... e que este ato é o Sinal de sua autoridade nas coisas religiosas’ (C. F. Thomas, *Chancellor, — Ministry*, Outubro 1944, p. 23)” (MELLO, 1959, p. 385 - 387).

“John A. O’Brien (professor de Teologia na Universidade de Notre Dame na metade do século 20): O terceiro mandamento [quarto mandamento em Êxodo 20 e para a maioria dos protestantes] é: ‘Lembra-te do dia de sábado para o santificar.’ [...] A palavra ‘sábado’ significa descanso, e é o sétimo dia da semana. Por que, então, os cristãos observam o domingo em vez do dia mencionado na Bíblia? [...] A igreja recebeu de seu Fundador, Jesus Cristo, autoridade para fazer a mudança. Ele solenemente conferiu à Sua igreja o poder de legislar, governar e administrar o poder das chaves dos Céus (Citado em William H. Shea, Daniel: *A Readers Guide* (Nampa: Pacific Press, 2005), p. 121, 122).

“Foi essa reivindicação dos próprios católicos que levou os adventistas a concluírem que a mudança do sábado para o domingo é uma marca da reivindicação de Roma à autoridade espiritual.

Essa é uma das razões mais importantes pelas quais continuamos a afirmar que a marca da besta será a observância do domingo imposta durante a crise final do mundo” (MOORE, 2013, p. 199).

“**marca.** A falsificação do selo de Deus, que o mandamento do sábado representa (Êx 20:8-11). No cerne das alianças antigas havia um selo contendo o nome, o título e a fonte da autoridade daquele que firmava o concerto. O mandamento do sábado desempenha esse papel nos dez mandamentos” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“**A todos [...] faz.** Todos os habitantes da Terra são afetados pela legislação. Só um remanescente fiel se recusa a obedecer (ver v. 8; cf. Ap 12:17).

“**Marca.** Do gr. *charagma*, ‘impressão’, ‘estampa’. Deve tratar-se de um estandarte de lealdade, alguma característica especial expressando que aquele que a exhibe adora a besta, cuja ferida mortal fora curada (v. 8). Os eruditos adventistas entendem que esta não é uma marca literal; em vez disso, consiste em um sinal de aliança que identifica o portador como alguém leal ao poder representado pela besta. A controvérsia nessa época girará em torno da lei de Deus, sobretudo, do quarto mandamento (ver com. de Ap 14:12).

“Logo, a observância ao domingo será o sinal, mas isso só ocorrerá quando o poder da besta for reavivado e a observância do domingo no lugar do sábado se tornar lei. Ao mesmo tempo, a terceira mensagem angélica soará fortemente em advertência contra o recebimento da marca besta, (Ap 14:9-11). Essa mensagem, que crescerá até se tornar um alto clamor (Ap 18:1-14), esclarecerá as pessoas quanto às questões envolvidas. Quando tudo estiver claro diante das pessoas e, mesmo assim, escolherem seguir a instituição da besta, observando-a e desobedecendo ao sábado de Deus, elas mostrarão sua fidelidade ao poder da besta e receberão sua marca” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 910).

“Pessoas de todas as classes sociais serão pressionadas a receber a marca da besta em sua mão direita ou na testa. Assim como o selo na testa identifica os que Deus considera Seus (Ap 7:3, 4; 14:1), também a marca da besta identifica os adoradores da besta. A marca da besta não é um sinal visível. A colocação na mão direita ou na testa é uma falsificação da instrução que Moisés deu aos israelitas para atar a lei de Deus como um sinal na mão ou na testa (Dt 6:8).

“A marca na mão direita tem a ver com o comportamento, enquanto o sinal na testa diz respeito à mente ou ao consentimento intelectual. Alguns escolherão receber a marca da besta a fim de escapar da ameaça de morte, enquanto outros estarão totalmente comprometidos, mental e espiritualmente, com esse sistema de adoração apóstata.

“As questões centrais na crise final serão a adoração e a obediência a Deus na guarda de Seus mandamentos (Ap 14:12). O mandamento do sábado, em especial, será a prova de fidelidade e obediência a Deus. Assim como o sábado é o sinal distintivo da obediência do fiel povo de Deus (Ez 20:12, 20), a marca da besta é o sinal de lealdade à besta. A marca da besta envolve a substituição dos mandamentos de Deus por mandamentos humanos. A maior evidência desse fato é a instituição do domingo (Dn 7:25) como dia de adoração em lugar do sétimo dia, o sábado, dia determinado nas Escrituras por nosso Criador” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 73).

“Urge repetir que a ‘bêsta’ é o papado e que a ‘imagem da bêsta’ são os Estados Unidos [imitando a sanha papal]. Agora tudo está claro diante de nós. Podemos confiar seguramente na profecia e crer que, ao realizar-se nos Estados Unidos a fusão entre o Estado e a Igreja ou entre aquele e o protestantismo, e este tiver a supremacia sobre aquele, então a ‘imagem da bêsta’ estará formada e entrará em ação imediatamente. Do resultado desta fusão, a profecia somente salienta que a ‘imagem da bêsta’ imporá, sob pena de graves consequências, o ‘sinal da bêsta’ [ou marca] ‘a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’. Isto é, ao ser alterada a Constituição Norte-Americana e o protestantismo tornar-se religião oficial do Estado e este um Estado religioso dirigido por aquele, então a igreja obrigará o Estado a impor pela lei o ‘sinal da bêsta’ papal, isto é, a observância obrigatória do domingo” (MELLO, 1959, p. 387 e 388).

Ellen G. White escreveu sobre como deve ser a conduta daqueles que viverem em épocas e nações submetidas às leis dominicais. Como podemos estudar na Cronologia [“As origens da besta que emerge da terra, tem dois chifres como cordeiro, mas fala como dragão \(Apocalipse 13:11-18\)”](#), decretos dominicais são o sonho americano de muitos evangélicos daquele país, desde suas origens,

e inclusive na época de Ellen.

“Ninguém receberá o sinal da besta pelo fato de mostrar que compreende a sabedoria de manter a paz mediante a abstenção de trabalho que constitua delito, fazendo ao mesmo tempo uma obra da mais elevada importância. Se dedicarmos o domingo à atividade missionária, o chicote será arrebatado das mãos dos fanáticos arbitrários, que se teriam deleitado em humilhar os adventistas do sétimo dia. Ao verem que nos domingos, nos empenhamos em visitar o povo e abrir perante eles as Escrituras, reconhecerão que lhes é inútil procurar estorvar nossa obra fazendo leis dominicais” (WHITE, 1949, p. 358).

“É em torno dêsse sinal que gira tôda a controvérsia, como claramente se deduz da profecia; e que é por meio dêsse sinal que o movimento se propõe vencer confessa-o francamente o dr. Crafts, um dos mais esforçados campeões da Liga de Reforma Nacional, a cuja testa se encontra há muitos anos. Eis a sua declaração: ‘Como Colombo e outros descobridores de seu tempo tinham por costume levantar uma cruz em cada país que descobriam, fazendo-o na presunção de o haverem conquistado para algum reino cristão, assim também o dia do Senhor (domingo) foi estabelecido em todos os países do mundo em sinal de sua presumível conquista para o nosso divino Senhor. Não há outro sinal de unidade cristã, de unidade do mundo’. ‘Dia do Senhor, porém, é num certo sentido o seu título preeminente, *o sinal em que havemos de vencer*’ (O Sábado, G. Stein Filho, 183 e 184)” (MELLO, 1959, p. 388).

“‘O escravo era marcado na testa’, diz o *Theological Dictionary of the New Testament* (Dicionário Teológico do Novo Testamento), e ‘o soldado era usualmente marcado na mão’” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 390).

“A cada súdito da ‘imagem da besta’ será imposto o ‘sinal da besta’ ‘na sua mão direita, ou nas suas testas’. Para a ‘imagem da besta’ será indiferente estar o ‘sinal da besta’ na mão direita ou na testa; o que lhe importa é que todos ostentem a marca da apostasia papal. A mão direita é a mão da ação, e, a grande massa da nação submeter-se-á à imposição do repouso obrigatório do domingo, simplesmente por consideração de comodidade ou conveniência pessoal, sem com isso reconhecer nenhum fundamento religioso, mas dando, dêste modo, indiretamente, o seu apoio moral a uma instituição religiosa e aceitando implicitamente a autoridade da besta imposta por sua imagem. Pacuando, embora de modo indireto, com o propósito da besta, lhe dão como que a destra, de parceria, favorecendo os seus intuitos, e constituindo-se o seu braço direito pelo auxílio valioso que prestam. Êsses receberão o sinal na sua mão direita com a qual, indiretamente, apoiam as pretensões da besta e sua imagem.

“A outra classe será constituída pelos que espontaneamente se hão de submeter às suas imposições, não por considerações meramente pessoais, mas pelo coração e pelo entendimento, crendo, com efeito, estar servindo e apoiando uma causa santa. Êstes estarão identificados com a doutrina e por ela com o caráter da besta, tanto pelo coração como pela inteligência, e terão o sinal em suas testas.

“Portanto, por convicção ou não, todos serão obrigados, pelo protestantismo e o Estado irmanados, a levarem o ‘sinal da besta’. Quando tudo isto suceder em breve, na América Protestante agora livre, ficará assentado com tôda a evidência que o ‘característico especial da besta e de sua imagem — é a violação dos mandamentos de Deus’ (*Las Profecias de Daniel y el Apocalipse*, U. Smith, Vol. II, p. 236).

“Pretendendo a nação protestante estabelecer por lei o domingo como ‘dia do Senhor’, a profecia declara que estabelecerá como ‘sinal da besta’, como dia do papado. Satanás não poderia levar um povo inteiro a maior engano do que êste. A própria revelação apresentando os Estados Unidos como falso profeta, diz ‘que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem’ (Ap 19.20). O sinal da besta é a imitação de um antigo costume de obediência aos homens e aos falsos deuses” (MELLO, 1959, p. 389 e 390).

“A marca da besta colocada sobre a ‘testa’ de uma pessoa, representa a concordância intelectual com as crenças e comportamentos da igreja. A marca sobre a ‘mão’ representa as atividades executadas em harmonia com semelhantes crenças. A ‘testa’ de uma pessoa pode não aprovar o que faz a sua ‘mão’, mas as ações falam mais alto que as palavras” (MAXWELL; GRELLMANN,

2004, p. 393).

“O sinal da besta é exatamente o que tem sido proclamado. Nem tudo que se refere a este assunto é compreendido; nem compreendido será até que tenha sido completamente aberto o rolo do livro. Uma solene obra será, entretanto, realizada no mundo. A intimação do Senhor aos Seus servos é esta: ‘Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados’ Isaías 58:1” (WHITE, 2008b, p. 338).

“Sancionada a ‘imagem da bête’ por ato constitucional, a ‘outra besta’, a norte-americana, com ‘dois chifres semelhantes aos de um cordeiro’, revelará imediatamente o seu novo e verdadeiro caráter. Naquele tempo breve futuro os Estados Unidos, convertidos em ‘imagem da bête’ papal, não mais alçarão a sua voz para falar em liberdade de consciência e de culto. Sua voz será uma nova voz — a voz do dragão. Ficará então constatado que a nação é constituída de ‘poderes religiosos, aliados ao céu pela profissão, e pretendendo ter os característicos de um cordeiro, mostrarão por seus atos que eles têm o coração de dragão, e que eles são instigados e controlados por Satanás’ (*Testimonies for the Church*, IX, 229)” (MELLO, 1959, p. 393).

“Satanás escolheu uma contrafação do dia de adoração como o sinal ou marca de sua autoridade. A observância do domingo é considerada pelo papado como a marca de sua autoridade religiosa” (COFFMAN, 1989, p. 3).

“Mas os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que em assim fazendo estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em todas as igrejas, não excetuando a comunhão católica romana, que crêem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade de propósito de tais pessoas e sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a besta e a sua imagem. Ao rejeitarem os homens a instituição que Deus declarou ser o sinal de Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal de sua supremacia, aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma — ‘o sinal da besta’. E somente depois que esta situação esteja assim plenamente exposta perante o povo, e este seja levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que, então, aqueles que continuam a transgredir hão de receber ‘o sinal da besta’.

“A mais terrível ameaça que já foi dirigida aos mortais, acha-se contida na mensagem do terceiro anjo. Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, sem mistura de misericórdia. Os homens não devem ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência contra tal pecado deve ser dada ao mundo antes da visitação dos juízos de Deus, a fim de que todos possam saber por que esses juízos são infligidos, e tenham oportunidade de escapar. A profecia declara que o primeiro anjo faria o anúncio a ‘toda a nação, e tribo, e língua, e povo’. A advertência do terceiro anjo, que faz parte da mesma tríplice mensagem, deve ser não menos difundida. É representada na profecia como sendo proclamada com grande voz, por um anjo voando pelo meio do céu; e se imporá à atenção do mundo.

“No desfecho desta controvérsia, toda a cristandade estará dividida em duas grandes classes — os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal. Se bem que a igreja e o Estado reúnam o seu poder a fim de obrigar ‘a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’, a receberem “o sinal da besta” (Apocalipse 13:16), o povo de Deus, no entanto, não o receberá. O profeta de Patmos contempla ‘os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número de seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, ... e o cântico do Cordeiro’. Apocalipse 15:2, 3” (WHITE, 2013, p. 391 e 392).

“Aqueles que sucumbirem à pressão aplicada por essa instituição receberão uma marca com o nome da besta na mão direita ou na frente (Ap 13:16). Todas as classes da sociedade recebem a ordem de aceitar a marca da besta. O recebimento dessa marca significa pertencimento e adoração à besta. Essa marca é a antítese do selo de Deus (Ap 14:1). Ao passo que o selamento significa a pre-

sença e a atuação do Espírito Santo no coração humano (Ef 1:13, 14; 4:30), a marca da besta consiste em uma contrafação da obra do Espírito Santo. Quem recebe a marca da besta entra para esse sistema religioso e o serve de coração e mente. Alguns de maneira voluntária, outros com relutância.

“O estabelecimento da marca na mão direita ou na frente evoca Deuteronômio 6:8, passagem na qual Moisés instruiu os israelitas a atar a lei de Deus como sinal na mão ou na testa. Os judeus entenderam essa ordem de forma literal, por isso usam filactérios para demonstrar que pertencem a Deus e Lhe obedecem (Beatrice S. Neall. "Os Santos Selados e a Grande Tribulação, em *Estudos Sobre Apocalipse* (ed.) Frank Holbrook, Série Santuário e Profecias Apocalípticas (Engenheiro Coelho, SP. Unaspres, 2017), v. 6. p. 293, 294). Isso sugere que a marca na testa tem que ver com a ação de imprimir a lei do Senhor na mente e na conduta de Seu povo. Em contraste, o recebimento da marca da besta na mão direita ou na frente representa a recusa em obedecer aos mandamentos de Deus – a troca da obediência divina pela obediência à besta.

“Apocalipse mostra que os quatro primeiros mandamentos do Decálogo – que dizem respeito ao relacionamento do indivíduo com Deus e à adoração – vão se tornar o padrão de lealdade a Deus na crise final. As atividades de Satanás no tempo do fim são retratadas no Apocalipse como um ataque bem planejado a esses quatro mandamentos.

“A exigência de adoração feita pela besta do mar (Ap 13:15) consiste em um ataque direto ao primeiro mandamento: ‘Não terás outros deuses diante de Mim’ (Ex 20:3).

“A besta da terra edifica uma imagem para a besta do mar ser adorada (Ap 13:14, 15), uma afronta direta ao segundo mandamento: ‘Não farás para ti imagem de escultura [...]. Não as adoras, nem lhes darás culto’ (Ex 20:4, 5).

“A blasfêmia da besta contra Deus (Ap 13:5, 6) representa um ataque ao terceiro mandamento: ‘Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão’ (Ex 20:7).

“Conforme explicado abaixo, a marca da besta (Ap 13:16, 17) ataca diretamente o quarto mandamento: ‘Lembra-te do dia de sábado, para o santificar’ (Ex 20:8).

“Apocalipse 14:6 a 12 indica claramente que o mandamento do sábado, em particular, será a grande prova da fidelidade e obediência de cada ser humano a Deus (William G. Johnsson. *The Saints' End-Time Victory Over the Forces of Evil*. em *Symposium on Revelation-Book 2*, ed. Frank B. Holbrook, Daniel and Revelation Committee Series (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), v. 7. p. 30). O apelo das três mensagens angélicas para adorar e obedecer ao Deus verdadeiro, em vez de adorar a besta e receber sua marca, ocorre no contexto do mandamento do sábado (Ap 14:7, 9). Na Bíblia, o sábado diz respeito à adoração adequada e a um relacionamento com Deus. Assim como o sábado é o sinal distintivo de obediência do povo fiel ao Senhor (cf. Ex 31:12-17; Ez 20:12, 20), a marca da besta é o sinal de obediência a ela. A característica distintiva da marca da besta é a substituição de mandamentos divinos por ordenanças humanas.

“A evidência óbvia dessa estratégia é o falso sábado instituído por seres humanos – o domingo, o primeiro dia da semana – em lugar do sétimo dia, o sábado. Contudo, observar o domingo em si não significa ter a marca da besta. A guarda do domingo somente se tornará a ‘marca da besta’ quando as pessoas tiverem uma compreensão clara das questões envolvidas na escolha de um dia de adoração. Esse tempo ainda é futuro, mas, no presente, os seguidores de Cristo não devem rotular nenhum indivíduo ou grupo como detentores da marca da besta. A observância do domingo hoje não torna ninguém perdido, assim como a guarda do sábado não faz de ninguém um cristão genuíno. Está chegando o dia, porém, em que todos os habitantes do mundo se posicionarão contra ou a favor de Deus” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 80-82).

“Será exaltada a falsa religião. O primeiro dia da semana, dia comum de trabalho, que não possui nenhuma santidade, será levantado como o foi a imagem em Babilônia. A todas as nações, e línguas e povos se ordenará que venerem esse dia de repouso espúrio. É este o plano de Satanás para invalidar o dia instituído por Deus e dado ao mundo como memorial da criação. O decreto impondo a veneração deste dia abrangerá o mundo todo (Mar [MM 1977], 212). De forma limitada, ele já foi promulgado. Em vários locais o poder civil está falando com a voz de um dragão, assim como o rei pagão falou aos cativos hebreus.

“Provações e perseguições sobrevirão a todos que, em obediência à Palavra de Deus, se recusarem a adorar esse falso dia de repouso. A força é o último recurso de toda falsa religião. A princípio é tentada a atração, como o rei de Babilônia tentou com o poder da música e da exibição exterior. Se essas atrações, inventadas por homens inspirados por Satanás, falhassem em fazer os homens adorar a imagem, as furiosas chamas da fornalha estavam prontas para consumi-los. Assim será hoje. O papado tem exercido seu poder para compelir os homens a lhe obedecer, e continuará a fazê-lo. Precisamos ter o mesmo espírito que foi manifesto pelos servos de Deus no conflito com o paganismo (ST, 06/05/1897)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1091).

“A pena de morte será a inexorável sentença a ‘todos os que não’ adorarem ‘a imagem da bêsta’ ou não concordarem com ela e com suas deliberações e decretos em matéria de doutrina. Antes de tudo, porém, a compulsão aos recalcitrantes será levada ao ponto de esbulhá-los de seus direitos civis e sociais; pois não poderão ‘comprar ou vender’ a menos que resolvam receber o sinal da bêsta que corresponde ao seu nome e ao número de seu nome. Em outras palavras, sob o regime estadunidense da ‘imagem da bêsta’, o cidadão norte-americano que por direito de consciência recusar o ‘sinal da bêsta’ — domingo — será boicotado, perdendo todos os direitos de cidadão. E, se persistir em sua deliberada recusa de acatar o ‘sinal da bêsta’, então a solução para o seu caso é uma só — a pena de morte. Nada mais do que isto é o que a profecia nos esclarece sobre este assunto” (MELLO, 1959, p. 393).

“Assim como Cristo foi odiado sem motivo, Seu povo também será odiado por ser obediente aos mandamentos de Deus. Se Aquele que era puro, santo e imaculado e que praticou só o bem em nosso mundo foi tratado como vil criminoso e condenado à morte, Seus discípulos só podem esperar tratamento semelhante, por mais irrepreensível que seja sua vida, e limpo, seu caráter. Decretos humanos e leis elaboradas por agentes satânicos, sob o pretexto de bondade e restrição ao mal, serão exaltados, enquanto os santos mandamentos de Deus são desprezados e calcados aos pés. Todos os que demonstram sua lealdade pela obediência à lei de Yahweh devem estar preparados para serem presos e levados perante conselhos que não adotam como norma a elevada e santa lei de Deus (Mar [MM 1977], 193)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1092).

“Poderes religiosos, aliados ao Céu por profissão, e declarando ter as características de um cordeiro, por seus atos mostrarão que têm o coração de dragão, e são instigados e dominados por Satanás. Está chegando o tempo em que o povo de Deus sentirá a mão da perseguição, por santificarem o sétimo dia. Satanás motivou a mudança do sábado na esperança de levar a efeito o seu propósito, para a derrota dos planos de Deus. Ele procura tornar os mandamentos de Deus de menor obrigatoriedade no mundo do que as leis humanas. O homem do pecado, que cuidou em mudar os tempos e a lei, e já oprimiu o povo de Deus, fará com que sejam feitas leis que imponham a observância do primeiro dia da semana. Mas o povo de Deus deve ficar firme a favor dEle. E o Senhor operará em Seu favor, mostrando claramente ser Ele o Deus dos deuses” (WHITE, 1949, p. 356).

“Em Apocalipse 13:11-18 são apresentadas algumas das forças que Satanás lançará contra o povo de Deus nos últimos dias: 1) Milagres enganosos realizados por diversas formas de espiritismo (Apoc. 13:13 e 14; II Tess. 2:9 e 10); 2) leis opressivas que imporão falsas crenças religiosas contrárias à Palavra de Deus, sob pena de boicote e morte (Apoc. 13:15-17); e 3) as ‘mulheres’ de Apoc. 14:4, que devem referir-se à coalizão de elementos religiosos – cristãos professos – que usarão de pressões e seduções para levar os santos a renunciarem a Deus e Seus mandamentos” (COFFMAN, 1989, p. 64).

“Por um decreto que visará impor uma instituição papal em contraposição à lei de Deus, a nação americana se divorciará por completo dos princípios da justiça. Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma das mãos ao poder romano e a outra ao espiritismo, quando por influência dessa tríplice aliança a América do Norte for induzida a repudiar todos os princípios de sua Constituição, que fizeram dela um governo protestante e republicano, e adotar medidas para a propagação dos erros e falsidades do papado, podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo.

“Como a aproximação dos exércitos romanos foi um sinal para os discípulos da iminente destruição de Jerusalém, assim essa apostasia será para nós um sinal de que o limite da paciência de

Deus está atingido, que as nações encheram a medida de sua iniquidade, e o anjo da graça está a ponto de dobrar as asas e partir desta Terra para não mais tornar. O povo de Deus entrará então num período de aflição e angústia que o profeta designa ‘o tempo da angústia em Jacó’. O clamor dos fiéis perseguidos se elevará até ao Céu. E como o sangue de Abel clamou a Deus desde o pó, assim haverá também vozes clamando desde a sepultura dos mártires, das profundezas do oceano, das cavernas dos montes e das masmorras dos conventos: ‘Até quando, ó Dominador, e santo verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra?’.

“O Senhor está fazendo Sua obra. Todo o Céu está em atividade. O Juiz de toda a Terra Se levantará em breve para vindicar Sua autoridade insultada. O sinal do libertamento será posto naqueles que guardam os mandamentos de Deus, reverenciam Sua lei e se recusam a aceitar o sinal da besta ou da sua imagem” (WHITE, 2008b, p. 141 e 142).

“Quando aprendermos o poder de Sua palavra, não seguiremos as sugestões de Satanás para obter alimento ou salvar a vida. Nossa única preocupação será: Qual é o mandamento de Deus? Qual Sua promessa? Sabendo isso, obedeceremos ao primeiro, e confiaremos na segunda. Na última grande batalha do conflito com Satanás, os que são leais a Deus hão de ser privados de todo apoio terreno. Por se recusarem a violar-Lhe a lei em obediência a poderes terrestres, ser-lhes-á proibido comprar ou vender. Será afinal decretada a morte deles. Apocalipse 13:11-17.

“Ao obediente, porém, é dada a promessa: ‘Este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas são certas’ Isaías 33:16. Por essa promessa viverão os filhos de Deus. Quando a Terra estiver assolada pela fome, serão alimentados. ‘Não serão envergonhados nos dias maus, e nos dias de fome se fartarão’. Salmos 37:19. Daquele tempo de angústia prediz o profeta Habacuque, e suas palavras exprimem a fé da igreja: ‘Portanto ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas; todavia eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação’. Habacuque 3:17, 18” (WHITE, 2007d, p. 90 e 91).

“O livro do Apocalipse trata do tema da marca da besta com uma seriedade impressionante e, quando fala daqueles que a recebem, usa a linguagem mais forte e ameaçadora que poderíamos imaginar. Se você quer tirar as dúvidas, leia as três mensagens angélicas (Apocalipse 14:6-12), especialmente a terceira. Segundo a revelação, os que receberem a marca da besta se perderão. O mais terrível é que a maioria das pessoas a receberá, a menos que saiba do que se trata e decida colocar-se ao lado de Deus, custe o que custar. Outro fato que se torna claro no Apocalipse, é que a humanidade se está dividindo rapidamente em dois grupos: aqueles que seguirão a besta e sua imagem e que receberão sua marca, e ‘os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus’. Deus o ajude a estar entre estes últimos, pois eles receberão a vida eterna” (BELVEDERE, 1987, p. 74).

“A alternativa à marca da besta é o selo de Deus (Apoc. 7:1-8; 14:1-5). O selo de Deus é colocado apenas sobre a testa dos fiéis. A ‘mão’ faz contraste com a ‘testa’ (Apoc. 13:16) e isso indica que algumas pessoas estarão aceitando mentalmente a legislação que apóia a marca da besta e outras não. Alguns irão aceitar as exigências por medo de represálias” (COFFMAN, 1989, p. 2).

“A mão tinha grande simbolismo no mundo antigo. Acreditava-se que com ela alguém podia conceder graça ou pronunciar punição. Além disso, a mão representava a autoridade da pessoa e era o instrumento pelo qual se levava a cabo as intenções de alguém. A mão direita, em particular, era especial por duas razões. Em primeiro lugar, porque a mão esquerda era universalmente usada para propósitos higiênicos e, portanto, era menos respeitada que sua contraparte. Em segundo lugar porque, uma vez que a maioria das pessoas era destra, a mão direita era tida como possuidora de força e capacidade superiores inatas.

“O status físico da mão direita conferiu-lhe importante significado metafórico, geralmente expressando bênção, companheirismo ou conforto. Certos atos de purificação ritual, assim como a ordenação do sacerdócio aarônico, envolviam a mão direita ou o lado direito. [...] A mão direita também era usada para fazer juramentos em assuntos jurídicos, uma vez que se acreditava que ela representava o caráter, a vontade e as ações do indivíduo que fazia o juramento. Na literatura, personificava o caráter e os atos de um rei ou de uma divindade, [...] enquanto na Bíblia hebraica repre-

sentava o poder e a provisão de Deus para seu povo” (BÍBLIA, 2013b, p. 1983).

“A testa representa a mente, com a qual servimos a Deus (Romanos 7:25). A mão é símbolo de trabalho (Eclesiastes 9:10). Os que aceitam o domingo intelectualmente receberão o sinal em sua mente, aqueles que trabalharem no sábado para não serem boicotados ou mortos, receberão o sinal em sua mão. A marca será imposta quando se decretar uma lei proibindo comprar ou vender àqueles que não tiverem a marca da besta: É lógico que quem viola o sábado na atualidade é culpado de violar a santa lei de Deus e, portanto, está em pecado (I São João 3:4). Aqueles que conscientemente aceitam a substituição do sábado pelo domingo se encontram em rebelião contra a lei divina, com a mesma responsabilidade que terão aqueles que receberem a marca da besta na crise final que precede o retorno de Cristo” (BELVEDERE, 1987, p. 76).

“Três fatores ligam a marca à besta do mar:

- Primeiro, uma vez que nos versos 12-15 as ações sempre se referem à besta da terra e a palavra besta sempre se refere à besta do mar, é natural presumir que o mesmo ocorra aqui.
- Segundo, o verso 15 fala da ‘imagem da besta’, e o verso 17 fala de uma ‘marca [...] da besta’. No grego, as duas frases são quase idênticas e têm objetos idênticos (‘besta’), o que sugere que ambas se referem à mesma entidade.
- Terceiro, seria estranho que o texto dissesse que a besta da terra forçou todos a receberem uma marca da besta da terra. Se João quisesse dizer que a marca estava associada à besta da terra, pareceria mais apropriado que ele tivesse dito que a besta da terra forçou todos a receberem sua marca.

“É natural, portanto, concluir que a expressão ‘marca da besta’ se refere à besta do mar, não à besta da terra” (MOORE, 2013, p.184 e 185).

“Apocalipse 13:16 diz que os ímpios podem receber a marca da besta na testa ou na mão. Isto é, eles podem receber a marca da besta por convicção (na mente), ou podem recebê-la por questão de conveniência (na mão), cedendo à pressão espiritual da besta embora não creiam no discurso dela. Por outro lado, as pessoas podem receber o selo de Deus apenas na testa. Ninguém pode servir a Deus meramente por conveniência.

“A condição espiritual daqueles que recebem o selo de Deus é descrita ainda em Apocalipse 14:4, 5: ‘São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. [...] e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula’. Obviamente, essas pessoas desenvolveram um relacionamento muito íntimo com Jesus. Entretanto, é muito claro no Apocalipse que aqueles que receberem a marca da besta estarão em total rebelião contra Deus. Essa é também uma condição profundamente espiritual, mas no sentido negativo.

“Contudo, embora seja fácil supor que todos aqueles que se rebelarem contra Deus durante o conflito final serão ateus e outras pessoas secularizadas que O negam abertamente, a mais enganosa forma de rebelião contra Deus é a que passa como sendo uma forma de servi-Lo. Jesus disse que, quando Ele voltar, muitas pessoas irão Lhe dizer: ‘Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade’ (Mt 7:22, 23).

“Por isso, sem dúvida muitos daqueles que receberão a marca da besta estarão se considerando como íntegros cristãos” (MOORE, 2013, p.188 e 189).

“**Comprar ou vender.** Esta medida severa será tomada como esforço para assegurar a submissão, mas não terá o efeito esperado (ver com. de Ap 14:1, 12). Sem dúvida, a medida envolverá um decreto de morte (ver com. de Ap 13:15). [...]”

“**O nome.** ‘Ou o nome’ (ARC). Evidências textuais (cf. p. xvi) apoiam a omissão do termo ‘ou’. Se omitida, a expressão ‘nome da besta’ pode ser considerada um aposto a ‘marca’. Desse modo, o trecho seria: ‘a marca, isto é, o nome da besta’. Isso sugeriria que a marca a qual João contemplou em visão era o nome da besta. Essa relação pode ser comparada com o selo de Deus, colocado na frente dos santos (Ap 7:2). Acerca destes. João afirmou mais tarde que ‘na frente escrito [...] o nome de de seu pai (Ap 14:1; comparar com Ap 14:11).

“No entanto, o termo ‘ou’ ocorre no manuscrito grego P⁴⁷, o mais antigo do Apocalipse a que se tem acesso. Se for o caso, as expressões ‘a marca’, ‘o nome da besta’ e ‘o número do seu

nome', ligadas por 'ou', podem indicar graus de filiação à besta ou à imagem. Deus condena qualquer uma dessas associações (Ap 14:9-11)" (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 910).

"A adoração é outro indicativo da condição espiritual daqueles que recebem a marca da besta. A adoração é um dos temas centrais de Apocalipse 13 e 14, e são descritos dois tipos: a verdadeira adoração a Deus e uma falsa adoração à besta do mar e sua imagem. Antes de interpretarmos a marca da besta, será útil examinar o que o Apocalipse diz sobre essa falsa adoração. [...] descobrimos um elo entre a falsa adoração e as atividades da besta da terra. Contudo, há uma diferença: enquanto a besta do mar aceita adoração, a besta da terra a *impõe*.

"Lemos sobre isso duas vezes na última metade de Apocalipse 13: 'Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada' (v. 12). 'E [...] foi dado [à besta da terra] comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta' (v. 15).

"Observe que a besta da terra 'faz com que a Terra e seus habitantes adorem a primeira besta'. Ela fazia 'morrer quantos não adorassem a imagem da [primeira] besta'. De alguma forma, a besta da terra forçará os seres humanos a adorar a besta do mar. Durante o período medieval do papado, a igreja fazia as leis e o Estado as impunha. Às vezes a igreja até desculpava o aprisionamento e execução de 'hereges' sob a alegação de que não era ela que punia esses indivíduos, mas o Estado (embora ela os entregasse ao Estado precisamente para serem punidos). Assim, durante o período medieval, o Estado era o braço de imposição da igreja.

"O Apocalipse prediz a mesma relação entre a igreja e o Estado para o tempo do fim: a besta da terra, que é uma entidade política, imporá a adoração à besta do mar, uma entidade religiosa. Porém, essa falsa adoração custará um preço terrível. Apocalipse 14:9-11 afirma: 'Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da Sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. [...] Não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome'.

"A mensagem do terceiro anjo é a mais solene advertência, registrada em qualquer parte da Bíblia, que Deus já tenha feito a seres humanos. Portanto, o que quer que seja essa 'marca da besta', é melhor que você e eu nos informemos sobre ela e façamos tudo o que está ao nosso alcance para evitá-la" (MOORE, 2013, p.189 e 190).

"Não vem muito distante o tempo em que, como os antigos discípulos, seremos forçados a buscar refúgio em lugares desolados e solitários. Como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos era o sinal de fuga para os cristãos judeus, assim o arrogar-se nossa nação o poder no decreto que torna obrigatório o dia de repouso papal será uma advertência para nós. Será então tempo de deixar as grandes cidades, passo preparatório ao sair das menores para lares retirados em lugares solitários entre as montanhas. E agora, em vez de buscarmos dispendiosas moradas aqui, devemos estar-nos preparando para mudar-nos para um país melhor, isto é, o celestial. Em vez de gastar nosso dinheiro em nos comprazer a nós mesmos, cumpre-nos estudar a maneira de economizar. Cada talento emprestado por Deus deve ser empregado para glória Sua, em proclamar a advertência ao mundo" (WHITE, 2008b, p. 155 e 156).

"É fácil ir a extremos nessa questão. Isto deve ser evitado. Jesus disse: 'Ocupai-vos até que Eu venha' (S. Luc. 19:13, KJV). Os cristãos devem continuar a ser fiéis em suas profissões seculares, aproveitar as oportunidades para obter boa educação, estabelecer o lar e criar os filhos no temor do Senhor. A melhor preparação que podem fazer para o conflito final é manter comunhão diária com Jesus por meio da oração e do estudo da Palavra de Deus (Apoc. 12:11). [...] Precisamos lembrar-nos também de que os conflitos acerca da liberdade religiosa podem prover oportunidades para que a Igreja dê testemunho da verdade" (COFFMAN, 1989, p. 53).

"No livro O Maior Discurso de Cristo [p. 105] novamente Ellen G. White comenta a profecia da destruição de Jerusalém e diz: 'A ruína de Jerusalém era um símbolo da ruína final que assolará o mundo. As profecias que tiveram seu parcial cumprimento na queda de Jerusalém, têm mais

direta aplicação aos derradeiros dias”. As profecias citadas por Jesus em Mateus 24 incluem a imposição da ‘abominação desoladora’, e esta profecia teve um cumprimento parcial quando os estandartes idólatricos dos romanos foram arvorados em Jerusalém. Ellen G. White diz que existe uma aplicação mais direta desta profecia para os últimos dias, quando haverá o ressurgimento do Império Romano papal e o estandarte idólatrico de Roma, o falso dia de repouso, será arvorado no seio da igreja cristã. Não pode existir uma abominação mais desoladora do que esta, a de se impor mundialmente o Domingo no lugar do santo sábado” (RAMOS, 2006, p. 254 e 255).

“A profecia que Ele proferiu era dupla em seu sentido: ao mesmo tempo em que prefigurava a destruição de Jerusalém, representava igualmente os terrores do último grande dia” (WHITE, 2013, p. 20).

“A destruição de Jerusalém constitui tremenda e solene advertência a todos os que estão tratando levianamente com os oferecimentos da graça divina e resistindo aos rogos da misericórdia de Deus. Jamais foi dado um testemunho mais decisivo do ódio ao pecado por parte de Deus, e do castigo certo que recairá sobre o culpado. A profecia do Salvador relativa aos juízos que deveriam cair sobre Jerusalém há de ter outro cumprimento, do qual aquela terrível desolação não foi senão tênue sombra. Na sorte da cidade escolhida podemos contemplar a condenação de um mundo que rejeitou a misericórdia de Deus e calcou a pés a Sua lei.

“Tenebrosos são os registros da miséria humana que a Terra tem testemunhado durante seus longos séculos de crime. Ao contemplá-los confrange-se o coração e o espírito desfalece. Terríveis têm sido os resultados da rejeição da autoridade do Céu. Entretanto, cena ainda mais tenebrosa se apresenta nas revelações do futuro. [...] Acautelem-se os homens para que não aconteça negligenciar a lição que lhes é comunicada pelas palavras de Cristo. Assim como Ele preveniu Seus discípulos quanto à destruição de Jerusalém, dando-lhes um sinal da ruína que se aproximava para que pudessem escapar, também advertiu o mundo quanto ao dia da destruição final, e lhes deu sinais de sua aproximação para que todos os que queiram, possam fugir da ira vindoura” (WHITE, 2013, p. 29 e 30).

“É evidente nestes comentários que Ellen G. White entendia que a imposição da ‘abominação desoladora’ da qual falou Daniel tinha uma aplicação dupla, aplicando-se de uma forma mais direta aos terrores dos últimos dias que virão em consequência da imposição do decreto dominical. Este é o verdadeiro estandarte idólatrico de Roma” (RAMOS, 2006, p. 256).

“John Cotton, de Massachusetts Bay Colony, declarou que a ‘tolerância religiosa tornou o mundo anticristão... Ele insistia que a perseguição não tem nada de errado em si mesma; ela é má quando a falsidade persegue a verdade, mas ela é um sagrado dever quando a verdade está perseguindo a falsidade (Warren L. Johns, Dateline Sunday, U.S.A (Mountain View, California: Pacific Press, 1967), p.2)” (RAMOS, 2006, p. 264).

O autor cita outros autores que descrevem perseguições desde o século 17, nos EUA, de evangélicos e suas leis dominicais católicas, contra sabatistas e outras pessoas que simplesmente não viam o domingo como dia santificado pelo Criador. A Cronologia “As origens da besta que emerge da terra, tem dois chifres como cordeiro, mas fala como dragão (Apocalipse 13:11-18)”, disponível em: <https://blogdoprofh.com/2021/09/12/as-origens-da-besta-que-emerge-da-terra-tem-dois-chifres-como-cordeiro-mas-fala-como-dragao-apocalipse-1311-18/>, acesso em: nov. 2021, traz detalhes históricos sobre essas perseguições, as quais retornarão - tanto as leis dominicais quanto as perseguições por elas causadas - e com intensidade no mínimo igual, de acordo com as profecias de Apocalipse 13, assim que o papado e os Estados Unidos fortalecerem suas relações, recriando num contexto moderno a diabólica união entre Igreja e Estado.

“A questão do sábado será o ponto controverso no grande conflito final em que o mundo inteiro desempenhará um papel (EF, 135). Os seres humanos têm honrado os princípios de Satanás acima dos princípios que governam os Céus. Eles aceitaram o dia repouso espúrio, que Satanás tem exaltado como sinal de sua autoridade. Mas Deus colocou Seu selo sobre esta Sua ordenança real. A instituição de cada um dos dias de repouso, tanto o verdadeiro quanto o falso, traz o nome de seu autor, um sinal indelével que mostra a autoridade de cada um deles. A grande decisão a ser feita agora por toda pessoa é se receberá a marca da besta e sua imagem ou o selo do Deus vivo e verda-

deiro (ST, 22/03/1910)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1092).

“Algumas pessoas podem objetar que o dia de guarda é uma questão simplória demais para ser a terrível ‘marca da besta’ do Apocalipse. Não necessariamente. O sábado é um dos Dez Mandamentos. Isso o torna muito *importante!* Além disso, os testes de obediência dados por Deus no passado sempre foram muito simples. Veja, por exemplo, o teste que Ele deu a nossos primeiros pais: “Não comam do fruto da árvore do bem e do mal” (veja Gn 2:17). Algumas pessoas podem argumentar que Deus certamente não teria rejeitado Adão e Eva por algo tão simples quanto comer um pedaço da fruta de determinada árvore. Mas se Deus tivesse dado a Adão e Eva algum teste muito difícil, como pular de um abismo, eles poderiam ter-se desculpado sob a alegação de que era um teste difícil demais. Foi a própria simplicidade do teste que o tornou tão eficiente.

“O teste para os três hebreus que enfrentaram o irritado Nabucodonosor também foi extremamente simples: apenas se curvem e adorem a imagem por alguns minutos. Os hebreus podiam ter-se abaixado para amarrar o cadarço de suas sandálias sem adorar a imagem. Mas a lealdade a Deus exigia que eles permanecessem de pé, eretos, para que todo mundo pudesse vê-los (veja Dn 3).

“Isso nos faz lembrar outra característica de testes semelhantes à marca da besta: eles geralmente envolvem um sinal exterior que tem *grande visibilidade pública*. Não houve dúvidas sobre a quem os três jovens escolheram obedecer. Toda a multidão – centenas e talvez milhares de pessoas – pôde vê-los de pé, eretos. Daniel podia ter deixado as janelas de sua casa fechadas quando foi ameaçado de morte por adorar ao Deus do Céu, mas abriu as janelas para que o mundo o visse de joelhos, cabeça curvada, voltado para Jerusalém. Durante os primeiros anos da história cristã, muitos dos mártires cristãos receberam um pouquinho de incenso e lhes foi ordenado que o atirassem no fogo em frente a um deus pagão, mas eles preferiram sacrificar a vida a desonrar o Deus do Céu. Todos esses testes tanto foram *extremamente simples como grandemente visíveis*.

“Por isso, a marca da besta também envolverá uma escolha que seja ao mesmo tempo *muito simples e altamente visível* – e a questão do sábado versus o domingo apresenta as duas características. É a própria simplicidade da questão e sua visibilidade que a torna uma candidata tão excelente para a marca da besta” (MOORE, 2013, p. 199 e 200).

“Deus criará uma situação na qual pessoas boas e muitas em posição de autoridade terão oportunidade de saber de fato o que é a verdade. Sendo que um povo não se ajoelhará diante da imagem nem receberá a marca da besta na fronte ou na mão, mas se colocará ao lado da verdade porque é a verdade, haverá opressão e uma tentativa de compelir a consciência. Mas aqueles que conhecem a verdade temerão ceder aos poderes das trevas. Deus tem um povo que não receberá a marca da besta na mão direita ou na fronte. [...]

“Não foi feita manobra nenhuma no sentido de exaltar o dia de repouso idolátrico, de reavivar a observância do domingo por meio de legislação, em que Satanás não estivesse por trás e não fosse o principal articulador. Mas a consciência não deve ser compelida nem para a observância do dia de repouso genuíno, pois Deus aceita apenas o serviço voluntário (RH, 15/04/1890)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1091).

“A observância do domingo não é ainda o sinal da besta, e não o será até que saia o decreto compelindo as pessoas a venerarem esse falso sábado. Chegará o tempo em que esse dia será a prova, mas esse tempo ainda não veio (EF, 224, 225)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1092).

13.18 Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis. Uma vez que Deus está revelando o futuro e dizendo através desta revelação profética o que vai acontecer e quem irá adorá-Lo e aqueles que O rejeitarão, aqui está o conhecimento que torna o ser humano preparado para tomar as decisões acertadas. E aquele que desejar exatamente isto, use a revelação profética, ou seja, a Bíblia, para perceber que a legislação dominical não é um mero erro de interpretação bíblica, mas um dos ápices do projeto de Satanás de dominação global com aparência de cristianismo e cuidado com o meio ambiente, o qual, em verdade, coloca a autoridade humana acima da autoridade divina. Deus é trino e Se revelou por meio dos profetas, e através deles entregou à humanidade os 10 Mandamentos, dentre os quais o sábado ocupa um lugar estratégico desde o primeiro sétimo dia do ciclo semanal ininter-

rupto: ou Deus é adorado como Criador e Legislador máximo, ou a criatura é adorada e O desdenha, e tratora a função do sétimo dia e Seu Fabricante. Satanás usará o romanismo, o falso protestantismo e o espiritualismo – uma contrafação da Trindade divina –, para confundir os que negligenciaram a revelação profética ao ponto de fazê-los adorar a criatura, receber a marca da rebeldia dominical em seu caráter e adorar o próprio adversário de Deus, o autor oculto da contrafação especiosa. O número 666, portanto, representa a sobreposição da vontade do ser humano, criado por Deus no 6º dia da primeira semana, através da supremacia da trindade satânica (romanismo, falso protestantismo e espiritualismo) contra o Criador trino que legislou o 7º dia daquela semana como sábado de descanso e memorial de Sua Criação.

“**Aqui está a sabedoria.** Comparar com a expressão: ‘Aqui está o sentido, que tem sabedoria’ (Ap 17:9). A sabedoria elogiada aqui é a mesma a que Paulo se refere (Ef 1:17). Somente mediante a iluminação divina os seres humanos podem compreender os mistérios da Palavra de Deus [...].

“**Entendimento.** Ou, ‘inteligência’. Aqueles que desejam saber o significado do número enigmático podem entender.

“**Calcule.** Ou, ‘conte’. Número da besta. É importante observar que a besta já foi identificada de maneira conclusiva (ver com. dos v. 1-10). O número proporciona evidências confirmatórias” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 910).

“*Lit. calcule o número da besta.* Trata-se do processo de gematria, que consiste em estabelecer correspondências entre as letras do alfabeto e os números: pode-se assim estabelecer o valor numérico de um nome e vice-versa” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2441 e 2442).

“Na Antiguidade, as letras do alfabeto serviam de números. Eram populares os enigmas que usavam equivalentes numéricos para nomes” (BÍBLIA, 2013, p. 2063).

“Chegamos afinal ao término da tragédia da bête-papal e de sua imagem protestante-estadunidense, tal como nos é apresentada na profecia do Apocalipse treze e confirmada pelos fatos históricos. O versículo dezoito dá-nos a prova suprema de que a ‘bête’ de que trata esta profecia, é evidentemente o papado romano. O versículo anterior refere que a ‘bête’ tem um nome e que seu nome encerra um número. Disto concordamos que para encontrarmos o seu número é imprescindível sabermos antecipadamente o seu nome.

“Ora, sendo que a ‘bête’ é um poder na terra e que o seu número é o número de um homem que a representa absoluto, é evidente que o seu nome deve ser um título representativo do seu poder empregado pelo referido homem e não o nome comum desse homem. Quer dizer ainda que esse homem, e a ‘bête’ que ele representa, pertencem a uma nacionalidade cujo sistema numeral é exemplificado não em caracteres matemáticos árabes, mas em letras do seu próprio idioma. É assim que o número do seu nome é encontrado nas letras do seu nome” (MELLO, 1959, p. 399).

“Exatamente o que constitui o número da besta é um assunto entendido até aqui apenas obscuramente. O certo é que este número da besta é um número que tem algo que ver mais com coisas humanas do que com divinas, mais com este mundo do que com o mundo por vir, mais com a Terra do que com o céu, mais com a velha Babilônia do que com a Nova Jerusalém, mais com o homem do pecado do que com o Homem da Justiça. [...]

“Quando Deus criou o mundo, Ele o criou em seis dias. Estes eram dias de trabalho. O período pelo qual este mundo de pecado tem de passar é um período de seis mil anos [de acordo com algumas citações de Ellen G. White, citações mais gerais e metafóricas do que específicas e literais]. [...]

“Como o número seis é um número tão intimamente relacionado com a criação da Terra e a duração do mundo em sua forma atual, concebe-se que este número seja um número adotado por aquele que se constituiria ‘príncipe deste mundo’ como se fosse seu número próprio, sendo usado por ele e pelos poderes que o representam como um símbolo de seu controle” (THIELE; BERG, 1960, p. 267 e 268).

“Desde os primórdios do cristianismo, há grande discussão quanto ao significado de 666.

Um dos primeiros a escrever sobre o assunto foi Irineu (c. 130-202 d.C.). Ele identificou a besta como o anticristo e acreditava que o valor numérico das letras de seu nome somaria 666. Sugeriu que o nome *Teitan*, às vezes considerado divino, era uma grande probabilidade. Também sugeriu, embora de maneira menos provável, o nome *lateinos* [mais na frente outro autor detalhará esse título]. Este seria o último dos quatro reinos que Daniel viu. Ao mesmo tempo advertiu: ‘Portanto, é mais garantido e menos perigoso aguardar o cumprimento da profecia do que fazer suposições e especular possíveis nomes, uma vez que muitos nomes se encaixam no número mencionado’ (Contra Heresias, v. 30.3; ANF, vol. 1, p. 559)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 911).

“**Número de homem.** A besta representa uma organização humana” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 911).

“Este número místico representa um sistema, antes que um homem. O dragão, ou a serpente, – o paganismo – deu à besta ‘o seu poder, e o seu trono, e grande poderio’. Apoc. 13:2. O paganismo é, em grande medida, uma religião de culto à Natureza, ao Sol e à Lua, estes como divindades preeminentes; o Sol, geralmente divindade masculina, e a Lua feminina. Na mitologia antiga, a serpente era universalmente o símbolo do Sol. O culto ao Sol e o culto à serpente começaram lado a lado, sendo o Sol considerado como a fonte de toda *vida física* e a serpente de toda *vida espiritual*.

“A serpente, entretanto, não era seguramente fonte de vida espiritual, pois a Bíblia declara que a serpente foi a *enganadora* da humanidade, roubando ao homem sua *vida espiritual*. Esculápio, antigo deus da Medicina, era algumas vezes representado por uma serpente enroscada em torno do tronco de uma árvore morta, símbolo de restauração da vida. [...]

“Os antigos declaravam que Deus opera por matemática. Sua religião era um conglomerado de religião, astrologia, alquimia, ciência física e mental e matemática. A antiga astrologia dividia o céu estrelado em 36 constelações. Estas eram representadas por diferentes amuletos chamados ‘*Sigilla Solis*, ou selo do Sol. Esses amuletos eram usados pelos sacerdotes pagãos, e continham todos os números de 1 a 36. Por meio dessas figuras, eles diziam poder prever acontecimentos futuros. Tais amuletos eram usualmente feitos de ouro, visto ser o amarelo a cor solar. Para serem conduzidos, eles eram envolvidos em seda amarela. supondo-se que o portador recebia desse modo os benéficos poderes que se criam emanar dessa jóia” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 143 e 144).

“O número seis, sessenta, seiscentos, e seus múltiplos eram usados preeminentemente na antiga Babilônia. Entre os babilônios não era usado somente o sistema sexagesimal. Sessenta era o número usado como símbolo do supremo deus no panteão. Este, durante os primeiros tempos, era Anu de Marduk. Mais tarde quando Marduk ou Bel de Babilônia usurpou o primeiro lugar no panteão, foi-lhe dado o número maior. Outros números mais baixos – 50, 40, 30, 20 e 10 – eram usados para os deuses mais próximos da importância da tríade babilônica. Seis era o número mais baixo usado para um deus, enquanto que seiscentos compreendia a totalidade dos deuses ou espíritos do mundo inferior e superior, o Igigi e o Anunnaki.

“O número seis e seus múltiplos tornaram-se por causa disto preeminentes na ciência e na astrologia babilônica e dali se transportaram até os nossos dias. Desta maneira havia sessenta segundos num minuto e sessenta minutos numa hora, com doze horas no dia e doze meses no ano. O círculo da Terra e do sol foi dividido em trezentos e sessenta graus. A significação completa do número seiscentos e sessenta e seis não é entendido perfeitamente na atualidade, mas há indicação suficiente de que é um número intimamente ligado ao simbolismo místico da religião da Babilônia primitiva” (THIELE; BERG, 1960, p. 268).

“Nas profecias do Apocalipse, o papado e o protestantismo são apresentados como a moderna Babilônia espiritual. Na antiga Babilônia das margens do rio Eufrates, o número 666 era o signo do antigo ‘deus do sol’, principal deus do paganismo. A ciência astrológica pagã dividiu o céu estrelado em 36 constelações, cujos números foram arranjados num quadro (como dado abaixo), e usado como um selo ou amuleto pelos sacerdotes pagãos e devotos do deus sol:

1	32	34	3	35	6
30	8	27	28	11	7
20	24	15	16	13	23
19	17	21	22	18	14
10	26	12	9	29	25
31	4	2	33	5	36

Fonte: Mello (1959, p. 403), Thele e Berg (1960, p. 269) e Anderson e Trezza (1988, p. 145).

“Somadas estas colunas numéricas horizontal ou verticalmente, dão seis vêzes o número 111, que, somados por sua vez, perfazem o número 666. Êste foi o número sagrado do ‘deus sol’ e constitui a sua identificação. O paganismo romano dos Césares não foi mais que uma sucessão do paganismo Babilônio e Roma-papal não é mais que uma sucessão de Roma-pagã, pelo que através desta sucessão está ligada à velha Babilônia e seu culto idolátrico solar” (MELLO, 1959, p. 403).

“Depois que o império babilônico caiu, todo o sistema de mitologia egípcia e babilônica foi transferido para Pérgamo, na Ásia Menor. (Ver mapa, cap. 3.) Não admira que o Senhor, escrevendo à igreja de Pérgamo, disse: ‘Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás’. Apoc. 2.13. O corrupto sistema de idolatria pelo qual a igreja se afastou da fé, é chamado por Paulo ‘o mistério da iniquidade’ (11 Tes. 2:7), e por João ‘Mistério, a grande Babilônia’. Apoc.17:5. Operando já nos dias de Paulo, a plena revelação desta apostasia estava ainda no futuro. Os mistérios babilônicos, sempre envolvidos em segredos, desde os mais antigos tempos têm desafiado a verdade de Deus. Paulo fala a respeito de ‘infrutíferas obras das trevas’, das quais ele afirma ser ‘vergonha até falar’, praticando-as eles em segredo. (Ver Êfes. 5:11 e 12.) [...]

“Este deus-mistério, mencionado por Plutarco como ‘o deus oculto’ (*De Iside et Osiride*, vol. 2, pág. 354), e por outros como ‘sistema oculto’, foi adorado sob o nome de ‘Saturno’, que significa ‘mentir em oculto’. Em caldaico ou aramaico a pronúncia é ‘S-T-U-R’. Chambers, em seu livro *Book of Days*, fala do ‘festival de São Satur, o mártir’. Este ‘sistema oculto’ de vergonha e apostasia invadiu a igreja, nos primeiros séculos, deixando o seu rasto de corrupção em cada sucessiva geração. O verdadeiro Deus não é ‘oculto’; Ele está revelado em Jesus Cristo. Vejamos agora o significado das letras que formam o nome S T U R:

S – 200

T – 60

U – 400

R – 6

666

‘O Deus Oculto de Babilônia’ (Língua Aramaica).

“Quando este sistema foi estabelecido em Roma, a ‘cidade das sete colinas’, a Itália se tornou a terra de mistérios ocultos, e foi por séculos conhecida como ‘Terra Saturnia’, ou Terra de Mistério. Saturno era identificado também como Jano, o Grande Mediador e Abridor e Fechador. E os sumos sacerdotes do paganismo eram investidos com as chaves de Jano e Cibele. [...]

“Quando a igreja cristã começou, a simplicidade da mensagem apostólica fazia estranho contraste com o elaborado sistema dos mistérios pagãos. Que um pecador pudesse ir diretamente à presença de Deus e encontrar salvação sem a mediação de todo um sistema de sacerdotes e de encantamentos, parecia bom demais para ser verdade. Esta simples mensagem produzia pureza de vida. Os homens eram diferentes; agiam de modo diferente; havia gozo e paz que não podiam ser negados.

“Paulo falou do ‘mistério da piedade’ (1 Tim. 3:16) que envolveu a encarnação de nosso Senhor, Sua vida incontaminada, Sua ascensão e ministério ante o trono da Divindade. Que contraste com o ‘mistério da iniquidade’! 11 Tess. 2:7. Separados do evangelho de Cristo, os homens não podem alcançar a vitória sobre o pecado. A mensagem cristã era um chamado para fora das trevas de todo o sistema de mistérios pagãos. ‘Não tenhais comunhão com as obras infrutíferas das trevas’,

escreveu Paulo, pois o só falar das coisas que faziam em segredo era uma vergonha. (Efés. 5:11 e 12.) E isto era real e tragicamente verdadeiro. Os mistérios secretos eram muitas vezes um disfarce para degradante imoralidade.

“Os apóstolos, prevendo que o sistema pagão corromperia a simplicidade do evangelho, advertiram os líderes das igrejas. Mas pouco a pouco, a despeito de suas advertências, a igreja sofreu uma ‘apostasia’ (II Tess. 2:3), e o paganismo se estabeleceu do modo mais completo na igreja apostatada. Esse ramo do cristianismo, pelo menos, não se tornou a ‘filha de Sião’, como a antiga igreja de Deus foi chamada, mas a ‘filha do paganismo’, com sua sede em Roma. Todas as vestimentas do paganismo tornaram-se parte do assim chamado sistema cristão.

“As chaves de S. Pedro, por exemplo, encontradas no brasão de armas do papa e usadas por ele – cabeça do sistema – não são as chaves de S. Pedro, mas o equivalente moderno das chaves pagãs de Jano e Cibele. Muitas das festividades da igreja são pagãs, como, por exemplo, o festival de São Satur, o mártir, realizado no dia 29 de março. Ver R. Chambers, *The Book of Days*, vol. 1, pág. 435. Uma das orações da liturgia da missa é: ‘Deus oculto e meu Salvador, tem misericórdia de nós’ – W. MacGavin, *The protestant*, vol. 2, pág. 79. Saturno era o ‘deus oculto’ do paganismo. Não admira que Deus chame a esse sistema ‘Mistério, a Grande Babilônia’. Apoc. 17:5. [...]

“A *linguagem sagrada* dessa igreja tem sido por séculos, mediante decreto, não o grego ou o hebraico, mas o latim. Quando o papa fala *ex-cathedra*, fala em latim. Até recentemente, a missa era dita em latim, unicamente. A antiga palavra grega para designar a pessoa de ‘fala latina’ é *lateinos*, que desde priscas eras tem sido reconhecido como o nome indicado em Apoc. 13:18. E. B. Elliott, em sua *Horae Apocalypticae*, diz: ‘Mas o que responde de modo completo aos reclamos do enigma sagrado, e que eu creio, portanto, plenamente, ser o que o Espírito tinha em vista, é a solução de Irineu, *Lateinos*.’ – Vol. 3, pág. 233. (A letra ‘E’ é em geral omitida na forma moderna de pronúncia da palavra, mas autoridades como Irineu, Hipólito, André e outros, Pronunciam-na como apresentamos aqui.) Este título tem também o mesmo significado numérico no grego” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 146-149).

Na obra supracitada, aparecem as associações:

LATEINOS (grego) = 30 + 1 + 300 + 5 + 10 + 50 + 70 + 200 = 666 --> Pessoa de “fala latina” ou igreja latina.

HĒ LATINĒ BASILEIA (grego) = 0 + 8 + 30 + 1 + 300 + 10 + 50 + 8 + 2 + 1 + 200 + 10 + 30 + 5 + 10 + 1 = 666 --> “O Reino Latino”.

“Como já foi mencionado, a Itália foi, por longo tempo, conhecida como a ‘Terra do Mistério’, ou ‘Terra Saturnia’. Quando o ramo italiano da igreja cristã abriu caminho para a supremacia e procurou controlar a igreja universal, ou católica, tornou-se então a Igreja Católica *Romana*, ou igreja da Itália. E é significativo que este nome em grego – *EKKLĒSIA ITALIKA* – ‘Igreja Italiana’ também dá 666” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 149).

“Era assim natural que, como a Babilônia das profecias, também tivesse Roma-papal como número de identificação de sua supremacia o mesmo número 666 do ‘deus sol’ da velha Babilônia. Deste modo o deus do antigo paganismo babilônico, o ‘sol’, e o deus do moderno cristianismo pagano, o papa, identificam-se pelo mesmo número 666. E os Estados Unidos, quando transformados em ‘imagem da bêsta’, passarão irrefragável e definitivamente, para a órbita de Babilônia através de sua união com o papado e receberão dêste o seu sinal, o domingo, primitivo sinal do ‘deus sol’ de Babilônia, para impô-lo pela força da lei e ameaças de morte a seus súditos” (MELLO, 1959, p. 403).

“É certamente significativo que, ao longo dos séculos que se sucederam, desde a antiga Babilônia até a Babilônia moderna, o poder que tem corrompido a verdade de Deus está marcado com o número 666! Quando Babilônia é mencionada na Palavra de Deus, o número 6 é estranhamente posto em evidência.

“A imagem de Nabucodonosor, por exemplo, tinha 60 cúbitos de altura por 6 de largura. E havia 6 diferentes instrumentos musicais em sua ‘orquestra’ quando os hebreus leais recusaram adorar aquele símbolo da grandeza de Babilônia. Daniel 3.

“No capítulo 4, a ‘árvore’ que representava o poder babilônico é mencionada justamente 6

vezes.

“Belsazar recebeu sua condenação enquanto louvava os deuses de ‘ouro’, ‘prata’, ‘cobre’, ‘ferro’, ‘madeira’ e ‘pedra’ – 6 ao todo. Dan. 5:4.

“No Apocalipse, o nome Babilônia ocorre exatamente 6 vezes.

“No desafio de Lúcifer a Deus, o pronome ‘eu’ ou ‘meu’ é usado 6 vezes. Isa. 14:13 e 14.

“Também na história da construção da torre de Babel ou Babilônia [...] o pronome ‘nós’ (expresso ou elíptico) ocorre 6 vezes exatamente.

“Antigamente, os judeus acreditavam que havia uma ‘condenação em relação ao número 6, mesmo quando aparecia sozinho. Triplicando-o... obtereis três misteriosos seis em seguida um ao outro, 666; e temos representado um poder maligno que não pode ser superado, um destino trágico que não pode ser pior.” – William Milligan, em *The Expositor's Bible*, vol. 6, pág. 890.

“Para o judeu, o 6 era um número de intranquilidade, ou número do homem, que foi criado no sexto dia; o 7 era o número da perfeição; e o 8 o número da vitória. Se um número era triplo (repetido 3 vezes) ele indicava eternidade da coisa simbolizada; por exemplo 666 significa *eterna inquietude* ausência de repouso; 777, *eterna perfeição*; 888, *eterna vitória*.

“Assim, *he phren*, ‘a mente natural’ – 8, 500, 100, 8, 50 – (o valor das letras gregas) é igual a 666, número de eterna inquietude. (É o que se encontra na experiência do rei Salomão, pois sua renda anual era de 666 talentos de ouro, uma renda fabulosa, mas insatisfatória para o seu coração! Ver I Reis 10:14; Ecles. 2:8-11, 17).

“*Stauros*, a ‘cruz’ – 6, 1, 400, 100, 70, 200 – dá 777, número de eterna perfeição. Isto foi o que o apóstolo encontrou. Ver Gál. 6:14.

“*Iesous*, o nome divinamente dado a Jesus – 10, 8, 200, 70, 400, 200 – é igual a 888, número de eterna vitória!

“O fato de o número papal identificar-se com o número sagrado do antigo deus-Sol pagão, é significativo. Contra o sistema de engano, Deus não nos tem falado numa linguagem incerta. Ele o chama ‘Babilônia’, ou ‘confusão’. E Sua mensagem hoje é: ‘Saí dela, povo Meu.’ Apoc.18:1-4” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 151 e 152).

“Desde a época de Irineu, 666 foi aplicado a diversos nomes. O número, por si só, não é suficiente para identificar a besta, uma vez que vários nomes podem prover a soma 666. No entanto, como a besta já foi identificada, o número 666 deve se relacionar com esse poder. Do contrário, não haveria motivo para o anjo dar a João a informação do v. 18 nesse momento da narrativa profética.

“Uma interpretação que ganhou força no período subsequente à Reforma é que 666 significa *Vicarius Filii Dei*, expressão que significa ‘Substituto do Filho de Deus’, título que seria atribuído ao papa. O valor numérico das letras que compõem o título soma 666. Essa interpretação se baseia na identificação do papa como o anticristo, um conceito histórico da Reforma. O principal expoente desta visão foi Andreas Helwig (c. 1572-1643; ver L. E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 2, p. 605-608). Muitos, desde então, adotaram a interpretação. Este Comentário identifica a besta como o papado; mas, ao mesmo tempo, reconhece, que o número 666 deve ter mais implicações do que o indicado por essa interpretação popular.

“A respeito do título *Vicarius Filii Dei*, o jornal católico *Our Sunday Visitor*, de 18 de abril de 1915, escreveu em resposta à pergunta ‘Que letras estão na coroa do papa e qual significado elas têm?’: ‘As letras inscritas na mitra do papa são estas: *Vicarius Filii Dei*, que é a expressão latina para ‘Vicário do Filho de Deus’. Os católicos acreditam que a Igreja, uma sociedade visível, deve ter uma cabeça visível’ (p. 3).

“A edição de 15 de novembro de 1914 admitiu que os algarismos latinos somavam um total de 666, mas prosseguiu afirmando que muitos outros nomes também resultam no mesmo total. A edição de 3 de agosto de 1941 abordou mais uma vez a questão do *Vicarius Filii Dei*, mas para afirmar que o título não se encontra inscrito na tiara do papa. Asseverou que a tiara não trazia inscrição nenhuma (p. 7). A *Catholic Encyclopedia* faz distinção entre a mitra e a tiara, caracterizando a tiara como um ornamento não litúrgico, e a mitra, como um acessório usado para funções litúrgicas.

“O fato de *Vicarius Filii Dei* estar ou não na tiara ou na mitra não é essencial, já que o título é aplicado ao papa” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 911).

“O número da besta, diz a profecia, ‘é número de homem’. Se deve ser originário de um nome ou título, é natural concluir que este deve ser o nome ou título de alguma pessoa especial ou representativa. A expressão mais plausível que a nosso ver sugere o número da besta, é um dos títulos aplicados ao papa de Roma. Esse título é o seguinte: *Vicarius Filii Dei*, ‘Vigário do Filho de Deus’. É digno de nota que a versão da Bíblia de Douay traz o seguinte comentário sobre Apocalipse 13:18: ‘As letras numéricas do seu nome compõem este número’. Tirando desse título as letras usadas como numerais romanos temos: V, 5; i, 1; C, 100; i, 1; U (antigamente, V), 5; i, 1; D, 500; i, 1. Somando estes números temos 666.

“Tem-se argumentado que o título dos papas devia ser considerado de acordo com o valor que os gregos atribuíam às letras, visto que João escreveu em grego, mas como título aparece em latim, e o latim é a língua oficial da Igreja de Roma e também da Vulgata, a Bíblia adotada por ela, considerar os valores do alfabeto grego anularia o valor numérico daquele título escrito em sua própria língua. O razoável é que o título em latim revele seus valores numéricos em latim e não em grego.

“Quanto à prática de representar os nomes por números, lemos: ‘Era um método praticado entre os antigos o de representar os nomes por números’. – Matthew Henry, *Commentary*, vol. III, pág. 1065, Comments on Revelation 13:18. Representar números por letras do alfabeto deu origem à prática entre os antigos de representar nomes também por números. Exemplos disso existem em quantidades nos escritos de gentios, judeus e cristãos’. – Adam Clark, *Commentary on the New Testament* vol. II, pág. 1025, Comments on Revelation 13:18. [...]

“Este título, *Vicarius Filii Dei*, ou outra forma equivalente, tem aparecido durante séculos com tanta freqüência na literatura e rituais católicos romanos que quase não seria preciso acrescentar outras provas de sua validade e importância. Outras variações do título são: Vigário de Cristo, Vigário de Jesus Cristo, Vigário de Deus.

“Uma citação do Cardeal Manning, ilustra as várias formas desse título: ‘De igual modo dizem agora: ‘Vejam esta Igreja Católica, esta igreja de Deus, insignificante e fraca, rejeitada pelas próprias nações chamadas católicas. Existe França católica, Alemanha católica e Itália católica permitindo essa desacreditada invenção do poder temporal do *Vigário de Jesus Cristo*’. Então porque a Igreja parece fraca, e o *Vigário do Filho de Deus* está revivendo a Paixão de seu Mestre sobre a Terra, somos caluniados e desviamos dele o nosso rosto’. – Cardeal Manning, *The Temporal Power of the Vicar of Jesus Christ*, págs. 140, 141 (grifo acrescentado). [...]

“Acerca da importância da posição ocupada pelo papa de acordo com o título que consideramos, ou seus equivalentes, citamos a J. A. Wylie, em seu comentário da Apologia de Enodio, escrita em defesa do papa Símaco: ‘Encontramos que o concílio [de Roma, em 502, ou 503] convocado por Teodorico tardava a investigação das acusações contra o papa Símaco, pelas razões apresentadas por seu defensor Enodio, a saber, ‘que o papa, como Vigário de Deus, era juiz de todos, e não podia ser julgado, ele próprio por ninguém’. Esta era a apologia – observa Mosheim – o leitor perceberá que haviam sido lançados os fundamentos daquele enorme poder que os papas de Roma adquiriram mais tarde’. – J. A. Wylie, *The Papacy*, 35 e 36.

“Em anos recentes a validade deste título tem sido questionada, mas permanecem evidências históricas de que ele serviu para apoiar a autoridade dos papas ao construírem eles sua vasta supremacia temporal durante o apogeu do romanismo na Idade Média e para manter sua autoridade espiritual até hoje. O título específico *Vicarius Filii Dei* apareceu por volta dos anos 752-774 num documento histórico conhecido como ‘Doação de Constantino’. Embora mais tarde tenha sido provado que este documento foi escrito por outra pessoa e assinado com o nome de Constantino, o Grande, para dar-lhe o peso da autoridade real, de acordo com um costume nos tempos medievais, ainda assim a chamada Doação de Constantino foi usada como válida por pelo menos nove papas num período de sete séculos para estabelecer a supremacia espiritual ou temporal dos bispos de Roma.

“O próprio título é uma invenção para designar a posição de Pedro como o primeiro papa em harmonia com a bem conhecida pretensão da Igreja Católica Romana de que as palavras de Jesus registradas em Mateus 16:18, 19, conferiram a Pedro o primeiro bispado da igreja – ponto de vista que os protestantes jamais aceitaram – e que o bispado passou a seus sucessores no trono papal,

como está declarado na Doação de Constantino e é mantido pela igreja até hoje (Cristóvão Coleman, *Constantine the Great and Christianity*, pág. 178).

“O documento empregando o título foi confirmado por um concílio de igreja, diz Binius, alto dignitário católico romano de Cologne, citado por Labbé e Cossart (*Sacrosancta Concilia*, vol. 1, col. 1.539-1.541).

“Foi incorporado na lei canônica católica romana por Grassiano, e quando esta última obra foi revisada e publicada, com o endosso do Papa Gregório XIII, o título foi conservado. (*Corpus Juris Canonici*, Lyons, 1622).

“Quando Lucius Ferraris escreveu sua esmerada obra teológica em 1755, deu sob o artigo ‘Papa’ o título *Vicarius Filii Dei* e citou a lei canônica revisada como autoridade. Novamente quando a obra de Ferraris foi revisada, ampliada e publicada em Roma em 1890, o documento e título ainda foram conservados (Lucius Ferraris, *Prompta Bibliotheca*, [Roma, 1890] vol. VI, pág. 43).

“Acerca da obra teológica de Ferraris, citada acima, a *Catholic Encyclopedia* diz que ‘permanecerá sempre como preciosa mina de informação’ (*Catholic Encyclopedia*, 1913, vol. VI, pág. 49, art. ‘Ferraris’).

“Citamos em continuação o texto em latim do documento Doação de Constantino: ‘*Ut sicut Beatus Petrus in terris Vicarius Filii Dei fuit constitutus, ita et Pontifices eius sucessores in terris principatus potestatem amplius, quam terrenae imperialis nostrae serenitatis mansuetudo habere videtur*’.

“Cristóvão Coleman traduz este parágrafo da lei canônica de Grassiano como segue: ‘Como se vê que o bem-aventurado Pedro foi constituído Vigário do Filho de Deus na Terra, assim também os pontífices que são os representantes daquele mesmo príncipe dos apóstolos, devem obter de nós e de nosso império de poder de uma supremacia maior que a clemência de nossa serenidade terrestre’. – Cristóvão B. Coleman, *The Treatise of Lorenzo Valla on the Donation of Constantine*, pág. 13.

“Uma tradução livre do Professor Edwin Lee Johnson, professor de latim e grego na Universidade Vanderbilt reza: ‘Assim como o bem-aventurado Pedro foi nomeado sobre a Terra Vigário do Filho de Deus, semelhantemente os pontífices, seus sucessores, mantêm sobre a Terra o governo principal mais do que Sua Serena Alteza Imperial’” (SMITH, 1979, p. 239-242).

“Visto que a besta é o papado medieval, renovado nos últimos dias, não é desarrazoado supor que o número seria proveniente de um dos títulos dados ao papa na Idade Média. Um desses títulos era, de fato, *Vicarius Filii Dei*, e a forjada Doação de Constantino foi um documento medieval que usou esse título. (Ver Henry Bettenson, ed., *Documents of the Christian Church* [Londres: Oxford University Press, 1943 e 1963], pág. 138)” (COFFMAN, 1989, p. 52).

“O ‘nome da bêsta’ e o ‘número do seu nome’, testificam que a bêsta desta profecia é indiscutivelmente o papado-romano. Também fica comprovado que o ‘sinal da bêsta’ que a ‘sua imagem’, os Estados Unidos, imporá por lei no devido tempo, é o sinal do poder papal, que como já vimos amplamente, é o domingo. Dêste modo a ‘imagem da bêsta’, obrigando a aceitação e observância do ‘sinal da bêsta’, o domingo, a todos obriga, direta ou indiretamente, a reconhecer a autoridade da bêsta, ou do papado, como substituto do Filho de Deus. A estas culminâncias chegará o apóstata protestantismo estadunidense ao consorciar-se com o Estado numa ‘imagem da bêsta’” (MELLO, 1959, p. 402).

“Os comentaristas que pensam que a besta é Nero, dizem que as letras NERON, no hebraico, alcançam a soma 666. Mas parece um tanto arbitrário chamar Nero de NERON, pois este não era o seu nome, ou então ‘somá-lo’ em hebraico, idioma que ele não falava. [...]

“Se, conforme tivemos oportunidade de ver, a besta semelhante a leopardo é um símbolo do cristianismo romano visto pelo seu pior aspecto, então o número 666 deve aplicar-se, de alguma forma, à Igreja Romana. O número é o número de um homem, diz o nosso texto; e em Daniel 7 a Igreja Romana é caracterizada como um chifre em que havia ‘olhos, como os de homem, e urna boca que falava com insolência’. O texto de II Tessalonicenses 2:3 fala do ‘homem da iniquidade’. O idioma oficial da Igreja Católica é o latim. O papa, na teologia católica, representa a igreja inteira. Um dos títulos papais, diz-se, é *Vicarius Filii Dei*, ou seja, ‘Vigário do Filho de Deus’.

“Aqui pode estar o verdadeiro significado de 666. Entretanto, uma vez que (a) existe alguma

incerteza quanto ao status oficial desse título e (b) a Bíblia na verdade não afirma que 666 deve ser calculado com base no valor numérico das letras de um nome, será bom que examinemos outras possibilidades. [...]

“O mais destacado número do Apocalipse é sete. Existem sete igrejas, sete trombetas, e assim por diante. Sete é também o número do sábado de Deus, o sétimo dia da semana, o dia escolhido por Ele para fazer-nos lembrar dAquele ‘que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas’. Apocalipse 14:7. Os santos de Deus do tempo do fim adoram o Criador e guardam os Seus mandamentos. Eles devem ser o povo do sétimo dia. Assim, sete é um número que honra a Deus.

“O número 666 é um número ‘de homem’. O grego original pode ser apropriadamente traduzido como ‘o número de *um* homem’ ou como ‘o número do homem [da humanidade]’. O sexto dia, ou sexta-feira, é o dia em que o homem foi criado. Porventura seria o caso de o número 666 representar, com o seu triplo 6, o homem que focaliza a si próprio, a sua própria forma de fazer as coisas e sua própria criatividade – tal como o rei babilônico, Nabucodonosor, exaltando-se em sua própria atividade e desafiando ou negligenciando a verdadeira fonte de toda a criatividade? Veja Daniel 4:30.

“Em contraste, a coroa da criação repousa sobre o sétimo dia, quando Deus Se deleitou em Suas próprias obras (Êxodo 31:17) e convidou o homem a participar de Sua alegria (Isaías 58:13 e 14) – quando Deus descansa (Gênesis 2:2) e convida o homem a entrar em Seu divino descanso (Hebreus 4:10). [...]

“Seis é um número legítimo quando ele conduz ao número sete; representa o homem no alvorecer de sua existência, entrando em celebração com o poder criativo de Deus. A glória da criatura é correta se ela conduzir à glória do Criador. Seiscentos e sessenta e seis, contudo, representa a recusa do homem em avançar para o número sete, de dar glória a Deus como Criador e Redentor. Representa a fixação do homem em si mesmo, o homem procurando glória em si próprio e em suas próprias criações. Esse número fala da plenitude da criação e do poder criativo sem Deus – a prática da ausência de Deus. Ele demonstra que o homem não-regenerado é persistentemente mau.

“A besta de Apocalipse 1.3 representa o homem no exercício de sua soberania apartado de Deus, o homem conforme a imagem da besta, em vez do homem à imagem de Deus. O homem que se afasta de Deus torna-se bestial, demoníaco. [...] A marca da besta é, portanto, a rejeição da soberania de Deus – o princípio do sábado que foi designado para incentivar o homem a buscar a dignidade, não em si mesmo ou na Natureza, mas na comunhão com Deus e na participação do descanso de Deus.

“É o sábado que distingue entre a criatura e o Criador, que revela quem merece adoração e quem não a merece. É o sábado que demonstra a soberania de Deus e a dependência do homem. Seiscentos e sessenta e seis, por contraste, é o símbolo da adoração à criatura, em lugar do Criador’ (Neill, *Character in the Apocalypse*, págs. 153-155, a qual dá o crédito para algumas de suas ideias a Herman Hockiema e Hans LaRondelle).

“Vista sob este ângulo, a observância compulsória do domingo, desafiadoramente ligada à determinação de adorar a Deus a nosso próprio modo, constitui a marca da besta! A despeito (a) do ministério de Cristo em nosso favor no santuário celestial, nesses dias do tempo do fim, e (b) dos Dez Mandamentos que se encontram a Seu lado na arca do testemunho” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 430-433).

Referências:

ANDERSON, Roy A; TREZZA, Carlos A. **Revelações do apocalipse**. Tradução de Carlos A. Trezza. 1ª edição revisada. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGSvt5h81TkGtG2mfcwW7wPZk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

BÍBLIA, Apocalipse. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, p. 2042-2076, 2013.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudos Andrews**. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição, revista e ampliada**. 8ª impressão. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA, Hebreus. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, p. 1980-1999, 2013.

CAVALCANTI, Diogo; SILVA, Guilherme; DIAS, Fernando. Apocalipse, Revelações de Esperança. **Guia de Estudo Bíblico**, 2018. Disponível em: <<https://downloads.adventistas.org/pt/ministerio-pessoal/estudos-biblicos/estudos-biblicos-apocalipse-revelacoes-de-esperanca/>>. Acesso em: nov. 2020.

COFFMAN, Carl. **Triunfo no Presente e Glória no Futuro**. Lição da Escola Sabatina, 3º Trimestre de 1989, nº 375, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

ECUMÊNICA, BÍBLIA Tradução. TEB. **São Paulo: Loyola**, 1994.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

GULLEY, Norman R. Preparação para o Tempo do fim. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 404, 3º trimestre, 1996. Adultos, Aluno.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELLMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

MOORE, Marvin; LIRA, Rosangela. **Apocalipse 13**: leis dominicais, boicotes econômicos, decretos de morte, perseguição religiosa – isso poderia realmente acontecer? Tradução: Rosangela Lira. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

NICHOL, Francis D. (Ed.). **Comentários sobre Apocalipse**: the seventh-day Adventist bible commentary. Tradução de Valério Silva Fortes; Revisão de Rosângela Rocha. 5 ed., v. 2. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia-IAE, 1988.

NICHOL, Francis D. DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Série Logos, v. 7. - 1. Ed. - Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Társis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

RAMOS, Samuel. **As Revelações do Apocalipse**, v. 2, 2006.

ROSSI, Rafael; BARBOSA, Wellington Vedovello. Apocalipse, o fim revelado. Guia de Estudo Bíblico, 2012. Disponível em: <https://evangelismo.s3.amazonaws.com/estudos_Apocalipse_ofimrevelado.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

SILVA, Hendrickson Rogers Melo da. **O Juízo**. 2011. Disponível em:

<<https://blogdoprofh.com/2018/11/03/livro-o-juizo/>>. Acesso em: ago. 2021.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

STEFANOVIC, Ranko; NASCIMENTO, Cecília Eller. **O Apocalipse de João**: desvendando o último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen Gold. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen Gold. **Medicina e Salvação**, 2008a. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Medicina%20e%20Salva%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: jul. 2021.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**, 2007c. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Desejado%20de%20Todas%20as%20Na%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

WHITE, Ellen Gold. **Primeiros Escritos**, 2007a. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em: set. 2021.

WHITE, Ellen Gold. **Profetas e Reis**, 2007b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Profetas%20e%20Reis.pdf>>. Acesso em: set. 2021.

WHITE, Ellen Gold. **Testemunhos Seletos**, v. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%201.pdf>>. Acesso em: set. 2021.

WHITE, Ellen Gold. **Testemunhos Seletos**, v. 2, 2008b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%202.pdf>>. Acesso em: nov. 2021.

WHITE, Ellen Gold. **Testemunhos Seletos**, v. 3, 1949. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%203.pdf>>. Acesso em: nov. 2021.

Apocalipse 14

Ap Texto (ARA, 3ª ed) *Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo*

14.1 Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na frente escrito o seu nome e o nome de seu Pai.

Eu, João, vi o Senhor Jesus vitorioso, na Nova Jerusalém que se encontra no Céu, e ao lado Dele a última geração dos salvos (e outros de outras gerações?), os quais venceram a religião pseudocristã e demais fantoches do pai da mentira. Esses justos se pareciam com o Senhor Jesus e Deus o Pai, pois venceram o inimigo de Deus com o Seu poder e, devido a justiça divina imputada por Deus sobre eles, pois assim desejaram e cooperaram com o Salvador, eram propriedade do Fabricante e resplandeciam as características Dele em seu caráter e estilo de vida.

“O Apocalipse mostra que o engano de Satanás no tempo do fim será tão bem-sucedido que o mundo escolherá adorar a besta e receber sua marca. Contudo, Apocalipse 14:1-5 revela que Deus terá Seu remanescente, os que se posicionarão ao lado do Senhor quando a maioria do mundo fizer o contrário” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 75).

“O capítulo 13 focaliza o lado do dragão, ao passo que o 14 se concentra no lado do remanescente no conflito final descrito em 12:17” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“O capítulo 14 é a resposta divina para as bestas do capítulo 13. Fala da vitória de Deus e Seus escolhidos” (RAMOS, 2006, p. 278).

“No capítulo anterior, vimos o perseguidor com suas características bem distintas. Agora, vemos os que são perseguidos, e as características distintas dos verdadeiros adoradores de Deus” (FEYERABEND, 2005, p. 121).

“Agora, em Apocalipse 14:1-13, entre o doloroso episódio relacionado com a besta semelhante a cordeiro (13:11-18) e a dramática segunda vinda do Filho do homem nas nuvens do Céu (14:14-20), encontramos mais um interlúdio destinado a prover encorajamento e iluminação no tempo do fim. Três anjos anunciam ao mundo as últimas mensagens de esperança e condenação (14:6-12); e os 144 mil aparecem novamente (14:1-5), desta vez sobre o Monte Sião, profeticamente recobertos de glória e vitória, tais como de fato serão, uma vez terminado o dramático conflito” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 359 e 360).

“A compreensão do significado deste capítulo ficará prejudicada, a menos que o estudemos em relação com os capítulos 12 e 13” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 165).

“O capítulo quatorze é dentre todos o mais importante do Apocalipse. Num lance ligeiro d’olhos constatamos que sua mensagem divide-se em três partes principais: Os 144.000 na glória, a tríplice mensagem angélica e a intervenção do céu na terra” (MELLO, 1959, p. 405).

“Em Apocalipse 14 João emprega uma figura de linguagem em que ele antecipa certos acontecimentos. Encontramos aqui uma estrutura proléptica, na qual primeiro é descrito o grupo dos 144 mil (versos 1-5), para então serem mencionadas as três mensagens angélicas responsáveis pela origem deste grupo (versos 6-12). Tanto a proclamação das mensagens quanto a formação do grupo são descritas como ocorrendo no período final da história humana, que antecede a segunda vinda de Cristo e o juízo final (versos 14-20)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 51).

“Uma característica admirável da palavra profética é que nela o povo de Deus nunca é levado a posições de prova e dificuldade e aí abandonado. Levando-os a cenas de perigo, a voz da profecia não cessa aí, deixando-os a aguardar o seu destino em dúvida, talvez em desespero, quanto ao

resultado final, mas leva-os até ao fim e mostra-lhes a saída em cada conflito. Os primeiros cinco versículos de Apocalipse 14 são um exemplo disto.

“O capítulo 13 terminou apresentando o povo de Deus, um grupo pequeno e aparentemente fraco e indefeso, em conflito moral com os mais fortes poderes da Terra, que o dragão consegue mobilizar para o seu serviço. Um decreto é publicado, pelo poder supremo do país, mandando que adorem a besta e recebam a sua marca, sob pena de morte se recusarem cumpri-lo. Que pode o povo de Deus fazer em tal conflito e em tal extremidade? Que será feito dele? Olhemos com o apóstolo para a cena que se segue no programa e que vemos? O mesmo grupo no Monte Sião com o Cordeiro – um grupo vitorioso, tocando em harmoniosas harpas o seu triunfo na corte do Céu” (SMITH, 1979, p. 244 e 245).

“Não contemplamos agora os poderes opressores da Terra, mas o grupo vitorioso em companhia do Cordeiro sobre o Monte de Sião. Que contraste! O ‘nome de seu Pai’, não o sinal da besta, está escrito em ‘suas testas’. Eles são um grupo especial, o mesmo grupo que notamos no capítulo 7. Na abertura desta profecia, este grupo estava ainda na Terra cercado por inimigos, mas pronto para ser selado com o selo do Deus vivo. Foram congregados de todas as nações. No capítulo 14, o mesmo grupo é visto com Cristo” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 165).

“Apocalipse 7 retrata os 144.000 na Terra, antes de sua severa provação e da destruição do mundo. Apocalipse 14 os apresenta com Cristo no Céu, depois dos acontecimentos finais da história terrestre” (COFFMAN, 1989, p. 58).

Gulley (1996, p. 4) crê num consolo metafórico e não que os 144.000 já se encontrem literalmente no Céu, nesse verso. “Durante o tempo da angústia, estão tão seguros como já estivessem no Céu com seu Senhor”.

“Ter o selo com o nome de Deus na frente significa que Ele é o dono dos salvos (Ap 14:1)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 54). Confira *Apocalipse – Possibilidades*, o capítulo 7 versos do 1 ao 3: <https://blogdoprofh.com/2019/05/04/apocalipse-possibilidades-capitulo-7>.

“Os 144.000 são primeiramente introduzidos em Apocalipse 7 em resposta à pergunta do Sexto Selo em Apocalipse 6:17 ‘*Porque é vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?*’ Devemos ter em mente que o Sexto Selo começa em Apocalipse 6:12 e se estende até Apocalipse 7:17. O contexto do Sexto Selo é o Julgamento dos Vivos, a segunda fase do Juízo Investigativo, justo antes da abertura do Sétimo Selo (Apoc. 8:1-5), que revela o momento do fechamento da porta da graça. [...] Apocalipse 7:1-8 aponta para os 144.000 dizendo que eles subsistirão porque foram selados pelo Selo do Deus Vivo” (RAMOS, 2006, p. 282 e 283).

“Em que Monte Sião viu João este grupo? No Monte Sião celeste, porque a voz dos harpistas, sem dúvida proferida por estes mesmos, é ouvida do céu. O mesmo Sião onde o Senhor fala ao Seu povo em íntima relação com a vinda do Filho do homem (Joel 3:16; Heb. 12:26-28; Apoc. 16:17). Aceitar o fato de que há um Monte Sião no Céu e uma Jerusalém celeste, seria um antídoto poderoso para a falsa doutrina de um segundo tempo de graça e um milênio de paz na Terra” (SMITH, 1979, p. 245).

“O cap. 14 dá sequência ao tema anterior. Os 144 mil são retratados (Ap 14:1-5) com o Cordeiro no monte Sião, para indicar seu triunfo sobre a besta e sua imagem (Ap 13:11-18). Anteriormente, João os vira sofrendo a prova mais severa, sendo excluídos e condenados, como se dignos de morte. Mas, na hora mais sombria, eles foram livrados e, assim, estão com o Cordeiro em segurança” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 913).

“Sendo a Jerusalém terrenal uma figura da Jerusalém celestial, compreendemos a realidade de que esta denomina-se também ‘Sião’ e de que tem um monte chamado ‘Monte de Sião’. Dois profetas esclarecem-nos isto precisamente: ‘E o Senhor bramará de Sião, e dará a Sua voz de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão; mas o Senhor será o refúgio do seu povo, e a fortaleza dos filhos de Israel’ (Jl 3.16). ‘E vós sabereis que Eu sou o Senhor vosso Deus, que habito em Sião, o monte da minha santidade; e Jerusalém será santidade; estranhos não passarão mais por ela’ (Jl 3.17). ‘E a lua se envergonhará, e o sol se confundirá, quando o Senhor dos Exércitos reinar no Monte de Sião e em Jerusalém; e então perante os Seus anciãos haverá glória’ (Is 24.23).

“Corroborando com Joel e Isaías, citados, escreveu S. Paulo: ‘Mas chegastes ao Monte de

Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos' (Hb 12.22). Assim não há dúvida de que êstes inspirados homens de Deus referiram-se à Nova Jerusalém como a Sião Celestial e atestaram que nela há um monte chamado 'Monte de Sião'. Agora compreendemos que, no 'Monte de Sião', na Jerusalém celestial, está o santuário do qual Jesus é Sumo sacerdote. Assim era na Jerusalém terrestre e assim deve ser na Jerusalém celeste" (MELLO, 1959, p. 406).

"O monte Sião é citado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento como o trono peculiar de Deus, e, aos olhos de Israel, famoso pela beleza do orvalho matinal (Salmo 133:3). É em Sião que Deus habita (Salmo 9:11). E do monte Sião, por Ele amado (Salmo 78:68), que vem a salvação (Salmo 14:7). É sobre o 'monte santo de Sião' que Deus declarou o filho como Rei quando disse: 'Tu és Meu Filho, Eu, hoje, Te gerei' (Salmo 2:6 e 7). E para Sião que 'os resgatados do Senhor voltarão e virão. ... com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará a sua cabeça' (Isaías 35:10). É a Jerusalém celestial com sua incontável hoste de anjos (Hebreus 12:22-24)" (FEYERABEND, 2005, p. 121).

"No AT, o monte Sião foi, a princípio, a fortaleza da cidade pré-israelita de Jerusalém (ver 2Sm 5.6,7; ver também nota em 2Sm 5.6). Mais tarde, veio a ser quase um sinônimo de Jerusalém (ver 'Jerusalém', em Jr 4). Em Apocalipse, como em Hb 12.22-24, trata-se da Jerusalém celestial, a eterna habitação de Deus e de seu povo (ver 'Zafom, Olimpo, Sinai e Sião: o monte de Deus', em SI 48)" (BÍBLIA, 2013, p. 2063).

"Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial'. Heb. 12:22. Com os salvos de todas as épocas, os 144.000 estarão no Céu, 'diante do trono de Deus ... no Seu santuário' (Apoc. 7:15), imediatamente após a segunda vinda de Jesus. No livro do Apocalipse, o templo ou santuário está sempre no Céu. (Ver cap. 11:19; 15:5.)" (COFFMAN, 1989, p. 57). O autor claramente acredita que a "grande multidão" de Apocalipse 7.9-17 coincide com os 144.000, pois cita Ap 7.15 o qual descreve o primeiro grupo e não os 144.000.

"Comparando as palavras de Apocalipse 14:1 ('tendo nas frentes escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai') com as do capítulo 7:3 ('Até selarmos em suas frentes os servos do nosso Deus'), chegamos à conclusão de que os 144.000 permitiram que Deus desenvolvesse Seu belo caráter na vida deles. 'Seus seguidores devem levar, como credenciais perante o mundo, os indelévels característicos de Seus princípios morais' – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 37" (GULLEY, 1996, Lição 9, p. 5)

"**'Monte Sião'** é um termo que por vezes foi usado nos tempos do Antigo Testamento como nome cerimonial para Jerusalém e seu templo. Veja, por exemplo, Salmo 48:1 e 2; Obadias 17. No Apocalipse, 'Monte Sião serve como nome para a Nova Jerusalém e o trono de Deus. Os 144 mil que, aqui em Apocalipse 14:1 a 5, se encontram em pé, são homens e mulheres, meninos e meninas que permaneceram inamovíveis em sua lealdade a Deus" (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 360).

"Sinônimo de Jerusalém; alusão a Jl 2:32. **cento [...] mil**. Com base em Jl 2:32, pode-se dizer que este grupo é o mesmo que 'os restantes' de Ap 12:14" (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

"Cremos que os 144.000 vistos aqui sobre o Monte Sião são os santos que em Apocalipse 13 nos foram apresentados como objetos da ira da besta e de sua imagem" (SMITH, 1979, p. 244 e 245).

Como sabemos se é o mesmo grupo ou não? No cap. 13, alguns morreriam antes do decreto de morte (cf. Ap 20.4), pois seriam perseguidos, v. 16 e 17. Ou seja, se morreram, então os grupos não podem ser os mesmos, a menos que entre os 144.000 existam ressuscitados. Esse bom debate já foi realizado no capítulo 7, mas no início deste capítulo continuamos a obter mais informações. Observe o verso 4 também, mais abaixo.

"O selamento dos 144.000 (Apoc. 7:2-4) é um tema central no Apocalipse. Eles devem revelar Jesus ao mundo justo antes e logo após o fechamento da porta da graça sendo a expressão e a vindicação do caráter de Deus (Ezeq. 39:27). Eles têm o nome de Jesus e do Pai escritos na testa, significando a restauração e fixação do caráter de Jesus neles" (RAMOS, 2006, p. 281).

"**O Seu nome e o nome de Seu Pai**. Evidências textuais [...] apoiam esta variante. Os 144 mil recebem 'na frente' (Ap 7:3). Portanto, há uma relação direta entre o selo e o nome divino. O

selo que João viu tinha o nome do Pai e do Filho. Os selos antigos continham o nome daquele que o autenticava (ver exemplos de inscrições nesses selos, no com. de Ap 7:2). Aplicados aos 144 mil, os nomes representam: propriedade, os 144 mil pertencem a Deus; e caráter, os 144 mil refletem perfeitamente a imagem de Jesus. Por sua vez, a marca e o nome da besta estão também associados (Ap 13:17)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 913).

“Eles têm o nome do Pai na sua fronte. No capítulo 7 diz-se que têm o selo de Deus na sua fronte. Assim, é-nos dada uma chave importante para compreender o que é o selo de Deus, porque imediatamente percebemos que o Pai considera o Seu nome como o Seu selo. É, portanto, o selo da Lei aquele mandamento da Lei que contém o nome de Deus. O mandamento do sábado é o único que contém o título descritivo que distingue o verdadeiro Deus de todos os deuses falsos. Onde quer que Ele estivesse, aí estava o nome do Pai (Deut. 12:5, 14, 18, 21; 14:23; 16:2, 6, etc.). Portanto, todo o que guarda este mandamento tem, por conseguinte, o selo do Deus vivo” (SMITH, 1979, p. 245 e 246).

“O nome de Deus, o Seu caráter, é revelado por Sua obra criativa e redentiva, da qual o sábado é um sinal (Êxo. 31:13). Quem recebe a concessão do caráter de Cristo como um dom do Espírito Santo guarda o sábado como o grande memorial da sua vitória espiritual em Cristo” (GULLEY, 1996, Lição 9, p. 5).

Os dois parágrafos anteriores fazem sentido apenas durante os eventos de Ap 13, e não antes.

“O nome de — Deus Criador — contido no mandamento do sábado é também aplicado ao Filho de Deus visto que Êle também é Deus e Criador dos céus e da terra. Assim, terão os 144.000 em suas testas o nome do Cordeiro e o nome do Pai, que aliás é o mesmo do selo de Deus — Deus Criador — nome que Os distingue dos falsos deuses” (MELLO, 1959, p. 407).

““Quem responde à voz do Espírito, aceitando a Cristo como seu Salvador e Senhor e faz Sua vontade conforme revelada nas Escrituras, recebe o selo de Deus do tempo do fim. Quem aceita o controle dos demônios em sua vida, dá as costas a Cristo, rejeita Sua lei e recebe a marca da besta” (GULLEY, 1996, Lição 9, p. 1).

14.2 Ouvei uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem a sua harpa. Também escutei, vindas do Céu, uma voz imponente que eu a comparo como o som de muitas águas e o som de um estrondoso trovão; e juntamente com essa voz, eu escutei o maravilhoso som de músicas.

14.3 Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. Era um coral de salvos que louvava a Deus pelo livramento extraordinário que Ele lhes concedera; O louvavam perante Seu trono, com as quatro criaturas divinas e os vinte e quatro sacerdotes humanos assistindo a essa apresentação! A última geração de salvos (e outros de outras gerações?) estavam cantando de sua experiência singular, de muita perseguição, mas também de muito livramento dado por Deus e Seus anjos! A vida desses justos, a história deles era um louvor extraordinário aos ouvidos do Senhor Deus, Aquele que os havia separado aqui na Terra, no meio de tanto pecado e mentiras.

“O apóstolo João ouve música celestial quando os remidos e os anjos se reúnem para juntos começarem a eternidade” (COFFMAN, 1989, p. 60).

“Alguns entendem que os harpistas e os cantores mencionados aqui não são os 144 mil, mas os anjos, os quais cantam uma mensagem que somente os 144 mil são capazes de entender. No entanto, os 144 mil são retratados com harpas, cantando (Ap 15:2, 3). Por isso, pode ser que seja aos

144 mil que se faz alusão aqui. [...]

“O som que João ouviu era semelhante ao de harpistas. Ele não deve ter visto os instrumentos sendo tocados, por isso é cauteloso ao fazer a identificação [...]

“**Entoavam.** Literalmente, ‘entoa’. A narrativa é feita em tom dramático, no tempo presente” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 913).

“Enquanto observa, João é cativado pelos sons do cântico. É como o rolar de muitas águas, ou a voz de uma grande multidão. Quarenta e seis vezes, no Apocalipse, ouvem-se vozes, e são quase sempre vozes de vitória. Não é apenas um cântico de vitória; é também um cântico de experiência. Somente os que passaram pelo tempo de angústia, que permaneceram firmes pela verdade de Deus quando todo o mundo se maravilhava após a besta, e que testemunharam os terríveis efeitos das sete últimas pragas, poderão unir-se neste cântico especial.

“Este é um *novo* cântico, pois registra uma *nova* experiência. É majestoso e sublime, embora doce e suave – o mais maravilhoso cântico no Céu ou na Terra, ‘como quando o harpista tange a sua harpa’. Somente os que experimentaram plena salvação podem aprender esse cântico” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 166).

“Há um dia que está justamente a irromper sobre nós, quando se verão os mistérios de Deus, e todos os Seus caminhos serão vindicados; quando a justiça, a misericórdia e o amor serão os atributos de Seu trono. Quando findar o conflito terreno, e os santos forem recolhidos para o lar, nosso primeiro tema será o cântico de Moisés, o servo de Deus.

“O segundo tema será o cântico do Cordeiro, o hino de graça e redenção. Esse hino será mais alto, mais elevado, e, em mais sublimes acentos, ecoando e reecoando pelas cortes celestes. Assim é entoado o cântico da providência de Deus, ligando as várias dispensações; pois tudo agora é visto sem véu entre o que é legal, o que é profético, e o evangelho.

“A história da igreja na Terra e a igreja remida no Céu, tudo se centraliza na cruz do Calvário. Eis o tema, eis o cântico — Cristo é tudo em todos — em antífonas de louvor a ressoarem através do Céu, entoadas por milhares e dezenas de milhares, e uma incontável multidão das hostes dos remidos. Todos se unem nesse cântico de Moisés e do Cordeiro. É novo cântico, pois nunca dantes fora cantado no Céu” (WHITE, 2008a, p. 361 e 362).

“Este cântico é chamado de cântico de Moisés e cântico do Cordeiro (Apocalipse 15:3). O cântico de Moisés em Êxodo 15 é um cântico de livramento. O cântico dos 144 mil é um cântico de livramento. Ninguém mais pode juntar-se a eles, pois nenhum outro grupo de pessoas haverá passado por experiência como a deles. Este cântico não pôde ser cantado até que o Cordeiro foi morto. Os anjos não puderam unir suas vozes neste cântico dos remidos, pois Cristo não morreu pelos pecados deles” (FEYERABEND, 2005, p. 122).

Sobre a *redenção dos anjos que pecaram*, o autor de “Apocalipse – Possibilidades” escreveu “O Plano da Redenção para os Anjos”, um livreto de 2012 que pode ser estudado através deste link: <https://blogdoprofh.com/2018/11/04/livro-o-plano-da-redencao-para-os-anjos-2/>.

“O novo cântico dos 144.000 está bem esclarecido no capítulo quinze. Consta de duas partes distintas: O cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro. Ninguém senão os 144.000, em toda a eternidade, poderá aprender este novo cântico. Pois será o cântico que expressará uma experiência pela qual jamais alguém terá passado em tempo algum além deles. E isto prova que todos os 144.000 terão idêntica experiência em um tempo único, definido, e uma única causa como motivo para entoarem no ‘Monte de Sião’ o novo cântico especial. E o tempo e a causa da grande experiência pela qual passarão diz-nos com acerto o versículo dois do capítulo quinze” (MELLO, 1595, p. 407 e 408).

“A experiência é de natureza tão pessoal que somente aqueles que passam por ela são capazes de apreciar seu significado. Para eles, o cântico é uma síntese abrangente das experiências que

vivenciaram nas etapas finais do grande conflito.

“**Comprados.** Do gr. *agorazō*, ‘comprar’, ‘adquirir’ (ver Ap 3:18; 18:11). Os salvos são descritos como ‘compraste para Deus’ (Ap 5:9) e ‘redimidos dentre os homens’ (Ap 14:4; comparar com Rm 3:24; 1Co 6:20)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 913).

“E levados para um lugar celestial, quer literalmente após a segunda vinda, quer na esfera espiritual, durante a crise final de 12:17 (ver Ef 2:6)” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

White (2007, p. 63), a mesma autora que sugeriu a possibilidade de entre os 144.000 existirem salvos ressurretos (cf. o capítulo 7), menciona este versículo, Ap 14.3, no sentido de os “*redimidos/comprados dentre os homens*” serem, de fato, os justos vivos que serão trasladados assim como Enoque, e não os salvos que ressuscitarão. Ela diz:

“Pela fé Enoque ‘foi trasladado para não ver a morte, [...] visto como antes da sua transladação alcançou testemunho de que agradara a Deus’. Hebreus 11:5. Em meio de um mundo condenado à destruição por sua iniquidade, viveu Enoque uma vida de tão íntima comunhão com Deus que não lhe foi permitido cair sob o poder da morte. O caráter piedoso deste profeta representa o estado de santidade que deve ser alcançado por aqueles que hão de ser ‘comprados da Terra’ (Apocalipse 14:3), por ocasião do segundo advento de Cristo. Então, como no mundo antes do dilúvio, a iniquidade prevalecerá.

“Seguindo os impulsos de seu coração corrompido e os ensinamentos de uma filosofia enganadora, os homens rebelaram-se contra a autoridade do Céu. Mas, como Enoque, o povo de Deus procurará pureza de coração, e conformidade com Sua vontade, até que reflitam a semelhança de Cristo.

“Como Enoque, advertirão o mundo da segunda vinda do Senhor, e dos juízos que cairão sobre os transgressores; e pela sua santa conversação e exemplo condenarão os pecados dos ímpios.

“Assim como Enoque foi trasladado para o Céu antes da destruição do mundo pela água, assim os justos vivos serão trasladados da Terra antes da destruição desta pelo fogo. Diz o apóstolo: ‘Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta’. 1 Coríntios 15:51, 52.

“Porque o mesmo Senhor descera do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; ‘a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.’ ‘Os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras”. 1 Tessalonicenses 4:16-18”.

- 14.4 São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro;
- Esses justos não tinham as crenças falsas, inventadas pelo pseudocristianismo e suas filiais; eles haviam atendido aos ensinamentos da Palavra de Deus e permaneceram leais no meio de sua geração, a qual aceitava a teologia fraudulenta e impunha o ensinamento deturpado. Esses justos ficaram ao lado do Senhor Jesus aqui na Terra, mesmo sendo acusados pelos que rejeitavam a Bíblia de serem hereges e rebeldes contra Deus. Mas esses justos seguiram a Palavra de Deus com retidão, revelando assim que foram separados por Deus no meio de seus contemporâneos desobedientes; eram como os primeiros frutos da grande colheita de Deus, e foram ofertados para Ele e o Senhor Jesus!

“Como um retrato do exército de Deus pronto para a guerra santa (ver ‘*Herem*, guerra santa’, ISm 15), os 144 mil assemelham-se às tropas de Israel que se guardavam das mulheres, priorizando a batalha (cf. Dt 23.10; ISm 21.5; 2Sm 11.11). Apocalipse também retrata a humanidade não arrependida como uma prostituta (Ap 17.1-5) e os fiéis a Cristo como uma noiva (19.7; 21.2,9). Os 144 mil recusaram-se a cometer imoralidade com a Babilônia” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“**Macularam.** Do gr. *molunō*, ‘manchar’, ‘sujar’ coisas como a consciência (1Co 8:7) ou roupas (Ap 3:4). A referência, neste caso, é figurada e trata da mácula trazida por relações ilícitas. O tempo verbal do grego se refere à ação de um ponto ou período específico, certamente o momento

em que a união dos elementos religiosos, simboliza dos por ‘mulheres’, exercerá forte pressão sobre os santos, a fim de que renunciem a lealdade a Deus e a Seus mandamentos, para se unir à besta (ver com. de Ap 16:14; 17:2, 6).

“Qualquer concessão implicaria uma mácula. Então, em pé [,] vitoriosos sobre o monte Sião, os santos são elogiados por sua fidelidade (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 914).

“São espiritualmente ‘sem mancha’ [‘Estes são os que não se mancharam’, A Bíblia Para Todos] porque rejeitaram a contrafação de Satanás” (BATTISTONE, 1989, p. 102).

“A figura da mulher é usada com frequência nas Escrituras para representar a igreja. Uma mulher pura simboliza a igreja verdadeira, e uma mulher imoral, a igreja apóstata (ver com. de Ap 12:1). A igreja de Roma e várias igrejas apóstatas que seguem seus passos são simbolizadas por uma mulher impura e suas filhas (ver com. Ap 17:1-5). Sem dúvida, é a essas igrejas que o profeta se refere aqui” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 914).

“... as ‘mulheres’ de Apoc. 14:4, ... devem referir-se à coalizão de elementos religiosos – cristãos professos – que usarão de pressões e seduções para levar os santos a renunciarem a Deus e Seus mandamentos” (COFFMAN, 1989, p. 64).

“O termo ‘mulheres’ não é termo literal da inspiração, mas profético ou simbólico de igrejas, como temos nos capítulos doze e dezessete. [...] uma vez desligados das igrejas corrompidas, eles serão “virgens”, pois agora pertencem à verdadeira fé do evangelho” (MELLO, 1959, p. 408).

“Eles não se ‘macularam com mulheres’ (verso 4), ou seja, não revelaram qualquer intimidade com a falsa mãe Babilônia e suas filhas prostitutas. Eles venceram toda e qualquer tentação quanto a adorar a besta e sua imagem. Compare o capítulo 13:17 com 15:2. Eles ‘**não têm mácula**’. Apocalipse 14:5” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 360).

“Aqueles mulheres promíscuas de quem eles se afastaram são descritas em Apocalipse 17:18: ‘A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da Terra’. A grande cidade que reinou sobre os reis da Terra no tempo de João foi Roma. Esta cidade deu o seu nome para a igreja que é representada pela mulher, e esta igreja trocou os ensinamentos e os mandamentos de Deus por doutrinas e mandamentos de homens.

“João está falando de fornicção espiritual. Esta é uma figura de linguagem comum na Bíblia. Muitas vezes é dito que os homens iam se prostituir após os seus ídolos. O povo de Deus tem evitado tanto a idolatria espiritual como a idolatria declarada e exterior. Eles entregaram-se ao Senhor Jesus Cristo tal como uma virgem entrega-se a seu marido (II Coríntios 11:2). Renunciaram à infidelidade a Deus e à verdade divina – infidelidade que o Antigo Testamento tantas vezes menciona como fornicção ou adultério espiritual” (FEYERABEND, 2005, p. 122).

“**Castos.** Do gr. *parthenoi*, termo usado tanto para homens quanto para mulheres; neste caso, aplica-se a homens. O texto grego deixa isso claro, bem como o fato de eles não se macularem com ‘mulheres’. Uma vez que toda a passagem é metafórica, a castidade literal, masculina ou feminina, não é o assunto em questão. Caso fosse, este versículo estaria em contradição a outros que defendem o casamento e a relação conjugal (ver com. de 1Co 7:1-5).

“Os santos são chama dos de castos, por não terem se relacionado com a Babilônia (ver com. de Ap 18:4). Eles recusaram qualquer ligação com Babilônia e suas filhas quando estas se tornaram agentes de Satanás em seu esforço final para erradicar os santos (ver com. de Ap 13:15). Eles não foram maculados por se associarem a esta união de elementos religiosos agrupados por Satanás, embora talvez houvessem pertencido, no passado, a um dos vários grupos então amalgamados” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 914).

“Símbolo de pureza e lealdade espiritual (2Co 11:2). Eles estão prontos para as bodas do Cordeiro (Ap 19:7, 8)” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

Ramos (2006, p. 301 e 302) faz uma aplicação reflexiva sobre essa fornicção espiritual revelada por Jesus a João, a qual não fará parte da conduta do remanescente/dos 144.000. Ele faz uma importante pergunta e em seguida a responde com uma lista de crenças/práticas equivocadas.

“Há um grande número de professos cristãos que fisicamente saíram de Babilônia mas mentalmente ainda apreciam o ‘vinho de Babilônia’ (Apoc. 17:2; 18:3), continuam crendo e praticando as tradições de Babilônia. Que tradições pagãs são ensinadas pela Igreja de Roma e pelo movimento

da Nova Era e que são aceitas pela maioria dos cristãos?

“A Imortalidade da Alma. [...] Dedicar tempo para assistir filmes que ensinam a reencarnação e a comunicação com os mortos (Ghost, Tocados por um Anjo, Exorcismo, Harry Potter etc.) é se expor às influências satânicas presentes numa sessão espírita. As crianças que crescem vendo esses tipos de desenhos que promovem a imortalidade da alma, a bruxaria e a reencarnação desenvolverão uma mente pagã.

“A observância do domingo ou simplesmente o hábito de curtir mais o domingo do que o sábado. Qual é o dia da semana que você mais aprecia? O gosto inconsciente pelo domingo se resume numa frase que pode não estar sendo verbalizada muitas vezes mas está na mente: o sábado é o dia do Senhor, mas o domingo é o meu dia! Infelizmente muitos se deleitam mais no domingo do que no sábado, porque no domingo vão fazer aquilo que realmente gostam, passear, brincar, jogar e ir à praia. Há um risco de o domingo se tornar mais deleitoso do que o sábado, e Satanás torce para que isso aconteça. Os verdadeiros filhos de Deus esperarão com ansiedade pelo sábado por ser ele um dia deleitoso: *‘se chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honreres não seguindo os teus caminhos... então te deleitarás no Senhor’* (Isa. 58:13-14).

“O Natal, e a Páscoa [...] da forma como são comemorados hoje são ‘vinho de Babilônia’; [...] Astrologia, horóscopo e o evangelho do ‘amor próprio’. [...] O evangelho do amor próprio tem sido pregado nos púlpitos das igrejas cristãs tendo como base um mandamento que Satanás inventou: ame a si mesmo; se você não se amar não poderá amar o próximo, então se ame! Jesus resumiu os Dez Mandamentos em dois: amar a Deus e amar o próximo (Mateus 22:36-40); o mandamento: ame-se a si mesmo para poder amar o próximo é uma distorção das palavras de Jesus. A fonte do amor ao próximo é Jesus, é amar a Jesus. O amor próprio é egoísmo e constitui um dos sinais do fim do mundo: *‘nos últimos dias os homens serão amantes de si mesmos’* (II Tim. 3:1-2)”.

O artigo intitulado *Babilônia “tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (Apocalipse 14:8)*, disponível em: <https://blogdoprofh.com/2022/03/12/babilonia-tem-dado-a-beber-a-todas-as-nacoes-do-vinho-da-furia-da-sua-prostituicao-apocalipse-148/>, contém mais explicações sobre aquilo que macula e contamina um ser humano no final dos tempos, e poderá incapacitá-lo de fazer parte dos 144.000 e da vida eterna.

“Seguem o Cordeiro por onde quer que Ele vá. Entendemos que se diz isto deles no seu estado remido. São os companheiros especiais do seu Senhor glorificado no reino. Acerca do mesmo grupo, lemos: ‘Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida’ (Apoc. 7:17)” (SMITH, 1979, p. 246).

“Não há nada na vida do Redentor em que eles não tomem parte, seja no Céu, seja na Terra. Eles O seguem em Sua humilhação, Seus labores, sofrimentos, morte, ressurreição e ascensão. Eles O seguem na prosperidade e na adversidade, na alegria e na tristeza, na perseguição e no triunfo” (FEYERABEND, 2005, p. 122). Será que alguns dos 144.000 foram ressuscitados assim como o Cordeiro? Talvez pelo menos alguns? Ou o cumprimento dessa profecia equivale a crer que todos eles jamais passarão pela morte? O autor citado neste parágrafo, pelo visto, crê que pelo menos alguns dentre os 144.000 foram ressuscitados.

“**Seguidores do Cordeiro.** Esta expressão parece apontar para algum privilégio especial dos 144 mil. Os detalhes desse privilégio não são revelados; portanto, só é possível fazer conjecturas a respeito (comparar com Ap 7:14-17)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 914).

“A mais alta honra que Deus pode conceder, está reservada para este grupo. ‘Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá’. Acompanhando o seu amado Comandante através do Universo, tornam-se um especial troféu da graça. Tendo vivido durante a hora mais trágica da Terra, quando os enganos do diabo foram os maiores, saíram, não obstante, vitoriosos. Que maravilhosa recompensa por sua fé! Qual foi o segredo de sua vitória, quando tudo estava contra eles? A resposta encontra-se nos versos das três mensagens angélicas que vêm a seguir” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 168).

“Os 144 mil sobre o Monte Sião preenchem a profecia de Sofonias 3:12 a 15, a respeito do povo de Deus dos últimos dias, reunido em Seu ‘santo monte’:
Mas deixarei no meio de ti um povo...”

que confia em o nome do Senhor;
os restantes de Israel não cometerão iniquidade,
nem proferirão mentira,
e na sua boca não se achará língua enganosa...
Canta, ó filha de Sião;
rejubila, ó Israel;
regozija-te, e de todo o coração exulta, ó filha de Jerusalém. ...
O Rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti;
tu já não verás mal algum.

“Este povo maravilhoso nutrirá o desejo de ser leal ao Cordeiro, custe-lhes isso o que custar. Eles **‘não amaram a própria vida’** **‘mesmo em face da morte’**. Apocalipse 12:11. Entretanto, eles não repousam em suas próprias forças! Tudo suportaram pela fé, crendo que ‘o Rei de Israel, o Senhor’, estava ‘no meio’ deles. Agora, recebem eles a vida eterna e o direito de acompanhar o Cordeiro em Suas excursões por todo o Universo. Veja Apocalipse 14:4” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 360).

“Foram ‘comprados [redimidos] dentre os homens’ (versículo 4), expressão que só pode ser aplicável aos que são trasladados dentre os vivos. Paulo trabalhava para ver se de algum modo podia chegar à ressurreição dos mortos (Filip. 3:11). Esta é a esperança dos que dormem em Jesus: uma ressurreição dos mortos. Uma redenção dentre os homens, dentre os vivos, deve significar uma coisa diferente, a saber a transladação. Por isso os 144.000 são os santos vivos, que serão quando produzir-se a segunda vinda de Cristo” (SMITH, 1979, p. 245).

Paulo usa a expressão “fostes comprados” em 1ª Co 6.20 e 7.23 ao escrever para os membros da igreja de Corinto. Será que existe a possibilidade de ele ou outro autor bíblico se referir aos que dormem do mesmo modo? Ou essa expressão descreve apenas os salvos vivos? Aracelli Mello (1959, p. 408) responde assim: “Esta profética expressão sobre os 144.000 só pode ser aplicada aos que serão trasladados sem jamais passarem pela morte. As profecias que fazem alusão aos mortos que serão ressuscitados por ocasião da segunda vinda de Cristo, nunca assim se exprimem. Os mortos não poderão ser comprados dentre os homens; pois não são mais homens mas simplesmente pó.

“Portanto, grande diferença há entre ser comprados ‘dentre os homens’ e ser chamado dentre os mortos no dia da vinda de Cristo. Temos assim mais uma vez comprovada a profecia de que os 144.000 serão cristãos que nunca terão passado pela morte”.

“São ‘primícias para Deus e para o Cordeiro’. Este termo é aplicado a diferentes seres representando condições especiais. Cristo constitui as primícias como antítipo do molho movido. Os que primeiro receberam o Evangelho são chamados por Tiago ‘primícias’ de certa classe (Tiago 1:18). Assim também os 144.000, colhidos para o celeiro celeste aqui na Terra durante as perturbadas ce-nas dos últimos dias, trasladados para o Céu sem ver a morte, e ocupando uma posição preeminente, são chamados neste sentido primícias para Deus e para o Cordeiro.

“Com esta descrição dos 144.000 triunfantes, termina a série profética que começou com o Apocalipse 12” (SMITH, 1979, p. 246 e 247).

“Por ‘primícias’ entendem-se os primeiros frutos visivelmente amadurecido numa lavoura e que prenunciam uma grande messe ao tempo da colheita total. O mesmo ocorrerá ao aparecer o Senhor Jesus. Os primeiros frutos amadurecidos visíveis que Ele encontrará em sua lavoura — a igreja — são os santos vivos em número de 144.000.

“Depois se seguirá então a grande colheita dos santos que jazem na sepultura desde o princípio do mundo. Nisto temos uma inequívoca prova de que os 144.000 são, em verdade, os santos que estarão vivendo na terra por ocasião da segunda vinda de Cristo, prontos para a transladação. Serão ‘primícias’ para ‘Deus e para o Cordeiro’, expressão privilegiada comprovante de que serão elevados a uma posição preeminente e que terão vivido numa mesma época e saído vitoriosos dum mesmo combate, o maior de todos os da história da igreja de Deus na terra” (MELLO, 1959, p. 409).

Já Anderson e Trezza (1988, p. 167) veem na expressão “primícias” a qualidade dos primeiros frutos. “A expressão ‘primícias’ (primeiros frutos) tem referência à qualidade. De todos os redimidos da Terra, esses são os primeiros em qualidade. Foram *comprados dentre os homens*, separa-

dos de hábitos pecaminosos e da conversação mundana. I Cor. 6:20. Não foram seduzidos pelos enganamentos do diabo. II Tes. 2:9-11”.

“**Primícias.** Do gr. *aparchē*, ‘primeiros a frutos’, relacionado ao verbo *aparchomai*, ‘fazer um começo [em sacrifício]’, ‘oferecer os primeiros frutos’. Os israelitas antigos ofereciam as primícias ao Senhor, tanto individual (Dt 26:1-11) quanto nacionalmente (Lv 23:10, 17). A oferta dos primeiros frutos era um reconhecimento da bondade de Deus manifesta na colheita. A oferta nacional também tinha importância como tipo (ver com. de I Co 15:20). Aplicado aos 144 mil, o termo ‘primícias’ pode ser entendido de duas maneiras:

“1. *Como a primeira parte da grande colheita.* Os 144 mil são os vencedores no grande conflito contra a besta e sua imagem (ver de Ap 14:1). Foram livrados na batalha e, por isso, se encontram seguros diante do trono de Deus. ‘Estes, tendo sido trasladados da Terra, dentre os vivos, são tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro’ (GC, 649).

“2. *Com o simples ‘presente’ ou ‘oferta’.* Na LXX, *aparchē* é a tradução mais frequente do heb. *terumah*, ‘contribuição’ ou ‘oferta’. O termo *terumah* é usado para se referir à contribuição dos filhos de Israel para a construção do santuário (Êx 25:2, 3). Com frequência, *terumah* descreve a ‘oferta movida’ (ver Nm 5:9; na LXX, *aparchē*). Inscrições antigas mostram que *aparchē* costumava ser usado para designar um ‘presente’ a uma deusa, sem qualquer referência ao tempo. Quando *aparchē* traduz *terumah*, também não há referência ao tempo.

“Portanto, os 144 mil podem ser considerados como as ‘primícias’ tanto no sentido de fazer parte de uma colheita maior como de ser um presente ou oferta a Deus” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 914 e 915).

14.5 e não se achou Eles abandonaram os ensinamentos do pai da mentira, os quais foram im-
mentira na sua postos pelos fantoches dele com ameaça de morte; mas esses justos opta-
boca; não têm má- ram por temer a Deus e não aos homens, e permaneceram leais aos man-
cula. damentos divinos.

“Desde o AT, a *mentira* designa muitas vezes a religião dos falsos deuses” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2442).

“‘Em sua boca não se achou engano’. Aqui está uma descrição da parte de Deus do vitorioso remanescente que aguarda a volta de seu Mestre. S. Tiago diz: ‘Se alguém não tropeça em palavra, tal varão é perfeito’. S. Tia. 3:2. Sofonias, descrevendo a igreja remanescente, diz que ela ‘não cometerá iniquidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa’. Sof. 3:13” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 167 e 168).

“O vocábulo grego que aparece nesse trecho significa ‘irrepreensíveis’, ‘sem mácula’, ‘sem defeito’. A mesma palavra é usada em I S. Pedro 1:19 para descrever a Jesus – ‘sem defeito e sem mácula’. Como poderia ser melhor retratado o caráter dessas ‘primícias para Deus e para o Cordeiro’, do que pelo uso de alguns termos idênticos aos que são utilizados para descrever o nosso Senhor? Eles receberam a justiça de Cristo e refletiram a glória do Seu caráter. [...]

“Os que morrem crendo têm perfeição atual às portas da morte (ver Col. 2:10). Os fiéis que viverem até quando Jesus vier experimentarão ininterrupta vitória em virtude da contínua habitação do Espírito Santo no coração deles” (COFFMAN, 1989, p. 66).

“A forma verbal do grego [‘não se achou’] sugere que um ponto específico do tempo está em foco aqui. A partir de então, a investigação mostra que os 144 mil não têm mácula. Isso não significa que nunca erraram, mas que, pela graça de Deus, superaram todo defeito de caráter” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915).

Perfeccionismo? Ou vitória sobre pecados específicos como a adoração à besta?

“**Mentira.** Do gr. *dolos*, ‘engano’, ‘sutileza’, ‘fraude’, ‘logro’. Evidências textuais [...] comprovam a variante *pseudos*, ‘falsidade’, ‘mentira’. O evangelho de Jesus Cristo transforma o pecador errante em alguém sem falsidade, engano e pecado.

“**Não têm mácula.** Do gr. *amōmos*, ‘sem defeito’, ‘irrepreensível’ [...]

“**Diante do trono** (ARC). Evidências textuais [...] apoiam a omissão desta expressão” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915).

“Agora é o tempo de preparar-nos. O selo de Deus jamais será colocado à testa de um homem ou mulher impuros. Jamais será colocado à testa de um homem ou mulher cobiçosos ou amantes do mundo. Jamais será colocado à testa de homens ou mulheres de língua falsa ou coração enganoso. Todos os que recebem o selo devem ser imaculados diante de Deus — candidatos para o Céu. Pesquisai as Escrituras por vós mesmos, para que possais compreender a terrível solenidade do tempo presente” (WHITE, 2008c, p. 67).

“Cristo quer que os crentes vivos entrem numa relação com Ele que suporte o escrutínio (ou exame minucioso) do Universo. [...] O juízo que precede o Segundo Advento não terminará antes que os servos de Deus sejam selados definitivamente (Apoc. 7:3). Então o caráter deles estará inteiramente de acordo com a vontade de Deus (Apoc. 14:1). Eles cumprirão o que é declarado em Apocalipse 14:5: ‘Não se achou mentira em sua boca; não tem mácula’” (BATTISTONE, 1989, p. 74 e 75).

14.6 Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo,

Eu, João, vi mensageiros humanos comprometidos com a Bíblia e protegidos por Deus, levando o conteúdo bíblico, sem ilações, esoterismos, crenças de estimação ou perversões do texto profético feitas por religiosos e/ou políticos – o evangelho eterno, as revelações produzidas pelo próprio Fabricante, Mantenedor e Restaurador, e entregues aos Seus profetas e preservadas e espalhadas – para toda a humanidade, em todos os idiomas e regimes sociais, em todas as culturas e ideologias, sem exceção.

14.7 dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

Esses indivíduos viviam levando essas informações divinas com grande influência, anunciando e advertindo a seus semelhantes: “Não tenham outros deuses além do Criador. Deem a Ele o crédito pela vossa existência, saúde, habilidades e esperança, e não a processos casuais e violentos, pois os 2.300 anos profetizados por Daniel 8.22, sobre o tempo em que duraria (sem o processo judicial divino) a blasfêmia do anticristo e de todo sistema anti-humano, terminaram em 22 de outubro de 1844. O julgamento dos habitantes do planeta Terra começou e a justiça aparecerá! Por isso, manifestem que vocês reconhecem a existência e atuação de Deus desde o Gênesis, adorando-O como Fabricante, Mantenedor e Restaurador do universo e da vida, submetendo-se aos Seus 10 mandamentos morais de Êxodo 20, lembrando-se do sábado como um desses mandamentos morais e memorial da Criação de Deus, vivendo uma vida que mereça ser vindicada por Sua justiça em Seu Tribunal celestial. Caso contrário, vocês terão desperdiçado ingratamente a vida que pertence a Ele, endeusando-se com suas próprias ideologias insanas e oprimindo o próximo; e terão de ser destruídos assim como as almas dos antediluvianos o foram pelas águas do Dilúvio, após a sentença infalível do justo Juiz”.

“Aqui se inicia uma nova cena. Cronologicamente, os acontecimentos representados nesta visão precedem os retratados na visão dos v. 1 a 5” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915).

“Nestes versículos outra cena e outra cadeia de acontecimentos proféticos é apresentada [são apresentadas]. Sabemos que assim é, porque os versículos anteriores deste capítulo descrevem um grupo dos remidos no estado imortal, uma cena que constitui uma parte da cadeia profética que começa com o primeiro verso de Apocalipse 12, e termina essa cadeia de acontecimentos, porque nenhuma profecia vai além do estado imortal. Sempre que numa série de profecia somos levados até o fim do mundo, sabemos que esta série termina aí, e que o que a seguir é apresentado pertence a uma nova série de acontecimentos. O Apocalipse, em particular, é composto destas séries de cadeias proféticas independentes, como já foi apresentado, de cujo fato, antes deste, tivemos já vários exemplos” (SMITH, 1979, p. 247).

“As três últimas mensagens a serem pregadas à Terra pelo remanescente do fim do tempo antes da vinda do Filho do Homem nas nuvens (14:14). Estas são as mensagens ordenadas em

10:11” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“**Outro.** Do grego *allos*, outro do mesmo tipo. Evidências textuais [...] apoiam a omissão desta palavra. Muitos anjos já foram mencionados (Ap 1:1, 20; 5:2; 7:1, etc.), por tanto a designação ‘outro’ não é necessária” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915).

“Os versículos seis a doze apresentam três anjos com suas respectivas mensagens. O versículo nove inicia apresentando o ‘terceiro anjo’, o que é evidente que os anteriores são o segundo e o primeiro anjos. As mensagens destes três anjos são mensagens para os últimos dias, o que é comprovado pela menção do profeta, imediatamente, a elas, da gloriosa segunda vinda de Cristo para segar a seara da terra. Elas visam o preparo dum ‘povo para estar em pé no dia de Deus’” [cf. Ap 6.17] (MELLO, 1959, p. 409 e 410).

O autor acima crê que esse primeiro anjo é o mesmo anjo de Apocalipse 10.1 (MELLO, 1959, p. 410), algo que, até aqui, eu não consigo encontrar evidências textuais e lógicas para tal identificação. No capítulo 10, o anjo foi identificado com o Senhor dos anjos – Jesus Cristo. Mais à frente veremos que, cronologicamente, Apocalipse 10 e 14.6 e 7 se cumprem no mesmo ponto da história. Talvez o autor esteja se referindo a isso.

“Estes anjos são evidentemente simbólicos, porque a obra que lhes é atribuída é a de pregar o Evangelho eterno ao povo. Mas a pregação do Evangelho não foi confiada a anjos literais, e sim a homens que são responsáveis por este sagrado depósito colocado em suas mãos. Portanto, cada um destes três anjos simboliza os que são enviados com a missão de tornar conhecidas aos semelhantes as verdades especiais que constituem a essência destas mensagens. Os anjos literais estão vivamente interessados na obra de graça entre os homens, sendo enviados para servir em favor daqueles que hão de herdar a salvação. E como há ordem em todos os movimentos e planos do mundo celeste, talvez não seja mero produto da fantasia supor que um anjo literal tenha o cargo e a supervisão da obra de cada mensagem (Heb. 1:14; Apoc. 1:1; 22:16)” (SMITH, 1979, p. 247 e 248).

“A palavra grega *angelos* (‘anjo’) significa ‘mensageiro’. Na Bíblia, os anjos costumam representar seres a serviço de Deus (cf. Mt 2:7; Lc 1:13). Apocalipse 14:12 relaciona claramente os três anjos ao povo de Deus do tempo do fim. É esse povo que leva a mensagem divina de advertência a todo mundo” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 83).

“**Meio do céu.** Ver Ap 8:13. A região de voo revela a extensão global do trabalho e da mensagem do anjo. A obra cresce e se desenvolve até ser vista e ouvida por toda a humanidade” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915).

“Aparece um anjo simbólico, em relevante destaque contra o fundo representado pelo Céu, tal como a mãe genuína em Apocalipse 12:1. À semelhança da mulher, o anjo parece estar localizado no Céu, mas constitui o símbolo de um grupo de pessoas que vive sobre a Terra” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 361).

“Os três anjos de Apocalipse 14 representam o povo que aceita a luz das mensagens de Deus, e vão como agentes Seus fazer soar a advertência por toda a extensão e largura da Terra” (WHITE, 2008d, p. 147).

“Vemos nestes símbolos o flagrante contraste que a Bíblia estabelece entre as coisas terrenas e as celestiais. Sempre que é preciso representar governos terrestres – até os melhores dentre eles – o símbolo mais apropriado que se pode encontrar é uma fera. Mas quando é necessário apresentar a obra de Deus, um anjo revestido de beleza e cingido de poder é escolhido para a simbolizar” (SMITH, 1979, p. 248).

“A expressão do profeta — e vi outro anjo — aponta indiretamente para o último que êle vira, que é o do capítulo dez. O fato de o profeta ter visto o anjo voar ‘pelo meio do céu’, demonstra que nenhum poder humano poderá impedir ou deter o movimento ou a obra mundial do povo de Deus que êle representa. A missão da igreja de Cristo alcançará o seu propósito em preparar um povo especial para subsistir aos tremendos acontecimentos que logo assaltarão a agonizante civilização do século atual” (MELLO, 1959, p. 410).

“É significativo o fato de afirmar-se ser um anjo o arauto desta advertência. Pela pureza, glória e poder do mensageiro celestial, a sabedoria divina foi servida de representar o caráter exaltado da obra a cumprir-se pela mensagem, e o poder e glória que a deveriam acompanhar. E o vôo do

anjo ‘pelo meio do céu’, ‘a grande voz’ com que é proferida a advertência, e sua proclamação a todos os ‘que habitam sobre a Terra’, ‘a toda a nação, e tribo, e língua, e povo’, evidenciam a rapidez e extensão mundial do movimento” (WHITE, 2013, p. 310).

“As mensagens dos três anjos estão ligadas ao assunto dos 144.000. A última geração vivente do povo de Deus se compõe dos que atenderam às mensagens dos três anjos. Os três ‘anjos’ são simbólicos, pois os cristãos – e não os anjos – foram incumbidos de pregar o evangelho eterno. (ver Apoc. 14:6; S. Mat. 28:16-20). Eles simbolizam o testemunho e a pregação cristã.

“O tempo para essa atividade especial pode ser determinado pela própria profecia. Numa extremidade está o anúncio de que chegou a hora do juízo de Deus (Apoc. 14:6). Na outra extremidade encontra-se a Segunda Vinda de Cristo (Apoc. 14:14). Visto que as profecias de Daniel (capítulos 7 a 9) indicam que a fase inicial do juízo começou em 1844, as mensagens desses anjos simbólicos são transmitidas com a máxima clareza e urgência entre 1844 e a volta de Cristo” (COFFMAN, 1989, p. 71).

“Simbolizando uma mensagem ou um mensageiro, este primeiro anjo representa um movimento de âmbito mundial; não alguma mensagem nova, mas a mesma mensagem do passado, o evangelho eterno. Deus sempre teve apenas um evangelho, algumas vezes chamado ‘o evangelho de Deus’, ‘o evangelho da graça’, ‘o evangelho de Jesus Cristo’, ‘o evangelho do reino’, etc. Essas diferentes expressões apenas dão ênfase a diferentes fases do mesmo glorioso evangelho ou boas-novas.

“Ele foi proclamado a Adão antes de ser este expulso do Éden. Também Noé foi um ‘pregador da justiça’ II S. Pedro 2:5. Ele proclamou libertação do pecado, porque ‘achou graça aos olhos do Senhor’”. Gên. 6:8. O fiel Abraão ensinou o mesmo glorioso evangelho (Gál. 3:8), e Moisés considerou ‘o vitupério de Cristo maiores riquezas que os tesouros do Egito’ (Heb.11:26). Todos estes olhavam para o Redentor *vindouro*, do mesmo modo que nós outros, que vivemos deste lado da cruz, olhamos para o Redentor *que já veio*.

“Mas os homens de todas as eras são salvos do pecado pela mesma graça e o mesmo Salvador. Paulo fala do ‘eterno propósito de Deus’, mas feito conhecido aos homens numa moldura que eles pudessem compreender. Em cada época determinada, alguma ênfase especial tem sido posta sobre alguma fase especial do evangelho.

“Nesta última geração, a grande tarefa do evangelho é proclamar a iminente volta de nosso Senhor e preparar um povo para encontrá-Lo. É, portanto, no quadro da hora do juízo, que o evangelho eterno está sendo proclamado hoje. Ele vem com uma advertência especial a todos que ‘habitam’ ou ‘vivem’ na Terra, que se sentem tranquilos e estabelecidos” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 168 e 169).

“[‘*Voando pelo meio do céu*’]. *Mensagem mundial*. O rápido movimento do anjo pela atmosfera denota a importância da mensagem e a urgência com que é transmitida. Voar pela atmosfera que circunda a Terra representa a amplitude mundial da mensagem. Isto também é indicado pela declaração de que a proclamação do anjo deve atingir todos os povos” (COFFMAN, 1989, p. 75).

“A proclamação do evangelho no tempo do fim é mundial, isto é, ‘a cada nação, e tribo, e língua, e povo’ (Ap 14:6). Isso traz à lembrança a ordem que João recebe de profetizar ‘a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis’ (Ap 10:11). Isso confirma a noção de que os três anjos representam o povo de Deus no tempo do fim, que recebe a incumbência de pregar o evangelho. Essa pregação é significativa, uma vez que a besta, no tempo do fim, exercerá sua autoridade delegada por Satanás sobre ‘cada tribo, povo, língua e nação’ (Ap 13:7).

“Portanto, a proclamação do evangelho no tempo do fim é mundial, assim como as atividades enganosas de Satanás. Essa pregação final do evangelho é mencionada por Jesus em Seu sermão no Monte das Oliveiras (Mt 24:14)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 83 e 84).

“**evangelho**. Cumprir Mt 24:14. O primeiro dos três anjos a proclamar a mensagem final de Deus ao mundo. No contexto do Apocalipse, o evangelho inclui a boa-nova da segunda vinda de Cristo, quando ele resgata seu povo” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“O termo ‘evangelho’ aqui pode não se referir unicamente às ‘boas-novas’. Na tradição profética, o termo ‘boas-novas’ incluía também os anúncios de juízo sobre os inimigos do povo de

Deus (Na 1.15)” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“Nesta declaração da profecia [*tendo um evangelho eterno para pregar*] vemos infalivelmente a restauração da pura verdade do evangelho em nossa geração. Nestes últimos dias o mundo deveria ouvir novamente o poderoso e real evangelho anunciado pelos antigos profetas de Deus, pelos santos apóstolos e pelo Filho de Deus. Deus tem enviado à terra uma mensagem especial para cada época importante e solene de sua história. Antes do dilúvio uma poderosa mensagem de graça foi enviada aos homens. Antes do primeiro advento de Cristo também uma mensagem de poder sacudiu a nação judaica e impressionou o mundo. E era bem de ver que, antes do segundo advento de Cristo, soasse igualmente, em tórno de todo o glôbo, uma mensagem especial de vida, de esperança, de graça e de convite, conduzida por um povo especial.

“No oitavo capítulo do livro de Daniel está bem assentada a profecia de que Roma-papal lançaria por terra a pura verdade do evangelho e que a trocaria pelas tradições de homens sem Deus. E esta ação da igreja de Roma determinou a apostasia do cristianismo predita com clareza no Velho e no Novo Testamentos. Foram os chamados ‘pais da igreja’ [confira uma série de artigos sobre a patrística em: <https://blogdoprofh.com/?s=patrística>] que puseram os alicerces da grande apostasia que redundou no surgimento do ‘homem do pecado’ que se assenta ‘como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus’ [cf. 2ª Ts 2.1-4], decretando dogmas religiosos em substituição aos do ‘evangelho eterno’ de Deus.

“Roma-papal substituiu totalmente a Bíblia e moveu-lhe guerra aberta como dizem as profecias de Daniel e do Apocalipse. Também o protestantismo, que pretende ter-se afastado de Roma, tem humilhado de igual maneira a Bíblia, preferindo muitos erros que trouxe de Roma de preferência às verdadeiras doutrinas do ‘evangelho eterno’.

“Todavia, o primeiro anjo, representando um movimento de Deus nestes últimos tempos, anuncia a restauração do ‘evangelho eterno’, que por êsse nome já indica sua imutabilidade e condena as suas falsificações. Graças a Deus que Ele não deixou Seus filhos sem a verdadeira e imprescindível luz nesta derradeira hora do império das trevas” (MELLO, 1959, p. 411).

“O evangelho eterno nunca muda. Existe apenas um evangelho (Romanos 1:16 e 17; Gálatas 1:8). Ele foi anunciado primeiro no Éden (Gênesis 3:15), depois para os filhos de Israel (Hebreus 4:1 e 2), e é proclamado de novo a cada geração. O evangelho vai ao encontro de cada necessidade, de cada crise na história do mundo.

“**Cada nação, tribo, língua e povo:** Não é um ramo que brotou de alguma denominação, mas um movimento poderoso, invencível e mundial, que começou pequenino e envolveu a Terra – um movimento organizado para a obra final de Deus pela humanidade caída” (FEYERABEND, 2005, p. 123).

“As ações enganosas de Satanás, de âmbito mundial, serão confrontadas pela proclamação mundial do evangelho no tempo do fim. As três mensagens angélicas são proclamadas pelo povo de Deus a fim de combater Satanás e seus aliados no tempo do fim: o dragão, símbolo do paganismo/espiritismo; a besta do mar, um poder que simboliza o catolicismo romano; e a besta semelhante ao cordeiro, ou o falso profeta, representando o protestantismo apóstata (Ap 13). Satanás utilizará esses poderes do tempo do fim até o momento da sexta praga (Ap 16:13, 14). Portanto, o mundo receberá duas mensagens antagônicas, cada uma com o objetivo de ganhar a lealdade das pessoas na Terra” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 76).

“O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação ‘do mistério que desde tempos eternos esteve oculto’. Romanos 16:25. Foi um desdobramento dos princípios que têm sido, desde os séculos da eternidade, o fundamento do trono de Deus. Desde o princípio, Deus e Cristo sabiam da apostasia de Satanás, e da queda do homem mediante o poder enganador do apóstata. Deus não ordenou a existência do pecado. Previu-a, porém, e tomou providências para enfrentar a terrível emergência. Tão grande era Seu amor pelo mundo, que concertou entregar Seu Filho unigênito ‘para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna’. João 3:16” (WHITE, 2007b, p. 9).

“*O mesmo evangelho antes e depois da cruz.* Alguns cristãos crêem que aqueles que viveram antes do primeiro advento de Cristo eram salvos por sua obediência à lei de Deus, mas agora os

cristãos são salvos pela graça. A Bíblia mostra, porém, que só há um Deus, o qual tem o mesmo plano de salvação para todas as pessoas. A natureza do pecado é a mesma em todas as épocas: transgressão da lei de Deus (I S. João 3:4), e o plano da redenção sempre constituiu na justiça pela fé no Redentor que expiou os nossos pecados por Sua morte substituinte. [...]

“A obra do primeiro anjo é proclamar por todo o mundo esse mesmo evangelho eterno que não sofre alterações; a saber: que Cristo Jesus veio ao mundo salvar os pecadores que O aceitam como Senhor e Salvador. [...]

“Estas passagens indicam que o plano da redenção foi elaborado na eternidade, antes da criação deste mundo. Isto explica por que o evangelho é ‘eterno’.

1. Rom. 16:25; I Cor. 2:7 – um segredo divino guardado no coração de Deus.

2. II Tim. 1:9 – graça estendida a nós por meio de Cristo.

3. I S. Ped. 1:18-20 – a morte expiatória de Jesus.

4. Efés. 1:4 e 5 – a Divindade resolve aceitar os que recebem a Cristo.

5. Tito 1:2 – vida eterna prometida aos que crêem.

6. S. Mat. 25:34 e 41 – o reino preparado para os remidos; destruição do diabo e seus anjos” (COFFMAN, 1989, p. 73 e 74).

“O anjo proclama a mensagem ‘em grande voz’ (Ap 14:7; grego *phōnē megalē*). Essa mensagem é urgente, pois diz respeito ao destino eterno de todos os habitantes da Terra. Trata-se do chamado divino ao arrependimento. Esse chamado é expresso por meio de um imperativo triplo: temer a Deus, dar-Lhe glória e adorá-Lo como Criador” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 83 e 84).

“*Em grande voz* [verso 7] significa que Deus quer que Seu último convite seja ouvido por todos. Alguns estudantes da Bíblia crêem que esse quadro profético está se cumprindo literalmente pela difusão da mensagem do evangelho pelo rádio e pela televisão” (COFFMAN, 1989, p. 75).

“**Grande voz.** As mensagens do primeiro e do terceiro anjos são proclamadas em ‘grande voz’ (v. 9). Isto indica que a mensagem será proclamada de modo que todos ouçam. A expressão também enfatiza a importância da mensagem.

“**Temei.** Do gr. *phobeō*, ‘temer’, ‘reverenciar’. *Phobeō* é usado aqui não no sentido de ter medo de Deus, mas de se achegar a Ele com reverência e respeito. Comunica a ideia de lealdade absoluta ao Senhor, de rendição total a Sua vontade (ver com. de Dt 4:10).

“**Deus.** O apelo para temer a Deus é feito na hora crucial, quando as pessoas estão adorando os deuses do materialismo, do prazer e muitos outros criados por elas mesmas” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915).

“[‘*Temei a Deus e dai-lhe glória*’]. Esta é ainda a mensagem do primeiro anjo. Seu propósito, nesta hora drástica do mundo, é convencer cada homem e mulher do dever de temer a Deus e dar-Lhe glória. A fim de fazer isto devem obedecer a Sua lei. Diz o sábio: ‘De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos; porque êste é o dever de todo o homem’ (Ec 12:13). Sem obediência a Seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus. ‘Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os Seus mandamentos’ (1ª Jo 5:3)” (MELLO, 1959, p. 412).

“‘*Temei a Deus e dai-Lhe glória*’ (Ap 14:7). No Apocalipse, o povo de Deus no tempo do fim é formado por aqueles que temem ao Senhor (Ap 11:18; 19:5). Na Bíblia, temer a Deus significa levá-Lo a sério e reconhecer quem Ele é. Isso implica respeito e reverência por Deus. Temer ao Senhor denota um relacionamento correto com Ele e uma entrega plena à Sua vontade (Gn 22:12; Jó 1:8, 9). Também resulta em fazer o que é certo, por isso aqueles que temem a Deus guardam Seus mandamentos (Dt 5:29; 13:4; Ec 12:13)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 84).

“**Temei a Deus.** Significa reverenciar ou respeitar (Sl 111:10; Pv 3:7; 9:10). Mas também pode expressar o ‘medo’ por parte daqueles que não levam Deus a sério (Ap 6:15-17)” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“Apropriado respeito e reverência pelo Criador significa amorosa e voluntária obediência a Sua vontade. Isto requer uma atitude de supremo amor a Deus e de amor imparcial pelos semelhantes, da maneira indicada pelos Dez mandamentos. Damos glória a Deus quando vivemos física,

mental e espiritualmente com o Seu desígnio a nosso respeito” (COFFMAN, 1989, p. 76).

“**Temei a Deus:** Não temam aos homens, mas temam a Deus. Não dêem glória a si mesmos ou a outros homens, mas dêem glória a Deus. Não adorem ídolos, dinheiro, prazer ou as ciências humanas, mas adorem o grande Criador que, por Seu imenso poder e palavra, fez todas as coisas. ‘Pelo temor do Senhor os homens evitam o mal’ (Provérbios 16:6). Deus chama o Seu povo do pecado para a justiça, da transgressão da Sua lei para a obediência. O que significa temer a Deus? ‘*De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem*’ (Eclesiastes 12:13).

“**Dai glória a Deus:** Como damos glória a Deus? Confessando nossos pecados (Josué 7:19). Agradecendo-Lhe Suas bênçãos (Lucas 17:12-17). Guardando os mandamentos de Deus (Apocalipse 14:12; II Tessalonicenses 1:10)” (FEYERABEND, 2005, p. 124).

“Temer a Deus e dar-Lhe glória caminham juntos (Ap 11:13; 15:4). Ao passo que o primeiro ato designa um relacionamento correto com o Senhor, o segundo denota obediência a Ele. A pessoa que teme a Deus responde à Sua graça por meio da observância de Seus mandamentos. Jesus disse: ‘Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto’ (Jo 15:8). O povo de Deus no tempo do fim é caracterizado por seu relacionamento íntimo com Jesus Cristo e pela guarda de Seus mandamentos (Ap 12:17; 14:12)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 84).

“**É chegada.** Ou, ‘chegou’.

“**Hora.** Ou, ‘tempo’, não uma hora literal (comparar com o uso do termo em Jo 4:21, 23 5:25, 28; Ap 14:15). Pensando desta forma, é possível entender que a expressão ‘hora de Seu juízo’ se refere ao período geral em que o julgamento ocorrerá, não necessariamente ao momento específico de seu início. Logo, é possível dizer que a primeira mensagem angélica começa a ser proclamada nos anos anteriores a 1844, embora esse juízo ainda não houvesse começado.

“**Juízo.** Do gr. *krisis*, ‘ato de julgar’, em contraste com *krima*, ‘sentença do julgamento’ (ver com. de Ap 17:1). [...]”

“Historicamente, a pregação de Guilherme Miller e seus companheiros de 1831 a 1844, sobre o fim dos 2.300 dias em 1844, pode ser considerada um marco do início da mensagem do primeiro anjo (ver F. D. Nichol, *The Midnight Cry*, p. 284). Entretanto, a mensagem é válida desde então e continuará a ser até se encerrar a oportunidade de salvação” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 915 e 916).

“O motivo para temer a Deus e dar-Lhe glória é haver chegado a hora do juízo (Ap 14:7). Esse juízo corresponde ao julgamento pré-advento que ocorre antes de segunda vinda de Cristo, contrastando com o juízo final que acontece após o milênio (Ap 20:11-15). Seu propósito é decidir quem tem um relacionamento correto com Deus e quem não. Essas decisões são tomadas antes da vinda de Jesus. O juízo pré-advento ocorre na mesma época em que o evangelho do tempo do fim está sendo pregado. Quando a pregação do evangelho termina, e o juízo pré-advento é concluído, ocorre a separação final entre os que pertencem ao reino de Deus e os perdidos (Ap 14:14-20).

“Então Jesus virá e levará a recompensa a cada pessoa, de acordo com suas obras. O juízo faz parte do evangelho. É uma boa-nova para os fiéis e obedientes, mas uma péssima notícia para os infiéis. Quando o juízo terminar, o destino de cada pessoa estará definido (Ap 22:11). Não haverá segunda chance. A oferta de salvação não estará mais disponível. Para o povo de Deus, o juízo significa vindicação e salvação. Para as demais pessoas, porém, representa condenação. E é justamente para estas que as mensagens dos três anjos são direcionadas, chamando-as a adorar o Deus vivo. Os pecadores ainda tem a oportunidade de se arrepender e se voltar para o Senhor porque Ele não quer que ninguém pereça. Em vez disso, deseja que todos cheguem ao arrependimento (2Pe 3:9)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 84 e 85).

“[‘*Pois é chegada a hora do seu juízo*’]. Esta declaração da profecia atesta haver um tempo pré-definido em que a hora do juízo chegaria. E que este tempo não chegara nos dias dos antigos profetas, evidencia-se no fato de nenhum deles ter-se referido ao juízo como um acontecimento já vindo. Todos os que dentre eles ao juízo fizeram menção, sempre o aludiram como um acontecimento ainda no futuro. Cristo, nos Seus ensinamentos ao povo, referira-se várias vezes ao juízo; mas nunca o mencionou como um acontecimento chegado nos seus dias. O Salvador o colocou sempre no

futuro (Mt 12:36 e 37). Os apóstolos muito falaram do juízo em suas epístolas; porém, o puseram no porvir (At 17:31, 24:25; Rm 2:16; 2ª Pe 2:4 e 9; Jd 6)” (MELLO, 1959, p. 412 e 413).

“A primeira mensagem angélica inclui tanto a salvação quanto o juízo. Ela é uma boa notícia aos que dão glória a Deus e O adoram como seu Criador, mas também é uma advertência de juízo aos que rejeitam o Criador e o sinal da verdadeira adoração que Ele concedeu: o sétimo dia, o sábado” o contrário” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 76).

“O julgamento começa enquanto a humanidade ainda dispõe de tempo para aceitar o evangelho. [...] O próprio julgamento faz parte das boas novas. Em Daniel 7, constatamos que os santos recebem repetidamente a promessa de libertação em sintonia com o julgamento. Durante nosso estudo do sexto selo em Apocalipse 6, ouvimos que as almas ‘debaixo do altar’, que haviam sido perseguidas durante a grande tribulação dos 1.260 anos, clamavam pelo julgamento que as vindicaria. Para elas, a mensagem do primeiro anjo, de que chegara a hora do julgamento longamente esperado, representava muito boas novas.

“‘Dai glória a Deus’, diz o anjo. Louvado seja o Senhor! A chegada da hora de juízo é uma boa nova para todos os cristãos que têm sido maltratados, bajulados, zombados, multados, queimados ou oprimidos de qualquer forma devido a sua lealdade a Deus.

“Em Daniel 9 podemos observar que Deus chama a primeira fase do julgamento final de ‘Dia da Expição’. Um de Seus propósitos durante a hora do juízo é remover qualquer coisa que esteja a separar Seu precioso povo uns dos outros e dEle próprio. Seu alvo, durante essa primeira fase do juízo, é levar Seu povo à perfeita unidade, ao sentimento de plena união uns com os outros e com Deus, conforme Jesus orou poucas horas antes da cruz. Veja S. João 17. Um julgamento desse tipo certamente equivale a boas novas!

“O estudo de Daniel 8 e 9 apresenta evidências de que a primeira fase do julgamento final (o ‘Dia da Expição’ do tempo do fim) deveria começar ao término dos 2.300 dias-anos de Daniel 8:14. Sabemos que os 2.300 anos começaram em 457 a.C., na mesma ocasião em que começaram as setenta semanas de Daniel 9:24 a 27. Assim, esse longo período deveria terminar — e simultaneamente iniciar-se no Céu o julgamento — em 1844. Já demonstramos que a porção selada de Daniel, o ‘pequeno livro’, foi aberto, no tempo exato, durante a era de mudanças radicais provocadas pela Revolução Francesa, na década de 1790. [...] Os 1.260 anos alcançaram aí o seu cumprimento, e a atenção de muitos estudiosos voltou-se para os 2.300 dias” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 361 e 362).

“Ao estudarmos [...] a mensagem do primeiro anjo, note que ela trata de questões muito significativas para a humanidade. Deus está apelando para o coração dos homens, no tempo do julgamento final. Note também o apelo para reverência e lealdade, numa época em que a maioria dos habitantes do mundo se volta para a adoração de outro poder (Apoc. 13:8)” (COFFMAN, 1989, p. 71).

“De seu vantajoso ponto de observação no santuário celestial, João contempla dramáticos acontecimentos. Três anjos são enviados do quartel-general de Deus, por assim dizer, como que num trabalho de recrutamento. É-lhes ordenado que se apressem com mensagens especiais a toda nação, tribo, língua e povo. Devem alistar pessoas para Deus. Nem todos no mundo fizeram decisão definitiva de pertencer a Deus ou a Satanás de modo completo. ‘Multidões no vale da decisão’ é outra descrição do profeta. Joel 3:14.

“Na hora mesma do juízo de Deus, milhões ouvem as mensagens, e uma grande multidão se arregimenta ao chamado do ‘Capitão de sua salvação’ e se une às fileiras de Deus. Juízo é inerente ao evangelho de Cristo, pois somente no juízo se revelará a justiça de Deus em seu caráter vindicatório. E nesse ajuste, somente os nomes dos vencedores serão retidos no livro da vida do Cordeiro. Apoc. 3:5; Dan.12:1. Quando Paulo pregava, *olhava para frente*, para o juízo. Ele falava da ‘temperança, e da justiça, e do juízo’ que *haveria de vir*. Esta é a verdade para nossa geração. A hora do juízo de Deus já soou” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 169).

“‘É chegada (ou chegou) a hora do Seu juízo’. O tempo do verbo grego nessa passagem indica que começou o juízo” (COFFMAN, 1989, p. 77).

“é **chegada a hora**. O juízo final começa antes da segunda vinda. Ele é o contexto para a

proclamação final do evangelho” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“É a mensagem que abre a porta para fazermos parte dos 144.000” (COFFMAN, 1989, p. 80).

“A esta advertência do Juízo e às mensagens com ela relacionadas segue-se, na profecia, a volta do Filho do homem nas nuvens do céu [Ap 14.14]. A proclamação do Juízo é uma anunciação de que a segunda vinda de Cristo está próxima. E esta proclamação é chamada o evangelho eterno. Deste modo é mostrado que a pregação da segunda vinda de Cristo ou a anunciação de sua brevidade, é parte essencial da mensagem evangélica” (WHITE, 1964, p. 143).

“Três instâncias de juízo aparecem aqui [em Apocalipse 14:6, 7, 15-20]: Uma durante a mediação de Jesus, nosso advogado (I São João 2:1), quando Ele intercede enquanto é investigada a conduta dos crentes; outra instância é quando se fecha a porta da graça e o Senhor vem para ceifar a messe da terra, Seu povo redimido (Apocalipse 14:15, 16); e a terceira aparece nos versículos seguintes quando as uvas são lançadas no lagar da cólera de Deus (Apocalipse 14:17-20), o que ocorrerá com a destruição dos ímpios” (BELVEDERE, 1987, p. 75).

“O julgamento é erroneamente limitado à segunda vinda. Ser-nos-á muito útil recordar, enquanto prosseguimos, que desde os primórdios da igreja muitos cristãos imaginaram que o julgamento final se limitava à segunda vinda. O assim chamado Credo Apostólico procedeu desta forma, o mesmo ocorrendo com vários hinos populares, bem como com numerosos teólogos e pregadores. Haverá, sem dúvida, um julgamento por ocasião da segunda vinda, a separação entre ‘ovelhas’ e ‘bodes’. Veja S. Mateus 25:31-46.

“Mas a Bíblia apresenta quatro fases do julgamento final, das quais uma é o julgamento por ocasião da segunda vinda.

1.O julgamento antes da segunda vinda. O Filho do homem apresenta- Se ao Ancião de Dias (Daniel 7:9-14, 26 e 27), purifica o santuário (Daniel 8:14) e investiga os livros (Daniel 7:10), de modo a comprovar quem está qualificado para permanecer com seu nome no livro da vida. Veja Daniel 12:1 e 2.

2.O julgamento por ocasião da segunda vinda. O Filho do homem, assentado em glória, separa as ovelhas dos bodes. S. Mateus 25:31-46.

3.O julgamento durante o milênio. Durante mil anos os santos assentam-se em tronos e lhes é atribuída a tarefa de julgar, o que fazem mediante o exame dos registros dos que não se salvaram e dos anjos caídos. Apocalipse 20:4; I Coríntios 6:2 e 3.

4.O julgamento no final do milênio. No encerramento do milênio é lago de fogo. Apocalipse 20:12-15. O julgamento que deveria começar ao final dos 2.300 dias acha-se descrito em Daniel 7.

“É esta a primeira fase do julgamento final, quando o Filho do homem Se dirige, não à Terra, mas ao Ancião de Dias. Pelo fato de os cristãos terem durante tanto tempo identificado o julgamento final exclusivamente com a segunda vinda, quando os estudiosos bíblicos descobriram a mensagem do primeiro anjo e o fim dos 2.300 dias, eles entenderam que o final dos 2.300 dias revelaria tanto o juízo quanto a segunda vinda.

“Equivocaram-se quanto à segunda vinda; achavam-se estupendamente certos, entretanto, ao dizer que a hora do juízo estava às portas. Pois realmente estava! A profecia predissera que o julgamento (embora não a segunda vinda) chegaria na década de 1840” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 362 e 363).

“Em I Coríntios 15:42-54 é mostrado que os justos ressuscitarão incorruptíveis e glorificados. Apocalipse 20:4-6 diz que os bem-aventurados e santos têm parte na primeira ressurreição. Isso mostra que, na ressurreição, já foi tomada uma decisão a respeito dos justos de Deus. Tal fato é vigorosamente confirmado em Apocalipse 22:11 e 12, quando o Salvador proclama Sua sentença final. Para o justo, o julgamento está plenamente completo antes que o Senhor venha” (FEYERABEND, 2005, p. 125).

“A profecia do Juízo Celestial anunciada pelo profeta Daniel é revelada com mais detalhes em Apocalipse. As cenas descritas em Daniel 7:9-10 correspondem às cenas de Apocalipse 4 e 5, nas quais Deus revelou ao profeta João primeiramente a Sala do Juízo com um Trono cercado por

outros 24 tronos onde estavam assentados os 24 anciãos.

- E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um Trono estava posto no céu, e Um assentado sobre o Trono... e ao redor do Trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos' (Apoc. 4:2, 4). Daniel e João, embora separados por um espaço de mais de 600 anos, viram, em visão, as mesmas cenas, contemplaram a mesma sala, o Santíssimo, e viram também os mesmos livros.

“Mais ainda, Daniel e João viram quando Jesus Se dirigiu ao Pai para receber os livros, ou o Livro que se desdobrava em sete tomos. Daniel diz: ‘eis que vinha nas nuvens do Céu um como o Filho do Homem; e dirigiu-Se ao Ancião de Dias’ (Dan. 7:13); e João descreve a mesma cena ao dizer: ‘e disse-me um dos anciãos: Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o Livro e desatar os seus Sete Selos. E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos um Cordeiro... E veio, e tomou o Livro da destra do que estava assentado no Trono’ (Apoc. 5:5-7).

- Daniel viu Jesus entrar à presença do Pai envolto em nuvens. João viu que Jesus veio cercado pelos quatro seres viventes, isto é, entre os anjos e os 24 anciãos. Ellen G. White teve uma visão da mesma cena, e uniu as duas descrições.

“Escreveu ela: ‘Então um carro de nuvens, com rodas como flama de fogo, circundado por anjos, veio para onde estava Jesus. Ele entrou no carro e foi levado para o Santíssimo, onde o Pai Se assentava’ (Primeiros Escritos, p. 55). Ela está descrevendo o que aconteceu no final dos 2.300 anos. Ela fala do ‘carro de nuvens’, e que Jesus ‘entrou no carro de nuvem’, e também fala que Ele estava circundado pelos anjos; era um carro de nuvem de anjos. Essa descrição une perfeitamente as cenas vistas por Daniel e João” (RAMOS, 2006, p. 307 e 308).

“A própria mensagem derrama luz sobre o tempo em que este movimento deve ocorrer. Declara-se que faz parte do ‘evangelho eterno’, e anuncia a abertura do juízo. A mensagem da salvação tem sido pregada em todos os séculos; mas esta mensagem é uma parte do evangelho que só poderia ser pregada nos últimos dias, pois somente então seria verdade que a hora do juízo havia chegado.

“As profecias apresentam uma sucessão de acontecimentos que nos levam ao início do juízo. Isto se observa especialmente no livro de Daniel. Entretanto, a parte de sua profecia que se refere aos últimos dias, Daniel teve ordem de fechar e selar, até ‘o tempo do fim’. Não poderia, antes que alcançássemos o tempo do juízo, ser proclamada uma mensagem relativa ao mesmo juízo e baseada no cumprimento daquelas profecias. Mas, no tempo do fim, diz o profeta, ‘muitos correrão de uma parte para outra, e a Ciência se multiplicará’. Daniel 12:4.

“O apóstolo Paulo advertiu a igreja a não esperar a vinda de Cristo em seu tempo. ‘Porque não será assim’, diz ele, ‘sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado’. 2 Tessalonicenses 2:3. Não poderemos esperar pelo advento de nosso Senhor senão depois da grande apostasia e do longo período do domínio do ‘homem do pecado’. Este ‘homem do pecado’, que também é denominado ‘mistério da injustiça’, ‘filho da perdição’, e ‘o iníquo’, representa o papado, que, conforme foi anunciado pelos profetas, deveria manter sua supremacia durante 1.260 anos. Este período terminou em 1798. A vinda de Cristo não poderia ocorrer antes daquele tempo.

“Paulo, com a sua advertência, abrange toda a dispensação cristã até ao ano de 1798. É depois dessa data que a mensagem da segunda vinda de Cristo deve ser proclamada. Semelhante mensagem jamais foi apresentada nos séculos passados. Paulo, como vimos, não a pregou; indicara aos irmãos a vinda do Senhor num futuro então muito distante. Os reformadores não a proclamaram. Martinho Lutero admitiu o juízo para mais ou menos trezentos anos no futuro, a partir de seu tempo. Desde 1798, porém, o livro de Daniel foi descerrado, aumentou-se o conhecimento das profecias, e muitos têm proclamado a mensagem solene do juízo próximo” (WHITE, 2013, p. 310 e 311).

“Desde os dias dos apóstolos nada ocorreu que pudesse interpretar-se como o cumprimento desta primeira mensagem, até que chegamos à Reforma do século XVI. Alguns asseguram que Lutero e seus colaboradores deram a primeira mensagem, e que as duas mensagens seguintes foram apresentadas desde então. Os fatos históricos é que vão decidir a questão. Onde estão as provas de que os reformadores fizeram tal proclamação? Quando e onde despertaram o mundo com a proclamação de que tinha vindo a hora do juízo de Deus? Não encontramos registrado que tal fosse a pre-

ocupação das suas pregações.

“Alguns intérpretes supõem que a mensagem supracitada (Apoc. 14:6-11) refere-se à época da Reforma e que se cumpriu na pregação de Lutero e dos outros eminentes personagens que foram suscitados naquele tempo para proclamar os erros da igreja romana. [...] Mas me parece que estas interpretações encontram objeções insuperáveis. O primeiro anjo tem por missão pregar o Evangelho de maneira muito mais extensa do que os reformadores puderam fazer. Longe de o pregarem a todos os habitantes da terra, nem sequer o pregaram em toda a Europa cristã. A Reforma não pôde penetrar em alguns dos reinos mais extensos da jurisdição romana. Ficou totalmente excluída da Espanha, Portugal e Itália. Não se poderia também dizer com lógica e veracidade no tempo da Reforma que tinha vindo a hora do juízo de Deus. [...] A hora do juízo de Deus é um tempo bem conhecido e definido com exatidão nas profecias de tempo em Daniel e Apocalipse’. – William Cunningham, *A Dissertation on the Seals and Trumpets of the Apocalypse*, pág. 255” (SMITH, 1979, p. 250).

“Eu espero – disse Lutero – que o último dia do juízo esteja longe, e na verdade estou convicto de que não tardará mais trezentos anos; porque a Palavra de Deus diminuirá e se obscurecerá pela falta de pastores fiéis e servos de Deus. Em breve se ouvirá a voz: ‘Eis aqui, é vindo o esposo’. Deus não quer nem pode tolerar muito mais este mundo ímpio; deve apresentar-se com o dia terrível e castigar o desprezo por sua Palavra’. – Martinho Lutero, *Familiar Discourses*, págs. 7, 8.

“Estes registros são decisivos no que respeita aos reformadores. E como as considerações precedentes bastam para impedir a aplicação da mensagem do juízo ao passado, vejamos a opinião que a localiza numa época futura, além do segundo advento.

“O motivo apresentado para situar a mensagem nesse tempo é o fato de que João viu o anjo voar pelo meio do céu, logo depois de ter visto o Cordeiro no Monte Sião com os 144.000, que é um acontecimento futuro. Se o livro do Apocalipse fosse uma profecia consecutiva, este raciocínio teria peso, mas como consta de uma série de cadeias proféticas independentes, e como já mostramos que uma dessas cadeias termina com o versículo 5 deste capítulo, e começa uma nova com o versículo 6, essa opinião não pode ser defendida.

“Para demonstrar que a mensagem não pode ter o seu cumprimento numa época futura, basta-nos observar o seguinte: A comissão apostólica estendia-se apenas até a “ceifa”, que é o fim do mundo. (Mat. 13:39). Portanto, se este anjo com o ‘Evangelho eterno’ vem depois desse acontecimento, prega outro evangelho, e sujeita-se ao anátema de Paulo em Gálatas 1:8.

“A segunda mensagem não pode, evidentemente, ser dada antes da primeira, mas a segunda mensagem anuncia a queda de Babilônia, e depois disso ouve-se uma voz do céu dizendo: ‘Sai dela, povo Meu’ [Ap 18.4]. Quão absurdo localizar isto depois do segundo advento de Cristo, visto que todo o povo de Deus, tanto vivos como mortos, é nesse tempo arrebatado para encontrar o Senhor nos ares para estar sempre com Ele (1 Tess. 4:17). Depois disso não podem ser chamados a sair de Babilônia. Cristo não os leva para Babilônia, mas para a casa do Pai, onde há muitas moradas (João 14:2, 3)” (SMITH, 1979, p. 251 e 252).

“Se a mensagem não foi dada no passado, e não pode ser dada no futuro depois da vinda de Cristo, onde poderia localizar-se senão na geração atual, se estamos nos últimos dias, precisamente antes da vinda de Cristo? Com efeito, a própria natureza da mensagem a limita à última geração da humanidade. Proclama que é vindo o juízo de Deus. O juízo pertence à conclusão da obra de salvação em favor do mundo, e a proclamação que anuncia a sua aproximação só pode, portanto, fazer-se quando nos aproximamos do fim” (SMITH, 1979, p. 252).

“O apóstolo Paulo que dissertara diante do governador romano Félix sobre ‘o juízo vindouro’ [At 24.25], proclamou aos ouvintes do Areópago que Deus ‘estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou’ (Atos 17:31). A profecia dos 2.300 anos de Daniel 8 [verso 22] apontava inequivocamente a esta hora do juízo. Este período profético, o mais longo das Escrituras, vai de 457 a.C. até 1844 d.C. Então, como já vimos ao estudar a profecia de Daniel, o santuário ia ser purificado. Esta purificação, de acordo com o serviço típico de Levítico 16, era a obra final de expiação” (SMITH, 1979, p. 253).

Caso o querido leitor não tenha conhecimento sobre a profecia de Daniel 8.14, uma vez que

ela é pré-requisito para a compreensão desta profecia de Apocalipse 14.6 e 7, aconselho as seguintes opções de leitura e vídeo:

- 1) <https://blogdoprofh.com/2012/04/09/as-2300-tardes-e-manhas-de-daniel-814-e/> e
- 2) <https://blogdoprofh.com/2017/02/06/daniel-8-o-tamid-o-chifre-pequeno-e-santuاريو/>.

“Deus sentado em seu trono para julgar o mundo [...] abre o Livro dos Anais, lê-o e ali se encontra a assinatura de cada homem. Soa a grande trombeta; ouve-se uma suave voz: ‘Este é o dia do juízo’. [...] No Dia do Ano Novo escreve-se o decreto; no Dia da Expição fica selado quem viverá e quem morrerá’. – *Jewish Encyclopedia*, vol. 2, pág. 286.

“Alguém perguntaria se uma mensagem desta natureza foi dada ao mundo ou se ela está sendo hoje proclamada. Cremos que o grande movimento do segundo advento do século passado corresponde exatamente à profecia” (SMITH, 1979, p. 254).

“Na Europa, América e muitos outros lugares em volta do mundo, a mensagem do primeiro anjo começou a cumprir-se naquilo que é frequentemente identificado como o ‘grande despertamento do segundo advento’. O termo ‘segundo advento’ provém da ênfase que o movimento colocou sobre a segunda vinda (ou ‘advento’) de Cristo. [...] impressionante movimento interdenominacional e intercontinental” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 363).

“A profecia da primeira mensagem angélica, apresentada em Apocalipse 14, teve o seu cumprimento no movimento do advento de 1840-44. Tanto na Europa como na América, homens de fé e oração ficaram profundamente comovidos ao ser sua atenção chamada para as profecias, e, examinando o Registro Inspirado, viram convincentes evidências de que o fim de todas as coisas estava às portas. O Espírito de Deus instou com Seus servos para darem a advertência. Por todas as partes disseminou-se a mensagem do evangelho eterno: ‘Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo’. Apocalipse 14:7” (WHITE, 2008a, p. 279).

“Em 1831 Guilherme Miller, de Low Hampton, Nova York, por um fervoroso e sólido estudo das profecias, foi levado à conclusão de que a dispensação cristã estava perto do seu fim. Colocou o termo, que pensava ocorrer no fim dos períodos proféticos, por volta de 1843. Estendeu depois esta data ao outono de 1844. Suas investigações foram um estudo perseverante e lógico das profecias porque adotou uma sábia regra de interpretação, que se encontra na base de toda reforma religiosa, e de todo avanço no conhecimento profético. Tal regra consiste em tomar toda a linguagem das Escrituras, como a de qualquer outro livro, em sentido literal, a não ser que o contexto ou as leis da linguagem requeiram que se entenda em sentido figurado, e deixar que uma passagem da Escritura interprete outra passagem.

“É verdade que ele cometeu um erro em um ponto vital, como explicaremos adiante, mas, em princípio, e em grande número de pormenores, foi correto. Seguiu o caminho correto e fez um grande avanço em comparação com todos os sistemas teológicos do seu tempo. Quando começou a propagar seus pontos de vista, eles foram recebidos favoravelmente, e ocorreram grandes despertamentos religiosos em diferentes partes do país” (SMITH, 1979, p. 254).

“O período dos anos de 1840 e 1844 foi de intensa atividade e grande progresso nesta obra. Foi proclamada ao mundo uma mensagem com todas as características de um cumprimento da proclamação de Apocalipse 14:6, 7. Foi na verdade aquele Evangelho do reino que Cristo declara devia ser pregado a todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então viria o fim (Mateus 24:14). O cumprimento de ambas estas passagens supõe a pregação da iminência do fim. O Evangelho não podia ser pregado a todas as nações com um sinal do fim, se não fosse compreendido como tal, e a proximidade do fim era, pelo menos, um dos seus temas principais” (SMITH, 1979, p. 255).

Este autor e vários outros citam diversos exemplos sobre a ocorrência generalizada desta pregação sobre o segundo advento de Cristo ou, como ele chama, “movimento adventista”. No capítulo 10, vimos a ocorrência desse mesmo fenômeno. Ou seja, cronologicamente, a mensagem do 1º anjo e o cumprimento da profecia de Apocalipse 10 coincidem, ocorrem simultaneamente, são, portanto, pontos de vista diferentes sobre a mesma época da história – o início do julgamento do planeta Terra, em particular a justificação dos filhos de Deus ou a festa das bodas (casamento) entre Cristo e Sua noiva, a igreja.

Em Mateus 22.1-14, o Senhor Jesus disse em parábola que “a sala do banquete ficou cheia

de convidados” (v. 10). Ou seja, o convite para a festa de casamento foi feito e muitos professaram aceitá-lo. Mas, então, “o rei” (v. 11) fez uma investigação entre “os que estavam à mesa” e descobriu alguém que não “trazia veste nupcial”, e o expulsou da comemoração (v. 12-14).

Apocalipse 10 e 14.6 e 7, salientam o esforço divino, através de Seus mensageiros que convidam, para salvar a humanidade tornando-a, toda, Sua igreja, noiva de Seu Filho. Isso ocorre desde Adão e Eva e continuará até o último bebê que nascerá. No entanto, esses dois textos de Apocalipse salientam esse esforço de Deus às vésperas do casamento: Deus julga os que supostamente aceitaram antes de o Noivo e a noiva aparecerem. O convite é para todos e entre os que aparecerem no banquete, haverá o julgamento investigativo, o qual começou em 22 de outubro de 1844. Ao final dele, saberemos quais dos convidados que responderam positivamente ao convite permanecerão, e quais foram expulsos. Ou seja, conheceremos a noiva, a igreja de Cristo.

No entorno da década de 1840, nos EUA e em todo o mundo, o primeiro anjo cumpriu a profecia. Antes disso ele também cumpriu sua missão (o evangelho é “eterno” apenas se seus mensageiros também o forem – Deus é o primeiro dos mensageiros, e depois Dele nunca faltaram mensageiros) e ainda hoje e até o fim do julgamento, esses mensageiros continuarão a convidar toda a humanidade.

“Ao pregar a doutrina do segundo advento, Guilherme Miller e seus companheiros haviam trabalhado com o único propósito de despertar os homens ao preparo para o juízo. Tinham procurado acordar os que professavam a religião, para a verdadeira esperança da igreja, e levá-los a sentir a necessidade de uma experiência cristã mais profunda; trabalhavam, também, para acordar os não-conversos ao dever de imediato arrependimento e conversão a Deus. ‘Não faziam tentativas para converter os homens a uma seita ou partido em matéria de religião. Daí o trabalharem entre todas as facções e seitas, sem interferências com sua organização ou disciplina’.

“‘Em todos os meus trabalhos’, disse Miller, ‘nunca tive o desejo ou o pensamento de criar qualquer interesse separado do das denominações existentes, ou de beneficiar uma em detrimento de outra. Pensava em beneficiar a todas. Supondo que todos os cristãos se regozijassem com a perspectiva da vinda de Cristo, e que os que não viam as coisas como eu as via, não haveriam, por isso, de menosprezar os crentes nesta doutrina, não pensei em qualquer necessidade de reuniões separadas. Todo o meu objetivo se concentrava no desejo de converter almas a Deus, cientificar o mundo do juízo vindouro e induzir meus semelhantes a fazer o preparo de coração que os habilitaria a encontrar-se com seu Deus em paz. A grande maioria dos que se converteram pelos meus trabalhos, uniram-se às várias igrejas existentes’. — Memórias de Guilherme Miller, Bliss.

“Como sua obra tendia a edificar as igrejas, foi por algum tempo olhada com favor. Mas, decidindo-se os pastores e os dirigentes religiosos contra a doutrina da segunda vinda de Cristo, e desejando suprimir toda agitação a respeito, não somente se opuseram a ela, do púlpito, mas também negaram a seus membros o privilégio de assistir a pregações sobre o assunto, ou mesmo falar de tal esperança nas reuniões de oração da igreja.

“Assim, encontraram-se os crentes em grande provação e perplexidade. Amavam suas igrejas, e repugnava-lhes o separar-se delas; mas como vissem suprimido o testemunho da Palavra de Deus e negado o direito de pesquisar as profecias, compreenderam que a lealdade para com o Senhor lhes vedava a submissão. Não poderiam considerar os que procuravam excluir o testemunho da Palavra de Deus como constituindo a igreja de Cristo, ‘coluna e base da verdade’. Daí o se sentirem justificados em desligar-se dessas congregações.

“No verão de 1844 aproximadamente cinqüenta mil se retiraram das igrejas. Por esse tempo, uma assinalada mudança se presenciou na maioria das igrejas dos Estados Unidos. Havia muitos anos se vinha verificando uma conformação cada vez maior, gradual mas constante, com as práticas e costumes do mundo, e bem assim um declínio correspondente na verdadeira vida espiritual; mas, naquele ano, evidenciou-se uma decadência súbita e notável em quase todas as igrejas do país. Se bem que ninguém parecesse capaz de indicar a causa, o fato em si mesmo era largamente notado e comentado, tanto pela imprensa como do púlpito” (WHITE, 2013, p. 328 e 329).

“A mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14, anunciando a hora do juízo de Deus e apelando para os homens a fim de O temer e adorar, estava destinada a separar o povo professo de

Deus das influências corruptoras do mundo, e despertá-lo a fim de ver seu verdadeiro estado de mundanismo e apostasia.

“Deus enviou à igreja, nesta mensagem, uma advertência que, se fosse aceita, teria corrigido os males que a estavam apartando dEle. Houvessem os homens recebido a mensagem do Céu, humilhando o coração perante o Senhor, buscando com sinceridade o preparo para estar em pé em Sua presença, o Espírito e poder de Deus ter-se-iam manifestado entre eles. A igreja de novo teria atingido o bendito estado de unidade, fé e amor, que houve nos dias apostólicos, em que ‘era um o coração e a alma’ dos crentes, e ‘anunciavam com ousadia a Palavra de Deus’, dias em que ‘acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar’. Atos 4:32, 31; Atos 2:47” (WHITE, 2013, p. 331).

“Mas o movimento geral acerca do segundo advento de Cristo e a proclamação de que ‘vinda é a hora do Seu juízo’, não se limitou ao hemisfério ocidental. Foi mundial. Realizou sob este aspecto a proclamação do anjo ‘a toda nação, e tribo, e língua e povo’.

“Mourant Brock, clérigo anglicano, que promoveu energicamente o movimento adventista nas Ilhas Britânicas, disse: ‘Não é apenas na Grã-Bretanha que a expectativa da próxima vinda do Redentor é alimentada, e que é levantada a voz de advertência, mas também na América, Índia, e no continente da Europa. Um de nossos missionários alemães relatou ultimamente que em Wurtemberg, há uma colônia cristã de várias centenas de pessoas que se distinguem por esperar o segundo advento.

“E um ministro cristão que vem das praias do mar Cáspio me disse que existe a mesma expectativa diária entre os de sua nação. Falam a respeito dela como ‘dia do conforto’. Em uma pequena publicação intitulada ‘O Milênio’, o autor diz que entende que na América cerca de trezentos ministros da palavra estão assim pregando ‘este evangelho do reino’, enquanto neste país – acrescenta – cerca de setecentos da Igreja Inglesa estão levantando o mesmo clamor’. – Mourant Brock, *Glorification*, nota ao pé das págs. 10, 11” (SMITH, 1979, p. 256).

“Os árabes deste lugar [Iêmen] têm um livro chamado ‘Seera’, que trata da segunda vinda de Cristo e do Seu reino em glória. No Yêmen [...] passei seis dias com os recabitas. [...] ‘Não bebem vinho, não plantam vinhas, não semeiam, e vivem em tendas, e lembram-se das palavras de Jonadabe, filho de Recabe’. Em sua companhia estavam filhos de Israel da tribo de Dã, que residem perto de Yerim, em Hadramaut, que esperam, como os filhos de Recabe, a breve vinda do Messias nas nuvens do céu’. – José Wolff, *Narrative of a Mission to Bokhara*, págs 40, 42” (SMITH, 1979, p. 257).

“Em Wurtemberg [Alemanha] há uma colônia cristã com algumas centenas de membros, que aguardam o breve advento de Cristo. Também outra de igual crença nas margens do Cáspio. Os Molokaners, grande corpo de dissidentes da Igreja Grega Russa, que reside nas margens do Báltico, povo muito piedoso, de quem se diz que ‘tomando a Bíblia por único credo, a única norma de sua fé são as Sagradas Escrituras!’, são caracterizados pela ‘expectativa do reino imediato e visível de Cristo sobre a Terra’.

“Na Rússia a doutrina da vinda e reino de Cristo é pregada em relativa extensão e aceita por muitos da classe operária. Tem sido extensamente ativada na Alemanha, em particular ao sul, entre os morávios. Na Noruega mapas e livros sobre o Advento têm circulado amplamente, e a doutrina foi recebida por muitos.

“Entre os tártaros, na Tartária, prevalece a expectativa do advento de Cristo por esse tempo. Publicações inglesas e americanas sobre esta doutrina têm sido enviadas para a Holanda, Alemanha, Índia, Irlanda, Constantinopla, Roma e para quase todas as estações missionárias do globo. [...]

“O Dr. José Wolff, segundo as anotações em seu diário entre os anos 1821 e 1845, proclamou o breve advento do Senhor na Palestina e Egito, nas costas do Mar Vermelho, na Mesopotâmia, na Criméia, Pérsia, Turquistão, Bokara, Afeganistão, Cachemira, Hindustão, Tibete, Holanda, Escócia, Irlanda, Constantinopla, Jerusalém, Santa Helena e a bordo de seu barco no Mediterrâneo e na cidade de Nova York a todas as denominações.

“Ele declara que pregou entre judeus, turcos, maometanos, persas, hindus, caldeus, yeseedes, sírios, sabeus, paxás, xeques, xás, aos reis do Organtsh e Bucara, a rainha da Grécia, etc. De

seus extraordinários labores diz o Investigador: ‘Ninguém, talvez, tenha dado maior publicidade à doutrina da segunda vinda de Jesus Cristo do que este conhecido missionário ao mundo. Onde quer que vá, proclama o próximo advento do Messias em glória’. – D. T. Taylor, *A Voice of the Church*, págs. 342, 344” (SMITH, 1979, p. 257e 258).

“As crianças desempenharam papel da mais alta relevância ao pregarem a mensagem do primeiro anjo na Suécia, onde somente ao clero oficial era permitido pregar, e este não demonstrou qualquer interesse pela mensagem da segunda vinda. Numa das mais poderosas demonstrações do cumprimento da mensagem do primeiro anjo, durante os anos de 1842 e 1843, os jovens e mesmo as crianças pequenas pregaram a chegada da hora do juízo.

“Ole Boqvist e Erik Walbom, adolescentes, foram colocados na prisão e cruelmente açoitados sob um jato de água gelada. Crianças pequenas, algumas com não mais de seis anos de idade, apresentaram sermões a grupos que por vezes chegaram a atingir alguns milhares de pessoas, insistindo com o povo a que se arrependesse, pois a hora do juízo logo sobreviria.

“Algumas crianças pareciam estar em visão ou estado de transe enquanto pregavam. Quando não se achavam pregando, falavam e agiam como qualquer outro menino ou menina. Um médico do Governo, Dr. S. E. Sköldberg, apresentou um relatório oficial, baseado em numerosas observações de crianças-pregadoras. O departamento de saúde proibiu durante algum tempo que as crianças ultrapassassem os limites dos municípios em que residiam, a fim de manter em quarentena aquilo que foi oficialmente identificado como ‘doença da pregação’!

“Quando as crianças eram solicitadas a explicar por que procediam daquela forma, elas citavam dois textos bíblicos em particular: (a) Joel 2:28 e 29: ‘E acontecerá depois que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão’. (b) Apocalipse 14:7 — ‘É chegada a hora do Seu juízo’ (Froom, *Prophetic Faith*, 3:687-700, 299; M. Ellsworth Olsen, *A History of the Origin and Progress of Seventh-day Adventists* (Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Assn., 1925), págs. 99-101)” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 363 e 364).

O livro *O Fator Melquisedeque – O testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo*, Don Richardson apresenta vários e vários relatos que também evidenciam a atuação divina, por meio de anjos humanos e não humanos, ensinando a Verdade aos povos do globo, sobretudo aos dos interiores dos continentes e ilhados pelos oceanos.

““Vejo que a advertência do Senhor foi ouvida de fato, e se elevou a voz na igreja naquele tempo, com referência à proximidade do advento é inegável. Pode-se dizer, sem temor de exagerar, que desde 1828 até 1833 um maior número de folhetos ou trabalhos destinados a tratar o tema do advento e declarar sua proximidade vieram a público e foram publicados nos principais jornais religiosos da época que o que aparecera anteriormente em qualquer século de toda a época decorrida desde o tempo dos apóstolos; sim, e provavelmente mais que em todos os séculos desde então. – William Cuninghame, *A Dissertation on the Seals and Trumpets of the Apocalypse*, pág. 443” (SMITH, 1979, p. 258).

“Desde o Pentecostes, a fé cristã sempre tem sido mais bem-sucedida como movimento de obreiros voluntários. Por meio de estudos bíblicos pessoais, distribuição de literatura, seminários de diversos tipos e outros meios de testemunho, somos convidados individualmente a partilhar a graça de Cristo” (COFFMAN, 1989, p. 75).

No capítulo 10 nós estudamos bastante sobre o movimento adventista ou pregação sobre a iminente vinda do Senhor Jesus, nos anos 1840, e a grande decepção.

“Supondo que a Terra era o santuário, e que a sua purificação devia realizar-se pelo fogo ao manifestar-Se o Senhor desde os Céus, esperavam naturalmente o aparecimento de Cristo no fim daqueles dias. E pela sua má compreensão deste ponto sofreram um esmagador desapontamento, predito na própria Escritura, embora tudo o que a profecia declarava e tudo o que deviam esperar, teve lugar nesse tempo com absoluta exatidão.

“Começou então a purificação do santuário, mas esse fato não trouxe Cristo à Terra, porque a Terra não é o santuário, e a sua purificação não implica a destruição da Terra, porque a purificação do santuário é realizada com o sangue de uma oferta de sacrifício e não com o fogo. Aqui estava o amargor do livrinho para a igreja (Apoc. 10:10). Aqui estava a vinda de um como o Filho do ho-

mem, não a esta Terra, mas ao Ancião de dias (Dan. 7:13, 14). Aqui estava a vinda do Esposo às bodas, segundo a parábola das dez virgens em Mateus 25.

“As virgens loucas disseram então às prudentes: ‘Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam’. As prudentes responderam: ‘Ide e comprai-o para vós’. E indo elas comprá-lo, chegou o Esposo. Não se trata aqui da vinda de Cristo a esta Terra, porque é uma vinda que precede as bodas; mas as bodas, isto é, a recepção do reino (ver comentários sobre o Apocalipse 21), devem preceder a Sua vinda a esta Terra para receber o Seu povo, que há de ser convidado para a ceia de bodas (Lucas 19:12; Apoc. 19:7-9). Esta vinda, na parábola, deve, portanto, ser a mesma que a vinda do Filho do homem ao Ancião de dias mencionada fala em Daniel 7:13, 14.

“As que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta’. Depois de o Esposo vir às bodas, há um exame dos convidados, para ver quem está em condições de participar na cerimônia, segundo a parábola de Mateus 22:1-3. Como último ato antes das bodas o Rei entra para ver os convidados, para verificar se todos estão convenientemente trajados com as vestes nupciais; todo aquele que, após o devido exame, é achado com as vestes e é aceito pelo Rei, não perde mais essas vestes, mas tem certa a imortalidade. Mas a aptidão para o reino é unicamente determinada pelo juízo investigativo do santuário.

“Portanto, a obra feita no santuário, que é a expiação ou purificação do próprio santuário, não é senão um exame dos convidados para ver quem tem as vestes nupciais. Por conseguinte, até que esta obra tenha terminado, não está determinado quem está ‘preparado’ para entrar nas bodas.

“As que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas.’ Esta expressão nos leva do tempo em que o Esposo vem para as bodas, através de todo o período de purificação do santuário, ou do exame dos convidados. Quando este exame estiver concluído, terminará o tempo de graça e a porta se fechará.

“É agora clara a relação da parábola com a mensagem que estamos examinando. Apresenta um período de preparação dos convidados às bodas do Cordeiro, que é a obra do juízo, a que a mensagem nos leva quando declara: ‘Vinda é a hora do Seu juízo’. Esta mensagem deve ser proclamada com uma grande voz. Foi proclamada com o poder assim indicado entre os anos 1840 e 1844, mais especialmente no outono do último ano, levando-nos ao fim dos 2.300 dias, quando começou a obra do juízo ao iniciar Cristo a obra da purificação do santuário” (SMITH, 1979, p. 258-260).

“Enquanto no céu, no santuário de Deus, se processa o juízo desde 1844, na terra a mensagem do primeiro anjo adverte a civilização da sua realidade. Há perigo em não dar a devida atenção à mensagem de advertência. Todavia todos — o rico e o pobre; o sábio e o ignorante; o rei e a rainha; o grande e o pequeno; o moço e o velho — todos hão de prestar suas contas no augusto tribunal do universo. Poderá o indivíduo ter a religião que tiver — cristã, maometana, budista, sintoísta, ou qualquer outra — comparecerá da mesma maneira à barra do grande tribunal. Não importa a quanto tempo tenha o homem ou a mulher cometido seus erros contra a Lei de Deus. Todos os seus atos serão revelados e julgados com precisão embora praticados há muito e mesmo esquecidos na terra” (MELLO, 1959, p. 413 e 414).

“Quando Ele vier, pois, todos os casos estarão decididos. Diz Jesus: ‘O Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra’. Apocalipse 22:12. É esta obra de julgamento, que precede imediatamente a segunda vinda, que é anunciada na mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:7: ‘Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo’ (WHITE, 2013, p. 308).

“Solenes são as cenas ligadas à obra final da expiação. Momentosos, os interesses nela envolvidos. O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento [isto foi escrito cerca de 39 a 44 anos após 22/10/1844; e a autora já considerava ‘muitos anos’!]. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos.

“Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame. Atualmente, mais do que em qualquer outro tempo, importa a toda alma atender à admoestação do Salvador: ‘Vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo’. Marcos 13:33. ‘Se não vigiades, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei’. Apocalipse 3:3. Quando se encerrar a obra do juízo de investigação, o destino de todos terá sido decidido, ou para a vida, ou para a morte.

“O tempo da graça finaliza pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do céu. Cristo, no Apocalipse, prevendo aquele tempo, declara: ‘Quem é injusto, faça injustiça ainda; quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra’. Apocalipse 22:11, 12.

“Os justos e os ímpios estarão ainda a viver sobre a Terra em seu estado mortal: estarão os homens a plantar e a construir, comendo e bebendo, todos inconscientes de que a decisão final, irrevogável, foi pronunciada no santuário celestial.

“Antes do dilúvio, depois que Noé entrou na arca, Deus o encerrou ali, e excluiu os ímpios; mas, durante sete dias, o povo, não sabendo que seu destino se achava determinado, continuou em sua vida de descuido e de amor aos prazeres, zombando das advertências sobre o juízo iminente. ‘Assim’, diz o Salvador, ‘será também a vinda do Filho do homem’. Mateus 24:39.

“Silenciosamente, despercebida como o ladrão à meia-noite, virá a hora decisiva que determina o destino de cada homem, sendo retraída para sempre a oferta de misericórdia ao homem culpado. ‘Vigiai, pois, ... para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo’. Marcos 13:35, 36. Perigosa é a condição dos que, cansando-se de vigiar, volvem às atrações do mundo. Enquanto o homem de negócios está absorto em busca de lucros, enquanto o amante dos prazeres procura satisfazer aos mesmos, enquanto a escrava da moda está a arranjar os seus adornos — pode ser que naquela hora o Juiz de toda a Terra pronuncie a sentença: ‘Pesado foste na balança, e foste achado em falta’. Daniel 5:27” (WHITE, 2013, p. 427 e 428).

“Após a ascensão Jesus iniciou Seu ministério sacerdotal no Santuário Celestial. Lá Ele exerce Sua função de mediador junto ao Pai, advogado e juiz (1 Timóteo 2:5; 1 João 2:1). Ele aplica em favor dos crentes os méritos de Seu precioso sangue, oferecendo reconciliação e perdão. Após o tempo especificado na profecia de Daniel 8:14, Jesus deu início ao processo de purificação do santuário, o que corresponde ao juízo que ocorre antes de Sua Segunda Vinda (Hebreus 9:23). Todos nós compareceremos perante o tribunal de Cristo para sermos julgados. Unicamente os méritos do sangue de Jesus podem nos absolver e nos salvar” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 52).

“O Juízo Investigativo começou com os mortos em 1844, e breve passará para os casos dos vivos. Quando será o Julgamento dos Vivos? É bastante coerente e bíblico entendermos que o período do Selamento dos Vivos mencionado em Apoc. 7:2-3 e Apoc. 13:16-7, seja também o tempo do Juízo dos Vivos. Selamento e Julgamento são uma só coisa; ambos definem o destino eterno de cada um. Apocalipse fala claramente de dois selos:

- o Selo do Deus Vivo (Apoc. 7:2-3);
- e o selo da besta (Apoc.13:16-18)” (RAMOS, 2006, p. 311 e 312).

Samuel Ramos (2006, p. 324) afirma ainda mais explicitamente que o julgamento dos vivos ocorrerá “por ocasião do Decreto Dominical. O povo de Deus estará sendo selado pelo Selo do Deus Vivo e os ímpios pelo selo da besta”.

“Os que forem selados pelo Selo do Deus Vivo não mais se perderão, estarão selados para a vida eterna, e os que forem selados pelo selo da besta estarão perdidos. Os salvos refletem o santo caráter de Jesus e nos perdidos revela-se o caráter ímpio de Satanás. A profecia de Apocalipse 7:2-3 aponta para o selamento do povo de Deus. Quem são eles?” (RAMOS, 2006, p. 311 e 312).

O autor responde a indagação apontando para os que, no fim do tempo do fim, santificarem o sábado do quarto mandamento da Lei de Deus. Isso faz todo sentido, uma vez que haverá um claro contraste (claro pelo menos para os que vivem de acordo com a luz da Bíblia) entre o cristianismo/religiosidade nominal e a devoção ao Criador. Este Criador, segundo a Bíblia e sua semântica, criou, abençoou e santificou/separou o sétimo dia da semana e legislou o sábado como um mandamento moral a toda a humanidade.

Imediatamente antes da volta do Senhor Jesus Cristo, assim como no início da história humana, só haverá dois grupos de indivíduos — os que reconhecem a autoridade do Criador e os que a desprezam; os que recebem o selo de Deus e os que escolhem a marca da besta, o expediente utilizado por Satanás para usurpar a autoridade divina aqui na Terra.

“Três ordens na mensagem do primeiro anjo. O apelo do primeiro anjo contém três ordens:

1) Temer a Deus; 2) Dar-Lhe glória; e 3) adorá-Lo por ser o Criador. Esta última ordem recomenda que a família humana reconheça o seu Criador e faz alusão à fraseologia do quarto mandamento: ‘Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas’. Apoc. 14:7; comparar com Êxo. 20:11” (COFFMAN, 1989, p. 79).

“O primeiro apêlo da mensagem do primeiro anjo é — Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo. O segundo e final apêlo é — E adorai Aquele que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. Deduzimos desta mensagem que, ao chegar, desde 1844, o tempo que precederia o fim do mundo, Deus deveria ser crido e adorado como o Criador de tudo quanto existe. E, de todos quantos aceitam o ‘evangelho eterno’ e adoram a Deus como Criador de tôdas as coisas, está escrito: ‘Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus’ (Ap 14:12)” (MELLO, 1959, p. 415).

“Este anúncio de juízo é um chamado para adorar o Criador. Ao tempo em que a besta e sua imagem estão reclamando culto por parte das nações, Deus convida os homens a adorar Aquele que fez o Céu e a Terra. Como os romanos, a quem Paulo escreveu, os homens hoje estão adorando ‘a criatura mais que o Criador’ [cf. Rm 1.25]. Educação e humana filosofia têm roubado ao homem o conceito de um Deus pessoal. O Criador tem sido perdido de vista em Sua criação.

“Para adorar o Criador de modo completo, precisamos também reconhecer o sinal de Seu poder criador, e este sinal é o sábado. ‘Porque em seis dias fez o Senhor o Céu e a Terra. [...] e descansou no sétimo dia; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou’. Êxo. 20:11. ‘O haver Deus *abençoado* e *santificado* o dia, significou sua separação dentre os dias comuns para fim religioso, para que fosse um perpétuo memorial ou sinal de que todos os que o observassem se estariam mostrando adoradores dAquele Deus que fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo’ — *Binney’s Theological Compend*, págs. 169 e 170” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 170 e 171).

“‘Adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas’ (Ap 14:7). A adoração é o ponto central no conflito final entre Cristo e Satanás. No tempo do fim, os habitantes do mundo se dividirão em dois grupos: aqueles que temem e adoram a Deus e aqueles que temem e adoram a besta. Uma linha clara de divisão é traçada entre os dois grupos. É importante ter em mente que o teste do tempo do fim não é uma negação da adoração, mas uma negação de *quem* é adorado. Ao passo que a maioria dos habitantes da Terra rejeita a verdade e escolhe seguir e adorar a besta, o povo do Senhor escolhe adorar e servir a Deus.

“A verdadeira adoração na Bíblia é associada ao dia correto de adoração. O chamado para adorar ao Deus que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas reflete o quarto mandamento do Decálogo. Os editores da obra *The Greek New Testament* observam, em uma margem, que essa declaração de Apocalipse 14:7 é uma citação direta de Êxodo 20:11 (ver Kurt Aland et al. (eds). *The Greek New Testament*, 4ª ed. (Nova York: United Bible Societies, 1993), p. 863).

“Isso indica que o chamado do primeiro anjo para adorar a Deus, o Criador, é feito no contexto da observância do sábado. Trata-se de um convite para a adoração ao Criador, que fez esta Terra em seis dias e proclamou a santidade do sétimo (Gn 2:1-3). O sétimo dia, o sábado, é um sinal especial de nosso relacionamento com Deus (Êx 31:13; Ez 20:12, 20). Também é um memorial tanto da criação (Êx 20:11) quanto da redenção (Dt 5:15).

“A mensagem do primeiro anjo mostra que a verdade sobre Deus, o Criador, será proclamada mais uma vez ao mundo. As pessoas são chamadas a voltar para o Senhor, combatendo as atividades enganosas de Satanás, que têm a intenção de levar o mundo à religião falsa e ao serviço a um deus falso (2Ts 2:4)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 85).

“**adorai [...] mar.** Esta linguagem faz uma alusão inequívoca ao mandamento do SÁBADO, com referência à CRIAÇÃO (Êx 20:8-11), indicando, portanto, que o sétimo dia tem relevância especial na proclamação do evangelho no tempo do fim. Descansar das próprias obras é a resposta ideal ao evangelho (ver Hb 4:1-11). As admoestações a ‘temer’ e ‘adorar’ neste versículo se encaixam diretamente no contexto imediato mais amplo de guardar os mandamentos de Deus (ver Ap 12:17; 14:12), com referências óbvias ao decálogo” (BÍBLIA, 2015, p. 1667).

“Os mandamentos de Deus os encontramos na Sua lei escrita por Seu próprio dedo no Monte Sinai, que são tão imutáveis como Ele o é (Tg 1:17). A lei de Deus contém o reflexo de Seu santo

caráter divino, e, os que a guardam são nesta profecia chamados ‘santos’ e possuidores da ‘fé de Jesus’. Assim são considerados na revelação os que aceitam o ‘evangelho eterno’ a partir do ano de 1844. Eles se distinguem — aqui estão — de todos os demais religiosos e religiões, por obedecerem aos mandamentos da lei de Deus.

“Sabem que não poderão obedecer ao ‘evangelho eterno’ desprezando o eterno Decálogo que êle contém. Sabem que não poderão ser perdoados pela divina graça enquanto persistirem no pecado que é o fruto da violação dos mandamentos da lei do Todo-poderoso Deus. Em outras palavras, eles não só guardam os mandamentos de Deus por ser justo guardá-los, mas porque sabem que, segundo os ensinamentos do Velho e do Novo Testamentos, um dia serão por eles julgados (Tg 2:10-12).

“Segundo a tríplice mensagem angélica deste décimo quarto capítulo, é a lei do divino Decálogo que aponta ‘Aquêle que fez o céu, e a terra; e o mar, e as fontes das águas’. E é exatamente no quarto mandamento da lei que isto é demonstrado por Seu próprio Legislador. Leiamos novamente o quarto mandamento: ‘Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que nêles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou’ (Êx 20:8:11).

“Notemos pelas palavras do quarto mandamento que Deus criou o mundo em seis dias e abençoou e santificou o sétimo dia, o sábado, para um propósito altamente definido, isto é, para lembrá-Lo perpetuamente como Criador do céu, da terra, do mar e de tudo quanto nêles há. Em outros termos, o sábado é o dia semanal comemorativo da criação do mundo. É pela observância do sábado que Deus espera ser reconhecido e adorado pelos habitantes do mundo como Criador, mantenedor e doador de todas as coisas. Devemos pois ver no sábado do sétimo dia o legítimo fundamento do culto divino.

“Exatamente antes do fim do mundo e da segunda vinda de Cristo, a começar com o ano de 1844, esta gloriosa verdade deveria ser anunciada na terra segundo esta infalível profecia. Deus deseja ser adorado como Aquele que em seis dias criou o maravilhoso mundo que deu a Seus filhos para nêle desfrutarem das obras de Sua gloriosa criação realizada em seis dias” (MELLO, 1959, p. 415 e 416).

“O Evangelho Eterno é a mensagem do primeiro anjo. Difere do evangelho comumente pregado porque fala de Jesus não só como Salvador, mas também como Juiz no tribunal celestial. O Evangelho Eterno também é um chamado mundial para se adorar o Criador: ‘*E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas*’ (Apoc. 14:7). O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus. A mensagem do Evangelho Eterno foi levada a todos os postos missionários do mundo. Deu origem ao maior movimento criacionista do mundo, exaltando a Lei de Deus como norma do Juízo Celestial, e mostrando que a única maneira de se adorar o Criador dos céus e da terra, é através da guarda do sábado bíblico, o memorial da criação.

“O movimento criacionista adventista de 1844 é uma resposta divina à teoria evolucionista de Darwin, que em 1844 escreveu seu primeiro rascunho do livro *Origem das Espécies*, publicado em 1859. A Revolução Francesa (1789) estabeleceu as bases para Satanás lançar no mundo suas mais poderosas armas contra a mensagem do primeiro anjo. O evolucionismo, o *Manifesto Comunista* de Karl Marx em 1848, o nascimento de Friedrich Nietzsche em 1844, e o espiritismo moderno na casa das irmãs Fox em 1848, todos eles foram tentativas de Satanás para neutralizar o poder da mensagem do primeiro anjo” (RAMOS, 2006, p. 323 e 324).

“**Adorai.** Do gr. *proskuneō*, ‘reverenciar’, ‘adorar’. A adoração a Deus contrasta com a adoração à besta (Ap 13:8, 12) e a sua imagem (v. 15). Na crise final, os habitantes da Terra serão chamados a fazer uma escolha, semelhante à dos três hebreus em Babilônia, entre a adoração ao Deus verdadeiro ou a falsos deuses (Dn 3). A mensagem do primeiro anjo tem o objetivo de preparar as pessoas para a escolha correta e a permanecerem firmes no momento crucial” (NICHOL; DORNELLES, 2014, p. 916).

“**Adorai o Criador:** Este apelo para uma reforma na adoração a Deus está baseado nos termos do quarto mandamento. Ele cita as mesmas palavras do mandamento. É um apelo para adorar o Deus que fez ‘os céus, a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso abençoou o dia de sábado e o santificou’ (Êxodo 20:11). Uma vez que o registro bíblico da criação está sendo negado por tantos, e uma vez que o sábado de Deus, um sinal do Seu poder criador, foi posto de lado pela humanidade em geral, é vital que todas as pessoas, em todas as partes, sejam chamadas para adorar o verdadeiro Deus e, assim fazendo, aceitem o sinal do Seu poder criador, que é o sábado do quarto mandamento” (FEYERABEND, 2005, p. 125 e 126).

“O apelo para observar o sábado de Deus faz parte da mensagem do primeiro anjo. Somos convidados a adorar o Criador no dia que constitui o monumento comemorativo de Sua obra criadora. Isto também faz parte do evangelho eterno. A adoração e lealdade de muitos apenas é superficial. Segundo é ensinado pela parábola das dez virgens (S. Mat. 25:1-13), o que é genuíno e verdadeiro precisa tornar-se evidente” (COFFMAN, 1989, p. 79).

“O ser defeituosa a lei pronunciada pela própria voz divina, o haverem sido certas especificações postas à margem, eis a pretensão apresentada agora por Satanás. É o último grande engano que ele há de trazer sobre o mundo. Não necessita atacar toda a lei; se pode levar os homens a desrespeitar um só preceito, está conseguido seu objetivo. Pois ‘qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos’. Tiago 2:10. Consentindo em transgredir um preceito, são os homens colocados sob o poder de Satanás.

“Substituindo a lei divina pela humana, procurará Satanás dominar o mundo. Essa obra é predita em profecia. Acerca do grande poder apóstata que é representante de Satanás, acha-se declarado: ‘Proferirá palavras contra o Altíssimo e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão’. Daniel 7:25.

“Os homens hão de certamente estabelecer suas leis para anular as de Deus. Procurarão obrigar a consciência de outros, e, em seu zelo para impor essas leis, oprimirão os semelhantes. A guerra contra a lei divina, começada no Céu, continuará até ao fim do tempo. Todo homem será provado. Obediência ou desobediência, eis a questão a ser assentada por todo o mundo.

“Todos serão chamados a escolher entre a lei divina e as humanas. Aí se traçará a linha divisória. Não existirão senão duas classes. Todo caráter será plenamente desenvolvido; e todos mostrarão se escolheram o lado da lealdade ou o da rebelião. Então virá o fim. Deus reivindicará Sua lei e livrará Seu povo. Satanás e todos quantos se lhe houverem unido em rebelião serão extirpados. O pecado e os pecadores perecerão, raiz e ramos (Malaquias 4:1) — Satanás a raiz, e seus seguidores os ramos” (WHITE, 2007b, p. 672).

“‘A importância do sábado como memória da criação consiste em conservar sempre presente o verdadeiro motivo de se render culto a Deus’ — porque Ele é o Criador, e nós as Suas criaturas. ‘O sábado, portanto, está no fundamento mesmo do culto divino, pois ensina esta grande verdade da maneira mais impressionante, e nenhuma outra instituição faz isso. O verdadeiro fundamento para o culto divino, não meramente o daquele que se realiza no sétimo dia, mas de todo o culto, encontra-se na distinção entre o Criador e Suas criaturas. Este fato capital jamais poderá tornar-se obsoleto, e jamais deverá ser esquecido’. — História do Sábado, J. N. Andrews.

“Foi para conservar esta verdade sempre perante o espírito dos homens que Deus instituiu o sábado no Éden; e, enquanto o fato de que Ele é o nosso Criador continuar a ser razão por que O devamos adorar, permanecerá o sábado como sinal e memória disto. Tivesse sido o sábado universalmente guardado, os pensamentos e afeições dos homens teriam sido dirigidos ao Criador como objeto de reverência e culto, jamais tendo havido idólatra, ateu, ou incrédulo.

“A guarda do sábado é um sinal de lealdade para com o verdadeiro Deus, ‘Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas’. Segue-se que a mensagem que ordena aos homens adorar a Deus e guardar Seus mandamentos, apelará especialmente para que observemos o quarto mandamento” (WHITE, 2013, p. 381 e 382).

“Essa mensagem é o oposto da teoria da evolução, pois exige a adoração a Deus nos termos do mandamento do sábado (Êxodo 20:8-11) e adquire grande solenidade na época do juízo que João viu em progresso no santuário do Céu” (BELVEDERE, 1987, p. 131).

“Nenhum dos males do mundo existiria se o homem houvesse observado semanalmente o sábado em comemoração à criação efetuada por Deus. Guardando o Sábado, seria levado a observar os outros nove mandamentos da lei de Deus, o que teria resultado em felicidade e bem-estar permanentes à família humana. Mas foi a teoria malsã da evolução que excluiu a Deus e levou o ateísmo e o cristianismo nominal a rejeitar o Sábado, dia comemorativo da criação de Deus. A razão por que a mensagem apocalíptica ordena: ‘E adorai Aquêle que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas’, tem um grande propósito em vista: Levar o homem outra vez a Deus pela observância sincera do Sábado e torná-lo feliz em novamente reconhecer o Criador do mundo e seu próprio Criador” (MELLO, 1959, p. 421).

“O povo de toda parte precisa que a Bíblia seja aberta perante ele. Chegou o tempo, o importante tempo, em que o rolo do livro está sendo desdobrado diante do mundo pelos mensageiros de Deus. A verdade contida na primeira, segunda e terceira mensagens angélicas, deve ir a toda nação, e tribo, e língua e povo; ela deve iluminar as trevas de todo continente e estender-se às ilhas do mar. Coisa alguma de invenção humana deve ter licença de retardar esta obra. Para que isto se consiga, necessitam-se talentos cultivados e consagrados; necessitam-se pessoas capazes de realizar obra excelente na mansidão de Cristo, porque o próprio eu nEle se acha escondido. Os neófitos não podem fazer aceitavelmente a obra de revelar os tesouros ocultos para enriquecer as almas nos bens espirituais” (WHITE, 2008d, p. 376 e 377).

“Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como vigias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção” (WHITE, 1949, p. 262).

Os irmãos adventistas do sétimo dia creem que pelo menos alguns dentre si cumprem Ap 14.6-12.

“As Três Mensagens Angélicas fizeram da Igreja Adventista do Sétimo Dia o que ela é hoje no mundo, um poderoso movimento profético mundial, e no dia em que deixarmos de pregar essas mensagens, voltaremos ao nada. Pode ser que muitos pregadores modernos considerem as Três Mensagens Angélicas pesadas demais para serem pregadas. Pode ser que muitos deles achem que esse tema não é apropriado para uma semana de oração, ou uma série evangelística. Pode ser que estejamos desenvolvendo o mesmo conceito de Canright [ex-adventista], o de pregar doutrinas suaves e populares, mas a missão profética da Igreja Adventista é a proclamação das Três Mensagens Angélicas. Como disse Ellen G. White, essas mensagens ‘nos separam das igrejas e do mundo’ [WHITE, 2008d, p. 147], tornam-nos impopulares, mas esta é a nossa missão” (RAMOS, 2006, p. 305).

De fato, há uma peculiaridade nas crenças da IASD. O julgamento ou a “hora do Seu juízo” (Ap 14.7) possui uma compreensão atípica dentro dos cristianismos católico e evangélico, muito embora a Bíblia autentique a posição adventista. Além do ponto de vista exposto, a respeito do julgamento dos que professaram o Deus bíblico e/ou Seus princípios e Suas leis, alguns dos adventistas também são únicos em acreditar e ensinar que Deus elaborou esse julgamento pré-advento para Se defender das acusações de Lúcifer (pré-Criação), lá no Céu, e pós-Criação, aqui na Terra, vindicando ou deixando claro que tipo de caráter Ele tem, e como Ele reage ao mal sem ser mau. Todo esse Plano da Redenção, na compreensão da instituição adventista, além de salvar do pecado, objetiva vacinar o universo de Deus contra uma segunda queda. Tudo isso faz parte do “evangelho eterno” e, portanto, deve ser ensinado “a cada nação, e tribo, e língua e povo”, Ap. 14.6.

“De certa forma, o pecado colocou Deus em juízo diante do universo. Um inimigo muito sutil surgiu dentro do próprio céu e desafiou Deus. Antes de Satanás ser o acusador dos irmãos de Jesus (Apoc. 12:10), tornara-se ele o acusador do próprio Deus o Pai. Murmurou contra Deus e teve inveja de Cristo. Acusou, rebelou-se, e usou de enganos para ganhar a simpatia e apoio dos anjos. Deus entra em juízo pela maneira como são respondidas as acusações feitas contra Ele nesta guerra entre o bem e o mal. A segurança eterna do governo divino depende desse processo judicial celesti-

al. Deus considera vitalmente importante, que todas as Suas criaturas, em todo o universo, vejam claramente a justiça e a integridade divina no trato com o mal. [...]

“O Juízo Celestial tem dois propósitos:

- Passar em juízo nome por nome de todos aqueles que um dia professaram fé em Jesus, e assim determinar quem são aqueles cujos nomes permanecerão no Livro da Vida do Cordeiro. ‘Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus’ (O Grande Conflito, p. 483);
- Justificar o caráter de Deus de todas as acusações feitas por Satanás, e reivindicar diante do universo a justiça divina” (RAMOS, 2006, p. 314 e 315).

“O Dia da Expição no Santuário Celestial envolve muito mais do que somente restaurar e vindicar a humanidade. A fase final do ministério de Jesus que refuta Satanás e elimina o pecado é muito mais profunda do que um decreto sobre o destino da família humana. Não será somente a terra que será restaurada à sua pureza original, mas será restaurada também a harmonia eterna do universo. A purificação do altar, dos lugares santos, e do santuário [cf. Lv 16.20] inclui a vindicação de Deus, Seu governo e Seu caráter” (RAMOS, 2006, p. 316).

“Pela mesma representação falsa do caráter divino, por ele dada no Céu, fazendo com que Deus fosse considerado severo e tirano, Satanás induziu o homem a pecar. E, logrando ser bem-sucedido nisto, declarou que as injustas restrições de Deus haviam motivado a queda do homem, assim como determinaram a sua própria rebelião” (WHITE, 2013, p. 436).

“A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para o Universo, durante todas as eras vindouras — perpétuo testemunho da natureza do pecado e de seus terríveis resultados. A atuação do governo de Satanás, seus efeitos tanto sobre os homens como sobre os anjos, mostrariam qual seria o fruto de se pôr de parte a autoridade divina. Testificariam que, ligado à existência do governo de Deus, está o bem-estar de todas as criaturas que Ele fez. Assim, a história desta terrível experiência com a rebelião seria uma salvaguarda perpétua para todos os seres santos, para impedir que fossem enganados quanto à natureza da transgressão, para salvá-los de cometer pecado, e de sofrerem sua pena” (WHITE, 2007c, p. 17).

“Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem considerar a lei de Deus como devia ela ser considerada; mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o Universo. Para este resultado de Seu grande sacrifício, ou seja, a influência do mesmo sobre os entes de outros mundos, bem como sobre o homem, olhou antecipadamente o Salvador quando precisamente antes de Sua crucifixão disse: ‘Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim’. João 12:31, 32.

“O ato de Cristo ao morrer pela salvação do homem, não somente tornaria o Céu acessível à humanidade, mas perante todo o Universo justificaria a Deus e Seu Filho, em Seu trato com a rebelião de Satanás. Estabeleceria a perpetuidade da lei de Deus, e revelaria a natureza e os resultados do pecado.

“Desde o princípio a grande controvérsia fora a respeito da lei de Deus. Satanás procurara provar que Deus era injusto, que Sua lei era defeituosa, e que o bem do Universo exigia que ela fosse mudada. Atacando a lei, visava ele subverter a autoridade de seu Autor. Mostrar-se-ia no conflito se os estatutos divinos eram deficientes e passíveis de mudança, ou perfeitos e imutáveis.

“Quando Satanás foi arremessado do Céu, resolveu tornar a Terra o seu reino. Quando tentou e venceu Adão e Eva, achou que havia adquirido posse deste mundo; ‘porque’, dizia ele, ‘escolheram a mim como seu príncipe’. Alegava que era impossível ser concedido o perdão ao pecador, e, portanto, a raça decaída constituía legítimos súditos seus, e seu era o mundo. Mas Deus dera o Seu amado Filho — igual a Ele mesmo, a fim de suportar a pena da transgressão, e assim proveu um caminho pelo qual pudessem ser restabelecidos ao Seu favor, e de novo trazidos ao seu lar edênico.

“Cristo empreendeu redimir o homem, e livrar o mundo das garras de Satanás. O grande conflito iniciado no Céu devia ser decidido no próprio mundo, no próprio campo que Satanás alega-

ra como seu. Foi maravilha para todo o Universo que Cristo Se humilhasse para salvar o homem decaído. Que Aquele que passara de uma es trela para outra, de um mundo para outro, dirigindo tudo, suprindo pela Sua providência as necessidades de toda a ordem de seres em Sua vasta criação — que Ele consentisse em deixar Sua glória e tomar sobre Si a natureza humana, era um mistério que os seres sem pecado de outros mundos desejavam compreender.

“Quando Cristo veio ao nosso mundo sob a forma humana, todos estavam profundamente interessados em acompanhá-Lo, ao percorrer Ele, passo a passo, a vereda ensangüentada a partir da manjedoura ao Calvário. O Céu observou o insulto e zombaria que Ele recebeu, e sabia que isto foi por instigação de Satanás. Notaram a operação das forças contrárias a avançar, impelindo Satanás constantemente trevas, tristezas e sofrimento sobre a raça, e estando Cristo a reagir contra isso. Observaram a batalha entre a luz e as trevas, enquanto a mesma se tornava mais forte.

“E ao clamar Cristo em Sua aflição mortal sobre a cruz: ‘Está consumado’ (João 19:30), um brado de triunfo repercutiu por todos os mundos, e pelo próprio Céu. A grande contenda que estivera em andamento durante tanto tempo neste mundo, estava agora decidida, e Cristo era vencedor. Sua morte resolveu a questão de terem ou não o Pai e o Filho amor suficiente pelo homem para exercerem a abnegação e um espírito de sacrifício.

“Havia Satanás revelado seu verdadeiro caráter de mentiroso e assassino. Viu-se que o mesmo espírito, com que governara os filhos dos homens que estiveram sob o seu poder, ele teria manifestado se lhe fora permitido governar os seres do Céu. Unanimemente o Universo fiel uniu-se no engrandecimento da administração divina.

“Se a lei pudesse ser mudada, ter-se-ia podido salvar o homem sem o sacrifício de Cristo; mas o fato de que foi necessário Cristo dar a vida pela raça caída prova que a lei de Deus não livrará o pecador de suas reivindicações sobre ele. Está demonstrado que o salário do pecado é a morte. Quando Cristo morreu, ficou assegurada a destruição de Satanás.

“Mas, se a lei foi abolida na cruz, como muitos pretendem, a agonia e morte do amado Filho de Deus foram suportadas unicamente para dar a Satanás exatamente o que ele pedia; triunfou então o príncipe do mal, foram sustentadas suas acusações contra o governo divino.

“O próprio fato de que Cristo suportou a pena da transgressão do homem, é um poderoso argumento a todos os seres criados, de que a lei é imutável; que Deus é justo, misericordioso, e abnegado; e que a justiça e misericórdia infinitas unem-se na administração de Seu governo” (WHYTE, 2007d, p. 44-46).

““Deus precisa dar uma resposta final e incontrovertida às acusações de Satanás. O pecado não pode ser erradicado pela força, se fosse assim, Deus já poderia ter feito isto no princípio. O universo precisa servir a Deus por amor e não por medo. Para esse fim Deus realiza o programa divino no Santuário Celestial. A honra do santuário é a honra do trono de Deus. A própria segurança e honra do governo de Deus tem sido colocada em risco por causa do pecado. A purificação do santuário, a remoção dos pecados do santuário, significa a vindicação de Deus’ (Edward Heppenstall, *Our High Priest*, p. 99)” (RAMOS, 2006, p. 317).

“Uma das doutrinas históricas dos Adventistas do Sétimo Dia é o ensino concernente ao juízo que antecede a volta de Cristo. Os adventistas falam deste juízo como o Juízo Investigativo; isto é, a abertura dos livros de registros diante da corte no Santuário Celestial. Durante este tempo de julgamento, começando em 1844, Deus revela a todos os interessados quem são realmente os salvos de todas as eras. Seu objetivo é assegurar um veredito universal em favor dos santos antes da ressurreição deles, tendo em vista a vindicação deles e também a vindicação de Deus’ (Edward Heppenstall, *Our High Priest*, p. 107)” (RAMOS, 2006, p. 318).

“Se os seres humanos foram infectados com o pecado, como garantir que eles não irão reintroduzi-lo no Céu ao Deus permitir que estejam ali? Nós prendemos criminosos para proteger a sociedade de ações predatórias. De vez em quando, o poder judiciário liberta um prisioneiro por acreditar que ele está pronto para viver em meio à sociedade, só para descobrir, um dia ou um ano mais tarde, que essa pessoa agrediu ou matou outra vítima inocente. Todos perguntam, então, por que foi permitido que aquele criminoso voltasse ao convívio da sociedade?

“Posso lhe garantir que, se temos esse tipo de preocupação enquanto vivemos em uma socie-

dade pecadora aqui na Terra, os anjos do Céu estão ainda mais preocupados com o tipo de pessoa que será admitido em sua sociedade perfeita. Os anjos leais, sob a liderança de Miguel (Cristo), lançaram Lúcifer e seus anjos para fora do Céu há milhares de anos porque eles se insurgiram contra Deus.

“Os anjos não caídos passaram milhares de anos observando, em primeira mão, os horríveis resultados da rebelião, e *eles não querem permitir que o pecado entre outra vez em sua sociedade!* Eles não querem permitir que entre no Céu alguém que possa começar outra vez o ciclo mortal. Eles querem ter certeza de que, dentre as pessoas que entrarão no Céu, nenhuma delas esteja trazendo consigo o risco de que o pecado seja reintroduzido no Universo.

“É por isso que a questão mais importante do grande conflito, tanto para Deus quanto para os anjos, é resolver de uma vez por todas o problema do pecado. O Senhor não forçará os anjos a aceitar no Céu alguém sobre quem eles tenham dúvidas. Francamente, você e eu não desejaríamos morar em um lugar onde se questionasse se somos ou não bem-vindos ali. Assim, a fim de garantir que seremos bem recebidos no Céu por todos os anjos, Deus permite que eles revisem a vida de cada ser humano que Ele decidiu levar para Seu reino.

“O juízo investigativo é exatamente sobre isso!”

“O propósito do juízo *não* é Deus decidir quem merece ser salvo. Ele tomou a decisão sobre o merecimento de cada santo no tempo em que ele ou ela viveu e morreu. Esse julgamento também não confere aos anjos poder de veto sobre as decisões divinas. O propósito do juízo é deixar que os anjos vejam em que Deus Se baseou para tomar Sua decisão acerca de cada pessoa. O Senhor deseja que os anjos estejam convencidos não somente de Sua justiça, mas também de que nem você, nem eu, nem qualquer outra pessoa que foi salva irá reintroduzir o pecado e a rebelião no Universo.

“O amor – o valor mais importante do reino de Deus – requer confiança, e esta tem como base a evidência. É por isso que, no momento em que ‘assentou-se o tribunal, e se abriram os livros’ (Dn 7:10), Daniel viu milhares de milhares de anjos a ministrarem diante de Deus e miríades de miríades perante Ele.

“Sem essa visão singular que Daniel nos dá sobre a participação dos anjos no julgamento, nenhuma declaração existente na Bíblia sobre o juízo final faria sentido. Deus conhece cada detalhe da vida de cada um dos santos que viveu neste planeta. Ele não precisa de um julgamento final para determinar se merecemos ou não a salvação [cf. Jó 34.23]. O benefício que Deus tira do juízo é a certeza da parte dos anjos no que concerne às decisões divinas sobre nossa salvação. Se apenas um dos anjos tiver qualquer dúvida sobre um dos santos a quem Deus levará para o Céu, a lei do amor, sobre a qual o Universo atua, ficaria comprometida. Deus não pode correr esse risco, e é por isso que, antes de nos levar para o Céu, Ele deve ter certeza absoluta de que cada anjo, de braços abertos, dará as boas-vindas a cada um dos salvos.

“Essa é, precisamente, a compreensão de juízo investigativo refletida na declaração da crença adventista do sétimo dia sobre o tema:

O juízo investigativo *revela aos seres celestiais* quem dentre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, Nele, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também *torna manifesto [para os mesmos seres celestiais]* quem, dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé em Jesus, estando, portanto, Nele, preparado para a trasladação ao Seu reino eterno. *Esse julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que creem em Jesus.* (*Manual da Igreja Adventista*, p. 172, itálicos acrescentados).

“**O papel de Satanás no juízo** Em Apocalipse 12:10, ocorre uma declaração que nos dá uma visão aprofundada do juízo investigativo. Esse verso diz que Satanás é ‘o acusador de nossos irmãos [...] que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus’. Posso assegurar que o inimigo está fazendo todo o possível para garantir que você e eu não sejamos absolvidos no julgamento.

“No capítulo anterior, citei uma declaração de Ellen White que destaca o papel de Satanás como acusador no juízo investigativo. Aqui está ela outra vez:

Enquanto Jesus faz a defesa dos súditos de Sua graça, Satanás acusa-os diante de Deus como transgressores. O grande enganador procurou levá-los ao ceticismo, fazendo-os perder a confiança em Deus, separar-se de Seu amor e violar Sua lei. Agora aponta para o relatório de sua vida, para os

defeitos de caráter e dessemelhança com Cristo, que desonraram a seu Redentor, para todos os pecados que ele tentou-os a cometer; e por causa disso os reclama como súditos seus. (*O Grande Conflito*, p. 484).

“Essa é, simplesmente, outra maneira de dizer que Lúcifer, agora Satanás, discorda profundamente de Deus, não apenas sobre Suas leis e Seus regulamentos, mas também sobre suas decisões a respeito dos seres humanos. É desnecessário dizer que o inimigo está feliz com as decisões de Deus quanto aos que estão perdidos. É o veredito divino sobre aqueles a quem o Senhor considera dignos de serem salvos que Satanás questiona. Assim, o juízo investigativo não diz respeito apenas aos seres humanos. Nesse julgamento, Deus, assim como nós, também está sendo julgado, pois são as decisões Dele acerca do destino eterno dos justos que o adversário está desafiando.

“O Senhor não pede que os anjos O aceitem cegamente. Ele os convida, assim como faz conosco, a arrazoarem com Ele (ver Is 1:18). Isso significa que Deus quer explicar aos anjos as decisões que toma para que eles possam entender e, por si mesmos, decidirem o que pensar sobre elas. Paulo diz, em Romanos 3:26, que o Senhor quer ‘[*manifestar*] Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus’ (itálico acrescentado). Ele quer vindicar Seu nome ao deixar que o julgamento manifeste Sua justiça. Assim, o juízo diz respeito tanto a Deus e Suas decisões quanto a nós e nossa salvação.

“O mesmo Satanás que, há milhares de anos, foi tão persuasivo, a ponto de convencer um terço dos anjos do Céu em sua rebelião contra Deus, ainda é capaz de apresentar aos anjos argumentos muito convincentes sobre você e eu. É por isso que precisamos de um Mediador no santuário celestial durante o juízo investigativo que possa combater, com a verdade, todos os argumentos enganosos do inimigo sobre nós. [...]

“Os que aceitam Jesus como Salvador não precisam temer o juízo, pois Cristo, seu Mediador, está respondendo a cada uma das acusações de Satanás contra eles. Quando o julgamento terminar, cada anjo do Céu terá tido a oportunidade de ouvir tanto as acusações do inimigo quanto as respostas de Cristo” (MOORE, 2017, p. 34-36).

“As cenas descritas pelo profeta João em Apocalipse 5:1-13, em que o Pai segura em Suas mãos o Livro selado com Sete Selos, e ninguém é achado digno de abrir o Livro: ‘*E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele*’ (Apoc. 5:3), indica que o conteúdo do livro não é simplesmente a história da igreja cristã. Por que o Pai não podia abrir o Livro? Por que unicamente o Filho era digno de abri-lo?

“O Pai foi o primeiro a ser acusado por Satanás nas cortes celestiais. Naquele tempo o Filho Se levantou em defesa do Pai, e expulsou Satanás e os seus anjos do céu. Agora, na forma humana, o Filho de Deus viveu, morreu e ressuscitou para poder ser o Salvador e Juiz dos pecadores, e ser também, Aquele que justifica o caráter do Pai diante do universo.

“Em face do desespero do profeta João, um dos anciãos o consolou dizendo: ‘*Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu, para abrir o Livro e desatar os seus Sete Selos*’ (Apoc. 5:5). A missão de Jesus ao vir à terra não era somente morrer para salvar a humanidade, mas devia Ele também ressuscitar para ascender ao Céu e então ser entronizado no Santuário Celestial como Mediador e Juiz. O ministério sacerdotal de Jesus só pode ser corretamente entendido se for estudado dentro do contexto dos serviços realizados no santuário, os quais envolviam três fases:

- os serviços do pátio;
- do lugar santo;
- e do santíssimo.

“As três fases estão interligadas. O texto de Apocalipse 5:5 declara que Jesus venceu para poder abrir o Livro selado com Sete Selos. [...] Ele é digno de abrir os Livros e officiar o Juízo Celestial. A reconciliação completa realizada por Jesus possui três fases:

- A primeira é a expiação feita na cruz, quando Jesus trouxe redenção para o pecador; corresponde à morte do cordeiro no pátio do santuário terrestre;
- A segunda é o ministério sacerdotal de Jesus realizado no lugar santo do Santuário Celestial, (31-1844) corresponde à intercessão diária e contínua realizada pelo sacerdócio levítico no

lugar santo do santuário terrestre;

- A terceira fase é o Juízo Celestial de 1844 para frente; corresponde ao Dia da Expição, realizada uma vez por ano no santíssimo do santuário terrestre, no dia dez do sétimo mês.

“Sem essas três fases o pecado não teria fim, e o homem não alcançaria a imortalidade. O plano da salvação só poderá ser corretamente entendido se for estudado sob a luz da doutrina do santuário, levando em conta as três fases do ministério de Jesus” (RAMOS, 2006, p. 319-322).

“O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda alma que vive sobre a Terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final do tempo, e revelando o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado. É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há. A intercessão de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressurgir. Pela fé devemos penetrar até o interior do véu, onde nosso Precursor entrou por nós. Hebreus 6:20” (WHITE, 2013, p. 426).

“A resposta final de Deus para Satanás ainda não foi dada. O trabalho realizado por Jesus no Juízo Celestial difere da Sua vitória no monte do Calvário. Jesus vai continuar ministrando até que a morte e o pecado não mais existam. Limitar o processo expiatório de Jesus unicamente à cruz, impede a eliminação final do pecado e a completa purificação do universo. Tanto a vitória de Jesus na Cruz como Seu ministério sacerdotal no Céu são essenciais para a consumação do plano da salvação e a reivindicação do caráter de Deus” (RAMOS, 2006, p. 322).

- 14.8 Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.
- Após a sementeira daqueles mensageiros humanos comprometidos com a Bíblia e protegidos por Deus, nas décadas de 1830 e 1840, muitos dos cristãos protestantes nominais que lideravam denominações cristãs, rejeitaram aquela luz e as sementes. Censuraram seus membros e os expulsaram de suas congregações, e ainda caluniaram os mensageiros levantados por Deus! Então, Ele lhes enviou a sentença também por meio de mensageiros humanos comprometidos com a Bíblia e protegidos por Deus: “Vocês professam seguir a Jesus e tê-Lo como vosso Senhor e Salvador. No entanto, não recebem, tão pouco aceitam, Sua Palavra e Seus mensageiros. E por rejeitarem-nos, vocês rejeitam o Próprio Salvador. E por professarem com os lábios, mas negarem com o caráter e estilo de vida, automaticamente fazem parte do reino da confusão, da arrogância espiritual, do reino de Satanás na Terra, mas que ainda está disfarçado de ‘igreja’. Assim como desde o início da História humana, Eu tenho vencido esse reino do mal, ainda que ele auto denomine reino de Deus – mas, não passe de uma contrafação demoníaca –, Eu estou julgando aqui no Tribunal celestial cada um de vocês, enganadores e falsos mestres, obstinados e tiranos, e Meu veredito é ‘reprovado’, ‘eternamente perdido’, ‘merecedor da inexistência eterna’, pois vocês preferem se embriagar com as mentiras da serpente/dos anjos maus, não por desconhecimento, mas por rejeitarem a oportunidade de conhecer, aprender de Mim através dos Meus mensageiros – indivíduos espalhados –, que aprendem e compartilham. E vocês, além de beberem as crenças falsas, inventadas por anjos caídos e homens usados por eles, impõem essa mistura de Bíblia com paganismo, interpretações humanistas e espiritismo, o que Eu considero uma traição/infidelidade contra Mim, pois quebram a aliança de lealdade aos Meus Mandamentos Morais e à Palavra profética autêntica. Vocês se tornaram adúlteros, especialistas em prostituição e aliciadores de almas, as quais deveriam ser conduzidas a Mim, pelo Meu evangelho eterno, em vez de serem seduzidas e enganadas por vossas doutrinas que não santificam o caráter, nem têm o poder de libertar do pecado.” Essa sentença tem sido elaborada desde o início do Julgamento de toda a humanidade, desde 22/10/1844, de modo que ela ecoará até o fim

do juízo no Tribunal celestial, e sua divulgação aqui na Terra será intensificada à medida que denominações evangélicas rejeitarem a mensagem do Julgamento celestial e da adoração somente ao Criador, e se unirem às católicas, espíritas e pagãs em doutrinas e práticas, e globalizarem numa única instituição político-religiosa-ocultista, perseguidora dos verdadeiros filhos de Deus. O ciclo de perseguições, pregação da mentira e consolidação da contrafação será sempre denunciado pelos mensageiros humanos comprometidos com a Bíblia e protegidos por Deus, e condenado pelo Juiz Jesus Cristo em Seu tribunal, até que o julgamento seja finalizado e Ele desça à Terra para executar esse veredito já proclamado. Os que teimarem em permanecer nas denominações evangélicas diante desta realidade de apostasia e apatia para com a mensagem do Julgamento celestial já iniciado e da adoração somente ao Criador, receberão o mesmo veredito dado por Jesus a essas organizações ditas protestantes: “Vocês caíram do Meu corpo. Não fazem parte de Minha igreja. Assim como o catolicismo e o paganismo, o pseudo protestantismo não ajunta Comigo, mas espalha, e impede seres humanos de acessarem Meu evangelho eterno e a verdade presente”.

“**Seguiu-se.** Do gr. *akolouthēō*, ‘acompanhar’, ‘seguir’. A palavra transmite ideia de acompanhar pessoalmente (ver Mt 19:27, 28; Mc 1:18). Parece que o termo tem dois sentidos neste texto. O segundo anjo segue o primeiro cronologicamente, mas também é verdade que o primeiro anjo continua seu ministério quando o segundo se une a ele. Nesse sentido, a mensagem do segundo anjo acompanha a do primeiro” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 916).

“O verbo grego traduzido por ‘seguiu-se’ nos versos 8 e 9 encerra a idéia de ‘acompanhar’ ou ‘seguir em companhia de’. Assim, depois de ser transmitida a primeira mensagem, é acrescentada a segunda e, finalmente, a terceira – formando desse modo, com o tempo, por assim dizer, um acorde musical de três notas, e continuando a ser uma mensagem unida e harmoniosa até o fim do tempo” (COFFMAN, 1989, p. 71).

“O tempo desta mensagem é determinada, em grande parte, pelo da primeira mensagem. Esta não pode preceder aquela, mas a primeira está limitada aos últimos dias. Todavia, a segunda deve ser dada antes do fim, porque nenhum acontecimento desta espécie é possível depois desse acontecimento. É, portanto, uma parte daquele movimento religioso que se realiza nos últimos dias com referência especial à vinda de Cristo” (SMITH, 1979, p. 260 e 261).

“**Outro anjo.** Evidências textuais [...] atestam a inclusão da palavra ‘segundo’ (ARA). Em alguns manuscritos, a palavra que significa ‘segundo’ ocorre no lugar da expressão ‘outro anjo’; em outros, ocorre adição a ela; há ainda manuscritos que trazem ‘um segundo anjo’, em vez de ‘outro anjo’” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 916).

“[...] a mensagem do primeiro anjo, proclamada a todo mundo pelo grande movimento religioso do século XIX, atingiu sozinha até 21 de março de 1844, data prefixada pelo movimento, nos Estados Unidos, para a segunda vinda de Cristo. E daí em diante, até a segunda data apontada, isto é, 22 de outubro do mesmo ano de 1844, é que foi cumprida e proclamada a mensagem do segundo anjo por aquele mesmo grande movimento, conjuntamente ainda com a do primeiro anjo. Pois sua mensagem está tão ligada à do primeiro anjo que dêle é dito tê-lo seguido imediatamente” (MELLO, 1959, p. 422).

“A mensagem do segundo anjo está intimamente ligada à proclamação do primeiro. Ao passo que a primeira chama as pessoas a temer e adorar a Deus, o Criador, a segunda mensagem anuncia a queda da grande Babilônia – a contratação de Deus – ‘que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição’ (Ap 14:8)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 85 e 86).

“A primeira e a terceira mensagens angélicas são proclamadas em ‘grande voz’ (v. 7, 9). A mensagem a respeito da queda de Babilônia é anunciada posteriormente com ‘potente voz’ (ver com. Ap 18:1, 2)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 916).

“Quando alguém rejeita a mensagem do evangelho, as instâncias do Senhor não cessam imediatamente. São enviadas advertências a fim de despertar o indivíduo para sua grande necessidade e

para a capacidade de Cristo para supri-la. A mensagem do segundo anjo é uma advertência mundial aos que não atenderam à mensagem do primeiro anjo. O maior inimigo da humanidade nos últimos dias é a ‘Babilônia’ mística ou antitípica. Como o Senhor nos ama infinitamente, Ele revela a iniquidade desse falso sistema religioso e recomenda que não tenhamos nada que ver com ele” (COFFMAN, 1989, p. 83).

“**Babel.** Do heb. *Babel*. Segundo Gênesis 11:9, o nome, que significa ‘confusão’, baseia-se, evidentemente, no fato de que o verbo heb. *Balal* significa ‘confundir’. Os babilônios, no entanto, explicavam o nome de sua cidade, que chamavam de *Babilu*, como significando ‘porta de deus’ ou Babiliani, ‘portão dos deuses’ (RLA, vol. 1, p. 333). É possível que o nome originalmente derivasse do verbo babilônico *babalu*, ‘a dispersão’, ou ‘desaparecer’; mas os babilônios podem não ter ficado orgulhosos do significado original de sua cidade, dando a explicação de que era composto dos nomes, *babu*, ‘porta’, e *ilu*, ‘deus’. A cidade remonta à época dos primeiros habitantes da Mesopotâmia e ao início do reino de Ninrode; provavelmente, fosse a capital do reino desse famoso homem da Antiguidade (Gn 10:10). Com a exceção de Gênesis 10:10 e 11:9, a cidade de Babel é sempre chamada de Babilônia, na Bíblia (ver Babilônia)” (NEUFELD; DORNELES, 2014, p. 153).

“**Babilônia.** A antiga cidade com este nome já estava desolada, em ruínas, nos dias de João (ver com. de Is 13:19). Assim como tantos outros termos e expressões no Apocalipse, a Babilônia espiritual [...] é mais claramente compreendida quando relacionada a sua correspondente histórica no AT [...]. O uso da palavra ‘mistério’ associado a ‘Babilônia’ (Ap 17:5) mostra que o nome é figurado” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 917).

“Esta é a primeira vez que a palavra Babilônia ocorre no livro do Apocalipse, e como já temos feito notar, é usada precisamente seis vezes. Já temos observado que o número seis é preeminente no misterioso culto da antiga Babilônia. Esta antiga cidade teve sua origem quando os homens voluntária e conscientemente afastaram-se da graça de Deus e procuraram a salvação por suas próprias obras” (ANDERSON, 1988, p. 171 e 172).

“Esta é a primeira menção à Babilônia, o foco do juízo de Deus em Ap 16 – 18 (ver nota sobre 11:7, 8)” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“A torre [do templo de Babilônia] foi reparada ao longo do tempo, a última vez por Nabucodonosor, que disse ter recebido uma ordem de seu deus Marduque para construí-la, de modo que ‘seu topo rivalizasse com o céu’. Ele chamou a torre do templo, que estava no sagrado composto do templo de Marduque, de Etemenanki, que significa ‘a pedra fundamental do céu e da terra’. Foi destruída por Xerxes. Alexandre, o Grande, planejava reconstruí-la; na verdade, ele removeu a maioria dos detritos, preparando-a para sua reconstrução, quando a morte o levou” (NEUFELD; DORNELES, 2014, p. 154).

“Deus exaltou Babilônia para que ela pudesse cumprir esse propósito. A prosperidade favoreceu a nação, até que ela atingisse uma altura de riqueza e poder que desde então nunca foi igualada – apropriadamente representada na Escritura pelo símbolo inspirado: uma ‘cabeça de ouro’ (Dn 2:38). Mas o rei deixou de reconhecer o poder que o exaltara. No orgulho de seu coração disse Nabucodonosor: ‘Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?’ (Dn 4:30).

“Em vez de ser protetora dos homens, tornou-se Babilônia opressora orgulhosa e cruel. As palavras da inspiração, descrevendo a crueldade e avareza dos governantes de Israel, revelam o segredo da queda de Babilônia, e da de muitos outros reinos desde o início do mundo: ‘Comeis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceis, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza’ (Ez 34:3, 4).

“Ao governador de Babilônia sobreveio a sentença do Vigia divino: ‘A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Passou de ti o reino’ (Dn 4:31). ‘Desce, e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia; assenta-te no chão; já não há trono. [...] Assenta-te silenciosa e entra nas trevas, filha dos caldeus, porque nunca mais serás chamada senhora de reinos’ (Is 47:1, 5). ‘Ó tu que habitas sobre muitas águas, rica de tesouros! Chegou o teu fim, a medida da tua avareza’ (Jr 51:13)” (WHITE, 2008a, p. 107 e 108).

“A Babilônia do AT representava uma força opressora sobre o povo do Senhor e também ‘confusão’ (ver Gn 11:1-9)” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“A antiga Babilônia, na Mesopotâmia, era o centro político, comercial e religioso de um império mundial. Era notável pelo luxo e pela decadência moral. O título ‘a grande Babilônia’ é tirado de Dn 4.30, e alguns acreditam que em Apocalipse seja uma referência a Roma como centro da oposição a Deus e ao seu povo, enquanto outros pensam que representa todo o sistema político e religioso do mundo em geral sob o governo do Anticristo. Outros ainda entendem que seja a própria Babilônia – reedificada e restaurada” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“A partir do exílio, *Babilônia* tornou-se a designação típica dos impérios opostos a Deus e a seu [sic] povo, e votados à maldição (cf. Is 46,1-3; 47,1-15; Jr 50,29-32; 51,44-48; Zc 5,5-11)” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2442).

“Babilônia também é mencionada no NT. Pedro enviou saudações da igreja ‘que se encontra em Babilônia’ (1Pe 5:13). Comentaristas concordam que tal referência indicava Roma e não o que restou da Babilônia literal. No antigo uso rabínico, ‘Babilônia’ era um epíteto comum para Roma; assim, diz-se: ‘Eles chamavam o lugar Roma de Babilônia’ (Midrash Rabá sobre Cantares de Salomão 1.6.4). No Apocalipse, Babilônia é um símbolo da oposição contra Cristo e seus seguidores (Ap 14:8; 16:19; 17:18)” (NEUFELD; DORNELES, 2014, p. 157).

“O Apocalipse foi escrito perto do fim do primeiro século da Era Cristã. As aplicações de suas numerosas profecias se estendem ao futuro, a partir do tempo do apóstolo João. Nesse tempo não havia mais uma cidade literal com esse nome, nem haveria outra no futuro. Precisamos, portanto, encarar o uso dessa palavra, pelo apóstolo, como simbólico. No contexto em que ele a emprega, ela se aplica ao fim do tempo. (Ver Apoc. 17 e 18)” (COFFMAN, 1989, p. 84).

“No idioma babilônico, o substantivo *Bab-ilu* (Babel ou Babilônia) significa ‘porta dos deuses’. Mas, no hebraico, está associado de maneira depreciativa a *balal*, palavra que significa ‘confundir’. [...] Os governantes de Babilônia chamavam sua cidade de ‘porta dos deuses’ porque acreditavam que era o lugar onde os deuses se relacionavam com os seres humanos, a fim de colocar ordem nas questões terrenas [...]. Portanto, o nome parece refletir a reivindicação dos reis babilônios de que haviam sido chamados para governar o mundo por ordem divina [...]. Babilônia foi fundada por Ninrode (ver com. de Gn 10:10; 11:1-9). Desde o início, a cidade era símbolo da descrença no Deus verdadeiro e da rebelião contra Sua vontade [...]. Sua torre era um monumento à apostasia, uma fortaleza de rebelião contra Deus. O profeta Isaías identifica Lúcifer como o rei invisível de Babilônia (ver com. de Is 14:4, 12-14)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 917).

“A construção da cidade de Babilônia por Ninrode culminou na apostasia da Torre de Babel. [...] ‘Façamo-nos um nome’, eles disseram. Gên. 11:4. Já fizemos referência no capítulo 3 a esta deliberada e organizada apostasia. Todo aquele projeto estava em direto desafio à promessa de Deus de que Ele jamais voltaria a destruir o mundo por um dilúvio. O nome pelo qual eles desejariam ser lembrados era Bab-ril, que significa ‘porta de Deus’; mas Deus enviou-lhes confusão, e jamais concluíram o projeto. Deus chamou o lugar ‘Babel’ ou ‘Babilônia’, que significa confusão. Sua torre, que devia ser um monumento ao seu orgulho, tomou-se um memorial de sua loucura. Desde aquele dia até hoje, Babilônia tem simbolizado apostasia, arrogância, confusão e salvação humanamente arquitetada” (ANDERSON, 1988, p. 172).

“Babilônia foi a primeira cidade edificada depois do dilúvio, remontando daí o seu nome que encheu os séculos. Foi erigida para ser o centro religioso mundial como atesta o significado do seu nome: ‘Porta para Deus’. Todavia o seu culto era contrário a Deus, pelo que nela interveio, demonstrou-lhe o Seu desagrado, derribou-lhe o seu maior monumento e confundiu os seus habitantes, originando-se daí o significado de seu segundo nome – confusão. Mais tarde, através de profecias definidas, Deus lavrou a sua destruição que foi cumprida com todo o rigor da Sua ira (Gn 11.1-9). Porém, ao ser proclamada a mensagem do segundo anjo anunciando a queda de Babilônia, a velha cidade dêste nome já não existia há séculos – estava totalmente em ruínas” (MELLO, 1959, p. 422).

“As origens de Babilônia são primeiro mencionadas na descrição das tentativas de Ninrode para fundar uma cidade na planície de Sinear (Gen. 10:8-10). Ele e seus seguidores opuseram-se à

ordem de Deus para se espalharem pela Terra. Comparar a ordem de Deus (Gen. 9:1, 7, 18 e 19) com o espírito de oposição que se desenvolveu na planície de Sinear (Gen. 11:1, 4, 8 e 9). Assim, desde o começo a cidade representou descrença e rebeldia. Foi uma cidadela de rebelião contra Deus. Após o juízo divino que confundiu as línguas das pessoas, o povo de Deus chamou a cidade de Babel, que significa ‘confusão’. A maioria das referências a Babilônia, na Bíblia, dizem respeito ao Império Neobabilônico desenvolvido por Nabucodonosor, perto do fim do sétimo século A.C. Caracterizou-se pelo orgulho e cruel opressão. Estas características: confusão, orgulho e opressão – se refletem no símbolo de ‘Babilônia’ empregado por João” (COFFMAN, 1989, p. 85 e 86).

“O evangelho do reino, foi pregado em Babilônia [...], e Nabucodonosor foi levado a conhecer e adorar a Deus. Mas depois da morte de Nabucodonosor, Babilônia novamente voltara à idolatria, e essa apostasia tornara-se irreduzível ao usar Belsazar os vasos sagrados da casa de Deus, dedicados à adoração de Deus, para neles beber o vinho de Babilônia enquanto prestava adoração aos deuses falsos. Apareceu então a mão escrevendo na parede e sobreveio a queda de Babilônia antiga” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 211).

“Outro aspecto importante que se destaca em Isaías 14:12-14, sob o símbolo do rei de Babilônia, foi sua intenção de ser semelhante a Deus, estabelecendo seu trono ali onde está o trono do Altíssimo. Ali começa a rebelião cósmica cujo grande conflito é revelado no Apocalipse” (BELVEDERE, 1987, p. 13).

“Em outubro de 539 a.C., apenas 23 anos depois da morte de Nabucodonosor, o império caiu nas mãos de Ciro, o persa, quase sem luta. Ciro havia forçado uma entrada para o vale da Mesopotâmia na batalha de Opis e, poucos dias depois, a capital caiu nas mãos dos persas sem qualquer batalha. Com a sua queda, encerrou-se a história de Babilônia como um poder independente. O reino se tornou parte do império persa e posteriormente foi reduzida a uma província. Em seguida, o território caiu nas mãos de Alexandre, o Grande, e pertenceu sucessivamente aos selêucidas, partos, sassânidas e outros. Atualmente, faz parte do Iraque” (NEUFELD; DORNELES, 2014, p. 159).

“Uma série de profecias foi dirigida contra Babilônia, predizendo que a cidade seria destruída e se tornaria um lugar desabitado (Is 13; 14:1-23; Jr 50, 51). Essas profecias se cumpriram gradualmente. Quando Ciro, o Grande, tomou a cidade em 539 a.C., ela não sofreu nenhuma violência e foi conquistada intacta pelos persas, que fizeram dela uma das capitais do novo império. Entretanto, várias rebeliões contra o domínio persa sob Dario I e Xerxes levaram o último rei a punir a cidade rebelde, destruindo seus palácios, templos e muros (c. 480 a.C.). Também aboliu o título de ‘rei de Babilônia’, que ele, assim como seus antecessores, tinha usado até aquele momento, e fez de Babilônia uma mera província.

“Um século e meio depois, Alexandre, o Grande, planejou fazer de Babilônia a capital de seu império, porém morreu antes de sequer começar a realizar seus planos ambiciosos. Nenhum de seus sucessores escolheu Babilônia como capital. Seleuco I Nicator, em 312 a.C., construiu Selêucia como sua nova capital, às margens do Tigre (ver mapa XIII, C-5), utilizando grande parte do material de construção da antiga Babilônia. Desde então, a cidade serviu como fonte de tijolos. A barragem do rio Hindiya foi construída com os antigos tijolos de Babilônia. O mesmo ocorreu com a cidade de Hilla, situada 5,6 km ao sul de Babilônia, e muitas das aldeias que rodeiam as ruínas da antiga cidade. Portanto, a grande metrópole dos tempos antigos foi completamente abandonada. Grandes montanhas de detritos marcam as antigas regiões de Babilônia” (NEUFELD; DORNELES, 2014, p. 155 e 156).

“Assim como Babilônia caiu ante o Império Medo-Persa, pelo desvio das águas do rio Eufrates, a Babilônia Mística também cairá da mesma forma (Apocalipse 14:8; 16:12; 18:2)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 53).

“Compreender a significação da segunda mensagem Angélica requer um paralelismo de três colunas. A primeira coluna trata de Babilônia literal, da maneira como existia nos tempos do Antigo Testamento, com os seus objetivos e pretensões.

“A segunda coluna contém a mensagem do segundo anjo, do modo como foi interpretada e proclamada por Guilherme Miller, em 1844.

“A terceira coluna constitui um quadro do cumprimento final da segunda mensagem Angéli-

ca pouco antes da volta do Senhor. [...]

“As Escrituras contêm muitas advertências e apelos decisivos. Pouco antes do Dilúvio, Deus advertiu uma geração corrupta e perversa (Gen. 6:3). Ao antigo povo de Israel foram concedidos 490 anos de advertências e apelos (Dan. 9:24-27). Esse período terminou em 34 A.D. Eles também rejeitaram a direção do Espírito Santo. A mensagem do segundo anjo (Apocalipse 14) salienta uma advertência final” (COFFMAN, 1989, p. 83).

“Duas antigas cidades, Jerusalém e Babilônia, são postas em contraste nas Escrituras – Sa-lém, significando paz, e Babel significando *confusão*. Uma dessas cidades – Jerusalém – tomou-se o centro do reino terrestre de Deus; a outra – Babilônia – tomou-se o centro do governo terrestre de Satanás. No Novo Testamento, e especialmente no Apocalipse, essas duas cidades representam dois reinos espirituais” (ANDERSON, 1988, p. 172).

“Na verdade, Satanás tinha o plano de transformar Babilônia no centro e agente de seu plano mestre para assegurar o controle sobre a raça humana, assim como Deus tinha o propósito de atuar por meio de Jerusalém [...]. Por isso, ao longo do AT, as duas cidades tipificaram as forças do bem e do mal em ação no mundo. Os fundadores de Babilônia tinham a intenção de estabelecer um go-verno totalmente independente de Deus e, se Ele não intervisse, eles teriam conseguido eliminar a justiça da Terra [...]. Por esse motivo, o Senhor achou por bem destruir a torre e dispersar aqueles que a construíram (ver com. de Gn 11:7, 8). O período de sucesso temporário foi seguido por mais de um milênio de declínio sujeição a outras nações [...].

“Quando Nabucodonosor II reconstruiu Babilônia, ela se transformou em uma das maravi-lhas do mundo antigo [...]. O plano de tornar seu reino universal e eterno [...] foi um sucesso na me-dida em que o novo império babilônico superou seus antecessores tanto em esplendor quanto em poder [...]. No entanto, Babilônia também se tornou orgulhosa e cruel [...]. Conquistou o povo de Deus e ameaçou derrotar seu propósito como nação escolhida. Em uma dramática série de aconteci-mentos, Deus humilhou Nabucodonosor e assegurou sua submissão [...].

“Porém, seus sucessores se recusaram a se humilhar diante de Deus (ver Dn 5:18-22). Por isso, o reino acabou sendo pesado na balança do Céu e achado em falta, e seu domínio foi revogado por decreto do Observador divino (ver com. de Dn 5:26-28). Mais tarde, Babilônia passou a ser uma das capitais do império persa, mas foi parcialmente destruída por Xerxes [...]. Ao longo dos séculos, a cidade perdeu cada vez mais sua importância até que, no fim do primeiro século d.C., praticamen-te deixou de existir.

“Desde a queda da Babilônia antiga, Satanás tem procurado, por meio de um poder mundial após o outro, controlar o planeta. E provavelmente já teria conseguido se não fossem as repetidas intervenções divinas (ver com. de Dn 2:39-43). Sem dúvida, sua tentativa mais próxima do sucesso foi a subversão da igreja mediante a apostasia papal na Idade Média [...]. Mas Deus intervém para impedir o sucesso de uma ameaça após a outra até o cumprimento final de Seus propósitos (ver Ap 12:5, 8, 16). As nações nunca mais conseguiram se ligar umas as outras para formar um só poder (ver com. de Dn 2:43). O mal é, por natureza, causador de divisões. Contudo, perto do fim dos tem-pos, Satanás terá a oportunidade de conquistar o que parecerá um sucesso, por um breve momento (ver com. de Ap 16:13, 14, 16; 17:12-14).

“Ao que tudo indica, perto do fim do primeiro século d.C., os cristãos já se referiam à cidade e ao império de Roma usando o título enigmático de Babilônia (ver com. d 1Pe 5:13). Nessa época, a cidade de Babilônia, tão magnífica no passado, estava quase, se não completamente, em ruínas. Era uma desolação inabitada e, por isso, uma ilustração vívida do destino final da Babilônia mítica. Os judeus estavam exilados mais uma vez, nas mãos impiedosas de Roma [...], assim como haviam sido exilados anteriormente por Babilônia. Os cristãos também passaram por repetidas perseguições nas mãos do império [...]. Entre judeus e cristãos Babilônia se transformou num termo apropriado para descrever Roma imperial.

“Durante os primeiros séculos do cristianismo, a designação velada de Babilônia para se referir à cidade e ao império de Roma ocorre várias vezes tanto na literatura judaica quanto cristã” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 917 e 918).

“Ela estava ‘embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus’

(Apocalipse 17:6). Trata-se do mesmo poder do pequeno chifre de Daniel 7:25 e Apocalipse 13” (FEYERABEND, 2005, p. 126).

“Como a Babilônia literal, Roma e a ‘Babilônia’ de Apocalipse são poderes orgulhosos, desumanos que oprimem o povo de Deus. Veja especialmente Apocalipse 17:6, onde Babilônia está ‘embriagada com o sangue dos santos’. Esses impérios se rebelam contra Deus, idéia que está implícita no nome ‘Babilônia’. Na língua babilônica, o nome é *bab ili*, que significa: ‘a porta de (dos) Deus(es)’, referindo-se ao lugar de acesso ao reino divino. Compare com Gênesis 11, onde o povo construiu a torre de Babel (Babilônia) com o objetivo de alcançar pelo seu próprio poder o nível divino da imunidade de qualquer responsabilidade diante de Deus.

“Quando despertou de um sonho em que viu uma escada ligando o Céu e a Terra, Jacó exclamou: ‘Este lugar é a casa de Deus, a porta dos Céus’ (Gên. 28:17). Note que a ‘casa de Deus’ é ‘a porta dos céus’; isto é, o caminho de acesso ao reino divino. Jacó chamou o lugar de ‘Betel’, que significa ‘casa de Deus’. A ‘porta do céu’ em Betel e a ‘porta de (dos) Deus(es)’ em Babilônia eram caminhos opostos para se alcançar o reino divino. A escada de Jacó vinha do Céu, revelada de cima por Deus. Mas Babilônia, com suas torres e templos, era construída por seres humanos do solo para cima. Esses caminhos opostos representam os caminhos contrastantes para se alcançar a salvação: graça de origem divina contra obras humanas” (GANE, 2004, p. 71).

“A palavra é aqui usada em sentido figurado para designar a grande cidade simbólica do Apocalipse, provavelmente com referência especial ao significado do termo e às circunstâncias em que nasceu. Aplica-se a alguma coisa em que se pode escrever a palavra ‘confusão’. Há apenas três coisas possíveis às quais a palavra pode aplicar-se. São o mundo religioso apóstata em geral; a igreja papal em particular e a cidade de Roma. Examinando estes pontos mostraremos primeiro o que não é Babilônia. Babilônia não se limita à igreja romana. Não negamos que essa igreja é uma parte muito importante da grande Babilônia. As descrições do capítulo 17 parecem aplicar-se muito particularmente a essa igreja. Mas o nome que ela traz na sua testa, ‘Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da Terra’, revela outras relações familiares. Se a igreja é a mãe, quem são as filhas? O fato de se falar destas filhas mostra que, além da igreja católica romana, há outros corpos religiosos incluídos nesta designação” (SMITH, 1979, p. 262).

“Babilônia não é a cidade de Roma. O argumento em que alguns se baseiam para mostrar que a cidade de Roma é a Babilônia do Apocalipse é assim apresentado: O anjo disse a João que a mulher que ele tinha visto era a grande cidade que reinava sobre os reis da Terra, e que as sete cabeças da besta são sete montes sobre os quais a mulher está sentada. Logo, dando à cidade e aos montes um sentido literal, e encontrando Roma justamente edificada sobre sete colinas, aplicam a declaração à Roma literal. O princípio em que se baseia esta interpretação é a suposição de que a explicação de um símbolo deve ser sempre literal. Mas cai por terra desde o momento em que se mostra que os símbolos por vezes são explicados substituindo-os por outros símbolos, explicando-se então estes. [...]

“Não será difícil mostrar que tanto os montes como a cidade são usados simbolicamente. Notemos com especial atenção os seguintes pontos: Somos informados em Apocalipse 13 que uma das sete cabeças foi ferida de morte. Esta cabeça não pode, portanto, ser um monte literal, porque seria estulto dizer que um monte foi ferido de morte. Cada uma das sete cabeças tem sobre si uma coroa. Mas quem já viu um monte literal adornado com uma coroa? As sete cabeças são evidentemente diferentes formas de governo que se sucedem evidentemente no transcurso do tempo, pois lemos: ‘Cinco já caíram, um existe, e outro ainda não é vindo.’ (Apoc. 17:10).

“Mas as sete colinas sobre as quais Roma está edificada não são sucessivas, e seria absurdo aplicar-lhes semelhante linguagem. Segundo Daniel 7:6, comparado com Daniel 8:8, 22, as cabeças significam governos, e segundo Daniel 2:35, 44 e Jeremias 51:25 os montes significam reinos. Segundo estes fatos, a versão literal de Apocalipse 17:9 e 10 remove toda a obscuridade: ‘As sete cabeças são sete montes sobre os quais a mulher está sentada e são sete reis.’

“Vê-se, assim, que o anjo representa as cabeças como montes, e explica depois os montes como sendo sete reinos sucessivos. O significado é transferido de um símbolo para outro e então é dada uma explicação do segundo símbolo. Do argumento anterior deduz-se que a ‘mulher’ não pode

representar uma cidade literal, porque os montes sobre os quais a mulher está sentada são simbólicos e uma cidade literal não pode estar assentada sobre montes simbólicos” (SMITH, 1979, p. 262 e 263).

“Segundo os capítulos dezesseis, dezessete, dezoito e dezenove do Apocalipse, a Babilônia desta profecia é simbolizada pela antiga Babilônia do rio Eufrates. É uma Babilônia espiritual, uma corporação de indivíduos que, como os fundadores habitantes da Babilônia de outrora, pretendem não só a supremacia religiosa no mundo como julgam ascender a Deus por suas obras como os edificadores daquela antiga Babilônia. Mas, seu culto, como o daquela, é contrário à justiça de Deus, pelo que é ela também confusão e está votada pelas profecias também à completa destruição” (MELLO, 1959, p. 423).

“A palavra Babilônia, ou Babel, quer dizer confusão. Ela teve sua origem com a cidade e a torre que o povo tentou construir na terra de Sinar, depois do dilúvio. Foi lá que as línguas do mundo foram confundidas. É um símbolo adequado para as igrejas populares e seculares, com suas centenas de diferentes seitas e doutrinas contraditórias” (FEYERABEND, 2005, p. 126).

“Babilônia, tanto literal quanto mística, é reconhecida há muito como uma inimiga tradicional da verdade e do povo de Deus. O uso do nome no Apocalipse indica todas as organizações religiosas apóstatas e sua liderança, desde a Antiguidade até o fim dos tempos (ver com. de Ap 17:5; 18:24). A comparação dos textos do AT (que expõem em detalhes os pecados e o destino da Babilônia literal) com as descrições do Apocalipse acerca da Babilônia mística deixa claro como é apropriado o uso figurado do nome (ver com. de Is 47:1; Jr 25:12; 40:1; Ap 16:12-21; 17; 18 [...]). Essas passagens revelam a importância de um estudo aprofundado do AT sobre a Babilônia literal para servir de base para a compreensão do significado das passagens do NT relacionadas à Babilônia mística” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 919).

“Babilônia significa a igreja mundana universal” (SMITH, 1979, p. 264).

“Babilônia é chamada uma ‘mulher’. Uma mulher, usada como símbolo, significa uma igreja. Interpretamos a mulher de Apocalipse 12 como sendo uma igreja. A mulher de Apocalipse 17 deve indubitavelmente interpretar-se como significando também uma igreja. O caráter da mulher representa o caráter da igreja representada. Uma mulher casta representa uma igreja pura, e uma mulher corrupta, uma igreja impura ou apóstata.

“A mulher Babilônia é uma prostituta, e mãe de filhas semelhantes a ela. Esta circunstância, como o seu próprio nome, demonstra que Babilônia não se limita a um só corpo eclesiástico, mas deve ser composta de vários. Deve englobar todos os que têm natureza semelhante, e representar todas as igrejas corruptas e apóstatas da Terra. Isto explicará talvez a linguagem de Apocalipse 18:24, pela qual vemos que quando Deus reclamar da grande Babilônia o sangue dos seus mártires, nela se encontrará o ‘sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na Terra.’” (SMITH, 1979, p. 264).

“Apocalipse 12 fala sobre a mãe verdadeira, a igreja pura. Babilônia também é uma mãe; ela é chamada a mãe das meretrizes. Para ser a mãe das meretrizes, ela deve ter filhas que são meretrizes. No credo do papa Pio IV, lemos: ‘Reconheço a Santa Igreja Católica Apostólica Romana como mãe e soberana de todas as igrejas’ (Joseph Faa Di Bruno, *Catholic Belief*, pág. 253)” (FEYERABEND, 2005, p. 126).

“No capítulo dezesseis versículo dezenove, é mencionado que, por ocasião da sétima praga, a ‘grande cidade’ fender-se-á ‘em três partes’ e que ‘da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o calix do vinho da indignação da Sua ira’. Note-se que a ‘grande Babilônia’ espiritual surge nesta outra profecia composta de três partes, ou seja de três grandes corpos religiosos. No versículo treze deste mesmo capítulo verificamos os três setores que compõem a Babilônia moderna: O primeiro e mais antigo é o paganismo sob a forma de dragão; o segundo é a igreja católica sob a tutela da bêsta papal; e o terceiro é o protestantismo estadunidense, constituído de igrejas filhas da igreja de Roma-mãe, sob a égide do falso profeta ou seja a bêsta de ‘dois chifres semelhantes aos de um cordeiro’, que são os Estados Unidos protestantes” (MELLO, 1959, p. 423).

“A Igreja de Roma é chamada Babilônia, e sua religião foi um restabelecimento da religião da antiga Babilônia. Ela tem pretensões a um sacerdócio com poderes e privilégios excepcionais,

justamente como o fazia a antiga Babilônia. Pelo dogma da imaculada concepção da Virgem Maria, nega haver Deus em Cristo assumido a mesma carne do homem caído, exatamente como o fazia Babilônia antiga. Ver Dan. 2:11. Reclama jurisdição espiritual universal, e sob pena de castigos e penalidades, exige submissão, assim como o fazia a antiga Babilônia. Ver Dan. 3. Repudia a verdade evangélica fundamental da justificação pela fé, e zomba das obras, tal como fazia a Babilônia antiga. Ver Dan. 4:30. Uma cuidadosa comparação do ritual da antiga e moderna Babilônia revela ser o da última, cópia da primeira; fácil é traçar-se historicamente a relação através do paganismo de Roma política.

“Na subversão de Babilônia pelos persas, que nutriam ódio tradicional à sua idolatria, os sacerdotes caldeus fugiram para Pérgamo, na Ásia Menor, ali estabelecendo a sede de sua religião. O último rei, pontífice de Pérgamo foi Átalo III, que ao morrer deixou seus domínios e autoridade para os romanos, em 133 A. C., e desde então, as duas linhas do Pontífices Máximos se uniram no de Roma.’ – O Falso Cristo, J. Garnier, Londres, George Allen, 1900, págs. 94 e 95” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 212).

“Através dos séculos quase todo país da Europa teve sua igreja oficial do Estado, e a maioria desses países têm atualmente suas religiões estabelecidas, que se opõem energicamente aos dissidentes. Babilônia embriagou todas as nações com o vinho da sua fornicação, isto é, com suas falsas doutrinas. Portanto, não pode simbolizar senão igreja mundana universal.

“A grande cidade, Babilônia, é composta de três divisões. Assim também as grandes religiões do mundo podem ser distribuídas sob três agrupações.

“A primeira, a mais antiga e a mais espalhada é o paganismo, que separadamente simboliza sob a forma de um dragão; a segunda é a grande apostasia papal, simbolizada pela besta; a terceira são as filhas, ou descendentes daquela igreja simbolizada pela besta de dois chifres, embora não abranja todas. Guerra, opressão, mundanismo, formalismo religioso, a busca do prazer, e a conservação de muitos erros da igreja católica romana, identificam com triste e fiel exatidão o grande corpo das igrejas protestantes como uma importante parte desta grande Babilônia, objeto da advertência” (SMITH, 1979, p. 264 e 265).

“[...] trata-se, portanto, duma igreja a que a profecia chama de Babilônia, uma igreja que deve exercer supremacia mundial religiosa como exerceu nos seus dias a Babilônia do passado. E que a revelação do capítulo dezessete trata da igreja católica, nada há que de lugar a dúvidas. Mas Babilônia não é somente a igreja papal. O capítulo diz que ela é ‘mãe de prostitutas’, isto é, de igrejas infiéis que dela saíram e que indubitavelmente são as igrejas protestantes caídas que saíram de Roma e que em conjunto podem receber o título de Roma-protestante” (MELLO, p. 423).

“Um exame do procedimento seguido pela igreja protestante em certas ocasiões o demonstrará melhor. Quando Roma teve o poder, destruiu vastas multidões dos que considerava hereges. A igreja protestante manifestou o mesmo espírito. Basta citar Miguel Servet, queimado pelos protestantes de Genebra sob a direção de João Calvino; os dissidentes durante muito tempo oprimidos pela igreja inglesa; os pais puritanos da Nova Inglaterra enforcando os Quakers e açoitando os batistas, apesar de eles por sua vez serem fugitivos da opressão semelhante da igreja anglicana. Mas, dirão alguns, estes acontecimentos pertencem ao passado. É verdade, mas demonstram que quando pessoas dirigidas por forte preconceito religioso, podem coagir os dissidentes, não se podem eximir de o usar, e essa fraqueza há de ver-se nos Estados Unidos em futuro cumprimento da profecia final de Apocalipse 13” (SMITH, 1979, p. 265).

“Era vontade de Cristo que Sua igreja fosse unida. Orou para que Seus discípulos fossem um, como Ele e o Pai eram um, porque isto daria poder ao Seu Evangelho e levaria o mundo a crer nEle. Em vez disto, olhe-se para a confusão que existe no mundo protestante, para os muitos muros de separação que o dividem numa rede de sociedades, e para os muitos credos discordantes como as línguas dos que foram dispersos quando construíam a torre de Babel. Deus não é o autor disto. É o estado de coisas que a palavra ‘Babilônia’ descreve com propriedade.

“Usa-se esta palavra com este mesmo fim, e não como termo de censura. Em vez de se encher de ressentimento quando se menciona este termo, o povo devia antes examinar a sua posição, para ver se em sua fé ou prática é culpado de ter algum relacionamento com a grande cidade da con-

fusão. Em caso positivo, deve separar-se imediatamente dela” (SMITH, 1979, p. 265).

“O termo Babilônia é muito abrangente e representa o papado em aliança política e religiosa com os reis da Terra. Representa todas as corporações e movimentos religiosos que têm se desviado da verdade, desafiado a autoridade divina e seduzido as pessoas com o vinho de sua prostituição. ‘A grande Babilônia’ descrita neste verso designa, em sentido especial, as religiões apóstatas unidas no fim do tempo, numa tríplice aliança: (1) papado; (2) protestantismo apostatado; (3) espiritismo. Esta profecia da queda de Babilônia encontra o seu cumprimento no abandono do cristianismo em geral da pureza e simplicidade do evangelho” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 53).

“A verdadeira igreja é uma virgem casta (2 Cor. 11:2). A igreja que se une em amizade ao mundo, é uma prostituta. É esta relação ilícita com os reis da Terra o que constitui a grande prostituta do Apocalipse. Assim, a igreja judaica, a princípio esposada com o Senhor (Jer. 2, 3 e 31:32), tornou-se prostituta (Ezeq. 16). Esta igreja, quando apostatou de Deus, foi chamada Sodoma (Isaías 1), exatamente como ‘a grande cidade’ (Babilônia) é também chamada em Apocalipse 11.

“A união ilícita com o mundo, de que Babilônia é culpada, é uma prova positiva de que não se trata do poder civil. O fato de o povo de Deus estar no meio dela antes de ser destruída é uma prova de que ela professa ser um corpo religioso. Por estes motivos, é muito evidente que a Babilônia do Apocalipse é a *professa igreja que se uniu com o mundo*” (SMITH, 1979, p. 265 e 266).

“No livro do Apocalipse, ‘Babilônia’ é a união religiosa (do papado, do protestantismo apostatado e do espiritismo; Apoc. 16:13 e 14) que estabelece a imagem da besta e persegue o fiel povo de Deus (Apoc. 13:15-17; 17:6). Essa união religiosa que se opõe a Cristo e Sua verdade, é amparada pelo governo secular. Em Apocalipse 17, a grande besta escarlate pode ser encarada como o poder secular dominado por Satanás; e a mulher sentada sobre a besta, como a união religiosa: ‘Babilônia’” (COFFMAN, 1989, p. 86).

“**Caiu, caiu.** Evidências textuais [...] apoiam a omissão do segundo ‘caiu’. A passagem parece ecoar Isaías 21:9, em que as evidências textuais da LXX se dividem entre a palavra ‘caiu’ ocorrer uma ou duas vezes. O hebraico repete o termo. A repetição dá ênfase à mensagem. Babilônia é um termo abrangente que João usa a caracterizar todos os grupos e movimentos para afastaram da verdade. Isso exige que se interprete sua ‘queda’ como um evento progressivo e cumulativo” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 916 e 917).

“A denúncia da queda de Babilônia, exarada no versículo oito do capítulo que estamos considerando, cumprida em 1844, alude à Babilônia integral ou apenas a uma das partes que a compõem?” (MELLO, 1959, p. 423).

“[...] a própria profecia estabelece a mais nítida distinção entre a queda e a destruição de Babilônia. Babilônia ‘cai’ antes de ser ‘lançada’ com ímpeto no mar, como uma grande pedra de moinho [cf. Ap 18.21], e ser completamente ‘queimada no fogo’ [Ap 18.8]. Portanto, a queda é espiritual, porque depois da queda é dirigida a Voz ao povo de Deus que ainda está relacionado com ela: ‘Sai dela, povo Meu’. O motivo é logo a seguir apresentado: ‘para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas.’ Babilônia, portanto, continua existindo no pecado, e suas pragas são ainda futuras, depois de sua queda” (SMITH, 1979, p. 266).

“Não nos é estranha a grande reforma da corrupção papal iniciada pelo protestantismo, no século XVI, que em verdade foi a princípio uma obra notável. E podemos afirmar, fundamentados na carta relativa à igreja de Sardo, que o protestantismo constituiu a igreja de Deus até quase aos meados do século XIX, quando recebeu a poderosa luz do grande movimento mundial adventista, referido no capítulo dez e na mensagem do primeiro anjo. Não há assim dúvida alguma de que o protestantismo, em 1844, era o único setor de Babilônia que ainda não havia caído e por conseguinte o único que se achava em posição que permitia sofrer uma queda espiritual.

“Portanto, é inevitável a conclusão de que a mensagem que anuncia a queda de Babilônia se refira às igrejas protestantes. Com sua queda, pode dizer-se então que ‘Babilônia, aquela grande cidade’, caiu. Anteriormente não se podia dizer que ela havia caído enquanto ainda uma parte, o protestantismo, estava de pé como igreja de Deus. Depois, porém, que a condição do mundo protestante piorou e sacrificou êle a pura verdade divina do evangelho de Cristo, é que somente pôde Babilônia sofrer uma queda espiritual e a grave denúncia – caiu, caiu, Babilônia, aquela grande cidade

– ser então proclamada.

“Esta mensagem não demonstra que o protestantismo, e bem assim Babilônia, caiu brusca e rapidamente em 1844, mas que naquela data, ao rejeitar a grande luz do advento, entrou êle em processo de queda mais acentuada, enveredando para a queda total e final como trata o capítulo dezoi-to” (MELLO, 1959, p. 424).

“1. No Antigo Testamento a nação de Babilônia é comparada a uma mulher (Isa. 47:1 e 7-9).

“2. A mulher descrita em Apocalipse 17:1-6 é uma ‘meretriz’. Isto denota que antes ela era pura e virtuosa. Seu nome atual é ‘Babilônia, a Grande’ (verso 5).

“3. Em certa época, a mulher de Apocalipse 12:1 e a mulher do capítulo 17:1 foram uma só: o povo de Deus, a Igreja de Cristo da maneira descrita em Atos e nas Epístolas do Novo Testamento.

“4. O apóstolo Paulo predisse que a apostasia se manifestaria de tal modo na Igreja Cristã que se transformaria no ‘homem do pecado’ – o sistema papal (ver II Tess. 2:3).

“5. O cristianismo formou uma união com o paganismo. (Ver O Grande Conflito, págs, 47 e 48.)

“6. No Antigo Testamento, o povo de Deus, Israel, é retratado como estando desposado com Deus (Ezeq. 16:8). Quando Israel começou a ter ligações com os egípcios, assírios e caldeus, isto corrompeu sua fé. A idolatria e os costumes pagãos impregnaram e alteraram sua experiência religiosa. As uniões ilícitas de Israel são, portanto, consideradas como prostituição (ver Ezeq. 16:15, 26 e 28-38). Deus encarou a nação como ‘meretriz’.

“7. Semelhantemente, nos primeiros séculos da Era Cristã, o cristianismo transigiu com o paganismo por meio de suas ligações ilícitas com o mundo. Em Apocalipse 12:1 uma mulher pura é o símbolo dos leais crentes em Cristo. Em Apocalipse 17:1, a mulher corrupta é um símbolo do cristianismo apostatado.

“8. Essa apostasia cristã é chamada ‘Babilônia’ por duas razões:

1ª Suas crenças são uma confusão de paganismo e cristianismo (verso 4).

2ª Ela persegue e oprime a outros cristãos (versos 6 e 18).

“A ‘Grande Babilônia’ ou ‘Babilônia, a Grande), apresentada como uma mulher montada numa besta, representa a união da Igreja e do Estado (versos 3-5). É o grande perseguidor dos santos de Deus (verso 6) e um poder religioso que influi sobre as questões políticas da Terra (verso 18).

“Esse poder é o papado, o mesmo poder retratado pelo símbolo da besta em Apocalipse 13:1-10 e da ponta pequena em Daniel 7:25. A ‘Grande Babilônia’ do fim do tempo abrange todo o conjunto de religiões falsas que se levantam contra Deus. [...]

“Quando as corporações religiosas abandonam a verdade de Deus, quando substituem as doutrinas da Palavra de Deus pelas doutrinas de homens, quando resistem às admoestações do Espírito Santo e se aliam para promulgar os seus erros, usando a autoridade civil para impor as suas idéias, eles estão se tornando Babilônia” (COFFMAN, 1989, p. 87 e 88).

“Parte da tríplice mensagem de Deus hoje é: ‘Caiu, caiu Babilônia’ Os cristãos, a exemplo dos antigos edificadores de Babel, volveram-se do evangelho eterno para seguirem sua própria diversão, com a teoria da evolução substituindo o relato bíblico da Criação. Está sendo proclamada hoje, não só nos centros de saber, mas mesmo dos púlpitos. O efeito desta moderna teoria evolucionária sobre a crença cristã é tremenda. A fé está sendo sutilmente minada” (ANDERSON, 1988, p. 172).

A queda é espiritual, e também um informativo de que Babilônia está sendo julgada no Tribunal/Santuário celestial e sendo condenada, caindo de sua posição de igreja de Deus. No entanto, e simultaneamente, ela crê e prega que está passando por uma reforma e um reavivamento de paz e união aqui na Terra. Nada mais ilusório, pervertido e enganador!

“O mundo fica extasiado e maravilhado com o surpreendente reavivamento do seu poder. Isso tem sido especialmente verdade desde que a independente soberania da Cidade do Vaticano foi reconhecida pela Itália, em 1929. O papa disse: ‘Este momento tão importante, tão histórico, que se coloca entre o passado e o futuro, fecha o passado e abre o futuro (Codress, 27 de junho de 1929)’ (FEYERABEND, 2005, p. 128).

“A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, Capítulo 14, foi primeiramente pregada no verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais direta às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada, e onde a decadência das igrejas mais rápida havia sido.

“A mensagem do segundo anjo, porém, não alcançou o completo cumprimento em 1844. As igrejas experimentaram então uma queda moral, em consequência de recusarem a luz da mensagem do advento; mas essa queda não foi completa. Continuando a rejeitar as verdades especiais para este tempo, têm elas caído mais e mais. Contudo, não se pode ainda dizer que ‘caiu Babilônia, ... que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.’

“Ainda não deu de beber a todas as nações. O espírito de conformação com o mundo e de indiferença às probantes verdades para nosso tempo existe e está a ganhar terreno nas igrejas de fé protestante, em todos os países da cristandade; e estas igrejas estão incluídas na solene e terrível denúncia do segundo anjo. Mas a obra da apostasia não atingiu ainda a culminância” (WHITE, 2013, p. 389).

“A profecia da queda de Babilônia tem seu cumprimento final no afastamento, por parte do protestantismo como um todo, da pureza e simplicidade do evangelho (ver com. de Ap 14:4). Essa mensagem foi pregada primeiro pelo movimento adventista conhecido como milerismo, no verão de 1844, sendo aplicada às igrejas que rejeitaram a mensagem do primeiro anjo a respeito do juízo (ver com. do v. 7). A mensagem terá cada vez mais relevância à medida que o fim se aproxima e chegará ao cumprimento completo com a união dos vários elementos religiosos sob a liderança de Satanás (ver com. de Ap 13:12-14;17:12-14). A mensagem de Apocalipse 18:2 a 4 anuncia a queda completa de Babilônia e chama todo o povo de Deus disperso em meio aos vários grupos religiosos que formam Babilônia a se separar dela” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 917).

“A maioria dos cristãos professos rejeitou a advertência do primeiro anjo da maneira pela qual foi transmitida por Miller. Vendo a queda moral deles, Guilherme Miller voltou-se para a segunda mensagem angélica em 1844. Ele reconhecia que, ao rejeitarem a mensagem do primeiro anjo, as igrejas estavam rejeitando a luz do Céu. Credo estar próximo o fim de todas as coisas, combinou a parábola das dez virgens (S. Mat. 25:1-13) com o apelo para sair de Babilônia. Assim, o tempo de tardança e o Clamor da Meia-noite passaram a fazer parte de sua mensagem. As igrejas zombaram; muitos que atenderam à mensagem experimentaram, porém, profunda espiritualidade. Os que atenderam de coração às advertências das mensagens do primeiro e do segundo anjo prepararam-se para o encontro com o seu Senhor” (COFFMAN, 1989, p. 86 e 87).

“**Beber.** Imagem que descreve a aceitação dos falsos ensinamentos e das práticas de Babilônia. A expressão ‘tem dado a beber a todas as nações’ ou ‘fez todas as nações beberem’ (NVI) sugere coerção. Elementos religiosos pressionarão o estado secular a fazer cumprir os decretos de Babilônia.

“**Todas as nações.** A natureza universal da apostasia é retratada aqui. A substituição das leis divinas por leis humanas e a execução de decretos religiosos pelo estado se tornarão universais (ver com. de Ap 13:8 [...])” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 919).

“**todas as nações.** A Babilônia do tempo do fim desperta oposição mundial a Deus” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“**Vinho da fúria.** É provável que a figura seja emprestada de Jeremias 25:15, texto em que o profeta é instruído: ‘Toma [...] este cálice do vinho do Meu furor e darás a beber dele a todas as nações (ver com. De Ap 13:12). Mas não é fúria nem furor que Babilônia oferece ao dar vinho às nações. Ela argumenta que o tomar seu vinho levará paz às nações (ver com. de Ap 13:12). Todavia, isso acaba acarretando a ira de Deus sobre os seres humanos.

“Alguns sugerem que a palavra traduzida aqui por ‘fúria’ (*thumos*) deveria ser vertida por ‘paixão’. Assim, a passagem diria: ‘Ela fez todas as nações beberem do vinho de sua imoralidade apaixonada.’ No entanto, em outros trechos do Apocalipse, *thumos* parece ter o sentido de ‘raiva’ e ‘ira’, que provavelmente deve ser adotado aqui também.

“**Prostituição.** Imagem da conexão ilícita entre a igreja e o mundo, ou entre a igreja e o estado secular. A igreja deve se casar com seu Senhor; mas, quando ela procura apoio do estado, deixa seu cônjuge legítimo. Por meio de seu novo relacionamento, comete prostituição espiritual (compa-

rar com Ez 16:15; Tg 4:4)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 919).

“A Babilônia mística tem um cálice de ouro na mão (Apocalipse 17:4). A antiga Babilônia foi comparada a um copo de ouro (Jeremias 51:7). Em 1825, por ocasião do jubileu, o papa Leão XII cunhou uma medalha onde, de um lado, estava a sua própria imagem e, do outro, a imagem da igreja de Roma simbolizada por uma mulher segurando uma cruz em sua mão esquerda e um cálice na direita. Uma inscrição em volta dela dizia: ‘*Sedet super universum*’ (o Universo inteiro é o seu trono) (Alexander Hislop, *The Two Babylons*, pág. 6.).

“Multidões têm bebido o vinho de suas falsas doutrinas. Quando as professas igrejas protestantes repudiaram o princípio fundamental do protestantismo, colocando de lado a autoridade da Bíblia e aceitando a tradição, a especulação e as leis feitas por homens, elas adotaram os princípios da Babilônia moderna, e podem ser consideradas como filhas de Babilônia, escolhendo deliberadamente beber do seu cálice.

“A posição católica romana com respeito à Bíblia não é compatível com os princípios de a Bíblia somente (*sola Scriptura*) da Reforma protestante. A igreja diz: ‘Embora estas duas vertentes (a Bíblia e a tradição), no que tange à sua origem divina, sejam igualmente sagradas, e ambas plenas de verdades reveladas, mesmo assim, das duas, a tradição é mais clara e segura’ (Joseph Faa Di Bruno, *Catholic Belief*, pág. 45). Isso contradiz a Bíblia, que nos alerta contra a tradição” (FEYERABEND, 2005, p. 127).

“Babilônia experimenta esta queda espiritual porque ‘a todas as nações deu a beber do vinho da ira [não ira, mas intensa paixão] da sua prostituição’. Há apenas uma causa a que isto pode referir-se – as falsas doutrinas. Ela corrompeu as verdades puras da Palavra de Deus e embriagou as nações com fábulas agradáveis” (SMITH, 1979, p. 267).

“Quando alguém faz que realizemos alguma coisa, ele está usando a força, a coerção ou compulsão. Isto suscita um sentimento de revolta. No entanto, a maior parte do mundo aceitará o sinal (ou marca) da besta quando for usada a força para impô-lo (Apoc. 13:16 e 17). O mistério em conexão com o ato de Babilônia compeliu todas as nações a fazerem o que ela quer é o fato de que essas nações parecem deleitar-se em beber o seu vinho! Isto nos leva a duas conclusões:

1ª O diabo está sendo bem-sucedido na execução de seus planos.

2ª O ato de as nações beberem o vinho de Babilônia é o resultado de alguma forma de engano. Parece que elas não sabem que o vinho é o da ira final. Esse vinho não é bom, mas as nações bebem-no assim mesmo” (COFFMAN, 1989, p. 88 e 89).

“A visão do Apocalipse revela que Roma é a igreja-mãe. Esta tem filhos que a deixaram e filhas que saíram dela, mas apesar de havê-la abandonado conservam muito de seus vícios e da sua conduta religiosa equivocada. Saíram da casa da mãe meretriz, mas embriagados com o vinho doutrinario que ela havia adulterado. Este versículo nos ajuda a entender que evidentemente Babilônia é uma espécie de sobrenome ou nome de família e que a grande Babilônia inclui Roma e as outras igrejas guardadoras do domingo, etc. Isto pode causar admiração, mas Deus o revela com clareza” (BELVEDERE, 1987, p. 86 e 87).

“Pode-se dizer que o cálice da comunhão, de puro suco de uva, que Cristo ofereceu aos apóstolos como ‘a nova aliança no Meu sangue’ (I Cor. 11:25) simboliza todas as verdades de que se compõe o plano da salvação. A Igreja de Cristo deve continuar oferecendo esse cálice ao mundo. Mas Babilônia, a apostasia cristã, só pode oferecer vinho fermentado. Lemos em Jeremias 51:7: ‘Do seu vinho beberam as nações, por isso enlouqueceram.’ [...]

“Eis algumas das doutrinas que se encontram no cálice de Babilônia papal:

1. A tradição e a autoridade da Igreja estão acima da Bíblia.
2. O batismo infantil.
3. Adoração de Maria e dos santos.
4. A imortalidade da alma; o tormento eterno no inferno.
5. A missa e a transubstanciação.
6. Confissão dos pecados ao sacerdote.
7. A penitência.
8. O purgatório.

9. A infalibilidade do papa.

10. O caráter sagrado do domingo.

“Dois desses erros – a imortalidade da alma e a santidade do domingo – contribuirão para unir a confederação total da apostasia que comporá a grande cidade da Babilônia mística no conflito final com o erro” (COFFMAN, 1989, p. 90 e 91).

“Há duas taças, a taça do Senhor e a de Babilônia. O vinho na taça do Senhor representa a verdade viva, ‘como a verdade é em Jesus;’ o vinho na taça de Babilônia representa suas falsas doutrinas, a substituição da Palavra viva e lei de Deus pela tradição humana, e a união ilícita que fez entre a igreja e o poder secular, dependendo, para dar força aos seus ensinamentos, mais do poder político que do poder de Deus. Por isso mesmo é que, embora mantenha uma forma de piedade, nega, porém, a sua eficácia. II Tim. 3:1-5.

“A citação seguinte estabelece a posição da igreja de Roma no tocante à tradição: ‘Embora essas duas correntes [a Bíblia e a tradição] sejam em si mesmas, em virtude de sua origem divina, igualmente santas, e estejam ambas repletas de verdades, mesmo assim, entre as duas, a tradição é para nós mais clara e segura.’ – Fé Católica, Rev. José Faa Di Bruno, D. D. (católico romano), pág. 45.

“A substituição da lei de Deus pela da igreja, em cumprimento da profecia de Dan. 7:25, testifica da completa subordinação da Palavra de Deus à autoridade da igreja. O ensino universal destas doutrinas em lugar do evangelho puro, desviou o mundo do bom caminho e fez com que todas as nações bebesses do vinho da ira da sua prostituição. A Reforma do século dezesseis foi um esforço para a volta às verdades puras da Palavra de Deus. Nesta os reformadores negaram a supremacia da tradição sobre a Escritura Sagrada” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 213).

“No credo do Papa Pio IV, uma autorizada declaração da fé Católica Romana é encontrada no seguinte acerto: ‘Reconheço a Santa Igreja Católica Apostólica como mãe e soberana de todas as e igrejas.’

“Quando as professas igrejas protestantes repudiaram o princípio fundamental do protestantismo, pondo de parte a autoridade da Palavra de Deus, aceitando em seu lugar a tradição e especulação humanas, adotaram o princípio fundamental da moderna Babilônia, e podem ser chamadas filhas de Babilônia. Sua queda está então incluída na de Babilônia, e exige uma proclamação da queda da moderna Babilônia.

“Muitos representantes do moderno protestantismo têm rejeitado, dum modo ou doutro, muitas das doutrinas fundamentais da Bíblia, tais como:

A queda do homem.

A doutrina bíblica do pecado.

A infalibilidade das Escrituras.

A perfeição das Escrituras como regra de fé e prática.

A divindade de Cristo, e Sua conseqüente liderança sobre a igreja.

A concepção miraculosa de nosso Senhor e Seu nascimento de uma virgem.

A ressurreição de Cristo.

A morte vicarial, expiatória e propiciatória de Cristo.

A salvação pela graça, mediante a fé no Senhor Jesus Cristo.

A regeneração pelo poder do Espírito Santo.

A eficácia do nome de Cristo na oração.

O ministério e guarda dos santos anjos.

Os milagres como manifestação e intervenção direta do poder e Deus” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 213 e 214).

“Há três formas básicas pelas quais Babilônia, como a personificação do mal e da confusão, conseguirá unir as pessoas: lisonja, decepção e força. A mensagem do segundo anjo focaliza a terceira estratégia ao dizer que Babilônia ‘tem dado a beber’ (forçado) às nações a se intoxicar com o vinho de suas falsas doutrinas. [...]

“Embora Deus seja soberano, Ele não força a vontade das pessoas. [...] Em nossa obra de espalhar as singulares mensagens dos três anjos temos de ser cuidadosos no sentido de deixar que as

pessoas tenham liberdade para escolher. Em vez de prescrever exatamente o que a pessoa tem de fazer, talvez o melhor caminho seja dizer-lhe: ‘Vamos ver o que a Bíblia tem a dizer sobre isso? Depois de estudar a Palavra de Deus você mesmo irá perceber o que Deus deseja.’” (GULLEY, 1996, p. 5A).

A pesquisa *Babilônia “tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (Apocalipse 14:8)*, em constante atualização, oportuniza uma lista extensa e fundamentada sobre os possíveis significados desse “vinho” e a embriaguez resultante. Disponível em: <<https://blogdoprofh.com/2022/03/12/babilonia-tem-dado-a-beber-a-todas-as-nacoes-do-vinho-da-furia-da-sua-prostituicao-apocalipse-148/>>. Acesso: dez. 2022. Considere-a um apêndice rico e imprescindível desse capítulo.

“Esse vocábulo pode abranger qualquer relação ilícita que Babilônia tenha com o mundo, com falsas doutrinas, com a idolatria e com o poder civil. Parece ser evidente que ela finalmente se envolverá em tudo isso. [...]

“O Antigo Testamento fala muitas vezes [II Crôn. 21:5 e 11; Ezeq. 16:26] da apostasia de Israel e de seu afastamento de Deus – seu Noivo ou Marido. Israel buscou outros deuses, praticou a idolatria e manteve ligações proibidas com outras nações. Tudo isso é chamado ‘fornicação’, ou ‘prostituição’. A mesma palavra se aplica à aceitação dos erros de ‘Babilônia’ pelas nações modernas” (COFFMAN, 1989, p. 90).

“Isto realça indiscutivelmente a tremenda importância que tem para Deus a necessidade de manter as doutrinas puras, como Ele as deu e respeitá-las” (BELVEDERE, 1987, p. 83).

“Apocalipse 16:19 indica que a ‘Grande Babilônia’ abrange muito mais do que o papado, embora esse sistema de religião constitua o seu coração. Nessa passagem Babilônia é simbolizada por uma cidade de três partes. O capítulo 17, verso 2, menciona que ‘os reis da Terra’ estão em união ilícita com Babilônia. O verso 5 diz que ela é ‘a mãe das meretrizes’. Suas filhas são outras igrejas que tem algumas semelhanças com a mãe. Estas só podem ser as igrejas protestantes que surgiram na reforma do século dezesseis e que romperam com Roma, na tentativa de estabelecer verdadeira base bíblica para a crença.

“Infelizmente, as igrejas reformadas não se desfizeram de todos os erros defendidos por Roma. Pela graça de Deus, fizeram, porém, grande progresso – algumas mais, outras menos. A direção, em geral, foi para as verdades bíblicas e a pureza do evangelho. No começo, as grandes denominações protestantes permaneceram firmemente sobre a elevada plataforma da autoridade da Bíblia, da personalidade de Deus, da divindade de Cristo, da expiação pelo Seu sangue e do Segundo Advento de Cristo” (COFFMAN, 1989, p. 89).

“Declara-se que Babilônia é ‘mãe das prostitutas.’ Como suas filhas devem ser simbolizadas as igrejas que se apegam às suas doutrinas e tradições, seguindo-lhe o exemplo em sacrificar a verdade e a aprovação de Deus, a fim de estabelecer uma aliança ilícita com o mundo. A mensagem de Apocalipse 14, anunciando a queda de Babilônia, deve aplicar-se às organizações religiosas que se corromperam.

“Visto que esta mensagem se segue à advertência acerca do juízo, deve ser proclamada nos últimos dias; portanto, não se refere apenas à Igreja de Roma, pois que esta igreja tem estado em condição decaída há muitos séculos. Demais, no Capítulo 18 do Apocalipse, o povo de Deus é convidado a sair de Babilônia. De acordo com esta passagem, muitos do povo de Deus ainda devem estar em Babilônia. E em que corporações religiosas se encontrará hoje a maior parte dos seguidores de Cristo? Sem dúvida, nas várias igrejas que professam a fé protestante.

“Ao tempo em que surgiram, assumiram estas uma nobre posição no tocante a Deus e à verdade, e Sua bênção com elas estava. Mesmo o mundo incrédulo foi constrangido a reconhecer os benéficos resultados que se seguiam à aceitação dos princípios do evangelho. Nas palavras do profeta a Israel: ‘E correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da Minha glória que Eu tinha posto sobre ti, diz o Senhor Jeová.’ Ezequiel 16:14.

“Caíram, porém, pelo mesmo desejo que foi a maldição e ruína de Israel — o desejo de imitar as práticas dos ímpios e buscar-lhes a amizade. ‘Confiaste na tua formosura, e te corrompeste por causa da tua fama.’ Ezequiel 16:15.

“Muitas das igrejas protestantes estão seguindo o exemplo de Roma na iníqua aliança com os ‘reis da Terra’: igrejas do Estado, mediante suas relações com os governos seculares; e outras denominações, pela procura do favor do mundo.

“E o termo ‘Babilônia’ – confusão – pode apropriadamente aplicar-se a estas corporações; todas professam derivar suas doutrinas da Escritura Sagrada, e, no entanto, estão divididas em quase inúmeras seitas, com credos e teorias grandemente contraditórios.

“Além da pecaminosa união com o mundo, as igrejas que se separaram de Roma apresentam outras características desta. Uma obra católica romana argumenta que, ‘se a Igreja de Roma foi culpada de idolatria, com relação aos santos, sua filha, a Igreja Anglicana, tem a mesma culpa, pois tem dez igrejas dedicadas a Maria para uma dedicada a Cristo.’ — Dr. Challoner, *The Catholic Christian Instructed*, no prefácio.

“E o Dr. Hopkins, no ‘Tratado Sobre o Milênio’, declara: ‘Não há motivo para se considerar o espírito e prática anticristãos como sendo restritos ao que hoje se chama a Igreja de Roma. Nas igrejas protestantes muito se encontra do anticristo, e longe estão de se acharem completamente reformadas das ... corrupções e impiedade.’ — Obras, Samuel Hopkins” (WHITE, 2013, p. 334 e 335).

“Ainda que muitos líderes do moderno protestantismo, conhecidos como altos críticos, não tenham formalmente adotado o credo da Igreja de Roma, e não se tenham tornado parte orgânica desta corporação, mesmo assim pertencem à mesma classe ao rejeitar a autoridade da Palavra de Deus, aceitando em seu lugar o produto de suas próprias argumentações. Há tanta apostasia num caso como no outro, e ambos devem ser incluídos, portanto, em Babilônia, e ambos se acharão envolvidos, afinal, em sua queda” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 213 e 214).

“Aqui está falando de uma babilônia mística ou simbólica, pois a literal já havia sido destruída nos tempos do Antigo Testamento e Isaías 13:19-21 declara que nunca mais seria habitada. É interessante notar que a Bíblia de Jerusalém (tradução católica com imprimatur), comentando Apocalipse 17:5 diz que ‘Babilônia é o nome simbólico de Roma’. Devido ao sentido eminentemente religioso da mensagem dos três anjos, devemos interpretar esta caída como espiritual ou religiosa. O comentário da Bíblia de Jerusalém diz que Roma arrastou todas as nações à idolatria” (BELVEDERE, 1987, p 84).

“Para chegar agora mais particularmente à aplicação da profecia referente à queda de Babilônia, vejamos a atitude do mundo religioso em relação à possibilidade de tal mudança, quando chegou o tempo para a proclamação desta mensagem, em relação com a primeira mensagem, por volta de 1844. O paganismo era apenas apostasia e corrupção logo no início e ainda o é. Não é possível uma queda espiritual em relação a ele.

“O catolicismo durante séculos tem estado em uma condição caída durante séculos.

“Mas as igrejas protestantes começaram a grande obra de reforma da corrupção papal, e realizaram um trabalho nobre. Estiveram, numa palavra, em tal posição que lhes era possível uma queda espiritual.

“Portanto, é inevitável a conclusão de que a mensagem anunciando a queda se referia quase por completo às igrejas protestantes. Pode perguntar-se por que motivo é que este anúncio não foi feito mais cedo, se tão grande parte de Babilônia tinham já caído havia tanto tempo. A resposta é esta: Babilônia, como um todo, não podia dizer-se caída enquanto uma divisão dela permanecesse de pé. Não podia anunciar-se até que a condição do mundo protestante piorasse, e este tivesse sacrificado a verdade, ou seja a única senda do progresso. Quando isto aconteceu, e o protestantismo experimentou uma queda espiritual, então podia ser feito o anúncio acerca de Babilônia como um todo, como nunca o podia ter sido antes: ‘Caiu, caiu Babilônia.’” (SMITH, 1979, p. 269).

“Por ocasião do primeiro advento de Cristo, os líderes religiosos da época poderiam ter aprendido muito acerca de Jesus se tivessem ouvido as palavras de Ana e Simeão, dois idosos e queridos israelitas que oravam diariamente no templo (S. Lucas 2:25-38); ou se tivessem escutado Maria, a jovem donzela da vila de Nazaré; ou João Batista, o pregador leigo junto ao Jordão. Ao chegar a hora do juízo, os líderes religiosos da ocasião poderiam ter aprendido muitíssimo de Jesus se houvessem escutado Guilherme Miller, o pregador leigo batista” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004,

p. 378).

“O mundo religioso estará então nas mesmas condições em que se achava a nação judaica depois de haver rejeitado a Cristo em Seu primeiro advento” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 160).

2ª Timóteo 3.1-5:

Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafiados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.

“A falha de Babilônia está na sua confusão da verdade e suas falsas doutrinas. Ela cai pelo fato de que as propaga laboriosamente e se apega a elas depois de lhe ser oferecida a luz e a verdade que as teria corrigido. No caso das igrejas protestantes havia chegado um tempo de subir a um nível religioso mais elevado. Podiam aceitar a luz e a verdade que lhes eram oferecidas, e atingir a mais alta consecução, ou podiam rejeitá-las, e perder sua espiritualidade e o favor de Deus, ou, noutros termos, experimentar uma queda espiritual.

“A verdade que Deus achou conveniente empregar como um instrumento nesta obra foi a mensagem do primeiro anjo. A doutrina pregada era que a hora do juízo de Deus chegara, e isto tornava iminente o segundo advento de Cristo. Depois de ouvir por tempo suficiente para ver a bênção que acompanhava a doutrina e os bons resultados que produzia, as igrejas, como um todo, rejeitaram-na com desdém e escárnio.

“Foram, assim, provadas, revelando-se claramente o fato de que seus corações estavam com o mundo, e não com o Senhor, e que o preferiam assim. Mas a mensagem teria curado os males que então existiam no mundo religioso. O profeta exclama, talvez referindo-se a este mesmo tempo: ‘Queríamos curar Babilônia, mas ela não sarou.’ (Jer. 51:9).

“Pergunta alguém: Como sabemos que teria sido este o efeito da recepção da mensagem? Respondemos: Porque este foi o efeito em todos os que a receberam. Saíram de diferentes denominações, e suas barreiras denominacionais foram derribadas; credos em conflito foram desfeitos em átomos; abandonaram a esperança antibíblica de um milênio temporal; corrigiram suas falsas opiniões sobre a segunda vinda; o orgulho e a conformidade com o mundo foram banidos; o que estava mal foi posto em ordem; os corações uniram-se na mais doce fraternidade; e o amor e a alegria reinaram soberanamente. Se a doutrina fez isto com os poucos que a receberam, o mesmo teria feito com todos, se a tivessem recebido. Mas a mensagem foi rejeitada.

“Por toda parte do país se levantou o clamor: ‘Caiu, caiu Babilônia’, e, em antecipação do movimento apresentado em Apocalipse 18:1-4, os que proclamavam a mensagem acrescentam: ‘Sai dela, povo Meu’. Como resultado, milhares de pessoas separaram-se das diversas denominações. Notável mudança então sobreveio às igrejas acerca da sua condição espiritual. Quando uma pessoa recusa a luz, coloca-se necessariamente em trevas; quando rejeita a verdade, forja inevitavelmente os grilhões do erro para os seus próprios membros. Segue-se a queda de espiritualidade ou queda espiritual. Isto foi o que experimentaram as igrejas. Preferiram aderir aos velhos erros, e continuar pregando ainda as suas falsas doutrinas entre o povo. Portanto, a luz da verdade os abandonou” (SMITH, 1979, p. 270 e 271).

“Ao pregar a doutrina do segundo advento, Guilherme Miller e seus companheiros haviam trabalhado com o único propósito de despertar os homens ao preparo para o juízo. Tinham procurado acordar os que professavam a religião, para a verdadeira esperança da igreja, e levá-los a sentir a necessidade de uma experiência cristã mais profunda; trabalhavam, também, para acordar os não-conversos ao dever de imediato arrependimento e conversão a Deus. ‘Não faziam tentativas para converter os homens a uma seita ou partido em matéria de religião. Daí o trabalharem entre todas as facções e seitas, sem interferências com sua organização ou disciplina.’

“‘Em todos os meus trabalhos’, disse Miller, ‘nunca tive o desejo ou o pensamento de criar qualquer interesse separado do das denominações existentes, ou de beneficiar uma em detrimento de outra. Pensava em a todas. Supondo que todos os cristãos se regozijassem com a perspectiva da

vinda de Cristo, e que os que não viam as coisas como eu as via, não haveriam, por isso, de menosprezar os crentes nesta doutrina, não pensei em qualquer necessidade de reuniões separadas. Todo o meu objetivo se concentrava no desejo de converter almas a Deus, cientificar o mundo do juízo vindouro e induzir meus semelhantes a fazer o preparo de coração que os habilitaria a encontrar-se com seu Deus em paz. A grande maioria dos que se converteram pelos meus trabalhos, uniram-se às várias igrejas existentes.’ — Memórias de Guilherme Miller, *Bliss*.

“Como sua obra tendia a edificar as igrejas, foi por algum tempo olhada com favor. Mas, decidindo-se os pastores e os dirigentes religiosos contra a doutrina da segunda vinda de Cristo, e desejando suprimir toda agitação a respeito, não somente se opuseram a ela, do púlpito, mas também negaram a seus membros o privilégio de assistir a pregações sobre o assunto, ou mesmo falar de tal esperança nas reuniões de oração da igreja.

“Assim, encontraram-se os crentes em grande provação e perplexidade. Amavam suas igrejas, e repugnava-lhes o separar-se delas; mas como vissem suprimido o testemunho da Palavra de Deus e negado o direito de pesquisar as profecias, compreenderam que a lealdade para com o Senhor lhes vedava a submissão. Não poderiam considerar os que procuravam excluir o testemunho da Palavra de Deus como constituindo a igreja de Cristo, ‘coluna e base da verdade.’ Daí o se sentirem justificados em desligar-se dessas congregações. No verão de 1844 aproximadamente cinquenta mil se retiraram das igrejas.

“Por esse tempo, uma assinalada mudança se presenciou na maioria das igrejas dos Estados Unidos. Havia muitos anos se vinha verificando uma conformação cada vez maior, gradual mas constante, com as práticas e costumes do mundo, e bem assim um declínio correspondente na verdadeira vida espiritual; mas, naquele ano, evidenciou-se uma decadência súbita e notável em quase todas as igrejas do país. Se bem que ninguém parecesse capaz de indicar a causa, o fato em si mesmo era largamente notado e comentado, tanto pela imprensa como do púlpito” (WHITE, 2013, p. 375 e 376).

“A simples observação de que Jesus não retornou em 1844 persuadiu muitas pessoas de que Miller achava-se iludido e em erro. Mais correto seria dizer que, embora equivocado nalguns pontos, provavelmente nenhuma outra pessoa sobre a face da Terra estava tão próxima da verdade quanto Miller. [...] Achava-se correto ao pregar o pré-milenismo, o retorno visível de Cristo no começo dos mil anos. (No termo ‘pré-milenismo’, o pré significa ‘antes’. [...] A maioria dos ministros e escritores dos dias de Miller, se é que abordavam o assunto da segunda vinda, eram pós-milenistas. (Aqui, o pós significa ‘depois’.)

“Diziam eles que Cristo não apareceria visivelmente a não ser depois de um indefinido período de mil anos de paz e prosperidade. Entretanto, eles diziam – cuidado, não se confunda! – que Jesus voltaria muito em breve através de uma ‘segunda vinda’ invisível e espiritual, com o que Ele marcaria o início desses mil anos de paz. Alguns dos oponentes de Miller em realidade concordavam com ele no tocante aos 2.300 dias. [...] Para essas pessoas, entretanto, o que iniciaria na década de 1840 era o período de mil anos de paz e prosperidade que precederia a segunda vinda visível de Cristo.

“Tal forma de pensar era adequada ao otimismo – a ‘era dos bons sentimentos’ – que prevaleceu na América daqueles dias. Além disso, apoiava apropriadamente as sublimes esperanças de numerosas associações de reforma e sociedades missionárias estrangeiras então existentes. O ‘Homo Americanus’ haveria de pavimentar naqueles dias o caminho para o mundo ideal. [...]

“De fato, conforme disse Edward Beecher em 1835, as igrejas da América achavam-se ‘voltadas como nunca dantes’ para a crença de que ‘o glorioso advento do reino de Deus’ estava às portas. O que suas mentes consideravam como ‘o glorioso advento do reino de Deus’ não era o Seu retorno visível, senão um retorno espiritual que converteria o mundo e removeria ‘toda corrupção... e todas as injustiças’ – escravidão, tirania, guerra, pobreza, alcoolismo e assim por diante – do sistema social (Ver Timothy Smith, *Revivalism and Social Reform in Mid-Nineteenth-Century America* (New York: Abingdon Press, 1957), págs. 225, 226).

“*Miller, o pré-milenista*. Erguendo-se contra semelhante pano de fundo, Guilherme Miller foi o notável porta-voz do pré-milenismo, o conceito escriturístico de que Jesus deve retornar lite-

ralmente antes que possamos imaginar uma nova era de genuína bondade. Ele havia lido, em II Timóteo 3:1-5 e 13, que os homens dos ‘últimos dias’ seriam ‘egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus’ e – exatamente ao contrário de se tornarem cada vez melhores, conforme pregava o pós-milenismo dominante – estes ‘homens perversos e impostores’ iriam ‘de mal a pior, enganando e sendo enganados.’

“Assim, Miller ensinou que tão-somente o aparecimento pessoal de Cristo, em poder e grande glória seria capaz de erradicar o mal e instituir a paz permanente. O grande movimento do segundo advento foi preeminentemente o movimento pré-milenista de seus dias. Foi por esta razão que ele recebeu tanta censura e escárnio. O pré-milenismo de Miller e sua mensagem de que o juízo final estaria se manifestando em 1844, foi rejeitado não porque esses ensinamentos estivessem errados – pois que errados não estavam – mas porque eram impopulares. Eles não se coadunavam com o otimismo contemporâneo, baseado sobre o futuro da América e a conversão do mundo. Por outro lado, a Guerra Civil Americana em breve proveu aos adversários pós-milenistas de Miller fortes razões para crerem que eles é que se achavam positivamente errados. [...]

“Hoje se observa uma ressurreição do pós-milenismo. Mas a maior parte dele se centraliza na doutrina do arrebatamento de J. N. Darby e nega a mensagem do primeiro anjo, de que a hora do juízo de Deus já começou. Nega igualmente a mensagem do terceiro anjo, conforme veremos no devido momento. [...] Isso é lamentável, pois Miller certamente estava correto ao pregar a doutrina bíblica da primeira mensagem angélica, que diz respeito à chegada da hora do juízo no final dos 2.300 dias, em 1844. Guilherme Miller foi o homem de Deus para a hora de Deus. [...] Na verdade, Miller encontrava-se à frente dos teólogos porque (a) seus erros não eram piores que os destes e (b) sua compreensão das profecias bíblicas, embora imperfeita, era muito superior à dos teólogos” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 375 – 378).

“As igrejas, em geral, fecharam as portas a esta mensagem, e numeroso grupo dos que a receberam cortou sua ligação com elas. Na providência de Deus, esta proclamação se uniu com a mensagem do segundo anjo, conferindo poder à obra” (WHITE, 2013, p. 402).

“Os adventistas, vendo que as igrejas rejeitavam o testemunho da Palavra de Deus, não mais podiam considerá-las como constituindo a igreja de Cristo, ‘ pilar e coluna da verdade’; e quando a mensagem ‘Caiu Babilônia’, começou a ser anunciada, eles se sentiram justificados da separação de sua antiga associação. Desde a rejeição da primeira mensagem, uma triste mudança teve lugar nas igrejas. Quando a verdade é desprezada, o erro é recebido e acariciado. O amor a Deus e a fé em Sua Palavra esfriaram. As igrejas agravaram o Espírito do Senhor, e este tem sido em grande medida retirado delas” (WHITE, 2008c, p. 286).

“Também em 1844, o *Religious Telescope* empregava a seguinte linguagem:

— ‘Nunca testemunhamos um declínio tão geral da religião como no presente. Na verdade, a igreja devia despertar e investigar a causa desta aflição, pois deve considerá-la como aflição todo aquele que ama Sião. Quando nos lembramos de quão poucos e raros são os casos de verdadeira conversão, e a impenitência e dureza dos pecadores são quase sem par, involuntariamente exclamamos: Esqueceu-Se Deus de ser gracioso? Ou fechou a porta da misericórdia?’ – *Religious Telescope*, 4/12/1844, pág. 76” (SMITH, 1979, p. 271 e 272).

““Os abaixo assinados, ministros e membros de várias denominações de Filadélfia e arredores, crendo solenemente que os presentes ‘sinais dos tempos’, a saber, a penúria espiritual das nossas igrejas em geral e os extremos males no mundo que nos rodeia, parecem clamar alto a todos os cristãos a ter momentos especiais de oração, concordam por este meio, por divina permissão, unirem-se em uma semana de oração especial a Deus Todo-poderoso para o derramamento do Seu Espírito Santo em nossa cidade, nosso país e no mundo.’ – *Philadelphia Sun*, 11/11/1844” (SMITH, 1979, p. 272).

““Conservam-se as formas exteriores da religião; continua a rotina dos deveres dominicais, mas em relação com os momentos de ‘refrigério pela presença do Senhor’, nos quais o temor pega o hipócrita, a convicção toma o pecador e os corações humildes se agarram às promessas e lutam po-

derosamente pela conversão de almas – esses momentos apenas são conhecidos à medida em que são docemente lembrados, como dias que se foram e não existem mais.’ – ‘Reavivamentos’, na revista *Oberlin Evangelist*, 20/11, 1844, pág. 189” (SMITH, 1979, p. 273).

“‘Um simples relance para os semanários da nossa própria denominação provará que o mal não se limita apenas aos batistas.’ – ‘Amplitude da Cultura Cristã’, na revista *Congregationalist*, 19/11/1858, pág. 186” (SMITH, 1979, p. 273).

“O principal jornal metodista, o *Christian Advocate*, de Nova York, publicou em 1883 um artigo do qual copiamos estas declarações:

— ‘1. Disfarçai como quiserdes, a igreja, num sentido geral, encontra-se espiritualmente em rápido declínio. Enquanto cresce em número e dinheiro, torna-se extremamente fraca e limitada em sua espiritualidade, tanto nos ministros como nos membros. Está tomando a aparência e caráter da igreja de Laodicéia.

— ‘2. Há milhares de ministros, nas congregações e nas conferências, e muitos milhares de leigos, tão mortos e inúteis como estéreis figueiras. Não contribuem com nada de natureza temporal ou espiritual para o progresso e triunfo do Evangelho através da Terra. Se todos estes ossos secos de nossa igreja e de suas congregações ressuscitassem e realizassem um serviço fiel e ativo, que novas e gloriosas manifestações de poder divino se presenciariam!’ – *Christian Advocate*, New York, 30/8/1883” (SMITH, 1979, p. 273 e 274).

“‘Numa edição recente do vosso jornal vi um artigo de um colaborador, em que se afirmava que havia mais de três mil igrejas nas corporações congregacionalistas e presbiterianas deste país que no ano passado não relataram a recepção de um único membro por profissão de fé. Poderá ser isto verdade? De tal maneira se apoderou de mim este pensamento, que não o posso expulsar de minha mente. [...]

“‘Que há de pensar o Filho de Deus de semelhante resultado do nosso trabalho? Que há de um mundo incrédulo pensar de um cristianismo que não pode produzir mais qualquer fruto? E não temos nós nenhuma preocupação pelas multidões de almas que cada ano caem na perdição, enquanto nos sentamos todos e olhamos? E onde estará este nosso país nos próximos dez anos, se não despertarmos do sono?’ – Dwight Moody, *Independent*, New York, 3/12/1896, pág. 1” (SMITH, 1979, p. 275).

“‘Hoje parece que a grande tradição moral hebraica cristã, que é a parte mais antiga de nossa herança, está-se desmoronando diante de nossos olhos. [...] A fé na ciência fortaleceu-se de tal maneira, e adquiriu tanta auto-suficiência, arraigou-se tanto nos processos de nossa sociedade, que muitos dos que a albergam perderam todo o desejo de combiná-la com qualquer outra [...] O homem que confia numa ciência física para descrever o mundo não acha onde situar uma divindade [...]

“‘As filosofias que hoje expressam seus interesses básicos [dos homens] não se preocupam já, como no século XIX, de justificar uma crença em Deus e na imortalidade. Estas idéias desapareceram simplesmente de qualquer tentativa séria para chegar a compreender o mundo. [...] O atual conflito da fé religiosa com a ciência já não se refere a uma explicação científica do mundo, senão a uma explicação científica da religião. O efeito realmente revolucionário da fé científica hoje, não é sua nova visão do universo, e sim sua nova visão da religião.’ – John Herman Randall, na revista *Current History*, junho, 1929, págs. 359-361” (SMITH, 1979, p. 276).

“Qual é essa nova visão da religião? Um porta-voz do liberalismo moderno explica-o francamente:

— ‘Os protestantes liberais abandonaram a crença na infalibilidade verbal da Bíblia’ – James Gordon Gilkey, *Faith to Affirm*, pág. 3” (SMITH, 1979, p. 276).

“Se o protestantismo tivesse aceitado a mensagem do primeiro anjo, isso teria permitido à igreja ser uma luz a todas as nações. Mas ao rejeitar a mensagem, traiu sua missão e deixou as nações sem o testemunho da verdade presente que poderia ter recebido; e como resultado elas andam Tateando nas trevas do erro e superstição resultantes das influências intoxicantes e estupefacientes do sistema de falsas doutrinas que tal igreja edificou e não quis abandonar” (SMITH, 1979, p. 277).

“‘Durante anos assaltos cada vez mais acerbos foram lançados contra a religião. Parecia que

não precisávamos preocupar-nos se ‘as antigas crenças desfaleciam e caíam’. Pareceria que nesta civilização, como nas do passado quando se aproximava o seu fim inevitável, nós, e esse termo abrange toda a humanidade em geral, temos ficado muito seguros de nós mesmos. [...]

“‘Temos observado, e muitos de nós com pouco receio, o desenvolvimento de culto estranhos e o surgimento de filosofias pagãs. Sem a menor perturbação, temos presenciado o nascimento do humanismo moderno, com sua negativa de um poder maior que o nosso próprio; sua exaltação do homem até torná-lo igual a seu Criador. Agora, quando a civilização pode estar morrendo de pé, a barreira de esferas de nossa auto-suficiência está explodindo no espaço. Finalmente os seres humanos estão começando a descobrir que não são pequenos deuses, e sim tão-somente pequenos homens.’ – *Inquirer de Filadélfia*, 24/5/1941, pág. 10” (SMITH, 1979, p. 278).

“Mas como estas igrejas se apartam cada vez mais de Deus, atingem por fim uma condição tal que os verdadeiros cristãos não podem por mais tempo manter contato com elas. Então serão chamados a sair. Esperamos isto no futuro, em cumprimento de Apocalipse 18:1-4. Cremos que virá quando, em acréscimo de suas corrupções, as igrejas começarem a levantar contra os santos o braço da opressão” (SMITH, 1979, p. 278).

“Embora compreendamos claramente que as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos são aplicáveis aos dias de hoje [entre 1851 e 1882, cf. biografia de EGW], reconhecemos, não obstante, que em sua proclamação inicial, a anunciação da primeira mensagem angélica com sua declaração ‘é chegada a hora de seu juízo’ está ligada à proclamação do esperado advento de Cristo no decênio de 1830 e início de 1840.

“A mensagem do segundo anjo foi inicialmente proclamada no princípio do verão de 1844, na forma do chamado dos crentes adventistas para saírem das igrejas nominais que haviam rejeitado a proclamação da primeira mensagem angélica. E embora seja verdade que a mensagem do segundo anjo permaneça uma verdade presente, seu cumprimento culminou no período que antecedeu imediatamente o dia 22 de Outubro de 1844.

“Quando as mensagens dos três anjos se tornarem proeminentes perante o mundo novamente, um pouco antes da segunda vinda de Cristo, o anjo de Apocalipse 18:1 se unirá à proclamação do segundo anjo, no que diz respeito à mensagem ‘caiu, caiu, Babilônia’ (WHITE, 2007e, p. 303).

“*Da verdade para o secularismo e para o espiritismo.* Desde o desapontamento em 1844, a teoria da evolução e a influência da crítica destrutiva da Bíblia têm causado muita descrença na cristandade. No pensamento de grande número de pessoas não há lugar para milagres ou para a intervenção sobrenatural de Deus. Muitos cristãos deixaram de lado a oração a um Deus pessoal. A divindade de Cristo, Seu nascimento virginal, ações miraculosas, ressurreição literal e corpórea têm também sido rejeitados.

“O quadro tornou-se mais confuso com a vasta difusão do espiritismo e o volver de muitos cristãos para religiões orientais e numerosas seitas. O Movimento da Nova Era, com suas raízes no ocultismo e no misticismo oriental, impregna todos os níveis da sociedade, influenciando as pessoas nos negócios de saúde, na educação e nos entretenimentos. Não é de admirar que Deus nos advirta da queda de Babilônia e apele para que Seu povo se retire dela (Apoc. 18:4 e 5)” (COFFMAN, 1989, p. 92).

2ª Tessalonicenses 2.3-12:

Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus. Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas? E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. O caráter do homem da iniquidade e a sua derrota. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a

operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.

“A Escritura Sagrada declara que Satanás, antes da vinda do Senhor, operará ‘com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça’; e ‘os que não receberam o amor da verdade para se salvarem’ serão deixados à mercê da ‘operação do erro, para que creiam a mentira.’ 2 Tessalonicenses 2:9-11. A queda de Babilônia se completará quando esta condição for atingida, e a união da igreja com o mundo se tenha consumado em toda a cristandade. A mudança é gradual, e o cumprimento perfeito de Apocalipse 14:8 está ainda no futuro.

“Apesar das trevas espirituais e afastamento de Deus prevalecentes nas igrejas que constituem Babilônia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda em sua comunhão. Muitos deles há que nunca souberam das verdades especiais para este tempo. Não poucos se acham descontentes com sua atual condição e anelam mais clara luz. Em vão olham para a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados. Afastando-se estas corporações mais e mais da verdade, e aliando-se mais intimamente com o mundo, a diferença entre as duas classes aumentará, resultando, por fim, em separação.

“Tempo virá em que os que amam a Deus acima de tudo, não mais poderão permanecer unidos aos que são ‘mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela’ [2ª Tm 3.4 e 5]. O Capítulo 18 do Apocalipse indica o tempo em que, como resultado da rejeição da tríplice mensagem do Capítulo 14:6-12, a igreja terá atingido completamente a condição predita pelo segundo anjo, e o povo de Deus, ainda em Babilônia, será chamado a separar-se de sua comunhão.

“Esta mensagem é a última que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra. Quando os que ‘não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade’ (2 Tessalonicenses 2:12), forem abandonados para que recebam a operação do erro e creiam a mentira, a luz da verdade brilhará então sobre todos os corações que se acham abertos para recebê-la, e os filhos do Senhor que permanecem em Babilônia atenderão ao chamado: ‘Sai dela, povo Meu.’ Apocalipse 18:4” (WHITE, 2013, p. 340 e 341).

“Diante do fato de que a atitude da maior parte dos ministros e teólogos começou a endurecer contra a mensagem do primeiro anjo no verão e outono de 1843, os associados de Miller passaram a vislumbrar um novo sentido na mensagem do segundo anjo, encontrada em Apocalipse 14:8: ‘Seguiu-se [ao primeiro] outro anjo, o segundo, dizendo: ‘Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.’

“Desde os dias de Lutero, os protestantes haviam compreendido corretamente Babilônia como sendo um símbolo da Igreja Romana, um corpo cristão cujos líderes, vistos pelo seu lado pior, rejeitaram vários elementos da verdade bíblica e perseguiram os cristãos que prosseguiram crendo em tais verdades. Por volta da segunda metade do ano 1843, muitas igrejas protestantes na América do Norte achavam-se em posição de crítica e rejeição face a algumas significativas verdades bíblicas que Miller e seus associados estavam pregando. Não satisfeitos em manifestar de forma ostensiva o seu desacordo com tais doutrinas, essas igrejas também eliminaram do rol de seus membros muitos milhares de fiéis que sinceramente optaram por aceitar as mesmas.

“Os associados de Miller estudaram a mensagem do segundo anjo à luz de Apocalipse 17:5 e observaram que Babilônia, sendo ela própria uma ‘meretriz’, é a ‘mãe das meretrizes’. As filhas prostitutas ostentam o nome de sua mãe. Os auxiliares de Miller sentiram-se compelidos a abraçar a conclusão de que as filhas de Babilônia são as igrejas protestantes que, tais quais a igreja romana, rejeitam as verdades bíblicas e aborrecem aqueles que aceitam essas verdades. Chegaram assim a uma conclusão solene, que por sua importância continua a merecer atenção ainda hoje.

“A maior parte da mensagem de Milfer era composta de verdades bíblicas, centralizadas em Cristo Jesus. Ela era abençoada com maravilhoso poder, capaz de transformar positivamente milhares e milhares de pessoas que a aceitaram. Ela própria constituía o cumprimento da profecia, e da mensagem do primeiro anjo. Mas a maior parte das igrejas americanas rejeitaram-na. Seus líderes continuam a rejeitá-la – ou, talvez, a negligenciá-la.

“A sua rejeição ou negligência está se tornando cada vez mais séria, tão certo como se acu-

mulam as evidências de que os 2.300 dias efetivamente conduziram à data do início do julgamento final. Quando chegarmos a Apocalipse 18:4, ouviremos Jesus fazer Seu último apelo aos Seus preciosos seguidores que ainda são membros das igrejas ‘babilônicas’. ‘Retirai-vos dela, povo Meu’ – isto é, ‘retirai-vos de Babilônia’ – diz Ele, ‘para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos.’” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 379).

“A segunda mensagem angélica anuncia a queda de Babilônia na apostasia, e o efeito trágico de suas doutrinas adúlteras sobre a humanidade (Apoc. 14:8)” (BELVEDERE, 1987, p. 104).

“Há muitos que crêem que devemos reformar as igrejas que têm caído. Que diz Deus aos que estão em Babilônia? Apocalipse 18:4” (BELVEDERE, 1987, p. 83), onde se lê: *Ouvi outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos.*

“Sim, o protestantismo deixou de andar na gloriosa luz do trono de Deus. E como resultado reina em seu meio a confusão setária e doutrinária, a dissensão e a decomposição. O mundanismo e o orgulho estão aniquilando tôda a planta de crescimento celestial em suas fileiras. A negação e rejeição das mais evidentes mensagens bíblicas destinadas a esta época estão sempre na ordem do dia em seu meio. É êste o espírito do romanismo que o acompanha já desde muito. E a culminância desta triste condição voluntária será logo a união amistosa com Roma, como testifica a profecia do capítulo treze.

“Disse o Dr. Harnack: ‘O Protestantismo ameaça converter-se em eco servil e miserável do catolicismo. A catolização das igrejas evangélicas, com que se pretende fazer delas igrejas legalistas, doutrinárias e formalistas é portanto um perigo tão grande, por colaborar nesta obra três poderosas potências para assegurar êste processo de desenvolvimento, a saber a indiferença das massas, a religião natural e o Estado’ (*Los Videntes y lo Porvenir*, L. R. Conradi, 650). Ressurgirá então o espírito de violência e desembainhará a espada contra os que não hão de tolerar a sua apostasia” (MELLO, 1959, p. 432 e 433).

“Era vontade de Cristo que Sua igreja fosse unida. Orou para que Seus discípulos fossem um, como Ele e o Pai eram um, porque isto daria poder ao Seu Evangelho e levaria o mundo a crer nEle. Em vez disto, olhe-se para a confusão que existe no mundo protestante, para os muitos muros de separação que o dividem numa rede de sociedades, e para os muitos credos discordantes como as línguas dos que foram dispersos quando construíam a torre de Babel. Deus não é o autor disto. É o estado de coisas que a palavra ‘Babilônia’ descreve com propriedade. Usa-se esta palavra com este mesmo fim, e não como termo de censura. Em vez de se encher de ressentimento quando se menciona este termo, o povo devia antes examinar a sua posição, para ver se em sua fé ou prática é culpa de ter algum relacionamento com a grande cidade da confusão. Em caso positivo, deve separar-se imediatamente dela” (SMITH, 1979, p. 265).

“No professo mundo cristão, muitos se desviam dos claros ensinamentos da Bíblia, e edificam um credo com especulações humanas e fábulas aprazíveis; e apontam para a sua torre como um caminho para subir ao Céu. Os homens ficam tomados de admiração ante a eloqüência, enquanto esta ensina que o transgressor não morrerá, que a salvação pode ser conseguida sem a obediência à lei de Deus. Se os professos seguidores de Cristo aceitassem a norma de Deus, esta os levaria à unidade; mas enquanto a sabedoria humana for exaltada sobre a Sua santa Palavra, haverá divisões e dissensão. A confusão existente entre credos e seitas em conflito uns com os outros, é apropriadamente representada pelo termo ‘Babilônia’, que a profecia aplica às igrejas amantes do mundo, dos últimos dias. Apocalipse 14:8; 18:2” (WHITE, 2007d, p.95).

“Quando a antiga Babilônia caiu, o povo de Deus daquele tempo foi dela liberto para voltar à sua terra de Canaã. A queda da Babilônia espiritual, anuncia também a breve libertação do povo de Deus para a Canaã celestial. Como anunciado no capítulo dezoito, o povo de Deus deve ser liberto de Babilônia para não perecer com ela em sua queda final e inexorável” (MELLO, 1959, p. 433).

“O grande pecado imputado a Babilônia é que ‘a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.’ Esta taça de veneno que ela oferece ao mundo representa as falsas doutrinas que aceitou, resultantes da união ilícita com os poderosos da Terra. A amizade mundana corrompe a fé, e por seu turno a igreja exerce uma influência corruptora sobre o mundo, ensinando doutri-

nas que se opõem às mais claras instruções das Sagradas Escrituras” (WHITE, 2013, p. 388).

“Babilônia mística se destaca consideravelmente no estudo dos acontecimentos finais da história terrestre. Os adventistas que participaram do movimento de 1844 viram as atuações iniciais dos elementos que caracterizarão a ‘Babilônia’ do fim do tempo. Hoje vemos muito mais do que eles, pois a apostasia doutrinária mundial está vagarosa, mas obstinadamente levantando a pavorosa cabeça. As nações estão bebendo do vinho de Babilônia. O ponto de total intoxicação assinalará a queda total de Babilônia” (COFFMAN, 1989, p. 92 e 93).

Uma pessoa alcoolizada pode ter dificuldades sérias de aprendizagem e para ensinar algo correto. Um bêbado, cambaleia. E alguém em estado ainda mais avançado de embriaguez, cai. Assim como no antigo Israel, os anjos maus também conseguirão fazer cair o cristianismo. O povo de Deus se tornará o povo de Satanás, ao cair de sua posição de oráculo, guardadores de Sua revelação e seguidores do Messias Jesus (Cristo). A segunda mensagem angélica contém essas imagens que ilustram bem a visão de Deus sobre os que apenas professam conhecê-Lo e amá-Lo, mas só professam. Estão em estado avançado de arrogância espiritual e política. Estão cheios de crenças contraditórias, e por isso cambaleiam entre a justiça e a corrupção, a Verdade e a mentira, a vida eterna e a morte eterna. Estão caindo e cairão irreversivelmente. Julgados estão e condenados foram no Tribunal Daquele que professam servir. Os filhos rebeldes serão novamente expulsos do Éden, mas desta vez para nunca mais voltarem. É que o Pai precisa levar para Sua Casa os Seus verdadeiros filhos, e separá-los para todo o sempre dos bêbados que se acham sóbrios, e dos mentirosos que supõem pregar a Verdade. A mulher e a serpente nunca mais conversarão. Chega! No retorno do Pai, o Remanescente estará de pé aguardando seu Pai. Babilônia estará caída, mas até ela reconhecerá isso, sem mais ilusões e engodos.

“Recusando a mensagem do primeiro anjo, as igrejas protestantes confirmaram sua aceitação das doutrinas errôneas e corrompidas. Havendo rechaçado as doutrinas básicas das Sagradas Escrituras, aceitaram as falsas. Corromperam as puras verdades da Palavra de Deus e embriagaram as nações com fábulas agradáveis à carne. [...] é deste falso vinho, o vinho duma salvação falsificada, que Babilônia e suas filhas – catolicismo e protestantismo – têm dado a beber às nações” (MELLO, 1959, p. 434).

“Quando ensinadores fiéis expõem a Palavra de Deus, levantam-se homens de saber, pastores que professam compreender as Escrituras, e denunciam a doutrina sã como heresia, desviando assim os inquiridores da verdade. Não fosse o caso de se achar o mundo fatalmente embriagado com o vinho de Babilônia, e multidões seriam convencidas e convertidas pelas verdades claras e penetrantes da Palavra de Deus. Mas, a fé religiosa parece tão confusa e discordante que o povo não sabe o que crer como verdade. O pecado da impenitência do mundo jaz à porta da igreja” (WHITE, 2013, p. 340).

“A Babilônia do tempo do fim é uma prostituta que faz com que as pessoas na Terra se embriaguem com o vinho da sua imoralidade (veja Ap 17:2). O vinho de Babilônia se refere aos falsos ensinamentos e ao falso evangelho. Hoje, à medida que muitas igrejas protestantes, em cumprimento da profecia bíblica, rapidamente apagam as diferenças que no passado as separavam da Igreja Católica Romana e abandonam a verdade bíblica, testemunhamos a influência corruptora do vinho de Babilônia em meio ao professo corpo de Cristo: a evolução teísta, que é implicitamente contrastada com a referência à Criação na primeira mensagem angélica; tradições teológicas substituindo o sola Scriptura; uma ética revisada que abandona as definições bíblicas de sexo, casamento e assim por diante.

“Pessoas embriagadas não pensam com clareza. À medida que elas se tornam espiritualmente embriagadas com o vinho de Babilônia, são seduzidas a adorar a besta do mar e a receber sua marca, o sinal da autoridade da besta do mar imposto pela besta semelhante ao cordeiro” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 79).

Um resumo do que estudamos profundamente até aqui:

“A simbologia da Babilônia, no Apocalipse, está enraizada na Babilônia histórica, o poder que se opunha a Deus e oprimia Seu povo. Desde seu início, na torre de Babel, Babilônia tem sido caracterizada pela arrogância e rebelião contra o Senhor (Gn 11:1-9). Isaías equipara Babilônia com

Satanás e sua tentativa de se fazer igual a Deus (14:4, 12-15). Em Apocalipse 14:8, a expressão ‘a grande Babilônia’ ecoa a jactância do rei Nabucodonosor (Dn 4:30). Essa arrogância foi confrontada com o anúncio do juízo divino sobre o monarca e com a realidade de que Babilônia não seria o reino eterno que ele imaginava.

“No Apocalipse, a Babilônia do tempo do fim simboliza a trindade satânica – Satanás, a besta do mar e a besta da terra. Essa liga satânica unirá os poderes religiosos apóstatas sob seu amparo. Eles são chamados de filhas de Babilônia (Ap 17:5). Colocam-se a serviço de Satanás, em oposição a Deus e Seu povo (Ap 13:11-18). Essa confederação religiosa apostata é caracterizada pelo orgulho e pela arrogância da Babilônia histórica. Assim como Babilônia do passado, ela se exalta acima de Deus, tentando tomar o lugar Dele.

“Apocalipse 17 retrata a Babilônia do tempo do fim como uma meretriz que embriaga todas as nações com vinho e as seduz a ter relações ilícitas com ela (Ap 17:1-5; 18:3). Jeremias diz que Babilônia ‘embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações; por isso, enlouqueceram’ (Jr 51:7).

“Em Apocalipse 13:11 a 18, a trindade satânica engana e seduz os habitantes do mundo a adorar a besta e sua imagem. As nações seduzidas vão se associar à Babilônia do tempo do fim em busca de segurança econômica (Ap 18:3, 9-19). O sistema medieval de religião estatal será restaurado, e a ferida mortal da besta será curada. A união político-religiosa estabelecida imporá a falsa religião, controlando a consciência e a conduta das pessoas.

“Os moradores do planeta serão coagidos a adorar a besta e aceitar sua marca. A mensagem do segundo anjo assegura ao povo de Deus de que esse sistema perverso não durará muito. Ele já caiu e logo chegará ao fim, assim como a Babilônia antiga (cf. Is 21:9; Jr 51:8).

“Em Apocalipse 14:8, a repetição dupla da palavra caiu destaca que Babilônia sem dúvida chegará ao fim. Esse colapso é retratado em Apocalipse 18” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 86).

“A mensagem do segundo anjo denuncia a apostasia e se complementa com a dramática advertência de Apocalipse 18, onde Deus diz a Seu povo que deve sair das igrejas doutrinariamente equivocadas a fim de não ser cúmplice nos seus pecados nem participar de seus flagelos (18:4)” (BELVEDERE, 1988, p. 94).

“As nações, e até mesmo muitas igrejas, estão embriagadas com o vinho intoxicante de Babilônia. Como os antigos babilônios ‘enfurecidos pelos seus Ídolos’ (Jer. 50:38; 51:7), desafiaram a Deus e foram derrotados (Dan. 5), assim encontrará também a moderna Babilônia sua condenação.

“A antiga Babilônia podia ter sido curada, mas recusou a verdade de Deus. Jer. 51:9. Como a cidade antiga, a moderna Babilônia também está rejeitando o conselho divino. Havendo desprezado a Palavra de Deus, ela se tomou na realidade ‘morada de demônios, e coito de todo espírito imundo’. Apoc. 18:2. Cada doutrina falsa encontrada na antiga Babilônia – espiritismo, adoração do Sol, astrologia, etc., com todos os males que as acompanhavam – pode ser encontrada na moderna Babilônia. Visto que ela está condenada, Deus está chamando o Seu povo para que se separe dela. ‘Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados’. Apoc. 18:4. ‘Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor... e Eu vos receberei.’ II Cor. 6:17” (ANDERSON, 1988, p. 173).

“As igrejas denominacionais caídas é que são Babilônia. Babilônia tem estado a promover doutrinas venenosas, o vinho do erro. Esse vinho do erro é composto de doutrinas falsas, tais como a imortalidade natural da alma, o tormento eterno dos ímpios, a negação da existência de Cristo antes de Seu nascimento em Belém, a defesa e exaltação do primeiro dia da semana acima do santo e santificado dia de Deus.

“Estes erros e outros semelhantes são apresentados ao mundo pelas várias igrejas, e assim se cumprem as Escrituras que dizem: ‘Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição.’ É uma ira criada por doutrinas falsas, e quando reis e presidentes sorvem esse vinho da ira da sua prostituição, enchem-se de ódio contra os que não concordam com as heresias falsas e satânicas que exaltam o sábado falso, e levam os homens a pisarem a pés o monumento de Deus.

“Anjos caídos formam, na Terra, confederações com homens maus. Nessa época aparecerá o anticristo, como o Cristo verdadeiro, e então a lei de Deus será anulada completamente entre as na-

ções do mundo. Sazonará a rebelião contra a santa lei de Deus. Mas o verdadeiro chefe de toda essa rebelião é Satanás disfarçado em anjo de luz. Os homens serão iludidos e o exaltarão ao lugar de Deus, deificando-o.

“Mas a Onipotência intervirá, e às igrejas apostatadas que se unirem na exaltação de Satanás, se expedirá a sentença: ‘Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga [Ap 18.8].’” (WHITE, 2008d, p. 65 e 66).

Ellen G. White, na Carta 98, traduzida por Nichol e Dorneles (2014, p. 1094 e 1095), faz uma associação explícita entre o vinho de Babilônia e a transgressão institucionalizada do mandamento sabático, cometida pelo papado e adotada pelas igrejas protestantes. Ela escreveu: “Deus denuncia Babilônia porque ‘tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.’ Isto significa que ela desconsiderou o único mandamento que aponta para o Deus verdadeiro e derrubou o sábado, memorial divino da criação.

“Deus fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo, santificando esse dia e separando-o de todos os outros como consagrado a Ele, para que fosse observado por Seu povo durante todas as suas gerações. Mas o homem do pecado, exaltando-se acima de Deus, assentando-se no templo de Deus e ostentando-se como se fosse o próprio Deus, cuidou em mudar os tempos e as leis. Este poder, pretendia provar que não somente era igual a Deus, mas que estaria acima de Deus. Assim, mudou o dia de repouso colocando o primeiro dia da semana onde deveria estar o sétimo. E o mundo protestante adotou este filho do papado, considerando-o sagrado. Na Palavra de Deus, isto é chamado de sua fornicção.

“Deus tem uma controvérsia com as igrejas de hoje. Elas estão cumprindo a profecia de João: ‘Pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição’ (Ap 18:3). Divorciaram-se de Deus ao se recusarem receber Seu sinal. Não têm o espírito do verdadeiro povo de Deus observador dos mandamentos. Os habitantes do mundo, ao darem sua sanção a um falso dia de repouso e ao calcarem a pés o sábado do Senhor, beberam do vinho do furor da sua prostituição”.

“A corrupção de Babilônia é figurada pela embriaguez desenfreada da devassidão. Aludindo assim a certas práticas das orgias pagãs, o autor evoca mais largamente a desordem espiritual e moral da idolatria. – Poder-se-ia também entender que se trata do *vinho do furor de Deus* (v. 10): a idolatria, designada metaforicamente pela devassidão, dele deu de beber aos homens” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2442).

“A ira não é o objetivo de Babilônia ao oferecer seu vinho às nações. É isso que constitui um de seus maiores enganos – fazer as pessoas pensarem que ela lhes está oferecendo paz e bênção. Traz-nos à lembrança de Jeremias quando Israel ofendeu a Deus sendo desleal e dizendo ‘Paz, paz; quando não há paz.’ Jer. 8:11. A ira é o desagrado de Deus. Beber do cálice de Babilônia não trará paz à humanidade, mas a ira de Deus. A ira da prostituição de Babilônia será a ira de Deus sobre todos os que aceitaram a religião deturpada por Babilônia. (ver Apoc. 14:10.)” (COFFMAN, 1989, p. 90).

“A palavra grega traduzida por ‘fúria’, aqui e em Ap 18.3, pode significar paixão, mas normalmente em Apocalipse indica raiva (cf. 12.12; 15.1-7; 16.1). O vinho de Deus pode ser visto como a ira justa (juízo) contra os ‘adulterios’ que a Babilônia promoveu entre as nações. Os antigos costumavam diluir cada parte de vinho em duas partes de água, exceto quando tinham a intenção de se embriagar. Mas Deus administra o vinho de sua ira ‘sem mistura’ (14.10)” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“O ‘vinho do furor’ é imagem, corrente nos profetas (Is 51,17+) do furor divino prometido aos idólatras” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2156).

“Trata-se da condenação à oposição conjunta a Deus e a seu [sic] povo. Evangelho e juízo se encontram intimamente ligados nas Escrituras (ver Jo 3:18-21)” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“No mais amplo sentido do termo, Babilônia inclui todas as falsas religiões – toda a apostasia. A mensagem do evangelho anunciando sua final subversão deveria ser motivo de júbilo para todo amante da verdade e da justiça” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 215).

14.9 Seguiu-se a estes As duas mensagens anteriores, foi acrescentada uma terceira, a qual foi

outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão,

pregada também por mensageiros humanos comprometidos com a Bíblia e protegidos por Deus, com grande influência, anunciando e advertindo a seus semelhantes: se uma pessoa colocar o decreto dominical do sincretismo: papado–protestantismo (apostatado norte-americano)–Estado, acima dos 10 Mandamentos de Êxodo 20.3-17, em especial acima do quarto mandamento moral sabático, do sétimo dia, essa pessoa estará adorando o papado em vez do Criador. Ao fazer essa escolha e santificar o falso sábado dominical em lugar do sábado do sétimo dia legislado pelo Criador desde a primeira semana literal da Criação de Deus no planeta Terra, esse indivíduo também estará adorando a liderança evangélica dos EUA, filha do papado e sócia dele. Esse indivíduo ao escolher adorar homens pecadores rebeldes, também estará recebendo a marca visível da rebeldia – a guarda do falso sábado, o domingo de Constantino, seja por acreditar que o papado e suas filhas têm autoridade sobre a Lei escrita pelo próprio dedo de Deus, e alterar os 10 Mandamentos morais como quiser, seja por pragmatismo para evitar censura, perseguição, encarceramento, tortura e morte injusta.

Nichol e Dorneles (2014, p. 1095), citando Ellen G. White: “Esta mensagem [terceira] engloba as duas mensagens precedentes. Ela é representada como sendo dada em ‘grande voz’, isto é, com o poder do Espírito Santo. Tudo agora está em jogo. A mensagem do terceiro anjo deve ser considerada da maior importância. Ela é uma questão de vida ou morte. A impressão causada por esta mensagem será proporcional ao fervor e à solenidade com que for proclamada (Ms 16, 1900)”.

“**Se alguém.** O foco muda para a responsabilidade individual na última crise” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“O começo e a terminação da mensagem do terceiro anjo estão dentro do período de tempo abrangido por Apocalipse 11:15-19. A cena se desenvolve depois do desapontamento de 22 de outubro de 1844, e culmina no fim do tempo da graça, quando os ímpios e os justos são separados para sempre (Apoc. 22:11).

“Quando Deus abriu o Lugar Santíssimo, no Céu, em 1844, foi chamada a atenção para a arca. Ela contém a lei, inclusive o sábado do quarto mandamento. Esse quadro profético se cumpriu na ênfase dada à lei e ao sábado depois de 1844. A questão do sábado verdadeiro contra o sábado espúrio é fundamental para a compreensão dessa parte do Apocalipse. (Ver Apoc. 11:19; 12:17; 13:14-17; 14:9-11; 14:12.)

“Todas estas passagens referem-se ao mesmo período de tempo. A História cumpre a profecia, revelando a restauração da verdade do sábado depois de 1844. Outro cumprimento envolverá a exaltação do domingo, no estabelecimento da imagem à besta e de sua marca ou sinal. O clímax será a exigência mundial de que seja honrado o caráter sagrado do domingo. Isto requererá que os habitantes da Terra tomem uma decisão que significará vida ou morte para eles” (COFFMAN, 1989, p. 98).

“Assim como a primeira e a segunda mensagens angélicas, a terceira também é colocada no Apocalipse dentro do contexto dos acontecimentos finais, antes da volta de Jesus. A ‘ceifa’ [Apoc. 14:14] vem logo em seguida” (COFFMAN, 1989, p. 97).

“A obra peculiar do terceiro anjo não foi ainda vista em sua importância. Deus pretendia que Seu povo estivesse muito mais adiante da posição que ocupam hoje. Mas agora que é chegado o tempo para se porem em ação, têm ainda que fazer o preparo. Quando os Reformadores Nacionais começaram a instar por medidas tendentes a restringir a liberdade religiosa, nossos dirigentes deviam ter estado despertos à situação e deveriam ter trabalhado fervorosamente para neutralizar esses esforços. Não é ordenado por Deus que a luz tenha sido retida de nosso povo — a própria verdade presente de que careciam para este tempo. Nem todos os nossos ministros que estão proclamando a

mensagem do terceiro anjo, compreendem realmente o que constitui essa mensagem” (WHITE, 2008d, p. 295).

“Nenhuma outra mensagem em toda a Bíblia é tão solene como esta, e vem com especial significado em vista da apostasia mundial e o boicote profetizados no cap. 13:16 e 17, quando será imposta obediência universal ao poder apóstata” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 174).

“‘A mensagem do terceiro anjo, abrangendo as mensagens do primeiro e do segundo anjo, é a mensagem para este tempo.’ – *Testimonies*, vol. 8, p. 197” (COFFMAN, 1989, p. 71).

“Esta é uma mensagem do mais terrível teor. Não se encontra em toda a Bíblia mais severa ameaça da ira divina. O pecado contra o qual ela adverte deve ser horrível e tão claramente definido que todos os que quiserem possam compreendê-lo e saibam, assim, como evitar os juízos denunciados contra ele.

“Deve notar-se que estas três mensagens são cumulativas, isto é, não cessa uma quando é apresentada a outra. De maneira que, durante certo tempo a primeira mensagem foi a única a ser apresentada. Veio depois a segunda, que não fez cessar a primeira. A partir de então houve duas mensagens. Foram seguidas pela terceira, não para as substituir, mas apenas para se unir a elas, de sorte que agora temos três mensagens que se proclamam simultaneamente, ou antes, uma tríplice mensagem, abarcando as verdades das as três; porém, a última, sem dúvida, é a proclamação culminante. Até que a obra esteja concluída nunca deixará de ser verdade que veio a hora do juízo de Deus, nem que Babilônia caiu. Continua sendo necessário proclamar estes fatos em relação com as verdades apresentadas pela terceira mensagem” (SMITH, 1979, p. 279).

“O fato que o primeiro anjo anuncia o ‘evangelho eterno’ e ser êste o conduto da graça de Deus é evidente que a mensagem deste anjo deve ser proclamada enquanto a graça fôr estendida ao pecador. Também a mensagem do segundo anjo deve ser anunciada em paralelo com a do primeiro anjo pôsto que Babilônia estará em processo de queda até ao fim. E, agora, a profecia enfatiza que o terceiro anjo seguiu aos dois primeiros. Nisto vemos que as três mensagens unem-se formando uma tríplice mensagem unida. As três são mensagens simultâneas a todo o mundo e até ao fim” (MELLO, 1959, p. 435).

“Deve notar-se também a ligação lógica que existe entre as próprias mensagens. Tomando nossa posição logo antes de ser introduzida a primeira mensagem, vemos o mundo religioso protestante em triste necessidade de reforma. Divisões e confusão reinavam entre as igrejas. Estavam ainda ligadas a muitos erros e superstições papais. O poder do Evangelho estava minimizado em suas mãos. Para corrigir estes males foi apresentada a doutrina da segunda vinda de Cristo, e proclamada com poder. Deviam tê-la recebido e teriam sido estimulados para uma nova vida. Em vez disso rejeitaram-na e sofreram espiritualmente as conseqüências.

“Seguiu-se então a segunda mensagem, anunciando o resultado daquela rejeição e declarando o que era não só um fato em si, como também um veredito judicial de Deus sobre as igrejas por sua rebelião a este respeito, a saber, que Deus os havia abandonado e eles tinham sofrido uma queda espiritual. Isto não teve o efeito de os despertar e levar a corrigir seus erros, como bastaria se tivessem querido ser admoestados e corrigidos.

“O que se segue? Está preparado o caminho para um movimento ainda mais retrógrado, para uma apostasia mais ampla e para males ainda maiores. Os poderes das trevas impulsionarão sua obra, e se as igrejas persistirem ainda em fugir da luz e rejeitar a verdade, encontrar-se-ão em breve adorando a besta e recebendo a sua marca. Tal será a conseqüência lógica da conduta que começou com a rejeição da primeira mensagem.

“Agora outra proclamação é enviada, anunciando em tons solenes que, se alguém fizer isto, beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da Sua ira. Isto é o mesmo

que dizer: Vós rejeitastes a primeira mensagem e experimentastes uma queda espiritual. Se continuardes a rejeitar a verdade e a desprezar as advertências enviadas, esgotareis os últimos recursos da graça de Deus, e finalmente experimentareis uma destruição literal para a qual não haverá remédio.

“Esta é a ameaça mais severa que Deus podia fazer nesta vida, e é a última. Poucos lhe prestarão atenção e serão salvos, mas a multidão passará adiante e perecerá. A proclamação da mensagem do terceiro anjo é o último movimento religioso especial que devia fazer-se antes de o Senhor aparecer, porque imediatamente depois disso João viu um como o Filho do homem, vindo sobre uma grande nuvem branca para segar a seara da Terra. Isto não pode representar outra coisa senão a segunda vinda de Cristo. Portanto, se a vinda de Cristo está às portas, chegou o tempo para a proclamação desta mensagem” (SMITH, 1979, p. 279 – 281).

“A mensagem propriamente dita do terceiro anjo, que constitui a mensagem de Deus para o tempo de provação e selamento do povo de Deus, é a mais solene advertência do céu especialmente ao protestantismo — que recusou a mensagem do primeiro anjo para erguê-lo de sua apostasia. Ao esgotar-se o último recurso da graça de Deus e os recalcitrantes persistirem em recusar a luz, em preferência ao erro de Roma, a severa ameaça será tornada realidade literal sem remédio” (MELLO, 1959, p. 435).

“Os argumentos sobre as duas mensagens precedentes [1º e 2º anjos] fixam a época em que se deve dar a terceira, e mostram que pertence ao tempo atual. A melhor evidência de que a mensagem está sendo proclamada ao mundo, está nos fatos que demonstram seu cumprimento. Indicamos a primeira mensagem como proclamação principal do grande movimento adventista de 1840-44.

“Vimos o cumprimento da segunda mensagem em relação com aquele movimento no último ano mencionado. Vejamos o que ocorreu desde aquele tempo. Quando Cristo não veio em 1844, todo o corpo de adventistas caiu em maior ou menor confusão. Muitos abandonaram completamente o movimento. Outros chegaram à conclusão de que o argumento sobre o tempo estava errado e imediatamente procuraram reajustar os períodos proféticos e fixar uma nova data para a vinda do Senhor, obra em que têm continuado mais ou menos até o tempo presente, fixando nova data à medida que cada uma passa.

“Poucos buscaram atenta e sinceramente a causa do erro, e foram confirmados em suas opiniões de que o movimento adventista fora providencial, e que tinha sido correto o argumento sobre o *tempo*; mas viram que tinha sido cometido um erro sobre o assunto do santuário e que esse erro explicava o desapontamento.

“Viram que o santuário de Daniel 8:14 não era esta Terra, como se tinha suposto, que a purificação não devia ser pelo fogo, e que a profecia neste particular não implicava a vinda do Senhor. Encontraram nas Escrituras evidência muito clara de que o santuário aludido era o templo celestial, que Paulo chama ‘santuário’, ‘o verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem’.

“Viram também que a sua purificação, segundo a figura, ia consistir no ministério final do sacerdote no segundo compartimento, ou no lugar santíssimo. Compreenderam então que tinha chegado o tempo para o cumprimento de Apocalipse 11:19: ‘Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário.’ [Essa é a parte da última trombeta que está para cumprir-se. A primeira parte da 7ª trombeta está a se cumprir desde o início do julgamento, e esta trombeta se estenderá até o milênio.]

“Com a atenção voltada para a arca, foram naturalmente levados a um exame da Lei contida na arca. Que a arca continha a Lei era evidente pelo próprio nome que lhe era aplicado. Era chamada ‘a arca da Aliança’, mas não teria sido a arca da ‘Aliança’, e não podia ter sido assim chamada, se não encerrasse a Lei. Ali estava, pois, a arca no Céu, o grande antítipo da arca que, durante o tempo das sombras, existiu aqui na Terra.

“A Lei que esta arca celeste continha deve, por conseguinte, ser o grande original de que a Lei escrita em tábuas na arca terrestre era apenas uma cópia. Ambas as leis devem ser precisamente iguais, palavra por palavra, til por til. Supor de outro modo representaria seria imaginar mentira. Essa Lei continua sendo, pois, a Lei do governo de Deus, e o seu quarto preceito, hoje como no princípio, requer a observância do sétimo dia da semana como o sábado. Ninguém que admita o argumento sobre o santuário pretende questionar este ponto.

“Assim foi trazida à luz a reforma do sábado, e viu-se que, tudo o que foi feito em oposição a esta Lei, especialmente na introdução de um dia de repouso e culto que destruía o sábado de Jeová, devia ser obra da besta papal, do poder que se oporia a Deus e tentaria mudar Suas leis ao exaltar-se acima de Deus.

“Mas esta é precisamente a obra sobre a qual o terceiro anjo pronuncia a sua advertência. Por isso os crentes de 1844 começaram a ver que a época da mensagem do terceiro anjo está sincronizada com o tempo da purificação do santuário, que começou ao terminar os 2.300 dias, em 1844, e que a proclamação é baseada nas grandes verdades desenvolvidas por este assunto.

“Assim, a luz da mensagem do terceiro anjo raiou sobre a igreja. Seus membros viram imediatamente que o mundo tinha direito de exigir aos que professam proclamar essa mensagem, uma explicação de todos os símbolos que ela contém: a besta, a imagem, a adoração e a marca. Por isso esses pontos constituíram temas de estudo especial. Viram que o testemunho das Escrituras era claro e abundante, e não levou muito tempo a formular, baseados nas verdades reveladas, declarações e provas definidas que explicavam todos estes pontos” (SMITH, 1979, p. 281 – 283).

“Pela primeira besta é representada a Igreja de Roma, uma organização eclesiástica revestida de poder civil, tendo autoridade para punir todos os dissidentes. A imagem da besta representa outra corporação religiosa revestida de poder semelhante. A formação dessa imagem é obra dessa besta cujo calmo surgimento e suave profissão de fé traduzem um notável símbolo dos Estados Unidos. Aqui pode ser encontrada uma imagem do papado. Quando as igrejas do nosso país, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apóie as instituições, a América Protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana. Então será a verdadeira igreja assaltada pela perseguição, como o foi o antigo povo de Deus” (WHITE, 2008a, p. 299).

“Vimos nas lições anteriores que a besta que surge do mar é o papado, e a besta que surge da terra, os Estados Unidos da América do Norte. Esta nação protestante irá render um ato de homenagem ao papado, ao buscar levar os cristãos a santificarem o domingo em lugar do sábado. Todos aqueles que aceitarem esta imposição terão recebido a marca ou selo da besta” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 53).

“O aviso do terceiro anjo é dado em alta voz, e há quatro coisas que devem ser consideradas:

1. Ele alerta contra a adoração da besta. O primeiro anjo convida para adorar ‘aquele que fez o céu e a Terra’. O terceiro anjo alerta contra a adoração da besta. Deve haver, e há, uma diferença essencial. Se aceitamos os ensinamentos e mandamentos da besta em vez da Palavra e da Lei de Deus, estamos adorando a besta.

2. Ele alerta contra a adoração da imagem da besta. Se cedemos à pressão do protestantismo apostatado ao este dar a mão ao poder civil para impor a marca da besta, não podemos ser considerados como verdadeiros adoradores do Criador.

3. Ele alerta contra receber o sinal da besta. Nas derradeiras horas da crise, a marca papal da guarda do domingo será imposta pela lei civil. O alerta de Deus é proferido contra essa marca. Ao Deus chamar as pessoas para adorar o Criador, a questão do sábado-domingo será claramente delimitada.

4. Ele alerta acerca da ira de Deus sobre aqueles que não ouvirem o Seu aviso. Todos temos que escolher entre a ira do homem e a ira de Deus. É entre a obediência ao homem e a obediência a Deus que a decisão precisa ser feita” (FEYERABEND, 2005, p. 128 e 129).

“Apocalipse 14:9-11 é, provavelmente, a mensagem mais solene da Bíblia, mas, ao mesmo tempo, é uma advertência que se preocupa em salvar aqueles que ainda fazem parte da igreja mãe ou de suas filhas, as igrejas protestantes que guardam o domingo. A mensagem do terceiro anjo é a resposta divina à perseguição profetizada em Apocalipse 13:15-17 contra os que guardam os mandamentos de Deus. As duas bestas do capítulo 13 se unirão para impor uma obediência universal ao poder papal” (RAMOS, 2006, p. 329 e 330).

“O cumprimento de Apocalipse 14:9 só se dará quando houver sido formada a imagem à primeira besta e for imposta a marca ou sinal da besta. Quando ocorrer o cumprimento dessas medidas, e grande número de pessoas adorar a besta e sua imagem, e receber o seu sinal, o fim do tempo da graça estará próximo” (COFFMAN, 1989, p. 99).

“A besta representa o papado; a imagem da besta representa outra entidade religiosa e poder civil dominante. [...] E em oposição ao selo de Deus está a marca da besta, a marca da apostasia. Contra esse culto falso e idólatra, e contra a recepção dessa marca, Deus envia essa solene advertência. [...] ‘E faz [a besta que tinha dois chifres] que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas.’ Apoc. 13:16. Depreende-se que o animal de dois chifres represente os Estados Unidos da América do Norte. [...] Ao repudiar essa nação os princípios da liberdade civil e religiosa, e tornar-se um poder perseguidor, outras nações lhe seguirão o exemplo, oprimindo os que recusam abjurar sua fidelidade a Deus” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 392).

Ellen G. White escreveu que o sinal da besta “não é um sinal visível” (NICHOL; DORNELLES, 2014, p. 1095).

“Seja o que for o sinal da besta, deve ser alguma coisa clara, definida. O vinho não misturado da ira de Deus não seria reservado para punir uma ofensa desconhecida. E mais, o sinal da besta tem de estar em contraposição com o sinal de Deus, ou o Seu ‘selo’. Este selo, ou sinal do Seu poder criador, como já vimos, é o dia de repouso de Deus, ou o verdadeiro sábado. Segue-se, portanto, que o selo ou sinal desta universal apostasia seria o dia de repouso instituído pelo homem, ou um falso dia de culto” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 174).

“Os argumentos que demonstram o que representa a bête, sua imagem e seu sinal, os temos sobejamente no capítulo treze. Urge apenas que façamos uma breve recapitulação para conservarmos intacta a sequência da explanação da profecia: A bête — é a potência papal ou católica romana. A sua imagem — é inolvidavelmente o consórcio do protestantismo-estadunidense com o Estado-norte-americano. O sinal da bête — é a instituição religiosa do papado — o domingo — pela qual êle pretende provar sua autoridade eclesiástica como legislador em assuntos da igreja...” (MELLO, 1959, p. 435).

“A mudança do sábado é um sinal ou marca da autoridade da Igreja Romana. Os que, compreendendo os reclamos do quarto mandamento, preferem observar o falso dia de repouso em lugar do verdadeiro, estão com isso prestando homenagem à única autoridade que o ordena. O sinal da besta é o dia de repouso papal, aceito pelo mundo em substituição ao dia designado por Deus” (WHITE, 2007b, p. 188).

“Se o sábado do sétimo dia é um sinal entre Deus e Seu povo (Ezequiel 20:12, 20), o sinal da besta é outro dia da semana em contraposição ao selo de Deus. O selo de Deus, ou o sinal de Seu poder criador, é o sábado do sétimo dia (Gênesis 2:1-3; Êxodo 20:8-11; Apocalipse 14:6, 7). Desta forma, o sinal da besta é o domingo, que foi instituído pela igreja romana como um dia de guarda e

representa esta apostasia universal” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 54).

“Apresentamos os argumentos que demonstram em que consiste a besta, a imagem e a marca ao comentarmos Apocalipse 13; e mostramos que a besta de dois chifres, que faz a imagem à besta e impõe a marca, são os Estados Unidos da América. Esta obra, e estes agentes, contra os quais a mensagem do terceiro anjo dá a sua advertência, constitui uma prova adicional de que esta mensagem deve ser proclamada agora, e mostra a grande harmonia existente em todas estas profecias.

“Não necessitamos repetir aqui os argumentos; bastará recapitular os pontos estabelecidos: A ‘besta’ é o poder católico romano.

“A ‘marca da besta’ é a instituição que este poder apresenta como prova de sua autoridade de legislar sobre os assuntos da igreja e dominar as consciências dos homens para mantê-los no pecado. Consiste em fazer uma mudança na Lei de Deus, pela qual é tirado dela a assinatura real. O sábado, o sétimo dia da semana, o grande memorial da obra criadora de Jeová, e arrancado de seu lugar no Decálogo, e é posto em seu lugar um dia de repouso falsificado, o primeiro dia da semana.

“A ‘imagem da besta’ é uma combinação eclesiástica que se assemelha à besta por estar revestida de poder para impor os seus decretos com as penas e castigos da lei civil. A ‘besta de dois chifres’, que dá à imagem o poder de falar e agir, representa os Estados Unidos da América, que avançam para a formação da imagem da besta. A besta de duas pontas impõe a marca da besta, isto é, estabelece por lei a observância do primeiro dia da semana, ou o domingo, como dia de repouso. Já mostramos o que se tem feito neste sentido” (SMITH, 1979, p. 283).

“Quando a igreja começou a cair da fé apostólica, gradualmente aceitou as práticas pagãs. Falsos ensinamentos tomaram o lugar da verdade, e de modo especial a igreja aceitou um falso dia de culto. No *Catholic World*, de março de 1894, pág. 809, lemos: ‘Ela tomou o domingo pagão e fê-lo domingo cristão. ... E assim, o domingo pagão, dedicado a Balder, tornou-se o domingo cristão, dedicado a Jesus. O sábado cristão é, portanto, até o dia de hoje, o reconhecido produto da igreja católica, esposa do Espírito Santo, sem uma palavra de desaprovação do mundo protestante.’ – *The Catholic Mirror*, 23 de set. de 1893.

“O falecido cardeal Gibbons, de Baltimore, diz em seu livro *The faith of Our Fathers*: ‘Podeis ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse, e não encontrareis uma simples linha autorizando a santificação do domingo. As Escrituras ordenam a observância religiosa do sábado, dia este que nós jamais santificamos.’ – pág. 86.

“Numa carta escrita em 8 de outubro de 1901, o Sr. C. F. Thomas, chanceler do cardeal Gibbons, disse que ‘foi a igreja católica que autorizou e sancionou a mudança do dia do Senhor do sétimo dia da semana para o primeiro. Isto ela o fez desde o início de sua existência’.

“Numa obra católica, *An Abridgment of the Christian Doctrine*, do Rev. Henry Tuberville, D. D., lemos na página 58:

‘P. Como podeis provar que a igreja tem poder para ordenar festas e dias santificados?’

‘R. Pelo próprio fato de haver mudado o *sábado* para o *domingo*’.

Em outra obra católica, lemos:

‘P. Tendes algum outro modo de provar que a igreja tem poder para instituir festas de guarda?’

‘R. Não tivesse ela tal poder e não teria podido substituir a observância do *sábado* do sétimo dia da semana pelo *domingo*, o primeiro da semana, mudança para a qual não há *qualquer autoridade escriturística*.’ – Stephen Keenan, *A Doctrinal Catechism*, pág. 174, grifos supridos.

“O mais antigo documento sobre a observância do domingo como dever legal é um ato baixado por Constantino em 321 A.D., intimando que todas as cortes de justiça, habitantes de cidades e trabalhadores braçais descansassem no domingo (*venerabilis die solis*), com uma exceção em favor

dos trabalhadores da agricultura.’ – *Enciclopédia Britânica*, 11ª edição, art. ‘Domingo’.

“O sinal da apostasia é assim claramente identificado. O terceiro anjo adverte contra o recebimento deste sinal. Mas não conhecemos tudo que deve ser conhecido sobre isto, nem podemos conhecer, até o desdobramento final dos acontecimentos” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 174 e 175).

“Mas o povo não é deixado em trevas sobre este assunto. A mensagem do terceiro anjo levanta um protesto solene contra todo este mal. Desmascara a obra da besta, revela a natureza da sua oposição à Lei de Deus, adverte o povo contra a submissão às suas demandas, e indica a todos o caminho da verdade. Isto naturalmente desperta oposição, e a igreja é levada tanto mais a procurar o auxílio da autoridade humana em favor dos seus dogmas quanto mais carece da autoridade divina” (SMITH, 1979, p. 284).

“Vi também que Deus tinha mensageiros que gostaria de usar em Sua causa, mas não estavam prontos. Eram demasiado levianos e frívolos para exercerem boa influência sobre o rebanho e não sentiam o peso da Causa e o valor das almas como devem sentir os mensageiros a fim de praticarem o bem. Disse o anjo: ‘Purificai-vos os que levais os utensílios do Senhor. Purificai-vos os que levais os utensílios do Senhor.’

“Eles não realizarão senão pequeno bem, a menos que se dêem inteiramente a Deus e sintam a importância e a solenidade da última mensagem de misericórdia que agora está sendo dada ao rebanho disperso.

“Alguns não chamados por Deus estão muito desejosos de ir com a mensagem. Mas se sentirem o peso da Causa e as responsabilidades de tal posição, desejariam retrair-se e diriam com o apóstolo: ‘Quem, porém, é suficiente para essas coisas?’ Uma das razões pelas quais se mostram tão desejosos de ir é que Deus não pôs sobre eles o peso da Causa. Nem todos os que proclamaram a primeira e a segunda mensagens angélicas terão de proclamar a terceira, mesmo depois de a haverem inteiramente abraçado, pois alguns têm estado em tantos erros e enganos que mal podem salvar suas próprias almas, e se tomam a si guiar a outros, serão um meio de desviá-los.

“Mas eu vi que alguns que antes penetraram fundo no fanatismo seriam os primeiros agora a correr sem que Deus os mandasse, antes de se haverem purificado de seus passados erros. Tendo o erro misturado com a verdade, com isto alimentariam o rebanho de Deus, e se lhes fosse permitido prosseguir, o rebanho ficaria debilitado e confusão e morte se seguiriam. Vi que esses teriam de ser peneirados e peneirados até ficarem livres de todos os seus erros, ou jamais entrariam no reino” (WHITE, 2007e, p. 82).

Nichol e Dorneles (2014, p. 1096) citando Ellen: “A obra do Espírito Santo é convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. O mundo só pode ser advertido ao ver que aqueles que creem na verdade são santificados por meio da verdade agem de acordo com princípios elevados e santos, mostrando claramente a linha de demarcação entre os que guardam os mandamentos de Deus e os que os calcam a pés.

“A santificação do Espírito assinala a diferença entre os que têm o selo de Deus e os que guardam um dia de repouso espúrio. Quando vier a prova, será mostrado claramente o que é a marca da besta. Ela é a observância do domingo. Aqueles que, depois de terem ouvido a verdade, continuarem a considerar esse dia como santo receberão o sinal do homem do pecado, que cuidaria em mudar os tempos e as leis (EF, 224; Carta 12, 1900)”.

“Tal movimento é pelo menos um fenômeno que exige explicação. Temos encontrado movimentos que cumprem de um modo admirável e exato as mensagens do primeiro e do segundo anjo. Aqui está outro que chama a atenção do mundo em cumprimento da terceira mensagem. Afirma ser um cumprimento, e pede ao mundo que examine as credenciais em que baseia seu direito a tal afir-

mação. Examinemo-las: ‘Seguiu-os o terceiro anjo’. Assim que este movimento segue os dois anteriormente mencionados. Retoma e continua a proclamação das verdades proclamadas por eles, e lhes ajunta o que mais está envolvido na mensagem do terceiro anjo.

“A terceira mensagem é caracterizada como uma advertência contra a besta. Assim, este movimento enfatiza entre os seus temas uma explicação deste símbolo, diz ao povo em que consiste, como também suas pretensões e obras blasfemas.

“A terceira mensagem adverte a todos contra a adoração da besta. Assim, este movimento explica como o poder da besta trouxe para o cristianismo certas instituições que se opõem aos preceitos do Altíssimo e mostra que, se nos sujeitarmos a elas, adoramos este poder. ‘Não sabeis vós’, diz Paulo, ‘que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis?’ (Rom. 6:16).

“A terceira mensagem adverte a todos contra o receberem a marca da besta. Deste modo, este movimento dedica sua obra em grande escala a mostrar o que é a marca da besta e advertir o povo contra a sua recepção. É tanto mais solícito em fazer isto, quanto é certo que este poder anticristão tem trabalhado tão astutamente que a maioria é enganada, fazendo concessões inconscientes à sua autoridade. Está provado que a marca da besta é uma instituição adornada com o traje cristão e tem sido insidiosamente introduzida na igreja cristã de modo a anular a autoridade de Jeová e a entronizar a da besta.

“Despido de todos os disfarces, levanta simplesmente um falso dia de repouso no primeiro dia da semana, em vez do sábado do Senhor, que é o sétimo dia da semana. Mas é uma usurpação que o grande Deus não pode tolerar e da qual a igreja remanescente deve libertar-se antes de estar preparada para a vinda de Cristo. Daí a urgente advertência: Ninguém adore a besta ou receba a sua marca. A terceira mensagem tem algo a dizer contra a adoração da imagem da besta.

“Assim também o movimento fala deste assunto, dizendo o que será a imagem, ou pelo menos explica a profecia da besta de dois chifres. Revela onde se fará a imagem. A profecia se refere a esta geração e está evidentemente às vésperas de se cumprir. Não há empresa religiosa, além dos adventistas do sétimo dia, que declare ser o cumprimento da mensagem do terceiro anjo. Não há outra que acentue como seus temas preeminentes os assuntos aos quais se dedica este livro [os ads que vivem a mensagem que ensinam, e não todos os ads, ou seja, a instituição e seus CNPJs]” (SMITH, 1979, p. 284 e 285).

“Sabemos que há muitas escolas que oferecem oportunidades para aquisição de conhecimentos em ciências, mas desejamos alguma coisa mais que isto. A ciência da verdadeira educação é a verdade, que deve ser tão profundamente gravada na alma que não se possa apagar pelo erro tão abundante em toda parte. A mensagem do terceiro anjo é verdade, luz e poder, e apresentá-la de tal maneira que cause as devidas impressões no coração, eis o que deve ser a obra de nossas escolas, bem como de nossas igrejas, do professor bem como do ministro. Os que aceitam o lugar de educadores, devem prezar mais e mais a vontade revelada de Deus, tão clara e impressivamente apresentada em Daniel e Apocalipse” (WHITE, 2008d, p. 374).

“Vi um grupo que permanecia bem guardado e firme, não dando atenção aos que faziam vacilar a estabelecida fé da comunidade. Deus olhava para eles com aprovação. Foram-me mostrados três degraus – a primeira, a segunda e a terceira mensagens angélicas. Disse o meu anjo assistente: ‘Ai de quem mover um bloco ou mexer num alfinete dessas mensagens. A verdadeira compreensão dessas mensagens é de vital importância. O destino das almas depende da maneira em que são elas recebidas.’

“De novo fui conduzida às três mensagens angélicas, e vi a que alto preço havia o povo de Deus adquirido a sua experiência. Esta fora alcançada através de muito sofrimento e severo conflito.

Deus os havia conduzido passo a passo, até que os pusera sobre uma sólida plataforma inamovível.

“Vi pessoas aproximarem-se da plataforma e examinar-lhe o fundamento. Alguns com alegria imediatamente subiram para ela. Outros começaram a encontrar defeito no fundamento. Achavam que se deviam fazer melhoramentos, e então a plataforma seria mais perfeita e o povo muito mais feliz. Alguns desceram da plataforma para examiná-la, e declararam ter sido ela colocada erradamente.

“Mas eu vi que quase todos permaneciam firmes sobre a plataforma e exortavam os que tinham descido a cessar com suas queixas; pois Deus fora o Mestre Construtor, e eles estavam lutando contra Ele. Eles reconsideravam a maravilhosa obra de Deus, que os levava à firme plataforma, e em união levantaram os olhos ao céu e com alta voz glorificaram a Deus. Isto afetou alguns dos que se tinham queixado e deixado a plataforma, e contritos subiram de novo para ela.

“Minha atenção foi chamada para a proclamação do primeiro advento de Cristo. João foi enviado no espírito e poder de Elias a fim de preparar o caminho para Jesus. Os que rejeitaram o testemunho de João não foram beneficiados pelos ensinamentos de Jesus. A oposição da parte deles, à mensagem que predizia a Sua vinda, colocou-os onde eles não podiam prontamente receber a melhor evidência de que Ele era o Messias.

“Satanás levou os que rejeitaram a mensagem de João a ir ainda mais longe, a ponto de rejeitar a Cristo e crucificá-Lo. Com este procedimento, colocaram-se onde não podiam receber as bênçãos do dia do Pentecoste, o que lhes teria ensinado o caminho para o santuário celestial. A ruptura do véu do templo mostrou que os sacrifícios e ordenanças judaicas não mais seriam recebidos.

“O grande Sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia do Pentecoste, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação. Mas os judeus foram deixados em trevas completas. Perderam toda a luz que podiam ter recebido sobre o plano da salvação, e ainda confiavam em seus inúteis sacrifícios e ofertas. O santuário celestial havia tomado o lugar do terrestre, mas eles não tiveram conhecimento da mudança. Assim não podiam ser beneficiados pela mediação de Cristo no lugar santo.

“Muitos olham com horror para a conduta dos judeus em rejeitar e crucificar a Cristo; e, ao lerem a história dos vergonhosos maus tratos que Lhe infligiram, pensam que O amam e não O teriam negado como o fez Pedro, ou crucificado como o fizeram os judeus. Mas Deus, que lê o coração de todos, tem posto à prova esse professado amor por Jesus.

“Todo o Céu observou com o mais profundo interesse a receptividade da mensagem do primeiro anjo. Porém muitos que professavam amar a Jesus, e que derramavam lágrimas ao lerem a história da cruz, ridicularizavam as boas novas de Sua vinda. Em vez de receber a mensagem com alegria, declararam ser ela um engano. Odiavam os que amavam o Seu aparecimento, e expulsaram-nos das igrejas.

“Os que rejeitaram a primeira mensagem não podiam ser beneficiados pela segunda, nem o foram pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrarem com Jesus pela fé no lugar santíssimo do santuário celestial. E pela rejeição das duas primeiras mensagens, ficaram com o entendimento tão entenebrecido que não podiam ver qualquer luz na mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho para o lugar santíssimo.

“Viu que assim como os judeus crucificaram a Jesus, as igrejas nominais haviam crucificado essas mensagens, e por isso mesmo não têm conhecimento do caminho para o santíssimo, e não podem ser beneficiadas pela intercessão de Jesus ali. Como os judeus, que ofereciam seus inúteis sacrifícios, elas oferecem suas inúteis orações dirigidas ao compartimento de onde Jesus já saiu; e Satanás, eufórico com o engano, assume um caráter religioso, e dirige a mente desses professos

cristãos para si mesmos, operando com o seu poder, com seus sinais e prodígios de mentira, para retê-los em seu laço.

“Alguns ele engana de uma forma, outros de outra. Ele possui diferentes embustes preparados para afetar diferentes mentalidades. Alguns olham com horror para um determinado engano, ao passo que prontamente aceitam outro. Alguns Satanás engana com o espiritismo. Apresenta-se também como um anjo de luz e espalha sua influência sobre a Terra por meio de falsas reformas. As igrejas ficam alvoroçadas e consideram que Deus está trabalhando maravilhosamente por meio delas, quando isso é obra de outro espírito. O excitação morrerá e deixará o mundo e a igreja em pior condição que antes.

“Vi que Deus tem filhos honestos entre os adventistas nominais e as igrejas caídas, e antes que as pragas sejam derramadas, ministros e povo serão chamados a sair dessas igrejas e alegremente receberão a verdade.

“Satanás sabe disto, e antes que o alto clamor da terceira mensagem angélica seja ouvido, ele suscitará um excitação nessas corporações religiosas, a fim de que os que rejeitaram a verdade pensem que Deus está com eles. Ele espera enganar os honestos e levá-los a pensar que Deus ainda está trabalhando pelas igrejas.

“Mas a luz brilhará, e todos os honestos deixarão as igrejas caídas, e tomarão posição ao lado dos remanescentes” (WHITE, 2007e, p. 260-262).

“A história do antigo Israel é um exemplo frisante da passada experiência dos adventistas. Deus guiou Seu povo no movimento adventista, assim como guiara os filhos de Israel ao saírem do Egito. No grande desapontamento fora provada a sua fé, como o foi a dos hebreus no Mar Vermelho. Houvessem ainda confiado na mão guiadora que com eles estivera em sua experiência anterior, e teriam visto a salvação de Deus.

“Se todos os que trabalharam unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo, proclamando-a no poder do Espírito Santo, o Senhor teria poderosamente operado por seus esforços. Caudais de luz ter-se-iam derramado sobre o mundo. Haveria anos que os habitantes da Terra teriam sido avisados, a obra final estaria consumada, e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.

“Não foi a vontade de Deus que os filhos de Israel vagueassem durante quarenta anos no deserto: desejava Ele levá-los diretamente à terra de Canaã e ali os estabelecer como um povo santo, feliz. Mas ‘não puderam entrar por causa da sua incredulidade.’ Hebreus 3:19. Por sua reincidência e apostasia, pereceram os impenitentes no deserto, e levantaram-se outros para entrarem na Terra Prometida.

“Semelhantemente, não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão demorada, e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza. A incredulidade, porém, os separou de Deus. Como se recusassem a fazer a obra que lhes havia designado, outros se levantaram para proclamar a mensagem. Usando de misericórdia para com o mundo, Jesus retarda a Sua vinda, para que pecadores possam ter oportunidade de ouvir a advertência, e encontrar nEle refúgio antes que a ira de Deus seja derramada” (WHITE, 2013, p. 398 e 399).

“A respeito de Babilônia, no tempo referido nesta profecia, declara-se: ‘Os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus Se lembrou das iniquidades dela.’ Apocalipse 18:5. Encheu a medida de sua culpa, e a destruição está a ponto de cair sobre ela.

“Mas Deus ainda tem um povo em Babilônia; e, antes de sobrevirem Seus juízos, esses fiéis devem ser chamados a sair, para que não sejam participantes dos seus pecados e não incorram nas suas pragas. Esta a razão de ser o movimento simbolizado pelo anjo descendo do Céu, iluminando a Terra com sua glória, e clamando fortemente com grande voz, anunciando os pecados de Babilônia.

Em relação com a sua mensagem ouve-se a chamada: ‘Sai dela, povo Meu.’

“Estes anúncios, unindo-se à mensagem do terceiro anjo, constituem a advertência final a ser dada aos habitantes da Terra ” (WHITE, 2013, p. 527 e 528).

Nichol e Dorneles (2014, p. 1095), citando Ellen G. White, afirmam: “A mensagem do terceiro anjo foi enviada ao mundo, advertindo as pessoas contra a recepção da marca da besta ou da sua imagem na frente ou na mão. Receber esta marca significa tomar a mesma decisão que a besta e advogar as mesmas ideias que ela, em direta oposição à Palavra de Deus. [...] (Mar [MM 1977], 209). [...] Se recebermos esta marca em nossa frente ou em nossa mão, os juízos pronunciados contra os desobedientes cairão também sobre nós. Mas o selo do Deus vivo é colocado sobre aqueles que conscientemente guardam o sábado do Senhor (RH, 13/07/1897)”.

“Qual é a relação entre o anjo do selamento (Apoc. 7:1-3) e o terceiro anjo (Apoc. 14:9-11)? Dois aspectos da mesma mensagem. Nessas duas cenas temos dois anjos simbólicos ministrando ao mesmo tempo – pouco antes do Segundo Advento. Um aplica o selo do Deus vivo, o que resulta no selamento dos 144.000. O outro adverte as pessoas de que não devem receber a marca ou o sinal da besta. Isto resulta num grupo leal que estará livre dessa marca, mas guardará os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Esse grupo se compõe dos 144.000, com o nome do Pai escrito na frente. O fato é que, nessas duas profecias, vemos o mesmo anjo ou movimento e dois aspectos correlatos da mesma mensagem. ‘O anjo com o selo do Deus vivo, mencionado no capítulo sete, é, portanto, o mesmo que o terceiro anjo do capítulo catorze.’ – Uriah Smith, As Profecias do Apocalipse, p. 115” (COFFMAN, 1989, p. 59).

“Uma grande obra há a fazer em apresentar aos homens as verdades salvadoras do evangelho. É este o meio estabelecido por Deus para represar a onda da corrupção moral. É este o meio de restaurar no homem a imagem divina. É este o Seu remédio contra a dissolução universal. É o poder que impele os homens para a unidade. Apresentar estas verdades é a obra da mensagem do terceiro anjo. O Senhor determinou que a proclamação dessa mensagem fosse a maior e mais importante obra no mundo para o presente tempo” (WHITE, 2008d, p. 333).

“Até aqui, os que apresentavam as verdades da mensagem do terceiro anjo foram muitas vezes considerados como simples alarmistas. Suas predições de que a intolerância religiosa alcançaria predomínio nos Estados Unidos, de que a Igreja e o Estado se uniriam para perseguir os que guardam os mandamentos de Deus, foram declaradas sem fundamento e absurdas. Afirmou-se confiantemente que esse país jamais se poderia tornar outro que não o que tem sido: defensor da liberdade religiosa.

“Mas, ao ser a questão da obrigatoriedade da observância do domingo amplamente agitada, vê-se aproximar o fato há tanto tempo duvidado e descrito, e a terceira mensagem produzirá um efeito que antes não seria possível produzir.

“Em todas as gerações Deus tem enviado Seus servos para repreender o pecado, tanto no mundo como na igreja. Mas o povo deseja que se lhes falem coisas agradáveis, e a verdade clara e pura não é aceita. Muitos reformadores, ao iniciarem seu trabalho, decidiram-se a exercer grande prudência ao atacar os pecados da igreja e da nação. Esperavam, pelo exemplo de uma vida cristã pura, fazer voltar o povo às doutrinas da Bíblia.

“Mas o Espírito de Deus veio sobre eles, assim como viera sobre Elias, impelindo-o a repreender os pecados de um rei ímpio e de um povo apóstata; não podiam conter-se de pregar as claras afirmações da Escritura Sagrada — doutrinas que tinham sido relutantes em apresentar. Sentiam-se forçados a declarar zelosamente a verdade e o perigo que ameaçava as almas. As palavras que o Senhor lhes dava, eles as falavam, sem temer as conseqüências, e o povo era constrangido a ouvir a advertência.

“Assim será proclamada a mensagem do terceiro anjo. Ao chegar o tempo para que ela seja dada com o máximo poder, o Senhor operará por meio de humildes instrumentos, dirigindo a mente dos que se consagram ao Seu serviço. Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá.

“Os pecados de Babilônia serão revelados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio destes solenes avisos o povo será comovido. Milhares de milhares que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. Com espanto ouvirão o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus erros e pecados, por causa de sua rejeição da verdade, enviada do Céu a ela.

“Ao ir o povo a seus antigos ensinadores, com a ávida pergunta — São estas coisas assim? — os ministros apresentam fábulas, profetizam coisas agradáveis, para acalmar-lhes os temores, e silenciar a consciência despertada. Mas, visto que muitos se recusarão a satisfazer-se com a mera autoridade dos homens, pedindo um claro — ‘Assim diz o Senhor’ — o ministério popular, semelhante aos fariseus da antiguidade, cheio de ira por ser posta em dúvida a sua autoridade, denunciará a mensagem como sendo de Satanás, e agitará as multidões amantes do pecado para ultrajar e perseguir os que a proclamam.

“Estendendo-se a controvérsia a novos campos, e sendo a atenção do povo chamada para a lei de Deus calcada a pés, Satanás entrará em ação. O poder que acompanha a mensagem apenas enfurecerá os que a ela se opõem. O clero empregará esforços quase sobre-humanos para excluir a luz, receoso de que ilumine seus rebanhos. Por todos os meios ao seu alcance esforçar-se-á por evitar todo estudo destes assuntos vitais.

“A igreja apelará para o braço forte do poder civil, e nesta obra unir-se-ão romanistas e protestantes. Ao tornar-se o movimento em prol da imposição do domingo mais audaz e decidido, invocar-se-á a lei contra os observadores dos mandamentos. Serão ameaçados com multas e prisão, e a alguns se oferecerão posições de influência e outras recompensas e vantagens, como engodo para renunciarem a sua fé. Mas sua perseverante resposta será: ‘Mostrai-nos pela Palavra de Deus o nosso erro’ — a mesma que foi apresentada por Lutero sob idênticas circunstâncias.

“Os que forem citados perante os tribunais, defenderão corajosamente a verdade, e alguns que os ouvirem serão levados a decidir-se a guardar todos os mandamentos de Deus. Assim a luz chegará a milhares que de outra maneira nada saberiam destas verdades” (WHITE, 2013, p. 529 e 530).

“Como os defensores da verdade se recusem a honrar o descanso dominical, alguns deles serão lançados na prisão, exilados, e outros tratados como escravos. Para a sabedoria humana, tudo isto parece agora impossível: mas, ao ser retirado dos homens o Espírito de Deus, o qual tem o poder de reprimi-los, e ao ficarem eles sob o governo de Satanás, que odeia os preceitos divinos, hão de acontecer coisas estranhas. Quando o temor e o amor de Deus são removidos, o coração pode tornar-se muito cruel.

“Ao aproximar-se a tempestade, uma classe numerosa que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas não tem sido santificada pela obediência à verdade, abandona sua posição, passando para as fileiras do adversário. Unindo-se ao mundo e participando de seu espírito, chegaram a ver as coisas quase sob a mesma luz; e, em vindo a prova, estão prontos a escolher o lado fácil, popular.

“Homens de talento e maneiras agradáveis, que se haviam já regozijado na verdade, empregam sua capacidade em enganar e transviar as almas. Tornam-se os piores inimigos de seus antigos

irmãos. Quando os observadores do sábado forem levados perante os tribunais para responder por sua fé, estes apóstatas serão os mais ativos agentes de Satanás para representá-los falsamente e os acusar e, por meio de falsos boatos e insinuações, incitar os governantes contra eles” (WHITE, 2013, p. 531).

“A perseguição em suas várias modalidades é o desenvolvimento de um princípio que subsistirá enquanto existir Satanás e tiver o cristianismo poder vital. Ninguém poderá servir a Deus sem atrair contra si a oposição das hostes das trevas. Anjos maus o assaltarão, alarmados de que a sua influência lhes esteja arrebatando a presa. Homens maus, reprovados pelo seu exemplo, unir-se-ão àqueles, procurando separar de Deus tal pessoa, por meio de sedutoras tentações. Quando estas não surtem o efeito esperado, recorre-se ao poder compulsório para forçar a consciência.

“Mas, enquanto Jesus permanece como intercessor do homem no santuário celestial, a influência repressora do Espírito Santo é sentida pelos governantes e pelo povo. Essa influência governa, ainda, até certo ponto, as leis do país. Não fossem estas, e a condição do mundo seria muito pior do que ora é.

“Conquanto muitos de nossos legisladores sejam ativos agentes de Satanás, Deus também tem os Seus instrumentos entre os principais homens da nação. O inimigo incita seus servos a que proponham medidas que estorvariam grandemente a obra de Deus; mas estadistas que temem o Senhor são influenciados por santos anjos para que se oponham a essas propostas, com argumentos irretorquíveis. Assim, um pequeno grupo de homens sustará poderosa corrente de males.

“A oposição dos inimigos da verdade será restringida a fim de que a mensagem do terceiro anjo possa efetuar a sua obra. Quando for dada a advertência final, prenderá a atenção das pessoas influentes por meio de quem o Senhor está agora a operar, e algumas delas a aceitarão, e manter-se-ão com o povo de Deus durante o tempo de angústia.

“O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo, deve iluminar a Terra toda com a sua glória. Prediz-se com isto uma obra de extensão mundial e de extraordinário poder. O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo, e nalguns países houve o maior interesse religioso que se tem testemunhado em qualquer nação desde a Reforma do século XVI; mas isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo.

“Esta obra será semelhante à do dia de Pentecoste. Assim como a ‘chuva temporã’ foi dada, no derramamento do Espírito Santo no início do evangelho, para efetuar a germinação da preciosa semente, a ‘chuva serôdia’ será dada em seu final para o amadurecimento da seara” (WHITE, 2013, p. 532 e 533).

“Nesse tempo, enquanto a obra de salvação está se encerrando, tribulações virão sobre a Terra, e as nações ficarão iradas, embora contidas para não impedir a obra do terceiro anjo. Nesse tempo a ‘chuva serôdia’, ou o refrigério pela presença do Senhor, virá, para dar poder à grande voz do terceiro anjo e preparar os santos para estarem de pé no período em que as sete últimas pragas serão derramadas” (WHITE, 2007e, p. 106).

“Ninguém recebeu até agora o sinal da besta. Ainda não chegou o tempo de prova. Há cristãos verdadeiros em todas as igrejas, inclusive na comunidade católico-romana. Ninguém é condenado sem que haja recebido iluminação nem se compenetrado da obrigatoriedade do quarto mandamento. Mas quando for expedido o decreto que impõe o sábado espúrio, e o alto clamor do terceiro anjo advertir os homens contra a adoração da besta e de sua imagem, será traçada com clareza a linha divisória entre o falso e o verdadeiro. Então os que ainda persistirem na transgressão receberão o sinal da besta.

“A passos rápidos aproximamo-nos desse período. Quando as igrejas protestantes se unirem com o poder secular para amparar uma religião falsa, à qual se opuseram os seus antepassados, sofrendo com isso a mais terrível perseguição, então o dia de repouso papal será tornado obrigatório pela autoridade combinada da Igreja e do Estado. Haverá uma apostasia nacional que só terminará em ruína nacional” (WHITE, 2007b, p. 188).

“O Senhor nunca envia mensagens de advertência simplesmente para condenar pecadores. Toda mensagem de advertência tem o mesmo objetivo que o primeiro advento de Cristo: salvar pecadores! (Ver Ezeq. 18:23). A mensagem do terceiro anjo também oferece o ‘evangelho eterno’ (Apoc. 14:6). Duas classes de pessoas se distinguirão na crise final: 1ª Os que adoram ‘a besta e sua imagem’ e recebem a sua ‘marca’ (verso 9); e 2ª Os verdadeiros seguidores de Jesus Cristo, que adoram a Deus e recebem o Seu selo” (COFFMAN, 1989, p. 97).

14.10 também esse
beberá do vinho
da cólera de Deus,
preparado, sem
mistura, do cálice
da sua ira, e será
atormentado com
fogo e enxofre,
diante dos santos
anjos e na presen-
ça do Cordeiro.

Esse cidadão globalista que passa pano na ditadura dominical, por medo do que os totalitários político-esotérico-religiosos podem fazer consigo e com os seus, ele conhecerá a autoridade do Criador e Seu poder que protege e mantém Suas leis funcionando em todo o universo. Já que esse ser humano preferiu ter medo de seus semelhantes em vez de temer e adorar unicamente o Fabricante, ele sofrerá as sete últimas pragas que serão lançadas neste planeta como evidência da soberania e justiça, e do domínio de Deus sobre Sua província terráquea. O Senhor Jesus estará concluindo Seu julgamento no Tribunal celestial, o Senhor Espírito Santo começará a permitir que Satanás e seus demônios castiguem seus súditos humanos, os quais serão atormentados por alguns dias e mortos durante o fim do julgamento e do retorno de Jesus à Terra, e também serão (alguns novamente) castigados e mortos no *Geena*, após mil anos da segunda vinda do Cordeiro e Seus anjos. A sentença dos rebeldes será cumprida na presença do Juiz, garantindo que ninguém sofra mais nem menos do que aquilo que foi sentenciado. E os assistentes judiciais também testemunharão a lisura do processo do fim do mal, das ditaduras humanas e das sentenças corruptas contra os inocentes.

“*The New International Version* traduziu esse trecho desta maneira: ‘Beberá o vinho do furor de Deus, derramado com toda a intensidade na taça de Sua ira’. Haverá terrível punição por adorar a besta e sua imagem e receber o seu sinal” (COFFMAN, 1989, p. 101).

“No AT, a ira de Deus é retratada como um cálice de vinho para ser bebido (ver SI 75.8; Is 51.17; Jr 25.15)” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“[...] **cólera de Deus**. As sete taças de flagelos do cap. 16 (ver 11:18; 15:1). **cálice da sua ira**. Alusão a Is 51:17-23” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“**Será atormentado**. Do gr. *basanizō*, ‘torturar’, ‘atormentar’, ‘afligir’ (ver uso do termo em Mt 8:6, 29; 14:24 [‘açoitado’]; 2Pe 2:8). As sete últimas pragas caem sobre os adoradores da besta e da sua imagem (Ap 16:2). Além disso, os devotos da besta tornam à vida na segunda ressurreição e recebem o castigo final (Ap 20:5, 11-15). Não fica claro a que fase da punição João se refere aqui. Talvez seja a ambas. Nas duas, haverá tormento. A primeira terminará em morte quando Jesus aparecer no céu (ver com. de Ap 19:19-21), e a segunda será a morte eterna (ver com. de Ap 20:14)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 920).

“Antes que o Senhor retorne, todo indivíduo será compelido a fazer sua escolha. Os que recusarem obedecer aos poderes da Terra e a qualquer preço guardarem a fé em Jesus, serão segregados da sociedade. Assim como foi com Daniel que recusou comprometer sua fé e preferiu aceitar o decreto de morte antes que negar o seu Deus, tendo sido miraculosamente salvo do poder dos leões, assim será também nesta última crise com os que permanecerem fiéis aos mandamentos do

Céu. É então que os que voluntária e conscientemente escolherem obedecer ao poder apóstata e receberem o sinal da besta, ‘beberão do vinho da ira de Deus’. Apoc. 14:10” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 176).

“O anjo utiliza uma linguagem drástica. Todo aquele que beber do vinho da Babilônia terá que beber ‘do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da Sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro’ (Ap 14:10). No Antigo Testamento, beber do vinho do cálice do Senhor é um símbolo da ira de Deus (Jó 21:20; Sl 75:8; Is 51:17-23). Nos tempos antigos, o vinho costumava ser diluído em água para reduzir sua força. Quando não diluído, era misturado a diversas ervas e especiarias a fim de aumentar sua intensidade inebriante.

“O vinho preparado sem mistura representa a ira de Deus executada com toda intensidade, sem misericórdia. O salmista utiliza essa metáfora para representar o juízo divino: ‘Porque na mão do SENHOR há um cálice cujo vinho espuma, cheio de mistura; dele dá a beber; sorvem-no, até às escórias. todos os ímpios da terra’ (Sl 75:8). O ato de beber esse vinho não diluído da ira de Deus é retratado em Apocalipse 15 e 16, na forma das sete últimas pragas. Elas são chamadas de o cálice do vinho do furor da ira de Deus, derramado sobre quem adora a besta e recebe sua marca (Ap 16:1, 19). Por meio do derramamento das sete últimas pragas, consumou-se ‘a cólera de Deus’ (Ap 15:1)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 87).

“Com infalível precisão, o Ser infinito ainda mantém, por assim dizer, uma conta com todas as nações. Enquanto Sua misericórdia se oferece com convites ao arrependimento, essa conta permanecerá aberta; quando, porém, os algarismos atingem um certo total que Deus fixou, começa o ministério de Sua ira. Encerra-se a conta. Cessa a paciência divina. Não mais há intercessão de misericórdia” (WHITE, 2004, p. 197).

“Quisera eu poder chamar a atenção de cada professor em nosso país sobre esse assunto. Há uma tarefa que devem realizar para ampliar e elevar seu trabalho educacional. Temos justamente diante de nós um tempo em que a condição do mundo se tornará desesperadora, quando a verdadeira religião, que rende obediência a um ‘assim diz o Senhor’, se tornará quase extinta. Nossa juventude deveria ser ensinada que as más obras não são esquecidas ou passadas por alto, porque Deus não pune imediatamente e com extrema indignação seus autores.

“Deus mantém uma conta com as nações. Durante todos os séculos da história deste mundo os maus obreiros têm acumulado ira para o dia da ira; e quando chegar plenamente o tempo em que a iniquidade houver atingido o limite estabelecido da misericórdia divina, Sua clemência terminará. Quando as contas acumuladas nos livros de registro do Céu indicarem que a soma da transgressão está completa, virá a ira, sem mistura de misericórdia, então se verá que tremenda coisa é esgotar a paciência divina. Esta crise será atingida quando as nações se unirem na invalidação da lei de Deus” (WHITE, 2004, p. 500 e 501).

“Solene é a responsabilidade que repousa sobre nossas casas publicadoras [da IASD]. Os que administram essas instituições, os que dirigem os periódicos e preparam os livros, achando-se, como se acham, à luz dos propósitos divinos, e chamados para dar a advertência ao mundo, são tidos por Deus como responsáveis pela alma de seus semelhantes. A eles, bem como aos ministros da palavra, aplica-se a mensagem dada por Deus ao Seu profeta da antiguidade: ‘A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da Minha boca, e lha anunciarás da Minha parte. Se Eu disser ao ímpio: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falarés, para desviar o ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua impiedade, mas o seu sangue Eu o demandarei da tua mão.’ Ezequiel 33:7, 8.

“A tempo algum esta mensagem se aplicou com maior força do que ao de hoje. Mais e mais

o mundo despreza as reivindicações divinas. Os homens têm-se tornado ousados na transgressão. A maldade dos habitantes do mundo já quase encheu a medida da sua iniquidade. Esta Terra já quase chegou ao ponto em que Deus há de permitir ao destruidor operar com ela segundo sua vontade. A substituição da lei de Deus pelas dos homens, a exaltação, por autoridade meramente humana, do domingo, posto em lugar do sábado bíblico, é o derradeiro ato do drama. Quando essa substituição se tornar universal, Deus Se revelará. Ele Se erguerá em Sua majestade para sacudir terrivelmente a Terra. Sairá de Seu lugar para punir os habitantes do mundo por sua iniquidade, e a Terra descobrirá seu sangue, e não mais esconderá seus mortos” (WHITE, 1949, p. 130).

“A Bíblia retrata nosso amoroso Deus (I S. João 4:8) junto à porta do coração humano, pedindo entrada (Apoc. 3:20). Chegará, porém, o tempo em que aqueles que recusaram atender aos Seus convites e rejeitaram Sua verdade sofrerão o ‘estranho ato’ de Deus (Isa. 28:21). Com o maior amor e tristeza, Ele livrará o Universo do pecado e dos que se identificam com aquele que o originou” (COFFMAN, 1989, p. 102).

“[‘será atormentado com fogo e enxofre’] Figura tradicional do castigo dos ímpios (cf. Ap 19.20; 20,10; 21.8). Esta imagem é às vezes associada à da ‘geena’ de fogo e talvez derive dela (cf. Mt 18,8-9). O vale de Guê-Hinom, que delimitava Jerusalém a sudoeste, tinha sido outrora tristemente célebre por causa do culto de Moloc; os profetas o consideravam como um lugar impuro (cf. 2Rs 23,10; Jr 7,31; 19.5-6; 32.35).

“Depois do exílio, aí queimavam-se os cadáveres impuros e o lixo. Tal prática influenciou provavelmente as representações e ulteriores do castigo escatológico (cf. Is 66,24); em certos apócrifos judeus e escritos rabínicos, a ‘geena’ designa o lugar de suplício dos ímpios, e vários textos do NT parecem tributários desta tradição e das imagens que a acompanham (cf. *Henoc* 22.27; *4Esd* 7; Mt 5.22.29; 10,28; 18,9; Mc 9.43; Lc 12.5; Tg 3,6)” (ECUMÊNICA, 1994, p. 2442).

“Presença. Tanto as pragas quanto a destruição dos ímpios após o milênio ocorrerão nesta Terra. No entanto, no último caso, o arraial dos santos estará na Terra. Cristo estará com Seu povo e, sem dúvida, muitos anjos se encontrarão ali” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 920).

14.11 A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome.

Assim como ocorreu no passado, quando Deus sentenciou o mundo antediluviano, Sodoma e Gomorra, Edom, Babilônia e etc., o resultado da sentença divina contra os adoradores das bestas (Satanás, papado, pseudo protestantismo, misticismos esotéricos espiritualistas e ateus rebeldes) também será irrevogável, inevitável e eterno. Todos os rebeldes – de Caim até o último ser humano que escolherá a rebeldia em lugar da liberdade de amar a Deus e seus semelhantes –, todos serão reunidos no *Geena*, o lago de fogo produzido pelo petróleo que foi guardado por Deus desde o Dilúvio até o dia da retribuição. O planeta inteiro – continentes (ou algo próximo ao pangeia) e oceanos – tudo entrará em combustão no final do milênio após o retorno do Rei Jesus à Terra. Alguns pecadores passarão mais tempo dentro dessa fornalha planetária, mas assim que seus corpos e órgãos internos forem consumidos, seu fôlego de vida será retirado e eles não mais existirão. Outros, sofrerão por menos tempo. Satanás sofrerá por vários dias, mas até ele será destruído completamente! Ele que elaborou os sistemas do papado, pseudo protestantismo, das religiões orientais e da Nova Era e seus OVNIs, dos sistemas de governo corruptos e totalitários, e dos ateus; ele que enganou e seduziu a muitos ao ponto de preferirem temê-lo e adorá-lo em lugar de temer ao Dono da vida e adorar o Criador e Redentor da existência – ele e seus súditos humanos cujo caráter se tornou à imagem de seu senhor, serão um a um consumidos e deixarão de existir para todo o sempre!

“Sem dúvida, a imagem da fumaça subindo para sempre é extraída de Isaías 34:10, que des-

creve a desolação de Edom. O profeta judeu não contemplou um fogo sem fim. Após o incêndio, cuja ‘fumaça’ ele afirma que ‘subirá para sempre’, o país se transforma em ruínas desoladas, habitadas por animais selvagens (v. 10-15). A figura indica completa destruição (ver com. de Ml 4:1)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 920).

“[...] **pelos séculos dos séculos**. Referência óbvia a Is 34:8-10. No contexto hebraico, ‘pelos séculos dos séculos’ nem sempre significa eternidade absoluta; trata-se do tempo necessário para o cumprimento do propósito de Deus” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“Assim foi também descrita a destruição de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19:24. Judas diz que essas duas cidades sofreram ‘a pena do fogo eterno’ (S. Jud. 7). Os ímpios que viviam nessas cidades foram completamente destruídos pelo fogo, mas não foram atormentados além da morte.

“Nosso Deus é sempre um fogo consumidor para a iniquidade e o pecado. É verdade que os ímpios não têm descanso em sua iniquidade. Eles não terão descanso ‘nem de dia nem de noite’, durante as pragas e ao serem lançados no lago de fogo, no fim dos mil anos” (COFFMAN, 1989, p. 102 e 103).

“A palavra *aion* aqui traduzida como ‘pelos séculos dos séculos’, é assim definida por G. Abbott-Smith, no *Manual Greek Lexicon of the New Testament* [Manual Léxico Grego do Novo Testamento]: ‘Um espaço de tempo como uma vida inteira, geração, período da História, e período indefinidamente longo’ (FEYERABEND, 2005, p. 129).

“A frase grega [‘pelos séculos dos séculos’] é *eis aionas aionon*, e transmite a idéia de que algo durará enquanto durar a natureza daquilo a que se refere. Deus vive para todo o sempre porque é imortal (I Tim. 6:16). A vida eterna dos justos durará para todo o sempre porque eles receberão a imortalidade na segunda vinda de Jesus (I Cor. 15:51-54).

“A palavra *aion*, usada em Apocalipse 14:11, muitas vezes designa períodos de duração limitada. Por exemplo, S. Mateus 13:39 fala da ‘consumação do século [aion]’. (Comparar com II Tim. 4:10; I Cor. 2:7.) Visto que os ímpios são mortais, eles serão inteiramente consumidos no fogo do último grande dia. O *aion* dos justos e o dos ímpios serão diferentes porque suas naturezas serão diferentes. Como seres mortais e perdidos, os ímpios serão completamente destruídos pelo fogo e reduzidos a cinzas (Mal. 4:1-3; comparar com Sal. 37:10 e 20; 68: 1 e 2)” (COFFMAN, 1989, p. 103).

“Ele [o fogo eterno] não denota um incêndio sem fim, mas uma queima por tempo suficiente para tornar a destruição completa, até que não haja nada mais para ser queimado. Os profetas do Antigo Testamento usaram a destruição de Sodoma e Gomorra como modelo para a destruição da Babilônia antiga (Is 13:19; Jr 50:40). A mesma linguagem é usada em Apocalipse 14 para caracterizar o destino da Babilônia do tempo do fim. A linguagem grotesca e temível aponta para a aniquilação total, não para um fogo e sofrimento eternos. Aqueles que escolherem adorar a besta e sua imagem e receberem sua marca, sofrerão o castigo eterno, partilhando assim o destino da grande Babilônia (Ap 19.3;20:10).

“A linguagem vívida usada na mensagem do terceiro anjo tem a intenção de despertar os sentidos do povo de Deus e incentivá-lo a permanecer firme diante do engano satânico do tempo do fim. O medo é expulso por um temor maior. À medida que a besta da terra de Apocalipse 13 utiliza o medo para forçar os habitantes do mundo a escolher a religião falsa e receber a marca da besta, o Apocalipse usa uma linguagem ainda mais forte para dissipar esse temor, ecoando as palavras de Jesus: ‘Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes. Aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo’ (Mt 10:28). Quem responde a esse chamado e escolhe a Deus consegue escapar do destino da trindade satânica e de seus seguidores (Ap 20:11-15)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 88).

“Embora a punição dos que rejeitam a graça de Deus seja severa, como sabemos que ela não consistirá no tormento eterno? (Comparar Apoc. 14:10 e 11 com S. Judas 7; II S. Ped. 2:6; Apoc. 20:14 e 15; 21:1 e 5) ‘Para sempre’ não tem sempre a significação de ‘por toda a eternidade’. Nas versões em português, ‘para sempre’ e ‘pelos séculos dos séculos’, são traduções do substantivo grego *aion* e do adjetivo *aionios*, e não designam automaticamente algo que nunca tem fim. A idéia básica transmitida por eles é a de duração ininterrupta.

“O fator que determina a duração do substantivo *aion* ou do adjetivo *aionios* é a natureza daquilo com o que eles são relacionados. Deus é imortal por natureza (I Tim. 6:15 e 16). Ele é a fonte de vida (Sal. 36:9). Portanto, ao serem aplicadas a Deus, essas palavras gregas sempre significam algo que é eterno.

“Os remidos são mortais por natureza (Jó 4:17), mas pela fé em Jesus Cristo como seu Salvador, eles receberão o dom da imortalidade (II Tim. 1:10; I Cor. 15:51-54). Portanto, quando *aion* e *aionios* são aplicados a eles, também significam algo que é eterno ou interminável, porque sua natureza tornar-se-á imortal pela dádiva e poder de Deus.

“Os impenitentes são mortais por natureza (Jó 4:17), e rejeitaram a salvação provida pelo Céu; portanto, não têm a promessa da vida eterna. (Ver I S. João 3:15; 5:11 e 12; Rom. 6:23.) Serão punidos de acordo com as ações que praticaram, e privados de sua existência (Rom. 2:6). ‘Para sempre’ ou ‘para todo o sempre’ em relação aos impenitentes só podem designar um período de tempo ininterrupto até que sua vida mortal deixe de existir. ‘A lâmpada dos perversos se apagará.’ Prov. 24:20” (COFFMAN, 1989, p. 103 e 104).

“Esta é uma expressão forte e terrível para um período de duração indefinida; mas existem expressões mais forte; por exemplo ‘O teu reino é o de todos os séculos: Sal. 1;45:13. A Ele glória... em todas as gerações para todo o sempre’ (Ele 3:21)...’ Tradução Almeida Revisada... ‘Minha salvação durará para sempre, e a minha justiça não será anulada.’ (Isa. 51:6); Tradução Almeida revisada... ‘não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder da vida indissolúvel’ (Heb. 7:16). As expressões mais fortes, que indicam categoricamente sem fim, são reservadas nas Escrituras somente para o bem. Mesmo contudo, quando fazemos todas essas concessões, o quadro dos ímpios é de uma tenebrosidade indescritível de uma noite para a qual não existe amanhecer na revelação – Rev. C. Clemance, *The Pulpit Commentary, Revelation*, pp. 354, 355” (THIELE; BERG, 1960, p. 283 e 284).

“A última mensagem de Deus chega ao clímax com o tremendo anúncio de que, os que recusarem aceitar a salvação, beberão do vinho da ira de Deus, sem mistura de misericórdia. Apoc.14:9-11. A palavra ‘tormento’ (verso 11) é uma tradução pouco feliz e não abonada pelo original. A palavra grega *basanismos* adequadamente traduzida significa examinar pelo uso de uso de *basanos*, uma espécie de pedra originária da Lídia e que era aplicada a metais, e que se supunha denunciar qualquer mistura que houvesse nesse metal.

“O ouro deixava um traço amarelo nessa pedra de toque (Ver Liddel e Scott, ou qualquer outro dicionário léxico). Hoje o ouro é provado com ácido ou com fogo. Em S. Mateus 14:24, a palavra *basanidzomenon*, do verbo *basanidzo*, que vem da palavra acima, *basanos*, é traduzida por *açoiatar*, onde descreve o navio açoiado ou ‘fustigado’, ou ainda ‘testado’ pelas ondas. Em Apoc. 14:11 a palavra ‘tormento’ na realidade significa ‘testar’ ou ‘provar mediante teste’.

“Um importante pensamento, algumas vezes passado por alto por certos interpretadores, é o fato de que este teste ocorre, não em algum indeterminado lugar de tortura, algum purgatório, mas na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro". Verso 10. Paulo diz: ‘O fogo prova qual seja a obra de cada um.’ I Cor.3:13. E todos, igualmente, justos e ímpios, passarão pelo teste, e diante de todos os mundos não caídos será revelado quem realmente é o povo de Deus e quem não o é.

“Isaías pergunta: ‘Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas?’ Isa. 33:14. Então é revelado o fato de que *alguns resistirão ao teste*, mas estes serão somente os que forem justos e retos diante de Deus. Verso 15.

“Assim como os três dignos hebreus foram protegidos na fornalha ardente (Dan. 3), os justos permanecerão na presença de Deus, de quem as Escrituras falam como de um ‘fogo consumidor’. Heb. 12:29” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 181).

“**Adoradores da besta.** A classificação é repetida (cf. v. 9) para dar ênfase. O terceiro anjo faz uma ameaça: Os habitantes da Terra não têm desculpa se não fugirem da confusão contra a qual esta mensagem adverte. Eles devem fazer todo esforço necessário para descobrir a identidade da besta, sua imagem e marca, bem como desvendar suas astúcias e formas de agir” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 923).

“Os que rejeitarem a Deus e receberem o sinal da besta serão atormentados. Eles sofrerão as pragas. Quando Jesus voltar, no fim das pragas, os ímpios que ainda estiverem vivendo, morrerão. Permanecerão mortos por mil anos (Apoc. 20:5 e 6). Depois disso, serão ressuscitados e viverão por pouco tempo. Então serão lançados no lago de fogo, com o diabo e seus anjos. Esta é a ‘segunda morte’. (Ver Apoc. 20:9, 10 e 14)” (COFFMAN, 1989, p. 102).

“A revelação divina é impressionantemente clara e nos adverte que, se não abandonarmos o erro e a rebelião, sofreremos as pragas e estaremos irremediavelmente perdidos” (BELVEDERE, 1987, p. 91).

Citando Ellen, Nichol e Dorneles (2014, p. 1096) escreveram: “A substituição do verdadeiro pelo falso é o último ato do drama. Quando esta substituição se tornar universal, Deus Se revelará. Quando as leis humanas forem exaltadas acima das leis de Deus, quando os poderes da Terra quiserem obrigar as pessoas a guardar o primeiro dia da semana, saibam que é chegado o tempo para Deus atuar. Ele Se levantará em Sua majestade e sacudirá terrivelmente a Terra. Sairá do Seu lugar para punir os habitantes do mundo por sua iniquidade (Mar [MM], 260)”.

14.12 Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.	É na revelação de Jesus à humanidade, por meio Dele mesmo e de Seus profetas verdadeiros, e na pregação desse evangelho eterno, que está o segredo para um estilo de vida resistente ao sofrimento, o qual se manifesta num viver separado de Babilônia e que sabe esperar e apressar a vinda de Jesus Cristo. Esse estilo de vida gerado pela Bíblia, em particular pelo estudo do Apocalipse, está em completa oposição ao estilo de vida rebelde dos adoradores das bestas, pois não é caracterizado pelo dominguismo e pela anomia, mas pela observância do sábado do sétimo dia e dos outros nove mandamentos morais não adulterados, bem como por todas as crenças, ensinamentos e doutrinas que o Senhor Jesus praticou e viveu quando Se transformou em criatura para conduzir a humanidade ao Criador.
---	---

“Apocalipse revela que o código moral que deve reger a conduta dos que foram salvos pela graça, é a Lei dos Dez Mandamentos (Apocalipse 14:12)” (BELVEDERE, 1987, p. 31).

“1. A fé em Jesus levará à aceitação sincera das coisas que Jesus ensinou. Professar crer em Jesus e rejeitar os Seus ensinamentos é uma triste contradição de idéias.

“2. Fé em Jesus implica aceitar a Bíblia inteira como a autoridade inspirada em questões de doutrina e como a norma de conduta cristã. Isso inclui tanto o Antigo como o Novo Testamento, pois o próprio Jesus acreditava que os seus autores foram escritores escolhidos por Deus.

“3. A fé em Jesus levará ao estudo sério das profecias de Daniel e Apocalipse. O povo remanescente de Deus, ao contrário da maioria dos professores cristãos de hoje, não negligenciará nem menosprezará a Bíblia, como se tratasse de um livro selado, que não pode ser entendido. O anjo disse para João de maneira específica: ‘Não seles as palavras da profecia deste livro’ (Apocalipse

22:10).

“4. A fé em Jesus leva à confiança em Sua promessa de voltar à Terra uma segunda vez, de maneira pessoal e visível. ‘Voltarei e vos receberei para Mim mesmo’, prometeu Jesus aos Seus discípulos, ‘para que, onde Eu estou, estejais vós também.’ [Jo 14.3] [...]

“Muitas vezes a Bíblia identifica o verdadeiro povo de Deus como o que guarda os Seus mandamentos (Apocalipse 12:17, Apocalipse 14:12, Isaías 8:20, João 14:15, I João 2:3 e 4). A luz de Deus hoje brilha para nós. O fato de que alguns dos nossos antepassados não tiveram a mesma luz que temos hoje não quer dizer que temos de rejeitar a luz. Como escreveu o Bispo Ken: ‘O erro antigo é o pior dos erros, / a continuidade pode provocar uma maldição. / Se a Idade Escura turvou o olhar dos nossos pais, / devem, então, seus filhos cerrar os olhos por causa da luz?’ (FEYERABEND, 2005, p. 129 e 130).

“Em Apocalipse 14, João descreve outra cena. Ele vê um povo cuja fidelidade e lealdade às leis do reino crescem em situações de emergência. O desprezo mostrado para com a lei de Deus só os faz revelar mais decididamente ainda seu amor por essa lei. O amor dos fiéis aumenta em face do desprezo à lei por parte do mundo (Ms 163, 1897)”, citado por Nichol e Dorneles (2014, p. 1097).

“As três mensagens angélicas concluem com uma declaração positiva. Elas apontam para a perseverança dos santos. Estes recebem a incumbência de pregar a mensagem do evangelho no tempo do fim (Ap 14:12), sendo o mesmo povo retratado em Apocalipse 12:17, o qual é alvo da raiva e dos ataques furiosos de Satanás. Eles se caracterizam pela fidelidade inabalável a Cristo e sua obediência aos mandamentos de Deus. Em Apocalipse 14:12, a palavra ‘aqui’ – ‘Aqui está a perseverança dos santos’ – mostra que essa perseverança acontece, acima de tudo, por causa da pregação fiel do evangelho no tempo do fim” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 88).

“A terceira mensagem angélica geralmente é lembrada somente pelas palavras duras e pesadas proferidas contra os adoradores da besta e da sua imagem, mas o destaque glorioso desta mensagem deve ser visto no verso 12, pois estes santos dos últimos dias são fiéis a Deus como a bússola o é ao polo; estes santos sofrem toda espécie de ameaças e pressões, mas permanecem firmes como as rochas do deserto. Jesus Se orgulha deste remanescente fiel, pois eles são diante do mundo e do universo um monumento de glória para Deus, uma reivindicação do Seu caráter” (RAMOS, 2009, p. 336).

“Encerrando-se o ministério de Jesus no lugar santo, e passando Ele para o lugar santíssimo e ficando em pé diante da arca, a qual contém a lei de Deus, enviou um outro anjo poderoso com uma terceira mensagem ao mundo. Um pergaminho foi posto na mão do anjo, e, descendo ele à Terra com poder e majestade, proclamou uma terrível advertência, com a mais terrível ameaça que já foi feita ao homem.

“Esta mensagem estava destinada a pôr os filhos de Deus de sobreaviso, mostrando-lhes a hora de tentação e angústia que diante deles estava. Disse o anjo: ‘Serão trazidos em cerrado combate com a besta e sua imagem. Sua única esperança de vida eterna consiste em permanecer firmes. Posto que sua vida esteja em jogo, deverão reter com firmeza a verdade.’

“O terceiro anjo encerra sua mensagem assim: ‘Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.’ Apocalipse 14:12. Ao dizer ele estas palavras, aponta para o santuário celeste. A mente de todos os que abraçam esta mensagem, é dirigida ao lugar santíssimo, onde Jesus está em pé diante da arca, fazendo Sua intercessão final por todos aqueles por quem a misericórdia ainda espera, e pelos que ignorantemente têm violado a lei de Deus.

“Esta expiação é feita tanto pelos justos mortos como pelos justos vivos. Inclui todos os que morreram confiando em Cristo, mas que, não tendo recebido a luz sobre os mandamentos de Deus, têm, por ignorância, pecado, transgredindo seus preceitos.

“Depois que Jesus abriu a porta do lugar santíssimo, viu-se a luz a respeito do sábado, e o povo de Deus foi provado, como o foram os filhos de Israel antigamente, para se ver se guardariam a lei de Deus. Vi o terceiro anjo apontando para cima, mostrando aos desapontados o caminho do lugar santíssimo do santuário celestial. Entrando eles pela fé no lugar santíssimo, encontram a Jesus e a esperança e alegria brotam de novo.

“Vi-os olhar para trás, revendo o passado, desde a proclamação do segundo advento de Jesus, através de sua experiência, até a passagem do tempo em 1844. Vêem eles seu desapontamento explicado, e a alegria e a certeza de novo os animam. O terceiro anjo iluminou o passado, o presente e o futuro, e eles sabem que na verdade Deus os tem guiado por Sua misteriosa providência” (WHITE, 2007e, p. 256 e 257).

“Depois da advertência contra o culto à besta e sua imagem, declara a profecia: ‘Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus.’ Visto os que guardam os mandamentos de Deus serem assim colocados em contraste com os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal, é claro que a guarda da lei de Deus, por um lado, e sua violação, por outro, deverão assinalar a distinção entre os adoradores de Deus e os da besta. O característico especial da besta, e, portanto, de sua imagem, é a violação dos mandamentos de Deus.

“Diz Daniel a respeito da ponta pequena, o papado: ‘Cuidará em mudar os tempos e a lei.’ Daniel 7:25. E Paulo intitulou o mesmo poder ‘o homem do pecado’, que deveria exaltar-se acima de Deus. Uma profecia é o complemento da outra. Unicamente mudando a lei de Deus poderia o papado exaltar-se acima de Deus; quem quer que conscientemente guarde a lei assim modificada, estará a prestar suprema honra ao poder pelo qual se efetuou a mudança. Tal ato de obediência às leis papais seria um sinal de vassalagem ao papa em lugar de Deus” (WHITE, 2013, p. 388 e 389).

“Os adoradores de Deus serão distinguidos especialmente pelo respeito em que têm o quarto mandamento, visto ser esse o sinal do poder criador de Deus e a testemunha do Seu direito de reclamar a reverência e a homenagem do homem. Os ímpios serão distinguidos pelos seus esforços para demolir o monumento comemorativo do Criador e exaltar a instituição de Roma. Na conclusão do conflito toda a cristandade ficará dividida em dois grandes grupos: Os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, e os que adoram a besta e sua imagem e recebem o seu sinal.

“Embora Igreja e Estado unam o seu poder para obrigar a todos, ‘pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’, a que recebam o sinal da besta, o povo de Deus não o receberá. Apocalipse 13:16. O profeta de Patmos contempla ‘os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, ... e o cântico do Cordeiro’. Apocalipse 15:2, 3” (WHITE, 1949, p. 259).

“Precisamente antes do grande dia de Deus, é enviada uma mensagem para exortar o povo a voltar à obediência à lei de Deus, quebrantada pelo anticristo. Por preceito e exemplo devemos chamar a atenção para a brecha feita na lei. Foi mostrado que o terceiro anjo, que proclama os mandamentos e a fé de Jesus (Apocalipse 14:9-14), representa o povo que recebe essa mensagem, e ergue a voz de advertência ao mundo para que guarde os mandamentos de Deus e a Sua lei como a menina dos olhos; e em resposta a esta advertência muitos abraçariam o sábado do Senhor” (WHITE, 1999, p. 79).

“O terceiro anjo a voar pelo meio do céu, e anunciando os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus, representa nossa obra. A mensagem não perde nada de sua força no vôo progressivo do anjo; pois João o vê crescendo em resistência e poder até que a Terra inteira seja iluminada por sua glória. A carreira do povo que guarda os mandamentos de Deus é para a frente, sempre para a frente. A mensagem de verdade que levamos precisa ir a nações, línguas e povos. Ela irá em breve

com grande voz, e a Terra será iluminada com sua glória. Estamos nós nos preparando para este grande derramamento do Espírito de Deus?” (WHITE, 2008d, p. 158).

“Quando começamos a apresentar a luz sobre a questão do sábado, não tínhamos uma idéia bem definida da mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-12. O peso de nosso testemunho enquanto nos achávamos perante o povo era que o grande movimento da volta de Cristo era procedente de Deus; que a primeira e a segunda mensagens haviam sido pregadas e que a terceira devia ser proclamada.

“Vimos que a terceira mensagem se encerrava com estas palavras: ‘Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.’ Apocalipse 14:12. E percebemos com a mesma clareza de agora, que essas palavras proféticas sugeriam a reforma do sábado; mas o que a adoração da besta mencionada na mensagem, ou sobre o que seriam a imagem e o sinal da besta, não tínhamos posição definida.

“Por Seu Santo Espírito, Deus verteu luz sobre Seus servos, e o assunto foi-lhes pouco a pouco aberto à mente. Sua pesquisa exigiu muito estudo e ansiosa atenção, ponto por ponto. Por meio de cuidados, ansiedade e incessante empenho o trabalho progrediu, até as grandes verdades de nossa mensagem, num claro, completo e consolidado todo, serem transmitidas ao mundo” (WHITE, 1999, p. 81).

“Triste é dizê-lo, porém muitos dos seguidores de Miller, crentes no advento, não prestaram atenção às passagens bíblicas que explicavam o seu desapontamento. Milhares decidiram, em vez disso, que haviam estado todos em erro. Desse grupo, alguns renunciaram a toda e qualquer fé, enquanto outros retornaram às suas igrejas de origem e passaram a esperar o regresso de Jesus para após o milênio, e não mais para o início desse mesmo período.

“Outros milhares de crentes do advento decidiram que o erro deles consistiu num erro quanto à forma de se obter o cálculo dos 2.300 dias. Estabeleceram, assim, muitas outras datas para o retorno de Cristo. Este grupo existe ainda hoje, composto por uns 30 mil membros, e é conhecido como Cristãos do Advento [em 2022, a IASD se aproximou dos 22 milhões de membros].

“Outros, entretanto, concluíram que sua compreensão dos 2.300 dias era inquestionável. Ela se achava mui firmemente entrelaçada com as setenta semanas e os eventos relacionados com o primeiro advento de Cristo, para que sequer se pensasse em erro. E este grupo estava com a razão. Os crentes desse terceiro grupo, tendo sua mente comprometida com um amplo estudo da Bíblia, dedicaram crescente atenção ao ministério de Cristo como sumo sacerdote. O movimento mílerita centralizara-se quase que inteiramente em Jesus Cristo — no segundo advento de Cristo, em Cristo como juiz, e em Cristo como nosso único Salvador. Nesse momento, a questão todo-absorvente passou a ser: ‘O que está Cristo fazendo agora?’

“Eles basearam principalmente suas conclusões no estudo de Levítico 16 e 23, e Daniel 8:14. Jesus afasta os pecados. Os crentes desse terceiro grupo tornaram-se mais e mais interessados e atraídos por duas declarações bíblicas referentes ao ministério sumo-sacerdotal de Cristo no lugar santíssimo. A primeira encontra-se em Levítico 16:30 – ‘E sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor.’

“O trabalho do sumo sacerdote durante o Dia da Expição/Dia do Juízo relacionava-se primariamente com a purificação do povo de seus pecados. Esse conceito harmonizava-se perfeitamente com as palavras que há pouco examinamos, em que a noiva se prepara e é vestida com as obras de justiça dos santos.

“O outro texto que foi examinado é o de Apocalipse 11:19, a cena introdutória que focaliza o santuário na divisão que ora estamos estudando (Apocalipse 11:19 a 14:20). Díz este verso: ‘Abriu-se, então, o santuário de Deus que se acha no Céu, e foi vista a arca da aliança no Seu santuário.’ Os

crentes refletiram quanto à viagem sumo-sacerdotal de Cristo em 1844, sobre as nuvens do Céu, em direção ao equivalente celestial do lugar santíssimo terrestre. O lugar santíssimo, no santuário do Velho Testamento, era o lugar de habitação da arca do concerto, a qual possuía em seu interior as tábuas de pedra com os Dez Mandamentos gravados. ‘Pecado é a transgressão da lei.’ I S. João 3:4. A partir daí, esse grupo de crentes raciocinou nos seguintes termos: ‘Se Jesus acha-Se hoje realizando um trabalho especial para limpar Seu povo dos pecados deles, na verdade Ele está efetuando um esforço especial para renovar o nosso interesse por Sua lei!’

“Eles examinaram o texto de Apocalipse 12:17, e perceberam que o povo de Deus do tempo do fim, o verdadeiro ‘remanescente’ da semente da mulher, deveria guardar os mandamentos de Deus. [...] Eles perceberam também, sob uma luz inteiramente nova, que os dois anjos eram sucedidos por um terceiro, e que este anjo adverte contra a marca da besta e também descreve os ‘santos’ de Deus do tempo do fim, exatamente da mesma forma como o faz Apocalipse 12:17, ou seja, como aqueles que guardam os mandamentos de Deus” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 382 e 383).

“Mais ou menos no tempo em que Bates e outros estavam chegando a uma nova compreensão a respeito do ministério de Cristo como Sumo Sacerdote, alguns Batistas do Sétimo Dia falaram com o capitão a respeito do sábado. Eles lhe explicaram que esse dia deve ser observado, não no primeiro dia da semana, como o observava a grande maioria de cristãos devotos, mas no sétimo dia, conforme é ordenado pelos Dez Mandamentos.

“Olhos arregalados de surpresa, José Bates tornou a ler o quarto mandamento. Ele, a exemplo de Miller e a maioria dos demais líderes adventistas, era um devoto observador do domingo. Na qualidade de capitão de navio, ele havia requerido de sua tripulação o descanso e a adoração durante o dia de domingo. Pareceu-lhe que jamais lera antes o mandamento com as seguintes palavras: ‘Lembra-te do dia de sábado para o santificar. ... O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus.’ Êxodo 20:8-10.

“Sendo um homem decidido, Bates assentou em sua mente atender o mandamento, e em breve tornou-se o líder de um pequenino – porém crescente – grupo de adventistas que passaram a guardar o sábado. Ele escreveu um livreto de quarenta e oito páginas, um estudo bíblico intitulado ‘O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo’. A publicação do mesmo ocorreu em agosto de 1846” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 383).

“Enquanto isso, Tiago White também se sacrificava para ajudar a difundir a verdade acerca do sábado. Seu sacrifício supremo foi a prematura deposição da própria vida (aos sessenta anos), como consequência de malária e excesso de trabalho. (A malária era comum na América do Norte durante o século passado.) Jesus dissera: ‘Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos.’ S. João 14:15. Tiago White, Ellen e José Bates certamente amavam a Jesus. Se Ele desejava que guardassem o sábado, eles o fariam sob qualquer custo pessoal.

“Uma das mais desanimadoras provas sobrevindas a Tiago White foi a acusação de que as suas crenças pessoais na verdade eram ‘herdadas’ de sua esposa. O certo é que ele era mais versado, suas bases eram outras. A evidência de que os 2.300 dias findaram em 1844, proveio-lhe de Guilherme Miller (e de muitos outros), com base na Bíblia.

“Evidências de que o juízo começou em 1844, foram captadas por Enoch Jacobs, José Turner e Apollos Hale, baseados na Bíblia.

“A conscientização a respeito do sábado veio a partir de José Bates e dos Batistas do Sétimo Dia, baseados na Bíblia!

“Em 1863, Bates e os White eram líderes de aproximadamente 3.500 crentes irmãos, a maior parte dos quais haviam sido antes membros de outras denominações. Eles regozijavam-se no

conhecimento das três mensagens angélicas e sentiam desejo de expressar seu amor a Deus e a Jesus através da guarda dos Dez Mandamentos de Seu Pai. Não fora inicialmente seu objetivo organizarem-se numa nova denominação, mas o número crescente de membros, as distâncias e a necessidade de possuir uma editora, tornaram a organização inadiável. No dia 21 de maio de 1863, eles constituíram oficialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 385).

“À medida que os primeiros adventistas do sétimo dia prosseguiram estudando a Bíblia, encontraram evidências bíblicas adicionais que apontavam à guarda dos mandamentos e à observância do sábado.

“Por exemplo, eles perceberam (a) que sob o novo concerto, ratificado por Cristo mediante o Seu próprio sangue, o Espírito Santo vem e escreve as leis de Deus em nosso coração. ‘Nas mentes lhas imprimirei as Minhas leis, também no coração lhas inscreverei; Eu serei o Seu Deus, e eles serão o Meu povo.’ Jeremias 31:33. ‘Porei dentro em vós o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, guardeis os Meus juízos e os observeis.’ Ezequiel 36:27.

“Eles também constataram (b) que no grande conflito entre Cristo e Satanás, este emprega o fogo cerrado de suas mentiras contra a lei de Deus. ‘Você não necessita guardar os mandamentos.’ ‘Para o seu próprio bem, você não deve guardá-los.’ ‘Você não é capaz de observá-los.’ Isto é o que o inimigo diz, valendo-se de todos os meios sutis. O dragão, a antiga serpente e Satanás, acha-se ainda plenamente vivo. Os primeiros adventistas do sétimo dia não desejavam ser enganados por ele.

“Eles meditaram muito acerca da morte de Cristo. A cruz não somente ratificou as promessas do concerto; ela também demonstrou (c) que Deus não teve meios para modificar Sua lei. No Getsêmani, Jesus – um homem vigoroso em Seus 33 anos – não sentia disposição natural para morrer. Por três vezes, mergulhado na mais profunda angústia, Ele implorou ao Pai – ‘se for de Tua vontade’ – que fosse removido o ‘cálice’ colocado em Sua presença para ser sorvido. S. Mateus 26:36-44; S. Lucas 22:44.

“Se houvesse qualquer outro meio de salvar-nos, em que não estivesse envolvida a morte de Cristo, Deus certamente teria utilizado tal meio. Se Ele tivesse podido dizer: ‘De qualquer forma, as Minhas leis não são absolutamente perfeitas; irei modificá-las de modo a que se adaptem aos Meus amigos humanos, e assim eles não mais serão culpáveis’, por certo o haveria feito. Nesse caso, não teria havido necessidade de Cristo morrer. Colocar de lado Suas leis teria sido uma forma extremamente mais fácil de Deus perdoar os pecadores, do que entregar Seu Filho à morte.

“Mas o mandamento é ‘santo, justo e bom’. Romanos 7:12. Modificá-lo, torná-lo-ia pecaminoso, injusto e mau. A lei de Deus é amor. Como poderia Ele havê-la modificado? A morte de Cristo ratificou o novo concerto e demonstrou de modo dramático e definitivo a impossibilidade de modificação da lei. A cruz confirmou os mandamentos. O sacrifício de Cristo ajudou a estabelecer o sábado do sétimo dia.

“Todos esses pensamentos perpassavam as mentes dos adventistas do sétimo dia e persuadiram-nos a guardar o sábado, a despeito de prejuízos e inconvenientes pessoais” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 386 e 389).

“Eles crêem que o movimento do advento é o cumprimento da mensagem dos três anjos de Apocalipse 14:6 a 12, e que essa mensagem está desenvolvendo os ‘santos’ ‘remanescentes’ que guardam os mandamentos de Deus. [Muito bom! ‘Desenvolvendo os santos remanescentes’, algo bem diferente de *serem os próprios remanescentes*.] Eles convidam qualquer pessoa, em qualquer lugar, a se unirem a este movimento. Sentem-se eternamente gratos a José Bates e outros que, em meados do século passado, realizaram grandes sacrifícios pessoais por amor a Cristo e em favor da

manutenção do movimento” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 390).

“Há muitas verdades preciosas contidas na Palavra de Deus, mas é a ‘verdade presente’ que o rebanho necessita agora. Tenho visto o perigo de os mensageiros se afastarem dos importantes pontos da verdade presente, para se demorarem em assuntos que não são de molde a unir o rebanho e santificar a alma. Satanás tirará disto toda vantagem possível para prejudicar a Causa. Mas assuntos como o santuário, em conexão com os 2.300 dias, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, são perfeitamente apropriados para esclarecer o passado movimento adventista e mostrar qual é nossa presente posição, estabelecer a fé do vacilante e dar a certeza do glorioso futuro. Esses, tenho frequentemente visto, são os principais assuntos sobre que os mensageiros se devem demorar” (WHITE, 2007e, p. 83).

“Estamos sob o risco de apresentar a mensagem do terceiro anjo de maneira tão indefinida, que ela não cause impressão sobre o povo. Tantos outros interesses aparecem, que a própria mensagem que deveria ser proclamada com poder torna-se insípida e sem expressão. Um equívoco tem ocorrido em nossas reuniões campais. A questão do sábado tem sido abordada, mas não tem sido apresentada como o grande teste para o presente momento. Ao passo que as igrejas professam crer em Cristo, estão violando a lei que o próprio Cristo proclamou no Sinai. O Senhor ordena: ‘Anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados.’ Isaías 58:1. A trombeta precisa dar o som certo” (WHITE, 2004b, p. 60).

Citando Ellen, Nichol e Dorneles (2014, p. 1095 e 1096): “A terceira mensagem angélica cresce em importância ao nos aproximarmos do fim da história da Terra. [...] Deus me apresentou os perigos que ameaçam aqueles a quem foi confiada a sagrada obra de proclamar a terceira mensagem angélica. Eles devem se lembrar de que esta mensagem é da máxima importância para o mundo todo. Precisam pesquisar as Escrituras diligentemente para que possam aprender como guardar-se contra o mistério da iniquidade, que desempenhará uma parte tão importante nas cenas finais da história da Terra.

“Haverá cada vez mais ostentação externa por parte das potências mundanas. Sob diferentes símbolos, Deus apresentou a João o caráter ímpio e a influência sedutora daqueles que se distinguiram pela perseguição a Seu povo. Apocalipse 18 fala da Babilônia mística, que caiu de sua elevada posição para se tornar um poder perseguidor. Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus são objeto da ira desse poder [citado Ap 18:1-8] (Ms 135, 1902)”.

“O Senhor do Céu não enviará Seus juízos destinados a punir a desobediência e transgressão, até que Seus atalaias tenham proclamado Suas advertências. Não encerrará o tempo da graça até que a mensagem seja mais distintamente proclamada. A lei divina deve ser engrandecida; seus reclamos, expostos em seu caráter legítimo e sagrado, para que o povo seja induzido a decidir-se pró ou contra a verdade. Contudo, a obra será abreviada em justiça. A mensagem da justiça de Cristo há de soar desde uma até a outra extremidade da Terra, a fim de preparar o caminho ao Senhor. Esta é a glória de Deus com que será encerrada a mensagem do terceiro anjo” (WHITE, 2008d, p. 340).

“Quando devidamente conduzida, a obra de saúde é uma cunha de penetração, abrindo caminho para que outras verdades alcancem o coração. Quando a mensagem do terceiro anjo for recebida em sua plenitude, a reforma de saúde terá o seu lugar nos concílios dos Campos, no trabalho da igreja, no lar, à mesa e em todos os arranjos do lar. Então o braço direito terá utilidade e protegerá o corpo. Mas embora a obra de saúde tenha o seu lugar na proclamação da mensagem do terceiro anjo, seus advogados não devem de maneira nenhuma procurar que ela tome o lugar da mensagem. Os livros sobre saúde têm sua importância, mas a circulação desses livros é unicamente um dos muitos ramos da grande obra a ser realizada” (WHITE, 2004b, p. 300).

“O terceiro anjo de Apocalipse 14 é representado como voando velozmente pelo meio do céu e clamando: ‘Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.’ Ali é mostrada a verdadeira natureza da obra do povo de Deus. Eles possuem uma mensagem de tão grande importância, que são vistos como voando em sua apresentação ao mundo. Têm nas mãos o Pão da vida para um mundo faminto. O amor de Cristo os constrange. Essa é a última mensagem. Não se lhe segue nada mais; não mais convites de misericórdia a serem dados após essa mensagem ter feito sua obra. Que fé! Que responsabilidade repousa sobre todos, a fim de levarem as palavras do gracioso convite!

“‘E o Espírito e a esposa dizem: Vem! E quem ouve diga: Vem! E quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida.’ Apocalipse 22:17. Quem ouve diga vem. Não apenas os pastores como também o povo. Todos devem unir-se no convite. Não somente por sua profissão, como também em seu caráter e vestuário, todos precisam exercer vitoriosa influência. Todos são provedores do mundo, executores da vontade de Alguém que tem legado sagradas verdades aos homens. Gostaria que todos pudessem sentir a dignidade e a glória do legado a eles dado por Deus” (WHITE, 2004, p. 195).

“Nossa batalha é agressiva. Desfechos tremendos estão perante nós; e mesmo iminentes. Ascendam a Deus as nossas orações para que os quatro anjos ainda retenham os quatro ventos a fim de que não soprem para danificar nem destruir sem que a última advertência haja sido feita ao mundo. Trabalhem, então, em harmonia com as nossas orações. Que nada reduza a força da verdade para este tempo. A verdade presente tem que ser o nosso principal assunto. Deve a mensagem do terceiro anjo realizar a sua obra de separar das igrejas um povo que se decidirá em prol dos princípios da verdade eterna.

“Nossa mensagem é de vida ou morte, e devemos permitir que ela apareça como realmente é, o grande poder de Deus. Devemos apresentá-la em toda a sua força. O Senhor então a tornará eficaz. É nosso privilégio esperar grandes coisas, até mesmo a demonstração do Espírito de Deus. É esse o poder que convencerá e converterá a alma” (WHITE, 2004b, p. 61).

“Os agentes de Deus devem ter zelo santificado, que esteja inteiramente sob o Seu domínio. Tempos tempestuosos sobrevir-nos-ão impetuosamente, e não devemos agir espontaneamente para apressá-los. Sobrevirão tribulações de espécie tal que encaminharão para Deus todos quantos querem ser Seus, e Seus somente. Sem que sejamos provados na fornalha da provação, nós não nos conhecemos, e não se justifica que julguemos o caráter de outrem nem condenemos os que ainda não receberam a luz da mensagem do terceiro anjo” (WHITE, 1949, p. 43).

“Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, a misericórdia não mais pleiteará em favor dos culpados habitantes da Terra. O povo de Deus terá cumprido a sua obra. Recebeu a ‘chuva serôdia’, o ‘refrigério pela presença do Senhor’, e acha-se preparado para a hora probante que diante dele está. No Céu, anjos apressam-se de um lado para o outro. Um anjo que volta da Terra anuncia que a sua obra está feita; o mundo foi submetido à prova final, e todos os que se mostraram fiéis aos preceitos divinos receberam ‘o selo do Deus vivo.’ Cessa então Jesus de interceder no santuário celestial. Levanta as mãos e com grande voz diz: Está feito; e toda a hoste angélica depõe suas coroas, ao fazer Ele o solene aviso. ‘Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.’ Apocalipse 22:11.

“Todos os casos foram decididos para vida ou para morte. Cristo fez expiação por Seu povo, e apagou os seus pecados. O número de Seus súditos completou-se; ‘e o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu’, estão prestes a ser entregues aos herdeiros da salvação, e Jesus deve reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

“Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Naquele tempo terrível

os justos devem viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Removeu-se a restrição que estivera sobre os ímpios, e Satanás tem domínio completo sobre os que finalmente se encontram impenitentes. Terminou a longanimidade de Deus: O mundo rejeitou a Sua misericórdia, desprezou-Lhe o amor, pisando Sua lei. Os ímpios passaram os limites de seu tempo de graça; o Espírito de Deus, persistentemente resistido, foi, por fim, retirado. Desabrigados da graça divina, não têm proteção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final.

“Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade. Um único anjo destruiu todos os primogênitos dos egípcios, enchendo a Terra de pranto. Quando Davi ofendeu a Deus, por contar o povo, um anjo fez aquela terrível destruição pela qual seu pecado foi punido. O mesmo poder destruidor exercido por santos anjos quando Deus ordena, será exercido por anjos maus quando Ele o permitir. Há agora forças preparadas, e que aguardam apenas o consentimento divino para espalharem a desolação por toda parte.

“Os que honram a lei de Deus têm sido acusados de acarretar juízos sobre o mundo, e serão considerados como a causa das terríveis convulsões da Natureza, da contenda e carnificina entre os homens, coisas que estão enchendo a Terra de pavor. O poder que acompanha a última advertência enraiveceu os ímpios; sua cólera acende-se contra todos os que receberam a mensagem, e Satanás incitará a maior intensidade ainda o espírito de ódio e perseguição” (WHITE, 2013, p. 535 e 536).

“A visão de Zacarias, relativa a Josué e ao Anjo, aplica-se com força particular à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação. A igreja remanescente será levada a grande prova e aflição. Os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e suas hostes. Satanás conta o mundo como súdito seu, ele adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas ali está um pequeno grupo que lhe resiste à supremacia. Caso os pudesse desarraigar da Terra, completo seria o seu triunfo.

“Como ele influenciou as nações pagãs para destruir Israel, assim, em próximo futuro há de incitar os ímpios poderes da Terra para destruir o povo de Deus. De todos será exigido que prestem obediência a editos humanos em violação da lei divina. Os que forem fiéis a Deus e ao dever, serão ameaçados, denunciados e proscritos. Serão traídos ‘até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos’. Sua única esperança está na misericórdia de Deus, sua única defesa será a oração.

“Como Josué pleiteou diante do Anjo, assim a igreja remanescente, com coração quebrantado e fervorosa fé, pleiteará o perdão e livramento por meio de Jesus, seu Advogado. Acham-se plenamente cômicos da pecaminosidade de sua vida, vêem sua fraqueza e indignidade, e ao olharem a si mesmos, ficam a ponto de desesperar. O tentador está ao seu lado para os acusar, como esteve ao lado de Josué, para lhe resistir. Aponta às suas vestes imundas, seu caráter defeituoso. Apresenta sua fraqueza e descaminhos, seus pecados de ingratidão, sua dessemelhança de Cristo, a qual desonrou seu Redentor. Esforça-se por assustar a alma com o pensamento de que seu caso não tem esperança, que a mancha de seu pecado jamais será lavada. Tem esperança de assim destruir-lhes a fé, para que cedam a suas tentações, volvam costas à sua aliança com Deus e recebam o sinal da besta.

“Satanás insiste perante Deus com suas acusações contra eles, declarando que por seus pecados perderam o direito à proteção divina, e reclamando o direito de destruí-los como transgressores. Pronuncia-os tão merecedores como ele mesmo, de exclusão do favor de Deus. ‘São estas’, diz ele, ‘as pessoas que hão de tomar meu lugar no Céu e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Embora professem obedecer à lei de Deus, têm porventura guardado os seus preceitos? Não têm sido amantes de si mesmos, mais do que de Deus? Não colocaram seus próprios interesses acima do Seu serviço? Não amaram as coisas do mundo? Eis os pecados que lhes assinalaram a vida. Eis o seu ego-

ísmo, sua maldade, seu ódio uns para com os outros.’

“O povo de Deus tem sido, em muitos respeitos, muito faltoso. Satanás possui um exato conhecimento dos pecados que ele os tentou a cometerem, e apresenta esses pecados como exageradamente graves, declarando: ‘Há de Deus banir-me e aos meus anjos de Sua presença, e contudo recompensar os que são culpados dos mesmos pecados? Não podes, ó Senhor, isso fazer com justiça. Teu trono não se achará baseado em justiça e juízo. A justiça requer que seja pronunciada sentença contra eles.’

“Mas, conquanto os seguidores de Cristo tenham cometido pecado, não se entregaram ao domínio do mal. Abandonaram os pecados e buscaram o Senhor com humildade e contrição, e o Divino Advogado pleiteia em seu favor. Aquele que mais maltratado foi por sua ingratidão, que conhece os seus pecados e também seu arrependimento, declara: ‘O Senhor te repreende, ó Satanás’. Eu dei a vida por essas almas. Acham-se gravadas nas palmas das Minhas mãos.’

“Os assaltos de Satanás são fortes, terríveis os seus enganos; mas os olhos do Senhor estão sobre o Seu povo. Grande é sua aflição, as chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los; mas Jesus os fará sair como ouro provado no fogo. Tem de ser removida sua tendência terrena, a fim de que reflitam perfeitamente a imagem de Cristo; têm de vencer a incredulidade, e desenvolver a fé, esperança e paciência.

“O povo de Deus suspira e geme pelas abominações cometidas na Terra. Com lágrimas advertem os ímpios de seu perigo em pisar a pés a lei divina, e com indescritível pesar humilham-se perante o Senhor, por causa de suas próprias transgressões. Os ímpios escarnecem de sua tristeza, ridicularizam seus solenes apelos e zombam do que chamam sua fraqueza. Mas a angústia e humilhação do povo de Deus é inequívoca evidência de estarem recuperando a força e nobreza de caráter perdidas em consequência do pecado.

“É por se estarem aproximando mais de Cristo, e terem os olhos fitos em Sua pureza perfeita, que discernem tão claramente a grande malignidade do pecado. Sua contrição e humilhação própria são infinitamente mais aceitáveis à vista de Deus, do que o é o espírito presunçoso e altivo dos que não vêem motivo para lamentos, que escarnecem da humildade de Cristo e que pretendem ser perfeitos, ao passo que transgridem a santa lei de Deus.

“Mansidão e humildade de coração são as condições de força e vitória. A coroa de glória aguarda aos que se prostram ao pé da cruz. Bem-aventurados são esses que assim choram, porque serão consolados. Os fiéis e devotos estão, por assim dizer, com Deus, no mesmo recinto. Eles mesmos não sabem quão seguramente se acham escudados. Instados por Satanás, os governantes deste mundo procuram destruí-los; mas pudessem ser abertos os seus olhos, como o foram os do servo de Eliseu em Dotã, e veriam os anjos de Deus acampados em redor deles, e mantendo em xequê as hostes das trevas, por seu fulgor e glória” (WHITE, 2008d, p. 165 – 167).

“Nosso estudo das três mensagens angélicas de Apocalipse 14 salienta que, em vista de tudo que está para acontecer no futuro, nossa única segurança está na paciente confiança no Senhor Jesus Cristo e na rigorosa obediência a Sua vontade, ao vivermos diariamente pela fé nEle” (COFFMAN, 1989, p. 104).

“A Bíblia dá a entender que o julgamento dos vivos ocorrerá no auge do conflito final a respeito da lei de Deus – o conflito do selo de Deus contra o sinal da besta. Quando, diante de penalidades civis impostas pela confederação político-religiosa da terra, a última geração que viver no mundo deparar com a prova de desobedecer a Deus observando o sinal da besta, terão de ser tomadas decisões de vida ou morte. A última geração terá de escolher entre o Estado e Deus, entre os critérios dos homens e os critérios de Deus. Parece lógico que, então, os que optarem pelo sinal da besta serão julgados, com base nessa decisão. Os que decidirem permanecer leais a Deus serão sela-

dos no juízo como leis a Ele. O juízo terminará assim na última geração viva (Apoc. 22:11 e 12)” (COFFMAN, 1989, p. 105).

“Em um momento crítico da história, quando ‘a grande Babilônia’ prevalecer sobre o Estado para impor a obrigatoriedade da observância do domingo por meio de decretos e leis civis, o povo remanescente de Deus permanecerá leal aos mandamentos divinos. Como resultado da solene advertência das três mensagens angélicas, surgirá um remanescente fiel a Deus. Eles são ‘os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus’ (Apocalipse 14: 12).

“Por causa do pecado nos tornamos totalmente impossibilitados de alcançar o padrão de justiça divina (Romanos 8:7), porém, mediante a graça de Jesus e Sua obra recriadora (2 Coríntios 5:17), o homem é restaurado à imagem divina e habilitado a ser fiel e obediente a Deus (Filipenses 2:13). Portanto, o povo remanescente é caracterizado por sua fé inabalável em Jesus, perseverança e obediência aos Seus mandamentos” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 54).

Anderson e Trezza (1988, p. 179 e 180) colocam o aparecimento de Satanás disfarçado de Jesus, simulando Sua segunda vinda, como a maior contrafação já realizada pelo anjo caído e a ser realizada nesse período da pregação da terceira e última mensagem de Deus – antes das sete últimas pragas, do decreto de morte; antes mesmo do decreto dominical: “O maior engano de todos os tempos está ainda para ser encenado, e ocorrerá antes do aparecimento de nosso Senhor, quando Satanás enganará o mundo todo ‘com todos os sinais e prodígios de mentira’. Os que não derem ouvidos à mensagem de Deus, serão apanhados pelo engano, e na verdade irão crer ‘na mentira’. II Tes. 2:9-11”.

“Tão grande seria o engano que, se possível, até os escolhidos. S. Mat. 24:24. Mas estes não serão enganados, porque, visto amarem a verdade, fortificaram-se pela Palavra de Deus, e serão capazes de resistir ao engano. Efés. 6:10-17. O diabo está mesmo agora lançando um véu sobre as nações Isa. 25:7. Ele está pondo no queixo dos povos ‘um freio de fazer errar’ (Isa.28:17), e os homens estão fazendo da mentira o seu refúgio (Isa. 28:17). ‘O próprio Satanás se transforma em anjos de luz.’ II Cor. 11:14. São espíritos de demônios que vão aos reis da Terra e a todo mundo.

A partir daqui eles citam Ellen G. White (2013, p. 544 e 545): “O apóstolo João ouviu em visão uma grande voz no Céu, exclamando: ‘Ai dos que habitam na Terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.’ Apocalipse 12:12. Terríveis são as cenas que provocam esta exclamação da voz celestial. A ira de Satanás aumenta à medida em que o tempo se abrevia, e sua obra de engano e destruição atingirá o auge no tempo de angústia. Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios, operadores de prodígios.

“Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu. Mediante estes agentes, serão enganados tanto governantes como súditos. Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo e reclamando o título e culto que pertencem ao Redentor do mundo. Efetuarão maravilhosos prodígios de cura, afirmando terem recebido do Céu revelações que contradizem o testemunho das Escrituras.

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem há muito tempo professado considerar o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Em várias partes da Terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus dada por João no Apocalipse (cap. 1:13-15). A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: ‘Cristo veio! Cristo veio!’ O povo se prostra em adoração diante dele,

enquanto este ergue as mãos e sobre eles pronuncia uma bênção, assim como Cristo abençoava Seus discípulos quando aqui na Terra esteve.

“Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom manso e compassivo apresenta algumas das mesmas verdades celestiais e cheias de graça que o Salvador proferia; cura as moléstias do povo, e então, em seu pretensível caráter de Cristo, alega ter mudado o sábado para o domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. Declara que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de Seu nome, pela recusa de ouvirem Seus anjos à eles enviados com a luz e a verdade. É este o poderoso engano, quase invencível.

“Semelhantes aos samaritanos que foram enganados por Simão Mago, as multidões, desde o menor até o maior, dão crédito a esses enganados, dizendo: ‘Esta é a grande virtude de Deus.’ Atos 8:10.

“Mas o povo de Deus não será desencaminhado. Os ensinamentos deste falso cristo não estão de acordo com as Escrituras. Sua bênção é pronunciada sobre os adoradores da besta e de sua imagem, a mesma classe sobre a qual a Bíblia declara que a ira de Deus, sem mistura, será derramada. E, demais, não será permitido a Satanás imitar a maneira do advento de Cristo.

“O Salvador advertiu Seu povo contra o engano neste ponto, e predisse claramente o modo de Sua segunda vinda. ‘Surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. ... Portanto se vos disserem: Eis que Ele está no deserto, não saiais; eis que Ele está no interior da casa, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra até ao Ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem.’ Mateus 24:24-27.

“Não há possibilidade de ser imitada esta vinda. Será conhecida universalmente, testemunhada pelo mundo inteiro. Apenas os que forem diligentes estudantes das Escrituras, e receberem o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganados que dominam o mundo. Pelo testemunho da Bíblia estes surpreenderão o enganador em seu disfarce”.

14.13 Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.

Eu, João, também ouvi esses últimos mensageiros humanos comprometidos com a Bíblia e protegidos por Deus, inspirados pelo próprio Deus Espírito Santo. Eles garantiam aos filhos de Deus, mártires vítimas dos EUA “evangélico”, sócia do catolicismo romano medieval perseguidor, torturador e assassino, que eles estavam descansando pelo fato de terem cumprido fielmente sua missão em sua época! O terceiro anjo que representava esses mensageiros me pediu para escrever isto, e eu escrevi. O Espírito Santo também. Todos os que morrerem naquela época, sejam idosos que foram selados por Deus, fiéis ao sábado do 4º mandamento moral, ou crianças e outras pessoas que serão poupadas da terrível perseguição católico-evangélico-política mundial; bem como os que morrerem assassinados por essa coalizão, por não se deixarem levar pela pressão dominical, sim, eles descansarão e serão felizes por não receberem a marca dominical da rebelião! E mesmo mortos, seu comportamento fiel aos mandamentos de Deus e resistente ao sofrimento, influenciará a muitos que estavam para receber a marca dominical, mas escolherão acompanhar os mártires de Cristo! Eles são considerados felizes também porque serão ressuscitados, momentos antes da volta de Jesus, para verem o cumprimento da promessa pela qual preferiram morrer do que dar as costas.

“Apocalipse 14:13 é uma das sete bem-aventuranças no livro do Apocalipse (1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7 e 14). Refere-se aos santos descritos no verso 12 e aponta para a ceifa nos versos que se seguem” (COFFMAN, 1989, p. 110).

“**desde agora.** Aqueles que morrem neste contexto (14:6-12) não precisarão passar pelas

provações dos eventos finais. Mas isso pode ser um reflexo da perseguição de 13:15” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“O contexto aqui é a proclamação da terceira mensagem angélica que será feita em meio à fúria do dragão, enfrentando perseguições e mesmo a morte. Os bem-aventurados do verso 13 são os mártires que fazem parte dos santos dos últimos dias descritos no verso 12, que ‘guardam os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus’” (RAMOS, 2006, p. 338).

“‘Desde agora’ deve significar desde um momento particular. Que momento? Evidentemente desde o começo da mensagem em relação à qual se diz isso. Mas, por que são bem-aventurados os que morrem desde esse momento? Deve haver algum motivo especial para sobre eles ser pronunciada esta bênção. Não será porque escapam ao tempo de terrível perigo que os santos têm de enfrentar ao terminarem a sua peregrinação? Embora são assim abençoados em comum com todos os justos mortos, têm uma vantagem sobre eles por constituírem, sem dúvida, aquele grupo que ressuscitará para a vida eterna na ressurreição especial de Daniel 12:2” (SMITH, 1979, p. 292).

“Estas palavras identificam o período de tempo geral durante o qual morrem esses santos. É o mesmo espaço de tempo abrangido pelas mensagens dos três anjos, ou de 1844 em diante. Eles descansam até haver passado o tempo de angústia. [...] Visto que essa bênção é proferida imediatamente após a mensagem do terceiro anjo, a expressão ‘desde agora’ parece referir-se aos que aceitam essa mensagem especial que os prepara para a vinda de Cristo, mas morrem antes de Seu advento” (COFFMAN, 1989, p. 111).

“‘O Senhor “não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens’. Lamentações 3:33. ‘Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor Se compadece daqueles que O temem.’ Salmos 103:13. Conhece Ele o nosso coração, pois lê todos os segredos da alma. Ele sabe se aqueles em favor de quem se fazem petições seriam capazes de suportar a aflição e a prova que sobre eles viria caso vissem. Conhece o fim desde o princípio. Muitos serão levados a repousar antes que a prova de fogo do tempo de tribulação venha sobre o nosso mundo. Essa é outra razão por que deveríamos dizer no fim de nossa fervorosa petição: ‘Todavia não se faça a Minha vontade, mas a Tua.’ Lucas 22:42. Tal súplica jamais será registrada no Céu como uma oração falta de fé.

“Ao apóstolo foi ordenado escrever: ‘Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam.’ Apocalipse 14:13. De acordo com isso, podemos notar que nem todos devem restabelecer-se; e se não recobram a saúde, não devem ser julgados indignos da vida eterna. Se Jesus, o Redentor do mundo orou: ‘Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice’, e aduziu: ‘Todavia, não seja como Eu quero, mas como Tu queres’ (Mateus 26:39), quão apropriado é que os seres finitos façam a mesma entrega à sabedoria e vontade de Deus!” (WHITE, 2007a, p. 407).

“Lembra-vos da profecia: ‘Assim diz o Senhor: Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação, choro amargo; Raquel chora seus filhos, sem admitir consolação por eles. ... Assim diz o Senhor: Reprime a tua voz de choro, e as lágrimas de teus olhos; porque há galardão para o teu trabalho, diz o Senhor, pois eles voltarão da terra do inimigo. E há esperança no derradeiro fim para os teus descendentes, diz o Senhor, porque teus filhos voltarão para os seus termos.’ Jeremias 31:15-17. Esta promessa vos pertence. Podeis confortar-vos e confiar no Senhor. O Senhor muitas vezes me instruiu de que muitos pequeninos hão de ser removidos antes do tempo de angústia. Havemos de ver de novo nossos filhos. Havemos de encontrar-nos com eles e reconhecê-los nas cortes celestes. Ponde vossa confiança no Senhor, e não temais” (WHITE, 2008b, p. 255).

“***as suas obras os acompanham.*** Sua salvação está garantida (ver 1Tm 5:24, 25)” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“Os justos serão tidos em memória eterna. [...] Os que morrem em Cristo antes de Sua volta

experimentam um descanso temporário. Mesmo na morte, sua vida piedosa e boas obras continuam a dar testemunho da fé. Enquanto dormem tranqüilamente na sepultura, sua vida passada exorta muitos que ainda vivem a decidirem-se por Cristo e pela eternidade” (COFFMAN, 1989, p. 110).

“Quando um homem morre, com ele não morre sua influência; ela continua a viver, reproduzindo-se. A influência do homem que era bom, puro e santo, continua a viver depois de sua morte, como o brilho do sol poente lança as suas glórias através dos céus, iluminando os picos das montanhas muito depois de haver o Sol mergulhado atrás da colina. Assim refletirão sua luz as obras do que é puro, santo e bom, quando ele não mais viver para falar e agir por si mesmo. Suas obras, suas palavras, seu exemplo, viverão para sempre. ‘O justo ficará em memória eterna.’ [Sl 112.6].

“Mas que contraste com isto apresenta a vida dos que são terrenos, sensuais, diabólicos! Transigiu-se com o prazer sensual. À luz do Juízo, o homem aparece como é, despido das vestes do Céu. Aparece diante dos outros como é à vista de um Deus santo. Pense seriamente cada um de nós se as obras que nos seguirão serão a luz suave do Céu, ou as sombras das trevas, ou se o legado que transmitimos à posteridade é de bênçãos ou maldições” (WHITE, 2008c, p. 358 e 359).

“Deus diz em Apocalipse 6:11 que o número dos mártires ainda não se completou: ‘E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram’ (Apoc. 6:11). Os santos mártires formam uma classe distinta, o quinto selo, embora também pertençam ao grupo dos salvos representados pelo cavalo branco. Existe um selo exclusivo para eles e são colocados em destaque” (RAMOS, 2006, p. 338).

O autor acima, passa a citar Ellen G. White (2013, p. 579, negrito acrescentado):

“Mais próximo do trono estão os que já foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com devoção profunda, intensa. Em seguida estão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio de falsidade e incredulidade, os que honraram a lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, **e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires pela sua fé.** E além está a ‘multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, ... trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos.’” Apocalipse 7:9.”

Samuel Ramos (2006, p. 339), então, prossegue: “Nesta descrição, Ellen G. White identifica alguns grupos especiais, entre eles, os mártires do quinto Selo. Os mártires serão os únicos a possuírem a cor vermelha na borda de suas vestes.”

“No trajeto encontramos uma multidão que também contemplava as belezas do lugar. Notei a cor vermelha na borda de suas vestes, o brilho das coroas e a alvura puríssima dos vestidos. Quando os saudamos, perguntei a Jesus quem eram eles. Disse que eram mártires que por Ele haviam sido mortos. Com eles estava uma inumerável multidão de crianças que tinham também uma orla vermelha em suas vestes” (WHITE, 2007e, p. 42).

“Após o fechamento da porta da graça não haverá mais mártires, nenhum dos filhos de Deus morrerá no período das Sete Pragas. Todavia, no período de angústia que precede o fechamento da porta da graça, enquanto ainda existe graça e salvação, Deus permitirá que alguns dos santos selem a vida como mártires, para que, mediante o testemunho deles, outros ainda se salvem” (RAMOS, 2006, p. 339).

“Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade. ... Não sereis tentados acima do que sois

capazes de suportar. Jesus suportou tudo isso e muito mais” (WHITE, 2007c, p. 374).

“A grande lista dos mártires começou com Abel, e se estende por toda a Bíblia, incluindo nomes como o de Isaías, Jeremias, João Batista, Pedro, Paulo, Tiago, Estevão, os milhares de cristãos lançados às feras, ou queimados vivos nos primeiros séculos. Fazem parte, também, desse grupo, nomes como os de João Huss, Jerônimo, milhares dos Lolardos, milhares dos Valdenses e Huguenotes, e outros milhares que ainda morrerão como mártires no período em que a besta de Apoc. 13:1-4 voltar a reinar sobre a terra” (RAMOS, 2006, p. 340).

“O cumprimento final do quinto Selo, o julgamento dos mártires, tem a ver com o período de perseguição e morte que virá após o Decreto Dominical, e, neste mesmo tempo, iniciar-se-á o Selamento do sexto Selo, isto é, o Julgamento dos Vivos. [O autor está correto, pois o selamento dos salvos ocorre no sexto selo! Basta perceber que Apocalipse 7 está no sexto selo.] Biblicamente, Selamento e Julgamento são equivalentes. No momento em que estiver sendo proclamado o Alto Clamor e a grande multidão, os conversos da hora undécima, estiver saindo de Babilônia e se posicionando ao lado dos que guardam os mandamentos de Deus, nesse tempo ainda existirão mártires. Deus não permitiria que seus filhos morressem como mártires se não fosse com o propósito de converter outros” (RAMOS, 2006, p. 341).

De fato, os bem-aventurados mortos ocorrem até certo momento, até após do decreto dominical e antes do decreto de morte. Após este último decreto demoníaco, não existirão mais mártires. Nenhum salvo morrerá! Estarão sentenciados à morte pela serpente e sua falsa Igreja, e pelo Estado. Mas, também estarão sentenciados pelo Juiz, cujo julgamento estará terminado, à vida eterna!

“Os olhos de Deus, vendo através dos séculos, fixaram-se na crise que Seu povo deve enfrentar quando os poderes terrestres contra ele se dispuserem. Como o exilado cativo, estarão receosos da morte pela fome, ou pela violência. Mas o Santo, que diante de Israel dividiu o Mar Vermelho, manifestará Seu grande poder, libertando-o do cativo. ‘Eles serão Meus, diz o Senhor dos exércitos, naquele dia que farei serão para Mim particular tesouro; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho, que o serve. Malaquias 3:17.

“Se o sangue das fiéis testemunhas de Cristo fosse derramado nessa ocasião, não seria como o sangue dos mártires, qual semente lançada a fim de produzir uma colheita para Deus. Sua fidelidade não seria testemunho para convencer outros da verdade; pois que o coração endurecido rebateu as ondas de misericórdia até não mais voltarem.

“Se os justos fossem agora abandonados para caírem como presa de seus inimigos, seria um triunfo para o príncipe das trevas. Diz o salmista: ‘No dia da adversidade me esconderá no Seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo me esconderá.’ Salmos 27:5. Cristo falou: ‘Vai, pois, povo Meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Porque eis que o Senhor sairá do Seu lugar, para castigar os moradores da Terra, por causa da sua iniquidade.’ Isaías 26:20, 21.

“Glorioso será o livramento dos que pacientemente esperaram pela Sua vinda, e cujos nomes estão escritos no livro da vida” (WHITE, 2013, p. 552 e 553).

“Os bem-aventurados do verso 13 também podem ser vistos como todos os santos de Deus que morreram de 1844 em diante, estes alcançarão a bênção de uma ressurreição especial, antes da volta de Jesus. Eles verão a Lei de Deus estampada no céu, e ouvirão a voz de Deus declarando o seu concerto de paz com seus filhos. Eles também ouvirão a voz de Deus declarando o dia e a hora da volta de Jesus. Estes santos ressuscitados, glorificados, serão um conforto e apoio aos sofridos filhos de Deus que estão atravessando o período das Sete Pragas e estão sendo sentenciados à morte. Que glorioso momento será este quando os filhos de Deus na hora mais probante, tiverem a companhia dos pioneiros da igreja remanescente, para juntos aguardarem a manifestação de Jesus em

glória e majestade” (RAMOS, 2006, p. 341 e 342).

O autor, adventista do sétimo dia, manifesta sua crença de que a IASD é a igreja remanescente, mesmo isso contradizendo o que ele mesmo escreveu antes, de que os 1440.000 são os remanescentes de Ap 12.17. Mas, a despeito disso, a outra crença a respeito de uma ressurreição prévia, como relatada pelo profeta Daniel 12.1 e 2, parece estar correta.

“Abrem-se sepulturas, e ‘muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.’ Daniel 12:2. Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua lei. ‘Os mesmos que O traspassaram’ (Apocalipse 1:7), os que zombaram e escarneceram da agonia de Cristo, e os mais acérrimos inimigos de Sua verdade e povo, ressuscitam para contemplá-Lo em Sua glória, e ver a honra conferida aos fiéis e obedientes” (WHITE, 2013, p 556).

“Houve um grande terremoto. As sepulturas se abriram e os que haviam morrido na fé da mensagem do terceiro anjo, guardando o sábado, saíram de seus leitos de pó, glorificados, para ouvir o concerto de paz que Deus deveria fazer com os que tinham guardado a Sua lei. O Céu abria-se e fechava-se, e estava em comoção. As montanhas tremiam como uma vara ao vento, e lançavam por todos os lados pedras anfractuosas. O mar fervia como uma panela e lançava pedras sobre a terra. E, falando Deus o dia e a hora da vinda de Jesus, e declarando o concerto eterno com o Seu povo, proferia uma sentença e então silenciava, enquanto as palavras estavam a repercutir pela Terra.

“O Israel de Deus permanecia com os olhos fixos para cima, ouvindo as palavras enquanto elas vinham da boca de Jeová e ressoavam pela Terra como estrondos do mais forte trovão. Era terrivelmente solene. No fim de cada sentença os santos aclamavam: ‘Glória! Aleluia!’ Seus rostos iluminavam-se com a glória de Deus, e resplandeciam de glória como fazia o de Moisés quando desceu do Sinai. Os ímpios não podiam olhar para eles por causa da glória. E, quando a interminável bênção foi pronunciada sobre os que haviam honrado a Deus santificando o Seu sábado, houve uma grande aclamação de vitória sobre a besta e sua imagem” (WHITE, 2008a, p. 322).

14.14 Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Logo em seguida, eu, João, testemunhei a volta de Jesus, o cumprimento da mais aguardada de todas as promessas da Bíblia! Ele veio sobre uma nuvem do mesmo jeito que Ele subiu ao Céu (cf. At 1.11). Em lugar da coroa de espinhos que o dragão lhe impôs, Ele tinha sobre Sua cabeça uma coroa de vitória sobre a serpente! E O vi vindo cumprir Sua promessa de buscar Seus filhos fiéis, tanto os que haviam descansado quanto os vivos que ainda estavam sendo perseguidos pelo dragão. Mas, não somente isso. Vi o Senhor Jesus destruindo os falsos filhos de Deus, a descendência da serpente, usada por ela para maltratar Seus filhos legítimos.

“A natureza das três mensagens angélicas e o fato de serem seguidas pelo retorno de Jesus mostram que elas consistem na mensagem final de Deus para advertir o mundo” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 924).

“A imagem da *ceifa*, como a da *vindima* (cf. vv. 18-20), é frequente para evocar o julgamento escatológico. Cf. p. ex., I63,3; Jl 4,13; Mt 13,39” (ECUMÊNICA, 1994).

“A fim de preparar um povo para estar em pé no dia de Deus, deveria realizar-se uma grande obra de reforma. Deus viu que muitos dentre Seu povo professo não estavam edificando para a eternidade, e em Sua misericórdia estava prestes a enviar uma mensagem de advertência a fim de despertá-los de seu torpor e levá-los a preparar-se para a vinda de Jesus. Esta advertência, temo-la em Apocalipse 14. Apresenta-se-nos ali uma tríplice mensagem como sendo proclamada por seres celestiais, e imediatamente seguida pela vinda do Filho do homem para recolher a colheita da Terra”

(WHITE, 2013, p. 271).

“É chegada a hora da grande colheita da terra. Na seqüência das festas sagradas do Santuário (Lev.23:4-44) [...], depois do Dia da Expição, isto é, o Juízo Investigativo, vem a última e a mais jubilosa de todas as festas, a Festa da Colheita que durava sete dias. O Juízo Investigativo, que começou pelos mortos em 1844, passará para os vivos após a emissão do Decreto Dominical. Este é o tempo do Selamento do povo de Deus com o Selo do Deus Vivo, e o selamento dos ímpios com o selo da besta. [...] A maior de todas as conversões ocorrerá exatamente neste tempo, quando a mensagem dos três anjos será proclamada de uma forma compacta e poderosa na voz do quarto anjo de Apocalipse 18:4 ‘Sai dela, povo meu.’

“Uma multidão que ninguém pode contar faz a sua decisão ao lado de Jesus e une-se aos que guardam os mandamentos de Deus, e então são selados. Somente então Jesus levantará Sua mão e lançará o incensário sobre a terra: ‘E o Anjo (Jesus) tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra’ (Apoc. 8:5). Finda-se assim a intercessão de Jesus e a porta da graça é fechada. Na visão dada a João no capítulo 14:14-20 de Apocalipse, a próxima cena é uma antecipação da grande Festa das Colheitas que vai ocorrer depois das pragas de Apocalipse 16, por ocasião da segunda vinda de Jesus” (RAMOS, 2006, p. 345 e 346).

“Os crentes fiéis olharão para cima, a fim de ver Jesus vindo nas nuvens. Atos 1:11 apresenta mais claramente o significado da expressão usada. As nuvens de Sua ascensão consistiram do ‘carro de nuvem de anjos’ (O Desejado de Todas as Nações, pág. 795). Dois desses anjos detiveram-se durante alguns momentos para dizer aos discípulos que olhavam para cima que Jesus ‘virá do modo como O vistes subir’.

“Cristo, o ‘Filho do Homem’ – Jesus é descrito como sendo semelhante a um membro da família humana. Embora tenha agora um corpo glorificado, Cristo ainda é reconhecido como membro da raça humana” (COFFMAN, 1989, p. 112).

“A mais bela descrição do segundo advento de nosso Salvador encontra-se em Apoc.14:14. Circundado por uma nuvem de anjos, a fronte adomada com uma coroa de ouro, tendo na mão uma foice aguda, Ele vem para ceifar a seara da Terra. Jesus, em Sua parábola do trigo e do joio (S. Mat. 13:24-30), deu ênfase a esta ceifa e declarou que a boa semente representava os filhos do reino” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 181 e 182).

“Só no Novo Testamento há 318 vezes a promessa da segunda vinda de Cristo. Entre inúmeras vezes referidas, afirma S. Paulo que Êle ‘aparecerá segunda vez, ... aos que O esperam para a salvação’ (Hb 9:28). Sim, os que O esperam devem estar preparando-se acuradamente para a grande transladação com Êle (Mt 24:31). Maravilhoso acontecimento; o mais estupendo da história” (MELLO, 1959, p. 449).

“**Coroa.** Do gr. *stephanos*, ‘guirlanda’, ‘coroa’ de vitória, neste caso (ver com. de Ap 12:3). A coroa de ouro pode ser contrastada com a ‘coroa[*stephanos*] de espinhos’ (Mt 27:29)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 924).

“A ‘coroa de ouro’ é confeccionada com folhas de ouro (para uma comparação com a coroa do rei, ver notas em 2.10; 12.3). A foice israelita, usada para cortar os grãos, consistia numa lâmina de seixo ou de ferro fixada numa haste curva de madeira ou de osso (ver nota em Mc 4.29)” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“A coroa de ouro que Lhe dera o Pai forma um flagrante contraste com a de espinhos que Lhe deram os homens, na terra, para zombarem de Sua futura realeza. Êstes mesmos vê-Lo-ão um dia vindo coroado com coroa de ouro e lembrarão pasmados o aviltante ato de O terem coroado com uma coroa de zombaria — de espinhos” (MELLO, 1959, p. 449).

“É chegada a hora da grande colheita da terra. Na seqüência das festas sagradas do Santuário

(Lev. 23:4-44), depois do Dia da Expição, isto é, o Juízo Investigativo, vem a última e a mais jubilosa de todas as festas, a Festa da Colheita que durava sete dias. O Juízo Investigativo, que começou pelos mortos em 1844, passará para os vivos após a emissão do Decreto Dominical. Este é o tempo do Selamento do povo de Deus com o Selo do Deus Vivo, e o selamento dos ímpios com o selo da besta” (RAMOS, 2006, p. 343).

“A maior de todas as conversões ocorrerá exatamente neste tempo, quando a mensagem dos três anjos será proclamada de uma forma compacta e poderosa na voz do quarto anjo de Apocalipse 18:4 ‘Sai dela, povo meu.’ Uma multidão que ninguém pode contar faz a sua decisão ao lado de Jesus e une-se aos que guardam os mandamentos de Deus, e então são selados. Somente então Jesus levantará Sua mão e lançará o incensário sobre a terra: ‘E o Anjo (Jesus) tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra’” (Apoc. 8:5).

“Finda-se assim a intercessão de Jesus e a porta da graça é fechada. Na visão dada a João no capítulo 14:14-20 de Apocalipse, a próxima cena é uma antecipação da grande Festa das Colheitas que vai ocorrer depois das pragas de Apocalipse 16, por ocasião da segunda vinda de Jesus. Jesus aparece de forma majestosa e vitoriosa, assentado sobre a nuvem e tendo na Sua mão uma foice aguda. Este é um símbolo da colheita do último dia que separará o joio do trigo” (RAMOS, 2006, p. 344).

“Os 144.000 estavam todos selados e perfeitamente unidos. Em sua testa estava escrito: ‘Deus, Nova Jerusalém’, e tinham uma estrela gloriosa que continha o novo nome de Jesus. Por causa de nosso estado feliz e santo, os ímpios enraivecera-se e arremeteram violentamente para lançar mão de nós, a fim de lançar-nos à prisão, quando estendemos a mão em nome do Senhor e eles caíram inermes ao chão. Foi então que a sinagoga de Satanás conheceu que Deus nos havia amado a nós, que lavávamos os pés uns aos outros e saudávamos os irmãos com ósculo santo; e adoraram a nossos pés.

“Logo nossos olhares foram dirigidos ao oriente, pois aparecera uma nuvenzinha aproximadamente do tamanho da metade da mão de homem, a qual todos nós soubemos ser o sinal do Filho do homem. Todos nós em silêncio solene olhávamos a nuvem que se aproximava e se tornava mais e mais clara e esplendente, até converter-se numa grande nuvem branca.

“A parte inferior tinha aparência de fogo; o arco-íris estava sobre a nuvem, enquanto em redor dela se achavam dez milhares de anjos, entoando um cântico agradabilíssimo; e sobre ela estava sentado o Filho do homem. Os cabelos, brancos e anelados, caíam-Lhe sobre os ombros; e sobre a cabeça tinha muitas coroas. Os pés tinham a aparência de fogo; em Sua destra trazia uma foice aguda e na mão esquerda, uma trombeta de prata. Seus olhos eram como chamas de fogo, que profundamente penetravam Seus filhos.

“Todos os rostos empalideceram; e o daqueles a quem Deus havia rejeitado se tornaram negros. Todos nós exclamamos então: ‘Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?’ Então os anjos cessaram de cantar, e houve algum tempo de terrível silêncio, quando Jesus falou: ‘Aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta.’

“Com isto nos iluminou o rosto e encheu de alegria o coração. E os anjos tocaram mais fortemente e tornaram a cantar, enquanto a nuvem mais se aproximava da Terra. Então a trombeta de prata de Jesus soou, ao descer Ele sobre a nuvem, envolto em labaredas de fogo. Olhou para as sepulturas dos santos que dormiam, ergueu então os olhos e mãos ao céu, e exclamou: ‘Despertai! despertai! despertai, vós que dormis no pó, e levantai-vos!’ Houve um forte terremoto. As sepulturas se abriram, e os mortos saíram revestidos de imortalidade.

“Os 144.000 clamaram ‘Aleluia!’, quando reconheceram os amigos que deles tinham sido

separados pela morte, e no mesmo instante fomos transformados e arrebatados juntamente com eles para encontrar o Senhor nos ares. Todos nós entramos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro, aonde Jesus trouxe as coroas, e com Sua própria destra as colocou sobre nossa cabeça” (WHITE, 2007e, p. 39 e 40).

14.15 Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu!

O julgamento no Santuário celestial já havia terminado, e os assessores judiciais, representados por um anjo, apoiavam a Jesus em Sua obra de resgate aqui na Terra, em Seu segundo advento. Todos eles já sabiam de antemão quem aceitou e quem rejeitou a graça de Deus. E eles pediram a Jesus para que a sentença do juízo seja executada à risca: aqueles que aceitaram a oferta de salvação divina, passaram pelo processo educacional, cresceram e amadureceram ao longo de suas vidas, e deram provas disso através de seus frutos – caráter e comportamento, os padrões de existência do Criador –, esses seriam colhidos pelo Senhor Jesus e recolhidos ao celeiro celestial, pois não pertenciam a esse planeta caído! Essa também é a oração, esse é o clamor dos 144.000, os salvos vivos, a igreja remanescente, que sobreviveu às sete últimas pragas e está sendo acossada pelos filhos do dragão.

“Cristo está no centro da profecia das duas ceifas. Ele é o grande Ceifeiro na colheita final da Terra” (COFFMAN, 1989, p. 110).

“Deve notar-se que nessa cadeia profética três anjos precedem o Filho do homem na nuvem branca e três são apresentados depois daquele símbolo. Já expressamos a opinião de que anjos literais participam nas cenas descritas. Os primeiros três têm o encargo das três mensagens especiais. Eles podem também simbolizar um corpo de ensinadores religiosos. A mensagem do versículo 15 deve evidentemente ser proclamada depois de o Filho do homem, terminada a Sua obra sacerdotal, tomar o lugar sobre a nuvem branca, mas antes de aparecer nas nuvens do céu.

“Como a linguagem é dirigida Àquele que está assentado sobre a nuvem branca, tendo em Sua mão uma foice aguda pronta para ceifar, deve significar uma mensagem de oração por parte da igreja, depois de concluída a sua obra em favor do mundo e já acabou o tempo de graça, e só falta que o Senhor apareça e leve o Seu povo para Si.

“É este, sem dúvida, o clamor de dia e de noite, de que fala nosso Senhor em Lucas 18:7, 8 em relação com a vinda do Filho do homem. E esta oração será respondida. Os eleitos serão vingados, pois diz a parábola: ‘Deus não fará justiça aos Seus escolhidos, que clamam a Ele de dia e de noite?’ O que está assentado sobre a nuvem brandirá Sua foice, e os santos, sob a figura do trigo da terra, serão ceifados para o celeiro celeste” (SMITH, 1979, p. 292 e 293).

“Se Jesus ainda não veio, é porque a Sua seara ainda não está completamente madura” (MELLO, 1959, p. 450).

“Na Palestina, as chuvas temporãs preparam o solo para a sementeira, e as serôdias amadurecem o grão para a colheita. Assim, o primeiro derramamento do Espírito preparou o mundo para a extensa sementeira da semente evangélica, o derramamento final virá para amadurecer o áureo grão para a ceifa da Terra, que Cristo diz ser ‘o fim do mundo.’ S. Mat. 13:37-39; Apoc. 14:14 e 15” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 160).

“A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a igreja para a vinda do Filho do homem. Mas a menos que a chuva temporã haja caído, não haverá vida; a ramagem verde não brotará. Se a chuva temporã não fizer seu trabalho, a serôdia não desenvolverá a semente até a perfeição. Deve haver ‘primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga’ [Mc 4.28].

“Deve haver um desenvolvimento constante das virtudes cristãs, um avanço constante na experiência cristã. Isso devemos nós buscar com intenso desejo, para que possamos adornar a dou-

trina de Cristo, o nosso Salvador. Muitos têm em grande medida deixado de receber a chuva temporã. Não têm obtido todos os benefícios que Deus assim para eles tem provido. Esperam que as falhas sejam supridas pela chuva serôdia. Quando a maior abundância da graça estiver para ser outorgada, esperam poder abrir o coração para recebê-la. Estão cometendo um erro terrível.

“O trabalho que Deus começou no coração humano mediante Sua luz e conhecimento, deve estar continuamente avançando. Cada indivíduo deve estar cômico de sua própria necessidade. Deve o coração ser esvaziado de toda a mancha, purificado para habitação do Espírito. Foi pela confissão e pelo abandono do pecado, por meio de fervorosa oração e da entrega pessoal a Deus, que os discípulos se prepararam para o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

“O mesmo trabalho, apenas em grau mais elevado, deve ser feito agora. Então o agente humano só teve de pedir a bênção e esperar que o Senhor aperfeiçoasse a obra a seu respeito. Foi Deus que começou a obra, e Ele terminará Sua obra, tornando o homem perfeito em Jesus Cristo. Mas não se deve negligenciar a graça representada pela chuva temporã. Só os que estiverem vivendo de acordo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz.

“A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia. Pode ser que ela esteja sendo derramada nos corações ao nosso redor, mas nós não a discerniremos nem a receberemos.

“Em nenhum ponto de nossa experiência podemos nós dispensar a assistência daquilo que nos habilita a fazer justamente o começo. As bênçãos recebidas sob a chuva temporã, são-nos necessárias até ao fim. No entanto só isso não nos basta. Embora acariciemos as bênçãos da primeira chuva, não devemos, do outro lado, perder de vista o fato de que sem a chuva serôdia, para encher a espiga e amadurecer o grão, a colheita não estará pronta para a ceifa, e o trabalho do semeador terá sido em vão.

“Necessita-se da graça divina no começo, da graça divina em cada passo de avanço; só a graça divina pode completar a obra. Não há lugar para nós descansarmos em descuidada atitude. Nunca devemos esquecer as advertências de Cristo: ‘Vigiai em oração.’ ‘Vigiai pois em todo o tempo, orando.’ A ligação a cada momento com o Agente divino é essencial ao nosso progresso. Podemos ter tido uma medida do Espírito de Deus, mas tanto pela oração como pela fé devemos buscar continuamente mais do Espírito. Nunca dá resultado cessarmos os nossos esforços.

“Se não progredirmos, se não nos colocarmos na atitude em que tanto possamos receber a chuva temporã como a serôdia, perderemos nossa alma e a responsabilidade jazerá à nossa porta. ‘Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia.’ Não fiqueis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. Pedi-a.

“O crescimento e a perfeição da semente não repousa sobre o lavrador. Só Deus pode amadurecer a colheita. Mas se exige a cooperação do homem. A obra de Deus por nós exige a ação de nossa mente, o exercício de nossa fé. Devemos buscar-Lhe os favores de todo o coração, se queremos alcançar os chuveiros da graça.

“Devemos aproveitar toda a oportunidade de nos colocarmos no conduto da bênção. Cristo disse: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles.’ As convocações da igreja, como nas reuniões campais, as assembléias da igreja local, e todas as ocasiões em que há trabalho pessoal em favor das almas, são oportunidades determinadas por Deus para dar tanto a chuva temporã como a serôdia.

“Mas ninguém pense que ao freqüentar essas reuniões, já fez o seu dever. A mera freqüência a todas as reuniões que se realizam não trará em si mesma uma bênção à alma. Não é lei imutável que todos os que assistam a reuniões gerais ou a reuniões locais recebam grandes recursos do Céu.

Podem as circunstâncias parecer favoráveis a um abundante derramamento dos chuueiros da graça. Mas Deus mesmo deve ordenar que caia a chuva. Não devemos portanto ser remissos nas súplicas. Não devemos confiar na operação comum da providência.

“Devemos orar para que Deus descerre a fonte da água da vida. E nós mesmos devemos receber água viva. Oremos, pois, com coração contrito e com maior fervor, para que agora, no tempo da chuva serôdia, os chuueiros da graça sejam derramados sobre nós” (WHITE, 2008c, p. 420-422).

14.16 E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada. E o Senhor Jesus fez exatamente assim, do jeito que Ele, enquanto Juiz no tribunal celestial, e Seus assessores angélicos e humanos, haviam decidido. E, graças a Deus, a grande colheita aconteceu! Mortos em Cristo ressuscitaram, e eles e os 144.000 vivos selados foram glorificados e arrebatados desse mundo de pecado.

“Esta é a ocasião em que o Juiz (S. João 5:22 e 23) executa o juízo. Primeiro Ele salva os que Lhe são fiéis e amam a verdade (II Tess. 2:10), e cujo amor os impeliu e habilitou a guardarem os Seus mandamentos (S. João 14:15). Foram tão transformados pela graça que são ‘semelhantes a Ele’ (I. S. João 3:2). O trecho que vem em seguida retrata o juízo de Cristo sobre os que recusaram demonstrar sua lealdade adorando só a Ele” (COFFMAN, 1989, p. 112).

“A profecia da ceifa terrestre se baseia no ano agrícola da Palestina, o qual, em termos gerais, tinha duas importantes temporadas de colheita: 1ª *A colheita dos cereais* (a começar com a cevada, em abril, e terminando com a safra do trigo, em junho/julho); 2ª *A colheita das frutas* (uvas e azeitonas, no fim do verão e começo do outono). Assim, a colheita dos cereais e a colheita das uvas não ocorriam ao mesmo tempo, mas com um intervalo de vários meses.

“Este pormenor não deve, porém, ser salientado em demasia. Certamente não significa que o tempo da graça terminará mais cedo para os justos (o trigo), do que para os ímpios (as uvas)! Na realidade, a ceifa significa o fim do tempo da graça para todos os seres humanos. O Espírito Santo tinha outras razões para representar os justos pelo trigo e os ímpios pelas uvas, segundo indica a profecia” (COFFMAN, 1989, p. 114).

Interessante, pois, após o fechamento da porta da graça ou conclusão do julgamento, os justos vivos não morrerão mais – os “144.000” ou “os restantes”. Os ímpios não terão mais chances de salvação, e até a sua destruição (volta de Jesus), passarão algumas semanas (meses?).

“Os anjos de Deus recolherão a todos os escolhidos ou fiéis. Os que morreram amparados pela graça de Deus, havendo aceitado a Jesus como Seu Salvador e Mediador, ressuscitarão (I Tessalonicenses 4:13-16), e formarão um mesmo grupo com os fiéis crentes em Jesus que estarão vivos. Todos ascenderão nas nuvens para estar para sempre com o Senhor (I Tessalonicenses 4:17). A ascensão será possível porque o Senhor transformará nosso corpo à semelhança do que Ele tinha ao ascender ao Céu (I Coríntios 15:51-54; Filipenses 3:20, 21)” (BELVEDERE, 1987, p. 41).

“As Escrituras falam de uma colheita de pessoas simbolizada pela ceifa dos cereais. Estude estas passagens, e note a linguagem figurada em cada uma delas: Jer. 8:19 e 10; Joel 3:12 e 13; S. João 4:28-30 e 35; S. Mat. 13:30 e 39. Estas e outras passagens apontam para a colheita final, com recompensa para os bons e punição para os maus. Apocalipse 19 focaliza o mesmo assunto” (COFFMAN, 1989, p. 114).

“Segundo o Apocalipse, capítulo quatorze e versículos quatorze a vinte, há no mundo duas culturas distintas: A seara do Senhor e a vinha de Satanás. Ao ter cada súdito desta terra decidido seu destino ao lado do Evangelho de Cristo ou contra êle — chegará o fim; a seara do Senhor e a vinha de Satanás estarão simultâneamente maduras. Como o trigo da seara divina será segado, a vindima das uvas da vinha satânica também tomará lugar” (MELLO, 1959, p. 450).

“Na parábola ‘a boa semente são os filhos do reino’ (S. Mat. 13:38). Eles representam, portanto, a Igreja de Deus na Terra. O joio é semeado entre a boa semente (verso 25) e cresce no meio do trigo. Assim Cristo indicou figuradamente que a igreja se compõe de crentes genuínos e de falsos crentes [igreja no sentido templo, correto? Se não, além de haver uma contradição no que o autor disse sobre a ‘boa semente’, também teremos um problema com Apocalipse 12 – a mulher vestida de branco! Como ela representa trigo e joio/uvras, e ela é a própria noiva de Jesus?]. Essa condição continuará até que a colheita final os separe.

“A profecia do Apocalipse apresenta um quadro mais amplo. A ceifa do cereal simboliza todos os verdadeiros filhos de Deus (os mortos, bem como os vivos) que já viveram sobre a Terra. No simbolismo da colheita do Apocalipse, os que foram retratados como joio são considerados como fazendo parte da vindima dos perdidos, completamente separados do verdadeiro cereal, e identificados com os inimigos de Deus” (COFFMAN, 1989, p. 115).

14.17 Então, saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. Também eu vi sair do Santuário celestial outro assessor judicial, responsável pela execução da ordem do Juiz para destruir os pecadores que não quiseram a proposta divina, os padrões de existência legislados pelo Criador, e optaram por viver guiados pelo sistema de crenças falsas confeccionado pelo pai da mentira e seus fantoches.

“Vi então o terceiro anjo. Apocalipse 14:9-11. Disse meu anjo acompanhante: ‘Terrível é sua obra. Tremenda sua missão. Ele é o anjo que deve separar o trigo do joio, e selar, ou atar, o trigo para o celeiro celestial. Essas coisas devem absorver toda a mente, a atenção toda’” (WHITE, 2007e, p. 118).

“Não é o Salvador que vai vindimar a vinha de Satanás. A profecia refere que um anjo metará a sua foice na vinha satânica para vindimá-la. Aos anjos está entregue a execução dos juízos de Deus sobre a vinha do inimigo do bem” (MELLO, 1959, p. 450).

“Parece haver acentuada distinção entre a representação da ceifa dos justos e a da ceifa dos ímpios. Jesus mesmo faz a colheita dos remidos (I Tess. 4:16), ao passo que um anjo é encarregado de fazer a colheita dos perdidos. É como se o Céu estivesse dizendo para eles: ‘Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade.’ S. Mat. 7:23” (COFFMAN, 1989, p. 117).

“Essa ‘foice’, em contraste àquela do v. 14, se refere à faca menor, com a qual o agricultor cortava da videira os cachos de uvas” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

14.18 Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas! O arcanjo Miguel, ainda em Sua função de liderar os anjos de Deus contra as forças de oposição a Ele, antes de assumir Sua outra função de Resgata-dor do Remanescente, Ele, que tem autoridade sobre o fogo e que em Ap 8.5, em Sua outra função de Sumo Sacerdote, mediou entre Deus e Seus filhos suplicantes, recebendo destes suas orações e levando-as ao Pai; Ele também atendeu essas súplicas lançando fogo à Terra, simbolizando fazer justiça contra os que causavam as aflições dos filhos de Deus! Esse Anjo de Javé, havia dado a seguinte ordem ao assessor angelical responsável pela destruição dos humanos perseguidores e assassinos da Igreja de Deus: use sua autoridade e função para colher os falsos filhos de Deus, humanos ingratos e usados pelo pai da mentira; eles estão maduros para a destruição. O Senhor Espírito já não habita mais neles; eles não têm mais intercessor aqui no Tribunal, pois Seus nomes foram riscados do Livro da Vida!

“**Altar.** Pode ser o altar mencionado em Apocalipse 8:3, 5; 9:13. [...] Não se esclarece por que este anjo tem autoridade sobre o fogo. Talvez o fogo seja um símbolo de vingança (comparar com a expressão ‘anjo das águas’, em Ap 16:5)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 925).

“*anjo [...] fogo*. É provável que seja o anjo de 8:3-5” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“O anjo sai do templo, onde estão guardados os registros e onde está determinado o castigo. O outro anjo tem poder sobre o fogo. Isto pode ter alguma relação com o fato de que o fogo é o elemento pelo qual os ímpios serão destruídos por fim” (SMITH, 1949, p. 294).

“As uvas naturais eram levadas ao lagar imediatamente após o amadurecimento e logo eram espremidas e convertidas em vinho. O mesmo deve suceder com as uvas da vinha de Satanás. E que a maturação das uvas desta satânica vinha precederá imediatamente à segunda vinda de Cristo, é fora de toda a dúvida. Portanto, tudo indica que nesta ocasião é que serão espremidas no ‘lagar’” (MELLO, 1959, p. 451).

“Como os primeiros quatro anjos desta série representam um movimento da parte do povo de Deus, os últimos dois podem representar o mesmo, pois os santos hão de tomar alguma parte em distribuir e executar o castigo final dos ímpios (1 Cor. 6:2; Sal. 149:9)” (SMITH, 1949, p. 294).

O autor acima crê que, assim como as últimas três mensagens divinas à Terra serão dadas por pessoas, e não anjos literais, assim também a vindima de alguma forma poderá se cumprir por intermédio de mensageiros humanos. Mas, ele não explica seu ponto de vista mais do que isto.

“Outra colheita é posta em cena em Apoc. 14:18: a colheita das uvas maduras. Duas vinhas têm sido cultivadas na Terra, uma de origem celestial, e a outra da Terra, ou terrenal. Jesus disse: ‘Eu sou a videira verdadeira. e vós sois as varas.’ S. João 15:1, 5. As Escrituras falam do mal sendo destruído em suas ‘raízes’ e ‘ramos’. Mal. 4:1. O diabo e seus seguidores são representados por esta outra vinha. Quando afinal os anjos de Deus reunirem os cachos maduros das uvas da ira e lançarem-nos no lagar dos juízos de Deus, terrível sem dúvida será o produto. Ver: Sal. 7:8” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 182).

“A figura das duas colheitas vem do ano agrícola da antiga Palestina, que consistia de duas ceifas principais: a colheita dos grãos e a vindima [...] Neste caso, a vindima representa os ímpios reunidos para a destruição” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 925).

14.19 Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus. Então, atendendo a ordem do Juiz Jesus em Sua função de guerreiro Miguel, o assessor judicial reuniu sua equipe de anjos e matou todos os seres humanos vivos desde a primeira praga até a volta de Jesus. Alguns foram mortos durante as sete últimas pragas, enquanto outros morreram no instante do retorno do Senhor Jesus. Assim, foi feita a justiça parcial sobre os que perseguiram o Remanescente, os 144.000, os que permaneceram fiéis a Deus no fim do tempo do fim. Deus é justo!

“Na vinha natural, eram as uvas apanhadas e transportadas para fora dela, ao lagar onde eram amontoadas e exprimidas. Porém, nem todas as uvas da vinha eram levadas ao lagar. Boa porção ainda nela ficava que de qualquer modo era consumida. A figura tomada é indubitável, e os acontecimentos deverão cumpri-la com precisa exatidão. Parte dos ímpios, quais negras uvas, serão tomados para fora da vinha de Satanás, que é este mundo, e arremessados ao ‘lagar’ que é um lugar à parte embora ainda neste mundo, para serem destruídos. Outra parte dos ímpios, porém, ficará na vinha ou no mundo onde estão, para serem destruídos doutro modo” (MELLO, 1959, p. 451).

“*lagar*. Em geral, era escavado na rocha. Tratava-se de um cocho superior para pisar uvas com uma canaleta até um cocho inferior que coletava o suco. *Cólera de Deus*. Antecipa as sete pragas de 15:1 – 16:21” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“A imagem [do ‘lagar’] é apropriada no que se refere à cor da vinha, que lembra o sangue. A figura tem como pano de fundo Isaías 63:1 a 6 [...]. *Cólera de Deus*. Esta deve ser uma referência às sete últimas pragas (Ap 15:1)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 925).

“Outra evidência comprobatória de que a destruição das ímpias uvas no ‘grande lagar’ está ligada à segunda vinda de Cristo, a temos em duas outras profecias evidentes. A primeira, a de Isaías

as, onde reza enfaticamente que Cristo pisará sozinho o ‘lagar’, esmagando as uvas bravas e salpicando de sangue, com êsse ato, as Suas próprias vestiduras [Isaías 63.2-6].

“E a segunda, a do Apocalipse, que é o cumprimento da primeira, apresenta Cristo descendo à terra, em Sua segunda vinda, com uma veste salpicada de sangue, sendo dito que ‘Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso’ (Ap 19:15). Além de tudo e para maior confirmação do exposto, temos o fato de que a inspiração apresenta a sega do trigo e a vindima das uvas como acontecimentos simultâneos por ocasião da segunda vinda de Cristo ao mundo” (MELLO, 1959, p. 451).

O próximo autor concorda parcialmente com o autor acima. Já o terceiro autor, discorda. Ele coloca o cumprimento dessa profecia para depois do milênio.

“As uvas são lançadas ‘no grande lagar da cólera de Deus’ (Apoc. 14:19). Isto se refere à execução da sentença contra os impenitentes no fim da fase executiva do juízo final. [...] esse lagar da ira de Deus começa antes da Segunda Vinda, ao serem derramadas as sete últimas pragas” (COFFMAN, 1989, p. 117 e 118).

“Esta é a fase executiva do juízo. Assim como em Apocalipse 14:15, 16, no fim do juízo investigativo sai do santuário o anjo com a ordem de ceifar a messe (juntar os fiéis redimidos), nos versículos 17 a 20 sai do templo a ordem de completar a purificação pela erradicação do pecado (e dos pecadores rebeldes) para sempre. As uvas são lançadas no lagar da cólera de Deus, e o diabo, seus anjos e os seus adeptos são destruídos no lago de fogo, que é a segunda morte (Apocalipse 20:14). A promessa é que o mal não se levantará novamente (Naum 1:9; Apocalipse 21:1-6)” (BELVEDERE, 1987, p. 81).

“Alguns ficam perturbados com o pensamento de um Deus de ira e punição. Lembremo-nos, porém, do Dilúvio (Gen. 6:5-7 e 17), dos 185.000 assírios mortos por um anjo em uma só noite (II Reis 19:35), da história de Ananias e Safira por haverem mentido (Atos 5:1-11). E II Tessalonicenses 1:7-10 fala da punição dos ímpios em conexão com a colheita final da Terra. [...]

“Há fatores que conduzem à destruição pela qual Deus não é responsável: [...] Ele não causa arbitrariamente a perdição de quem quer que seja. Cada pessoa, usando seu livre-arbítrio, decide por si mesma se amará e servirá a Deus, ou se desobedecerá e se perderá eternamente. Sem dúvida, era isso que Ellen White queria dizer ao afirmar: ‘Deus não destrói a ninguém. Todo aquele que for destruído ter-se-á destruído a si mesmo.’ – Parábolas de Jesus, pág. 84.

“Deus não é responsável pelas conseqüências de um estilo de vida pecaminoso. Colhemos o que semeamos (Gál. 6:7). ‘O pecador mesmo acarreta sobre si a punição. Suas próprias ações dão princípio a uma cadeia de circunstâncias que trazem o resultado seguro.’ – Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 235.

“Deus não é responsável pela destruição causada por Satanás e seus seguidores. Quando as pessoas se afastam de Deus, Ele retira Sua proteção, e elas tornam-se vítimas daquilo que é praticado pelo diabo. O rei Saul é um exemplo deste fato.

“[...] Depois do fim do tempo da graça, o ‘estranho ato’ de Deus (Isa. 28:21) abrange a punição judicial de Satanás e dos ímpios. As sete últimas pragas ocorrerão por ação direta de Deus (nelas se consumirá a cólera de Deus. Apoc. 15:1; comparar com 16:5-7). A destruição dos ímpios que estiverem vivos por ocasião do Segundo Advento e a punição final de Satanás e de todos os seus seguidores, no fim do Milênio, também ocorrerão por ação direta da parte de Deus. Não devemos comparar Sua ira com a ira humana. A ira de Deus é Sua reação justa e santa contra o pecado” (COFFMAN, 1989, p. 116 e 117).

“O amor de Deus é santo. O amor divino e a justiça divina são dois lados da mesma moeda. Eles são atributos do mesmo Deus. A justiça requer adequada punição da transgressão, e não é inva-

lidade pela verdade de que o pecado destrói a si mesmo. Um homem ímpio pode morrer do uso de drogas, contrair uma doença fatal por não cuidar do corpo, ou ser morto num tiroteio com a polícia. E diremos que ele destruiu a si mesmo. Mesmo assim, terá de enfrentar o julgamento no tribunal do Deus-Criador. Terá de prestar contas (Rom. 14:10-12; Atos 24:25). E será punido de acordo com as suas ações, e destituído então do dom da vida (II Cor. 5:10; Rom. 2:6; 6:23). A execução dos ímpios será um ato do Deus criador. De modo algum se pode dizer que será simplesmente a retirada de Sua bênção e proteção. A fase executiva do juízo final abrangerá tanto os anjos caídos como os seres humanos impenitentes” (COFFMAN, 1989, p. 118 e 119).

“Mil e seiscentos estádios seriam equivalentes a cerca de 295 km [...]. Não parece haver uma explicação para este número específico (1.600). Jerônimo achava que podia ser uma alusão ao tamanho da Palestina. No entanto, a hipótese não passa de especulação e pouco acrescentaria ao entendimento da passagem. A ideia principal é que os inimigos da igreja de Deus serão, afinal, derrotados por completo. Logo, a igreja pode esperar com expectativa o livramento pleno de todos os seus inimigos e o alegre triunfo do reino de Deus” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 925).

14.20 E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios.

Ninguém que teve seu nome inscrito no Livro da Vida foi destruído, somente os que não morariam na Nova Jerusalém celestial. As cenas de violência, morte e sangue foram terríveis e, assim como por muitos séculos e alguns milênios, desde Abel, os verdadeiros filhos de Deus foram perseguidos e cruelmente assassinados pelos filhos da serpente, a justiça parcial de Deus, em Seu retorno ao planeta Terra, correspondeu a cada metro quadrado de injustiça cometida contra um filho Seu. Na sexta praga, o Armagedom é esse lugar geográfico determinado e evento cronológico profetizado, onde alguns ímpios – os que ousaram compor exércitos de perseguição contra Deus e Seus filhos legítimos, serão esmagados ou queimados e mortos pelo fogo sob cuja autoridade está o anjo do verso 18. Nenhum caso ficou sem receber a vingança justa do Criador, mas essa justiça ainda irá se completar após os mil anos, quando todos os falsos filhos de Deus e os que nunca quiseram ser Seus filhos forem reunidos no lago de fogo que se instalará fora da Nova Jerusalém, a qual terá descido do Céu. Naquele instante, a justiça divina vingará e cobrirá não apenas uma parte da Terra, e uma parte dos ímpios, mas todo território do planeta fora da cidade Santa descida do Céu, e todos os que não quiseram os padrões de Deus.

“No AT, pisar o lagar era figura comum da execução da ira divina (ver Is 63.3; Lm 1.15; J13.13)” (BÍBLIA, 2013, p. 2064).

“É provável que esta figura [‘fora da cidade’] seja extraída de profecias do AT que relatam a destruição dos inimigos de Deus fora de Jerusalém ([...] Jl 3:12, 13)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 925).

“O extermínio das nações gentílicas deve ser efetuado fora de Jerusalém (segundo Zc 14,2s.12s; Ez 38-39; cf. Lv 4,12+; Hb 13,11-12)” (BÍBLIA, 2002, p. 2157).

“A cidade é Jerusalém (ver Jl 3:12-17)” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“A alusão aqui é à destruição dos inimigos de Deus descrita pelos profetas do Antigo Testamento. Ela deveria ocorrer fora da cidade de Jerusalém. (Ver Joel 3:12 e 13)” (COFFMAN, 1989, p. 118).

“Aquele que pisa as uvas não é simbolizado em Apoc. 14:20. Mas Ele é mencionado em Apocalipse 19:11-16: Cristo, o Rei dos reis. ‘Pessoalmente pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso” (COFFMAN, 1989, p. 117).

“A enorme quantidade de ‘sangue’ que sai do lagar (Apoc. 14:20) acentua o deplorável fato de que ‘o número... [dos perdidos será] como a areia do mar’ (Apoc. 20:8). Todo esse quadro do

esmagamento das uvas é extraído de Isaías 63:1-4, onde o Messias é retratado como poderoso guerreiro – poderoso para salvar e poderoso para pisotear os Seus inimigos no lagar do juízo” (COFFMAN, 1989, p. 117).

Urias Smith (1949, p. 294) crê que o cumprimento desse verso se dará somente após os mil anos, e não no segundo advento: “Não estaria aqui representada a ruína final daquela classe no fim do milênio, fazendo, assim, a profecia uma disposição final tanto dos justos como dos ímpios, os justos revestidos de imortalidade e seguramente estabelecidos no reino, e os ímpios perecendo em volta da cidade, no tempo da sua descida à Terra?

“Difícilmente se poderá aplicar isto ao tempo do segundo advento, porque os acontecimentos aqui apresentados estão em ordem cronológica, e a destruição dos ímpios seria contemporânea da reunião dos justos. Além do mais, os ímpios vivos na época da vinda de Cristo bebem do ‘cálice’ da Sua ira. Mas esta passagem nos apresenta o momento em que perecem no lagar de Sua ira, que se diz ser pisado ‘fora da cidade’, o que corresponde completamente à descrição de Apocalipse 20:9, onde se apresenta mais naturalmente a sua destruição completa e final.

“Sabemos que os ímpios hão de desaparecer, tragados por fim numa chama de fogo devorador, que descera do Céu da parte de Deus, mas não sabemos que mortandade precedente deve ocorrer entre a hoste condenada. Não é improvável que esta linguagem se venha a cumprir literalmente” (SMITH, 1949, p. 294).

Observe como os autores seguintes divergem em relação à “cidade” mencionada neste versículo: a Nova Jerusalém ou Babilônia?

“Visto que são mencionadas só duas cidades no Apocalipse – A Grande Babilônia (Apoc. 16:19; 17:18) e a Nova Jerusalém (Apoc. 21:1) – o pisotear das uvas no lagar ‘fora da cidade’ (Apoc. 14:20) refere-se à destruição dos ímpios no fim do Milênio, fora da Cidade Santa (Apoc. 20:9 e 11-15). O esmagamento das uvas é uma metáfora que completa a figura da colheita. Descreve a mesma e triste realidade: a punição e destruição dos impenitentes” (COFFMAN, 1989, p. 117).

“[O Apocalipse] Convince-nos de que a destruição no ‘grande lagar’, trata de ímpios belicosos, em virtude da alusão feita ‘aos freios dos cavalos’ e com isso de cavaleiros montados. Se não se tratasse de guerreiros belicosos, a profecia excluiria completamente a referência ‘aos freios dos cavalos’, bem como à figura do ‘lagar’. Várias profecias das Sagradas Escrituras afirmam categoricamente que, ao aparecer Cristo segunda vez, o poder bélico das nações será alvo especial de Sua ira (Ap 11:18; 19:11-15). O que no mundo mais ofende a Deus e Lhe causa maior repulsa é exatamente o poder belicoso mundial. Indubitavelmente esta é a classe de uvas bravas da vinha de Satanás que será levada ao ‘lagar’ da grande destruição” (MELLO, 1959, p. 451 e 452).

“À cidade mencionada não pode ser a Nova Jerusalém cujo tamanho é de 12.000 estádios de perímetro e os efeitos da destruição, no ‘lagar’, atingirão 1.600 estádios apenas. A única relação que os ímpios terão com a Nova Jerusalém será no fim do milênio, aliás, mil anos depois da segunda vinda de Cristo, uma relação que será de cerco total da cidade (e não só por 1.600 estádios), estabelecido o qual eles perecerão em torno de toda ela (Ap 20:7-9).

“E, note-se bem, não serão eles vindimados da vinha de Satanás e arremessados como uvas bravas aos contornos da majestosa cidade, para serem ali aniquilados como se em seu redor deva estar o ‘grande lagar da ira de Deus’. Para ali, e somente no final do milênio, serão conduzidos sob a liderança de Satanás e com a intenção de guerra contra a santa cidade, e não como uvas vindimadas pelos anjos incumbidos da execução dos juízos divinos.

“Outro fato saliente que nos leva a crer que a profecia não aponta para a Nova Jerusalém e para o fim do milênio, é que ela alude a cavalos com freios, no lagar. Perguntamos: Haverá cavalos na terra no fim do milênio em posse dos ímpios? Continuarão os irracionais a se multiplicarem du-

rante o milênio sob as caóticas condições em que se tornará a terra ou ressurgirão eles com os ímpios findo o tempo milenar? A cada uma destas perguntas respondemos com um categórico ‘não’.

“A cidade, fora da qual estará o ‘lagar’ é a mesma mencionada no mesmo capítulo catorze do Apocalipse, versículo oito — que é Babilônia. Esta Babilônia da profecia do Apocalipse é uma cidade espiritual constituída pelo paganismo e pelo falso e duplo cristianismo. E o ‘lagar’ da profecia deverá estar fora dos territórios de Babilônia, isto é, dos povos e nações que a constituem. E, o único território fora das possessões de Babilônia que se conhece, é a Palestina, a terra que Deus dera a Seu povo, denominada ‘terra gloriosa’ pelas profecias e ‘Terra Santa’ pelos cristãos, e, portanto ‘fora de Babilônia’ (Dn 11:41). É, pois, na Palestina, que deverá estar o ‘lagar’ à espera das uvas bravas da vinha de Satã” (MELLO, 1959, p. 452).

Aí nasce uma dúvida: estaria o autor acima querendo dizer que: ou na segunda vinda de Jesus ou após o milênio, o esmagamento das uvas ou lagar – a destruição dos ímpios –, ocorrerá num espaço geográfico limitado e, portanto, determinado? Na segunda vinda do Senhor isso não será possível, pois os ímpios estarão espalhados e os anjos são quem irá colhê-los como uvas, ou separá-los do trigo como joio, antes de esmagá-los/destruí-los no primeiro lago de fogo temporário.

Após o milênio, me parece, isso poderá ser possível se, e somente se, a Nova Jerusalém pou-sar literalmente sobre o Monte das Oliveiras. Daí, fora dela e fora de Babilônia espiritual, os ímpios serão definitivamente destruídos no segundo lago de fogo temporário, na região da Palestina, nos arredores do Monte das Oliveiras. Mas, esse monte ainda estará de pé após as sete últimas pragas, em particular após a sétima praga, onde ocorrerá um terremoto talvez de alcance global?

“As ímpias uvas serão lançadas no ‘grande lagar da ira de Deus’. No Apocalipse, capítulo quinze, versículo um, a ‘ira de Deus’ é alusiva às sete pragas no final da história do mundo, exatamente na iminência da segunda vinda de Cristo (Ap 16:1-21). E o único ‘lagar da ira de Deus’ de que temos notícia nos anais das profecias ligadas às sete pragas e à segunda vinda de Cristo, em que exércitos a Êle serão arremessados para a destruição, é o lugar denominado de ‘Armagedon’, a grande e histórica planície da Palestina central, a setenta milhas de Jerusalém. Ali o poderio bélico-humano internacional será esmagado como uva brava da vinha satânica, cujo conflito constitui a sexta praga da ‘ira de Deus’” (MELLO, 1959, p. 453).

O autor se detalha e elucida a dúvida acima. Para ele, o Armagedom da 6ª praga de Ap 16 e a vindima dos ímpios, são duas versões distintas do mesmo evento: a destruição de exércitos guerreando contra Deus e os 144.000 ou o Remanescente vivo.

Mas, sendo assim, quais dos ímpios estarão vivos na volta do Senhor, para serem destruídos? O mesmo autor havia explicado no verso 19. Os ímpios que serão destruídos por ocasião da volta de Jesus não estavam fazendo parte dos exércitos de guerra. Para ele, o lagar é anterior à própria vinda de Cristo! Não se refere ao fim do milênio. E o fogo que estava sob a autoridade do anjo do verso 18 é explicado por essa destruição anterior ao retorno de Jesus: o Armagedom da 6ª praga seria o evento cronológico e lugar geográfico delimitado no qual aconteceria essa matança/vindima prévia dos ímpios!

O autor ainda enxerga um diálogo interessante entre profetas do AT e essa parte do Apocalipse de João.

“Antes de tudo urge dizer-se que não há nenhum antecedente profético na revelação de que um lagar comum tenha sido tomado como figura do mundo total. No atual estado de distribuição da humanidade no glôbo, é impossível que uma destruição geral repentina em todo êle, cause um imediato e abundante derramamento de sangue num espaço de 1.600 estádios, em algum território, como indicado nesta profecia do ‘lagar’. Isto, pois, exclui tôda a possibilidade de que o ‘lagar’ de nossa consideração seja a totalidade do mundo. Que o ‘lagar’ não é, em verdade, o mundo total,

vemos ainda no fato de que os ímpios aludidos serão nêle lançados para a destruição; pois, se a profecia aludisse ao mundo em geral, seria supérflua a sua categórica expressão: ‘E lançou-as no grande lagar da ira de Deus’. [...]

“Outra evidência temos igualmente nesta expressão profética: ‘E o lagar foi pisado fora da cidade’; que é mais um comprovante de que o ‘lagar’ desta profecia é um lugar à parte no glôbo. E, notemos outro fato ainda que fortalece o ponto de vista aqui defendido sobre o ‘lagar’. O anjo que ordena ao outro anjo que tinha a foice a vindimar as uvas, ‘tinha poder sôbre o fogo’. Por ocasião da segunda vinda de Cristo não haverá fogo sôbre o mundo em geral. Neste acontecimento os ímpios serão destruídos ‘pelo resplendor de Sua vinda’ (2ª Ts 2:8; Ap 6:16) e não por fogo total sôbre o mundo.

“E, no fim do milênio, o fogo que cairá sôbre o mundo, será sôbre o Diabo, seus anjos e todos os ímpios ressuscitados que estão em tôda a terra incluso os que cercarão a Nova Jerusalém. Nesta ocasião não é que serão vindimados para a destruição; pois durante os mil anos em que jazarão mortos, não estarão, é claro, em processo de maturação como uvas bravas para serem levados ao ‘grande lagar da ira de Deus’ (Ap 20:9 e 10). Além disso, a vindima das uvas trata de ímpios e não de Satanás e seus anjos incluídos, como no final do milênio” (MELLO, 1959, p. 453 e 454).

Há uma outra divergência entre os estudiosos: quanto à relevância e ao significado da medida de comprimento mencionada pelo profeta João.

“*mil e seiscentos estádios*. Cerca de 300 km. É o tamanho aproximado da Palestina, de norte a sul. O número é múltiplo de quatro, que representa eventos mundiais (Ap 7:1-3; 14:6)” (BÍBLIA, 2015, p. 1668).

“Eis novamente comprovado que o ‘lagar’ da profecia entrará em função imediatamente antes da segunda vinda de Cristo e só pode ser aplicado à reunião bélica da sexta praga no Armagedon. Os 1.600 estádios correspondem ao perímetro do ‘lagar’ ou aos seus contornos. É o mesmo caso da Nova Jerusalém de 12.000 estádios de perímetro (Ap 21:15 e 16). Um estádio, medida itinerária antiga, equivalia a 185 metros e 25 centímetros. Assim o perímetro do ‘grande lagar’ alcança cêrca de 300 quilômetros. E tal é, aproximadamente, a extensão perimétrica da grande planície do Armagedon, na Palestina central, que se estende desde o Mediterrâneo ao Jordão e separa as serras do Carmelo e de Samaria das de Galiléia. E’ uma planície triangular, estendendo-se do Monte Carmelo, no noroeste, ao Monte Tabor, no oriente, e ao Monte Gilboa ao sul. Tem saída tanto para o ocidente pelo Mediterrâneo como para o oriente por ambos os lados do Monte Tabor, bem como para o norte e sul.

“Nenhum outro campo de batalha no mundo foi tão embebido em sangue em tôda a história como a planície do Armagedon e em tão numerosas vêzes. E não é estranho que, na sexta praga, êste campo de batalha venha a ser novamente teatro de derramamento abundante de sangue e se torne o ‘grande lagar da ira de Deus’. Imaginemos uma área perimétrica de 300 quilômetros embebida em sangue, sangue que chegará, possivelmente nalguns lugares, ‘até aos freios, dos cavalos’.

“Um dos profetas diz: ‘Congregarei todas as nações, e as farei descer ao vale de Josafá; e ali com elas entrarei em juízo’. ‘Proclamai isto entre as nações, santificai uma guerra; suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra’. ‘Ajuntai-vos e vinde, todos os povos em redor, e congregai-vos (ó Senhor, faze descer ali os Teus fortes); movam-se as nações, e subam ao vale de Josafá; porque ali me assentarei, para julgar tôdas as nações em redor. Lançai a foice porque já está madura a seara; vinde, descei, porque o lagar está cheio, os vasos dos lagares transbordam; porquanto a sua malícia é grande. Multidões, multidões no vale da decisão! porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão’ (Jl 3:2, 9, 11-14).

“Evidentemente êstes textos são uma categórica afirmativa de que Deus irá congrega o po-

der bélico do mundo, na planície do Armagedon, para juízo. Tão vasto será o número dos ímpios guerreiros que para ali serão conduzidos para a grande matança, que a revelação fala de ‘multidões, multidões no vale da decisão’. E o vale de Josafá é simbólico do vale do Armagedon.

“Um outro profeta refere que Deus ajuntará o poderio bélico internacional para derramar sobre êle a Sua indignação e Sua ira (Sf 3:8).

“Todo o exposto harmoniza-se precisamente. A sexta praga fará a concentração de tropas bélicas no Armagedon e a vindima das uvas fará, igualmente, com que os ímpios beligerantes sejam jogados ao ‘grande lagar’. Os dois acontecimentos são um e o mesmo, apresentados diferentemente” (MELLO, 1959, p. 354 e 355).

“Uma metáfora [‘freios dos cavalos’] que expressa o grande e completo extermínio das hostes do mal. Uma imagem paralela é encontrada no livro apócrifo de 1 Enoque: ‘E naqueles dias, em um lugar, os pais, junto com seus filhos, serão feridos. E irmãos, uns com os outros, cairão mortos até fluírem torrentes com seu sangue. [...] E o cavalo andará com sangue de pecadores até o peitoral e o carro submergirá em sua altura’ (1 Enoque 100:1-3; R. H. Charles, *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, vol. 2, p. 271)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 925).

Referências:

ANDERSON, Roy A; TREZZA, Carlos A. **Revelações do apocalipse**. Tradução de Carlos A. Trezza. 1ª edição revisada. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

BATTISTONE, Joseph J. **Lições da Escola Sabatina**, 2º Trimestre de 1989, nº 374, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGSvt5h81TkGtG2mfcwW7wPZk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

BÍBLIA, Apocalipse. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, p. 2042-2076, 2013.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudos Andrews**. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição, revista e ampliada**. 8ª impressão. São Paulo: Paulus, 2002.

COFFMAN, Carl. **Triunfo no Presente e Glória no Futuro**. Lição da Escola Sabatina, 3º Trimestre de 1989, nº 375, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

ECUMÊNICA, BÍBLIA. Tradução. TEB. **São Paulo: Loyola**, 1994.

ESTUDOS BÍBLICOS. **Doutrinas Fundamentais das Escrituras Sagradas**. Casa Publicadora Brasileira, SP, 1984.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso**: Como entender os segredos do último livro da Bíblia. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

GANE, Roy. **Lição da Escola Sabatina**, 2º trimestre de 2004, Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, SP.

GULLEY, Norman R. Preparação para o Tempo do fim. **Lição da Escola Sabatina**. Tatuí: Casa Publicadora

Brasileira, n° 404, 3° trimestre, 1996. Adultos, Aluno.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELLMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

MOORE, Marvin. **Na Corte Celestial**: em defesa do juízo investigativo. Tradução: Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

NEUFELD, Don F.; DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Série Logos, v. 8. - 1. Ed. - Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

NICHOL, Francis D. DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Série Logos, v. 7. - 1. Ed. - Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Tár-sis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, n° 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

STEFANOVIC, Ranko; NASCIMENTO, Cecília Eller. **O Apocalipse de João**: desvendando o último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

THIELE, Edwin R.; BERG, Henrique. **Apocalipse – esboços de estudos**, 1960. Disponível em: <<http://www.iasdsapiranga.com.br/assets/esbo%C3%A7os-do-apocalipse.pdf>>. Acesso em: fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Conselhos Sobre Saúde**, 2007a. Disponível em: <<https://ellenwhiteaudio.org/audio/pt/ch/Conselhos%20sobre%20sa%C3%BAde.pdf>>. Acesso: jun. 2023.

_____. **Educação**, 2008a. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/audiobooks/Educacao/Educa%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o.pdf>>. Acesso: jul. 2020.

_____. **Evangelismo**, 2007b. Disponível em: <<https://ellenwhiteaudio.org/ebooks/pt/ellenwhite/Evangelismo.pdf>>. Acesso: abr. 2023.

_____. **História da Redenção**, 2008a. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Hist%C3%B3ria%20da%20Reden%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: abr. 2022.

_____. **Mensagens Escolhidas**, v. 2, 2008b. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Hist%C3%B3ria%20da%20Reden%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: abr. 2022.

_____. **Mensagens Escolhidas**, v. 3, 2007c. Disponível em: <<https://www.centrowhite.org.br/downloads/ebooks/>>. Acesso em: abr. 2022.

_____. **O Desejado de Todas as Nações**, 2007d. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Desejado%20de%20Todas%20as%20Na%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

_____. **O Grande Conflito**, 2013. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/O-Grande-Conflito.pdf>>. Acesso em: dez. 2023.

_____. **Parábolas de Jesus**, 1964. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Par%C3%A1bolas%20de%20Jesus.pdf>>. Acesso em: dez. 2020.

_____. **Patriarcas e Profetas**, 2007c. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Patriarcas%20e%20Profetas.pdf>>. Acesso em: dez. 2020.

_____. **Primeiros Escritos**, 2007e. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Primeiros%20Escritos.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

_____. **Testemunhos para a Igreja**, v. 1, 1999. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Testemunhos-para-a-Igreja-1.pdf>>. Acesso em: fev. 2023.

_____. **Testemunhos para a Igreja**, v. 5, 2004. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Testemunhos-para-a-Igreja-5.pdf>>. Acesso em: mar. 2023.

_____. **Testemunhos para a Igreja**, v. 6, 2004b. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Testemunhos-para-a-Igreja-6.pdf>>. Acesso em: mar. 2023.

_____. **Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos**, 2008c. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20Ministros%20e%20Obreiros%20Evang%C3%A9licos.pdf>>. Acesso em: mar. 2022.

_____. **Testemunhos Seletos**, v. 2, 2008d. Disponível em: <<https://www.centrowhite.org.br/downloads/audiobooks/testemunhos-seletos-2/>>. Acesso em: mar. 2023.

_____. **Testemunhos Seletos**, v. 3, 1949. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20Seletos%203.pdf>>. Acesso em: abr. 2022.

Apocalipse 15

Ap **Texto (ARA, 3ª ed)** **Leitura com a fundamentação das possibilidades que tentam alcançar a intenção do profeta João e a intenção do Revelador Jesus Cristo**

15.1 Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus.

Eu, João, assisti a novas cenas do filme profético: antes da colheita da videira da terra – os falsos filhos de Deus, humanos ingratos e usados pelo pai da mentira, os quais estão quase maduros para a destruição no lagar da cólera de Deus –, ela seria chacoalhada com força! Eu vi no telão do céu algo extraordinário: sete anjos literais com a função de chacoalhar a videira da terra por meio de pragas e destruições de todo tipo! E somente após o derramamento desses desastres sobre os falsos filhos de Deus, Ele sentirá que a justiça terá sido feita completamente, e eles poderão ser destruídos e deixar de existir para sempre.

“**Outro.** Isto é, em relação ao sinal de Apocalipse 12:1” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 927).

“Em Apocalipse 11:18, são resumidos os eventos que ocorrerão na Terra pouco antes da batalha final do Armagedom são resumidos: ‘As nações se enfureceram.’ Essa situação na Terra coincide [com a previsão] que Jesus fez dos últimos dias (Lc 21:25), e é sucedida pela ira de Deus, que são Seus juízos na forma das sete últimas pragas sobre os impenitentes (Ap 15:1). O capítulo 15 de Apocalipse começa com a imagem de sete anjos segurando sete taças cheias dessa ira divina. Mas antes de ocorrer o derramamento dessa ira, temos um vislumbre do povo de Deus no futuro (Ap 15:1-4). Os fiéis foram descritos como os vencedores ‘da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome’ (Ap 15:2), achando-se em pé em algo semelhante a um mar de vidro e cantando o Cântico de Moisés do Cordeiro – todas essas imagens nos fazem lembrar dos hebreus nas margens do Mar Vermelho, celebrando a vitória de Deus sobre os egípcios (Ex 15). Esses santos vencedores são os mesmos referidos como os 144 mil em Apocalipse 14:1 a 5. Tendo recusado a marca da besta, eles serão protegidos das sete últimas pragas. Em seguida, no segundo advento de Cristo, seus corpos mortais serão transformados e revestidos de imortalidade (1Co 15:51-54), e eles se juntarão aos santos ressuscitados quando Jesus vier em poder e glória (ITs 4:17)” (STEFANOVIC; MODZEIESKI, 2019, p. 82).

“Com as sete últimas pragas, começa a segunda parte do Apocalipse. A partir desse ponto, as profecias focalizam eventos que logo ocorrerão, no fim do tempo. [...] Uma decidida mudança de ênfase faz com que as cenas das trombetas e do grande conflito tratem mais profundamente dos eventos dos últimos dias do que o haviam feito as sete igrejas e os sete selos. [...] as pragas, a queda de Babilônia, o milênio e a Nova Jerusalém, focalizam exclusivamente eventos dos dias finais” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 438).

“Este capítulo introduz as sete últimas pragas, manifestação da não misturada ira do Céu, e a plenitude da sua medida, para a última geração dos ímpios. Nessa altura a obra da graça terminou para sempre” (SMITH, 1979, p. 295).

“Este capítulo encerra dois grandes fatos estreitamente ligados ao plano da salvação de Deus. O primeiro é uma introdução às sete pragas vindouras da ira de Deus, que assinalam o fim da graça divina. O segundo é uma grandiosa visão dos salvos vitoriosos, vistos num glorioso lugar denominado de ‘mar de vidro’. Embora tão pequenino seja este capítulo, adverte-nos solenemente quanto ao não distante derramamento dos juízos de Deus, para cujo tempo devemos nos precaver,

com a devida urgência. Do outro lado, anima-nos com a maravilhosa esperança da vitória triunfal, em Cristo, sobre os Seus e nossos inimigos perseguidores e opositores” (MELLO, 1959, p. 457).

“O capítulo 15 nos informa sobre a natureza geral das pragas, quem as derrama e de onde elas provêm. É dada a certeza de que nem todos sofrerão essas pragas. [...] Os acontecimentos de Apocalipse 15 e 16 ocorrerão pouco antes da ceifa [de Apoc. 14]. [...] Estes capítulos descrevem a tribulação que ocorrerá entre o fim do tempo da graça (Apoc. 22:11) e a segunda vinda de nosso Senhor. O ‘fim do tempo da graça’ será a ocasião em que Cristo deixará de interceder no santuário celestial. [...] Ao estudar [Apoc. 15 e 16] [...] note as alusões que são feitas ao cuidado de Deus pelos justos. O Senhor revelou não somente que Seu povo fiel será amparado no sentido físico e espiritual durante esse tempo muito difícil, mas também que suas aflições os ajudarão a eliminar todo apego às coisas terrenas” (COFFMAN, 1989, p.122 e 123).

“Um novo grupo de sete anjos surge ante seus olhos videntes. O primeiro grupo, o das sete trombetas, representa os vitoriosos guerreiros de Deus contra Seus inimigos desde Roma até ao fim. O segundo grupo, que é o que agora apreciamos, representa os mensageiros da ira de Deus sobre Seus inimigos vencidos” (MELLO, 1959, p. 457).

“São as últimas no que se refere ao tipo; não haverá mais pragas como estas, embora a destruição final de Satanás e dos pecadores ainda seja posterior (Ap 20:11-15)” (NICHOL; DORNELLES, 2014, p. 927).

“Juízos, punições e ‘pragas’ ocorreram antes na história da raça humana. Essas pragas serão as últimas; não haverá outras. Mas os perdidos de todas as épocas terão ainda de enfrentar a punição final no fim dos 1.000 anos de Apocalipse 20. As pragas terão efeitos de longo alcance. Cairão sobre os pecadores ao redor do mundo e terminarão na gloriosa vinda de Cristo, a qual será fogo consumidor para os ímpios. (Ver II Tess. 2:8; II S. Ped. 3:7, 10 e 12)” (COFFMAN, 1989, p.124).

“Esta expressão torna claro que já outras pragas foram no passado derramadas na terra. Evidentemente o antigo Egito recebeu o impacto direto de dez juízos especiais de Deus — dez tremendas pragas. De modo assombroso relata-nos o livro do Êxodo o décuplo cataclisma sobre os obstinados egípcios, especialmente Faraó e seus grandes (Êx 7 ao 12)” (MELLO, 1959, p. 457 e 458).

“Um Deus irado? Para entendermos essa questão, é necessário lembrarmos novamente o episódio das dez pragas que caíram sobre o Egito (Êxodo 7-12). O povo de Israel permaneceu longas décadas servindo como escravo nas mãos dos egípcios. Deus escolheu Moisés como libertador do Seu povo que, mediante apelos insistentes, tentou convencer a Faraó que deixasse o povo ir. Porém, o coração do líder egípcio apenas endurecia diante dos convincentes apelos de Moisés. As pragas vieram, então, como uma forma divina de subjugar e eliminar o opressor do povo de Deus, servindo ao mesmo tempo como agentes de libertação dos fiéis filhos de Deus.

“A ira de Deus não é como a ira humana, que muitas vezes é carregada de ódio, egoísmo e outros sentimentos pecaminosos. A ira de Deus é a Sua santa oposição ao mal. Ela revela quão tremendamente ofensivo é o pecado aos olhos de Deus (Isaías 59:2). E não duvide, ela é tão real quanto o Seu amor. Deus não tolerará para sempre o pecado e aqueles que persistem em permanecer em deliberada rebelião contra a soberania divina. Sua ira serve, portanto, como um instrumento de correção e extirpação do mal, ao mesmo tempo em que trabalha pelo livramento daqueles que obedecem à verdade” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 56).

“A ira de Deus é o amor de Deus transformado em indignação moral contra os que persistentemente calcam aos pés os princípios da ordem espiritual” (COFFMAN, 1989, p. 123).

“As pragas agem como o corante sobre a madeira. Quando o artesão aplica o corante, este realça os veios da madeira e salienta as qualidades naturais que não eram tão evidentes antes disso. [...] Sob as sete últimas pragas é claramente manifestado o caráter das pessoas dos dois lados. Os

rebeldes contra Deus ficam aferrados em sua rebelião, recusando arrepender-se, continuando a blasfemar, e ansiosos, se possível, de tirar a vida dos seguidores de Deus. O povo do Senhor permanece fiel em sua obediência, preferindo, se necessário, depor a vida a desonrar a Deus” (COFFMAN, 1989, p. 125).

“Consumar implica em terminar. Isto faz-nos crer que os juízos de Deus já desde algum tempo estão caindo na terra, vindo depois as sete pragas para completar a ira de Deus sobre um mundo endoidecido e perverso. Todas as calamidades geológicas, climatológicas e outras de caráter moral e físico por culpa do próprio homem, são agentes de Deus para açoitar o impenitente, desejando acordá-lo do letárgico sono de sua perversão dos mais altos valores morais e de ingratidão para com o céu. ‘As sete últimas pragas’ são a coroa dos juízos de Deus sobre um mundo que não desejou corresponder aos reclamos amoráveis do celeste e bondoso Pai. Seus juízos são, portanto, justos. A consumação da ira de Deus nas sete pragas não é uma revelação de ódio de Deus pelos impenitentes pecadores, mas sim a inolvidável manifestação da justiça de Deus sobre os desprezadores do imenso sacrifício da cruz para remi-los salvando-os para um reino de paz e amor” (MELLO, 1959, p. 458).

“A composição literária do Apocalipse mostra que as pragas ocorrerão após o último chamado ao arrependimento (a proclamação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12) e depois do selamento dos santos (Apocalipse 7:1-4). O povo de Deus do tempo do fim é chamado a separar-se de ‘Babilônia’ e unir-se a Cristo, ‘para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos’ (Apocalipse 18:4). Aqui temos um paralelo com o episódio das dez pragas que caíram sobre o Egito. Assim como o Israel da antiguidade foi protegido pelo ‘sinal’ do sangue nos umbrais das portas (Êxodo 12:13), o ‘Israel’ do tempo do fim será protegido por um selo especial de Deus, que os anjos colocarão na frente de cada um dos escolhidos (Apocalipse 7:3; 14:1)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 55).

“Apocalipse 15 e 16 elaboram a visão das duas colheitas de Apocalipse 14:14 a 20. Essa visão retrata os santos como o trigo a ser ajuntado no celeiro de Cristo (Ap 14:14-16; cf. Mt 13:30, 31) e os impenitentes como uvas pisadas no lagar de Sua ira (Ap 14:17-20)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 90).

“Os flagelos são especificados como os ‘últimos’ (Ap 15:1) porque aparecem depois das sete pragas das trombetas (Ap 8; 9; 11:15-19). As trombetas foram juízos preliminares, antecipando pragas mais severas, ainda por vir. Embora existam semelhanças de linguagem entre as pragas das trombetas e as últimas pragas, as duas séries não são idênticas. Em primeiro lugar, durante as trombetas, o evangelho está sendo pregado ao mundo inteiro (Ap 10:8, 11; 11-14), e o ministério mediador de Cristo está em andamento no Céu (Ap 8:3-5). Já as últimas pragas são derramadas após o término da pregação do evangelho e da intercessão no santuário celestial (Ap 14:6-13)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 90).

“Em terceiro lugar, as pragas das trombetas são restritas em alcance e efeito. Elas só afetam uma parte do reino de Satanás – a expressão ‘a terça parte’ é repetida constantemente no texto (Ap 8:7-12; 9:15, 18). Quanto às sete últimas pragas, porém, nenhuma restrição é feita. Fica claro que elas são mais abrangentes. Observe a declaração: ‘E morreu todo ser vivente que havia no mar’ (Ap 16:3). Por fim, as sete trombetas abrangem um longo período da história. desde o 1º século até a segunda vinda de Cristo. Períodos de tempo relativamente duradouros estão ligados a elas (Ap 9.5, 15; 11:2, 11), ao passo que nenhuma estrutura temporal profética é especificada para as sete últimas pragas. Elas afetam a humanidade no fim da história por um período relativamente curto antes da segunda vinda de Cristo e ocorrem dentro da estrutura temporal das sete trombetas” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 91).

Como veremos na fundamentação do verso 8, Anderson e Trezza (1988) afirmam que as sete últimas pragas cairão ao longo de 1 ano, enquanto os autores acima creem que não há uma definição com relação à duração desses desastres.

“As pragas têm natureza redentora. Assim como Deus enviou as pragas para o Egito a fim de livrar Seu povo e levá-lo à Terra Prometida (Ex 7-12), o Senhor derrama as sete últimas pragas para derrotar Seus inimigos e livrar Seu povo daqueles que desejam destruí-lo. Em segundo lugar, as últimas pragas são punitivas (Ap 15:1; 16:2). Em Apocalipse 6:9 a 11, os santos martirizados são retratados clamando a Deus por vindicação. O clamor deles representa todo o povo do Senhor que sofre ao longo da história. Com o derramamento das sete últimas pragas, suas preces finalmente são atendidas, e o povo de Deus é vindicado.

“Terceiro, as sete últimas pragas têm a intenção de fazer a humanidade rebelde reconhecer as consequências de suas escolhas e ações. Em Apocalipse 13, os habitantes do mundo escolhem seguir Babilônia. À medida que Deus retira Sua proteção do planeta, as sete últimas pragas são derramadas sobre a Terra, provocando consequências devastadoras. As pessoas são forçadas então a refletir nas consequências de suas escolhas. No entanto, a resistência contínua ao chamado misericordioso de Deus faz com que elas se tornem impenitentes.

“Assim como as pragas do Egito, as sete últimas pragas têm a intenção de revelar a dureza do coração daqueles que rejeitaram o evangelho (cf. Ex 7:1-5). Por mais severas que sejam as últimas pragas, elas não levam as pessoas a se arrepender. Da mesma forma que cada uma das pragas egípcias somente aumentou a dureza do coração de faraó e de seus oficiais, cada praga que recair sobre os adoradores da trindade satânica endurecerá o coração deles, levando-os a nutrir um ódio ainda maior de Deus e de Seu povo (Ap 16:9-11)” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 91 e 92).

“Uma questão importante e difícil a respeito da natureza das pragas é se elas são literais ou simbólicas. Com frequência, a linguagem do Apocalipse é simbólica. Isso parece óbvio ao interpretar os selos e as trombetas, mas a situação se mostra diferente com as sete últimas pragas. O fato de que as cinco primeiras pragas causam dor física e sofrimento intensos, levando as pessoas a maldizer a Deus, mostra que elas são literais (Ap 15:8-11) [sic, o correto é Ap 16]. Isso é afirmado em Apocalipse 7:16. Esse verso declara que os 144 mil não terão mais fome nem sede e que o sol escaldante não os assolará mais. Tudo isso parece se referir a provações literais. No entanto, a sexta praga, que conduz à batalha do Armagedom, contém linguagem simbólica e espiritual. E a praga final, que fala da queda da Babilônia do tempo do fim, parece misturar significado literal e simbólico” (STEFANOVIC; NASCIMENTO, 2018, p. 92).

15.2 Vi como que um mar de vidro, Tribunal do Céu, no pátio, local onde, no Santuário terrestre, ficava a pia mesclado de fogo, com água. Lá no Céu, esse lugar eu já o comparei em Ap 4.6 a um mar de cristal; e a glória de Deus refletia nele e o efeito visual era parecido com o fogo! Aqueles filhos estavam diante de Deus por terem vencido a instituição político-religiosa-ocultista representada pelo papado; por também terem vencido o falso profeta da serpente – a igreja evangélica norte-americana; por também terem vencido o número 666, o qual representa a sobreposição da vontade do ser humano criado por Deus no 6º dia da primeira semana, através da supremacia da trindade satânica (cristianismo romanizado, falso protestantismo e espiritualismo) contra o Criador trino que legislou o 7º dia daquela semana como sábado de descanso e memorial de Sua Criação. Por essa vitória conquistada pelo sangue do Cordeiro e pelo testemunho que deram diante de tantas provações, estavam com as harpas dos 144.000 (Ap 14.2) dadas a eles diante do próprio trono de Deus, o qual se

encontra no Seu Tribunal/Santuário;

“Os v. 2 a 4 são parentéticos” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 927).

“Então, levantando os olhos das cenas terrestres para outras cenas mais maravilhosas, seus pensamentos tornam mais glorioso o ‘mar de vidro misturado com fogo’, onde estão os redimidos agora vitoriosos. E o profeta ouve os sons de cânticos de vitória. Finalmente os santos estão no lar! Insignificantes, sem dúvida, são as provas em comparação com esta cena de esplendor!” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 182).

“O mar de vidro é comparado ‘ao cristal’ (Ap 4:6). Aqui ele tem um tom de fogo, sem dúvida, por refletir a glória de Deus” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 927).

“A visão de Apocalipse 15:2-4 não foi dada para demonstrar que os salvos estarão no Céu durante o derramamento das pragas na Terra. Justos vivos, na Terra, quando Jesus vier em glória ‘são esses os que vêm da grande tribulação’ (Apoc. 7:14). A visão de Apocalipse 15:2-4 descreve as pessoas sobre as quais as pragas não cairão, pois enquanto estiveram na Terra obtiveram a vitória sobre a besta, a sua imagem e sua marca (verso 2). Esses vitoriosos são apresentados em brilhante contraste com os ímpios, que irão sofrer as pragas” (GULLEY, 1996, p. 11).

“O versículo seis do capítulo quatro diz que o mar de vidro está diante do trono de Deus e que é semelhante ao cristal. Ainda nos diz que continha uma mistura de fogo ou que refletia a glória emanante do trono de Deus. Isto dá-nos uma idéia da maravilha deste lugar diante do trono de Deus. Realmente não há pena humana capaz de descrever o lugar em linguagem da terra e ainda com as poucas informações da revelação. João mesmo também não achou palavras precisas para descrevê-lo em sua grandiosa maravilha. Só ali estando poder-se-á ter uma visão exata do que seja um mar de cristal misturado com fogo, criado por Deus e refletindo Sua glória” (MELLO, 1959, p. 458).

“Assim como se de repente o Sol brilhante atravessasse a nuvem da meia-noite, é apresentada uma cena, ou dada uma promessa aos humildes seguidores do Cordeiro, em toda a hora de tentação, para assegurar-lhes o amor e cuidado de Deus tanto como a certeza da sua recompensa final. O profeta de outrora, Isaías, escreveu: ‘Dizei aos justos que bem lhes irá; ai do ímpio! mal lhe irá.’ (Isa. 3:10, 11)” (SMITH, 1979, p. 296).

“É desnecessário descrever aqui a besta, sua imagem, seu sinal e o número de seu nome, tudo já descrito no capítulo treze. No mar de vidro, porém, estarão aqueles que sairão vitoriosos destes poderes em conflito que ainda está no futuro, quando o sinal da bêtea fôr imposto sob as mais graves ameaças e a imagem da bêtea fôr já uma realidade (Ap 13.14-16). Comparando as primeiras partes dos capítulos sete e quatorze, concluímos que os que estarão no mar de vidro serão os 144.000; pois na verdade eles são os santos que terão de enfrentar a ira da bêtea e de sua imagem, no derradeiro fim, por recusarem o sinal da bêtea e preferirem o sêlo do Deus vivo!” (MELLO, 1959, p. 459).

15.3 e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações!

e esses vencedores louvavam a Deus com suas harpas, cantando um hino de libertação da opressão do falso cristianismo que enfrentaram lá na Terra, assim como o povo de Israel entoou o cântico de Moisés após a libertação do Egito. É o “novo cântico” que eu, João, já tinha mencionado em Ap 14.3. Esse hino de louvor a Deus e a Jesus – o Cordeiro –, é de autoria tanto dos vencedores como de Jesus, pois foi por causa do Seu sangue que eles venceram a serpente e seu sistema político-religioso! Eu ouvi um trecho da música, e ela dizia assim: “Grande e admirável é o Teu plano da redenção, Senhor Deus, e o derramamento dos desastres sobre os perseguidores cruéis, ingratos, teimosos, mentirosos, que o Senhor fez para nos livrar, salientam como o Criador é Todo-poderoso! Em tudo isso, o Senhor foi justo cirurgicamente, e sempre usou os recursos da Verdade, sem qualquer omissão ou exagero, em Sua administração como Rei das nações do planeta Terra!

15.4 Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu

Quem não atenderá a primeira mensagem angélica de Ap 14.6 e 7? Os vencedores do cristianismo romanizado, do falso protestantismo e do espiritualismo pagão agiram sob o temor do Senhor e honraram Seu Nome sob terrível pressão, assim como Jesus! Foram distintos assim como Jesus é Distinto!

és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos. Por isso, todas as nações da Terra – mesmo aqueles que escolheram seguir a trindade de fantoches da serpente –, se colocarão diante de Deus e curvarão sua teimosia e ingratidão, reconhecendo que o justo derramamento dos desastres sobre eles foi resultado das escolhas deles; eles tiveram a oportunidade de escolher obedecer aos Mandamentos do Criador, mas preferiram adorar a criatura e sua marca dominical, em lugar do Criador e Seu santo sábado, e reconhecem tardiamente a justiça cirúrgica do Juiz sobre eles.

“**Justos [...] caminhos.** No fim, há o reconhecimento de que as ações de Deus estão em plena harmonia com sua lei e seu caráter. Esta é a grande lição do conflito cósmico” (BÍBLIA, 2015, p. 1669).

“Aqui a referência deve ser específica às ‘obras’ de Deus nos sete últimos flagelos. O ‘sinal’ em torno dos flagelos é chamado ‘grande e admirável’ (Ap 15:1)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 927).

“Que cântico será aquele quando forem reunidos os resgatados do Senhor diante das portas da santa cidade, as quais se abrem em suas dobradiças resplandecentes para que os povos que guardaram a Sua Palavra – os Seus mandamentos – entrem na cidade, e a coroa dos vencedores seja colocada na cabeça de cada um e, em suas mãos, uma harpa dourada! Todo o Céu se enche com preciosa música e com cânticos de louvor ao Cordeiro. Salvos, eternamente salvos, no reino da glória! Ter uma vida que se compara com a vida de Deus essa é a recompensa (ViC, 142)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 1098).

“Deus é justo e protegerá os que aceitarem o dom de Sua graça, oferecido com todo amor (Apocalipse 12:11). Os redimidos de Cristo que aceitaram o selo de Deus e recusaram a marca do anticristo não serão castigados com as sete últimas pragas (Salmo 12:7; Isaías 32:18, 19; Salmo 91: 10, 11, 15). Os salvos louvarão ao Senhor por Seu livramento (Apocalipse 15:3-6)” (BELVEDERE, 1987, p. 80).

“Que maravilhosos contrastes encontram-se neste livro! Escritos apocalípticos seguem este padrão. Cenas de glória e de vitória são postas em vivo contraste com as cenas de derrota e desolação. João captou os ecos desta poderosa antífona a elevar-se dos lábios daquele que, pela graça, derrotaram o poder do inimigo. Eles cantavam o cântico de Moisés e o do Cordeiro. É o cântico de Moisés, porque expressa o louvor daqueles que, como o antigo Israel no Mar Vermelho, foram miraculosamente libertos de iminente destruição. Mas é também o cântico do Cordeiro, porque fala da vitória do povo de Deus sobre a morte e a sepultura. Será um cântico da experiência, e somente os que passaram por ela estarão aptos a participar desse cântico de louvor. Os anjos não serão capazes de cantar aquele cântico, mas pobres pecadores perdidos, redimidos pela graça, contarão esta história em antífonas jamais ouvidas antes” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 182 e 183).

“**temerá [...] glorificará [...] adorarão [...] justiça.** Lembra as palavras-chave de 14:7. A última mensagem obtém uma resposta positiva de muitos” (BÍBLIA, 2015, p. 1669).

“Em pé no mar de vidro, os remidos entoarão o cântico do livramento da tirania de ‘Babilônia’. [...] [O cântico do Cordeiro] é o hino de louvor que os remidos cantam a Cristo pelo livramento do pecado efetuado por Ele. Eles exaltam tanto o Filho como o Pai” (COFFMAN, 1989, p. 125).

“Comparar com Jr 10:7. A mensagem do primeiro anjo é: ‘Teimei a Deus e dai-Lhe glória’ (Ap 14:7). Os santos deram ouvidos a esse apelo e, quando sua peregrinação termina, eles se unem nesta bela exaltação de louvor à glória de Deus. Os adoradores da besta tinha clamado: ‘Quem é semelhante à besta’ (Ap 13:4)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 927).

“Apenas Jeová lhes trouxera livramento, e para Ele volveram os corações com gratidão e fé. Sua emoção encontrou expressão em cânticos de louvor. O Espírito de Deus repousou sobre Moisés, que dirigiu o povo em uma antífona triunfante de ações de graças, a primeira e uma das mais sublimes que pelo homem são conhecidas. Semelhante à voz do grande abismo, surgiu das vastas hostes de Israel aquela sublime tributação de louvor. Deram-lhe início as mulheres de Israel, indo à frente Miriã, irmã de Moisés, ao saírem elas com tamboril e danças. Longe, por sobre o deserto e o mar, repercutia o festivo estribilho, e as montanhas ecoavam as palavras de seu louvor: ‘Cantai ao Senhor, porque sumamente Se exaltou’.

“Esse cântico e o grande livramento que ele comemora, produziram uma impressão que nunca se dissiparia da memória do povo hebreu. De século em século era repercutido pelos profetas e cantores de Israel, testificando que Jeová é a força e livramento daqueles que nEle confiam. Aquele cântico não pertence ao povo judeu unicamente. Ele aponta, no futuro, a destruição de todos os adversários da justiça, e a vitória final do Israel de Deus. O profeta de Patmos vê a multidão vestida de branco, dos que ‘saíram vitoriosos’, em pé sobre o ‘mar de vidro misturado com fogo’, tendo as ‘harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro’. Apocalipse 15:2, 3” (WHITE, 2007b, p. 247 e 248).

“As obras da criação são postas em evidência primária no glorioso cântico, o que testifica que os que o cantarão terão sido fiéis observadores do Sábado do sétimo dia, por onde Deus é reconhecido como Criador de tôdas as coisas do Seu universo. Numa reivindicação solene e jubilosa dos cantores dêste cântico, serão os caminhos de Deus declarados ‘justos e verdadeiros’, pelo que expressarão com isto ter valido a pena peregrinarem na terra pelos santos caminhos, pois reconhecerão que isto lhes valera o prêmio da eterna salvação de Deus” (MELLO, 1959, p. 459).

“**Os Teus atos de justiça.** Uma referência aos juízos de Deus contra a besta, sua imagem e seus adoradores” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 928).

“É um cântico de infinita grandeza. Quão amplo em seus termos! Quão sublime em seu tema! Evoca as obras de Deus, que são uma manifestação da Sua glória. Com visão imortal os santos poderão compreendê-las como o não podem fazê-lo em sua condição atual” (SMITH, 1979, p. 297).

“Há um dia que está justamente a irromper sobre nós, quando se verão os mistérios de Deus, e todos os Seus caminhos serão vindicados; quando a justiça, a misericórdia e o amor serão os atributos de Seu trono. Quando findar o conflito terreno, e os santos forem recolhidos para o lar, nosso primeiro tema será o cântico de Moisés, o servo de Deus.

“O segundo tema será o cântico do Cordeiro, o hino de graça e redenção. Esse hino será mais alto, mais elevado, e, em mais sublimes acentos, ecoando e reecoando pelas cortes celestes. Assim é entoado o cântico da providência de Deus, ligando as várias dispensações; pois tudo agora é visto sem véu entre o que é legal, o que é profético, e o evangelho. A história da igreja na Terra e a igreja remida no Céu, tudo se centraliza na cruz do Calvário. Eis o tema, eis o cântico — Cristo é tudo em todos — em antifonas de louvor a ressoarem através do Céu, entoadas por milhares e dezenas de milhares, e uma incontável multidão das hostes dos remidos. Todos se unem nesse cântico de Moisés e do Cordeiro. É novo cântico, pois nunca dantes fora cantado no Céu” (WHITE, 2008, p. 361 e 362).

“No dia do juízo final, toda alma perdida compreenderá a natureza de sua rejeição da verdade. A cruz será apresentada, e sua real significação será vista por todo espírito que foi cegado pela transgressão. Ante a visão do Calvário com sua misteriosa Vítima, achar-se-ão condenados os pecadores. Toda falsa desculpa será banida. A apostasia humana aparecerá em seu odioso caráter. Os homens verão o que foi sua escolha. Toda questão de verdade e de erro, na longa controvérsia, terá então sido esclarecida. No juízo do Universo, Deus ficará isento de culpa pela existência ou continuação do mal. Será demonstrado que os decretos divinos não são cúmplices do pecado. Não havia defeito no governo de Deus, nenhum motivo de desafeto. Quando os pensamentos de todos os corações forem revelados, tanto os leais como os rebeldes se unirão em declarar: ‘Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? [...] Porque os Teus juízos são manifestos’. Apocalipse 15:3, 4” (WHITE, 2007a, p. 36).

15.5 Depois destas Após essas cenas, o filme profético me mostrou o Tribunal, não apenas o coisas, olhei, e pátio dele, mas os lugares Santo e Santíssimo, abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho,

“Tal como ocorre em todas as quatro divisões da primeira parte do livro, a divisão das sete pragas também começa com uma cena introdutória, que apresenta o santuário” (MAXWELL;

GRELLMANN, 2004, p. 438).

“O versículo 5 mostra que estas pragas caem depois de terminado o ministério no santuário, porque o templo está aberto antes de serem derramadas” (SMITH, 1979, p. 295).

“[...] a cena introdutória do santuário difere marcadamente das anteriores, pelas seguintes razões: (1) Ela é a última a ser encontrada no livro; (2) nesta cena, o templo abre-se para permitir a saída dos anjos que derramarão as sete pragas, e então fecha-se novamente; (3) e a cena é acompanhada por uma visão dos remidos cantando sobre o mar de vidro” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 439).

“**Tabernáculo do Testemunho.** Ou, ‘tenda do testemunho’. Ao que tudo indica, este nome se aplica ao lugar santíssimo [...]. Também pode se referir a toda a estrutura do santuário (At 7:44 [...]). Aqui é provável que esteja em mente o segundo significado. O tabernáculo do deserto era um tipo do ‘verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem’ (Hb 8:2)” (NICHOL; DORNELLES, 2014, p. 928).

“**santuário [...] Testemunho.** Referência mista ao templo de Salomão (1Rs 6–8) e ao tabernáculo de Moisés (Êx 25–40). Testemunho faz alusão aos dez mandamentos entregues a Moisés e colocados no tabernáculo (Êx 31:18; 32:15)” (BÍBLIA, 2015, p. 1669).

15.6 e os sete anjos e vi os sete anjos literais incumbidos de derramar os sete desastres sobre os que tinham os terráqueos que escolheram obedecer a religião globalista e receber a marca sete flagelos saíram do santuário, dando a entender que, não apenas concordavam com a sentença do Juiz, vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos ao peito com cintas de ouro, como também vestiam Sua farda de participação voluntária e sistemática, indicando que, tanto a salvação dos vencedores como o castigo dos desobedientes, são partes necessárias da administração reta de Deus sobre o planeta.

“São dadas a sete anjos, que estão vestidos de linho puro e resplandecente, adequado símbolo da pureza, da retidão e justiça de Deus ao infligir estes juízos” (SMITH, 1979, p. 295 e 296).

“Estes anjos estarão ‘vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos ao peito com cintos de ouro’ (Apocalipse 15:6). Sua aparência é semelhante a de Jesus glorificado (Apocalipse 1:13). Esta ligação sugere que os anjos vêm com a autoridade de Cristo que os encomendou” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 55).

“**saíram do santuário.** As pragas são consequência da violação dos princípios que regem o universo. **linho puro e resplandecente.** Na maioria das situações, a violência é repugnante, mas, neste caso, é requerida pela justiça pura e imaculada” (BÍBLIA, 2015, p. 1669).

“Todo o procedimento de Deus para com todas as Suas criaturas ficará para sempre vindicado aos olhos dos remidos e à vista de todos os mundos” (SMITH, 1979, p. 297).

“Vestidos com vestes emblemáticas da pureza e da fé, estão preparados para cumprirem a terrível missão a eles confiada. Estes santos seres, que tantas vezes procuraram imperceptivelmente auxiliar os mortais na aquisição da gratuita salvação de Deus, são agora novamente enviados a eles, não mais para renovarem os apelos do céu, mas para sobre eles arrojarem aquilo que seus próprios atos, voluntariamente, demandaram” (MELLO, 1959, p. 460).

Será que são anjos da guarda? Ou anjos que estudaram por 10 000 anos (ou mais ou menos) para estarem prontos para o cumprimento perfeito desta obra?

“Esses seres celestiais ao executarem o mandado de Deus, não fazem perguntas, mas fazem o que lhes é ordenado. Jeová dos Exércitos, o Senhor Deus todo-poderoso, o Justo, o Verdadeiro, e o Santo, dá-lhes uma obra a fazer. Com indeclinável fidelidade saem eles revestidos de linho branco e puro, tendo o peito cingido com cintos de ouro. E uma vez cumprida a sua tarefa, ao ser derramada a última taça da ira de Deus, voltam eles e depositam as taças vazias aos pés do Senhor” (WHITE, 2008, p. 361).

15.7 Então, um dos quatro seres vivos deu aos sete anjos sete Então, uma das quatro criaturas que obtinham muita informação da onisciência do Juiz, e dos registros da tecnologia usada lá no Tribunal celestial, deu a cada um dos sete anjos literais a autorização para o derramamento dos sete últimos desastres sobre os falsos filhos de Deus, pois, assim, a jus-

taças de ouro, cheias da cólera de Deus, que vive pelos séculos dos séculos.

“**Taças.** Do gr. *phialai*, ‘tigelas’, como as que eram usadas para ferver líquidos, beber ou derramar libações. Na LXX, a palavra é usada para designar ‘bacia’ (Êx 27:3; Nm 7:13)” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 928).

“Eles recebem estas taças de um dos quatro seres viventes. Nos comentários sobre Apocalipse 4 já provamos que estes seres viventes são uma classe de assistentes de Cristo em Sua obra no santuário. É apropriado que sejam eles que entregam aos ministros da vingança as taças da ira para serem derramadas sobre os que desprezaram a misericórdia de Cristo, abusaram da Sua paciência, acumularam injúrias sobre o Seu nome e de novo O crucificaram na pessoa dos Seus discípulos” (SMITH, 1979, p. 296).

“De um dos quatro animais, recebem, em taças de fino ouro transbordantes, a ‘ira de Deus que vive para todo o sempre’, sem a mínima mescla de misericórdia de que era acompanhada em outros tempos. O impenitente pecador terá que sorver, até a última gota, a ira sem a suavizante esperança de clemência. Mas isto é o quinhão que ele mesmo escolheu. Ele receberá não o que Deus para ele escolheu, porque isto ele decididamente rejeitou, mas aquilo que foi a sua própria escolha em desafio ao amante Pai celeste” (MELLO, 1959, p. 460 e 461).

“À medida que avançamos nesses capítulos que descrevem os mais gloriosos e os mais desastrosos episódios na história do relacionamento do homem com Deus, a dupla cena preparatória estimula-nos com o regozijo daqueles que decidem ser leais a Deus e adverte-nos de que Deus, em Sua bondade, de forma alguma permitirá que os pecadores prossigam para sempre em seus caminhos” (MAXWELL; GRELLMANN, 2004, p. 439).

“Segundo alguns teólogos, parece plausível concluir que as pragas não serão universais, pois, se fosse assim, a Terra estaria praticamente destruída em poucos dias e a vida seria inviável, o que contraria o ensinamento bíblico de que muitos ímpios presenciarão a Volta de Jesus e receberão o juízo divino (Mateus 25:41; 2 Tessalonicenses 2:8). Porém, não cabe a nós ‘suavizar’ ou restringir aquilo que é definido nas Escrituras como ‘vinho da cólera de Deus, preparado sem mistura’. (Apocalipse 14:10; 15:7). A ira de Deus será derramada ‘sem medida’ sobre muitos e seus efeitos serão devastadores” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 56).

15.8 O santuário se encheu de fumaça procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos.

O Tribunal, em seguida, foi encerrado. Deus, o Pai, ficou lá dentro e o Juiz Jesus, em Suas funções de Sumo sacerdote, Mediador e Cordeiro/Salvador, concluiu todas essas atividades, pois Seu julgamento pré-advento chegou ao fim! Esse julgamento, cujo início se deu em 22/10/1844, analisou todos os seres humanos que professaram crer em Deus e obedecer-Lhe, confirmando ou refutando essa profissão. Os demais seres humanos, como Caim e o Faraó da época de Moisés, que declaravam sua incredulidade abertamente, serão julgados somente após o advento de Jesus à Terra como Rei dos reis para executar a sentença, separando trigo e uvas/joio, recolhendo o trigo – aqueles que no caráter e comportamento fizeram jus à existência ofertada pelo Criador à humanidade, e a graça de Seu perdão –, e pisando as uvas. Após o recolhimento dos resgatados até o Céu, do segundo advento de Jesus ao planeta, e o derramamento dos sete últimos desastres, o Tribunal voltará a funcionar e os filhos de Deus julgarão os falsos filhos Dele, confirmando a sentença automática já dada pelo Juiz ao não julgá-los anteriormente. As vítimas dos julgamentos injustos, julgarão com justiça os seus próprios juizes/algozes!

“Qual é o marco para o início das pragas? Apocalipse 15:8 nos informa que o Santuário Celestial ‘encheu-se de fumaça’, o que representa o término do tempo de graça para a humanidade, ou seja, Jesus completou a Sua obra de intercessão, no Santo dos Santos, em favor dos pecadores. Portanto, as pragas começam a cair quando terminam as chances de salvação e arrependimento para a

humanidade. (Apocalipse 22:11). O fim do tempo de graça, ou o ‘fechamento da porta da graça’ pode identificar-se com o tempo no qual ‘se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo’ (Daniel 12:1)” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, p. 55 e 56).

“Na dedicação do primeiro templo, o rei Salomão subiu numa pequena plataforma de bronze, ajoelhou-se, abriu os braços e fez uma grandiosa oração. Quando terminou, a glória do Senhor encheu o templo. ‘Os sacerdotes não podiam entrar na Casa do Senhor, porque a glória do Senhor tinha enchido a Casa do Senhor’ (II Crônicas 7:2). Aquela antiga manifestação de glória marcou o começo do ministério sacerdotal no templo de Salomão. A glória do tempo do fim, antevista em Apocalipse 15, logo marcará o término do ministério sacerdotal no santuário celestial” (FEYERABEND, 2005, p. 134 e 135).

“**Ninguém.** Sem dúvida, isto significa que o período de intercessão terminou. Ninguém pode entrar e ter acesso ao trono da misericórdia. O tempo do preparo acabou; é chegada a hora do derramamento da ira de Deus sem misericórdia” (NICHOL; DORNELES, 2014, p. 928).

“Um templo vazio indica o fim da intercessão celestial, sinalizando o encerramento do tempo da graça para seres humanos na Terra” (BÍBLIA, 2015, p. 1669).

Vazio de Intercessão, não de Pessoas. Deus continuará lá, pois a fumaça é efeito da presença da glória Dele! Até quando Deus o Pai continuará lá? Certamente, por breve momento, pois Ele e Jesus virão à Terra juntos, após o desfecho das 7 últimas pragas (cf. Ap 6.16 e 17; Mt 26.64).

“A Santa Bíblia diz que ‘aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo’ (Hebreus 9:27). Apocalipse 15:7, 8 diz que quando os sete anjos receberam às ‘sete taças de ouro, cheias da cólera de Deus’, o santuário onde Jesus intercede durante o juízo ‘se encheu de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos”, o que nos sugere que então haverá passado o tempo de graça e preparação; já não haverá acesso ao trono da graça” (BELVEDERE, 1987, p. 80).

“Enquanto os sete anjos estão cumprindo a sua terrível missão, o templo enche-se com a glória de Deus, e ninguém (*oudeis*, nenhum ser) pode ali entrar. Isto demonstra que terminou a obra da graça, pois não há ministério no santuário durante o derramamento das pragas. Por isso são manifestações da ira de Deus sem qualquer mistura de misericórdia” (SMITH, 1979, p. 296).

“Durante o tempo de provação a ira de Deus é sempre temperada, ou misturada, com misericórdia. Assim o profeta Habacuque ora: ‘Na ira lembra-Te da misericórdia.’ Hab. 8:2. A ira de Deus sem ser acompanhada de misericórdia só é derramada quando a misericórdia houver cumprido sua obra, e o mal atingido o limite, não havendo mais remédio. Ver Gên. 6:3; 15:16; 19:12 e 18; II Crôn. 36:16; S. Mat. 23:37 e 38; S. Luc. 19:42-44; II S. Ped. 2:60; S. Jud. 7” (ESTUDOS BÍBLICOS, 1984, p. 259).

“Alguns comentaristas procuram interpretar esta profecia das pragas como paralela com a dos selos e das trombetas, etc. Isto não pode ser, pois as pragas são derramadas sobre os que receberam o sinal da besta, e este sinal não terá sido recebido até pouco antes do aparecimento de Cristo em glória. Esses juízos cairão depois de haver Cristo terminado o Seu ministério em favor dos pecadores. E mais as Escrituras declaram que as pragas virão num dia, “a morte, o pranto, a fome’. Apoc. 18:8. Temos mencionado já que um dia em profecia equivale a um ano, e é evidente que aqui não se pode tratar de um dia literal de vinte e quatro horas, pois nenhuma fome poderia resultar em tão curto espaço de tempo, por piores que sejam as condições. Mais ainda, as Escrituras indicam que alguns desses mesmos homens que sofrem sob a primeira praga também sofrem sob as outras pragas. É, portanto, evidente que esses juízos caem sobre a mesma geração, e durarão um dia profético, ou ano literal” (ANDERSON; TREZZA, 1988, p. 183 e 184).

Referências:

ANDERSON, Roy A; TREZZA, Carlos A. **Revelações do apocalipse**. Tradução de Carlos A. Trezza. 1ª edição revisada. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário: As Revelações do Apocalipse**. Edição do Professor, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2ª ed., 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14s7DWbxGGSvt5h81TkGtG2mfcwW7wPZk/view>>. Acesso em: abr., 2020.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudos Andrews**. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2015.

COFFMAN, Carl. Triunfo no Presente e Glória no Futuro. Lição da Escola Sabatina, 3º Trimestre de 1989, nº 375, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP.

ESTUDOS BÍBLICOS. **Doutrinas Fundamentais das Escrituras Sagradas**. Casa Publicadora Brasileira, SP, 1984.

FEYERABEND, Henry. **Apocalipse, Verso por Verso: Como entender os segredos do último livro da Bíblia**. 1. ed. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

GULLEY, Norman R. Preparação para o Tempo do fim. **Lição da Escola Sabatina**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 404, 3º trimestre, 1996. Adultos, Aluno.

MAXWELL, C. Mervyn; GRELLMANN, Hélio Luiz. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

MELLO, Araceli S. **A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse**, 1959. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/264320586/Araceli-S-Mello-A-Verdade-Sobre-As-Profecias-Do-Apocalipse-pdf>>. Acesso em: abr. 2020.

NICHOL, Francis D.; DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Série Logos, v. 7. - 1. Ed. - Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

OLIVEIRA, Arilton; BRANCO, Frederico; SOUZA, Jairo; QUEIROZ, Manassés; ANDRADE, Milton; IRAÍDES, Tár-sis. **Apocalipse**. Escola Bíblica, Novo Tempo. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2015.

SMITH, Urias. As profecias de Daniel e Apocalipse, vol. 2. **O livro de Apocalipse**, 1979.

STEFANOVIC, Ranko; MODZEIESKI, Carla N. **O Livro do Apocalipse**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, nº 495, jan., fev., mar., 2019. Adultos, Aluno.

STEFANOVIC, Ranko; NASCIMENTO, Cecília Eller. **O Apocalipse de João: desvendando o último livro da Bíblia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

_____. **O Desejado de Todas as Nações**, 2007a. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/O-Desejado-de-Todas-as-Nacoes.pdf>>. Acesso em: jan. 2024.

_____. **Patriarcas e Profetas**, 2007b. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Patriarcas-e-Profetas.pdf>>. Acesso em: jan. 2024.

_____. **Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos**, 2008. Disponível em: <<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Testemunhos-para-Ministros-e-Obreiros-Evangelicos.pdf>>. Acesso em: jan. 2024.